VALERIO MASSIMO MANFREDI

ALÉXANDROS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Valerio Massimo Manfredi

ALEXANDRE



This book is a work of fiction. Names Characters, places and incidents are products of the author's imagination or are used fictitiously. Any resemblance to actual events or locales or persons, living or dead, is entirely coincidental.

A Washington Square Press Publication of POCKET BOOKS, a division of Simon & Schuster, Inc.
1230 Avenue of the Americas, New York, NY 100200

Copyright © 1998 by Arnoldo Mondadori Editore S.p.A.
Original Name: ALEXÁNDROS
Formatação ePUB copyright © 2013 - Contrera Brothers -

ISBN-13:978-0-7434-3436-2
ISBN-10: 0-7434-3436-6

Cover: C B

Front Cover Ilustration by CB

Font Format : Gradi LT Std -corpo 12 - Adobe Trajan Pro - Trade Gothic LT Std Cn



Sumário

Cover
Rosto
Copyright
Sumário

LIVRO 1 - O SONHO DE OLYMPIAS

Preâmbulo
Mapa 1
Mapa 2
Mapa 3
Mapa 4
Mapa 5
Mapa 6
Mapa 7
C A P Í T U L O 1
C A P Í T U L O 2
C A P Í T U L O 3
C A P Í T U L O 4
C A P Í T U L O 5
C A P Í T U L O 6
C A P Í T U L O 7
C A P Í T U L O 8
C A P Í T U L O 9
C A P Í T U L O 10
C A P Í T U L O 11
C A P Í T U L O 12
C A P Í T U L O 13
C A P Í T U L O 14
C A P Í T U L O 15
C A P Í T U L O 16
C A P Í T U L O 17
C A P Í T U L O 18
C A P Í T U L O 19
C A P Í T U L O 20
C A P Í T U L O 21
C A P Í T U L O 22
C A P Í T U L O 23

C A P Í T U L O 24
C A P Í T U L O 25
C A P Í T U L O 26
C A P Í T U L O 27
C A P Í T U L O 28
C A P Í T U L O 29
C A P Í T U L O 30
C A P Í T U L O 31
C A P Í T U L O 32
C A P Í T U L O 33
C A P Í T U L O 34
C A P Í T U L O 35
C A P Í T U L O 36
C A P Í T U L O 37
C A P Í T U L O 38
C A P Í T U L O 39
C A P Í T U L O 40
C A P Í T U L O 41
C A P Í T U L O 42
C A P Í T U L O 43
C A P Í T U L O 44
C A P Í T U L O 45
C A P Í T U L O 46
C A P Í T U L O 47
C A P Í T U L O 48
C A P Í T U L O 49
NOTA DO AUTOR

Sumário

Cover
Rosto
Copyright

LIVRO 2 - AS AREIAS DE AMON

C A P Í T U L O 1
C A P Í T U L O 2
C A P Í T U L O 3
C A P Í T U L O 4
C A P Í T U L O 5
C A P Í T U L O 6
C A P Í T U L O 7
C A P Í T U L O 8
C A P Í T U L O 9
C A P Í T U L O 10
C A P Í T U L O 11
C A P Í T U L O 12
C A P Í T U L O 13
C A P Í T U L O 14
C A P Í T U L O 15
C A P Í T U L O 16
C A P Í T U L O 17
C A P Í T U L O 18
C A P Í T U L O 19
C A P Í T U L O 20
C A P Í T U L O 21
C A P Í T U L O 22
C A P Í T U L O 23
C A P Í T U L O 24
C A P Í T U L O 25
C A P Í T U L O 26
C A P Í T U L O 27
C A P Í T U L O 28
C A P Í T U L O 29
C A P Í T U L O 30
C A P Í T U L O 31
C A P Í T U L O 32
C A P Í T U L O 33
C A P Í T U L O 34

C A P Í T U L O 35
C A P Í T U L O 36
C A P Í T U L O 37
C A P Í T U L O 38
C A P Í T U L O 39
C A P Í T U L O 40
C A P Í T U L O 41
C A P Í T U L O 42
C A P Í T U L O 43
C A P Í T U L O 44
C A P Í T U L O 45
C A P Í T U L O 46
C A P Í T U L O 47
C A P Í T U L O 48
C A P Í T U L O 49
C A P Í T U L O 50
C A P Í T U L O 51
C A P Í T U L O 52
C A P Í T U L O 53
C A P Í T U L O 54
C A P Í T U L O 55
C A P Í T U L O 56
C A P Í T U L O 57
C A P Í T U L O 58
C A P Í T U L O 59
NOTA DO AUTOR

Sumário

Cover
Rosto
Copyright

LIVRO 3 - CONFINS DO MUNDO

NOTA DO AUTOR
C A P Í T U L O 1
C A P Í T U L O 2
C A P Í T U L O 3
C A P Í T U L O 4
C A P Í T U L O 5
C A P Í T U L O 6
C A P Í T U L O 7
C A P Í T U L O 8
C A P Í T U L O 9
C A P Í T U L O 10
C A P Í T U L O 11
C A P Í T U L O 12
C A P Í T U L O 13
C A P Í T U L O 14
C A P Í T U L O 15
C A P Í T U L O 16
C A P Í T U L O 17
C A P Í T U L O 18
C A P Í T U L O 19
C A P Í T U L O 20
C A P Í T U L O 21
C A P Í T U L O 22
C A P Í T U L O 23
C A P Í T U L O 24
C A P Í T U L O 25
C A P Í T U L O 26
C A P Í T U L O 27
C A P Í T U L O 28
C A P Í T U L O 29
C A P Í T U L O 30
C A P Í T U L O 31
C A P Í T U L O 32
C A P Í T U L O 33

C A P Í T U L O 34
C A P Í T U L O 35
C A P Í T U L O 36
C A P Í T U L O 37
C A P Í T U L O 38
C A P Í T U L O 39
C A P Í T U L O 40
C A P Í T U L O 41
C A P Í T U L O 42
C A P Í T U L O 43
C A P Í T U L O 44
C A P Í T U L O 45
C A P Í T U L O 46
C A P Í T U L O 47
C A P Í T U L O 48
C A P Í T U L O 49
C A P Í T U L O 50
C A P Í T U L O 51
C A P Í T U L O 52
C A P Í T U L O 53
C A P Í T U L O 54
C A P Í T U L O 55
C A P Í T U L O 56
C A P Í T U L O 57
C A P Í T U L O 58
C A P Í T U L O 59
C A P Í T U L O 60
C A P Í T U L O 61
C A P Í T U L O 62
C A P Í T U L O 63
C A P Í T U L O 64

LIVRO 1

ALEXANDRE

O SONHO DE OLYMPIAS



Preâmbulo

Os quatro Magos subiam vagarosamente pelas sendas que levavam ao topo da Montanha da luz: vinham dos quatro pontos do horizonte, cada um levando seu alforje com as madeiras perfumadas necessárias ao ritual do fogo.

O Mago da aurora vestia uma capa de seda cor–de–rosa com matiz azulados e calçava sandálias de pele de veado. O Mago do pôr–do–sol usava um amplo manto carmesim com reflexos dourados, e levava no ombro uma longa estola de bisso bordada com as mesmas cores.

O Mago do meio–dia vestia uma túnica de púrpura enfeitada com espigas de ouro, e calçava pantufas de pele de cobra. O último ente eles, o Mago da noite, vestia panos negros de lã, tecidos com o velo de carneiros não nascidos, cravejados de estrelas de prata.

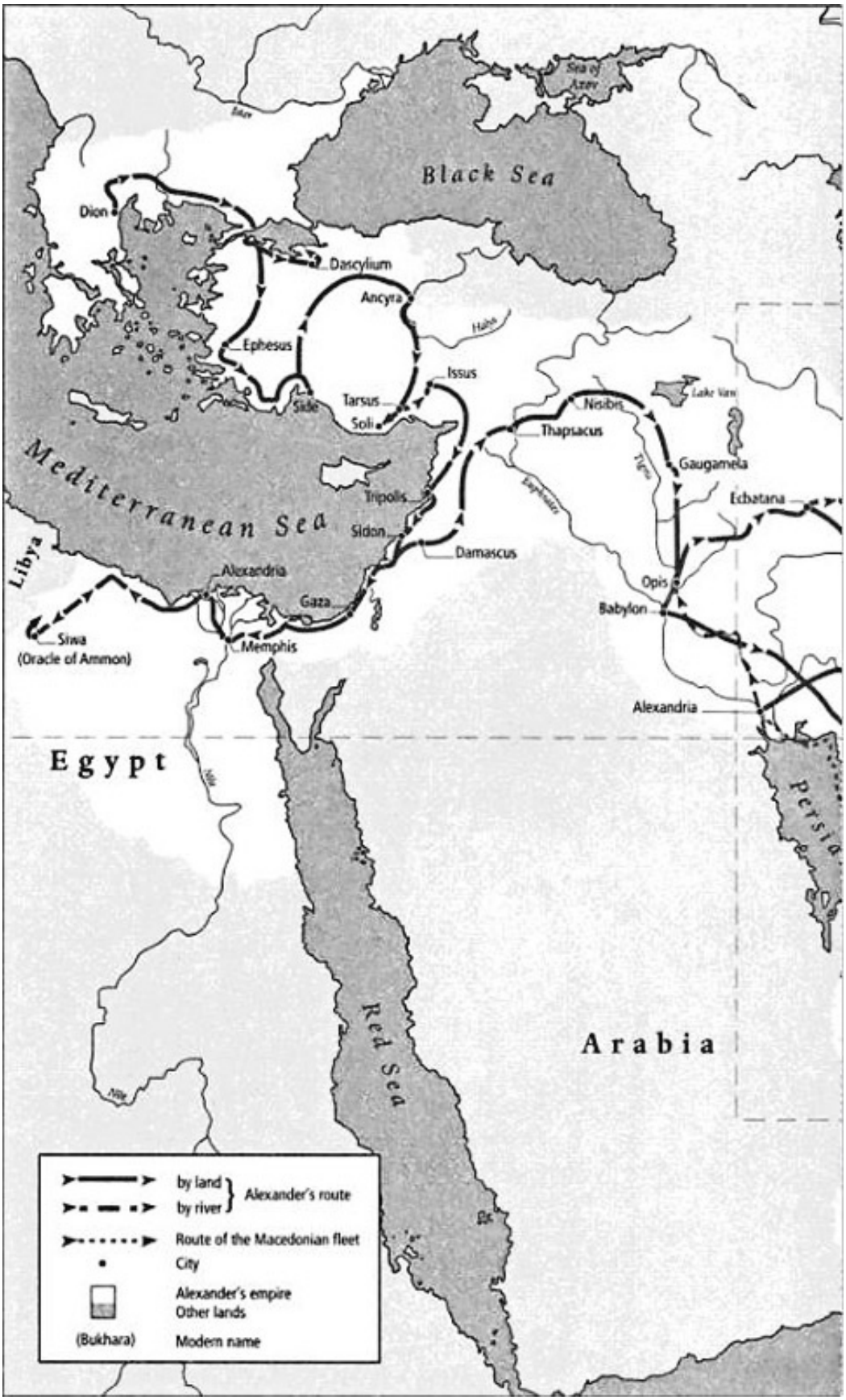
Avançavam como se o ritmo de suas passadas fosse marcado por uma música que só eles podiam ouvir e se aproximavam do templo com passos iguais, percorrendo a mesma distância, embora um subisse por uma ribanceira pedregosa, outro avançasse por um caminho plano e (outros dois trilhassem o leito arenoso de córregos secos).

Chegaram às quatro entradas da torre de pedra ao mesmo tempo, na hora em que o alvorecer tingia de luz perolada a imensa vastidão deserta do planalto.

Fizeram uma reverência olhando–se nos olhos através dos quatro arcos de acesso e aí se aproximaram do altar. Quem começou foi o Mago da aurora, que formou um quadrado com gravetos de sândalo; seguiu–se o Mago do meio–dia, que acrescentou obliquamente pequenos ramalhetes de acácia. O Mago do pôr– do–sol amontoou sobre essa base achas descascadas de cedro, cortadas na floresta do monte Líbano.

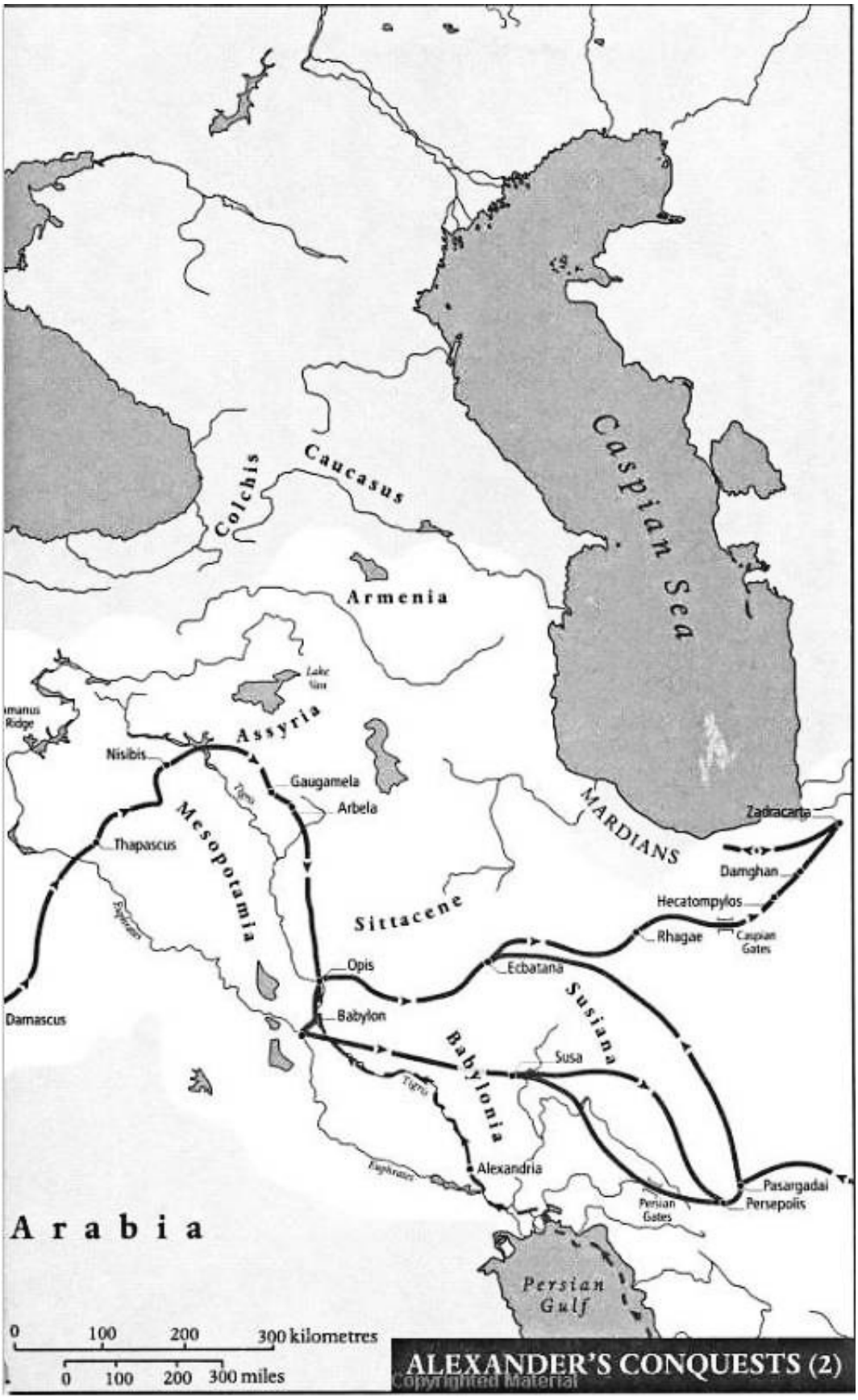
O último, o Mago da noite, colocou galhos limpos e sazonados de carvalho do Cáucaso, madeira calcinada pelo raio, ressecada pelo sol das alturas. Aí cada um deles tirou do alforje a própria pederneira sagrada e os quatros faiscaram ao mesmo tempo fagulhas azuladas na base da pequena pirâmide até que o fogo começou a arder, primeiro fraco e tímido, e depois cada vez mais seguro e vigoroso; as línguas alaranjadas

tomaram–se azuis e enfim quase brancas, parecidas com o Fogo do céu, com o celeste respiro de Ahura Mazda, deus da verdade e da glória, senhor do tempo e da vida.
Só a voz pura do fogo murmurava a sua arcana poesia no interior da grande torre de pedra enquanto nem se ouvia a respiração dos quatro homens imóveis bem no meio da sua imensa pátria.
Extasiados, fitavam a sagrada chama que tomava forma a partir da simples arquitetura dos galhos sabiamente dispostos sobre o altar de pedra, fixavam o olhar naquela luz puríssima, naquela maravilhosa dança de luz, oferecendo suas orações pelo povo e pelo rei. O Grande Rei, o Rei dos Reis que estava longe, sentado na reluzente sala do seu palácio, na imortal Persépolis, no meio de uma floresta de colunas purpurinas e douradas, sob o olhar vigilante de touros alados e leões rampantes.
Àquela hora matinal, naquele lugar mágico e solitário, o ar era completamente imóvel, como aliás, devia ser para que o Fogo azulado assumisse as formas e os movimentos da sua natureza divina que sempre o empurra para cima, rumo ao Empíreo, para juntá–lo à sua fonte original.
Mas de repente uma força poderosa soprou sobre as chamas e as apagou. Sob o olhar pasmo dos Magos, até mesmo os tições transformaram–se de chofre em negro carvão.
Não houve outro sinal, nem outro som, a não ser o estridor do falcão que se levantava no céu vazio, e tampouco houve palavras. Os quatro homens permaneceram atordoados em volta do altar, cientes de um triste presságio, derramando em silêncio suas lágrimas.
Naquele preciso momento, bem longe, em um remoto país do Ocidente, uma jovem se aproximava, trêmula, dos carvalhos de um antigo santuário a fim de pedir a bênção para o filho que pela primeira vez sentia mover–se em seu ventre. O nome da jovem era Olympias. O nome do menino foi revelado pelo próprio vento que soprava impetuoso entre os galhos milenares e agitava as folhas mortas aos pés dos gigantescos troncos. O nome era: ALEXANDRE


Black Sea
Sea of Azov
Dion
Dascylium
Ancyra
Ephesus
Issus
Side
Tarsus
Soli
Nisibis
Thapsacus
Lake Van
Gaugamela
Tripolis
Ecbatana
Mediterranean Sea
Sidon
Damascus
Libya
Alexandria
Opis
Gaza
Babylon
Siwa
(Oracle of Ammon)
Memphis
Alexandria
Egypt
Persia
Red Sea
Arabia
by land
by river
Alexander's route
Route of the Macedonian fleet
City
Alexander's empire
Other lands
(Bukhara)
Modern name

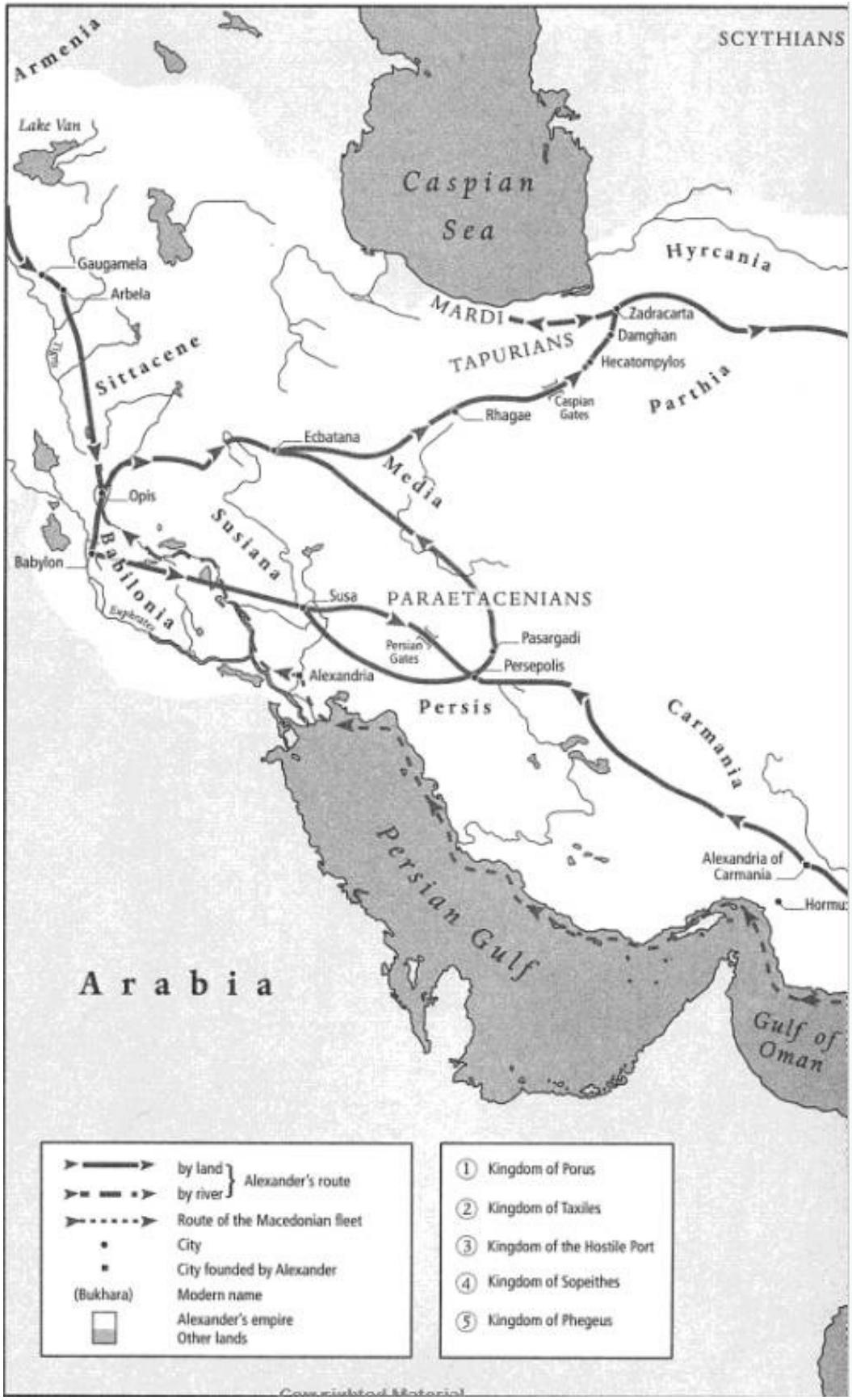


ALEXANDER'S CONQUESTS (1)



ALEXANDER'S CONQUESTS (2)

Copyrighted Material



Copyrighted Material



ALEXANDER'S CONQUESTS (3)


Illyria
Drilon
Dardania
Axius
Macedonia
Strymon
Thrace
Serres
Lychnidos
Lake Lychnitis
Lyncestis
Europos
Bottiae
Pella
Lake Prespa
Aegae
Mieza
Lake Berbeni
Gephyra
Mount Pangaeos
Amphipolis
Eordea
Epirus
Beroea
Thermai
Chalcidice
Mount Bermion
Methone
Mount Kalauros
Olynthus
Akte
Pieria
Halikmon
Chalcidice
Mount Athos
Dium
Sithonia
Kassandra
Elimea
Mount Olympus
VALE OF TEMPE
Buthrotum
Peneus
Atamania
Mount Ossa
Mount Imarus
Larissa
Corcyra
Amphilochia
Thessaly
Aetolia
Mount Pelion
Aegean Sea
Gulf of Arta
Mount


Leucas
Acarnania
Achelous
Thermopylae
Euboea
Amphissa
Opus
Phocis
Locris
Delphi
Chaeronea
Chalcis
Aeolid
Naupactus
Anticyra
Boeotia
Eretria
Cephallonia
Leuctra
Thebes
Tanagra
Patrai
Gulf of Corinth
Mount Cithearon
Mount Parnes
Attica
Elide
Achaea
Eleusis
Athens
Piraeus
Zacynthos
Olympia
Arcadia
Corinth
Phaleron
Epidaurus
Mycenae
Gulf of Aegina
Matinea
Argos
Argolis
Troezene
Peloponnese
Megalopolis
Halieis
Cyclades
Messenia
Parnon Mountains
Ionian Sea
Parnassus
Taygetus Mountains
Eurotas
Sparta
Messene
Theraphnae
Amyclae
Sphacteria
Laconia
Gythion
Oracle
Battle
0
50
100 kilometres
0
100
200 miles
ANCIENT GREECE

CAPÍTULO 1

Olympias decidira ir ao santuário de Dodona devido a uma estranha inspiração, a um estranho pressentimento que a visitara durante o sono, enquanto dormia ao lado do marido cheio de vinho e comida, ao lado de Filipe, rei dos macedônios.

Sonhara que uma serpente deslizava devagar pelo corredor para depois entrar silenciosamente no quarto de dormir. Ela a via, mas não podia se mexer, não podia gritar nem fugir. O grande réptil avança ondeando sobre o chão de pedra e suas escamas rebrilhavam em reflexos de bronze e cobre, sob os raios da lua que penetravam pela janela.

Por alguns momentos desejou que Filipe acordasse e a segurasse nos braços, que a apertasse contra o seu peito forte e musculoso, que afagasse com as suas grandes mãos de guerreiro, mas logo a seguir voltou a fixar aquele drakon, aquele animal assombroso que se movia como fantasma, como criatura mágica, daquelas que os deuses suscitam, a seu bel–prazer das entranhas da terra.

Agora, estranhamente, já não estava com medo, não sentia asco nem horror, aliás sentia–se cada vez mais atraída e quase fascinada por aqueles movimentos sinuosos, por aquela pujança elegante e silenciosa.

A serpente insinuou–se entre os cobertores, deslizou entre suas pernas e seus seios, e ela percebeu que a possuíra, leve e fria, sem machucá–la, sem violência.

Sonhou que o seu sêmen se misturara com aquele que o marido já havia empurrado dentro dela com a força de um touro, com o arrebatamento de um javali, antes de desmoronar vencido pelo sono e pelo vinho.

No dia seguinte o rei vestira a armadura, comera carne de porco do mato e queijo de ovelha em companhia dos seus generais e partira para a guerra. Uma guerra contra um povo mais bárbaro do que os seus macedônios: os tribalos que vestiam peles de urso, usavam chapéus de raposa e viviam às margens do Istros, o maior rio da Europa.

Dissera–lhe somente:

– Não se esqueça de fazer sacrifícios aos deuses durante todo o tempo em que estarei fora, e deixe crescer em si um filho homem, um herdeiro

que se pareça comigo.
Aí montara o seu cavalo baio e partira a galope com seus generais, fazendo ressoar o palácio no tropel dos corcéis, fazendo–o ecoar no estrondo das armas.
Depois da sua partida, Olympias tomou um banho quente e, enquanto as criadas massageavam–lhe as costas com esponjas embebidas em essências de rosa e jasmim, mandou chamar Artemísia, a sua ama de leite, uma mulher já não tão jovem, de boa família, com grandes tetas e quadris delgados, que ela trouxera do Epiro quando de lá viera para casar–se com Filipe.
Contou–lhe o sonho e perguntou:
– O que significa, minha boa Artemísia?
A ama–de–leite mandou–a sair da banheira quente e começou a enxugá–la com panos de linho egípcio.
– Minha cara menina, os sonhos sempre são mensagens dos deuses, mas são poucos os que sabem interpretá–los. Eu lhe aconselharia uma visita ao mais antigo dos nossos santuários para consultar o oráculo de Dodona, na nossa terra, o Epiro. Ali os sacerdotes cultivam há tempos imemoriais a arte de ler a voz do grande Zeus, o pai dos deuses e dos homens, que se manifesta quando o vento sopra entre os galhos dos carvalhos milenares do santuário, ou quando faz murmurar suas folhas na primavera ou no verão, ou as sacode em volta dos troncos, secas, no outono ou no inverno.
Assim sendo, alguns dias mais tarde Olympias empreendeu viagem para o santuário que se erguia num local de majestosa imponência, num vale verdejante aninhado entre matosas montanhas.
Contavam que aquele era um dos templos mais antigos do mundo: duas pombas haviam levantado vôo das mãos de Zeus logo após ter este conquistado o poder escorraçando do céu o pai Cronos. Uma fora pousar num carvalho de Dodona, a outra numa palmeira no oásis de Sivas, nas areias ardentes da Líbia. E a partir de então, nesses dois lugares, era possível ouvir a voz do pai dos deuses.
– Qual é o significado do sonho que tive? – perguntou Olympias aos sacerdotes do santuário.
Eles estavam sentados em círculo, sobre assentos de pedra, no meio de um gramado extremamente verde salpicado de margaridas e ranúnculos, e escutavam o vento que agitava as folhas dos carvalhos. Pareciam

alheios, distantes. Um deles finalmente falou:
– Significa que o filho que de você nascerá terá a estirpe de Zeus e é um homem mortal. Significa que no teu ventre o sangue de um deus mesclou–se ao sangue de um homem. O filho que darás à luz resplandecerá de uma energia maravilhosa mas assim como as chamas que ardem da luz mais intensa queimam paredes da lanterna e consomem mais depressa o óleo que as alimentam a sua alma poderá queimar o peito que a aninha.
– Lembra, rainha, a história de Aquiles, antepassado da tua gloriosa, família: foi–lhe concedido escolher entre uma vida breve, mas gloriosa uma longa, mas obscura. Escolheu a primeira: sacrificou a vida em troca de um momento de luz ofuscante.
– Trata–se de um destino já traçado? – indagou, trêmula, Olympia:
– É um destino possível – respondeu outro sacerdote. – Muitos são os caminhos que um homem pode percorrer, mas alguns homens nascem providos de uma força diferente, que vem dos deuses e a eles tende a voltar. Guarda este segredo dentro do teu coração até chegar a hora em que a natureza do teu filho se tornará plenamente manifesta. A partir daí, no entanto, prepara–te para enfrentar qualquer coisa, até a perda dele, pois, não importa o que faças, jamais poderás impedir que o se destino se cumpra, que a sua fama chegue até os confins do mundo.
Mal tinha ele acabado de falar, a brisa que soprava entre a ramagem dos carvalhos transformou–se quase de chofre num vento do sul firme quente: logo em seguida tornou–se tão forte que as copas das árvores se curvaram enquanto os sacerdotes eram forçados a cobrir as cabeças com seus mantos.
O vento trouxe consigo uma espessa névoa avermelhada que encobriu todo o vale; Olympias também se protegeu envolvendo o corpo e cabeça com a manta e ficou imóvel naquele turbilhão, como a estátua, uma divindade sem rosto.
O remoinho passou assim como aparecera e, quando a névoa se de fez, as estátuas, as estrelas e os altares que ornavam o lugar sagrado mostravam–se cobertos de uma leve camada de poeira vermelha.
O sacerdote que havia sido o último a falar tocou naquele pó com a ponta do dedo que em seguida encostou nos lábios.
– Esta poeira foi trazida pelo sopro do vento líbio, respiro de Zeus Amon que tem seu oráculo entre as palmeiras de Sivas. É um milagre

extraordinário, um sinal portentoso, pois os dois mais antigos oráculos do mundo, separados por enorme distância, fizeram com que a sua voz pudesse ser ouvida no mesmo instante. O teu filho ouviu chamados que vêm de longe, e talvez tenha entendido a mensagem. No futuro voltará a ouvi–los de novo no interior de um grande santuário cercado pela areia do deserto.

Após ouvir estas palavras a rainha voltou a Pela, a capital de ruas poeirentas no verão e lamacentas no inverno, esperando com temor e ansiedade o dia em que o filho iria nascer.

As contrações começaram numa noitinha de primavera, logo após o pôr–do– sol. As mulheres acenderam as luminárias e a ama–de–leite, Artemísia, mandou chamar a parteira e o médico Nicômaco, que já tinha tido aos seus cuidados o velho rei Amintas e tratara do nascimento de vários pimpolhos reais, tanto legítimos quanto bastardos.

Nicômaco estava de prontidão, sabendo que a hora chegara. Vestiu um avental, pediu que esquentassem a água e mandou trazer mais lamparinas para que não faltasse luz.

Deixou, entretanto que a parteira fosse a primeira a aproximar–se da rainha, pois uma mulher prefere o contato de outra mulher na hora de dar à luz um filho: só uma mulher pode saber da dor e da solidão com que se gera uma nova vida.

Naquela mesma hora o rei Filipe estava apertando o cerco contra a cidade de Potidéia e nada poderia convencê–lo a deixar a frente de combate. Foi um parto demorado e difícil porque Olympias tinha quadris estreitos e uma compleição delicada.

A velha ama enxugava–lhe o suor dizendo:

– Coragem, menina, empurra! A visão do teu filho vai compensar toda a dor que vais sentir neste momento.

Molhava–lhe os lábios com água de nascente, que as criadas trocavam continuamente na tigela de prata. Quando, porém, a dor aumentou até o ponto de ela quase perder os sentidos, Nicômaco interveio, guiou as mãos da parteira e mandou Artemísia apertar o ventre da rainha, pois esta já não tinha forças para empurrar e a criança sofria.

Apoiou o ouvido na virilha de Olympias e pôde perceber o batimento do pequeno coração que esmorecia.

– Empurra o mais forte que puderes – disse à velha ama. – O menino tem de nascer imediatamente.

Artemísia apoiou–se com todo o seu peso sobre a rainha que, com um grito mais alto, pariu.
Nicômaco atou o cordão umbilical com uma linha fina, aí o cortou com as tesouras de bronze e desinfetou o ferimento com vinho puro.
O menino começou a chorar e ele entregou–o às mulheres para que o lavassem e vestissem. A primeira a ver o seu rosto foi Artemísia, que ficou encantada.
– Não é uma maravilha? – perguntou enquanto o limpava esfregando gentilmente suas faces com um chumaço de algodão embebido em azeite.
A parteira lavou–lhe a cabeça e, ao enxugá–lo, não pôde conter um gesto de surpresa.
– Tem a cabeleira de um menino de seis meses, de reflexos dourados. Parece um pequeno Eros.
Enquanto isto, Artemísia o vestia com uma minúscula túnica de linho, pois Nicômaco não queria que as crianças fossem estreitamente enfaixadas como era costume na maioria das famílias.
– Qual é a cor dos seus olhos, na tua opinião? – perguntou à parteira.
A mulher aproximou uma lamparina e os olhos do menino faiscaram num reflexo iridescente.
– Sei lá, não dá para dizer. Ora parecem azuis, ora escuros, quase negros. Talvez seja devido à natureza tão diferente dos seus pais...
Enquanto isto Nicômaco cuidava da rainha, que, como acontece amiúde com as primíparas, estava sangrando. Receando que tal coisa viesse a ocorrer, mandara buscar uma boa quantidade de neve nas encostas do monte Vérmio.
Preparou umas compressas que dispôs sobre o ventre de Olympias.
Cansada e fatigada daquele jeito, a rainha estremeceu, mas o médico não se deixou amolecer e seguiu adiante com as compressas geladas até constatar que o sangramento tinha parado por completo.
Aí, enquanto tirava o avental e lavava as mãos, deixou–a aos cuidados das mulheres. Permitiu que trocassem os lençóis, que lhe limpassem o suor com esponjas macias embebidas em água de rosas, que a vestissem com uma leve e fresca camisola tirada do seu baú, e que lhe dessem de beber.
O próprio Nicômaco apresentou–lhe o bebê:
– Eis o filho de Filipe, minha rainha. Deste à luz um menino

maravilhoso. Finalmente saiu para o corredor onde um cavaleiro da guarda real esperava já pronto para viajar.
– Anda, corre sem demora para dizer ao rei que a criança nasceu. Um menino, um lindo varão são e forte.
O cavaleiro jogou o manto em cima dos ombros, prendeu o alforje a tiracolo e partiu sem demora. Antes que desaparecesse no fim do corredor, Nicômaco ainda gritou para ele:
– Diga–lhe que a rainha está passando bem.
O homem nem chegou a virar a cabeça e logo a seguir ouviu–se um relincho no pátio e aí o ressoar de um galope que se perdia entre as ruas da cidade adormecida.



CAPÍTULO 2

Artemísia segurou o menino e colocou–o na cama ao lado da rainha. Olympias levantou–se levemente sobre os cotovelos apoiando as costas nas almofadas e olhou para ele.

Era extremamente bonito. Tinha lábios carnudos e um rosto suave e rosado. Os cabelos, castanho claros, resplandeciam em reflexos dourados enquanto bem no meio da testa apresentavam o que as parteiras costumam chamar de "lambida do bezerro": um topete rebelde partido em dois.

Os olhos pareceram–lhe azuis, mas o esquerdo tinha no fundo espécie de sombra difusa que o tornava mais escuro com as mudanças de luz.

Olympias segurou–o, apertou–o contra o peito e começou a niná–lo até ele parar de chorar. Aí despiu o peito para amamentá–lo, Artemísia aproximou–se e disse:

– A ama–de–leite pode cuidar disto, menina. Não deixe perder o seu viço. Não vai demorar para o rei voltar desta guerra e você precisa estar mais bela e desejável do que nunca.

Esticou os braços para pegar o menino, mas a rainha não o entregou: segurou–o junto ao peito e alimentou–o com o seu leite até ele adormecer tranqüilo.

Enquanto isto, na escuridão, o mensageiro dava rédea larga ao cavalo para alcançar o rei o mais cedo possível. No meio da noite chegou ao rio Axios e incitou o corcel por cima da ponte de barcos que unia as duas margens. Trocou a montaria em Terma quando ainda estava escuro prosseguiu rumo ao interior da Calcidica.

A alvorada encontrou–o à beira do mar e o amplo golfo incendiou–se com o sol nascente como um grande espelho diante do fogo. Galgou as íngremes encostas do Calauro, numa paisagem cada vez mais áspera e dura, entre inóspitos despinhadeiros que às vezes precipitavam abruptamente para o mar cujos vagalhões, lá no fundo, pareciam ferver em sua furiosa espuma.

O rei estava cercando a antiga cidade de Potidéia, que havia quase meio século estava sob o controle dos atenienses, não porque quisesse

enfrentar Atenas, mas sim porque a considerava território macedônio e tencionava afirmar o seu domínio em toda a região que ia do golfo de Terma até o estreito do Bósforo. Naquela hora, fechado com seus guerreiros dentro de uma torre móvel de combate, armado, empoeirado, sujo de sangue e de suor, Filipe estava a ponto de lançar o seu ataque final.

– Homens – gritou –, se quiserem alguma coisa chegou a hora de demonstrá–lo! Doarei o mais formoso cavalo das minhas cocheiras ao primeiro que tiver a coragem de investir ao meu lado contra as muralhas inimigas, mas, por Zeus, se avistar um homem sequer entre vocês que se acovarde no momento decisivo, juro que o chicotearei até lhe tirar a pele das costas. E o farei pessoalmente. Estão me entendendo?

– Entendemos, ó rei!

– Adiante, então! – ordenou Filipe, e deu o sinal para que os maquinistas destravassem os guindastes. O pontão abateu–se sobre as muralhas já meio derrocadas e rachadas pelos golpes dos aríetes e o rei lançou–se ao ataque berrando e meneando grandes fendentes com sua espada, tão rápido que os outros mal conseguiam seguir suas pegadas. Os soldados, no entanto, sabiam multo bem que o rei sempre cumpria suas promessas, e investiram em massa, empurrando uns aos outros com os escudos, atropelando e derrubando dos passadiços os defensores já enfraquecidos pelas privações, pelas vigílias e pela desgastante exaustão após meses de contínuos embates.

O resto do exército irrompeu na esteira de Filipe e dos seus milicianos, travando uma luta feroz com os últimos defensores que barricavam as ruas e as entradas das próprias casas.

Ao entardecer, Potidéia, de joelhos, pedia trégua.

Já estava escuro quando o mensageiro chegou, depois de esgotar mais dois cavalos, e quando superou o topo das colinas que dominavam a cidade viu um bruxulear de fogueiras todo em volta das muralha pôde ouvir os soldados macedônios que festejavam ruidosamente.

Cutucou o corcel com os calcanhares e logo a seguir chegou ao acampamento. Pediu que o levassem à tenda do rei.

– Que quer? – perguntou o oficial de plantão, um sujeito do norte a julgar pelo sotaque. – O rei está ocupado. A cidade rendeu–se e os embaixadores estão agora negociando com ele.

– O príncipe nasceu – respondeu o mensageiro. O oficial estremeceu.

– Vem comigo.
O soberano, ainda usando a armadura de combate, estava sentado na tenda cercado por seus generais. Um pouco mais atrás via–se o seu lugar–tenente Antípatro. Mais que negociar, os representantes Potidéia, que formavam um círculo todo em volta, ouviam Filipe, que ditava as suas condições.
Ciente de que a sua intrusão não iria ser tolerada, e de que um eventual atraso em anunciar uma notícia tão importante o seria ainda menos, o oficial disse de um fôlego:
– Rei, uma notícia do palácio: o seu filho nasceu!
Pálidos e abatidos, os enviados de Potidéia entreolharam–se e afastaram–se para um canto levantando–se dos baixos escabelos nos quais os haviam mandado sentar. Antípatro ficou de pé, os braços cruzados no peito, como quem espera uma ordem ou uma palavra do soberano.
Filipe calou–se no meio da frase:
– A sua cidade deverá fornecer um... – e concluiu com voz totalmente diferente: – ... filho.
Os delegados, que não haviam entendido, entreolharam–se mais uma vez desconcertados, mas Filipe já havia derrubado o seu assento, afastado para o lado o oficial e agarrado o mensageiro pelos ombros.
As chamas das luminárias esculpiam–lhe o rosto com luzes e sombras cortantes inflamavam o seu olhar.
– Conta–me como é – ordenou com o mesmo tom com o qual mandava seus soldados morrerem pela grandeza da Macedônia.
O mensageiro sentiu–se terrivelmente incapaz de satisfazer tal pedido, dando–se conta de que o seu relatório só dispunha de quatro palavras. Pigarreou e anunciou com voz estentórea:
– Meu rei, a criança é homem, é linda, saudável e forte!
– Como sabe? Teve a oportunidade de vê–lo?
– Não me atreveria, meu senhor. Estava no corredor, conforme me haviam ordenado, provido de manto, alforje e armas, quando Nicômaco apareceu e disse... foram suas próprias palavras: "Rápido, vai procurar o rei sem demora e diga–lhe que seu filho nasceu. Diz que é homem, que é bonito, saudável e forte."
– Disse se ele se parece comigo? O homem hesitou, aí respondeu:
– Não disse, mas tenho certeza de que se parece contigo.
Filipe virou–se para Antípatro, que se aproximou para abraçá–lo, e então

o mensageiro lembrou ter ouvido mais algumas palavras enquanto se precipitava escada abaixo.
– O médico também disse... Filipe virou–se imediatamente.
– O quê?
– Que a rainha está passando bem – concluiu o mensageiro de um fôlego.
– Quando aconteceu?
– Na noite passada, logo após o pôr–do–sol. Saí correndo escada abaixo e botei o pé na estrada. Não parei, não comi, nada bebi a não ser a água do meu cantil sem nunca me deter a não ser para trocar de montaria... Não via a hora de dar–lhe esta notícia.
Filipe voltou para perto dele e deu–lhe uma palmada nas costas.
– Dai de comer e beber a este nosso amigo. O que ele bem quiser. E deixai– o dormir em uma boa cama, pois trouxe–me a mais auspiciosa das notícias.
Os embaixadores, por sua vez, também felicitaram o soberano e procuraram aproveitar o momento favorável para levar a cabo a negociação com alguma vantagem a mais, já que o humor de Filipe tinha melhorado bastante, mas o rei foi categórico:
– Agora não – e saiu acompanhado por seu ajudante–de–ordens.
Mandou chamar imediatamente os chefes de todas as unidades territoriais do seu exército, pediu vinho e quis que todos bebessem com ele. Aí ordenou:
– Mande os corneteiros tocarem a chamada geral. Quero ver o meu exército alinhado em perfeita formação, tanto a infantaria quanto a cavalaria. Quero que seja convocada uma assembléia.
O acampamento ressoou com os toques dos trompetes e os homens, já parcialmente bêbedos ou seminus em suas barracas com as prostitutas, voltaram a levantar–se, vestiram a armadura, pegaram suas lanças e se alinharam o mais rápido que puderam em suas formações, pois a chamada dos trompetes era como a voz do rei que gritava na noite.
Filipe já estava de pé num palanque, cercado por seus oficiai; quando as fileiras ficaram em formação o soldado mais velho gritou como era o costume:
– Por que nos chamou, ó rei? O que quer dos seus soldados?
Filipe deu um passo adiante. Vestira a armadura cerimonial de ferro e ouro e um longo manto imaculado; as pernas estavam embainhadas em

polainas de prata batida.
O silêncio só era quebrado pelo bufar dos cavalos e pelos ruídos dos animais noturnos atraídos pelas fogueiras do acampamento. Os generais que estavam ao lado do soberano puderam ver que tinha o rosto acalorado como quando sentava no acantonamento após longa jornada, e olhos reluzentes. Gritou:
– Homens da Macedônia! Na minha casa, em Pela, a rainha deu a luz um menino. Declaro diante de vós que ele é o meu legítimo herdeiro e a vós o confio. O seu nome é ALEXANDRE!
Os oficiais ordenaram que as tropas apresentassem as armas infantaria levantou as sarissas, as enormes lanças de combate com do seis pés de comprimento, e a cavalaria levantou contra o céu uma miría de dardos, enquanto os cavalos estropeavam e relinchavam tomando freio nos dentes.
Aí todos começaram a gritar ritmicamente o nome do príncipe Aléxandre! Aléxandre! Aléxandre! e batiam com as empunhaduras das lanças contra os escudos fazendo estrondo subir até as estrelas.
Pensavam que desta forma, assim como sua gritaria e como o fragor das suas armas, a glória do filho de Filipe também subiria até a morada dos deuses, até as constelações do firmamento.
Quando a assembléia foi dissolvida, o soberano voltou com Antípatro e os seus ajudantes–de–ordens para a tenda onde os delegados de Potidéia, pacientes e conformados, ainda esperavam por ele. Filipe confessou:
– Só lastimo uma coisa: que Parmênio não esteja aqui para desfrutar este momento conosco.
O general Parmênio, com efeito, estava então acampado entre as montanhas da Ilírica, não muito longe do lago Lycnitis, para assegurar daquele lado também as fronteiras da Macedônia. Mais tarde houve quem dissesse que no mesmo dia em que lhe fora anunciado o nascimento do filho e em que expugnara a cidade de Potidéia, Filipe também ficou a par de mais duas vitórias: a de Parmênio sobre os ilíricos e a da sua carruagem de quatro cavalos na corrida em Olímpia. Por isto mesmo os adivinhos afirmaram que aquele menino nascido no dia de três vitórias iria ser invencível.
Na realidade Parmênio só venceu os ilíricos no começo do verão e as corridas de cavalos nos jogos de Olímpia só aconteceram logo depois

disto, mas de qualquer forma podemos dizer que Alexandre certamente nasceu em um ano de maravilhosos presságios e que tudo fazia supor que iria ter um futuro mais digno de um deus do que de um homem.
Os delegados de Potidéia tentaram costurar os farrapos das negociações a partir do ponto em que elas haviam sido interrompidas, mas Filipe indicou o seu lugar–tenente:
– O general Antípatro conhece muito bem o meu pensamento, falem com ele.
– Mas, senhor – interveio Antípatro –, é absolutamente necessário que o rei... Nem teve tempo de terminar a frase: Filipe já tinha jogado o manto por cima dos ombros e chamado o cavalo com um assobio. Antípatro foi atrás dele.
– Senhor, tivemos de enfrentar longos meses de cerco e lutas ferrenhas para chegarmos a este ponto, e agora não pode...
– Claro que posso! – exclamou o rei montando o cavalo e usando as esporas. Antípatro sacudiu a cabeça e já começava a dirigir–se de volta para a tenda quando Filipe o chamou:
– Pegue! – disse tirando o sinete do dedo e jogando–o para ele. – Precisará disto. Faça um bom tratado, Antípatro, esta guerra custou–nos os olhos da cara!
O general pegou no ar o sinete real e ficou algum tempo olhando para o seu rei que parecia voar através do acampamento até sair pela porta do norte. Gritou aos homens da guarda:
– Mexam–se, idiotas! Querem deixá–lo ir sozinho? Saiam logo seus palermas!
E enquanto os cavaleiros saíam galopando ao seu encalço, ainda pôde ver por alguns instantes o manto branco de Filipe refletindo o sol na encosta da montanha; aí, mais nada. Voltou à tenda, mandou sentar os cada vez mais perplexos delegados de Potidéia, ele mesmo sentou e aí perguntou:
– Então, onde estávamos?
Filipe cavalgou durante a noite toda e o dia seguinte, só parando para trocar o cavalo e para aliviar a sede, junto com o corcel, nos córregos e nas nascentes. Chegou perto de Pela após o pôr–do–sol, quando os últimos raios do astro já invisível pincelavam de púrpura os longínquos cumes ainda cobertos de neve do monte Vérmio. Manadas de cavalos ondeavam a galope pela planície como vagas marinhas, e milhares aves

pousavam para dormir nas pacatas águas do lago Bórboros.
A estrela do entardecer começava a brilhar tão intensamente que parecia rivalizar em esplendor com a lua que descia devagar para superfície líquida do mar. Aquela era a estrela dos Argeades, a dinastia que reinava naquelas terras desde os tempos de Hércules, estrela imortal, a mais linda que houvesse no céu.
Filipe parou o cavalo para contemplá–la e invocá–la.
– Proteja o meu filho – disse do fundo do coração. – Faça com que reine depois de mim e que depois dele reinem os seus filhos e os filhos dos seus filhos.
Aí subiu até o palácio, inesperado, exausto e molhado de suor. Foi recebido por sussurros, pelo frufru das roupas das mulheres que se apressavam pelos corredores, pelo tilintar das armas que ressoavam nos postos de guarda.
Quando apareceu à porta do quarto de dormir, a rainha estava sentada em um escano, o corpo nu apenas velado por uma levíssima camisola jônica finamente plissada; o aposento cheirava a rosas de Piéria e a ama de leite Artemísia segurava nos braços o menino.
Dois ordenanças desataram as ombreiras da armadura e soltaram a espada do seu flanco para que o rei pudesse sentir o contato com a pele da criança. Pegou o filho e segurou–o longamente nos braços com a cabecinha apoiada entre o pescoço e o úmero. Sentia os tenros lábios menino em cima da cicatriz que lhe endurecia o ombro, sentia o calor e o perfume da sua pele de lírio.
Fechou os olhos e permaneceu calado e imóvel no meio do quarto silencioso. Naquele instante esqueceu o fragor da batalha, o estridor das máquinas de guerra, o furioso tropel dos cavalos. Escutava o filho respirar.

CAPÍTULO 3

No ano seguinte a rainha Olympias deu à luz uma menina à qual foi dado o nome de Cleópatra. Parecia–se com a mãe e era muito graciosa, tanto assim que as criadas gostavam de trocar–lhe continuamente as roupinhas como se fosse uma boneca.

Alexandre, que já aprendera a andar três meses antes, só foi introduzido no quarto dela vários dias depois que a menina havia nascido, com um pequeno presente que a ama de leite aprontara. Aproximou–se berço com ar circunspecto e ficou olhando para a irmãzinha com curiosidade, os olhos arregalados e a cabeça reclinada em cima do ombro. Uma criada aproximou–se receando que o menino, com ciúme da recém chegada, lhe fizesse algum mal, mas ele segurou a mão da garotinha que para mostrar que se dava conta do liame profundo que o ligava àquela criaturazinha que, por muito tempo, iria ser a sua única companheira.

Cleópatra gorgolejou alguma coisa e Artemísia disse:

– Está vendo? Ficou contente em te conhecer. Não acha que é hora de entregar–lhe o teu presente?

Alexandre desprendeu então do cinto um pequeno aro de metal com uns sininhos de prata e começou a agitá–lo diante da menina, que lhe esticou os braços para pegá–lo. Olympias olhava para os dois comovida.

– Não seria maravilhoso poder parar o tempo? – observou como que, pensando em voz alta.

Depois do nascimento dos filhos, Filipe ficou durante um bom tempo empenhado em guerras sangrentas. Já assegurara as fronteiras norte, onde Parmênio derrotara os ilíricos; a oeste tinha o reino amigo do Epiro no qual reinava Aribas, o tio da rainha Olympias; a leste, depois de várias campanhas, tinha subjugado as belicosas tribos dos beócios ampliando o seu domínio até as margens do Istros. Acabara também apoderando–se de quase todas as cidades que os gregos haviam fundado no seu litoral: Anfípolis, Metona, Potidéia, e se infiltrara nas lutas intestinas que dilaceravam a península helênica.

Parmênio tentara avisá–lo dos perigos de tal política e um dia, quando Filipe convocara o conselho de guerra no arsenal do palácio, decidiu

tomar a palavra.
– Construiu um reino poderoso e sólido, senhor, e fez com que os macedônios se orgulhassem da sua pátria; por que quer imiscuir–se nas lutas internas dos gregos?
– Parmênio está certo – interveio Antípatro. – As lutas deles não fazem sentido. Todos lutam contra todos. Os aliados de ontem combatem agora furiosamente entre si, e aquele que sai derrotado alia–se ao mais odiado dos inimigos desde que assim possa prejudicar o vencedor.
– É verdade – concordou Filipe – mas os gregos têm tudo aquilo que a nós faz falta: a arte, a filosofia, a poesia, o teatro, a medicina, a música, a arquitetura e, principalmente, a ciência política, a arte do governo.
– Você é o rei – protestou Parmênío –, não precisa de ciência nenhuma. Só precisa mandar e todos obedecem.
– Enquanto tiver forças para tanto – disse Filipe. – Enquanto alguém não fincar um punhal nas minhas costas.
Parmênio não replicou. Sabia muito bem que nenhum rei dos macedônios havia até então morrido em sua cama. Quem quebrou o silêncio foi Antípatro, nesta altura impenetrável como uma rocha.
– Se quiser de fato botar a mão na boca do leão não posso dissuadi–lo, mas gostaria de aconselhar o único caminho que de fato apresente possibilidades de sucesso.
– Qual seria?
– Só há uma força, na Grécia, acima de tudo e de todos, uma única voz capaz de impor o silêncio...
– O santuário de Apolo em Delfos – disse o rei.
– Ou, melhor dizendo, seus sacerdotes e o conselho que os governa.
– Sei disto – concordou Filipe. – Quem controla o santuário controla a maior parte da política dos gregos. Atualmente o conselho está tendo algumas dificuldades: proclamou uma guerra santa contra a Fócida acusando os habitantes de terem cultivado terras que pertencem a Apolo, mas estes se apoderaram do tesouro do templo com um golpe e com tais riquezas contrataram milhares e milhares de mercenários. A Macedônia é a única potência que pode mudar os rumos do conflito...
– E decidiu entrar na guerra – concluiu Parmênio.
– Com uma condição: se eu vencer quero o lugar e o voto dos foceus no conselho e a presidência do conselho do santuário.
Antípatro e Parmênio perceberam que o rei não só tinha um plano bem

claro na cabeça, mas que também iria levá–lo a cabo a qualquer custo: e nem se deram ao trabalho de tentar dissuadi–lo.
Foi um conflito longo e sangrento, com sucessos e tropeços de ambas as partes. Quando Alexandre estava com três anos, Filipe teve de amargar sua primeira derrota séria, e foi forçado a retirar–se. Seus inimigos disseram que havia fugido, mas ele respondeu:
– Não fugi, só dei um passo para trás para melhor tomar impulso e voltar à carga com a força de um carneiro enfurecido.
Filipe era assim mesmo. Um homem com uma incrível força de vontade e determinação, com indomável vitalidade, mente aguçada fervilhante. Mas homens como estes acabam ficando cada vez mais sozinhos, pois cada vez menos podem dedicar–se aos que os cercam.
Alexandre já estava com quase seis anos quando começou a perceber o que acontecia à sua volta e a dar–se conta de quem eram seu pai e sua mãe. Falava sem titubeios e compreendia raciocínios complexos difíceis.
Quando ficava sabendo que o pai estava no palácio, deixava os aposentos da rainha e ia andando até a sala das reuniões onde Filipe sentava definindo planos com os seus generais. Marcados que eram pelos inúmeros combates que tiveram de enfrentar, pareciam–lhe velhos apesar de terem todos pouco mais de trinta anos, exceto Parmênio, que estava com quase cinqüenta anos e mostrava uma cabeleira praticamente branca. Quando Alexandre o via, começava a cantar uma ladainha que Artemísia lhe ensinara:
O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
E aí ele mesmo jogava–se ao chão fingindo–se trôpego ou simplesmente exausto entre as risadas dos presentes.
Mas o alvo das suas atenções era sobretudo o pai: estudava as suas atitudes, o jeito como movia as mãos ou olhava em volta, o tom e o timbre da voz, a maneira com a qual dominava os homens mais fortes e poderosos do reino apenas com a força do seu olhar.
Aproximava–se dele enquanto presidia um conselho, bem de mansinho, e logo quando estava mais inflamado nos seus discursos ou raciocínios procurava sentar nos seus joelhos como que achando que naquele momento ninguém iria notá–lo.
Só então Filipe parecia dar–se conta do filho e o apertava contra o peito, sem se interromper, sem perder o fio da meada, mas podia reparar claramente que os generais mudavam de atitude, via que os seus olhos

fitavam o menino enquanto seus rostos se abriam em um leve sorriso, qualquer que fosse o assunto de que ele estava tratando. E Parmênio também sorria, pensando na ladainha e no tombo de Alexandre.
Aí, do mesmo jeito que viera, o menino ia embora. Às vezes voltava para o quarto com a esperança de que o pai fosse atrás dele. Ou então, depois de esperar algum tempo, ia sentar–se em um dos terraços do palácio, fixava o olhar no horizonte e ficava assim, mudo e imóvel, encantado com a imensidão do céu e da terra.
Se nestas ocasiões a mãe se aproximasse em silêncio, podia ver a sombra que lhe obscurecia o olho esquerdo tornar–se lentamente mais densa, como se misteriosas trevas estivessem invadindo a alma do pequeno príncipe.
Tinha fascinação pelas armas e eram muitas as vezes em que as criadas o descobriam no arsenal real tentando desembainhar uma das pesadas espadas do rei.
Um dia, quando olhava extasiado uma enorme panóplia de bronze que pertencera ao avô Amintas III, sentiu um olhar que o fitava por trás dos ombros. Virou–se e deparou com um homem alto e enxuto, com uma barbicha de cabrito e olhos profundos e alucinados. Disse chamar–se Leonidas e que era o seu mestre.
– Por quê? – perguntou o menino.
E àquela primeira pergunta do seu aluno o mestre não soube dar uma resposta.
A partir daí a vida de Alexandre mudou radicalmente. Via cada vez menos a mãe e a irmã, e cada vez mais o mestre. Leonidas começou ensinando–lhe o alfabeto, e no dia seguinte encontrou–o escrevendo corretamente o próprio nome com um pedaço de pau nas cinzas da lareira.
Ensinou–lhe a ler e a fazer as contas, coisas que Alexandre aprendia rápida e facilmente, mas sem particular interesse. Quando, porém Leonidas começou a contar histórias de deuses e de homens, histórias do nascimento do mundo, das lutas com os gigantes e os titãs, viu o rosto do menino iluminar–se enquanto escutava embevecido.
Tinha um natural pendor para o mistério e a religião. Um dia Leonidas levou–o para uma visita ao templo de Apolo que surgia nos arredores de Terma e deixou que oferecesse incenso à estátua do Deus, Alexandre encheu as mãos e jogou aquele montão no braseiro levantando uma

grande nuvem de fumaça, mas o mestre repreendeu–o:
– O incenso é muito caro! Só poderá esbanjá–lo desse jeito quando conquistar os países que o produzem.
– E onde ficam tais países? – perguntou o menino, que estranhara a possibilidade de alguém ser mesquinho com os deuses. Aí perguntou: – É verdade que meu pai é muito amigo do deus Apolo?
– Seu pai venceu a guerra santa e foi nomeado chefe do conselho do santuário de Delfos, onde fica o oráculo de Apolo.
– E é verdade que o oráculo diz a todos o que têm de fazer?
– Não é bem isto – respondeu Leonidas segurando a mão do garoto e levando–o novamente para fora. – Procura entender, quando as pessoas, estão a ponto de tomar uma decisão importante, pedem um conselho ao deus, quase como se quisessem dizer: "Devo ou não devo fazer isto? Se fizer, o que vai acontecer comigo?" Algo assim, entende o que quero dizer? E também há uma sacerdotisa chamada pítia através da qual deus dá suas respostas, usando a voz dela. Mas trata–se sempre de palavras obscuras, de difícil interpretação, e é por isto que existem os sacerdotes: para explicá–las às pessoas.
Alexandre virou–se para olhar o deus rígido e imóvel, de pé sobre pedestal, com os lábios estirados naquele estranho sorriso, e entendeu por que os deuses precisam dos homens se quiserem falar.
Em outra ocasião, quando a família real se deslocara para a antiga capital Ege, a fim de fazer sacrifícios sobre os túmulos dos antigos reis, Leonidas mostrou–lhe de uma torre do palácio o cume do monte Olímpo obscurecido por nuvens de temporal, fustigado por raios ofuscantes.
– Procure entender – tentou explicar –, os deuses não são as estátuas que admira nos templos: é lá em cima que eles moram, em uma casa invisível. Lá eles vivem, imortais, sentados em um banquete no qual tomam néctar e comem ambrosia. E aqueles raios são lançados pelo próprio Zeus. Ele pode acertar qualquer um ou qualquer coisa em qualquer lugar da terra.
Boquiaberto, Alexandre ficou olhando longamente para o imponente maciço.
No dia seguinte um oficial da guarda o surpreendeu andando rápido por uma trilha fora da cidade, rumo à montanha.
– Aonde vai, Alexandre? – perguntou descendo do cavalo.

– Para lá – respondeu o menino indicando o Olimpo.
O oficial segurou–o nos braços e o levou de volta para Leonidas, que estava verde de medo e já pensava nos variados e horríveis castigos que lhe seriam infligidos pela rainha se porventura acontecesse algo errado com o seu aluno.
Naquele mesmo ano Filipe teve vários problemas de saúde devido às duras provações que enfrentava durante as campanhas militares e à vida desregrada que levava quando não estava na frente de batalha.
Alexandre ficou feliz com isto, pois pôde aproveitar mais a sua companhia e passar longas horas com ele. Quem ficou encarregado da saúde do soberano foi Nicômaco, que trouxe da sua clínica de Estagira dois assistentes para que o ajudassem a procurar nos bosques e nos campos das redondezas as ervas e as raízes com as quais preparar os remédios.
O rei foi forçado a uma dieta rigorosa da qual o vinho era quase completamente banido, tanto assim que se tornou intratável, e só Nicômaco ousava chegar perto dele nos momentos em que o seu humor estava mais negro.
Um dos dois assistentes era um rapaz de quinze anos que também se chamava Filipe.
– Tire–o daqui – ordenou o soberano. – Não quero ter mais um Filipe por perto. Aliás, vou fazer isto: vou nomeá–lo médico do meu filho... sob a sua supervisão, é claro.
Já acostumado com os chiliques do rei, Nicômaco concordou sem fazer comentários.
– O que se deu com o seu filho Aristóteles? – perguntou um dia Filipe, torcendo a boca enquanto tomava um decocto de dente de leão.
– Está em Atenas e segue os ensinamentos de Platão – respondeu o médico. – Pelo que me contaram, aliás, parece que é o melhor dos seus alunos.
– Interessante. E qual é o assunto das suas pesquisas?
– O meu filho se parece comigo. Sente–se mais atraído pela observação dos fenômenos naturais do mundo do que pela especulação pura.
– E quanto à política? Ele se interessa por ela?
– Sim, claro, mas aqui também mostra mais inclinação para as diferentes manifestações da organização política do que para a ciência política em si. Coleta constituições e compara–as umas com as outras.

– E o que acha da monarquia?
– Não creio que tenha particular interesse em expressar julgamentos a respeito dela. Para ele a monarquia é apenas uma forma de governo típica de certas comunidades e não de outras. Na verdade senhor, acho que o meu filho está mais interessado em conhecer o mundo por aquilo que é do que em estabelecer princípios aos quais o mundo deveria adaptar–se Filipe empurrou goela abaixo o último gole do decocto sob o olhar atento do médico, que parecia dizer: "Até o fim, até o fim."
– Não esqueça de manter–me informado a respeito do rapaz, Nicômaco, pois estou interessado nele.
– Farei isto. Eu também estou interessado: afinal sou o pai dele.
Naquele tempo Alexandre freqüentava Nicômaco o mais possível, pois ele era um homem afável e cheio de surpresas, enquanto Leônidas era rabugento e terrivelmente severo.
Um dia entrou no consultório do médico enquanto este auscultava as costas do seu pai e depois contava os batimentos cardíacos, segurando–lhe o pulso.
– O que está fazendo? – perguntou.
– Estou contando as batidas do coração do seu pai.
– O que movimenta o coração?
– A energia vital.
– E onde é que ela fica?
Nicômaco fitou o menino nos olhos e leu neles um insaciável desejo de saber, uma maravilhosa intensidade de sentimentos. Afagou a cabeça do garoto enquanto Filipe olhava atento e fascinado.
– Isso ninguém sabe – disse.

CAPÍTULO 4

Filipe não demorou quase nada para recuperar–se por completo e voltou à cena política na plenitude das suas energias, decepcionando quem até chegara a considerá–lo acabado.

Alexandre não gostou muito da coisa, pois agora já não poderia estar com ele como antes, mas aprendeu a tomar gosto no convívio com outros meninos, alguns com a sua idade, outros um pouco mais velhos, filhos de nobres macedônios que freqüentavam a corte ou moravam no palácio por explícita vontade do rei. Esta era a melhor maneira de manter unido o reino, ligando as famílias mais poderosas, os chefes das tribos e dos clãs à casa do soberano.

Alguns destes meninos também freqüentavam com ele as aulas de Leônidas, como era o caso de Perdicas, Lisímaco, Seleuco, Leonato e Filotas, que era filho do general Parmênio. Alguns outros, mais velhos, como Ptolomeu e Cratero, já haviam conseguido o título de "pajem" e dependiam diretamente do rei para o seu treinamento e a sua educação.

Naquela época Seleuco era bastante miúdo e franzino, mas gozava da simpatia de Leônidas porque era bom aluno. Tinha um pendor todo particular para a história e a matemática e, levando–se em conta a idade, era surpreendentemente sábio e equilibrado. Levava cada vez menos tempo para fazer contas complicadas e achava graça em desafiar os companheiros, que eram, invariavelmente, humilhados.

Os olhos escuros e profundos proporcionavam ao seu olhar uma intensidade penetrante e os cabelos desgrenhados denunciavam um caráter bastante forte e independente, mas nunca rebelde. Era normal que durante as aulas procurasse chamar a atenção com suas observações, mas não assumia atitudes adulatórias em relação ao mestre nem – fazia qualquer coisa para agradar aos superiores ou bajulá–los.

Lisímaco e Leonato eram os mais indisciplinados, pois vinham do interior e haviam crescido soltos entre bosques e pradarias, cuidando das manadas de cavalos e passando a maior parte do tempo ao ar livre. Viver atrancados entre quatro paredes era, para eles, um verdadeiro castigo.

Lisímaco, já mais crescido, foi o primeiro a acostumar–se com o novo estilo de vida, mas Leonato, que só tinha sete anos, parecia um lobato com sua aparência hirsuta, os cabelos ruivos e as sardas no nariz e em volta dos olhos. Quando era punido, reagia com mordidas e pontapés, e Leônidas já tentara domesticá–lo primeiro deixando–o sem comer ou trancando–o enquanto os outros brincavam, e depois recorrendo fartamente à sua vergasta de salgueiro. Mas Leonato não se dava por vencido e toda vez que via o mestre aparecer no fim de um corredor começava, a cantar a plenos pulmões uma ladainha:
Ek korí korí koróne! Ek korí korí koróne!
"Lá vem a gralha, lá vem a gralha!" E todos os demais também se juntavam a ele, inclusive Alexandre, até o coitado do Leônidas ficar roxo de raiva e perder as estribeiras correndo atrás deles com a vergasta de salgueiro.
Quando brigava com os colegas Leonato nunca queria levar a pior e se engalfinhava mesmo com os mais velhos, com o resultado de estar eternamente cheio de hematomas e arranhões, e quase sempre inapresentável nas ocasiões oficiais e nas cerimônias da corte. Justamente o oposto de Perdicas, o mais consciencioso do grupo, que nunca faltava às aulas ou aos treinamentos ao ar livre. Só tinha um ano a mais que Alexandre e, com Filotas, era o seu mais assíduo companheiro de folguedos.
– Quando eu crescer vou ser um general como seu pai – costumava dizer a Filotas, que entre todos era o que mais se parecia com ele.
Ptolomeu, com quase quatorze anos, já era bastante robusto e um tanto precoce para a sua idade. Começavam a aparecer no seu rosto as primeiras espinhas e uns ralos pêlos de barba, tinha uma cara engraçada dominada por um imponente nariz e cabelos inevitavelmente desgrenhados. Os companheiros o gozavam dizendo que tinha começado a crescer a partir do nariz e ele ficava ofendidíssimo. Levantava a túnica e se gabava mostrando outras protuberâncias não menos desenvolvidas que o seu nariz.
Aparte estes rompantes, era um bom rapaz, muito dedicado à leitura e à escrita. Um dia deixou Alexandre entrar no seu quarto e mostrou–lhe seus livros.
Tinha pelo menos uns vinte.
– Quantos! – exclamou o príncipe, que se aproximou para tocá–los.

– Cuidado! – alertou Ptolomeu. – São objetos muito delicados: o papiro é frágil e pode rasgar, é preciso saber desenrolá–lo e enrolá–lo corretamente. Deve ser guardado em local arejado e seco e é preciso colocar astuciosamente alguma ratoeira, pois os ratos gostam muito de papiro e se conseguirem achá–lo você já era. Podem comer dois livros da Ilíada ou uma tragédia de Sófocles em apenas uma noite. Espere – acrescentou – eu mesmo pego. – E puxou um rolo marcado por uma etiqueta vermelha.
– Está vendo? É uma comédia de Aristófanes. Chama–se Lisístrata e é a minha preferida. Conta de uma vez em que as mulheres de Atenas e Esparta, cansadas da guerra que mantinha longe os homens e tendo uma vontade louca de... – Parou olhando para o menino que escutava de boca aberta. – Bem, deixa para lá, você é jovem demais para estas coisas. Vou te contar em outra ocasião, está bem?
– O que é uma comédia? – perguntou Alexandre.
– Não sabe? Nunca foi ao teatro? – inquiriu incrédulo Ptolomeu.
– Não deixam entrar as crianças. Sei, porém que é como ouvir uma história, só que há homens de verdade que escondem o rosto com máscaras e fingem ser Hércules ou Teseu. Há até mesmo alguns que fingem ser mulheres.
– Mais ou menos isto – concordou Ptolomeu. – Diga–me uma coisa, o que te ensina o teu mestre?
– Sei somar e subtrair, conheço as figuras geométricas e sei encontrar no céu a Ursa Maior e a Menor, além de mais de vinte outras constelações. E também sei ler e escrever, e já li todas as fábulas de Esopo.
– Hum... – observou Ptolomeu repondo delicadamente no lugar o rolo. – Coisas de criança.
– Também conheço toda a lista dos meus antepassados, seja pelo lado do pai, seja pelo da mãe. Eu descendo de Hércules e de Aquiles, sabia disto?
– E quem eram Hércules e Aquiles?
– Hércules era o homem mais forte do mundo e levou a cabo doze trabalhos. Quer que te conte? O leão de Neméia, a corça de Cerínia... cerinita... – começou a enumerar o menino.
– Já entendi, já entendi. Nada mal. Mas se quiser, quem sabe que algum dia eu possa ler para você umas coisas lindíssimas que tenho aqui no meu quarto, está bem? E agora, por que não vai brincar? Já sabe que

pegou um amiguinho que tem exatamente a sua idade?
Alexandre iluminou–se.
– Cadê ele?
– Vi–o no pátio enquanto dava pontapés em uma bola. E um sujeito robusto. Alexandre desceu correndo o mais rápido possível e parou sob os arcos para observar o recém–chegado sem ousar dirigir–lhe a palavra. De repente um pontapé mais vigoroso fez com que a bola rolasse bem diante dos seus pés. O garoto correu atrás dela e os dois ficaram um em frente do outro.
– Quer brincar comigo? O jogo é melhor quando somos dois. Eu chuto e você pega a bola.
– Qual é o teu nome? – perguntou Alexandre.
– Heféstion, e o seu?
– Alexandre.
– Ótimo, então fica ali perto do muro. Eu chuto primeiro e se pegar a bola ganha o ponto e será a sua vez de chutar. Mas se não a pegar, então eu ganho e posso chutar de novo. Está bem?
Alexandre fez sinal que sim e começaram a brincar enchendo o pátio com seus gritos. Quando já não agüentavam mais, com o corpo molhado de suor, decidiram parar.
– Mora aqui? – perguntou Heféstion sentando no chão. Alexandre sentou ao seu lado.
– Claro, este palácio é meu.
– Bobagem! Você é jovem demais para ter um palácio tão grande.
– O palácio também é meu porque é do meu pai, o rei Filipe.
– Por Zeus! – exclamou Heféstion agitando a mão direita em sinal de surpresa.
– Quer que sejamos amigos?
– Gostaria muito, mas para sermos amigos precisamos trocar alguma coisa como garantia.
– Como assim?
– Eu te dou uma coisa e você me dá outra em troca. Revistou os bolsos e sacou um pequeno objeto branco.
– Oh, um dente!
– Isto mesmo – sibilou Heféstion pela fissura que sobrava no lugar de um incisivo. – Soltou–se na noite passada e faltou pouco para que o engolisse. Pegue, é seu.

Alexandre o pegou, mas logo ficou sem saber o que fazer, pois nada tinha para dar em troca. Procurou nos bolsos, com Heféstion de pé diante dele, esperando com o braço esticado e a mão aberta.
Estando completamente desprovido de um presente igualmente importante, Alexandre respirou fundo, engoliu em seco e aí enfiou a mão na boca e segurou um dente que já vacilava havia alguns dias, mas que ainda estava bastante firme.
Começou a empurrá–lo para frente e para trás com força, mal conseguindo conter as lágrimas de dor, até conseguir arrancá–lo. Cuspiu um jorro de sangue, aí lavou o dente na fonte e entregou–o a Heféstion.
– Aí está – gorgolejou. – Agora somos amigos.
– Até a morte? – perguntou Heféstion guardando o penhor.
– Até a morte – confirmou Alexandre.
O verão já estava no fim quando Olympias anunciou a visita do tio Alexandre do Epiro.
Sabia que tinha um tio, irmão mais moço da mãe, o qual tinha o mesmo nome, mas, apesar de já tê–lo encontrado em outras ocasiões não se lembrava dele muito bem, pois isto acontecera quando era ainda muito pequeno.
Uma tarde, pouco antes do pôr–do–sol, viu–o chegar a cavalo, acompanhado por sua escolta e seus tutores.
Era um garoto muito bonito de mais ou menos doze anos, de cabeleira escura e olhos intensamente azuis; trazia as insígnias da sua dignidade: a fita de ouro prendendo os cabelos, o manto de púrpura e, na mão direita, o cetro de marfim, pois ele também era um soberano, ainda que jovem e de um país que só tinha montanhas.
– Olha! – exclamou Alexandre virando–se para Heféstion, que estava sentado ao seu lado com as pernas penduradas para fora da varanda. – Aquele é o meu tio Alexandre. Chama–se como eu e ele também é rei, sabia?
– Rei do quê? – perguntou o amigo balançando as pernas. – Rei dos molossos.
Ainda estava falando quando os braços de Artemísia o seguraram por trás.
– Vem! Precisa se aprontar para encontrar o teu tio.
Como ele esperneava para ficar com Heféstion, carregou–o no colo ao banheiro da mãe, despiu–o, lavou–lhe o rosto, mandou–o vestir uma

túnica e uma clâmide macedônia bordadas de ouro, cingiu–lhe a cabeça com uma fita de prata e aí colocou–o de pé sobre uma cadeira ara admirá–lo.
– Vamos, pequeno rei. A sua mãe o espera.
Levou–o à ante–sala real onde a rainha Olympia aguardava já vestida, penteada e perfumada. Estava maravilhosa. Os olhos de pez contrastavam com os cabelos de fogo, e a longa estola azul ornada com palmeirinhas de ouro nas bordas encobria um quitão de corte ateniense levemente decotado e preso ao ombro com um cadarço da mesma cor da estola.
O rego entre os seios, que o quitão deixava parcialmente descobertos, estava esplendidamente enfeitado com uma gota de âmbar do tamanho de um ovo de codorna, engastada em uma cápsula de ouro imitando uma bolota de carvalho: um dos presentes de núpcias de Filipe.
Segurou a mão de Alexandre e foi sentar no trono ao lado do marido, que já estava à espera do jovem cunhado.
O rapaz apareceu no fundo da sala e fez uma mesura ao soberano como exigia o cerimonial, e depois à rainha sua irmã.
Envaidecido por seus sucessos, enriquecido pelas minas de ouro que ocupara no monte Pangeu, ciente de ser o mais poderoso senhor da península helênica e quem sabe até mesmo do mundo depois do imperador dos persas, Filipe assumia cada vez mais atitudes capazes de pasmar seus visitantes, seja com a riqueza das roupas, seja com o luxo dos adornos que usava.
Depois dos cumprimentos de praxe, o jovem foi acompanhado até os seus aposentos a fim de que se aprontasse para o banquete.
Alexandre também queria participar, mas a mãe disse–lhe que ainda era pequeno demais e que poderia ir brincar ao lado de Heféstion com os soldadinhos de terracota que encomendara especialmente para ele a um oleiro de Aloro.
Naquela noite, depois do jantar, Filipe levou o cunhado a uma pequena sala particular para falarem de política e Olympias ficou bastante ressentida, pois afinal era a rainha da Macedônia e o rei do Epiro era seu irmão. Na verdade Alexandre era rei de direito, mas não de fato, uma vez que o Epiro estava nas mãos do seu tio Aribas, que não tinha a menor intenção de abdicar, e só Filipe, com seu poderio, seu exército e seu ouro, poderia colocá–lo estavelmente no trono.

Tinha interesse nisto, pois assim iria tomar o rapaz seu aliado e conter as pretensões de Olympias, que, sentindo–se amiúde preterida pelo marido, encontrara no exercício do poder as satisfações que, por outro lado, lhe eram recusadas por uma vida normalmente monótona e cinzenta.

– Terá de agüentar mais alguns anos – explicou Filipe ao jovem soberano. – O tempo necessário para que eu possa botar juízo na cabeça de todas as cidades costeiras ainda independentes e fazer com que os atenienses entendam de uma vez por todas quem é o mais forte por estas bandas. Nada tenho contra eles: só não quero que me atrapalhem aqui na Macedônia. E pretendo conseguir o controle dos estreitos entre a Trácia e a Ásia.

– Por mim, tudo bem, meu caro cunhado – concordou Alexandre, que se sentia bastante lisonjeado ao ser tratado como verdadeiro homem e verdadeiro rei na sua idade. – Sei muito bem que para você há coisas bem mais importantes do que as montanhas do Epiro, mas se um dia quiser me ajudar, ficarei grato pelo resto da minha vida.

Para ser apenas um adolescente o rapaz até que tinha uma boa cabeça, e Filipe ficou favoravelmente impressionado.

– Por que não fica conosco? – perguntou. – No Epiro terá de enfrentar uma situação cada vez mais perigosa. Aqui tem sua irmã, a rainha, que gosta de você. Terá seus aposentos, suas rendas e todas as homenagens compatíveis com a sua condição. E, quando afinal chegar a hora, eu mesmo irei instalar–te no trono dos seus antepassados.

O jovem rei aceitou de bom grado e acabou ficando em Pela até Filipe levar a cabo o programa político e militar que iria tornar a Macedônia a mais rica, forte e temível nação da Europa.

A rainha Olympias voltara contrariada para os seus aposentos esperando que o irmão viesse prestar suas homenagens e cumprimentos antes de recolher– se. Do quarto ao lado chegavam as vozes de Heféstion e de Alexandre, que brincavam com os soldadinhos e gritavam:

– Está morto!

– Não, você está!

Aí a algazarra esmoreceu até desaparecer por completo. As energias dos pequenos guerreiros se apagavam logo que a lua surgiu no céu.

CAPÍTULO 5

Alexandre completava sete anos e o seu tio, o rei do Epiro, doze quando Filipe atacou a cidade de Olinto e a liga calcídica que controlava a grande península com formato de tridente. Os atenienses, aliados da cidade, procuraram negociar, mas ele não se mostrou nem um pouco disposto. Respondeu:

– Ou vocês saem daqui, ou eu saio da Macedônia. – O que não deixava lá muito espaço para negociações.

O general Antípatro tentou fazer com que ele também avaliasse os demais aspectos da questão e, logo que os enviados de Atenas saíram furibundos da sala do conselho, observou:

– Isto só vai ajudar seus inimigos em Atenas, principalmente Demóstenes.

– Não tenho medo dele – comentou o rei dando de ombros.

– Sei disto, mas além de bom político também é um excelente orador. É o único que entendeu a sua estratégia. Reparou que nunca recorre a tropas mercenárias, e que em vez disto formou um exército nacional compacto e motivado, e que o tornou o alicerce do seu trono. Ele acha que esta façanha o torna o mais perigoso dos inimigos. Um adversário inteligente merece ser levado em conta.

Na hora Filipe não soube como replicar. Disse apenas:

– Faça com que alguns dos nossos na cidade fiquem de olho nele. Quero saber tudo que diz a meu respeito.

– Farei isto, senhor – respondeu Antípatro, e logo alertou seus informantes em Atenas para que o mantivessem a par dos movimentos de Demóstenes de forma rápida e tempestiva. Mas cada vez que chegava texto de um discurso do grande orador era um deus–nos–acuda. Antes de mais nada o rei queria saber qual era o cabeçalho.

– Contra Filipe – era a invariável resposta.

– De novo? – berrava, tomado por um acesso de raiva. O transvazamento de bílis era tão grande que, se por acaso tivesse acabado de almoçar ou jantar, a comida se tornava para ele um verdadeiro veneno. Ia de um lado para o outro como um leão enjaulado enquanto o

secretário lia o texto, e vez por outra parava gritando: – O que foi que disse? Leia de novo para mim! De novo, maldito seja! – E o pobre coitado ficava com a impressão de ter sido ele mesmo, de iniciativa própria, quem proferia aquelas palavras.
O que mais fazia Filipe subir pelas paredes era a obstinação com que Demóstenes insistia em definir a Macedônia como "um país bárbaro e secundário".
– Bárbaro? – berrava jogando ao chão tudo o que havia na mesa. – Secundário? Vou mostrar para ele o que é secundário!
– Procure considerar, meu rei – frisava o secretário procurando acalmá–lo –, que, pelo que sabemos, as reações do povo diante destes rompantes de Demóstenes são bastante mornas. O pessoal de Atenas está mais interessado em saber como serão resolvidos os problemas do latifúndio e da distribuição das terras aos camponeses da Ática do que nas ambições políticas de grande potência de Demóstenes.
As apaixonadas orações contra Filipe seguiram–se outras em prol de Olinto, para convencer o povo a votar a favor da ajuda militar para a cidade cercada, mas elas tampouco conseguiram resultados apreciáveis.
A cidade caiu no ano seguinte e Filipe arrasou–a para dar um exemplo inequívoco a qualquer um que tivesse a intenção de desafiá–lo.
– Pelo menos agora aquele sujeitinho tem mesmo um bom motivo para tachar–me de bárbaro! – exclamou quando Antípatro convidou–o a refletir sobre as conseqüências, em Atenas e na Grécia, de um gesto tão radical.
E de fato aquela atitude drástica exasperou os contrastes na península helênica: já não havia uma única cidade ou vila em toda a Grécia onde não existisse um partido a favor e outro contra a Macedônia.
Filipe, por sua vez, sentia–se cada vez mais perto de Zeus, pai de todos os deuses, pela glória e pelo poder, embora os contínuos conflitos em que se metia "cabisbaixo como um carneiro enfurecido", conforme próprias palavras, já começassem a deixar as suas marcas. Bebia demais durante os intervalos entre uma e outra guerra, e se entregava a o tipo de excessos em orgias que duravam noites inteiras.
A rainha Olympias, ao contrário, fechava–se cada vez mais em si mesma dedicando–se ao cuidado dos filhos e às práticas religiosas. Nesta altura, só raramente Filipe visitava a sua alcova e, quando o fazia, o encontro acabava sem que nenhum dos dois tivesse satisfação. Ela se mantinha

fria e distante e ele saía humilhado daquela confrontação, percebendo que o seu vigor já não despertava sensação alguma, palpitação alguma, na rainha.
Olympia era uma mulher com um caráter tão forte quanto o do marido, e era extremamente ciosa da própria dignidade. Via no jovem irmão, e mais ainda no filho, aqueles que um dia iriam tornar–se os seus implacáveis defensores, devolvendo–lhe o prestígio e o poder que lhe cabiam e que a arrogância de Filipe tirava dela cada vez mais.
As práticas religiosas oficiais eram para ela uma obrigação e, na verdade, pareciam–lhe evidentemente insensatas. Estava convencida de que os deuses do Olimpo, mesmo que de fato existissem, não estavam minimamente interessados nas coisas humanas. Os cultos que a atraíam eram outros, sobretudo o de Dioniso, um deus misterioso capaz de invadir a mente humana transformando–a, arrastando–a num remoinho de emoções violentas e sensações ancestrais.
Contavam que se deixara iniciar nos rituais secretos às escondidas de que participara das orgias noturnas do deus, onde se bebia vinho misturado com poderosas drogas e se dançava até o esgotamento e a alucinação, ao ritmo de instrumentos bárbaros.
Naquele estado tinha a impressão de correr à noite pelos bosques, de deixar esfarrapadas nos galhos as lindas vestes reais, para depois perseguir os animais selvagens, abatê–los e alimentar–se de sua carne crua ainda palpitante. E parecia–lhe enfim sentir–se cair exausta, vencida por um sono pesado, sobre uma colcha de musgo oloroso.
Naquela condição semi–inconsciente via as divindades e as criaturas dos bosques saírem timidamente de seus esconderijos: as ninfas de pele verde como as folhas das árvores, os sátiros de pêlo hirsuto, meio homens e meio carneiros, que se aproximavam de um simulacro do gigantesco falo do deus, coroavam–no com hera e parras de videira molhavam–no com vinho. E aí desenfreavam a orgia tomando vinho puro e entregando–se a seus animalescos amplexos para alcançarem, naquele frenético êxtase, o contato com Dioniso até serem imbuídos pelo seu espírito.
Uns outros aproximavam–se furtivamente dela, com seus imensos falos eretos, espiando avidamente a sua nudez, excitando a própria luxúria animal...
Desta forma, em lugares ocultos só conhecidos pelos iniciados, a rainha

mergulhava nas profundezas da sua natureza mais bárbara e selvagem, nos rituais que libertavam a parte mais agressiva e violenta da sua alma e do seu corpo. A não ser por essas manifestações, a sua existência era a que os costumes atribuem a qualquer mulher e esposa, e ela mesma voltava para a vida corriqueira como se estivesse fechando atrás de si uma pesada porta que cancelava qualquer lembrança e qualquer sensação.

Na quietude dos seus aposentos ensinava então a Alexandre o pouco que daqueles cultos um garoto podia aprender; contava–lhe as aventuras e as romarias do deus Dioniso, que, acompanhado por um cortejo de mênades e sátiros coroados com parras, chegara até a terra dos tigres e das panteras: a India.

Mesmo, porém, que a influência da mãe fosse grande na formação da personalidade de Alexandre, maior ainda era a da imensa quantidade de noções que lhe era ministrada por ordem e vontade do pai.

Filipe ordenara que Leônidas, responsável oficial pela educação do garoto, organizasse a aprendizagem do mesmo sem esquecer coisa alguma, de forma que a cada novo progresso de Alexandre novos mestres eram chamados à corte, novos instrutores e treinadores.

Logo que foi capaz de apreciar os versos, Leônidas começou a ler para ele os poemas de Homero, e particularmente a Ilíada, na qual eram representados os únicos códigos de honra e de comportamento que podiam condizer com um príncipe real da casa dos Argeades. Desta forma o velho mestre não só conseguiu conquistar a atenção de Alexandre e dos seus companheiros, como também a afeição deles. A ladainha que anunciava a sua chegada, contudo, continuou a ressoar nos corredores do palácio:

Ek korí korí koróne! Ek korí korí koróne!

"Lá vem a gralha, lá vem a gralha!"

Junto com Alexandre, Heféstion também escutava os versos de Homero, e os dois garotos imaginavam, sonhando, aquelas aventuras extraordinárias, a história daquele gigantesco conflito do qual haviam participado os homens mais forte do mundo, as mulheres mais lindas, e os próprios deuses, cada um partidário de um ou outro lado.

Agora Alexandre já se dava perfeitamente conta de quem era, do universo que rodava à sua volta e do destino para o qual vinha sendo reparado.

Os modelos que lhe eram propostos eram os do heroísmo, da resistência à dor, da honra e do respeito pela palavra dada, da abnegação ao sacrifício da vida. E a eles aderia cada dia mais, não por dedicação de discípulo, mas sim por pendor natural.

Enquanto ia crescendo, ia cada vez mais claramente revelando natureza da sua índole: partícipe ao mesmo tempo da feroz agressividade do pai, da ira real que explodia repentina como um raio, e da arcar fascinação da mãe, da sua curiosidade pelo desconhecido, da sua avidez mistério.

Em relação à mãe sentia um afeto profundo, um apego quase mórbido; pelo pai, uma admiração desmedida que porém, com o passar do tempo, tornava–se pouco a pouco vontade de competição, desejo cada vez mais forte de emulação.

Tanto assim que as notícias já costumeiras dos sucessos de Filipe pareciam entristecê–lo mais que alegrá–lo. Começava a pensar que se pai conquistasse tudo, quase nada iria sobrar para ele mesmo mostrar seu valor e a sua coragem.

Era jovem demais, por enquanto, para perceber o real tamanho do mundo. Às vezes, quando entrava na sala de aula de Leônidas junto com seus companheiros, avistava de relance um jovem de aspecto melancólico que devia ter uns treze ou quatorze anos e que se afastava depressa sei nunca parar para conversar.

– Quem é aquele rapaz? – perguntou certa vez ao mestre.

– Isto não te diz respeito – respondeu Leônidas, mudando logo de assunto.

CAPÍTULO 6

Desde que se tornara rei, a maior aspiração de Filipe havia sido a de levar a Macedônia para o mundo grego, mas sabia muito bem que para alcançar este resultado teria de impor–se pela força. Por isto tinha antes de mais nada empregado todas as energias para transformar o seu país numa potência moderna, tirando–o da condição de estado tribal de pastores e criadores.

Desenvolvera a lavoura nas planícies mandando buscar agricultores qualificados nas ilhas e nas cidades gregas da Ásia Menor, e fomentara a mineração no monte Pangeu conseguindo tirar até mil talentos de ouro e de prata por ano de suas jazidas.

Impusera a sua autoridade aos chefes tribais ligando–os a si pela força ou por vínculos matrimoniais. E, principalmente, tinha criado um exército como até então jamais se vira igual, formado por unidades de infantaria pesada de enorme impacto, unidades de infantaria ligeira extremamente móveis e de esquadrões de cavalaria que não tinham comparação com o que se podia encontrar em todo o mar Egeu.

Mas tudo isto não bastara para fazer com que o aceitassem como grego. E Demóstenes, assim como muitos outros políticos e oradores de Atenas, Corinto, Mégara, Sicião, continuava a chamá–lo de Filipe o Bárbaro.

Era para eles motivo de escárnio o sotaque dos macedônios, que denunciava a influência dos povos selvagens que se amontoavam em suas fronteiras ao norte, assim como a incontrolável intemperança em beber, comer e fazer amor durante seus banquetes que invariavelmente se transformavam em orgias. E consideravam bárbaro um estado ainda baseado nos vínculos de sangue antes que no direito da cidadania, regido por um soberano que podia mandar em todos e ficar acima de qualquer lei.

Filipe alcançou o seu objetivo quando conseguiu finalmente dobrar os foceus na guerra santa, fazendo com que fossem expulsos do conselho do santuário, o mais nobre e respeitado congresso de toda a Grécia.

Os dois votos que cabiam a seus representantes foram entregues ao rei

dos macedônios, ao qual também foi atribuído o cargo muito honroso de residente dos Jogos Pítios, os mais prestigiosos depois das Olimpíadas.
Foi a coroação de dez anos de esforços dirigidos e coincidiu com o décimo aniversário de nascimento do seu filho Alexandre.
Naquela mesma época um grande orador chamado Isócrates proferiu um discurso no qual exaltava Filipe como protetor dos gregos e como único homem capaz de subjugar os bárbaros do Oriente, os persas que havia mais de um século ameaçavam a civilização e a liberdade helênicas.
Alexandre foi plenamente informado destes acontecimentos pelos seus mestres e tais notícias encheram–no de ansiedade. Julgava–se bastante crescido para assumir o seu papel na história do país, mas sabia que era ainda jovem demais para poder agir.
O pai, enquanto ele crescia, dedicava–lhe cada vez mais tempo, quase como se já o considerasse um homem feito, mas ainda não o deixava a par dos mais ousados dos seus planos. O seu objetivo, com efeito, não era a supremacia entre os estados da Grécia peninsular: isto era apenas um meio. Os seus olhos enxergavam mais longe, para o além–mar, para os imensos territórios da Ásia interior.
Às vezes, durante algum período de descanso no palácio de Pela, levava–o consigo depois do jantar até o topo da torre mais alta e apontava para o Oriente no horizonte, onde a lua surgia das ondas do mar.
– Sabe o que fica lá, Alexandre?
– A Ásia, papai – ele respondia. – A terra onde nasce o sol.
– E pode imaginar o tamanho da Ásia?
– O meu mestre de geografia, Cratipos, diz que mede mais de dez mil estádios.
– Ele está errado, meu filho. A Ásia mede cem vezes mais do que isto.
Quando lutei as margens do Istros tive a ocasião de conhecer um guerreiro cita que falava a nossa língua. Contou–me que do outro lado do rio alastrava–se uma planície tão grande quanto um mar, e montanhas tão altas que parecem furar o céu com seus picos. Contou que havia desertos tão vastos que era preciso meses para atravessá–los, e que além deles havia montanhas completamente cravejadas de pedras preciosas: lápis lazúlis, rubis, cornalinas.
– Disse que naquelas planícies corriam manadas de milhares de cavalos ardentes como fogo, incansáveis, capazes de voar durante dias por

aquela imensidão infinita. “Há regiões”, contou, “aprisionadas no gelo, trancafiadas na escuridão da noite durante metade do ano, e outras queimadas pelo calor do sol em qualquer estação, onde nem um fio de relva cresce, onde todas as serpentes são peçonhentas e a picada de um escorpião mata um homem em poucos instantes. A Ásia é isto, meu filho".
Alexandre olhou para ele, viu seus olhos que ardiam no sonho e entendeu o que queimava na alma do pai.
Certo dia, já se passara mais de um ano desde aquela conversa, Filipe entrou de repente no quarto do filho.
– Vista as calças trácias e pegue um manto de lã crua. Nada de insígnias nem adornos. Vamos partir.
– Aonde vamos?
– Já mandei aprontar os cavalos e os mantimentos, vamos ficar fora alguns dias. Quero mostrar–lhe uma coisa.
Alexandre não fez mais perguntas. Vestiu–se como havia sido mandado, despediu–se da mãe aparecendo rapidamente na entrada do seu quarto e desceu correndo para o pátio onde duas cavalgaduras e uma pequena escolta da cavalaria real estavam esperando.
Filipe já estava montado, Alexandre pulou no seu murzelo e saíram a galope pelo portão escancarado.
Cavalgaram por vários dias rumo ao Oriente, primeiro pela costa, depois pelo interior, e finalmente de novo pela costa. Deixaram para trás Terma, Apolônia e Anfípolis, parando à noite em pequenas hospedarias isoladas e alimentando–se com comida típica macedônia: cabrito assado, aves silvestres, queijo de ovelha curado e pão cozido na brasa.
Depois de Anfípolis começaram a subir por uma trilha íngreme até chegarem, quase de repente, diante de uma paisagem desolada. A montanha havia sido quase completamente desmatada e em toda parte podiam–se ver toras mutiladas e troncos carbonizados. O terreno, despojado daquele jeito, estava todo escavado e na entrada de cada caverna se amontoava uma grande quantidade de detritos, como num gigantesco formigueiro.
Uma chuvinha leve e insistente começou a cair do céu e os cavaleiros protegeram a cabeça com os capuzes enquanto prosseguiam sua lenta marcha. A trilha principal dividiu–se logo a seguir em um labirinto, pelas quais se movia uma multidão de homens esfarrapados e lentos, a pele

enegrecida e enrugada, que carregavam nas costas as cestas cheias de pedras.
Mais adiante se viam colunas de fumaça escura e densa que subiam ao céu em lentas espirais, espalhando por toda parte uma espessa névoa que dificultava a respiração.
– Cubra a boca com a capa – Filipe ordenou ao filho sem acrescentar mais nada.
Um estranho silêncio pairava sobre toda a zona e nem se ouvia o tropel de todos aqueles pés, pois ele era abafado pela densa lama na qual se transformara o pó molhado de chuva.
Alexandre olhava em volta, perturbado: era assim mesmo que ele maginara o Hades, o reino dos mortos, e naquele momento vieram–lhe cabeça os versos de Homero.
Lá está a cidade e o povo dos cimérios envolvidos em nuvens e neblina: jamais o sol brilhante os toca com seus raios nem quando surge no céu estrelado nem quando se põe no céu crepuscular e uma noite eterna oprime os infelizes mortais. (Homero, Odisséia, Livro XI, 14–19.)
Aí, de repente, o silêncio foi quebrado por um ruído grave e cadenciado, como se o soco de um ciclope golpeasse com monstruoso vigor as atormentadas encostas da montanha. Alexandre incitou o cavalo com os calcanhares pois queria saber a causa daquele estrondo que fazia tremer a terra como um trovão. E depois de superar uma curva entre os rochedos viu para onde levavam todas as sendas. Havia um engenho gigantesco, uma espécie de torre formada por grandes traves e vigas, com uma roldana no topo. Um grosso cabo sustentava um malho colossal e, na outra ponta, a corda estava presa a um cabrestante manobrado por centenas daqueles coitados que o faziam rodar enrolando a corda em volta do tambor para que o malho se levantasse no interior da torre de madeira.
Quando chegava ao topo, um dos maquinistas desengatava a trava soltando o tambor, que girava velozmente para trás arrastado pelo peso do malho que precipitava ao chão e fragmentava as pedras continuamente jogadas das cestas que os homens carregavam nas costas.
Os pobres coitados juntavam o minério fragmentado, enchiam com ele outras cestas e, por outras sendas, o levavam a uma clareira onde outros o pulverizavam nos almofarizes para em seguida lavá–lo na água de um

riacho canalizada numa série de quedas e degraus, separando os grãos e o pó de ouro nele contidos.
– Estas são as minas do Pangeu – explicou Filipe. – Foi com este ouro que armei e equipei o nosso exército, construí nossos palácios, criei o poderio macedônio.
– Por que me trouxe aqui? – perguntou Alexandre, profundamente perturbado. Enquanto falava, um dos carregadores tombou ao solo quase entre as patas do seu cavalo. Um dos guardas certificou–se de que estava morto, aí fez um sinal a dois infelizes que deitaram as cestas no chão, seguraram o cadáver pelos pés e o arrastaram embora.
– Por que me trouxe aqui? – perguntou mais uma vez Alexandre. E Filipe percebeu que o céu de chumbo se espelhava naquele olhar escurecido.
– Você ainda não viu o pior – respondeu. – Está disposto a descer embaixo da terra?
– Nada me amedronta – afirmou o rapaz.
– Então venha.
O rei desmontou o cavalo e aproximou–se a pé de uma das minas. O guarda que fora ao seu encontro segurando o açoite deteve–se, pasmo, ao reconhecer no seu peito a estrela de ouro dos Argeades. Filipe limitou–se a um sinal e o outro voltou atrás, acendeu uma lanterna e preparou–se para guiá–los nas entranhas da terra.
Alexandre acompanhou o pai, mas logo que entrou sentiu–se sufocado devido ao insuportável fedor de urina, suor e excrementos humanos. Era preciso avançar meio curvos, em certos lugares quase dobrados em dois, em um estreito cunículo que ressoava em toda parte num contínuo martelar, num difuso ofegar entre ataques de tosse e estertores de agonia.
Vez por outra o guarda se detinha onde alguns homens estavam separando com as picaretas um pedaço de minério, ou na embocadura de um poço. No fundo de cada um deles reluzia incerto o halo de uma lamparina, iluminando umas costas esquálidas, braços esqueléticos.
Em alguns casos o mineiro, percebendo as vozes e os passos de alguém que se aproximava, levantava o rosto para olhar e Alexandre podia ver fisionomias desfiguradas pelo cansaço, pelas doenças e pelo horror de viver.
Mais adiante, no fundo de um daqueles poços, viram um cadáver.

– Muitos se matam – explicou o guarda. – Jogam–se sobre a picareta ou Se trespassam com o cinzel.
Filipe virou–se para observar Alexandre. Estava mudo e aparentemente impassível, mas em seus olhos havia descido uma treva de morte Saíram através de uma estreita passagem do outro lado da montanha encontraram escolta e cavalos esperando por eles.
Alexandre fitou o pai.
– Qual foi a culpa deles? – perguntou, e o seu rosto estava pálido como cera.
– Nenhuma – respondeu o rei. – A não ser a de terem nascido.



CAPÍTULO 7

Montaram de novo os cavalos e começaram a lenta descida sob a chuva que voltara a cair. Alexandre cavalgava em silêncio ao lado do pai.

– Queria que entendesse de como tudo tem seu preço. E também que visse que tipo de preço. A nossa grandeza, as nossas conquistas, os nossos palácios e as nossas roupas... tudo precisa ser pago.

– Mas, por que eles?

– Não há um porquê. O mundo é regido pelo fado. Quando nasceram ficou estabelecido que iriam morrer daquele jeito, assim como quando nós nascemos também ficamos atrelados a um destino estabelecido que só nos foi revelado no último momento. Somente o homem, entre todos os seres vivos, pode elevar–se até quase alcançar as moradas dos deuses, ou descer abaixo dos animais irracionais. Você já viu as moradas dos deuses, morou na casa de um rei, mas achei oportuno que também visse o que de pior pode reservar a sorte para um ser humano. Entre aqueles infelizes há homens que um dia talvez tenham sido chefes ou fidalgos, e que de repente o destino precipitou na miséria."

– Mas se esta é a sina que também pode dizer respeito a cada um de nós, por que não sermos clementes enquanto a sorte nos é amiga?

– É exatamente o que queria ouvir de você. Terá de ser clemente sempre que isto for possível, mas lembre–se de que nada pode ser feito para mudar a natureza das coisas.

ele que subia pela senda carregando duas pesadas cestas de favas e de grãos– de–bico, provavelmente destinadas à refeição dos guardas.

O jovem desceu do cavalo e ficou de pé diante dela: magra, descalça com cabelos sujos e desgrenhados, ela tinha grandes olhos negro só refletiam tristeza.

– Como se chama? – perguntou–lhe. A menina não respondeu.

– Talvez nem saiba falar – observou Filipe. Alexandre virou–se para o pai:

– Eu posso mudar a sorte dela. Eu quero mudá–la. Filipe concordou:

– Pode fazê–lo, mas lembre–ae que nem por isto o mundo vai mudar.

Alexandre fez com que a menina montasse atrás dele e cobriu–a com a sua capa.
Chegaram de volta a Anfípolis ao entardecer e hospedaram–se na asa de um amigo do rei. Alexandre ordenou que lavassem e vestissem menina, e ficou observando–a enquanto ela comia.
Tentou conversar, mas ela só respondia com monossílabos e nada do que dizia era compreensível.
– Deve ser uma dessas línguas bárbaras – comentou Filipe. – Se quiser falar com ela deverá esperar que aprenda o macedônio.
– Esperarei – rebateu Alexandre.
No dia seguinte o tempo melhorou e retomaram o caminho de volta atravessando mais uma vez a ponte de barcaças sobre o Estrímon. Quando chegaram a Bromisco, contudo, viraram para o sul ao longo da península do monte Atos. Cavalgaram durante o dia inteiro e ao anoitecer chegaram a um local onde se via uma enorme vala, parcialmente Cerrada, que cortava a península de um lado para o outro. Alexandre puxou as rédeas do seu corcel e ficou olhando incrédulo para aquela obra ciclópica.
– Está vendo aquela vala? – perguntou o pai. – Foi escavada há quase cento e cinqüenta anos por Xerxes, o imperador dos persas, para permitir a passagem da sua esquadra e evitar desta forma o perigo de um naufrágio nos recifes do Atos. Mais de dez mil homens trabalharam sem interrupção naquilo, noite e dia, sem parar. E antes disso o grande rei Mandara construir uma ponte de barcaças através do estreito do Bósforo ligando a Europa à Ásia. Dentro de alguns dias vamos receber a visita de uma delegação do Grande Rei. Queria que percebesse o poder do império com que estamos tratando."
Alexandre anuiu e ficou observando por um bom tempo aquela obra colossal; aí, ao ver o pai que retomava a viagem, cutucou o cavalo com os calcanhares e seguiu adiante.
– Gostaria de perguntar uma coisa – disse ao ficar de novo ao seu lado.
– Estou ouvindo.
– Há um garoto, em Pela, que freqüenta as aulas de Leônidas mas nunca fica com a gente. As raras vezes em que nos encontramos evita falar comigo e está sempre com um ar triste, melancólico. Leônidas nunca quis dizer quem é, mas acredito que você saiba.
irmão que morreu lutando contra os tessálios. Antes do seu nascimento,

ele era o herdeiro do trono, e eu reinava em seu lugar como regente.
– Quer dizer que ele deveria ser o soberano?
– O trono é de quem pode defendê–lo – replicou Filipe. – Lembre–se bem disto. Por isto, no nosso país, todo aquele que chegou ao poder sempre eliminou qualquer um que pudesse ameaçá–lo.
– Mas você deixou Amintas viver.
– Era o filho do meu irmão, e não podia de forma alguma me prejudicar.
– Foi... clemente.
– Se assim quiser.
– Progenitor?
Filipe virou–se: Alexandre só o chamava "progenitor" quando estava zangado com ele ou quando estava prestes a perguntar algo muito sério.
– Se porventura morresse numa guerra, qual dos dois seria o herdeiro do trono, Amintas ou eu?
– O mais digno.
O garoto nada mais perguntou, mas aquela resposta impressionou–o profundamente e deixou para sempre uma marca indelével em sua alma.
Chegaram a Pela três dias depois e Alexandre confiou a Artemísia a menina que tirara dos horrores do monte Pangeu.
– De agora em diante – afirmou com uma gravidade um tanto infantil – ficará ao meu serviço. E você irá ensinar–lhe tudo aquilo que precisa saber.
– Ela pelo menos tem nome?
– Não sei. Seja como for, eu a chamarei de Leptine.
– Bonito nome, muito apropriado a uma menina.
Naquele dia chegou a notícia de que, com idade bastante avançada Nicômaco havia morrido. O soberano ficou bastante entristecido, pois o homem havia sido um médico muito bom e havia trazido a luz o seu filho. De qualquer forma o seu consultório não foi fechado, embora o filho dele Aristóteles, tivesse seguido um caminho totalmente diferente viesse naquele momento na Ásia, na cidade de Atarnéia, onde após a morte do mestre Platão fundara uma nova escola filosófica.
Filipe, o jovem auxiliar de Nicômaco, continuara trabalhando no consultório do finado mestre e exercia a profissão com notável perícia.
Enquanto isto os garotos que viviam no palácio com Alexandre também haviam crescido, no corpo assim como na mente e na alma, e as inclinações que haviam mostrado desde a infância se haviam, na maioria

dos casos, fortalecido: os colegas com mais ou menos a mesma idade de Alexandre, como Heféstion, que já se tornara seu companheiro inseparável, ou Perdicas e Seleuco, já se haviam tornado amigos íntimos e formavam um grupo compacto tanto no estudo quanto nos folguedo Lisímaco e Leonato, com o passar do tempo, acabaram se acostumando – com a vida na comunidade e desabafavam a sua exuberância nos exercícios físicos e de destreza.

Leonato, em particular, gostava muito da luta e, por isto mesma continuava inapresentável, desgrenhado e cheio de arranhões e hematomas. Os mais velhos, um puxado treinamento militar da cavalaria.

Foi nesta época que um grego chamado Eumênio também entrou para o grupo. Ele trabalhava como assistente na chancelaria do rei e era bastante apreciado por sua inteligência e sagacidade. Uma vez que Filipe mandou que estudasse na mesma escola dos demais rapazes, Leônidas arrumou–lhe uma vaga no dormitório, mas Leonato desafiou–o imediatamente para lutar.

– Se quiser o lugar, precisa merecê–lo – afirmou tirando o quite e preparando–se para a luta. Eumênio nem se dignou a olhar para ele.

– Deve estar sonhando!... Nem vou levar em consideração tamanha bobagem. E começou a arrumar suas roupas no baú aos pés da cama.

Lisímaco zombou dele:

– Eu não disse? Este grego não passa de uma titica. – Alexandre também sorriu.

Leonato deu–lhe um empurrão que o derrubou fazendo–o rolar no chão:

– Então, vai lutar ou não?

Eumênio levantou–se com ar enfadado, ajeitou a roupa e disse:

– Espera aí, volto já. – Foi até a porta deixando todo mundo pasmo.

Aproximou–se então de um soldado que estava de guarda no passadiço superior do palácio, um trácio do tamanho de um urso. Tirou do bolso algumas moedas que passou às mãos do brutamonte. – Venha comigo, tenho um trabalhinho para você.

– Voltou ao dormitório e apontou para Leonato: – Está vendo aquele sujeito de sardas e cabelos ruivos? – O gigante anuiu. – Muito bem, agarre–o e encha–o de pancadas.

Leonato percebeu logo que iria se dar mal, esgueirou–se entre as pernas

do trácio assim como Ulisses fizera entre as pernas de Polifemo, e fugiu correndo escadas abaixo.
– Mais alguém quer fazer comentários? – perguntou Eumênio voltando a cuidar dos seus pertences.
– Eu – exclamou Alexandre. Eumênio parou e virou–se para ele:
– Estou ouvindo – disse em tom de evidente respeito – porque aqui é o dono da casa, mas nenhum desses franguinhos pode dar–se ao luxo de chamar–me "titica".
Alexandre caiu na gargalhada.
– Bem–vindo entre nós, senhor secretário geral.
A partir daí Eumênio passou a integrar o grupo de direito e de fato, e tornou–se a fonte inspiradora de todo tipo de brincadeira e zombaria à custa de uns e outros, mas principalmente de Leônidas, o velho mestre deles: botavam–lhe lagartos na cama e rãs vivas na sopa de lentilhas para se vingarem das vergastadas que ele distribuía com fartura quando os alunos não se aplicavam a contento no estudo.
Certa noite Leônidas, que ainda era o principal responsável na definição dos programas de instrução deles, comunicou com muita gravidade que no dia seguinte o soberano iria receber a visita da delegação persa, e que ele mesmo participaria da missão diplomática devido ao conhecimento que tinha da Ásia e dos seus costumes; informou que os mais velhos iriam prestar serviço na guarda desempenhar o mesmo papel ao lado de Alexandre.
A notícia deixou os rapazes no maior alvoroço: nenhum deles tinha até então visto um persa e o que conheciam da Pérsia limitava–se às leituras das obras de Heródoto ou Ctésias ou no diário da famosa "retirada dez mil" do ateniense Xenofonte. Todos começaram a lustrar e a preparar as roupas de gala.
– Meu pai chegou a falar com um sujeito que participara da campanha dos dez mil – contou Heféstion – e que tinha ficado cara a cara com persas no embate de Cunaxa.
– Já pensaram nisto, rapazes., – interveio Seleuco. – Um milhão de homens!
– E abria as mãos em leque diante de si quase a representar nossa frente de batalha.
– E o que dizer dos carros falcados? – acrescentou Lisímaco. Correm como o vento nas suas planícies, e tem foices presas por baixo do

estrado que sobressaem dos eixos e ceifam os homens como se fossem espigas de trigo. Não gostaria de enfrentá–los no campo de batalha – Arapucas muito mais barulhentas que perigosas – comentou Alexandre, que até então ficara calado, ouvindo os comentários dos amigos. – O próprio Xenofonte diz isto no seu diário. De qualquer forma todos nós teremos a oportunidade de ver como os persas se saem com as armas. Em homenagem aos hóspedes, o rei meu pai organizou pára depois de amanhã uma caçada ao leão em Eordéia.
– Vai deixar que as crianças também participem? – brincou Ptolomeu.
Alexandre parou diante dele:
– Estou com treze anos e não tenho medo de nada nem de ninguém. Repita uma coisa dessas e te farei engolir todos os dentes.
Ptolomeu se conteve e os demais também deixaram de rir. Já aprenderam havia algum tempo que era melhor não provocar Alexandre apesar de ele não ter um corpo particularmente avantajado. Com efeito ele já demonstrara várias vezes possuir uma energia surpreendente e ume assombrosa rapidez de reflexos.
Eumênio propôs a todos um jogo de dados em que apostariam o soldo o da semana inteira e o assunto foi dado por encerrado. As moedas acabaram quase todas nos bolsos dele, pois o grego tinha um pendor toda particular para o jogo e o dinheiro.
Após esfriar o ânimo, Alexandre deixou os colegas entregues ao seus passatempos e foi visitar a mãe antes de se deitar. Já fazia um bom tempo que Olympias levava uma vida retirada, embora ainda mantivesse bastante autoridade no palácio como mãe do herdeiro do trono, e seu encontros com Filipe limitavam–
se quase exclusivamente às ocasiões previstas pelo cerimonial.
Enquanto isto o rei se casara com outras mulheres por razões políticas, mas continuava a respeitar Olympias e, se a rainha tivesse tido um temperamento menos arisco e difícil, teria talvez demonstrado que a antiga paixão que sentira por ela não estava de todo morta.
A soberana estava sentada em uma cadeira de braços perto de um candelabro de bronze de cinco velas e segurava um papiro aberto em cima dos joelhos. Fora do feixe daquela luz, o seu quarto estava completamente às escuras. Alexandre entrou sem fazer barulho:
– O que está lendo, mãe? Olympias ergueu a cabeça:
– Safo – respondeu. – Os seus versos são maravilhosos, e os seus

sentimentos de solidão são tão parecidos com os meus...
Aproximou–se da janela olhando para o céu estrelado e repetiu com voz vibrante e melancólica os versos que acabava de ler:
A noite já chegou à metade do seu curso, a lua e as Plêiades já se puseram e eu jazo em meu leito... solitária.
Alexandre chegou–se a ela e viu, na luz incerta do luar, o brilho de uma lágrima vacilando nos cílios da mãe, e depois cair escorrendo sobre a pálida face.



CAPÍTULO 8

O chefe do cerimonial mandou tocar os trompetes e os dignitários persas entraram solenemente na sala do trono. O chefe da delegação era Arsames, o sátrapa da Frigia, acompanhado pelo governador militar da província e por outros maiorais que seguiam alguns passos atrás dele.

Eram flanqueados por uma escolta de doze Imortais, os soldados imperiais, todos escolhidos pela imponência da altura, a majestade do porte e a nobreza da linhagem.

O sátrapa ostentava a tiara mole, o chapéu de maior prestígio era a tiara rígida que só o imperador podia usar. Vestia um sobretudo de bisso verde bordado com dragões de prata sobre calças adamascadas e pantufas de pele de antílope. Os demais dignitários também ostentavam as vestes incrivelmente ricas e requintadas.

Mas os que mais chamavam a atenção dos presentes eram os Imortais do Grande Rei. Com a altura de quase seis pés e a pele olivácea, tinham negras barbas crespas e cabelos vistosamente arrumados e frisa no calamistro. Vestiam longos sobretudos dourados que chegavam até os pés sobre túnicas de bisso azul e calças da mesma cor bordadas com abelhas de ouro. Traziam a tiracolo os mortíferos arcos de curva dupla e as aljavas de cedro marchetadas com marfim e lâminas de prata.

Avançavam com passo cadenciado apoiando no chão os cabos das lanças que terminavam com punhos de ouro em forma de romã. No quadril de cada um estava presa a mais linda arma de parada que jamais se viu sair das mãos de um armeiro em todo o mundo conhecido: a reluzente akinake, adaga de ouro maciço embainhada em seu estojo trabalhado em relevo e com fileiras de grifos rampantes com olhos de rubi.

A bainha, ela também de ouro fino, estava presa a uma pequena tranqueta enganchada no cinturão, de forma que a arma podia oscilar livremente a cada passo dos imponentes guerreiros e ao mesmo tempo ritmá–lo com o ondeante lampejo do precioso metal.

acolhida à altura postando nos lados da sala duas fileiras de trinta e seis

pezéteros, os poderosos soldados da sua infantaria pesada de choque. Fechados em suas couraças de bronze, seguravam os escudos com a estrela de prata dos Argeades e empunhavam as sarissas, as enormes lanças de corniso com doze pés de altura. As ponteiras de bronze, reluzentes como espelhos, chegavam a roçar no teto.
Vestindo a sua primeira armadura, que ele mesmo desenhara para o artífice, e cercado por sua guarda pessoal, Alexandre sentava num escabelo aos pés do pai. Do outro lado, aos pés da rainha Olympias, estava a irmã Cleópatra, recém–chegada à adolescência, mas já de encantadora beleza. Vestia um peplo ático que lhe deixava os braços e os ombros descobertos recaindo em elegantes dobras sobre os pequenos seios viçosos e usava sandálias de fitas de prata.
Ao chegar diante do trono, Arsames cumprimentou o casal real com uma mesura e aí abriu espaço para os dignitários com os presentes: um cinto de malha de ouro com águas marinhas e olhos de tigre para a rainha e uma couraça indiana entalhada na carapaça de uma tartaruga para o rei.
Filipe mandou que o chefe do cerimonial se aproximasse com os presentes para o imperador e a imperatriz: um elmo cítico em lâminas de ouro e um colar cipriota com delicados corais encastoados em prata.
Depois das solenes frases de praxe, os hóspedes foram introduzidos na sala das reuniões vizinha onde sentaram em confortáveis divãs para tratarem do acordo preliminar de intenções que estava na ordem do dia. Também foi permitida a presença de Alexandre, pois Filipe queria que ele começasse a entender as responsabilidades de um homem de governo e a maneira como cuidar das relações com uma potência estrangeira.
O objeto das negociações era uma espécie de protetorado por parte de Filipe sobre as cidades gregas da Ásia, sem prejuízo do reconhecimento formal da soberania persa sobre o território. Os persas, por sua vez, receavam o avanço de Filipe em direção aos Estreitos, uma região muito sensível, traço–de–união entre dois continentes e três grandes áreas: a Ásia Menor, a Ásia Interior e a Europa.
Filipe procurou arrolar seus motivos sem alarmar excessivamente os seus ouvintes:
– Não me interessa perturbar a paz na região dos Estreitos. A minha meta é consolidar a supremacia dos macedônios entre o golfo ático e o

litoral ocidental do mar Negro, coisa que certamente trará estabilidade à área dos Estreitos, passagem e via comercial vital para todos nós.
Deu um tempo para o intérprete traduzir e espiou a expressão dos hospedes enquanto as suas palavras passavam uma depois da outra o para o persa. Arsames não deixou transparecer qualquer tipo de reação emotiva. Virou– se para Filipe fitando–o nos olhos, como se pudesse entendê–lo diretamente, e afirmou:
– O problema que o Grande Rei gostaria de resolver é o do teu relacionamento com os gregos da Ásia e com alguns dinastas da costa oriental do Egeu. Nós sempre favorecemos a autonomia deles e preferíramos que as cidades gregas fossem regidas por gregos... nossos amigos, é claro. E isto sempre nos pareceu ser uma sábia solução, pois de um lado respeita as tradições e a nossos. Infelizmente... – continuou depois o tradutor terminara – estamos falando de uma região de fronteira que sempre foi motivo de atrito para não dizer de violenta contestação até mesmo de guerra aberta.
O assunto estava começando a ficar delicado e Filipe, para desanuviar o ambiente, fez um sinal ao chefe do cerimonial para que mandasse entrar alguns lindos jovens e formosas garotas, todos em trajes bastante sumários, para servirem doces e vinho temperado diluído com neve do monte Vérmio guardada em jarrões nas adegas reais.
As taças de prata estavam cobertas de uma leve geada que conferia ao metal uma espécie de pátina opaca e transmitia ao olhar, antes me que à mão, uma agradável sensação de frescor. O rei esperou que, os estrangeiros se servissem e aí retomou a conversa.
– Sei muito bem do que está falando, meu ilustre hóspede. Reconheço que no passado já houve muitas guerras sangrentas entre gregos sem que jamais se chegasse a uma solução definitiva. Gostaria entretanto de lembrar que o meu país e os soberanos que me antecederam sempre desempenharam um papel mediador, e peço–te portanto relatar ao Grande Rei que a nossa amizade com os estados gregos da Ásia só existe porque estamos cientes das origens comuns, da comum religião e dos antigos vínculos de hospitalidade e parentesco...
Arsames continuava escutando com a mesma expressão de esfinge à qual os olhos bistrados acrescentavam uma estranha fixidez estatuária. Alexandre, por sua vez, espiava ora o hóspede estrangeiro ora o pai procurando entender o que se escondia atrás daquele biombo de

palavras convencionais.
– Não nego – recomeçou Filipe após uma pausa – que é nosso interesse mantermos com aquelas cidades relações comerciais e, mais ainda, tirarmos o maior proveito possível de sua grande experiência em todos os setores do conhecimento. Queremos aprender a construir, a navegar pelos mares, e regular o curso das águas na nossa terra...
Inesperadamente o persa adiantou–se ao intérprete:
– E o que está preparado a oferecer em troca?
Filipe soube ocultar com bastante habilidade a sua surpresa, esperou a tradução da pergunta e respondeu imperturbável:
– Amizade, presentes hospitaleiros e produtos que só a Macedônia pode fornecer: a madeira das nossas florestas, magníficos cavalos e vigorosos escravos das planícies ao longo do rio Istros. Eu só desejo que todos os gregos que vivem nas costas do nosso mar vejam no rei dos macedônios o seu amigo natural. Só isto.
Os persas pareceram contentar–se com aquilo que Filipe ia contando, e de qualquer forma perceberam que, mesmo que ele estivesse mentindo, ainda não podia se dar ao luxo de planejar movimentos agressivos, e por enquanto isto já bastava. Quando saíram rumo à sala do banquete, Alexandre aproximou–se do pai e murmurou em seu ouvido:
– O que há de verdadeiro naquilo que disse?
– Quase nada – respondeu Filipe, saindo para o corredor.
– Quer dizer que eles também...
– Quase nada disseram que realmente importe.
– Mas então para que servem estas reuniões?
– Para que nos cheiremos.
– Para que nos cheiremos? – repetiu Alexandre.
– Pois é. Um verdadeiro político não precisa de palavras, confia muito mais no próprio nariz. Por exemplo, no seu entender ele gosta mais de garotos ou de garotas?
– Quem?
– O nosso hóspede, é claro.
– Ora... como é que vou saber?
– Gosta de garotos. Fingia estar olhando as moças, mas na verdade espiava, toda vez que podia e meio de soslaio, o rapaz louro que servia o vinho gelado. Instruirei o mestre de cerimônias para que faça com que ele o encontre na cama. Vem da Bitínia e conhece a língua, será através

dele que talvez consigamos descobrir mais alguma coisa a respeito do que o nosso hóspede realmente pensa. Quanto a você, depois do banquete levará os nossos convidados para uma volta pelo palácio e seus jardins.
Alexandre anuiu e, quando chegou a hora, encarou com entusiasmo a tarefa que lhe fora confiada. Havia lido muito sobre o império persa, conhecia quase de cor A educação de Ciro do ateniense Xenofonte, e considerara com bastante atenção a História persa de Ctésias, uma obra cheia de fantásticos exageros, mas interessante devido a certos detalhes de costume e paisagem.
Agora, porém, era a primeira vez que podia conversar com alguns persas em carne e osso. Acompanhado por um intérprete, mostrou–lhes o palácio e os aposentos dos jovens nobres, e logo prometeu a si mesmo que iria dar uma bronca em Lisímaco, pois a sua cama não estava devidamente esticada. Explicou que os pimpolhos da aristocracia macedônia eram educado juntamente com ele.
Arsames observou que o mesmo acontecia também na capital deles, Susa. Desta forma o soberano se assegurava da fidelidade dos chefes e dos reis vassalos, criando ao mesmo tempo uma geração de nobres estreitamente ligados ao trono.
Alexandre mostrou as estrebarias dos eteros, os nobres que militavam na cavalaria e que por isto mesmo eram chamados "companheiros do rei", e fez com que assistissem às evoluções de alguns soberbos corcéis tessálios.
– Magníficos animais – comentou um dos dignitários.
– Vocês também tem animais tão belos? – perguntou Alexandre, um tanto ingenuamente.
O dignitário sorriu:
– Já ouviu falar, príncipe, nos ginetes niseus? Alexandre sacudiu a cabeça embaraçado.
– São animais de incrível beleza e vigor que só são levados a pastar nos planaltos da Média, onde cresce uma forragem muito rica em propriedades nutritivas, justamente conhecida como alfafa "médica". Em particular, as partes mais energéticas são as flores de cor púrpura. O cavalo do imperador só é alimentado com flores medicinais, recolhidas uma por uma por seus moços de estrebaria e servidas frescas na primavera e no verão, e passas no outono e no inverno.

corcel alimentado somente com flores. Passaram então a visitar os jardins onde a rainha mandara plantar todas as variedades conhecidas das rosas de Piéria, que naquela época do ano exalavam um perfume extremamente delicado e intenso.
– Nossos jardineiros fazem delas infusões e essências para as damas da corte – disse Alexandre –, mas eu já li acerca dos seus parques que nós gregos chamamos "paraísos"... São tão lindos?
– O nosso povo tem sua origem nas estepes e nos áridos planaltos do norte e portanto os jardins sempre foram para nós um sonho. Na nossa língua chamam– se pairidaeza: ficam fechados atrás de altos muros e são atravessados por complexos sistemas de irrigação que mantêm verde relva em qualquer estação do ano. Os nossos nobres lá cultivam qualquer tipo de plantas locais e exóticas, e ambientam neles bichos ornamentam, trazidos de todos os cantos do império: faisões, papagaios, pavões, mas também tigres, leopardos brancos, panteras negras. Procuramos recriara perfeição do mundo assim como primitivamente saiu das mãos do nosso deus Ahura Mazda, que seu nome seja eternamente louvado.
Em seguida Alexandre levou–os numa carruagem fechada para uma visita à capital com seus monumentos, templos, pórticos e praças.
– Também temos outra capital, no entanto – explicou. – Aigai, no sopé do monte Vérmio: é de lá que vem a nossa família, e é onde jazem os nossos reis. E verdade que vocês também tem várias capitais?
– Certamente, jovem príncipe – respondeu Arsames. – Temos quatro capitais. Pasárgada corresponde à sua Aigai, sede dos primeiros reis. Lá em cima, no planalto acariciado pelo vento, ergue–se o túmulo de Ciro, o Grande, fundador da dinastia. Aí temos Ecbátana, no Elam, entre as montanhas do Zagros cobertas de neve quase o ano todo, que é a capital de verão. As muralhas da fortaleza são revestidas de ladrilhos esmaltados sobre lâmina de ouro, e quando o sol se põe faz com que reluzam como jóias sobre o fundo imaculado da neve. É um espetáculo tocante, príncipe Alexandre. A terceira capital é Susa, onde o Grande Rei reside durante o inverno, e finalmente a quarta, a capital do ano bom, é a altaneira Persépolis, perfumada de cedro e de incenso e ornada por inúmeras colunas purpúreas e douradas. Lá fica guardado o tesouro real, e não há palavras para descrever a maravilha. Espero que um dia possas visitá–la.

Alexandre escutava extasiado, quase podia ver com os olhos da imaginação aquelas cidades fabulosas, os jardins de sonho, os tesouros acumulados durante séculos, as paisagens sem fim. Depois que voltaram ao palácio convidou os hóspedes a sentarem em assentos de pedra e mandou servir taças de hidromel. Enquanto tomavam a bebida, perguntou:

– Diga–me, quão extenso é o império do Grande Rei?

Os olhos do sátrapa iluminaram–se e sua voz ressoou inspirada, de um poeta que canta a sua terra natal:

– O império do Grande Rei alcança ao norte até onde os homens já não podem viver por causa do frio e ao sul até onde os homens não podem sobreviver devido ao calor, e ele reina sobre cem nações, desde os etíopes crespos que usam peles de leopardo até os etíopes lisos que vestem peles de tigre. Dentro de suas fronteiras existem desertos que ninguém jamais ousou atravessar, elevam–se montanhas que nenhum pé humano jamais ousou galgar, tão altas que seus deuses e homens igualmente sagrados: o Nilo, o Tigre, o Eufrates e o Indo, e mais mil outros como o imponente Choaspes ou o caudaloso Araxe, que deságua no Cáspio, um mar misterioso do qual se ignoram os limites, mas tão vasto que nele se espelha a quinta parte do céu... E há uma estrada que sai da cidade de Sardes atravessa a metade das suas províncias até a capital Susa: uma estrada toda calçada de pedra, com portais de ouro.

De repente Arsames calou–se e fitou Alexandre nos olhos. Viu naquele olhar um formidável desejo de aventura e o brilho de uma força vital invencível. Compreendeu que naquele jovem ardia uma alma mais poderosa que qualquer outra que ele até então encontrara em sua vida. Lembrou–se então de um episódio que acontecera muitos anos antes e do qual se falara durante um bom tempo na Pérsia: certo dia, no interior do templo do fogo na Montanha da luz, um sopro improviso saído do nada havia apagado a chama sagrada.

E teve medo.

CAPÍTULO 9

A caçada teve início aos primeiros alvores do dia e, graças a vontade do rei, dela também participaram os rapazes mais jovens: Alexandre com seus amigos Filotas, Seleuco, Heféstion, Perdica Lisímaco, Leonato, além de Ptolomeu, Cratero e alguns outros.

Eumênio, que também havia sido convidado, pediu que o dispensassem devido a uma incômoda complicação intestinal e mostrou uma receita do médico Filipe que prescrevia repouso absoluto por pelo menos dois dias e uma dieta adstringente à base de ovos cozidos.

O rei Alexandre do Epiro mandara trazer especialmente para a ocasião uma matilha de cães de grande porte e aguçado faro, que agora estavam sendo soltos pelos batedores que desde a noite anterior estavam acampados às margens de um bosque montano. Eram cães chegados do Oriente havia mais de um século, e uma vez que se haviam adaptado muito bem aos ares do Epiro, terra dos molossos na qual ainda havia a melhor criação desta raça, estes animais também eram chamados molossos. Por seu vigor, seu notável tamanho e resistência à dor eram que de melhor se podia querer numa expedição de caça.

Já fazia algum tempo que os pastores da região haviam assinalado por lá a presença de um leão macho que espalhava o terror entre os rebanhos de ovelhas e as manadas de gado grosso, e Filipe esperara proposta igual àquela ocasião para acabar com a fera, iniciar o filho no único passatempo que condiz com um aristocrata e oferecer aos hóspedes persas uma diversão à altura da sua condição.

Haviam deixado o palácio de Pela três horas antes do alvorecer e nascer do sol já estavam no sopé do maciço montanhês que separa o vale do Áxios daquele do Lúdias. A fera escondia–se em algum lugar no bosques de carvalhos e faias que cobriam a montanha.

O soberano fez um sinal e os monteiros tocaram seus cornos para que o som, multiplicado pelo eco, ricocheteasse até os cumes e fosse ouvido pelos batedores. Estes soltaram os cães e seguiram a pé atrás deles, também provocando grande estardalhaço ao baterem com as ponteiras dos dardos contra os escudos.

O vale logo ressoou com os latidos dos molossos e os caçadores mantiveram–se alerta formando um semicírculo, num arco de talvez quinze estádios.
No centro havia Filipe com os seus generais: Parmênio, Antípatro e Cleito, dito o Negro. Ao lado, para a direita, estavam os persas, e todos se haviam admirado com a transformação deles: nada mais de túnicas bordadas e sobretudos espalhafatosos. O sátrapa e seus Imortais usavam roupas dos seus antepassados nômades das estepes: bragas de couro, corpete, boné rígido, dois dardos na presilha, arco de curva dupla e flechas.
À esquerda do soberano estavam perfilados o rei Alexandre do Epiro com Ptolomeu e Cratero, e aí os mais jovens: Alexandre, Heféstion, Seleuco e os demais.
Uma nuvem de neblina descia ao longo do rio e se espalhava como leve véu sobre a planície muito verde e cheia de flores, ainda quase totalmente obscurecida pela sombra da montanha. De repente um rugido rasgou o silêncio matinal encobrindo o latido longínquo dos cães, e os cavalos relincharam e bufaram excitados, tanto assim que era difícil dominá–los.
Ninguém se mexia, no entanto, à espera que o leão se mostrasse em campo aberto. Mais um rugido ressoou, desta vez mais forte, e outra ecoou logo a seguir mais longe, na direção do rio: também havia uma fêmea por perto!
Finalmente o grande macho saiu do bosque e, vendo–se cercado, lançou um urro ainda mais possante que fez estremecer a montanha e espantou os cavalos. A fêmea apareceu logo a seguir, mas as duas feras hesitavam em avançar devido à presença dos caçadores, mas tampouco poderiam voltar, pressionadas que eram pelos batedores. Procuraram então uma saída do lado do rio.
Filipe deu o sinal do início da caça e todos correram pela planície justamente na hora em que o sol aparecia por trás do maciço enchendo o vale de luz.
Alexandre e seus companheiros, que pela posição estavam mais perto da margem do rio, no afã de mostrarem sua audácia incitaram cavalos para impedir a fuga dos leões.
Por sua vez o rei, preocupado com a possibilidade dos garotos se meterem em sérios apuros, também lançava–se adiante, enquanto os

persas espalhavam– se em arco forçando suas cavalgaduras a uma velocidade cada vez maior para evitar que as feras procurassem de novo abrigo no bosque, enfrentando os cães.
Levado pelo ímpeto da corrida, Alexandre chegara nesta altura muito perto e já estava a ponto de lançar o dardo contra o macho que ladeava quando, espantada pela matilha que aparecera subitamente do bosque, a fêmea deu uma repentina meia volta e pulou por trás no cavalo do príncipe derrubando–o.
A leoa ficou cercada pelos cães e teve de abandonar a presa, de forma que o corcel logo se levantou e fugiu a galope dando coices, relinchando e manchando de sangue a pradaria por onde passava.
queda perdera o dardo, mas naquele instante chegou Heféstion empunhando a sua haste e ferindo de leve a fera, que urrou de dor.
Enquanto isto a fêmea já degolara uns dois cães e virava–se para o companheiro que, furibundo, atacava Heféstion. O rapaz defendia corajosamente com a ponta do dardo, mas o leão dava umas terríveis patadas, rugia e fustigava os próprios flancos com a cauda.
Filipe e Parmênio estavam perto, mas agora era questão de segundos. Alexandre já segurava de novo a sua lança e se aprontava para acertar o leão, sem perceber, contudo que a fêmea estava para dar o bote.
Naquela hora um dos guerreiros persas, o mais distante de todos esticou o arco e soltou a flecha sem nem parar para mirar. A leoa pulou, mas a seta, com um silvo agudo, fincou–se no seu flanco prostrando–a no chão em agonia.
Filipe e Parmênio caíram em cima do macho afastando–o dos rapazes.
Quem o feriu primeiro foi o rei, mas logo a seguir Alexandre e Heféstion voltaram ao ataque por sua vez ferindo–o, de forma que Parmênio só teve o trabalho de dar o golpe de misericórdia.
Em volta, os cães latiam e ganiam como loucos e os batedores deixavam– nos lamber o sangue das duas feras para que se lembrassem do cheiro na caçada seguinte.
Filipe desmontou do cavalo e abraçou o filho:
– Deixou–me assustado, meu rapaz, mas também cheio de orgulho. Um dia será certamente rei. Um grande rei. – E também deu um abraço em Heféstion, que arriscara a sua vida para salvar a de Alexandre.
Depois da excitação se acalmar um pouco e de os monteiros começarem a esfolar as duas feras abatidas, todos lembraram o momento crucial, o

momento em que a leoa dera o bote.
Olharam para trás e viram o estrangeiro, um dos Imortais, imóvel no seu cavalo e ainda segurando o grande arco de curva dupla que acabara com a fêmea de uma distância superior a cem passos. Sorria, deixando entrever no meio da barba corvina uma dupla fileira de dentes branquíssimos.
Só então Alexandre percebeu estar coberto de contusões e de escoriações e viu que Heféstion sangrava de um ferimento, superficial, mas doloroso, infligido pelas garras do leão. Abraçou–o e mandou que o entregassem sem demora aos cuidados dos cirurgiões. Aí virou–se para o guerreiro persa que, montado em seu corcel niseu, o fitava de longe. Aproximou–se a pé e chegou perto dele. Fitou–o nos olhos e disse:
– Obrigado, hóspede estrangeiro. Não irei esquecer.
O Imortal não compreendeu as palavras de Alexandre, pois não conhecia o grego, mas entendeu o sentido. Sorriu mais uma vez, fez uma mesura e aí incitou o cavalo e juntou–se aos companheiros.
A caçada continuou logo a seguir e durou até o pôr–do–sol, quando foi dado o sinal de encerramento. Os carregadores amontoaram as presas que haviam tombado sob os golpes dos caçadores: um veado, três Javalis e alguns cabritos monteses.
Ao escurecer todos os participantes da caça reuniram–se numa grande tenda que os servos haviam armado no meio da planície e, enquanto riam e faziam algazarra lembrando os momentos mais memoráveis do dia, os cozinheiros tiraram os animais dos espetos e os senescais os trincharam em largas fatias que foram servidas aos comensais: primeiro o rei, depois os hóspedes, aí o príncipe e enfim os demais.
Não demorou para o vinho escorrer com fartura e Alexandre e seus amigos também puderam aproveitar. Com o que fizeram naquele dia haviam claramente demonstrado ser verdadeiros homens.
Em certa altura também apareceram umas mulheres: tocadoras de flauta, bailarinas, todas muito sabidas na arte de animar um banquete com suas danças, seus motejos picantes e o ardor juvenil ao fazer amor.
Particularmente alegre, Filipe decidiu que os hóspedes também participariam do jogo do cótabo e mandou o intérprete traduzir para os persas:
– Está vendo aquela jovem? – perguntou apontando para uma dançarina que naquele momento estava se despindo. – Tem de acertá–la

exatamente entre as coxas com as últimas gotas de vinho que sobrarem em suas taças. Quem acertar na mosca, a receberá como prêmio. Assim, deste jeito, mirem! – Segurou com o indicador e o médio uma das asas e lançou o vinho em direção à mocinha. As gotas salpicaram no rosto de um dos cozinheiros e todos caíram na gargalhada:
– Tem de comer o cozinheiro, senhor! O cozinheiro! O cozinheiro!
Filipe deu de ombros e tentou de novo. Apesar da jovem ter se aproximado e mostrar agora um alvo bastante visível, a pontaria do rei parecia contudo um tanto confusa.
Não muito acostumados a tomar vinho puro, quase todos os persas já tinham rolado por baixo das mesas e o hóspede principal, por sua vez continuava a botar as mãos no rapazinho louro que havia sido seu companheiro na noite anterior.
Houve mais tentativas, mas a brincadeira não teve muito sucesso pois nesta altura os comensais estavam todos bêbados demais para aquele jogo de destreza, e cada um agarrou a primeira mocinha que ficou ao seu alcance enquanto o soberano, como anfitrião, guardou para si aquela que havia sido escolhida como prêmio para o vencedor. Como de hábito, o festim degenerou transformando–se em orgia, um amontoado de corpos seminus e suados.
Alexandre levantou–se e, protegido por um manto, afastou–se andando até a margem do rio. Ouvia–se o murmurar da água entre pedras e a lua, que naquele momento superava os cumes do Vérmio prateava as ondas e espalhava pela pradaria uma leve claridade opalina.
Da tenda, a gritaria e os grunhidos chegavam agora mais abafados, enquanto por sua vez cresciam os barulhos da floresta: sussurros, farfalhar de asas, frufrus e aí, de repente, um canto. Um tilintar como de nascente, um gorjear primeiro grave e aí cada vez mais agudo e argentino que ressoava como os acordes de um misterioso poeta na escuridão rosa do bosque. O canto do rouxinol.
Alexandre ficou absorto ouvindo a melodia do pequeno cantor sem se dar conta da passagem do tempo. Subitamente percebeu uma presença atrás de si e virou–se. Era Leptine. As mulheres trouxeram–na para ajudar na arrumação das mesas.
Olhava para ele de mãos cruzadas nos joelhos, e o seu olhar era límpido e sereno quanto o céu acima deles. Alexandre acariciou–lhe o rosto num afago, depois mandou–a sentar ao seu lado e segurou–a entre os braços,

em silêncio.
Após o merecido descanso noturno voltaram para Pela com os hóspedes persas que foram convidados a demorar–se mais um pouco para o solene banquete marcado para o dia seguinte.
A rainha Olympias pediu que o filho fosse logo visitá–la e, ao vê–lo todo cheio de arranhões e vistosos hematomas nos braços e nas pernas, abraçou–o convulsamente, mas ele retraiu–se sem jeito.
– Contaram–me o que você fez. Poderia ter morrido.
– Não receio a morte, mãe. O poder e a glória de um rei só se justificam se ele estiver pronto a sacrificar a vida, quando chega a hora.
– Eu sei. Mas ainda estremeço ao pensar naquilo que houve. Eu te peço: refreia a sua audácia, procure não se expor inutilmente. Ainda é um garoto precisa crescer, fortalecer o teu corpo.
Alexandre fitou–a com firmeza:
– Preciso ir em busca do meu destino, e a minha jornada já começou. Sei disto sem a menor dúvida. O que não sei, mãe, é para onde me levará e quando chegará ao fim.
– Isto é algo que ninguém conhece, meu filho – observou a rainha, com tremor na sua voz. – O Destino tem o rosto coberto por um negro véu.



CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte à partida dos persas, Alexandre Epiro entrou no quarto do sobrinho carregando um embrulho.

– O que é? – perguntou Alexandre.

– Um pobre orfãozinho. A mãe dele foi morta pela leoa durante a caçada. Você o quer? É de ótima raça, e se lhe quiser bem vai afeiçoar–se a você como um ser humano.

Abriu o embrulho e mostrou um cachorrinho de penugem fulva e extremamente macia, com uma mancha mais clara bem no meio da testa.

– Chama–se Péritas.

Alexandre segurou–o, apoiou–o nos joelhos e começou a afagá–lo.

– Bonito nome. E o bichinho é uma maravilha. Posso realmente ficar com ele?

– É seu – respondeu o tio. – Mas terá de tomar conta dele. Ainda não foi desmamado.

– Leptine vai cuidar disto. Vai crescer logo e será meu cão de caça e de companhia. Fico muito grato.

Leptine adorou a sua nova tarefa e dedicou–se a ela com entusiasmo e responsabilidade. Nesta altura os sinais da sua infância atormentada estavam lentamente desaparecendo e a jovenzinha parecia florescer cada vez mais com o passar dos dias. A sua pele tornara–se mais clara e luminosa, seus olhos mais límpidos e expressivos, e os cabelos castanhos, que brilhavam com reflexos acobreados, mais sedosos.

– Vais levá–la para a cama, quando estiver pronta? – perguntou Heféstion com um sorriso maroto.

– Talvez – rebateu Alexandre. – Mas não foi por isto que a tirei da lama onde a encontrei.

– Não? E por que, então? Alexandre não respondeu.

O Inverno seguinte foi particularmente rigoroso, e o rei padeceu mais de uma vez violentas dores na perna esquerda, onde um antigo ferimento continuava a repercutir seus efeitos negativos mesmo depois de tanto tempo.

O médico Filipe aplicava pedras aquecidas no fogo e envolvidas em panos de lã para absorverem o excesso de umidade e o friccionava com essência de terebinto. Às vezes forçava–o brutalmente a dobrar o joelho até roçar a nádega com o calcanhar, e este era o exercício que o soberano mais detestava, pois era muito doloroso. Acontece, contudo, que ainda havia o perigo que a perna, já um pouco mais curta que a outra, continuasse a se atrofiar.
Era extremamente fácil saber quando o rei perdia a paciência, pois urrava como um leão e logo se ouvia o barulho de pratos e potes despedaçados, sinal que jogara contra a parede todos os ungüentos, as tisanas e os remédios do seu homônimo médico.
Ás vezes Alexandre deixava o palácio de Pela e se isolava em Aigai, a antiga capital nas montanhas. Passava por lá longas temporadas. Mandava acender no quarto uma gostosa fogueira e ficava horas e mais horas contemplando a neve que descia em largos flocos sobre os declives, sobre os vales e os bosques de abetos azuis.
Gostava de ver a fumaça subindo das choupanas dos pastores lá no alto ou das casas nos vilarejos, apreciava o silêncio abismal que em certas horas matinais e vespertinas reinava sobre aquele mundo mágico suspenso entre a terra e o céu, e quando se deitava ficava um bom tempo de olhos abertos no escuro, ouvindo o uivo do lobo que ecoava como lamento de longínquos e ocultos desfiladeiros.
Num dia sereno, quando o sol se punha, podia admirar o cume do Olimpo que se tingia de vermelho e as nuvens empurradas pelo vento de Bóreas a velejarem ligeiras para mundos distantes. Via os bandos de Aves que migravam e teria gostado de estar com elas sobre as ondas do Oceano ou de alcançar a esfera da lua com as asas da águia ou do falcão.
E mesmo assim, justamente naqueles momentos, percebia que isto lhe era negado e que um dia, para sempre, ele também iria dormir no grande túmulo no vale do Aigai, como os reis que o antecederam.
Percebia então que estava deixando para trás a meninice, que se tornava homem, e este pensamento dava–lhe ao mesmo tempo melancolia e febril excitação, dependendo se estivesse vendo a luz do crepúsculo invernal que se apagava com um último lampejo de púrpura sobre a montanha dos deuses, ou se olhasse a chama ardendo turbulenta nas fogueiras que os lavradores acendiam para nas encostas para revigorar o que cada vez mais se punha no horizonte.

Péritas agachava–se aos seus pés, perto do fogo, e o observava rindo, como se entendesse o que naquele momento se passava na cabeça.
Leptine, por sua vez, ficava escondida em algum canto do palácio se mostrava se ele a chamasse, ou para servir–lhe o jantar, ou para ir com ele a batalha campal, um jogo de mesa no qual se movimentavam soldadinhos de terracota.
Tornara–se bastante habilidosa, tanto assim que não raro vencia o adversário. Então o seu rosto se iluminava enquanto piscava os olhos:
– Sou a melhor! – dizia rindo. – Deveria nomear–me general!
Certa tarde em que a viu particularmente alegre, Alexandre segurou–a pela mão e perguntou:
– Leptine, realmente não lembra nada da tua infância? Qual era o seu nome, qual o seu país, e quem eram os seus pais?
A jovem amuou–se de chofre, baixou a cabeça confusa e começou a tremer como se um repentino gelo se apoderasse do seu corpo. Naquela noite Alexandre ouviu–a gritar várias vezes no sono, numa língua desconhecida.
Muita coisa mudou com a volta da primavera. Foi nesta época que o rei Filipe começou a cuidar para que o filho se tornasse o mais conhecido possível dentro e fora da Macedônia. Apresentou–o, portanto, mais de uma vez ao exército perfilado e decidiu até levá–lo consigo em algumas curtas campanhas militares.
Em tais ocasiões permitia–lhe mandar executar no seu próprio armeiro as armas mais lindas e custosas, que Alexandre desenhava pessoalmente, e mandara Parmênio escolher os mais valentes soldados para que o protegessem, deixando–o, porém aparecer na frente de combate para que pudesse cheirar, como ele mesmo dizia, o odor do sangue.
De brincadeira, os soldados chamavam Alexandre de "rei" e Filipe de "general", como se este fosse subordinado ao filho, o que dava ao soberano um imenso prazer. Filipe também convidara vários artistas para que retratassem Alexandre, transformando isto em medalhas, bustos, pinturas sobre madeira com que presentear os amigos e, sobretudo, as delegações estrangeiras ou das cidades gregas da península. Conforme as regras clássicas da arte grega, nestas imagens ele era sempre representado como um efebo de traços puros e melenas douradas movidas pelo vento.
O jovem príncipe tornava–se cada vez mais bonito: a temperatura do seu

corpo, naturalmente elevada, fazia com que não se manifestassem no seu rosto os defeitos estéticos típicos da adolescência. A sua pele era lisa, tensa e desprovida de imperfeições, levemente rosada nas faces e no peito.
Tinha uma farta cabeleira, macia e encaracolada, olhos grandes e expressivos, e um jeito curioso de inclinar um pouco a cabeça sobre o ombro direito que conferia uma intensidade toda particular ao seu olhar, como se estivesse perscrutando o seu interlocutor até dentro da alma.
Certo dia o pai convocou–o no seu estúdio: um aposento austero com as paredes cobertas de prateleiras que continham em parte os documentos da sua chancelaria e, em parte, as obras literárias com as quais se entretinha.
Alexandre apresentou–se de imediato, deixando do lado de fora Peritas, que nesta altura já dormia com ele e o acompanhava em qualquer lugar.
Roçou–lhe com os dedos o lábio superior: – Começa a despontar a primeira penugem e tenho um presente para você.
Tirou de uma gaveta um estojo de madeira de buxo marchetado com a estrela de dezesseis pontas dos Argeades e o entregou. Alexandre o abriu:
continha uma navalha de bronze bem afiada e uma pedra de amolar.
– Obrigado, mas não creio que me chamou por isto.
– Não, com efeito – rebateu Filipe.
– E por que, então?
– Está a ponto de partir.
– Estou sendo mandado embora?
– De certa forma.
– Aonde irei?
– Para Mésia.
– Fica perto. Pouco mais de um dia de viagem. Por quê?
– Morará ali durante os próximos três anos para completar a sua educação. Há diversão demais, aqui em Pela: a vida palaciana, as mulheres, os banquetes. Em Mésia, ao contrário, preparei um lugar maravilhoso, um jardim atravessado por águas límpidas, um pequeno bosque de ciprestes e loureiros, moitas de rosas...
– Papai – interrompeu Alexandre – o que está havendo contigo? Filipe recobrou–se:
– Comigo? Nada. Por quê?

– Está falando de rosas, pequenos bosques... Parece–me estar ouvindo um urso que recita os versos de Alceu.
– Meu filho, só queria dizer que preparei para você o lugar mais lindo e mais acolhedor do mundo, pois é lá que levará adiante a sua instrução e a sua formação como homem.
– Já me viu cavalgar, lutar, caçar um leão. Sei desenhar, conheço geometria, falo macedônio e grego...
– Não basta, meu rapaz. Sabe como me chamam os gregos depois que venci aquela maldita guerra sagrada deles, depois que lhes dei paz e prosperidade? Chamam–me Filipe, o Bárbaro. E sabe o que isto significa? Significa que nunca irão me aceitar como líder e chefe porque me desprezam, embora me temam. Temos atrás de nós planícies imensas percorridas por povos nômades, bárbaros e selvagens, e diante de nós as cidades dos gregos que se espelham no mar, que alcançaram os mais altos níveis de excelência nas artes, nas ciências, na poesia, na técnica, na política. Somos como aqueles que sentam diante de uma fogueira numa noite de inverno: o nosso rosto é iluminado e o peito é aquecido pelo fogo, mas atrás de nós só há frio e escuridão.
– Por isto lutei, para guarnecer a Macedônia com fronteiras seguras e inexpugnáveis; e, por isto, tudo farei para que meu filho apareça aos gregos como grego: na mente, nos hábitos, até mesmo na aparência física. Terá a educação mais requintada e completa que possa um homem hoje em dia receber. Poderá recorrer à mente mais sublime na elaboração dos conceitos entre todas as que existem no mundo grego do ou do Ocidente.
– E quem seria este homem tão extraordinário? Filipe sorriu:
– É o filho de Nicômaco, o médico que te viu nascer, o mais brilhante entre os discípulos de Platão. O seu nome é Aristóteles.



CAPÍTULO 11

Poderei levar alguém comigo? – perguntou Alexandre depois que ouviu a vontade do pai.
– Qualquer pessoa ao seu serviço.
– Quero Leptine. E quanto aos amigos?
– Heféstion, Perdicas, Seleuco e o resto da turma?
– Gostaria muito que fossem.
– Que seja, então, mas haverá aulas às quais somente você poderá assistir, aquelas que farão de você um homem diferente de todos os demais. Caberá ao seu mestre estabelecer o programa de estudos, as matérias comuns e aquelas reservadas somente a você. A disciplina será rigorosa: nenhuma rebeldia será tolerada, nem desobediência nem falta de aplicação. E sofrerá exatamente os mesmos castigos dos seus colegas, se o merecer.
– Quando terei de partir?
– Em breve.
– Quanto em breve?
– Depois de amanhã. Aristóteles já está em Mésia. Apronte a sua bagagem, escolha o pessoal ao aeu serviço, além da garota, e passe algum tempo com sua mãe.
Alexandre anuiu e permaneceu em silêncio. Filipe olhou para ele de soslaio e viu que mordiscava o lábio inferior para não mostrar a sua comoção. Aproximou– se e apoiou uma mão no seu ombro:
– É necessário, meu rapaz, acredite em mim. Quero que se torne grego, que participe da única civilização do mundo que forma homens e não escravos, que é depositária dos conhecimentos mais avançados, que fala a língua na qual foram compostas a Ilíada e a Odisséia, representa os deuses como homens e os homens como deuses... Isto quer dizer trair as suas origens, pois de qualquer forma continuará macedônio no fundo da alma: os filhos de leões são leões.
Alexandre permanecia calado e revirava entre as mãos o estojo a sua nova navalha.
– Não ficamos juntos o bastante, meu filho – continuou Filipe passava a

mão calejada em seus cabelos, desgrenhando–os. – Não houve tempo. Procure entender, eu sou um soldado e fiz por você o que eu fui capaz de fazer: conquistei para você um reino três vezes maior do que aquele que recebi em herança do seu avo Amintas, e deixei bem claro para os gregos, principalmente para os atenienses, que aqui temos uma potência que eles devem respeitar. Mas não estou capacitado a formar a sua mente, e tampouco o estão os mestres que até agora teve aqui palácio. Eles nada mais têm a te ensinar.
– Farei o que deseja – exclamou Alexandre. – Irei a Mésia.
– Não estou te exilando, filho, vamos nos ver, irei toda vez que puder, e sua mãe e sua irmã também poderão visitá–lo amiúde. Só curei preparar para você um local de recolhimento para os seus estudo claro que também ficarão contigo o seu filósofo, quero um rei.
– Como quiser, pai.
– Mais uma coisa. Seu tio Alexandre está de partida.
– Porque?
– Até agora foi um soberano assim como o seria um ator no teatro. Tinha roupa de soberano, tinha o diadema, mas não o reino que na verdade estava nas mãos de Aribas. Seu tio, porém, já está com vinte anos: está na hora de ele começar a trabalhar. Tirarei Aribas do trono e o botarei no trono do Epiro.
– Fico contente por ele, mas lastimo que parta – disse Alexandre, acostumado que era a ouvir os planos do pai como se fossem coisa já decidida. Sabia que Aribas tinha o apoio dos atenienses, e que uma esquadra deles estava em Corcira, com um contingente de infantaria pronto a desembarcar.
– É verdade que os atenienses estão em Corcira e se aprontam para desembarcar? Acabará entrando em choque direto com eles.
– Nada tenho contra os atenienses, aliás os admiro. Mas precisam entender que se chegarem perto das minhas fronteiras botarão a mão na boca do leão.
Quanto ao seu tio, eu também lastimo separar–me dele. É um bom rapaz e um ótimo soldado... e dou–me melhor com ele do que com sua mãe.
– Sei disso.
– Acho que já nos dissemos tudo. Não se esqueça de despedir–se de sua irmã e, obviamente, do seu tio. E também de Leonidas: não é um

famoso filósofo, mas é um bom homem que te ensinou o que podia te ensinar, e sente por você o orgulho que poderia sentir por um filho.
Do lado de fora ouvia–se Péritas, que arranhava a porta querendo entrar.
– Farei isto – afirmou Alexandre. – Posso ir?
Felipe consentiu e aí foi até a parede atrás da escrivaninha como que procurando um documento a ser consultado, mas na verdade não queria que o filho o visse com os olhos úmidos.
Alexandre foi visitar a mãe ao entardecer do dia seguinte. Ela acabava de terminar a sua refeição e as criadas já estavam limpando a mesa. A rainha deteve– as com um gesto e mandou trazer uma cadeira.
– Já comeu? – perguntou. – Posso mandar servir alguma coisa para você?
– Já jantei, mãe. Houve um banquete de despedida para o seu irmão.
– Sei, passará para ver–me antes de se recolher. Então quer dizer que amanhã é o grande dia.
– É o que parece.
– Triste?
– Um pouco.
– Não devia. Sabe quanto seu pai está gastando para levar a Mésia meia Academia?
– Como assim, meia Academia?
– Porque Aristóteles não está só. Vieram com ele o seu sobrinho e discípulo Calístenes, e Teofrasto, o grande cientista.
– Quanto está gastando?
– Quinze talentos por ano, por três anos. Mas pode dar–se a este luxo, por Zeus, só as minas do Pangeu rendem mil por ano. Em ouro. Jogou uma quantidade tão grande de ouro no mercado ajudando amigos, corrompendo inimigos e financiando os seus projetos, que nos últimos cinco anos os preços quintuplicaram na Grécia! Até os dos filósofos.
– Vejo que está um tanto mal–humorada, mãe.
– E não deveria? Você está partindo, o meu irmão também. Eu fico só.
– Há Cleópatra. Ela te adora, e também acho que se parece muito contigo. Tão jovem, já tem um caráter forte e decidido.
– É verdade – admitiu Olympias. – Isto mesmo.
Seguiram–se alguns longos momentos de silêncio. No pátio ressoavam os cadenciados da guarda que começava o turno da noite.
– Não está de acordo? Olympias sacudiu a cabeça:

– Não é isto. De todas as decisões de Filipe, aliás, esta é certamente a mais sábia. Acontece que a minha vida é muito difícil, Alexandre, e só pode piorar. Aqui em Pela sempre fui considerada "a estrangeira", nunca me aceitaram. Enquanto seu pai me amou, tudo era suportável... foi até bom, aliás. Mas agora...
– Acho que meu pai...
– Seu pai é um rei, meu filho, e os reis não são como os outros homens: precisam casar toda vez que o interesse do povo o requer, uma, duas, três vezes, e repudiar as mulheres pelo mesmo motivo. Devem lutar em guerras intermináveis, tramar, fazer e desfazer alianças, trair amigos e irmãos, se necessário. Acha que há lugar para uma mulher como eu no coração de um homem desses? Mas não precisa ter pena. Continuo sendo uma rainha e a mãe de Alexandre.
– Pensarei em você todos os dias, mãe. Escreverei e virei visitá–la toda vez que me for possível. Mas lembre–se que meu pai é melhor que muitos outros homens. Que a maioria daqueles que conheço.
Olympias levantou–se:
– Sei disto – disse. E aproximou–se. – Posso dar–lhe um abraço?
Alexandre apertou–a junto a si e sentiu o calor das suas lágrimas nas faces. Depois virou–se para a porta e saiu. A rainha voltou a sentar em sua cadeira de braços e ficou um bom tempo imóvel, de olhos fixos no vazio.
Logo que o viu, Cleópatra jogou–se em seus braços chorando.
– Ora, ora! – exclamou Alexandre. – Não estou partindo para o exílio, só estou indo para Mésia: são apenas umas poucas horas de marcha e poderá visitar–me quando bem quiser, foi nosso pai quem disse.
Cleópatra enxugou as lágrimas e assoou o nariz:
– Só fala assim para me consolar – choramingou.
– Nada disto. E também haverá os rapazes. Sei que alguns deles já tentaram cortejar–te.
Cleópatra deu de ombros.
– Quer dizer que nenhum deles te agrada? A jovem não respondeu.
– Sabe o que andam dizendo?
– O quê? – perguntou com súbita curiosidade.
– Que gosta de Perdicas. Uns dizem também que gosta de Eumênio. Não será o caso de dizer que gosta de ambos?
– Eu só quero bem a você. – E pendurou–se de novo nele num abraço.

– Boa mentirinha – disse Alexandre –, mas vou fazer de conta que seja verdade porque me agrada. De qualquer forma, mesmo que gostasse deveras de alguém, não haveria mal nenhum nisto. Claro, não pode iludir a si mesma: quando chegar a hora, quem decidirá o seu casamento e escolherá o marido será o nosso pai, e se então estiver apaixonada poderá sofrer com isto.
– Eu sei.
– Se dependesse de mim, a deixaria escolher à vontade, mas conhecendo papai, ele não vai deixar de tirar alguma vantagem política do teu matrimônio. E não há quem não faria qualquer coisa para casar contigo. É tão linda! Então, promete que irá me ver?
– Prometo.
– E que não vai chorar quando agora mesmo eu sair por aquela porta?
Cleópatra anuiu enquanto duas gordas lágrimas escorriam em suas faces.
Alexandre deu–lhe um último beijo e foi embora.
Passou o resto da noite com os amigos que lhe haviam preparado um simpósio de despedida e embebedou–se pela primeira vez na vida. Todos os demais fizeram o mesmo e, não estando acostumados, vomitaram e passaram mal. Para não ficar atrás, Péritas mijou no chão.
Quando tentou chegar ao seu quarto de dormir, Alexandre percebeu que a façanha não era tão simples assim. Em certa altura, porém, alguém apareceu na escuridão com uma lamparina, sustentou–o, ajudou–o a ajeitar–se, passou–lhe um pano úmido no rosto, molhou seus lábios com suco de romã e foi embora. Voltou logo a seguir com uma xícara fumegante, mandou–o beber uma tisana de camomila e ajeitou–lhe os cobertores.
Num vislumbre de consciência, Alexandre a reconheceu: era Leptine.
Mésia era por si só um lugar encantador, espalhada aos pés do monte Vérmio num vale extremamente verde, atravessando por um riacho e cercada por florestas de carvalhos. Mas a residência que Filipe mandara preparar era tão linda que Alexandre chegou a pensar que o jardineiro tivesse conseguido roubar alguns dos segredos dos hóspedes persas para criar na Macedônia um "paraíso" como os que eles tinham no Elam ou na Susiana.
Uma mansão de caça havia sido completamente modificada de forma a criar dentro dela os aposentos para os hóspedes, estudo junto com as

bibliotecas, o odéon para a música e até pequeno teatro para as apresentações dramáticas. Era conhecida a alta consideração que Aristóteles tinha pelo drama trágico, mas também pela comédia.
Havia um estúdio para a classificação das plantas e um laboratório mas o que mais impressionou Alexandre foi o ateliê de pintura com um anexo, uma oficina de fundição provida de agem mais avançada e os melhores materiais perfeitamente arrumados nas prateleiras: pães de argila, cera, estanho, cobre, prata com a marca dos Argeades, a estrela de dezesseis pontas, que peso e a pureza.
Alexandre se achava relativamente bom no desenho e já esperava um pequeno estúdio luminoso com algumas tábuas alvaiades e uns carões. Mas aquela imponente parafernália pareceu–lhe um desperdício exagerado.
– Estamos aguardando um hóspede – explicou o superintendente –, mas seu pai ordenou taxativamente que eu nada contasse. Deve ser uma surpresa.
– Onde está ele? – perguntou Alexandre.
– Venha comigo. – Foi levado a uma janela do térreo que dava para o pátio do edifício. – Lá está. – O superintendente indicou o mais idoso em um grupinho de três homens que passeavam sob a ala oriental do pórtico.
Devia ter uns quarenta anos, enxuto, de porte ereto e modos comedidos e estudados. Tinha olhos pequenos e extremamente móveis que acompanhavam os gestos dos interlocutores e até mesmo as palavras nos movimentos dos seus lábios, mas que ao mesmo tempo nada perdiam daquilo que existia e acontecia em volta.
Alexandre percebeu logo que o homem o estava observando sem ter fixado os olhos nele por um momento sequer. Saiu então ao ar livre e ficou de pé diante da porta à espera que o outro completasse a meia volta do pátio até passar na sua frente.
Não demorou, e logo se viu diante dele: os olhos de Aristóteles eram cinzentos, aninhados sob uma fronte ampla sulcada por duas rugas profundas. As maçãs do rosto eram salientes e ainda mais marcadas pela magreza das faces. A boca regular era sombreada por densos bigodes e uma barba cuidadosamente tratada que lhe emoldurava o rosto conferindo à sua expressão um halo de pensativa intensidade.
Alexandre não pôde deixar de notar que o filósofo repuxava os cabelos

da nuca para encobrir a ampla calva no topo da cabeça. Aristóteles percebeu a coisa e por um instante o seu olhar ficou gélido. O príncipe baixou imediatamente os olhos. O filósofo estendeu–lhe a mão:
– Fico feliz em conhecê–lo. Gostaria de apresentar–lhe os meus discípulos: o meu sobrinho Calístenes, que estuda literatura e cultiva a história, e Teofrasto – acrescentou acenando para o companheiro que estava à sua esquerda. – Já deve ter ouvido falar na sua habilidade como zoólogo e botânico. A primeira vez que encontramos seu pai em Assos, na Tróade, ele ficou logo avoado, perdido na observação das enormes sarissas dos seus lanceiros. E quando o soberano acabou de falar, Teofrasto sussurrou no meu ouvido: "Hastas de comiso macho, cortadas em agosto com a lua nova, sazonadas, polidas com pedra–pomes e tratadas com cera de abelha. O que há de mais duro e elástico no mundo vegetal." Não é fantástico?
– Sem dúvida – concordou Alexandre apertando a mão primeiro de Aristóteles e depois dos seus assistentes, na mesma ordem com que o mestre os mencionara.
– Bem–vindo a Mésia – disse a seguir. – Ficarei honrado se quiser almoçar comigo.
Aristóteles não parara de observá–lo desde o momento em que o vira, e ficara bastante impressionado. O "garoto de Filipe", como o chamavam em Atenas, tinha uma intensa profundidade no olhar, uma notável harmonia nos traços, um timbre vibrante e sonoro na voz. Tudo nele denunciava um ardente desejo de viver e aprender, uma grande capacidade de empenho e de aplicação.
Os festosos latidos de Péritas que irrompia naquele momento no pátio e começava a mordiscar os cadarços dás sandálias de Alexandre interrompeu aquela silenciosa comunicação entre mestre e discípulo.
– E um filhote muito bonito – observou Teofrasto.
– Chama–se Péritas – disse Alexandre curvando–se e segurando–o no colo. – Foi um presente do meu tio. A sua mãe foi morta por uma leoa na última caçada da qual participamos.
– Gosta muito de você – fez notar Aristóteles.
Alexandre não respondeu e levou–os para a sala das refeições. Deixou que se acomodassem diante das mesas e aí ele também se reclinou com graça. Axistóteles estava exatamente na sua frente.
Um serviçal trouxe a jarra e a bacia para as abluções e distribuiu toalhas

de mão. Outro começou a servir o almoço: ovos de codorniz cozidos, caldo e carne de galinha, e depois pão, pombos assados e vinho de Taso. Um terceiro criado colocou no chão, perto de Alexandre, a tigela com a sopa de Péritas.
– Acredita de fato que Péritas gosta de mim? – perguntou Alexandre olhando para o cachorro que abanava o rabo, feliz, com o focinho na tigela.
– Sem dúvida – respondeu Aristóteles.
– Mas isto não implicaria o fato de um cão ter sentimentos, e portanto uma alma?
– É uma pergunta grande demais para você – observou Aristóteles descascando um ovo. – E para mim também. Uma pergunta para a qual não pode haver uma resposta segura. Lembre isto, Alexandre, um bom mestre é aquele que dá respostas honestas. Eu te ensinarei a reconhecer as características dos animais e das plantas, a subdividir em espécies e gêneros, a usar os seus olhos, seus ouvidos, suas mãos para conhecer em profundidade a natureza que te cerca. O que significa conhecer também as leis que a governam, dentro dos limites do possível.
– Está vendo este ovo? O cozinheiro ferveu–o na água e desta forma deteve o seu destino, mas dentro desta casca existia, potencialmente, uma ave capaz de andar, de se alimentar, de reproduzir–se e migrar para lugares distantes dezenas de milhares de estádios daqui. Na qualidade de ovo não é nada disto, mas traz gravadas as características – da sua espécie, a forma poderíamos dizer. A forma opera dentro da matéria com vários resultados, ou conseqüências. Péritas é uma destas conseqüências, como eu mesmo sou, e você também.
Deu uma mordida no ovo.
– E como este ovo também seria, se tivesse tido a possibilidade de tomar–se pássaro.
Alexandre olhou para ele. As aulas já haviam começado.

CAPÍTULO 12

Trouxe um presente para você – anunciou Aristóteles entrando na biblioteca. Segurava uma caixa de madeira que, pelo aspecto, parecia muito velha.

– Obrigado – disse Alexandre. – O que é?

– Abra – exortou–o o filósofo, oferecendo–a.

Alexandre a pegou, apoiou–a numa mesa e a abriu: continha dois pesados rolos de papiro, cada qual marcado com uma etiqueta branca presa aos Pauzinhos e escrita com tinta vermelha.

– A Ilíada e a Odisséia! – exclamou com entusiasmo. – Um presente maravilhoso. Muito obrigado, de verdade. Um presente que desde há muito desejava.

– É uma edição bastante antiga, um dos primeiros exemplares da versão ateniense de Pisístrato – explicou Aristóteles mostrando o cabeçalho. Mandei–a transcrever às minhas expensas quando ainda estava na Academia, em três cópias. E fico feliz em dar–lhe uma.

O superintendente, que andava por perto, achou que afinal ele bem podia dar–se a este luxo, com todo o dinheiro que Filipe lhe dava, mas ficou calado e continuou arrumando aquilo que Aristóteles pedira para as aulas do dia.

– Ler as façanhas dos heróis do passado é fundamental na educação de um jovem, assim como assistir à representação das tragédias – continuou o filósofo. – O leitor ou o espectador são levados a admirar as grandes e nobres proezas, a generosidade do comportamento de quem sofreu e deu a vida pela própria comunidade ou pelos próprios ideais ou expiou até o fim os erros seus ou dos antepassados. Não concorda comigo?

– Concordo, é claro – assentiu Alexandre, fechando a caixa com cuidado. – Há uma coisa, no entanto, que gostaria de saber, por que preciso ser educado como os gregos? Por que não posso simplesmente ser um macedônio?

Aristóteles sentou–se.

– Pergunta interessante, a sua, mas para responder terei antes de explicar

o que significa ser grego. Só assim poderá decidir se realmente quer ou não aplicar– se e aprender os meus ensinamentos. Ser grego, Alexandre, é o único modo de viver digno de um ser humano. Conhece o mito de Prometeu?
– Conheço, era o titã que roubou o fogo dos deuses para dá–lo aos homens e resgatá–los da sua miséria.
– Exatamente. Agora, desde que os homens se emanciparam da sua condição de animais irracionais, procuraram organizar–se para viverem em sociedade e desenvolveram basicamente três maneiras para fazê–lo: aquela em que um só manda e que chamamos de monarquia, aquela em que os que comandam são poucos, à qual damos o nome de oligarquia, e aquela em que todos os cidadãos exercem o poder e que chamamos de democracia. Esta é a maior realização do ser grego.
– Aqui na Macedônia, a palavra do seu pai é lei; em Atenas quem governa foi eleito pela maioria dos cidadãos, e além disto um sapateiro ou um carregador do porto podem levantar–se na assembléia e pedir que uma deliberação já votada seja revogada se encontrarem um número suficiente de pessoas dispostas a apoiar sua moção.
– No Egito, na Pérsia e também na Macedônia, há um só homem livre: todos os demais são servos.
– Mas os nobres... – tentou rebater Alexandre.
– Até os nobres. Claro, têm mais privilégios, gozam de uma vida mais agradável, mas eles também devem obedecer. – Aristóteles calou–se pois vira que suas palavras acertaram no alvo e queria que tivessem o devido efeito na alma do jovem.
– Doou–me os poemas de Homero – replicou em certa altura Alexandre – mas eu já os conheço, pelo menos em parte. E lembro muito bem que quando Tursites se levanta na assembléia dos guerreiros e ofende o rei, Ulisses bate nele com o cetro até fazê–lo chorar, e aí diz: "São as palavras de Homero."
– É verdade. Mas Homero fala de uma época muito antiga, quando os reis eram indispensáveis. Devido à dureza dos tempos, aos contínuos ataques dos bárbaros, à presença de feras e de monstros numa natureza ainda selvagem e primitiva. Presenteei–o com os poemas de Homero para que se desenvolva no culto dos sentimentos mais nobres, da amizade, do valor, do respeito pela palavra dada. Mas o homem de hoje, Alexandre, é um homem político. Quanto a isto não há dúvida. O único

ambiente onde ele pode evoluir é a polis, a cidade, assim como foi concebida pelos gregos.
– O que faz com que cada alma possa expressar–se, criar e gerar grandeza é a liberdade. Veja bem, o estado ideal seria aquele em que todos soubessem virtuosamente mandar quando velhos, depois de terem virtuosamente obedecido quando jovens.
– Mandar é o que eu faço agora e continuarei fazendo no futuro.
– Você é uma só pessoa – rebateu Aristóteles. – Eu te falo de muitos milhares de cidadãos que vivem como iguais sob a égide da lei e da justiça, a qual honra qualquer um que seja merecedor, regula as trocas e o comércio, castiga e emenda quem errou. Uma comunidade como esta não se mantém unida devido aos vínculos de sangue, de família, de tribo, como aqui na Macedônia, mas sim pela lei diante da qual todos os cidadãos são iguais. A lei conserta os defeitos e as imperfeições dos indivíduos, limita os conflitos e a competição, premia a vontade de fazer e de sobressair, encoraja os fortes, ampara os fracos. Numa sociedade dessas, já não é vergonhoso ser humilde ou pobre, mas sim nada fazer para não melhorar as próprias condições.
Alexandre ficou em silêncio, meditando.
– Agora vou dar–lhe uma prova concreta daquilo que estou dizendo continuou Aristóteles. – Venha comigo.
Saiu por uma porta lateral para o lado externo do edifício e foi até uma janelinha que dava para o laboratório de fundição.
– Olhe – disse indicando o interior. – Está vendo aquele homem?
Alexandre anuiu. No laboratório havia um homem de uns quarenta anos, usando uma curta túnica de trabalho e um avental de couro, assistido por dois ajudantes de uns vinte e uns dezesseis anos respectivamente. Os três estavam atarefados na arrumação da forja, firmando a grossa corrente que segurava o cadinho, jogando carvão na fornalha.
– Sabe quem é? – perguntou Aristóteles.
– Não faço a menor idéia.
– É o maior artista que existe atualmente no mundo. É Lisipo de Sicião.
– O grande Lisipo... Certa vez vi uma escultura dele no santuário de Hera.
– E sabe o que era antes de tomar–se o que é agora? Servente. Trabalhou quinze anos como servente numa fundição, ganhando dois

óbolos por dia. E sabe como se transformou no divino Lisipo? Graças aos regimentos da cidade. É a cidade que abre espaço ao talento, que permite o crescimento de cada homem como planta viçosa.
Alexandre observou mais uma vez o novo hóspede que tinha uma compleição poderosa: os ombros largos, os braços musculosos e as mãos largas e ossudas de quem trabalhou duramente bom tempo.
– Por que está aqui?
– Venha, vamos conhecê–lo. Ele mesmo poderá dizer. Entraram pela porta principal e Alexandre o cumprimentou.
– Sou Alexandre, filho de Filipe, rei dos Macedônios. Bem–vindo a Mésia, Lisipo. Fico honrado em conhecê–lo. Este é o meu mestre: Aristóteles, filho de Nicômaco, de Estagira. De alguma forma ele também é macedônio.
Lisipo apresentou seus discípulos, Arquelau e Carete, mas enquanto falava Alexandre sentiu o seu olhar no próprio rosto. Os olhos do artista percorriam os seus traços, redesenhando–os na mente.
– Seu pai me encarregou de moldar o seu retrato em bronze. Gostaria de saber quando poderá posar para mim.
Alexandre virou–se para Aristóteles, que disse sorrindo:
– Quando quiser, Lisipo. Eu posso perfeitamente falar enquanto o retrata... se isto não te incomodar.
– Não, não! Nada disso! – concordou Lisipo. – Será uma honra, para mim, ouvi–lo.
– O que acha do rapaz? – perguntou então o filósofo, depois que Alexandre saiu para mostrar o resto da mansão a Arquelau e Carete.
– Tem o olhar e os traços de um deus.

CAPÍTULO 13

A vida em Mésia era marcada por ritmos extremamente regulares. Alexandre e seus companheiros eram acordados todos os dias antes do sol raiar, tinham um desjejum à base de ovos crus, mel, vinho e farinha, uma mistura chamada "caneco de Nestor" porque era uma antiga receita descrita na Mada, aí saíam a cavalo com o instrutor por umas duas horas.

Após a aula de equitação os jovens eram entregues aos cuidados do mestre de armas que os adestrava para a luta, a corrida, a esgrima, o arco e flecha, a lança e o dardo. Passavam então o resto do tempo com Aristóteles e os outros.

Às vezes o mestre de armas, em lugar de treiná–los com os exercícios de sempre, levava–os para caçar juntamente com os hóspedes. Nos bosques havia javalis, veados, cabritos monteses, lobos, ursos, linces e até leões.

Certo dia, de volta de uma caçada., Aristóteles recebeu–os na porta da casa usando roupas esquisitas: calçava botas de couro curtido que chegavam até o joelho e vestia um longo avental que lhe protegia o peito. Olhou os animais abatidos e escolheu uma fêmea de javali evidentemente grávida.

– Pode levá–la ao meu laboratório? – perguntou ao monteiro–mor, e fez um sinal para que Alexandre o acompanhasse. Significava que aquela ia ser uma aula só para ele.

O rapaz tomou providências para que aprontassem tudo aquilo que o mestre queria. A fêmea de javali foi colocada sobre uma mesa ao lado da qual Teofrasto havia disposto toda uma série de instrumentos cirúrgicos perfeitamente polidos e afiados.

Aristóteles pediu que lhe dessem um bisturi e dirigiu–se ao jovem príncipe:

– Se não estiver cansado demais, gostaria que assistisse a esta operação. Irá aprender uma porção de coisas interessantes. Aqui tem material para escrever – acrescentou indicando uma caneta, tinta e algumas folhas de papiro apoiadas num leitoril –, assim poderá tomar nota e fixar tudo aquilo que verá durante a dissecação.

Alexandre deixou o arco e as flechas em um canto, pegou a caneta e os papiros e aproximou–se da mesa.
O filósofo fez uma incisão no ventre da porca e, dentro do útero do animal, logo apareceram seis pequenos javalis. Mediu–os um por um.
– Faltavam duas semanas para o parto – observou. – Pois bem, este é o útero, quer dizer a matriz onde se formam os fetos. Este saco interno é a placenta. Depois de um primeiro momento de nojo devido ao cheiro e à vista daquelas entranhas sangrentas, Alexandre começou a tomar nota e até a desenhar.
– Está vendo? Os órgãos de um javali ou de um porco, que afinal são a mesma coisa, são muito parecidos com os de um ser humano. Olhe: estes são os pulmões, quer dizer os foles que permitem a respiração, e esta membrana que separa a parte superior das entranhas, a mais nobre, da inferior é o fren, que os antigos julgavam ser a sede da alma. Na nossa língua, todas as palavras que indicam alguma atividade de pensamento ou de raciocínio, ou até mesmo de loucura, derivam do termo fren. Uma membrana.
Alexandre teria gostado de perguntar o que movia o fren, o que regulava o seu cíclico ritmo ascendente e descendente, mas já sabia a resposta: "Não existem respostas simples para problemas complexos."
E nada disse.
– Este aqui, por sua vez, é o coração: uma bomba como as que servem para esvaziar os porões dos navios, mas infinitamente mais complicada e eficiente. É a sede dos sentimentos e do intelecto pois o seu movimento acelera quando um homem está tomado de ira ou de amor, ou apenas de luxúria. Na verdade o batimento do coração acelera também quando eu subo as escadas, e isto demonstra que é o centro de qualquer função da vida do homem.
– Certo – admitiu Alexandre, fitando perplexo as mãos sangrentas do mestre que reviravam aquelas entranhas.
– Uma hipótese plausível poderia ser que quando aumenta a intensidade do viver se torna necessário que o sangue também circule mais depressa. E há dois sistemas de circulação: o que vem do coração e o que volta para ele, totalmente separados, como pode ver. Nisto – continuou, colocando o bisturi numa bandeja – nós somos muito parecidos com os animais. Mas há uma coisa em que somos nitidamente diferentes – acrescentou. – Cinzel e martelo – pediu a Teofrasto, e com uns poucos

golpes firmes e certeiros descobriu a caixa craniana do animal. – O cérebro. O nosso cérebro é muitíssimo maior. Sempre pensei que todas aquelas circunvoluções servissem para dispersar o calor do corpo, mas não me parece que o homem produza mais calor que os animais. É um problema que preciso considerar..

Aristóteles tinha terminado e passou os ferros a Teofrasto para que os mandasse limpar. Aí lavou as mãos e pediu que Alexandre lhe entregasse as anotações e os esboços.

– Excelente – comentou. – Eu não poderia ter feito melhor. E agora pode entregar esse animal ao açougueiro. Gosto muito de salsichas e de morcela frita, mas infelizmente há algum tempo não consigo digeri–las direito. Pede que me preparem umas costeletas assadas para o jantar, se não for incômodo.

Numa outra ocasião Alexandre encontrou–o ocupado na mesma operação, mas com um objeto muito menor: um ovo de galinha que havia sido chocado por apenas dez dias.

– Os meus olhos já não são os mesmos de antigamente, e agora preciso da ajuda de Teofrasto. Presta atenção, pois no futuro você mesmo terá de assistir–

me.

Teofrasto, manuseava com incrível precisão uma lâmina muito fina e afiada que segurava entre o indicador e o polegar. Separara a clara e isolara o feto dentro da gema.

– Dez dias depois que começou o choco já é possível reconhecer o coração e os pulmões do pintinho. Está vendo? Você que tem bons olhos, pode vê–los?

Teofrasto indicou os pequenos grumos sangrentos aos quais o mestre se referia.

– Estou vendo – exclamou Alexandre.

– Pois bem, o mesmo mecanismo faz com que de uma semente se desenvolva uma planta.

Alexandre fitou–o nos pequenos olhos cinzentos, irrequietos.

– Já fez isto com um ser humano? – perguntou.

– Várias vezes. Dissequei fetos que só tinham poucas semanas de gestação. Pagava uma parteira que praticava em um bordel pelas bandas do Cerâmico em Atenas.

O jovem empalideceu.

– Não precisa ter medo da natureza – fez–lhe notar Aristóteles – Sabe mais o quê? Quanto mais os seres vivos estão perto do momento em que foram concebidos, mais se parecem entre si.
– Quer dizer que todas as formas de vida têm a mesma origem?
– Talvez, mas não necessariamente. Acontece, meu bom rapaz, que a matéria é muita, a duração da vida humana é breve, os meios de investigação são escassos. Entende por que é tão difícil dar respostas? É preciso ter humildade. É necessário estudar, descrever, catalogar, dar um passo de cada vez, alcançar níveis cada vez maiores de conhecimento. Como quando se sobe uma escada, um degrau depois do outro.
– Entendo – concordou Alexandre, mas na expressão do seu rosto lia–se uma ansiedade que contrastava com as suas palavras, como se o desejo de conhecer o mundo não conseguisse se conciliar com a paciente disciplina que o mestre lhe propunha.
Durante um bom tempo Lisipo limitou–se a aparecer durante as aulas. E, enquanto Aristóteles falava ou praticava uma das suas experiências, traçava esboços e desenhos do rosto de Alexandre, ou sobre folhas de papiro, ou sobre tábuas de madeira alvejada com gesso ou com cerusita. Aí, certo dia aproximou– se dele e disse:
– Estou pronto.
A partir de então Alexandre teve de empenhar–se diariamente pelo menos por uma hora no estúdio de Lisipo para as poses definitivas. O artista colocara um bloco de argila sobre um suporte e estava modelando um retrato. Seus dedos escorriam rápidos sobre o barro úmido, buscando, perseguindo formas que faiscavam na sua mente, formas repentinamente vislumbradas no rosto do modelo ou sugeridas pelo brilho repentino do seu olhar.
Aí a mão estragava de chofre o que havia moldado, levava a matéria de volta ao seu estado amorfo para recomeçar a criar logo a seguir, animadamente, teimosamente, uma expressão, uma emoção, o lampejo dê uma intuição.
Aristóteles olhava para ele fascinado, acompanhava a dança dos seus dedos na argila, a sensibilidade misteriosa daquelas enormes mãos de ferreiro que criavam incessantemente a imitação quase perfeita da vida.
"Não é ele" pensava naqueles momentos o filósofo. "Não é Alexandre... Lisipo está modelando o jovem deus que imagina ter diante de si, um deus que tem os lábios, os olhos, os cabelos, o nariz de Alexandre, mas

que é outra coisa, algo mais e algo menos ao mesmo tempo."
O homem de ciência observava o artista, estudava o seu olhar atento e febril, espelho mágico que absorvia o verdadeiro e o devolvia transformado, recriado pela sua mente antes mesmo que por suas mãos.
O modelo de barro ficou pronto com apenas três sessões de pose, durante as quais Lisipo modelara mil vezes o semblante do rapaz. Aí passou para o modelo de cera que iria ceder sua forma efemera à eternidade do bronze.
O sol que começava a se pôr entre os passos do monte Vérmio espalhava uma claridade dourada pelo aposento quando o artista virou a base móvel do suporte e mostrou a Alexandre o seu retrato.
O jovem ficou como que petrificado ao ver a sua própria imagem prodigiosamente imitada pela diáfana tonalidade da cera e sentiu a comoção tomar conta do seu coração. Aristóteles também se aproximou da obra.
Havia muito mais do que um retrato naquelas formas altivas e tensas ao mesmo tempo, no fremente caos daquela cabeleira que emoldurava e quase sitiava o rosto de sublime beleza, a testa majestosa e serena, os olhos alongados, difusos de misteriosa melancolia, a boca sensual e dominadora no contorno sinuoso e decidido dos lábios.
Havia um grande silêncio naquele momento, uma grande paz no aposento invadido pela luz líquida e suave do entardecer.. e na mente de Alexandre ressoavam as palavras do seu mestre que falavam da forma que modela a perecível e efêmera.
Virou–se para Aristóteles, que contemplava com seus pequenos olhos cinzentos de gavião um milagre que fugia das categorias do seu gênio, e perguntou:
– O que acha disto?
O filósofo teve um estremecimento e virou–se para o artista, que se deixara cair em um banquinho, como se as energias até então esbanjadas com louca prodigialidade tivessem de repente se esgotado.
– Se Deus existe – disse –, tem as mãos de Lisipo.

CAPÍTULO 14

Lisipo permaneceu em Mésia por toda a primavera e Alexandre também ficou amigo dos seus assistentes, que lhe contaram histórias maravilhosas sobre a arte e o caráter do mestre.

O jovem voltou a posar para ele, de corpo inteiro e até a cavalo, mas um dia, entrando por acaso no ateliê em um momento em que Lisipo não estava, reparou, entre os desenhos confusamente amontoados na mesa, um extraordinário retrato de Aristóteles.

– Gosta? – perguntou naquele instante a voz do escultor que aparecera de repente atrás dele.

– Desculpe – disse Alexandre corri um leve sobressalto. – Não tencionava espiar as suas coisas, mas este desenho é magnífico. Ele posou para você?

– Não, fiz alguns esboços observando–o enquanto falava ou passeava.

Queres ficar com ele?

– Não, guarde–o contigo. Talvez um dia tenha de fazer uma estátua para ele. Não acha que um grande sábio a mereça mais do que um rei ou um príncipe?

– Acho que ambos, ou os três, a merecem, se o rei ou o príncipe também forem sábios – respondeu Lisipo com um sorriso.

Vez por outra Alexandre recebia visitas, e por alguns meses também pôde conviver com seus amigos intensificando as atividades físicas e com louca prodigalidade se tivessem de repente esgotado. militares, principalmente quando Aristóteles ficava ausente devido às suas pesquisas particulares ou a encargos que lhe eram confiadas a Filipe. E em alguns casos ele mesmo ia a Pela para ver os pais e a irmã Cleópatra, que se tornava cada dia mais linda.

Ao voltar a Mésia retomava as suas atividades que o mantinham cada vez mais empenhado, absorvendo todas as suas energias físicas e mentais. O método que Aristóteles aplicava à sua pesquisa também inspirava a sua maneira de organizar os estudos.

Mandara instalar um relógio solar no pátio e outro hidráulico na biblioteca, ambos projetados por ele, com os quais media a duração de

cada aula ou de cada sessão no laboratório para que a toda disciplina fizesse jus o devido tempo.
Enquanto isto, numa ala do edifício prosperava uma rica coleção de plantas oficinais, bichos empalhados, insetos, borboletas e minerais. Havia até betume que uns amigos de Ataméia haviam–lhe enviado do Oriente, e Alexandre não acreditou nos próprios olhos quando o mestre o incendiou levantando uma chama muito quente mas fedorenta.
– Continuo preferindo o azeite de oliva – comentou. E quanto a isto Aristóteles também concordou.
No seu afã de classificar tudo aquilo que se conhecia na natureza, o mestre colecionava qualquer coisa e até esboçara um mapa com as nascentes de águas termais espalhadas pelos vários cantos do país, estudando as propriedades curativas de cada uma delas. O próprio Filipe tinha conseguido alguma melhora na sua perna recorrendo a banhos de lama quente numa nascente da Lincéstide.
Na escola de Mésia, uma prateleira que ocupava toda uma parede era dedicada a animais petrificados, peixes na maioria, mas também plantas, folhas, insetos e até um pássaro.
– Eu diria que isto prova que o dilúvio realmente aconteceu, uma vez que encontramos peixes nas montanhas que nos cercam – dizia Alexandre com uma observação que nada tinha de boba.
Aristóteles teria preferido alguma outra explicação, mas teve de admitir que, pelo menos por enquanto, o mito do dilúvio era a única história capaz de explicar, de alguma forma, aquele fenômeno. De qualquer forma, o assunto parecia–lhe de relevância secundária: no seu entender, o que precisavam fazer era coletar aqueles objetos, medi–los, descrevê–los e desenhá–los à espera de alguém encontrar no futuro uma explicação incontestável baseada em fatos indiscutíveis.
De qualquer maneira, tinha grande prazer no relacionamento com o discípulo, pois o garoto de Filipe não parava de fazer perguntas, e isto é o que todo mestre mais deseja.
No campo da política, com a ajuda dos seus assistentes e do próprio Alexandre, Aristóteles começou a coletar as constituições dos vários estados do Oriente e do Ocidente, e de várias cidades gregas e bárbaras.
– Quer juntar todas as constituições que existem no mundo? – perguntou Alexandre.
– Quem dera que isto fosse possível – suspirou Aristóteles –, mas receio

que seja uma tarefa irrealizável.
– E qual é a finalidade da pesquisa? Descobrir qual é a melhor de todas?
– Impossível – respondeu o filósofo. – Antes de mais nada porque não há referências para estabelecermos qual seja a constituição perfeita, apesar daquilo que o meu mestre Platão disse a respeito do assunto. Mais do que chegar à constituição ideal, o meu escopo é observar como cada comunidade se organizou conforme as suas necessidades, segundo o ambiente em que se desenvolveu, os recursos de que podia dispor, os amigos e os inimigos com os quais devia confrontar–se. Obviamente isto implica que não pode existir uma constituição ideal, mesmo admitindo–se que os preceitos democráticos das cidades Gregas são os únicos capazes de regular a vida de homens livres.
Naquele momento Leptine atravessou o pátio carregando uma jarra de água apoiada no quadril, e por um instante Alexandre voltou a ver o inferno do Pangeu.
– E os escravos? – perguntou.
de produzir tecidos sozinho. Quando isto for possível, então poderemos passar sem escravos, mas duvido que isto jamais aconteça.
Certo dia, finalmente, o jovem príncipe fez ao mestre a pergunta que até então não ousara formular:
– Se o regime democrático das cidades gregas é o único digno de homens livres, por que aceitouducar o filho de um rei, e por que é amigo de Filipe?
– Nenhuma instituição humana é perfeita e o sistema das cidades gregas tem um enorme problema: a guerra. Muitas cidades, embora sendo regidas por preceitos democráticos do ponto de vista interno, tentam prevalecer sobre as outras, assegurar para si os mercados mais ricos, as terras mais férteis, as alianças mais proveitosas. Isto leva a contínuas guerras que desgastam as melhores energias e só favorecem o inimigo secular dos gregos: o imperador dos persas. Um rei como teu pai pode tomar–se o mediador dessas disputas e dessas lutas intestinas, pode fazer prevalecer o sentido da unidade sobre a semente da divisão e pode desempenhar o papel de guia e de árbitro acima das partes, sendo inclusive capaz de impor a paz com a força, se for o caso. Émelhor um rei grego, que salve a civilização grega da destruição, do que uma guerra contínua de todos contra todos e, no fim, a escravidão sob a dominação estrangeira.

– Este é o meu pensamento. Por isto aceitei educar um rei. Do contrário, nunca teria havido dinheiro bastante para comprar Aristóteles.
Alexandre considerou a resposta plenamente satisfatória, justa e honesta. Com o passar do tempo, no entanto, dava–se conta de uma contradição incurável que sentia crescer dentro de si: de um lado, a educação que recebia, e da qual estava convencido, convidava–o à moderação nas atitudes, no pensamento e nos desejos, ensinava–lhe o caminho da arte e do saber; do outro, a sua natureza espontaneamente ardente empurrava–o a perseguir os antigos ideais do valor guerreiro e da coragem que descobria nos poemas homéricos e nos versos dos poetas trágicos.
O fato de descender por parte materna de Aquiles, o herói da Ilíada, o irredutível inimigo de Tróia, era para ele algo natural e a leitura do poema, que até se acostumara a guardar sob o travesseiro para sempre dedicar–lhe os últimos momentos do dia, excitava a sua alma e a sua fantasia provocando nele um incontido frenesi.
Só Leptine conseguia acalmá–lo nessas horas. Já havia algum tempo que ele lhe permitia ficar ao seu lado pedindo–lhe uma maior intimidade. Talvez fosse a falta da mãe ausente, da irmã, mas também a necessidade do contato com mãos que sabiam acariciar, proporcionar um prazer leve e sutil que aumentava suavemente até inflamar–lhe o corpo e o olhar. Leptine preparava todas as noites um banho quente e deixava escorrer a água pelo seu pescoço e seus ombros, acariciava–lhe os cabelos e as costas até ele relaxar..
Estes momentos de abandono eram cada vez mais acompanhados pelo desejo incontido de agir, de sair da paz daquele retiro para seguir as pegadas dos grandes do passado. Esta fúria primitiva, este ardente anelo de embate físico, às vezes já começava a transparecer nos seus atos cotidianos. Um dia em que saíra caçando com os amigos, engalfinhara–se com Filotas por causa de um veado que o outro dizia ter abatido primeiro: chegara ao ponto de apertar–lhe o pescoço com as mãos; e o teria matado não fossem os companheiros que o detiveram.
Outra vez quase esbofeteara Calístenes porque este duvidara da veracidade de Homero.
Aristóteles o observava atento e preocupado; havia duas naturezas em Alexandre: a do jovem de aprimorada cultura e insaciável curiosidade,

que não parava de fazer mil e uma perguntas, que sabia cantar, desenhar e recitar de cor as tragédias de Eurípedes, e a do guerreiro bárbaro e furioso, do exterminador implacável, que se tornava cada vez mais evidente na hora da caça, da corrida, dos exercícios bélicos, quando o ardor tomava conta dele e o instigava a levar a ponta da espada à garganta de quem o defrontava com a única finalidade de adestrá–lo e treiná–lo.
Nessas horas o filósofo parecia perceber o mistério daquele olhar que subitamente se obscurecia, daquela inquietante sombra que se formava no fundo do olho esquerdo como a noite de um primitivo caos. Mas a hora de deixar à solta o jovem leão dos Argeades ainda não chegara.
Aristóteles dava–se conta de que ainda precisava ensinar–lhe muitas coisas, que devia canalizar aquelas formidáveis energias, indicar–lhe uma meta e um escopo. Devia fornecer àquele corpo, nascido para a violência selvagem da batalha, uma mente política capaz de conceber um programa e de levá–lo a cabo.
Só assim poderia concluir a sua obra–prima, como Lisipo.
O outono passou e chegou o inverno; os mensageiros trouxeram a Mésia a notícia de que Filipe não iria voltar a Pela. Os reis da Trácia tinham mais uma vez levantado a crista e era preciso dar–lhes uma lição.
O exército enfrentou, portanto, os terríveis rigores do inverno naquelas bandas fustigadas pelos ventos gélidos provenientes das nevosas planícies cíticas e das montanhas geladas do Haemo.
Foi uma campanha cheia de pavorosas dificuldades na qual os soldados tiveram de enfrentar um inimigo fugidio que lutava no seu próprio território e estava acostumado a sobreviver mesmo nas condições mais desumanas, mas, quando voltou a primavera, toda a imensa região que ia das costas do Egeu ao grande rio Istros estava pacificada e anexada ao império macedônio.
O rei fundou uma cidade bem no meio daquelas terras selvagens e deu–lhe o seu nome, Filipópolis, suscitando em Atenas a ironia de Demóstenes, que a chamou de "cidade de ladrões" ou "cidade de criminosos".
Com a primavera também voltaram a verdejar os pastos de Mésia, fazendo com que os pastores e os boiadeiros voltassem da planície para os prados monteses.
Certo dia, depois de escurecer, a quietude do lugar foi rompida pelo

escarcéu de um galope desenfreado e depois pelo ressoar de ordens apressadas, de vozes excitadas. Um cavaleiro da guarda real bateu à porta do estúdio de Aristóteles.

– O rei Filipe está aqui. Quer ver o filho e quer falar contigo.

Aristóteles levantou–se prestimoso para receber o ilustre hóspede, e enquanto percorria o corredor dava rápidas ordens a todos aqueles que encontrava para que mandassem preparar o banho e o jantar do rei e dos seus companheiros.

Quando o filósofo chegou ao pátio interno, Alexandre já o antecedera descendo as escadas correndo.

– Papai! – gritou indo ao encontro do pai.

– Meu rapaz! – exclamou Filipe apertando–o longamente entre os braços.



CAPÍTULO 15

Alexandre separou-se do aperto do pai e olhou para ele. A campanha da Trácia marcara-o profundamente: tinha a pele queimada pelo gelo, uma grossa cicatriz deturpava-lhe a sobrancelha direita, um olho estava meio fechado e as têmporas já eram brancas.

– O que houve, papai?

– Foi a campanha mais dura da minha vida, meu rapaz, e o inverno foi um inimigo mais ferrenho e impiedoso do que os guerreiros trácios, mas agora o nosso império vai do Adriático ao Ponto Euxino, do rio Istros ao passo das Termópilas. Os gregos terão de reconhecer-me como seu supremo chefe militar, agora.

Alexandre bem que teria gostado de fazer-lhe logo mil outras perguntas, mas viu chegar vários serviçais e criadas para se encarregarem da pessoa de Filipe e disse:

– Precisa de um bom banho, pai. Continuaremos a nossa conversa durante o jantar. Deseja algo especial?

– Há cabrito montês?

– Aos montões. E vinho da Ática.

– Nas barbas de Demóstenes.

– Nas barbas de Demóstenes, papai! – exclamou Alexandre e saiu depressa para controlar que tudo fosse feito a contento na cozinha.

Aristóteles foi ter com o rei no quarto de banho e sentou-se para ouvir o que o soberano tinha a dizer enquanto as criadas massageavam-lhe os ombros e ensaboavam-lhe as costas.

– É um banho revigorante com essência de salva. Vai se sentir muito melhor, depois. Como está, Senhor?

– Estou um trapo, Aristóteles, e ainda há muitas coisas que preciso fazer.

– Seria só ficar aqui umas duas semanas... Não estou dizendo que poderia devolver-lhe a juventude, mas sem dúvida daria um jeito em você: uma boa dieta desintoxicante, massagens, banhos termais, exercícios para a sua perna. E esse olho... não trataram direito dele. Preciso visitá-lo logo que tiver algum tempo.

– Ah! Não posso dar-me nenhum destes luxos, e os cirurgiões militares

são o que são... De qualquer maneira merece a minha gratidão: a dieta invernal de combate que escreveu para os meus soldados teve excelentes resultados. Creio até que salvou a vida de muitos.
O filósofo fez uma pequena mesura.
– Estou enrascado, Aristóteles – continuou o – rei. – Preciso dos seus conselhos.
– Fale.
– Sei que não concorda, mas estou planejando a ocupação de todas as cidades que permanecem ligadas a Atenas na área dos Estreitos. Perinto e Bisâncio serão postas à prova: preciso saber de que lado estão.
– Se as forçar a escolher entre você e Atenas, vão escolher Atenas, e terá de empregar a força.
– Fui buscar o melhor engenheiro militar que há na praça, está desenhando para mim máquinas monstruosas, com noventa pés de altura. Custam uma fortuna, mas acho que valem a pena.
. – De qualquer maneira, o meu parecer desfavorável não conseguiria te dissuadir.
– Não, de fato.
– E para que precisa dos meus conselhos, então?
– Para a situação em Atenas. Os meus informantes dizem que Demóstenes quer formar uma liga pan–helênica contra mim.
– É compreensível. Aos olhos dele você é o inimigo mais perigoso e a pior ameaça para a independência e a democracia das cidades gregas.
– Se eu quisesse chegar a Atenas já o teria feito. Em vez disto limitei–me a afirmar a minha autoridade nas áreas de direta influência macedônia.
– Arrasou Olinto e...
– Eles abusaram da minha paciência! Aristóteles franziu as sobrancelhas e suspirou:
– Entendo.
– Então, o que posso fazer com esta liga? Se Demóstenes conseguir formá– la, terei de enfrentá–la com o exército em campo aberto.
– Não creio que haja perigo imediato, pelo menos por enquanto. As disputas, as rivalidades e as invejas são tão fortes entre os gregos, que provavelmente a coisa vai dar em nada. Mas se levar adiante a sua política agressiva, só vai conseguir uni–los. Como aconteceu na época da invasão dos persas.
– Mas eu não sou persa! – trovejou o soberano. E deu um poderoso

soco na orla da banheira desencadeando uma pequena tempestade. Logo que as águas se acalmaram, Aristóteles continuou:
– Nada muda, sempre foi assim: toda vez que uma potência se toma hegemônica, as demais se juntam contra ela. Os gregos prezam sobremaneira a sua total independência e estão dispostos a tudo para mantê–la. Demóstenes seria capaz de tratar até com os persas, está entendendo? Para eles é mais importante a manutenção da independência do que os liames de sangue e de cultura.
– Deveria então ficar tranqüilo e esperar os acontecimentos?
– Não. Mas precisa entender que quando toma providências militares contra as posses ou os aliados de Atenas cria dificuldades para os teus amigos dentro da cidade, que são tachados de traidores ou corruptos.
– Alguns deles são mesmo – observou Filipe sem perder a pose. Seja como for, sei que estou certo e seguirei adiante. Mas preciso pedir um favor. O seu sogro é o senhor de Assos: se Demóstenes começar a tratar com os persas, ele poderia ficar sabendo.
determinado a levar adiante os seus planos desta forma, mais cedo ou mais tarde terá de enfrentar a coalizão de Demóstenes, ou algo parecido.
O soberano permaneceu em silêncio. Ficou de pé e o filósofo não pôde deixar de notar no seu corpo cicatrizes recentes enquanto as mulheres o enxugavam e vestiam com roupas limpas.
– Como está se portando o meu rapaz? – perguntou o rei em certa altura.
– E uma das pessoas mais extraordinárias que já encontrei na minha vida. Mas a cada dia que passa fica para mim mais difícil mantê–lo sob controle. Acompanha as suas façanhas e esperneia de excitação. Gostaria de sobressair, de mostrar o seu valor. Receia que quando chegar a sua vez já não sobre mais nada a ser conquistado.
Filipe sacudiu a cabeça sorrindo:
– Bem quisera que o problema fosse este... Falarei com ele. Por enquanto, porém, quero que permaneça aqui. Precisa levar a bom Termo a sua educação.
– Viu a imagem dele feita por Lisipo?
– Ainda não. Disseram–me que é estupenda.
– É mesmo. Alexandre decidiu que no futuro só Lisipo poderá retratá–lo. Ficou muito impressionado.
– Já mandei tirar várias cópias que serão dadas de presente a todas as

cidades aliadas para que sejam expostas em público. Quero que os gregos vejam com seus próprios olhos que o meu filho cresceu no sopé da montanha dos deuses.
Aristóteles encaminhou–se com ele para a sala de jantar, mas talvez fosse melhor chamá–la de refeitório. Com efeito, o filósofo abolira os leitos e as preciosas mesas e mandara colocar uma simples banca com cadeiras, como nas casas dos pobres ou nas barracas militares. Parecia–lhe mais condizente com a atmosfera de estudo e recolhimento que devia reinar em Mésia.
– Reparou se tem relações com garotas? Já está na hora de ele começar – observou o rei enquanto avançavam pelos corredores.
– Tem um temperamento muito reservado, quase esquivo. Mas há aquela moça, acho que se chama Leptine.
Filipe franziu a testa:
– Continue.
– Não há muito a relatar. A jovem tem por ele a devoção que teria por uma divindade. É sem dúvida o único ser humano de sexo feminino que tem acesso à sua pessoa a qualquer hora da noite ou do dia. Mais do que isto, não posso dizer.
Filipe coçou a barba hirsuta no queixo.
– Não gostaria que ele me botasse no mundo uns bastardos com aquela criada. Talvez seja melhor que lhe mande uma "companheira" que entenda do ofício. Assim não teremos problemas e poderá até ensinar–lhe alguma coisa interessante.
Já tinham chegado, nesta altura, diante da entrada da sala de jantar e Aristóteles parou:
– No seu lugar, eu não faria isto.
– Mas não atrapalharia em nada. Estou falando de uma pessoa de primeira quanto a educação e experiência.
– Não é isto – objetou o filósofo. – Alexandre já te deixou escolher o seu mestre e o artista que o retratou porque te quer bem e porque é muito culto para a sua idade. Não creio, porém, que permitiria ir além disto, invadir a sua privacidade.
Filipe resmungou alguma coisa incompreensível e aí exclamou:
– Estou com fome. Ninguém come por aqui?
Jantaram todos juntos, com muita alegria, e Péritas ficou embaixo da mesa roendo os ossos de cabritos montês que os comensais jogavam ao

chão.
Alexandre quis conhecer todos os detalhes da campanha da Trácia: quis saber como eram as armas dos inimigos, as técnicas de combate, de que forma eles fortificavam seus vilarejos e cidades. E quis saber como se haviam portado na luta os dois reis adversários: Kersobleptes e Teres.
Em certa altura, quando os serviçais já limpavam a mesa, Filipe saudou os presentes:
– Permiti–me agora dispensar–vos desejando a todos uma boa noite.
– Gostaria de ficar um pouco a sós com o meu garoto.
Todos se levantaram, retribuíram os votos e se retiraram. Filipe e Alexandre ficaram sozinhos, à luz das lamparinas, um diante do outro na grande sala vazia. Só se ouvia, debaixo da mesa, o ruído de ossos trincados. Péritas já não era um filhote e tinha dentes de leão.
– É verdade que está de partida? – perguntou Alexandre. – Que irá embora amanhã mesmo?
– E verdade.
– Esperava que ficasse pelo menos alguns dias.
– Eu também, meu filho.
Houve um longo silêncio. Filipe jamais justificava as suas decisões.
– O que tenciona fazer?
– Ocuparei todas as comunidades atenienses na península do Quersoneso. Mandei construir as maiores máquinas de guerra que já se viram. Quero a nossa esquadra nos Estreitos.
– E pelos Estreitos que passa o trigo para Atenas.
– Sei disso.
– Vai haver guerra.
– Não necessariamente. Quero que me respeitem. Se houver uma liga pan– helênica, devem entender que só eu poderei ser o chefe.
– Leve–me contigo, pai. Filipe fitou–o nos olhos:
– Ainda não chegou a hora, meu rapaz. Precisa completar os seus estudos, a sua formação, o treinamento.
– Mas eu...
– Escute: já teve algumas rápidas experiências de campanhas militares, demonstrou coragem e habilidade na caça e sei que é muito bom no manejo das armas, mas acredite, o que terá de enfrentar um dia será mil vezes mais duro. Vi os meus homens morrendo de frio e de privações, os vi padecendo os mais atrozes castigos, com seus corpos rasgados por

pavorosos ferimentos. Vi outros lamentosos na noite, por horas a fio antes de finalmente silenciarem.
– E olhe para mim, olhe os meus braços: parecem os galhos de uma árvore em que um urso afiou suas garras. Fui ferido onze vezes, fiquei coxo, meio cego... Alexandre, Alexandre, só está vendo a glória, mas a guerra é sobretudo horror. É sangue, suor, excrementos; é lama e poeira; é sede e fome, frio e calor insuportáveis. Deixe que eu enfrente isto tudo por você, enquanto eu conseguir fazê–lo. Fique em Mésia, Alexandre. Por mais um ano."
O jovem nada disse. Sabia que aquelas palavras não deixavam margem a réplicas. Mas o olhar ferido e castigado do pai pedia que ele entendesse e continuasse a amá–lo.
Lá fora, ao longe, ouvia–se o rumorejar do trovão e clarões amarelos acendiam de repente as bordas de grandes nuvens tempestuosas nos pináculos obscurecidos do Vérmio.
– Como está mamãe? – perguntou subitamente Alexandre. Filipe baixou o olhar.
– Soube que trouxe uma nova esposa. A filha de um rei bárbaro.
– Um chefe cita. Tive de fazê–lo. E você fará o mesmo quando chegar a hora.
– Eu sei. Mas como é que a mãe está passando?
– Bem, diante das circunstâncias.
– Então estou indo. Boa–noite, pai. – Levantou–se e dirigiu–se à saída tendo ao lado o seu cão. Filipe invejou o animal que iria fazer companhia ao filho escutando a sua respiração na noite.
Começou a chover, com gotas primeiro grandes e ralas e depois cada vez mais cerradas. O rei, que ficara sozinho na sala vazia, por sua vez levantou–se. Saiu sob os arcos enquanto um relâmpago iluminava o amplo pátio, acompanhado logo a seguir pelo estrondo do trovão. Apoiou–se a uma coluna e ficou imóvel olhando perdido, a chuva que crepitava.

CAPÍTULO 16

Aconteceu exatamente o que Aristóteles tinha previsto: sentindo–se acuadas entre a parede, Perinto e Bisâncio ficaram do lado de Atenas, e Filipe reagiu cercando Perinto, uma cidade na costa meridional do Helesponto, construída sobre um íngreme promontório rochoso e ligada ao continente por um istmo.

Montara a sua tenda sobre uma altura da qual podia dominar toda a situação, e todas as tardes convocava o conselho dos seus generais: Antípatro, Parmênio e Cleito, dito o Negro, pois tinha cabelos e olhos desta cor e pele um tanto escura. Além disto, também estava quase sempre de humor negro, apesar de ser um excelente oficial.

– Então, decidiram tratar da rendição ou não? – perguntou entrando e antes mesmo de sentar–se.

– Não – disse Parmênio. – E no meu entender nem pensam nisso. Por terra a cidade está bloqueada pela nossa trincheira, mas continua recebendo suprimentos da frota bizantina por mar.

– E não há nada que possamos fazer a respeito – afirmou o Negro. Não temos o controle do mar.

Filipe deu um soco na mesa:

– Estou–me lixando com o controle do mar! – berrou. – Dentro de alguns dias ficarão prontas as torres de ataque e estraçalharei as muralhas deles. Quero ver, então, se ainda vão querer bancar os difíceis!

O Negro meneou a cabeça.

– O que foi? Não concorda?

– Não é isto. É que não vai ser fácil, mesmo com as torres.

– É isto que está pensando? Então ouça–me bem: quero aquelas malditas máquinas funcionando no máximo dentro de dois dias, mesmo que para tanto tenhamos de encher de pancadas desde o engenheiro chefe até o mais humilde dos carpinteiros. Estou sendo claro?

– Perfeitamente claro – respondeu Antípatro com a costumeira paciência.

Em certos casos, a fúria de Filipe conseguia fazer milagres. Dentro de três dias, chiando e rangendo, as máquinas de ataque começaram a

avançar rumo às muralhas: eram torres móveis mais altas que os bastiões de Perinto, acionadas por um sistema de contrapesos, providas de aríetes e catapultas, capazes de abrigar, cada uma, centenas de guerreiros.
Os sitiados deram–se conta do que esperava por eles, e a lembrança daquilo que acontecera com Olinto, arrasada e reduzida a cinzas pela ira do soberano, multiplicou suas energias. Cavaram galerias e queimaram as máquinas com uma incursão noturna: Filipe mandou reconstruí–las e por sua vez cavou túneis para enfraquecer as fundações das muralhas enquanto os aríetes as martelavam sem parar, noite e dia, fazendo com que a cidade inteira ressoasse com o estrondo ensurdecedor dos golpes.
Finalmente os baluartes cederam, mas os generais macedônios viram–se diante de uma amarga surpresa. Antípatro, que era o mais antigo e respeitado, foi encarregado de dar ao rei a má notícia.
– Senhor, as muralhas desmoronaram, mas eu não creio aconselhável um ataque da infantaria.
– Como assim? Por quê?
– Você mesmo pode ver.
Filipe alcançou uma das torres, subiu até em cima e ficou sem palavras logo que pôde olhar para além das muralhas derrubadas: os sitiados tinham unido e murado a fileira de casas do degrau mais externo da cidade criando de fato um segundo baluarte. E uma vez que Perinto era formada por toda uma série de patamares, era evidente que a coisa iria repetir–se ao infinito.
– Malditos – rosnou o rei ao descer.
Trancou–se na sua tenda roendo o fígado durante dias, em busca de uma solução para aquele beco sem saída no qual se metera, mas as más notícias não acabavam ali. O seu estado–maior inteiro apareceu para relatá–las.
mercenários com o dinheiro dos governadores persas da Ásia Menor e os desembarcaram em Perinto por mar.
Filipe baixou a cabeça. O fato tão temido por Aristóteles, infelizmente, tomara–se realidade: a Pérsia tomara partido contra a Macedônia.
– É um caso sério – Comentou o Negro, como se a situação já não estivesse suficientemente sombria.
– E não é só – acrescentou Antípatro.
– O que mais? berrou Filipe. – Será possível que eu tenha de tirar as

palavras de suas bocas com o saca–rolhas?
– É o seguinte – continuou Parmênio. – A nossa esquadra está bloqueada no mar Negro.
– O quê? – gritou o rei ainda mais alto. – E o que estava ela fazendo no mar Negro?
– Procurava interceptar um comboio de trigo destinado a Perinto, mas infelizmente os atenienses perceberam, movimentaram sua própria frota de noite e nos surpreenderam bloqueando a entrada do Bósforo.
Filipe deixou–se cair numa cadeira e ficou segurando a cabeça entre as mãos.
– Cento e trinta navios e três mil homens – murmurou. – Não posso perdê–
los. Não posso perdê–los! – gritou levantando–se num pulo andando de um lado para o outro da tenda.
Enquanto isto, a bordo dos seus navios no Bósforo, as tripulações atenienses já se gabavam da vitória e toda noite, ao escurecer, acendiam fogueiras nos braseiros e refletiam a luz com escudos polidos, para que os navios macedônios não tentassem passar com a ajuda das trevas. Mas não sabiam que Filipe, quando estava encurralado e não podia usar a força, recorria à astúcia e se tomava ainda mais perigoso.
Certa noite o comandante de uma trirreme ateniense que patrulhava a margem ocidental do estreito viu uma chalupa que descia a correnteza mantendo– se o mais possível perto da costa para não ser vista. Mandou dirigir a luz do braseiro naquela direção e a chalupa tornou–se imediatamente visível no feixe luminoso projetado pelo escudo.
– Parados aí mesmo – intimou o oficial –, se não quiser que afunde logo o seu barco! – E mandou o timoneiro virar a estibordo para apontar o grande rosto de bronze da trirreme contra o flanco da pequena embarcação.
Os marujos na chalupa, apavorados, detiveram–se e, quando o comandante ateniense mandou que se aproximassem, remaram para o navio grego e subiram a bordo.
Havia algo estranho no seu jeito e no seu comportamento, mas logo que abriram a boca não houve mais dúvidas: eram certamente macedônios, e não pescadores trácios como queriam aparentar.
Mandou revistá–los e, pendurado no pescoço de um deles, encontrou um pequeno estojo de couro com uma mensagem. Aquela era

decididamente uma noite de sorte! Pediu que um dos seus homens chegasse perto com uma lanterna e leu.
Filipe, rei dos macedônios, a Antípatro. Meu general e lugar–tenente, salve! Temos a oportunidade de uma arrasadora vitória sobre a esquadra ateniense no Bósforo. Mande avançar de Tasos cem navios e bloqueie a saída meridional do Helesponto. Farei descer a minha frota do norte e os pegaremos no meio. Não terão escapatória. Deverá estar na entrada do estreito na primeira noite de lua nova.
Cuide–se.
– Deuses do céu! – exclamou o comandante logo que acabou de ler. – Não temos tempo a perder.
Mandou imediatamente inverter a rota e remar a toda velocidade para o centro do estreito onde a nau capitânia balouçava presa à âncora. Subiu a bordo e pediu para confererenciar com o navarca, um idoso oficial de grande experiência que se chamava Fócion, e entregou–lhe a mensagem. O oficial leu–a rapidamente e aí mostrou–a ao seu escriba, um homem muito competente que trabalhara durante anos como secretário na assembléia de Atenas.
– Vi outras cartas de Filipe no nosso arquivo: esta é sem dúvida do seu punho. E o sinete também é dele – acrescentou após examinar com cifidado o documento.
Logo a seguir o navarca mandava lampejar com um escudo da proa da capitânia o sinal de retirada geral para todos os navios.
Dali a três dias chegaram diante de Taso só para descobrir que, da esquadra de Antípatro, não havia nem sombra, e isto também porque nunca existira uma esquadra de Antípatro. Enquanto isto, por sua vez, a frota real pôde descer tranqüilamente o Bósforo e o Helesponto, e buscar abrigo em um porto seguro.
Em uma das suas orações contra Filipe, Demóstenes o chamara de “a raposa": agora, depois de descobrir o que acontecera, percebeu que nunca um apelido havia sido tão merecido.
O soberano macedônio desistiu do cerco de Perinto no começo do outono e marchou para o norte para punir as tribos cíticas que haviam se recusado a mandar–lhe reforços; derrotou e matou o rei Atas, que fora à luta apesar de estar com mais de noventa anos.
No caminho de volta, no entanto, já em pleno inverno, o exército de Filipe foi atacado pela mais feroz das tribos trácias, os tribalos: sofreu

graves perdas e teve de abandonar todos os despojos de guerra. O próprio rei foi ferido e mal conseguiu reconduzir à pátria os seus soldados, tendo de lutar bravamente para abrir caminho.
Voltou ao palácio de Pela prostrado pelo cansaço e pelas dores latejantes devidas à ferida na perna, esgotado, quase irreconhecível. Mas naquele mesmo dia convocou o conselho e quis saber o que acontecera na Grécia e na Macedônia durante a sua ausência.
Nenhuma das notícias era boa, e, se ainda lhe tivesse sobrado alguma energia, teria ficado furioso como um touro. Optou, no entanto, por uma boa noite de sono e, na manhã seguinte, chamou o médico Filipe e lhe disse:
– Olha para mim. O que acha?
olhar apagado, nos lábios secos e rachados, na voz trêmula.
– Dificilmente poderia estar pior, senhor.
– Não tem papas na língua – observou o rei.
– Precisa de um bom médico. Se quiser um bajulador, já sabe onde encontrá–lo.
– Está certo. Agora ouça–me: estou disposto a tomar qualquer beberagem que queira preparar, a deixar–me quebrar as costas e torcer os ossos por seus massagistas, a deixar que me enfie na bunda os seus clisteres, a comer peixes fedorentos em lugar de churrasco de boi por todo o tempo que quiser, a beber água de nascente até criar sapos na minha barriga mas, em nome dos deuses, dê um jeito em mim, pois no começo do verão quero que o meu rugido seja ouvido até Atenas e além dela.
– Acatará o que eu mandar?
– Acatarei.
– E não jogará na parede os meus remédios e as minhas decocções?
– Não jogarei.
– Então vamos ao meu estúdio. Preciso examiná–lo.
Depois de algum tempo, numa tarde tranqüila de primavera, apresentou–se nos aposentos da rainha sem se fazer anunciar. Avisada pelas criadas, Olympias deu uma rápida olhada no espelho e aí foi recebê–lo no limiar.
– Fico contente em ver que recuperou a saúde; entre, fique à vontade. É uma honra para mim receber nestes quartos o rei dos macedônios.
Filipe sentou e ficou algum tempo de olhos baixos.

– Esta linguagem oficial é realmente necessária? Não podemos conversar como um casal que está junto há muitos anos?
– Não creio que "junto" seja a palavra mais adequada – rebateu Olympias.
– A tua língua é mais afiada do que uma espada.
– É porque eu não tenho espada alguma.
– Preciso falar com você.
– Estou ouvindo.
– Vou pedir–lhe um favor. As minhas últimas campanhas não foram afortunadas. Perdi muitos homens e esgotei inutilmente as minhas forças. Em Atenas acham que eu estou acabado e ouvem as palavras de Demóstenes como se fosse um oráculo.
– É o que dizem por aí.
– Olympias, não é minha intenção chegar a uma confrontação direta, nem quero provocá–la. Por enquanto, ainda deve prevalecer a boa vontade. O desejo de resolver as controvérsias – E o que quer de mim?
– Não posso enviar uma embaixada a Atenas neste momento, mas pensei que se você o fizesse, a rainha, a coisa seria bem diferente. Você nunca tomou partido contra eles. Há até quem a julgue mais uma vítima de Filipe.
Olympias não fez comentários.
– Em suma, seria como uma mensagem enviada por uma potência neutra, entende? Preciso de tempo, Olympias, ajuda–me! E se não quiser ajudar a mim, pensa no seu filho. É o reino dele que eu estou construindo, é a sua hegemonia sobre todo o mundo grego que estou preparando.
Calou–se procurando recobrar uma atitude digna após a peroração. Olympias virou–se para a janela como se tentasse evitar o seu olhar e também ficou alguns instantes em silêncio. Aí disse:
– Farei isso. Enviarei Aóreos, o meu secretário. É um homem sábio e prudente.
– É uma ótima escolha – aprovou Filipe, que não esperava tamanha disponibilidade.
– Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? – ainda perguntou a rainha, mas a sua voz já tinha o gélido tom da despedida.
– Também queria contar que dentro de alguns dias irei a Mésia. – A expressão de Olympias mudou imediatamente, de pálidas que eram, as

suas faces ficaram rosadas. – Trarei de volta Alexandre – acrescentou o soberano.
A rainha escondeu o rosto na estola, mas não conseguiu disfarçar as violentas emoções que tomavam conta dela naquele momento.
– Nem me perguntas se já jantei – disse Filipe.
Olympias levantou os olhos lustrosos.
– Já jantou? – repetiu mecanicamente.
– Não. Eu... esperava que me pedisse para ficar. A rainha baixou a cabeça:
– Não estou passando bem, hoje. Sinto muito. Filipe mordeu o lábio e saiu batendo a porta.
Olympias apoiou–se na parede como se estivesse a ponto de desmaiar e ficou ouvindo suas passadas poderosas que ecoaram no corredor até se perderem no fim das escadas.



CAPÍTULO 17

Alexandre corria pela pradaria resplandecente na luz primaveril, salpicada de flores; corria descalço e seminu, contra o vento que lhe desgrenhava os cabelos e trazia do mar o leve cheiro da maresia.

Péritas saltitava ao seu lado, segurando–se para não deixar o dono para trás e perdê–lo de vista. De vez em quando latia como se quisesse chamar a sua atenção e o jovem se virava para ele sorrindo, mas sem parar.

Era um daqueles momentos em que soltava a alma, voava como um pássaro, galopava como um corcel. Nestas horas a sua natureza ambígua e misteriosa de centauro, ao mesmo tempo violenta e sensível, tenebrosa e solar, parecia expressar–se num movimento harmonioso, numa espécie de dança de iniciação sob o olho fúlgido do sol ou na súbita sombra de uma nuvem.

A cada pulo o seu corpo escultural contraía–se para em seguida abrir–se numa ampla passada, a cabeleira dourada balouçava brilhosa e macia nas costas como uma juba, e os braços, leves como asas, acompanhavam o levantar–se do peito na ofegante agitação da corrida.

Filipe contemplava–o em silêncio, parado em seu cavalo no limiar do bosque, mas quando o viu mais de perto, percebendo que o latido subitamente aproximou–se do filho saudando–o com a mão, sorrindo, mas sem detê–lo, encantado com o poderoso vigor daquela corrida, com a maravilha daquele corpo incansável.

Alexandre parou na margem de um regato e com um pulo mergulhou dentro da água; Filipe desceu do cavalo e esperou por ele. Com outro pulo o rapaz saiu da correnteza, junto com o cão, e os dois sacudiram a água do corpo. Filipe deu– lhe um abraço apertado e por sua vez sentiu o não menos vigoroso aperto do filho. Percebeu que se tomara homem.

– Vim buscá–lo – disse. – Vamos voltar para casa. Alexandre fitou–o incrédulo.

– Palavra de rei?

– Palavra de rei – assegurou Filipe. – Mas há de chegar um dia em que se lembrará desta época com saudade. Eu nunca tive uma sorte destas; não

tive cantos, nem poesia, nem sábios discursos. E é por isto que estou tão cansado, filho, é por isto que tanto me pesam os anos.
Alexandre nada disse e os dois caminharam juntos pela pradaria, rumo à casa: o jovem acompanhado pelo cão, o pai segurando o cavalo pelo cabresto.
De repente, por trás de um morro que ocultava o retiro de Mésia, ouviu–se um relincho. Era um som agudo e penetrante, um bufar poderoso, como de fera, de criatura quimérica. E aí se ouviram berros de homens, gritos e apelos, e o ruído de cascos de bronze que faziam estremecer o solo. O relincho ressoou ainda mais alto e furioso. Filipe virou–se para o filho e disse:
– Eu trouxe um presente.
Chegaram no topo da colina e Alexandre parou admirado: mais embaixo, diante dos seus olhos, um garanhão preto se empinava sobre as patas posteriores retesando os flancos, lustroso de suor como uma estátua de bronze na chuva, cercado por cinco homens que tentavam controlar a sua formidável força com rédeas e cordas.
Era mais negro do que a asa de um corvo e tinha uma estrela branca no meio da testa em forma de bucrânio. A cada movimento do pescoço ou do dorso derrubava os moços e os arrastava na grama como bonecos inertes. Recaía então sobre os cascos da frente, esperneava furioso dando coices formidáveis, fustigava o ar com a cauda, agitava a longa crina reluzente.
Uma baba esbranquiçada espumava nos lábios do maravilhoso animal, que de repente parava, o pescoço baixo no chão, para absorver quanto mais ar possível, para encher o peito e depois bufar de novo como hálito de fogo, como sopro de dragão. E voltava a relinchar, sacudia a soberba cabeça, retesava o feixe de músculos que lhe engrossavam a cerviz.
Como que golpeado por uma chicotada, Alexandre teve um improviso estremecimento e gritou:
– Chega, basta! Soltem esse cavalo, por Zeus! Filipe apoiou uma mão sobre o seu ombro.
– Espere mais um pouco, meu filho, espere até ele ser domesticado. Só mais um pouco de paciência e será seu.
– Não! – gritou Alexandre. – Não! Só eu posso domá–lo. Deixem–no em paz. Soltem–no, estou dizendo.
– Mas irá fugir – disse Filipe. – Paguei uma fortuna por ele, meu rapaz!

– Quanto? – perguntou Alexandre. – Quanto pagou, pai?
– Treze talentos.
– Aposto outros tantos que consigo amansá–lo! Mas diga logo a esses imbecis que o deixem em paz! Eu te peço.
Filipe olhou para ele e o viu quase fora de si pela emoção, com as veias do pescoço tão inchadas quanto as do garanhão enfurecido. Virou–se para os homens e ordenou:
– Soltem–no!
Obedeceram. Desataram todas as cordas e só lhe deixaram as rédeas soltas sobre o pescoço. O animal logo se afastou na planície. Alexandre lançou–se em disparada atrás dele e logo corria ao seu lado sob o olhar pasmo do rei e dos palafreneiros.
O soberano sacudiu a cabeça murmurando:
– Oh, Zeus, vai arrebentar o coração, este rapaz, o seu coração vai estourar. – E Péritas rosnava entre os dentes. Mas os homens fizeram um ' sinal como a dizer "escute". Podiam ouvi–lo falar, ofegante na corrida, podiam ouvi–lo gritar alguma coisa para o cavalo, palavras que o vento amortecia juntamente com os relinchos do animal que quase parecia responder.
E de repente, quando o jovem já dava a impressão que iria desmoronar pelo esforço, o corcel diminuiu a velocidade, troteou por alguns metros e aí passou a marchar meneando a cabeça e bufando.
Então Alexandre se aproximou, devagar, – ficando do lado do sol. Podia vê–
lo, agora, perfeitamente iluminado, podia ver a sua fronte ampla e negra, e a mancha branca em forma de crânio de boi.
– Bucéfalo – murmurou. – Bucéfalo... Taí, eis o seu nome... Isto mesmo. Gosta dele, bonitão? Gosta? – E encostou–se até quase roçar nele. O animal sacudiu a cabeça, mas não saiu do lugar e o rapaz estendeu a mão e o acariciou no pescoço, com doçura, e depois nas bochechas e no focinho macio como musgo.
– Quer correr comigo? – disse. – Vamos correr?
O cavalo relinchou levantando a soberba cabeça e Alexandre entendeu que assentia. Fitou–o fixamente nos olhos ardentes e aí, com um pulo, sentou na sua garupa e gritou:
– Avante, Bucéfalo! – E cutucou o seu ventre com os calcanhares.
O animal lançou–se a galope retesando o dorso esplêndido, esticando a

cabeça e as pernas e a longa cauda franjada. Correu veloz como o vento em volta da planície até o bosque, e o retumbante martelar dos seus cascos parecia o rumorejar do trovão.
Deteve–se diante de Filipe, que quase não acreditava no que acabava de ver. Alexandre deixou–se escorregar ao chão.
– É como cavalgar Pégaso, pai, é como se tivesse asas. Deviam ser assim mesmo Bálio e Xanto, os cavalos de Aquiles, filhos do vento. Obrigado por ter me dado de presente. – E afagava–o no pescoço, no peito suado. Péritas começou a latir, com ciúme daquele que sentia ser um novo amigo do seu amo, e o rapaz acariciou–o também para tranqüilizá–lo.
havia acontecido. Aí beijou–o na cabeça e afirmou:
– Meu filho, procura para você outro reino: a Macedônia não é bastante grande para você.

CAPÍTULO 18

Enquanto cavalgava ao lado do pai Alexandre perguntou:
– Pagou mesmo treze talentos? Filipe confirmou.
– Creio que foi o preço mais alto que já foi pago por um cavalo. É o animal mais bonito que as coudelarias de Filonico, na Tessália, jamais produziram.
– Vale mais – disse Alexandre afagando o pescoço de Bucéfalo. – Nenhum outro corcel no mundo seria digno de mim.
Almoçaram com Aristóteles e Calístenes: Teofrasto havia voltado à Ásia para prosseguir suas pesquisas e, de vez em quando, enviava ao mestre relatórios sobre as suas descobertas.
Também sentavam à mesa dois pintores ceramistas que Aristóteles mandara vir de Corinto, não para pintar vasos, mas sim para trabalhar em uma tarefa mais delicada que o próprio Filipe encomendara: desenhar um mapa do mundo conhecido.
– Posso vê–lo? – perguntou o rei, impaciente, quando acabaram de almoçar.
– Claro – respondeu Aristóteles. – Aquilo que conseguimos representar também se deve às suas conquistas.
Deslocaram–se para uma ampla sala luminosa onde o grande mapa, feito sobre uma pele de boi curtida e presa com largas tachas a uma tábua de madeira do mesmo tamanho, sobressaía imponente, vistoso nas cores com as quais os artistas haviam representado os mares, as montanhas, os rios e os lagos, as ilhas e as baías.
Filipe ficou olhando, admirado. O seu olhar percorreu os traços de ocidente a oriente, das colunas de Hércules à vastidão da planície cítica, do Bósforo ao Cáticaso, do Egito à Síria.
Roçava no mapa de leve, quase com receio de tocá–lo, procurava os países, amigos e inimigos; reconhecia, com olhos reluzentes, a cidade que há pouco tempo fundara na Trácia e que levava o seu nome: Filipópolis. E podia finalmente ver, de forma concreta, a extensão dos seus domínios.
Para o norte e para o leste o mapa esmaecia até seus contornos se

perderem no nada, e o mesmo acontecia ao sul, onde se alastravam as areias sem fim dos libios e dos garamantes.
Em uma mesa ao lado havia vários papiros com estudos preliminares. Filipe deu uma rápida olhada e demorou–se diante de um desenho que representava a terra.
– Acredita então que seja redonda? – perguntou a Aristóteles.
– Não acredito, tenho certeza – respondeu o filósofo. – Redonda é a sombra que a Terra projeta na Lua durante os eclipses. E se observar um navio que se afasta do porto, primeiro vê desaparecer o casco, e depois o mastro. Acontece o contrário, por sua vez, quando o navio se aproxima.
– E o que há aqui embaixo? – perguntou o rei indicando uma área na qual se lia antípodas.
– Ninguém sabe. Mas é verossímil q9e haja terras comparáveis em superfície àquelas em que nós vivemos. E uma questão de equilíbrio. O problema é que não conhecemos a real extensão das regiões boreais.
Alexandre virou–se para ele e aí ficou olhando, perdido, as províncias do desmedido império que ia do Egeu até a índia, e voltou a pensar nas inspiradas palavras com as quais três anos antes o hóspede persa descrevera a sua pátria.
Naquele momento se imaginava correndo na garupa de Bucéfalo por aqueles imensos planaltos, voando sobre montanhas e desertos até os confins do mundo, até as ondas do rio Oceano, que, segundo Homero, cercava toda a Terra.
Saiu do devaneio ao ouvir a voz do pai, que, apoiando a mão no seu ombro, lhe dizia:
– Arrume as suas coisas, meu filho, mande os serviçais aprontarem a sua bagagem, tudo aquilo que quer levar de volta para casa, em Pela. E cumprimente o seu mestre. Passará algum tempo antes que o veja de novo.
Depois disto o rei se afastou para que pudessem ficar sozinhos na despedida.
– Passou bastante rápido, este tempo – disse Aristóteles. – Quase parece ontem que cheguei a Mésia.
– Aonde irás – perguntou Alexandre.
– Ainda ficarei por aqui, por enquanto. Juntamos muitos materiais e uma porção de notas e rascunhos que agora precisam ser

cuidadosamente classificados. Levarei algum tempo. E além disto estou fazendo algumas pesquisas sobre a transmissão das doenças de um corpo para outro.
– Fico contente com a sua permanência aqui, assim poderei vir vê–lo, quando puderem. Ainda tenho muitas perguntas a fazer.
Aristóteles fitou–o fixamente e por um momento leu aquelas interrogações na luz mutável e inquieta do seu olhar.
– As perguntas que ainda guarda contigo são aquelas para as quais não há resposta, Alexandre... ou se houver, terá de buscá–la na sua alma.
A luz da tarde primaveril iluminava as folhas espalhadas, cheias de notas e desenhos, as tigelas dos pintores com as tintas e os pincéis, o grande mapa do mundo conhecido e os pequenos olhos cinzentos e serenos do filósofo.
– E para onde irá, depois? – voltou a perguntar Alexandre.
– Num primeiro momento, para Estagira, para a minha casa.
– Acha que conseguiu fazer de mim um grego?
– Acho que te ajudei a tomar–se homem, mas aprendi principalmente uma coisa: jamais será grego nem macedônio. Será apenas Alexandre. Ensinei–o tudo aquilo que podia: agora seguirá o seu caminho e ninguém poderá dizer para onde te levará. Só sei uma coisa, com certeza: quem quiser acompanhá–lo terá de largar tudo, a casa, os afetos, a pátria, e enfrentar o desconhecido. Adeus, Alexandre, que os deuses te protejam.
– Adeus, Aristóteles. Que os deuses também estejam contigo, se quiserem que alguma luz brilhe sobre este mundo.
Deixaram–se assim, com um demorado olhar. Nunca mais iriam se ver.
Alexandre ficou acordado até tarde, aquela noite, tomado por uma violenta comoção que não o deixava pegar no sono. Olhava pela janela a tranqüila paisagem dos campos e a lua que iluminava os cumes ainda brancos de neve do Vérmio e do Olimpo, mas já lhe parecia ouvir o clangor das armas, o relinchar dos cavalos lançados a galope.
Pensava na glória de Aquiles que merecera o canto de Homero, na fúria mortal da batalha e no ensurdecedor impacto das armas, mas não conseguia entender como isto tudo poderia conviver na sua alma com o pensamento de Aristóteles, com as imagens de Lisipo, com os carmes de Alceu e de Safo.
Pensou que a resposta talvez estivesse em suas origens, na natureza da

mãe Olympias, ao mesmo tempo selvagem e melancólica, e na do pai, gentil e impiedosa, impulsiva e racional. Ou talvez estivesse na natureza do seu povo, que tinha atrás de si as mais selvagens tribos bárbaras e diante dos olhos as cidades dos gregos com seus templos e suas bibliotecas.

No dia seguinte iria rever a mãe e a irmã. Até que ponto elas lhe pareceriam mudadas? E quanto ele mesmo mudara? Qual iria ser o seu lugar, agora, no palácio de Pela?

Procurou acalmar o tumulto em sua alma com a música: pegou a cítara e foi sentar na sacada da janela. Tocou uma música que ouvira tantas vezes cantar pelos soldados do pai, sentados em volta da fogueira durante a vigia noturna. Uma canção tosca, como o seu dialeto montês, mas cheia de saudade e paixão.

Em certa altura percebeu que Leptine, atraída pela melodia, entrara no quarto e estava agora sentada na beira da cama, extasiada.

O luar acariciava–lhe o rosto e os ombros, os braços níveos e macios.

Alexandre deixou a cítara de lado enquanto ela desnudava o peito com gesto delicado e lhe estendia os braços. Ele deitou–se ao seu lado e Leptine apertou a sua cabeça contra os seios acariciando–lhe os cabelos.

CAPÍTULO 19

Alexandre foi apresentado ao exército perfilado três dias depois da sua volta a Pela, e ao lado do pai passou revista nas tropas, montando Bucéfalo e reluzente em sua armadura: primeiro, do lado direito, a cavalaria pesada dos eteros, os "companheiros do rei", os nobres macedônios de todas as tribos das montanhas, depois a infantaria de linha dos pezeteros, os chamados "companheiros a pé", formada por camponeses da planície arregimentados na formidável falange.

Estavam perfilados em cinco fileiras e cada fileira dispunha de sarissas de comprimento diferente e progressivo, de forma que, quando as baixavam, todas as pontas estavam em primeira linha.

Um oficial gritou aos homens a ordem de apresentar as armas e uma multidão de lanças apontou contra o céu para homenagear o rei e seu filho.

– Lembre, meu rapaz: a falange é a bigorna e a cavalaria é o martelo – disse Filipe. – Quando um exército inimigo é empurrado pelos nossos cavaleiros contra aquela barreira de lanças não tem mais salvação.

Em seguida, do lado esquerdo, passaram em revista a "Ponta", o esquadrão de elite da cavalaria real que era lançado ao ataque no momento crucial da batalha para dar o golpe final na formação adversária e desbaratar suas fileiras.

Os cavaleiros gritaram:

– Salve, Alexandre! – e bateram nos escudos com os dardos, uma homenagem que só prestavam ao seu comandante.

– O comando é seu – explicou Filipe. – De agora em diante caberá a você liderar a Ponta durante a batalha. – Naquele momento separou-se da formação um pequeno grupo de cavaleiros protegidos por magníficas armaduras e com a cabeça coberta por reluzentes elmos enfeitados com altos penachos.

Montavam corcéis com embocadura de prata e sobre ancas de lã purpúrea, e sobressaíam entre todos os demais pela imponência das suas cavalgaduras e pela nobreza do porte. Lançaram-se a galope como num

ataque furibundo e depois, de repente, exibiram–se numa larga, imponente e perfeita virada. O cavaleiro que estava na parte interna do amplo raio conteve o seu corcel, enquanto os demais prosseguiam com velocidade gradativamente maior, de forma que o mais externo não precisou diminuir nem um pouco a andadura.
Após concluírem a espetacular manobra deram novamente rédea larga aos animais e avançaram a galope, ombro contra ombro, cabeça contra cabeça, deixando atrás de si uma espessa nuvem de poeira, para se deterem enfim apenas a uns poucos metros diante do príncipe.
Um oficial gritou com voz estentórea:
– A turma de Alexandre!
E aí, chamado–os um por um:
– Heféstion! Seleuco! Lisímaco! Ptolomeu! Cratero! Perdicas! Leonato! Filotas!
Os seus amigos!
Terminada a chamada, levantaram os dardos e berraram:
– Salve, Aléxandre! – E finalmente, esquecendo as regras do protocolo, cercaram–no, quase o derrubaram do cavalo e apertaram–no num abraço que parecia sem fim, sob os olhares do rei e dos soldados imóveis em suas formações.
Apinharam–se em volta do seu príncipe gritando de alegria, jogando as armas para o ar, pulando e dançando como loucos.
Quando a parada foi dissolvida, também se juntou ao grupo Eumênio, que, sendo grego, não podia alistar–se no exército mas que, enquanto isto, tomara–se secretário pessoal de Filipe e desempenhava um papel de grande importância na corte.
Naquela mesma noite Alexandre teve de comparecer ao banquete que os amigos aprontaram para ele na casa de Ptolomeu. A sala havia sido arrumada com grande cuidado e luxo: os leitos e as mesas eram de madeira marchetada e enfeitada com bronze dourado, os candelabros eram espetaculares bronzes de desciam mais lamparinas em forma de vasos perfurados que projetavam nas paredes um curioso jogo de luzes e sombras. As travessas eram de prata maciça com bordas esmeradamente cinzeladas; as várias comidas haviam sido preparadas por cozinheiros de Esmirna e de Samos, de gosto grego mas refinados conhecedores da culinária asiática.
Os vinhos eram de Chipre, Rodes, Corinto e até mesmo da longínqua

Sicília, onde os agricultores coloniais já estavam deixando para trás, em quantidade e excelência dos produtos, os colegas da pátria mãe.
Eram servidos de uma gigantesca cratera ática, com a idade de quase um século, decorada com uma dança de sátiros que perseguiam mênades seminuas.
Em cada mesa havia uma taça do mesmo conjunto decorada pelo mesmo artista com picantes cenas de simpósio: tocadoras de flauta nuas nos braços de jovens coroados de hera que brindavam, quase um prelúdio daquilo que a noitada prometia.
Quando apareceu, Alexandre foi recebido com uma ovação e o dono da casa aproximou–se dele com uma estupenda taça de duas alças cheia de vinho cipriota.
– Olá, Alexandre! Depois de três anos de água pura já deve ter criado pererecas no estômago. Nós, pelo menos, viemos embora antes! Beba um gole disto, vai fazer você se sentir bem melhor.
– Então, o que foi que Aristóteles te ensinou nas suas aulas secretas? – perguntou Eumênio.
– E onde encontrou aquele cavalo? – quis saber Heféstion. – Nunca vi nada parecido.
– Posso crer – comentou Eumênio sem nem mesmo esperar a resposta. –
Custou treze talentos. Eu mesmo assinei a ordem de pagamento.
– Pois é – confirmou Alexandre. – Foi um presente do meu pai. Mas ganhei outros tantos apostando que iria amansá–lo. Deviam ter estado lá – prosseguiu cheio de animação. – Eram cinco, a segurá–lo, e o pobre animal estava apavorado, puxavam–no pela embocadura e o machucavam.
– E você?– perguntou Perdicas.
– Eu? Nada. Mandei que aqueles infelizes o soltassem e aí saí correndo atrás dele...
– Chega de conversa de cavalos! – gritou Ptolomeu para sobrepujar a algazarra dos amigos apinhados em volta de Alexandre. – Vamos falar de mulheres! E tomem seus assentos, que a comida está pronta.
– Mulheres? – berrou ainda mais alto Seleuco. – Sabia que Perdicas está apaixonado pela sua irmã?
Perdicas ficou vermelho e deu–lhe um empurrão que o fez rolar ao chão.
– É verdade! – insistiu Seleuco. – Eu mesmo o vi fazer o olhar de peixe

morto para ela durante uma cerimônia oficial. Um guarda da escolta com olhar de peixe morto! Ali, ali! – riu baixinho.
– E tem mais – acrescentou Ptolomeu. – Amanhã vai comandar a escolta que levará a princesa ao templo para oferecer à deusa Ártemis o sacrifício de iniciação. Em seu lugar, eu não confiaria muito nele.
Vendo Perdicas rubro como um camarão, Alexandre procurou mudar de assunto e pediu silêncio.
– Muito bem, homens! Só quero dizer isto: estou muito contente em reencontrá–los e orgulhoso que os meus amigos e companheiros formem a turma de Alexandre! – Levantou a taça e bebeu tudo de um só gole.
– Vinho! – ordenou Ptolomeu. – Vinho para todos! – E aí bateu palmas e enquanto os hóspedes se acomodavam nos leitos, alguns serviçais serviam o vinho tirando–o da cratera e outros começavam a trazer a comida: perdizes no espeto, tordos, galos monteses, gansos e, por último, raros e deliciosos faisões.
Alexandre escolhera ter à sua direita o amigo mais querido, Heféstion, e à esquerda Ptolomeu, o dono da casa.
Depois da caça veio um quarto de vitelo assado que o senescal cortou em pedaços colocando uma porção diante de cada um, enquanto os serviçais traziam cestas de pão cheiroso e quentinho, nozes sem casca e ovos de marrecas cozidos.
Logo a seguir chegaram as tocadores de flauta e entoaram suas músicas. Eram todas muito bonitas e exóticas: mísias, cárias, trácias, bitínias; usavam os cabelos presos com fitas coloridas ou toucas debruadas com prata e ouro, e vestiam roupas imitando as amazonas, com curtas únicas, arcos e aljavas a tiracolo, objetos de cena usados nos teatros.
Depois da primeira canção algumas delas deixaram de lado os arcos e, depois da segunda, as aljavas e em seguida também as sandálias e as túnicas, ficando completamente nuas, com seus jovens corpos a reluzirem ungüentos perfumados sob a luz das lanternas. Começaram a dançar ao som das flautas e dos tímpanos, rodopiando diante das mesas e entre os leitos dos comensais.
Os amigos já haviam terminado de comer, mas continuavam a beber e já estavam na maior animação. Alguns deles se levantaram, tiraram a roupa e se juntaram à dança que o ritmo cada vez mais acelerado dos tímpanos e dos tamborins ia levando ao paroxismo.

De repente Ptolomeu segurou uma jovem pela mão detendo os seus movimentos vorticosos e virou–a para que se mostrasse a Alexandre.
– É a mais bonita de todas – disse. – Escolhi–a para você.
– E para mim? – perguntou Heféstion.
– Gosta desta aqui? – indagou Alexandre parando outra jovem maravilhosa, de cabelos ruivos.
Ptolomeu ordenara aos serviçais que carregassem as lamparinas de forma que em certa altura algumas se apagassem, deixando a sala numa espécie de penumbra, Os jovens se abraçavam nos leitos, sobre os tapetes e as peles que cobriam parte do soalho, enquanto a música das flautas continuava a ressoar entre as paredes ornadas de afrescos, quase cadenciando a sua ofegante agitação e o movimento dos seus corpos brilhosos na luz incerta das poucas lanternas que ainda ardiam nos cantos da grande sala.



CAPÍTULO 20

Alexandre saiu de lá já de madrugada, ébrio e tomado por uma excitação incontrolável. Era como se uma força por muito tempo reprimida estivesse desencadeando–se para dominá–lo completamente.
longe, escondido na escuridão, havia o retiro tranqüilo de Mésia e talvez Aristóteles ainda estivesse acordado naquela hora tardia, desfiando a meada sutil dos seus pensamentos. Pareceu–lhe que já haviam se passado anos desde o momento em que se separaram.
Foi acordado por um guarda pouco antes da alvorada e ficou sentado na cama segurando a própria cabeça que parecia estourar.
– Espero que tenha um bom motivo para despertar–me, pois de outra forma...
– O motivo é que o rei está chamando, Alexandre. Quer que vá vê–lo imediatamente.
Mal conseguindo ficar de pé, o jovem levantou–se, alcançou do jeito que pôde a bacia para as abluções e mergulhou várias vezes a cabeça na água, depois jogou uma clâmide em cima dos ombros nus, calçou as sandálias e acompanhou o seu guia.
Filipe recebeu–o numa sala do arsenal real e ficou logo claro que estava de péssimo humor.
– Aconteceu uma coisa muito grave – disse. – Antes da sua volta de Mésia pedi que sua mãe me ajudasse numa missão delicada: uma embaixada a Atenas na tentativa de bloquear um plano de Demóstenes que poderia ser prejudicial à nossa Política. Achei que um emissário da rainha poderia ter maiores probabilidades de ser ouvido e de conseguir alguma coisa. Mas eu estava errado, infelizmente. Acusaram o enviado de ser um espião e o torturaram até morrer. Sabe o que isto significa?
– Que devemos declarar guerra a Atenas – respondeu Alexandre, que na presença do pai recuperara uma boa parte da sua lucidez.
– Não é tão simples. Demóstenes está tentando formar uma liga pan–helênica e levá–la à guerra contra nós.
– Vamos vencê–los.

– Alexandre, já é hora de entender que nem sempre as armas são a solução para todos os problemas. Eu fiz o impossível para ser reconhecido como o chefe de uma liga pan–helênica, e não como o inimigo. Tenho um plano ambicioso: levar a guerra à Ásia contra os persas. Vencer e rechaçar para longe das costas do Egeu o secular inimigo dos gregos e assumir o controle de todas as vias comerciais do Oriente que chegam às nossas praias. Para realizar este projeto preciso impor–me como chefe indiscutível de uma grande coalizão que junte todas as forças dos estados gregos, e fazer que em todas as cidades importantes chegue ao poder o partido que me apoia, e não aquele que quer me ver morto. Está entendendo?
Alexandre assentiu.
– O que pretende fazer?
– Por enquanto, esperar. Na última campanha sofri consideráveis perdas e tenho de reconstituir os setores do nosso exército que foram desfalcados durante a guerra do Helesponto e da Trácia. Não receio lutar, mas prefiro fazê–lo quando há maiores possibilidades de vitória.
– Mandarei avisar todos os nossos espiões em Atenas, Tebas e nas demais cidades da Grécia para que nos mantenham continuamente informados acerca da evolução da situação política e militar. Demóstenes precisa de Tebas se quiser ter alguma esperança de sucesso numa confrontação conosco, pois Tebas tem o mais forte exército terrestre depois do nosso. De forma que devemos esperar a hora certa para impedir que tal aliança se realize. Não deveria ser muito difícil: atenienses e tebanos sempre se odiaram. De qualquer maneira, se apesar de tudo esta aliança for consolidada, então teremos de atacar, com a força e a rapidez de um relâmpago. O tempo da sua educação acabou, Alexandre. De agora em diante ficará a par de tudo aquilo que acontece e que nos diz respeito. De noite ou de dia, chova ou faça sol. Agora quero que vá relatar à tua mãe a notícia da morte do seu emissário. Tinha muita afeição por ele, mas não lhe poupe os detalhes: quero que saiba exatamente o que aconteceu. Quanto a você, fique preparado: a próxima vez que liderar os seus companheiros não será para caçar um urso ou um leão. Será na guerra.
Alexandre saiu em direção aos aposentos da mãe e, numa varanda, encontrou Cleópatra, que, num lindo peplo bordado, ia descer as escadas acompanhada por duas criadas com uma volumosa cesta.

– Então está realmente de partida – disse–lhe.
– Sim, irei ao santuário de Ártemis para ofertar à deusa todos os meus brinquedos infantis e as minhas bonecas – respondeu a irmã acenando para a cesta.
– Claro, já é uma mulher. O tempo passa rápido. Vais ofertar todos mesmo? Cleópatra sorriu:
– Não exatamente. Lembra–te daquela bonequinha egípcia de pernas e braços articulados e com o estojo completo de maquiagem que papai me deu como presente de aniversário?
– Sim, acho que me lembro – respondeu Alexandre com um esforço de memória.
– Pois bem, aquela eu vou guardar. Espero que a deusa me perdoe, o que acha?
– Oh, quanto a isto não tenho dúvidas. Boa viagem, irmãzinha.
Cleópatra deu–lhe um beijo na face e aí desceu rapidamente as escadas acompanhada pelas criadas até o posto de guarda, onde uma carruagem e a escolta comandada por Perdicas esperavam por ela.
– Não quero ir de carruagem – queixou–se. – Não posso ir montando o meu cavalo?
Perdicas sacudiu a cabeça.
– Recebi ordens e, além do mais, com essa roupa, princesa?
Cleópatra levantou a bainha do peplo até o queixo e mostrou que por baixo vestia um quitão muito curto:
– Está vendo? Não pareço a rainha das amazonas? Perdicas ficou rubro.
– É claro, princesa – admitiu engolindo em seco.
– Então? – Cleópatra deixou cair novamente o peplo sobre os tornozelos. Perdicas suspirou.
– Sabe que eu nada posso te recusar. Mas vamos fazer o seguinte: por enquanto toma assento na carruagem. Aí, quando estivermos longe da cidade e ninguém puder ver, poderá prosseguir a cavalo. Mandarei subir no carro um dos meus guardas. Até que não vai sofrer muito com as suas criadas.
– Ótimo! – exultou a jovem.
Partiram quando o sol começava a aparecer por trás do Ródopes e tomaram a estrada que ia para o norte, em direção a Oropos. O templo de Ártemis surgia na metade do caminho, sobre um istmo que separava dois lagos gêmeos. Um lugar de encantadora beleza.

Logo que ficaram suficientemente distantes, Cleópatra mandou parar a carruagem, tirou o peplo sob os olhares peplexos da escolta, pegou o cavalo de um dos guardas mandando o mesmo subir no coche em seu lugar. Retomaram viagem acompanhados pelos gritinhos das criadas.
– Está vendo? – observou Cleópatra. – Assim todos acabam se divertindo muito mais.
Perdicas anuiu, tentando manter o olhar fixo diante de si, mas os seus olhos não paravam de voltar às pernas nuas da princesa e ao movimento ondeante dos seus quadris, que era para ele como uma vertigem.
– Sinto muito se te criei tantos problemas – desculpou–se a jovem.
– Nenhum problema – rebateu Perdicas. – Aliás eu mesmo me ofereci para esta tarefa.
– Verdade? – perguntou Cleópatra mirando–o de soslaio. Perdicas assentiu, cada vez mais sem jeito.
– Fico–lhe muito grata. Eu também gosto da idéia de te–lo como acompanhante. Sei que é muito corajoso.
O jovem sentiu o coração pular na sua garganta, mas procurou se conter, pois sabia que estava sendo observado pelos seus homens.
Quando o sol ficou bem alto no céu pararam para almoçar à sombra de uma árvore e Perdicas pediu que Cleópatra vestisse o peplo e voltasse para a carruagem: já não estavam longe do santuário.
– Está certo – admitiu a mocinha. Mandou o guarda sair da carruagem e vestiu de novo a roupa de cerimônia.
Chegaram ao templo no começo da tarde. Cleópatra entrou acompanhada pelas criadas com a cesta, foi andando até a estátua de Artemis, linda e muito antiga, de madeira esculpida e pintada, e colocou no chão os brinquedos, as bonecas, as ânforas e as taças em miniatura. Aí invocou–a:
– Virgem, deusa, aqui deixo aos seus pés as lembranças da minha infância e peço a sua compaixão se eu não tiver a força nem a vontade de continuar virgem. Fique contente, te peço, com estes presentes, e não me inveje se eu escolher aproveitar as alegrias do amor. Ofereceu uma generosa quantia aos sacerdotes do santuário e saiu.
O lugar era incrivelmente bonito: o pequeno templo, cercado por moitas de roseiras, surgia num gramado extremamente verde e se espelhava nos dois lagos gêmeos que jaziam à esquerda e à direita, azuis como dois olhos a refletirem o céu.

Perdicas aproximou–se.
– Providenciei a hospedagem para você e suas criadas aqui nas dependências do santuário, para passarem a noite.
– E você?
– Eu velarei o seu sono, minha senhora. A jovem baixou a cabeça.
– A noite toda?
– Sem dúvida. A noite toda. Sou responsável... Cleópatra levantou os olhos e sorriu.
– Sei que é muito responsável, Perdicas, mas não me agrada que fique acordado a noite toda. Pensei que...
– O que pensou, minha senhora? – perguntou o jovem cada vez mais ansioso.
– Que... se por acaso ficar amolado poderia subir para conversar comigo.
– Oh, seria um grande prazer e uma honra e ...
– Deixarei a porta aberta, então.
Sorriu mais uma vez, piscando, e correu para juntar–se às suas criadas, que brincavam no gramado, entre as roseiras floridas.



CAPÍTULO 21

Logo depois da volta de Alexandre para Pela, o conselho do santuário de Delfos pediu que Filipe tutelasse os direitos do templo de Apolo contra a cidade de Anfissa, cujos habitantes tinham abusivamente cultivado terras que pertenciam ao deus. Enquanto o soberano se preparava para avaliar qual poderia ser o verdadeiro objetivo daquela nova guerra santa recebeu notícias importantes da Ásia.

Trouxe-as pessoalmente um dos seus espiões, um grego da Cilícia chamado Eumolpo que se dedicava a uma atividade comercial na cidade de Sôli e que chegara por mar desembarcando no porto de Terma. O rei recebeu-o sozinho, no seu gabinete particular.

– Tenho um presente para o senhor – anunciou o espião colocando na mesa de Filipe uma preciosa estatueta de lápis-lazúli que representava a deusa Astartéia. – É muito antiga e rara, e corresponde à Afrodite dos cananeus. Vai proteger por muito tempo a sua energia viril.

– Fico agradecido, prezo muito o meu vigor masculino, mas espero que não seja só este o motivo da tua vinda.

– Claro que não – rebateu Eumolpo. – Há grandes novidades da capital dos persas: o imperador Artaxerxes foi envenenado pelo seu médico, ao que parece a mando de um eunuco da corte.

Filipe sacudiu a cabeça.

– Os castrados são traiçoeiros. Uma vez queriam dar-me um de presente, mas eu recusei. São invejosos de todos aqueles que ainda têm a possibilidade, a eles negada, de foder. É compreensível, aliás. E eis a prova, de qualquer maneira, que fiz bem em não aceitar.

– O eunuco se chama Bagoas. Parece que foi por motivo de ciúmes.

– Capado e arrebentado no cu, ainda por cima. Era de esperar – comentou Filipe. – E o que vai acontecer agora?

– Já aconteceu, senhor. Este tal de Bagoas convenceu os nobres a entregar a coroa a Arxes, filho do finado Artaxerxes e de Atoxa, uma das suas esposas.

– Aqui está – disse tirando uma moeda do bolso e passando-a por cima da mesa a Filipe. – Acaba de ser cunhada.

O rei observou o perfil do novo imperador, caracterizado pelo enorme nariz de ave de rapina.
– Não tem uma aparência muito tranqüilizadora. Parece até pior do que o pai, que já era um osso duro de roer. Acha que vai durar?
– Não sei – suspirou Eumolpo, dando de ombros. – É difícil dizer. A opinião comum dos nossos observadores, no entanto, é que Bagoas quer governar através de Arxes, e que este durará enquanto fizer o que Bagoas mandar.
– Faz sentido. Mandarei os meus cumprimentos ao novo soberano àquela bola murcha de Bagoas, e vamos ver como é que vão reagir. Você, por sua vez, continua a me manter informado sobre tudo o que acontece na corte de Susa e não terá do que se queixar. Agora procure o meu secretário que lhe pagará o combinado, e diga–lhe que venha falar comigo.
Eumolpo saudou–o cerimoniosamente e retirou–se, deixando Filipe meditando sobre as providências a serem tomadas. Quando Eumênio apareceu, já tinha tomado uma decisão.
– Chamou–me, senhor?
– Sente e tome nota.
Eumênio pegou um estilo e uma tábula, sentou num banquinho enquanto o soberano começava a ditar:
Filipe, rei dos macedônios, a Arxes, rei dos persas, Rei dos Reis, luz dos arianos etc. etc. ... salve!
O rei Artaxerxes, terceiro com este nome, teu pai e antecessor, ocasionou–nos grande ofensa sem provocação alguma de nossa parte. Alistou e pagou tropas mercenárias, e entregou–as aos nossos inimigos enquanto estávamos ocupados com o sítio de Perinto e a guerra contra Bisâncio.
Os prejuízos que sofremos foram extremamente relevantes. Por isto peço–te o pagamento de uma indenização de...
Eumênio levantou a cabeça à espera da quantia.
... quinhentos talentos.
Eumênio deixou escapar um assovio.
Se não satisfazeres este pedido teremos de considerá–lo nosso inimigo, com tudo aquilo que tal consideração poderá acarretar.
Cuide–se e que os deuses etc. etc.
– Transcreve–a em um papiro e traga de volta para que eu aponha o

sinete. Deverá ser enviada por um mensageiro veloz.
– Por Zeus, senhor! – exclamou Eumênio. – É a carta mais peremptória que eu já vi. Arxes não terá outra escolha a não ser responder no mesmo tom.
– É justamente aquilo que quero – afirmou o rei. – Calculando que a mensagem demore um mês ou dois para chegar e o mesmo tempo para voltar, vai sobrar–me o tempo certo para ajeitar as coisas na Grécia. E depois disto cuidarei daquele boneco castrado do Bagoas. Deixe Alexandre ler a carta e averigue o que ele acha a respeito.
– Farei isto, senhor – confirmou Eumênio saindo com a pequena tábula embaixo do braço.
Alexandre leu a mensagem e percebeu que o pai já decidira invadir a Ásia e que só procurava um pretexto para desencadear a guerra.
Voltou a Mésia logo que conseguiu se livrar dos muitos compromissos que a sua chegada a Pela ocasionara: a participação nas reuniões do governo, na recepção de hóspedes estrangeiros, embaixadas e delegações, e nas assembléias do exército, fundamentais para o relacionamento entre a coroa e os nobres que a apoiavam.
Aristóteles já tinha ido embora, mas ficara o seu sobrinho Calístenes para catalogar a coleção naturalística e cuidar da edição das obras que o filósofo expressamente dedicara ao seu real discípulo: um estudo sobre a monarquia e outro sobre a colonização, onde teorizava a difusão pelo mundo afora do modelo da cidade estado grega, único verdadeiro veículo de liberdade, laboratório de civilização espiritual e material.
Mesmo assim Alexandre ficou alguns dias por lá, para descansar e meditar, fazendo as suas refeições com Calístenes, um jovem de grande cultura que tinha um conhecimento profundo da situação política dos estados gregos.
A sua paixão pela história não só o induzira a procurar as grandes obras clássicas de Hecateu de Mileto, de Heródoto e Tucidides, como também as dos historiadores ocidentais como o siracusano Filisto, que narrava as peripécias das cidades gregas da Sicília e da Itália, um país onde emergiam novas potências como a cidade de Roma, fundada pelo herói troiano Enéias e visitada por Hércules durante a sua viagem de volta da Ibéria. Após o jantar, ficavam sentados sob os arcos, conversando até tarde.
– Enquanto o seu pai lutava contra os citas, o conselho do santuário de

Delfos declarou mais uma guerra santa contra os habitantes de Anfissa.
– Sei – confirmou o príncipe. – Nenhuma das partes, no entanto, é bastante forte para prevalecer. Por trás de Anfissa há os tebanos, mas preferem não sair em campo aberto, pois querem evitar a ira do conselho, e a situação é mais uma vez crítica, sobretudo tendo em vista a atitude que poderá ser tomada por Atenas. O conselho já nos enviou um pedido formal de intervenção e não creio que meu pai irá se fazer de rogado.
Calístenes serviu um pouco de vinho para ambos.
– O conselho é presidido pelos tessálios, que são seus amigos... Se bem conheço seu pai, não me surpreenderia se ele mesmo tivesse arquitetado toda esta manobra.
Alexandre fitou–o enquanto saboreava com aparente displicência o seu vinho.
– Devo pensar, Calístenes, que fica de ouvidos atentos? O jovem pousou a sua taça na mesa.
– Eu sou um historiador, Alexandre, e acredito ser um bom aluno do meu tio, assim como você mesmo o foi. Não deve, portanto ficar surpreso ao me ver usar os meios da lógica, sem precisar prestar atenção a boatos de segunda ou terceira mão. Deixe–me então adivinhar: seu pai sabe muito bem que a opinião pública em Atenas não gosta nem um pouco dos tebanos, mas também sabe que Demóstenes fará o possível para que os atenienses mudem de idéia e apoiem Tebas, que por sua vez defende Anfissa contra o conselho do santuário, isto é, contra Filipe. Demóstenes, por sua vez, sabe que só juntando as força de Atenas e de Tebas pode ter esperança de evitar a definitiva consolidação da supremacia Macedônia sobre a Grécia, e tentará, portanto, o impossível para chegar a uma aliança com os tebanos, mesmo correndo o risco de desafiar a mais alta assembléia religiosa dos gregos e o oráculo do deus Apolo.
– E como é que os tebanos vão reagir, no seu entender? – perguntou Alexandre, curioso de conhecer até o fim as avaliações do seu interlocutor.
– Vai depender de dois fatores: o comportamento dos atenienses e o comportamento do exército macedônio na Grécia central. Seu pai vai tentar exercer a maior pressão possível sobre os tebanos para impedir que se aliem a Atenas. Sabe muito bem que neste caso teria de enfrentar

a maior potência terrestre e a maior potência naval de toda a Grécia, tarefa bastante indigesta mesmo para o rei dos macedônios.
Alexandre ficou por algum tempo calado, como se escutasse os sons da noite que vinham da floresta próxima, e Calístenes serviu–lhe mais um pouco de vinho.
– O que tenciona fazer ao terminar o seu trabalho aqui em Mésia? – perguntou após molhar apenas de leve os lábios.
– Acho que vou ficar com o meu tio em Estagira, mas na verdade gostaria de acompanhar a guerra de perto.
– Poderá ir comigo, se meu pai me chamar para juntar–me a ele.
– Gostaria muito – exclamou Calístenes, e se via que já estava esperando esta proposta que satisfazia ao mesmo tempo a ambição dele e a de Alexandre.
– Então, quando acabar aqui em Mésia, vem a Pela.
Calístenes aceitou com entusiasmo. Deixaram–se a altas horas da madrugada após conversarem longamente sobre assuntos filosóficos. No dia seguinte o jovem entregou ao príncipe as duas obras de Aristóteles que lhe havia prometido, cada uma acompanhada de uma carta que o filósofo escrevera de próprio punho.
Alexandre voltou ao palácio três dias depois, no fim da tarde, mas a tempo de participar do conselho de guerra reunido pelo pai. Havia os generais Antípatro, Parmênio, Cleito, o Negro, e os comandantes de todas as principais unidades da falange e da cavalaria. Alexandre estava presente na condição de comandante da Ponta.
Na parede do fundo da sala do conselho havia um mapa da Grécia que Filipe mandara pintar alguns anos antes por um geógrafo de Esmirna e o soberano explicou, com a ajuda daquela imagem, como tencionava movimentar–
se.
– Não quero atacar logo Anfissa – disse. – A Grécia central é um território perigoso e de difícil acesso, onde poderíamos ficar aprisionados entre estreitos desfiladeiros, perdendo assim, de uma hora para a outra, a liberdade de manobra e nos tornando presa fácil ao inimigo. Antes de tudo, portanto, teremos de dominar com firmeza as chaves desta região, isto é, Kithion, e Elatéia. Aí veremos o que fazer. As nossas tropas já estão em marcha de aproximação através da Tessália; eu e Parmênio estaremos com elas muito em breve, pois partiremos

amanhã. Antípatro ficará com o comando dos destacamentos que ficarão guarnecendo a Macedônia.
Alexandre esperava com ansiedade que o rei lhe comunicasse as tarefas que reservara para ele nas operações bélicas, mas ficou decepcionado.
– Deixarei com o meu filho o sinete argeade para que me represente na minha ausência. Cada ato seu terá o valor de decreto real.
O jovem teve um gesto de impaciência, mas um olhar do pai o gelou.
Eumênio entrou naquele momento com o sinete e o entregou a Alexandre, que, apesar de contrafeito, enfiou–o no dedo dizendo:
– Fico grato ao rei pela honra que me concede e tudo farei para merecer esta confiança.
Filipe virou–se para o secretário:
– Leia aos comandantes a carta que mandei levar ao novo rei dos persas. Quero que saibam que muito em breve alguém poderá partir para a Ásia para nos abrir caminho.
Eumênio leu com solenidade, alto e bom som.
– Se a resposta for a que imagino – continuou o rei – Parmênio poderia atravessar os estreitos e nos assegurar a posse da margem oriental tendo em vista a nossa invasão da Ásia, enquanto nós cuidaremos de ensinar de uma vez por todas aos gregos que só pode existir uma liga pan–helênica: a que eu chefiarei. Isto é tudo: podem voltar às suas tarefas.
Alexandre esperou que todos saíssem, depois que o conselho foi dissolvido, para falar com o pai.
– Por que me deixa em Pela? Eu preciso comandar a Ponta nas batalhas, e não nas paradas. E Antípatro está plenamente capacitado a cuidar dos negócios de estado na sua ausência.
– Meditei longamente antes de tomar esta decisão e não tenciono voltar atrás. O governo do país é um encargo mais difícil e talvez mais importante do que a guerra. Tenho muitos inimigos, Alexandre, e não somente em Atenas ou Tebas, mas também na Macedônia e aqui mesmo em Pela, para não falar na Pérsia, e preciso contar com uma situação interna tranqüila, entregue a alguém em que possa confiar, enquanto eu estiver fora lutando. E eu confio em você.
O jovem baixou a cabeça não tendo como argumentar contra aquelas palavras. Mas Filipe compreendera o que se passava na sua alma e continuou:
– O sinete que lhe foi entregue é o símbolo de uma das mais altas

dignidades que existem no mundo, e usá–lo comporta capacidades bem mais notáveis do que as necessárias para guiar ao ataque um esquadrão de cavalaria.
– É aqui, na corte, que aprenderá a ser rei, não no campo de batalha; a profissão de um soberano é a política, não o uso da lança e da espada. Ainda assim, se chegar a hora do embate final, se eu precisar de fato de todas as forças de que disponho, mandarei te chamar e você mesmo comandará a Ponta na batalha. Ninguém mais. Vamos, não fique com essa cara, tenho uma surpresa para levantar–lhe o, moral.
Alexandre meneou a cabeça.
– O que me arranjou, agora, pai?
– Já vai saber – disse Filipe com um sorriso maroto.
Levantou–se e saiu da sala do conselho. Em seguida Alexandre ouviu–o chamar a plenos pulmões o seu escudeiro e pedir que lhe trouxesse o cavalo arreado e avisasse a guarda. Foi até o pórtico em volta do pátio em tempo para vê–lo partir a galope na noite.
O jovem ficou até tarde no seu estúdio para preparar–se para as tarefas do dia seguinte; depois, pouco antes da meia–noite, apagou a lamparina e dirigiu–se aos seus aposentos. Logo que entrou chamou Leptine, mas a jovem não respondeu.
– Leptine – repetiu impaciente. Devia estar doente, ou zangada com ele por alguma razão que ignorava. Outra voz chegou da penumbra do quarto de dormir:
– Leptine teve de sair. Voltará amanhã de manhã.
– Por Zeus! – exclamou Alexandre ao ouvir aquela voz desconhecida no seu quarto. Segurou a espada e entrou.
– Não é essa a espada que deverá usar para traspassar–me – observou a voz. Alexandre viu–se diante de uma jovem estupenda que nunca tinha visto antes, sentada na cama.
– Quem é e quem te deixou entrar no meu quarto? – começou a perguntar.
– Sou a surpresa que seu pai, o rei Filipe, te prometeu. O meu nome é Kampaspe.
– Sinto muito, Kampaspe – rebateu Alexandre apontando para a porta –, mas se eu quisesse este tipo de surpresas, saberia dar um jeito sozinho. Adeus.
A jovem levantou–se, mas em vez de dirigir–se à saída, com gesto rápido

e suave soltou as presilhas que seguravam o seu peplo e ficou diante dele vestindo somente as sandálias de fita prateada.
Alexandre deixou cair inerte a mão direita que mantinha levantada para indicar a porta e ficou olhando para ela sem palavras. Era a mulher mais bonita que já tinha visto na vida, tão maravilhosa de deixar sem fôlego e de fazer ferver o sangue nas veias. Tinha um pescoço liso e macio, ombros retos, mas delicados, seios firmes e eretos, coxas longas e lisas que pareciam esculpidas em mármore de Paros. Sentiu de repente a língua seca roçando–lhe o céu da boca.
A jovem aproximou–se e segurou a sua mão puxando–o para o quarto de banho.
– Posso despir–te? – perguntou começando a soltar as fivelas que seguravam o quiton e a clâmide.
– Receio que Leptine vá ficar furiosa e que... – começou a gaguejar Alexandre.
– Talvez, mas você ficará certamente feliz e satisfeito. Eu te garanto. – Agora o príncipe também estava nu e a jovem colou–se a ele, mas logo que percebeu a sua formidável reação esquivou–se e o puxou consigo para a banheira.
– Aqui vai ser ainda melhor. Acredite.
Alexandre acompanhou–a e ela começou a acariciá–lo com uma sabedoria e uma habilidade que até então haviam sido para ele desconhecidas, excitando a sua libido até o espasmo para então retrair–se delicadamente e recomeçar a afagar o seu corpo em lugares mais periféricos.
Quando percebeu que ele estava no auge da excitação, deixou–se escorregar para fora da banheira e foi deitar na cama, pingando água perfumada na luz dourada das lanternas, e abriu as coxas. O jovem abraçou–a com fúria, mas ela sussurrou–lhe no ouvido:
– Usará o aríete desta forma quando tiver de desmantelar as muralhas de uma cidade, mas agora deixe que eu te guie e verá...
Alexandre deixou–a à vontade e sentiu–se afundar no prazer como uma pedra na água, um prazer cada vez mais forte e intenso, até a explosão. Mas Kampaspe queria mais, e voltou a excitá–lo com a boca úmida e ardente para em seguida subir nele e guiá–lo mais uma vez, com extenuante lentidão, na dança do amor. E naquela noite o jovem príncipe compreendeu que o prazer podia ser mil vezes mais intenso do

que aquele que já experimentara no ingênuo e tosco amor de Leptine.



CAPÍTULO 22

Desde o momento em que o pai partiu, Alexandre recebeu dele, sem falta, relatórios diários que o mantinham a par do progresso das operações e dos deslocamentos. Soube assim que já com a sua primeira intervenção Filipe conseguira realizar completamente o seu programa ocupando Khition e a seguir Elatéia, no fim do verão.

Filipe, rei dos macedônios, a Alexandre, salve.

Hoje, terceiro dia do mês de Metagithnion, ocupei Elatéia.

A minha façanha provocou o pânico em Atenas, pois todos pensaram que logo a seguir iria conduzir o meu exército contra eles convencendo os tebanos a marcharem ao nosso lado. Demóstenes, no entanto, convenceu os cidadãos de que a minha ação só visava pressionar Tebas para impedir que se alie aos atenienses. E convenceu–os a enviá–lo com uma delegação para estipular uma aliança com os tebanos. Eu também decidi mandar uma embaixada àquela cidade para convencê–los do contrário. Eu o manterei informado.

Cuide de si e da rainha sua mãe.

Alexandre mandou convocar Calístenes, que se juntara a ele no palácio havia alguns dias.

– Está acontecendo mais ou menos o que você previu – comunicou–lhe. –

Recebi há pouco um relatório do meu pai sobre o progresso da expedição. Agora duas delegações, uma ateniense e outra macedônia, procurarão convencer os tebanos a tomarem partido. Quem acha que levará a melhor, no seu entender?

Calístenes ajeitou com gesto um tanto empolado o manto sobre o braço esquerdo e disse:

– É sempre arriscado fazer previsões, algo mais condizente com um adivinho do que com um historiador. Quem vai presidir a embaixada ateniense?

– Demóstenes.

– Então quem levará a melhor será ele. Não há hoje na Grécia um orador maior do que ele. Prepare–se para partir.

– Por que diz isto?
– Porque vai haver o choque definitivo, e nesse dia seu pai vai querer a sua presença ao seu lado no campo de batalha.
Alexandre fitou–o nos olhos.
– Se isto acontecer, quando chegar a hora caberá a você escrever a história das minhas façanhas.
O príncipe não demorou quase nada a perceber quão certo estava o Pai: administrar o poder político era bem mais árduo do que combater em campo aberto. Na corte, todos achavam ter a obrigação de dar–lhe conselhos, considerando a sua jovem idade, e todos acreditavam poder influir nas suas decisões, a começar pela mãe. Certa noite a rainha convidou–o para jantar nos seus aposentos com a desculpa de presenteá–lo com um manto que bordara para ele pessoalmente.
– É maravilhoso – exclamou Alexandre logo que o viu, e, apesar de reconhecer nele a requintada mão–de–obra de Efeso acrescentou: – Deve ter–lhe custado meses de trabalho.
Só havia duas mesas e dois leitos, um ao lado do outro.
– Imaginei que Cleópatra também estaria conosco, esta noite.
– Pegou um resfriado e está um tanto febril. Pede que a desculpe. Mas sente, por favor. O jantar está pronto.
Alexandre deitou–se no leito e pegou um punhado de amêndoas enquanto uma criada ia servindo uma sopa de carne de pato e bolinhos de pão cozidos na cinza. As refeições da mãe sempre eram bastante simples e frugais.
Olympias também se deitou e pediu uma taça de caldo.
– Então, qual é a sensação de sentar no trono do seu pai? – perguntou depois de sorver algumas colheiradas.
– A mesma de quando ocupo qualquer outro assento – respondeu o filho sem esconder um certo aborrecimento.
– Não fuja da minha pergunta – admoestou–o Olympias fitando–o nos olhos. –
Sabe muito bem o que quero dizer.
– Sei, mãe. E o que espera que eu diga? Procuro fazer o melhor que posso, evitando erros e acompanhando de perto os negócios do estado.
– Muito louvável – observou a rainha.
Uma criada colocou diante dela uma tigela com legumes e verduras e a temperou com sal, azeite e vinagre.

– Já considerou, Alexandre – continuou Olympias –, que seu pai poderia nos faltar de repente?
– Meu pai luta na frente de batalha com os seus soldados. Pode acontecer.
– E se acontecer?
A criada serviu–lhe uma taça de vinho, levou o prato e voltou com um espeto de carne de grou e uma tigela de purê de ervilhas sem casca que ele recusou com um gesto da mão.
– Desculpe, tinha esquecido que detesta ervilhas... Então, já pensou no assunto?
– Ficaria magoado. Quero bem a meu pai.
– Estou falando de outra coisa, Alexandre. Refiro–me à sua sucessão.
– Ninguém tem dúvidas quanto à minha sucessão.
– Enquanto seu pai viver, e enquanto eu continuar viva...
– Mãe, só está com trinta e sete anos.
– Isto nada significa. Acidentes acontecem sem mandar aviso. O que quero dizer é que o seu primo Amintas é cinco anos mais velho que você, e era o herdeiro antes que você nascesse. Alguém poderia apresentá–lo como candidato ao trono em seu lugar. E além do mais seu pai tem outro filho, com uma das suas... esposas.
Alexandre deu de ombros.
– Arrideu é um pobre imbecil.
– Imbecil, mas mesmo assim de sangue real. Ele também poderia te criar problemas.
– E o que deveria fazer, então, no seu entender?
– Está com o poder, neste momento, e seu pai está longe. Pode dispor do tesouro real: pode fazer o que bem quiser. Basta que pague a alguém.
Alexandre ficou sombrio.
– Meu pai deixou Amintas viver, mesmo depois que eu nasci, e não tenho a menor intenção de fazer o que está sugerindo. Nunca.
Olympias teve um gesto de desaprovação.
– Aristóteles deve ter enchido sua cabeça com as suas idéias acerca da democracia, mas para um rei é diferente. Um rei deve garantir para si a sucessão: entende isto?
– Agora chega, mãe. Meu pai está vivo, a sua saúde está ótima e assunto encerrado. Se um dia eu precisar de ajuda, eu a pedirei ao seu irmão, o rei do Epiro. Gosta de mim e me apoiará.

– Escute o que estou dizendo – insistiu Olympias, mas Alexandre, já a ponto de perder a paciência, levantou–se e deu–lhe um rápido beijo na face. – Obrigado pelo jantar, mãe. Agora preciso ir, boa–noite.
Desceu para o pátio interno do palácio e inspecionou o posto de guarda na entrada antes de subir para ver Eumênio, que ainda trabalhava no seu escritório atarefado em registrar a correspondência destinada ao rei.
– Notícias de meu pai? – perguntou.
– Sim, mas sem novidades. Os tebanos ainda não decidiram de que lado querem ficar.
– O que está fazendo Amintas nestes últimos tempos?
– O que quer dizer com isto?
– Exatamente o que disse.
– Bom, não sei. Creio que esteja caçando na Lincéstide.
– Muito bem, quando voltar quero que lhe confie uma tarefa diplomática.
– Diplomática? Mas de qual tipo?
– De qualquer tipo. Deve haver alguma missão apropriada para ele, não? Na Ásia, na Trácia, nas ilhas. Onde achar melhor.
Eumênio já começava a protestar:
– Para dizer a verdade, não sei mesmo o que... Mas Alexandre já havia saído.
A embaixada de Filipe chegou a Tebas no meio do outono e foi admitida para falar diante da assembléia da cidade reunida em plenário no teatro.
Naquele mesmo dia também foi recebida a delegação de Atenas, presidida pessoalmente por Demóstenes, pois o conselho queria que o povo tivesse a oportunidade de avaliar as duas propostas comparando–as no mais breve intervalo de tempo possível.
Filipe conversara longamente com o seu estado–maior e achava as suas propostas tão vantajosas para os tebanos que certamente estes iriam aceitá–las. Não pedia que se tomassem seus aliados, pois bem sabia que nos bastidores eles apoiavam Anfissa, a cidade contra a qual havia sido declarada a guerra santa: se contentaria com a sua neutralidade. Em troca, oferecia consideráveis benefícios econômicos e territoriais ou então, em caso de recusa, ameaçava com pavorosas retaliações. Quem seria louco de recusar?
O chefe da missão macedônia, Eudemo de Oreos, concluiu a sua exposição medindo cautelosamente – lisonjas, ameaças e chantagens.

Depois saiu.
Logo a seguir foi se encontrar com um amigo e informante tebano que o levou a um local onde se podia ver e ouvir o que acontecia na assembléia. Sabia, com efeito, que Filipe iria querer um relato pessoal, e não notícias de segunda mão.
A assembléia deixou passar um curto espaço de tempo, o mínimo indispensável para que os macedônios não se encontrassem com os atenienses e não chegassem às vias de fato, e aí mandou entrar a delegação de Demóstenes.
O grande orador tinha uma aparência austera, de filósofo, um corpo magro e enxuto e olhos expressivos sob uma testa perenemente franzida. Contavam que, quando jovem, tivera problemas de dicção e uma voz fraca e que, uma vez que tencionara se tomar orador, decidira exercitar–se declamando versos de Eurípedes em voz alta diante de vagalhões tempestuosos que se arrebentavam nas pedras. Era sabido por todos que improvisar não era o seu forte e ninguém se surpreendeu quando tirou das dobras da veste um feixe de papéis.
Começou a ler com voz bastante impostada e falou longamente, lembrando as várias fases do incontido avanço de Filipe, das suas contínuas violações dos tratados. Em certa altura, no entanto, a paixão tomou conta dele e gerou uma tocante peroração:
– Mas não estão vendo, tebanos, que a guerra santa nada mais é do que um pretexto, assim como se deu com a anterior e a outra antes dela? Filipe deseja a sua neutralidade, pois quer dividir as forças da Grécia livre e destruir, uma por uma, as cidadelas da liberdade. Se deixarem que os atenienses o enfrentem sozinhos, a seguir será a sua vez e também terão de sucumbir.
“E da mesma forma, se enfrentarem Filipe sozinhos e forem derrotados, em seguida Atenas não conseguirá salvar–se sozinha. Ele quer nos separar, pois sabe muito bem que somente as nossas forças unidas podem se opor à sua superpotência”.
"Sei que no passado muitos foram os atritos e até mesmo as guerras entre nós, mas então se tratava de conflitos entre cidades livres. Agora, de um lado temos um tirano, do outro homens livres. Não pode haver dúvidas quanto à sua escolha, tebanos!”
"Para mostrar–lhes a nossa boa fé, entregamo–lhes o comando das tropas terrestres guardando para nós somente o da esquadra, e estamos

dispostos a arcar com dois terços do custo total".
Um murmúrio percorreu as fileiras dos membros da assembléia e o orador percebeu que tinha acertado no alvo. Preparou–se então para dar o golpe de misericórdia, sabendo muito bem que se arriscava, pois poderia até ser refutado pelo seu próprio governo.
– Há mais de meio século – continuou – as cidades de Platéias e de Téspias, embora na Beócia, são aliadas de Atenas, e Atenas sempre garantiu a sua independência. Agora estamos dispostos a entregá–las de volta ao seu controle, a convencê–las a se submeterem à sua autoridade, se aceitarem a nossa proposta e se unirem a nós contra o tirano.
A paixão de Demóstenes, o seu tom inspirado, o timbre da sua voz e a força dos seus argumentos tinham surtido o efeito desejado. Quando se calou, ofegante e com o suor escorrendo–lhe na fronte, muitos se levantaram para bater palmas, e a eles se juntaram outros e mais outros até que a assembléia inteira tributou–lhe uma longa ovação.
Além do vigor do orador ateniense, haviam sido convencidos pela arrogância que o enviado de Filipe mesclara com as ameaças e as chantagens. O presidente do congresso mandou ratificar as decisões tomadas e encarregou o secretário de avisar os delegados do rei da Macedônia que a cidade recusava como um todo as suas ofertas e os seus pedidos, e os intimava a sair da cidade até o entardecer do dia seguinte, quando ficariam sujeitos a prisão e condenação como espiões.
Filipe ficou furioso como um touro ao saber da resposta, pois jamais lhe passara pela cabeça que os tebanos fossem tão loucos de desafiá–lo quando estava praticamente às portas do território deles, mas teve de aceitar o resultado da comparação entre as duas embaixadas.
Depois de acalmar–se, sentou–se puxando o manto em cima dos joelhos e resmungou um agradecimento a Eudemo de óreos, que, afinal de contas, só tinha cumprido o que o mandaram fazer. O embaixador, que até então havia permanecido em pé à espera que a fúria do rei amainasse, quando o pior passou, pediu a permissão para retirar–se e dirigiu–se à porta.
– Espere – interrompeu–o Filipe. – Como é Demóstenes? Eudemo parou no limiar e virou–se.
– Um feixe de nervos que grita "liberdade!"– respondeu. E saiu.
Filipe mal teve tempo para recuperar–se da surpresa, e os inimigos jà haviam tomado a iniciativa. Tropas leves tebanas e atenienses ocuparam

todos os desfiladeiros monteses a fim de impedir qualquer atividade militar inimiga contra a Beócia e a Atica.
O soberano, tendo de enfrentar ou voltar a Pela, deixou na Tessália um contingente sob as ordens de Parmênio e Clito, o Negro.
Alexandre foi recebê–lo na fronteira da Tessália com um destacamento da guarda real e escoltou–o até o palácio.
– Viu? – disse Filipe depois que se cumprimentaram. – Não havia pressa alguma. Ainda não se tomaram providências e o jogo continua em aberto.
– Tudo parece estar contra nós, no entanto. Tebas e Atenas aliaram–se e já conseguiram alguns sucessos consideráveis.
O rei fez um sinal com a mão como se estivesse querendo livrar–se de uma lembrança incômoda.
– Ali! – exclamou. – Deixe que se regozijem com seus sucessos. O seu despertar será ainda mais amargo. Não queria uma confrontação com os atenienses e pedi aos tebanos para ficarem fora disto. Forçaram–me à guerra puxando–me pelos cabelos, e agora terei de mostrar–lhes quem é o mais forte. Haverá outros mortos, outras ruínas: uma coisa que abomino, mas não tenho escolha.
– O que pretende fazer? – perguntou Alexandre.
– Esperar até a primavera, por enquanto. Luta–se melhor, com o calor, mas quero principalmente que o tempo deixe espaço para a reflexão. Lembre–se disto, meu rapaz: eu nunca combato pelo mero prazer de lutar. Para mim, a guerra é apenas política feita com outros meios.
Seguiram adiante por mais algum tempo em silêncio, pois o rei parecia estar observando a paisagem e as pessoas que trabalhavam nos campos. Aí, de repente, perguntou:
– Por falar nisto, como foi a minha surpresa?



CAPÍTULO 23

Não entendo o meu pai – exclamou Alexandre. Tínhamos a possibilidade de nos impor com a força das armas e ele preferiu enfrentar o vexame de uma confrontação com uma embaixada ateniense. Para só conseguir sair de lá escarnecido. Poderia ter atacado antes para tratar depois.
– Concordo contigo – disse Heféstion. – Para mim também foi um erro. Primeiro a gente ataca com firmeza, e só depois conversa.
Eumênio e Calístenes avançavam em marcha lenta montados em seus cavalos, a caminho da Farsália para levar uma mensagem de Filipe aos aliados da liga tessália.
– Quanto a mim – interveio Eumênio – entendo as suas razões e estou com ele. Sabe muito bem que seu pai, ainda adolescente, passou mais de um ano em Tebas como refém, na casa de Pelópidas, o maior estrategista que a Grécia teve nos últimos cem anos. Ficou muito impressionado com o sistema político da cidade–estado, com a formidável organização militar e a riqueza da cultura deles. É desta experiência juvenil que nasceu a sua vontade de difundir a civilização helênica na Macedônia e de unir todos os gregos em uma única grande confederação.
– Como na época da guerra de Tróia – observou Calístenes. – É isto que seu pai deseja: primeiro unificar todos os estados gregos, e aí conduzi–los contra a Ásia como fez Agamenon contra o império de Príamo há quase mil anos.
Ao ouvir isto Alexandre estremeceu.
– Mil anos? Passaram–se mil anos desde a guerra de Tróia?
– Só faltam cinco anos para chegar a mil – respondeu Calístenes.
– Um sinal – murmurou Alexandre. – Talvez seja um sinal.
– Como assim? – indagou Eumênio.
– Nada. Mas não lhes parece estranho que dentro de cinco anos eu terei a mesma idade de Aquiles quando partiu para Tróia, e que na mesma época se completarão mil anos desde que se combateu a guerra cantada por Homero?

– Não – rebateu Calístenes. – A história só nos reapresenta, às vezes após muitos anos, o mesmo conjunto de situações que geraram gigantescas façanhas. Nada, porém, acontece da mesma forma.
– Acha mesmo? – perguntou Alexandre. E por um momento franziu a testa como perseguindo imagens longínquas, evanescentes. Heféstion apoiou uma mão no seu ombro. – Sei o que está pensando. E qualquer coisa que decida fazer, para qualquer lugar aonde decidir ir, estarei contigo. Até mesmo no Além. Até o fim do mundo.
Alexandre virou–se e fitou–o nos olhos.
– Eu sei – disse.
Chegaram ao seu destino ao anoitecer e Alexandre foi recebido com as honras que cabiam ao herdeiro do trono da Macedônia. Depois participou com seus amigos do jantar que os representantes da liga tessália haviam preparado para o hóspede. Nesse tempo Filipe também era investido no cargo de tagos, presidente da confederação dos tessálios, e era de fato chefe de dois estados, na qualidade de rei e de presidente.
Os tessálios também eram grandes beberrões, mas durante o jantar Eumênio se manteve longe do vinho e aproveitou para negociar a compra de uma manada de cavalos de um nobre latifundiário que estava completamente bêbado, conseguindo condições de compra e pagamento extremamente vantajosas para si e para o reino da Macedônia.
Concluída a missão, no dia seguinte Alexandre tomou o caminho de volta com os amigos, mas depois de um breve trajeto, trocou de roupa, dispensou a guarda e pegou a estrada que ia para o sul.
– Aonde está indo? – perguntou Eumênio diante daquela inesperada atitude.
– Eu vou com ele – disse Heféstion.
– Está bem, mas para onde?
– Para Áulis – respondeu Alexandre.
– O porto de onde zarparam os aqueus para a guerra de Tróia comentou Calístenes sem piscar.
– Áulis? Isto é loucura! Está na Beócia, bem no meio do território inimigo.
– Eu quero ver o lugar, e vou ver – afirmou o príncipe. – Ninguém vai reparar em nós.
– Repito, isto é loucura – insistiu Eumênio. – Claro que vão reparar: se

falar, vão notar o sotaque, se não falardes vão ficar ainda mais desconfiados. E além do mais os seus retratos estão espalhados por dezenas de cidades. E pode imaginar as conseqüências, se o pegarem? Seu pai será forçado a tratar, a desistir dos seus planos ou, na melhor das hipóteses, a pagar um resgate que custará tanto quanto uma guerra perdida. Não, não quero nem saber desta loucura. Eu não ouvi suas palavras, aliás nem mesmo cheguei a te ver: partiste de mansinho antes da alvorada.
– Está bem – concordou Alexandre. – Mas não se preocupe. São apenas umas poucas centenas de estádios em território beócio. Dentro de dois dias já estaremos de volta. E, se alguém nos mandar parar, diremos que somos romeiros a caminho do oráculo de Delfos.
– Na Beócia? Delfos fica na Fócida, ora essa.
– Contaremos que estamos perdidos – gritou Heféstion esporeando o cavalo.
Calístenes olhava ora para um ora para outro companheiro de viagem sem saber qual decisão tomar.
– O que pretende fazer? – perguntou–lhe Eumênio.
– Eu? Pois bem, se por um lado a afeição por Alexandre me induz a segui– lo, por outro a prudência própria de um...
– Já sei – interrompeu Eumênio. – Pare! Que Zeus os fulmine, nem mais um passo! – Os dois se detiveram. – Eu, pelo menos, não tenho sotaque macedônio, e se for necessário posso até passar por beócio.
– Ali, ah! Quanto a isto não tenho dúvidas! – sorriu Heféstion.
– Fica rindo – resmungou Eumênio, forçando o cavalo ao trote. – Se Filipe estivesse aqui, queria ver se continuaria a rir com todas as pauladas que ele daria nas suas costas. Vamos, não adianta ficarmos parados.
– E Calístenes? – perguntou Alexandre.
– Já vem, já vem – respondeu Eumênio. – Aonde acha que ele poderia ir sozinho?
Chegaram às Termópilas no dia seguinte, e Alexandre parou para prestar homenagem aos guerreiros espartanos que tombaram cento e quarenta anos antes lutando contra os invasores persas. Leu as simples palavras em dialeto lacônico que lembravam aquele extremo sacrifício e ficou em silêncio ouvindo o sopro do vento que vinha do mar.
– Quão efêmero é o destino do homem! – exclamou. – Só ficaram estas

poucas linhas como testemunho do fragor de um combate que fez tremer o mundo, de um ato heróico digno do canto de Homero. E agora é só silêncio.
Atravessaram a Lócrida e a Fócida sem dificuldades e, dois dias depois, entraram na Beócia pelo litoral; tinham diante de si a costa da ilha Eubéia, esculpida pelos raios do sol meridiano, e as águas cintilantes do canal de Euripo. Uma flotilha de uma dúzia de trirremes cruzava em mar aberto, e nas velas inchadas podia–se ver a imagem da coruja de Atenas.
– Já pensou se aquele navarca soubesse quem está aqui na praia observando os seus navios... – murmurou Eumênio.
– Em frente! – disse Calístenes. – Vamos acabar logo com esta viagem. Já estamos perto. – Mas no fundo da alma receava que Alexandre lhes pedisse para acompanhá–lo em alguma proeza ainda mais temerária.
A pequena enseada de Áulis apareceu de repente diante deles quando chegaram ao topo de uma colina. Diante deles, na costa da Eubéia, distinguia–se a brancura distante da cidade de Cálcis. A água era muito azul e o bosque de azinheiros e carvalhos que encobria as encostas do morro quase chegava à beira– mar, cedendo o lugar primeiro a pequenas moitas de murta e medronheiro, e finalmente a uma estreita faixa de areia vermelha.
No porto de onde partiram os mil navios dos aqueus só havia o barco de um pescador velejando sobre as ondas, nada mais.
Os quatro jovens desmontaram e olharam em silêncio aquele lugar tão parecido com muitos outros da costa helênica, e mesmo assim tão diferente. Alexandre lembrou então as palavras do pai quando, pequeno, o segurava nos braços no terraço de Pela, contando–lhe da Ásia imensa e distante.
– Aqui não cabem mil navios – observou Heféstion quebrando a magia do silêncio.
– Não – admitiu Calístenes. – Mas o poeta não podia fazer por menos. Um poeta não canta para narrar os fatos humanos assim como eles acontecem, Heféstion, mas sim para fazer reviver depois de muitos séculos as emoções e as paixões dos heróis.
Alexandre virou–se para ele com olhos reluzentes de comoção.
– Acha que poderia existir, hoje em dia, algum homem capaz de inspirar um grande poeta como Homero?
– Os poetas criam os heróis, Alexandre, e não vice–versa – respondeu

Calístenes. – E os poetas só nascem quando o mar, o céu e a terra estão em paz entre si.
Quando voltaram à Tessália encontraram um pelotão da guarda real que os procurava em todo lugar, e Eumênio teve de explicar que passara mal e os outros não quiseram deixá–lo: uma desculpa na qual ninguém acreditou. Alexandre, no entanto, tinha tido a prova de que os seus amigos estavam decididos a segui–lo, mesmo aqueles que estavam com medo, como Calístenes e Eumênio. Além disto, porém, também percebera que mal conseguia suportar a separação de Kampaspe, e que não via a hora de tê–la novamente nua em sua cama, na dourada luz das lamparinas.
Não houve tempo, contudo, de voltarem a Pela, pois enquanto isto a situação tinha ido de mal a pior e o soberano mobilizara o exército e já descia para a Fócida a fim de expugnar seus desfiladeiros: o tempo não tomara mais sábio nenhum dos contendores e a palavra era de novo as armas.
Naquela mesma noite Alexandre foi convocado na tenda do pai. Não houve perguntas quanto à longa demora antes de ele voltar da missão na Tessália. Indicou–lhe o mapa que estava na mesa e disse:
– O comandante ateniense Carete está acampado aqui na estrada entre Kithion e Anfissa com dez mil mercenários, mas não sabe da nossa presença. Marcharei a noite inteira e o acordarei pessoalmente amanhã de manhã. Você terá de manter esta posição sem deixá–la por motivo algum. Logo que me livrar de Carete passarei por aqui, pelo vale do Krissos, e deixarei fora dos desfiladeiros tanto os atenienses quanto os tebanos: serão forçados a recuar tentando entrincheirar–se na primeira posição forte que têm na Beócia. – Apoiou o indicador no mapa, onde julgava que os inimigos iriam se postar – É lá que irá se juntar a mim com a sua cavalaria. Em Queronéia.

CAPÍTULO 24

Apanhado de surpresa ao alvorecer, o exército mercenário de Carete foi trucidado pelas tropas de assalto de Filipe e os sobreviventes foram dispersados pela cavalaria. Em lugar de marchar sobre Anfissa, o rei voltou atrás como prometera e isolou os desfiladeiros controlados pelos atenienses e tebanos, que não tiveram outra escolha a não ser recuar.

Três dias mais tarde Alexandre foi avisado de que o pai estava tomando posição na planície de Queronéia à frente de vinte e cinco mil infantes e cinco mil cavaleiros e que devia juntar–se a ele o quanto antes. Deixou aos serviçais o encargo de levantar o acampamento e de cuidar das provisões e mandou tocar o sinal de partida antes da alvorada. Queria aproveitar o frescor matinal e a marcha lenta para não cansar os cavalos.

Passou em revista a Ponta à luz das lanternas, montando Bucéfalo, e os seus companheiros que comandavam os vários grupamentos levantaram as lanças para saudá–lo. Estavam de armas em riste e prontos para partir, mas dava para ver que alguns não tinham pregado os olhos. Aquela ia ser para eles a primeira incursão militar.

– Lembrem, homens! – arengou. – A falange é a bigorna, a cavalaria é o martelo e a Ponta é... a cabeça do martelo! – Aí guiou Bucéfalo para perto de Ptolomeu, que comandava o primeiro agrupamento da direita, e anunciou–lhe a palavra de ordem: – Phobos kái Deimos.

– Os cavalos do deus da guerra – repetiu Ptolomeu. – Não podia haver palavra de ordem mais apropriada. – E comunicou–a ao primeiro cavaleiro à sua direita para que a passasse adiante nas fileiras.

Alexandre acenou para o trombeteiro, que tocou a partida, e o esquadrão se movimentou. Ele em primeiro lugar, depois Heféstion e todos os demais. O grupo de Ptolomeu fechava a retaguarda.

Atravessaram o Krissos antes do alvorecer e aos primeiros raios do sol viram reluzir na planície as pontas das sarissas do exército macedônio, como praganas num campo de trigo. Quando os viu, Filipe esporeou o corcel e foi ao encontro do filho.

– Salve, meu rapaz! – Deu–lhe uma palmada no ombro. – Exatamente

como eu previra. Lá estão eles esperando por nós. Posicione os seus homens do lado esquerdo e então venha falar comigo. Estou dando os retoques finais no plano de batalha com Parmênio e o Negro, e só esperávamos por você para concluir. Chegou bem na hora. Como está se sentindo?
– Salve, pai. Sinto–me muito bem e voltarei logo.
Alcançou o seu esquadrão e mandou que se posicionasse do lado esquerdo. Heféstion, apontou com a mão para a colina e exclamou:
– Oh, deuses do céu, olha! Seu pai nos mandou tomar posição contra o Batalhão sagrado dos tebanos: está vendo? São aqueles lá em cima, com mantos e túnicas cor de sangue. São duros, Alexandre, ninguém jamais os venceu.
– Estou vendo, Heféstion. Mas vamos vencê–los. Mande os homens formarem três fileiras. Atacaremos em ondas sucessivas.
sagrado? Porque cada um deles está unido ao companheiro por um juramento: de não deixá–lo até a morte.
– Isto mesmo – confirmou Perdicas. – E também dizem que, são todos amantes, de forma que estão ligados por um vínculo ainda mais forte.
– Isto não vai protegê–los de nossos golpes – disse Alexandre. – Não se movam até eu voltar.
Incitou o cavalo para alcançar Filipe, Parmênio e o Negro, que haviam se isolado sobre uma pequena elevação de onde podiam ter uma visão geral do campo de batalha. Diante deles, à direita, via–se a acrópole de Queronéia com seus templos.
No meio e para a esquerda, sobre uma linha de colinas que dominavam a planície, estavam perfilados primeiro os atenienses e depois os tebanos. Seus escudos dardejavam refletindo a luz do sol que subia no céu primaveril percorrido por grandes nuvens brancas. Na ponta direita via–se a mancha vermelha do Batalhão sagrado dos tebanos.
Filipe dispusera à sua direita, diretamente sob o seu comando, dois agrupamentos de "escudeiros", as tropas de assalto que três dias antes haviam destruído o exército de Carete. Eram assim chamados devido aos escudos com a estrela argeade de cobre e prata.
No meio, sob o comando de Parmênio e do Negro, os doze batalhões da falange, perfilados em cinco fileiras e escalonados ao longo de uma linha enviesada, formavam uma parede de lanças desmedidas, um amaranhado impenetrável de ponteiras metálicas. À esquerda, toda a

cavalaria dos eteros que terminava com a Ponta, o esquadrão de Alexandre.
– Serei o primeiro a atacar – disse Filipe – e travarei combate com os atenienses. Então começarei a recuar e, se eles me perseguirem, você, Parmênio, penetrará com um batalhão da falange na brecha partindo em dois as forças inimigas, aí lançará os outros seis batalhões. O Negro o seguirá com o resto do exército.
"E então será a sua vez, Alexandre: lançará a cavalaria contra a direita tebana e arremessará a Ponta contra o Batalhão sagrado. Se conseguir abrir caminho, já sabe o que fazer."
– Sei, pai: a falange é a bigorna e a cavalaria é o martelo.
Filipe apertou–o ao peito e, por um momento, voltou a ver–se no quarto da rainha mergulhado na penumbra enquanto abraçava um menino recém–nascido. Disse:
– Tome cuidado, meu filho. Na luta, os golpes chegam de todos os lados.
– Tomarei, pai – respondeu Alexandre. Aí pulou na garupa, de Bucéfalo e passou a galope diante do batalhão pronto para entrar na luta até chegar ao seu esquadrão. Filipe acompanhou–o longamente com o olhar, depois virou–se para o ajudante–de–ordens:
– O meu escudo – pediu.
– Mas senhor...
– O meu escudo – repetiu peremptório.
O ajudante–de–ordens enfiou–lhe no braço o escudo real, o único que levava a estrela dos Argeades em ouro fino.
Do topo das colinas ouviu–se agudo o som das trombetas e logo a seguir o vento trouxe à planície a música contínua e coral das flautas, ritmada pelo rufar dos tambores que acompanhavam a marcha dos guerreiros. O avanço das formações que desciam refletia a luz do sol com mil lampejos de fogo e as pesadas passadas dos infantes cobertos de ferro faziam ressoar no vale um sinistro ribombo.
Na planície a falange estava imóvel e silenciosa enquanto os cavalos, na extrema esquerda, bufavam e agitavam a cabeça fazendo tilintar as embocaduras de bronze.
A Ponta já estava perfilada, em forma de cunha, e Alexandre tomou posição como primeiro cavaleiro diante de todos os demais, mantendo os olhos fixos na ala direita da formação inimiga, o invencível Batalhão

sagrado, enquanto Bucéfalo raspava inquieto o terreno com o casco, soprava pelas ventas e fustigava os fiancos com a cauda. Um cavaleiro aproximou–se de Filipe quando este já estava a ponto de ordenar o ataque.
– Senhor, – gritou pulando no chão – Demóstenes está nas fileiras da infantaria pesada ateniense.
– Não quero que o matem – ordenou o soberano. – Passe adiante a ordem entre os meus soldados.
Virou–se para trás para observar os seus "escudeiros": Viu rostos molhados de suor sob as viseiras dos elmos, olhos que fitavam imóveis o brilho das armas inimigas, membros contraídos na espasmódica espera do ataque. Era o momento em que cada um deles se via cara a cara com a morte, o momento em que o desejo de viver se tornava mais forte do que qualquer outra coisa. Já era hora de livrá–los daquela angústia e de lançá–los ao ataque.
Filipe levantou a espada, soltou o brado de guerra e os seus homens o seguiram gritando como uma horda de feras, rechaçando do peito qualquer medo, só desejosos de entrar na briga, na fúria do combate, esquecendo–se de tudo, até de si mesmos.
Avançaram correndo enquanto os oficiais mandavam–nos manter o passo para não romper as fileiras, para chegarem ao embate juntos e compactos.
Já faltava pouco e os atenienses continuavam descendo ombro a ombro, escudo contra escudo, de lanças estendidas, empurrados pelo som agudo e contínuo das flautas, pelo rufar obsessivo dos tambores, gritando a cada passo:
Alalaláí!
O clangor do impacto explodiu como um trovão de bronze em todo o vale, ricocheteou nas vertentes dos montes e perfurou o céu, empurrado para cima pelo grito de vinte mil guerreiros arrebatados pelo furor da briga.
Filipe, reconhecível pela estrela de ouro, combatia na primeira linha com incontido vigor, ladeado por dois gigantescos trácios armados com machados de dois gumes, pavorosos com suas hirsutas cabeleiras ruivas, os corpos peludos e as tatuagens que lhes cobriam o rosto, os braços e o peito.
A frente ateniense vacilou na fúria do impacto, mas um som agudo e

penetrante como o grito de um falcão empurrava–a adiante, animava–a: era a voz flautas e dos tambores, berrando:
– Homens de Atenas, ânimo! Continuai lutando, homens! Por sua liberdade, por suas esposas e seua filhos! Rechacem o tirano!
A rinha ficou ainda mais violenta e muitos soldados tombavam, dos dois lados, mas Filipe ordenara que ninguém parasse para despir os mortos até a luta ser vencida. Ambos os exércitos só procuravam uma brecha para trespassar e ferir, para desbastar com o ferro a formação inimiga.
Os escudos dos infantes de primeira linha já estavam cobertos de sangue, que escorria farto das bordas para o solo já escorregadio e apinhado de corpos agonizantes, e, quando alguém tombava, o companheiro da segunda linha logo tomava o seu lugar renovando o embate.
Aí, a um sinal de Filipe, o trombeteiro deu o toque e os dois batalhões de "escudeiros" começaram a recuar deixando no terreno seus mortos e seus feridos. Cediam lentamente, sempre opondo seus escudos, rebatendo incansavelmente os golpes com suas lanças e suas espadas.
Os atenienses, vendo que o inimigo recuava e avantajados pela posição mais favorável, redobraram os esforços, incitando–se reciprocamente com altos gritos, enquanto os infantes de segunda e terceira linha empurravam em frente os companheiros com os escudos.
Antes de atacar, Filipe tinha dado uma ordem, e quando as fileiras de "escudeiros" chegaram retirando–se para uma rocha que ficava a uns cem passos de distância, à esquerda, deram as costas e saíram em disparada.
Os atenienses, tomados pela fúria do combate, ébrios de gritos, de sangue e do estrondo das armas, arrebatados pela vitória que já acreditavam ter ao seu alcance, lançaram–se correndo atrás dos inimigos para aniquilá–los. Estrátocles, o seu comandante, em lugar de tentar contê–los para que se mantivessem em formação, berrava a plenos pulmões para que perseguissem os adversários até a Macedônia.
Mais trombetas ressoaram à esquerda e um enorme tambor, suspenso entre dois carros, fez ouvir a sua voz de trovão na ampla planície. Parmênio deu o sinal e os doze batalhões da falange começaram a alcançar em ordem unida, todos juntos e escalonados ao longo de uma linha oblíqua.
Quando viram isto, os tebanos também se precipitaram compactos para

entrarem na luta, com suas pesadas lanças de freixo esticadas em entre frente, mas o primeiro batalhão macedônio já estava se insinuando entre a frente ateniense, nesta altura desarticulada na tentativa de perseguir os "escudeiros", e o extremo flanco esquerdo da formação tebana.
Filipe deixou o seu escudo amassado e sujo de sangue com o ordenança, pulou no cavalo e foi juntar–se a Parmênio. O general mantinha os olhos fixos, com ansiedade, no Batalhão sagrado, que, hirto de lanças, avançava com passo cadenciado e inexorável, aparentando indiferença por tudo aquilo que acontecia.
No centro, o primeiro batalhão macedônio que avançava subindo, já estava enfrentando o primeiro desnível e quando um agrupamento de infantaria tebana acudiu para fechar a brecha, os pezeteros baixaram as hastas e os desbarataram no choque frontal sem nem mesmo entrar em contato com eles, e aí seguiram adiante acompanhando com seus passos o estrondo trovejante do imenso tambor que os guiava na planície.
E atrás vinham os outros, em linha enviesada, baixando as sarissas até a terceira fileira, enquanto os infantes da retaguarda as mantinham levantadas fazendo–as ondear com seu passo ritmado como espigas ao vento. E o tilintar ameaçador das armas que se chocavam na pesada marcha chegava aos ouvidos do inimigo, que descia do outro lado, como um aflitivo presságio, como um som de morte.
– Agora – ordenou o rei ao seu general. E Parmênio lançou um sinal a Alexandre com um escudo polido, três lampejos, para desencadear o ataque da cavalaria e o ímpeto da Ponta.
O príncipe empunhou a lança e gritou:
– Três ondas sucessivas, homens! – E aí, mais alto: – Phobos kál Deimos! –
E cutucou com os calcanhares os flancos de Bucéfalo. O garanhão lançou– se a galope avançando pelo campo cheio de berros e de mortos, negro como uma fúria infernal, levando o seu cavaleiro fechado na ofuscante armadura, com o alto penacho agitado pelo vento.
A Ponta seguía–o de perto, compacta, e os corcéis, inflamados pelos relinchos e resfôlegos de Bucéfalo, corriam impelidos pelos guerreiros e pelo som estridente dos tronipetes.
O Batalhão sagrado cerrou as fileiras e fincou a empunhadura das lanças no chão para enfrentar com suas ponteiras a furiosa carga. O esquadrão de Alexandre, no entanto, logo que chegou ao alcance soltou uma

nuvem de dardos e deu meia volta e logo chegou a segunda onda, e a terceira, e aí de novo a primeira. Muitos dos soldados tebanos foram forçados a abandonar os escudos cheios de dardos inimigos e a lutar sem proteção.
Alexandre ordenou então que a Ponta assumisse a forma de cunha, ficou à frente dela e a guiou diretamente contra as fileiras adversárias, esporeou Bucéfalo entre os guerreiros do Batalhão Sagrado golpeando em todas as direções com a lança e depois, largando o escudo, também com a espada.
Heféstion postou–se ao seu lado acompanhado por seus homens, levantando o escudo para protegê–lo.
A cada soldado que tombava, os guerreiros do Batalhão Sagrado recompunham as fileiras, como um corpo que de imediato cicatriza uma ferida, voltavam a fechar a parede de escudos e repeliam cada ataque com inesgotável energia, com imenso e obstinado valor.
Alexandre recuou e chamou Heféstion:
– Leve os seus homens para aquele lado, abra uma brecha e aí ataca por trás o miolo tebano. Deixe o Batalhão Sagrado comigo.
Heféstion obedeceu e avançou com Perdicas, Seleuco, Filotas, Lisímaco, Cratero e Leonato, infiltrando–se com seus cavaleiros entre o Batalhão Sagrado e o resto das tropas tebanas. Aí deram uma ampla virada, como no dia em que haviam feito a mesma manobra diante de Alexandre, e pegaram os inimigos por trás empurrando–os contra a selva de lanças da falange que avançava inexorável.
Os guerreiros do Batalhão Sagrado, sob o impacto das cargas contínuas da Ponta, lutaram com sobre–humana coragem, mas tombaram um depois do outro até o último homem, honrando a jura que os irmanava: nunca ceder passagem, nunca virar as costas por motivo algum.
Antes do sol chegar ao meio do céu a batalha havia sido vencida. Alexandre apresentou–se a Parmênio de espada na mão e com a armadura ainda coberta de sangue. O peito e os fiancos de Bucéfalo também estavam vermelhos.
– O Batalhão sagrado já não existe.
– Vitória completa! – exclamou Parmênio.
– Onde está o rei? – perguntou Alexandre.
Parmênio virou–se para a planície ainda velada pela poeira do combate e indicou um homem claudicante que, sozinho, dançava como um

possesso entre a multidão de cadáveres.
– Lá está ele – respondeu.



CAPÍTULO 25

Dois mil atenienses tombaram na luta e muitos outros foram capturados. Entre estes, o orador Dêmades, que se apresentou ao rei ainda vestindo a armadura e sangrando de uma ferida no braço. Demóstenes escapara pelos desfiladeiros que levavam ao sul para Levádia e Platéias.

As perdas mais pesadas, no entanto, haviam ficado por conta dos tebanos e dos seus aliados aqueus das formações centrais. A cavalaria de Alexandre, após destruir o Batalhão sagrado, pegara–os pelas costas empurrando–os contra a muralha de ponteiras de ferro da falange e provocando uma carnificina.

A ira de Filipe explodiu principalmente contra os tebanos, pelos quais se sentia traído. Vendeu os prisioneiros como escravos e recusou–se a devolver os mortos para que fossem sepultados. Quem o fez desistir foi Alexandre.

– Pai, você mesmo disseste que é preciso ser clemente toda vez que isto for possível – fez–lhe notar depois que a sua fúria amainara. – Até Aquiles devolveu o cadáver de Heitor ao velho rei Príamo, que implorava em prantos. Estes homens lutaram como leões e deram a vida pela sua cidade. Merecem respeito. E além do mais, qual vantagem teria ao atormentar os mortos?

Filipe não respondeu, mas percebia que as palavras do filho haviam acertado no alvo.

– E aqui fora há também um oficial ateniense capturado que quer falar contigo.

– Agora não! – urrou Filipe.

– Diz que se não o receber se deixará morrer sangrando.

– Ótimo! Um a menos.

– Como quiser. Eu mesmo cuidarei disto, então. Saiu e chamou dois "escudeiros":

– Levem este homem à minha tenda e tragam um cirurgião.

Os soldados cumpriram a ordem e o ateniense foi deitado num catre, despido e lavado. Logo a seguir um dos "escudeiros" voltou:

– Alexandre, todos os cirurgiões estão ocupados com os nossos soldados: estão tentando salvar os que tem as feridas mais graves, mas se assim mandar virão de qualquer maneira.
– Não importa – replicou o príncipe. – Eu mesmo cuidarei dele. Quero ferros, agulha e fio, mande ferver a água e traga–me ataduras limpas. – Os homens olharam para ele pasmos, e o paciente mais do que todos.
– Terá de contentar–se – disse Alexandre. – Não posso deixar morrer um soldado macedônio para salvar um inimigo.
Naquele momento entrou Calístenes, que o viu enquanto vestia um avental e lavava as mãos.
– Mas o que...
– Mais uma coisa que ficará entre nós, mas pode me ajudar. Também assistiu às aulas de anatomia de Aristóteles. Lave a ferida com vinho e vinagre e depois prepare a agulha para mim: estou com suor nos olhos.
Calístenes mexeu–se com bastante destreza e o príncipe começou a examinar a ferida.
– Passe–me a tesoura: está toda desbeiçada.
– Aqui está.
– Como se chama? – perguntou Alexandre ao prisioneiro.
– Dêmades.
Calístenes arregalou os olhos.
– Ora, é o famoso orador – murmurou no ouvido do amigo que não pareceu se perturbar com a revelação.
Dêmades não pôde evitar uma careta quando o improvisado cirurgião cortou–lhe a carne viva, aí Alexandre pediu fio e agulha. Passou a agulha na chama de uma lamparina, limpou–a e começou a costurar enquanto Calístenes mantinha juntas com os dedos as bordas da ferida.
– Fale–me de Demóstenes – pediu o príncipe neste ínterim.
– É... um patriota – respondeu Dêniades entre os dentes – mas temos idéias bastante diferentes.
– O que quer dizer? Bote um dedo aqui – acrescentou virando–se para o assistente. Calístenes apoiou o dedo para segurar o fio a ser atado.
– Quero dizer... – explicou o ferido segurando o fôlego – quero dizer que eu era contrário à guerra, contrário a descer em campo do lado dos tebanos, e foi o que disse publicamente. – Soltou um suspiro de alívio logo que Alexandre completou a sutura.
– É verdade – murmurou Calístenes – Tenho a cópia de alguns dos seus

antigos discursos.
– Acabei – disse o príncipe. – Já podemos cobrir com ataduras. – Ainda falando com Calístenes: – Mande um médico examiná–lo, amanhã: se por acaso inchar ou supurar, teremos de drenar e acho melhor que um, cirurgião de verdade faça isto.
– Como posso agradecê–lo? – perguntou Dêmades ficando sentado no catre.
– Agradeça ao meu mestre, Aristóteles, que também me ensinou isto. Parece–me, aliás, que vocês atenienses não se esforçaram muito para mantê–lo na cidade...
– Foi um problema interno da Academia, a cidade nada teve a ver com isto.
– Escute. A assembléia do exército pode deliberar aqui mesmo e, conceder– te um cargo político?
do que em Atenas, neste momento.
– Fale com eles, então, e faça com que te entreguem a tarefa de tratar as condições de paz com o rei.
– Está falando sério? – perguntou pasmo Dêmades enquanto se vestia.
– Pode pegar uma roupa limpa na minha arca. Quanto ao resto, falarei eu mesmo com meu pai. Calístenes lhe arrumará uma acomodação.
– Obrigado, eu... – só teve tempo de gaguejar Dêmades.
Alexandre já tinha saído. Entrou na tenda do pai enquanto Filipe, sentado com Parmênio, o Negro e alguns comandantes de batalhão, estava jantando.
– Que tal uma boquinha conosco? – perguntou o soberano. – Temos umas boas perdizes.
– Milhares delas – explicou Parmênio. – De manhã levantam–se em revoada do lago Copais e ficam o dia todo se refestelando ao longo do rio.
Alexandre pegou um tamborete e sentou–se. O rei já se acalmara e parecia de bom humor.
– Então, o que acha do meu garoto, Parmênio? – disse dando uma palmada no ombro do filho.
– Magnífico, Filipe: levou adiante aquela carga como nenhum veterano saberia fazer.
– Seu filho Filotas também lutou com extrema coragem, general observou Alexandre.

– O que fez com o tal prisioneiro ateniense? – perguntou o soberano.
– Sabe quem é? É Dêmades. Filipe levantou–se de estalo.
– Tem certeza?
– Pergunte a Calístenes.
– Pelos deuses, manda logo o cirurgião cuidar dele: é um homem que sempre falou a favor da nossa política.
– Eu mesmo já o remendei, pois do contrário já teria se esvaído em sangue. Dei–lhe alguma liberdade para se movimentar no acampamento. Creio que amanhã poderá trazer–lhe o esboço para um tratado de paz. Se bem entendi, você não quer uma guerra contra Atenas.
– Não, com efeito não quero, pois afinal para vencer uma guerra contra uma cidade marítima é preciso ser dono do mar, e nós não somos. Já senti isto na carne em Perinto e Bisâncio. Se ele tiver algumas propostas, us as ouvirei, e aí comunicarei as minhas. Coma essa carne antes que ela esfrie.
Num primeiro momento os sobreviventes de Queronéia levaram a Atenas frustração e desespero. Quando descreveram a derrota e relataram o número dos mortos e dos prisioneiros a cidade ressoou nas lamentações e muitos foram tomados de angústia, não sabendo se seus entes queridos ainda estariam vivos ou não.
Em seguida, o que prevaleceu foi o terror por aquilo que dali a pouco poderia acontecer. Foram convocados a servir homens com até sessenta anos e prometeu–se a liberdade aos escravos que se propusessem a lutar pela cidade.
Demóstenes, ainda esgotado e ferido, incitou–os à derradeira resistência e aconselhou–os a abrigar a população rural da Ática dentro das muralhas, mas tudo revelou–se desnecessário.
Um mensageiro sob escolta chegou alguns dias depois da parte de Filipe e pediu para expor em sessão plenária da assembléia uma proposta para um tratado de paz. E os representantes do povo ficaram ainda mais abismados ao notarem que a proposta já tinha tido uma primeira ratificação por parte dos cidadãos em armas capturados em Queronéia, e que levava a assinatura de Dêmades.
O mensageiro entrou no grande hemiciclo onde os atenienses estavam sentados ao ar livre sob o sol primaveril e, depois de ter licença para falar, disse:
– O seu concidadão Dêmades, atualmente hóspede do rei Filipe,

discutiu por vocês as cláusulas de um tratado e conseguiu condições que, acredito, acharão proveitosas.
“O rei não é seu inimigo, aliás é um grande admirador da sua cidade e das suas maravilhas. Só a contragosto decidiu lutar, impelido pela ordem do deus de Delfos."
A assembléia não reagiu como o orador esperava: ficou em silêncio, pois todos esperavam ansiosamente ouvir as verdadeiras condições. O mensageiro continuou.
– Agora Filipe desiste de qualquer desforra, reconhece o seu domínio sobre todas as ilhas que lhes pertencem no mar Egeu e lhes devolve Oropos, Téspias e Platéias, que os seus chefes haviam cedido aos tebanos renegando uma secular amizade.
Demóstenes, sentado em uma das primeiras fileiras ao lado dos representantes do governo, sibilou no ouvido do mais próximo:
– Mas não estão vendo que desta forma guarda para si todas as nossas cidades nos Estreitos? Aquelas, ele nem chegou a mencionar.
Foi a resposta.
– Vamos ouvir o que mais ele tem a dizer. Podia ser muito pior.
– O rei não lhes pede resgates nem indenizações – prosseguiu o emissário. – Devolve os prisioneiros e os corpos dos que tombaram para que possam ser honrosamente sepultados. O seu próprio filho Alexandre se encarregará pessoalmente desta caridosa tarefa.
A reação comovida das pessoas diante desta notícia convenceu Demóstenes de que para ele o jogo estava perdido. Filipe conseguira mexer com os mais preciosos sentimentos delas, e enviava o próprio príncipe para levar a cabo aquele ato de religiosa clemência. Nada podia ser mais aflitivo para uma família do que saber que o corpo de um filho tombado em batalha jazia insepulto, à mercê de cães e abutres, desprovido das honras funerárias.
– Vamos ver, agora, o que ele vai querer em troca desta generosidade toda – ciciou novamente Demóstenes.
– Em troca Filipe só pede que os atenienses se tomem seus amigos e aliados. No outono irá encontrar–se com todos os representantes dos gregos em Corinto, para acabar com qualquer inimizade, para estabelecer uma paz duradoura e para anunciar uma façanha grandiosa, jamais intentada antes, da qual todos deverão participar. Isto significa que Atenas terá de desistir da sua liga porá um termo aos seculares

conflitos internos da península e libertará as cidades gregas da Ásia atualmente sob o jugo dos persas.
– Tomem então sua decisão com sabedoria, atenienses, e informem–me em seguida para que eu possa transmiti–la àquele que me enviou.
A proposta foi aprovada com grande maioria apesar do inflamado discurso de Demóstenes, que pediu a palavra para incitar a cidade à última resistência. De qualquer forma, a assembléia quis confirmar–lhe a sua estima confiando–lhe o encargo de proferir a oração fúnebre dos que haviam morrido na batalha. O documento, que já levava a assinatura de Dêmades, foi confirmado por todos os representantes do governo e mandado de volta a Filipe.
Logo que foi informado, o rei enviou imediatamente Alexandre com um comboio de carros levando as cinzas e os ossos dos mortos, já cremados no campo de batalha. Os prisioneiros haviam identificado a maioria deles e, na base destas informações, Eumênio mandara escrever sobre cada uma das pequenas umas de madeira o nome do falecido ou o da sua família.
Os desconhecidos haviam sido agrupados todos juntos nos carros de trás, mas os médicos haviam tomado nota das peculiaridades dos cadáveres, dos sinais particulares, se houvesse, da cor dos cabelos e dos olhos.
Para demonstrar a sua boa vontade, Filipe também juntara parte das armas a fim de facilitar o reconhecimento dos guerreiros ainda sem nome.
– Invejo–lhe, meu filho – confessou a Alexandre, que estava de partida. – Está prestes a visitar a cidade mais linda do mundo.
Os companheiros vieram despedir–se.
– Confio–te Bucéfalo – disse o príncipe a Heféstion. – Não quero arriscar–me cansando–o numa viagem tão longa.
– Cuidarei dele como se fosse uma linda mulher – respondeu o amigo. – Pode ficar sossegado. Só lastimo, contudo...
– O quê?
– Que não me tenha confiado Kampaspe também... para eu cuidar dela.
– Chega de brincadeiras, palhaço! – riu Alexandre. Aí montou um robusto murzelo que um cavalariço acabava de trazer e deu o sinal de partida.
O longo comboio movimentou–se com um grande chiar de rodas

enquanto atrás, a pé, seguiam os prisioneiros atenienses, cada um levando um embrulho com os seus poucos haveres e a parca comida que haviam conseguido comprar. Dêmades, por sua vez, mereceu um cavalo em consideração do papel que desempenhara na obtenção do tratado de paz.
Enquanto isto os corpos dos tebanos mortos continuavam jazendo insepultos e eram estraçalhados pelos corvos e os abutres durante o dia e pelos cães e os rapaces noturnos durante a noite, diante dos olhos das mães que chegaram da cidade e se amontoaram à beira do campo de batalha levando aos céus aflitivas lamúrias. Outras, dentro das muralhas de Queronéia, cumpriam obscuros rituais de maldição invocando a mais atroz das mortes para Filipe.
Mas de nada haviam adiantado até então as pragas e as invocações: o rei tinha obstinadamente negado aos inimigos vencidos a possibilidade de recuperar os mortos e sepultá–los, pois os considerava traidores.
as conseqüências deste comportamento, o soberano cedeu.
Os tebanos saíram então da cidade, de luto fechado, precedidos pelas lamentações das carpideiras, e cavaram uma grande vala na qual colocaram os pobres despojos dos seus jovens caídos em combate. Em cima da cova ergueram um túmulo ao lado do qual, mais tarde, levantaram a gigantesca estátua de um leão de pedra como símbolo da coragem daqueles guerreiros.
Finalmente a paz foi assinada com eles também, mas tiveram de aceitar uma guarnição macedônia na acrópole e dissolver a liga beócia, entrando na aliança pan–helênica de Filipe.
Alexandre foi recebido em Atenas como hóspede da mais alta consideração e tratado com todas as honras. Em sinal de gratidão pela caridosa missão que levara a cabo e pela maneira como tratara os prisioneiros, o conselho da cidade decidiu erigir uma estátua dele na praça e o príncipe teve de posar para o grande escultor ateniense Protógenes, embora tivesse dito no passado que só Lisipo iria poder retratá–lo.
Demóstenes, que apesar da derrota ainda era muito amado pelos concidadãos, havia sido enviado a Caláuria, uma ilhota em frente à cidadezinha de Trezena, para evitar encontros igualmente embaraçosos para ambas as partes.
Alexandre entendeu e, sabiamente, evitou perguntar a respeito dele.

Logo que levou a termo as obrigações oficiais, quis visitar a acrópole da qual Aristóteles lhe contara as maravilhas, mostrando–lhe inclusive desenhos dos seus monumentos.
Chegou lá de manhã, depois de um temporal noturno, e ficou ofuscado pelo esplendor das cores e pela incrível beleza das estátuas e das pinturas. No meio da grande esplanada erguia–se majestoso o Partenon, coroado pelo imenso tímpano com o conjunto de esculturas de Fídias, que representava o nascimento de Atena da testa de Zeus. As estátuas eram enormes e a sua postura acompanhava o movimento inclinado do telhado: no centro, de pé, havia os personagens principais, mas ao se afastarem para os lados, as estátuas apareciam de joelhos ou deitadas.
Eram todas pintadas com cores vivas e ornadas com partes metálicas de bronze e ouro.
Ao lado do santuário, à esquerda da escadaria de acesso, surgia um bronze de Fídias que representava a deusa armada empunhando uma lança com a ponteira de ouro, a primeira coisa que os marinheiros atenienses viam brilhar ao voltarem de uma viagem por mar.
Mas a expectativa maior ficava por conta da gigantesca estátua que era objeto de culto dentro do templo, também ela criada pelo gênio de Fídias. Alexandre entrou com passo leve, em sinal de respeito por aquele lugar sagrado, morada da divindade, e viu–se diante do colosso em ouro e marfim do qual ouvira contar as maravilhas desde que era criança.
Dentro do sacrário, o ar estava saturado com os perfumes que os sacerdotes queimavam continuamente em honra da deusa, e o ambiente difuso de penumbra tornava ainda mais mágicos, no fundo da dupla fileira de colunas que sustentavam o teto, os reflexos do ouro e do marfim de que a estátua era feita.
o escudo da deusa eram de ouro puro, enquanto o rosto, os braços e os pés eram de marfim, imitando a cor da pele. Os olhos eram de madrepérola e turquesa para reproduzir o glauco olhar da divindade.
O elmo tinha três penachos de crina de cavalo, com o central amparado por uma esfinge e os laterais por dois pégasos. Na mão direita a deusa segurava uma imagem da Vitória alada do tamanho, disseram–lhe, de uma pessoa, o que levava a pensar que a estátua de Atena, inteira, devia ter pelo menos trinta e cinco pés de altura.
Alexandre ficou perdido na contemplação daquele esplendor e pensou no poder e na glória da cidade que o criara. Pensou na grandeza

daqueles homens que haviam construído teatros e santuários, fundido bronzes e esculpido mármores, pintado afrescos de maravilhosa beleza. Pensou na audácia dos marinheiros que durante tantos anos detiveram o domínio incontestável do mar, nos filósofos que haviam pregado suas verdades ao longo daqueles elegantes pórticos, nos poetas que haviam apresentado suas tragédias diante de milhares de pessoas comovidas.
Sentiu–se cheio de emoção e admiração e corou ao lembrar–se da figura capenga de Filipe, que dançava obscenamente sobre os mortos de Queronéia.



CAPÍTULO 26

Alexandre visitou o teatro de Dioniso no sopé da acrópole e os edifícios e monumentos da grande praça, onde se juntavam todas as memórias da cidade. Mas ficou particularmente encantado sob o "Pórtico ornamentado" ao ver o grande círculo de afrescos sobre as guerras persas, pintado por Polígnoto. Podia–se ver a batalha de Maratona com seus episódios de heroísmo e o corredor Filípides, que chegava a Atenas para anunciar a vitória e aí cair morto, vencido pelo cansaço.

Mais adiante estavam representadas as batalhas da segunda guerra persa: os atenienses que deixavam a sua cidade e assistiam em prantos da ilha de Salamina à destruição da acrópole em chamas e dos seus templos. E ainda o titânico choque naval de Salamina no qual a frota ateniense havia aniquilado a dos persas: podia–se ver o Grande Rei que fugia apavorado, perseguido por nuvens negras e ventos tempestuosos.

Alexandre não queria mais deixar aquele lugar de maravilhas, aquele cofre de tesouros onde a inteligência humana tinha dado as mais altas provas do seu valor, mas o dever e as mensagens do pai exigiam a sua volta a Pela.

A mãe Olympias também já lhe escrevera mais de uma vez, felicitando–o pela batalha de Queronéia e dizendo–lhe quanto sentia a sua falta. Por conhecer a mãe como conhecia, Alexandre percebia nesta insistência não completamente explicada uma profunda inquietação, um oculto mal–estar que na certa devia ser motivado por algum fato novo, por alguma dolorosa preocupação.

Decidiu por tanto, partir com a sua escolta rumo ao norte num belo dia do começo do verão. Entrou na Beócia por Tânagra, passou perto de Tebas numa tarde abafada, atravessando a planície sob os raios escaldantes do sol, e aí cerração.

Vez por outra uma garça, batendo lentamente as asas, fendia a neblina que cobria as pantanosas margens parecendo um fantasma; gritos de pássaros invisíveis rasgavam o úmido mormaço como abafadas súplicas. Panos negros pendiam nas portas das casas e dos vilarejos, pois a morte

abalara muitas famílias em seus mais queridos afetos.
Chegou a Queronéia no dia seguinte, ao entardecer. Pareceu–lhe uma cidade espectral sob o céu escuro da lua nova e não conseguiu lembrar qualquer imagem da recente vitória que o satisfizesse. As lamúrias do chacal e os soluços da coruja só lhe trouxeram à lembrança angústia e aflição na noite, cheia de pesadelos, que passou na tenda levantada à sombra de um enorme e solitário carvalho.
O pai não veio recebê–lo, pois estava na Lancéstide, em reunião com os chefes tribais ilíricos, e o jovem entrou no palácio de forma quase secreta, após o pôr–do–sol, acolhido por Páritas que, louco de felicidade, corria de um lado para outro, rolava no chão ganindo e mexendo o rabo, e pulando em cima dele para lamber–lhe as mãos e o rosto.
Alexandre livrou–se dele com alguns afagos e recolheu–se logo aos seus aposentos onde Kampaspe o esperava.
A jovem correu ao seu encontro dando–lhe um abraço apertado, depois ajudou–o a tirar as roupas empoeiradas e deu–lhe um banho, demorando–se longamente com as mãos sobre o corpo cansado da longa viagem. Quando Alexandre saiu do banheiro, ela começou a despir–se, mas exatamente naquele momento entrou Leptine. Tinha o rosto corado e mantinha os olhos baixos.
– Olympias quer que vá vê–la o quanto antes – comunicou. – Espera que fique com ela para o jantar.
– Farei isto – respondeu Alexandre. E enquanto Leptine se afastava murmurou no ouvido de Kampaspe:
– Espere por mim.
Logo que o viu, a rainha apertou–o num abraço frenético.
– O que está havendo, mãe? – perguntou o jovem, afastando–a e fitando–a nos olhos.
Olympias tinha olhos imensos, sombrios como os lagos das suas montanhas nativas, e o seu olhar refletia naquele momento o contraste violento das paixões que se agitavam na sua alma.
Baixou a cabeça mordendo o lábio inferior.
– O que está havendo, mãe? – repetiu Alexandre.
Olympias virou–se para a janela para esconder o desgosto e a vergonha.
– Teu pai tem uma amante.
– Meu pai tem sete esposas. É um homem fogoso e nunca se contentou com uma só mulher. E além do mais é o nosso rei.

– Desta vez é diferente. Apaixonou–se por uma jovem com a idade da sua irmã.
– Já aconteceu. Vai passar.
– Estou dizendo, agora é diferente: está apaixonado, perdeu a cabeça. É como... – suspirou levemente – como quando o conheci pela primeira vez.
la.
– Faz alguma diferença?
– Muita – explicou Olympias , pois a jovem está grávida e ele quer desposá–
– Quem é ela? – perguntou Alexandre com expressão grave.
– Eurídice, a filha do general Átalo. Entende, agora, por que estou tão preocupada? Eurídice é macedônia, filha da melhor nobreza, e não uma estrangeira como eu.
– Isto nada significa. Você tem estirpe de reis, é descendente de Pirro, filho de Aquiles, e de Andrômaca, esposa de Heitor.
– Mitos, meu filho. Vamos supor que a jovem dê à luz um menino... Alexandre emudeceu, perturbado por repentina agitação.
– Explique–se claramente. Diga o que pensa: ninguém nos ouve.
– Digamos então que Filipe me repudie e que declare Eurídice rainha, coisa que ele pode fazer: o menino de Eurídice se tomaria o herdeiro legítimo e você o bastardo, o filho da estrangeira repudiada.
– E por que faria uma coisa dessas? O meu pai sempre me quis bem, sempre exigiu o melhor para mim. Educou–me para que me tomasse rei.
– Não está entendendo. Uma jovem bonita e ardente pode transtornar por completo a mente de um homem maduro, e um menino recém nascido será objeto de todas as suas atenções, pois fará com que se sinta jovem, empurrando para trás o tempo que passa inexorável.
Alexandre não soube responder, mas percebia–se que aquelas palavras o haviam abalado profundamente.
Sentou em uma cadeira e apoiou a testa na mão esquerda, como se quisesse juntar os pensamentos.
– O que acha que eu deveria fazer, no teu entender?
– Eu mesma não sei dizer – admitiu a rainha. – Estou indignada, furiosa, transtornada pela humilhação que está me sendo infligida. Se pelo menos eu fosse homem...
– Eu sou – observou Alexandre.

– Mas é seu filho.
– O que quer dizer?
– Nada, nada. A afronta que tenho de suportar me faz perder a cabeça.
– E o que acha que eu deveria fazer, então?
– Nada. Por enquanto não há nada a fazer. Mas quis falar a respeito para que fique prevenido, pois a partir de agora qualquer coisa pode acontecer.
– Ela é realmente muito bonita? – perguntou Alexandre.
Olympias baixou a cabeça e via–se quanto lhe custava responder àquela pergunta.
– Muito mais do que você possas imaginar. E o pai, Atalo, praticamente entregou–a na cama. É claro que tem, em mente um plano preciso, e sabe que tem atrás de si muitos nobres macedônios prontos a apoiá–lo. Eles me odeiam, eu bem sei disto.
Alexandre levantou–se para despedir–se.
– Não fica para jantar? Mandei aprontar para você também. As coisas de que gostas.
breve. Quanto a você, procure manter–se serena. Não creio que possamos fazer muita coisa, por enquanto.
Saiu bastante transtornado daquela conversa. A idéia de que o pai o banisse de repente dos seus pensamentos e dos seus projetos jamais lhe ocorrera antes, e menos ainda poderia esperar por isto em uma hora em que bem merecera a sua gratidão contribuindo de forma determinante para a grande vitória de Queronéia e levando a cabo a delicada missão diplomática em Atenas.
Para afugentar tais pensamentos desceu aos estábulos para ver Bucéfalo e o cavalo reconheceu de pronto a sua voz, pateando e relinchando. O local era mantido na maior arrumação e cheirava a feno fresco. O dorso do animal reluzia, a crina e a cauda haviam sido penteadas com o cuidado reservado aos cabelos de uma mulher. Alexandre aproximou–se e abraçou–o, afagando longamente o seu pescoço e focinho.
– Voltou, afinal! – disse uma voz atrás dele. – Sabia que o encontraria aqui. E então? O que acha do seu Bucéfalo? Está vendo como o tratei? Como uma mulher bonita, eu bem que te disse.
– Heféstion, é você!
O jovem chegou–se e deu–lhe uma palmada nas costas.
– Senti a sua falta, seu pilantra. Alexandre devolveu a palmada.

– E eu a sua, seu ladrão de cavalos!
Ficaram um nos braços do outro, apertados num abraço duro e forte, mais forte do que a amizade, do que o tempo, do que a morte.
Alexandre voltou aos seus aposentos muito tarde e encontrou Leptine adormecida, sentada no chão diante da sua porta, segurando uma lamparina já apagada.
Agachou–se para observá–la em silêncio antes de levantá–la delicadamente nos braços, aí colocou–a na cama e roçou de leve em seus lábios com um beijo. Aquela noite Kampaspe esperou por ele inutilmente.
Filipe voltou dali a alguns dias. Convocou–o imediatamente abraçou–o com vigor logo que o viu.
– Pêlos deuses, está com uma aparência magnífica: como foi em Atenas. aproveitou a visita? – Mas percebeu que o filho lhe devolvia um abraço acanhado.
– O que há, meu rapaz? Aqueles atenienses conseguiram amolecê–lo? Ou será que ficou apaixonado? Oh, por Hércules, não me diga que se enamorou. Ora esta! Eu lhe dou de presente a mais sabida das "companheiras" e ele fica apaixonado... por quem? Por uma linda ateniense? Não precisa falar, já sei: o fascínio das atenienses não tem igual. Pois é, esta é muito boa: preciso contar a Parmênio.
– Não estou apaixonado, pai, mas me contaram que você está.
Filipe ficou gélido na mesma hora e começou a medir o aposento com suas passadas.
– Sua mãe. Sua mãe! – exclamou. – Está com raiva, consumida pelo ciúme e pelo rancor. E quer jogá–lo contra mim. É isto, não é?
– Está com outra mulher – afirmou Alexandre com frieza.
– E daí? Não é a primeira e não será a última. É uma flor, linda como O sol, como Afrodite. Não, ainda mais bonita! Caiu do céu para ficar nua nos meus braços, na cama, com duas tetas que pareciam pêras maduras, macia, depilada, perfumada, e abriu as coxas: o que podia fazer? A sua mãe me detesta, me abomina, cuspiria na minha cara o tempo todo, se pudesse! E esta menina é doce como mel.
Deixou–se cair numa cadeira e com gesto rápido puxou o manto sobre os joelhos, sinal de que estava furibundo.
– Não precisa me explicar quem levas para a cama, meu rei.
– E pare de me chamar de "rei": estamos sozinhos!

– Minha mãe sente–se humilhada, rejeitada, e está bastante preocupada.
– Entendi! – gritou Filipe. – Entendi! Está tentando jogá–lo contra mim. E sem motivo algum. Venha, venha comigo! Olha só a surpresa que eu guardava para você antes que me arruinasse o dia com essas bobagens.
Arrastou–o pelas escadas para o térreo e aí até o fim de um corredor, no setor das oficinas. Escancarou a porta empurrando–o quase com violência para dentro.
– Olhe!
Alexandre viu–se no meio de um quarto iluminado por uma grande janela lateral. Sobre uma mesa havia uma pequena forma redonda de argila que o retratava de perfil e o representava com os cabelos cingidos por uma coroa de louros, como o deus Apolo.
– Gosta?– perguntou uma voz, de um canto escuro.
– Lisipo! – exclamou Alexandre virando–se de chofre e abraçando o mestre.
– Gosta? – repetiu Filipe atrás dele.
– Sim, mas o que é?
– É o molde para um estater de ouro do reino da Macedônia: será cunhado a partir de amanhã para lembrar a sua vitória em Queronéia e a sua condição de herdeiro do trono. Dez mil exemplares circularão pelo mundo todo – respondeu o soberano.
Alexandre baixou a cabeça confuso.

CAPÍTULO 27

O gesto de Filipe e a presença de Lisipo no palácio serviram para dissipar um pouco as nuvens que haviam obscurecido o relacionamento entre pai e filho, mas Alexandre não teve de esperar muito para constatar pessoalmente até que ponto o liame que unia o pai e a jovem Eurídice era importante.

Mesmo assim, no entanto, os mais recentes afazeres políticos distraíram tanto o rei quanto o príncipe dos assuntos particulares da corte.

Havia chegado a resposta de Arxes, o rei dos persas, e o seu teor era ainda mais acintoso do que a carta de Filipe. Logo que a recebeu do mensageiro, Eumênio a leu ao soberano:

Arxes, rei dos persas, Rei dos Reis, luz dos arianos e senhor dos quatro cantos da terra, a Filipe o macedônio.

Aquilo que foi feito por meu pai Artaxerxes, o terceiro com este nome, foi bem feito e, aliás, quem deveria pagar um tributo, assim como fizeram seus antecessores, é você que não passa de nosso vassalo.

O soberano convocou imediatamente Alexandre para que desse uma olhada na mensagem.

– Tudo está correndo segundo as previsões: o meu plano está tomando forma em todos os detalhes. O persa se recusa a pagar os prejuízos que seu pai nos causou e isto já basta para que lhe declaremos guerra. E o meu sonho torna– se então realidade. Unificarei todos os gregos da pátria mãe e das colônias do Oriente, salvarei a cultura helênica e a difundirei por toda parte. Demóstenes não entendeu o meu projeto e combateu–me como tirano mau, olha em volta! Os gregos continuam livres e eu só deixei uma guarnição macedônia na acrópole dos traidores tebanos. Protegi arcádicos e messênios, fui várias vezes o defensor do santuário de Delfos.

– Quer realmente invadir a Ásia? – perguntou Alexandre, que, entre todas as jactâncias do pai, só ficara impressionado com aquela afirmação.

Filipe fitou–o nos olhos.

– Sim, quero. E darei a notícia aos aliados em Corinto. Pedirei a todos

eles o fornecimento de homens e navios de guerra para a façanha que nenhum grego jamais conseguiu levar a termo.
– Acha que te apoiarão?
– Não tenho a menor dúvida – respondeu Filipe. – Explicarei que o escopo da expedição é libertar as cidades gregas da Ásia da dominação dos bárbaros. Não poderão se eximir.
– Mas a verdadeira finalidade da expedição é realmente esta?
– Temos o exército mais forte do mundo, a Ásia é imensa, e não há limite para a glória que um homem pode conquistar para si, meu filho afirmou o rei.
Alguns dias depois chegou a Pela mais um hóspede, o pintor Apeles, que muitos consideravam naquele momento o maior do mundo. Havia sido chamado por Filipe, que queria ser retratado com a rainha, obviamente com os devidos retoques e embelezamentos, numa imagem oficial que ficaria pendurada no templo de Delfos. Olympias, no entanto, recusou–se a posar ao lado do marido e Apeles teve de observá–la de longe para os primeiros esboços.
De qualquer forma, o resultado final deixou Filipe muito satisfeito, tanto assim que também pediu ao pintor um retrato de Alexandre. O jovem, no entanto, recusou.
– Quero antes que retrate uma amiga minha – disse. – Nua.
– Nua? – repetiu Apeles.
– Isto mesmo. Sinto falta da sua beleza quando estou longe. Precisa fazer para mim um retrato não muito grande, que possa levar comigo, mas muito fiel.
– Vai achar que é ela em carne e osso, meu senhor – assegurou Apeles.
E foi assim que Kampaspe, considerada por muitos a mais linda mulher da Grécia inteira, posou nua em todo o seu esplendor para o maior dos pintores.
Alexandre não escondia a sua impaciência para ver o resultado de um encontro tão extraordinário e não deixava passar um dia sequer sem acompanhar os progressos da obra. Não demorou, no entanto, a reparar que não havia progresso algum, ou quase. Apeles continuava a desenhar esboços e a inutilizá– los para fazer novos.
– Este quadro é como o tapete de Penélope – observou o jovem. – O que há de errado?
Apeles estava claramente constrangido. Olhava para a linda jovem,

depois para Alexandre, e de novo para a beldade nua.
– Então? – insistiu o príncipe.
– Acontece... Acontece que não suporto a idéia de me separar de tanta magnífica beleza.
Alexandre fitou por sua vez Kampaspe e o mestre, e percebeu que naquelas longas sessões eles não se dedicaram somente à arte pictórica.
– Entendo – disse.
Naquele momento pensou em Leptine, que vivia de olhos avermelhados de pranto e também pensou que mulheres igualmente belas não iriam faltar–lhe no futuro, se assim quisesse. Também considerou o fato de Kampaspe tornar–se cada dia mais petulante e cheia de exigências. Aproximou–se então do pintor e murmurou–lhe no ouvido:
– Tenho uma proposta para você. Eu fico com o quadro e você fica com a jovem. Se ela concordar, é claro.
– Oh, meu senhor... – gaguejou o grande artista comovido. – Como posso agradecer. Eu... Eu...
O jovem príncipe deu–lhe uma palmada no ombro:
– O que importa é que sejam felizes e que o retrato fique parecido. Aí abriu a porta e foi embora.
Filipe e Alexandre chegaram a Corinto lá pelo fim do verão e foram hospedados por conta da cidade. A escolha do lugar não havia sido casual: era em Corinto que os gregos, cento e cinqüenta anos antes, haviam jurado resistir ao invasor persa, e dali devia, portanto, sair um novo juramento que unisse todos os gregos do continente e das ilhas numa grande expedição contra a Ásia. Uma façanha que iria ofuscar a glória da guerra de Tróia cantada por Homero.
Num acalorado discurso diante dos delegados Filipe relembrou todas as fases da contenda entre Europa e Ásia, falando até nos episódios da mitologia; evocou os mortos de Maratona e das Termópilas, o incêndio da acrópole e dos templos de Atenas. Embora se tratasse de fatos acontecidos havia várias gerações, ainda estavam bem vivos na cultura popular, principalmente porque a Pérsia nunca deixara de se intrometer nas vicissitudes internas dos estados gregos.
Mais do que estas esmaecidas lembranças das invasões persas, contudo, o que realmente conseguiu convencê–los foi a determinação de Filipe, a consciência de que não havia alternativa para a sua vontade e que a sua maneira de fazer política também compreendia a guerra. A infeliz sorte

de Tebas e dos seus aliados ainda estava diante dos olhos de todos.
A assembléia acabou conferindo ao rei dos macedônios o título de comandante supremo pan–helênico para a expedição contra a Pérsia, mas muitos dos delegados acharam que aquilo não passava de uma jogada de propaganda. Estavam errados.
Nesta ocasião Alexandre teve a oportunidade de conhecer Corinto, que nunca visitara. Subiu com Calístenes até a acrópole, praticamente inexpugnável, e admirou os magníficos templos de Apolo e de Posêidon, o deus do mar protetor da cidade.
Ficou particularmente impressionado com o "reboque naval", uma imponente engenhoca que permitia aos navios a passagem do golfo de Egina para o de Corinto através do istmo de terra que os separava, evitando assim a circunavegação do Peloponeso com suas penínsulas recortadas por perigosos rochedos.
Tratava–se de um escorregador de madeira, continuamente untado com banha de boi, que subia do golfo de Egina, chegava ao topo do istmo, e descia em seguida para o outro lado, no golfo de Corinto. O navio que devia passar era puxado até em cima por um certo número de bois e aí ficava parado à espera de outro navio que prendiam então com cordas atrás dele.
Nesta altura o navio que já estava no topo era empurrado para o outro lado de forma que, descendo, arrastava para cima o segundo, que por sua vez, devido ao seu peso, refreava a descida do primeiro. Aí prendiam ao segundo navio, agora já em cima do istmo, um terceiro, enquanto o primeiro podia tranqüilamente seguir viagem, – e assim por diante.
– Alguém já pensou em cavar um canal para unir os dois golfos? perguntou Alexandre aos anfitriões coríntios.
– Se os deuses quisessem o mar onde há terra, teriam feito do Peloponeso uma ilha, não acha? – respondeu o seu guia. – Lembre–se do que aconteceu com o Grande Rei dos Persas na época da invasão da Grécia: lançou uma ponte sobre o mar para deixar passar o seu exército nos Estreitos e cortou com um canal a península do monte Atos para que a sua frota por ali navegasse, mas em seguida foi duramente vencido na terra e no mar como castigo pela sua pretensão.
– É verdade – admitiu Alexandre. – Certa vez meu pai levou–me para ver aquela imensa vala e falou–me da tentativa do Grande Rei. Foi por isto mesmo que pensei em um canal.

Disseram–lhe também que nos arredores vivia Diógenes, o grande filósofo cínico do qual se contavam histórias incríveis.
– Sei – comentou Alexandre. – Aristóteles explicou–me as teorias dos cínicos. Diógenes acha que somente prescindindo de tudo aquilo que é supérfluo o homem pode livrar–se de todo desejo e, portanto, de qualquer tipo de infelicidade.
– Uma teoria um tanto estranha – interveio Calístenes. – Prescindir de tudo não para alcançar a felicidade, mas sim apenas a imperturbabilidade: parece–me um exercício um tanto bobo, além de um desperdício. Seria como queimar madeira para vender as cinzas, não acha?
– Pode ser – disse Alexandre. – Mesmo assim gostaria de conhecê–lo. É verdade que mora dentro de um jarrão de azeite?
– É a pura verdade. Durante o último conflito quando as tropas de seu pai nos mantinham cercados, todos os cidadãos estavam empenhados a reforçar as muralhas e corriam sem parar de um lado para outro. De repente Diógenes começou a empurrar o seu jarrão encosta acima, aí deixava–o rolar para baixo e recomeçava a empurrar. "Por que está fazendo isto?" perguntaram–lhe. E ele: "Por nenhum motivo. Mas andam todos tão atarefados que me parecia feio ficar de papo para o ar". Pois bem, isto já te diz tudo acerca do homem. Sabia que a sua única alfaia era uma tigela com a qual tomar a água da fonte? Pois bem, um dia viu um garoto beber usando as mãos como concha e jogou fora até aquela tigela. Gostaria realmente de conhecê–lo?
– Eu gostaria muito – respondeu Alexandre.
– Se realmente faz questão – bufou Calístenes com ar de enfado. – O espetáculo não será dos mais bonitos. Já sabe por que Diógenes e seus discípulos são chamados "cínicos", não é? Porque segundo as suas teorias nada há de obsceno naquilo que é natural, e então fazem qualquer coisa em público, como os cães.
– Isso mesmo – confirmou o guia. – Vamos, então. Não mora, por assim dizermos, muito longe daqui. Fica à beira da estrada, onde pode mais facilmente conseguir alguma esmola dos viajantes.
Andaram mais um pouco pelo caminho que levava do "reboque naval" ao templo de Posêidon, e Alexandre foi o primeiro a vê–lo de longe.
Era um velho de uns setenta anos, completamente nu, e apoiava as costas em um grande cântaro de barro dentro do qual podiam–se

entrever uma enxerga de palha e um trapo de cobertor. O canil de Péritas, pensou Alexandre, era certamente mais confortável. No chão, sentado ao seu lado, havia um cachorrinho, um pequeno vira–lata que provavelmente comia com ele da mesma tigela e partilhava o rústico colchão.

Diógenes mantinha os braços apoiados nos joelhos e a cabeça inclinada para trás, contra o miserável abrigo, deixando que o último sol do verão lhe esquentasse o corpo encarquilhado. Era quase completamente careca, mas os cabelos na nuca haviam crescido até chegar–lhe quase à metade das costas. O seu rosto descarnado era uma maranha de rugas cerradas e profundas, com uma barbicha rala e falha emoldurando os malares salientes e as profundas olheiras sob uma fronte ampla e de algum modo luminosa.

Estava de olhos fechados e absolutamente imóvel.

Alexandre parou diante dele e ficou um bom tempo observando–o em silêncio, sem que o outro desse o menor sinal de ter reparado na sua presença e sem mesmo que abrisse os olhos por um momento sequer.

O jovem príncipe ficou perguntando–se o que poderia estar se passando sob aquela testa lustrosa, naquele crânio poderoso apoiado num pescoço tão fino, naquele corpo miúdo e macilento. O que o levara a jazer, após uma vida gasta em pesquisar a alma humana, à beira da estrada, nu e miserável, alvo de escárnio e de lástima por parte dos viajantes?

Sentiu–se comovido por aquela orgulhosa pobreza, por aquela simplicidade total, por aquele corpo que, diante da morte, queria ser encontrado desprovido de tudo, assim como quando nascera.

Teria gostado que Aristóteles estivesse ali com ele, teria gostado de ver aquelas duas mentes se desafiando à luz do sol como campeões de lança e espada; teria gostado de dizer–lhe quanto o admirava... E no entanto só foi capaz de dizer uma frase infeliz:

– Salve, Diógenes. Quem está na tua frente é Alexandre da Macedônia. Pede–me o que quiser e eu serei feliz em te dar.

O velho abriu a boca desdentada:

entreabrir os olhos.

– Qualquer coisa – confirmou Alexandre.

– Então saia daí, que está fazendo sombra.

Alexandre deslocou–se imediatamente e sentou–se de lado, aos seus pés,

como postulante. Dirigiu–se a Calístenes:
– Deixe–nos a sós. Não sei se irá me dizer mais alguma coisa, mas se o fizer, meu bom amigo, não serão palavras que poderão ser escritas. – Calístenes reparou que estava de olhos umidos. – Talvez esteja certo, talvez isto tudo não passe de desperdício, como queimar lenha para vender as cinzas, mas eu daria qualquer coisa para saber o que se passa por trás daquelas pálpebras fechadas. E, acredite, se eu não fosse o que sou, se não fosse Alexandre, queria ser Diógenes.



CAPÍTULO 28

Ninguém soube o que se disseram, mas Alexandre nunca mais esqueceu aquele encontro, e talvez Diógenes tampouco.
Dois dias depois Filipe e o seu séquito retomaram o caminho do norte, de volta à Macedônia, e o príncipe foi com eles.
Logo que chegou a Pela o soberano entregou–se aos preparativos para a grande expedição ao Oriente. Quase todos os dias havia um conselho de guerra do qual participavam os generais Átalo, Cleito, o Negro, Antípatro e Parmênio para organizar o alistamento dos guerreiros, o equipamento, o abastecimento. O bom relacionamento com Atenas iria garantir a segurança no mar e o transporte do exército à Ásia por meio da esquadra macedônia e dos navios das frotas aliadas.
Alexandre ficou quase completamente entregue a essa febril atividade e não parecia prestar muita atenção à gravidez de Eurídice nem às angústias da mãe, que não parava de lhe enviar mensagens quando ele estava ausente e pedia contínuas conversas particulares quando estava no palácio.
Olympias também mantinha uma freqüente correspondência com o irmão, Alexandre do Epiro, para assegurar–se do seu apoio: sentia–se mais sozinha do que nunca, mantida afastada e relegada aos seus aposentos.
Não pensava em outra coisa e não falava de outra coisa com as pessoas que lhe haviam permanecido fiéis. Previa para si um futuro de reclusão e de total isolamento. Sabia, com efeito, que na mesma hora em que a futura rainha fosse distinguida com as prerrogativas do cargo, nem lhe seria mais permitido aparecer em público; não lhe seriam concedidas nem mesmo as ocasiões oficiais para entreter–se com hóspedes e delegações estrangeiras, para encontrar em seus aposentos as mulheres ou as amigas dos visitantes.
E mais do que tudo receava perder o que lhe sobrava de poder pessoal como mãe do herdeiro do trono.
Alexandre, por sua vez, estava mais tranqüilo, cercado por seus amigos que lhe davam todo dia provas de devoção e fidelidade.

Além disto, gozava da estima profunda dos generais Parmênio e Antípatro, respectivamente braço direito e esquerdo do rei seu pai, que já o tinham visto desempenhar o papel tanto de homem de governo quanto de soldado no campo de batalha. Sabiam que o reino continuaria em segurança se um dia fosse entregue às suas mãos. Na realidade, porém, a situação dinástica não estava totalmente tranqüila: os primos de Alexandre, Amintas e o irmão Arquelau, sempre poderiam encontrar algum apoio em certos ambientes da nobreza, enquanto o seu meio irmão Arrideu, meio debilóide, pelo menos por enquanto não parecia representar um problema.

A data do casamento de Filipe foi oficialmente anunciada no começo do inverno e, apesar de já ser coisa esperada, teve o efeito de um raio. Impressionou a todos a extraordinária solenidade com que o rei queria marcar a cerimônia e o luxo com que ela estava sendo preparada.

Eumênio, nesta altura já responsável pela total administração da secretaria real, informava Alexandre de todos os detalhes: a posição social dos convidados, as despesas com as roupas, os adereços, a comida, os vinhos, os preparativos para a decoração, as jóias para a esposa e para as suas damas de honra.

Alexandre procurava poupar a mãe da maioria destas notícias para não feri– la ainda mais profundamente, mas Olympias tinha olhos e ouvidos em toda parte, e acabava sendo informada do que acontecia antes mesmo que o próprio filho.

Quando já não faltava muito para o grande dia, a rainha recebeu oficialmente do soberano o convite para participar das bodas, e o mesmo convite foi entregue a Alexandre. Ambos sabiam que um convite de Filipe era na verdade uma ordem, e tanto a mãe quanto o filho se prepararam, a contragosto, para comparecerem à cerimônia e ao suntuoso banquete que a ela se seguiria.

Eumênio tinha feito verdadeiros milagres para dispor as mesas e os leitos dos convidados de forma a evitar contatos que iriam inevitavelmente levar a choques e brigas Os chefes tribais e os príncipes macedônios haviam sido mais ou menos separados em duas partes distintas, pois quando o vinho começasse a correr farto, o sangue também poderia correr com a mesma fartura devido a uma frase ou a um gesto mal interpretado.

A noiva estava encantadora e tinha todos os atributos de uma rainha,

mas já se viam claramente os sinais da sua gravidez. Usava um diadema de ouro e seus cabelos, recolhidos em um coque, estavam presos na nuca com alfinetes de ouro e coral; vestia um peplo entremeado de prata e enfeitado com recamos de extraordinária beleza que imitavam os pintores ceramistas reproduzindo uma dança de jovens mulheres diante da estátua de Afrodite, e usava na cabeça o véu nupcial que lhe cobria parcialmente a fronte.
Na condição de herdeiro do trono, Alexandre teve de assistir de perto à cerimônia e mesmo depois, durante o banquete, não pôde se deitar muito longe do pai.
Olympias, por sua vez, estava com suas damas de companhia do lado oposto ao de Filipe, na outra ponta da grande sala do convívio, e com ela preferira ficar também a princesa Cleópatra, que, por aquilo que andavam contando, não se dava muito bem com a coetânea Eurídice.
Os leitos estavam dispostos nos quatro lados de um retângulo e só no fundo do lado direito abria–se um vão para permitir a passagem dos cozinheiros limpavam continuamente o chão das sobras de comida.
Um grupo de tocadoras de flauta dera início às músicas e algumas dançarinas já volteavam entre as mesas e no espaço central no meio do grande retângulo do convívio. A atmosfera começava a esquentar e Alexandre, que não tomara um gole de vinho sequer, ficava de olho na mãe sem dar muito na vista. Estava linda, o pálido rosto altivo, o olhar de gelo; parecia dominar aquela espécie de bacanal, a vozearia dos embriagados, a música estrídula das flautistas como a estátua de uma implacável deusa da vingança.
Ficou o tempo todo sem tocar no vinho ou na comida, enquanto Filipe se entregava a todo tipo de intemperanças seja com a jovem esposa que se esquivava atrás de sorrisos complacentes, seja com as dançarinas que passavam por perto. E o mesmo faziam os outros comensais, principalmente os macedônios. Chegou a hora dos brindes e, conforme o cerimonial, coube ao sogro levantar a taça para os votos. Átalo não estava menos ébrio do que os demais: levantou–se cambaleando, ergueu a taça derramando o vinho na almofada rendada e até nos vizinhos. Aí disse com voz incerta:
– Bebo à saúde do casal real, à virilidade do esposo e à beleza da noiva. Possam os deuses conceder um herdeiro legítimo ao reino da Macedônia!

Não poderia ter dito frase mais infeliz do que essa, pois remexia com os boatos que circulavam entre a nobreza Macedônia acerca da infidelidade da rainha, ofendendo sangrentamente o herdeiro designado.
Olympias ficou mortalmente pálida. Todos aqueles que ouviram distintamente o brinde de Átalo emudeceram e se viraram para Alexandre que se levantara de estalo, roxo de raiva, tomado por um dos seus acessos de ira.
– Seu velho idiota! – gritou. – Filho de uma cadela! E eu sou o que, então?
Um bastardo? Engole o que disse ou te esquartejarei como um porco! – E desembainhou a espada para dar seqüência às suas ameaças. Ao ouvir isto Filipe, furioso pelo modo como Alexandre ofendera o sogro e lhe estragava a festa de núpcias, cheio de vinho e fora de si, também sacou da espada e investiu contra o filho. A sala encheu–se de gritos, as dançarinas fugiram e os cozinheiros esconderam–se sob as mesas Procurando abrigo contra o vendaval que estava a ponto de estourar.
Mas enquanto pulava de um leito para outro tentando alcançar o filho que esperava impassível, Filipe escorregou e ruiu estrondosamente no chão arrastando consigo toalhas, louça, restos de comida e acabando de costas numa poça de vinho tinto. Procurou levantar–se, mas escorregou de novo e estatelou–se de cara no chão.
Alexandre aproximou–se empunhando a espada e na sala fez–se um silêncio tumular. As dançarinas tremiam apinhadas em um canto. Átalo estava pálido como um trapo e um filete de baba escorria da sua boca entreaberta. A noivinha choramingava:
– Que alguém os detenha, em nome dos deuses, que alguém faça alguma coisa!
– Aqui está, olhe bem para ele! – exclamou Alexandre com um sorriso de escárnio. – O homem que quer passar da Europa à Ásia nem é capaz de passar de um leito a outro sem ficar de pernas para o ar.
Filipe se arrastava entre vinho e restos de comida rosnando:
– Eu te mato! Eu te mato!
Alexandre, no entanto, nem pestanejou:
– Já será muito se conseguir ficar de pé – disse. Depois, virando se para os serviçais:
– Procurem levantá–lo e limpá–lo. Chegou–se então a Olympias.
– Vamos, mãe, estava certa: já não há lugar para nós aqui.



CAPÍTULO 29

Alexandre saiu do salão às pressas, segurando a mãe pelo braço e perseguido pelos gritos furibundos de Filipe. Logo que chegaram ao pátio perguntou:

– Acha que pode cavalgar ou prefere que mande aprontar uma carruagem?

– Não, irei a cavalo.

– Troque de roupa e espere por mim na entrada dos seus aposentos: estarei lá dentro de alguns instantes. Não esqueçao o manto e os trajes pesados. Vamos subir a montanha.

– Finalmente! – exclamou a rainha.

Alexandre correu aos estábulos, pegou Bucéfalo e um baio pomerânio com arreios, gualdrapa e cantis de viagem e saiu das cavalariças dirigindo–se à ala setentrional do palácio.

– Espere, Alexandre! – gritou uma voz atrás dele.

– Heféstion! Volte logo, meu pai vai ficar zangado com você.

– Não me importo, não vou te deixar. Aonde vai?

– Para o Epiro, a corte do meu tio.

– Por qual caminho?

– Por Beroéia.

– Pode ir. Eu o alcançarei mais tarde.

– Está bem. Dá um abraço nos outros e peça a Eumênio para tomar conta de Péritas.

– Fique tranqüilo. – Heféstion saiu correndo.

– Pelo menos um osso por dia! – gritou–lhe Alexandre. – É bom para os seus dentes!

O amigo fez um gesto com a mão para dizer que entendera e desapareceu de novo dentro das cavalariças.

Olympias já estava pronta. Prendera os cabelos em um coque, vestira um corpete de couro e umas calças ilíricas e levava nos ombros duas mochilas com cobertores e mantimentos, além de uma bolsa com dinheiro. Uma das criadas acompanhava–a choramingando:

– Mas rainha... Rainha...

– Volte para dentro e feche–se no quarto – ordenou Olympias. Alexandre entregou–lhe as bridas do cavalo:
– Mãe, onde está Cleópatra? Não posso partir sem me despedir dela.
mulheres, mas qualquer atraso pode ser fatal, como bem sabe.
– Voltarei logo, mãe.
Cobriu a cabeça com o capuz do manto e correu para onde a irmã esperava por ele: estava pálida e trêmula, e ainda vestia as roupas de gala. Logo que o viu, Cleópatra jogou–se em seus braços, em lágrimas:
– Não vá, não se vá. Eu mesma pedirei que papai o perdoe, me jogarei aos seus pés: não poderá dizer não.
– Onde está ele agora?
– Levaram–no aos seus aposentos.
– Bêbado? Cleópatra anuiu.
– Preciso fugir, antes que recobre a consciência. Já não há lugar para mim aqui, e tampouco para a nossa mãe. Escreverei logo que for possível. Quero–a bem, irmãzinha.
Cleópatra caiu num pranto ainda mais desesperado e Alexandre quase teve de livrar–se à força do seu abraço.
– Quando poderei vê–lo? – gritou–lhe a jovem.
– Quando assim quiserem os deuses – respondeu Alexandre. – Mas estará sempre no meu coração!
Voltou correndo para onde tinha deixado a mãe. Encontrou–a pronta.
– Vamos! – exclamou. Aí deu uma rápida olhada nela e sorriu. – Mãe, você está magnífica. Parece uma amazona.
Olympias sacudiu a cabeça.
– A mãe sempre parece linda aos olhos do filho. Mas obrigada de qualquer maneira, meu rapaz. – Pulou agilmente na sela e esporeou o cavalo. Alexandre também cutucou com os calcanhares Bucéfalo e partiu a galope.
Mantiveram–se longe dos caminhos mais batidos, em certa altura pegaram uma trilha campestre que Alexandre percorrera muitas vezes quando residia em Mésia e conseguiram afastar–se bastante antes do anoitecer, sem que qualquer coisa preocupante acontecesse.
Pararam umas duas vezes para dar um descanso e água aos corcéis, mas finalmente chegaram à grande floresta que cobria a Eordéia e o vale do Aliakmon. Buscaram abrigo em uma caverna onde havia uma nascente e Alexandre deixou os cavalos pastarem livremente. Começou então a

acender o fogo com dois gravetos e um pequeno arco de broca.
– Foi Aristóteles que me ensinou – explicou. – O atrito gera calor.
– Ficou bem em Mésia?
– Foi um tempo muito bom, mas uma vida como aquela não combina comigo. – Encostou umas folhas secas aos gravetos e começou a soprar em cima quando viu aparecer uma leve fumaça. Uma pequena chama tomou vida e foi se revigorando enquanto Alexandre acrescentava mais folhas secas e lenha miúda. Quando as chamas começaram a crepitar, o jovem juntou galhos maiores e depois esticou a sua capa no chão.
– Fique à vontade, mãe. Esta noite quem vai preparar o jantar sou eu.
Olympias sentou–se e ficou olhando quase enfeitiçada a dança das chamas na solidão da floresta, enquanto o filho abria as mochilas, pegava um pão e o deixava tostar no fogo. Aí cortou com a faca uma fatia de queijo e entregou a ela.
Começaram a comer em silêncio.
– O melhor jantar de há muitos anos para cá – observou Olympias – e em um lugar mais bonito do que qualquer palácio. Sinto–me de novo menina, entre as montanhas.
Alexandre encheu um copo de buxo com água da nascente e ofereceu–o à mãe.
– Mesmo assim, isto tampouco combina contigo. Não demoraria a ter saudade da política, dos contatos, das intrigas. Não acha?
– Talvez. Mas por enquanto deixe–me sonhar. A última vez que dormimos juntos você ainda estava engatinhando. E seu pai me amava.
Ficaram conversando baixinho, ouvindo o frufru do vento noturno entre a folhagem dos carvalhos e o crepitar da sua solitária fogueira. Finalmente adormeceram, esgotados depois do longo dia repleto de emoções.
Uma profunda melancolia se apoderara dos dois: fugitivos, banidos, já não tinham casa nem amigos. E ambos sentiam amargamente a separação de um homem duro, despótico, violento, mas capaz como ninguém de ser amado.
No decorrer da noite Alexandre abriu os olhos ao ouvir um ruído quase imperceptível e descobriu que a mãe não estava a seu lado. Olhou em volta e percebeu ao longe uma sombra que se movia na trilha que se desenrolava, ao luar, entre as árvores seculares. Era Olympias. Estava em pé diante de um enorme tronco oco e parecia estar falando com alguém.

Aproximou–se com cuidado, arrastando–se sobre o musgo até chegar perto dela e ouviu–a murmurar alguma coisa numa língua desconhecida, depois se calava como se estivesse escutando a resposta, e então começava de novo, baixinho.
Alexandre ficou observando–a escondido atrás de um carvalho e viu que se encaminhava ao longo de uma senda estriada pelas longas sombras dos galhos esparramados na diáfana luminosidade da lua. Seguiu–a em silêncio e sem deixar que ela percebesse a sua presença. A mãe parou diante das ruínas de um antigo santuário onde mal se podia reconhecer a estátua de madeira que havia sido objeto de culto, de tão gasta que estava pelo tempo e a intempérie. A imagem arcaica de Dioniso, o deus do furor orgíaco e da embriaguez, estava iluminada pela luz de algumas lâmpadas, sinal de que o lugar ainda era visitado.
Olympias aproximou–se da estátua com leveza, como se estivesse ensaiando passos de dança, esticou a mão para o pedestal e, como por encanto, uma flauta apareceu entre seus dedos. Começou imediatamente a tocar, confiando ao vento notas intensas e sinuosas, uma melodia arcana e mágica que logo se sobrepôs a todas as demais vozes noturnas do bosque, voando longe entre os galhos que mal se moviam na brisa ligeira.
Depois de algum tempo, uma música pareceu responder–lhe da floresta, uma ária indefinível que ora parecia confundir–se com o farfalhar das folhas, ora com o canto distante do rouxinol, para tornar–se em seguida mais clara e definida: primeiro uma cascata de notas graves como o gorgolejo de uma nascente no ventre de uma caverna, e aí mais agudas e límpidas.
Eram também notas de flauta, talvez muitas flautas de Pá, que soltavam um som longo e modulado que parecia sustentado pelo vento.
Olympias colocou de volta o instrumento no pedestal, tirou o manto e começou a dançar no ritmo daquela melodia até que do bosque saíram homens e mulheres de rosto coberto por máscaras animalescas, com a aparência de sátiros e mênades. Alguns sopravam pífaros, outros começaram a dançar em volta do ídolo e da rainha, como se reconhecessem nela uma segunda divindade.
Enquanto a dança se tomava mais intensa e rodopiante, outros chegavam com tímpanos e tambores para dar–lhe uma cadência cada vez mais frenética. Nenhum deles era reconhecível, devido à escuridão e às

máscaras, mas os corpos iam se despindo pouco a pouco, agarravam–se na dança e depois no chão, em volta da estátua, no espasmo e na convulsão de selvagens amplexos.
Neste caos de formas e sons, Olympias tinha de repente ficado imóvel como a estátua lígnea de Dioniso, parecida com uma divindade da noite. Homens mascarados, nus sob os raios da lua, aproximaram–se quase rastejando, como animais.
Excitado e ao mesmo tempo perturbado por aquela cena, Alexandre estava para empunhar a espada quando viu algo que o deteve, cheio de espanto atrás do tronco que o mantinha escondido. Uma enorme serpente surgia naquele momento das entranhas da terra, chegava–se à estátua do deus e aí se enrolava lentamente nas pernas da mãe.
Olympias não se mexia, seus membros estavam rígidos e os olhos fixos no vazio: parecia não estar vendo nem ouvindo coisa alguma daquilo tudo. Outra serpente saiu do solo, e aí mais outra e outra ainda, e todas se enroscavam sobrepondo–se umas às outras nas pernas da rainha.
A maior de todas, a primeira que tinha aparecido, levantou–se acima das demais e envolveu–se em tomo do corpo de Olympias até dominar com a própria cabeça a dela.
A música frenética parara de repente, os vultos mascarados haviam se afastado para as margens da clareira, vencidos e quase espantados por aquele fato sobrenatural. Aí a grande cobra abriu a boca, fustigou o ar com sua fina língua bifurcada e emitiu o mesmo som que Olympias tirara da flauta: uma nota intensa e fluida, grave e fremente como a voz do vento entre os carvalhos.
Uma depois da outra as lâmpadas foram apagadas e sob o luar Alexandre só pôde ver escamas de répteis brilharem na penumbra para em seguida desaparecerem no nada. Soltou um profundo suspiro e enxugou o suor frio da fronte. Quando olhou de novo para as ruínas do pequeno santuário, a clareira estava completamente vazia e silenciosa, como se nada tivesse acontecido.
Sentiu uma mão sobre o ombro e virou–se de chofre empunhando a espada.
– Sou eu, meu filho – disse Olympias fitando–o com ar surpreso. – Acordei e vi que não estava ao meu lado. O que faz neste lugar?
Alexandre esticou a mão para ela, como se não acreditasse no que estava vendo.

– O que há contigo? – perguntou mais uma vez a rainha.
de um pesadelo e encontrou os olhos da mãe, mais negros e profundos do que a noite.
– Nada – respondeu. – Vamos voltar.
No dia seguinte levantaram–se logo que o sol fez brilhar a água da nascente e seguiram viagem dirigindo–se em silêncio para o ocidente. Parecia que nenhum dos dois se atrevia a falar. De repente Alexandre virou–se para ela.
– Contam coisas bastante estranhas a seu respeito – disse.
– Que coisas? – perguntou Olympias sem se virar.
– Dizem que participa dos rituais secretos e das orgias noturnas de Dioniso, e que tem poderes mágicos.
– Acredita nisto?
– Não sei.
Olympias não respondeu e continuaram por um bom tempo avançando a passo de marcha, em silêncio.
– Eu a vi, esta noite – prosseguiu Alexandre.
– O que viu?
– Pude vê–la chamar uma orgia com o som de uma flauta e suscitar serpentes debaixo da terra.
Olympias virou–se e fulminou–o com um olhar gélido, parecido com a luz nos olhos da cobra que aparecera naquela noite.
– Deste forma aos meus sonhos e acompanhou o meu espírito no bosque: um simulacro inútil, como as sombras dos mortos. Pois você é parte de mim e participa de uma força divina.
– Não foi um sonho – afirmou Alexandre. – Tenho absoluta certeza daquilo que vi.
– Há tempos e lugares em que sonho e realidade se confundem, há pessoas que podem ultrapassar os limites do real e caminhar por terras habitadas pelo mistério. Um dia você me deixará e eu terei de sair do meu corpo para voar na noite e chegar a você para vê–lo, para ouvir a sua voz e a sua respiração, para ficar ao seu lado quando disto precisar, em qualquer momento.
Nenhum dos dois proferiu mais uma palavra sequer até a hora em que o sol estava alto no céu e chegaram à estrada de Beroéia. Ali foram alcançados por Heféstion e Alexandre desmontou do cavalo para abraçá–lo.

– Como conseguiu nos encontrar? – perguntou.
– O seu Bucéfalo deixa pegadas como um touro selvagem. Não foi difícil.
– Novidades?
– Não tenho muita coisa a contar. Deixei o palácio logo depois de vocês dois. Acho, porém, que o rei devia estar realmente tão bêbado que não conseguia se manter em pé. Creio que o lavaram e puseram na cama.
– Acha que mandará nos perseguir?
– E deveria?
– Afinal, queria me matar.
– Só estava embriagado. Quase parece que posso ouvi–lo. Logo que acordar, as suas primeiras palavras serão: "Onde está Alexandre'
– Não sei. Foram ditas coisas bastante pesadas. Vai ser difícil esquecer, para ambos. E até mesmo que meu pai queira esquecer, sempre haverá alguém por perto interessado em lembrá–las.
– Pode ser.
– Falou com Eumênio acerca do cão?
– Foi a primeira coisa que fiz.
– Coitado do Péritas. Vai ficar infeliz sem mim: vai pensar que o abandonei.
– Muitos outros ficarão infelizes sem você, Alexandre. Eu mesmo não iria suportar a sua ausência: por isto decidi segui–lo.
Esporearam os cavalos para alcançarem Olympias, que cavalgava sozinha.
– Salve, minha rainha – disse Heféstion.
– Salve, meu rapaz – respondeu Olympias. E seguiram viagem juntos.
– Onde está Alexandre?
Filipe acabava de sair do banho e as mulheres massageavam–lhe os ombros e as costas com um lençol de linho.
O ajudante–de–ordens aproximou–se.
– Não está, senhor.
– Estou vendo que não está. Mande chamá–lo.
– Quero dizer que foi embora.
– Embora? Para onde?
– Não sabemos, senhor.
– Ah! – gritou Filipe jogando longe o lençol e andando nu, com suas largas passadas, pelo quarto. – Exijo imediatamente a sua presença aqui

para que me peça desculpas por aquilo que disse! Fez–me fazer o papel de bobo diante dos meus hóspedes e da minha mulher. Encontrem–no e tragam–no logo diante de mim! Vou enchê–lo de pauladas até sangrar, vou dar–lhe tantos pontapés que... – O ajudante permanecia parado, silencioso. – Mas está me escutando ou não, por Zeus?
– Estou escutando, senhor, mas Alexandre partiu logo que saiu da sala do banquete e o senhor estava... estava indisposto demais para tomar providências a respeito e...
– Está dizendo que estava bêbado demais para dar ordens? gritou–lhe na cara Filipe, que acabava de se virar para ele.
– Acontece, senhor, que não deste justamente ordem alguma e...
– Mande chamar a rainha! Rápido!
– Qual delas, senhor? – perguntou o ajudante–de–ordens, cada vez mais encabulado.
– E ainda pergunta, ora essa? De que pode me adiantar a garotinha? Chame a rainha, anda!
– A rainha Olympias partiu com Alexandre, senhor.
O urro do soberano foi ouvido até no posto de guarda no pátio lá embaixo. Logo a seguir o ajudante–de–ordens foi visto descendo correndo as escadas para dar ordens a todos aqueles que encontrava. E todo pularam nos cavalos e saíram em disparada em todas as direções.
Naquele mesmo dia as delegações estrangeiras também vieram despedir–se, e Filipe teve de recebê–las uma por uma para cumprimentá–las e agradecer–
manhã inteira e quase toda a tarde.
Ao entardecer estava cansado e enojado, fosse devido à ininterrupta semana de festejos e banquetes, fosse porque, pela primeira vez na vida, sentia– se só e abandonado como um cão de rua.
Mandou Eurídice para a cama, subiu à cobertura e ficou andando longamente de um lado para o outro no amplo terraço iluminado pela lua. De repente ouviu um insistente latido ecoar na ala ocidental do palácio, e aí um uivo interminável que esmaeceu num lamentoso ganido.
Péritas também havia percebido que Alexandre se fora, e gritava à lua todo o seu desespero.

CAPÍTULO 30

Em apenas uma semana os três fugitivos chegaram à fronteira do Epiro e fizeram–se anunciar ao rei Alexandre.

O jovem rei já sabia do acontecido, pois os seus informantes usavam um sistema mais rápido para se comunicarem com ele e não precisavam fazer longos desvios para não serem vistos.

Foi recebê–los pessoalmente, abraçou demorada e carinhosamente a irmã mais velha e o sobrinho e, depois, Heféstion também, que tivera oportunidade de conhecer muito bem quando estivera na corte de Filipe em Pela.

Aquela noite dormiram em uma casa de caça e retomaram viagem na manhã seguinte com uma escolta de honra para chegarem, em mais uns dois dias, ao palácio real em Butroto. A cidade à beira–mar era o coração mítico do pequeno reino do Epiro. Segundo a lenda, tinha sido lá que aportara Pirro, filho de Aquiles, trazendo consigo como escravos Andrômaca, viúva de Heitor, e Heleno, o adivinho troiano. Pirro tomara Andrômaca a sua concubina e depois a entregara a Heleno. E tanto da primeira quanto da segunda união haviam nascido filhos que mais tarde, casando entre si, tinham dado origem à dinastia real que ainda dominava aquelas terras.

Por parte de mãe, portanto, Alexandre da Macedônia descendia tanto do maior dos heróis gregos, como da linhagem de Príamo, que reinava na Ásia. Eram estas as histórias cantadas pelos poetas que, à noite, alegravam os banquetes do soberano e dos seus hóspedes, os quais passaram alguns dias na maior tranqüilidade. Mas o rei do Epiro não tinha ilusões: sabia muito bem que em breve receberiam visitas.

A primeira foi–lhe anunciada numa certa manhã bem cedo, quando ainda não se havia levantado da cama. Era um cavaleiro da guarda pessoal de Filipe, sujo de lama da cabeça aos pés: nos últimos tempos havia chovido muito nas montanhas.

– O rei está furioso – disse sem nem mesmo aceitar um banho quente. – Esperava que Alexandre se apresentasse no dia seguinte para pedir desculpas pelo seu comportamento, pelas palavras desdenhosas com as

quais o escarnecera diante dos hóspedes e diante da sua esposa.
– O meu sobrinho afirma que o rei o atacou brandindo a espada e que Átalo o chamou de bastardo. Filipe deve entender que seu filho, tendo o seu mesmo sangue, também tem o mesmo orgulho, a mesma dignidade e um gênio bastante parecido.
– O rei não quer conversa e exige a imediata presença de Alexandre em Pela para que implore o seu perdão.
– Se o conheço bem, ele não fará isto.
– Então deverá agüentar as conseqüências.
Alexandre tinha o sono leve e ouvira o barulho dos cascos no calçamento do posto de guarda. Levantara–se jogando uma capa por cima dos ombros e agora escutava, sem ser visto, o que o mensageiro do pai ia dizendo.
– Que conseqüências? – perguntou o jovem soberano.
– Os seus amigos serão todos desterrados como traidores ou conspiradores, exceto Eumênio, que é o secretário de Filipe, e Filotas, que é filho do general Parmênio.
– Informarei o meu sobrinho e farei com que receba uma resposta.
– Esperarei a sua volta e então seguirei viagem imediatamente.
– Não quer nem comer nem se lavar? Nesta casa os hóspedes sempre foram recebidos com as maiores atenções.
– Não posso. Já estou atrasado devido ao mau tempo – explicou o emissário macedônio.
O rei saiu da sala das reuniões e viu–se diante do sobrinho, no corredor.
– Ouviu? Alexandre anuiu.
– O que pretende fazer?
– Nunca me arrastarei aos pés do meu pai. Átalo ofendeu–me em público e ele deveria ter tomado uma atitude para restabelecer a minha dignidade. Em lugar disto, atacou–me brandindo a espada.
– Os seus amigos, então, terão de pagar um preço muito alto.
– Sei disto, e a coisa me causa imensa dor. Mas não tenho escolha.
– É a sua resposta final?
– Sim.
O rei abraçou–o.
– É o que eu mesmo faria, no seu lugar. Eu a comunicarei ao mensageiro.
– Não, espere. Farei isto pessoalmente.

Apertou a capa em volta do corpo e entrou, descalço daquele jeito, na sala das reuniões. A primeira reação do enviado foi de surpresa, mas depois baixou logo a cabeça em sinal de deferência.
– Que os deuses te protejam, Alexandre.
– E que façam o mesmo contigo, meu bom amigo. Eis a resposta para o rei, meu pai. Diga–lhe que Alexandre não pode pedir o seu perdão se antes não receber as desculpas de Átalo e a garantia de que a rainha Olympias não terá de sofrer qualquer tipo de humilhação e de que a sua condição de soberana dos macedônios será devidamente confirmada.
– Isto é tudo?
– É tudo.
O mensageiro fez uma mesura e dirigiu–se à saída.
– Diga para ele... Diga para ele também...
– O quê?
– Que cuide da sua saúde.
– Farei isto.
Logo a seguir ouviu–se um relincho e um tropel que esmaecia ao longe.
– Não comeu nem descansou – a voz do rei ressoou atrás de Alexandre.
– Filipe deve estar bastante ansioso para conhecer a sua resposta. Venha comigo, já mandei servir o desjejum.
Passaram para uma pequena sala dos aposentos reais onde estavam duas mesas preparadas ao lado de assentos de braços. Havia pão fresco, postas de cavala e de peixe–espada no espeto.
– Estou colocando–o em um aperto – admitiu Alexandre. – Quem te colocou no trono foi meu pai.
– É verdade. Mas enquanto isto eu cresci: já não sou um menino. Quem lhe guarda as costas por estas bandas sou eu, e asseguro que não é tarefa fácil. Os ilíricos às vezes ficam turbulentos, os piratas empestam as costas e no interior notam–se movimentos de outros povos que descem do norte ao longo do Istros. Seu pai também precisa de mim. E além do mais tenho de proteger a dignidade da minha irmã Olympias.
Alexandre comeu uma pequena porção de peixe e tomou um gole de vinho, um vinho leve e frisante que vinha das ilhas jônicas. Foi até janela que dava para o mar continuando a mordiscar um pedaço de pão.
– Onde fica Ítaca? – perguntou.
O rei apontou para o sul.
– A ilha de Ulisses fica lá embaixo, a um dia de navegação para o sul. E a

que temos diante de nós é Corcira, a ilha dos feacos, onde o herói se hospedou na corte de Alcino.
– Conhece?
– Ítaca? Não, não conheço. Mas não há nada para ver. Só cabras e porcos.
– Pode ser, mas gostaria de visitá–la mesmo assim. Gostaria de chegar ao entardecer, quando as ondas mudam de cor e todos os caminhos na terra e no mar se escurecem, e experimentar o que experimentou Ulisses ao voltar a vê–la depois de tanto tempo. Eu poderia... Tenho certeza de que poderia reviver os mesmos sentimentos que ele teve.
– Se quiser, mandarei alguém te levar. Não fica tão longe, como já disse.
Alexandre pareceu não prestar atenção na proposta e virou os olhos para o ocidente, onde o sol que nascia atrás dos montes do Epiro começava a tingir de rosa o topo dos penhascos de Corcira. Atrás daquelas montanhas e além daquele mar fica a Itália, não é?
O rosto do rei pareceu iluminar–se.
– Sim, Alexandre, a Itália e a Grande Grécia. Cidades fundadas pelos gregos, incrivelmente ricas e poderosas: Tarento, Lócri, Crotona, Thira, Régio e tantas outras. Há florestas sem fim e manadas de gado com milhares e milhares de cabeças. Campos de trigo até perder de vista. E montes cobertos de neve em qualquer época do ano que de repente explodem com fogo e chamas e fazem tremer a terra.
– E além da Itália há a Sicília, a mais florida e aprazível terra que se conhece. Ficam ali a poderosa Siracusa e Agrigento, Gela e Selinunte. E mais além está a Sardenha e depois a Espanha, o país mais rico do mundo, com minas de prata inesgotáveis, e estanho e ferro.
– Tive um sonho, esta noite – disse Alexandre.
– Que sonho? – perguntou o rei.
– Estávamos juntos, nós dois, a cavalo, no topo do monte Imaro, o mais alto do seu reino. Eu montava Bucéfalo e você Keraunos, o seu corcel de batalha, e resplandecíamos ambos em um banho de luz porque no mesmo instante um sol se punha no mar a ocidente e outro nascia no oriente. Dois sóis, dá para imaginar? Um espetáculo emocionante. Em certa altura nos despedimos, pois você queria alcançar o lugar onde o sol se põe e eu o outro, onde o astro nasce. Não é maravilhoso? Alexandre rumo ao sol nascente e Alexandre rumo ao sol poente!
– Antes da despedida, antes que esporeássemos cada um o seu cavalo

para a luz do grande disco flamejante, fazíamos uma promessa solene: que nunca mais iríamos nos encontrar a não ser depois de levarmos a cabo a nossa viagem, e o lugar do encontro iria ser..."
– Onde? – perguntou o rei, fitando–o.
Alexandre não respondeu, mas o seu olhar velou–se de uma sombra irrequieta, fugidia.
– Em que lugar? – insistiu o rei. – Qual era o lugar onde deveríamos nos encontrar?
– Isto eu não lembro.



CAPÍTULO 31

Alexandre não demorou a perceber que a sua presença em Butroto tomaria–se muito em breve insustentável, tanto para ele quanto para o tio Alexandre do Epiro, que não parava de receber prementes exigências de, Filipe no sentido de coagir o filho a voltar a Pela para emendar–se da sua culpa e pedir perdão diante da corte reunida.
O jovem príncipe tomou então a decisão de partir.
– Mas para onde? – perguntou o rei.
– Para o norte, onde não poderá me encontrar.
– Não pode fazer isto. Aquele é o reino de tribos selvagens e seminômades, continuamente em luta entre si. E para piorar as coisas, está para começar o frio. Naquelas montanhas costuma nevar: já enfrentou o gelo? É um inimigo formidável.
– Não tenho medo.
– Sei disto.
– Então partirei. Não se preocupe comigo.
– Não o deixarei ir se não me disser qual será o teu itinerário. Se porventura eu precisar de você, quero saber onde poderei encontrá–lo.
– Consultei seus mapas. Chegarei a Lícnides, pelo lado oeste do lago, e dali seguirei para o interior pelo vale do Drilon.
– Quando tenciona partir?
– Amanhã. Heféstion virá comigo.
– Não. Não os deixarei partir antes de mais dois dias. Preciso mandar aprontar tudo aquilo que será necessário para a jornada. E lhes darei um cavalo para carregar os mantimentos. Quando eles acabarem, poderão vendê–lo e seguir adiante.
– Agradeço – disse Alexandre.
– Também te darei cartas para os chefes ilíricos da Quelidônia e da Dardânia. Poderão ser úteis. Tenho amigos por aquelas bandas.
– Espero, algum dia, poder retribuir o que está fazendo por mim.
– Nem me fale. E não esmoreça.
Naquele mesmo dia o rei escreveu rapidamente uma carta e confiou–a ao seu mais rápido mensageiro para que a entregasse a Calístenes, em

Pela.
No dia da partida Alexandre foi despedir–se da mãe, que o abraçou chorando copiosas lágrimas e amaldiçoando Filipe do âmago do seu coração.
– Não o amaldiçoe, mãe – suplicou Alexandre com voz velada de tristeza.
– Por quê? – gritou Olympias tomada de dor e ódio. – Por quê? Humilhou– me, feriu–me, forçou–nos ao desterro. E agora te obriga a fugir, a deixar–me para arriscar–se em terras desconhecidas em pleno inverno. Gostaria que morresse da forma mais atroz possível, que passasse pelos mesmos sofrimentos que me infligiu!
Alexandre olhou para ela e sentiu um calafrio correr em suas veias. Teve medo daquele ódio tão forte que a fazia parecer uma das heroínas das tragédias que tantas vezes tinha visto representar no teatro: Clitemnestra, que empunhava um machado para massacrar o marido Agamenon, ou Medéia, que matava os seus próprios filhos para ferir o marido Jasão em seus mais profundos afetos.
Naquele momento lembrou–se de mais uma das terríveis histórias que circulavam em Pela sobre a rainha: diziam que durante uma cerimônia de iniciação do culto de Orfeu chegara a alimentar–se com carne humana. Via tamanha desesperada violência naqueles seus olhos enormes, cheios de treva, que lhe parecia capaz de qualquer coisa.
– Não o amaldiçoe, mãe – repetiu. – Talvez eu mereça sofrer a solidão e o desterro, o frio e a fome. É uma lição que ainda me falta entre todas aquelas que meu pai quis me dispensar. Talvez queira que aprenda isto também. Talvez seja o derradeiro ensinamento, um castigo que ninguém mais poderia infligir–me a não ser ele.
Só com alguma dificuldade conseguiu libertar–se do abraço dela, pulou na garupa de Bucéfalo e o golpeou duramente com os calcanhares. O corcel empinou–se com um relincho, agitou no ar as patas anteriores, e aí se lançou a galope soprando vapor ardente pelas ventas. Heféstion levantou um braço como saudação e também esporeou o cavalo segurando o segundo animal pelas rédeas.
Olympias ficou a observá–los com os olhos cheios de lágrimas até eles desaparecerem pela trilha que levava ao Norte.
A carta do rei de Epiro alcançou Calístenes em Pela alguns dias depois, e o sobrinho de Aristóteles abriu–a com impaciência dando uma lida

rápida.
Alexandre, rei dos molossos, a Calístenes, salve!
Espero que esteja bem. A existência do meu sobrinho Alexandre corre serena, no Epiro, longe do afã da vida militar e dos cuidados diários do governo. Passa seus dias lendo os poetas trágicos, principalmente Eurípedes e, obviamente, Homero, na edição que lhe foi dada pelo seu mestre, e seu tio, Aristóteles. Ou então, às vezes, se deleita com o som da cítara.
Às vezes participa de alguma caçada...
Enquanto ia lendo a carta, Calístenes ficava cada vez mais surpreso com a banalidade e a completa irrelevância da mesma. O soberano nada dizia de realmente importante ou pessoal. Era uma epístola completamente inútil. Por quê? Decepcionado, deixou o papiro em cima da escrivaninha e começou a andar de um lado para o outro do quarto tentando entender que raio de sentido podia ter aquela mensagem quando, de repente, dando uma rápida olhada à folha, viu que havia uns recortes nas bordas externas, como pequenos rasgos, mas prestando atenção percebeu que haviam sido feito de propósito, com facas.
Deu–se um tapa na testa.
– Ora, por que não pensei nisto antes! Sim, claro, é o código dos polígonos intercruzados.
Tratava–se de um código de comunicação que certa vez Aristóteles lhe ensinara e que por sua vez ele mostrara ao rei do Epiro achando que algum dia poderia ser–lhe útil no caso de uma campanha militar.
Pegou régua e esquadro e começou a ligar todos os recortes segundo uma ordem determinada e em seguida todos os cruzamentos. Traçou então linhas perpendiculares a cada um dos lados do polígono interno obtendo assim novos cruzamentos.
A cada interseção ficava evidente uma palavra e Calístenes transcreveu cada uma delas conforme uma seqüência de números que Aristóteles lhe ensinara. Um modo simples e genial para enviar mensagens secretas.
Quando acabou queimou logo a carta e foi apressadamente falar com Eumênio. Encontrou–o atolado entre seus papéis, ocupado em calcular os impostos e a previsão dos custos para o abastecimento de mais quatro batalhões da falange.
– Preciso de uma informação – disse, e ciciou–lhe alguma coisa no ouvido.

– Já partiram há três dias – respondeu Eumênio levantando a cabeça. – E para onde foram?
– Não sei.
– Claro que sabe!
– E quem quer saber?
– Eu mesmo.
– Então não sei.
Calístenes aproximou–se e murmurou novamente alguma coisa no seu ouvido, aí acrescentou:
– Pode fazer com que recebam uma mensagem?
– De quanto tempo disponho?
– Dois dias no máximo.
– Impossível.
– Então eu mesmo faço. Eumênio sacudiu a cabeça.
– Deixe comigo. Imagine só, fazer sozinho!
Alexandre e Heféstion começaram a galgar os montes Argirinos com seus picos já brancos de neve e depois desceram para o vale do Aoos, que brilhava como uma fita dourada no fundo verde do desfiladeiro. Com a chegada da estação fria, os bosques que cobriam as vertentes das montanhas começavam a mudar de cor, e o céu era atravessado pelos longos bandos de grous que com seus lamentosos gritos deixavam os ninhos para migrar até as distantes terras dos pigmeus.
Viajaram dois dias ao longo do Aoos, que corria para o norte, e aí chegaram à interseção com o vale do Apsos, para a qual desviaram. Desta forma fixavam atrás de si as terras de Alexandre do Epiro e penetravam na Ilírica.
Os habitantes desse país viviam espalhados por pequenas aldeias fortificadas com modestas muralhas de adobe e se sustentavam graças à criação de gado e, às vezes, ao banditismo. Alexandre e Heféstion, no entanto, se haviam precavido vestindo calças à moda dos bárbaros e toscas capas de lã crua: tinham uma aparência horrível, mas protegiam–nos da chuva, tomavam–nos parecidos com os moradores locais e permitiam que passassem despercebidos.
Quando começaram a subir para as cordilheiras do interior começou a nevar e a temperatura tornou–se bastante rigorosa. Os cavalos sopravam das ventas nuvens de vapor e avançavam penosamente pelas trilhas geladas, tanto assim que Alexandre e Heféstion tiveram de desmontar e

seguir a pé, ajudando–os como podiam naqueles íngremes trajetos.
Às vezes, ao chegaram ao topo de um desfiladeiro, paravam e olhavam para trás, e aquela extensão branca e imaculada onde só se viam os rastros de sua recente passagem os deixava desconcertados.
A noite precisavam procurar um abrigo onde acender uma fogueira para secar os panos encharcados, pendurar as capas e proteger–se de alguma forma. Muitas vezes, antes de dormir, ficavam um bom tempo contemplando através da reverberação das chamas os grandes flocos de neve que desciam dançando, ou ouvindo os chamados dos lobos que ecoavam nos vales solitários.
Não passavam de garotos, ainda menores da recente adolescência, e nessas horas eram tomados por um sentimento de angustiada melancolia. Às vezes puxavam sobre os ombros a mesma capa e se apertavam abraçados no escuro, naquela imensa amplidão deserta, lembravam seus próprios corpos de meninos, e as noites em que, ainda crianças, iam um à cata da cama do outro, amedrontados por algum pesadelo ou pelos gritos de algum condenado.
E eram justamente a gélida escuridão e o desespero diante do futuro que os levavam a procurar o recíproco calor, a entorpecer–se naquela nudez frágil e ao mesmo tempo poderosa, naquela solidão esquálida e orgulhosa.
A luz álgida e mortiça da alvorada trazia–os de volta à realidade, e a fome forçava–os a se mexerem em busca de alguma comida.
Se viam as pegadas de algum animal na neve, paravam para montar armadilhas e capturar algum modesto prêmio: um coelho ou um galo montês, que devoravam ainda quentes, após beberem o seu sangue. Outras vezes tinham de seguir viagem de mãos vazias, esfomeados e tiritando no frio daquelas terras inóspitas. E seus cavalos também padeciam, alimentando–se com as parcas ervas amareladas que conseguiam descobrir raspando a neve com os cascos.
Finalmente, após dias e mais dias de marcha estafante, esgotados pelo frio e pela fome, viram reluzir como um espelho, na reverberação de um pálido céu invernal, a superfície do lago Lícnides. Seguiram a passo pela sua margem setentrional esperando chegar, antes do anoitecer, à vila que tinha o mesmo nome: talvez conseguissem passar ali uma noite reconfortante, ao calor de uma lareira.
– Está vendo aquela fumaça no horizonte? – perguntou Alexandre ao

amigo.
– Eu estava certo: deve ser o vilarejo. Teremos feno para os cavalos e comida quente para nós, e um colchão de palha para dormir.
– É bom demais, parece que estou sonhando – exclamou Heféstion. – Acha mesmo que teremos todas essas coisas maravilhosas?
– Sim, claro, e quem sabe até algumas mulheres. Uma vez ouvi meu pai dizer que os bárbaros do interior oferecem–nas aos visitantes em sinal de hospitalidade.
Recomeçara a nevar com grandes flocos macios, e os cavalos tinham dificuldades em prosseguir na neve fofa; o ar gelado passava pelos panos precários e penetrava nos ossos. De repente Heféstion puxou as rédeas do seu cavalo.
– Pelos deuses, olhe!
Alexandre jogou o capuz para trás e procurou ver através do denso turbilhão esbranquiçado: havia um grupo de homens que fechavam o caminho, imóveis em suas cavalgaduras, com os ombros e os capuzes cobertos de neve, armados com lanças.
– Acha que estão esperando por nós? – perguntou o príncipe alcançando a espada com a mão.
– Creio que sim. E de qualquer maneira vamos saber logo – prosseguiu Heféstion desembainhando por sua vez a espada e esporeando o cavalo.
– Receio que francamente teremos de abrir o nosso caminho acrescentou ainda Alexandre.
– Eu também acho – resmungou Heféstion, baixinho.
– Não tenciono desistir de uma boa tigela de sopa quente, de uma cama e de uma lareira aconchegante. E, quem sabe, de uma bela mulher. E quanto a você?
– Eu tampouco.
– Ao meu sinal?
– Que seja.
Mas justamente quando se aprontavam para lançar–se ao ataque um grito ressoou no grande silêncio do vale.
– A turma de Alexandre saúda o seu comandante!
– Ptolomeu!
– Presente!
– Perdicas!
– Presente!

– Leonato!
– Presente!
– Cratero!
– Presente!
– Lisímaco!
– Presente!
– Seleuco!
– Presente!
O último eco apagou–se sobre o lago gelado e Alexandre fitou com olhos brilhantes de lágrimas os seis cavaleiros imóveis sob a neve, depois virou–se para Heféstion meneando a cabeça incrédulo:
– Oh, grande Zeus! – disse. – São os rapazes!

CAPÍTULO 32

Três meses depois do casamento, Eurídice teve uma menina, à qual foi dado o nome de Europa, e ficou novamente grávida logo a seguir. Filipe não pôde entregar–se durante muito tempo aos prazeres da renovada paternidade, devido aos acontecimentos políticos que iam amadurecendo, ou devido aos seus casos pessoais. Até a sua saúde criava–lhe problemas: o olho esquerdo, ferido em batalha e nunca propriamente curado, nesta altura já estava perdido.

Naquele inverno recebeu a visita do seu informante, Eumolpo de Sôli. Apesar do mau tempo, este enfrentara a viagem por mar, pois as informações que obtivera não podiam esperar. Acostumado com o clima da sua cidade, ameno o ano inteiro, estava lívido de frio e Filipe mandou–o sentar ao lado da lareira e tomar um copo de vinho forte e licoroso para reanimá–lo e soltar–lhe a língua.

– Então, que informações me traz, meu bom amigo?

– A deusa Fortuna está contigo, rei. Escute só o que aconteceu na corte dos persas: como era de esperar, o novo soberano Arxes não demorou muito a descobrir quem era o verdadeiro dono do poder no palácio e, não tolerando tal coisa, tentou mandar envenenar Bagoas.

– O castrado?

– Ele mesmo. Mas Bagoas já esperava por isto: ficou a par do complô e tomou suas próprias providências mandando envenenar o rei. E depois disto também mandou matar todos os seus filhos.

– Pelos deuses do Olimpo, aquele capão é mais peçonhento do que um escorpião.

Sem dúvida. Nesta altura, porém, a linha dinástica direta havia sido interrompida. Entre aquele que matara Artaxerxes III e aquele que o matou não havia sobrado ninguém.

– E então? – perguntou Filipe.

– Então Bagoas foi buscar alguém da linhagem colateral e colocou–se no trono com o nome de Dario III.

– E quem é este Dario III?

– O avô dele era Ostanes, o irmão de Artaxerxes II. Está com quarenta e

cinco anos e gosta tanto de mulheres quanto de meninos.
– Isto não faz muita diferença – comentou Filipe. – Não tem notícias mais interessantes?
– Quando foi nomeado rei era sátrapa da Armênia.
– Uma província difícil. Deve ser um sujeito durão.
– Digamos robusto. Parece que matou pessoalmente um rebelde da tribo dos cadusos em um duelo corpo a corpo.
Filipe passou uma mão sobre a barba.
– Acho que o capão se deu mal, desta vez.
– Isto mesmo – concordou Eumolpo, que começava a se recuperar – parece que Dario está a fim de retomar o controle total dos Estreitos e de reafirmar o seu domínio sobre todas as cidades gregas da Ásia. Dizem até que ele tenciona pedir um ato de submissão formal por parte da coroa da Macedônia, mas não creio que isto chegue a ser motivo de preocupação para você. Dario não é um adversário à sua altura: logo que ouvir o seu rugido irá se esconder embaixo da cama.
– É o que veremos – observou Filipe.
– Precisa de mais alguma coisa, senhor?
– Fez um ótimo trabalho, mas o difícil vem agora. Fale com Eumênio e pegue a sua recompensa. Peça mais dinheiro, se precisar pagar mais alguns informantes. Deve ficar a par de tudo aquilo que se passa na corte de Dario.
Eumolpo agradeceu e partiu, não vendo a hora de voltar para o calor da sua cidade costeira. Alguns dias depois o soberano reuniu o conselho de guerra na sala do arsenal real: Parmênio, Antípatro, Cleito, o Negro, e o sogro Átalo.
– Nada daquilo que vou dizer agora deverá sair destas quatro paredes – começou. – Arxes, o rei dos persas, foi assassinado e no seu lugar foi colocado no trono um príncipe do ramo colateral, com o nome de Dario III: ao que parece, um homem não desprovido de dignidade, mas que, pelo menos por mais algum tempo, ficará ocupado consolidando o seu próprio poder. Chegou portanto a hora de agirmos: Átalo e Parmênio sairão quanto antes comandando quinze mil homens e entrarão na Ásia, onde ocuparão a margem oriental do nosso mar e anunciarão a minha proclamação da independência das cidades gregas atualmente sob o jugo dos persas. Enquanto isto eu levarei a cabo o alistamento dos soldados para depois juntar–me a vocês e iniciar a invasão.

O resto da reunião foi dedicado ao exame dos detalhes e à solução dos problemas logísticos, políticos e militares daquele primeiro empreendimento. O que mais surpreendeu os presentes, no entanto, foi o tom apagado com o qual o rei falava, a falta daquele entusiasmo e daquele vigor a que estavam acostumados. Tanto assim que Parmênio, antes de sair, chegou–se a ele.

– Alguma coisa errada, senhor? Talvez não esteja passando bem?

Filipe apoiou a mão no ombro do amigo enquanto o acompanhava até a saída:

– Não, meu velho, nada disto: está tudo bem.

Estava mentindo: a ausência de Alexandre, à qual em um primeiro momento não dera muita importância, tomava–se um desgosto cada vez maior com o passar dos dias. Enquanto o rapaz ficara no Epiro, com a mãe e o tio, Filipe não pensara em outra coisa a não ser forçá–lo a voltar e a fazer um gesto de pública submissão, mas a sua recusa e a posterior fuga para o norte causaram–lhe primeiro raiva, e depois preocupação e desalento.

Quando alguém tentava interceder por ele, ficava furioso ao relembrar o ultraje sofrido; mas, quando ninguém lhe falava a respeito, atormentava–se devido à falta de notícias. Espalhara espiões por todo canto, enviara mensageiros aos reis e aos chefes tribais do Norte para que o mantivessem continuamente informado acerca dos movimentos de Alexandre e Heféstion. Foi assim que acabou sabendo dos outros seis jovens guerreiros que, vindo da Tessália, da Acamânia e da Atamânia, se haviam juntado ao filho, e não lhe foi difícil imaginar quem eles fossem.

A turma de Alexandre reconstituíra–se quase por completo, e não passava um dia sequer sem que Filipe insistisse com Parmênio para ele ficar de olho no filho e evitar que este também se juntasse àquele bando de irresponsáveis que vagavam sem destino entre as neves da Ilíria. E já olhava com alguma desconfiança até para Eumênio, como se esperasse a qualquer momento vê–lo partir de repente, deixando a papelada para trás em troca de aventuras.

Havia algo naquele rapaz que fascinava de forma irresistível todos aqueles que entravam em contato com ele: homens, mulheres e até animais. Como explicar o fato de ele ter conseguido na primeira tentativa montar aquele demônio negro ao qual depois dera o nome de Bucéfalo e amansá–lo como um cordeiro?

E como explicar que Péritas, uma fúria capaz de rachar o fêmur de um porco com uma só mordida, definhava comendo pouco ou nada, deitado por horas a fio na estrada pela qual o seu dono se fora?
Quanto a Leptine, então, a pobre infeliz que tirara do inferno do Pangeu continuava a preparar todos os dias o banho e o quarto de Alexandre como se ele fosse voltar a qualquer momento. E não falava com ninguém.
Filipe também começou a preocupar–se com a solidez das suas relações com o reino de Epiro, seriamente ameaçada pela presença de Olympias ao lado do jovem soberano seu irmão. O ódio que a consumia poderia levá–la a qualquer excesso desde que conseguisse prejudicá–lo e transtornar os seus planos políticos e familiares. O rei Alexandre era seu amigo, mas naquele momento o seu coração batia certamente pelo Aigai. Ficava horas a fio observando os níveos flocos que caíam na paisagem silenciosa, sobre os bosques de abetos azuis, no pequeno vale onde se havia originado a sua dinastia, e pensava em Alexandre e nos seus amigos que percorriam as gélidas regiões do Norte.
Parecia–lhe quase estar vendo o bando que avançava penosamente na nevasca, com os cavalos que afundavam na neve, com o vento que fazia estalar seus trajes esfarrapados e incrustados de gelo. Virava os olhos para a grande lareira de pedra, para os belos pedaços de carvalho que ardiam espalhando calor entre os antigos muros da sala do trono e imaginava os seus rapazes que juntavam lenha molhada sob precários abrigos e que lutavam longamente, já esgotados, antes de conseguir acender uma pobre fogueira, ou então, despertos na noite, vigiando apoiados em suas lanças, quando o uivo dos lobos se tomava mais próximo.
Aí as notícias começaram a ficar mais preocupantes, mas não no sentido que alguém poderia esperar. Alexandre e seus companheiros não só haviam conseguido superar os rigores do inverno, mesmo tendo de enfrentar duras privações, como também se haviam tomado aliados dos chefes de várias tribos que viviam encostadas na Macedônia, participando das suas lutas internas e ganhando no campo de batalha pactos de amizade e até mesmo de submissão. Coisa que, mais cedo ou mais tarde, também poderia representar uma ameaça.
O sobrinho que vagueava exilado em terras bárbaras. Era preciso ligá–lo ao trono de Pela com um vínculo mais sólido, neutralizando de uma vez

a rainha com suas influências malignas. Só existia uma solução e não havia tempo a perder.
Certo dia Filipe mandou chamar Cleópatra, o último representante que sobrava da sua antiga família.
A princesa estava no esplendor dos seus dezoito anos. Tinha grandes olhos verdes, longos cabelos com reflexos acobreados e um corpo de deusa do Olimpo. E não havia um só nobre na Macedônia que não sonhasse em tê–la como esposa.
– Chegou a hora de arrumar um marido, minha filha – disse. Cleópatra baixou a cabeça.
– Imagino que já tenha escolhido o meu noivo.
– Sim, com efeito – confirmou Filipe. – Será o rei Alexandre de Epiro, o irmão da sua mãe.
A jovem permaneceu calada, mas dava para ver que não tinha ficado de todo desgostosa com a decisão do pai. O tio era um homem muito bonito e valente, muito considerado pelos seus súditos e com um caráter parecido com o de Alexandre.
– Nada tem a dizer? – perguntou o soberano. – Esperava alguém diferente?
– Não, pai. Eu sei muito bem e tal escolha cabe a você e portanto jamais pensei em alguém em particular, pois não queria contrariá–lo. Só há uma coisa que queria perguntar.
– Fala, minha filha.
– O meu irmão Alexandre será convidado para o casamento?
Filipe deu–lhe repentinamente as costas, como se tivesse sido atingido por uma chicotada.
– Para mim o seu irmão já não existe – disse num tom gélido. Cleópatra caiu em pranto.
– Mas por que, papai? Por quê?
– Sabe muito bem por quê. Estava presente. Viu como me humilhou diante dos representantes de todas as cidades da Grécia, diante dos meus generais e dos meus dignitários.
– Mas pai, ele...
– Não se atreva a defendê–lo! – berrou o rei. – Chamei Aristóteles para instruí–lo, convidei Lisipo para que esculpisse a sua imagem, cunhei moedas com o seu retrato. Entende o que significa? Não, minha filha, a ofensa e a ingratidão foram grandes demais, demais...

Cleópatra chorava encobrindo o rosto com as mãos, soluçando e Filipe teria gostado de aproximar–se, mas não queria se comover, não podia.
– Pai... – insistiu de novo a jovem.
– Não o defenda, eu já disse!
– Mas vou defendê–lo assim mesmo. Eu também estava lá, naquele dia, e vi a minha mãe pálida como morta observando enquanto apalpava embriagado os seios e acariciava o ventre da sua noivinha. Alexandre também viu, e ele ama a sua mãe. Acha que não deveria? Deveria apagá–la da memória como você fez?
Filipe ficou inteiramente descontrolado:
– Foi Olympias! Foi ela que te instigou contra mim! Não é isto? – gritou roxo de raiva. – Ficaram todos contra mim, todos!
Cleópatra jogou–se ao chão e abraçou–lhe os joelhos.
– Não é verdade, pai, não é verdade, só queremos que volte a ser o mesmo de antes. Alexandre errou, não há dúvida, mas... – Ao ouvir isto Filipe pareceu acalmar–se um pouco. – Será que não o entende? Será que não consegue entendê–lo? O que teria feito no seu lugar? Se alguém o chamasse de bastardo em público. Não teria defendido a sua honra e a da sua mãe? Não é isto que sempre ensinou ao seu filho? E agora que se parece contigo, agora que se porta como sempre quiz, agora o renega. Queria Aquiles! – continuou Cleópatra levantando o rosto riscado de lágrimas. – Queria Aquiles e o conseguiu. A ira de Alexandre é a ira de Aquiles, pai!
– Pois bem, se a dele é a ira de Aquiles, a minha então é a ira de Zeus!
– Mas ele te quer bem, te quer muito bem e sofre, eu sei disso – soluçou Cleópatra deixando–se cair no soalho.
Filipe ficou algum tempo olhando para ela de lábios apertados. Aí virou–se para ir embora.
– Prepare–se – disse do limiar da sala. – O matrimônio acontecerá daqui a seis meses.
E saiu.
Eumênio viu–o voltar aos seus aposentos com uma expressão preocupada e sofrida no rosto, mas fez de conta que não era com ele e prosseguiu pelo corredor carregando uma braçada de rolos.
Depois, quando a porta se fechou, voltou atrás e encostou o ouvido nela. O rei estava chorando.



CAPÍTULO 33

Eumênio afastou–se em silêncio e dirigiu–se ao seu gabinete dentro do arquivo real. Sentou–se apoiando braços e cabeça sobre a escrivaninha e ficou um bom tempo meditando. Aí tomou uma decisão.

Tirou do arquivo uma bolsa, ajeitou a capa em cima dos ombros, passou a mão nos cabelos e saiu outra vez percorrendo o corredor até chegar diante dos aposentos do rei.

Respirou fundo e bateu à porta.

– Quem é?

– Eumênio.

– Entre.

Eumênio entrou e fechou a porta atrás de si. Filipe estava com a cabeça baixa e parecia ler um documento diante de si.

– Há um pedido de casamento, senhor.

O rei levantou a cabeça de estalo. Tinha o rosto marcado e o único olho que lhe sobrava estava avermelhado de cansaço, de raiva, de pranto.

– De que se trata? – perguntou – O sátrapa persa que também é rei da Cária, Pixódaros, oferece a mão da sua filha para um príncipe da sua casa real.

– Mande–o passear. Não compactuo com os persas.

– Acho que deveria, senhor. Pixódaros não é exatamente persa, governa por conta do Grande Rei uma província costeira da Ásia Menor e controla a fortaleza de Halicarnasso. Se está a ponto de atravessar os Estreitos, isto poderia resultar em uma escolha estratégica importante. Principalmente agora que o trono persa ainda não está em mãos seguras.

– Talvez não esteja errado. O meu exército deverá partir dentro de alguns dias.

– Uma razão a mais.

– Quem escolheria?

– Bem, eu estava pensando em...

– Arrideu. Eis quem vamos lhe dar. O meu filho Arrídeu é um tanto retardado, não vai criar problemas. E se não se sair bem na cama, eu

mesmo cuidarei da noivinha. Como é ela?
Eumênio tirou da bolsa um pequeno retrato sobre madeira, na certa obra de algum pintor grego, e mostrou–o.
– Parece muito graciosa, mas é bom não confiar, quando a encontrar pessoalmente pode ter uma surpresa e tanto...
– O que faço, então?
– Escreva que fiquei comovido e honrado com o pedido e que escolhi o valente príncipe Arrideu, jovem, corajoso em batalha, de nobres sentimentos, e enfeite a mensagem com todas as costumeiras bobagens nas quais você é mestre. Depois traga a carta para a assinatura.
– É uma sábia decisão, senhor. Providenciarei imediatamente. – Foi até a porta, mas aí parou como se de repente tivesse lembrado alguma coisa importante. – Posso fazer uma pergunta, meu rei?
Filipe olhou desconfiado.
– Do que se trata?
– Quem vai comandar o exército que enviará à Ásia?
– Átalo e Parmênio.
– Ótimo. Parmênio é um grande soldado e Átalo... Filipe fitou–o ainda mais desconfiado.
– Queria dizer que o afastamento de Átalo poderia favorecer...
– Mais uma palavra e mandarei cortar a sua língua. Eumênio continuou impertérrito:
– Chegou a hora de chamar de volta seu filho, senhor. Por razões muito válidas.
– Calado! – gritou Filipe.
– A primeira é de ordem política: como poderá convencer os gregos a viverem em paz dentro de uma aliança comum se não consegue nem mesmo manter a paz na sua própria família?
– Calado! – rugiu o rei dando um grande murro na mesa.
Eumênio sentiu o coração morrer–lhe no peito e achou com certeza que a sua hora chegara, mas decidiu que em uma situação tão desesperadora mais valia morrer como homem e, portanto, continuou:
– A segunda é de ordem estritamente pessoal: nós todos temos uma maldita saudade daquele rapaz, e o senhor é o primeiro, meu rei.
– Mais uma palavra e mando os guardas o prenderem.
– E Alexandre sofre muito devido a isto tudo.
– Guardas! – berrou Filipe. – Guardas!

– Posso assegurar. E a princesa Cleópatra também vive chorando.
Entraram os guardas com grande estardalhaço de armas.
– Tenho aqui uma carta de Alexandre que diz...
Os guardas estavam a ponto de segurá–lo. Alexandre a Eumênio, salve!
Filipe os deteve com um gesto.
Fico contente com o que me diz do meu pai, que goza de boa saúde e se prepara para a grande expedição contra os bárbaros da Ásia.
O rei fez um sinal para os guardas saírem. Mas ao mesmo tempo esta notícia me entristece profundamente.
Eumênio parou e fitou o interlocutor. Estava transtornado, tomado por violenta emoção, e o seu único olho de ciclope cansado brilhava como uma brasa sob a testa franzida.
– Continue – disse.
O meu sonho sempre foi acompanhá–lo nessa grandiosa façanha e cavalgar ao seu lado para demonstrar–lhe até que ponto eu tentei, a minha vida toda, igualar o seu valor e a sua grandeza de soberano.
Infelizmente as circunstâncias forçaram–me a um gesto irreparável e a ira levou–
me além dos limites que um filho jamais deveria superar.
Mas certamente há um deus que torna estas coisas possíveis, pois quando os homens perdem o controle dos seus atos, então se cumpre aquilo que está escrito que se deve cumprir.
Os amigos estão bem, mas tão tristes quanto eu pela separação da pátria e dos entes queridos. Entre os quais, meu bom Eumênio, está você. Assiste o rei como melhor puder. Infelizmente, a mim isto é negado. Que a alegria reine no seu coração.
mãos.
Eumênio guardou a carta e olhou para Filipe, que cobrira o rosto com as
– Eu ousei... – continuou depois de um momento. O rei levantou a cabeça de estalo.
– Ousou o quê?
– Preparar uma resposta...
– Por Zeus, eu mato este grego, vou matá–lo com minhas próprias mãos! Naquela altura Eumênio sentia–se como o capitão de um navio que, depois de lutar contra as ondas de um mar tempestuoso, com as velas rasgadas e o casco meio partido, conseguiu mesmo assim chegar nos arredores do porto, mas ainda precisa pedir um último sacrifício aos

seus homens exaustos. Respirou então profundamente, tirou da bolsa outra folha e começou a ler sob o olhar incrédulo do soberano.
Filipe, rei dos macedônios, a Alexandre, salve!
O que aconteceu no dia do meu casamento foi para mim motivo de imensa tristeza e tinha decidido que, apesar do afeto que sinto por você, iria excluí–lo para sempre da minha presença. Mas o tempo é um bom médico e sabe abrandar as dores mais agudas.
Meditei longamente sobre o acontecido e, acreditando que os mais idosos têm mais experiência da vida e devem servir de exemplo aos jovens amiúde ofuscados pelas paixões, decidi pôr um termo ao exílio ao qual te condenara.
O mesmo exílio também foi revogado para os seus amigos, que, ao decidirem acompanhá–lo, causaram–me grave ofensa.
É a clemência do pai que aqui leva a melhor sobre o rigor do juiz e do soberano. Em troca, só peço para manifestar–me o seu arrependimento pelo ultraje que tive de sofrer, e demonstrar–me que a sua afeição filial não permitirá a reincidência de tais situações.
Cuida–te.
Eumênio ficou imóvel no meio do aposento, de boca aberta, não sabendo nesta altura o que poderia esperar. Filipe nada dizia, mas estava claro que queria esconder as emoções que lhe agitavam a alma, pois mantinha a cabeça virada de lado e só mostrava o olho cego, aquele que já não podia chorar.
– O que acha? – Eumênio atreveu–se finalmente a perguntar.
– Eu não poderia ter escrito melhor.
– Se tiver então a bondade de assinar..
Filipe esticou a mão, pegou tinta e caneta e depois parou sob os olhos ansiosos do secretário.
– Alguma coisa errada, senhor?
– Não, não – disse o soberano assinando a carta. Logo a seguir, no entanto, virou a folha e a pena recomeçou a chiar em um canto no fundo. Eumênio retomou a epístola, borrifou cinza em cima dela, soprou e, com uma mesura, dirigiu–se à porta rápido e ligeiro antes que o rei pensasse melhor.
– Um momento – chamou de volta Filipe. Tinha pensado melhor. Eumênio parou. – Sim, meu senhor?
– Aonde enviará essa carta?

– Bem, achei por bem manter alguns contatos, ousei discretamente coletar algumas informações...
Filipe meneou a cabeça.
– Um espião, eis quem eu contratei para tomar conta da minha administração. Por Zeus, vou acabar esganando este grego, mais cedo ou mais tarde, juro que vou matá–lo com as minhas próprias mãos!
Eumênio acenou novamente uma mesura e deixou o aposento. Enquanto se apressava de volta para o seu gabinete viu de relance as palavras que o rei acrescentara depois de assinar.
Se fizer de novo, eu te mato. Senti a sua falta.
Papai.



CAPÍTULO 34

Atalo e Parmênio entraram na Ásia sem encontrar resistência e as cidades gregas da costa oriental receberam–nos como libertadores, dedicando estátuas ao rei da Macedônia e preparando grandes festejos.

Desta vez Filipe recebeu com entusiasmo as notícias dos mensageiros: o momento para a expedição à Ásia não podia ser mais propício. O império persa ainda estava tendo dificuldades devido à recente crise dinástica, enquanto ele dispunha de um poderoso exército nacional, sem igual no mundo quanto a valor, lealdade, coesão e determinação, podia contar com um grupo de generais do mais alto nível tático e estratégico crescidos com ele, e com um herdeiro do trono educado nos ideais dos heróis de Homero e na racionalidade do pensamento filosófico, um príncipe orgulhoso e indomável.

Chegara a hora de partir para a, última e mais gloriosa aventura da sua vida. A decisão havia sido tomada e tudo já estava pronto: receberia de volta ao lar Alexandre, reforçaria os, vínculos com o reino do Epiro comemorando com inesquecível fausto a união da filha Cleópatra com o cunhado, e aí juntaria–se às tropas do outro lado dos Estreitos para a grande investida.

Mesmo assim, agora que tudo parecia resolvido, que tudo parecia apontar para um caminho sem dificuldades, agora que Alexandre mandara informar que iria juntar–se a ele em Pela para presenciar com grande pompa o casamento da irmã, sentia uma estranha inquietação que não o deixava dormir à noite.

Certo dia, no começo da primavera, mandou chamar Eumênio pedindo que o encontrasse nas cavalariças para um passeio a cavalo: precisava falar–lhe. Era um procedimento bastante incomum, mas o secretário aprontou–se vestindo calças trácias, casaco cita, botas e um chapelão de abas largas; mandou arrear uma égua bastante velhota e tranqüila e se apresentou ao encontro. Filipe olhou para ele enviesado.

– Aonde pensa ir? À conquista da Cítia?

– Deixei–me aconselhar pelo encarregado do meu guarda–roupa,

senhor.
– Dá para ver. Bem, vamos andando. – O rei esporeou o corcel e afastou–se a galope por uma trilha que saía da cidade.
Os lavradores já estavam nos campos, sachando o trigo e o milho e mondando os sarmentos de videira.
– Olhe em volta! – exclamou Filipe prosseguindo a passo. – Olhe em volta!
Numa só geração transformei um povo de montanheses e de pastores quase bárbaros em uma nação de agricultores com residência fixa nas vilas e nas cidades, e com uma estrutura administrativa eficiente e ordenada. Dei–lhes o orgulho de pertencerem ao seu próprio país. Moldei–os como metal na forja, tornei– os guerreiros invencíveis. E Alexandre escarneceu–me só porque fiz um pouco de farra, afirmou que nem sou capaz de passar de um leito para outro...
– Não pense mais nisto, senhor. Ambos já sofreram bastante: Alexandre disse o que não devia, isto é verdade, mas sofreu um duro castigo. O senhor é um grande soberano, o maior de todos, e ele sabe e lhe asseguro que sente orgulho por isto.
Filipe permaneceu calado mantendo a passo o cavalo por mais um bom pedaço. Quando chegou perto de um regato que corria límpido gelado devido às neves que se derretiam nas montanhas, desmontou e ficou sentado sobre uma pedra, esperando por Eumênio.
– Vou partir – anunciou ao secretário.
– Partir? Para onde?
– Alexandre não vai chegar antes de uns vinte dias e eu quero ir a Delfos.
– Fica longe, meu rei: acabarão arrastando–o para outra guerra sagrada.
– Não haverá mais guerras na Grécia enquanto eu viver, nem sagradas nem profanas. Não irei ao conselho do santuário. Quero ir ao santuário.
– Ao santuário? – repetiu Eumênio pasmo. – Mas, senhor, o santuário é seu. O oráculo diz aquilo que quiser.
– Acha mesmo?
Começava a fazer calor. Eumênio tirou o casaco, mergulhou o lenço na água e molhou a testa.
– Não estou entendendo. Logo você pergunta isto, você que viu o conselho manobrar o oráculo a seu bel–prazer e mandar o deus dizer aquilo que mais condizia com uma certa linha política ou aliança militar.

– Eu sei disso. Mesmo assim, porém, às vezes o deus consegue dizer a verdade apesar do despudor e da falsidade dos homens que deveriam servi–lo. Tenho certeza disto. – Apoiou os braços nos joelhos e baixou a cabeça para escutar o murmúrio do regato.
Eumênio ficara sem palavras. Onde queria chegar o rei? Um homem que vivera qualquer tipo de excesso, que havia testemunhado toda e qualquer corrupção e duplicidade, que vira a maldade humana desencadear–se em todo gênero de crueldade. O que estava procurando no vale de Delfos aquele homem cheio de cicatrizes visíveis e invisíveis?
– Sabe o que está escrito na fachada do santuário? – perguntou o soberano em certa altura.
– Sei, meu rei. Está escrito: "Conhece a você mesmo."
– E sabe quem escreveu aquelas palavras?
– O deus? Filipe anuiu.
– Entendo – disse Eumênio, sem entender.
– Partirei amanhã. Deixei instruções e o sinete real com Antípatro. Mande limpar os aposentos de Alexandre, assim como a cocheira de Bucéfalo. E não se esqueça de dar um banho no seu cão. Quero que mande lustrar as armas do meu filho e que fale com Leptine, apesar de ela nunca ter parado de aprontar o quarto e o banho do príncipe. Tudo deve estar igual a quando ele partiu. Mas nada de festas, nada de banquetes. Não há motivo algum para festejarmos: estamos ambos carregados de dor.
Eumênio acenou afirmativamente com a cabeça.
– Parta tranqüilo, rei: tudo será feito como quer e da melhor forma possível.
– Eu sei – murmurou Filipe. Deu–lhe uma palmada nas costas, pulou na garupa e desapareceu a galope.
Partiu ao alvorecer da manhã seguinte, acompanhado por uma pequena escolta. Dirigiu–se ao sul, passando primeiro pela planície macedônia e entrando em seguida na Tessália. Atravessou a Fócida e, depois de uma viagem de sete dias, chegou a Delfos encontrando, como sempre, a cidade cheia de peregrinos.
Vinham dos quatro cantos do mundo, até da Sicília e do golfo Adriático, onde, em uma ilha no meio do mar, surgia a cidade de Espina. Ao longo da via sacra que levava ao santuário havia toda uma série de pequenos templos dedicados a Apolo pelas várias cidades gregas, enfeitados com

estátuas e amiúde precedidos por grupos de esculturas em bronze ou mármore pintado.
Também havia dúzias de barracas carregadas de mercadorias: animais sendo oferecidos como sacrifício, estatuetas de diferentes tamanhos sendo consagradas no santuário, reproduções em bronze ou terracota da estátua cultuada no templo ou de outras obras–primas que enfeitavam as redondezas.
Ao lado do santuário havia o gigantesco trípode do deus com o enorme caldeirão de bronze sustentado por três serpentes enroscadas, também de bronze, fundidas com as armas que os atenienses haviam tirado dos persas na batalha de Platéias.
Filipe entrou na fila dos postulantes cobrindo a cabeça com o capuz da capa, mas nada passava despercebido aos olhos dos sacerdotes de Apolo. Não demorou para um cochicho correr de boca em boca dos serventes até os ministros do culto escondidos nas sombras da parte mais secreta e interna do templo.
– O rei dos macedônios e chefe supremo do conselho do santuário está aqui – anunciou um noviço, ofegante.
– Tem certeza do que diz? – perguntou o sacerdote que naquele dia era responsável pelas cerimônias do culto e do oráculo.
– É difícil confundir Filipe da Macedônia com qualquer outro homem.
– O que será que ele quer?
– Está na fila dos postulantes que desejam interrogar o deus. O sacerdote suspirou.
– Incrível. Como foi que ninguém nos avisou? Não podemos ser pegos de surpresa pelo pedido de um homem tão poderoso... Rápido! ordenou.
– Põe logo à mostra as insígnias do conselho do santuário e traga–o imediatamente até mim. O vencedor da guerra sagrada, chefe supremo do conselho, tem prioridade máxima.
O jovem desapareceu atrás de uma portinhola lateral. O sacerdote vestiu os paramentos, cingiu a cabeça com as fitas sagradas deixando–as recair em cima dos ombros e entrou no templo.
O deus Apolo estava diante dele, sentado no trono, com as mãos e o rosto de marfim, uma coroa de argênteas folhas de louro na cabeça, os olhos de madrepérola. O enorme simulacro tinha uma expressão atônita e distante na fixidez do olhar e os seus lábios se abriam num sorriso enigmático, quase de escárnio. O incenso queimava num braseiro aos

seus pés e a fumaça subia numa nuvem azulada até uma abertura entre as armações do telhado por onde se podia ver uma nesga de céu.
Um feixe de luz penetrava da entrada cortando a escuridão do interior, lambia os contornos dourados das colunas fazendo rebrilhar uma miríade de corpúsculos suspensos no ar denso e pesado.
De repente uma figura imponente destacou–se no vão da entrada, projetando a sua sombra quase até os pés do sacerdote. Avançou para a estátua do deus e o passo claudicante dos seus calçados tacheados ecoou amplificado pelo silêncio profundo do santuário.
O sacerdote aproximou–se e reconheceu o rei dos macedônios.
– O que deseja? – perguntou com deferência.
Filipe levantou a cabeça para encontrar o olhar impassível da estátua que o dominava.
– Desejo interrogar o deus.
– E qual é a tua pergunta?
Filipe perfurou–o com o olhar do seu único olho até a alma, admitindo que a tivesse.
– A minha pergunta só será conhecida pela pitonisa. Leva–me até ela.
O sacerdote baixou a cabeça confuso, apanhado de surpresa por aquele pedido que não admitia recusa.
– Tem certeza de que quer se expor diretamente à voz de Apolo? Muitos não agüentaram. Pode ser mais estridente do que o toque de um clarim de guerra, mas dilacerante do que um trovão...
– Eu agüentarei – afirmou Filipe peremptório. – Leve–me até a pítia.
– Como quiser – respondeu o sacerdote. Aproximou–se de um tímpano de bronze pendurado em uma coluna e golpeou–o com o seu cetro. O som argentino ecoou nas paredes num complexo jogo de ressonâncias até chegar à cela do mais íntimo e secreto receptáculo do templo: o adyton.
– Acompanhe–me – disse afinal, quando o som enfraqueceu, e caminhou. Passaram por trás do pedestal da estátua e pararam diante de uma placa de bronze que cobria o muro posterior da cela. O sacerdote golpeou–a com o cetro suscitando um surdo ribombo logo engolido por um invisível espaço subterrâneo. Aí a grande chapa rodou sobre si mesma sem o menor barulho, deixando à mostra uma escadaria muito estreita que levava às profundezas.
– Ninguém jamais entrou aqui ao longo desta geração – declarou o

sacerdote sem olhar para trás. Filipe desceu com dificuldade os degraus íngremes e desiguais até ficar no centro de um hipogeu fracamente iluminado por algumas lamparinas.
Naquela mesma hora, pela parede dos fundos inteiramente às escuras, entrou uma figura desgrenhada e vestida com uma roupa vermelha que lhe chegava até os pés. O seu rosto era de uma palidez cinérea e os olhos pesadamente bistrados tinham a desconfiada mobilidade de um animal perseguido. Apoiava–se em dois oficiantes que a levaram quase carregando–a para um grande assento em forma de trípode no qual a colocaram.
Em seguida abriram com grande esforço um alçapão de pedra no chão, destampando a boca do abismo que começou a exalar vapores de pestífero cheiro.
– É o khasma ghes – explicou o sacerdote com a voz que tremia, desta vez sem fingimento, de terror e pânico. – É a fonte da noite, a derradeira boca do caos primordial. Ninguém sabe onde acaba e ninguém que desceu nela jamais voltou. – Pegou um seixo do chão pedregoso da caverna e jogou–o na abertura. Não se ouviu ruído algum. – Agora o deus está para entrar no corpo da pítia, está para possuí–lo com a sua presença. Olhe.
A pitonisa inalava os vapores que saíam da voragem arfando penosamente, contorcia–se como se estivesse sofrendo espasmódicas dores, mostrava o branco dos olhos revirados, agitava–se em cima do trípode deixando às vezes pendurar as pernas e os braços inertes fora do prato no qual se retorcia. Aí, de repente, começou a estremecer dolorosamente soltando uma espécie de estertor cada vez mais agudo até parecer o sibilar de uma cobra. Um dos oficiantes apoiou uma mão no seu peito e olhou para o sacerdote com um gesto de assentimento.
– Agora pode interrogar o deus, rei Filipe. O deus está presente disse o sacerdote quase em murmúrio.
Filipe aproximou–se chegando quase a roçar na mão da pítia.
– Oh, deus, prepara–se uma solene cerimônia na minha casa e estou a ponto de vingar o ultraje que um dia os bárbaros causaram aos deuses da nossa terra. Mas o meu coração está oprimido e os pesadelos funestam minhas noites. Qual é a resposta para a minha inquietação?
A pítia emitiu um longo gemido e depois levantou–se, vagarosamente, apoiando–se com ambas as mão nas bordas do trípode e começou a falar

com uma estranha voz metálica e fremente:
O touro foi coroado, O fim está próximo, O sacrificador está pronto. (Diodoro da Sicília, XVII, 1O.3)
Deixou–se então cair para trás com o corpo inerte, sem vida.
Filipe ficou um momento olhando para ela, em silêncio, aí voltou para a escada e desapareceu no pálido raio que vinha de cima.



CAPÍTULO 35

O homem chegou a galope no meio da noite, desmontou com um pulo diante do corpo de guarda e confiou a sua cavalgadura fumegante de suor a um "escudeiro".

Eumênio, que dormia com um olho aberto, levantou–se imediatamente da cama, vestiu uma capa, pegou uma lanterna e desceu as escadas correndo para recebê–lo.

– Venha – intimou–lhe logo que o viu entrar sob o pórtico, e indicou–lhe o caminho para o arsenal. – Onde acha que o rei está nesta altura? perguntou enquanto o outro o acompanhava ainda ofegante.

– A um dia de marcha daqui, não mais do que isto. Perdi algum tempo pelos motivos que já sabe.

– Está bem, está bem – Eumênio comentou concisamente ao abrir com a chave uma portinhola de ferro. – Entra, aqui ninguém nos perturbará.

Tratava–se de um aposento grande e despojado, um depósito para armas a serem consertadas. Em um canto havia uns dois ou três banquinhos em volta de uma bigorna. Eumênio ofereceu um ao companheiro e, por sua vez, sentou.

– O que conseguiu descobrir?

– Não foi fácil e também não saiu barato. Tive de corromper um dos oficiantes que têm livre acesso ao adyton.

– E então?

– O rei Filipe chegou de surpresa, quase às escondidas, e ficou na fila com os demais postulantes até que foi reconhecido e convidado a entrar no santuário. Quando os sacerdotes se deram conta de que tencionava interrogar o oráculo, tentaram convencê–lo a revelar a pergunta para que pudessem preparar a devida resposta.

– É a rotina costumeira.

– De fato. Mas o rei recusou–se: pediu para consultar diretamente a pítia e exigiu que o levassem ao adyton.

Eumênio cobriu o rosto com as mãos.

– Por Zeus!

– O sacerdote que oficiava naquele dia nem teve tempo para informar o

conselho. Não teve outra escolha a não ser concordar com o pedido. Filipe foi então acompanhado ao adyton e pôde fazer a sua pergunta à pítia logo depois que ela entrara em condição extática.
– Tem certeza?
– Absoluta.
– E qual foi a resposta?
– O touro foi coroado, o fim está próximo, o sacrificador está pronto.
– Só isto? – perguntou Eumênio com expressão sombria.
O homem acenou que sim com a cabeça. Eumênio sacou de um bolso um pequeno saco de moedas e entregou–o ao interlocutor.
– É o que prometi, mas acredito que já guardou para si o que sobrou após subornar aquele oficiante.
– Mas eu...
– Deixe para lá, sei muito bem como estas coisas funcionam. Só lembre isto, no entanto: se por acaso deixar escapar uma só palavra a respeito do assunto, se porventura tiver a tentação de falar com alguém, eu o encontrarei não importa onde estiver e farei com que se arrependa de ter nascido.
O homem pegou o dinheiro jurando e perjurando que não comentaria o fato com ninguém e foi embora.
Eumênio ficou sozinho na grande sala fria e vazia, na penumbra da fraca luz da lamparina, e meditou longamente uma interpretação que só pudesse ser de bom augúrio para o seu rei. Depois saiu para o quarto de dormir, mas não conseguiu mais adormecer.
Filipe chegou de volta ao palácio no dia seguinte, no fim da tarde, e Eumênio deu um jeito para ser recebido quanto antes com a desculpa de alguns documentos que precisavam de assinatura.
– Posso perguntar qual foi o êxito da sua missão, senhor? – indagou enquanto lhe apresentava uma folha depois da outra.
Filipe levantou a cabeça e virou–se para ele.
– Poderia apostar dez talentos de prata contra uma porcaria de vira–lata que você já sabe.
– Eu, senhor? Não, não. Não sou tão bom assim. São coisas delicadas, não dá para brincar com elas.
Filipe esticou a mão esquerda para pegar mais um documento e imprimiu o seu sinete.
– O touro foi coroado, o fim está próximo, o sacrificador está pronto.

– Foi esta a resposta, senhor? Mas então é uma coisa extraordinária, magnífica! Logo agora que está a ponto de passar para a Ásia! O novo imperador dos persas acaba de ser coroado, e qual é o símbolo de Persépolis, a sua capital? O touro, o touro alado. Não há dúvida, o touro é ele. E portanto o seu fim está próximo porque o sacrificador está pronto. E o senhro é justamente o sacrificador que o vencerá. O oráculo previu a sua iminente vitória sobre o império dos persas.
– Aliás, senhor, quer que diga realmente o que eu penso? É bom demais para ser verdade: receio que aqueles rufiões de sacerdotes tenham preparado uma resposta sob medida. Mesmo assim, é um bom sinal, não acha?
– Não prepararam coisa alguma. Cheguei de repente, segurei o ministro do culto pelo cangote, mandei–o abrir o adyton e vi a pítia respirar os vapores do khasma possuída, de olhos revirados e baba na boca.
Eumênio anuiu repetidamente.
– Não sei o que dizer, certamente uma ação repentina bem ao seu estilo. Melhor ainda, portanto, se a resposta for genuína.
– Pois é.
– Alexandre deve chegar daqui a uns dois dias.
– Ótimo.
– Irá recebê–lo na antiga fronteira?
– Não, esperarei aqui.
– Eu e Calístenes podemos ir?
– Claro.
– Levarei Filotas também, com uma dúzia de homens da guarda. Só uma pequena escolta de honra...
Filipe consentiu.
– Muito bem, se não houver mais nada, então já estou indo – disse Eumênio recolhendo seus papiros e saindo.
– Sabe como me chamavam os meus soldados quando era jovem e ficava com duas mulheres por noite?
Eumênio virou–se para encontrar aquele olhar ferido.
– "O touro", era assim que me chamavam.
O secretário não soube o que dizer. Alcançou a porta e saiu com uma apressada mesura.
O pequeno comitê de boas–vindas chegou à estrada de Beroéia, onde ficava a antiga fronteira do reino de Amintas, e Eumênio acenou aos

outros para que parassem perto do vau do Aliakmon, pois certamente iriam atravessar ali.
Todos desmontaram e deixaram soltos os cavalos no pasto; alguns pegaram os cantis para matar a sede, outros, devido à hora, sacaram das mochilas pão, queijo, azeitonas e figos secos e sentaram no chão para comer. Um dos homens da guarda foi enviado ao topo do morro para avisar da chegada de Alexandre. Passaram–se várias horas e o sol começou a baixar no horizonte, lá nos penhascos do Pindo, sem que nada acontecesse.
– É um caminho perigoso, acredita – continuava a dizer Calístenes. – Cheio de bandidos. Não ficaria surpreso...
– Ora, os bandidos! – exclamou Filotas. – Para aquela turma os bandidos são café pequeno. Passaram o inverno nas montanhas da Ilíria. Percebe o que isto significa?
Eumênio, no entanto, estava olhando para a colina e viu o homem agitar um pano vermelho.
– Estão chegando – disse quase num murmúrio.
Logo a seguir o homem de vigia lançou uma seta que se fincou no chão perto deles.
– Não falta ninguém – disse o secretário. E falou como se quase não acreditasse em suas próprias palavras. Enquanto isto, o homem voltara.
– Guardas! Montar! – ordenou Filotas, e os doze cavaleiros pularam em seus cavalos dispondo–se ao longo da estrada de lanças hasteadas. Eumênio e Calístenes já avançavam a pé pelo caminho quando a turma de Alexandre apareceu ao longe, na encosta da colina.
Os oito avançavam lado a lado e os raios do sol que os iluminavam por trás envolviam–nos num halo de luz purpúrea, numa nuvem dourada. A distância e o tropel na poeira luminosa criavam um efeito mágico, como se estivessem cavalgando suspensos no ar, chegando de um outro tempo, de um lugar arcano e distante, dos confins do mundo.
E chegaram à beira do rio atravessando o vau a toda velocidade, como se já lhes fosse insuportável qualquer momento que ainda os separava da pátria. As patas dos cavalos, em seu turbulento tropel, levantaram uma névoa iridescente contra as últimas chamas do grande globo poente.
Eumênio passou a manga da túnica em cima dos olhos e assoprou rumorosamente o nariz. A sua voz tremia.
– Deuses do céu, são eles... São eles.

Uma figura de longa cabeleira dourada, resplandecente em sua armadura de fulvo cobre, saiu então da água num rebuliço de espuma, separou–se do grupo e lançou–se numa corrida desenfreada na garupa de um garanhão que fazia estremecer o solo com seus cascos.
Filotas gritou:
– Guarda em formação! – E os doze guerreiros perfilaram–se um ao lado do outro de ombros retos e cabeça erguida, levantando para o céu a ponta das suas lanças.
Eumênio não conseguiu segurar a emoção.
– Alexandre... – gaguejou entre as lágrimas. – Alexandre voltou.



CAPÍTULO 36

Eumênio e Calístenes acompanharam Alexandre até o limiar do estúdio do rei. Eumênio bateu à porta e, quando ouviu a voz do monarca convidando o filho a entrar, botou a mão no ombro do amigo e disse meio sem jeito:

– Se porventura seu pai fizer algum comentário a respeito da carta que me escreveu, não aparente espanto. Eu me atrevi a dar o primeiro passo em seu nome, pois do contrário ainda estaria nas montanhas no meio da neve.

Alexandre ficou pasmo, dando–se finalmente conta do que havia acontecido, mas nesta altura nada mais podia fazer e entrou.

Viu–se em frente ao pai e achou–o envelhecido: embora tivesse ficado ausente pouco menos de um ano, pareceu–lhe que as rugas na sua testa estivessem bem mais profundas e que as têmporas tivessem ficado, precocemente embranquecidas. Foi o primeiro a falar:

– Fico contente em encontrá–lo bem e saudável, pai.

– Eu também – respondeu Filipe. – Parece–me mais robusto, e estou feliz com a sua volta, os seus amigos estão bem?

– Sim, estão todos bem.

– Sente.

Alexandre obedeceu. O soberano pegou uma jarra e duas taças.

– Um pouco de vinho?

– Sim, obrigado.

Filipe aproximou–se e ele ficou instintivamente de pé, podendo assim observá–lo de perto. Viu o seu olho apagado, viu o cansaço de viver que lhe esculpia a fronte.

– Bebo à sua saúde, pai, e à façanha que está a ponto de levar a cabo na Ásia. Soube da grande profecia do deus de Delfos.

Filipe anuiu e tomou um gole de vinho.

– Sua mãe está bem?

– Estava bem quando a vi pela última vez.

– Virá ao casamento de Cleópatra?

– Espero que sim.

– Eu também.
Estavam em pé, fitando–se em silêncio, e ambos sentiam o agudo desejo de se entregarem à onda dos sentimentos, mas também eram dois homens calejados por muita dor e muito ressentimento, pelo momento de furor que já passara mas que continuava terrivelmente vivo, cientes de que naquela ocasião poderiam ter levantado a mão um contra o outro até derramarem o seu próprio sangue.
– Vai dar um abraço em Cleópatra – disse de repente Filipe rompendo o silêncio. – Sentiu muito a tua falta.
Alexandre acenou que sim com a cabeça e saiu.
Eumênio e Calístenes haviam ficado escondidos em um canto do corredor esperando uma explosão de ira ou de felicidade: aquele silêncio irreal deixava–os perplexos.
– O que acha? – perguntou Calístenes.
– O rei me disse: "Nada de festas, nada de banquetes. Não temos coisa alguma para festejar: estamos ambos carregando muita dor." Foi o que disse.
Alexandre atravessou o palácio como que em sonho. Todos lhe sorriam ou acenavam com a cabeça, mas ninguém ousava se aproximar ou dirigir–lhe a palavra.
De repente um latido ressoou bem alto no grande pátio e Péritas irrompeu como uma fúria no pórtico interno. Pulou em cima dele quase jogando–o ao chão e não queria parar de fazer–lhe festas, ladrando e pinoteando.
O jovem ficou comovido com o afeto que o animal lhe demonstrava de forma tão clara e entusiástica, diante de todos. Acariciou–o longamente coçando suas orelhas e procurando acalmá–lo. Lembrou–se de Argo, o cão de Ulisses, o único que o reconhecera depois de ficar vinte anos sem vê–lo, e sentiu a emoção velar–lhe os olhos.
A irmã agarrou–se ao seu pescoço caindo em pranto logo que o viu aparecer à porta do seu quarto.
– Menina – murmurou Alexandre apertando–a.
– Chorei tanto... Chorei tanto... – soluçou a jovem.
– Agora chega. Voltei e também estou com fome. Esperava que me convidasse para jantar.
– Claro! – exclamou Cleópatra enxugando as lágrimas e fungando. Venha comigo, entra.

Mandou–o sentar e pediu logo que aprontassem as mesas e trouxessem uma bacia para que o irmão lavasse as mãos, os braços e os pés.
– Mamãe virá ao meu casamento? – perguntou quando se deitavam para cear.
– Espero que sim. Afinal é o matrimônio da filha e do irmão: não pode faltar.
E creio que isto agradaria ao nosso pai também.
Cleópatra pareceu acalmar–se e começaram a falar a respeito do que haviam feito durante aquele ano de separação. A princesa estremecia cada vez que o irmão lhe contava alguma aventura particularmente emocionante ou alguma perseguição pelas gargantas selvagens dos montes ilíricos.
Vez por outra Alexandre parava. Queria saber como se vestiria para o casamento ou como iria viver na corte de Butroto, ou então se calava e ficava olhando para ela em silêncio, com aquele seu leve sorriso e a maneira curiosa de inclinar a cabeça sobre o ombro direito.
– Pobre Perdicas – disse em certa altura, como lembrando alguma coisa de repente. – Está perdidamente apaixonado por você e quando soube, do matrimônio ficou no maior desespero.
– Sinto muito. É um bom rapaz.
– Mais do que isto. Um dia vai ser um dos melhores generais macedônios, se é que aprendi a conhecer os homens. Mas nada podemos fazer, cada um de nós tem o próprio destino.
– Isso mesmo – concordou Cleópatra.
De repente o silêncio caiu sobre os dois jovens que se reviam depois de tanto tempo: cada um procurava ouvir a voz dos próprios sentimentos.
– Creio que será feliz com o seu esposo – recomeçou Alexandre. É um jovem inteligente e corajoso, e também é capaz de sonhar. Será para ele como uma flor molhada de orvalho, como o sorriso da primavera, como uma pérola encravada em ouro.
Cleópatra fitou–o com olhos embaçados.
– É assim que me vê, meu irmão?
– Assim mesmo. E ele também a verá da mesma forma, com certeza. – Roçou–lhe a face com um beijo e foi embora.
Já era tarde quando voltou pela primeira vez aos seus aposentos, depois de ficar um ano ausente: percebeu a fragrância das flores que os enfeitavam e o perfume do banho.

As lamparinas acesas espalhavam uma luminosidade quente e aconchegante, o seu estrígil, o seu pente e a navalha estavam enfileirados ao lado da banheira, e Leptine estava sentada num banquinho vestindo apenas um curto quitão.
Correu ao seu encontro logo que o viu e jogou–se aos seus pés abraçando– lhe os joelhos, cobrindo–o de beijos e de lágrimas.
– Quer me ajudar–me a tomar banho? – perguntou Alexandre.
– Sim, claro, meu senhor. Imediatamente.
Despiu–o e deixou–o entrar na grande banheira, ai começou a acariciá–lo delicadamente com a esponja. Lavou seus cabelos macios e suavemente ondulados, enxugou–os e depois derramou neles um óleo precioso que vinha da longínqua Arábia.
Quando saiu da água, cobriu–o com um pano de linho e mandou–o deitar na cama. Depois ela mesma se despiu e massageou–o longamente para relaxar seus músculos, mas não o perfumou, pois nada era mais lindo e amável do que o cheiro natural da sua pele. Quando viu que ele se entregava de olhos entreabertos, deitou–se ao seu lado, morna e nua, e começou a beijá–lo no corpo todo.

CAPÍTULO 37

Eurídice deu à luz um menino lá pelo fim da primavera, não muito antes da data marcada para o casamento de Cleópatra e Alexandre do Epiro, e o acontecimento esfriou mais ainda o relacionamento já não fácil entre o príncipe e seu pai.

Aumentaram os desentendimentos e os atritos, exasperados pela decisão de Filipe de manter longe da corte os amigos mais íntimos do filho, particularmente Heféstion, Perdicas, Ptolomeu e Seleuco.

Filotas, que naquele momento estava na Ásia, demonstrara–se por sua vez um tanto morno em relação a Alexandre depois da sua volta. Começara até a freqüentar ostensivamente o seu primo Amintas, que havia sido o herdeiro do trono antes que ele nascesse.

Estes fatos todos, juntamente com a perdida familiaridade com a corte e com uma aguda sensação de isolamento, só conseguiram aumentar em Alexandre uma perigosa falta de segurança que o levou a iniciativas inoportunas e a atitudes injustificadas.

Quando soube que Filipe havia proposto como marido para a filha do sátrapa da Cária aquele debilóide do meio irmão Arrideu, não soube mais o que pensar. Afinal, depois de muito refletir, receando que aquela escolha estivesse de algum modo ligada à expedição na Ásia, mandou uma mensagem pessoal a Pixódaros oferecendo–se como noivo da jovem. O rei, no entanto, acabou sabendo da coisa pelos seus informantes, ficou fulo de raiva e foi forçado a abortar o projeto de aliança matrimonial, nesta altura já irremediavelmente comprometido.

Quem comunicou a Alexandre a má notícia foi Eumênio.

– Mas como pôde passar pela sua cabeça uma coisa dessas? – perguntou.

– Por que não falou comigo, por que não pediu conselho. Eu teria dito que...

– O que teria dito? – rebateu Alexandre, inquieto e ressentido. – Só sabe fazer o que meu pai manda! Não fala comigo, esconde–me tudo!

– Está delirando – replicou Eumênio. – Como pode pensar que Filipe desperdice o herdeiro do seu trono mandando–o casar com a filha de

um servo do seu inimigo, o rei dos persas?
– Já não sei mais se sou o herdeiro de Filipe. Ele nada diz, nada fala a respeito. Dedica todo o seu tempo à nova mulher e ao menino recém nascido. E vocês todos também me abandonaram. Todos estão com medo da minha companhia, pois acham que já não sou o herdeiro do soberano! Olhe em volta: quantos filhos tem meu pai? Alguém poderia até decidir apoiar Amintas: afinal ele era o herdeiro antes que eu nascesse, e nestes últimos tempos Filotas passa mais tempo com ele do que comigo. E Átalo não afirmou claramente que a sua filha iria parir o herdeiro legítimo? Pois bem, agora o menino nasceu.
Eumênio ficou em silêncio. Via–o medir o aposento com suas grandes passadas, e esperava que se acalmasse. Quando o viu parar diante da janela, de costas, recomeçou.
– Precisa enfrentar seu pai, mesmo que neste momento ele preferisse te degolar. E não sem razão.
– Está vendo? Está do lado dele!
– Pare com isto! Pare de me tratar deste jeito! Eu sempre fui leal para com a sua família. Sempre procurei manter a paz entre os dois porque considero seu pai um grande homem, o maior que a Europa conheceu neste século, e porque te quero bem, seu cabeçudo de uma figa! Vamos, diga–me uma coisa, uma única coisa que eu tenha feito para prejudicá–lo, cita–me um desgosto sequer que eu te tenha causado nestes anos todos que nos conhecemos! Fale, estou esperando.
Alexandre não respondeu. Torcia as mão e ficava de costas para não mostrar as lágrimas que lhe subiam aos olhos. E tinha raiva de si mesmo, percebendo que a cólera do pai ainda o amedrontava como quando era menino.
– Precisa enfrentá–lo. Agora. Agora que está furioso devido àquilo que fez. Demonstre–lhe que não tem medo, que é um homem de verdade, que é digno de um dia sentar no seu trono. Reconheça o seu erro e peça perdão. Esta é a verdadeira coragem.
– Está bem – admitiu Alexandre. – Mas lembre que uma vez Filipe já investiu contra mim de espada em punho.
– Estava bêbado.
– E agora não?
em você? Responde, faz idéia? Eu sei porque faço as contas e mantenho em dia os seus arquivos.

– Não quero saber.
– Pelo menos cem talentos, uma quantia descomunal: um quarto do tesouro da cidade de Atenas na época do seu maior esplendor.
– Não quero saber!
– Perdeu um olho em combate e ficou coxo pelo resto dos seus dias. Construiu para você o maior império que já se viu deste lado dos Estreitos e agora lhe oferece a Ásia, e você atrapalha seus planos, joga–lhe na cara os poucos prazeres que um homem da sua idade ainda pode ter na vida. Vá falar com ele, Alexandre, faça e isto antes que ele venha falar contigo.
– Está bem! Eu o enfrentarei. – E saiu batendo a porta. Eumênio correu atrás dele no corredor:
– Espere! Espere, estou dizendo!
– O que foi agora?
– Deixe–me falar com ele primeiro.
Alexandre abriu caminho e ficou meneando a cabeça enquanto olhava o outro que se apressava rumo à ala oriental do palácio. Eumênio bateu à porta e entrou sem esperar a resposta.
– O que houve? – perguntou Filipe com ar sombrio.
– Alexandre gostaria de falar com o senhor.
– Como?
– Senhor, o seu filho está muito sentido pelo que fez, mas procure entendê– lo: sente–se só, isolado. Não goza mais da sua familiaridade, do seu afeto. Não quer perdoá–lo? Afinal quase não passa de um garoto. Acha que o abandonou e deixou–se tomar pelo medo.
Eumênio esperava uma explosão de fúria descontrolada e ficou surpreso ao ver o soberano estranhamente calmo. A coisa deixou–o impressionado.
– Está passando bem, senhor?
– Tudo bem, tudo bem. Mande–o entrar.
Eumênio saiu e viu–se diante de Alexandre que esperava por ele, pálido.
– Seu pai está muito desgastado – afirmou – Talvez a sua solidão Seja maior do que a sua. Lembra–se disto.
O príncipe superou o limiar.
– Por que o fez? – perguntou Filipe.
– Eu...
– Por quê? – berrou.

– Porque me sentia excluído das suas decisões, porque estava sozinho, sem ninguém para me ajudar, para me aconselhar. Pensei estar afirmando a dignidade da minha pessoa.
– Oferecendo–se para casar com a filha de um servo do rei dos persas? "As palavras de Eumênio", pensou Alexandre com os seus botões.
– E por que não falar comigo? – continuou Filipe num tom mais calmo.
– Por que não falar a respeito com seu pai?
– Havia demonstrado a sua preferência por Arrideu, um meio retardado.
– Pois é! – gritou novamente Filipe dando um murro na mesa. – E isto não te disse nada? É assim que Aristóteles o ensinou a raciocinar?
Alexandre ficou calado e o soberano levantou–se claudicando de um lado para o outro da sala.
– E tão grave o prejuízo que causei? – indagou o príncipe em certa altura.
– Não – respondeu Filipe. – Embora pudesse ser–me útil uma aliança matrimonial com um sátrapa persa na hora em que me preparo para entrar na Ásia. Mas há remédio para tudo.
– Sinto muito. Nunca mais vai acontecer de novo. Aguardo apenas que me faça saber qual será o meu lugar no casamento de Cleópatra.
– O seu lugar? Será o que cabe ao herdeiro do trono, meu filho. Volte para Eumênio, ele sabe de tudo pois organizou a cerimônia nos mínimos detalhes.
Alexandre corou violentamente ao ouvir isto e teve vontade de abraçar o pai do mesmo jeito que fazia quando era visitado por ele em Mésia, mas não conseguiu vencer a vergonha e o embaraço que sentia na presença dele desde que o relacionamento entre os dois se tornara difícil. Olhou para ele, contudo, com uma expressão comovida e quase aflita, e o pai compreendeu. Com efeito ele disse:
– E agora deixe–me só. Estou muito ocupado.
– Venha – convidou Eumênio. – Precisa ver do que é capaz este seu amigo. O casamento vai ter de ser a obra–prima da minha vida. O rei não quis saber de mestres de cerimônias e camaristas: confiou–me toda a responsabilidade pela organização. E agora – afirmou escancarando uma porta e mandando Alexandre entrar –, olh só isto!
O príncipe viu–se dentro de um dos amplos locais do arsenal real: a sala havia sido completamente esvaziada a fim de abrir espaço para um grande tablado apoiado em cavaletes, sobre o qual havia sido montada a

maquete de todo o conjunto do palácio real em Aigai, com seus santuários e o teatro.
Os edifícios estavam sem cobertura e podia–se ver o seu interior, onde estatuetas de terracota colorida representavam os vários personagens que iriam participar da cerimônia.
Eumênio aproximou–se e pegou uma vareta na mesa.
– Aí está – explicou indicando uma grande sala que dava para as colunas de um pórtico. – Aqui será oficiado o matrimônio, com o grande cortejo em seguida, um acontecimento extraordinário, como nunca se viu. Esta procissão ocorrerá justamente depois da cerimônia, quando a esposa será levada pelas damas de honra ao tálamo para o banho ritual: na frente, as estátuas dos doze deuses do Olimpo, essas aí que está vendo, levadas nos ombros pelos oficiantes, e entre eles a imagem de teu pai para simbolizar o seu sentimento religioso e a sua função de nume tutelar de todos os gregos.
– Aí, bem no meio, avançará o próprio rei em pessoa, vestindo uma capa branca e com uma coroa de ouro de folhas de carvalho cingindo–lhe a cabeça. Um pouco mais na frente, à direita do soberano, você procederá na sua qualidade de herdeiro do trono, e à esquerda o noivo, Alexandre do Epiro: marcharão todos juntos, rumo ao teatro. Ali está. Os hóspedes e as delegações estrangeiras já terão ocupado os seus lugares nele desde de manhã bem cedinho, entretidos até a chegada do cortejo por espetáculos e representações de atores famosos me disseram, é o que mais admira.
Alexandre ajeitou a capa branca sobre os ombros e trocou um rápido olhar com o tio. Ambos precediam de alguns passos Filipe, acompanhado pela sua guarda pessoal, vestindo uma túnica vermelha com orlas bordadas em ouro, e um precioso manto branco, com o cetro de marfim na mão direita e a coroa de ouro de folhas de carvalho na cabeça. Era igualzinho à estatueta que Eumênio lhe mostrara na maquete dentro do arsenal.
Os sapateiros reais haviam–lhe preparado um par de coturnos de ator trágico que ficavam encobertos pelo rebordo da capa e tinham altura diferente para corrigir o seu passo claudicante e aumentar consideravelmente a sua estatura.
Eumênio se postara sobre um andaime de madeira que montara na parte mais alta da cávea do teatro e coordenava o imponente cortejo

instruindo o chefe do cerimonial com sinais feitos com bandeirinhas coloridas.
Olhou para o grande hemiciclo à sua direita, apinhado até não poder mais, e depois para a avenida de acesso onde, no fundo, se via o começo do cortejo ainda parado, com as estátuas dos deuses maravilhosamente executadas pelos maiores artistas, vestidas com roupas de verdade e verdadeiras coroas de ouro, ladeadas pelos seus animais sagrados, a águia de Zeus, a coruja de Atena, o pavão de Hera, reproduzidos com impressionante realismo, quase como se pudessem levantar vôo a qualquer momento.
Atrás vinham os sacerdotes envolvidos em suas tiras sagradas e levando nas mãos seus turibulos, e em seguida um grupo coral de saudáveis meninos, nus como pequenos cupidos, que cantavam os hinos nupciais acompanhando–se com flautas e tímpanos.
No fim, o soberano antecedido pelo filho e pelo genro cunhado e, fechando o cortejo, os sete guerreiros da guarda pessoal do rei em suas armaduras de gala.
Eumênio deu o sinal, o chefe do cerimonial acenou para os corneteiros darem o toque e o cortejo começou a se movimentar.
Era um espetáculo magnífico, que o sol e o dia particularmente claro tomavam ainda mais espetacular. Os primeiros do cortejo já estavam entrando no hemiciclo e as estátuas dos deuses percorriam uma depois da outra a meia–lua da orquestra para serem em seguida colocadas diante do proscênio.
Toda vez que um setor da procissão chegava ao portal de ingresso ao lado da cena, Eumênio deixava de vê–lo até ele reaparecer em plena luz do dia no interior do teatro.
Passaram os sacerdotes em uma nuvem de incenso, e aí os meninos que dançavam cantando seus hinos de amor para a noiva: Eumênio viu–os desaparecer sob a arquitrave e aparecer de novo do outro lado entre as ovações maravilhadas do público.
Agora estavam passando Alexandre da Macedônia e Alexandre do Epiro e o rei já estava perto. Como programado, quando chegou ao portal o rei ordenou que a sua escolta se retirasse, pois não queria mostrar–se aos gregos ladeado por guarda–costas como um tirano.
Eumênio viu reaparecerem dentro do teatro os dois jovens, em meio a um delírio de aplausos, enquanto ao mesmo tempo o rei desaparecia do

outro lado na sombra da arquitrave. Também viu de relance os guardas que se afastavam, e de repente o seu olhar ficou atento: faltava um!
Naquele mesmo instante Filipe aparecia em plena luz do sol dentro do teatro e Eumênio começou a gritar como um desvairado, pois percebera o que estava para acontecer, mas sua voz não conseguiu vencer o estrondo das aclamações. Tudo aconteceu num piscar de olhos: o guarda que faltava surgiu repentinamente do escuro, empunhando uma curta adaga, avançou contra o soberano enfiando–a no seu flanco até a empunhadura e fugiu logo a seguir.
Alexandre percebeu que alguma coisa terrível havia acontecido pela expressão consternada no rosto dos presentes, virou–se para trás quase imediatamente depois que seu pai fora ferido e viu as suas faces repentinamente pálidas como as máscaras de marfim dos deuses. Viu–o vacilar segurando o flanco que se encharcava de sangue manchando o cândido manto.
Atrás dele um homem fugia rumo aos campos ao longo da estrada. Acudiu o pai, que caía de joelhos, enquanto Alexandre do Epiro passava ao seu lado correndo e gritando:
– Peguem aquele homem!
Alexandre ainda conseguiu segurar o soberano antes que tombasse na poeira, apertou–o junto a si enquanto o sangue escorria copiosamente sobre o seu traje e lhe molhava mãos e braços.
– Papai! – gritava entre os soluços apertando–o com mais força ainda. –
Papai, não! – E Filipe sentiu as lágrimas ardentes do filho escorrendo sobre as próprias faces exangues.
O céu em cima dele explodiu numa miríade de pontos luminosos e depois escureceu de repente. Naquele momento viu–se mais uma vez em pé no meio de um quarto mergulhado na penumbra, enquanto apertava em seu peito um menino. Sentiu a pele macia do pequeno contra sua face hirsuta, os seus pequenos lábios sobre o ombro marcado pelas cicatrizes e um intenso perfume de rosas no ar, antes de se precipitar no silêncio e nas trevas.

CAPÍTULO 38

O fugitivo corria como um alucinado para um grupo de árvores onde outros homens, na certa seus cúmplices, esperavam por ele; estes, no entanto, logo desapareceram quando viram que o outro estava sendo perseguido.

Agora sozinho, o homem virou–se e percebeu que estava acuado. Alexandre do Epiro jogara para longe a capa e perseguia–o de espada em punho gritanto:

– Quero–o vivo! Peguem–no vivo!

O homem recomeçou a correr com renovado vigor e, já perto do cavalo, deu um pulo para saltar na garupa, mas tropeçou numa raiz de videira e desabou no chão. Voltou a levantar–se, mas os guardas já estavam em cima dele trespassando–o de lado a lado com dúzias de golpes e matando–o na hora.

Logo que viu o que tinham feito, o rei do Epiro gritou quase fora de si:

– Idiotas! Eu pedi para pegá–lo vivo!

– Mas senhor, estava armado e tentou nos atacar.

– Persigam os outros! – ordenou então o soberano. – Persigam pelo menos os outros e capturem–nos!

Enquanto isto, com os trajes ainda manchados do sangue de Filipe, chegara Alexandre. Olhou para o assassino e disse:

– Conheço–o. O seu nome é Pausânias, era um dos guardas pessoais do meu pai. Tirem suas roupas e pendurem–no em uma estaca na entrada do teatro, e deixe–o apodrecer até só sobrarem os ossos.

Enquanto isto, uma pequena multidão juntara–se em volta do cadáver: curiosos, homens da guarda real, oficiais do exército e hóspedes estrangeiros.

Alexandre logo voltou com o cunhado para dentro do teatro, que ia se esvaziando rapidamente e encontrou a irmã Cleópatra, ainda com o traje nupcial, soluçando desesperada sobre o corpo do pai. Eumênio, de pé não muito longe dali, com os olhos cheios de lágrimas e uma mão diante da boca, continuava agitando a cabeça como se não conseguisse acreditar no que havia acontecido. A rainha Olympias, esperada desde

de manhã, ainda não havia chegado.
Alexandre fez dar o toque de chamada geral para agrupar todas as unidades de combate presentes nos arredores, mandou retirar o corpo do pai para que fosse preparado para a cerimônia fúnebre, ordenou que alguém levasse Cleópatra aos seus apartamentos e mandou buscar armaduras para si e para o cunhado.
– Eumênio! – gritou tirando o amigo do seu torpor. – Encontre o sinete real e traga–o para mim. E envia sem demora mensageiros que informem Heféstion, Ptolomeu, Perdicas, Seleuco e os outros: quero que estejam esperando por mim em Pela antes de amanhã à noite.
Os armeiros chegaram logo a seguir e os dois jovens vestiram armaduras e caneleiras, prenderam as espadas na cintura e, acompanhados por um batalhão de elite, abriram caminho entre a multidão para voltarem ao palácio e ocupá–lo. Todos os membros da família real foram mantidos em seus aposentos sob custódia, exceto Amintas, que se apresentou armado e às ordens de Alexandre:
– Pode contar comigo e com a minha fidelidade. Não quero que mais sangue seja derramado.
– Agradeço – respondeu Alexandre. – Não irei esquecer este gesto.
As portas da cidade ficaram sob o controle de patrulhas de "escudeiros" e de esquadrões de cavalaria. Filotas compareceu espontaneamente ao palácio para declarar a sua fidelidade ao príncipe.
No meio da tarde, ladeado pelo rei do Epiro e pelo primo Amintas, Alexandre compareceu diante do exército em formação vestindo o manto real e o diadema. A mensagem não podia ser mais clara.
Os oficiais mandaram tocar os clarins e os homens gritaram a saudação:
Salve, Alexandre, rei dos macedônios!
Aí, depois de outro toque, ficaram longamente batendo suas lanças contra os escudos, fazendo ressoar os pórticos do palácio com um clangor ensurdecedor.
preparassem Bucéfalo e que os homens ficassem de prontidão. Convocou então Eumênio e Calístenes, que também havia presenciado a cerimônia.
– Eumênio, encarregue–se do corpo do meu pai. Mande lavá–lo e embalsamá–lo para que se conserve até o enterro solene que você mesmo irá organizar, e receba minha mãe, se por acaso ela chegar. Também chame um arquiteto e mande construir quanto antes o túmulo

real. Quanto a você, Calístenes, fique e investigue o autor do crime. Procure os seus amigos, os seus cúmplices, averigue os seus movimentos nas últimas horas, interrogue os guardas que o mataram apesar da ordem contrária do meu cunhado. Use a tortura, se for necessário.
Eumênio deu um passo adiante e entregou a Alexandre um pequeno estojo.
– O sinete real, senhor.
Alexandre pegou–o e enfiou–o no dedo.
– Gosta de mim, Eumênio? Me é fiel?
– Sim, meu rei.
– Então continue a me chamar Alexandre.
Saiu para a praça de armas, pulou na garupa de Bucéfalo e, deixando a guarnição de Aigai sob o comando de Filotas, partiu com o cunhado em direção de Pela para ocupar o trono de Filipe e mostrar aos nobres e à corte quem era o novo rei.
Nesta altura o teatro já estava completamente vazio: só ficaram as estátuas dos deuses, quase abandonadas em cima dos seus pedestais, e a estátua de Filipe, que, na luz poente do entardecer, tinha a mesma melancólica fixidez de uma divindade esquecida.
De repente, quando já começava a ficar escuro, uma sombra pareceu materializar–se do nada: um homem de cabeça envolvida na capa entrou na arena deserta e examinou longamente a mancha de sangue que ainda avermelhava o solo; aí deu meia volta passando de novo sob a arquitrave ao lado da cena. A sua atenção foi despertada por um objeto metálico, sangrento e meio escondido na areia. Curvou–se para observá–lo com os pequenos olhos cinzentos e irrequietos, aí pegou–o e guardou–o entre as dobras da capa.
Saiu do teatro e parou diante da estaca na qual havia sido pregado o corpo do assassino, nesta altura já envolvido pelas trevas. Uma voz ressoou atrás dele:
– Tio Aristóteles, não esperava encontrá–lo aqui.
– Calístenes. Um dia que devia ser festivo acabou com um acontecimento bastante triste.
– Alexandre queria muito dar–lhe um abraço, mas a sucessão convulsa dos eventos...
– Eu sei. Eu também sinto. Onde está agora?

– Está cavalgando de volta a Pela no comando das suas tropas. Quer antecipar–se a qualquer tentativa de golpe por parte de alguns grupos da nobreza. Mas quanto a você, o que está fazendo? Não é um bonito espetáculo.
– O regicídio nunca deixa de ser um ponto crítico na seqüência dos eventos humanos. E, pelo que me contaram, houvera uma premonição do oráculo de Delfos: "O touro foi coroado, o fim está próximo, o sacrificador está pronto." – E aí, Quem poderia pensar que a profecia iria ter um epílogo como este!
– Alexandre pediu–me que investigasse o crime, que tentasse descobrir quem poderia estar por trás do assassinato do pai. – Ao longe, das entranhas do palácio, ouvia–se o lúgubre canto das carpideiras que choravam a morte do rei. – Poderia me ajudar? – perguntou Calístenes. Tudo me parece tão absurdo.
– É aí mesmo que se encontra a chave do delito – afirmou Aristóteles. – No seu absurdo. Qual assassino iria logo escolher uma forma tão teatral, justamente num proscênio, como a cena de uma tragédia representada ao vivo, com sangue de verdade e... – tirou um objeto de ferro das pregas do manto – uma verdadeira espada. Uma adaga celta, para sermos precisos.
– Uma arma bastante incomum... Mas vejo que já começou a sua pesquisa.
– A curiosidade é a chave do conhecimento. O que sabemos dele?
perguntou apontando de novo para o cadáver.
– Muito pouco. Chamava–se Pausânias e vinha da Lincéstide. Havia sido alistado na guarda pessoal devido ao seu porte físico.
– Infelizmente não nos poderá contar coisa alguma, e isto também deve ser na certa parte do plano. Já interrogou os soldados que o mataram?
– Alguns deles, mas nada consegui. Todos afirmam que não ouviram a ordem do rei Alexandre para que não o matassem. Furiosos com a morte do soberano, cegos pela ira, logo que ele ensaiou alguma defesa trucidaram–no.
– É plausível, mas provavelmente não é verdade. Onde está o rei do Epiro?
– Partiu com Alexandre, ele também para Pela.
– Desistiu, portanto, da primeira noite com a esposa.
– Por dois motivos, ambos bastante compreensíveis: para dar o seu

apoio ao cunhado na hora crítica da sucessão e para respeitar o luto de Cleópatra.
Aristóteles levou o dedo à boca para que o sobrinho se calasse. Ouvia–se cada vez mais claramente o ruído de um galope que vinha na direção deles.
– Vamos embora – disse o filósofo. – É melhor sairmos. Quem não sabe que está sendo observado porta–se mais abertamente.
O tropel do galope transformou–se num passo cadenciado de cascos e aí parou por completo. Uma figura vestida de preto pulou ao chão, avançou até ficar diante do cadáver pregado à estaca e baixou o capuz soltando uma longa cabeleira ondulada.
– Deuses do céu, mas é Olympias! – ciciou Calístenes no ouvido do tio.
A rainha aproximou–se, tirou alguma coisa das pregas do manto e aí levantou–se na ponta dos pés diante do cadáver. Quando se afastou para juntar–se à sua escolta, havia uma coroa de flores em volta do pescoço de Pausânias.
– Por Zeus! – praguejou Calístenes. – Mas então...
– Parece–te tão claro? – Aristóteles meneou a cabeça. – Nada disto. Se ela fosse a mandante do assassinato, acha que teria feito uma coisa destas na frente da sua escolta e sabendo muito bem que sem dúvida alguém está vigiando o corpo de Pausânias?
– Mas se estiver percebendo isto tudo, poderia justamente portar–se de forma absurda para induzir o investigador a um raciocínio que a livre da culpa.
– Certamente, mas é sempre mais sábio tentar descobrir as motivações que impeliram alguém a cometer um crime, antes que perguntar a si mesmo o que ele lamparina ou um archote: vamos ver o local onde Pausânias foi morto.
– Mas não seria melhor esperar pela luz do dia?
– Muitas coisas podem acontecer antes do sol raiar. Estarei esperando por você.
O filósofo encaminhou–se para o pequeno bosque de carvalhos e olmos perto do qual acontecera o massacre do assassino.

CAPÍTULO 39

Heféstion, Ptolomeu, Seleuco e Perdicas, todos quatro usando armadura, chegaram esgotados e molhados de suor quando já ia anoitecer. Entregaram os cavalos aos palafreneiros e subiram as escadas correndo para se encontrarem com Alexandre, que esperava por eles na sala do conselho.

Leonato e Lisímaco só poderiam chegar no dia seguinte pois naquele momento estavam em Larissa, na Tessália.

Um guarda deixou–os entrar na sala iluminada por lanternas e onde já se encontravam Alexandre, Filotas, o general Antipatro, Alexandre do Epiro, Amintas e alguns comandantes de batalhão da falange e da cavalaria dos eteros. Todos, inclusive o rei, vestiam a armadura e mantinham os elmos e as espadas em cima da mesa, sinal de que a situação ainda era considerada crítica.

Alexandre levantou–se para recebê–los, comovido:

– Meus amigos, finalmente estamos de novo juntos. Heféstion falou em nome de todos:

– Ficamos pasmos e profundamente sentidos com a morte do rei Filipe. O exílio ao qual nos condenou não influi agora em nossos sentimentos. Sempre o lembraremos como um grande soberano, o mais valoroso dos guerreiros e o mais sábio dos homens de governo. Para nós foi como um pai duro e severo, mas também generoso e capaz dos mais nobres impulsos. Choramos por ele com dor sincera. É um fato terrível, mas agora cabe a você receber a sua herança e nós te reconhecemos como seu sucessor e nosso rei.

Depois disto, aproximou–se e beijou–o em ambas as faces; todos os outros fizeram o mesmo. Aí cumprimentaram o rei Alexandre do Epiro e os oficiais presentes e tomaram os seus respectivos lugares em volta da mesa.

Alexandre retomou as suas considerações:

– A notícia da morte de Filipe só levará alguns dias para ser conhecida por todos, pois aconteceu diante de milhares de pessoas e provocará uma série de reações que ainda não podemos prever. Precisamos,

portanto, agir com a mesma rapidez para prevenir tudo aquilo que poderia enfraquecer o reino ou destruir em parte o que meu pai criou. Eis o meu plano.
– Teremos de nos informar rapidamente sobre as condições das fronteiras ao norte, sobre a reação dos nossos recentes aliados atenienses e tebanos e... – virou–se para Filotas com um olhar significativo – sobre as intenções dos generais que comandam a nossa força expedicionária na Ásia: Átalo e Parmênio. Uma vez que dispõem de quinze mil homens, precisamos averiguar isto quanto antes.
– O que pretende fazer? – perguntou Filotas com alguma ansiedade.
embaraçosa: confiarei a minha mensagem a um oficial grego chamado Hecateu, atualmente em serviço na região dos Estreitos com um pequeno destacamento. De qualquer forma decidi destituir Átalo do seu comando e creio que entendem os meus motivos.
Ninguém fez comentários: a cena que acontecera um ano antes no casamento de Filipe ainda estava viva na memória de todos.
– Acredito – continuou Alexandre – que as conseqüências da morte do rei não demorarão a aparecer. Alguns poderão ver nisto a possibilidade de voltarem atrás, e caberá a nós mostrar–lhes que estão errados. Só depois disto poderemos retomar e levar adiante os planos do meu pai.
Alexandre calou–se e naquele momento todos perceberam que o tempo havia parado, que naquela sala estava sendo moldado um futuro que ninguém ainda podia imaginar. O jovem que Filipe mandara instruir durante anos de dura aprendizagem estava agora ocupando o trono dos Argeades e, pela primeira vez na sua vida, tinha nas mãos o devastador poder que até então só imaginara ao alcance dos heróis dos poemas.
Alexandre deixou o comando das várias unidades da falange e da cavalaria dos eteros com os seus amigos, a responsabilidade do palácio real com Heféstion, e partiu de volta com o rei do Epiro para Aigai, onde várias importantes tarefas ainda esperavam por ele, entre as quais o digno sepultamento do pai.
Quando chegaram no meio do caminho encontraram um enviado de Eumênio com uma mensagem urgente.
– Ainda bem que o encontrei, senhor! – exclamou entregando–lhe um rolo lacrado. – Eumênio, deseja que o leia imediatamente.
Alexandre quebrou o selo e deu uma lida na lacônica mensagem:
Eumênio a Alexandre, rei dos macedônios, salve!

O filhinho de Eurídice foi encontrado morto no berço e temo pela vida da mãe. A rainha Olympias chegou aqui na mesma noite em que partiu. A sua presença no palácio é indispensável. Cuide–se.
– Sabia que minha mãe chegou logo depois que nós partimos? perguntou ao cunhado.
O rei do Epiro sacudiu a cabeça.
– Nada me disse quando deixei Butroto, mas não creio que tencionasse de fato assistir à cerimônia. Para ela não passava de mais uma afronta. Achava que desta forma Filipe iria marginalizá–la por completo, uma vez que eu mesmo lhe garantiria a segurança das fronteiras ocidentais após o casamento. Nunca poderia imaginar que iria juntar–se a mim em Aigai.
– Seja como for, agora está lá e já tomou umas providências muito graves. Apressemo–nos, antes que faça algo irreparável – disse Alexandre e incitou Bucéfalo ao galope.
Chegaram na tarde seguinte, ao pôr–do–sol, e já de longe ouviram ressoar no palácio gritos de aflição. Eumênio foi recebê–los na entrada.
criança. E não quer separar–se do pequeno cadáver. Mas já passou algum tempo, e você sabe...
– Onde está?
– Na ala meridional – respondeu o amigo. – Siga–me.
Alexandre fez um sinal para que os seus guardas pessoais o acompanhassem e atravessou o palácio vigiado em todos os seus setores por homens armados. Muitos deles epirotas da escolta do cunhado.
– Quem os postou aqui?
– A rainha sua mãe – disse Eumênio andando apressado atrás de Alexandre.
Quanto mais se aproximavam, mais audíveis se tomavam as lamentações. As vezes prorrompiam em roucos gritos, às vezes morriam num longo soluço.
Chegaram diante da porta e Alexandre abriu–a sem hesitar, mas o espetáculo que se apresentou gelou–lhe o sangue nas veias. Eurídice jazia em um canto do quarto, de cabelo desgrenhado, os olhos inchados e vermelhos, o olhar desvairado. Mantinha apertado contra o peito o corpo inerte do menino. A cabeça e os braços da criança pendiam abandonados para trás e a cor cianótica da pele denunciava que a decomposição já havia começado.

As roupas da mãe estavam rasgadas, os cabelos besuntados de sangue coagulado, o rosto, os braços e as pernas marcados por contusões e hematomas. O quarto inteiro estava impregnado do cheiro nojento de suor, urina e putrefação.
Alexandre fechou os olhos e por um momento voltou a ver Eurídice no auge do seu esplendor, enquanto sentava ao lado do rei seu pai: amada, paparicada, invejada por todos. Sentiu o horror subir–lhe à cabeça e a fúria encher–lhe o peito e as veias do pescoço.
Virou–se para Eumênio e perguntou com voz alquebrada pela cólera:
– Quem foi?
Eumênio baixou a cabeça em silêncio. Alexandre berrou:
– Quem foi?
– Não sei.
– Chame imediatamente alguém para cuidar dela. Mande vir o meu médico Filipe e diga–lhe que a medique, que prepare alguma coisa para que possa descansar.. dormir.
Virou–se para sair, mas Eumênio segurou–o:
– Não quer se separar da sua criança. O que devo fazer?
Alexandre deteve–se e olhou para a jovem, que se encolheu ainda mais no canto, como um bicho acuado.
Aproximou–se devagar e ajoelhou–se diante dela, fitando–a e inclinando levemente a cabeça sobre o ombro quase tentando abrandar a força do seu olhar e cercá–la com um halo de compaixão. Aí esticou a mão e acariciou–lhe suavemente a face.
Eurídice fechou os olhos, apoiou a cabeça para trás, contra a parede, e soltou um longo suspiro dolorido. Alexandre estendeu os braços e murmurou:
– Deixe–o comigo Eurídice, entregue–me o menino. Está cansado, não vê? Precisa dormir.
Duas grandes lágrimas deslizaram lentamente sobre as faces da jovem, até molharem os cantos da sua boca. Ciciou:
– Dormir... – E soltou os braços.
Alexandre segurou o menino com delicadeza, como se estivesse mesmo dormindo, e saiu para o corredor.
Enquanto isto Eumênio mandara chamar uma mulher que se aproximou.
– Ficarei com ele, senhor. – Alexandre deixou–o nos braços dela e

ordenou:
– Coloque–o ao lado do meu pai.
– Por quê? – berrou escancarando a porta. – Por quê?
A rainha Olympias ficou diante dele trespassando–o com dois olhos de fogo:
– Como ousa entrar armado nos meus aposentos?
– Eu sou o rei dos macedônios! – gritou Alexandre. – E entro onde bem quiser! Por que matou o menino e infligiste uma punição tão bárbara à mãe? Quem te deu o direito de fazer tal coisa?
– Você é o rei dos macedônios porque o menino está morto – respondeu Olympias impassível. – Não era justamente isto que queria? Já esqueceu a aflição de quando receava ter perdido o favor de Filipe? Esqueceu o que disse a Átalo no dia em que seu pai se casou?
– Não esqueci, mas eu não mato crianças e não martirizo mulheres indefesas.
– Não há outra escolha para um rei. Um rei está sozinho e não há, lei alguma que estabeleça quem deve suceder no trono. Um grupo de aristocratas poderia ter pego o menino sob a sua tutela decidindo governar em seu nome até a maioridade. O que iria fazer se isto acontecesse?
– Iria lutar para conquistar o meu trono!
– E quanto sangue iria derramar? Responda! Quantas viúvas iriam chorar os maridos, quantas mães os filhos mortos antes da hora, quantas lavouras seriam queimadas e destruídas, quantas vilas e cidades seriam assoladas e saqueadas? E, enquanto isto, todo um império construído com o mesmo sangue e outras tantas destruições se dissolveria.
Alexandre recobrou a calma, assumindo uma expressão sombria como se as chacinas e os lutos evocados pela mãe pesassem de repente, e todos juntos, na sua alma.
– Está escrito no destino que isto aconteça – rebateu. – Está escrito que o homem tenha de suportar feridas, doenças, dores e morte antes de se precipitar no vazio do nada. Mas agir com honra e ser clemente toda vez que lhe for possível está ao seu alcance e é escolha sua. Esta é a única dignidade que lhe é concedida desde que ele vem ao mundo, a única luz antes das trevas de uma noite sem fim...



CAPÍTULO 40

No dia seguinte Eumênio anunciou a Alexandre que o túmulo do pai estava pronto e que já se podia celebrar o funeral. Na verdade, só a primeira parte da grande sepultura estava pronta dentro daquele prazo incrivelmente breve: estava previsto a seguir um segundo sepulcro no qual iriam ser colocados mais objetos preciosos que acompanhariam o soberano ao reino de Hades.

Filipe foi posto na pira pelos seus soldados, magnificamente vestido e com uma coroa áurea de folhas de carvalho na cabeça. Dois batalhões da falange e um esquadrão de eteros a cavalos prestaram homenagens.

A pira foi apagada com vinho puro, as cinzas e os ossos foram envolvidos num pano de púrpura e ouro em forma de clâmide macedônio e guardados numa caixa de ouro maciço com patas de leão esculpidas como pés e a estrela argeade de dezesseis pontas na tampa.

No interior da tumba foi colocada a couraça de ferro, couro e ouro que o rei usara no cerco de Potidéia, as duas caneleiras de bronze, a aljava de ouro, o escudo de gala de madeira revestido com lâminas de ouro e com uma cena dionisíaca de sátiros e bacantes, no meio, esculpida em marfim. As suas armas de ataque, a espada e a ponteira da lança, foram jogadas na fogueira do altar e em seguida ritualmente vergadas para que nunca mais pudessem ser usadas.

Alexandre deixou os seus presentes pessoais: uma estupenda jarra de prata maciça com a asa enfeitada com a cabeça barbuda de um sátiro e uma taça também de prata trabalhada com tamanha beleza e leveza que quase parecia não ter peso.

A entrada do túmulo foi fechada com uma grande porta de mármore de dois batentes, ladeada por duas semi colunas dóricas que reproduziam o ingresso do palácio real de Ege, enquanto um artista de Bisâncio ainda trabalhava para pintar na faixa da arquitrave uma maravilhosa cena de caça.

A rainha Olympias não participou da cerimônia fúnebre, pois não desejava pôr oferendas votivas nem na pira nem na tumba do marido, e também porque não queria encontrar Eurídice.

Alexandre chorou quando os soldados fecharam a grande porta de mármore; havia amado o pai e sentia que atrás daqueles batentes ficava encerrada para sempre a sua juventude.
Eurídice deixou–se morrer de inanição juntamente com a pequena Europa, e de nada adiantaram os esforços do médico Filipe, que usou de todos os seus conhecimentos.
Para ela também Alexandre edificou um túmulo suntuoso e mandou colocar nele o trono de mármore que o pai usava para administrar a justiça à sombra do carvalho de Ege, estupendo, enfeitado com grifos e esfinges de ouro, com uma maravilhosa quadriga pintada no espaldar. Cumpridos seus deveres, voltou para Pela com a alma carregada de tristeza.
O general Antípatro era um oficial da velha guarda de Filipe, leal ao trono e extremamente confiável. Alexandre entregara–lhe o encargo de acompanhar a missão de Hecateu na Ásia, junto a Parmênio e a Atalo, e aguardava com ansiedade os resultados.
Sabia muito bem que os bárbaros do norte, os tribalos e ilírios recentemente subjugados pelo pai, podiam rebelar–se a qualquer momento, percebia que os gregos só tinham aceitado as cláusulas de paz de Corinto depois do massacre de Queronéia e que todos os seus inimigos, a começar por Demóstenes, estavam vivos e ativos como nunca. E finalmente devia considerar que Átalo e Parmênio controlavam os Estreitos e estavam no comando de uma força expedicionária de quinze mil homens.
E, como se já não bastasse, chegara a notícia de que emissários persas estavam entrando em contato com o partido anti–macedônio em Atenas oferecendo vultosos financiamentos em ouro para estimular a insurreição.
Havia muitos focos de instabilidade e, se todas aquelas ameaças fossem se concretizar ao mesmo tempo, então para o jovem soberano não haveria escapatória.
A primeira resposta às suas indagações chegou no começo do outono: Antípatro pediu um encontro imediato com o rei e Alexandre recebeu–o de pronto no estúdio que havia sido do pai. Apesar de ser um soldado da cabeça até a ponta dos pés, Antípatro não gostava de demonstrar exteriormente a sua condição e preferia vestir–se como um cidadão qualquer. Isto demonstrava o seu equilíbrio e a sua segurança.

– Senhor – anunciou ao entrar –, eis as notícias que nos chegam da Ásia: Átalo recusou–se a ceder o comando e voltar a Pela, ofereceu resistência armada e foi morto. Parmênio lhe assegura a sua sincera fidelidade.
– Antípatro, gostaria de saber o que realmente pensa de Parmênio. Ele sabe que seu filho Filotas está aqui no palácio. De alguma forma poderia achar que o mantenho em Pela como refém. É esta, a teu ver, a razão da sua declaração de fidelidade?
– Não – respondeu sem hesitar o velho general. – Conheço Parmênio muito bem. Gosta de você, sempre lhe quis bem, desde que era um meninote e vinha sentar no colo do seu pai durante os conselhos de guerra no arsenal real.
Alexandre lembrou–se de repente da ladainha que cantava toda vez que via os cabelos brancos de Parmênio:
O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
Sentiu–se tomar por profunda tristeza ao notar como o poder mudava dramaticamente o relacionamento entre as pessoas. Antípatro continuou:
– Mas se ainda tiver alguma dúvida, só há um jeito para acabar com ela.
– Enviar–lhe Filotas.
– Exatamente, uma vez que os seus dois outros filhos, Nicanor e Heitor, já estão com ele.
– É o que farei. Enviarei Filotas com uma carta que o chame de volta a Pela. Preciso dele: receio que esteja a ponto de estourar uma tempestade.
– Parece–me uma decisão muito sábia, senhor. Se há uma coisa que Parmênio realmente aprecia, é a confiança.
– E que notícias temos do norte?
– Nada boas. Os tribalos revoltaram–se e queimaram algumas das nossas guarnições na fronteira.
– O que me aconselha?
– Mandei entregar umas mensagens. Se porventura as ignorarem, então ataque o mais duramente possível.
– Certo. E ao sul?
– Nada de bom. O partido anti macedônio está ficando mais forte em toda parte, até na Tessália. você é muito jovem e há quem pense...
– Fale livremente.
– Que é um rapaz desprovido de experiência, que não conseguirá manter

a hegemonia estabelecida por Filipe.
– Esta é uma coisa da qual irão se arrepender.
– Há mais uma coisa.
– O quê?
– O seu primo Arquelau...
– Continue – insistiu Alexandre com expressão de repente sombria. – Sofreu um acidente de caça.
– Morreu? Antípatro anuiu.
– Quando meu pai conquistou o trono poupou tanto ele quanto Amintas, embora ambos estivessem na linha sucessória direta até então.
– Foi um acidente de caça, senhor – repetiu Antípatro impassível.
– Onde está Amintas?
– Lá embaixo, no corpo de guarda.
– Não quero que lhe aconteça coisa alguma: ficou ao meu lado depois do assassinato do meu pai.
Antípatro acenou confirmando e encaminhou–se à porta.
Alexandre levantou–se e ficou de pé diante do grande mapa de Aristóteles, que mandara colocar no seu estúdio: o Oriente e o Ocidente podiam ser considerados seguros, vigiados por Alexandre do Epiro e por Parmênio. Mas o Norte e o Sul representavam duas graves ameaças. Devia golpear com força e o mais breve possível, para deixar bem claro que a Macedônia tinha um rei tão forte e decidido quanto Filipe.
Saiu para o terraço que dava para o norte e dirigiu o olhar para as montanhas onde passara o seu exílio. Com a chegada do outono as florestas começavam a mudar de cor e dentro em breve iria começar a nevar: daquele lado, a situação iria manter–se tranqüila até a primavera. Quem precisava de um susto, nesta altura, eram os tessálios e os tebanos: procurou esboçar um plano de ação até Filotas e Parmênio voltarem da Ásia.
Alguns dias depois reuniu o conselho de guerra.
– Entrarei na Tessália com o exército inteiramente equipado, farei com que me reconfirmem o cargo de tagos que já foi do meu pai e chegarei até as muralhas de Tebas – anunciou. – Quero confirmar claramente que os tessálios têm um novo chefe, e, quanto aos tebanos, quero deixá–los apavorados: precisam saber que posso atacá–los a qualquer momento.
– Só há um problema – interveio Heféstion. – Os tessálios fecharam o

vale de Tempe com fortificações à esquera e à direita do rio. Não podemos passar.
Alexandre aproximou–se do mapa de Aristóteles e apontou para o maciço do monte Ossa, que se precipitava no mar.
– Eu sei – respondeu. – Mas nós passaremos por aqui.
– E como? – perguntou Ptolomeu. – Nenhum de nós tem asas, que eu saiba.
– Temos martelos e cinzéis – replicou Alexandre. – Cortaremos uma escada na rocha viva. Mandem buscar quinhentos núneiros do Pangeu, os melhores.
Diga–lhes que terão boa comida, calçados, roupas e prometam–lhes a liberdade se concluírem esta obra dentro de dez dias. Trabalharão em turnos, sem parar, do lado do mar. Os tessálios não poderão vê–los.
– Está falando sério? – perguntou Seleuco.
– Nunca brinco durante os conselhos de guerra. E agora, mãos à obra.
Os presentes entreolharam–se quase incrédulos: estava claro que nenhum obstáculo, nenhuma barreira humana ou divina jamais iria deter Alexandre.

CAPÍTULO 41

A escada de Alexandre ficou pronta em sete dias e, com a ajuda das trevas, a infantaria de ataque dos "escudeiros" penetrou na planície da Tessália sem desferir um só golpe. Algumas horas mais tarde um mensageiro a cavalo relatou a notícia ao comandante tessálio, mas sem dar explicações, pois ninguém, naquele momento, estava capacitado a dá–las.

– Está dizendo que temos um exército macedônio às nossas costas comandado pelo rei em pessoa?

– Isto mesmo.

– E como foi que chegaram, no seu entender?

– Isto ninguém sabe, mas os soldados estão lá, e são muitos.

– Quantos?

– Entre três e cinco mil homens, bem armados e equipados. Também há cavalos, não muitos, mas em número suficiente.

– Não é possível. Pelo mar não há como passar, pelas montanhas tampouco.

O comandante, um tal de Caridemo, nem acabara de falar quando um dos seus soldados assinalou a presença de dois batalhões da falange e de um esquadrão de eteros a cavalo que remontavam o rio rumo à fortaleza: isto significava que, antes do anoitecer, eles ficariam imprensados entre duas tropas inimigas. Logo em seguida um outro dos seus guerreiros informou que um oficial macedônio chamado Cratero queria parlamentar.

– Diga–lhe que venha logo – ordenou Caridemo saindo de um postigo para encontrar o macedônio.

– O meu nome é Cratero – apresentou–se o oficial – e peço que nos deixe passar. Nada tem a recear de nós, só estamos querendo alcançar o nosso rei que está atrás de vocês para irmos juntos a Larissa, onde o soberano convocará o conselho da liga tessália.

– Não tenho muita escolha – observou Caridemo.

– Não, de fato não tem – confirmou Cratero.

– Está bem, vamos negociar. Mas, posso fazer uma pergunta?

– Pode, e responderei se isto estiver ao meu alcance – disse Cratero com bastante formalidade.
– Como foi que a sua infantaria apareceu às minhas costas?
– Cortamos uma escadaria na encosta do monte Ossa.
– Uma escadaria?
– Isto mesmo, uma passagem que nos ajuda a manter contato com os nossos aliados tessálios.
Totalmente pasmo, Caridemo só pôde deixá–los passar.
Dois dias depois Alexandre chegou a Larissa, convocou o conselho da liga tessália e fez com que o confirmassem tagos vitalício.
Aí ficou esperando os demais destacamentos do seu exército para atravessar com eles a Beócia e desfilar sob as muralhas de Tebas com grande ostentação de força.
– Não quero derramamento de sangue – afirmou. – Mas precisam levar um susto daqueles. Cuide disto, Ptolomeu.
E Ptolomeu perfilou o exército como na batalha de Queronéia. Mandou Alexandre vestir a mesma armadura que o pai usara e aprontou um gigantesco tambor de guerra sobre rodas puxado por quatro cavalos.
O soturno ribombo podia ser ouvido perfeitamente das muralhas da cidade onde, alguns dias antes, os tebanos haviam tentado um ataque contra o presídio macedônio da cidadela Cadinéia. A lembrança dos lutos sofridos e o medo daquela tropa ameaçadora serviram de alguma forma para acalmar os ânimos mais turbulentos, mas não para extinguir o ódio e o desejo de desforra.
– Será que basta? – Alexandre perguntou a Heféstion quando desfilavam aos pés de Tebas.
– Por enquanto. Mas não se iluda. O que pensa fazer com as outras cidades que escorraçaram as nossas guarnições?
– Nada. Quero ser o comandante dos gregos, não o seu tirano. Devem entender que não sou seu inimigo. Que o inimigo fica do outro lado do mar, é o persa que recusa a liberdade às cidades gregas da Ásia.
– É verdade que mandou investigar a morte do teu pai?
– Sim, Calístenes está cuidando disto.
– E acha que conseguirá chegar à verdade?
– Creio que fará o possível.
– E se descobrisse que foram os gregos? Os atenienses, por exemplo?
– Decidirei o que fazer quando chegar a hora.

– Calístenes foi visto em companhia de Aristóteles, sabia?
– Claro.
– E como explica o fato de Aristóteles não vir falar contigo?
– Não tem sido fácil falar comigo nestes últimos tempos. Ou talvez queira manter uma total independência de julgamento.
O último esquadrão de eteros desapareceu no rumorejar cada vez mais fraco do grande tambor e os tebanos reuniram–se em conselho para deliberar. Havia chegado de Caláuria uma carta de Demóstenes que os exortava a não perderem o ânimo, a se manterem preparados para o momento do resgate.
– Quem está sentado no trono da Macedônia é apenas um menino dizia – e a situação é propícia.
As palavras do orador haviam dado novo alento a todos, mas muitos ainda aconselhavam a prudência. Um velho que perdera dois filhos em Queronéia tomou a palavra:
– Este menino, como Demóstenes o chama, reconquistou a Tessália em três dias sem nem mesmo precisar recorrer às armas e deixou–nos uma mensagem muito clara com este desfile sob as nossas muralhas. Eu acharia melhor ouvi–lo.
Mas as vozes zangadas que se levantaram de vários pontos abafaram este convite à ponderação, e os tebanos prepararam–se para insurgir logo que se apresentasse a ocasião.
Alexandre chegou a Corinto sem outros entraves, convocou o conselho da liga pan–helênica e pediu para ser reconfirmado general de todos os exércitos confederados.
– Cada um dos estados membros terá a liberdade de governar–se como bem quiser e nenhuma influência será exercida sobre seus regulamentos internos e sua constituição – proclamou do assento que havia sido do pai. – A única finalidade da liga é a libertação dos gregos da Ásia do jugo dos persas e a manutenção de uma paz duradoura entre os gregos da península.
Todos os delegados assinaram a moção, exceto os espartanos, que tampouco haviam dado a sua adesão a Filipe.
– Estamos acostumados desde sempre a guiar os gregos, não a sermos guiados – declarou o enviado deles a Alexandre.
– Sinto – replicou o rei – porque os espartanos são magníficos guerreiros. Hoje, no entanto, os mais poderosos entre todos os gregos

são os macedônios e é justo que a eles caiba a chefia e a hegemonia. – Mas falou com amargura, pois lembrava qual havia sido o valor macededônio em Termópilas e Platéias. E também porque percebia que potência alguma consegue resistir ao desgaste do tempo: só a glória daquele que viveu com honradez aumenta com o passar dos anos.
No caminho de volta quis parar em Delfos e ficou admirado e encantado com as maravilhas da cidade sagrada. Parou diante da fachada do grandioso santuário de Apolo e olhou as palavras esculpidas em letras de ouro:
Conhece a ti mesmo.
– O que acha que significa? – perguntou Cratero, que nunca se propusera problemas de natureza filosófica.
– Parece–me claro – respondeu Alexandre. – Conhecer a si mesmo é a mais difícil das tarefas, pois tem a ver diretamente com a nossa racionalidade, mas também com nossos medos e paixões. Quando alguém consegue de fato conhecer profundamente a si mesmo, também saberá entender os outros e a realidade que o cerca.
Observaram a longa fila de fiéis vindos de toda parte, que levavam oferendas e pediam uma resposta ao deus. Não havia lugar algum no mundo onde vivessem gregos que ali não tivessem alguns representantes.
– Acha que o oráculo diz a verdade? – perguntou Ptolomeu.
– Ainda ressoa nos meus ouvidos a resposta que deu a meu pai.
– Palavras ambíguas – rebateu Heféstion.
– Mas afinal verdadeiras – replicou Alexandre. – Se Aristóteles estivesse aqui, talvez dissesse que as profecias podem confirmar o futuro, mais do que prevê–lo...
– É provável – concordou Heféstion. – Certa vez assisti a urna das suas aulas em Mésia: Aristóteles não confia em ninguém, nem mesmo nos deuses. Baseia–se apenas na sua mente.
Aristóteles encostou–se no espaldar da poltrona e trançou as mãos sobre a barriga.
– E o oráculo délfico? Já considerou a resposta de Delfos? Até nisto poderíamos encontrar motivo de suspeitas. Lembre bem, um oráculo vive em função da sua credibilidade, mas para construir tal credibilidade precisa de um imenso acervo de conhecimentos. E ninguém no mundo possui tanto conhecimento quanto os sacerdotes do santuário de Apolo:

por isto podem predizer o futuro. Ou então determiná–lo. O resultado é o mesmo.
Calístenes estava segurando uma pequena tábula na qual escrevera o nome de todos aqueles que até então podiam ser considerados suspeitos do assassinato do rei.
Aristóteles continuou:
– O que sabe do assassino? Com quem entrou em contato no período imediatamente anterior à morte do rei?
– Há uma história bastante feia a respeito disto, tio – disse Calístenes. – Uma história em que Átalo, o pai de Eurídice, está profundamente envolvido. Digamos que está metido nela até o pescoço.
– E Átalo foi morto.
– Exatamente.
– E Eurídice também morreu.
– Com efeito. Alexandre mandou erguer para ela um túmulo suntuoso.
– E também investiu violentamente contra a mãe Olympias porque ela martirizara a jovem e, provavelmente, mandara matar o menino.
– Isto deveria livrar Alexandre de qualquer suspeita.
– Mas ao mesmo tempo o favorece na sucessão.
– Desconfia dele?
– Pelo modo como o conheço, não. Mas às vezes saber ou suspeitar de um fato criminoso sem tomar as medidas necessárias para impedi–lo pode ser uma forma de culpabilidade. O problema é que eram muitos os interessados na morte de Filipe. Precisamos continuar a coletar informações. Neste caso, a verdade poderia ser a soma do maior número de indícios contra este ou aquele indiciado. Continua a investigar os fatos ligados a Átalo e depois deixe–me a par. Mas conta a Alexandre também: quem te confiou a pesquisa foi ele.
– Devo contar–lhe tudo?
– Tudo. E repare bem nas suas reações.
– Posso dizer–lhe que está ajudando?
– Claro – respondeu o filósofo. – Em primeiro lugar porque vai gostar. Em segundo, porque já sabe.

CAPÍTULO 42

O general Parmênio voltou a Pela com o filho Filotas pelo fim do outono, depois de tomar todas as devidas providências para que o exército na Ásia passasse o inverno sem problemas.

Foi recebido por Antipatro, que naquele momento guardava o sinete real e desempenhava as funções de regente.

– Fiquei muito triste por não poder assistir ao enterro do rei – disse Parmênio. – E também foi para mim motivo de tristeza a morte de Átalo, embora não possa dizer que me surpreendeu.

– Alexandre, de qualquer maneira, demostrou uma confiança total ao enviar–
lhe Filotas. Quis que você tomasse livremente a decisão que lhe parecia mais correta.

– Foi por isto que voltei. Mas não esperava vê–lo com o sinete real no dedo:
a rainha mãe nunca morreu de amores por você e, pelo que me contaram, continua tendo muita influência sobre Alexandre.

– É verdade, mas o rei sabe muito bem o que quer. E quer ver a mãe longe da política. Da forma mais absoluta.

– E quanto ao resto?

– Julgue você mesmo. Em três meses reanexou a liga tessália, intimidou os tebanos, reforçou a liga pan–helênica e trouxe definitivamente para o seu lado o general Parmênio, isto é a chave do Oriente. Em se tratando de um menino, como diz Demóstenes, não é pouca coisa.

– Estás certo, mas há o Norte. Os tribalos aliaram–se com os getos, que moram ao longo do baixo Istros, e juntos fazem incursões contínuas nos nossos territórios. Muitas das cidades fundadas pelo rei Filipe foram perdidas.

– Se entendi direito, é justamente este o motivo pelo qual Alexandre quis a sua volta a Pela. Tenciona marchar contra as tribos do norte no meio do inverno para pegar o inimigo de surpresa, e a você caberá o comando da infantaria de linha. Deixará os seus amigos às suas ordens, como comandantes de batalhão: quer que aprendam a lição com o

melhor mestre.
– E agora onde está? – perguntou Parmênio.
– Segundo as últimas notícias está atravessando a Tessália. Mas antes parou em Delfos.
A expressão de Parmênio ficou sombria.
– Consultou o oráculo?
– Sim, de certa forma.
– Como assim?
– Os sacerdotes queriam provavelmente evitar que acontecesse de novo o que já acontecera com Filipe e explicaram que a pítia estava adoentada e não podia responder às suas perguntas. Mas aí Alexandre levou–a à força para o trípode para obrigá–la a dar seu vaticínio. – Parmênio arregalava os olhos como se lhe contassem coisas incríveis e impossíveis.
– Nesta altura a pítia gritou quase possessa: "Não dá mesmo para resistir à sua vontade, rapaz!" Aí Alexandre parou, impressionado por aquela frase, e disse: "Como presságio, para mim está bom." E foi embora.
Parmênio meneou a cabeça.
verá.
– Muito boa, essa. Uma saída digna de um grande ator.
– É o que ele é. Ou pelo menos, também é um grande ator. Você mesmo
– Acha que acredita nos oráculos?
Antípatro passou a mão sobre a barba hirsuta.
– Sim e não. Convivem nele a racionalidade de Filipe e Aristóteles e a natureza misteriosa, instintiva e primordial da mãe. Mas viu o pai cair como um touro diante do altar, e naquele momento as palavras do presságio devem ter explodido como um trovão na sua mente. Não vai esquecê–las enquanto viver.
Já estava anoitecendo e os dois velhos guerreiros foram tomados por uma repentina e profunda melancolia. Percebiam que o seu tempo tinha acabado com a morte de Filipe, e os seus dias pareciam ter–se dissolvido no turbilhão de chamas que envolvera a pira do soberano assassinado.
– Talvez se nós tivéssemos estado lá, ao seu lado... – murmurou em certa altura Parmênio.
– Não fale, meu amigo. Ninguém pode impedir os desígnios do fado. Só devemos lembrar que o nosso rei preparou Alexandre como sucessor. O que sobra da nossa vida pertence a ele.
O soberano voltou a Pela à frente dos seus soldados e atravessou a

cidade entre duas alas de multidão festiva. Pelo que se sabia, era a primeira vez que um exército voltava vencedor sem ter recorrido ao uso das armas, sem ter sofrido uma baixa sequer. Todos viam naquele jovem belíssimo, radiante no rosto, nas roupas, na armadura, quase a personificação de um jovem deus, de um herói do epos. E nos companheiros que cavalgavam ao seu lado parecia refletir–se a mesma luz, em seus olhos parecia brilhar o mesmo olhar ávido e febril.
Antípatro foi recebê–lo para devolver–lhe o sinete e anunciar–lhe a chegada de Parmênio.
– Leve–me logo até ele – ordenou Alexandre.
O general montou a cavalo e mostrou o caminho para uma mansão isolada nos arredores da cidade.
Parmênio desceu as escadas com o coração apertado quando soube que o rei tinha vindo visitá–lo antes mesmo de deter–se em seus aposentos no palácio. Chegou à entrada e viu–se diante dele.
– Meu velho, valoroso soldado! – cumprimentou–o Alexandre com um abraço. – Obrigado por ter vindo.
– Senhor – respondeu Parmênio com um nó na garganta –, a morte de seu pai deixou–me profundamente triste. Teria dado a minha vida para salvá–lo, se isto fosse possível. Teria usado o meu próprio corpo como escudo, teria... – Não pôde continuar, pois a voz ficou rouca de emoção.
– Eu sei – anuiu Alexandre. Aí apoiou–lhe as mãos nos ombros, fitou–o fixamente nos olhos e disse: – Eu também.
Parmênio baixou a cabeça.
– Foi como um raio, general, um plano imaginado por uma mente genial e inexorável. Havia uma grande balbúrdia e eu estava um pouco na frente com Alexandre do Epiro: Eumênio gritou alguma coisa, mas não entendi, não consegui ouvir, e quando percebi que algo estava acontecendo e me virei, ele já estava caído, de joelhos em seu próprio sangue.
– Sei disto, senhor. Mas chega de coisas tão tristes. Amanhã irei a Ege, oferecerei um sacrifício no seu templo fúnebre e espero que ele sinta a minha presença. Qual é o motivo da sua visita?
– Queria vê–lo e convidá–lo para jantar. Estaremos todos lá e quero expor os meus planos para o inverno. O que anunciarei será a nossa última façanha na Europa. Aí marcharemos para o Oriente, para o nascer do sol.

Pulou no cavalo e afastou–se a galope. Parmênio voltou para dentro e chamou um serviçal.
– Prepare o meu banho e as minhas melhores roupas – ordenou. – Esta noite sou convidado do rei.



CAPÍTULO 43

Nos dias que se seguiram a esses acontecimentos, Alexandre exercitou–se nas artes militares e participou de várias caçadas, mas também teve a oportunidade de ver que a sua autoridade já era reconhecida em países muito distantes. Chegaram embaixadas dos gregos da Ásia, e até da Sicília e da Itália.

Os emissários de um grupo de cidades à beira do mar Tirreno trouxeram– lhe uma taça de ouro e fizeram–lhe uma súplica. Alexandre ficou bastante lisonjeado e perguntou de onde eles vinham.

– De Neápolis, Medma e Possidônia – explicaram–lhe com um sotaque que ele jamais ouvira, mas que lembrava um pouco o da ilha Eubéia.

– E o que desejam que faça?

– Rei Alexandre – respondeu o mais idoso entre eles –, há uma poderosa cidade na nossa terra, mais ao norte, que se chama Roma.

– Já ouvi falar – respondeu Alexandre. – Contam que foi fundada por Enéias, o herói troiano.

– Pois bem, na costa do território dos romanos há uma cidade que exerce a pirataria e provoca grande prejuízo ao nosso comércio. Gostaríamos que se pusesse termo a esta situação e que você lhes pedisses para tomarem alguma providência. A sua fama espalhou–se por toda parte e acreditamos que uma intervenção sua teria bastante peso.

– Farei isto com prazer. E espero que me ouçam. Quanto a você, não esqueçam de manter–me informado acerca do êxito desta iniciativa.

Aí acenou para o escriba e começou a ditar.

Alexandre, rei dos macedônios, protetor pan–helênico, ao povo e à cidade dos romanos, salve!

Os nossos irmãos que moram nas cidades do golfo tirreno dizem ter muitas dificuldades com alguns dos seus dependentes que exercem a pirataria.

Peço, portanto, que cuidem disto quanto antes ou, se isto não estiver ao seu alcance, que deixems outro resolver o problema por vocês.

Imprimiu o seu selo e entregou a carta aos seus hóspedes que ficaram muito agradecidos e se afastaram satisfeitos.

– Fico imaginando qual poderá ser o êxito desta mensagem comentou então com Eumênio que sentava ao seu lado. E o que vão pensar esses romanos de um rei tão distante que se mete em seus negócios internos?
– Não tão distante – afirmou Eumênio. – Vão responder, você vai ver.
Também chegaram outras embaixadas e mais notícias, bem piores, da fronteira setentrional: a aliança entre tribalos e getas se havia consolidado e ameaçava inutilizar todas as conquistas de Filipe na Trácia. Os getas, em particular, eram sobremodo temíveis, pois, considerando–se imortais, lutavam com fúria selvagem e total desprezo pelo perigo. Muitas das colônias fundadas pelo pai haviam sido atacadas e saqueadas, a população chacinada ou feita escrava. Nesta altura, porém, parecia que a situação estava tranqüila e que os guerreiros haviam voltado para suas aldeias a fim de melhor enfrentar os rigores do frio.
Alexandre decidiu, portanto, antecipar a campanha, embora ainda estivessem no inverno, pondo assim em prática o plano estabelecido. Ordenou que frota bizantina remontasse o curso do Istros por cinco dias de navegação, até a confluência com o rio Peukes. Ele, por sua vez, concentrou todas as unidades do exército em Pela, botou Parmênio no comando da infantaria, ficou pessoalmente à frente da cavalaria e ordenou a partida.
Galgaram o monte Ródopes, desceram no vale do Evros e aí retomaram o caminho a marchas forçadas rumo aos passos do monte Haemo, ainda cobertos por um espesso manto de neve. Enquanto avançavam encontravam cidades destruídas, lavouras assoladas, cadáveres de homens empalados, outros amarrados e queimados, e a cólera do soberano macedônio cresceu como a fúria de um rio a ponto de transbordar.
Irrompeu inesperado na planície gética com a cavalaria, queimou as aldeias e os acampamentos, destruiu as colheitas, massacrou gado grosso e gado miúdo.
As populações, tomadas pelo terror, retiraram–se desordenadamente para o Istros e procuraram abrigo em uma ilha no meio do rio, onde Alexandre não poderia alcançá–las, mas enquanto isto chegou a frota de guerra bizantina que transportava as tropas de ataque, os "escudeiros", e a cavalaria da Ponta.
A luta estourou furibunda na ilha: getos e tribalos combatiam com

desesperado vigor porque defendiam o último pedaço de terra que ainda lhes sobrara, suas mulheres e seus filhos, mas Alexandre liderava pessoalmente o ataque contra suas posições, desafiando o vento gelado e as ondas impetuosas do Istros inchado pelas chuvas torrenciais. A fumaça dos incêndios misturava–se às rajadas de chuva e nevasca, aos berros dos combatentes, aos gritos dos feridos, e os relinchos dos cavalos se confundiam com o estrondo dos trovões e o uivar do vento do norte.

Os defensores tinham formado um círculo compacto juntando escudo ao lado de escudo, fincando as hastes das lanças no chão para opor uma muralha de ponteiras ao ataque da cavalaria. Por dentro tinham postado arqueiros que desfrechavam nuvens de mortíferas setas. Mas Alexandre parecia possuído por uma força assustadora.

Apesar de já o ter observado lutar três anos antes em Queronéia, Parmênio ficou atônito e abalado ao vê–lo entregar–se ao corpo a corpo, esquecido de tudo, como que tomado por fúria incontida, animado por inesgotável vigor, berrando, ceifando os inimigos com a espada e o machado, empurrando Bucéfalo, couraçado de bronze, contra as fileiras adversárias até abrir caminho para arrastar consigo a cavalaria pesada e a infantaria de ataque.

Cercados, dispersados, perseguidos um a um como animais acuados, os tribalos renderam–se enquanto os getos continuaram a resistir até o último homem, até o derradeiro lampejo de energia.

Quando tudo acabou, a tempestade que descia do norte chegou ao rio e à ilha, mas encontrando a umidade que subia da ampla correnteza, acalmou–se. Como por magia, começou a nevar, primeiro misturando–se com a chuva, em forma de minúsculos cristais de gelo, e depois com flocos cada vez mais espessos e volumosos. Não demorou para o chão lamacento e manchado de sangue ficar coberto por um manto branco: os incêndios se apagaram e cada coisa foi envolvida por um silêncio grave, só rompido às vezes por um grito abafado ou pelo bufar dos cavalos que avançavam como fantasmas na nevasca.

Alexandre voltou para a margem, e os soldados que ali deixara de guarda na hora do ataque viram–no rasgar de repente a cortina de neve e neblina: estava sem escudo, ainda empunhava a espada e o machado de dois gumes e estava ensangüentado da cabeça aos pés. As chapas de bronze no peito e na testa de Bucéfalo estavam igualmente vermelhas e o

garanhão exalava do corpo e das ventas uma densa nuvem de vapor, como um animal fantástico, uma criatura de pesadelo.
Parmênio logo juntou–se a ele, com uma expressão de pasmo a marcando– lhe o rosto.
– Senhor, não deveria ter...
Alexandre tirou o elmo soltando os cabelos no vento gelado e o velho general não reconheceu a sua voz quando disse:
– Acabou, Parmênio, podemos voltar.
Uma parte do exército foi repatriada pelo mesmo caminho que percorrera na ida, enquanto Alexandre guiava o resto das tropas e a cavalaria para oeste, subindo o curso do Istros até encontrar o povo dos celtas, que vinham de terras muito longínquas às margens do oceano setentrional, com os quais selou um pacto de aliança.
Sentou–se na tenda de peles curtidas com o chefe deles, um gigante loiro que usava um elmo encimado por um pássaro cujas asas subiam e desciam com um leve chiado toda vez que mexia a cabeça.
– Juro – afirmou o bárbaro – que me manterei fiel a este pacto até a terra se precipitar no mar, até as ondas invadirem as terras e o céu cair sobre nossas cabeças.
Alexandre ficou surpreso com aquela fórmula que nunca ouvira antes na vida e perguntou:
– Qual dessas coisas o atemoriza mais?
O chefe levantou a cabeça e as asas do pássaro mexeram–se para cima e para baixo; pareceu pensar um momento no assunto e aí disse, com a maior seriedade:
– Que o céu nos caia na cabeça.
Alexandre nunca chegou a saber o motivo disto.
Em seguida atravessou os territórios dos troianos e dos agnianos, povos selvagens de origem ilírica que haviam traído a aliança com Filipe para se juntarem a tribalos e getas. Derrotou–os e forçou–os a lhe fornecerem tropas, pois os agrianos eram conhecidos por sua capacidade de escalar, armados, as mais íngremes formações rochosas e o jovem soberano achava que teria sido mais cômodo usar esses soldados em lugar de cortar uma escada na pedra do monte Ossa para a sua infantaria de ataque.
O exército perambulou longamente por aquele emaranhado de florestas e vales perdidos em terras inóspitas sem que ninguém mais tivesse

notícias dele, e alguém espalhou o boato segundo o qual o rei teria caído com suas tropas numa emboscada e teria morrido.
A notícia chegou como um relâmpago primeiro a Atenas, por mar, e depois a Tebas.
Demóstenes voltou imediatamente da ilha de Caláuria onde se abrigara, apresentou–se na praça e na assembléia e proferiu um discurso inflamado. Mensageiros foram enviados a Tebas, assim como um carregamento gratuito de armaduras pesadas para a infantaria de linha das quais os tebanos careciam por completo. A cidade insurgiu, os homens pegaram as armas e cercaram a guarnição que ocupava a cidadela Cadméia, cavando trincheiras e levantando paliçadas de forma que os macedônios, ali trancados, não pudessem receber qualquer suprimento de fora.
Mas Alexandre foi informado da insurreição e ficou furioso ao saber das palavras de escárnio que Demóstenes lhe dedicara.
Só levou treze dias para chegar das margens do Istros, e apareceu sob as muralhas de Tebas quando os defensores da cidadela Cadméia, esgotados pelo cerco, já estavam a ponto de se renderem. Quase não acreditaram em seus próprios olhos quando viram o rei, montado em Bucéfalo, ordenar, aos tebanos que lhe entregassem os responsáveis pela revolta.
– Entreguem–nos – gritava – e pouparei a cidade!
Os tebanos reuniram a assembléia para deliberar. Os representantes do partido democrático exilados por Filipe estavam de volta, mais ávidos do que nunca de vingança.
– Não passa de um garoto, do que tem medo? – perguntou um deles, um sujeito chamado Diodoro. – Os atenienses estão conosco, a liga etólia e a própria Esparta talvez juntem suas forças às nossas muito em breve. Já é hora de nos livrarmos da tirania macedônia! E até o Grande Rei dos persas prometeu o seu apoio: armas e dinheiro para fomentar a nossa revolta estão para chegar a Atenas.
– Por que não esperar pelos reforços, então? – sugeriu outro cidadão tomando a palavra. – Enquanto isto a guarnição sobre a Cadméia poderia se render e aqueles homens seriam para nós um trunfo nas negociações: nós os deixaríamos livres em troca da saída definitiva das tropas macedônias do nosso território. Ou então poderíamos tentar uma investida quando já houvesse um exército aliado ameaçando Alexandre

pelas costas.
– Não! – insistiu Diodoro. – Cada dia que passa é contra nós. Todos aqueles que de algum modo acham ter sofrido injustiça e opressão no passado por parte da nossa cidade juntam–se ao macedônio: estão chegando foceus, os de Platéias, de Téspias, de Oropos, e todos nos odeiam a ponto de desejarem a nossa ruína total. Não receem, tebanos! Vinguemos os mortos de Queronéia de uma vez por todas!
Insuflada por aquelas palavras inflamadas a assembléia ficou de pé gritando:
– Guerra! – E sem nem mesmo esperar que os magistrados federais dissolvessem a reunião, todos saíram correndo para pegar suas armas.
Alexandre reuniu o conselho de guerra na sua tenda.
– Só quero induzi–los a negociar – começou –, mesmo que eles se recusem a fazê–lo.
– Mas nos desafiaram! – objetou Heféstion. – Ataquemo–los e veremos quem é o mais forte!
– Já sabem quem é o mais forte – interveio Parmênio. – Temos aqui trinta mil homens e três mil cavalos, todos veteranos que nunca sofreram uma derrota sequer. Vão negociar.
– O general Parmênio está certo – disse Alexandre. – Não quero sangue. Estou a ponto de invadir a Ásia e só quero deixar atrás de mim uma Grécia em paz e possivelmente amiga. Eu lhes concederei mais tempo para pensarem melhor.
– Mas então por que tivemos de enfrentar treze dias de marchas forçadas? Para ficarmos aqui sentados em nossas tendas, à espera que eles decidam o que querem fazer? – ainda perguntou Heféstion.
– Quis demonstrar que posso atacar a qualquer hora, num espaço de tempo muito breve. Que nunca estarei suficientemente distante para que eles possam se organizar. Mas se pedirem a paz, eu a concederei com prazer.
Os dias passavam, contudo, sem que nada acontecesse. Alexandre decidiu então ameaçar os tebanos de forma mais decidida para induzi–los a negociar. Perfilou o exército em formação de ataque sob as muralhas da cidade e aí mandou avançar um arauto que proclamou:
– Tebanos! O rei Alexandre vos oferece a paz que todos os gregos aceitaram, a autonomia e as instituições políticas que mais lhes comprazem. Se recusarem, entretanto, oferece mesmo assim abrigo

àqueles que quiserem sair e viver sem ódio e sem sangue!
A resposta dos tebanos não demorou a chegar. Um seu arauto, do topo de uma torre, gritou:
– Macedônios! Qualquer um de vocês que queira se juntar a nós e ao Grande Rei dos persas para libertar os gregos da tirania será bem aceito e para ele se abrirão as portas.
Estas palavras feriram profundamente Alexandre, fizeram com que se sentisse o bárbaro opressor que nunca fora e nunca quisera ser, fizeram parecer frustrados de uma hora para a outra todos os projetos e as tentativas do seu pai Filipe. Rejeitado e desprezado, foi tomado por uma ira incontida e os seus olhos ficaram sombrios como o céu em que se forma a tempestade.
– Agora chega! – exclamou. – Não me deixam escolha. Darei um exemplo tão terrível que mais ninguém ousará no futuro quebrar a paz que criei para todos os gregos.
Em Tebas, no entanto, nem todas as vozes que exortavam à negociação haviam sido caladas, ainda mais porque alguns prodígios haviam espalhado pela cidade uma profunda inquietação. Três meses antes de Alexandre chegar às muralhas com o seu exército, havia sido vista no templo de Deméter uma enorme teia de aranha com a forma de um manto, reluzindo em um brilho de cores variadas como as de um arco–íris.
O oráculo de Delfos, consultado, respondera:
Os deuses mandam este sinal a todos os mortais, a começar pelos beócios, e seus vizinhos. (Idem)
Também foi interrogado o ancestral oráculo de Tebas, que afirmou: Para alguns a teia de aranha é a ruína, para outros é um bera. (Idem)
Ninguém soubera interpretar estas palavras, mas, na manhã em que Alexandre chegara com o exército, as estátuas da praça do mercado haviam começado a suar, ficando logo cobertas de grandes gotas que escorriam até o chão.
Além disto, foi relatado aos representantes da cidade que o lago Copais havia emitido um som parecido com um mugido e que perto de Dirice havia sido notada uma ondulação vermelha de sangue na água, como quando se joga uma pedra, que se espalhara por toda a superfície. E, finalmente, alguns viajantes que vinham de Delfos haviam contado que o pequeno templo dos tebanos perto do santuário, erguido como

agradecimento pelos espólios tirados dos foceus durante a guerra sagrada, tinha manchas sangrentas no telhado.
Os adivinhos que cuidavam destas premonições afirmavam que a teia de aranha dentro do templo significava que os deuses abandonavam a cidade e que as cores iridescentes eram o presságio de uma tempestade com as mais variadas desgraças. As estátuas que suavam denunciavam a ameaça de uma catástrofe iminente e o aparecimento do sangue em tantos lugares era sinal da iminência de um massacre.
Disseram, portanto, que todos estes fatos eram sem dúvida alguma presságios de mau agouro e que não se devia absolutamente tentar a sorte no campo de batalha, mas sim buscar uma solução negociada.
Mesmo assim, e apesar de tudo, os tebanos não se deixaram abater e, ao contrário, lembraram que ainda estavam entre os melhores guerreiros da Grécia e reavivaram a lembrança das grandes vitórias que haviam conseguido no passado. Entregues a uma espécie de loucura coletiva, agiram impelidos mais por cega coragem do que por reflexão e sabedoria e jogaram–se de cabeça no abismo, na ruína da sua nação.
Em apenas três dias Alexandre concluiu todos os preparativos para o cerco e aprontou as máquinas para derrubar as muralhas. Os tebanos saíram então em formação de combate. Na ala esquerda haviam colocado a cavalaria protegida por uma paliçada, no centro e à direita a infantaria pesada, Dentro da cidade as misericórdia e proteção.
Alexandre dividiu as suas forças em três unidades: a primeira devia atacar a paliçada, a segunda enfrentar a infantaria tebana e a terceira, sob as suas ordens de Parmênio, devia ficar na reserva.
Ao toque dos clarins desencadeou–se o combate, com uma violência maior ainda do que a da batalha de Queronéia. Os tebanos, de fato, sabiam que tinham ido longe demais e que não haveria compaixão alguma se fossem vencidos: sabiam que suas casas iriam ser saqueadas e queimadas, as mulheres estupradas, as crianças vendidas. Combatiam com total desprezo pelo perigo, expondo–se à morte com temerário valor.
O estrondo da batalha, os berros dos comandantes, o som agudo dos clarins e das flautas subiam ao céu enquanto no vale o enorme tambor de Queronéia marcava o tempo com seu grave ribombo.
Em um primeiro momento os tebanos tiveram de recuar não agüentando o impacto formidável da falange, mas, quando puderam

lutar corpo a corpo em terreno mais acidentado, demonstraram a sua superioridade de forma que, por horas a fio, o desfecho do embate ficou indeciso como se os deuses tivessem colocado as partes nos dois pratos de uma balança, em perfeito equilíbrio.
Alexandre decidiu então lançar ao ataque as suas reservas: a falange que até então havia lutado compacta dividiu–se em duas e deixou passar a tropa auxiliar. Os tebanos, no entanto, em lugar de ficarem apavorados com o fato de lutarem esgotados contra soldados descansados, ficaram ainda mais orgulhosos.
Seus oficiais gritavam a plenos pulmões:
– Olhem, homens! Precisam de dois macedônios para vencerem um tebano! Vamos rechaçar esses aí do mesmo jeito que rechaçamos os outros!
E redobraram o seu vigor em um ataque que iria decidir o destino das suas vidas e da sua cidade. Mas justamente naquele momento Perdicas, que estava na ala esquerda, percebeu que um postigo lateral das muralhas havia ficado desguarnecido na hora em que os tebanos enviaram reforços para a sua formação: mandou uma pequena unidade ocupá–lo e fez logo passar para dentro tantos homens quanto fosse possível.
Os tebanos correram de volta para fechar a brecha, mas, atrapalhados pelo arrebatamento dos seus próprios companheiros, confundiram–se numa maranha de homens e cavalos, ferindo uns aos outros, sem conseguir impedir a entrada das tropas inimigas.
Enquanto isto, os macedônios cercados na cidadela fizeram uma investida e pegaram por trás os adversários que lutavam corpo a corpo nas ruelas, diante de suas próprias casas.
Nenhum tebano se rendeu, nenhum deles implorou de joelhos pela própria vida, mas esta desesperada coragem não conseguiu inspirar a menor compaixão, nem o dia foi suficientemente longo para deter a crueldade da vingança: nada poderia deter os inimigos nesta altura. Ofuscados pela fúria e ébrios de sangue e violência, entraram nos templos, arrancaram dos altares mulheres e crianças para submetê–las a qualquer tipo de ultraje.
Por toda parte a cidade ressoava nos gritos de meninos e meninas que chamavam desesperados pelos pais que já não podiam socorrê–los.
Aos macedônios juntaram–se então aqueles gregos, beócios e foceus,

que no passado haviam sofrido a opressão tebana e, embora falassem a mesma língua e o mesmo dialeto, mostraram–se ainda mais ferozes, espalhando–se com fúria pela cidade quando os corpos das vítimas já se empilhavam, amontoados em cada canto e em cada praça.
Somente ao escurecer o cansaço e embriaguez puseram termo ao massacre.
No dia seguinte Alexandre convocou o conselho da liga para decidir qual seria o destino de Tebas. Os primeiros a falar foram os delegados de Platéias:
– Os tebanos sempre foram traidores da causa comum dos gregos. Durante a invasão dos persas foram os únicos que se aliaram a eles contra os irmãos que lutavam pela liberdade de todos. E não tiveram compaixão, então, quando a nossa cidade foi destruída e incendiada pelos bárbaros, quando nossas mulheres foram ultrajadas e nossos filhos levados acorrentados para países tão longínquos que nunca mais alguém poderia alcançá–los.
– E será que os atenienses – acrescentou o delegado de Téspias que agora os ajudaram para depois abandoná–los quando viram o castigo que se aproximava, – já esqueceram a sua cidade em chamas, os seus templos e os seus deuses derrubados e incendiados pelos persas?
– A punição exemplar de uma só cidade – afirmaram os representantes dos foceus e dos tessálios – impedirá que outras guerras estourem, que mais alguém quebre a paz por ódio ou por cego sectarismo.
A decisão foi tomada por grande maioria, e, apesar de Alexandre ser pessoalmente contrário, não pôde opor–se uma vez que ele mesmo proclamara que iria respeitar as deliberações do conselho.
Oito mil tebanos foram vendidos como escravos. A sua cidade milenar, cantada por Homero e Píndaro, foi arrasada, banida da face da terra como se nunca houvesse existido.

CAPÍTULO 44

Alexandre deixou–se quase cair do cavalo e arrastou–se até a sua tenda. Tinha os ouvidos cheios de gritos desesperados, de invocações e lamentos, as mãos sujas de sangue.

Recusou água e comida, livrou–se das armas e jogou–se no catre, vítima de pavorosas convulsões. Parecia–lhe ter perdido o controle dos músculos e dos sentidos: pesadelos e alucinações passavam–lhe pelos olhos e pela alma como uma tempestade que tudo atropelava, como um sopro devastador que erradicava qualquer pensamento da sua mente antes mesmo de tomar forma definida.

A dor e o desespero de toda uma cidade grega extirpada pelas raízes pesavam–lhe na alma como um pedregulho e a opressão tomou–se tão insuportável que explodiu num grito animalesco de delírio e aflição. Ninguém chegou a distingui–lo, entre os muitos outros gritos que feriam aquela noite maldita, percorrida por sombras ébrias, por sangrentos fantasmas.

A voz de Ptolomeu sobressaltou–o de repente.

Istros. Mesmo assim, a queda de Tróia cantada pelo seu Homero não foi muito diferente, como não foi diferente o desespero de muitas outras gloriosas cidades das quais até a lembrança já foi perdida.

Alexandre ficou em silêncio. Estava agora sentado na cama e tinha uma expressão alterada, quase louca. Só conseguiu murmurar:

– Eu... não queria.

– Eu sei – disse Ptolomeu, e baixou a cabeça. – Não entrou na cidade – prosseguiu depois de um pouco –, mas posso assegurar que os mais impiedosos, os que martirizaram estes infelizes da forma mais feroz foram seus vizinhos da Fócida, de Platéias, de Téspias, parecidos para não dizer idênticos quanto a língua, origem, tradições e crenças. Há setenta anos uma Atenas derrotada rendeu–se incondicionalmente aos seus adversários: espartanos e tebanos. E sabe o que propuseram os tebanos? Sabe, não é? Propuseram que Atenas fosse queimada, as muralhas arrasadas, o povo chacinado ou vendido como escravo. Se o lacedemônio Lisandro não tivesse insurgido formalmente, hoje a glória

do mundo, a mais bela cidade jamais construída, seria um amontoado de cinzas, e até o seu nome estaria perdido no esquecimento.
– O destino então invocado pelos antepassados para um inimigo já impotente e desarmado hoje virou–se, como inexorável Nêmesis, contra seus descendentes, e além do mais em condições bem diferentes. você lhes oferecera a paz em troca de uma limitação bastante modesta da sua liberdade. E agora, lá fora, seus vizinhos e limítrofes, já estão brigando pelas partilha dos territórios da cidade mãe destruída e invocam a sua arbitragem.
Alexandre aproximou–se de um balde cheio d'água e mergulhou a cabeça, depois enxugou o rosto.
– É por isto que veio? Não quero vê–los.
– Não. Só queria dizer que, conforme as suas ordens, a casa do poeta Píndaro foi poupada e que consegui livrar das chamas um bom número de obras.
Alexandre anuiu.
– Também queria dizer que... Perdicas. Foi ferido gravemente no ataque de ontem, mas exigiu que não lhe contassem.
– Por quê?
– Não queria desviar a sua atenção das responsabilidades de comando num momento tão crucial, mas agora...
– Foi por isto que não veio fazer o seu relatório! Oh, deuses! – exclamou Alexandre. – Leve–me imediatamente até ele.
Ptolomeu saiu e o rei acompanhou–o até uma tenda iluminada na extremidade ocidental do acampamento.
Perdicas jazia no seu catre de campanha, inconsciente, molhado de suor e ardendo de febre. O médico Filipe sentava à sua cabeceira e, de vez em quando, pingava em sua boca um líquido claro que espremia de uma esponja.
– Como está? – perguntou Alexandre. Filipe sacudiu a cabeça.
– Está com muita febre e perdeu bastante sangue: uma ferida feia, um golpe de lança sob a clavícula. Não afetou o pulmão, mas cortou seus músculos provocando uma terrível hemorragia. Cauterizei, costurei e curei o ferimento, e agora tento administrar–lhe líquidos mesclados com um remédio que deveria aliviar a sua dor e impedir que a febre suba ainda mais. Mas não sei até que ponto ele conseguirá absorvê–lo...
Alexandre aproximou–se e apalpou–lhe a testa com a mão.

– Amigo, não se vá, não me deixe.
Ficou velando–o com Filipe a noite inteira, apesar de estar esgotado e sem dormir havia dois dias. Ao alvorecer Perdicas acordou e olhou em volta. Alexandre deu uma cotovelada em Filipe que estava cochilando.
O médico recobrou–se, chegou perto do ferido e apoiou a mão na sua testa:
ainda estava muito quente, mas a temperatura baixara bastante.
– Talvez consiga sair desta – disse, e adormeceu de novo. Logo a seguir entrou Ptolomeu.
– Como ele está? – perguntou baixinho.
– Filipe acha que pode se safar.
– Ainda bem. Mas agora você também deveria descansar, está com uma aparência horrível.
– Tudo aquilo que aconteceu aqui foi horrível: os piores dias da minha vida.
Ptolomeu aproximou–se como se quisesse dizer algo sem ter coragem.
– O que há? – perguntou Alexandre.
– Eu... Não sei... Se Perdicas tivesse morrido eu nada diria, mas uma vez que pode sobreviver, acho que deveria saber...
– O quê, pelos deuses? Vamos, fala logo.
– Antes de perder os sentidos, Perdicas confiou–me uma carta.
– Para mim?
– Não, para a sua irmã, a rainha do Epiro. Foram amantes e ele pede que não o esqueça. Eu... nós todos brincávamos acerca desta sua paixão, mas não acreditávamos que realmente... – Ptolomeu entregou–lhe a carta.
– Não – disse Alexandre. – Não quero ver. O que passou, passou. A minha irmã era uma jovem cheia de vida, e não vejo mal algum no fato de ela ter tido um homem de que gostava. Agora deixou para trás a adolescência e vive uma vida feliz ao lado de um marido pelo qual está apaixonada. Quanto a Perdicas, não posso de forma alguma censurá–lo por ter desejado dedicar seus últimos pensamentos à mulher que ama.
– E o que faço com a carta?
– Queime–a. Mas se ele perguntar, diga–lhe que foi entregue diretamente nas mãos de Cleópatra.
Ptolomeu aproximou–se da lamparina e encostou na chama a folha de papiro que estava segurando. As palavras de amor de Perdicas

consumiram–se no fogo e desapareceram no ar.
O impiedoso castigo de Tebas suscitou horror em todo canto da Grécia: haviam–se passado muitas gerações desde que uma cidade tão ilustre, com raízes tão profundas que se perdiam nos mitos das origens, fora apagada tão completamente do mapa. E o desespero dos raros sobreviventes era vivido como experiência própria por todos os gregos, pois identificavam a pátria com a cidade que os vira nascer, com seus santuários, as suas fontes, as suas praças em que cada lembrança era amorosamente guardada.
A cidade era tudo para os gregos: em cada esquina havia uma imagem, um antigo simulacro gasto pelo tempo que, de alguma forma, estava ligado a um mito, a um acontecimento que era patrimônio comum. Cada fonte tinha o seu próprio som, cada pedra a sua história. Em toda parte reconheciam–se os vestígios dos deuses, dos heróis, dos antepassados, em toda parte veneravam–se seus cimélios e suas efígies.
Perder a cidade era como perder a alma, como ter morrido antes mesmo de chegar ao túmulo, como ficar cego após ter gozado por muito tempo da luz do sol e das cores da terra, era pior do que ser escravo, pois muitas vezes os escravos não se lembram do seu passado.
Os fugitivos tebanos que conseguiram chegar a Atenas foram os primeiros a contar o que acontecera e a cidade ficou consternada. Os representantes do povo espalharam logo arautos conclamando os cidadãos para a assembléia, pois queriam que as pessoas ouvissem em primeira mão o relato das testemunhas, e não apenas boatos.
Quando a verdade ficou clara para todos em sua pavorosa dramaticidade, levantou–se e pediu a palavra um velho almirante da marinha de guerra chamado Fócion, que guiara a expedição ateniense contra a frota de Filipe nos Estreitos.
– Parece–me evidente que aquilo que aconteceu com Tebas também pode acontecer com Atenas. Traímos os pactos com Filipe exatamente como fizeram os tebanos. E, como se não bastasse, ainda enviamos armas. Por qual motivo Alexandre deveria nos reservar um destino melhor? Também é verdade, contudo, que os responsáveis por estas decisões, aqueles que convenceram o povo a tomar tais providências, que exortaram os tebanos a desafiar o rei da Macedônia para depois deixar que o enfrentassem sozinhos, e que agora expõem a sua própria cidade a um risco mortal, deveriam considerar que o sacrifício de alguns

é preferível à chacina de muitos, ou de todos. Deveriam ter a coragem de entregar– se e de enfrentar a sorte que temerariamente desafiaram.
– Cidadãos, eu me levantei contra estas escolhas e fui acusado de ser amigo dos macedônios: quando Alexandre ainda estava na Trácia, Demóstenes disse que quem sentava no trono da Macedônia era apenas um menino. Aí, quando chegou à Tessália, começou a chamá–lo de garoto e mais tarde, quando alcançou as muralhas de Tebas, passou a chamá–lo de jovem. Como irá defini–lo agora que demonstrou toda a sua força avassaladora? Com que palavras tenciona dirigir–se a ele? Reconhecerá finalmente que se trata de um homem na plenitude do seu poder e das suas capacidades?
– Eu acho que seja necessário assumir a responsabilidade tanto dos próprios atos quanto das próprias palavras. Nada mais tenho a dizer.
Demóstenes levantou–se para defender a sua conduta assim como a dos seus seguidores recorrendo, como sempre, ao sentido de liberdade e democracia que tinha tido em Atenas o seu berço, mas acabou entregando–se à decisão da assembléia:
– Eu não receio enfrentar a morte. Já a enfrentei de peito aberto em Queronéia, onde a duras penas consegui salvar–me escondendo–me entre pilhas de mortos e depois fugindo através dos passos nas montanhas. Sempre fiquei ao serviço da cidade e continuarei a fazê–lo nesta hora difícil: se a assembléia pedir que me entregue, eu me entregarei.
Demóstenes usara a costumeira habilidade: oferecera–se para o sacrifício, mas na verdade falara de tal forma que tal escolha iria parecer a todos um sacrilégio.
Durante algum tempo os presentes confabularam entre si sobre a decisão a ser tomada e permitiu–se aos chefes dos vários partidos que tivessem tempo para convencer seus asseclas. Também havia dois conhecidos filósofos: Espeusipo, que ficara com a direção da Academia depois da morte de Platão, e Demofonte.
– Sabe o que acho? – disse Espeusipo ao amigo, com um sorriso amargo. – Acho que Platão e os atenienses recusaram a Aristóteles a chefia da Academia e este, como vingança, criou Alexandre.
A assembléia votou contra a proposta de entregar Demóstenes e seus amigos aos macedônios; decidiu, no entanto, mandar uma embaixada escolhendo os homens com as maiores probabilidades de serem

ouvidos, e escolheram como chefe da delegação Dêrnades.
Alexandre recebeu–o enquanto ia a Corinto, onde tencionava convocar de novo os representantes da liga pan–helênica para que lhe reconfirmassem, após os eventos de Tebas, o cargo de chefe supremo na guerra contra os persas. Estava sentado dentro da sua tenda e tinha ao seu lado Eumênio.
– Como está o seu ferimento, Dêrnades? – perguntou logo, deixando todos surpresos.
O orador levantou a orla do manto e mostrou a cicatriz.
– Sarou por completo, Alexandre. Um cirurgião de verdade não poderia ter agido melhor.
– Pode agradecer ao meu mestre Aristóteles, que também foi seu concidadão. Não acha, aliás, que seria hora de dedicar–lhe uma estátua na praça do mercado? Ainda não há estátuas de Aristóteles na praça, verdade?
Os delegados entreolharam–se cada vez mais pasmos e encabulados.
– Não. Ainda não tínhamos pensado no assunto – admitiu Dêmades.
– Pensem nisto, então. E, mais uma coisa. Quero Demóstenes, Licurgo e todos os demais que insuflaram a revolta.
Dêrnades baixou a cabeça.
– Rei, já esperávamos por este pedido e compreendemos o que deve sentir a respeito. Sabe que sempre falei contra a guerra e em favor da paz, embora tenha cumprido o meu dever e lutado com os outros quando a cidade assim exigiu. Mas na verdade acredito que Demóstenes e seus companheiros agiram de boa fé, como patriotas sinceros.
– Patriotas? – gritou Alexandre.
– Isto mesmo, rei, patriotas – confirmou Dêrnades com firmeza.
– E por que não se entregam, então? Por que não assumem a responsabilidade por seus atos?
– Porque a cidade não quer e está pronta a enfrentar qualquer perigo e qualquer desafio. Escute–me, Alexandre, Atenas está preparada para receber pedidos razoáveis, mas não a force ao desespero porque mesmo que saísse vencedor, a ua vitória seria mais amarga do que uma derrota.
– Tebas já não existe, Esparta nunca se juntará a você. Se destruír Atenas ou a tomar sua inimiga para sempre, o que irá te sobrar da Grécia? A clemência, às vezes, consegue muito mais do que a força ou a arrogância.

Alexandre não respondeu e ficou andando de um lado para o outro na tenda. Aí voltou a sentar–se.
– O que está pedindo?
– Nenhum cidadão ateniense deverá ser entregue e nenhuma represália deverá ser aplicada contra a cidade. Além disto, pedimos que nos seja concedido abrigar e ajudar os fugitivos tebanos. Em troca, renovaremos a nossa adesão à liga pan–helênica e à paz comum. Quando estiver na Ásia precisará da nossa frota para proteger as suas costas: a sua é pequena e inexperiente demais.
Eumênio aproximou–se e ciciou–lhe no ouvido:
– Parecem–me propostas bastante razoáveis.
– Prepare então um documento e assine–o – ordenou Alexandre, levantado– se. Tirou o sinete do dedo, entregou–o a Eumênio e saiu.



CAPÍTULO 45

Aristóteles fechou a mochila, tirou a manta de um cabide e pegou a chave da porta que estava pendurada em um prego. Deu mais uma olhada em volta e disse como se estivesse falando sozinho:

– Acho que não esqueci nada.

– Está mesmo de partida, tio? – perguntou Calístenes.

– Pois é. Decidi voltar a Atenas, uma vez que a situação parece estar novamente tranqüila.

– Já sabe onde ficar?

– Dêniades encarregou–se disto e encontrou um edifício suficientemente grande pelos lados do Licabeto, com um pórtico em volta de um pátio, mais ou menos no estilo de Mésia, onde poderei fundar a minha escola. Há espaço bastante para uma biblioteca e para as coleções de ciências naturais; e haverá também um setor para as pesquisas no campo musical. Já mandei levar tudo ao porto e só me falta subir a bordo.

– E me deixa sozinho na minha investigação.

– Nada disto. Poderei juntar mais informações em Atenas do que na Macedônia. Aqui já descobri tudo o que havia para descobrir.

– O que seria?

– Sente–se. – Aristóteles tirou de uma gaveta algumas folhas cheias de anotações. – A única coisa certa, até agora, é que a morte de Filipe criou um transtorno bastante grande para suscitar um enorme conjunto de boatos, hipóteses, calúnias, insinuações. Assim como quando um pedregulho cai no fundo lamacento de um pântano, é preciso esperar que o lodo assente e que a água volte a ficar límpida para discernir melhor as coisas. O gesto de Pausânias teria origem, pelo que nos é dado imaginar, em uma confusa e turva história de amores masculinos, os mais perigosos. Resumindo, aqui está ela: Pausânias é um rapagão bonito, muito habilidoso no uso das armas, e consegue ser alistado na guarda pessoal de Filipe. O rei repara nele devido ao seu porte físico e o torna seu amante. Enquanto isto, Átalo lhe apresenta a filha, a coitada da Eurídice, pela qual o soberano sente–se imediatamente atraído.

– Louco de ciúme, Pausânias faz uma cena com Átalo, que, no entanto,

não dá maior relevância à coisa; parece, aliás, aceitar a coisa com bom humor e, para demonstrar a sua boa vontade, convida o rapaz para jantar depois de uma caçada nas montanhas.
– O local é longínquo e afastado: o vinho corre abundante e todos ficam bastante ébrios e excitados. Nesta altura Átalo se levanta, vai embora e deixa Pausânias nas mãos dos seus batedores que o desnudam e estupram durante a noite inteira das formas mais desenfreadas que a imaginação lhes sugere. Aí deixam–no ali mesmo, inconsciente.
– Pausânias, fora de si pelo ultraje sofrido, pede vingança a Filipe, mas este não pode certamente se insurgir contra o futuro sogro pelo qual, além do mais, tem o maior apreço. O jovem gostaria de matar Átalo, mas isto já não é possível: o soberano confiou–lhe, ao lado de Parmênio, o comando da força expedicionária de saída para a Ásia. Dirige então a sua fúria contra o único alvo que ainda sobrou: Filipe. E o mata.
Aristóteles deixou cair a mão esquerda sobre a pilha de papéis com um baque surdo, como para frisar o sentido das suas conclusões.
Calístenes fitou–o nos pequenos olhos cinzentos que faiscavam numa expressão indefinível, entre sério e irônico.
– Não entendi se acredita nisto ou apenas finge acreditar.
– Não podemos subestimar o impulso passional que sempre representa uma forte motivação no comportamento humano, principalmente no de um indivíduo desprovido de equilíbrio como um assassino. Além do mais, a complexidade da história é tão grande que isto até poderia ser verdade.
– Poderia...
– Pois é. Há de fato muitas coisas que não se encaixam. Antes de mais nada, ninguém jamais pôde contar algo positivo quanto aos amores masculinos de Filipe, a não ser boatos e fatos episódicos. E esta vez não foge à regra. Em primeiro lugar, pode realmente imaginar um homem como ele que alista na sua guarda pessoal um histérico desequilibrado? Em segundo lugar, se as coisas tivessem realmente acontecido deste jeito, por que o ofendido iria esperar tanto tempo antes de pôr em prática a sua vingança, e por que o faria de forma tão arriscada? Em terceiro lugar, quem é a testemunha fundamental de toda a história? Átalo, mas veja só a coincidência: ele está morto. Morto.
– Então?
– Então a coisa mais provável é que o mandante do crime inventou um

enredo complexo e de algum modo plausível, jogando a responsabilidade em alguém que, tendo morrido, já não pode confirmar nem desmentir.
– Estamos perdidos na escuridão, em resumo.
– Talvez. Mas alguma coisa começa a tomar uma forma mais definita.
– O quê?
– A personalidade do mandante, e o tipo de ambiente que pode ter gerado uma história como esta. Agora fica com estas anotações, eu tenho uma cópia na minha mochila, e procure usá–las a contento. Eu continuarei a minha pesquisa de outro observatório.
– O problema – replicou Calístenes – é que eu talvez não tenha mais tempo para levar adiante a investigação. Alexandre já está completamente entregue à tarefa de invadir a Ásia e pediu–me para acompanhá–lo. Escreverei a história da sua façanha.
Aristóteles anuiu e ficou de olhos perdidos no vazio.
– Isto significa que jogou para trás o passado, com tudo aquilo que significou para ele, para correr rumo ao futuro, isto é, basicamente, para o desconhecido.
Pegou a mochila, jogou a capa nos ombros e saiu. O sol começava a subir no horizonte e esculpia ao longe os penhascos nus do monte Kissos, além do qual havia a grande planície da Macedônia com a capital e, mais adiante, o solitário retiro de Mésia.
– É estranho – observou aproximando–se da charrete que esperava para levá–lo ao porto. – Nunca mais tivemos tempo para nos encontrarmos.
– Mas ele sempre se lembra de você e talvez um dia, antes da partida, venha visitá–lo.
– Não creio – afirmou o filósofo quase falando com os seus botões. – Agora sente–se atraído pelo afã de aventuras assim como uma mariposa pela chama de uma lamparina. Quando sentir o desejo de verme, já será tarde demais para voltar atrás. Seja como for, farei com que receba o meu endereço em Atenas, assim poderá escrever–me quando quiser. Acredito que Alexandre fará o possível para manter abertos os contatos com a cidade. Adeus, Calístenes, procure cuidar–se.
Calístenes abraçou–o e, quando já se separavam, um momento antes que o tio subisse na charrete, pareceu–lhe notar, pela primeira vez desde que o conhecia, um lampejo de comoção nos pequenos olhos cinzentos.



CAPÍTULO 46

Na penumbra do crepúsculo mal dava para ver o antigo santuário no topo da colina, no limiar do bosque. Iluminadas por baixo pela chama das lamparinas, as colunas de madeira pintada denunciavam os sinais do tempo e da intempérie que vinham enfrentando havia séculos.

Os enfeites em terracota colorida da fachada e da arquitrave representavam cenas com o deus Dioniso, e o mutável reflexo da luz das tochas e das lanternas parecia dar–lhes movimento, quase chamando–as de volta à vida.

A porta estava aberta e no fundo, dentro da cela, podia–se vislumbrar na fraca claridão a estátua do deus, solene em sua arcaica fixidez. Havia dois assentos aos seus pés e mais oito, quatro de cada lado, estavam dispostos ao longo das colunas laterais que sustentavam a armação do telhado.

O primeiro a comparecer foi Ptolomeu e aí, juntos, Cratero e Leonato. Lisímaco, Seleuco e Perdicas, ainda não completamente recuperado, não demoraram a chegar, seguidos de perto por Eumênio e Filotas, que também haviam sido convidados para a reunião. Alexandre foi o último a chegar, cavalgando Bucéfalo e em companhia de Heféstion.

Só então entraram e tomaram seus lugares entre as colunas do templo deserto e silencioso.

Alexandre sentou, mandou Heféstion ficar à sua direita, e aí todos os demais companheiros tomaram assento, excitados e ansiosos para saberem o significado daquela reunião noturna.

– Chegou a hora – começou o soberano – de darmos início à façanha que por tanto tempo o meu pai sonhou, mas que a morte repentina e violenta impediu que realizasse: a invasão da Ásia!

Um sopro de ventou entrou pela porta principal e as chamas das lamparinas que ardiam sob a estátua do deus oscilaram, animando o enigmático sorriso da divindade.

– Não foi por acaso que os chamei para este lugar. O próprio Dioniso deverá indicar o caminho, ele que coroado de folhas de videira viajou

com seu cortejo de sátiros e bacantes até a longínqua Índia onde nenhum exército grego jamais chegou. O conflito entre Ásia e Grécia é antigo e desgastou–se em milenares vicissitudes sem vencedores nem vencidos. A guerra de Tróia durou dez anos e concluiu–se com o saque e a destruição de uma única cidade, e as mais recentes expedições tentadas primeiro pelos atenienses e depois pelos espartanos para libertarem os gregos da Ásia do jugo persa fracassaram, assim como fracassaram as invasões dos persas na Grécia, mas não sem chacinas, incêndios e devastações que nem mesmo os templos dos deuses respeitaram.

– Agora os tempos mudaram: nós temos o exército mais poderoso que já se viu no mundo, os mais fortes e mais bem treinados soldados, e mais ainda – afirmou fitando–os nos olhos um depois do outro – nós, nós que estamos aqui sentados, temos a nos unir um vínculo de amizade profundo e sincero. Crescemos juntos em uma pequena cidade, brincamos juntos quando meninos, freqüentamos a mesma escola com o mesmo mestre, aprendemos juntos a enfrentar os primeiros desafios e os primeiros perigos.

– Apanhamos pauladas do mesmo bordão! – acrescentou Ptolomeu despertando o riso de todos.

– Bem lembrado! – aprovou Alexandre.

– Foi por isto que não convidou Parmênio? – perguntou Seleuco. – Se eu não estiver errado, acho que uma vez nós dois apanhamos justamente dele, por ordem expressa de seu pai.

– Por Zeus! Vejo que ainda se lembra – sorriu Alexandre.

– E como esquecer o seu bordão? – disse Lisímaco. – Quase parece que ainda tenho as marcas nas costas.

– Não, não foi por isto que não convidei Parmênio – prosseguiu Alexandre, depois de recuperar a atenção dos companheiros. – Não tenho segredos para ele, tanto assim que aqui está o seu filho Filotas. Parmênio será o alicerce da nossa façanha, o conselheiro, o depositário do cabedal de experiência e de capacidade acumulado por meu pai. Mas Parmênio é um companheiro do meu pai e de Antípatro, enquanto vocês são meus amigos, e aqui lhes peço, na presença de Dioniso e de todos os deuses, que me sigam até onde nos será possível chegar lutando. Mesmo que seja até o fim do mundo!

– Até o fim do mundo! – gritaram todos, levantando–se e apertando–se

em volta do rei.
ardente desejo de aventura, exacerbado ainda mais pelo contato físico com Alexandre que parecia acreditar naquele sonho mais do que qualquer um.
– Cada um de vocês – continuou o soberano quando a calma voltou – terá o comando de uma unidade do exército, mas também o título de "guarda pessoal do rei". Nunca aconteceu antes que rapazes tão jovens assumissem responsabilidades tão grandes. Mas sei que se mostrarão merecedores desta confiança porque os conheço, porque cresci com vocês e já os vi lutando.
– Quando partiremos? – perguntou Lisímaco.
– Em breve. Nesta primavera. Procurai preparem–se, portanto, no corpo e na alma. E se algum de vocês decidir pensar melhor ou mudar de idéia, não receie em falar comigo. Também precisarei de amigos de confiança aqui mesmo.
– Quantos homens levaremos à Ásia? – perguntou Ptolomeu.
– Trinta mil infantes e cinco mil cavalos, e mais tudo aquilo que pudermos levar sem desguarnecer demais o território macedônio. E ainda não sei ao certo até que ponto podemos confiar nos aliados gregos: pedi a eles também o envio de uma tropa equipada, mas não creio que chegarão a mais de cinco mil homens.
– Não precisamos deles! – exclamou Heféstion.
– Precisamos sim! – rebateu Alexandre. – São guerreiros formidáveis e nós bem sabemos disto. E além do mais esta guerra é uma resposta às invasões persas no território grego, à contínua ameaça asiática sobre a Grécia.
Eumênio levantou–se.
– Posso dizer alguma coisa?
– Deixem falar o secretário geral! – riu Cratero.
– Sim, deixem que fale – disse Alexandre. – Quero conhecer o seu ponto de vista.
– O meu ponto de vista é muito simples, Alexandre: fazendo o melhor que eu puder desde agora até o momento da partida, conseguirei recursos suficientes para manter o exército apenas por um mês, não mais do que isto.
– Eumênio só pensa no dinheiro! – gritou Perdicas.
– E faz muito bem – rebateu Alexandre. – É pago para isto. E por outro

lado não devemos subestimar a sua observação, mas é algo que já previ. As cidades gregas da Ásia nos ajudarão, uma vez que também é em prol delas que estamos levando adiante este empreendimento. Quanto a depois, dançaremos conforme a música.
– Conforme a música? – perguntou Eumênio sem entender.
– Pois é – confirmou Heféstion. – Alexandre disse "conforme a música". Não lhe parece bastante claro?
– Nem um pouco – resmungou Eumênio. – Se eu tiver de arranjar o sustento de quarenta mil homens e cinco mil cavalos gostaria de saber de onde vou tirar o dinheiro, por Hércules!
Alexandre deu–lhe uma palmada nas costas.
– Vamos arrumar o dinheiro, Eumênio, pode ficar tranqüilo. Garanto que vamos arrumar. Só cuide para que tudo esteja pronto para a partida. Já falta pouco. Amigos, passaram–se mil anos desde que o meu antepassado Aquiles desembarcou na Ásia para lutar ao lado dos outros gregos contra a cidade de Tróia, e agora estamos a ponto de repetir a façanha com a certeza de superá–la. Talvez nos falte a pena de Homero para cantá–la, mas não faltará valor.
– Tenho certeza de que saberão igualar as proezas dos heróis da Ilíada. Já sonhamos isto tantas vezes, juntos, não é verdade? Já se esqueceram de quando nos levantávamos da cama, depois da ronda de Leônidas, e ficávamos contando uns aos outros as aventuras de Aquiles, Diomedes, Ulisses, acordados até tarde, até nossos olhos se fecharem de cansaço?
O silêncio desceu sobre o santuário, pois todos estavam perdidos nas lembranças da infância passada, mas ainda tão próxima na sutil aflição de um futuro iminente e desconhecido. Morte sempre cavalga ao lado da Guerra.
Olhavam para o rosto de Alexandre, para a cor fugidia dos seus olhos na claridade das lanternas e liam neles uma inquietação misteriosa, o desejo ardente de uma aventura sem fim, e percebiam então que muito em breve iriam partir, sem contudo saber se e quando chegariam um dia a voltar.
O rei aproximou–se de Filotas:
– Eu mesmo falarei com seu pai. Gostaria que a lembrança desta noite ficasse só entre nós.
Filotas concordou:
– Está certo. Fico grato por pedir que eu participasse. Ptolomeu quebrou

a atmosfera de repentina melancolia.
– Fiquei com fome. O que acham de irmos comer uns espetos de narceja na taverna de Eupito?
– Vamos, vamos! – responderam todos.
– É por conta de Eumênio! – gritou Heféstion.
– Isto mesmo, por conta de Eumênio! – repetiram os outros, inclusive o rei. Logo depois o templo estava mais uma vez deserto e só ecoava o galope dos cavalos que desapareciam na noite.
Naquela mesma hora, lá ao longe no palácio de Butroto um despenhadeiro sobre o mar, Cleópatra abria as portas do seu quarto e os braços para o marido. O luto prescrito para uma jovem mulher havia terminado.
O rei dos molossos foi recebido por um grupo de jovens vestidas de branco que seguravam tochas como símbolo de amor ardente. Foi levado pelas escadas até uma porta entreaberta. Uma delas tirou–lhe o níveo manto dos ombros e empurrou de leve um dos batentes. Em seguida todas elas se afastaram pelo corredor, silenciosas e ligeiras como borboletas noturnas.
Alexandre viu uma luz dourada e tremula refletir–se sobre cabelos macios como espuma do mar: Cleópatra. Lembrou–se da menina tímida que tantas vezes entrevira observando–o às escondidas no palácio de Pela, para depois sair correndo com suas perninhas lépidas quando ele se virava para surpreendê–la. Duas jovens criadas estavam cuidando dela: uma penteava–lhes os cabelos, enquanto a outra desatava o cinto do peplo nupcial e abria as fivelas de ouro e âmbar que o prendiam sobre seus ombros de marfim. E a jovem virou–se para a porta, vestindo somente a luz das lamparinas.
O marido entrou e aproximou–se para contemplar a beleza do seu corpo escultural, para inebriar–se com a luminosidade que aquele rosto divino emanava. Ela encarou o seu olhar ardente sem baixar as longas pestanas úmidas: naquele visionário de Alexandre, e o soberano ficou perdidamente enfeitiçado antes mesmo de segurá–la nos braços. Roçou de leve no seu rosto e no túrgido seio com uma carícia.
– Minha esposa, minha deusa... Quantas noites insones passei nesta casa sonhando com a sua boca de mel e o seu seio. Quantas noites...
A mão desceu pelo ventre macio dela, sobre o púbis encoberto por suave lanugem, e com o outro braço ele a envolveu apertando–a contra si até

deitá–la na cama.
Abriu–lhe os lábios com um beijo de fogo e ela respondeu com igual paixão, com uma força cada vez mais intensa e ardente e, quando ele a possuiu, percebeu que não era virgem, que alguém mais a tivera antes, mas não se retraiu. Continuou a dar–lhe todo o prazer de que era capaz e a gozar do seu amplexo, da sua pele perfumada, afundando o rosto na nuvem macia dos seus cabelos, procurando com os lábios o seu pescoço, os seus ombros e o seu seio soberbo.
Percebia estar ao lado de uma deusa, e nenhum mortal pode pedir coisa alguma a uma deusa: só pode ficar agradecido por aquilo que recebe.
Abandonou–se finalmente ao seu lado, exausto, enquanto uma depois da outra as chamas das lamparinas se extinguiam deixando entrar a penumbra opalina da noite de lua.
Cleópatra adormeceu apoiando a cabeça sobre o amplo peito do esposo, esgotada pelo longo prazer e pelo repentino cansaço que pesava sobre seus olhos de jovenzinha.
Por muitas noites e muitos dias o rei dos molossos não teve pensamento que não fosse por ela, só se dedicou a ela cercando–a de toda atenção, de todo mimo, embora não pudesse deixar de sentir no fundo da alma as dolorosas alfinetadas do ciúme, até que um acontecimento imprevisto voltou a despertar nele o interesse pelo mundo exterior.
Estava passeando com Cleópatra sobre as muralhas mais externas do palácio, aproveitando a brisa vespertina, quando viu ao longe uma pequena esquadra que rumava diretamente para o seu porto. Tratava–se de um grande barco com uma magnífica figura de proa em forma de golfinho, escoltado por quatro navios de guerra carregados de arqueiros e de hoplitas cobertos de bronze. Depois de algum tempo um guarda veio correndo:
– Senhor, os hóspedes estrangeiros vêm da Itália, de uma poderosa cidade chamada Taranto, e pedem que os receba amanhã.
O rei observou o sol vermelho que se escondia devagar sob o horizonte marinho e respondeu:
– Diga–lhes que os receberei com prazer.
Oferecendo então a Cleópatra uma taça de vinho frisante, o mesmo vinho leve e alegre de que gostava o irmão, perguntou:
– Conhece aquela cidade?
– Só de nome – respondeu a jovem encostando os lábios na taça.

– É uma cidade muito rica e influente, mas fraca na guerra. Quer conhecer a sua história?
O sol já se deitara no mar e só permanecia em cima das ondas um reflexo violáceo.
– Claro, se quiser me contar.
– Muito bem. Precisa então saber que há muito tempo os espartanos estavam cercando Itome na Messênia. Já estavam lá havia vários anos, mas não conseguiam dobrar a resistência. Os governantes lacedemônios estavam preocupados porque nasciam poucas crianças na cidade devido à ausência prolongada de todos os milhares de soldados imobilizados no longo cerco. Achavam que iria chegar o dia em que o alistamento militar ficaria tão escasso que a cidade acabaria fatalmente desguarnecida.
– Pensaram então numa solução: foram a Itome, escolheram um grupo de soldados, os mais jovens e vigorosos, e ordenaram que voltassem para casa a fim de desempenhar uma missão muito mais agradável do que a guerra, embora igualmente desafiadora.
Cleópatra sorriu com olhar maroto.
– Já posso imaginar.
– Exatamente – prosseguiu o rei. – A tarefa deles era engravidar todas as garotas virgens da cidade. Coisa que fizeram com o mesmo espírito de dever e com o mesmo ardor que os animava no combate. E se saíram tão bem nas suas obrigações que no ano seguinte nasceu uma numerosa ninhada de crianças. Mas a guerra acabou logo depois e todos os demais guerreiros, voltando para suas casas, procuraram recuperar o tempo perdido: de forma que nasceram muitas outras crianças. Quando, porém, cresceram, os filhos legítimos disseram que os nascidos das virgens não podiam ser considerados cidadãos de Esparta e deviam ser tratados como bastardos.
Indignados, os jovens prepararam–se para uma revolta, guiados por seu chefe, um rapaz forte e ousado que se chamava Taras. Infelizmente para eles, no entanto, a conspiração foi descoberta e foram forçados a deixar a pátria. Taras interrogou o oráculo de Delfos, que lhe indicou um lugar na Itália onde poderiam fundar uma cidade e viver ricos e felizes. A cidade foi fundada e existe até hoje: é Taranto, que justamente de Taras tirou o nome.
– Bonita história – observou Cleópatra com uma sombra de tristeza no olhar –, mas agora fico pensando no que eles poderão querer.

– Saberá logo que eu os tenha ouvido – afirmou o rei levantando–se e despedindo–se com um beijo. – E agora deixe–me mandar tomar as devidas providências para que sejam condignamente hospedados.
A pequena frota tarantina partiu de volta dois dias mais tarde, e só quando as velas desapareceram no horizonte Alexandre do Epiro voltou ao tálamo da esposa. Cleópatra mandara preparar o jantar no seu quarto perfumado de lírios e estava deitada no leito conjugal com uma veste de linho transparente.
– O que queriam? – perguntou logo que o marido se deitou ao seu lado.
– Vieram pedir minha ajuda... e oferecer–me a Itália. Cleópatra nada disse, mas o seu sorriso se apagara.
– Irá partir? – perguntou após um longo silêncio.
– Sim – respondeu o rei. E dentro de si sentia que aquela separação e a guerra e talvez até mesmo o risco da morte em batalha iriam pesar menos do que a idéia, cada dia mais presente, de Cleópatra já ter sido o que talvez amasse.
– E verdade que o meu irmão também está para partir?
– Sim, rumo ao Oriente. Vai invadir a Ásia.
– E você irá para o Ocidente, e eu ficarei sozinha. O rei segurou–lhe a mão, acariciou–a longamente.
– Escute. Um dia Alexandre estava aqui neste palácio, como meu hóspede, e teve um sonho que agora quero te contar...
Parmênio fitou Alexandre nos olhos, incrédulo.
– Está realmente falando sério?
Alexandre apoiou uma mão sobre o seu ombro.
– Nunca falei tão sério na minha vida. Este era o sonho do meu pai Filipe, e também sempre foi o meu. Partiremos com os primeiros ventos da primavera.
– Mas, senhor – interveio Antípatro –, não pode partir assim.
– E por que não?
– Porque qualquer coisa pode acontecer em uma guerra, e você não tem nem uma esposa nem um filho. Precisa primeiro encontrar uma mulher e deixar um herdeiro do trono macedônio.
Alexandre sorriu e meneou a cabeça.
– Nem penso nisto. Encontrar uma mulher implica um longo processo. Teríamos de avaliar todas as possíveis candidatas ao papel de rainha, considerar com a maior atenção qual deveria ser a escolhida, e aí

enfrentar as violentas reações das famílias que ficariam excluídas do vínculo matrimonial com o trono.
– Precisaríamos organizar o casamento, a lista dos convidados, preparar a cerimônia e tudo mais, em seguida eu teria de engravidar a jovem, coisa que nem sempre acontece tão depressa. E, mesmo quando isto acontece logo, nunca podemos ter certeza de que nasça um menino, e talvez eu tivesse então de esperar mais um ano. E, se afinal me nascesse um filho, eu deveria fazer o mesmo que Ulisses fez com Telêmaco: deixá–lo ainda no berço para revê–lo sabe lá quando. Não, eu preciso partir logo: a minha decisão é irrevogável.
– Não os convoquei para falarmos das minhas núpcias, e sim da minha expedição à Ásia. Vocês dois são os alicerces do meu reino, assim como já o foram no tempo do meu pai, e tenciono confiar–lhes os cargos de maior responsabilidade, na esperança de que os aceitem.
– Sabe que te somos fiéis, senhor – afirmou Parmênio, que não conseguia chamar aquele jovem rei pelo nome –, e que tencionamos obedecê–lo enquanto as nossas forças nos mantenham de pé.
– Eu sei – disse Alexandre – e por isto mesmo considero–me um homem de sorte. Você, Parmênio, virá comigo e terá o comando geral de todo o exército, sujeito somente ao soberano. Antípatro, por sua vez, ficará na Macedônia com as prerrogativas e os poderes de regente: só assim partirei tranqüilo, certo de ter deixado o melhor homem cuidando do meu reino.
– É muita honra para mim, senhor – replicou Antípatro. – Ainda mais porque a rainha sua mãe permanece em Pela e...
– Sei muito bem o que quer dizer, Antípatro. Mas lembre–se disto: a minha mãe não deverá se ocupar com assuntos de política do reino de forma alguma: nunca deverá manter contatos com delegações estrangeiras e o seu papel será meramente representativo. Só poderá participar das relações diplomáticas se você o pedir, e sempre sob a sua atenta supervisão. Não quero interferências da rainha. Os assuntos políticos que você deverá administrar pessoalmente.
que for possível, mas tudo terá de passar por suas mãos: é contigo que deixo o sinete real, não com ela.
Antípatro anuiu.
– Será como quiser, senhor. Só espero que isto não seja motivo de conflitos:

o caráter da sua mãe é muito forte e...
– Darei uma demonstração pública para deixar claro que você é o depositário do poder durante a minha ausência, e, portanto, não terá de prestar conta das suas decisões a ninguém a não ser a mim. De qualquer forma – continuou em seguida – nós estaremos em contato permanente. O manterei informado de todos os meus atos e você fará o mesmo contando–me o que acontece nas cidades gregas nossas aliadas e o que ficam tramando os nossos amigos e os nossos inimigos. Por isto teremos o maior cuidado para mantermos sempre seguras as vias de comunicação.
– Seja como for, Antípatro, ainda teremos tempo para definirmos nos detalhes a tua tarefa, mas o que importa é que você é um homem no qual confio e terá, portanto, ampla liberdade de decisão. Só quis falar com os dois para saber se estavam dispostos a aceitar a minha proposta, e agora estou satisfeito.
Alexandre levantou–se do assento e os dois velhos generais fizeram o mesmo em sinal de respeito. Antes de o soberano sair, no entanto, Antípatro ainda tomou a palavra:
– Só mais uma pergunta, senhor: quanto tempo acha que a expedição durará, e até onde tenciona chegar?
– Esta é uma resposta que não posso dar, Antípatro, pois eu mesmo não sei.
E com um aceno da cabeça afastou–se. Os dois generais ficaram sozinhos no arsenal real e Antípatro observou:
– Sabe que terá dinheiro e suprimentos suficientes para apenas um mês?
Parmênio anuiu:
– Sei. Mas o que poderia dizer? Seu pai, muitas vezes, já fez coisas piores.
Alexandre voltou aos seus aposentos muito tarde e todos os serviçais já dormiam, à parte os guardas de vigia diante da sua Porta e Leptine, que esperava por ele segurando uma lamparina para dar–lhe um banho, já pronto, bem quente e perfumado.
Despiu–o e esperou que estivesse dentro da grande banheira de pedra, aí começou a derramar água sobre os seus ombros com uma jarra de prata. Era uma coisa que lhe havia sido ensinada pelo médico Filipe: o jorro d'água agia como massagem ainda mais delicada do que aquela feita com as mãos, acalmava–o e relaxava os músculos dos seus ombros e

pescoço, onde se concentrava o cansaço e a tensão.
Alexandre foi se descontraindo aos poucos até ficar completamente deitado e Leptine continuou a derramar–lhe água no ventre e nas coxas até ele fazer um sinal para ela parar. Deixou a jarra na borda da banheira e, embora o soberano não lhe tivesse até então dirigido a palavra, ousou ser a primeira a falar:
– Dizem que está a ponto de partir, meu senhor.
Alexandre não respondeu e Leptine teve de tomar coragem para continuar:
– Dizem que está indo para a Ásia e eu...
– Sim?
– Gostaria de ir contigo. Eu te peço: afinal sou a única que sabe cuidar de você. Só eu sei como recebê–lo e prepará–lo para a noite.
– Irá comigo – respondeu Alexandre saindo da banheira.
Os olhos de Leptine encheram–se de lágrimas, mas ela ficou calada e começou a enxugá–lo delicadamente com um lençol de linho.
Alexandre deitou–se na cama, nu, estirando os membros, e ela ficou admirando–o, encantada. Aí, como de costume, também tirou a roupa e ficou ao seu lado acariciando–o suavemente com as mãos e os lábios.
– Não – disse Alexandre. – Hoje, não. Esta noite eu a guiarei. Abriu–lhe delicadamente as pernas e deitou–se sobre ela. Leptine foi ao encontro dele abraçando–lhe os quadris como se não quisesse perder um só momento daquela intimidade para ela tão preciosa, e acompanhou com as mãos o movimento longo e contínuo dos seus quadris, a mesma força que tinha subjugado Bucéfalo. E quando o jovem soberano se abandonou sobre ela, sentiu o próprio rosto coberto pelos seus cabelos e respirou longamente o seu perfume.
– Poderei realmente ir com você? – perguntou quando Alexandre se deitou novamente ao seu lado.
– Sem dúvida, pelo menos até que encontremos na nossa marcha um povo do qual entenda a língua, a língua misteriosa que às vezes fala enquanto dorme.
– Por que diz isto, meu senhor?
– Vire–se – ordenou Alexandre. Leptine ficou de costas e ele pegou um candelabro e iluminou–lhe o dorso.
– Você tem uma tatuagem no ombro, sabia? De um tipo que nunca vi antes. Pois é, irá comigo e talvez um dia encontremos alguém que a fará

lembrar quem você é e de onde vem, mas quero que compreenda uma coisa: quando estivermos na Ásia, tudo será diferente: outro mundo, outros povos, outras mulheres, e eu mesmo serei outro homem. Fecha–se um período da minha vida e começa outro. Entende o que quero dizer?

– Entendo, meu senhor, mas para mim será uma alegria só o fato de vê–lo e de saber que está bem. Só peço isto à vida, pois já tive bem mais do que ousaria esperar.



CAPÍTULO 47

Alexandre encontrou o rei do Epiro um mês antes de partir para a Ásia, em um local secreto da Eordéia, depois de marcar a data e o lugar com uma rápida troca de mensageiros. Já não se viam havia mais de um ano, desde o dia em que Filipe fora assassinado. Neste ínterim muita coisa havia acontecido, não só na Macedônia e na Grécia, como no Epiro também.

O rei Alexandre tinha reunido todas as tribos da sua pequena pátria montanhosa em uma confederação que lhe reconhecera o cargo de chefe supremo e lhe outorgara o treinamento e o comando do exército. Os guerreiros epirotas haviam sido ensinados conforme as regras macedônias, divididos em falanges de infantaria pesada e esquadrões de cavalaria, enquanto o estilo da cunhagem das moedas de ouro e de prata, à maneira de vestir e de portar–se. O soberano do Epiro e o rei da Macedônia já pareciam nesta altura duas imagens especulares.

Quando chegou a hora do encontro, pouco antes do alvorecer, os dois jovens se reconheceram de longe e esporearam seus cavalos rumo a um grande plátano que se erguia solitário perto de uma nascente no meio de uma ampla clareira. A montanha brilhava num verde–escuro e reluzente devido às recentes chuvas e à chegada da nova estação, e o céu ainda escuro era percorrido por grandes nuvens brancas empurradas pelo vento morno que vinha do mar.

Desmontaram, deixando os cavalos soltos no pasto, e se abraçaram com ardor juvenil.

– Como está? – perguntou Alexandre – Muito bem – respondeu o cunhado. – Sei que está prestes a partir.

– Você também, pelo que me contaram.

– Foi Cleópatra que te disse?

– Não. É o que andam comentando por aí.

– Esperava poder contar pessoalmente.

– Imagino.

– A cidade de Taranto, uma das mais ricas da Itália, pediu a minha ajuda contra os bárbaros do Ocidente que ameaçam o seu território: brucianos

e lucanos.
– Eu também respondo ao apelo das cidades gregas da Ásia que pedem auxilio contra os persas. Não é maravilhoso? Temos o mesmo nome, o mesmo sangue, somos ambos reis e chefes de exércitos e estamos partindo para façanhas similares. Lembra o sonho dos dois sóis que te contei? .
– Foi a primeira coisa da qual me lembrei quando recebi o pedido dos tarantinos. Talvez haja um sinal dos deuses nisto tudo.
– Sem a menor dúvida – replicou Alexandre.
– Aprova, portanto, o meu empreendimento?
– A única que pode ser contrária é Cleópatra. Pobre irmãzinha: viu o pai ser assassinado no dia do seu casamento e agora o marido a deixa só.
– Tentarei fazer com que me perdoe. Concorda realmente com a minha decisão?
– Se concordo? Apoio com entusiasmo! Escute: se não tivesse pedido este encontro, eu mesmo pediria. Lembra o grande mapa de Aristóteles?
– Tenho uma cópia idêntica no meu palácio de Butroto.
– Naquele mapa a Grécia fica no centro do mundo e Delfos é o umbigo da Grécia. Pela e Butroto ficam à mesma distância de Delfos, e Delfos fica bem no meio entre o extremo Ocidente, onde ficam as colunas de Hércules, e o extremo Oriente, onde se encontram as águas do Oceano imóvel e sem ondas.
– Nós, agora, precisamos fazer um juramento solene, chamando o céu e a terra como testemunhas: devemos prometer partir, eu para o Oriente e você para o Ocidente, e nunca pararmos até chegarmos às margens do Oceano extremo. E devemos jurar que se um de nós porventura morrer, o outro ficará em seu lugar e levará a cabo a façanha. Estamos ambos, partindo sem herdeiros, meu amigo, e portanto seremos um o herdeiro do outro. Está disposto a fazê–lo?"
– De todo o coração, Alexandre – disse o rei dos molossos.
– De todo o coração, Alexandre – disse o rei dos macedônios. Desembainharam as espadas e cortaram os pulsos mesclando o sangue dentro de uma pequena taça de prata.
Alexandre, o Molosso, derramou um pouco no chão e aí a entregou a Alexandre, o Macedônio, que jogou o que sobrava para o céu. Então disse:
– Céu e terra são testemunhas do nosso juramento. Nenhum vínculo

pode ser mais forte e terrível. E agora só nos resta nos abraçarmos e nos desejarmos boa sorte. Não sabemos quando e onde poderemos estar juntos de novo. Mas, quando isto acontecer será um grande dia, o maior que o mundo já conheceu.
O sol da primavera despontava naquele momento por trás dos montes da Eordéia e espalhava a sua luz límpida e brilhante pela imensa paisagem de picos, vales e riachos, fazendo reluzir cada gota de orvalho como se a noite tivesse derramado pérolas na grama e nos galhos das árvores, como se as aranhas tivessem tecido fios de prata na escuridão.
Ao aparecer do rosto ofuscante do deus da luz respondeu o vento ocidental, encrespando de ondas o grande mar de grama, acariciando os feixes de junquilho dourado e de açafrão purpúreo, as corolas vermelhas dos lírios monteses. Bandos de pássaros levantaram vôo do bosque elevando–se no céu para os cândidos cirros que velejavam altos e brancos como asas de pombas, e rebanhos de veados e corças saíram da floresta correndo para as águas cintilantes dos córregos e as pastagens.
Naquele momento apareceu no topo de uma colina a leve figura de uma amazona que vestia apenas um curto quitão sobre as pernas nuas e esbeltas, uma jovem de longos cabelos dourados na garupa de um cavalo branco de rabo e crina fluentes.
– Cleópatra queria despedir–se de você – disse o rei do Epiro. – Não podia negar–lhe isto.
– Nem devia. Eu também desejava vê–la acima de qualquer outra coisa. Espere–me aqui.
Pulou no cavalo e alcançou a jovem que esperava por ele trêmula de comoção, esplêndida como a estátua de Artemis.
Correram um para o outro e se abraçaram, se beijaram no rosto, nos olhos e nos cabelos, afagaram–se com langorosa doçura.
– Minha querida, irmãzinha adorada, doce, suave... – dizia Alexandre, fitando–a com infinita ternura.
– Meu Alexandre, meu rei, meu senhor, meu adorado irmão, luz dos meus olhos... – não conseguiu acabar a frase. – Quando poderei te rever? – fechou os olhos úmidos.
– Isto é algo que ninguém pode saber, irmã, o nosso destino está nas mãos dos deuses. Mas eu juro que você estará no meu coração a cada instante, na calada da noite assim como no clamor de uma batalha, no ardor do deserto e no gelo das montanhas. Eu a chamarei toda noite,

antes de dormir, e espero que o vento te leve a minha voz. Adeus, Cleópatra.
– Adeus irmão. Eu também subirei toda noite sobre as muralhas da torre mais alta e ficarei à escuta até que o sopro do vento traga até mim a tua voz e o perfume dos teus cabelos. Adeus, Alexandre...
partida. Alexandre voltou devagar para o cunhado que esperava por ele apoiado no tronco do plátano gigantesco. Falou com voz comovida, apertando–lhe ambas as mãos:
– Chegou a hora de nos deixarmos também. Adeus, rei do Ocidente, rei do sol vermelho e do monte Atlas, rei das colunas de Hércules. Quando estivermos juntos de novo será para celebrarmos uma nova era para toda a humanidade. Mas, se o destino ou a inveja dos deuses não permitirem, o nosso abraço será mais forte do que o tempo ou a morte, e que o nosso sonho possa continuar a brilhar para sempre como a chama do sol.
– Adeus, rei do Oriente, rei do sol branco e do monte Paropâmiso, senhor do Oceano extremo. Que o nosso sonho possa brilhar para sempre, qualquer que seja o destino que nos é reservado.
Apertaram–se num abraço, vencidos pela comoção, enquanto a brisa entrelaçava suas cabeleiras leoninas, enquanto suas lágrimas se mesclavam como já se mesclara o seu sangue, num rito solene e terrível diante do céu e da terra, na força do vento.
Aí montaram seus cavalos e os esporearam afastando–se. O rei dos molossos para a Tarde e o Ocaso, o rei dos macedônios para a Manhã e a Aurora, e naquela altura nem mesmo os deuses conheciam o destino que esperava por eles porque somente o Fado imperscrutável conhece os caminhos e os rumos de homens tão grandes.



CAPÍTULO 48

A força expedicionária começou a juntar–se no sopro dos primeiros ventos primaveris, começando pelos batalhões da infantaria pesada dos pezeteros, com equipamento completo e as enormes sarissas nos ombros: os mais jovens perfilados na primeira linha com a estrela argeade de fulvo cobre nos escudos, em seguida os mais experientes na segunda fileira com a estrela de bronze e, finalmente, os veteranos que seguravam escudos com estrelas de prata.

Todos usavam elmos de estilo frísio, com curta viseira, e vestiam túnicas e mantos vermelhos. E, quando treinavam executando manobras ou simulando ataques, as sarissas chocavam–se umas com as outras com terrível estrondo, como se um vento impetuoso soprasse entre os galhos de uma floresta de bronze. E, quando os oficiais mandavam baixar as lanças, a imensa falange assumia um aspecto pavoroso, como um porco espinho hirto de agulhões de aço.

A cavalaria dos eteros foi alistada entre os nobres, em cada departamento administrativo, equipada com pesadas couraças que cobriam até o abdômen e com elmos beócios de abas largas. Montavam magníficos cavalos tessálios de batalha, crescidos nos fartos pastos das planícies e ao longo dos rios.

Nos portos do Norte concentrou–se a frota à qual se juntaram também as esquadras atenienses e coríntias, pois se receava um ataque de surpresa da frota imperial persa, comandada por um almirante grego de nome Mêninon, um guerreiro temível por astúcia e experiência, e principalmente por ser um homem de palavra que iria cumprir seus compromissos qualquer que fosse o inimigo a enfrentar. Eumênio o conhecera na Ásia e procurou advertir Alexandre quando este passava em revista a frota a bordo da capitânia.

– Tome cuidado: Mêninon é um guerreiro que só vende a sua espada uma vez e a um só homem. O seu preço é caro, mas depois é como se tivesse jurado fidelidade à pátria: nada e ninguém poderá fazer com que mude de lado e bandeira. Tem uma frota composta de equipamentos tanto gregos quanto fenícios e pode contar com o apoio secreto dos não

poucos adversários que você ainda tem na Grécia. Imagine só o que aconteceria se o atacasse de surpresa enquanto transporta o seu exército de uma para outra margem dos Estreitos.
– Os meus informantes criaram um sistema de sinalização luminosa entre a costa asiática e a européia para avisar imediatamente no caso de ele se aproximar com a sua esquadra. Sabemos que os sátrapas persas das províncias ocidentais confirmaram–lhe o comando supremo das suas forças na Ásia, com a tarefa de enfrentar e neutralizar a sua invasão, mas por enquanto desconhecemos os seus planos de batalha: só dispomos de algumas notícias sumárias.
– E quanto tempo levaremos para termos informações precisas? perguntou Alexandre.
– Um mês, talvez.
– É demais. Saímos daqui a quatro dias. Eumênio olhou para ele incrédulo.
– Quatro dias? Mas é uma loucura, ainda não temos bastantes suprimentos. Já disse que não vão durar nem um mês. Precisamos esperar que cheguem pelo menos os novos carregamentos das minas do Pangeu.
– Não, Eumênio. Não esperarei mais. Cada dia que passa permite que o inimigo organize melhor as suas defesas, concentre suas tropas, contrate mercenários, até aqui na Grécia. Precisamos desferir o golpe o quanto antes. O que acha que Mêninon fará?
– Mêninon já lutou com sucesso contra os generais do seu pai. O próprio Parmênio poderá dizer como ele é imprevisível.
– Mas o que acha que fará?
– Ele o atrairá para longe, para o interior, deixando atrás de si terra queimada, e aí a sua frota cortará as comunicações e os suprimentos pelo mar – sugeriu uma voz atrás dele. Eumênio virou–se.
– Já conhece o almirante Nearcos. Alexandre apertou–lhe a mão.
– Salve, almirante.
– Desculpe–me, senhor – disse Nearcos, um cretense robusto, de ombros largos, olhos e cabelos negros. – Estava ocupado com as manobras e não pude acompanhá–lo.
– O teu ponto de vista é o que acaba de expor?
– Na verdade é isto mesmo. Mêninon sabe que enfrentá–lo em campo aberto seria perigoso porque não dispõe de homens suficientes para

opor–se à sua falange, mas quase certamente também sabe que não tem muitas reservas.
– E por que deveria saber?
– Porque o sistema de informações dos persas é formidável: têm espiões por toda parte e pagam–nos muito bem. E além disto podem contar com numerosos amigos e simpatizantes em Atenas, Esparta, Corinto, e até mesmo aqui na Macedônia. Para ele será suficiente contemporizar, e ai desencadear ações evasivas por terra e por mar às suas costas para deixá–lo em dificuldade, para não dizer numa armadilha.
– Acredita nisto?
– Só quero precavê–lo, senhor. O que está a ponto de começar não é um empreendimento como outro qualquer.
O navio estava saindo para o mar aberto e a proa cortava bravamente as ondas encrespadas do mar. O tambor marcava o ritmo e os remadores retesavam os dorsos reluzentes sob o sol, mergulhando e levantando sucessivamente os longos remos.
Alexandre parecia absorto, ouvindo o ribombo cadenciado e os chamados dos homens que procuravam manter o ritmo.
– Será que este tal de Mêninon amedronta a todos? – perguntou de repente.
– Não é bem amedrontar, senhor – precisou Nearcos. – Só estamos imaginando um cenário possível e, aliás, a meu ver, bastante provável.
– Está certo, almirante: somos mais fracos e vulneráveis no mar, mas na terra ninguém pode nos derrotar.
– Por enquanto – disse Eumênio.
– Por enquanto – admitiu Alexandre.
– E então? – quis saber Eumênio.
– Até a esquadra mais poderosa precisa de portos, não é verdade, almirante? – perguntou Alexandre dirigindo–se a Nearcos.
– Sem dúvida, mas...
– Teria de ocupar todos os ancoradouros desde os Estreitos até o deita do Nilo para tirá–lo da jogada – sugeriu Eumênio.
– Isto mesmo – respondeu Alexandre sem pestanejar Na véspera da partida o soberano voltou na calada da noite de Aigai, onde fora fazer um sacrifício sobre o túmulo de Filipe, e subiu até os aposentos da mãe. A rainha ainda estava acordada, sozinha, rendando um manto à luz das lanternas. Quando Alexandre bateu à sua porta, foi ao seu encontro e

abraçou–o.
– Nunca cheguei a pensar que esta hora chegasse – disse procurando esconder a sua comoção.
– Já me viu partir antes, mãe.
– Sinto que desta vez é diferente. Tenho tido sonhos estranhos, difíceis de interpretar.
– Posso imaginar. Aristóteles diz que os sonhos são gerados pela nossa mente, e, portanto, pode procurar a resposta dentro de você.
– Procurei, mas há algum tempo olhar para dentro de mim causa–me vertigem, estou quase com medo.
– Sabe o motivo?
– O que quer dizer com isto?
– Nada. Você é minha mãe, mas também o ser mais misterioso que jamais conheci.
– Sou apenas uma pobre mulher infeliz. E agora você parte para uma longa guerra e me deixa sozinha. Mas estava escrito que assim seria, que você iria levar a cabo façanhas extraordinárias, sobre–humanas.
– Como assim?
Olympias virou–se para a janela como se estivesse buscando imagens e lembranças entre as estrelas e no disco da lua.
– Certa vez, antes que nascesse, sonhei que um deus me havia tocado enquanto eu dormia no tálamo ao lado do seu pai, e um belo dia, em Dodona, durante a gravidez, o vento que soprava entre os galhos de carvalho sussurrou– me o seu nome Aléxandros. Há homens que são paridos por mulheres mortais, mas cujo destino é diferente daquele dos demais, e você é um deles, meu filho, tenho certeza disto. Sempre considerei um privilégio ser sua mãe, mas nem por isto a hora da despedida é menos amarga.
– Para mim também, mãe. Não faz muito tempo que perdi meu Pai, lembra? E alguém me contou que foi vista colocando uma coroa no pescoço do cadáver do assassino.
– Aquele homem vingou as terríveis humilhações que Filipe me infligiu, e fez de você um rei.
– Aquele homem executou as ordens de alguém. Por que não coroa ele também?
– Porque não sei quem é.
– Mas eu vou saber, mais cedo ou mais tarde, e vou pregá–lo vivo na

estaca.
– E se seu pai fosse na verdade um deus?
Alexandre fechou os olhos e reviu Filipe cair em uma poça de sangue, viu–o prostrar–se lentamente como uma imagem de sonho e pôde ler cada ruga que a dor cruelmente incidia no seu rosto antes de matá–lo.
Sentiu lágrimas ardentes subir–lhe aos olhos.
– Se meu pai for um deus, um dia hei de encontrá–lo. Mas certamente não poderá fazer por mim o que Filipe fez. Fiz sacrifícios para o seu espírito magoado antes de partir, mãe.
Olympias voltou a levantar a cabeça para perscrutar o céu e disse:
– O oráculo de Dodona marcou o seu nascimento, um outro oráculo, no meio de um escaldante deserto, marcará para você um novo nascimento para uma vida que não perecerá. – Aí virou–se de repente e jogou–se em seus braços. – Pense em mim, filho. Eu pensarei em você todo dia e toda noite. O meu espírito será o seu escudo na batalha, será ele a curar suas feridas, a guiá–lo na escuridão, a rechaçar os influxos malignos, a afugentar as febres. Eu te amo Alexandre, mais do que qualquer outra coisa no mundo.
– Eu também te amo, mãe, e pensarei em você todos os dias. E agora despeçamo–nos, pois partirei antes do alvorecer.
Olympias beijou–o nas faces, nos olhos e na cabeça, e continuava a apertá–
lo como se não conseguisse se separar dele. Alexandre afastou–se delicadamente do abraço e deu–lhe um último beijo dizendo:
– Adeus, mãe. Cuide–se.
Olympias anuiu enquanto dos seus olhos escorriam grandes lágrimas. E só quando os passos do rei se perderam ao longo dos corredores do palácio conseguiu murmurar:
– Adeus, Alexandre.
Velou a noite inteira só para vê–lo vestir, do seu balcão, a armadura à luz das tochas, pôr na cabeça o elmo cristado, pôr a espada na cintura, empunhar o escudo com a estrela de ouro, enquanto Bucéfalo relinchava e pateava impaciente e Péritas latia desesperado tentando inutilmente quebrar a corrente.
E ficou imóvel a observá–lo enquanto ele voava longe na garupa do seu corcel, permaneceu ali até o último eco do galope se perder na distância, engolido pela escuridão.



CAPÍTULO 49

O almirante Nearcos deu a ordem para o estandarte real ser hasteado e os clarins tocarem, e a grande qüinqüerreme deslizou suavemente sobre as águas. No meio do convés, aos pés do mastro, havia sido fixado o grande tambor de Queronéia e quatro homens davam o ritmo da remada com grandes maças enfaixada em couro de forma que o ribombo, levado pelo vento, podia ser ouvido por toda a frota que seguia.

Alexandre estava em pé na proa, vestindo uma couraça laminada de prata e tinha na cabeça um reluzente elmo do mesmo metal moldado em forma de cabeça de leão de boca escancarada. Usava caneleiras trabalhadas em relevo e a espada com a empunhadura de marfim que havia sido do seu pai. Na mão direita segurava uma lança de freixo com ponteira dourada que faiscava no sol a qualquer movimento, como o raio de Zeus.

O rei parecia perdido em seu sonho e deixava–se acariciar no rosto pelo vento salobro e pela límpida luz do sol, enquanto todos os seus homens, em todos os cento e cinqüenta navios da frota, ficavam de olhos fixos naquela resplandecente figura na proa da capitânia, parecendo a estátua de um deus.

De repente, porém, um ruído pareceu despertá–lo e aguçou os ouvidos, olhando em volta como se procurasse alguma coisa. Nearcos aproximou–se.

– O que houve, senhor?

– Escute, também está ouvindo? Nearcos meneou a cabeça:

– Não estou ouvindo nada.

– Mas há um ruído, preste atenção. Quase parece... mas não é possível.

Desceu do castelo de proa e caminhou ao longo da amurada até poder ouvir, mais distintamente, mas cada vez mais fraco, o latir de um cão. Olhou entre as ondas do mar encrespado e na espuma branca viu Péritas que nadava desesperadamente e já estava a ponto de sucumbir. Gritou:

– E o meu cão! É Péritas, salvem–no! Salvem–no por Hércules!

Três marujos mergulharam imediatamente, prenderam o corpo do

animal com cordas e içaram–no a bordo.
O pobre bicho abandonou–se completamente exausto no convés e Alexandre ajoelhou–se ao seu lado, acariciando–o comovido. Ainda tinha no pescoço um pedaço de corrente e as patas sangravam pela longa corrida.
– Péritas, Péritas – continuava a chamá–lo. – Não morra.
– Não se preocupes, senhor – tranqüilizou–o um veterinário do exército que prontamente acudira. – Vai se safar. Só está meio morto de cansaço.
Enxuto e aquecido pelos raios do sol, Péritas começou a dar sinais de vida e logo já fazia ouvir de novo a sua voz. Naquela mesma hora Nearcos apoiou a mão sobre o ombro do soberano.
– Senhor, a Ásia.
Alexandre levantou–se de um salto e correu à proa: perfilava–se diante dele a costa asiática, recortada por pequenas angras e pontilhada por pequenos vilarejos encastoados entre colinas verdejantes e praias ensolaradas.
– Estamos nos preparando para desembarcar enquanto os marinheiros recolhem a âncora.
O navio ainda seguiu adiante cortando as ondas espumosas com o grande rosto de bronze, e Alexandre contemplava aquela terra cada vez mais próxima como se os sonhos tão longamente acalentados estivessem a ponto de se tomarem realidade.
O comandante gritou:
– Levantar remos!
Os remadores ergueram da água os remos gotejantes, deixando o navio prosseguir por inércia até a margem. Quando já estavam perto, Alexandre empunhou a lança, pegou impulso no convés e arremessou–a com toda a força.
O dardo pontudo voou no céu descrevendo uma ampla parábola, brilhando no sol como um meteoro, aí inclinou a ponta para baixo precipitando–se cada vez mais veloz até fincar–se, vibrando, na Ásia.

NOTA DO AUTOR

A minha intenção, ao escrever este "romance de Alexandre" em linguagem contemporânea, foi a de contar de forma realista e envolvente uma das maiores aventuras de todos os tempos, sem prejuízo, no entanto, da fidelidade às fontes literárias e materiais.
No conjunto, escolhi uma linguagem bastante moderna uma vez que o mundo helenista foi justamente, sob muitos aspectos, "moderno" – no expressionismo da arte, na inovação da arquitetura, no progresso técnico e científico, no gosto pelo novo e pelo espetacular – tentando ao mesmo tempo evitar expressões gratuitamente anacrônicas. No âmbito militar, por exemplo, usei termos modernos como "batalhão" ou "general" para traduzir lóchos ou strategós, que poderiam parecer um tanto sibilinos a muitos leitores, e no âmbito médico palavras como "bisturi" para indicar um instrumento cirúrgico amplamente atestado pela arqueologia. Nos casos em que o termo antigo era compreensível, no entanto, preferi mantê–lo.
Também procurei recriar a linguagem típica de certos ambientes e dos vários personagens (mulheres, homens, soldados, prostitutas, médicos, adivinhos), levando em conta principalmente os poetas cômicos (principalmente Aristófanes e Menandro) e os epigramatistas, que devido às exigências da sua arte precisavam reproduzir uma linguagem realista, até mesmo nas conotações populares e reles. Os mesmos poetas em muito me ajudaram para recuperar vários aspectos da vida cotidiana, tais como a moda, a culinária, os motejos e os provérbios.
No que diz respeito aos fatos históricos, baseei–me sobretudo em Plutarco, Diodoro da Sicília, Arriano e Cúrcio Rufo, com eventuais referências a Pompeu Trogo e ao Romance de Alexandre. Para o enfoque antropológico e de costumes procurei lembrar principalmente o anedotário mais vivaz de alguns trechos de Plínio, Valério Máximo, Teofrasto, Pausânias e Diógenes Laércio, mas também recorri a uma série de fontes variadas como Heliano, Apolodoro, Estrabão, Xenofonte e, obviamente, Demóstenes e Aristóteles, assim como a fragmentos de historiadores gregos perdidos. As fontes arqueológicas, por sua vez,

forneceram em geral os alicerces para a reconstituição dos ambientes, dos interiores, das alfaias, das armas, dos móveis, das máquinas, dos utensílios, e a recente descoberta dos túmulos reais de Vergina permitiu a reconstituição realista do enterro de Filipe II.

Na hora de entregar ao prelo o volume, desejo agradecer a todos os amigos que me ajudaram e aconselharam, particularmente Lorenzo Braccesi, que me acompanhou nesta longa e nem sempre fácil viagem nas pegadas de Alexandre, e Laura Grandi e Stefano Tettamanti, que acompanharam página após página o nascimento deste romance.

Valerio Massimo Manfredi



LIVRO 2

ALEXANDRE

As Areias de Amon



CAPÍTULO 1

Do topo da colina Alexandre virou-se para olhar a praia, para contemplar um espetáculo que, depois de mil anos, se repetia quase igual: centenas de navios encostados um ao lado do outro ao longo da costa, milhares e mais milhares de guerreiros, só que desta vez a cidade atrás dele, Ílio, a herdeira da antiga Tróia, não se preparava para um longo cerco, mas, ao contrário, abria-lhe as portas para recebê-lo, ele que descendia tanto de Aquiles quanto de Príamo.

Viu os companheiros que montavam a cavalo para juntar-se a ele e esporeou Bucéfalo rumo à cidadela. Queria ser o primeiro a entrar, sozinho, no antiqüíssimo santuário de Atena Ilírica. Confiou o garanhão a um serviçal e passou pelo umbral do templo.

No interior, perdido na penumbra, reluziam formas incertas, objetos de contornos indefinidos, e precisou acostumar o olhar até então ofuscado pelo céu brilhante da Tróade, pelos raios do sol meridiano.

O antigo edifício estava cheio de relíquias, de armas que lembravam a guerra de Homero, a epopéia do cerco decenal em volta das muralhas erguidas pelos deuses. Sobre cada uma daquelas lembranças embaçadas pelo tempo uma dedicatória, uma inscrição: a cítara de Páris, as armas de Aquiles com o grande escudo historiado.

Olhou em volta, demorando-se em mirar aqueles cimélios que mãos invisíveis mantiveram reluzentes graças à devoção e à curiosidade dos fiéis ao longo dos séculos. Pendiam das colunas, das vigas do teto, das paredes da cela: mas o que havia de verdade? E o que era apenas fruto da astúcia dos sacerdotes, do seu desejo de lucro?

Percebia então que a única coisa verdadeira em toda aquela balbúrdia, que mais lembrava a confusão de objetos num mercado do que a decoração de um santuário, era a sua paixão pelo antigo poeta cego, a sua ilimitada admiração por heróis já reduzidos a cinzas pelo tempo e pelos inúmeros acontecimentos que se haviam consumado dos dois lados dos Estreitos.

Chegara de repente, assim como um dia seu pai chegara ao templo de Apolo em Delfos, e ninguém esperava por ele. Ouviu um passo leve e

escondeu– se atrás de uma coluna perto da estátua do culto, uma impressionante imagem de Atena esculpida na pedra, pintada, com armas de metal verdadeiro: era um simulacro rígido e primitivo cinzelado de um único bloco de granito, e os olhos de madrepérola sobressaíam de forma marcante naquele rosto enegrecido pelos anos e pela fumaça das chamas votivas.
Uma jovem vestindo um cândido peplo e com os cabelos presos numa touca da mesma cor aproximou–se da estátua segurando um baldezinho numa mão e uma esponja na outra.
Subiu no pedestal e começou a esfregar a esponja na superfície da escultura, espalhando sob a alta armação do teto um intenso e penetrante perfume de nardo e aloés. Alexandre aproximou–se dela sem fazer barulho e perguntou:
– Quem é você?
A jovem estremeceu e deixou cair o pequeno balde que quicou no chão e rolou até encostar–se a uma coluna.
– Não tenha medo – tranqüilizou–a o soberano. – Sou apenas um peregrino que deseja prestar homenagem à sua deusa. E você, quem é, como se chama?
– O meu nome é Dáunia e sou uma escrava sagrada – respondeu a jovem, atemorizada pela aparência de Alexandre que nada tinha a ver com a de um mero peregrino. Sob o seu manto via–se o brilho de couraça e caneleiras e, quando se movia, ouvia–se o barulho do cinturão de malha metálica que roçava no peitoral.
– Uma escrava sagrada? Não parece. Tem traços bonitos, de aristocrata, e um olhar bastante altivo.
– Talvez esteja acostumado a ver as escravas sagradas de Afrodite: antes de sacras, elas são apenas escravas, escravas da libertinagem dos homens.
– E você não? – perguntou Alexandre, pegando para ela o balde no chão.
– Eu sou virgem. Como a deusa. Já ouviu falar da cidade das mulheres? Foi de lá que eu vim.
O sotaque dela era bem diferente, e o soberano nunca o ouvira antes.
– Nem sabia que existia uma cidade das mulheres. Onde fica?
– Na Itália. Chama–se Lócri, e tem uma aristocracia somente feminina. Foi fundada por cem famílias, todas descendentes de mulheres que

haviam fugido da Lócrida, a sua pátria de origem. Haviam ficado viúvas dos seus maridos e contam que se uniram aos seus escravos.
– E como é que chegou aqui, a um país tão longínquo?
– Para expiar uma culpa.
– Uma culpa? E que raio de culpa pode ter cometido uma mulher tão jovem?
– Eu não. Foi Ajax Oileu, o nosso herói nacional, que há mil anos na noite em que Tróia caiu, estuprou aqui mesmo a princesa Cassandra a filha de Príamo, no pedestal que segurava o sacro Paládio, a milagrosa imagem de Atena caída do céu. Desde então os locreses pagam este sacrilégio com a entrega de duas jovens da melhor sociedade, que ficarão um ano inteiro como escravas no templo da deusa.
Alexandre sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar em seus próprios ouvidos. Olhou em volta enquanto lá fora o calçamento de templo ressoava com o tropel de vários cavalos: os seus companheiros haviam chegado.
Naquela mesma hora entrou um sacerdote que se deu imediatamente conta de quem estava na sua frente e inclinou–se numa obsequiosa mesura.
– Seja bem–vindo, poderoso senhor. Sinto muito que não nos tenha avisado da sua vinda: teríamos organizado uma recepção bem diferente.
– E fez um sinal para que a jovem saísse. Alexandre, porém, mandou–a ficar.
– Eu prefiro assim mesmo, no entanto – afirmou. – Esta jovem contou–me uma história extraordinária, que nunca poderia ter imaginado. Ouvi dizer que neste templo estão guardadas as relíquias da guerra de Tróia. É verdade?
– Sem dúvida. E esta imagem que está vendo é um Paládio: reproduz as feições de uma antiga estátua de Atena caída do céu, que tornava invencível a cidade que a possuía.
Naquele momento entraram Heféstion, Ptolomeu, Perdicas e Seleuco.
– E onde está a escultura original? – perguntou Heféstion aproximando–se.
– Segundo alguns haveria sido tomada pelo herói Diomedes para ser levada de volta a Argos; outros dizem que Ulisses foi à Itália e deu–a de presente ao rei Latino; mais outros afirmam que Enéias colocou–a em um templo não muito longe de Roma, onde ela ainda estaria. Seja como

for, são muitas as cidades que alardeiam possuir o verdadeiro simulacro.
– Bastante compreensível – observou Seleuco. – Uma convicção dessas cria coragem.
– Pois é – concordou Ptolomeu. – Aristóteles diria que a convicção, ou a profecia gera o evento.
– Mas o que distingue o verdadeiro Paládio das demais estátuas? – perguntou Alexandre.
– O verdadeiro simulacro – declarou o sacerdote num tom solene – pode fechar os olhos e menear a cabeça.
– Isto não é muito difícil – observou Ptolomeu. – Qualquer um dos nossos engenheiros militares saberia construir um brinquedo desses.
O sacerdote lançou–lhe um olhar glacial e até o soberano sacudiu a cabeça.
– Haverá alguma coisa em que acredite, Ptolomeu?
– Sim, claro – respondeu o jovem apoiando a mão na empunhadura da espada. – Nisto. – E aí, pousando a outra mão no ombro de Alexandre: – E na amizade.
– De qualquer forma – insistiu o sacerdote – os objetos que estão vendo dentro destas quatro paredes são venerados há tempos imemoriais, e os túmulos ao longo da orla guardam para sempre os ossos de Aquiles, Pátroclo e Ajax.
Ouviu–se o ruído de passos: Calístenes alcançara–os para visitar o famoso santuário.
– O que acha disto, Calístenes? – perguntou Ptolomeu indo ao seu encontro e ficando de braços dados com ele. – Acredita realmente que aquela seja a armadura de Aquiles? E esta aqui, pendurada na parede, a cítara de Páris? – Apalpou as cordas tirando delas umas notas opacas e desafinadas.
Alexandre parecia não escutá–los: fitava a jovem locresa que estava agora enchendo de óleo perfumado as lamparinas, admirava as suas formas perfeitas na transparência do peplo atravessado por um raio de luz, observava o mistério que faiscava em seus olhos submissos e fugidios.
– Tudo isto não tem a menor importância, bem sabe disso – replicou Calístenes. – Em Esparta, no templo dos Dióscuros, mostram o ovo do qual teriam nascido os dois gêmeos irmãos de Helena, mas eu pessoalmente acho mais provável que se trate de um ovo de avestruz, um pássaro lírico com a altura de um cavalo. Os nossos santuários estão

cheios deste tipo de relíquias. O importante é o que as pessoas querem crer, e elas precisam crer, precisam sonhar. – Enquanto falava, virou–se para Alexandre.
O rei aproximou–se da grande panóplia de bronze com enfeites de estanho e prata, e acariciou com os dedos o escudo esculpido em relevo, com as cenas descritas por Homero, e o elmo encimado por um penacho triplo.
– Explique–me então como é que esta armadura chegou aqui – pediu ao sacerdote.
– Ulisses trouxe–a de volta, vencido pelo remorso por tê–la usurpado de Ajax, e colocou–a diante da sua tumba como presente votivo, implorando o próprio
regresso a Itaca. Em seguida ela foi transportada para cá a fim de ser guardada neste santuário.
Alexandre chegou perto do sacerdote.
– Sabe quem sou?
– Sei. É Alexandre, rei dos macedônios.
– Isto mesmo. E sou descendente direto, por parte de mãe, de Pirro, filho de Aquiles, fundador da dinastia do Epiro, e portanto herdeiro de Aquiles. Assim sendo, esta armadura é minha, eu a quero.
O sacerdote empalideceu.
– Senhor...
– Ora essa! – Ptolomeu comentou sorrindo. – Nós deveríamos acreditar que esta é a cítara de Páris, que esta são as armas de Aquiles construídas pessoalmente pelo deus Hefaístos, e você não acredita que o nosso rei seja o descendente direto do Pelide Aquiles?
– Não, não! – gaguejou o sacerdote. – O problema é que se trata de objetos sagrados que não podem...
– Lorotas – interrompeu Perdicas. – Só precisa mandar fazer outras armas idênticas. Ninguém vai reparar na diferença. Está entendendo? O nosso soberano precisa delas, pois pertenciam ao seu antepassado... – Abriu os braços quase como se dissesse: "urna herança é sempre uma herança".
– Mande levá–las ao acampamento: deverão ser erguidas diante do exército como estandarte antes de cada batalha – ordenou Alexandre. – E agora voltemos: a visita acabou.
Saíram devagar, separadamente, ainda demorando–se em olhar aquele

amontoado de objetos pendurados nas colunas e nas paredes.
O sacerdote notou que Alexandre fitava a jovem que saía do templo por uma portinhola lateral.
– Todas as noites, depois do pôr–do–sol, banhe–se no mar perto da foz do Escamandro – sussurrou–lhe no ouvido.
O rei nada disse e saiu. Logo a seguir, do limiar do templo, o sacerdote viu– o montar seu cavalo e afastar–se em direção ao acampamento que fervilhava como um gigantesco formigueiro.
Alexandre a viu chegar com passo ligeiro e seguro na escuridão, caminhando ao longo da margem esquerda do rio e parando onde as águas do Escamandro se misturavam com as ondas do mar.
Era uma noite tranqüila e serena, e só então a lua começava a subir do mar traçando uma longa esteira de prata do horizonte até a arrebentação. A jovem tirou a roupa, desatou os cabelos à luz do luar e entrou na água. O seu corpo, beijado pelas ondas, reluzia como mármore polido.
– É bela como uma deusa, Dáunia – murmurou Alexandre saindo das trevas. A jovem mergulhou até o queixo e recuou.
– Não me faça mal. Eu fui consagrada.
– Para expiar um antigo estupro?
– Para expiar qualquer estupro. As mulheres sempre são forçadas à submissão.
O soberano despiu–se e entrou na água enquanto ela cruzava os braços sobre o peito para esconder o seio.
– Dizem que a Afrodite de Cnido, esculpida pelo divino Praxíteles, encobre o peito desse mesmo jeito. Até Afrodite é recatada... Não tenha medo. Venha.
A jovem aproximou–se lentamente, caminhando na areia do fundo, e enquanto chegava mais perto o seu corpo divino ia surgindo gotejante da água, e a superfície do mar descia abraçando–lhe os quadris e depois o ventre.
– Leve–me a nado até o túmulo de Aquiles. Não quero que alguém nos veja.
– Venha comigo – disse Dáunia. – E espero que seja um bom nadador. – Virou–se de lado deslizando sobre as ondas como uma nereida, uma ninfa do abismo.
A costa formava uma ampla enseada, já iluminada pelas fogueiras do

acampamento, e acabava num promontório sobre o qual havia um túmulo de terra.
– Sei nadar muito bem – comentou Alexandre ladeando–a com poderosas braçadas.
A jovem dirigiu–se para o mar aberto cortando o golfo pela metade e rumou diretamente para o promontório. Nadava com movimentos elegantes, leves e contínuos, quase sem fazer barulho, sulcando as águas como uma criatura marinha.
– É uma excelente nadadora – observou Alexandre, um tanto ofegante.
– Nasci à beira do mar. Ainda tenciona rumar diretamente para o promontório Sigeu?
Alexandre não respondeu e continuou a nadar até ver a espuma florescer na praia sob a luz da lua, e as ondas se esticarem até roçar na base do grande túmulo.
Saíram da água de mãos dadas, e o rei aproximou–se da massa escura da tumba de Aquiles. Sentia, ou julgava sentir, o espírito do herói a penetrá–lo e pareceu–lhe ver Briseida das faces rosadas quando se virou para a companheira, que agora estava de pé diante dele, na luz prateada, e procurava o seu olhar na escuridão.
– Somente aos deuses são concedidos momentos como este – murmurou Alexandre virando–se para o sopro da tépida brisa que vinha do mar. – Foi aqui que Aquiles ficou sentado, chorando a morte de Pátroclo. E foi aqui que a sua mãe oceânica deixou as suas armas feitas por um deus.
– Então você acredita? – perguntou a jovem.
– Sim, acredito.
– Mas por que, no templo...
– Aqui é diferente. É noite, as vozes longínquas e nesta altura apagadas ainda podem ser ouvidas. E você resplandece sem véus diante de mim.
– Você é realmente um rei?
– Olha para mim. Quem acha que sou?
– É o jovem que às vezes aparecia nos meus sonhos quando eu dormia com as minhas companheiras, no santuário da deusa. O jovem que eu teria gostado de amar.
Aproximou–se e apoiou a cabeça no peito dele.
– Amanhã partirei e dentro de poucos dias terei de enfrentar uma dura batalha: talvez eu vença ou, quem sabe, morra.

– Então, se quiser, encontre prazer em mim, sobre esta areia ainda morna, e deixe que te aperte nos meus braços, mesmo que mais tarde venhamos a lastimar devido à saudade. – Beijou–o longamente, acariciando–lhe os cabelos. – Momentos como este só são concedidos aos deuses. E nós seremos deuses, enquanto a noite durar.



CAPÍTULO 2

Alexandre despiu–se diante do exército em formação e, nu, correu três vezes em volta do túmulo do Aquiles conforme a antiga tradição. Heféstion fez o mesmo em torno da tumba de Pátroclo. A cada volta, mais de quarenta mil homens gritavam:

Alalalài!

– Que ator extraordinário! – exclamou Calístenes num canto do acampamento.

– Acha? – replicou Ptolomeu.

– Sem a menor dúvida. Ele não acredita em mitos e lendas mais do que nós mesmos acreditamos, mas porta–se como se fossem mais verdadeiros do que a realidade: e assim demonstra aos seus homens que os sonhos são possíveis.

– Parece que o conhece muitíssimo bem – disse Ptolomeu com voz velada de sarcasmo.

– Aprendi a observar os homens, além da natureza.

– Deveria então saber que ninguém pode afirmar que realmente conhece Alexandre. Os seus atos estão bem na frente de todos, mas não são previsíveis, e nem sempre é possível entender o significado profundo que ocultam. Ele acredita e não acredita ao mesmo tempo, é capaz de impulsos de amor e de incontidos ímpetos de cólera, é...

– É o quê?

– Diferente. Encontrei–o pela primeira vez quando ele tinha seis anos, e até hoje não posso dizer que realmente o conheço.

– Talvez esteja certo. Mas agora todos acreditam que ele seja Aquiles redivivo e Heféstion, um novo Pátroclo.

– Neste momento eles mesmos acreditam. E afinal de contas, não foste você que estabeleceu com seus cálculos astronômicos que a nossa invasão aconteceria no mesmo mês em que mil anos antes começou a guerra troiana?

Enquanto isto Alexandre voltara a colocar roupas e armadura, imitado por Heféstion. Ambos montaram a cavalo. O general Parmênio mandou tocar os clarins e o próprio Ptolomeu pulou na garupa.

– Preciso juntar–me à minha unidade. Alexandre vai passar em revista as tropas.
Os trompetes tocaram de novo, várias vezes, e o exército perfilou–se paralelamente à orla do mar, cada unidade com seus estandartes e suas insígnias.
A infantaria era formada por trinta e dois mil homens ao todo. Na ala esquerda havia três mil "escudeiros" e aí sete mil aliados gregos, apenas a décima parte daqueles que cento e cinqüenta anos antes haviam lutado contra os persas
em Platéias. Vestiam a armadura pesada tradicional da infantaria grega de linha e usavam maciços elmos corintios que protegiam o rosto até a base do pescoço, só deixando à mostra os olhos e a boca.
No centro havia os seis batalhões da falange, os pezéteros: cerca de dez mil homens. Na ala direita, por sua vez, os auxiliares bárbaros de norte: cinco mil trácios e tribalos que haviam aderido ao convite de Alexandre, seduzidos pelo soldo e pela possibilidade de saques. Eram extremamente valorosos, capazes das mais ousadas façanhas, incansáveis, e sabiam agüentar como ninguém a fome, o frio e as privações. De aspecto pavoroso, tinham cabelos ruivos e hirtos, longas barbas, pele clara e sardenta e o corpo coberto de tatuagens.
Entre estes bárbaros, os mais selvagens e primitivos eram os agrianos dos montes ilíricos: não entendiam patavina de grego e para comunicar–se com eles era preciso recorrer a um intérprete, mas tinham uma incomparável habilidade para escalar qualquer paredão rochoso usando cordas de fibra vegetal, ganchos e arpões. Todos os trácios e os demais auxiliares do norte estavam armados com elmos e corpetes de couro pequenos escudos em forma de meia–lua e longos sabres de ponta fina que podiam rasgar assim como perfurar. Em combate eram raivoso: como feras, e no corpo a corpo ficavam excitados a ponto de rasgar com mordidas a carne dos adversários. E finalmente, quase para contê–los, havia mais sete mil mercenários gregos de infantaria leve e pesada.
Nas extremidades, separada da infantaria, estava a cavalaria pesada dos éteros, dois mil e oitocentos homens ao todo, aos quais se juntavam outros tantos cavaleiros tessálios e cerca de quatro mil auxiliares, mais os cavaleiros de elite da "Ponta", o esquadrão de Alexandre.
O rei, na garupa de Bucéfalo, passou em revista o exército, unidade após unidade, tendo ao lado seus companheiros. Eumênio também estava lá,

armado da cabeça aos pés, empertigado em sua couraça ateniense de linho macerado, enfeitada e reforçada com placas de bronze lustrosas como espelhos. Enquanto passava diante daquela multidão, os seus pensamentos eram bastante prosaicos: calculava mentalmente quanto trigo, quantos legumes, quanto peixe salgado, quanta carne defumada e quanto vinho iriam ser necessários para aplacar a fome e a sede daquele pessoal todo, quanto dinheiro iria ter de gastar cada dia para adquirir nos mercados todas aquelas provisões; e também avaliava o tempo que levaria para acabar com os recursos que trouxera consigo.

Apesar disto, no entanto, esperava poder dar ao rei, antes mesmo do final do dia, algumas boas sugestões para o bom êxito da expedição.

Quando chegaram à frente da formação, Alexandre fez um sinal e Parmênio deu a ordem de partida. A longa coluna começou a avançar: a cavalaria nos flancos, em fileira dupla, e a infantaria no meio. Seguiram para o norte, ao longo da margem do rio.

O exército serpeava como uma gigantesca cobra e o elmo de Alexandre, encimado por duas longas plumas brancas, sobressaía de longe.

Dáunia apareceu naquele momento no limiar do santuário de Atena e parou no topo da escadaria. O jovem que a amara na areia ainda cálida à beira do mar naquela noite perfumada de primavera parecia agora tão pequeno quanto uma criança, reluzente sob o sol em sua armadura esmeradamente polida, lustrosa demais. Já não era ele, já não existia.

Sentiu um grande vazio dentro de si ao vê–lo aproximar–se do horizonte. Quando desapareceu por completo, enxugou os olhos com um rápido gesto da mão, voltou para o templo e fechou a porta atrás de si.

Enquanto isto Eumênio mandara partir dois estafetas escoltados, um para Lâmpsaco e o outro para Cízico, duas poderosas cidades gregas na zona dos Estreitos: a primeira surgia na costa e a outra, por sua vez, numa ilha. Renovava– lhes, por parte de Alexandre, a oferta da liberdade e um tratado de aliança.

O rei estava encantado com a paisagem e a cada curva virava–se para Heféstion.

– Olhe só aquela vila, olhe aquela árvore, olhe aquela estátua... – Tudo era novidade para ele, tudo era maravilha: os brancos vilarejos nas colinas, os santuários para divindades gregas e bárbaras, cercados pelas lavouras, o perfume das macieiras em flor, o reluzente verde das

romãzeiras.
À parte o seu exílio nas montanhas geladas da Ilírica, esta era a sua primeira viagem fora da Grécia.
Atrás dele cavalgavam Ptolomeu e Perdicas, enquanto todos os outros companheiros estavam à frente das respectivas unidades. Lisímaco e Leonato fechavam o longo cortejo, bastante afastados, no comando de duas unidades de retaguarda.
– Por que estamos indo para o norte? – perguntou Leonato.
– Alexandre quer o controle da margem asiática do estreito. Desta forma ninguém poderá entrar ou sair do Ponto sem a nossa permissão, e Atenas, que depende das importações de trigo que passam por aqui, terá ótimas razões para continuar sendo nossa amiga. Além disto, isolaremos todas as províncias persas que se espelham no mar Negro. E uma jogada inteligente.
– Concordo.
Seguiram adiante a passo, sob o sol que começava a ficar alto no céu. Aí Leonato retomou a palavra:
– Há uma coisa que não entendo.
– Não dá para entender tudo, na vida – brincou Lisímaco.
– Pode ser, mas gostaria que me explicasse toda esta calma. Desembarcamos com quarenta mil homens em plena luz do dia, Alexandre visitou o templo de Ílio, fez a sua dança em volta do túmulo de Aquiles, e ninguém aparece. Quer dizer, nenhum persa. Não acha estranho?
– Nem tanto.
– Como assim?
Lisímaco virou–se para trás.
– Está vendo aqueles dois lá em cima? – perguntou apontando para duas figuras a cavalo que apareciam na encosta das montanhas da Tróade. – Vêm nos seguindo desde o alvorecer, e provavelmente estão de olhos em nós desde ontem, e deve haver outros espalhados por aí.
– Então precisamos avisar Alexandre...
– Fique calmo. Alexandre já sabe, e também sabe muito bem que em algum lugar não longe daqui os persas devem estar nos aprontando uma recepção à altura.
A marcha prosseguiu sem problemas por toda a manhã, até a parada do meio–dia. Só se viam lavradores ocupados com seus afazeres nos

campos, ou grupos de crianças que corriam ao longo da estrada, gritando e tentando chamar a atenção.
Ao entardecer pararam perto de Abidos e Parmênio dispôs sentinelas a toda volta, e espalhou pela campina pequenos grupos de cavaleiros para evitar ataques de surpresa.
Logo que a tenda de Alexandre foi montada, ouviu–se o toque para a reunião do conselho e todos os generais se juntaram em volta da mesa, enquanto o jantar era servido. Calístenes também estava lá, mas faltava Eumênio, que mandara avisar que começassem sem ele.
– Amigos, aqui é muito melhor do que na Trácia! – exclamou Heféstion.
– O clima é ótimo, o pessoal parece hospitaleiro, já vi duas mocinhas bem simpáticas, e os persas não querem nada conosco. Quase parece que estou em Mieza, quando Aristóteles nos levava pelos bosques à cata de insetos.
– Não se iluda – rebateu Leonato. – Lisímaco e eu vimos dois cavaleiros que ficaram atrás de nós o dia inteiro, e certamente ainda devem estar por perto.
Parmênio, com seu estilo de general da velha guarda, pediu respeitosamente a palavra.
– Não precisa pedir permissão para falar, Parmênio – respondeu Alexandre.
– Aqui você é o homem com a maior experiência, e todos temos a aprender com você.
– Agradeço – disse o velho general. – Só queria saber quais são as suas intenções para amanhã e para o futuro próximo.
– Penetrar no interior, dentro do território diretamente controlado pelos persas. Nesta altura não terão escolha: serão forçados a lutar e nós os derrotaremos.
Parmênio não fez comentários.
– Não está de acordo?
– Em termos. Eu já me defrontei com os persas durante a primeira campanha: posso garantir que são adversários temíveis. E além disto podem contar com um comandante formidável: Mêmnon de Rodes.
– Um grego renegado! – explodiu Heféstion.
– Não. Um soldado profissional. Um mercenário.
– E não é a mesma coisa?
– Nem um pouco, Heféstion. Há homens que lutaram em muitas

guerras e que acabam se descobrindo vazios de qualquer ideal ou convicção, mas cheios de habilidade e experiência. Nessa altura vendem a sua espada ao melhor comprador, mas quando são homens honrados, e Mêmnon é, cumprem o que prometeram mantendo–se rigorosamente fiéis à palavra dada.
– Para nós Mêmnon representa um perigo, ainda mais porque traz consigo as suas tropas, de dez a quinze mil mercenários, todos gregos, todos bem armados e bastante temíveis em campo aberto.
– Derrotamos o Batalhão Sagrado dos tebanos – observou Seleuco.
– Não é a mesma coisa – rebateu Parmênio. – Estes são soldados profissionais: não fazem outra coisa a não ser lutar, e quando não estão lutando não param de treinar para a luta.
– Parmênio está certo – aprovou Alexandre. – Mêmnon é perigoso assim como é perigosa a sua falange mercenária, principalmente quando ladeada pela cavalaria persa.
Naquele momento chegou Eumênio.
– Você fica bem de armadura – escarneceu Cratero. – Parece um general. Pena que tenha pernas magras e tortas...
Todos caíram na gargalhada, mas Eumênio começou a declamar:
Não gosto de um general bonito e elegante de se ver:
Pode ser feio e de pernas tortas, mas seu coração não pode estremecer. (Arquíloco, fragmento 114 West)
– Muito bem! – gritou Calístenes. – Arquiloco é um dos meus poetas preferidos.
– Deixe–o falar – silenciou–os Alexandre. – Espero que Eumênio nos traga boas notícias.
– Boas e más, meu amigo. Escolha você mesmo por onde devo começar.
Alexandre mal conseguiu disfarçar o seu desapontamento.
– Comece pelas más. Com as boas a gente sempre acaba se acostumando. Pegue uma cadeira.
Eumênio sentou, ficando mesmo assim um tanto empertigado devido à armadura que lhe tolhia os movimentos.
– Os habitantes de Lâmpsaco disseram que já se sentem bastante livres e que não precisam da nossa ajuda. Em resumo, o seu recado é para que nos mantenhamos longe deles.
Alexandre estava ficando de cara amarrada e percebia que estava a ponto de ter um acesso de ira. Eumênio logo prosseguiu:

– Boas novas, no entanto, de Cízico. A cidade nos é favorável e aceita juntar–se a nós. É realmente uma boa notícia pois todos os salários dos mercenários ao serviço dos persas são pagos em moeda de Cízico. Estáteres de prata, para sermos precisos. Como este. – E jogou uma reluzente moeda na mesa. A moeda quicou e começou a rodar sobre si mesma como um pião até que a mão peluda de Cleito, o Negro, desceu para achatá–la com um baque seco.
– Então? – perguntou o general revirando–a entre os dedos.
– Se Cízico suspender a emissão de divisas para as províncias persas – explicou Eumênio –, não vai demorar para os governadores enfrentarem sérios problemas. Terão de sujeitar–se a novos impostos, ou então encontrar outras formas de pagamento, em geral não muito apreciadas pelos mercenários. E o mesmo vale para os suprimentos, os salários dos equipamentos da frota e tudo mais.
– Mas como conseguiu? – perguntou Cratero.
– É claro que não esperei até desembarcarmos na Ásia para mexer meus pauzinhos – replicou o secretário. – Já faz tempo que estou negociando com a cidade. Desde quando ainda havia... – baixou a cabeça – o rei Filipe.
O silêncio desceu de repente no interior da tenda, como se o espírito do grande soberano caído sob o punhal de um assassino no ápice da sua glória ainda pairasse sobre os presentes.
planos. Amanhã rumaremos para o interior: vamos provocar o leão na sua própria toca.
Em todo o mundo conhecido ninguém tinha mapas tão precisos e bem–feitos quanto os de Mêmnon de Rodes. Contavam que eram fruto da milenar experiência dos marujos da sua ilha e da habilidade de um cartógrafo cuja identidade era mantida em segredo.
O mercenário grego esticou o mapa sobre a mesa, prendeu os seus cantos com quatro castiçais, tirou uma peça de uma caixa de jogo e apoiou–a num ponto entre a Dardânia e a Frigia.
– Neste momento, Alexandre se encontra mais ou menos aqui.
Os membros do alto comando persa estavam todos de pé em volta da mesa, armados, de calças e botas, em trajes de guerra: Arsamenes, governador da Panfília, e Arsites, da Frigia, e aí Rheomitres, comandante da cavalaria bactriana, Rosakes e o comandante supremo Espithridates, o sátrapa da Lídia e da Jônia, um gigantesco irânico de pele olivácea e

olhos negros e profundos, que presidia a reunião.
– O que sugere? – perguntou este último em grego.
Mêmnon levantou os olhos do mapa: na casa dos quarenta, tinha têmporas grisalhas, braços musculosos e uma barba extremamente bem cuidada, retocada à navalha, que o fazia parecer um dos personagens representados pelos artistas gregos nos baixos–relevos ou na decoração dos seus vasos.
– Que notícias temos de Susa? – perguntou.
– Por enquanto nenhuma. Mas só poderemos contar com reforços maciços dentro de dois meses: as distâncias são enormes e o alistamento é bastante demorado.
– Teremos então que confiar somente em nossas próprias forças.
– Basicamente sim – confirmou Espithridates.
– Numericamente, somos inferiores.
– Quase equivalentes.
– Nesta situação, no entanto, a coisa tem o seu peso. Os macedônios têm uma estrutura de combate formidável, a melhor em absoluto. Já venceram em campo aberto exércitos de qualquer tipo e nacionalidade.
– Então?
– Alexandre está tentando nos provocar, mas acho que seria melhor evitarmos a confrontação direta. Eis o meu plano: precisamos soltar por aí um grande número de exploradores a cavalo que nos mantenham constantemente informados acerca dos seus movimentos, infiltrar espiões que nos deixem a par das suas intenções, e aí recuar diante dele deixando em volta terra queimada: não deve sobrar um grão de trigo sequer, nem um único gole de água potável.
– Patrulhas de cavalaria ligeira deverão então levar a cabo contínuas incursões contra os destacamentos que ele enviará em busca de mantimentos e forragem para os animais. Quando os inimigos estiverem esgotados pela fome e pelas privações, então, e só então, atacaremos com todas as nossas reservas, enquanto uma força expedicionária naval desembarcará nas costas da Macedônia.
mão sobre a espessa barba crespa, virou–se e foi até a sacada que dava para os campos. O vale de Zela era maravilhoso: do jardim que cercava o seu palácio subia o perfume um tanto amargo do pilriteiro florido e o mais doce e delicado dos jasmins e dos lírios; as copas cândidas das cerejeiras e dos pessegueiros em flor, plantas dignas dos deuses que só

cresciam no seu pairidaeza, brilhavam no sol primaveril.
Olhou para os bosques que cobriam as encostas dos montes, para os jardins e os palácios dos outros nobres persas reunidos atrás dele em volta da mesa, e imaginou todas aquelas maravilhas assoladas e destruídas pelo fogo de Mêmnon, aquele mar de esmeralda transformado em fumegante deserto de cinzas e tições. Virou–se de repente e disse:
– Não!
– Mas senhor... – objetou Mêmnon, aproximando–se. – Avaliou direito as características do meu plano? Eu acho que...
– Não é possível, comandante – afirmou com dureza o sátrapa. – Não podemos destruir os nossos jardins, as lavouras e os palácios e fugir. Antes de tudo não combina com o nosso espírito, e, além disto, seria um crime infligir ao nosso território prejuízos maiores do que aqueles que o próprio inimigo poderia provocar. Não, vamos enfrentá–lo e escorraçá–lo de volta. Este Alexandre não passa de um jovem presumido que merece uma boa lição.
– Peço que considere – insistiu Mêmnon – que a minha casa e as minhas propriedades também estão nestas terras, e que estou pronto a sacrificar tudo pela vitória.
– A sua honestidade está acima de qualquer suspeita – rebateu Espithridates. – Só estou dizendo que seu plano é irrealizável. Repito, lutaremos e rechaçaremos os macedônios. – Virou–se para os demais generais: – A partir de agora todas as tropas se manterão em estado de alerta e vocês terão de chamar até o último homem capaz de lutar sob as nossas insígnias. Já não temos tempo a perder.
Mêmnon sacudiu a cabeça.
– É um erro, vocês mesmos poderão ver, mas receio que então será tarde demais.
– Não seja tão pessimista – disse o persa. – Procuraremos enfrentá–los de uma posição vantajosa.
– Que seria?
Espithridates inclinou–se sobre a mesa apoiando–se no braço esquerdo e começou a explorar o mapa com a ponta do indicador da mão direita. Parou em uma cobrazinha azulada, indicando um rio que corria para o norte, no mar interior da Propôntide.
– Eu diria aqui.

– No Granico? Espithridates anuiu.
– Conhece o lugar, comandante?
– Razoavelmente.
– Eu conheço muito bem, pois costumo ir caçar por lá. Nesse ponto o rio tem margens íngremes e barrentas. Difíceis ou até mesmo impossíveis para a
rechaçá–los e, na mesmo noite, estão todos convidados para um banquete aqui, no meu palácio de Zela, para festejarmos a nossa vitória.



CAPÍTULO 3

Já estava escuro quando Mêmnon voltou à sua mansão: um magnífico edifício de estilo oriental no topo de uma colina, encravado em um parque com caça de todo tipo e cercado por uma ampla propriedade com casas, gado, campos de trigo, videiras, oliveiras e árvores frutíferas.

Há muitos anos vivia como persa entre os persas, e casara com Barsine, uma nobre persa filha do sátrapa Artabazo, uma mulher de incrível beleza, de pele olivácea, longos cabelos negros e formas sinuosas, delicadas, como que de gazela do planalto.

Os seus filhos, dois meninos, um de quinze e o outro de onze anos, falavam com grande espontaneidade tanto a língua do pai quanto a da mãe e haviam sido educados em ambas as culturas. Como jovens persas haviam sido acostumados a nunca mentir, por motivo algum, e a praticar arco e flecha e equitação; como gregos, cultuavam a coragem e a honra em combate, conheciam os poemas homéricos, as tragédias de Sófocles e Euripides, e as teorias dos filósofos jônicos. Tinham a pele escura e os cabelos negros da mãe, o corpo musculoso e os olhos verdes do pai. O mais velho, Etéocles, tinha um nome grego; o caçula, Fraates, um nome persa.

A mansão ficava no meio de um jardim persa cultivado e cuidado por jardineiros persas, com plantas e animais raros, inclusive os maravilhosos pavões indianos de Palimbothra, uma cidade quase lendária sobre o rio Ganges. No interior havia esculturas persas e babilônias, antigos baixos–relevos heteus que Mêmnon mandara tirar de uma cidade abandonada no planalto, esplêndidos aparelhos de simpósio em cerâmica ática, bronzes de Corinto e da longínqua Etrúria, esculturas em mármore de Paros pintadas com vivas cores.

Nas paredes estavam pendurados quadros dos maiores pintores da época: Apeles, Zêuxis, Parrásio, com cenas de caça e de guerra, assim como representações mitológicas das aventuras heróicas que a tradição tornara famosas.

Tudo, naquela casa, era uma mescla de culturas diferentes; mesmo

assim, no entanto, deixava no visitante uma impressão de singular e quase incompreensível harmonia.
Dois serviçais receberam o amo, ajudaram–no a tirar a armadura, levaram– no ao quarto de banho para que pudesse se refrescar antes do jantar. Barsine juntou–se a ele oferecendo–lhe uma taça de vinho fresco e sentou–se ao seu lado para fazer–lhe companhia.
– Que novidades temos acerca da invasão? – perguntou.
– Alexandre está marchando para o interior, provavelmente para nos induzir a um choque frontal.
– Não quiseram te ouvir, e agora o inimigo está às nossas portas.
Achávamos que as guerras na Grécia iriam mantê–lo ocupado por um bom tempo desgastando as suas forças. Uma previsão totalmente errada.
– Que tipo de homem é? – perguntou Barsine.
– Parece bastante difícil definir o seu caráter: é muito jovem, muito bonito, impulsivo e passional, mas dizem que diante do perigo se torna frio como gelo, capaz de avaliar com total desprendimento as situações mais delicadas e complexas.
– E não tem pontos fracos?
– Gosta de vinho, gosta de mulheres, mas parece ter um único afeto estável: o seu amigo Heféstion, que provavelmente é para ele muito mais do que um amigo. Contam que são amantes.
– É casado?
– Não. Partiu sem deixar herdeiros do trono da Macedônia. Parece que antes de ir embora se desfez de todas as suas propriedades em prol dos seus íntimos.
Barsine fez um sinal para as criadas os deixarem e cuidou pessoalmente do marido que saía da banheira. Pegou um pano macio de linho jônico e envolveu seus ombros para enxugar–lhe as costas. Mêmnon continuava a falar do seu inimigo:
– Dizem que um destes íntimos lhe perguntou: "O que vai guardar para si?" "A esperança" teria respondido Alexandre. Difícil de acreditar, mas isto deixa bem claro que o jovem soberano já é uma lenda. E isto é ruim: fica muito difícil lutar contra um mito.
– Realmente não tem uma mulher? – perguntou Barsine.
Uma criada levou o pano úmido e outra ajudou Mêmnon a vestir a roupa para o jantar: um quitão que lhe chegava aos pés, azul, com enfeites prateados nas bordas.

– Qual é a razão de tanto interesse?
– Acontece que as mulheres são sempre o ponto fraco dos homens.
Mêmnon ficou de braços dados com ela e dirigiu–se à sala de jantar, onde as mesas estavam dispostas ao estilo grego diante dos leitos do convívio.
Ficou sentado e uma criada serviu–lhe mais uma taça de vinho fresco e leve, tirado de uma magnífica cratera corintia com mais de duzentos anos, que dominava a mesa central.
Mêmnon apontou para uma tábua de Apeles pendurada na parede bem diante dele: representava uma cena de amor bastante ousada entre Ares e Afrodite.
– Lembra–se de quando Apeles esteve aqui para pintar esse quadro?
– Sim, perfeitamente – respondeu Barsine que sempre se deitava de costas para aquela obra, nunca se acostumando com o descaramento com que os gregos representavam a nudez.
– E lembra a jovem que posava para ele como Afrodite?
– Claro. Era maravilhosa: uma das mulheres mais lindas que já vi, realmente digna de personificar a deusa do amor e da beleza.
– Era a amante grega de Alexandre.
– Não pode estar falando sério.
– Isto mesmo. O nome dela é Kampaspe, e quando se despiu pela primeira vez diante de Alexandre ele ficou tão impressionado que mandou chamar Apeles para retratá–la nua. Mas aí percebeu que o pintor se apaixonara perdidamente por ela: pode acontecer entre o artista e a sua modelo. E sabe o que fez? Deu–a de presente, mas em troca quis a pintura. Alexandre não se deixa dominar por coisa alguma, nem mesmo pelo amor, receio. É muito perigoso, pode crer.
Barsine fitou–o nos olhos.
– E quanto a você? Deixa–se vencer pelo amor? Mêmnon encarou o seu olhar:
– É o único adversário pelo qual aceito ser vencido.
Os garotos vieram despedir–se antes de dormir e beijaram tanto o pai quanto a mãe.
– Quando é que vai nos levar contigo em combate, papai? – perguntou o mais velho.
– Ainda é cedo – respondeu Mêmnon. – Precisam crescer. – E aí, depois que se retiraram, baixando a cabeça sobre o peito: – E decidir de que

lado querem lutar.
Barsine ficou calada durante algum tempo.
– No que está pensando? – perguntou–lhe o marido.
– Na próxima batalha, nos perigos que terá de enfrentar, na angústia com que esperarei na torre a chegada de um mensageiro para dizer–me se está vivo ou morto.
– É a minha vida, Barsine. Sou um soldado profissional.
– Sei disto, mas o fato de saber não ajuda. Quando vai ser?
– O embate com Alexandre? Cedo, embora eu não concorde. Muito cedo. Acabaram de jantar tomando um vinho doce de Chipre, aí Mêmnon levantou os olhos para o quadro de Apeles que tinha diante de si. O deus Ares era representado sem suas armas, que jaziam no chão, na grama, e a deusa Afrodite sentava ao seu lado, nua, deixando a cabeça dele deitada no seu ventre e acariciando–lhe as coxas com as mãos.
Virou–se para Barsine segurando–lhe a mão.
– Vamos para a cama – disse.



CAPÍTULO 4

Ptolomeu voltou da sua ronda de inspeção ao longo da vala que cercava o acampamento e dirigiu–se ao corpo de guarda principal para certificar–se do ordenado revezamento dos turnos sucessivos. Reparou que ainda havia luz na tenda de Alexandre e aproximou–se. Péritas dormitava no canil e nem olhou para ele. Passou pelos guardas e enfiou a cabeça entre as cortinas.

– Será que ainda há um gole de vinho para um velho soldado cansado e sedento?

– Percebi logo que só podia ser você quando o seu nariz apareceu na entrada – brincou Alexandre. – Sente, pegue você mesmo um copo. Já mandei Leptine dormir.

Ptolomeu pegou uma jarra e serviu–se enchendo a taça de vinho. Deu alguns goles e aí, espiando por trás dos ombros do rei, perguntou:

– O que está lendo?

– Xenofonte, a "retirada dos dez mil".

– Grande sujeito, esse Xenofonte. Conseguiu transformar uma retirada numa façanha mais gloriosa do que a própria guerra de Tróia...

Alexandre rabiscou uma anotação numa folha, apoiou o punhal no rolo para marcar a linha e levantou a cabeça.

– Na verdade, é um livro muito interessante. Escute só:

"Já estamos no fim da tarde, a hora em que os bárbaros costumam recuar: com efeito, têm o hábito de acampar a não menos de sessenta estádios de distância, com medo de que os gregos aproveitem a escuridão para atacá–los. E de fato, à noite, o exército persa não vale nada. Não só reúnem os cavalos como também os prendem com peias para evitar que fujam se por acaso conseguirem sair do cercado. Assim sendo, no caso de um ataque noturno, o persa precisa soltar o cavalo, botar–lhe freio e rédeas, vestir a armadura, pular na garupa, todas operações bastante difíceis na escuridão da noite e na confusão de um ataque..."

Ptolomeu anuiu.

– Acha que é verdade?

– E por que não? Todo exército tem seus costumes e não gosta de mudar as tradições.
– No que está pensando?
– Os exploradores informaram que os persas deixaram Zela rumando para o ocidente. O que significa que marcham contra nós para nos barrarem o caminho.
– É o que parece.
– De fato... Agora escute, se fosse o comandante deles, que local escolheria para deter o nosso avanço?
Ptolomeu aproximou–se da mesa na qual estava desdobrado um mapa da Anatólia, pegou uma lamparina e foi passando com ela da linha da costa para o interior. Aí parou.
– Há este rio. Como se chama?
– Granico – respondeu Alexandre. – E tudo indica que é lá mesmo que vão esperar por nós.
– E você planeja atravessar o rio no escuro e atacá–los na outra margem antes do sol nascer. Adivinhei?
Alexandre voltou à leitura de Xenofonte.
– Já te disse: é uma obra muito interessante. Deveria arranjar um exemplar. Ptolomeu sacudiu a cabeça.
– Algo errado?
– Oh, não, o plano é ótimo. Só que...
– O que foi?
– Ora, sabe como é. Depois da sua dança em volta do túmulo de Aquiles e das suas armas tiradas do templo de Atena Ilírica, eu imaginava uma batalha em campo aberto, à luz do dia, cara a cara. Uma batalha... homérica, digamos assim.
– E vai ser – replicou Alexandre. – E por isto que trouxe Calístenes comigo. Por enquanto, porém, não quero arriscar inutilmente a vida de um homem sequer, a não ser que seja forçado. E o mesmo terão de fazer todos vocês.
– Pode ficar tranqüilo.
Ptolomeu sentou–se e ficou olhando o seu rei que continuava a escrever suas anotações no rolo diante dele.
– Aquele Mêmnon é um osso duro de roer – disse então.
– Sei. Parmênio contou–me a respeito dele.
– E a cavalaria persa?

– Temos lanças mais longas e de madeira mais robusta.
– Espero que seja suficiente.
– O resto ficará por conta da surpresa e da nossa vontade de vencer: a esta altura, precisamos derrotá–los custe o que custar. E agora, se quiser um bom conselho, vá descansar. Os clarins vão tocar antes da alvorada e marcharemos o dia todo.
– Quer posicionar as tropas antes de amanhã à noite, não é?
– Isto mesmo. Teremos o conselho de guerra às margens do Granito.
– E quanto a você, não pretende dormir?
– Haverá tempo para isto... Que os deuses te concedam uma noite serena, Ptolomeu.
– A você também, Alexandre.
Ptolomeu chegou à sua tenda que havia sido erguida em uma pequena elevação perto da cerca oriental do acampamento, lavou–se, trocou de roupa e preparou–se para a noite. Deu mais uma olhada para fora antes de deitar–se e viu que havia só duas tendas iluminadas: a de Alexandre e, bem mais longe, a de Parmênio.
Como Alexandre mandara, os clarins tocaram antes da alvorada, mas os cozinheiros já estavam de pé havia um bom tempo aprontando o desjejum: panelões fumegantes de maza, uma polenta semilíquida de cevada enriquecida com queijo. Para os oficiais, por sua vez, havia pães de trigo, queijo de cabra e leite de vaca.
No segundo toque o soberano montou a cavalo e ficou à frente do seu exército perto da porta oriental do acampamento, acompanhado pela guarda pessoal e por Perdicas, Cratero e Lisímaco. Atrás dele movimentou–se a falange dos pezéteros, precedida por pelotões de cavalaria ligeira, seguida pela infantaria pesada grega e pelos auxiliares trácios, tribalos e agrianos, e flanqueada por duas fileiras de cavalaria pesada.
A oriente o céu ia ficando rosado enquanto o canto dos pássaros e o assobio dos melros já ressoavam no ar. Bandos de pombos silvestre levantavam– se dos bosques ao redor com o aproximar–se do ruído cadenciado da marcha e do tilintar das armas que os despertavam do torpor noturno.
A Frigia mostrava–se aos olhos de Alexandre com uma paisagem das colinas cobertas de abetos, de pequenos vales percorridos por límpido riachos ao longo dos quais surgiam fileiras de choupos prateados e

salgueiros de folhas reluzentes. Rebanhos e manadas iam para o pasto guiados por homens e vigiados por cães; a vida parecia seguir tranqüilamente o seu curso como se o som
ameaçador das tropas em marcha pudesse se misturar em harmonia com o balido dos cordeiros e o mugir do dos bezerros.
À esquerda e à direita do exército, nos vales paralelos à direção da marcha, avançavam pequenos grupos de exploradores sem insígnias nem armaduras, disfarçados, encarregados de manter afastados eventuais espiões persas. Mas era uma precaução inútil: qualquer pastor ou lavrador poderia ser um espião inimigo.
No fim da coluna, escoltado por uma meia dúzia de cavaleiros tessálios, avançava Calístenes, junto com Filotas e uma mula com dois fardos cheios de rolos de papiro. De vez em quando, nos momentos de pausa, o historiador sentava–se em um banquinho, tirava uma tábua de madeira e um rolo de um dos fardos e começava a escrever sob o olhar curioso dos soldados.
Espalhara–se rapidamente a notícia de que aquele jovem ossudo e com ar de sabichão iria narrar a história da expedição, e bem no fundo da alma todos esperavam ter, mais cedo ou mais tarde, a chance de serem imortalizados naquelas páginas. Ninguém mostrava o menor interesse, no entanto, pelos relatórios diários de Eumênio e dos demais oficiais encarregados de manter o diário da marcha e o cronograma das etapas seguintes.
Pararam para almoçar lá pelo meio–dia e aí, já perto do Granico, detiveram– se de novo por ordem de Alexandre, ao abrigo de uma baixa cadeia de colinas, à espera da escuridão.
Pouco antes do pôr–do–sol o rei convocou o conselho de guerra na sua tenda e explicou o seu plano de batalha. Estavam presentes Cratero, que chefiava uma unidade de cavalaria pesada, Parmênio, responsável pelo comando da falange dos pezéteros, e Cleito, o Negro. E também estavam lá todos os companheiros de Alexandre que formavam a sua guarda pessoal e militavam na cavalaria: Ptolomeu, Lisímaco, Seleuco, Heféstion, Leonato, Perdicas e até Eumênio, que continuava a comparecer às reuniões em trajes de guerra, com couraça, caneleiras e cinturão: parecia ter criado gosto pela coisa.
– Logo que escurecer – começou o rei –, um batalhão de assalto da cavalaria ligeira atravessará o rio com um grupo de auxiliares e se

aproximará o mais que puder do acampamento persa para mantê–lo sob vigilância. Alguém voltará de pronto para nos informar a que distância eles ficaram do rio, e, se por algum motivo os bárbaros decidirem se movimentar durante a noite, outros exploradores deverão nos avisar imediatamente.
– Quanto a nós, não acenderemos fogueiras e amanhã os comandantes de batalhão e os demais oficiais acordarão suas tropas sem o toque dos clarins, pouco antes que termine o quarto turno de guarda. Se o caminho estiver livre, a cavalaria será a primeira a atravessar o rio, ficará em formação na outra margem e, quando a infantaria também tiver passado, seguirá adiante. Esse será o momento crucial do dia, – observou olhando em volta. – Se os meus cálculos estiverem certos, os persas ainda deverão estar em suas tendas, ou pelo menos não em posição de combate. Nesta altura, já tendo avaliado a distância das linhas inimigas, desencadearemos o ataque com uma carga da cavalaria que espalhará o pânico entre as fileiras dos bárbaros. Logo a seguir a falange acertará o golpe de malho definitivo. Os auxiliares e as unidades de assalto cuidarão do resto.
– Quem vai guiar a cavalaria? – perguntou Parmênio que até então ficara calado, só ouvindo.
– Eu – respondeu Alexandre.
– Não me parece ajuizado, senhor. É perigoso demais. Deixe que Cratero faça isto: estava comigo na primeira expedição na Ásia e tem bastante experiência.
– O general Parmênio está certo – afirmou Seleuco. – É o nosso primeiro embate contra os persas, não podemos correr o risco de comprometê–lo.
O soberano levantou a mão para acabar com qualquer conversa.
– Já me viram lutar em Queronéia contra o Batalhão Sagrado e no rio Istros contra os trácios e os tribalos: como podem pensar que agora me porte de forma diferente? Chefiarei pessoalmente a Ponta e serei o primeiro macedônio a entrar em contato com o inimigo. Os meus homens precisam saber que enfrento os mesmos perigos que eles enfrentam, e que nesta batalha arriscamos tudo, até mesmo a vida. Nada mais tenho a dizer, por enquanto. Espero todos para o jantar.
Ninguém teve coragem de replicar mas Eumênio, sentado ao lado de Parmênio, murmurou–lhe no ouvido:
– Eu poria ao seu lado alguém com muita experiência, alguém que já

tenha lutado contra os persas e conheça as suas técnicas.
– Já pensei nisto – tranqüilizou–o o general. – Quem vai ficar ao lado do rei será o Negro: não se preocupe, tudo vai dar certo.
O conselho foi dado por encerrado. Todos saíram e juntaram–se às suas unidades para as providências de última hora. Eumênio ficou para trás e aproximou–se de Alexandre.
– Queria dizer que seu plano é excelente, mas continua havendo uma incógnita, e bastante séria.
– Os mercenários de Mêmnon.
– Pois é. Se por acaso se fecharem formando um quadrado, vai ser difícil até para sua cavalaria.
– Eu sei. A nossa falange poderia ter problemas, poderia até ser forçada a usar as armas curtas, a espada e o machado. Mas há outra coisa...
Eumênio decidiu sentar, puxou o manto sobre os joelhos e aquele gesto lembrou a Alexandre o seu pai Filipe, quando se sentava depois de um acesso de ira. Mas com Eumênio o caso era outro: de noite já fazia frio, ele não estava acostumado a andar por aí vestindo apenas o curto quitão militar, e a pele das suas pernas estava toda arrepiada.
O soberano tirou um rolo de papiro da sua famosa caixa, aquela que continha a edição de Homero que Aristóteles lhe dera, e abriu–o em cima da mesa.
– Já conhece a "retirada dos dez mil", não é?
– E como! É uma leitura obrigatória em todas as escolas, uma prosa que escorre tranqüila e que até os garotos podem ler sem dificuldade.
– Muito bem, então escute. Estamos no campo de batalha de Cunaxa, há mais ou menos sessenta anos, e as palavras relatam as ordens de Ciro, o Jovem, para o comandante Clearco:
“Mandou que levasse as suas tropas para o centro da formação inimiga porque o rei estava lá. – E se o matarmos, –afirmou, – já estamos feitos.
– Quer dizer que tenciona matar o comandante inimigo com suas próprias mãos – disse Eumênio com um tom de total desaprovação.
– É por isto que comandarei a Ponta. E aí vamos cuidar dos mercenários de Mêmnon.
– Entendi e já estou indo. De qualquer forma não iria ouvir os meus conselhos.
– Não, senhor secretário geral – riu Alexandre. – Mas isto não quer dizer que não o queira bem.

– Eu também te quero bem, maldito cabeçudo. Que os deuses te protejam.
– E protejam a você também, meu amigo.
Eumênio saiu, chegou à sua tenda, tirou a armadura, vestiu alguma coisa quente e começou a ler um manual de tática militar à espera da hora do jantar.



CAPÍTULO 5

O rio corria veloz, caudaloso devido às neves que se derretiam nos montes Pônticos, e uma brisa leve, de poente, agitava as copas dos álamos que cresciam ao longo das margens. Margens íngremes, barrentas, encharcadas pelas chuvas recentes.

Alexandre, Heféstion, Seleuco e Perdicas se haviam postado em uma pequena altura de onde podiam ver o curso do Granico assim como uma parte do território além da margem oriental.

– O que lhes parece? – perguntou o soberano.

– O barro das margens está encharcado – observou Seleuco. – Se os bárbaros tomarem posição ao longo do rio, vamos ser alvo de uma saraivada de lanças e flechas: poderão nos dizimar antes mesmo que cheguemos ao outro lado e, uma vez lá, os nossos cavalos vão afundar na lama até os joelhos, muitos vão quebrar as pernas, e estaremos mais uma vez à mercê dos inimigos.

– A situação não seria nada fácil – comentou lacônico Perdicas.

– Ainda é cedo para nos preocuparmos. Vamos esperar que voltem os exploradores.

Ficaram em silêncio por algum tempo, e o rumorejar das águas só era dominado pelo monótono coaxar das rãs nos brejos vizinhos e pelo cricrilar dos grilos que começava a se avolumar na noite serena. Em certa altura ouviu–se um chamado, parecido com o chirriar de uma coruja.

– São eles – disse Heféstion.

Ouviram o ruído de barro mole pisoteado e aí o gorgolejo do rio em volta de dois vultos escuros que o atravessavam: dois exploradores do batalhão dos "escudeiros".

– Então? – perguntou Alexandre com impaciência. Os dois tinham um aspecto horrível, completamente cobertos de lama vermelha da cabeça aos pés.

– Rei – anunciou o primeiro –, os bárbaros acamparam a uns dois ou três estádios do Granico, em um morro que domina a planície até o rio. Têm uma dupla fileira de sentinelas e quatro patrulhas de arqueiros que

vigiam a área entre o campo e esta margem. E muito difícil aproximar–se sem ser visto. E mais, por
todo canto, nos corpos de guarda, há fogueiras acesas e os guardas projetam a luz das chamas com o côncavo de escudos polidos.
– Muito bem – disse Alexandre. – Voltem e fiquem na outra margem do rio. Se houver qualquer movimento ou sinal inesperado no acampamento adversário se apressem a nos dar o alarme avisando o piquete da cavalaria atrás daqueles choupos. Eu ficarei sabendo logo e poderei me mover conforme achar mais oportuno. Agora vão, e cuidado para que não os descubram.
Os dois desceram de novo para o rio e atravessaram–no com a água até a cintura. Alexandre e os amigos pegaram os cavalos para voltarem ao acampamento.
– E se amanhã dermos de cara com eles na outra margem do Granico? – perguntou Perdicas segurando pelo cabresto o seu murzelo.
Alexandre passou rapidamente uma mão entre os cabelos, como sempre fazia quando mil pensamentos passavam pela sua cabeça:
– Neste caso teremos de postar a infantaria bem perto do rio. Não faz sentido usar a cavalaria para manter uma posição fixa.
– É verdade – assentiu Perdicas, cada vez mais lacônico.
– Quer dizer que usarão a infantaria, e nós enviaremos as tropas de assalto dos tribalos, trácios e agrianos, mais os "escudeiros", protegidos por uma densa saraivada de flechas e dardos da infantaria ligeira. Se os nossos conseguirem desalojar os bárbaros, mandaremos avançar a infantaria pesada grega e a falange, enquanto a cavalaria protegerá os flancos. Mas ainda é muito cedo para decidir. Vamos voltar, daqui a pouco o jantar deve estar pronto.
Chegaram ao acampamento e Alexandre convidou os comandantes para a sua tenda, inclusive os chefes dos auxiliares estrangeiros, que se sentiram muito honrados.
Comeram armados, como a situação exigia. O vinho foi servido à moda grega, com três partes de água, para que a discussão pudesse ser enfrentada com a devida lucidez, e também porque os agrianos e os tribalos se tornavam perigosos quando bêbados.
O soberano informou–os sobre a situação atual e todos respiraram aliviados pensando que, pelo menos por enquanto, os inimigos não guarneciam diretamente a margem do rio.

– Senhor – interveio Parmênio –, o Negro pede a honra de proteger o seu flanco direito amanhã: já lutou em primeira linha durante a campanha anterior contra os persas.
– E já protegi várias vezes o flanco do rei Filipe, seu pai – acrescentou Cleito.
– Então ficará ao meu lado – confirmou Alexandre.
– Há mais alguma ordem? – perguntou Parmênio.
– Sim. Reparei que já temos um séquito de mulheres e mercadores. Quero
todos eles fora do acampamento e vigiados de perto até a conclusão do nosso ataque. E quero que um destacamento de infantaria ligeira fique na margem do rio a noite toda, pronto para o combate. É claro que amanhã estes homens não lutarão: estarão cansados demais.
O jantar demorou pouco tempo, os comandantes saíram e Alexandre também se preparou para dormir. Leptine ajudou–o a tirar a armadura e a roupa enquanto o banho, já pronto, esperava em um canto separado da tenda real.
– E verdade que lutará, meu senhor? – perguntou–lhe ao esfregar seus ombros com a esponja.
– Isto não é da sua conta, Leptine. E se voltar a espionar por trás das cortinas, mandarei te afastar.
A jovem baixou os olhos e ficou em silêncio por algum tempo. Depois, quando percebeu que Alexandre não estava zangado, prosseguiu:
– Por que não é da minha conta?
– Porque nada de mal vai acontecer contigo no dia em que porventura eu venha a cair em combate. Terá a liberdade e uma renda suficiente para viver.
Leptine fitou–o com aflita intensidade. O seu queixo tremia e os olhos ficaram úmidos: virou a cabeça para que ele não percebesse.
Mas Alexandre reparou nas lágrimas que lhe escorriam nas faces.
– Por que está chorando? Achei que ficaria contente.
A jovem engoliu o pranto e disse, logo foi capaz de falar:
– Só ficarei contente enquanto puder vê–lo, meu senhor. Sem o ver, Para mim não há luz, nem respiração, nem vida.
Os ruídos do acampamento amorteceram: ouviam–se apenas as vozes das sentinelas que se chamavam no escuro e o latir dos cães sem dono que vagavam em busca de comida. Por um momento Alexandre pareceu

prestar atenção, aí levantou–se da tina e ela se aproximou para enxugá–lo.
– Dormirei vestido – afirmou o soberano. Envolveu–se em roupas limpas e escolheu a armadura que iria usar no dia seguinte: um elmo de bronze laminado com prata em forma de cabeça de leão de boca escancarada, enfeitado com duas longas plumas brancas de garça, uma couraça ateniense de linho macerado com peitoral de bronze em forma de górgone, caneleiras laminadas de bronze tão polidas que pareciam de ouro, um cinturão de couro vermelho com o rosto da deusa Atena no meio.
– Poderá ser reconhecido bem de longe – observou Leptine com voz trêmula.
– Os meus homens precisam me ver e saber que arrisco a minha vida antes da deles. E agora pode ir dormir, não há mais nada que possas fazer aqui.
A jovem saiu com passo leve e ligeiro. Alexandre apoiou as armas no cabide que ficava ao lado da cama e apagou a lamparina. Mesmo no escuro, dava para ver a panóplia: parecia o fantasma de um guerreiro que aguardava imóvel a luz da alvorada para voltar à vida.

CAPÍTULO 6

Péritas acordou–o com uma lambida no rosto e Alexandre logo se levantou ficando em pé diante de dois ordenanças que o ajudaram a vestir a armadura. Como desjejum, Leptine trouxe–lhe em uma bandeja de prata a "caneca de Nestor": ovos crus batidos com queijo, farinha, mel e vinho.

O soberano comeu em pé enquanto afivelavam a sua couraça e as caneleiras, prendiam no ombro o cinturão e enganchavam nele a bainha com a espada.

– Não quero Bucéfalo – disse saindo. – As margens do rio são muito escorregadias e ele poderia quebrar uma perna. Tragam–me o baio sarmático.

Os ordenanças foram buscar o cavalo escolhido e ele dirigiu–se a pé para o centro do acampamento, segurando o elmo sob o braço esquerdo. Os homens já estavam quase todos em posição e a cada instante chegavam mais alguns para ocuparem os seus lugares nas fileiras, ao lado dos companheiros. Alexandre montou o corcel que acabavam de trazer–lhe e passou em revista primeiro os esquadrões da cavalaria macedônia e tessália, e depois a infantaria grega e a falange.

Os cavaleiros da Ponta esperavam por ele no limite do acampamento, ao lado da porta oriental, em perfeita ordem e formando cinco fileiras. Levantaram as lanças em silêncio quando o rei passou.

O rei ergueu então o braço para dar o sinal de partida, e o Negro postou–se imediatamente ao seu lado. Ouviu–se o tropel de milhares de cavalos movimentando–se e o abafado tilintar das armas dos guerreiros que avançavam a passo, enfileirados na escuridão.

Quando já estavam perto do Granico ouviu–se o galope de uns cavalos e quatro exploradores surgiram de repente das trevas, parando diante de Alexandre.

– Rei – disse o que os liderava –, os bárbaros ainda não se mexeram e estão acampados em uma pequena elevação que domina os arredores, a uns três estádios do rio. Na margem só há umas patrulhas de exploradores medas e citas que também ficam de olho no lado de cá.

Não creio que poderemos pegá–los completamente de surpresa.
– Não, é claro – admitiu Alexandre –, mas antes que o seu exército percorra os três estádios que o separam da margem oriental nós já teremos atravessado o vau e estaremos do outro lado. Nesta altura, o pior já terá passado. – Fez um sinal para que os seus guardas pessoais se aproximassem. – Avisem os comandantes de todas as unidades para que estejam preparados para passar para o outro lado logo que o terreno se abrir em uma clareira que desça diretamente para as margens. Ao toque dos clarins teremos de chegar ao rio e atravessar o vau o mais rápido possível. Primeiro a cavalaria.
Os guardas se afastaram e logo a seguir a infantaria parou para deixar avançar as duas colunas de cavaleiros que a ladeavam e que agora iriam se posicionar diante do Granico. A oriente o céu só se tingia de uma pálida claridade.
– Achavam que iríamos ter o sol nos olhos, mas ao contrário nem vamos ter a lua – disse Alexandre indicando a pequena foice luminosa que desaparecia ao sul, atrás das colinas da Frigia.
Levantou o braço e empurrou o cavalo no rio seguido pelo Negro e por todo o esquadrão da Ponta. Na mesma hora ouviu–se um grito na outra margem, e depois numerosos chamados, cada vez mais altos, e finalmente o som longo e lastimoso de um corno ao qual responderam, mais longe, outros sinais. Os exploradores medas e citas davam o alarme.
Alexandre, que já estava no meio do vau, berrou:
– Cornetas! – E as cornetas tocaram: uma só nota, aguda, penetrante, lançada como uma flecha contra a outra margem, que se misturou com as mais graves dos cornos, e logo a seguir as montanhas em volta ecoaram repetidamente.
O Granico fervilhava de espuma enquanto o soberano e a sua guarda avançavam o mais rápido possível. Ouviu–se um grito e um cavaleiro macedônio caiu, trespassado, na água. Os exploradores medas e citas se haviam juntado na margem e atiravam na multidão sem nem mesmo mirar. Outros foram feridos no pescoço, no peito, no ventre. Alexandre soltou o escudo do estribo e esporeou mais uma vez o baio. Estava fora!
– Em frente! – gritou. – Avante! Cometas!
O som dos metais tornou–se ainda mais agudo e penetrante, e responderam–lhe os relinchos dos corcéis, excitados pela confusão e

pelos gritos dos seus cavaleiros que os esporeavam e fustigavam para vencer o turvo remoinho da correnteza.
A segunda e a terceira fileira já haviam superado o centro do vau, e a quarta, a quinta e a sexta estavam entrando na água. Enquanto isto Alexandre galgava com o seu esquadrão a margem escorregadia. De longe ainda chegava, abafado, o rumor cadenciado da falange que marchava em perfeita formação de combate.
Já sem flechas, os exploradores inimigos deram meia volta com suas cavalgaduras e saíram em disparada rumo ao acampamento, onde nesta altura começava a ressoar o barulho confuso e tremendo das armas, enquanto sombras de guerreiros corriam por toda parte na escuridão, levando tochas, enchendo o ar de chamados e de gritos em cem línguas diferentes.
Alexandre organizou a formação da Ponta e ficou à sua frente, enquanto os dois esquadrões de éteros e os dois da cavalaria tessália posicionavam–se atrás e nos flancos, em quatro fileiras, às ordens dos respectivos comandantes. Os macedônios eram chefiados por Cratero e Perdicas, os tessálios pelo príncipe Amintas e pelos seus oficiais: Enômao e Equécrates. Os corneteiros só esperavam o sinal do soberano para tocar a carga.
– Negro – chamou Alexandre. – Onde estão os nossos infantes?
Cleito correu até a extremidade da formação e deu uma olhada para o rio.
– Estão subindo, rei!
– Então, cornetas! A galope!
As cometas tocaram de novo e doze mil cavalos lançaram–se para frente de cabeça baixa, bufando e relinchando, regulando a sua marcha pela passada poderosa do robusto baio sarmático de Alexandre.
Enquanto isto, do outro lado, a cavalaria persa estava se reunindo às pressas e com alguma confusão: os que já estavam em formação esperavam o sinal do comandante supremo, o sátrapa Espithridates.
Dois exploradores chegaram em disparada.
– Estão atacando, senhor! – gritaram.
– Então sigam–me! – ordenou Espithridates sem mais demora. – Vamos rechaçar estes yauna, vamos devolvê–los ao mar como alimento para os peixes! Avante! Avante!
corcéis niseus. Na primeira linha havia os medas e os khorasmos com os

grandes arcos de dupla envergadura, atrás vinham os oxianos e os cadusos com seus longos sabres curvos, e por fim os saca e os drangeanos que empunhavam enormes cimitarras.
Logo que a cavalaria se mexeu, a infantaria pesada dos mercenários gregos seguiu atrás marchando em formação cerrada.
– Mercenários da Anatólia! – gritou–lhes Mêmnon erguendo a lança. – Espadas vendidas! Não tem pátria nem casa para onde voltar! Só podem vencer ou morrer. Lembrem–se disto, não haverá compaixão para nós, pois, embora gregos, lutamos do lado do Grande Rei. Homens, a nossa pátria é a nossa honra, a lança é o nosso pão. Lutem pela própria vida: é a única coisa que lhes resta.
Alalalài!
Lançou–se adiante com rápidas passadas e depois correndo. Os homens responderam:
Alalalài!
E então foram atrás dele mantendo a formação frontal, com um tremendo fragor de ferro e de bronze toda vez que os seus pés tocavam no chão.
Alexandre viu a nuvem branca de poeira a menos de um estádio de distância e gritou para o corneteiro:
– Passo de carga! – O trompete tocou provocando o galope furibundo da Ponta.
Os cavaleiros baixaram as lanças e se inclinaram para frente, segurando com a mão esquerda as rédeas e a juba dos seus corcéis até o choque, até a pavorosa maranha de homens e animais, de gritos e relinchos que se seguiu ao impacto das longas lanças de freixo e comiso e à densa saraivada de dardos persas.
Alexandre avistou Espithridates que lutava furiosamente com a espada já vermelha de sangue, um pouco para a sua direita, protegido à esquerda pelo gigantesco Rheomithres, e esporeou o cavalo naquela direção.
– Combata, bárbaro! Combata contra os rei dos macedônios, se tiver coragem!
Espithridates também incitou o cavalo contra o adversário lançando ao mesmo tempo o seu dardo. A ponta rasgou a ombreira da couraça de Alexandre arranhando–lhe a pele entre o pescoço e a clavícula, mas o soberano desembainhou a espada e investiu a toda velocidade contra ele, atropelando–o em cheio com a sua cavalgadura. O sátrapa,

desequilibrado pelo impacto, teve de agarrar–se ao corcel e descobriu o flanco. Na mesma hora Alexandre afundou a espada sob a sua axila, mas os persas já haviam concentrado seus ataques nele. Uma flecha acertou o seu baio que caiu de joelhos e ele não pôde evitar o machado de Rheomithres.
O seu escudo só conseguiu desviar parcialmente o golpe, que mesmo assim atingiu o elmo. A lâmina rachou o metal, cortou o feltro e incidiu sobre o
chão com seu cavalo.
Rheomithres levantou mais uma vez o machado, mas o Negro irrompeu naquele instante berrando como um louco e brandindo uma pesada espada Ilírica com a qual decepou o braço do outro.
O bárbaro caiu do cavalo aos gritos, e o sangue borbotou da articulação cortada apagando a sua vida antes mesmo que a espada de Alexandre, novamente de pé, lhe desse o golpe de misericórdia.
Aí o rei pulou na garupa do primeiro corcel que apareceu correndo solto pelo campo e entrou de novo na briga.
Apavorados com a morte do seu comandante, os persas começaram a recuar, enquanto o tremendo impacto dos quatro esquadrões de éteros e de cavaleiros tessálios chefiados por Amintas vinha fortalecer o primeiro choque da Ponta.
A cavalaria persa lutou valorosamente, mas suas fileiras já haviam sido desarticuladas pela Ponta que penetrava cada vez mais fundo e pela manobra convergente da cavalaria ligeira que atacava repetidamente pelos lados. Eram guerreiros trácios e tribalos, ferozes como animais selvagens, que investiam pelos flancos lançando enxames de dardos e flechas, à espera de entrar na luta corpo a corpo logo que o inimigo se mostrasse exangue e esgotado.
Os companheiros de Alexandre, Cratero, Filotas e Heféstion, Leonato, Perdicas, Ptolomeu, Seleuco e Lisímaco, seguindo o exemplo do seu rei, batiam– se na primeira linha e procuravam o embate direto com os comandantes inimigos, que tombaram numerosos. Entre eles, muitos parentes do Grande Rei.
A cavalaria persa pôs–se então em debandada, perseguida pelos éteros, pelos tessálios e pela extremamente móvel cavalaria ligeira dos trácios e dos tribalos, nesta altura já entregues a furibundos corpo a corpo.
Defrontavam–se agora a falange dos pezéteros e a dos mercenários de

Mêmnon, que continuavam a avançar compactos, ombro contra ombro, protegidos pelos grandes escudos convexos, os rostos cobertos pelas capacetes corintias. Os dois exércitos gritaram a plenos pulmões:
Alalalài!
E correram em frente com as armas estendidas.
A um sinal de Mêmnon, os mercenários gregos arremessaram as lanças de uma só vez derramando sobre o inimigo um enxame de hastes. Em seguida empunharam as espadas e jogaram–se contra os macedônios antes que estes tivessem tempo de recompor suas fileiras. Vibravam vigorosos golpes e procuravam quebrar as sarissas na tentativa de forçar uma passagem na frente adversária.
Dando–se conta do perigo, Parmênio mandou entrar na luta os selvagens agrianos e empurrou–os contra os flancos da formação de Mêmnon, que teve de recuar para defender–se.
A falange cerrou novamente as suas fileiras e voltou a avançar de lanças baixas. Os mercenários gregos, nesta altura, também ficaram cercados por trás
pela cavalaria macedônia que voltava da perseguição dos persas, mas lutaram valentemente até o fim.
O sol já enchia de luz a planície em que os corpos jaziam amontoados uns sobre os outros. Alexandre mandou buscar Bucéfalo, enquanto os veterinários cuidavam do seu baio ferido, e passou em revista as tropas vencedoras. Tinha o rosto manchado de sangue devido ao ferimento na cabeça, a couraça rasgada pelo dardo de Espithridates, e o corpo coberto de suor e de poeira, mas aos olhos dos seus homens naquele momento parecia um deus. Batiam as lanças sobre os escudos como no dia em que Filipe anunciara ao exército o seu nascimento e gritavam:
Aléxandre! Aléxandre! Aléxandre!
O rei dirigiu o olhar para a extremidade direita da formação dos pezéteros e viu o general Parmênio de pé, armado, com o corpo marcado pela batalha que acabava de enfrentar, ele, com quase setenta anos, de espada em punho, como os rapazes de vinte anos.
Aproximou–se, desceu do cavalo e abraçou–o enquanto os gritos dos soldados subiam ao céu.

CAPÍTULO 7

Os dois guerreiros agrianos curvaram–se sobre um grupo de cadáveres e começaram a tirar–lhes as armas de valor que em seguida jogavam numa charrete: elmos de bronze, espadas de ferro, caneleiras.

De repente, na luz já fraca e incerta do entardecer, um deles viu um bracelete de ouro com forma de cobra no pulso de um morto, enquanto o amigo estava de costas, aproximou–se com a intenção de guardar só para si aquele pequeno tesouro. Mas, quando se agachou para pegá–lo, um punhal faiscou como um relâmpago daquela maranha de corpos e cortou–lhe a garganta de uma orelha a outra.

O homem tombou sem dar um gemido. O companheiro, ocupado com o carregamento de armas na charrete, fazia tanto barulho que nem percebeu o baque da queda. Quando se virou, viu–se sozinho na escuridão e começou a chamar o amigo, pensando que se tratasse de alguma brincadeira.

– Vamos, apareça, não banque o idiota e vem logo ajudar para acabarmos com toda esta... – Não conseguiu terminar a frase: a mesma arma que havia degolado o outro guerreiro fincou–se em suas clavículas na base do pescoço penetrando até a empunhadura.

O agriano caiu de joelhos levando as mãos até o punho da arma, mas não teve forças para arrancá–la e tombou para frente batendo a cara no chão.

Livrando–se dos cadáveres entre os quais até então se escondera, Mêmnon finalmente levantou–se com esforço, cambaleando. Estava muito fraco, ardendo de febre, e continuava a sangrar por um grande ferimento que lhe sulcava a coxa esquerda.

Tirou o cinto de um dos agrianos e apertou–o logo abaixo da virilha, depois rasgou uma tira do quitão para enfaixar–se, diminuindo bastante a hemorragia.

Após levar a cabo o sumário curativo, arrastou–se de qualquer maneira ao abrigo de uma árvore e esperou que ficasse completamente escuro.

Abafados pela distância, ouvia ao longe os gritos de alegria que vinham

do acampamento macedônio e via à esquerda, a uns dois estádios dali, a reverberação das chamas que queimavam o acampamento persa, nesta altura já completamente saqueado pelo inimigo.
Cortou um cajado com a espada e saiu coxeando penosamente, enquanto começavam a aparecer na escuridão bandos de cães famintos que vinham descarnar os corpos dos soldados do Grande Rei, enrijecidos pela morte. Seguiu adiante cerrando os dentes para resistir à dor e vencer o cansaço que o atordoava. Enquanto avançava, sentia que a perna ferida se tornava cada vez mais dura, quase um peso morto.
De repente vislumbrou uma silhueta escura à sua frente: um cavalo perdido que voltara ao campo de batalha em busca do dono e que agora, confuso nas trevas, não sabia o que fazer. Mêmnon aproximou–se devagar, falou com ele para acalmá–lo e esticou lentamente o braço para segurar as rédeas que pendiam do seu pescoço.
Encostou–se mais, acariciou–o e aí, com um tremendo esforço, ergueu–se na garupa e incitou–o de leve com os calcanhares. O corcel avançou a passo e Mêmnon, segurando–se na crina, guiou–o para Zela, para casa. Mais de uma vez, durante a noite, quase chegou a cair, vencido pelo cansaço e pelo sangramento, mas a lembrança de Barsine e dos seus garotos deu–lhe ânimo, conseguiu dar–lhe forças para continuar até a última faísca de energia.
Às primeiras luzes do alvorecer, quando já estava a ponto de tombar ao chão, viu surgir da escuridão um diminuto grupo de soldados que se arrastava no limiar de um bosque. Ouviu uma voz a chamá–lo:
– Comandante, somos nós.
Eram quatro mercenários da sua guarda pessoal, extremamente devotados, que estavam procurando por ele. Mal conseguiu reconhecer seus rostos enquanto se aproximavam, e perdeu os sentidos.
Quando voltou a abrir os olhos viu–se cercado por um pelotão de cavaleiros persas em missão de exploração para descobrir até onde haviam chegado as forças inimigas.
– Sou o comandante Mêmnon – disse na língua deles – e sobrevivi à batalha do Granico com estes meus valorosos amigos. Leve–nos para casa.
O responsável pela patrulha desmontou, aproximou–se dele e pediu que os demais o ajudassem. Deitaram–no na sombra de uma árvore e deram lhe de beber de um cantil, tinha os lábios ressecados pela febre, o corpo

e o rosto sujos de sangue coagulado, de poeira e suor, os cabelos grudentos emplastrados na testa.
– Perdeu muito sangue – explicou o mais velho dos seus companheiros.
– Mande buscar um carro o mais rápido que puder – ordenou o oficial persa a um dos seus soldados – e o médico egípcio, se ainda estiver na casa do nobre Arsites. E também mande avisar a família do comandante Mêmnon que o encontramos vivo.
O homem pulou no cavalo e logo desapareceu.
– O que aconteceu? – perguntou o oficial aos mercenários. – As mensagens que recebemos são contraditórias.
Os homens pediram água, aplacaram a sede e começaram a contar:
– Atravessaram o rio quando ainda estava escuro e investiram contra nós com a cavalaria. Espithridates teve de contra–atacar com forças reduzidas, pois muitos dos seus ainda não estavam prontos. Nós lutamos até o fim, mas acabamos sendo dominados: em certa altura tínhamos a falange à nossa frente e a cavalaria Macedônia pelas costas.
– Perdi a maior parte dos meus homens – admitiu Mêmnon baixando os olhos. – Veteranos calejados que podiam enfrentar qualquer perigo e privação, soldados valorosos aos quais era muito ligado. Estes que estão vendo estão entre os poucos que sobraram. Alexandre nem nos deixou a possibilidade de negociar a rendição: é evidente que os seus tinham a ordem de golpear para matar e nada mais. O nosso massacre devia ser um exemplo para todos os gregos que ousassem, se opor aos seus planos.
– E quais seriam, no seu entender, os seus planos? – perguntou o oficial persa.
– Pelo que se anda dizendo por aí, a libertação das cidades gregas na Ásia,
mas não acredito nisto. O seu exército é uma máquina formidável, há muito tempo preparada para algo bem maior.
– Como o que, por exemplo? Mêmnon sacudiu a cabeça.
– Não sei.
Tinha nos olhos um cansaço mortal, o seu rosto estava lívido apesar da febre alta. Tremia e batia o queixo.
– Descanse, agora – disse o oficial cobrindo–o com um manto. – Daqui a pouco vai chegar o médico e o levaremos para casa.
Mêmnon fechou os olhos e adormeceu, vencido pelo esgotamento: um

sono agitado, transtornado pela dor e por imagens de pesadelo. Quando finalmente o egípcio chegou, delirava e gritava palavras sem sentido, entregue a pavorosas alucinações.
O médico mandou que o colocassem no carro, lavou o seu ferimento com vinagre e vinho puro, suturou–o e enfaixou a perna com ataduras limpas. Também forçou–o a engolir uma bebida amarga que abrandava a dor e propiciava um sono reparador. Depois disto o oficial persa deu o sinal de partida e o carro movimentou–se, entre chiados e solavancos, puxado por uma parelha de mulas.
Só chegaram a Zela na calada da noite. Logo que os avistou subindo pelo caminho, Barsine correu ao encontro da comitiva em lágrimas; os garotos, por sua vez, cientes da educação que o pai lhes dera, permaneceram em silêncio ao lado da entrada enquanto os soldados carregavam Mêmnon, desfalecido, para a sua cama.
Toda a casa estava iluminada e havia três médicos gregos na ante–sala à espera do comandante para cuidarem dele. Aquele que parecia o mestre também era o mais idoso dos três. Vinha de Adramittion e se chamava Ariston.
O médico egípcio falava grego com certa dificuldade e Barsine teve de bancar a intérprete para a consulta que se seguiu à cabeceira do marido.
– Quando cheguei já tinha sangrado muito e havia cavalgado a noite inteira. Não tem ossos quebrados, urina normalmente e o seu pulso está fraco mas regular, e isto já é um bom sinal. Que tratamento tenciona lhe dar?
– Compressas de malva na ferida e drenagem se começar a supurar – respondeu Ariston.
O colega egípcio anuiu.
– Estou plenamente de acordo, mas faça com que tome muito líquido. Eu também aconselharia um caldo de carne: serve para repor o sangue.
Quando acabou de traduzir as suas palavras, Barsine acompanhou–o até a porta e pegou a bolsa do dinheiro.
– Fico–lhe muito agradecida por tudo o que fez pelo meu marido: sem você, provavelmente, teria morrido.
O egípcio aceitou a recompensa com uma mesura.
– Eu fiz muito pouco, minha senhora. É ele que é forte como um touro, acredite. Ficou escondido durante o dia todo entre os cadáveres, perdendo bastante sangue pela ferida, e depois viajou a noite inteira

agüentando a dor e o cansaço; poucos homens teriam a mesma garra.
– Vai sobreviver? – perguntou Barsine ansiosa, e os soldados que a observavam calados tinham nos olhos a mesma pergunta.
– Não sei. Toda vez que um homem tem um ferimento tão sério, os humores vitais escorrem do seu corpo e levam consigo uma parte da sua alma: é por isto que a sua vida está correndo um grave perigo. Acontece que ninguém sabe ao certo quanto sangue Mêmnon perdeu e quanto ainda continua no seu coração, mas de qualquer maneira procure fazer com que beba o máximo possível: mesmo um sangue aguado é melhor do que nada.
Afastou–se e Barsine voltou para o quarto onde os médicos gregos já estavam trabalhando em volta do paciente, preparando ervas e infusões e aprontando os ferros cirúrgicos para o caso de se tornar necessária uma drenagem da ferida. Enquanto isto as criadas haviam tirado a sua roupa e limpavam agora o seu corpo e o rosto com panos molhados com água quente e essência de hortelã silvestre.
Os garotos, que até então haviam permanecido calados, aproximaram–se perguntando pelo pai.
– Podem entrar – disse um dos médicos –, mas não o perturbem, precisa descansar.
Etéocles, o mais velho, foi o primeiro a se aproximar e olhou para o pai esperando que abrisse os olhos. Aí, vendo que não se mexia, virou–se para o irmão e sacudiu a cabeça.
– Vá dormir – procurou tranqüilizá–los Barsine. – Amanhã o seu pai vai estar melhor e poderão falar com ele.
Os garotos beijaram–lhe a mão que pendia inerte fora da cama e saíram com o seu preceptor. Antes de retirar–se para o seu quarto, Etéocles virou–se para Fraates e disse:
– Se meu pai morrer, encontrarei esse Alexandre qualquer que seja o seu esconderijo e o matarei. Juro.
– Eu também juro – confirmou o irmão.
Barsine velou o marido a noite inteira, apesar de os três médicos se revezarem como sentinelas em seus turnos de vigia. De vez em quando trocava– lhe as compressas de água fria na testa. Quando estava para alvorecer, Ariston
examinou a perna do paciente e percebeu que estava muito vermelha e inchada. Acordou um dos assistentes.

– Precisamos aplicar sanguessugas para aliviar a pressão dos líquidos internos. Vá até o meu quarto buscar o necessário.
Barsine interveio:
– Desculpe–me, mas quando teve a consulta com o outro médico ninguém falou em aplicar sanguessugas. Só se mencionou a drenagem no caso de supuração.
– Minha senhora, precisa confiar em mim. Eu sou o médico.
– O egípcio era o médico pessoal de Espithridates e já teve aos seus cuidados o próprio rei Dario. Confio nele também, portanto não aplique as sanguessugas antes de eu mandá–lo chamar.
– Ora, está dizendo que quer dar ouvidos àquele bárbaro? – deixou escapar Ariston.
– Eu também sou bárbara – lembrou–lhe Barsine – e estou dizendo que não irá botar aqueles bichos imundos na pele do meu marido a não ser que o médico egípcio concorde.
– Sendo assim, eu vou embora – afirmou Ariston enfastiado.
– Vá... – respondeu–lhe naquele momento uma voz que parecia vir do além –
... tomar no rabo.
– Mêmnon! – exclamou Barsine virando–se para a cama. Aí dirigiu–se a Ariston:
– O meu marido está melhor, pode se retirar. Amanhã farei com que receba o seu pagamento.
Ariston não se fez de rogado e chamou os seus assistentes.
– Lembre–se porém que avisei – disse ao sair. – Sem as sanguessugas, a pressão se tornará intolerável e...
– Assumo a responsabilidade – rebateu Barsine. – Não precisa se preocupar. Quando os gregos já estavam longe, mandou um escravo chamar o médico egípcio, que chegou sem demora em um carro do palácio do sátrapa Espithridates.
– O que houve, minha senhora? – perguntou logo que pôs os pés no chão.
– Os médicos yauna queriam aplicar–lhe sanguessugas, mas eu não deixei:
achei melhor ouvir antes a sua opinião. Eles ficaram ofendidos e foram embora.
– Agiu muito bem, minha senhora: as sanguessugas só iriam piorar a

situação. Como está passando agora?
– Continua com febre muito alta, mas acordou e já pode falar.
– Leve–me a ele.
Entraram no quarto de Mêmnon e encontraram–no acordado: apesar das invocações das criadas e das pragas dos seus homens que haviam velado a noite inteira na ante–sala, estava tentando sair da cama.
– Se botar essa perna no chão terei de amputá–la – intimou o médico.
Mêmnon ficou um momento indeciso e aí voltou a deitar–se resmungando.
Barsine descobriu a sua coxa ferida e o egípcio começou a examiná–la: estava inchada, inflamada e dolorida, mas por enquanto não apresentava sinais evidentes de supuração. O médico abriu a sua bolsa e deixou cair o conteúdo na mesa.
– O que é? – perguntou Barsine.
– É uma variedade de musgo. Já vi guerreiros oxianos curarem suas feridas com isto e conseguirem em muitos casos uma cicatrização incrivelmente rápida. Não sei como isto acontece, mas para um médico o importante é encontrar uma cura, e não uma explicação satisfatória para as suas convicções. E de qualquer maneira não creio que as compressas de malva, sozinhas, sejam o suficiente.
Aproximou–se de Mêmnon e aplicou o musgo enfaixando–o com uma atadura.
– Se hoje ou amanhã ele sentir uma comichão bem forte, quase insuportável, quer dizer que está se recuperando. Mas não deixe que se coce, mesmo que tenha de atar–lhe as mãos. Se no entanto continuar a sentir dor e a perna inchar mais, então mande me chamar imediatamente, pois neste caso teremos de amputar. E agora devo ir: há muitos feridos esperando por mim em Zela.
Afastou–se no seu carro puxado por uma parelha de mulas. Barsine permitiu que os soldados do marido o visitassem por alguns momentos e aí subiu na torre mais alta do palácio onde construíra um pequeno santuário para o fogo. Um sacerdote esperava por ela rezando, de olhos fixos na chama sagrada.
Barsine ajoelhou–se no chão em silêncio, observou as línguas de fogo dançando na leve brisa que soprava do topo das montanhas e esperou uma resposta. Finalmente, o sacerdote falou:
– Não é desta ferida que ele morrerá.

– Não há mais nada que possa dizer? – perguntou a mulher, ansiosa.
O sacerdote fixou mais uma vez os olhos nas chamas que se revigoravam com o sopro mais impetuoso do vento.
– Vejo uma grande honra para Mêmnon, mas com ela também um grave perigo. Fique ao seu lado, minha senhora, e faça com que os seus filhos também fiquem perto dele. Ainda têm muitas coisas a aprender com o pai.



CAPÍTULO 8

Os despojos recolhidos nas tendas persas e as armas tiradas dos mortos estavam amontoados no meio do acampamento e os homens de Eumênio iam fazendo o inventário.

Alexandre chegou com Heféstion e Seleuco e sentou em um banquinho ao lado do secretário geral.

– Como está a cabeça? – perguntou este, acenando para a vistosa atadura que envolvia a cabeça do rei, obra do médico Filipe.

– Nada mal – respondeu Alexandre –, mas foi por pouco. Não fosse o Negro, hoje não estaria aqui aproveitando o sol. Como pode ver – acrescentou apontando para os ricos despojos –, já não tem motivos para preocupar–se com o dinheiro. Aqui há o bastante para alimentar os nossos homens pelo menos por um mês, e até para pagar os mercenários.

– Viu alguma coisa que queira guardar para si? – perguntou Eumênio.

– Não. Mas gostaria de mandar os tecidos de púrpura, os tapetes e as cortinas à minha mãe, e também algo para a minha irmã, como aquelas vestes persas, por exemplo. Cleópatra adora as coisas pouco comuns.

deixassem a parte os objetos pedidos. – Mais alguma coisa?

– Sim. Escolhe trezentas armaduras, as mais bonitas que encontrar, e faça com que cheguem a Atenas para serem ofertadas à deusa Atena no Partenon. Com uma dedicatória.

– Uma dedicatória... especial?

– Claro. Escreverá:

De Alexandre e dos gregos, exceto os espartanos, que despiram destas armaduras os bárbaros da Ásia.

– Uma patada e tanto nos espartanos – comentou Seleuco.

– A mesma que eles me deram ao recusarem sua participação na expedição – rebateu o soberano. – Não vão demorar a perceber que não passam de um vilarejo sem importância. O mundo caminha com Alexandre.

– Já tomei as devidas providências para a chegada de Apeles e Lisipo: irão retratar–se em imagens eqüestres – anunciou Eumênio. – Acho que

desembarcarão dentro de alguns dias na costa, em Assos ou Abydos. De qualquer maneira seremos devidamente informados para que possa posar tanto para a estátua quanto para a pintura.
– Não é nisso que eu estou pensando – disse Alexandre. – Quero um monumento para os nossos soldados mortos na batalha, algo que nunca se viu antes, algo que somente Lisipo poderá realizar.
– Muito em breve também saberemos que efeito teve a sua vitória tanto nos amigos, quanto nos inimigos – comentou Seleuco. – Só quero ver o que vão dizer aqueles sujeitos de Lâmpsaco que não queriam ser libertados.
– Vão dizer que lhe agradecem muito a liberdade que lhes concedeu – disse Heféstion, sorrindo. – Quem vence está sempre certo, quem perde está sempre errado.
– A carta para a minha mãe já foi enviada? – Alexandre perguntou a Eumênio.
– Na mesma hora em que me entregou. Já deve ter chegado ao litoral. Com vento favorável, não demorará mais de três dias para chegar à Macedônia.
– Nenhum contato por parte dos persas?
– Nenhum.
– É muito estranho... mandei os meus cirurgiões cuidarem dos seus feridos e fiz com que sepultassem com todas as honra os seus mortos.
Ao ver que Eumênio franzia a testa, Alexandre perguntou:
– Se está tentando dizer alguma coisa, então fale logo!
– O problema é justamente esse.
– Não entendo.
– Os persas não sepultam os mortos.
– Como é que é?
– Eu também não sabia, foi o que me contou ontem um prisioneiro. Os persas consideram sagrada a terra e consideram sagrado o fogo, enquanto consideram imundo um cadáver: por isto mesmo acham que se sepultassem iriam
o fogo que para eles é um verdadeiro deus.
– Mas... então?
– Deixam os corpos nas alturas ou no topo de torres nas montanhas, onde são comidos pelas aves e lentamente consumidos pela intempérie. Chamam estas construções de "torres do silêncio".

Alexandre nada disse. Apenas levantou–se para voltar à sua tenda.
Eumênio soube imaginar o que passava pela sua cabeça e fez um sinal aos companheiros para que não o segurassem.
– Sente–se humilhado por não ter entendido os costumes deste povo que aprecia e por ter até ofendido suas tradições, embora sem querer.
Foi se encontrar com ele depois do pôr–do–sol, e após ter sido anunciado. Alexandre mandou que entrasse.
– O general Parmênio convida–o para jantar com todos nós, se for do seu agrado.
– Está bem. Diga–lhe que vou daqui a pouco.
– Não precisa ficar aborrecido. Você não podia saber... – observou Eumênio ao vê–lo ainda triste.
– Não é isso. Fiquei pensando...
– Pensando no quê?
– Nesse costume dos persas.
– A mim parece apenas que mantiveram um ritual que remonta ao tempo em que ainda eram nômades.
– E justamente nisso que está a grandeza do rito, no fato do costume dos antigos pais não ter sido esquecido. Meu bom amigo, se um dia eu tiver de tombar em batalha, talvez eu mesmo gostasse de dormir para sempre numa torre do silêncio.

CAPÍTULO 9

No dia seguinte Alexandre mandou Parmênio ocupar Dascilio, a capital da Frigia helespôntica, uma bonita cidade praiana com um grande palácio fortificado, e também tomar posse de Zela.

Os nobres persas haviam fugido só levando consigo os bens mais preciosos e o general interrogou os serviçais para saber para onde tinham ido e, principalmente, para descobrir o que acontecera com Mêmnon, uma vez que o seu corpo não havia sido encontrado no campo de batalha.

– Nunca mais o vimos desde então, poderoso senhor – disse–lhe um dos administradores do palácio. – Talvez tenha se arrastado para longe do local do combate e morrido mais tarde, escondido em algum lugar. Talvez os seus criados ou alguns dos seus soldados tenham–no encontrado e sepultado para evitar que fosse presa dos cães ou dos abutres. Para cá, de qualquer maneira, ele não veio.

Parmênio convocou o filho Filotas.

– Não acredito em uma só palavra daquilo que estes bárbaros me contaram, mas sem dúvida é muito provável que Mêmnon tenha sido ferido. Pelo que sabemos, tinha uma mansão por estas bandas, onde vivia como um sátrapa
persa. Mande patrulhas de cavalaria ligeira vasculharem a zona: aquele grego é o mais perigoso dos nossos adversários. Se estiver vivo, ainda vai nos criar muitos problemas. Esta noite vi lampejar nas montanhas alguns sinais luminosos: estão certamente transmitindo o mais rápido e o mais longe possível a notícia da nossa vitória. Muito em breve teremos uma resposta, e pode acreditar que não será de boas–vindas.

– Farei o melhor que puder, pai, e o trarei acorrentado aos seus pés.

Parmênio sacudiu a cabeça.

– Não fará nada disso. Se o encontrar, deverá tratá–lo com o maior respeito: Mêmnon é o soldado mais valoroso deste lado dos Estreitos.

– Mas é um mercenário.

– E daí? É um homem do qual a vida tirou qualquer ilusão e que só acredita em sua espada. Para mim, este já é um motivo suficiente para

respeitá–lo.
Filotas vasculhou minuciosamente os campos em volta, revistou palácios e mansões, interrogou os escravos recorrendo até à tortura, mas nada conseguiu.
– Nada – relatou ao pai alguns dias depois. – Absolutamente nada. É como se nunca tivesse existido.
– Talvez haja um meio para encontrá–lo. Fique de olho nos médicos, principalmente nos melhores, e repare onde eles vão fazer suas visitas: pode ser que chegue à cabeceira de um paciente ilustre.
– É uma ótima idéia, pai. E engraçado, mas sempre o imaginei no papel de soldado, de homem só capaz de conceber brilhantes planos de combate.
– Não basta vencer uma batalha. O mais difícil vem depois.
– Farei o que me pede.
A partir daí Filotas começou a distribuir dinheiro e a cultivar amizades, principalmente entre as pessoas de condições mais humildes, e não demorou a saber quais eram os melhores médicos, e qual era o mais habilidoso de todos em absoluto: um egípcio chamado Esnefru–en–Kaptah. Tinha tido aos seus cuidados o rei Dario em Susa e depois se tornara o médico pessoal do sátrapa da Frigia Espithridates.
Decidiu ficar de tocaia e uma noite o viu sair com ar circunspecto de uma portinhola nos fundos, subir em um carro puxado por uma mula e partir em direção aos campos. Filotas, com uma patrulha de cavalaria ligeira, acompanhou–o de longe e fora da estrada. Depois de um longo trajeto na escuridão, divisou as luzes distantes de uma luxuosa mansão: um palácio com muros guarnecidos de ameias, pórticos e passadiços cobertos.
– Desta vez o pegamos – anunciou aos seus homens. – Fiquem alerta.
Desmontaram e seguiram adiante a pé, segurando os cavalos pelo cabresto. No último trecho que os separava do palácio, no entanto, foram recebidos por um coral de furiosos latidos: uma matilha de ferozes mastins da Capadócia atacou–os de todos os lados.
Tiveram de empunhar os dardos para mantê–los a distância, mas no escuro não conseguiam acertá–los, e muito menos podiam usar arcos e flechas, de forma que se viam amiúde atacados e forçados a furibundos corpo a corpo usando os punhais. Alguns dos corcéis, totalmente apavorados, fugiram relinchando e escoiceando na noite, e os cavaleiros,

quando finalmente conseguiram levar a
metade dos efetivos.
– Vamos entrar mesmo assim! – berrou Filotas, possesso.
Pularam nos cavalos, nos que ainda tinham um, e chegaram ao pátio interno do palácio, claramente iluminado por lâmpadas em volta do pórtico. Viram– se diante de uma mulher extremamente bonita que vestia um traje persa rendado e com franjas douradas.
– Quem são vocês? – ela perguntou em grego. – O que querem?
– Peço desculpa, minha senhora, mas estamos procurando um homem que luta sob a bandeira dos bárbaros e temos motivos para acreditar que esteja nesta casa, provavelmente ferido. Estávamos seguindo o seu médico.
A mulher teve um estremecimento ao ouvir isto, o seu rosto ficou pálido de raiva, mas abriu caminho para deixá–los passar.
– Entrem e olhem à vontade, mas peço–lhes ter algum recato nos aposentos das mulheres, pois do contrário farei com que o seu rei seja informado. Disseram– me que ele detesta os abusos.
– Ouviram a senhora? – perguntou Filotas aos seus soldados mordidos e esfarrapados.
– Sinto muito – acrescentou Barsine ao vê–los naquelas condições. – Se lhes tivesse feito anunciar, teriam evitado este contratempo. Infelizmente esta área está cheia de bandidos e precisamos nos proteger. Quanto ao médico, se quiserem poderei levá–los imediatamente a ele.
Entrou no saguão com Filotas e encaminhou–se por um longo corredor, precedida por uma criada que segurava uma lamparina. Entraram num quarto onde um garoto jazia na cama enquanto Esnefru–en–Kaptah o examinava.
– Como está ele? – perguntou Barsine.
– É apenas uma indigestão. Mande–o tomar esta infusão três vezes ao dia e enquanto isto mantenha–o sem comer. Não vai demorar para ficar bom.
– Preciso falar com o médico a sós – disse Filotas.
– Como quiser – consentiu Barsine, e mandou–os entrar em uma sala ao lado.
– Sabemos que esta é a casa de Mêmnon – foi logo dizendo Filotas ao ficarem sozinhos.
– Com efeito – confirmou o egípcio.

– Procuramos por ele.
– Então precisarei procurar em outro lugar não está aqui.
– E onde está?
– Não sei.
– Cuidou dele?
– Sim. Cuido de todos aqueles que precisam da minha arte.
– Sabe que posso obrigá–lo a falar, se eu quiser.
– Claro, mas não saberei dizer outra coisa a não ser isto. Acha mesmo que um homem como Mêmnon iria contar ao seu médico para onde tencionava ir?
– Estava ferido?
– Sim, estava.
– Seriamente?
– Qualquer ferida pode ser séria. Depende do decurso.
condições de Mêmnon na última vez que o viu.
– Estava convalescendo.
– Graças ao seu tratamento?
– E também ao de alguns médicos gregos entre os quais um tal de Arístones, se bem me lembro.
– Tinha condições para cavalgar?
– Não faço idéia. Nada entendo de cavalos. E agora, se quiser desculpar–me, tenho outros pacientes que esperam por mim.
Filotas não soube o que mais poderia perguntar e deixou–o partir. No saguão encontrou os seus homens que tinham vasculhado a casa.
– Então?
– Nada. Não encontramos vestígio algum. Se esteve aqui, certamente se foi há algum tempo, ou então está escondido onde não podemos encontrá–lo, a não ser...
– A não ser o quê?
– A não ser que incendiemos aquele palheiro: se houver algum rato escondido, ele deveria sair, não acha?
Barsine mordeu os lábios, mas nada disse. Limitou–se a baixar os olhos para não ter de enfrentar os dos seus inimigos. Filotas meneou a cabeça enfastiado.
– Deixe para lá. Vamos embora: aqui não há coisa alguma que nos interesse.
Saíram e logo a seguir o tropel dos seus cavalos desapareceu ao longe,

acompanhado pelos latidos dos cães. Quando já estavam a três estádios de distância Filotas puxou as rédeas do seu corcel.
– Maldição! Aposto que agora ele já deve ter saído do seu buraco no chão e está conversando tranqüilamente com a mulher. Bonita mulher, aliás, muito bonita mesmo, por Zeus!
– Não entendi por que não aproveitamos para levá–la... – começou um dos seus homens, um trácio de Salmidesso.
– Porque ela está fora do seu alcance, e se Alexandre viesse a saber cortaria os teus culhões e os daria ao seu cão para comer. Alivie–se com as putas do acampamento, se não souber mesmo onde enfiá–lo. E agora voltemos. Já ficamos muito tempo zanzando por aí...
Naquela mesma hora, do outro lado do vale. Mêmnon era levado para outro abrigo em uma maca presa à albarda de dois asnos, um na frente e outro atrás, guiados pelo cabresto.
Antes de superar a passagem que levava ao vale do Esepo e da cidade de Azira, pediu que o arrieiro parasse e virou–se para olhar as luzes da sua casa. Ainda sentia no corpo o perfume do último abraço de Barsine.

CAPÍTULO 10

O exército dirigiu–se com suas carruagens e equipamentos para o sul, rumo ao monte Ida e ao golfo de Adramittion. Não havia mais motivo de permanecer no norte uma vez que a capital da satrapia da Frigia havia sido ocupada e guarnecida com um presídio macedônio.

Parmênio voltara a ser o vice comandante do exército e Alexandre tomava as decisões estratégicas.

– Iremos para o sul ao longo da costa – anunciou certa noite no conselho de guerra. – Tomamos a capital da Frigia e agora vamos tomar a capital da Lídia.

– Sardes – precisou Calístenes. – A mítica capital de Midas e Creso.

– Quase parece impossível – comentou Leonato. – estão lembrados das fábulas que nos contava o velho Leonidas? E agora vamos ver esses lugares de verdade,.

– De fato – confirmou Calístenes. – Veremos o Hermo, em cujas margens Creso foi derrotado pelos persas quase duzentos anos atrás. E veremos o Pactolo, com suas areias auríferas que originaram a lenda de Midas. E os túmulos onde repousam os reis da Lídia.

– Acha que encontraremos dinheiro nessa cidade? – perguntou Eumênio.

– Só sabe pensar em dinheiro, ora essa! – exclamou Seleuco. – Mas, de qualquer maneira, acho que está certo.

– Claro que estou certo. Sabe quanto nos custa a frota dos nossos aliados gregos? Faz idéia?

– Não – respondeu Lisímaco –, não sabemos, senhor secretário geral: é para isto que está aqui.

– Custa–nos cento e sessenta talentos por dia. Cento e sessenta, fui bem claro? Quer dizer que aquilo que pegamos no Granico e em Dascílio só vai dar para quinze dias, na melhor das hipóteses.

– Escutem – disse Alexandre. – Agora vamos para Sardes e não creio que encontraremos muita resistência. Em seguida seguiremos pela costa ocupando–a toda até a fronteira com a Lícia, até o rio Xanto. Nesta

momento teremos libertado todas as cidades gregas na Ásia. E isto acontecerá, antes do fim do verão.
– Fantástico – aprovou Ptolomeu. – E depois?
– Pode ter certeza de que não voltaremos para casa! – exclamou Heféstion:
– Acho que a diversão está apenas começando.
– Não quer dizer que será fácil – rebateu Alexandre. – Até agora só conseguimos arranhar o poderio dos persas e Mêmnon quase certamente ainda está vivo. E, afinal, nem sabemos se todas as cidades gregas irão realmente nos abrir as portas.
Marcharam por vários dias entre promontórios, enseadas de encantadora beleza e praias sombreadas por gigantescos pinheiros, acompanhados pela vista de ilhas de todos os tamanhos que seguiam a linha da costa como um cortejo. Chegaram finalmente às margens do Hermo, um grande rio de águas claras que corria num leito de seixos limpos.
O sátrapa da Lídia chamava–se Mitrídates e era um homem compreensivo e ajuizado; dando–se conta de que não tinha outra saída, mandou uma embaixada a
Alexandre oferecendo–lhe a rendição da cidadela e depois foi visitar pessoalmente com ele a fortaleza com a sua tripla cerca de muralhas, os contrafortes e os passadiços de vigia.
– Foi daqui que partiu a "expedição dos dez mil"– observou Alexandre, mirando a planície diante dele enquanto o vento lhe desgrenhava os cabelos e agitava a ramagem dos salgueiros e dos freixos.
Um pouco mais para trás, Calístenes o acompanhava escrevendo anotações em sua tabuleta.
– Isso mesmo – disse. – E aqui morava o jovem príncipe Ciro, naquela época sátrapa da Lídia.
– E de alguma forma aqui também começa a nossa expedição, embora não tencionemos seguir o mesmo itinerário. Amanhã partiremos para Éfeso.
Éfeso também se entregou sem derramamento de sangue. A guarnição dos mercenários gregos já tinha ido embora, e, quando Alexandre se instalou na cidade, os democratas que haviam sido banidos e que agora voltavam desencadearam uma verdadeira caçada humana, liderando o povo ao ataque contra as casas dos ricos, dos poderosos que até então

haviam sido aliados do governador persa.
Alguns destes, abrigados nos templos, foram arrastados para fora à força e apedrejados, Éfeso inteira era agitada por tumultos. Alexandre mandou sair nas ruas a infantaria dos "escudeiros" para restabelecer a ordem, garantiu que a democracia seria restaurada e impôs aos ricos o pagamento de uma taxa especial para a reconstrução do grandioso santuário de Ártemis, destruído pelo fogo alguns anos antes.
– Sabe o que contam a esse respeito? – perguntou–lhe Calístenes durante uma visita às ruínas do enorme templo. – Que a deusa não pôde apagar o incêndio porque estava ocupada cuidando do seu nascimento. Com efeito o santuário queimou há vinte e um anos, justamente no dia em que você nasceu.
– Quero vê–lo ressurgir – afirmou Alexandre. – Quero uma floresta de gigantescas colunas sustentando o teto e quero os melhores escultores e artistas para enfeitá–lo e pintá–lo por dentro.
– É um plano ambicioso. Poderá discutir os detalhes com Lisipo.
– Já chegou? – perguntou o rei iluminando–se num sorriso.
– Desembarcou ontem à noite e não vê a hora de encontrá–lo.
– Lisipo, pelos deuses do céu! Aquelas mãos, aquele olhar... Nunca vi brilhar tamanho poder criativo nos olhos de um homem. Quando te olha fixamente, sente que está entrando em contato com a sua alma, que está a ponto de criar outro homem... De barro, de bronze, de cera, isto não importa: está criando o homem como o teria criado se fosse deus.
– Deus?
– Isto mesmo.
– Qual deus?
– O deus que está em todos os deuses e em todos os homens, mas que só uns poucos conseguem ver e ouvir.
Os maiorais da cidade, os chefes democráticos instalados por seu pai, banidos pelos persas e agora de volta após a chegada de Alexandre, esperavam por ele para mostrar–lhe as maravilhas de Éfeso.
A cidade espalhava–se sobre um relevo que descia suavemente para o mar e para a ampla baía na qual desembocava o rio Caístre. As docas do porto estavam apinhadas de navios que descarregavam todo tipo de mercadoria e carregavam os tecidos, as especiarias e os perfumes que vinham da Ásia interior, para depois revendê–los em lugares longínquos, nas profundezas do golfo Adriático, nas ilhas do Tirreno, na terra dos

etruscos e dos iberos. Podia–se ouvir o burburinho que vinha daquelas atividades febris, e os gritos dos mercadores de escravos que leiloavam homens robustos e lindas jovens que as vicissitudes haviam levado àquele triste destino.
As ruas eram flanqueadas por pórticos para os quais davam as moradias mais ricas e luxuosas, os santuários dos deuses eram cercados por barracas de vendedores ambulantes que ofereciam aos transeuntes amuletos da sorte ou contra o mau–olhado, relíquias e estatuetas de Apolo e da sua virgem irmã, Ártemis do rosto de marfim.
O sangue dos tumultos havia sido lavado nas ruas e a dor dos parentes dos mortos havia sido confinada entre as quatro paredes das suas casas. Na cidade tudo era festa e regozijo, o pessoal se juntava para ver Alexandre e agitava ramos de oliveira, enquanto as jovens espalhavam pétalas de rosa diante dele ou jogavam–nas com amplos gestos das sacadas das casas enchendo o ar com um turbilhão de cores e perfumes.
Chegaram finalmente diante de um magnífico palácio com o teto do saguão sustentado por colunas de mármore pintadas de azul com frisos de ouro e encimadas por capitéis jônicos: era a residência de um dos aristocratas que haviam pago com o sangue a sua amizade com as autoridades persas, e agora iria ser a morada do jovem deus descido dos declives do Olimpo até o litoral da imensa Ásia.
Lisipo esperava por ele na ante–sala. Logo que o viu, correu ao seu encontro e o apertou com aquelas suas mãozonas de servente de pedreiro.
– Meu bom amigo! – exclamou Alexandre devolvendo o abraço.
– Meu rei! – respondeu Lisipo com olhos brilhantes.
– Já tomou banho? Jantou? Deram–lhe roupas limpas para trocar–se?
– Estou muito bem, não se preocupe. O meu único desejo era vê–lo de novo: olhar para os seus retratos não é a mesma coisa. É verdade que irá posar para mim?
– Sim, mas também tenho outros planos na cabeça: quero um monumento como jamais se viu antes. Sente–se.
– Estou ouvindo – disse Lisipo enquanto os serviçais traziam mais assentos para os dignitários e os amigos de Alexandre.
– Está com fome? Quer comer alguma coisa conosco?
– Com prazer – respondeu o grande escultor.
Os criados colocaram mesas diante de cada um dos hóspedes e

ofereceram a especialidade local: peixe assado aromatizado com alecrim e azeitonas salgadas, legumes, verduras e pão quente que acabava de sair do forno.
– É o seguinte – começou o rei enquanto todos se serviam –, quero um monumento que represente os vinte e cinco éteros da minha Ponta caídos no Granico durante o primeiro assalto contra a cavalaria persa. Mandei pintar seus retratos, antes de colocá–los na pira funerária, para que saíssem parecidos. Deverá representá–los na fúria do ataque, no arrebatamento do combate. Quero que dê quase para ouvir o trovejar do seu galope, o bufar das suas cavalgaduras. Nada deverá faltar àquelas formas a não ser o sopro vital, pois os deuses ainda não deixaram isto ao seu alcance.
Baixou a cabeça enquanto um véu de melancolia descia sobre os seus olhos em meio a toda aquela alegria, entre taças de vinho e pratos cheios de comidas fragrantes.
– Lisípo, meu amigo... aqueles rapazes agora já são cinzas e seus ossos jazem na terra nua, mas você capture a alma fremente, agarre–a no vento antes que se perca por completo e derrame–a no bronze, torne–a eterna!
Ficara de pé e se aproximara de uma janela que dava para a baía, cintilante sob o sol meridiano. Todos os demais comiam, bebiam e brincavam, aquecidos pelo vinho. Lisipo foi atrás dele.
– Vinte e seis estátuas a cavalo... a turma de Alexandre no Granico. Deverá ser uma maranha de patas e de dorsos poderosos, de bocas escancaradas no grito de guerra, de braços ameaçadores que levantam espadas e lanças. Está entendendo, Lisipo? Compreende o que quero dizer? O monumento será erguido na Macedônia e ficará como eterno testemunho daqueles jovens que doaram suas vidas ao seu país, desprezando uma existência obscura e sem glória.
– Quero que derrame no bronze fundido a sua própria energia vital, quero que a sua arte realize o maior milagre que já se viu no mundo. As pessoas que passarem diante do monumento deverão estremecer de admiração e de assombro, corno se aqueles cavaleiros estivessem a ponto de desencadear a sua fúria, como se de suas bocas estivesse para explodir o grito que supera a morte, que vai além do nebuloso reino de Hades, de onde ninguém jamais voltou.
Lisipo olhava para ele em silêncio, pasmo, com suas enormes mãos calejadas que pendiam inertes, e aparentemente impotentes, ao longo do

corpo.
Alexandre apertou–as.
– Estas mãos podem realizar o milagre, eu sei disto. Não há desafio que você não possa vencer, desde que assim queira. Você é como eu, Lisipo, e é por isto que nenhum outro escultor jamais poderá moldar uma estátua minha. Sabe o que disse Aristóteles no dia em que concluiu o meu primeiro retrato no nosso retiro de Mésia? Disse: "Se deus existe, ele tem as mãos de Lisipo." Você eternizará no bronze os meus companheiros mortos? Fará isto?
– Farei, Aléxandre, e será uma obra que encherá o mundo de assombro. Eu
juro. coisa.
Alexandre anuiu e fitou–o com um olhar cheio de afeto e de admiração.
– Agora venha comigo – disse, segurando–o pelo braço. – Coma alguma

CAPÍTULO 11

Apeles chegou na tarde seguinte, juntamente com um grande séquito de escravos, mulheres e meninos de notável beleza. Extremamente elegante, denunciava um toque de excentricidade nas jóias de âmbar e lápis lazúli que usava no pescoço e nos trajes de cores vivas. Diziam que Teofrasto escrevera um opúsculo satírico intitulado Os caracteres no qual, para descrever o temperamento exibicionista, se inspirara justamente em Apeles.

Alexandre recebeu–o em seu apartamento particular junto com a lindíssima Kampaspe que ainda vestia o peplo das adolescentes de forma a deixar fartamente à mostra os ombros e os seios soberbos.

– Vejo que está gozando de boa saúde, Apeles, e percebo que o esplendor de Kampaspe continua sendo para você fonte de inspiração. É um privilégio raro poder conviver com uma musa como esta.

Kampaspe corou e aproximou–se para beijar–lhe a mão, mas Alexandre abriu os braços e apertou–a contra si.

– Os seus braços continuam poderosos, senhor – sussurrou–lhe no ouvido com um tom de voz que teria despertado um velho falecido três dias antes.

– E tenho outras coisas igualmente poderosas, se por acaso precisar de um lembrete – murmurou ele como resposta.

Apeles pigarreou um tanto sem jeito e afirmou:

– Senhor, este quadro terá de ser uma obra–prima digna de superar os séculos. Estes quadros, aliás, pois gostaria de pintar dois.

– Dois? – perguntou Alexandre.

– Se estiver de acordo, é claro.

– Fale, então.

– O primeiro deveria mostrá–lo de pé, no ato de soltar relâmpagos como Zeus. E teria ao seu lado uma águia, que também é um dos símbolos da dinastia argeade.

O soberano meneou a cabeça não muito convencido.

– Quero deixar bem claro, senhor, que tanto Parmênio quanto Eumênio concordam que deveria deixar–se retratar nesta atitude, principalmente

devido ao efeito que isto teria sobre os seus súditos asiáticos.
– Se eles acham mesmo isto... E quanto ao outro quadro?
– O outro o mostrará montado em Bucéfalo, empunhando a lança e no ato de ir à carga. Será uma obra memorável, eu lhe asseguro.
Kampaspe deu uma risadinha marota.
– O que foi? – perguntou Apeles sem conseguir disfarçar o aborrecimento.
– Eu tinha pensado em um terceiro quadro – respondeu a jovem.
– Qual? – indagou Alexandre. – Dois já não bastam? Não posso passar o resto da minha vida posando para Apeles.
– Não sozinho – explicou Kampaspe com um risinho ainda mais malicioso. – Eu pensava em um quadro com duas figuras, no qual o rei Alexandre apareceria como o deus Ares descansando depois da batalha, com todas as armas espalhadas sobre um belo gramado florido, e eu poderia ser Afrodite que lhe dá prazer. Sabe, algo parecido com aquela pintura que você fez na casa daquele general grego... como era o nome dele?
Apeles ficou branco e deu–lhe às escondidas uma pequena cotovelada.
– Deixe disto, o rei não tem tempo para esses quadros todos. Dois já bastam e ainda sobram, não é verdade, meu rei?
– Isto mesmo, meu amigo, isto mesmo. E agora peço–lhes que me perdoem, mas Eumênio encheu o meu dia de obrigações. Posarei para você antes do jantar. Escolha você mesmo por onde quer começar. Se for o quadro eqüestre, mande preparar o cavalo de pau: duvido que Bucéfalo tenha paciência para se deixar retratar, mesmo que seja pelo grande Apeles.
O pintor despediu–se com uma mesura puxando consigo a relutante modelo, e Alexandre ouviu–o dar uma demorada bronca nela enquanto se afastavam pelo corredor.
Logo a seguir Eumênio introduziu novos visitantes: tratava–se de alguns chefes tribais do interior que, já sabendo que houvera uma mudança de patrão, vinham fazer seu ato de submissão.
Alexandre levantou–se e foi ao encontro deles, apertando calorosamente a mão de todos.
– O que estão pedindo? – perguntou ao intérprete. – Gostariam de saber o que deseja que façam.
– Nada.

– Nada? – repetiu incrédulo o intérprete.
– Podem voltar às suas casas e viver em paz como antes.
O que parecia o chefe da delegação murmurou alguma coisa no ouvido do tradutor.
– O que disse?
– Disse: “E os impostos?"
– Oh, quanto aos impostos – interveio Eumênio prontamente – fica tudo exatamente como antes. Nós também temos as nossas despesas e...
– Fique calmo, Eumênio – interrompeu Alexandre. – Não precisa perder tempo com os detalhes.
Os chefes tribais confabularam por alguns instantes e depois afirmaram que estavam muito satisfeitos; desejavam tudo de bom para o poderoso senhor que tinham diante de si e agradeciam a sua benevolência.
– Pergunte se querem ficar para jantar – disse Alexandre. O intérprete traduziu.
– E então?
– Estão muito agradecidos pelo convite, senhor, mas dizem que o caminho é longo e que em casa precisam deles para ordenhar as vacas e assistir algumas delas que vão ter bezerros e...
– Entendi – resumiu rapidamente Eumênio. – Urgentes e inadiáveis negócios de estado.
– Agradeça–lhes a visita – concluiu Alexandre – e não se esqueça de dar–lhes alguns presentes.
– Que presentes?
– Sei lá. Armas, roupas, o que achar mais conveniente, mas não os deixe partir de mãos vazias. São pessoas que cultuam as tradições, e apreciam quem os trata como antigamente. E lá em suas terras são reis, lembre–se disto.
O jantar foi servido após o pôr–do–sol, depois que Alexandre concluiu a primeira sessão de pose para Apeles, no cavalo de pau, visto que o ilustre mestre decidira começar pelo quadro que considerava mais difícil.
– Amanhã irei às estrebarias e pedirei que me tragam Bucéfalo: ele também terá de posar para mim – afirmou o pintor dando uma olhada de indisfarçável deploração para o boneco de pau estofado que Eumênio conseguira aprontar em cima da hora na carpintaria do teatro.
– Então aconselho que busque antes uns biscoitos com mel na cozinha do palácio para torná–lo seu amigo – sugeriu Alexandre. – Ele é guloso.

O mordomo veio anunciar que o jantar estava na mesa. Apeles ia completando o esboço geral da figura. Alexandre desmontou e aproximou–se do pintor:
– Posso ver?
– Não posso proibir, senhor, mas um artista nunca gostaria de mostrar uma obra sua incompleta.
O soberano olhou rapidamente para a grande tábua e o seu humor mudou de repente. O mestre só esboçara com o carvão os elementos básicos da imagem, com traços nervosos, apressados, só se demorando no acabamento de uns poucos detalhes: os olhos, algumas mechas de cabelo, as mãos, as ventas dilatadas de Bucéfalo, os cascos que pateavam no chão...
Apeles espiava de soslaio as suas reações.
– Não está acabado, senhor, é apenas um esboço. Com as cores e os volumes vai ser bem diferente e...
Alexandre levantou a mão para interrompê–lo:
– Já é uma obra–prima assim mesmo, Apeles. Você deu o melhor de si; o resto, qualquer um pode imaginar.
Foram juntos até a sala do banquete onde os dignitários da cidade, os chefes dos colégios sacerdotais e os companheiros do rei esperavam por eles. Alexandre mandara avisar que não se passasse dos limites, pois não queria que os efésios ficassem com a impressão errada dele e dos seus amigos. As "companheiras" que os anfitriões haviam mandado buscar limitaram–se a tocar e a dançar, as brincadeiras foram bastante inocentes e o vinho foi servido à maneira grega, isto é, com três partes de água.
Apeles e Lisipo foram o assunto central da conversa uma vez que a sua fama já era imensa.
– Contaram–me uma história realmente curiosa! – disse Calístenes, virando– se para Apeles. – A do retrato que fez do rei Filipe.
– É mesmo? – respondeu Apeles. – Então conte para mim, pois no momento não estou lembrado.
Todos riram.
– Pois bem – continuou Calístenes –, vou contá–la como me contaram. Então, o rei Filipe manda chamá–lo porque quer um retrato para expô–lo no santuário de Delfos, mas diz: "Pinta–me um pouco mais bonito... em suma, não me retrate do lado do olho vesgo, aumente um pouco a minha altura, gostaria de cabelos um tanto mais negros, sem exageros, é

claro, sabe como é..."
– Quase me parece ouvi–lo – riu Eumênio imitando o vozeirão de Filipe: – Afinal, mando buscar um pintor tão famoso e ainda tenho de ensinar–lhe o ofício?
– Ah, agora lembrei – riu com gosto Apeles –, foi assim mesmo que ele falou!
– Então você mesmo pode contar! – exortou–o Calístenes.
– Não, nem pensar – esquivou–se o pintor. – Acho muito mais divertido escutar.
– Se for assim... Bom, o mestre termina finalmente o seu quadro e manda levá–lo ao pátio, na luz do dia, para que o augusto comitente possa admirá–lo. Quem entre vocês já esteve em Delfos o viu: uma beleza, um esplendor! O rei está com a coroa de ouro, o manto vermelho, o cetro, quase parece a própria imagem do poderoso Zeus. "Gostou, senhor?", pergunta Apeles. Filipe olha para um lado, olha para o outro: não aparenta estar muito convencido. "Quer saber realmente a minha opinião?", pergunta. "Claro, senhor", diz o pintor. "Pois bem, no meu entender não se parece comigo."
– É verdade, é isso mesmo! – aprovou Apeles rindo cada vez mais gostosamente. – Acontece que com os cabelos mais negros, a barba mais cuidada e a tez mais rosada ele já não se reconhecia.
– E aí? – perguntou Eumênio.
– O melhor ainda está por vir – prosseguiu Calístenes –, pelo menos se a história for verdadeira. Então, uma vez que o quadro estava no pátio para ser admirado à luz do dia, passou naquela hora um moço de estrebaria segurando pelo cabresto o cavalo do rei. O animal parou bem na frente da pintura, começou a agitar a cauda, a sacudir a cabeça e a relinchar sonoramente para assombro dos presentes. Apeles olhou então primeiro para o rei, depois para o cavalo e aí para o quadro e afinal disse: "Senhor, também posso dizer o que penso?" "Sim, por Zeus", respondeu ele. "Sinto muito em dizer isto, mas desconfio que o seu cavalo entende de pintura mais do que o seu dono."
– É a pura verdade – riu Apeles. – Foi assim mesmo que aconteceu.
– E ele? – perguntou Heféstion.
– Ele? Deu de ombros e resmungou: "Ora! Os artistas sempre querem ter razão. Que passe, desta vez: mandarei que o paguem de qualquer maneira. Fez o quadro, e então fico com ele."

Todos aplaudiram, e Eumênio confirmou o pagamento da pintura que foi amplamente louvada por todos, mesmo por aqueles que nunca a tinham visto.
Apeles já era o centro das atenções e continuava a botar banca como um grande ator de teatro.
Alexandre pediu desculpas aduzindo como pretexto a hora matinal em que iria levantar no dia seguinte para uma visita de inspeção às fortificações portuárias, e retirou–se enquanto a noitada seguia adiante com novas bebidas um pouco mais puras e novas "companheiras" um tanto mais audaciosas.
Quando voltou para o seu apartamento encontrou Leptine que o esperava com uma lanterna acesa, mas com um ar evidentemente aborrecido. Alexandre observou–a enquanto ela se virava para iluminar o caminho até o quarto de dormir e não conseguiu entender o motivo daquele amuo, sem contudo fazer perguntas.
Ao abrir a porta, no entanto, percebeu tudo. Kampaspe estava deitada na cama, nua e numa pose que lembrava alguma heroína do mito: Dânae, talvez, à espera da chuva dourada, ou quem sabe Leda esperando o cisne.
A jovem levantou–se, aproximou–se e despiu–o, aí ajoelhou–se no tapete, diante dele, e começou a beijar–lhe as coxas e o ventre.
– O ponto vulnerável do seu antepassado Aquiles era o calcanhar – sussurrou levantando os olhos bistrados. – Vamos ver se ainda me lembro do seu.
Alexandre acariciou–lhe os cabelos e sorriu: de tanto conviver com Apeles a jovem já não sabia falar sem recorrer a temas mitológicos.



CAPÍTULO 12

Alexandre deixou Éfeso em meados da primavera para marchar rumo a Mileto. Lisipo, que entendera perfeitamente o que o soberano esperava dele, empreendeu viagem para a Macedônia com uma ordem escrita para o regente Antípatro: Alexandre pedia que fornecesse ao escultor os fundos necessários à gigantesca obra que este iria executar.

Parou primeiro em Atenas onde se encontrou com Aristóteles, que nesta altura já dava aulas regulares nos locais da sua Academia. O filósofo recebeu–o em uma saleta particular e mandou servir vinho fresco.

– O nosso rei pediu–me para trazer–lhe as suas homenagens e saudações, e dizer que te escreverá uma longa carta logo que lhe for possível.

– Agradeço. O eco das suas façanhas não demorou a chegar aqui em Atenas. As trezentas armaduras que enviou para que fossem expostas na Acrópole atraíram milhares de curiosos, e a inscrição comemorativa da qual se excluíram os espartanos correu como o vento até as colunas de Hércules. Alexandre sabe fazer com que se fale dele.

– Como está o humor dos atenienses?

– Demóstenes continua tendo uma notável influência sobre eles, mas as proezas do soberano marcaram profundamente a imaginação das pessoas. Além disto, muitos têm algum parente na Ásia, servindo no exército ou na frota, e isto os incita ao apoio de uma linha política prudente. Mas não podemos acalentar falsas esperanças: se o rei porventura tombar em batalha, haverá imediatamente um levante e os seus amigos serão perseguidos e presos de casa em casa, começando por mim. Mas diga–me, como vem se portanto Alexandre, até agora?

– Pelo que pude ver, com bastante equilíbrio: foi clemente com o inimigos vencidos e, nas cidades, limitou–se a restaurar a democracia sem exigir qualquer tipo de mudança mais drástica.

Aristóteles anuiu com um solene gesto da cabeça e alisou a barba em sinal de aprovação: o aluno estava dando mostra de saber aproveitar, os ensinamentos do mestre. Aí o filósofo levantou–se.

– Gostaria de visitar a Academia?
– Com muito prazer – respondeu Lisipo acompanhando–o.
Cruzaram o pórtico interno e passearam em volta do pátio central, á sombra de uma elegante colunata de mármore pentélico com capitéis jônicos. No meio havia um poço com borda de tijolos ao nível do chão sulcado profundamente num ponto pelo secular correr da corda do balde; um criado estava tirando água.
– Temos quatro escravos, dois para a limpeza e dois para servir à mesa. Recebemos muitos hóspedes de outras escolas e alguns dos nossos discípulos costumam passar uns tempos por aqui.
Passou então por uma porta:
– Este é o setor das ciências políticas, onde já temos as constituições de mais de cento e setenta cidades da Grécia, da Ásia, da África e da Itália, e ali – explicou indicando um corredor com várias portas – temos o setor naturalístico com as coleções de minerais, plantas e insetos. E finalmente, nesta outra área – prosseguiu entrando com o hóspede num amplo salão – guardamos o conjunto de animais raros. Mandei buscar um taxidermista no Egito, grande empalhador de gatos e crocodilos sagrados, que trabalha sem parar.
Lisipo olhou em volta fascinado, nem tanto pelos animais embalsamados – serpentes, crocodilos, abutres – quanto pelos desenhos anatômicos nos quais reconhecia a perícia de artistas extremamente experientes.
– É claro que precisamos nos precaver contra as falsificações e as fraudes –
continuou Aristóteles. – Desde que se espalhou a notícia da nossa atividade de colecionadores, recebemos as ofertas mais estrambóticas: unicórnios, basiliscos e até centauros e sereias.
– Centauros e sereias? – repetiu Lisipo boquiaberto.
– Isso mesmo. E chegam até mesmo a nos convidar para ver tais portentos antes da compra.
– Como é possível?
– Mera taxidermia. Não é por acaso que as ofertas mais freqüentes vêm do Egito, onde os embalsamadores têm uma experiência milenar. Não lhes custa nada costurar o torso de um homem no corpo de um potro, disfarçar habilidosamente a costura com pêlos e crinas e empalhar o conjunto. O resultado final dessas obras–primas de destreza não é de se

jogar fora, eu lhe garanto.
– Acredito.
Aristóteles aproximou–se de uma janela de onde se vislumbrava o Licabeto cobertos de pinheiros e, no fundo, a acrópole com a imponente presença do Partenon.
– E o que acha que irá fazer agora – perguntou.
Lisipo percebeu de imediato que o pensamento de Alexandre não o abandonara por um momento sequer.
– Só sei que tenciona ir para o sul, mas ninguém conhece de fato as suas verdadeiras intenções.
– Vai seguir em frente – afirmou o filósofo virando–se para o artista. – Vai seguir em frente enquanto respirar, e ninguém poderá detê–lo.
Enquanto isto Apeles, nesta altura sozinho em Éfeso, estava ocupado com a realização do seu grande retrato eqüestre do rei da Macedônia que, por sua vez, já partira a caminho de Mileto.
Concentrara–se principalmente nos detalhes da cabeça de Bucéfalo, representada com um realismo tão impressionante que o animal parecia estar a ponto de pular para fora do quadro. Apeles estava decidido a deixar pasmo o seu comitente e planejava uma viagem que o levasse com as pinturas até a próxima parada de Alexandre para que o soberano pudesse admirar o trabalho acabado.
Já fazia horas que se dedicava teimosamente a retratar, com leves toques de pincel, a baba sangüínea que cercava o freio do cavalo, mas não conseguia encontrar a densidade certa das cores. E Kampaspe, que falava como uma matraca, deixava–o exasperado: já haviam passado os tempos do mar de rosas.
– Se não calar essa boca – gritou o pintor enfurecido –, nunca conseguirei chegar ao efeito desejado.
– Mas querido... – voltou a dizer Kampaspe.
– Chega! – berrou Apeles totalmente fora de si, e jogou uma esponja embebida de cor no quadro. Por um incrível acaso a esponja bateu exatamente no canto da boca de Bucéfalo e caiu no chão.
– Está vendo? – choramingou a jovem. – Estragou tudo! Está satisfeito agora? E ainda é capaz de dizer que a culpa é minha, não é? O artista, porém, não estava ouvindo.
Aproximou–se da pintura incrédulo, de braços levantados num gesto de admiração.

– Não é possível – murmurou. – Oh, deuses, não é possível.
A esponja deixara na boca de Bucéfalo o efeito da baba sangüínea com tamanho realismo que nenhuma habilidade humana jamais conseguiria igualar–se a ela.
– Mas, ora... – gorjeou Kampaspe dando–se, por sua vez, conta do milagre. Apeles virou–se para ela com o indicador quase lhe tocando o nariz.
– Se deixar escapar como foi que acabou saindo este particular e com o outro indicador apontou para a prodigiosa mancha de cor – arranco–lhe esse precioso narizinho a mordidas. Fui bem claro?
– Muito claro, meu adorado – anuiu Kampaspe recuando.
E era realmente sincera, naquele momento, mas a discrição não era certamente uma das suas características mais marcantes, e dali a alguns dias a cidade inteira de Éfeso sabia como o grande Apeles pintara o maravilhoso detalhe da baba sangüínea no lábio de Bucéfalo.

CAPÍTULO 13

O comandante da guarnição de Mileto, um grego que se chamava Eguesícratos, enviou um mensageiro para avisar Alexandre que estava pronto para entregar–lhe a cidade, de forma que o rei mandou avançar o exército para tomar posse da mesma. Como medida cautelar, no entanto, enviou algumas patrulhas de cavaleiros em exploração além do rio Meandro, sob o comando de Cratero e Perdicas.

Eles atravessaram o rio e subiram pelas encostas do monte Latmo, mas quando chegaram ao topo detiveram–se, pasmos, diante de um espetáculo incrível e ameaçador: justamente naquele momento uma esquadra de navios de guerra dobrava o promontório de Mileto e aprontava–se para fechar o golfo.

Depois daquela primeira flotilha apareceu outra, e aí mais outras ainda, até que a baía inteira ficou fervilhando com centenas de vasos e o mar borbulhou espumoso, fustigado por milhares de remos. Amortecido pela distância, mas mesmo assim claro, chegava o trovejar dos tambores que marcavam o ritmo dos remadores.

– Pelos deuses – murmurou Perdicas. – A frota persa!

– Quantos navios deve haver ali, na sua estimativa? – perguntou Cratero.

– Centenas... De duzentos a trezentos, no mínimo. E a nossa frota está para chegar: se for surpreendida no golfo será aniquilada. Temos de voltar quanto antes e fazer sinais para Nearcos parar. Esses aí são pelo menos duas vezes mais numerosos!

Viraram os cavalos e desceram a galope pelo declive, esporeando os animais para alcançar o exército que, enquanto isto, tinha continuado a sua marcha para o sul.

Depois de algumas horas encontraram as tropas paradas na margem esquerda do Meandro e procuraram imediatamente o rei que, ao lado de Ptolomeu e Heféstion, controlava a passagem da cavalaria sobre a ponte de barcaças preparada pelos engenheiros perto da foz.

– Alexandre! – gritou Cratero. – Há trezentos navios de guerra na baía de Mileto. Precisamos deter Nearcos ou mandarão a pique a nossa frota!

– Quando foi que os viu? – perguntou o rei preocupado.
– Algumas horas atrás; acabávamos de chegar ao topo do monte Latino quando apareceu o agrupamento dianteiro, e aí continuaram a aparecer mais e mais. Monstros com quatro, cinco fileiras de remadores.
– Também vi alguns "oito reforçados" – acrescentou Perdicas.
– Tem certeza?
– E como! Com rostos de bronze que devem chegar a umas cinco mil libras.
– Precisa parar a nossa frota, Alexandre! Nearcos ainda não sabe e continua atrás do promontório de Micale: vai acabar dando de cara com os persas se não o avisarmos.
– Fiquem calmos – disse o rei. – Ainda temos tempo. – Aí, virando–se para Calístenes que sentava no seu banquinho de viagem não muito longe dali: – Dê– me uma tabuleta e um estilo, por favor.
Calístenes satisfez o pedido e Alexandre rascunhou depressa umas poucas palavras e acenou para um cavaleiro da sua guarda pessoal.
– Leve–a imediatamente ao sinaleiro no promontório de Mícale e diga–lhe para mandar de pronto a mensagem à nossa frota, com a esperança que chegue a tempo.
– Acho que sim – afirmou Heféstion. – Está soprando o Noto, favorável aos persas que vêm do sul, mas contrário aos nossos que chegam do norte.
O cavaleiro partiu a galope atravessando a ponte de barcaças no sentido contrário e gritando para que lhe abrissem caminho, aí esporeou o cavalo pelo aclive do promontório de Mícale até o lugar onde um grupo de topógrafos do serviço itinerário ficava de olho na frota de Nearcos, lá para o norte. Tinham um escudo polido como um espelho para sinalizar.
– O rei manda enviar sem demora esta mensagem – disse entregando a tabuleta. – A frota persa está no golfo de Mileto e pode contar com pelo menos trezentos navios de guerra.
O topógrafo perscrutou o céu e viu uma nuvem que avançava do sul empurrada pelo vento.
– Não posso, teremos de esperar até aquela nuvem se afastar de nós. Já está começando a encobrir o sol.
Maldição! – praguejou o cavaleiro. – Por que não experimenta com as bandeiras.

– Estamos longe demais – explicou o topógrafo. – Não nos veriam. Precisamos ter paciência, não vai demorar muito. – A sombra da nuvem, com efeito, já dominava o promontório, enquanto a frota avançava elegante e ordenada atrás da capitânia de Nearcos, em plena luz do sol.
O tempo parecia não querer passar. A frota aproximou–se da extremidade ocidental do promontório e começou a abrir para estibordo preparando–se para dobrá–lo.
Finalmente o sol voltou a aparecer por trás da última franja da nuvem e os topógrafos começaram imediatamente a sinalizar. Em poucos instantes a mensagem foi enviada, mas a frota continuou a avançar.
– Será que nos viram? – perguntou o cavaleiro.
– Espero que sim – respondeu o topógrafo.
– Por que não param, então?
– Não sei.
– Sinalize de novo, rápido!
Os topógrafos tentaram outra vez.
– Por Zeus, por que não respondem?
– Porque não podem: quem está na sombra da nuvem agora são eles.
O cavaleiro mordia os lábios indo de um lado para o outro. De vez em quando lançava um olhar para o exército lá embaixo e imaginava a aflição que devia torturar o rei.
– Receberam! – exclamou naquele instante o topógrafo. – A capitânia está amainando a vela e agora já manobra com os remos. Não vai demorar para eles responderem.
A capitânia avançava a velocidade reduzida e via–se perfeitamente o fervilhar da espuma sob as pás dos remos que a empurravam para a ponta do promontório, em local protegido.
Uma luz lampejou na proa e o topógrafo escandiu:
– Vamos... costear... até... o... rio.
– Ótimo, entenderam. Vá logo avisar o rei: o sol não nos favorece para sinalizarmos daqui.
O cavaleiro saiu em disparada declive abaixo e foi encontrar com o soberano que havia reunido na praia todo o alto comando.
– Rei! Nearcos recebeu a mensagem e está manobrando – anunciou pulando ao chão. – Dentro em breve deve aparecer dobrando o promontório.
– Muito bem – respondeu Alexandre. – Desta posição também podemos

controlar os movimentos da frota persa.
Nesta altura a enorme esquadra do Grande Rei ocupava quase todo o espelho d'água entre a península de Mileto e o sopé do monte Latmo enquanto, do lado oposto, a capitânia de Nearcos dobrava o cabo Mícale e seguia rente à costa rumo à foz do Meandro, acompanhada de perto pelas demais unidades da marinha aliada.
– Evitamos o pior – disse o rei. – Pelo menos por enquanto.
– Pois é – comentou Cratero. – Se não o tivéssemos avisado do perigo, Nearcos ficaria diretamente à mercê dos persas e teria de travar combate em condições de absoluta inferioridade.
– O que pretende fazer agora? – perguntou Parmênio.
Mal acabava de terminar a frase quando chegou um dos "escudeiros" com uma mensagem.
– Notícias de Mileto, senhor. Alexandre leu o informe:
Filotas, filho de Parmênio, a Alexandre, salve!
O comandante da guarnição de Mileto, Eguesícratos, mudou de idéia e já não está disposto a abrir–lhe as portas da cidade. Agora confia no apoio da frota do Grande Rei. Cuide–se e não esmoreça.
– Era de se esperar – disse Alexandre. – Agora que os navios persas estão fundeados na baía, Eguesícratos julga–se invencível.
– Rei – anunciou um dos "escudeiros" da guarda –, a nossa capitânia baixou um bote que está se aproximando da costa.
– Ótimo, assim os nossos marujos também poderão participar do conselho de guerra.
Logo em seguida o almirante Nearcos desembarcou acompanhado por Karilaos, o comandante ateniense da frota aliada.
O soberano recebeu–os com grande cordialidade deixando–os a par da situação, depois começou a pedir a opinião dos presentes, a partir de Parmênio, que era o mais velho.
– Não sou perito em coisas do mar – disse o velho general –, mas acho que, se estivesse aqui, o rei Filipe atacaria a frota inimiga de surpresa, confiando na maior velocidade e capacidade de manobra dos nossos navios.
Alexandre ficou repentinamente amuado, como sempre acontecia quando se via publicamente comparado com o falecido soberano.
– Meu pai sempre escolhia a luta quando tinha muitas probabilidades de vencer, pois do contrário preferia recorrer à astúcia – rebateu de forma

um tanto ríspida.
– A meu ver, acho que seria um erro travarmos combate – interveio Nearcos.
– A proporção é de um para três, e estamos de costas para o litoral, isto é, com escassas possibilidades de manobra.
Mais alguém, entre os presentes, expressou o próprio ponto de vista, mas não demorou para todos perceberem que Alexandre não estava prestando atenção: observava uma águia pescadora que desenhava amplos círculos por cima da praia. De repente a águia precipitou–se para o mar a grande velocidade, agarrou um peixe de bom tamanho com suas presas e aí, com vigorosas batidas das asas, ganhou novamente altura e sumiu ao longe.
– Viram aquele peixe? Confiou excessivamente na sua agilidade e no seu domínio do elemento marinho e aproximou–se demais da praia, onde a águia levou a melhor aproveitando uma situação que naquele momento era–lhe mais favorável. E é exatamente o que nós faremos.
– Como assim? – perguntou Ptolomeu. – Nós não temos asas. Alexandre
sorriu.
– Já me disse o mesmo outra vez, lembra? Quando tínhamos à nossa frente
a parede insuperável do monte Ossa.
– É verdade – admitiu Ptolomeu.
– Muito bem – prosseguiu o rei. – No meu entender, portanto, não podemos correr o risco de um combate naval direto, pelo menos nestas condições: não só o inimigo tem uma indiscutível superioridade numérica, como também possui navios maiores e mais resistentes. Se a nossa frota viesse a ser aniquilada, o meu prestígio seria totalmente destruído. Os gregos iriam se insurgir e a aliança que tão penosamente costurei seria despedaçada, com conseqüências desastrosas. A minha ordem, então, é a seguinte: puxem para a praia os nossos navios, começando por aqueles que transportam máquinas de guerra desmontadas. Vamos remontá–las e levá–las até as portas de Mileto.
– Quer encalhar a frota inteira? – perguntou Nearcos, incrédulo.
– Isso mesmo.
– Mas, senhor...
– Escute–me, Nearcos: acha por acaso que a infantaria que os persas

embarcaram na sua frota tem condições de desafiar a minha falange em terra firme?
– Não, não creio.
– Pode ter certeza disto – afirmou Leonato. – Não podem pensar urna coisa dessas nem sonhando. E se por acaso tentarem, vamos destruí–los antes mesmo que cheguem a pisar na praia.
– Exato – aprovou Alexandre. – E portanto não vão tentar.
– Mesmo assim – prosseguiu Nearcos, que nesta altura já entendia as intenções do rei – tampouco poderão continuar fundeados na baía para sempre... Para fortalecer seus navios aumentaram o número de remadores, mas ao fazerem isto ficaram sem espaço para qualquer outra coisa. Não podem cozinhar, não devem ter reservas de água suficientes, dependem quase exclusivamente do reabastecimento terrestre.
– Que nós vamos impedir usando a cavalaria – concluiu Alexandre. – Manteremos patrulhas por todo o litoral, e principalmente na foz de todo rio, de todo riacho, perto de qualquer nascente. Deverão ficar lá, no meio do mar, muito em breve sem comida nem água, sob o sol flamejante, ardendo de sede e padecendo a fome, enquanto nós poderemos dispor de todo o necessário.
– Eumênio dirigirá a montagem das máquinas de sítio, Perdicas e Ptolomeu chefiarão o ataque contra o lado oriental das muralhas de Mileto logo que as máquinas abrirem uma brecha. Cratero, com a ajuda de Filotas, posicionará a cavalaria ao longo do litoral para impedir qualquer desembarque, Parmênio se encarregará da infantaria pesada que funcionará como força auxiliar nas outras operações, e o Negro o ajudará nisto. Concorda comigo, Negro?
– Concordo plenamente, meu rei – respondeu Cleíto.
– Ótimo. Nearcos e Karilaos guarnecerão os navios encalhados com a infantaria embarcada e também armarão seus marujos. Se for necessário, poderão cavar uma trincheira. Mileto irá logo se arrepender da sua retratação.

CAPÍTULO 14

A primavera já ia lá pelo meio e o sol meridiano estava bem alto no céu. Além do mais o tempo estava claro e o mar calmo e convidativo.

Do topo do monte Latino, Alexandre, Heféstion e Calístenes contemplavam a magnífica paisagem que se descortinava diante dos seus olhos. À direita, o promontório de Mícale penetrava no mar como um esporão, e mais além via–se o perfil da ilha de Samos.

A esquerda repousava a rombuda península de Mileto. A cidade, destruída pelos persas duzentos anos antes por ter ousado desafiar o seu poder, havia sido magnificamente reconstruída pelo mais ilustre dos seus filhos, o arquiteto Hipodamos, que a planejara conforme o esquema rigoroso de grelha ortogonal, com ruas principais, as "largas", e ruas secundárias, as "estreitas", para o tráfego de bairro.

No local mais elevado reconstruíra os templos da acrópole, esplêndidos em seus mármores pintados com vivas cores, nos seus enfeites de bronze, prata e ouro, nos grupos de esculturas que se erguiam majestosos dominando a ampla baía. No centro abrira espaço para uma grande praça, ponto de convergência de todas as ruas, coração da vida política e econômica da cidade.

Não muito longe da costa ficava a ilhota de Lade, como sentinela na entrada do amplo golfo.

Na extremidade a nordeste, perto da foz do Meandro, viam–se os navios de Nearcos puxados para a praia, protegidos por uma vala e uma paliçada contra eventuais incursões da infantaria embarcada inimiga.

Daquela distância, os trezentos navios do Grande Rei no meio da baía pareciam meros barquinhos de brinquedo.

– Incrível! – exclamou Calístenes. – É neste trecho de mar, no mero espaço que podemos abarcar com o olhar, que se decidiu a sorte das guerras persas: aquela ilhota perto da cidade é Lade, e foi lá que a frota dos rebeldes foi aniquilada pelos persas.

– Agora Calístenes vai dar uma aula de história, como se não nos bastassem aquelas do seu tio, em Mésia – comentou Heféstion.

– Calado! – silenciou–o Alexandre. – Se não conhece o passado, não pode entender o presente.
– E lá no fundo, no promontório de Mícale – prosseguiu Calístenes –, os nossos deram o troco vinte e cinco anos depois. A frota estava sob o comando de Leotíquides, o rei de Esparta, e a esquadra persa estava encalhada como a nossa, na praia.
– Engraçado – observou Heféstion. – Agora os papéis se inverteram.
– Pois é – assentiu Alexandre –, e os nossos homens ficam tranqüilos, na sombra, comendo pães quentes, enquanto os inimigos estão se torrando no sol há três dias e comem bolachas velhas, admitindo que ainda as tenham. Já devem ter racionado a água limitando–a a um ou dois copos por pessoa ao dia. Terão de tomar uma decisão: atacar ou ir embora.
– Olhe– indicou Heféstion. – As nossas máquinas de guerra já estão se mexendo. Vão estar diante das muralhas da cidade antes do anoitecer, e amanhã começarão a golpear as fortificações.
Chegava naquele momento a cavalo um estafeta da Ponta com uma mensagem.
– Rei! Um informe dos generais Parmênio e Cleito – anunciou entregando uma tabuleta.
O soberano leu:
Parmênio e Cleito a Alexandre, salve!
Os bárbaros tentaram desembarcar três vezes, em pontos diferentes da costa, para abastecerem–se de água, mas foram rechaçados. Fique de coração tranqüilo.
– Ótimo! – exultou Alexandre. – Tudo conforme as minhas previsões. Agora já podemos voltar.
Incitou Bucéfalo com os calcanhares e desceu a passo rumo à baía para encontrar–se com a coluna de máquinas de guerra que avançava a caminho de Mileto.
Ao vê–lo chegar, Eumênio aproximou–se e perguntou:
– Então, como é a vista lá de cima? Respondeu Heféstion:
– Estupenda. Dá para ver os persas que estão se cozinhando em fogo baixo. Daqui a pouco vão estar no ponto.
– Já sabem quem chegou?
– Não.
– Apeles. Terminou o retrato eqüestre e quer mostrá–lo a Alexandre.
– Oh, Zeus! Não tenho tempo para quadros neste momento. Estou

numa guerra. Agradeça–lhe, dê–lhe a merecida recompensa e diga–lhe que nos veremos logo que eu tiver algum tempo.
– Como quiser, mas ele vai ter um ataque – observou Eumênio. – Aliás, quase ia esquecendo: não tivemos notícias de Mêmnon. Nada de nada. Quase parece que decidiu sair de cena.
– Não creio – disse o rei. – O sujeito é muito astucioso, e também muito perigoso.
– O problema é que nenhum de nós jamais o viu. Não sabemos como se parece. E contam que nunca usa sinais distintivos em combate. Luta usando uma capacete corintia sem penacho, que lhe cobre completamente o rosto com exceção dos olhos. Mas na fúria do embate é muito difícil reconhecer um homem somente pelo olhar.
– Concordo. Este seu desaparecimento, de qualquer maneira, não me convence. Encontrou o médico grego que cuidou dele? Parmênio diz que é de Abidos: um tal de Arístones.
– Ele também desapareceu.
– E a sua casa de Zela continua sendo vigiada?
– Não há mais ninguém por lá. Só os criados.
– Continuem a procurá–lo. É o homem que mais precisamos temer. E o mais perigoso dos nossos adversários.
– Faremos o possível – respondeu Eumênio, retomando o seu caminho ao lado do comboio das máquinas.
– Espere! – chamou–o de volta Alexandre.
– O que foi?
– Disse que Apeles chegou?
– Eu disse, mas...
– Mudei de idéia. Onde está?
– Lá embaixo, no acampamento naval. Mandei aprontar uma tenda e um bom banho para ele.
– Bem pensado. Nos veremos mais tarde.
– Mas o que... – Eumênio nem chegou a completar a frase. Alexandre já tinha saído a galope para o acampamento naval.
Apeles estava bastante aborrecido com o fato de ninguém se importar com ele e de quase ninguém, naquele meio rude e tosco, reconhecer nele o maior pintor da sua época, por outro lado, todos se demoravam nos mais elogiosos comentários a respeito de Kampaspe, que tomava banho de mar nua e circulava usando o quitão militar que mal chegava a

ocultar–lhe o púbis.
Iluminou–se quando Alexandre desmontou do cavalo e foi ao seu encontro de braços abertos.
– Grande mestre! Bem–vindo ao meu humilde acampamento, mas não devia... Eu iria me juntar a você o quanto antes. Estava ansioso para ver o fruto do seu gênio.
Apeles fez uma pequena mesura com a cabeça.
– Não era minha intenção atrapalhar bem no meio de uma façanha poliorcética como esta, mas ao mesmo tempo não via a hora de mostrar–lhe o meu trabalho.
– Onde está? – perguntou Alexandre, nesta altura realmente curioso.
– Aqui na tenda. Venha.
O soberano reparou que Apeles mandara erguer uma tenda branca, de forma que no interior a luz fosse igual e uniformemente difusa, sem interferir nas cores do quadro.
O artista abriu caminho e esperou até que os olhos do rei estivessem acostumados. A tábua estava escondida atrás de uma espécie de cortina e havia um criado que segurava um barbante à espera da ordem do amo. Kampaspe também entrara, enquanto isto, e se acomodara ao lado de Alexandre.
Apeles fez um sinal e o criado puxou o cordão abrindo a cortina e deixando à mostra a pintura.
Alexandre ficou sem palavras, impressionado com o formidável poder evocativo do quadro. Os detalhes que, no esboço, haviam–no fascinado a ponto de levá–lo a pensar que a obra já poderia ser interrompida naquele ponto, tinham agora adquirido corpo e alma, reluziam no úmido brilho da vida, inseriam–se numa densidade ambiental e numa vibração de superfícies quase milagrosas.
A figura de Bucéfalo, em particular, tinha tamanha força expressiva que o cavalo parecia vivo, exalando furor pelas ventas. As patas pareciam romper o diafragma da dimensão vertical do quadro para irromper no espaço real e reparti–
lo com o espectador. O cavaleiro era igualmente formidável, mas ainda assim muito diferente da representação que Lisipo até então criara nas suas esculturas. As infinitas tonalidades das cores haviam permitido ao pintor um realismo
desconcertante: por um lado, ainda mais eficaz do que o bronze, por

outro, de algum modo desmitificante em relação à figura de Alexandre.
No rosto do rei podia–se ler o afã e o arrebatamento do conquistador, a nobreza dos traços do grande soberano, mas também o cansaço e o suor que lhe colavam os cabelos nas têmporas em mechas desgrenhadas, os olhos arregalados demais no esforço para dominar a situação, a fronte franzida e quase dolorosamente contraída, os tendões do pescoço esticados e as veias dilatadas no ardor do combate. Havia um homem, em cima daquele cavalo, com toda a sua grandeza, mas também com todo o seu sofrimento e a sua carga de miséria. Não um deus, como nos retratos de Lisipo.
Apeles vigiava ansioso as reações do rei, receando que pudesse explodir de repente num dos seus já famosos acessos de ira. Alexandre, no entanto, abraçou–o.
– É maravilhoso! Posso ver a mim mesmo no auge da batalha. Mas como conseguiu? Eu estava sentado diante de você, sobre um cavalo de pau, e Bucéfalo estava na estribaria. Como foi possível...
– Falei com os seus homens, senhor, com os companheiros que ficam ao seu lado quando combate, com aqueles que o conhecem profundamente. E também falei... – baixou a cabeça meio estorvado – ... com Kampaspe.
Alexandre virou–se para a jovem que o fitava com um sorriso cheio de segundas intenções.
– Poderia nos deixar–nos um momento a sós? – perguntou–lhe.
Kampaspe mostrou–se surpresa e quase ressentida diante daquele pedido, mas obedeceu sem fazer perguntas. Logo que saiu Alexandre começou:
– Lembra o dia em que posei para você em Éfeso?
– Lembro – respondeu Apeles sem entender aonde o rei queria chegar.
– Kampaspe mencionou uma pintura na qual posara como Afrodite e que fora encomendada por... Estava a ponto de dizer o nome, mas você fez um sinal para que se calasse.
– Nada lhe escapa, senhor.
– Um soberano é como um artista: deve dominar a cena e não pode se dar ao luxo de ficar distraído. Se o fizer, está morto.
– É verdade – admitiu Apeles, e levantou timidamente os olhos preparando– se para uma situação difícil.
– Quem era o comitente daquele quadro?

– Procura entender, meu rei, eu nunca poderia imaginar que...
– Não precisa se desculpar. Um artista vai aonde é chamado. E é justo que seja assim. Fale livremente, não há motivos para recear, eu garanto.
– Mêmnon. Era Mêmnon.
– Não sei por que, mas eu já imaginara. Quem mais, nesta área, poderia permitir–se um quadro daquele tipo e daquelas dimensões firmado pelo grande Apeles?
– Mas asseguro que não... Alexandre interrompeu–o.
– Já disse que não há motivos para recear coisa alguma. Só quero lhe pedir um favor.
– O que quiser, senhor.
– Viu o seu rosto?
– De Mêmnon? Sim, claro.
– Então quero o seu retrato. Ninguém, aqui, sabe como ele é, e precisamos reconhecê–lo se ficarmos diante dele, compreende?
– Compreendo, senhor.
– Então, mãos à obra.
– Agora?
– Agora.
Apeles pegou uma pequena tábua, alvaiade e carvão e começou a trabalhar.

CAPÍTULO 15

Barsine desmontou do cavalo junto com os garotos e dirigiu–se para a casa iluminada apenas por uma lanterna acesa sob o pórtico. Entrou no saguão e viu– se diante do marido, de pé, apoiado em uma muleta.

– Meu amado! – gritou e correu para ele abraçando–o e beijando–o na boca. – Já não era vida, a minha, longe de você.

– Pai! – exclamaram os garotos.

Mêmnon apertou–os todos junto a si, fechando os olhos pela comoção.

– Venham, venham! O jantar está pronto. Precisamos festejar.

Estavam em uma linda mansão no meio de uma propriedade entre Mileto e Halicarnasso, gentilmente oferecida pelo sátrapa persa da Cária. As mesas já estavam prontas, à maneira grega, com leitos em volta e uma cratera cheia de vinho de Chipre. Mêmnon convidou a esposa e os filhos a ocuparem seus lugares e ele mesmo reclinou–se no seu leito.

– Como está? – perguntou Barsine.

– Muito bem, estou praticamente curado. Ainda uso a muleta porque o médico aconselhou–me a não forçar a perna por mais algum tempo, mas já fiquei bom e poderia caminhar sem ela.

– E o ferimento, ainda dói?

– Não, o remédio do médico egípcio fez milagres: a ferida sarou e cicatrizou em poucos dias. Mas, lhes peço, agora comam.

O cozinheiro grego estava servindo pães fresquinhos, petiscos de queijo e ovos de marreca cozidos, enquanto o ajudante enchia as tigelas com uma sopa de favas, ervilhas e grãos–de–bico.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Barsine.

– Pedi que viessem para cá porque tenho muitas coisas importantes a contar. O Grande Rei nomeou–me por decreto pessoal comandante supremo da região anatólia: significa que posso dar ordens até aos sátrapas, alistar homens e dispor de todos os meios que eu achar necessários.

Os garotos olhavam para ele fascinados e seus olhos brilhavam de orgulho.

– Quer dizer que retomará as ações bélicas – comentou Barsine com muito menos entusiasmo.
– Sim, o mais breve possível. E por falar nisto... – prosseguiu mantendo os olhos baixos, como se estivesse observando a cor do vinho dentro da sua taça.
– O que, Mêmnon?
– Este lugar já não serve para vocês. Vai ser uma guerra impiedosa, não haverá lugares seguros para ninguém... – A esposa sacudia a cabeça incrédula. – Precisa entender, pois esta também é a vontade do Grande Rei. Partirão para Susa, você e os garotos, e viverão na corte, prestigiados e cercados de todas as atenções.
– O Grande Rei nos quer como reféns?
– Não, não creio, mas não podemos esquecer que eu não sou persa. Sou um mercenário, uma espada vendida.
– Eu não o deixarei.
– E nós tampouco – acrescentaram os rapazes. Mêmnon suspirou.
– Não há outro jeito nem outro caminho. Partirão amanhã. Um carro os levará até Kelainai, e a partir dali estarão em segurança. Estarão viajando pela estrada do rei, onde não correrão risco algum, e chegarão a Susa lá pelo fim do mês vindouro.
Enquanto ele falava Barsine baixou os olhos e duas grandes lágrimas escorreram pelas suas faces.
– Eu lhe escreverei – prosseguiu Mêmnon. – E terá notícias minhas com muita freqüência, pois poderei usar os mensageiros reais, e você também poderá escrever–me usando o mesmo meio. E, quando tudo acabar, me juntarei a você em Susa, onde o Grande Rei me outorgará a mais alta das condecorações e me recompensará pelos serviços prestados. Poderemos finalmente viver em paz, onde quiser, minha adorada, aqui na Cária, ou no nosso palácio de Zela, ou à beira–mar na Panfilia, e acompanharemos o crescimento dos nossos garotos. Agora fique serena e não me torne mais difícil a separação.
Barsine esperou que os garotos acabassem de jantar, e mandou–os descansar. Aproximaram–se do pai, um depois do outro, e abraçaram–no de olhos úmidos.
– Não quero ver lágrimas nos olhos dos meus jovens guerreiros – disse Mêmnon. E os rapazes se esforçaram fitando–o empertigados enquanto o, pai se levantava para despedir–se deles. – Boa noite, meus filhos.

Tenham um bom sono, pois uma longa viagem os aguarda. Irão ver coisas maravilhosas, palácios resplandecentes de mil cores, lagos e jardins fabulosos. Apreciarão frutas e comidas raríssimas. Viverão como deuses. E, agora, vão.
Os rapares beijaram–lhe a mão, conforme o costume persa, e retiraram–se. Barsine dispensou os criados e acompanhou o marido ao quarto. Mandou–o sentar numa poltrona e pela primeira vez na vida fez uma coisa que nunca tinha feito antes, devido ao rígido sentido de pudor com o qual havia sido acostumada desde criança: despiu–se diante dos seus olhos e ficou nua na luz avermelhada e quente das lanternas.
Mêmnon admirou–a como somente um grego podia admirar a beleza na sua mais alta manifestação. Deixou correr lentamente o olhar sobre a sua pele acobreada, sobre a suave oval do seu rosto, sobre o pescoço esguio, os ombros redondos, o peito forte e túrgido, os mamilos escuros e eretos, sobre o ventre macio, sobre a penugem reluzente do púbis.
ele a fitava com febre nos olhos, abriu as coxas, cada vez mais ousada, despindo– se do último véu de pudor para dar ao seu homem toda a excitação e todo o prazer de que era capaz, antes de deixá–lo por um tempo que podia ser muito longo.
– Olhe para mim – disse. – Não me esqueça. Mesmo que leve outras mulheres para a sua cama, mesmo que lhe ofereçam jovens eunucos de quadris redondos, lembre–se de mim, lembra que nenhuma outra pode se dar a você com o amor que eu sinto e que arde no meu coração e na minha carne.
Falava em tom grave e sonoro ao mesmo tempo, e o timbre das suas palavras tinha o mesmo calor que a luz das lanternas que ondeava sobre a sua pele reluzente e escura como bronze, desenhando as superfícies do seu corpo como uma paisagem encantada.
– Barsine... – Mêmnon murmurou despindo por sua vez a longa clâmide e erguendo–se nu e poderoso diante dela. – Barsine...
O seu corpo escultural, enrijecido por inúmeras batalhas, era marcado por cicatrizes, e a mais recente ferida sulcava–lhe a coxa com uma longa saliência avermelhada, mas da sua musculatura imponente, do seu olhar firme emanava uma energia formidável, indômita e temerária, urna suprema vitalidade.
O olhar dela acariciou–o longamente, com insistência, enquanto se aproximava com passo inseguro. Quando se deitou ao lado dela, as suas

mãos deslizaram suaves sobre as coxas poderosas até a virilha, e a sua boca despertou o prazer em todo o seu corpo. Aí ficou por cima dele para que não se machucasse no ardor da paixão, e acocorou–se sobre ele mexendo os quadris com os mesmos langorosos movimentos da dança com os quais o conquistara a primeira vez que ele a vira na casa do pai.
Quando se abandonaram, vencidos pela exaustão, um ao lado do outro, uma leve claridade mal começava a espalhar–se sobre o perfil sinuoso das colinas da Cária.



CAPÍTULO 16

O estrondo das pancadas de aríete que castigavam sem parar as muralhas de Mileto ribombava como trovão até as encostas do monte Latmo e os arremessos de pedras pelas grandes catapultas podiam ser vistos do mar.

O almirante persa reuniu os comandantes de esquadra no castelo de popa do seu navio para deliberarem acerca daquilo que poderia ser feito, mas os relatórios dos seus oficiais eram desanimadores: seria de fato um verdadeiro suicídio lançar um desembarque tão perigoso com homens esgotados pela fome e pela sede.

– Vamos à ilha de Samos – sugeriu um fenício de Arados –, reabastecemos nossas reservas de água, aí voltamos e tentamos um desembarque em massa contra o acampamento naval fortificado deles. Quem sabe consigamos queimar seus navios, e aí poderemos atacar por trás o exército empenhado no cerco de Mileto proporcionando aos moradores da cidade a possibilidade de um ataque: os
levaríamos a melhor.

– Eu estou de acordo – aprovou um navarca cipriota. – Se tivéssemos atacado logo, antes que eles cavassem uma trincheira diante dos navios, teríamos tido maiores possibilidades de sucesso, mas ainda podemos conseguir.

– Está bem – assentiu o almirante persa, uma vez que quase todos pensavam da mesma forma. – Iremos a Samos em busca de água e mantimentos. Eis o meu plano: depois de as equipagens e os guerreiros se recobrarem, aproveitaremos a brisa do mar para voltarmos durante a noite e atacaremos o acampamento naval deles. Se a surpresa surtir efeito, queimaremos tudo e pegaremos por trás o exército sitiante.

Logo a seguir um estandarte hasteado no mastro da capitânia sinalizava para a frota baixar os remos e preparar–se para a partida.

Os navios dispuseram–se ordenadamente em fileiras de dez e, qual do os tambores começaram a marcar o ritmo de cruzeiro, movimentaram–se rumo ao norte, em direção a Samos.

Alexandre, que se encontrava sob as muralhas do lado setentrional

ouviu um dos seus homens gritar:
– Estão partindo! A frota persa está indo embora!
– Ótimo – comentou Seleuco que naquele momento servia como sei ajudante–de–ordens. – A cidade terá de render–se. Depois disto perderão as esperanças.
– Espere – observou Ptolomeu. – A capitânia estava sinalizando alguma coisa para a cidade.
Viam–se com efeito lampejos na popa do grande vaso que se dirigia para o mar aberto e logo depois chegou a resposta: um longo estandarte vermelho flutuou ao vento na torre mais alta de Mileto, e aí um azul e outro verde.
– Confirmam ter recebido a mensagem – explicou Ptolomeu –, mas, uma vez que o sol não os favorece, não puderam fazê–lo com sinais luminosos.
– E o que acha que significa? – perguntou Leonato.
– Que vão voltar – rebateu Seleuco. – No meu entender vão buscar água e mantimentos em Samos.
– Mas em Samos há um comandante ateniense nosso aliado – replicou Leonato.
Seleuco deu de ombros.
– Pode crer que conseguirão o que querem. Os atenienses têm medo de nós, mas não nos amam. Basta dar uma olhada nas tropas que temos aqui. Já os viu participar de uma festa ou de uma comemoração junto com a gente? E os oficiais? Olham para você com um ar de superioridade como se fosse um leproso e só aparecem nas reuniões do alto comando quando o convite traz a assinatura de Alexandre, pois do contrário nem se mexem. Estou dizendo: em Samos a frota persa vai arranjar todos os mantimentos de que precisa.
– Seja como for, para nós dá na mesma – observou Alexandre. – Mesmo sem sede e de barriga cheia, os persas terão de decidir se vão desembarcar ou não, uma vez que não tenciono empurrar a nossa esquadra de volta para o mar. E Nearcos também concorda comigo. A única coisa que devemos fazer é vigiar a
entrada da baía com pequenos barcos velozes para evitarmos ataques de surpresa durante a noite ou ao alvorecer. Mandem avisar o almirante.
Nesta altura já era evidente que a frota persa navegava para Samos e o soberano voltou às muralhas da cidade para intensificar o assalto.

Lisímaco cuidava das máquinas de sítio e estava mandando avançar um gigantesco ariete para o local onde uma mina cavada na noite anterior enfraquecera o paredão provocando um desmoronamento parcial.
– Quero que as muralhas sejam golpeadas sem parar, noite e dia, incessantemente a partir de agora. Mandem trazer também o tambor de Queronéia: a sua voz surda deve ser ouvida dentro da cidade para espalhar o pânico. E não parará de ressoar enquanto as muralhas não forem derrubadas pela fúria dos aríetes.
Dois cavaleiros chegaram ao acampamento a galope e relataram a Nearcos as ordens do rei.
O almirante lançou ao mar umas dez ágeis barcaças com cântaros de óleo abordo, para ser usado como material incendiário em caso de necessidade durante a noite, e providenciou o transporte do grande tambor até o sopé das muralhas de Mileto.
Não demorou quase nada para as barcaças ficarem em posição em um amplo arco de mar, a espera da volta da frota persa. E o "trovão de Queronéia", como já era conhecido pelos soldados, fez ouvir a sua voz. Era um ribombo grave, cadenciado e ameaçador que batia nas montanhas em volta e ecoava de volta para a costa. E logo a seguir este trovejar foi acompanhado pelos golpes ensurdecedores dos aríetes empurrados contra as muralhas por centenas de braços, enquanto as catapultas arremessavam pedras sobre os passadiços a fim de manter longe os defensores.
Quando uma equipe ficava esgotada havia logo outra pronta a substituí–la em revezamento contínuo, e, quando uma máquina enguiçava, havia logo outra por perto para tomar seu lugar: não havia descanso nem pausa para os habitantes da cidade sitiada.
Com a chegada da noite e favorecida pelo vento, a frota persa penetrou na enseada e dirigiu–se de velas desfraldadas para o acampamento de Nearcos. Mas os marujos das barcaças vigiavam no escuro. Logo que divisaram as enormes sombras dos navios persas navegando por perto, abriram um depois do outro os cântaros e derramaram todo o óleo no mar, formando assim uma longa esteira atrás de si. Aí atearam o fogo.
Uma serpente de chamas espalhou–se na superfície escura das águas iluminando uma ampla extensão, e logo a seguir os clarins das unidades em terra tocaram o alarme. Não demorou para a costa fervilhar de luzes e ressoar de chamados, e na claridade das tochas os soldados acudiram

para enfrentar a ameaça.
Nesta altura a frota persa nem tentou superar a cortina de chamas E os navarcas ordenaram apressadamente que as equipagens remassem para trás.
Quando o sol raiou, a baía estava vazia.
Nearcos foi o primeiro a dar a notícia a Alexandre:
– Rei, eles se foram! Os navios persas saíram do golfo.
– Que direção tomaram? – perguntou o soberano enquanto os ordenanças lhe afivelavam a couraça e Leptine corria atrás dele com a costumeira "caneca de Nestor".
– Ninguém sabe, mas um guarda que estava de vigia no promontório de Mícale afirma ainda ter visto na luz incerta do amanhecer os últimos navios da esquadra afastando–se para o sul. A meu ver, foram embora de vez, para não voltar.
– Que os deuses te ouçam, almirante.
Naquele instante chegou também o comandante ateniense Karilaos, armado da cabeça aos pés.
– O que acha disto? – perguntou–lhe Alexandre.
– Acho que tivemos sorte – respondeu Karilaos. – De qualquer forma, eu não teria tido maiores problemas em enfrentá–los em mar aberto.
– Melhor assim – replicou Alexandre. – Acabamos poupando homens e navios.
– E agora? – perguntou Nearcos.
– Vamos aguardar até esta tarde: se não aparecerem de novo, lancem ao mar os navios e fiquem prontos nos vasos fundeados.
Os dois oficiais saíram para juntar–se às suas tripulações. Alexandre montou a cavalo, aproximou–se de Seleuco, Ptolomeu e Perdicas e dirigiu–se para a linha do cerco. Foi recebido pelo estrondo do aríete e o do "trovão de Queronéia" antes mesmo que por Parmênio.
O soberano levantou os olhos e percebeu que havia sido aberta uma brecha que se alargava a cada golpe, e que já iam encostar lentamente nela uma torre de assalto.
– Estamos prontos para o ataque decisivo, rei! – gritou Parmênio para ser ouvido no meio daquela algazarra.
– Comunicou aos soldados as minhas ordens?
– Comuniquei: nada de chacinas, nada de saques, nada de estupros. Os infratores serão justiçados no ato.

– As ordens também foram traduzidas para os auxiliares bárbaros?
– Também foram devidamente avisados.
– Muito bem. Pode começar.
Parmênio anuiu, aí fez um sinal para um dos seus homens que agitou três vezes um estandarte amarelo. A torre de assalto voltou a movimentar–se, aproximando–se ainda mais do paredão. Ouviu–se neste instante um grande estrondo e uma porção consistente da muralha ruiu sob os golpes do aríete, levantando uma nuvem de poeira na qual já não dava para distinguir amigos e inimigos.
Enquanto isto a torre baixou uma ponte sobre o topo da fortificação e um escalão de macedônios irrompeu no passadiço para repelir os defensores que mantinham na alça de mira a brecha aberta pelo aríete. Seguiu–se uma luta furibunda: não foram poucos os atacantes que precipitaram do topo da muralha ou do parapeito da própria levadiça, mas acabaram firmando a cabeça de ponte, primeiro conseguindo desalojar os defensores, e aí atacando os que se entrincheiravam do outro lado da brecha com uma saraivada de dardos e flechas.
Logo que a poeira assentou, uma unidade de "escudeiros" lançou–se através da abertura nas defesas, seguida por vários pelotões da infantaria de assalto dos trácios e tribalos.
Desanimados, esgotados pelas privações sobre–humanas que até então haviam sofrido, os guerreiros de Mileto foram aos poucos cedendo terreno e as tropas de Parmênio penetraram na cidade.
Um certo número de soldados, os de condição social mais baixa, rendeu–se e suas vidas foram poupadas, mas os mercenários gregos e as unidades de escol formadas pelos membros da aristocracia, imaginando qual poderia ser o seu destino, correram até a outra extremidade da cidade, despiram as armaduras e pularam das torres para o mar, nadando desesperadamente rumo à ilhota de Lade onde havia um fortim que lhes proporcionaria uma última defesa.
Alexandre entrou a cavalo na cidade conquistada, e dirigiu–se imediatamente para o bastião ocidental das muralhas. Viam–se ao longe os fugitivos no meio da baía: alguns, esgotados pelos cansaço, eram tragados pelo mar, outros continuavam a avançar para a meta com braçadas regulares.
O soberano deu meia volta e, com Heféstion, regressou a galope para o acampamento naval no sopé do monte Latmo, onde quase todos os

navios já haviam sido lançados ao mar. Subiu a bordo da capitânia e mandou que seguisse para Lade.
Quando já estavam a ponto de atracar, viu que os sobreviventes do sítio já se haviam trancado dentro do fortim: armados apenas de espadas, ainda molhados após a travessia a nado, transtornados pelo cansaço, pareciam fantasmas. Mandou Heféstion ficar onde estava e avançou sozinho.
– Por que fugiram para cá?
– Porque o lugar é bastante pequeno para ser defendido por poucos homens.
– Quantos são? – gritou de novo Alexandre já embaixo da muralha.
Heféstion e alguns guardas vieram protegê–lo com seus escudos, mas ele mandou–os de volta.
– O Suficiente para dificultar a conquista.
– Abram o portão e nada de mal lhes acontecerá. Eu respeito o valor e a coragem.
– Quem é você meu rapaz? – perguntou o homem que falara antes.
– Sou o rei dos macedônios.
Heféstion fez de novo o sinal para os guardas se aproximarem, mas Alexandre mandou detê–los. Os defensores confabularam mais um pouco e aí o homem fez mais uma vez ouvir a sua voz:
– Tenho a sua palavra de rei?
– Sim, você a tem.
– Espere, vou descer.
Com um ranger de ferrolhos a porta do pequeno forte se abriu e o homem que falara apareceu no vão. Tinha uns cinqüenta anos, barba longa e hirsuta, cabelos desgrenhados e salpicados de sal, corpo descarnado e pele encarquilhada. Alexandre estava diante dele, sozinho.
– Posso entrar? – perguntou.



CAPÍTULO 17

Os guerreiros de Mileto que haviam fugido a nado para a ilha de Lade, depois de conhecerem Alexandre e falarem com ele, juraram–lhe fidelidade. Trezentos deles, a maioria, alistaram–se em seu exército para acompanhá–lo em sua campanha.

A cidade foi respeitada, não se permitiram saques de espécie alguma e aprovou–se uma ordem do dia que propunha a restauração das muralhas. O conselho dos cidadãos convocado por Eumênio a mando do rei ratificou o restabelecimento das instituições democráticas e decidiu que os impostos até então pagos ao Grande Rei seriam agora repassados a Alexandre. E uma vez que se falava de impostos, Eumênio pediu logo um adiantamento, mas mesmo assim a situação continuava grave devido às enormes despesas bélicas.

No dia seguinte, no conselho do alto comando, o secretário apresentou um detalhado relatório de caixa que, apesar das retumbantes vitórias até aí conseguidas, deixou um sabor um tanto amargo na boca de todos.

– Eu não entendo – disse Leonato. – Bastaria esticarmos os braços e pegarmos tudo aquilo de que precisamos. Esta cidade é muito rica e nós só pedimos que nos entregassem uma quantia irrelevante.

– Eu posso explicar – interveio Ptolomeu com ar condescendente. – Procure entender, Mileto agora é parte do nosso reino: espoliá–la seria o mesmo que espoliar uma cidade macedônia como Aigai ou Drabescus.

– Mas não era bem assim que o rei Filipe pensava quando conquistou Olinto e Potidéia – rebateu o Negro.

Alexandre enrijeceu–se, mas não fez comentários. Os outros tampouco replicaram. Quem quebrou o silêncio foi Seleuco:

– Era outra época, Negro: o rei Filipe precisava dar um exemplo, nós por outro lado estamos unificando todo o mundo grego em uma só pátria.

Parmênio decidiu então tomar a palavra:

– Homens, dentro em breve não precisaremos nos preocupar com esses problemas: só nos falta libertar Halicarnasso, agora. Enfrentaremos este último esforço e aí a nossa obra estará completa.

– Acha mesmo? – perguntou Alexandre com uma ponta de orgulho

ferido. – Eu nunca afirmei uma coisa dessas, nunca estabeleci limites nem termos para o nosso empreendimento. Mas se achar mais conveniente, general, está plenamente livre para voltar.
Parmênio baixou a cabeça e mordeu o lábio.
– Meu pai não queria... – começou Filotas.
– Sei muito bem o que seu pai queria dizer – rebateu Alexandre – e eu não tinha a menor intenção de humilhar um grande soldado. Mas o general Parmênio tem muitas batalhas, muitos sítios, muitas vigílias noturnas nas costas e a sua idade já não é tão tenra. Ninguém o criticaria se decidisse voltar para um descanso amplamente merecido.
Parmênio levantou a cabeça e olhou em volta como um velho leão cercado de filhotes que, de repente, se tornaram petulantes demais.
– Eu não preciso de descanso nenhum – disse – e ainda tenho condições para ensinar a qualquer um aqui dentro, exceto o rei – mas dava para entender claramente que queria dizer "inclusive o rei" – como segurar uma espada. E se me for permitido decidir eu mesmo a este respeito, só há uma maneira de mandar–me de volta à pátria antes do cumprimento da campanha, qualquer que seja a sua meta final: reduzido a cinzas e dentro de uma urna funerária.
Seguiu–se mais um longo silêncio, finalmente rompido por Alexandre:
– Era justamente o que esperava ouvir. O general Parmênio ficará conosco encorajando–nos com o seu valor e a sua experiência, e nós só podemos agradecer–lhe de coração. Mas agora – prosseguiu – preciso deixá–los a par de uma importante decisão que tomei nestas últimas horas, depois de muito meditar. Decidi desistir da frota.
– Decidiu desistir da frota? – repetiu incrédulo Nearcos.
– Isto mesmo – confirmou o rei, impassível. – E os acontecimentos destes últimos dias demonstraram que não precisamos dela. Bastam vinte navios para o transporte das peças desmontadas das máquinas de sítio. Seguiremos por terra e conquistaremos a costa e os portos: desta forma a frota persa não terá mais nem ancoradouros nem pontos de reabastecimento.
– Poderiam, no entanto, desembarcar na Macedônia – quis salientar Nearcos.
– Já enviei uma carta a Antípatro pedindo que ficasse alerta. Mas na verdade não creio que tentem uma coisa dessas.
– Esta escolha nos pouparia um gasto de mais de cento e cinqüenta

talentos por dia, que não temos – interveio Eumênio –, mas não quero fazer disto uma questão de dinheiro.
– Além do mais – prosseguiu o soberano – o fato de já não dispormos de uma saída para o mar deixará os homens mais motivados. Amanhã mesmo comunicarei a minha decisão a Karilaos. VocÊ, Nearcos, assumirá o comando da pequena frota que nos resta. Não é grande coisa, mas é importante.
– Como quiser, senhor – conformou–se o almirante. – Só posso esperar que esteja certo.
– E claro que está certo – replicou Heféstion. – Desde que o conheço, nunca esteve errado. Eu estou com Alexandre.
– Eu também – afirmou Ptolomeu. – Não precisamos dos atenienses. E além do mais acho que não vão demorar nada para apresentarem a conta pela sua colaboração, que será certamente muito salgada.
– Todos de acordo, então? – perguntou o rei. Todos assentiram, exceto Parmênio e o Negro.
– Cleito e eu não concordamos – disse Parmênio –, mas isto não importa. Até agora o rei demonstrou que não precisa dos nossos conselhos. E, de qualquer forma, sabe que pode contar com a nossa devoção e o nosso apoio.
– Um apoio indispensável – afirmou Alexandre. – Não fosse pelo Negro, a minha aventura na Ásia já teria acabado. No Granico, quem cortou o braço que estava a ponto de decepar a minha cabeça foi ele: nunca esquecerei. Mas comamos, agora, que fiquei com fome! Amanhã convocarei a assembléia do exército e darei a notícia.
Eumênio deu a reunião por encerrada e providenciou para que o convite para jantar também fosse transmitido aos oficiais atenienses e a Calístenes, Apeles e Kampaspe, que aceitaram com entusiasmo. Mandou então buscar umas "companheiras" muito graciosas e conhecedoras das manhas para manter alegre uma turma de rapazes. Eram todas de Mileto, elegantes e requintadas, esplêndidas naquela beleza morena e misteriosa das divindades orientais, filhas de antepassados vindos do mar e de mães trazidas pelos rios que desciam dos planaltos internos.
– Ofereçam uma ao general Parmênio! – gritou Leonato. – Queremos ver se, além da espada, ainda pode dar–nos aula com a sua haste!
O chiste fez rir a todos e desfez a tensão de um momento difícil. Embora nenhum deles estivesse com medo, a partida iminente da frota era um

corte definitivo, soava quase como uma espécie de premonição: a pátria ficava para trás, talvez para sempre.
A noitada mal havia começado quando Alexandre levantou–se e saiu: sentia–se um tanto entorpecido pelo vinho cipriota e estorvado pela audácia cada vez mais descarada de Kampaspe, que comia e bebia com a mão esquerda, apesar de não ser absolutamente canhota, pois mantinha a direita constantemente ocupada.
Logo que ficou ao ar livre pediu que lhe trouxessem Bucéfalo e lançou–se a galope rumo ao interior: queria aproveitar o ar perfumado da primavera e a luz da lua cheia que surgia naquele mesmo instante.
Dez homens da guarda pessoal haviam imediatamente saído atrás dele, mas seus cavalos penavam para manter o ritmo de Bucéfalo, que não diminuiu a velocidade nem mesmo nas encostas do monte Latmo.
Cavalgou por um bom tempo, até reparar que o animal estava molhado de suor. Colocou–o então a passo e continuou avançando pelo planalto ondeado que se abria diante dele, salpicado de pequenos vilarejos e isoladas moradas de pastores e camponeses. Os homens da guarda, já acostumados, não se aproximavam demais, mas continuavam a vigiar de longe.
Vez por outra via patrulhas da cavalaria macedônia passando velozes, acompanhadas pelo latir dos cães das fazendas ou pelas repentinas revoadas de pássaros despertados do seu repouso noturno. O seu exército estava paulatinamente tomando posse do espaço interno da Anatólia, reino inconteste de antigas comunidades tribais.
De repente viu sinais de algum tumulto na estrada que levava à pequena cidade de Alinda: um grupo de cavaleiros que acudiam com tochas, chamados, altercações.
Tirou do estribo o tradicional chapéu macedônio de abas largas, botou–o na cabeça, envolveu–se na capa e aproximou–se a passo. Os cavaleiros haviam detido um carro escoltado por dois homens armados que, de lanças em riste, opunham–se à descida dos ocupantes do veículo.
Alexandre chegou–se ao oficial macedônio que comandava o pelotão fazendo–lhe um sinal; a primeira reação do homem foi de enfado, mas o luar iluminou por um momento a estrela branca em forma de bucrânio na testa de Bucéfalo e o soldado reconheceu então o seu rei.
– Mas, senhor, o que...
Alexandre mandou–o calar com um gesto e perguntou baixinho:

– O que está acontecendo?
– Os meus soldados pararam este carro – respondeu o outro, também falando baixo – e gostaríamos de saber quem está nele, pois viaja à noite com uma escolta, mas eles opõem resistência.
– Mande recuar os cavaleiros e explique à escolta que não tem coisa alguma a recear, que nada de mal será feito às pessoas dentro do carro, desde que se mostrem.
O oficial obedeceu, mas os homens que protegiam o veículo não se mexeram. Ouviu–se no entanto uma voz feminina atrás da cortina:
– Não entendem o grego, espere...
E logo a seguir uma mulher de cabeça velada descia ao chão com movimento gracioso, apoiando o pé em um pequeno estribo. Alexandre pediu ao oficial para iluminar com a tocha e aproximou–se.
– Quem é vocÊ? Por que viaja à noite com homens armados? Quem mais está com você?
A mulher mostrou um rosto de impressionante beleza, dois grandes olhos escuros sombreados por longas pestanas, lábios carnudos bem desenhados e, sobretudo, um porte nobre sem ser atrevido, apenas levemente estorvado por um toque de trepidação.
– O meu nome é... Mitrianes – respondeu com uma quase imperceptível hesitação. – Os seus soldados ocuparam a minha casa e a minha propriedade no sopé do monte Latmo e decidi, portanto, juntar–me ao meu marido em Prusa, na Bitínia.
Alexandre dirigiu os olhos para o oficial e este perguntou:
– Quem mais está no carro?
– Os meus filhos – explicou a mulher, e chamou–os.
Apareceram dois adolescentes de notável beleza. Um parecia–se muito com a mãe, enquanto o outro era bastante diferente: olhos verdes azulados e cabelos louros.
O rei observou–os atentamente.
– Entendem o grego?
– Não – respondeu a mulher, mas a Alexandre não passou despercebido o olhar de conluio com os filhos, quase a dizer: "Deixem as explicações comigo."
– Imagino que o seu marido não seja persa: esse rapaz tem olhos azuis e cabelos louros – afirmou o rei, e percebeu ter deixado a mulher em dificuldade. Tirou o chapéu, descobrindo o rosto, e aproximou–se mais

ainda, fascinado pela beleza e pela aristocrática intensidade do seu olhar.
– O meu marido é grego e era... o médico do sátrapa da Frigia. Faz muito tempo que não tenho notícias dele e receio que algo de mau tenha acontecido. Estamos tentando encontrá–lo.
– Mas não agora: é perigoso demais para uma mulher e dois garotos. Esta noite você será minha hóspede, e amanhã poderá seguir viagem com uma escolta mais adequada.
– Peço–lhe, poderoso senhor, que não se preocupe com isto. Tenho certeza de que nada nos acontecerá se nos deixar ir. Ainda temos muito caminho pela frente.
Ninguém ousará faltar–lhe o respeito. – Aí dirigiu–se aos seus homens: – Escoltem– na até o acampamento!
Pulou na garupa e afastou–se, acompanhado pela guarda pessoal que não o perdera de vista por um só momento. Na volta encontraram Perdicas, já preocupado com o seu desaparecimento.
– Sou o responsável pela sua segurança, e seria só me informar quando quer sair que eu...
Alexandre calou–o com um gesto.
– Nada aconteceu, meu amigo, e sei cuidar de mim mesmo. Como está indo o jantar?
– Como de costume, mas o vinho é forte demais: os homens não estão acostumados.
– Terão de se acostumar a isto e a bem mais. Venha, vamos voltar.
A chegada do carro com dois guardas estrangeiros foi motivo de excitação e curiosidade no acampamento. Péritas começou a latir e até Leptine começou a fazer perguntas:
– Quem está naquele carro? Onde os encontrou?
– Prepare um banho naquela tenda – ordenou o rei – e camas para dois garotos e uma mulher.
– Uma mulher? Quem é essa mulher, meu senhor?
Alexandre fitou–a de forma peremptória e Leptine obedeceu sem mais um pio. Aí ele acrescentou:
– Quando estiver devidamente acomodada, diga–lhe que espero por ela na minha tenda.
Do pavilhão do conselho de guerra, que não ficava longe, chegava a gritaria inarticulada de ébrios, músicas um tanto desafinadas de flautas e pífaros, gritinhos de mulheres e os berros de Leonato que dominavam

qualquer outro ruído.
Alexandre mandou trazer alguma comida, figos de primeira colheita, leite e mel, aí segurou na mão o retrato de Mêmnon que Apeles havia deixado na sua mesa e ficou impressionado com a maneira pela qual o pintor representara a sua expressão de indecifrável melancolia.
Deixou–o novamente na mesa e começou a ler a correspondência que havia chegado nos últimos dias. Uma carta do regente Antípatro que relatava uma situação no todo tranqüila, à parte os chiliques da rainha que pretendia tratar de assuntos de estado que nada tinham a ver com ela, e uma carta de Olympias que protestava por sentir–se tolhida pelo regente de qualquer liberdade e possibilidade de agir de forma condigna com a sua posição e o seu papel.
Não mencionava os ricos presentes que lhe enviara após a vitória do Granico. Talvez ainda não os tivesse recebido.

CAPÍTULO 18

Quando levantou o olhar da correspondência, ela estava bem à sua frente. Sem véus, os olhos apenas marcados por uma linha negra a moda egípcia, o corpo envolvido em um traje de linho verde estampado de estilo oriental, os
costume grego, a hóspede estrangeira ainda parecia refletir uma sobra do luar que pela primeira vez a revelara.
O rei aproximou–se e ela ajoelhou–se para beijar–lhe a mão.
– Eu não sabia, poderoso senhor, não podia saber... Perdoe–me.
Alexandre segurou–a pelas mãos e a fez levantar, encontrando o seu olhar tão de perto que pôde sentir o cheiro dos seus cabelos: perfume de violeta.
Ficou atordoado. Até aquele momento, nunca tinha desejado tão repentinamente apertar entre os braços uma mulher. Ela percebeu, mas ao mesmo tempo sentiu no olhar dele uma força quase irresistível que a atraía, como a luz de uma lanterna atrai a mariposa.
Baixou os olhos para o chão e disse:
– Trouxe os meus filhos para que lhe prestem homenagem.
Recuou até a entrada e chamou os dois garotos. Alexandre virou–se para a bandeja com figos e mel.
– Peguem alguma coisa para comer, por favor, fiquem à vontade. – E, quando voltou a dirigir o olhar para os garotos, percebeu de repente o que se passara em um piscar de olhos atrás dele.
Um dos rapazes reparara no retrato de Mêmnon na mesa e tivera uma reação de surpresa que a mãe refreara com um olhar severo e a pressão da mão no seu ombro.
O rei fez de conta que nada percebera. Voltou simplesmente a dizer:
– Não querem comer algo? Não estão com fome?
– Agradeço, meu senhor – respondeu a mulher –, mas estamos muito cansados devido à viagem e só gostaríamos que nos permitisse repousar, se isto não lhe desagradar.
– Claro, sem dúvida. Podem se retirar. Leptine levará esta comida para a sua tenda: se tiverem fome ou sede durante a noite, fiquem à vontade.

Chamou a jovem para que acompanhasse os hóspedes, voltou à mesa e segurou nas mãos o retrato do seu adversário, quase tentando descobrir naquele olhar o segredo da sua misteriosa energia.
O acampamento estava mergulhado no mais completo silêncio e a noite estava na metade do seu caminho. Uma patrulha de vigia completou a sua ronda e o oficial no comando certificou–se de que as sentinelas nos portões estavam bem acordadas. Quando o eco dos chamados e das palavras de ordem se apagou, uma figura envolvida em um manto saiu furtivamente da tenda dos hóspedes e dirigiu–se para a do rei.
Péritas dormia no seu canil e a brisa do mar só lhe trazia o odor da maresia, dispersando para os campos qualquer outro cheiro. Os dois guardas de vigia no pavilhão real estavam apoiados em suas lanças, um em cada lado da entrada. A figura encoberta parou para observá–los, depois dirigiu–se decididamente para eles segurando a bandeja nas mãos.
– É Leptine – comentou um dos dois.
– Salve, Leptine. Que tal ficar um pouco com a gente? Estamos cansados e nos sentimos terrivelmente solitários.
A mulher sacudiu a cabeça como se estivesse acostumada a esse tipo de brincadeira, ofereceu–lhe alguns doces e entrou.
altivo da hóspede estrangeira. Demorou–se olhando o retrato de Mêmnon que ainda estava na mesa e acariciou–o com a ponta dos dedos, aí puxou dos cabelos uma longa agulha com cabeça de âmbar e aproximou–se levemente da cortina que separava o recanto para dormir do resto da tenda. Do outro lado mal se vislumbrava a débil claridade de mais uma lamparina.
Puxou a cortina e entrou. Alexandre dormia deitado de costas, só coberto pela clâmide militar, e tinha ao seu lado um cabide com a armadura que pegara no templo de Atena Ilírica em Tróia.
Naquela mesma hora, bem longe, no seu quarto na corte de Péla, Olympias agitou–se no sono, atormentada por um pesadelo, e pulou de repente ficando sentada na cama e lançou um grito agudo, pavoroso, que ressoou pelos aposentos silenciosos do palácio.
A mulher procurou o coração de Alexandre tateando na semi escuridão com a mão esquerda, aí levantou a direita que segurava o ferrão para golpear a sua vítima, mas naquele momento o rei acordou e dardejou–a com um olhar de fogo. Talvez fosse apenas a sombra trêmula projetada

pela lanterna, mas o seu olho esquerdo, negro como as trevas, fazia com que parecesse uma criatura alheia e titânica, quase um monstro mitológico. A mão ficou suspensa no ar, incapaz de vibrar o golpe mortal.

Alexandre levantou–se lentamente, empurrando o peito contra a ponta de bronze que se manchou de uma gota de sangue. Continuava a fitá–la sem piscar.

– Quem é você? – perguntou, em pé diante dela. – Por que quer me matar?



CAPÍTULO 19

mãos.
A mulher deixou cair a agulha e começou a chorar cobrindo o rosto com as
– Diga–me quem é – insistiu Alexandre. – Não lhe farei mal algum. Não me
passou despercebida a reação do seu filho quando viu o retrato de Mêmnon na minha mesa. Ele é o seu marido, não é? Não é? – repetiu mais alto, segurando–a pelos pulsos.
– O meu nome é Barsine – respondeu a mulher sem levantar os olhos, com voz apagada – e sou a esposa de Mêmnon. Não faças mal aos meus filhos, eu te peço, e se es temente aos deuses hão me desonres. O meu marido pagará qualquer resgate, o preço que quiser, para ter a sua família de volta.
Alexandre forçou–a a levantar a cabeça, olhou–a de novo no rosto e sentiu– se invadir por um calor abrasador. Compreendeu que, se a mantivesse ao seu lado, aquela mulher poderia fazer qualquer coisa dele. E no seu olhar também via uma estranha trepidação, diferente do receio materno ou da aflição de uma mulher sozinha e prisioneira. Via lampejos de uma emoção arcana e poderosa, dominada e talvez reprimida por uma vontade ainda mais forte, mas já minada. Perguntou:
– Onde está Leptine?
– Na minha tenda, sob a custódia dos meus filhos.
– E ficou com a sua capa...
– Sim.
– Ela foi machucada?
– Não.
– Eu deixarei partir, e este segredo ficará entre nós. Não é preciso falar em resgate, não combato com mulheres e crianças: quando encontrar seu marido, lutarei com ele pessoalmente, e vencerei, se souber que o prêmio será deitar ao seu lado. Agora vá, e envie–me de volta Leptine. Amanhã mandarei escoltá–la para onde quiser.
Barsine beijou–lhe a mão murmurando baixinho palavras

incompreensíveis na sua língua materna, e então dirigiu–se à saída, ma Alexandre chamou–a de volta:
– Espere.
Aproximou–se enquanto ela o fitava com olhos trêmulos e brilhantes, segurou o seu rosto entre as mãos e beijou–a na boca.
– Adeus. Não me esqueça.
Acompanhou–a para fora da tenda enquanto os dois pezéteros ficavam tão rijos, à vista do rei, quanto as lanças que tinham em punho.
Leptine voltou logo a seguir, zangada e abalada por ter sido seqüestrada por dois garotos, mas Alexandre acalmou–a:
– Não precisa ficar preocupada, Leptine: a mulher só receava ser submetida a violência. Tranqüilizei–a. Agora você precisa repousar, deve estar cansada.
Deu–lhe um beijo e voltou a se deitar.
No dia seguinte providenciou para que Barsine fosse escoltada até as margens do Meandro com o seu salvo–conduto pessoal e ele mesmo acompanhou a pequena comitiva por uns dez estádios.
Quando o viu parar, Barsine virou–se para trás e despediu–se com um aceno da mão.
– Quem é aquele homem? – perguntou Fraates, o mais jovem dos seus filhos.
– Por que tinha na mesa um retrato do nosso pai?
– É um grande guerreiro e um homem justo – respondeu Barsine. – Não sei
por que tinha um retrato do seu pai, talvez porque Mêmnon seja o único homem no mundo que possa se comparar com ele.
Virou–se mais uma vez e viu que Alexandre continuava ali, imóvel na garupa de Bucéfalo, no topo de uma colina fustigada pelo vento. Era assim que iria se lembrar dele.
Mêmnon ficou dez dias nos morros que cercavam Halicarnasso esperando que todos os seus soldados que haviam sobrevivido à batalhe do Granico, mais ou menos uns mil ao todo, se juntassem a ele recompondo suas fileiras. Aí, certa noite, entrou na cidade a cavalo, sozinho envolvido no seu manto e com um turbante persa que lhe ocultava quase completamente o rosto, dirigiu–se à Casa do conselho.
A grande sala das assembléias surgia nas redondezas do gigantesco Mausoléu, o monumental sepulcro de Mausolo, rei da Cária, que fizera

da cidade a capital do seu reino A lua já estava alta no céu e iluminava a grandiosa estrutura: um cubo de pedra coroado por um pórtico de colunas jônicas por sua vez encimado por uma
pirâmide truncada em cujo topo se via a imponente quadriga de bronze com a imagem do falecido soberano.
As superfícies esculpidas, obra dos maiores escultores da geração anterior, Escopas, Briaxis, Leócares, representavam episódios da mitologia grega cujo cabedal já passara havia muito tempo a fazer parte da cultura nativa, principalmente aquelas histórias que por antiga tradição haviam acontecido na Ásia, como, por exemplo, a luta entre os gregos e as amazonas.
Mêmnon parou um instante para observar um baixo–relevo no qual um guerreiro grego segurava uma amazona pelos cabelos e a mantinha no chão pisando–lhe as costas. Sempre perguntara a si mesmo por que a arte grega, tão sublime, retratava tantas cenas de violência contra as mulheres. E concluíra que devia ser apenas por medo, aquele mesmo medo que os induzia a manter suas mulheres trancadas nos gineceus de forma que em todas as ocasiões sociais tinham de recorrer à presença das "companheiras".
Pensou em Barsine, que já devia estar em segurança viajando pela estrada do Rei, de grades douradas, e sentiu crescer em si uma amarga saudade. Lembrava as suas pernas de gazela, a sua pele morena, o perfume de violeta dos seus cabelos, o timbre sensual da voz, a sua aristocrática altivez.
Incitou com os calcanhares os flancos do cavalo e seguiu adiante, tentando afugentar a melancolia, mas naquele momento os poderes extraordinários que lhe haviam sido outorgados pelo Grande Rei em pessoa de nada lhe adiantavam.
Passou diante da estátua de bronze do mais ilustre filho de Halicarnasso, o grande Heródoto, o autor das monumentais Histórias, o primeiro a narrar o titânico embate entre gregos e bárbaros durante as guerras persas, talvez o único a entender as razões profundas daquela luta, por ser ele mesmo filho de pai grego e de mãe asiática.
Ao chegar diante do edifício do conselho, desmontou, subiu pela escadaria iluminada por duas fileiras de trípodes à guisa de enormes lanternas e bateu repetidamente à porta até que vieram abrir.
– Sou Mêmnon – disse tirando o turbante. – Acabei de chegar.

Levaram–no ao interior da sala onde estavam reunidas todas as autoridades civis e militares da cidade: os comandantes persas da guarnição, os generais atenienses Efialta e Trasibulo que chefiavam as tropas mercenárias e o sátrapa da Cária, Orontobates, um persa corpulento que sobressaía devido às roupas vistosas, aos brincos, ao precioso anel e ao reluzente akinake de ouro maciço que trazia pendurado no cinto.

Também estava presente o representante da dinastia local, o rei da Cária, Pixódaros, um homem na casa dos quarenta com uma barba extremamente negra e só uma pincelada grisalha nas têmporas. Dois anos antes oferecera a própria filha como esposa para um dos príncipes da Macedônia, mas a coisa dera em nada e então decidira voltar atrás apoiando–se no sátrapa persa da Cária, o pesado Orontobates, que agora era o seu genro.

Havia três assentos reservados à presidência da assembléia: dois já estavam ocupados por Pixódaros e Orontobates, e Mêmnon foi convidado a sentar no terceiro. Estava claro que todos esperavam ouvir a sua opinião.

– Homens de Halicarnasso e homens da Cária – começou – o Grande Rei depositou em mim uma enorme responsabilidade, a de deter a invasão do

soberano macedônio, e eu tenciono levar a cabo esta tarefa custe o que custar. Sou o único, neste recinto, a ter visto pessoalmente Alexandre e a ter enfrentado o seu exército com a lança e a espada, e posso assegurar que se trata de um adversário bastante temível. Não só é destemido até a temeridade no campo de batalha, como também é astucioso e imprevisível. Pela maneira como conquistou Mileto, podemos facilmente imaginar do que ele é capaz, mesmo em condições de total inferioridade no mar.

– Mas não é minha intenção deixar–me pegar despreparado: Halicarnasso não vai cair. Nós os forçaremos a desgastar as suas forças em volta das nossas muralhas até esvair–se em sangue. Continuaremos recebendo suprimentos por mar, onde a nossa frota domina, e poderemos resistir por um prazo indeterminado. E finalmente, quando o momento oportuno chegar, faremos um ataque e acabaremos com os seus esgotados guerreiros.

– Eis o meu plano: antes de qualquer coisa não permitiremos que se

aproxime com as suas máquinas de guerra, aparelhos de grande poder e eficácia, desenhados expressamente para o rei Filipe pelos melhores engenheiros da Grécia. Usaremos, portanto, contra ele as suas mesmas armas: o macedônio impediu que a nossa frota se abastecesse de água e comida ocupando e vigiando os ancoradouros, e nós faremos o mesmo, não deixando que descarregue as máquinas dos seus navios nos arredores da nossa cidade. Enviaremos unidades de cavalaria e tropas de ataque para toda enseada que fique a menos de trinta estádios de Halicarnasso. E não é só. O único local onde pode tentar nos atacar com alguma possibilidade de sucesso é o setor nordeste das nossas muralhas. E ali mandaremos justamente cavar uma vala com quarenta pés de comprimento por dezoito de largura: desta forma, mesmo que consiga desembarcar as suas máquinas, não poderá encostá–las nas nossas fortificações.

– Disse o que tinha a dizer, por enquanto. Providenciem para que os trabalhos comecem amanhã mesmo, ao alvorecer, e prossigam noite e dia sem interrupção.

Todos aprovaram o plano que, de fato, parecia irrepreensível e, pouco a pouco, saíram da sala dispersando–se pelas ruas da cidade, brancas sob os raios da lua cheia. Só ficaram os dois atenienses: Trasibulo e Efialta.

– Querem dizer–me alguma coisa? – perguntou Mêmnon.

– Com efeito – respondeu Trasibulo. – Efialta e eu gostaríamos de saber até que ponto podemos contar contigo e com os seus homens.

– Eu poderia lhes fazer a mesma pergunta – observou Mêmnon.

– O que queremos dizer – interveio Efialta, um brutamonte com pelo menos seis pés de altura e músculos hercúleos – é que nós somos incentivados pelo ódio contra os macedônios que humilharam a nossa pátria forçando–a a aceitar condições de paz vergonhosas: tornamo–nos mercenários porque era a única maneira de combater o inimigo sem prejudicar a nossa cidade. Mas, e no seu caso? Quais são as suas motivações? Quem pode nos garantir que permanecerá fiel à causa mesmo quando isto já não for da sua conveniência? Afinal de contas você é um...

– Mercenário profissional? – interrompeu–o Mêmnon. – Sim, é verdade. Assim como o são os seus homens, do primeiro ao último. Hoje em dia, a única coisa que não falta nos mercados é a fartura de espadas mercenárias. Estão

medo prevalecer sobre o ódio, e isto também poderia acontecer com vocês. Eu não tenho outra pátria a não ser a minha honra e a minha palavra, e terão de confiar nela. Nada é mais importante, para mim, juntamente com a minha família.
– É verdade que o Grande Rei convidou sua esposa e seus filho para ficarem com ele na corte de Susa? E, se for verdade, não quer então dizer que nem ele confia em você, e que quis tê–los ao seu lado com reféns?
Mêmnon fitou–o com olhos gélidos:
– Para derrotar Alexandre precisarei de lealdade e obediência absolutas de sua parte. Se tiverem dúvidas quanto à minha palavra, então, não os quero. Vão embora, estão dispensados das suas obrigações Vão enquanto ainda há tempo.
Os dois generais atenienses pareceram consultar–se com uma olhada, e então Efialta falou:
– Só queríamos descobrir se aquilo que contam de você é verdade. Agora sabemos que é. Conte conosco, até o fim.
Saíram e Mêmnon ficou sozinho na grande sala vazia.

CAPÍTULO 20

Depois de acertar com seus oficiais as últimas providências, Alexandre afastou–se do acampamento ao lado das muralhas de Mileto enquanto os homens de Nearcos começavam a desmontar as máquinas de sítio para em seguida embarcá–las nas naus e nas barcaças de carga fundeadas perto da praia. Ficou estabelecido que, logo após completar a operação, o almirante iria dobrar o cabo de Mileto para procurar um ancoradouro conveniente o mais perto possível de Halicarnasso. Haviam ficado com ele dois capitães atenienses que comandavam as duas pequenas esquadras de trirremes de combate.

A praia fervilhava de soldados e ressoava de gritos e ruídos. Marretadas, chamados, berros ritmados de tripulações que puxavam das barcaças as grandes vigas desmontadas para colocá–las a bordo.

O rei deu uma última olhada no que lhe sobrava da frota aliada e na cidade que agora se esparramava tranqüila sobre o promontório e deu o sinal de partida. Abria–se diante dele um vale cheio de oliveiras contido pelas encostas do monte Latmo ao norte e do monte Grios ao sul. Mais adiante serpeava a poeirenta estrada que levava à cidade de Mílasa.

Fazia calor e o dia estava claro, o prateado das oliveiras reluzia nas colinas, enquanto nos campos floridos de papoulas os brancos grous debicavam ao longo dos riachos à cata de rãs e de alevinos. Com a aproximação do exército, levantavam a cabeça agitando os longos bicos, curiosos, para em seguida voltar à sua tranqüila pescaria.

– Acredita na história dos grous e dos pigmeus? – Leonato perguntou a Calístenes, que cavalgava ao seu lado.

– Ora, quem fala no assunto é Homero, e Homero é geralmente considerado digno de confiança – respondeu Calístenes, sem contudo mostrar–se muito convencido.

lutas entre os grous, que tentavam levar embora com o bico as crianças dos pigmeus, e os pigmeus que procuravam quebrar os ovos das gruas. Isto tudo, para mim, não passa de história de criança, mas se Alexandre realmente tenciona alcançar os extremos limites do império persa, talvez cheguemos até a ver a terra dos pigmeus.

– Talvez – replicou Calístenes dando de ombros –, mas no seu lugar eu não contaria muito com isso. Procure entender, são contos da carochinha. Parece que subindo rio acima, pelo Nilo, pode–se realmente encontrar anões de pele escura, mas duvido que só tenham a altura de um côvado, como a história indica, e que ceifem as espigas de trigo a machadadas. Os relatos ficam distorcidos com o passar do tempo e ao serem contados de um para outro. Por exemplo: se eu começasse a dizer que os grous roubam as crianças dos pigmeus para levá–las a casais sem filhos, estaria acrescentando um detalhe imaginoso a uma história já bastante fantasiosa por si só, mantendo–me entretanto fiel a uma certa verossimilhança. Fui claro?
Leonato estava um tanto perplexo. Virou–se para controlar as bestas que carregavam pesados fardos.
– O que há naqueles fardos? – perguntou Calístenes.
– Areia.
– Areia?
– Isto mesmo.
– Para quê?
– Preciso dela para exercitar–me na luta. Pode ser que mais adiante encontremos terreno pedregoso e então já não terei como treinar. É por isto que levo a areia comigo.
Calístenes meneou a cabeça e cutucou com os calcanhares a sua égua. Logo depois foi superado por Seleuco que seguiu a galope para a cabeça da coluna onde parou ao lado de Alexandre, indicando alguma coisa na encosta do Latmo.
– Já reparou naquilo?
O soberano dirigiu o olhar naquela direção.
– O que é?
– Mandei alguns exploradores darem uma olhada: é uma senhora idosa que está seguindo a gente com o seu séquito desde esta manhã.
– Por Zeus! Poderia esperar qualquer coisa menos uma senhora idosa que quer nos acompanhar com o seu séquito.
– Quem sabe queira tirar uma casquinha! – brincou Lisímaco que cavalgava ali perto e ouvira a conversa.
– Não diga besteira – rebateu Seleuco. – O que aconselha fazer, Alexandre?
– Não creio que represente um perigo para nós. Se ela precisar de

alguma coisa, que venha dizer. Não vou me preocupar com isto, por enquanto.
Prosseguiram a passo, protegidos por grupos de exploradores a cavalo que funcionavam como batedores, até chegarem a uma ampla clareira no local onde o vale se abria como um leque a caminho da cidade.
Foi dado o sinal de parada e os "escudeiros" fincaram estacas com panos à guisa de abrigo e proteção contra o sol para o rei e os comandantes.
Alexandre apoiou–se a um olmeiro e tomou alguns goles de água de um cantil. Já começava a fazer muito calor.
– Temos visitas – observou Seleuco.
O rei virou–se para a colina e viu um homem a pé que conduzia pelo cabresto uma mula branca na qual estava sentada uma mulher luxuosamente vestida, mas um tanto idosa. Atrás dela, outro serviçal segurava uma sombrinha, enquanto um terceiro espantava as moscas com um flabelo de crina.
Fechando o cortejo, seguia um diminuto grupo de armígeros de aparência nem um pouco agressiva, e um pequeno comboio de carros de vários tamanhos e animais de carga.
Quando a caravana chegou a uma distância de meio estádio parou. Um dos homens da escolta aproximou–se do local onde Alexandre descansava na sombra do olmeiro e pediu para ser levado até ele.
– Grande rei, a minha ama, Ada, rainha da Cária, pede para ser recebida.
Alexandre acenou para que Leptine lhe ajeitasse o manto e os cabelos sobre os quais colocar o diadema, e aí respondeu:
– A sua ama é bem–vinda a qualquer hora.
– Mesmo agora? – perguntou o estrangeiro, falando grego com um marcado sotaque oriental.
– Mesmo agora. Não temos muito a oferecer, mas ficaremos honrados se ela consentir em sentar à nossa mesa.
Compreendendo a situação, Eumênio mandou logo montar pelo menos a cobertura do pavilhão real, de forma que os hóspedes pudessem sentar na sombra, e conseguiu dispor mesas e assentos em tempo extremamente breve, tão breve que tudo já estava arrumado antes mesmo da rainha chegar.
Um estribeiro ficou de quatro no chão e a grande dama desceu da mula apoiando o pé nas suas costas como se fosse um banquinho. Aproximou–se então de Alexandre, que esperava por ela com uma

atitude de profundo respeito.
– Seja bem–vinda, grande senhora – disse–lhe no grego mais puro. – Fala a minha língua?
– Certamente – respondeu a dama para a qual estava sendo preparado um pequeno trono prontamente descarregado de um dos carros do séquito. – Posso sentar?
– Por favor – convidou–a o rei, que por sua vez sentou–se cercado pelos companheiros. – Estes que está vendo são meus amigos, mais que irmãos, os membros da minha guarda pessoal: Heféstion, Seleuco, Ptolomeu, Perdicas, Cratero, Leonato, Lisímaco, Filotas. Este outro, aqui ao meu lado, de aspecto mais guerreiro – e não conseguiu reprimir um sorriso – é o meu secretário geral, Eumênio de Cárdia.
– Salve, secretário geral – cumprimentou–o a dama acenando graciosamente com a cabeça.
Alexandre olhou para ela: devia ter entre cinqüenta e sessenta anos, mais perto dos sessenta, talvez. Não pintava os cabelos e não escondia as têmporas já cinzentas, mas devia ter sido uma mulher de grande fascínio. O traje de lã adamascada, lavrada com quadros que representavam cenas mitológicas, enfaixava–a revelando formas que alguns anos antes deviam ter sido muito atraentes.
Tinha olhos da cor do âmbar, luminosos e serenos, só levemente marcados por um traço de bistre, o nariz reto e as maçãs do rosto salientes, que lhe conferiam uma expressão de grande dignidade. Usava os cabelos presos em coque encimado por um pequeno diadema de ouro enfeitado com turquesas e lápis–lazúli, mas tanto as suas roupas quanto a sua maneira de ser denunciavam um toque de melancólica obsolescência, como se a sua vida já não tivesse sentido.
As formalidades e as apresentações levaram algum tempo. Alexandre reparou que Eumênio escrevia rapidamente alguma coisa em uma tabuleta que apoiou em seguida na mesa, na sua frente. Sem dar na vista, leu:
A pessoa diante de você é Ada, rainha da Cária. Foi casada com dois dos seus irmãos, um deles vinte anos mais jovem do que ela, ambos falecidos. O último irmão é Pixódaros, que poderia ter sido o seu sogro e que a afastou do poder. Este encontro poderá se revelar muito interessante. Não perca a ocasião.
disse:

Mal tinha acabado de ler essas poucas linhas, a dama sentada diante dele
– Sou Ada, rainha da Cária, mas agora vivo exilada na minha fortaleza de Alinda. Acredito que o meu irmão gostaria de banir–me de lá também, se tivesse o poder de fazê–lo. A vida e o destino não me concederam filhos, e encaminho–me para a velhice com uma certa melancolia no coração, mas principalmente entristecida pelo modo com que fui tratada por Pixódaros, o último e o mais desprezível dos meus irmãos.
– Como sabia? – ciciou Alexandre no ouvido de Eumênío, que estava ao seu
lado.
– É o meu trabalho – ciciou de volta o secretário. – E, além disto, já o livrei de
uma enrascada com este pessoal, não se lembra?
Alexandre lembrou a cena do pai ao saber que ele mandara por água abaixo o casamento entre o seu meio irmão Arrideu e a filha de Pixódaros, e sorriu pensando nas brincadeiras do destino: aquela dama de aparência e porte tão particulares, para ele uma total desconhecida, poderia ter–se tornado sua parente.
– Posso convidá–la para a minha modesta mesa? – perguntou. A dama inclinou graciosamente a cabeça.
– Fico muito agradecida e aceito com prazer. Mesmo assim, conhecendo a comida dos exércitos, me atrevi a trazer algumas coisinhas de casa que espero serem do seu agrado.
Bateu palmas e os seus serviçais tiraram dos carros pães ainda fragrantes, roscas com passas, tortas com geléia, massas folhadas com mel, pãezinhos recheados com ovo batido, farinha e vinho quente, além de vários outros acepipes.
Heféstion ficou abobalhado e uma gota de saliva escorreu–lhe da boca, Leonato teria avançado logo se Eumênio não lhe tivesse dado um pisão.
– Rogo que se sirvam à vontade – exortou–os a dama. – Temos bastante.
Todos avançaram afoitos sobre a comida que lhes lembrava a infância, preparada pelas mãos amorosas das mães ou das governantas. Alexandre só
experimentou um biscoito, depois aproximou–se da rainha e sentou num banquinho.
– Por que veio nos ver, minha senhora, se me for permitido perguntar?
– Como já disse, sou a rainha da Cária, filha de Mausolo, aquele que

repousa no grande monumento de Halicarnasso. O meu irmão Pixódaros usurpou o trono e agora domina a cidade após ter criado parentesco com o sátrapa persa Orontobates ao qual deu a filha como esposa. Quanto a mim, não só fui privada de poder, como também dos meus apanágios, das rendas e da maior parte das minhas moradas. Tudo isto é injusto e merece uma punição. Vim portanto falar contigo, jovem rei dos macedônios, para oferecer–lhe a fortaleza e a cidade de Alinda que lhe permitirão controlar todo o interior do país, sem o qual Halicarnasso não poderia viver.

Proferiu estas palavras com a maior naturalidade, como se estivesse empenhada em algum tipo de brincadeira social. Alexandre olhou para ela pasmo, quase não conseguindo acreditar em seus próprios ouvidos.

A rainha Ada fez um sinal para que um criado se aproximasse cem a bandeja dos doces.

– Mais um biscoito, meu rapaz?

CAPÍTULO 21

Alexandre falou baixinho com Eumênio avisando que queria ficar a sós com a hóspede e logo depois os seus companheiros começaram a se despedir, um depois do outro, aduzindo as mais variadas obrigações. Quem apareceu de repente, no entanto, foi Péritas, atraído pelos doces de que era particularmente guloso.

– Minha senhora – começou Alexandre –, não sei se entendi direito: está oferecendo a fortaleza e a cidade de Alinda sem pedir coisa alguma em troca?

– Não exatamente – replicou a rainha. – Há uma coisa de que gostaria, em
troca.

– Fale, e se estiver em meu poder a concederei. O que deseja?

– Um filho – respondeu Ada com a maior naturalidade.

Alexandre empalideceu e ficou daquele jeito, de biscoito na mão e boquiaberto, olhando para ela. Péritas latiu quase lembrando que continuava esperando por aquele biscoito ainda parado no ar, na mão do amo.

– Minha senhora, eu não creio que possa... Ada sorriu.

– Acho que não entendeu direito, meu rapaz. – E o próprio fato de chamá–lo "meu rapaz", embora acabassem de se conhecer, já demonstrava alguma coisa. – Pense bem, nunca tive o consolo de um filho, e talvez tenha sido melhor assim uma vez que o costume e as exigências dinásticas impuseram que me casasse com os meus irmãos, primeiro com um e depois com o outro. Por isto mesmo, quando então fiquei viúva, a minha dor foi maior ainda. Mas se o destino tivesse me concedido um marido normal e um filho meu, pois bem, gostaria de ter tido um filho como você: bonito e gentil e de nobre aspecto, com maneiras requintadas, mas também com firmeza e garra, corajoso e ousado, mas também cordial e
que te conheci. Em outras palavras, estou pedindo que se torne meu filho.

Alexandre não conseguia articular uma palavra sequer enquanto a

rainha Ada olhava para ele com seus olhos sombreados, suaves e melancólicos.
– Então, o que me diz, meu rapaz?
– Eu... eu não sei como isto poderia acontecer...
– Muito simples: com uma adoção.
– E como se daria esta adoção?
– Sou a rainha: se você concordar, basta que eu pronuncie a fórmula e você será meu filho para todos os efeitos.
Alexandre fitou–a cada vez mais pasmo.
– Estarei pedindo demais? – perguntou Ada com um ar um tanto preocupado.
– Não, só que...
– O quê?
– Eu não estava preparado para um pedido desses. Por outro lado, só posso me sentir lisonjeado e, portanto... – Ada inclinou–se levemente para frente aguçando o ouvido, como se quisesse ter certeza de ouvir as palavras que esperava. – Portanto, fico feliz e honrado em aceitar a sua oferta.
A rainha comoveu–se até as lágrimas.
– Então aceita de verdade?
– Sim.
– Vou avisando: vou querer que me chame "mãe".
– Farei isto... mãe.
Ada enxugou os olhos com um lenço rendado, aí levantou a cabeça, endireitou os ombros, pigarreou e então disse:
– Sendo assim, eu, Ada, filha de Mausolo, rainha da Cária, adoto a você, Alexandre, rei dos macedônios, como filho e te nomeio único herdeiro de todos os meus bens. – Deu–lhe a mão e Alexandre a beijou.
– Esperarei por você amanhã em Alinda, meu filho. E agora, querido, dê–me um beijo.
Alexandre levantou–se, beijou–a em ambas as faces e gostou do seu perfume oriental de sândalo e rosa silvestre. Péritas aproximou–se abanando o rabo e ganindo, esperando que pelo menos aquela senhora que cheirava tão bem lhe desse um biscoito.
A rainha acariciou–o.
– É simpático, este seu bichinho, embora seja um tanto... volumoso.
Afastou–se então com o seu séquito, deixando fartas provisões para o

filho e seus amigos, todos rapazolas que certamente deviam ter um formidável apetite. Alexandre ficou olhando–a na sua mula branca, com um serviçal que a protegia com a grande sombrinha bordada e outro que lhe espantava as moscas. Quando se virou, encontrou o olhar de Eumênio que não sabia se devia rir ou assumir um ar solene, de circunstância.
– Ai de você se contar alguma coisa à minha mãe – ameaçou. – Ela seria bem capaz de mandar me envenenar. – Aí virou–se para o cão que, já sem paciência devido à inútil espera, latia agora como um possesso. – E quanto a você, calado! E já para o canil! – berrou.
levasse o exército para Milasa e que recebesse em seu nome a submissão de todas as cidades, grandes ou pequenas, que encontrasse ao longo do caminho. Ele, por sua vez, partiu a galope rumo a Alinda com Heféstion e a guarda pessoal.
Passaram por amplos vinhedos que exalavam o perfume delicado da sua invisível floração, e por verdes extensões de campos de trigo, e também por pastos salpicados por uma grande variedade de flores de todas as cores, onde triunfavam largas manchas vermelhas de papoulas.
Alinda apareceu diante deles no calor do sol meridiano, imponente no topo de uma colina, cercada por muralhas maciças formadas por grandes blocos quadrados de pedra cinzenta, dominada pela massa gigantesca da cidadela, uma fortaleza turrígera e sombria sobre a qual flutuavam ao vento as bandeira azuis do reino da Caria.
Perfilados nos passadiços podiam se ver soldados armados de longas lanças, com arcos e aljavas a tiracolo, e em frente ao portão uma unidade de cavalaria alinhada em duas fileiras: guerreiros em suas armaduras de parada montando cavalos maravilhosamente arreados.
Quando chegaram mais perto o portão da cidade se abriu e apareceu a rainha Ada sentada numa liteira encimada por um baldaquim, carregada nos ombros por dezesseis escravos seminus antecedidos por um grupo de mocinhas da Cária que vestiam peplos à moda grega e espalhavam em volta pétalas de rosa.
Alexandre desmontou e prosseguiu a pé, com Heféstion logo atrás, até ficar diante da cadeirinha. Ada fez um sinal e, colocada no chão, dirigiu–se para o filho adotivo e beijou–o no rosto e na testa.
– Como está, mãe?
– Muito bem, quando o vejo – respondeu a rainha.

Aí mandou afastar a liteira, ficou de braços dados com Alexandre e foi andando com ele pela cidade, onde enquanto isto se juntara uma multidão festiva e curiosa para ver o filho de Ada.
Das janelas das casas em volta choviam flores e pétalas de rosa e papoula que flutuavam longamente no ar, levadas pela brisa primaveril, perfumada de grama recém cortada e feno fresco.
E também havia uma música de harpas e flautas acompanhando a sua passagem, uma música extremamente suave e um tanto infantil que despertou na memória de Alexandre as cantigas que a sua governanta cantarolava para ele quando ainda era menino.
No meio daquelas pessoas contentes, naquele turbilhão de cores e perfumes, abraçado por aquela mãe suave, carinhosa e desconhecida, ficou comovido. E aquela terra onde atrás de cada morro descortinava–se um mistério, onde podia esconder–se uma cilada sangrenta ou a magia de um lugar encantado, conquistava–o cada vez mais, incitava–o a seguir em frente para descobrir novas maravilhas. O que haveria atrás das montanhas que cercavam como coroa as torres de Alinda?
Chegaram diante do portal da cidadela, enfeitado com figuras de deuses e heróis daquelas terras extremamente antigas, diante dos quais se via uma fileira de dignitários em seus ricos trajes entremeados de prata e de ouro. No topo da
escadaria que levava para o interior do edifício haviam sido preparados dois tronos, um central, mais alto, e outro à direita deste, mais baixo e modesto.
Ada indicou–lhe o assento mais imponente e foi sentar ao lado. A praça diante da fortaleza, enquanto isto, ia sendo ocupada por um número cada vez maior de pessoas e, quando ficou completamente apinhada, um arauto impôs o silêncio e declamou com voz estentórea o ato de adoção na língua cária e na língua grega.
Houve um interminável aplauso, ao qual a rainha respondeu com um leve aceno da mão e Alexandre levantando ambos os braços, como costumava fazer diante das suas tropas perfiladas.
Em seguida a porta atrás deles se abriu e os dois soberanos, mãe e filho, desapareceram no interior do palácio.



CAPÍTULO 22

Alexandre e Heféstion tencionavam partir naquele mesmo dia, mas isto foi totalmente impossível. Ada organizara um suntuoso banquete para aquela noite e convidara todos os dignitários da cidade. Muitos deles haviam chegado a pagar vultosas quantias só para poderem participar, e haviam trazido preciosos presentes para a rainha, como se estivessem diante de uma jovem mãe que havia posto no mundo o seu primogênito.

No dia seguinte os hóspedes foram convidados a visitar a fortaleza e a cidade e, embora insistissem, só lhes foi possível partir de tarde. Alexandre, por sua vez, teve algumas dificuldades para convencer a sua nova mãe a deixá–lo ir:

teve de explicar pacientemente que, afinal de contas, aquela era uma guerra e que o seu exército esperava por ele no caminho de Halicarnasso.

– Infelizmente – suspirou Ada na hora da despedida – não posso oferecer–lhe soldados. Os que tenho mal me bastam para defender a cidadela. Mas darei alguém que, talvez, possa ser mais importante do que soldados.

Bateu palmas e logo apareceu uma dúzia de homens com animais de carga e carros cheios de sacos e cestas.

– Quem... quem são? – perguntou Alexandre sem entender.

– Cozinheiros, meu filho. Cozinheiros, padeiros, confeiteiros, os melhores que existem a leste dos Estreitos. Precisa comer bem, querido, com todos os desgastantes excessos que tem de enfrentar, a guerra, as batalhas... Posso imaginar o nível e a falta de graça da sua comida: não me consta que os cozinheiros macedônios sejam muito famosos pela qualidade e o requinte dos seus pratos. Já posso vê–lo comendo carne salgada e pão sem fermento, tudo que pesa no estômago, e então achei que... – continuava a rainha.

Alexandre interrompeu–a com um gesto carinhoso.

– É muito amável, mãe, mas de fato não creio que esteja precisando disto. Nada existe de melhor do que uma boa marcha noturna para

despertar o apetite matinal, e depois de um dia inteiro a cavalo o jantar sempre é mais do que satisfatório, não importa o que está sendo servido E, quando estou com sede, a água fresca é melhor do que o mais requisitado dos vinhos. Além disso, mãe,
seriam mais um estorvo do que qualquer outra coisa. Agradeço, de qualquer maneira: faça de conta que os aceitei.
Ada baixou a cabeça:
– A minha intenção era só agradá–lo, tomar conta de você.
– Eu sei – respondeu Alexandre segurando a sua mão. – Sei muito bem e fico agradecido. Mas deixe–me viver do jeito ao qual estou acostumado. Seja como for, sempre terei de você uma lembrança carinhosa.
Deu–lhe um beijo, montou a cavalo e afastou–se a galope sob o olhar aliviado dos cozinheiros que não tinham achado nem um pouco tentadora a perspectiva de enfrentar a vida militar.
Ada continuou a observá–lo até ele desaparecer com seu amigo através do contorno de uma colina. Aí virou–se para o pessoal da cozinha:
– O que pensam estar fazendo aí, de mãos abanando? Vamos lá mexam–se. Amanhã, antes da alvorada, quero o que há de bom e de melhor para enviá–lo àquele rapaz e aos seus amigos, seja lá onde eles estiverem. De outra forma, que raio de mãe eu seria?
Os cozinheiros desapareceram voltando às suas tarefas de sempre molhar, amassar, assar, a fim de preparar suas iguarias para o novo filho da rainha.
No dia seguinte e no depois deste, ao despertar Alexandre viu–se diante de um pequeno grupo da cavalaria cária que deixava à entrada da sua tenda cheirosos pãezinhos ainda quentes, biscoitos crocantes, delicados bolinhos recheados.
A coisa começava a se tornar embaraçosa, e tanto os seus companheiros quanto a própria tropa começaram a soltar piadinhas. Alexandre resolveu então enfrentar o problema de uma vez por todas, mesmo que a contragosto. No terceiro dia, quando já não estavam tão longe de Halicarnasso, mandou de volta homens e iguarias sem tocar em coisa alguma, com uma carta escrita pessoalmente:
Alexandre a Ada, sua mãe adorada, salve!
Fico sinceramente grato pelas boas coisas que me envia todas as manhãs, mas preciso pedir–lhe, embora a contragosto, que suspenda as remessas. Não estou acostumado com guloseimas tão requintadas, mas

sim com uma dieta simples e tosca. E, principalmente, não quero gozar de privilégios que são recusados aos meus soldados. Eles devem saber que o seu rei come a sua mesma comida e compartilha os mesmos perigos.
Cuide–se.
A partir daí, as sufocantes atenções de Ada pararam e as operações militares retomaram o seu ritmo normal. Após deixar Mílasa para trás, Alexandre desceu para o sul e alcançou mais uma vez a costa entrecortada por uma infinidade de pequenas e grandes enseadas, separadas por penínsulas e promontórios. Em alguns trechos os soldados avançavam lado a lado com a frota que navegava muito perto do litoral devido à profundidade do mar, tanto assim que às vezes podiam até conversar com as tripulações dos navios.
No terceiro dia de marcha após a partida de Mílasa, justamente quando o exército estava para levantar acampamento quase à beira–mar, um homem
aproximou–se das sentinelas e pediu para ser levado até o rei. Alexandre estava sentado em uma pedra na praia, junto com Heféstion e os demais companheiros.
– O que deseja? – perguntou o soberano.
– O meu nome é Eufranore e venho de Myndos. Os meus concidadãos deram–me o encargo de dizer–lhe que a cidade está pronta a recebê–lo e que a sua frota poderá lançar âncora no nosso porto protegido e fortificado.
– A sorte está conosco – disse Ptolomeu. – Um bom ancoradouro é justamente aquilo que precisamos para descarregar os navios e montar as máquinas de sítio.
Alexandre virou–se para Perdicas.
– Vá com seus homens a Myndos e tome as providências para a chegada da nossa frota. Aí manda um mensageiro com o seu relatório e eu cuidarei de avisar os nossos navarcas.
– Mas, rei – objetou Eufranore –, a cidade esperava poder vê–lo em pessoa, para dar–lhe uma acolhida condigna e...
– Agora não, meu bom amigo: preciso levar o meu exército o mais perto possível das muralhas de Halicarnasso e tenciono dirigir pessoalmente as operações. Por enquanto, agradeça aos seus concidadãos a honra que me conferem.

O homem despediu–se e Alexandre levou adiante o seu conselho de guerra.
– A meu ver errou quando mandou de volta as iguarias da rainha Ada – disse Lisímaco com um sorriso maroto. – Nos ajudariam a enfrentar este esforço bélico.
– Deixe disso – calou–o Ptolomeu. – Se entendi direito o que Alexandre tenciona fazer, logo, logo não terá mais vontade de brincar.
– Eu também acho – confirmou Alexandre. Desembainhou a espada e começou a traçar umas linhas na areia. – Então, aqui está Halicarnasso. Surge nas encostas leste golfo e possui duas fortalezas: uma a esquerda e outra à direita do porto. Do lado do mar, portanto, é totalmente invulnerável. E não é só: pode receber suprimentos constantes. Isto é, não podemos apertá–la em um cerco, não há como bloqueá–la.
– Não, de fato – concordou Ptolomeu.
– O que sugere, general Parmênio? – perguntou o rei.
– Em uma situação dessas, não temos escolha: a nossa única chance é atacar do lado da terra, abrir uma brecha e irromper pela cidade até tomarmos conta do porto. Depois disto, a frota persa ficará excluída de todo o mar Egeu.
– Isto mesmo. E justamente o que iremos fazer. Amanhã, Perdicas, você irás a Myndos de manhã bem cedo e tomará posse da cidade. Depois disso mandará a frota entrar no porto, descarregará as peças das máquinas de guerra, as montará e fará com que avancem rumo a Halicarnasso pelo lado ocidental. Estaremos lá, esperando por você e preparando as clareiras para o posicionamento das torres de ataque e dos aríetes.
– Está bem – anuiu Perdicas. – E agora, se não tiver mais ordens, irei falar com os meus homens para tomarmos as devidas providências.
– Pode ir, mas não vá dormir sem falar de novo comigo. Quanto a vocês – disse para os demais companheiros – cada um ficará sabendo o que fazer quando chegarmos perto das muralhas, isto é, amanhã à noite. Agora voltem para as suas
unidades e, se possível, procurem dormir cedo: dias muito duros estão à nossa espera.
O conselho foi dado por encerrado e Alexandre foi passear, sozinho, ao longo do litoral, olhando o sol que descia incendiando as ondas enquanto as numerosas ilhas grandes e pequenas iam se escurecendo

lentamente.
Naquela hora vespertina, com a perspectiva de uma prova tão dura diante de si, sentiu–se tomado por um agudo sentimento de melancolia e lembrou os anos da infância, quando tudo era sonho e fábula e o futuro parecia–lhe uma longa cavalgada na garupa de um corcel alado.
Pensou na irmã Cleópatra, que talvez já estivesse sozinha no palácio de Butroto, no rochedo à beira–mar, pensou na promessa que lhe fizera de dedicar– lhe um pensamento todos os dias antes do anoitecer, e esperou que ela pudesse ouvi–lo, que a brisa morna roçasse em suas faces como um cálido beijo. Cleópatra...
Quando voltou à sua tenda, Leptine já acendera as lamparinas e preparara a mesa.
– Não sabia se tinha ou não convidados para jantar, e então aprontei a mesa só para você.
– Fez bem. Não estou com muita vontade de comer.
Sentou e a comida foi–lhe servida. Péritas deitou–se sob a mesa à espera das sobras. Lá fora, o acampamento rumorejava no burburinho da hora do jantar antes que chegasse a quietude da noite e o silêncio do primeiro turno de guarda.
Em certa altura entrou Eumênio, com um rolo na mão.
– Chegou uma mensagem – anunciou entregando o documento. – É da sua irmã Cleópatra, a rainha do Epiro.
– Que coisa mais estranha. Estava pensando nela agora há pouco, enquanto caminhava na praia.
– Sente a sua falta? – perguntou Eumênio.
– Muito. Sinto falta do seu sorriso, da luz dos seus olhos, do timbre da sua voz, do calor do seu afeto.
– Perdicas sente ainda mais a sua falta: deixaria cortar um braço se pudesse, com o outro, apertá–la junto a si... Bem, já estou indo.
– Não, fique. Tome um gole de vinho.
Eumênio encheu uma taça e sentou num banquinho enquanto Alexandre abria a carta e começava a ler.
Cleópatra ao seu mui amado Alexandre, salve!
Não consigo imaginar onde esta minha mensagem poderá encontrá–lo, em um campo de batalha, ou no ócio de um momento de descanso, ou durante o cerco de uma fortaleza. Peço–lhe, meu irmão adorado, não se exponha inutilmente ao perigo.

Todos nós soubemos das suas façanhas e ficamos orgulhosos. O meu marido, aliás, está quase com ciúmes. Esperneia, não vê a hora de partir para igualar a sua glória. Eu, ao contrário, gostaria que jamais se fosse: porque tenho medo da solidão e porque é muito bom tê–lo aqui ao meu lado, neste palácio debruçado sobre o mar. Ao entardecer, subimos na torre mais alta e olhamos o sol
poente mergulhando nas ondas do mar até tudo ficar escuro, até aparecer no céu a estrela vespertina.
Gostaria muito de saber escrever poesias, mas quando leio a edição de Safo que me foi dada pela nossa mãe como viático para a minha partida, sinto–me totalmente inadequada para este tipo de tarefa.
Cultivo, entretanto, a música e o canto. Alexandre me deu de presente uma jovem criada que toca maravilhosamente a flauta e a cítara e me ensina a sua arte com muita dedicação e paciência. Todo dia ofereço sacrifícios aos deuses para que te protejam.
Quando te verei de novo? Cuide–se.
Alexandre fechou a carta e inclinou a cabeça sobre o peito.
– Más notícias? – perguntou Eumênio.
– Não, não. Só que a minha irmã é como aqueles passarinhos que foram tirados do ninho cedo demais: vez por outra se lembra que continua sendo uma menina e tem saudade da casa e dos pais que já não tem mais.
Péritas aproximou–se ganindo e roçou a cabeça contra as suas pernas para receber um carinho.
– Perdicas já partiu – prosseguiu então o secretário. – Amanhã de manhã chegará a Myndos e tomará posse do porto para a nossa frota. Todos os demais companheiros estão com suas unidades, a não ser Leonato que preferiu levar para a cama duas mulheres. Calístenes está na sua tenda, escrevendo, mas não é o único.
– Como assim?
– Ptolomeu também mantém um diário, uma espécie de memorial. E ouvi dizer que Nearcos também escreve. Não sei como consegue naquele seu barco que não pára um só momento de balançar. Eu vomitei duas vezes quando atravessamos os Estreitos.
– Deve estar acostumado.
– Isto mesmo. E Calístenes? Já te deixou ler alguma coisa?
– Não. Nada de nada. É muito cioso do seu trabalho. Disse que só

poderei lê–lo depois que terminar a redação definitiva.
– Vai levar anos...
– Receio que sim.
– Será difícil...
– O quê?
– Tomar Halicarnasso.
Alexandre anuiu e coçou Péritas atrás das orelhas, desgrenhando lhe o pêlo.
– Receio que sim.



CAPÍTULO 23

O rosnar baixinho de Péritas despertou Alexandre de repente e o soberano logo percebeu o que tinha alarmado o seu cão: o tropel apressado de alguns cavaleiros e depois a ansiosa troca de palavras dos homens diante da sua tenda.

Jogou uma clâmide em cima dos ombros e correu para fora. Ainda estava escuro e a lua mal se distinguia acima do contorno das colinas, num céu leitoso e cinzento percorrido por nuvens sombrias.

Um dos homens da patrulha aproximou–se, ofegante.

– Uma emboscada, meu rei, uma cilada!

– O que está dizendo? – perguntou Alexandre segurando–o pelo quitão.

– Era uma cilada. Quando chegamos perto das portas de Myndos, fomos atacados de todos os lados: flechas e dardos choviam do céu como granizo, unidades de cavalaria ligeira investiam contra nós das colinas, arremessavam e desapareciam, e mais outras chegavam... Tentamos nos defender, rei, lutamos com toda a energia possível. Se a frota tivesse entrado no porto teria sido destruída: havia catapultas com setas incendiárias por toda parte.

– Onde está Perdicas?

– Continua lá. Conseguiu ocupar uma área protegida e juntar ali os seus homens. Pede ajuda, e rápido!

Alexandre soltou o homem, mas ao fazer isto reparou que tinha as mãos manchadas de sangue.

– Ele está ferido! Rápido, chamem um cirurgião!

O médico Filipe, cuja tenda não ficava longe, acudiu logo com um assistente e encarregou–se do soldado.

– Avise os seus colegas acerca do acontecido – recomendou o rei. – Mande aprontar mesas, água quente, ataduras, vinagre e tudo o que achar necessário.

Enquanto isto haviam chegado Heféstion, Eumênio, Ptolomeu, Cratero, Cleito, Lisímaco e os demais, todos vestidos e armados.

– Cratero! – gritou o soberano logo que o viu.

– Às ordens, meu rei!

– Junte imediatamente dois esquadrões de cavalaria e vá ajudar Perdicas: está numa enrascada. Não procure o combate direto. Só quero que busque os mortos e os feridos e volte para cá.
Aí virou–se.
– Ptolomeu!
– Às ordens, meu rei!
– Pegue uma patrulha de exploradores e uma unidade de cavalaria ligeira, trácios e tribalos. Avance com eles ao longo da costa em busca de um ancoradouro, qualquer um, para desembarcarmos as máquinas. Logo que o encontrar, sinalize para a frota encostar e ajude–os a descarregar.
– Será feito.
– Negro!
– Às ordens, meu rei!
– Mande levar todas as catapultas leves que temos para a entrada do porto de Myndos: ninguém deverá entrar ou sair, nem mesmo os pescadores. Se encontrar um local favorável, arremesse sobre a cidade o maior número possível de dardos incendiários que a possam atingir com alguma eficácia. Queime–a, se puder, até a última casa.
Alexandre estava furioso e a sua ira continuava a aumentar.
– Mêmnon – rugiu.
– O que disse? – perguntou Eumênio.
– Mêmnon. Isto é obra de Mêmnon. Está me pagando na mesma moeda. Eu tirei da jogada a frota persa, e ele corta fora a minha impedindo que desembarque. É obra dele, não tenho a menor dúvida. Heféstion!
– Às ordens, meu rei!
– Pegue a cavalaria tessália e um esquadrão de éteros, vá correndo para Halicarnasso e escolha um lugar adequado para o acampamento, do lado oriental ou setentrional das muralhas. Depois encontre um local para posicionar as máquinas de guerra e mande–o nivelar pelos serventes. Rápido!
Todos já estavam completamente acordados: esquadrões de cavalaria passavam por todo lado, em toda parte se ouviam ordens apressadas, gritos, chamados, relinchos de cavalos.
Chegou o general Parmênio, completamente armado e acompanha do por dois ordenanças.

– Às ordens, meu rei!
– Fomos traídos, general. Perdicas caiu em uma cilada em Myndos e ainda não sabemos o que houve com ele. Mas eu sei muito bem o que nós faremos. Mande logo servir o desjejum e coloque imediatamente a infantaria e a cavalaria em formação de marcha. Quero que estejam a caminho quando o sol raiar. Vamos atacar Halicarnasso!
Parmênio concordou e virou–se para os seus ordenanças:
– Ouviram as ordens do rei: mãos à obra!
– General...
– Mais alguma coisa, senhor?
– Mande Filotas até Myndos com um grupo de cavaleiros: preciso quanto antes conhecer a situação.
– Lá vem ele – respondeu Parmênio indicando o filho que vinha correndo. –
Farei com que parta imediatamente.
Enquanto isto Heféstion saía às pressas do acampamento com os seus esquadrões, levantando uma nuvem de poeira, a galope rumo a Halicarnasso.
Avistaram a cidade quando o céu mal começava a clarear: não se via vivalma até o sopé das muralhas. Heféstion olhou em volta e aí esporeou de novo o corcel a fim de ocupar de surpresa uma esplanada que parecia muito favorável para levantar acampamento.
O terreno entre eles e Halicarnasso era levemente ondulado e não permitia uma visão clara do que havia bem perto das fortificações, razão pela qual decidiram avançar com bastante cuidado.
Tudo parecia tranqüilo naquela hora silenciosa da alvorada, mas de repente Heféstion ouviu um estranho ruído, seco e cadenciado, como o de objetos metálicos batendo contra a terra e as pedras. Subiu cautelosamente até o topo de uma baixa colina e ficou pasmo diante do que pôde ver.
Havia uma enorme trincheira, com talvez uns trinta e cinco pés de largura por dezoito de profundidade, e centenas de homens trabalhando nela, cavando a terra e amontoando–a atrás, entre eles e as muralhas, um aterro à guisa de dique.
– Maldição! – exclamou Heféstion. – Chegamos tarde demais. Você! – disse então a um dos seus soldados. – Volte imediatamente ao acampamento e avise Alexandre.

– Estou indo – respondeu o homem dando meia volta e esporeando o cavalo. Mas, exatamente naquele momento, uma das portas de Halícarnasso se abriu deixando sair um esquadrão de cavalaria que investiu passando pelo único lado ainda viável que ficara entre a vala e as muralhas.
– Estão nos atacando! – gritou o comandante dos tessálios. – Por ali. rápido! Por ali!
Heféstion mandou a sua unidade executar uma conversão e então lançou–
se contra os inimigos que passavam ao longo da estreita passagem para se posicionarem quanto antes em campo aberto.
Abriu a sua formação em uma frente de duzentos pés por quatro fileiras e dirigiu o ataque contra a cabeça da coluna inimiga que já começava a correr ao longo do aterro a fim de dispor–se em uma fileira suficientemente longa para agüentar o impacto. Chocaram–se não muito longe da vala, antes dos adversários terem tido tempo para tomar impulso, e Heféstion começou a empurrá–los de volta.
Enquanto isto, os operários que trabalhavam no fundo da escavação, apavorados com o repentino fragor da batalha, abandonaram seus apetrechos, procuraram galgar o mais rápido possível a margem interna da trincheira e começaram a correr rumo à porta que, lá de dentro, os defensores já tinham fechado.
Um grupo de tessálios ocupou correndo a passagem entre a vala e as muralhas e começou a arremessar contra os cavadores uma enxurrada de dardos até acertá–los todos. Logo depois, no entanto, mais uma unidade da cavalaria saiu de um postigo oculto atacando–os pelo flanco, de forma que eles tiveram de cerrar fileiras para revidar ao assalto.
As escaramuças continuaram com ataques e contra–ataques, mas Heféstion conseguiu finalmente levar vantagem ao mandar entrar na luta os éteros, ainda descansados, que se posicionaram diante dos tessálios já exaustos. Repeliu então os inimigos até a porta, que foi prontamente aberta para recebê–los.
O comandante macedônio não se atreveu a persegui–los até os batentes que se abriam entre dois sólidos baluartes apinhados de arqueiros e arremessadores de dardos. Deu–se por satisfeito com a conquista da esplanada e mandou logo modificar a vala para transformá–la em trincheira para os seus, pelo menos até a chegada dos engenheiros.

Alguns cavaleiros foram por sua vez enviados às redondezas em busca de nascentes que pudessem tirar a sede dos homens e dos cavalos quando grosso do exército chegasse.
De repente um dos éteros indicou alguma coisa sobre as muralhas:
– Olha, comandante – disse esticando o braço em direção da torre mais alta. Heféstion virou–se e aguçou a vista para ver melhor. Via–se um guerreiro fechado em uma polida couraça de ferro, com o rosto completamente oculto por um elmo coríntio de amplo capacete, segurando uma longa lança.
Ao mesmo tempo um grito ressoou no acampamento provisório:
– Comandante, o rei!
Chefiando a Ponta, Alexandre estava chegando a galope montado em Bucéfalo. Em poucos instantes aproximou–se do amigo e também dirigiu o olhar para a torre onde a armadura do guerreiro de rosto encoberto brilhava sob os raios do sol.
Fitou–o em silêncio e sabia estar sendo igualmente observado.
– É ele – disse. – É ele, eu sinto.
Naquela mesma hora, em um lugar bem distante, além da cidade de Kelainai, ao longo da estrada do Rei, Barsine havia parado para descansar com os filhos em uma hospedaria. Enfiando a mão na sua bolsa de viagem a cata de um lenço para enxugar o suor encontrara um objeto que nem desconfiava possuir. Segurou–o: era um estojo contendo uma folha de papiro, aquela na qual Apeles tinha retratado, com rápidos traços magistrais, o seu marido Mêmnon. Entre as lágrimas, leu as poucas palavras escritas à margem, com uma grafia apressada e irregular:
Com a mesma força o seu rosto está gravado na memória de Aléxandros.

CAPÍTULO 24

A cidade era perfeitamente visível do topo da colina e Alexandre desmontou do cavalo, sendo logo imitado pelos companheiros. O espetáculo diante deles era maravilhoso. Um amplo recôncavo natural, verdejante de oliveiras e pontilhado aqui e ali pelas negras pinceladas dos ciprestes, descia como suave anfiteatro até a poderosa cerca das muralhas que fechava a cidade a norte e a leste, só interrompido pela enorme ferida avermelhada da trincheira que Mêmnon mandara cavar a uns duzentos metros do cinturão fortificado.
À esquerda, com seus santuários e monumentos, havia a acrópole; naquele mesmo instante a fumaça de algum sacrifício subia do altar para o céu claro, pedindo aos deuses a graça de derrotar o inimigo.
– Os nossos sacerdotes também ofereceram um sacrifício – observou Cratero. – Fico imaginando em quem os deuses acreditarão mais.
Alexandre virou–se para ele.
– No mais forte.
– As máquinas nunca vão conseguir chegar perto daquela vala – interveio Ptolomeu. – E daquela distância não poderemos minar a resistência das muralhas.
– Sei disso – admitiu Alexandre. – Primeiro teremos de aterrar a trincheira.
– Aterrar a trincheira? – perguntou Heféstion. – Tem idéia de quanto tempo...
– Terá de começar imediatamente – continuou Alexandre sem piscar. – Pegue todos os homens que achar necessários e encha de novo aquela vala. Nós daremos cobertura com arremessos de catapultas contra os passadiços. Cratero cuidará disto. Que notícias temos das nossas máquinas de guerra?
– Desembarcaram em uma pequena enseada a uns quinze estádios do nosso acampamento. A montagem das peças está praticamente concluída: Perdicas já está chegando com a maioria delas.
O sol começava a se pôr no horizonte, na direção do mar, bem no meio dos dois bastiões que vigiavam a entrada do porto, e os seus raios

mergulhavam o gigantesco mausoléu que se erguia no centro da cidade em um banho de ouro fundido. No alto da grande pirâmide, a quadriga de bronze parecia estar a ponto de dar um pulo no vazio, de lançar–se a galope entre as nuvens purpúreas do crepúsculo. Alguns barcos de pescadores estavam entrando no porto naquele
do covil antes do anoitecer. Dali a pouco o peixe fresco ia aparecer nas cestas do mercado para chegar às mesas das famílias que se aprontavam para jantar.
A brisa do mar soprava entre os troncos seculares das oliveiras e ao longo das trilhas que serpeavam pelas colinas: os pastores e os camponeses voltavam tranqüilos às suas casas, os pássaros aos seus ninhos. O mundo estava a ponto de acalmar–se na paz do escurecer.
– Heféstion – disse o rei.
– Aqui estou.
– Mande estabelecer turnos noturnos para os cavadores. O trabalho deverá prosseguir sem interrupções, como quando recortamos a escada no monte Ossa. Não haverá pausa, nem mesmo que chova ou haja uma tempestade de granizo, o aterro não pode parar. E também quero que se providenciem telheiros móveis como proteção para os cavadores, além de mais equipamentos para eles trabalharem. Fale com os ferreiros, pois vamos precisar. As máquinas deverão estar prontas, em posição de ataque, dentro de quatro dias e quatro noites no máximo.
– Não seria melhor começar amanhã?
– Não. Agora. E quando ficar escuro devem usar a luz de lanternas ou então acender fogueiras. Não se trata de um trabalho de precisão, só temos de jogar terra dentro de uma vala. O jantar só será servido depois de posicionarmos as balistas e de pormos mãos à obra.
Heféstion concordou e voltou para o acampamento a galope. Algum tempo depois uma longa fileira de homens com pás, picaretas e enxadões, pôs–se a caminho da vala, seguida por um pequeno comboio de carros puxados por bois e flanqueada por uma série de balistas rebocadas por parelhas de mulas, eram gigantescos arcos formados por lâminas de madeira sobrepostas, de carvalho e de freixo, capazes de arremessar arpões de ferro até uma distância de quinhentos pés. Cratero mandou posicioná–las e, logo que um grupo de arqueiros inimigos começou a soltar flechas do topo das muralhas, ordenou que se revidasse com uma saraivada de pesados dardos que espalharam o

pânico nos bastiões.
– Podem começar os trabalhos – gritou, enquanto os seus homens se apressavam a recarregar as balistas.
Os serventes entraram rapidamente na trincheira, galgaram a outra margem e começaram a jogar terra na grande vala aberta atrás deles. Pelo menos nesta fase dos trabalhos, o próprio aterro os protegia e não havia necessidade de telheiros móveis. Quando pôde constatar que não corriam perigo, Cratero mandou apontar as balistas contra a porta de Mílasa e contra o postigo oriental, na eventualidade dos sitiados tentarem repentinas investidas contra os cavadores.
Heféstion formou outros grupos e mandou–os para as colinas circunvizinhas com serras e machados, iam precisar de lenha para iluminar o acampamento durante os trabalhos noturnos. A enorme tarefa começara.
Depois disto, Alexandre dirigiu–se para a sua tenda e convidou os companheiros para jantar, deixando bem claro, no entanto, que queria ser informado de hora em hora sobre o progresso dos trabalhos e a evolução dos acontecimentos.
soberano, sem que os inimigos pudessem fazer coisa alguma para impedi–la.
No quarto dia, partes suficientemente amplas da trincheira haviam sido aterradas e niveladas, de forma que já era possível mandar avançar as máquinas até o sopé das muralhas.
Eram as mesmas que o rei Filipe utilizara em Perinto: torres com até oitenta pés de altura que deixavam sair, em vários níveis, aríetes basculantes operados por centenas de homens abrigados no interior. Não demorou quase nada para que o grande anfiteatro do vale ecoasse com o estrondo cadenciado das cabeças ferradas que golpeavam sem parar os muros de pedra, enquanto os serventes continuavam a encher a vala.
Os defensores não haviam previsto que a enorme trincheira poderia ser aterrada em tão pouco tempo e não conseguiram contrastar o trabalho das máquinas: em apenas sete dias já havia sido aberta uma brecha e uma boa parte dos bastiões que flanqueavam a porta de Mílasa estava em ruínas. Alexandre lançou seus esquadrões de assalto por cima do amontoado dos detritos para que abrissem caminho até o centro da cidade, mas Mêmnon já tinha posicionado um grande numero de

defensores e rechaçou o ataque sem maiores dificuldades.
Nos dias seguintes os aríetes continuaram a golpear o paredão para ampliar a brecha, enquanto as balistas e as catapultas eram aproximadas a fim de manterem afastados os defensores com seus arremessos. A vitória já parecia estar ao alcance da mão e Alexandre reuniu o alto comando na sua tenda para que se organizasse a investida final.
Embaixo das muralhas só haviam ficado as tropas que cuidavam das máquinas de guerra e algumas sentinelas avançadas que, a intervalos regulares, vigiavam os bastiões.
Era uma noite de lua nova e os homens de guarda chamavam–se à distância para manterem contato uns com os outros no escuro, mas Mêmnon também estava atento. Envolvido em seu manto, mantinha–se imóvel no passadiço, perscrutando a escuridão embaixo dele e aguçando o ouvido para captar os chamados.
Uns dias antes haviam desembarcado alguns nobres macedônios amigos de Átalo e da finada rainha Eurídice, vindos para oferecer a sua ajuda aos habitantes de Halicarnasso contra Alexandre.
De repente Mêmnon lembrou–se deles e ordenou que o seu ajudante–de–
ordens, que esperava na sombra, os mandasse chamar. A noite era tranqüila: uma leve brisa do mar dissipava o calor do longo dia de fim de primavera e, vez por outra, o comandante levantava os olhos para a imensa abóbada estrelada que se curvava até o extremo horizonte oriental. Pensava em Barsine e na última vez que a vira nua na cama, de braços abertos e fogo no olhar; sentiu então a sua falta, uma fisgada aguda, dolorosa.
Teria gostado de enfrentar Alexandre em um duelo, pois tinha certeza de que o seu desejo poderia conferir aos seus golpes uma força irresistível, devastadora. Foi chamado de volta à realidade pela voz do seu ajudante de ordens.
– Comandante, os homens que mandou chamar estão aqui.
Mêmnon virou–se e viu que os macedônios haviam chegado armados, em trajes de combate. Fez sinal para que se aproximassem.
– Aqui estamos, Mêmnon – disse um deles. – Estamos prontos: só precisa mandar.
– Estão ouvindo estes chamados? Os homens aguçaram os ouvidos.
– Claro. São as sentinelas de Alexandre.

– Muito bem. Agora tirem a armadura e fiquem somente com espada e punhal: precisam estar prontos para se movimentarem com grande agilidade no escuro, e sem fazer barulho. Eis o que eu quero: sairão pelo postigo e cada um de vocês procurará localizar uma sentinela. Se arrastarão por trás e acabarão com ela, mas logo a seguir ficarão em seu lugar e responderão aos chamados. Vocês tem o mesmo sotaque e a mesma entoação: ninguém vai desconfiar. Logo que assumirem o controle de um trecho suficientemente longo da linha de guarda, darão o sinal, o piar do mocho, e nós enviaremos uma unidade de assalto com tochas e setas incendiárias para queimar as máquinas. Entenderam?"
– Perfeitamente. Podes confiar em nós.
Os macedônios afastaram–se e logo a seguir, já sem armaduras, desceram as escadas até a passagem que levava ao postigo. Quando já estavam fora, separaram–se e arrastaram–se no chão em direção às sentinelas.
Mêmnon esperou em silêncio, no passadiço, olhando para as grandes torres de assalto que se erguiam como gigantes na escuridão. Em certa altura pareceu–lhe reconhecer a voz de uma sentinela: esperou que uma parte da missão já tivesse tido êxito. Passou mais algum tempo e aí ouviu–se, primeiro baixinho e depois cada vez mais alto e claro, o piar do mocho chegando de um lugar bem no meio das duas torres móveis.
Desceu então as escadas em disparada e foi falar com a unidade preparada para a investida.
– Cuidado. Se saírem assim, de tochas acesas, serão logo localizados e perderão parte da vantagem. Eis o meu plano: devem se aproximar em silêncio do local onde os nossos substituíram as sentinelas macedônias, ali embaixo, entre as duas torres de assalto, e ficar escondidos até outro grupo chegar com um braseiro coberto e várias ânforas cheias de betume; aí tocarão os clarins a plenos pulmões e investirão contra a guarnição macedônia, enquanto os outros atearão fogo às torres. Os macedônios acham que já venceram e não esperam um ataque de nossa parte agora. A nossa surtida será certamente um sucesso. E agora, vão.
Os homens encaminharam–se para o postigo e, um depois do outro, saíram em campo aberto seguidos pelos outros que carregavam o braseiro tampado e as ânforas cheias de betume. Mêmnon ficou olhando até o último deles desaparecer e a portinhola de ferro se fechar atrás dele, depois atravessou a cidade a pé, de volta aos seus aposentos. Fazia

isto quase todas as noites, para caminhar entre as pessoas sem ser reconhecido, para ouvir as palavras do povo e avaliar seus humores. A casa onde morava ficava na encosta da acrópole e chegava–se a ela subindo primeiro uma escadaria e então percorrendo uma estreita e íngreme viela.

Um serviçal esperava por ele com uma lanterna acesa e abriu–lhe a porta que dava para o pátio, acompanhando–o em seguida até o pórtico da entrada. Mêmnon dirigiu–se para o quarto de dormir no andar de cima, onde as criadas

haviam preparado uma banheira com água quente. Abriu a janela e ficou à escuta: um toque de clarim havia de repente rasgado o silêncio da noite, do lado nordeste das muralhas. O ataque começara.

Uma das criadas aproximou–se:

– Quer tomar banho, meu senhor?

Mêmnon não respondeu e esperou até ver um clarão avermelhado e, logo depois, uma nuvem de fumaça remoinhando no céu.

Aí virou–se e desatou as fivelas da armadura.

– Sim, agora quero – disse.

CAPÍTULO 25

O homem entrou na tenda ofegante.
– Senhor! – gritou. – Um ataque: estão queimando as nossas torres de ataque !
Alexandre ficou de pé de um salto e segurou–o pelos ombros.
– O que está dizendo? Ficou louco?
– Pegaram–nos de surpresa, meu rei, mataram as sentinelas e conseguiram passar. Tinham ânforas cheias de betume e não conseguimos apagar o fogo.
Alexandre afastou–o com um empurrão e saiu correndo.
– Rápido! Toquem o alarme, mandem sair todos os homens disponíveis. Cratero, a cavalaria! Heféstion, Perdicas, Leonato, enviem os trácios e os agrianos, rápido!
Pulou no primeiro cavalo que ficou ao seu alcance e lançou–se a toda velocidade rumo às muralhas. O incêndio já era bem visível e distinguiam–se claramente duas nuvens de chamas e fumaça negra que subiam turbilhonando para o céu. Ao chegar perto da trincheira, ouviu o estrondo do combate que se desenrolava furioso diante de cada uma das cinco torres de assalto.
Em mais alguns instantes a cavalaria pesada de Cratero e a ligeira dos trácios e dos agrianos alcançaram–no e superaram–no travando logo combate com os inimigos, que foram forçados a recuar e a procurar sua salvação através do postigo. Duas torres, no entanto, já estavam perdidas: completamente envolvidas pelo fogo, desmoronaram uma depois da outra com grande fragor, soltando um turbilhão de faíscas e de chamas que logo consumiram o que sobrava das grandes máquinas de guerra.
Alexandre desmontou e aproximou–se a pé da gigantesca fogueira: muitos dos seus soldados estavam mortos, e percebia–se claramente que haviam sido apanhados de surpresa, pois não vestiam armadura.
Heféstion juntou–se a ele em seguida.
– Fizemos com que recuassem. E agora?
– Recolham os mortos – respondeu o rei com expressão sombria – e

reconstruam as máquinas destruídas. Amanhã retomaremos o ataque com as que sobraram.
Também chegou o comandante das tropas que estavam de vigia, abatido e de cabeça baixa.
– Foi culpa minha. Castigue–me se quiser, mas não castigue os meus homens: fizeram o possível.
– As baixas que teve já são uma punição suficiente para um comandante – replicou Alexandre. – O que precisamos fazer agora é entender qual foi a nossa negligência: não houve controle adequado para ver se a linha das sentinelas estava alerta?
– Pode parecer impossível, rei, mas pouco antes que estourasse aquele pandemônio fiz a minha ronda e ouvi os chamados dos vigias. Tinha dado instruções para que usassem o mais estrito dialeto macedônio para evitar surpresas...
– E então?
– Foi justamente o que os meus ouvidos escutaram: chamados no mais estrito dialeto macedônio, mas talvez não acredite em mim.
Alexandre passou uma mão na testa.
– Acredito, mas de agora em diante não podemos esquecer que o adversário que enfrentamos é o mais astucioso e temível entre todos aqueles que já encontramos. A partir de amanhã dobre o número das sentinelas e mande trocar a senha a cada turno de guarda. Agora recolha os mortos e mande levar os feridos ao acampamento. Filipe e os seus cirurgiões tomarão conta deles.
– Farei exatamente o que manda e juro que nunca mais vai acontecer, mesmo que eu tenha de ficar vigiando pessoalmente.
– Não precisará chegar a tanto – rebateu Alexandre. – Procure, contudo, aprender com os marinheiros como é que se projeta a luz com um escudo polido de noite.
O comandante anuiu, mas o que lhe chamava a atenção naquele momento era uma figura que perambulava entre as fogueiras das máquinas queimadas e que, de vez em quando, se dobrava até o chão como se estivesse examinando alguma coisa.
– Quem é aquele sujeito? – perguntou.
Alexandre também olhou na direção que lhe havia sido indicada e reconheceu o homem quando ele se virou para a reverberação das chamas.

– Não precisa ficar preocupado: é Calístenes. – E enquanto incitava o cavalo na direção deste, gritou ao comandante: – Cuidado! Se a coisa voltar a acontecer, então pagará por esta também!
Chegou então ao lado de Calístenes que se dobrara mais uma vez para observar um dos mortos, na certa uma sentinela, pois usava a armadura completa.
– O que está examinando? – perguntou o soberano pulando ao chão.
– Punhal – replicou Calístenes. – É um ferimento de punhal. Um golpe seco na nuca. E lá em baixo há outro nas mesmas condições. Quer dizer que os invasores também eram macedônios.
– O que isto tem a ver com o uso do punhal?
– O comandante de vigia nesta noite disse que todas as sentinelas, até o último momento, responderam aos chamados em dialeto macedônio.
– Está surpreso? Tem certamente muitos inimigos no seu país, pessoas que ficariam felizes em vê–lo humilhado e destruído. E algumas destas pessoas podem perfeitamente ter chegado até aqui: afinal a viagem não é tão longa se partirem de Terma.
– O que o trouxe aqui, a esta hora?
– Sou um historiador. A autópsia é indispensável para quem quer ser uma boa testemunha dos fatos.
– Seria então Tucídides o seu modelo? Nunca poderia imaginar isto. Tão despojado rigor não combina com você, gosta demais da boa vida.
– Pego aquilo de que preciso onde consigo encontrá–lo, e de qualquer maneira é meu dever descobrir tudo o que há para se descobrir. Eu mesmo decidirei o que ocultar, o que contar e como contá–lo. Esta é a grande vantagem dos historiadores.
– Mesmo assim, há coisas que acontecem neste momento e das quais você nem desconfia. Entretanto eu as conheço.
– Como o que, se posso perguntar?
– Como os planos de Mêmnon. Estou percebendo que ele estudou tudo aquilo que fiz e talvez até o que o meu pai Filipe fez. E isto lhe permute estar sempre na frente.
– E, a seu ver, no que estaria ele pensando agora?
– No cerco de Perinto.
Calístenes bem que teria gostado de perguntar mais alguma coisa, mas Alexandre deixou–o em companhia do cadáver que jazia aos seus pés, pulou no cavalo e afastou–se, enquanto os últimos restos das duas torres

desmoronavam soltando línguas de fogo e um remoinho de fumaça que o vento dispersou.
As máquinas foram reconstruídas usando os nodosos e extremamente duros troncos das oliveiras, o que tornou a operação bastante difícil, e a campanha militar entrou em uma fase de estagnação.
Mêmnon, que recebia regularmente os suprimentos pelo mar, não tinha pressa nenhuma de arriscar um novo ataque, e Alexandre não queria usar as outras máquinas sem antes avaliá–las cuidadosamente, pois elas também haviam sido danificadas por incêndios menores.
O que mais despertava os seus temores eram os ruídos que vinham de dentro da cidade: ruídos inconfundíveis, muito parecidos com aqueles dos seus próprios carpinteiros atarefados na reconstrução das máquinas.
Quando finalmente as novas torres foram colocadas em posição de ataque e os aríetes alargaram a brecha, viu–se diante daquilo que mais tinha receado: um novo bastião semicircular que ligava entre si os segmentos ainda intactos das muralhas.
– Foi exatamente o que aconteceu em Perinto – lembrou Parmênio quando viu a fortificação improvisada erguer–se escarnecedora por trás da passagem aberta pelos aríetes.
– E não é só isto – interveio Cratero. – Tenha a bondade de me seguir.
Subiram em uma das torres, a mais deslocada para o oriente, e de lá puderam ver o que os sitiados estavam preparando: uma gigantesca estrutura quadrangular de madeira formada por grandes toras esquadradas e encaixadas umas nas outras.
– Não tem rodas – disse Cratero. – Está presa no chão.
– Não precisam de rodas – explicou Alexandre. – Só querem manter na alça de mira o vão da brecha. Se tentarmos entrar, vão despejar sobre nós uma saraivada de dardos, vão nos trucidar.
– Mêmnon é um osso duro de roer – comentou Parmênio. – Eu bem que o avisei, senhor.
Alexandre virou–se sem tentar esconder um certo aborrecimento.
– Acabarei com as muralhas, com o bastião e também com aquela maldita torre de madeira, general, com ou sem o consentimento de Mêmnon. – Aí dirigiu– se para Cratero. – Fique de olho na torre: quero ser continuamente informado acerca daquilo que eles fazem.
Desceu apressadamente as escadas, pulou no cavalo e voltou ao acampamento.

A brecha foi ampliada ainda mais, mas a cada ataque Mêmnon respondia com um contra–ataque, e além do mais tinha colocado no novo bastião fileiras de arqueiros que alvejavam os atacantes. A situação chegara praticamente a um impasse, enquanto o sol de verão ficava cada vez mais quente e as reservas de Alexandre cada vez mais escassas.

Certa noite coube a Perdicas e aos seus oficiais guarnecer a primeira linha encostada na brecha. Naquele dia chegara uma remessa de vinho de Éfeso, um presente do administrador da cidade para Alexandre, e o rei mandara distribuir uma parte entre os seus oficiais.

Havia algum tempo que eles não recebiam algo tão bom: Perdicas e os seus abusaram e lá por volta da meia–noite já estavam todos um tanto tocados. Um deles exaltava a beleza das mulheres de Halicarnasso, acerca das quais ouvira comentários de um mercador no acampamento, e os demais começaram a ficar animados, a contar vantagens e a se desafiarem para resolver aquele sítio de uma vez por todas, com um ataque de surpresa.

Perdicas saiu da tenda e ficou olhando a maldita brecha na qual tantos bons soldados macedônios já haviam perdido a vida. Um sopro de brisa marinha desanuviou–lhe de repente as idéias: viu–se mais uma vez aos pés das muralhas de Tebas, entrando impetuosamente com seus homens pela porta da cidade para resolver na marra o longo cerco.

Pensou em Cleópatra e na noite quente e perfumada em que o acolhera no seu leito. Uma noite como aquela.

Pensou que, afinal de contas, a vitória era possível desde que a determinação fosse mais forte do que as adversidades, e como todos os ébrios sentiu–se invencível e capaz de transformar os sonhos em realidade. E nos seus sonhos já via Alexandre mandar perfilar o exército em sua homenagem enquanto os arautos declamavam um solene elogio para o conquistador de Halicarnasso.

Voltou à tenda com uma expressão tresloucada e disse baixinho, tanto assim que só quem estava perto pôde ouvir:

– Juntem os homens, vamos atacar o bastião.



CAPÍTULO 26

Ouvi direito? Disse que vamos atacar o bastião? – perguntou um dos seus oficiais.

– Ouviu muito bem – respondeu Perdicas. – E será nesta mesma noite que todos saberão se tem de fato a coragem de que tanto se vanglorias o tempo todo.

A turma caiu na gargalhada.

– Então, vamos? – gritou mais outro, em tom de brincadeira. Perdicas, no entanto, estava incrivelmente sério na sua embriaguez.

– Voltem às suas unidades, pois sobra–nos muito pouco tempo. Uma lanterna levantada sobre a minha tenda será o sinal. Mandem avançar escadas, arpões e cordas: vamos atacar do jeito antigo, sem torres de assalto nem arremessos de catapultas. Rápido!

Os companheiros olharam para ele com uma mistura de surpresa e de incredulidade, e depois obedeceram, pois o tom de Perdicas não deixava margem para réplicas, e menos ainda o seu olhar. Após um curto intervalo, a lanterna foi içada no topo da sua tenda e todos se aproximaram em formação cerrada, sem fazer barulho, do local onde o paredão destruído deixava entrever o novo bastião erguido mais para dentro, como uma espécie de arco de ligação.

– Fiquem ao abrigo das muralhas que ainda estão intactas até o último momento – ordenou Perdicas – e aí, quando eu der o sinal, lançem–se ao ataque. Temos de surpreender as sentinelas de vigia antes que as tropas de reserva tenham tempo de reagir. E logo que assumirmos o controle do passadiço tocaremos o alarme com as cornetas para que o rei e os demais comandantes possam acorrer. E agora, em frente!

Os oficiais passaram adiante a ordem e as tropas avançaram na escuridão até ficarem dos dois lados da brecha, e então prosseguiram correndo em direção ao bastião que só ficava a uns cem passos dali. Mas, enquanto se preparavam para escalá–lo, o silêncio da noite foi quebrado de repente por agudos toques de clarim, por gritos de alarme, por chamados e pelo clangor das armas.

O passadiço ficou apinhado de soldados e outros guerreiros

completamente armados enxamearam saindo do postigo e da porta de Milasa: as unidades de Perdicas foram surpreendidas pelas costas e empurradas contra o bastião de onde começou a chover uma enxurrada de dardos.
– Pelos deuses! – exclamou um dos oficiais. – Estamos encurralados. Mande tocar o alarme, Perdicas, o alarme! Chame o rei para que ele venha nos socorrer!
– Não! – gritou Perdicas. – Ainda podemos conseguir. Procurem rechaçar o ataque daquele lado, enquanto nós vamos escalar o paredão.
– Está louco! – gritou mais alto o oficial. – Já estão em cima da gente. Mande tocar o alarme ou eu mesmo o farei, maldição!
Perdicas olhou em volta perdido e o instinto de sobrevivência descarregou em suas veias um jorro de fogo. A mente reagiu de estalo dissipando a embriaguez e ele se viu diante do desastre iminente.
– Todos atrás de mim! – ordenou. – Todos atrás de mim! Vamos abrir caminho até o acampamento. Corneta, o alarme! O alarme!
do amplo recôncavo e ricocheteou como longo gemido até o acampamento de Alexandre.
– Toque de alarme, rei! – gritou um dos guardas irrompendo na tenda real. – Vem do bastião.
Alexandre pulou da cama e agarrou a espada.
– Perdicas... Aquele bastardo meteu–se em uma enrascada. Eu devia saber! Correu para fora gritando:
– Aos cavalos! Aos cavalos! Perdicas está correndo perigo! – E partiu ele mesmo a galope seguido pela guarda real que estava sempre em armas, pronta para o combate a qualquer hora do dia ou da noite.
Enquanto isto Perdicas ficara à frente dos seus homens e lutava desesperadamente para forçar uma passagem até o campo aberto, mas as tropas inimigas haviam–se postado na brecha atrás dele e levavam vantagem, combatendo de uma posição mais favorável, enquanto os macedônios tinham de galgar as pedras e os escombros da muralha em ruínas.
A corneta continuava a lançar seus chamados agudos, angustiados, enquanto Perdicas, de mãos e joelhos ensangüentados, conseguia alcançar o vão e lutava entre as fileiras inimigas com a coragem e a força do desespero.
Quando o tropel da cavalaria de Alexandre se fez ouvir, ele já abrira

caminho entre a multidão de inimigos e arrastava atrás de si os seus homens, para o outro lado dos escombros, para o acampamento.
As tropas de Mêmnon fecharam–se em ordem unida, de costas para o bastião e apresentando uma frente compacta. O terreno estava cheio de cadáveres, os corpos dos soldados macedônios levados a um ataque suicida pelo arrebatamento irresponsável do seu comandante.
Alexandre apareceu de repente na frente dele, como que parido pela noite: a luz das tochas iluminava–lhe o rosto em um intenso reflexo sangrento e seus cabelos ondeavam como a juba de um leão.
– O que fez, Perdicas, o que fez? Condenou os seus homens a um massacre!
Perdicas caiu de joelhos, prostrado pela exaustão e o desespero. A cavalaria de Alexandre tomou posição para enfrentar um eventual ataque inimigo. Os veteranos de Mêmnon, no entanto, detiveram–se no topo da brecha, ombro contra ombro, em formação cerrada, esperando a reação dos adversários.
– Vamos esperar até a alvorada – Alexandre decidiu. – Qualquer movimento, agora, seria perigoso demais.
– Dê–me mais tropas e deixe–me intervir, deixe que eu me redima, Alexandre! – gritou Perdicas, fora de si.
– Não – respondeu o rei com firmeza. – Não vamos acrescentar um erro a outro erro. Terá outras oportunidades para redimir–se.
E então ficaram assim, em silêncio pelo resto da noite. Vez por outra a escuridão era rasgada por uma seta incendiária lançada pelos inimigos a fim de iluminar o espaço diante da brecha. A chama sulcava o céu como um meteorito e se fincava no solo.
Quando o sol raiou, o soberano mandou Perdicas fazer a chamada para saber quantos dos seus soldados haviam morrido. Dos dois mil homens que
haviam perecido na cilada e seus corpos jaziam agora insepultos entre a brecha e o bastião.
O rei decidiu enviar um arauto pedindo um colóquio com Mêmnon.
– Preciso negociar a devolução dos cadáveres – explicou.
O arauto escutou as condições que o rei propunha, e então pegou um pano branco, montou no cavalo e dirigiu–se para as linhas adversárias, antecedido por três toques de corneta que pediam uma trégua.
Da brecha responderam com mais três toques e o homem avançou

lentamente, a passo, até a base dos escombros.
Passou–se mais algum tempo e aí outro arauto apareceu, descendo a pé do topo da brecha: era um grego das colônias com um marcado sotaque dórico, talvez de Rodes.
– O rei Alexandre pede para negociar a restituição dos corpos dos seus soldados mortos – disse o arauto macedônio – e pergunta quais são as condições impostas pelo seu comandante.
– Não tenho o poder para falar de condição alguma – respondeu o outro –, mas posso dizer que o comandante Mêmnon está disposto a encontrar–se pessoalmente com o seu rei logo após o pôr–do–sol.
– Onde?
– Ali. – O grego indicou uma figueira silvestre que crescia ao lado de um túmulo monumental ao longo da estrada que, da cidade, levava para Milasa. – Mas terão de mandar recuar o seu exército um estádio: o encontro deverá dar–se exatamente no meio do caminho entre as duas frentes. O comandante Mêmnon não terá escolta, e espera–se o mesmo do rei Alexandre.
– Transmitirei as suas palavras – replicou o arauto macedônio – e se eu não voltar logo significará que o soberano aceita.
Montou em seu cavalo e afastou–se. O grego esperou algum tempo, depois subiu nos escombros e desapareceu entre as fileiras de veteranos.
Alexandre mandou recuar o seu exército conforme lhe havia sido pedido, voltou ao acampamento e fechou–se em sua tenda até a hora do pôr–do–sol.
Durante o resto do dia não comeu coisa alguma nem tomou vinho. Aquela derrota queimava em sua carne como se a tivesse sofrido pessoalmente, e a formidável capacidade de Mêmnon revidar de imediato e com força impressionante deixava–o profundamente humilhado e fazia com que, pela primeira vez na vida, se sentisse tomado por um sentimento frustrante de impotência e de profunda solidão.
Os triunfos que o haviam acompanhado até então pareciam coisas do passado e quase esquecidas: Mêmnon de Rodes era uma rocha que bloqueava o seu avanço, um obstáculo que, com o passar do tempo, parecia–lhe cada vez mais insuperável.
Tinha dado ordens aos guardas para não deixarem ninguém entrar, e nem mesmo Leptine se aproximara dele durante aquelas horas. Já estava

acostumada a ler no seu olhar, a ver luzes e sombras no fundo dos seus olhos, como num céu tempestuoso.
Mas quando já faltava pouco para o pôr–do–sol e Alexandre se aprontava para o encontro com o inimigo, o barulho de uma altercação chegou até ele, logo
seguido pela irrupção de Perdicas dentro da tenda, inutilmente contido pelos guardas.
Alexandre fez um sinal e os guardas retiraram–se.
– Mereço morrer! – exclamou Perdicas fora de si. – Causei a morte de muitos bravos soldados, joguei a desonra sobre o nosso exército e forcei–o a uma negociação humilhante. Mate–me! – gritou entregando–lhe a espada.
Tinha um olhar desvairado, os olhos vermelhos e encovados. Alexandre nunca mais o vira naquele estado desde o cerco de Tebas. Fitou–o sem pestanejar, e indicou–lhe uma cadeira.
– Sente–se.
Perdicas continuava a oferecer–lhe a espada com as mãos descontroladas num tremor convulso.
– Já disse para se sentar – ordenou mais uma vez Alexandre num tom mais alto e mais firme.
O amigo deixou–se cair na cadeira e a espada escorregou–lhe das mãos.
– Por que levou adiante aquele ataque? – perguntou Alexandre.
– Eu tinha bebido, todos tinham bebido... A coisa parecia–me possível, aliás
certa.
– Porque estava bêbado. Qualquer um com um mínimo de cabeça fria saberia que aquilo era um verdadeiro suicídio, de noite, naquele terreno.
– Não havia viva alma nos passadiços. Um silêncio total. Não havia sentinelas.
– E caiu nessa. Mêmnon é o mais formidável adversário que poderia aparecer no nosso caminho está entendendo? Está entendendo? – gritou.
Perdicas assentiu.
– Mêmnon não é somente um lutador corajoso, é um homem de astúcia e inteligência extraordinárias, que nos observa noite e dia, à espera de algum desleixo nosso, de uma bobagem, de um movimento imprudente. E aí golpeia com força devastadora. Aqui não estamos em um campo

aberto onde podemos recorrer à superioridade da nossa cavalaria ou desencadear o poderio da falange. Temos diante de nós uma cidade rica e poderosa, um exército bem treinado que tem a vantagem da posição e que não passa privação alguma devido ao nosso cerco. A nossa única possibilidade é conseguirmos uma brecha bastante ampla nas defesas deles que nos permita desbaratar os veteranos de Mêmnon. E isto só pode ser feito de dia, em plena luz do sol.

– É a nossa força contra a deles, a nossa inteligência contra a deles, o nosso cuidado contra o deles. Só isto. Sabe o que faremos agora? Tiraremos os escombros do caminho, deslocaremos as pedras soltas da muralha até limparmos completamente o terreno e aí mandaremos avançar as máquinas contra o bastião redondo e o derrubaremos. E se levantarem mais um, acabaremos com ele também, até empurrá–los para o mar. Está bem claro, Perdicas?

– Até então obedecerás às minhas ordens e somente a elas. A perda dos seus soldados já é um castigo suficiente. Agora trarei de volta os seus corpos. Você mesmo, com a sua unidade, terá de prestar–lhes as honras funerárias, de apaziguar com sacrifícios suas almas zangadas. Chegará um dia em que poderá pagar a dívida que tem com eles. Mas agora ordeno que viva.

Apanhou a espada e entregou–a a Perdicas. Este guardou–a na bainha e levantou–se para sair. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

CAPÍTULO 27

O homem diante dele tinha o rosto coberto por um elmo corintio, vestia uma couraça de lâmina de bronze com enfeites de prata e usava uma faixa de malha metálica a tiracolo na qual estava presa a espada. Afivelado nos ombros, o seu manto de linho azul enchia–se ao vento do anoitecer como uma vela.

Alexandre, por sua vez, nada usava na cabeça e tinha chegado a pé, segurando Bucéfalo pelo cabresto. Disse:

– Sou Alexandre, rei dos macedônios, e vim negociar o resgate dos meus soldados mortos.

O olhar do homem faiscou na sombra da capacete e por um instante Alexandre reconheceu o lampejo daqueles olhos que Apeles conseguira captar no seu desenho. A sua voz ressoou metálica na cavidade do elmo:

– Sou o comandante Mêmnon.

– O que pede para devolver os corpos dos meus guerreiros?

– Somente a resposta a uma pergunta. Alexandre fitou–o surpreso.

– Que pergunta?

Mêmnon não conseguiu esconder um momento de incerteza e Alexandre imaginou que iria perguntar sobre Barsine, pois um homem como ele devia ter informantes por toda parte e quase certamente, sabendo daquilo que acontecera, devia se angustiar na dúvida havia algum tempo.

Mas a pergunta não foi essa.

– Por que trouxe a guerra para estas terras?

– Os persas foram os primeiros a invadir a Grécia; vim para vingar a destruição dos nossos templos e das nossas cidades, para vingar os nossos jovens que tombaram em Maratona, nas Termópilas, em Platéias.

– Está mentindo – replicou Mêmnon. – Não se importa minimamente com os gregos e eles não se importam contigo. Diga–me a verdade. Não contarei a ninguém.

O ventou aumentou de intensidade e envolveu os dois guerreiros numa nuvem de poeira vermelha.

– Vim para construir o maior império que já se viu na terra. E não me deterei até chegar às ondas do extremo Oceano.
– É o que eu temia – afirmou Mêmnon.
– E você? Não é um rei, nem mesmo é persa. Por que insiste com tamanha obstinação?
– Porque odeio a guerra. Odeio os jovens insanos e precipitados que, como você, querem conquistar a glória ensangüentando o mundo. Eu o derrubarei, Alexandre. Eu o forçarei a voltar à Macedônia, a morrer apunhalado como seu pai.
O soberano não reagiu à provocação.
– Nunca haverá paz enquanto houver fronteiras e entraves, línguas e costumes diferentes, crenças e divindades incompatíveis. Deveria juntar–se a mim.
– Não é possível. A minha palavra é uma só, e só uma é a minha convicção.
– Então, que vença o melhor.
– Nem sempre acontece: a sorte é cega.
– Devolverá meus mortos?
– Pode pegá–los.
– Quanto tempo me concede?
– Até o fim do primeiro turno de guarda.
– Já basta. Fico agradecido.
O comandante Mêmnon baixou a cabeça em sinal de assentimento.
– Adeus, comandante Mêmnon.
– Adeus, rei Alexandre.
Mêmnon deu–lhe as costas e dirigiu–se para o lado setentrional das muralhas. Um postigo abriu–se e o seu manto azul desapareceu na escuridão daquele vão. Logo a seguir, a pesada porta de metal fechou–se atrás dele com um longo rangido.
Alexandre voltou ao acampamento e avisou Perdicas que podia ir buscar os seus mortos.
Os carregadores pegaram–nos um por um e entregaram–nos aos sacerdotes e aos seus acólitos para que os preparassem e cuidassem das cerimônias fúnebres.
Foram montadas quinze grandes piras e sobre cada uma delas foram colocados os corpos de vinte homens, fechados em suas armaduras, limpos, penteados e perfumados.

As unidades de Perdicas formaram a guarda de honra, gritando a plenos pulmões o nome de cada um dos mortos cada vez que eram chamados pelo seu comandante. Finalmente as suas cinzas foram recolhidas em urnas onde também foram colocadas suas espadas, abrasadas pelo fogo e então ritualmente dobradas. Então as urnas foram seladas e marcadas com um pano que trazia o nome, a família e o lugar de origem de cada falecido.
No dia seguinte foram carregadas em um navio que as levaria de volta à Macedônia para que repousassem para sempre na terra dos antepassados.
Enquanto isto, protegidos pelos arremessos das balistas, os engenheiros tinham começado a retirar os escombros da brecha a fim de permitir o avanço das máquinas até o sopé do novo bastião. Alexandre acompanhava as operações do cume de uma colina e viu que, ao mesmo tempo, dentro da cidade continuava a montagem da gigantesca torre de madeira que Mêmnon mandara erguer.
Eumênio aproximou–se dele. Como de costume, estava em trajes de combate completos, embora até aquele momento nunca tivesse de fato participado da ação.
– Não vai ser fácil aproximar–se do bastião depois que a torre ficar pronta.
– É verdade – admitiu Alexandre. – Mêmnon posicionará catapultas e balistas no topo e poderá nos manter na alça de mira de uma distância muito curta.
– Bastará apontar para o amontoado de gente para fazer uma carnificina.
– É por isto que quero abrir caminho através daquele maldito bastião antes que ele termine a sua torre.
– Não vai dar.
– Como assim?
– Calculei o tempo do avanço dos trabalhos. Já deve ter reparado no relógio que mandei construir na colina.
– Reparei.
– Pois bem: eles sobem mais ou menos três cúbitos por dia. Já deve ter reparado no instrumento que coloquei perto do relógio.
– Claro – replicou Alexandre com um toque de impaciência na voz.
– Se não está interessado, não vou dizer mais coisa alguma – rebateu Eumênio, ressabiado.

– Não seja tolo. O que é aquele instrumento?
– Um brinquedo de minha invenção: uma alça de mira sobre uma plataforma basculante que relaciona uma estaca de referência com o objeto que está sendo observado. Com um simples cálculo geométrico posso estabelecer quanto cresce a construção por dia.
– E então?
– Então, quando nós conseguirmos tirar do caminho menos da metade do entulho, eles já terão levado a cabo o seu trabalho, isto é, ficarão nos massacrando com uma saraivada de pedras e de dardos. Calculei que poderão posicionar doze catapultas em três níveis sobrepostos.
Alexandre baixou a cabeça.
– O que sugere? – perguntou depois de um curto silêncio.
– Quer realmente saber o que penso? Muito bem: eu esqueceria a remoção dos escombros e concentraria todas as nossas máquinas no setor nordeste, onde a muralha parece ser menos espessa. Se tiver a bondade de dar uma olhada com o meu instrumento...
Alexandre deixou–se guiar e encostou o olho na mira.
– Pois bem, precisa apontar primeiro para o lado externo e depois para o lado interno, o da borda esquerda da brecha. Está vendo? E agora passe para a borda direita, assim.
– É verdade – assentiu Alexandre voltando a ficar em posição ereta. – Do outro lado a parede é menos espessa.
– Isso mesmo. Então, se mandar posicionar todas as suas torres ali, em menos de dois dias talvez já possa dispor de uma passagem suficientemente grande para cercar o bastião redondo, ou, pelo menos, para atacá–lo de lado. Os agrianos podem escalar qualquer parede: se os mandar para lá, saberão manter livre o caminho para os invasores que poderão então entrar na cidade e pegar os defensores pelas costas.
Alexandre apoiou as mãos em seus ombros.
– E pensar que até agora eu só te usei como secretário. Se vencermos, participará de todas as reuniões do alto comando com faculdade de expressar a sua opinião. E agora vamos logo mudar a posição daquelas torres, pois quero que comecem imediatamente a golpear o muro. Quero turnos contínuos, noite e dia, vamos manter bem acordados, os habitantes de Halicarnasso.
A ordem do rei foi cumprida sem demora: nos dias seguintes, uma depois da outra, com muito trabalho e recorrendo a centenas de homens

e animais de carga, as sete torres de ataque foram deslocadas para o lado nordeste das muralhas e o martelar dos aríetes recomeçou, obsessivo, implacável, retumbante: um fragor ensurdecedor que fazia tremer a cerca murada inteira e o terreno
subjacente. Cumprindo ordens expressas de Alexandre, Eumênio inspecionou pessoalmente cada uma das máquinas de ataque, acompanhado por um grupo de engenheiros que corrigiam o balanceamento e deixavam perfeitamente horizontais as plataformas para melhorar ao máximo o desempenho dos aríetes.
As condições no interior das torres eram pavorosas: o calor e a poeira, o espaço apertado, o imenso esforço para empurrar as gigantescas toras ferradas contra o paredão de pedra, os formidáveis recuos e o barulho insuportável desgastavam ao extremo os homens empenhados na tarefa. Carregadores de água subiam e desciam sem parar pelas escadas a fim de aliviar a sede dos soldados aplicados àquela faina desumana.
Mas todos se davam conta do olhar atento de Alexandre, e o rei prometera um prêmio generoso ao primeiro que conseguisse derrubar as defesas inimigas. O soberano, no entanto, intuía que o êxito do empreendimento não dependia somente do desempenho das máquinas: sentia que Mêmnon devia estar tomando as suas próprias precauções para revidar.
Convocou na colina Parmênio, Cleito, o Negro, e os companheiros: Heféstion, Perdicas, Leonato, Ptolomeu, Lisímaco, Cratero, Filotas, Seleuco. E Eumênio.
O secretário geral ainda estava sujo de poeira e meio atordoado pelo barulho, tanto assim que era preciso levantar a voz quando se falava com ele.
Atrás dos comandantes, o exército já estava em formação e de sobreaviso: na primeira linha, os "escudeiros", com armas leves e com função de tropa de assalto junto com os trácios e os agrianos. Atrás, no centro e na ala esquerda, a infantaria pesada de linha macedônia; à direita, os hoplitas dos aliados gregos. De ambos os lados, a cavalaria. No fundo, como força auxiliar às ordens de Parmênio, os veteranos de Filipe, homens com uma formidável resistência e uma extraordinária experiência de combate.
Estavam todos esperando em silêncio, com as armas aos seus pés, à sombra das mais próximas fileiras de oliveiras.

Ao mesmo tempo, por ordem de Perdicas, uma numerosa bateria de balistas havia sido postada em um pequeno planalto, apontando para a porta de Mílasa de onde os defensores poderiam tentar um ataque.
– Eumênio tem algo a nos dizer – anunciou Alexandre.
O secretário deu uma olhada no relógio solar, na sombra projetada sobre um painel de madeira por um ponteiro fincado no meio.
– Dentro de uma hora, a parede do lado nordeste começará a ruir. As pedras das camadas superiores já estão cedendo e as das inferiores estão abaladas devido aos aríetes mais pesados das plataformas mais baixas. Calculo que o desmoronamento acontecerá simultaneamente em uma faixa de pelo menos cento e cinqüenta pés.
Alexandre olhou em volta: os seus generais e os companheiros tinham um aspecto cansado devido aos longos combates, às vigílias, aos contínuos contra– ataques, às ciladas e às privações do extenuante cerco.
– Hoje vamos arriscar tudo – afirmou. – Se vencermos, a fama do nosso poderio irá nos abrir todas as portas daqui até o monte Amano. Se formos rechaçados, perderemos tudo aquilo que até aqui conquistamos. Lembrem–se principalmente disto, o nosso adversário está certamente prestes a tentar a sua
última cartada e nenhum de nós pode prever qual será. Mas observem aquela torre – e indicou a gigantesca armação de madeira que já alcançava, cheia de balistas e catapultas, mais de cem pés de altura – e poderão entender até que ponto ele é temível. E agora mandem posicionar o exército bem perto das torres. Precisamos estar prontos para avançar logo que se abrir uma brecha. Vão agora!
Perdicas pediu a palavra.
– Alexandre, peço–lhe o privilégio de guiar o primeiro assalto. Dê–me também os "escudeiros" e a tropa de choque, e juro pelos deuses que amanhã de manhã estará sentado à mesa de banquetes do sátrapa de Halicarnasso.
– Fique com os homens que achar necessários, Perdicas, e faça o que tem de fazer.
Todos voltaram às suas unidades e, a um toque de corneta, o exército movimentou–se rumo as sete torres. Só os veteranos, sob o olhar vigilante do general Parmênio, permaneceram imóveis à sombra das oliveiras.



CAPÍTULO 28

Alexandre mandou buscar Bucéfalo, percebendo que naquele momento tão crucial só poderia confiar nele. Afagou–o no focinho e no pescoço e depois desceu a passo até perto das muralhas, acompanhado por Heféstion e Seleuco que quisera manter ao seu lado.

Um assovio agudo fez com que virasse a cabeça: a grande torre por trás do bastião redondo entrara em ação e arremessava nuvens de arpões de ferro contra a ala direita do exército.

– Ao abrigo! – gritou o Negro. – Saiam imediatamente daí ou serão espetados como tordos. Rápido, procurem logo um abrigo!

A ala direita inverteu o sentido da marcha, passou por trás do núcleo central e Cleíto mandou que os seus ficassem encostados nas muralhas, onde os arremessos diretos das balistas não podiam alcançá–los. Enquanto isto Lisímaco, que comandava as suas baterias no pequeno planalto, revidava com uma saraivada de dardos contra a torre. Acertados em cheio, alguns serventes caíram berrando daquela altura e esfacelaram–se no solo.

Já dava para ouvir o estrondo dos grandes blocos de pedra que ruíam no setor nordeste das muralhas, abaladas pelos golpes incessantes dos aríetes.

Perdicas avançou correndo com os "escudeiros" e os agrianos, gritando como um possesso e de lança erguida diante de si, mas naquela mesma hora ouviu–se o toque de um clarim, logo seguido por outro, tenso, aflito, lacerante. Um mensageiro chegou até Alexandre a galope.

– Rei! – gritou. – Rei! Alarme no flanco oriental, alarme! Heféstion virou–se para Alexandre.

– Não é possível. Não há portas do lado oriental.

– Claro que sim – interveio Seleuco. – Bem perto da costa.

– Mas nós os teríamos avistado antes, daquela distância – insistiu Heféstion. Chegou outro mensageiro.

– Rei! Desceram diretamente do topo das muralhas: há milhares deles. Usaram escadas de corda e redes de pescadores. Já estão em cima de

nós!
– A galope! – ordenou Alexandre. – Rápido, rápido! – Esporeou Bucéfalo até chegar à retaguarda do seu exército e viu milhares de soldados persas que atacavam do lado direito, arremessando nuvens de dardos e flechas. Ouviram–se mais toques de clarim, desta vez da esquerda.
– A porta de Mílasa! – berrou Seleuco. – Olhe, Alexandre, mais um ataque!
– Cuidado com o postigo! – gritou o Negro. – Cuidado com o maldito postigo! Leonato! Leonato! Por ali! Preste atenção no seu flanco!
Leonato virou–se com seus pezéteros e viu–se diante da infantaria dos mercenários chefiada pelo gigantesco Efialta que, protegido por um escudo de bronze com uma górgone de olhos de fogo e cabeleira de serpentes, gritava:
– Em frente! Em frente! Chegou a hora! Vamos acabar com eles de uma vez por todas!
O rei abriu caminho até a primeira linha, onde as tropas de assalto persas haviam–se juntado aos mercenários gregos de Efialta e atacavam furiosamente, enquanto na torre do bastião as catapultas haviam entrado em ação com longos arremessos parabólicos.
Alvejados por aquela pavorosa saraivada de projéteis, os macedônios começaram a dispersar–se enquanto os mercenários gregos os empurravam para trás com os escudos. Alexandre, que naquele momento estava na ala esquerda, empurrou Bucéfalo para a rinha: empunhava um machado e gritava para reanimar os seus homens. Uma grande pedra caiu perto dele esmagando um dos seus soldados como se fosse um inseto. O sangue espirrou no flanco de Bucéfalo que deu um pinote, relinchando e escoiceando.
O rei tentava em vão aproximar–se do centro da luta, onde os seus guerreiros mais violentamente sofriam o ataque inimigo: a multidão que tinha diante de si e a contínua saraivada de pedras impediam que avançasse, e todas as suas forças estavam empenhadas em repelir a vaga de adversários que fluíam da porta de Mílasa.
O Negro viu Efialta avançar como uma fúria e penetrar bem no meio do núcleo macedônio que continuava a recuar. Os jovens pezéteros cediam diante do ímpeto espantosamente compacto dos mercenários. Só Perdicas, na extremidade esquerda da formação, resistia. Mas a sua situação ia piorando. Do topo da torre do bastião as catapultas

começaram a lançar estranhos projéteis: ânforas cheias de piche e betume que se arrebentavam na base das torres de assalto macedônias espalhando em volta o seu conteúdo. Logo a seguir apareceram nas muralhas os arqueiros persas que soltaram um enxame de setas incendiárias. O fogo se alastrou urrando e envolveu as máquinas, transformando–as em gigantescas fogueiras.

Perdicas entregou então o comando ao seu lugar–tenente e subiu entre as chamas até a primeira plataforma, onde os homens apavorados haviam abandonado o aríete que balançava inerte sobre seus suportes.

– Voltem aos seus lugares! – berrou. – Voltem logo aos seus lugares! O muro está a ponto de desmoronar. Vamos lá, mais um último esforço! – E deixando cair o escudo ele mesmo segurou a alça do ariete enquanto as línguas de fogo insinuavam–se ameaçadoras entre as frestas do soalho.

Os homens olharam para ele, pasmos diante daquela coragem sobre humana, e aí voltaram um por um aos seus lugares e recomeçaram a empurrar o

aríete, gritando para vencer o medo e o calor insuportável das chamas. A grande cabeça metálica retomou impulso, empurrada pelo desespero de mil braços, e chocou–se fragorosamente contra o paredão: as enormes pedras, já instáveis, vacilaram e então algumas começaram finalmente a ruir em uma nuvem de fumaça e poeira. Os golpes seguintes abriram uma verdadeira voragem e o enorme desmoronamento que se seguiu sufocou parcialmente o incêndio.

No centro da formação macedônia, no entanto, a retirada dos pezéteros estava a ponto de tornar–se descontrolada fuga sob os golpes irresistíveis de Efialta. O Negro então gritou:

– Leonato, precisa detê–lo!

E Leonato ouviu. Abriu caminho entre os inimigos a machadadas até ficar diante da maciça figura do outro.

Os dois brutamontes pararam quase sem fôlego, transtornados pelo esforço. Sangravam de numerosos ferimentos e seus corpos brilhavam de suor como estátuas molhadas na chuva.

Alexandre virou a cabeça e viu os veteranos do pai ainda imóveis à sombra das oliveiras, intactos, sob o olhar impassível de Parmênio. Ordenou:

– Corneta, chame a reserva! – Era o último recurso, uma vez que a

cavalaria ainda não podia acudir devido ao terreno irregular e cheio de rochas pontudas.
Parmênio ouviu o toque angustiado, insistente, que pedia com urgência a sua intervenção.
Halicarnasso estava à mercê do vencedor. Virou–se para a sua tropa:
– Veteranos, pelo rei Filipe e pelo rei Alexandre, vamos! – E de repente um trovão fez estremecer o ar parado: o trovão de Queronéia!
O enorme tambor, escondido entre as oliveiras, fez ouvir a sua voz e a poderosa falange começou a avançar hirta de pontas como um aterrador porco– espinho, com passo cadenciado, gritando a cada passada:
Alalalài! Alalalài!
Alexandre, que conseguira penosamente chegar quase até o centro, ordenou que os pezéteros de Leonato se deslocassem para os lados a fim de deixar passar os veteranos que caíram como uma enchente em cima dos mercenários de Mêmnon, já cansados. Enquanto isto Leonato estava lutando como um leão com o seu gigantesco adversário e o clangor ensurdecedor do choque espalhava–se pela planície como eco de um embate titânico.
Recorrendo à sua experiência de lutador, Leonato fintou o inimigo com um movimento inesperado: Efialta perdeu o equilíbrio e teve de apoiar o joelho no chão. Na mesma hora, e bem firme sobre as pernas, o macedônio levantou o machado e vibrou um poderoso golpe nas costas do outro, que desmoronou de chofre.
Enquanto isto, as sombras da tarde já desciam sobre a fúria da batalha, sobre os contendores embrutecidos pelo furor e pelo cansaço. Tendo perdido o seu chefe, empurrados agora pela incontrastável força dos veteranos de Parmênio, os exaustos e dizimados guerreiros gregos começaram a recuar até finalmente entrarem em debandada, procurando chegar à porta de Mílasa e ao postigo no setor setentrional, perto do mar. Os defensores, entretanto, já
apavorados, fecharam as entradas de forma que muito dos mercenários foram exterminados aos pés da muralha, trespassados pelas sarissas dos veteranos de Parmênio.
Quando Alexandre mandou dar o sinal do fim do combate, Perdicas já ocupava com firmeza a posição conquistada na brecha aberta no setor oriental, uma unidade de agrianos tinha escalado o bastião redondo escorraçando dele os defensores, mais outros haviam escalado a torre de

madeira e apontavam agora as balistas e as catapultas para dentro da cidade.
Foram trazidas muitas tochas e acenderam–se fogueiras por toda parte a fim de evitar eventuais contra ataques do inimigo durante a noite.
Halicarnasso estava à mercê do vencedor.



CAPÍTULO 29

Alexandre velava noite adentro: o desfecho do seu duelo com Mêmnon havia sido tão incerto até o último momento que em muitas ocasiões ele se sentira à beira do desastre, da derrota e da humilhação, tanto assim que agora simplesmente não conseguia fechar os olhos.

Os seus homens haviam acendido uma fogueira no passadiço e o rei esperava pelas primeiras luzes da alvorada com todos os sentidos dolorosamente atentos. A noite estava escura, a cidade inteira estava mergulhada nas trevas e no silêncio. Os únicos fogos ardiam na brecha vigiada pelos seus soldados, no bastião redondo ocupado pelos agrianos e aos pés da grande torre de madeira. Ele podia ser visto, enquanto o inimigo estava oculto.

Quantos sobravam? Quantos homens em armas se escondiam na sombra?

Talvez estivessem aprontando uma cilada, ou talvez Mêmnon esperasse reforços por mar.

Quando o triunfo já parecia ao seu alcance, o rei percebia que o destino ainda podia lhe guardar uma amarga surpresa: o comandante inimigo ainda poderia inventar um novo estratagema. Mais velho e experiente do que ele, conseguira até então lutar de igual para igual, inutilizando ou até prevendo os seus movimentos.

Naquela noite, Alexandre ordenara peremptoriamente que fosse justiçado na hora qualquer um que tomasse um só gole de vinho, tanto fazia que se tratasse de um soldado ou de um general, e que todos ficassem armados e prontos para o combate.

Grupos de batedores usando tochas rondavam continuamente as portas das cidades, sem esquecer o postigo, e chamavam uns aos outros para se manterem em contato. Entre todos os comandantes, o mais atento era Perdicas.

Depois de um dia inteiro de extenuantes e contínuos combates, depois de guiar entre as chamas o aríete que infligira o golpe decisivo às muralhas de Halicarnasso, não se concedera um só momento de trégua:

passava de um posto de guarda para outro, sacudia os homens que cediam ao sono, provocava os jovens para que se resgatassem após o seu pobre desempenho na luta, quando haviam sido superados pelos veteranos que, embora mais velhos, haviam mesmo assim mudado o destino do embate.

Alexandre olhava para ele, e aí olhava para Leonato, gigantesco no escuro, apoiado em sua lança, e para Ptolomeu, que percorria a planície com os cavaleiros da guarda real para prevenir qualquer ataque externo, e para Lisímaco, em pé ao lado das catapultas, avaliando continuamente a tensão dos cabos. E mais longe, perto de um bivaque, podia ver a cabeleira grisalha de Parmênio. Como um velho leão, mantivera–se afastado poupando as suas forças e as dos seus homens, a espera da hora certa para dar a patada que aniquilaria o adversário.

Às vezes procurava pensar em outras coisas para distrair a mente, para aliviar o coração, coisas diferentes da guerra e da estafa da luta: pensava em Mieza e nos veados que pastavam ao longo das margens floridas do rio, ou em Diógenes nu, que certamente naquele momento devia estar dormindo tranqüilo dentro do seu cântaro à beira–mar, ao lado do seu cachorro com o qual partilhava cama e comida. E que se deixava ninar pelas ondas que acariciavam os seixos da praia. Quais sonhos estariam agora visitando o descanso do velho sábio? Quais misteriosas visões?

E também pensava na mãe, e quando a imaginava sentada em seu quarto solitário, lendo as poesias de Safo, percebia que ainda existia nele um menino escondido, o menino que instintivamente estremecia na noite se o grito repentino de um pássaro noturno ecoasse no céu oco e vazio.

Deixou passar desse jeito um tempo que lhe pareceu interminável. Recobrou–se de repente, quando uma mão amiga tocou em seu ombro.

– É você, Heféstion?

O amigo ofereceu–lhe uma tigela de sopa quente.

– Coma alguma coisa. Leptine preparou–a para você e mandou–a com um mensageiro.

– O que é?

– Sopa de favas. Está muito boa. Provei uma colherada. Alexandre começou a comer.

– Nada mau. Quer que te deixe um pouco? Heféstion assentiu.

– Como antigamente, quando estávamos nas montanhas, banidos.

– É verdade. Mas nem pensar em sopa quente, naquele tempo!

– Isso mesmo.
– Está com saudade daquela época?
– Não, nem um pouco. Mas gosto de lembrar–me dela. Éramos só nós dois contra o mundo inteiro. – Apoiou uma mão na sua cabeça desgrenhando–lhe os cabelos. – Agora é diferente. Fico pensando se voltará a acontecer.
– O quê?
– Uma viagem só nossa. Nós dois sozinhos.
– Quem sabe, meu bom amigo.
Heféstion curvou–se para reavivar o fogo com a ponta da espada e Alexandre reparou em um pequeno objeto reluzente pendurado no seu pescoço, um dente de leite, um minúsculo incisivo encastoado em ouro e lembrou o dia em que, ainda menino, dera–o ao companheiro como penhor de eterna amizade.
– Até a morte? – perguntara Heféstion.
– Até a morte – ele respondera.
Ressoava naquele momento o grito de uma sentinela que chamava os companheiros à esquerda e à direita. Heféstion seguiu caminho para continuar a sua ronda. Alexandre viu–o desaparecer na escuridão e teve a impressão, bem clara e distinta, de que se no futuro a viagem prosseguisse só para eles dois, seria para alguma região misteriosa e mergulhada nas trevas.
Passou mais algum tempo e ouviram–se os chamados do segundo turno de guarda. Devia ser mais ou menos meia–noite. Alexandre foi novamente trazido à realidade pelo barulho de passos: esfregou os olhos e viu Eumênio.
O secretário geral sentou–se ao seu lado e ficou de olhos fixos no fogo.
– O que está olhando? – perguntou o soberano.
– O fogo – respondeu Eumênio. – Não estou gostando. O rei virou–se com uma expressão surpresa.
– O que há de errado com o fogo?
– As chamas estão se virando contra nós, o vento mudou de direção. Agora sopra do mar.
– Como toda noite a esta hora, creio eu.
– Sem dúvida. Mas esta noite é diferente.
Alexandre fitou–o, e de repente uma idéia pavorosa passou pela sua mente. Quase imediatamente um grito de alarme à sua direita confirmou

as suas suspeitas: um incêndio começava a brilhar naquele momento na base da grande torre de madeira.
– Há outro ali! – gritou Eumênio apontando para uma casa bem diante deles, a uma distância de uns cem passos.
Da esquerda chegou a voz de Perdicas:
– Alarme! Alarme! Fogo! Lisímaco chegou correndo.
– Querem nos assar! – disse ofegante. – Estão incendiando todas as casas perto da brecha e do bastião redondo. E a torre de madeira já está queimando como uma tocha, olhe!
Alexandre levantou–se de estalo: Mêmnon estava jogando a sua última cartada confiando no vento favorável.
– Rápido! Precisamos impedir que as chamas fiquem descontroladas: mandem as tropas de assalto, os "escudeiros", os trácios e os agrianos. Qualquer um surpreendido ateando o fogo deverá ser morto na hora.
Enquanto isto os companheiros chegavam para receberem as suas ordens.
Seleuco, Filotas, Leonato e Ptolomeu também estavam lá.
– Escutem! – Alexandre gritou com força para superar o rugido das chamas que o vento fazia arder cada vez mais ameaçadoras na direção deles. – Você, Seleuco, e você, Leonato, levem a metade dos pezéteros através do bairro em chamas e tomem posição do outro lado: temos de prevenir um contra–ataque. Está claro que querem retomar o controle da brecha. Ptolomeu e Filotas, postem o resto das tropas atrás da brecha e vigiem todas as portas! Não quero ser surpreendido por trás. Lisímaco, mande recuar as balistas e as catapultas, pois do contrário serão destruídas no desmoronamento da torre! Mãos à obra! Rápido!
A torre de madeira estava agora inteiramente envolvida pelas chamas e o vento que aumentava levava línguas de fogo a lamber o setor oriental da brecha. O calor estava se tornando insuportável e o clarão da imensa tocha espalhava
uma claridade irreal por uma ampla zona em volta das muralhas, de forma que os arqueiros agrianos não tinham dificuldades para localizar os incendiários e trespassá–los com suas flechas.
Consumidas pela fogueira, as toras da base cederam e a enorme armação ruiu com um pavoroso estrondo levantando uma coluna de fumaça com mais de trezentos pés de altura, mais alta do que qualquer torre ou qualquer edifício da cidade.

Devido ao calor, Alexandre teve de abandonar o seu observatório, mas passou para a torre seguinte, não longe do postigo, de onde mesmo assim podia dominar a situação. Enviava estafetas para os diferentes setores e recebia a todo momento notícias sobre a evolução dos acontecimentos.

Mandou Lisímaco usar as catapultas para destruir as casas perto dos edifícios que já estavam queimando a fim de circunscrever o incêndio: a saraivada das grandes pedras lançadas pelas máquinas de guerra logo aumentou o fragor e a confusão daquela noite infernal.

Mas as medidas tomadas pelo rei se revelaram corretas. A busca feita pelos agrianos e pelas unidades de assalto pôs um termo às atividades dos incendiários, enquanto a infantaria pesada posicionada nos limites do bairro desestimulou qualquer tentativa dos persas e dos mercenários de Mêmnon no intuito de surpreender o exército macedônio transtornado pela violência das chamas.

Eumênio mandara buscar no acampamento um bom número de engenheiros que, com a ajuda de centenas de serventes, começaram a jogar aterro e areia sobre os pontos de fogo que ainda ardiam. Pouco a pouco os incêndios foram controlados e dominados. A torre de madeira que custara tantos sacrifícios estava reduzida a um amontoado de cinzas e brasas onde ainda se podiam ver, espalhadas, grandes toras carbonizadas e fumegantes.

Ao romper do dia, o primeiro raio de sol atingiu em cheio a quadriga dourada no topo do Mausoléu, enquanto o resto da cidade permanecia na sombra. Aí, com o disco de luz que subia no céu, o cone luminoso desceu sobre os degraus da grande pirâmide e sobre o friso multicolorido de Escopas e Briaxis, acendendo a faustuosa colunata coríntia, as volutas douradas, as estrias riscadas de ouro sobre o fundo purpúreo.

Naquele triunfo de cores, naquele regozijo de luz cristalina, o silêncio espectral que envolvia Halicarnasso dava arrepios. Seria possível que nem as mães chorassem os filhos tombados em combate?

– Será possível? – Alexandre perguntou a Eumênio, que se aproximara.

– Claro que sim – replicou o secretário. – Ninguém chora por um mercenário. Não tem mãe nem pai, e nem mesmo amigos. Só tem a sua lança com a qual ganha o pão mais duro e mais amargo.



CAPÍTULO 30

Ptolomeu aproximou–se solícito.
– Aguardamos as suas ordens, Alexandre.
– Leve contigo Perdicas e Lisímaco, divida entre vocês os batedores e os escudeiros e vasculhem minuciosamente a cidade inteira. Os hoplitas gregos e os nossos pezéteros seguirão atrás como tropa auxiliar. Precisam desentocar todos os homens armados que sobraram, e principalmente encontrar Mêmnon. Não quero que lhe seja feito mal algum: se for encontrado, mandem trazê–lo até mim.
– Será feito – assentiu Ptolomeu. E afastou–se para avisar os companheiros. O rei ficou esperando com Eumênio sob o telheiro de um abrigo fortificado encostado nas muralhas, de onde podia ter uma vista bastante completa de Halicarnasso. Não demorou para que Ptolomeu enviasse um estafeta com uma mensagem:
O sátrapa Orontobates, o tirano Pixódaros e a guarnição persa barricaram– se nas duas fortalezas do porto, que são inexpugnáveis: não há espaço para chegarmos até lá com as máquinas. Por enquanto, nem sombra de Mêmnon. Aguardo instruções.
Alexandre mandou buscar Bucéfalo e percorreu a cavalo as ruas desertas da cidade, onde as portas estavam trancadas e as janelas fechadas: as pessoas trancafiaram–se em casa, apavoradas. Quando chegou aos arredores das duas fortalezas que guarneciam a entrada do porto, Perdicas veio recebê–lo.
– O que vamos fazer agora, Alexandre?
O rei deu uma olhada nas fortificações, depois virou–se para trás, observando as muralhas.
– Vamos destruir todas as casas que se encontram do lado esquerdo da rua que chega até aqui, e aí vamos acabar com aquelas que estorvam a área do porto: desta forma poderemos trazer as máquinas e encostá–las nas paredes das fortalezas. Os persas precisam entender que em toda esta região não há muralha nem bastião que possa lhes servir de abrigo. Precisam entender que devem ir embora, para nunca mais voltarem.
Perdicas anuiu, pulou em seu cavalo e foi até o bairro queimado para

formar grupos de engenheiros e serventes com aqueles que ainda tinham condições para trabalhar. Teve de acordá–los a toque de clarim, pois haviam adormecido onde estavam, exaustos após o estafante trabalho que durara a noite inteira.
O engenheiro chefe, um tessálio chamado Díades, mandou desmontar as duas plataformas superiores de uma das torres de assalto a fim de usá–la como suporte para um aríete com o qual derrubar as casas. Eumênio mandou os arautos intimarem o despejo das construções que iriam ser demolidas.
Vendo que não havia chacinas nem estupros nem saques, as pessoas começaram a sair. Primeiro as crianças, curiosas com toda aquela movimentação que havia tomado conta da cidade, depois as mulheres, e, finalmente, os homens.
O desmantelamento, no entanto, foi bem maior do que se imaginara, pois muitas casas estavam encostadas umas nas outras e, quando se punha abaixo
uma parede, muitas outras também ruíam, tanto assim que alguns disseram que Alexandre mandara arrasar Halicarnasso.
Em quatro dias foi desimpedido um caminho bastante largo para deixar passar as máquinas de sítio que foram encostadas nas fortalezas do porto para começarem de imediato a sua obra destrutiva. Durante aquela noite, porém, Mêmnon, Orontobates, Pixódaros, com um pequeno grupo de soldados, embarcaram em alguns navios da frota para em seguida juntarem–se ao grosso da esquadra persa que navegava mais ao norte, nas águas de Quios.
Os mercenários gregos sobreviventes, por sua vez, entrincheiraram–se na acrópole, que pela sua posição era praticamente inexpugnável.
Alexandre não quis perder mais tempo para desentocá–los daquele refúgio, ainda mais porque estavam cercados por todos os lados pelas suas tropas e não tinham saída. Mandou cavar uma trincheira em volta da cidadela e deixou alguns oficiais de baixa patente à espera de que se rendessem.
Naquela mesma tarde o rei convocou o conselho do alto comando na sala da assembléia da cidade. Calístenes também estava lá, pois havia pedido para comparecer e havia sido atendido. Enquanto se começava a deliberar sobre as providências a serem tomadas, foi anunciada uma delegação de dignitários da cidade que queriam falar com o rei.

– Não quero vê–los – afirmou Alexandre. – Não confio neles.
– Mas terá de escolher o regime político de uma cidade muito importante – salientou Parmênio.
– Poderia introduzir o sistema democrático como em Éfeso – interveio Calístenes.
– Pois é – comentou Ptolomeu, irônico. – E aí o titio Aristóteles ficaria contente, não é?
– E daí? – rebateu Calístenes bastante enfastiado. – A democracia é o sistema mais justo e equilibrado para se governar uma cidade, aquele que dá mais garantias...
Ptolomeu interrompeu–o antes que terminasse a frase.
– Esses aí, no entanto, fizeram–nos cuspir sangue. Perdemos mais homens embaixo destas muralhas do que na batalha do Granico. Se fosse por mim...
– Ptolomeu está certo! – gritou Leonato. – Já é hora de entenderem quem está mandando, e acho que deveriam nos indenizar pelos prejuízos que sofremos.
A discussão estava a ponto de transformar–se em rixa quando Eumênio percebeu que havia uma inesperada movimentação do outro lado da porta e foi dar uma espiada. Logo que se deu conta do que estava acontecendo, voltou e ciciou alguma coisa no ouvido de Alexandre. O rei sorriu e ficou de pé.
– Alguém gostaria de comer uns biscoitos? – perguntou levantando a voz. Diante desta proposta todos se calaram, olhando desconcertados uns para os outros.
– Está brincando? – disse Leonato, rompendo o súbito silêncio. – Eu poderia comer até um bezerro inteiro e você vem falar em biscoitos? Gostaria de saber que raio de cabecinha oca poderia pensar em trazer doces numa hora dessas...
Naquele momento a porta se abriu e, com a maior ostentação, entrou a rainha Ada, a mãe adotiva de Alexandre, acompanhada por um enxame de serviçais com grandes bandejas cheias de fumegantes guloseimas. Leonato ficou
boquiaberto diante daquele espetáculo inesperado e Eumênio pegou um biscoito e empurrou–o entre os seus dentes.
– Coma e fique quieto!
– Como está, minha mãe? – perguntou Alexandre, indo recebê–la. –

Rápido, um assento para a rainha. Mas que surpresa agradável! – prosseguiu em seguida.
– Nunca poderia imaginar que iria vê–la nestas circunstâncias.
– Achei que depois de todas estas terríveis privações iriam gostar bastante dos meus biscoitos – replicou Ada em tom entre sério e brincalhão. – E além do mais vim porque não quero que trate muito mal a minha cidade.
O soberano pegou um biscoito e começou a mordiscá–lo.
– Realmente deliciosos, mãe. Cometi um erro quando, da última vez, os recusei. Quanto à sua cidade, estávamos justamente decidindo o que fazer com ela, mas, agora que está aqui, creio ter encontrado a solução perfeita.
– Como assim? – perguntou Ada.
Calístenes, que estava a ponto de fazer a mesma pergunta, ficou de boca aberta sem articular uma palavra sequer.
– Quer dizer que a nomeio sátrapa da Cária no lugar de Orontobates, com plenos poderes sobre Halicarnasso e todas as terras circunvizinhas. Os meus generais irão cuidar para que a obedeçam.
Calístenes sacudiu a cabeça como a dizer "bobagens", mas a rainha ficou muito comovida ao ouvir aquelas palavras.
– Meu filho, não sei se...
– Mas eu sei – interrompeu–a Alexandre. – Sei que será uma ótima governante e também sei que poderei confiar completamente em você.
Fez com que ela se acomodasse no seu próprio assento e aí dirigiu–se a Eumênio:
– Agora pode deixar entrar os delegados da cidade. Parece–me justo que eles saibam de quem vão depender a partir de amanhã.
Ainda não haviam acabado de vasculhar a cidade quando chegou Apeles.
O grande mestre foi logo prestar homenagem ao jovem rei fazendo–lhe uma proposta.
– Senhor, acredito que chegou a hora de ser representado como merece, isto é, com atributos divinos.
Alexandre mal conseguiu reprimir uma gargalhada.
– Acha mesmo?
– Sem a menor dúvida. E aliás, de tão certo que eu estava acerca da sua vitória, já tinha preparado um esboço que agora quero mostrar. É claro

que o resultado será mais condigno em uma grande tábua de dez pés por vinte.
– Dez por vinte? – repetiu Leonato que achava um desperdício o uso de tanta madeira e tinta para retratar um rapaz como Alexandre, que nem tão alto era.
Apeles olhou para ele com desdém: considerava Leonato um bárbaro completamente inculto, ainda mais devido àquela sua barba ruiva e às sardas. Depois virou–se de novo para Alexandre:
– Senhor, a minha proposta nada tem de insensato: os seus súditos asiáticos estão acostumados a ver em seus governantes seres superiores, soberanos parecidos com deuses, que como deuses querem ser representados.
Por isto mesmo eu pensara em retratá–lo com os atributos de Zeus: com a águia aos seus pés e o relâmpago na mão direita.
– Apeles está certo – observou Eumênio que acabava de entrar com Leonato e examinava com curiosidade o esboço do artista. – Os asiáticos estão acostumados a considerar seus soberanos como seres sobre humanos. E é justo que assim o vejam.
– E quanto me custaria esta divinização? – perguntou Alexandre. O pintor deu de ombros.
– Digamos que por uns dois talentos...
– Dois talentos? Mas, meu bom amigo, percebe que com dois talentos eu compro pão, azeitonas e peixe salgado para os meus rapazes por quase um mês?
– Não creio, senhor, que um grande rei deveria se importar com este tipo de coisas.
– Não, um grande rei, nunca – interrompeu Eumênio –, mas um secretário como eu, sim, visto que os soldados se queixam comigo quando a comida não basta ou é ruim.
Alexandre fitou Apeles, depois Eumênio, aí o esboço e finalmente de novo Apeles.
– Bem, na verdade...
– Não é uma beleza? Imagine então em tamanho real, com suas cores vivas, o relâmpago ofuscante que dardeja na sua mão. Quem ousaria, então, desafiar um jovem deus destes?
Naquele momento entrou Kampaspe, foi até ele, abraçou–o e beijou–o na

boca.
– Meu senhor – disse fitando–o nos olhos, tão de perto que ele podia sentir
as pontas prepotentes dos seus mamilos batendo no seu peito como cabeças de aríetes a solaparem as muralhas de uma cidade. E o olhar dela significava que a sua disponibilidade continuava total e alheia a qualquer recato.
– Minha suavíssima amiga... – replicou Alexandre sem se comprometer demais. – E sempre um prazer revê–la.
– Um prazer que pode ter quando quiser – ela sussurrou–lhe no ouvido, encostando–se a ponto de acariciá–lo com a úmida ponta da língua.
O soberano virou–se mais uma vez para Apeles a fim de pôr um termo à embaraçosa situação.
– Preciso pensar mais um pouco no assunto. Afinal, é uma despesa e tanto.
De qualquer maneira, estão ambos convidados para jantar.
Ao saírem, os dois cruzaram com Ptolomeu, Filotas, Perdicas e Seleuco que vinham saber das intenções de Alexandre. O rei mandou–os sentar em volta de uma mesa na qual havia desdobrado o seu mapa.
– Eis o meu plano: as máquinas serão desmontadas e transportadas para Traias por terra, pois Parmênio, que marchará para o interior a fim de conseguir a submissão de todas as terras ao longo dos vales do Meandro e do Hermo, poderá precisar delas se alguma cidade opuser resistência.
– E quanto a nós? – perguntou Ptolomeu.
– Virão comigo. Vamos descer pela costa através da Lícia até chegarmos à Panfília. – E ao mesmo tempo assinalava com uma varinha o itinerário que pretendia seguir.
Eumênio fitou–o nos olhos, aí virou–se para os companheiros e percebeu que eles não se haviam dado conta, ainda, daquilo que os aguardava.
– Está querendo chegar ali? – perguntou.
– Exatamente – respondeu Alexandre.
– Mas por ali ninguém passa. Nenhum exército jamais se aventurou entre aqueles penhascos à beira–mar no outono. Ou, pior ainda, no inverno.
– Eu sei – replicou Alexandre.



CAPÍTULO 31

Apeles acabou aceitando a encomenda da pintura de Alexandre pela metade do valor que originalmente pedira, graças a um duro e cerrado regateio de Eumênio que queria pagar ainda menos. O artista pôs imediatamente mãos à obra em um estúdio que a rainha Ada mandara preparar para ele não muito longe da agora, mas, uma vez que o soberano não tinha tempo para posar, teve de contentar–se com uma série de esboços que fizera ao vivo durante o jantar e no entretenimento que se seguira ao banquete, quando houve uma apresentação de Tessalo, o ator preferido de Alexandre, e algumas execuções musicais. Pendurou os esboços nas paredes do estúdio, vestiu um modelo com os trajes do rei e começou.

Alexandre não pôde admirar a obra acabada pois já estava longe quando Apeles deu as últimas pinceladas, mas quem viu disse que era muito bonita, embora o tom da pele do rei fosse considerado um tanto escuro demais em relação à cor natural de Alexandre. Disseram, porém, que o artista fizera isto de propósito para realçar ainda mais o clarão ofuscante do raio.

Antes de partir o soberano consultou Parmênio numa conversa particular, a sós, em um dos aposentos do palácio de Ada. Recebeu–o com uma taça de vinho e indicou–lhe um assento. Parmênio beijou–o em ambas as faces e depois sentou– se.

– Como está, general? – perguntou o rei.

– Muito bem, senhor. Tudo bem com o senhor?

– Muito melhor agora que tomamos Halicarnasso, e uma boa parte deste sucesso é sua e dos seus veteranos. A sua intervenção foi decisiva.

– Está honrando–me demais. Limitei–me a cumprir as suas ordens.

– E peço–lhe agora para cumprir mais uma.

– Só precisa mandar.

– Leve contigo a cavalaria tessália com Amintas, um esquadrão de éteros, a infantaria pesada dos aliados gregos e volte com eles para Sardes.

O rosto de Parmênio iluminou–se.

– Vamos para casa, senhor?
Alexandre sacudiu a cabeça, decepcionado com aquela reação, e o velho general baixou os olhos humilhado por ter inoportunamente interpretado a situação de forma errada.
– Não, Parmênio, não voltamos para casa. Vamos consolidar as nossas conquistas antes de seguirmos em frente. Olhe, observe este mapa: você irá subir
pelo vale do Hermo e subjugará a Frigia inteira. Levará as máquinas de guerra, no caso de alguma cidade decidir se opor. Quanto a mim, seguirei pela costa até Telmesso para, desta forma, expulsar a frota persa de todos os portos do mar Aigai.
– É a sua decisão final? – Percebia–se na voz do general uma certa tensão.
– Recebi informes segundo os quais Mêmnon alistou mais homens em Quios no intuito de invadir a Eubéia, para em seguida entrar na Ática e na Grécia central a fim de levantá–las contra nós.
– Estou a par.
– E não acha que deveríamos voltar para enfrentar esta ameaça? Além do mais, o inverno está para chegar e...
– Antípatro pode dar conta da situação. E um sábio governante e um excelente general.
– Oh, quanto a isto não há dúvida. Então, resumindo: devo ocupar toda a
Frigia.
– Exato.
– E depois?
– Como te disse, seguirei pela costa, chegarei a Telmesso e aí desviarei para o norte, rumo a Ancira, onde irá juntar–se a mim.
– Pretende seguir pelo litoral até Telmesso? Sabe que por muitos estádios o caminho é estreito e muito perigoso? Nenhum exército jamais se atreveu a passar por lá.
Alexandre serviu–se mais um pouco de vinho e bebericou–o devagar.
– Sei disto. Já me disseram.
– E, além do mais, Ancira fica nas montanhas, bem no coração do planalto, e quando chegarmos lá, estaremos em pleno inverno.
– Sim, no meio do inverno. Parmênio suspirou:
– Sendo assim... Agora vou aprontar–me: imagino que não disponho de

muito tempo.
– Não, com efeito – replicou Alexandre.
Parmênio esvaziou a sua taça, levantou–se, saudou–o com uma pequena mesura e preparou–se para sair.
– General. Parmênio virou–se:
– Sim, senhor?
– Procure cuidar de si.
– Farei o possível.
– Vou sentir falta dos seus conselhos e da sua experiência.
– Eu também sentirei a sua falta, senhor. Saiu e fechou a porta atrás de si.
Alexandre voltou ao seu mapa para estudar o melhor caminho a seguir, mas foi logo interrompido por uma série de frases agitadas enquanto o guarda gritava:
– Não posso incomodar o rei com estas bobagens.
O soberano apareceu à porta:
– O que está havendo?
Tratava–se de um rapaz da infantaria dos pezéteros, um soldado raso, uma vez que não tinha insígnia alguma demonstrando a sua patente.
– O que quer? – perguntou.
– Rei – interveio o guarda –, não adianta perder tempo com este sujeito. O seu problema é que está um tanto aflito e morre de vontade de foder a sua mulherzinha.
– Parece–me bastante justo – observou Alexandre com um sorriso. – Como se chama? – perguntou então ao soldado.
– Eudemos, rei, e sou de Drabescus.
– É casado?
– Casei antes de partir, senhor: fiquei duas semanas com a minha mulher e desde então nunca mais a vi. Agora ouvi dizer que não vamos voltar à Macedônia e que, aliás, rumaremos para o leste. É verdade?
Alexandre avaliou por um momento, em silêncio, a incrível eficiência do sistema de comunicação da tropa, mas não ficou espantado.
– Sim – respondeu. – É verdade.
O jovem soldado baixou a cabeça conformado.
– Não me parece muito entusiasmado com a idéia de seguir o seu rei e os seus companheiros.
– Não é isto, senhor, é que...

– Tem vontade de deitar–se com a sua mulher.
– Para dizer a verdade, sim. E há muitos outros na mesma condição. As nossas famílias queriam que nos casássemos, pois estávamos partindo para a guerra: queriam que deixássemos um herdeiro no caso de... Nunca se sabe.
Alexandre sorriu:
– Não fale mais. Queriam que eu também me casasse, mas uma das poucas vantagens em ser rei é que ele só se casa se quiser. Quantos são?
– Seiscentos e noventa e três.
– Pelos deuses, já tinha o número exato! – exclamou o soberano.
– Pois é... Pensávamos que o inverno está para começar, e que talvez não se continuasse a lutar com o mau tempo e portanto queríamos pedir...
– Permissão para ver de novo as suas mulheres.
– Isto mesmo, rei – admitiu o soldado, encorajado pela disponibilidade de Alexandre.
– Os seus companheiros o escolheram para representá–los?
– Sim.
– Por quê?
– Porque...
– Fale à vontade.
– Porque fui o primeiro a fincar pé na brecha depois que o muro ruiu, e só saí da torre de assalto em chamas depois que o aríete derrubou a muralha.
– Perdicas me falou de um soldado que levou a cabo estas façanhas, mas não chegou a me dizer o seu nome. Estou orgulhoso em conhecê–lo pessoalmente, Eudemos, e fico feliz em realizar o seu desejo e o dos seus companheiros. Cada um de vocês receberá a quantia de cem estateres de Cízico e uma licença de dois meses.
Os olhos do soldado brilhavam de emoção.
– Rei... eu... – gaguejou.
– Com uma condição.
– Seja ela qual for, meu rei.
– Quando voltarem, terão de trazer com vocês mais guerreiros. Cem para cada um. Infantes ou cavaleiros, tanto faz.
– Tem a minha palavra. Pode contar com eles como se já estivessem em suas fileiras.
– E agora pode ir.

O soldado não sabia como mostrar a sua gratidão e ficava ali, empertigado.
– E então? Não estava morrendo de vontade de rever a sua mulher?
– Sim, claro, mas queria dizer... queria dizer que...
Alexandre sorriu e fez um gesto para que ele esperasse. Aproximou–se de um pequeno cofre, pegou uma correntinha de ouro com um delicado camafeu que representava a deusa Ártemis e deu–lhe de presente.
– É a deusa que protege as esposas e as mães. Entregue esta lembrança à sua mulher, de minha parte.
O soldado bem que teria gostado de dizer alguma coisa, mas um nó na garganta dificultava–lhe a articulação. Só conseguiu murmurar:
– Eu lhe agradeço, rei – com voz trêmula.



CAPÍTULO 32

Os jovens que haviam expressado o desejo de rever suas esposas partiram no começo do outono para voltar à Macedônia, onde iriam passar o inverno, e logo depois Parmênio também partiu com parte do exército e com a cavalaria tessália. Depois de consultar o velho general, o rei decidiu confiar o comando desta última ao primo Amintas, que sempre se portara com grande valor e lealdade. Também juntaram–se a eles o Negro, Filotas e Cratero.

Alexandre reuniu então um conselho bastante íntimo com Seleuco, Ptolomeu e Eumênio, convidando–os para jantar.

Para não despertar ciúmes, fizera com que os demais companheiros e o próprio Heféstion estivessem empenhados em alguma tarefa nos arredores, e ajeitou as coisas para que os três convidados a partilhar o seu repasto achassem mera coincidência o fato de serem os únicos presentes no acampamento. O assunto que Alexandre decidira examinar com eles, no entanto, convenceu–os de que naquele momento o rei precisava confiar mais na inteligência do que no braço deles.

Nem mesmo os serviçais puderam entrar, e só Leptine encarregou–se de trazer a comida para os comensais sentados em volta de uma mesa como quando estavam em Mésia assistindo às aulas de Aristóteles.

– Os nossos informantes contam que Mêmnon convenceu o Grande Rei a enviar–lhe uma quantia enorme, correndo grandes riscos, por mar. Com ela, tenciona alistar um exército com mais de cem mil homens para invadir a Grécia. O pior, no entanto, é que parece já ter começado a gastar vultosas quantias em presentes para dignitários espalhados por todas as cidades gregas. O general Parmênio já me expressou a sua opinião...

– Voltar para casa? – arriscou Seleuco.

– Isso mesmo – admitiu Alexandre.

Leptine começou a servir o jantar: peixe assado e verduras com vinho diluído em água. Uma refeição ligeira, sinal de que o rei queria que todos se mantivessem lúcidos.

– E o que pensa em fazer? – perguntou Ptolomeu.

– Já tomei a minha decisão, mas quero conhecer o seu parecer. Seleuco?
– Eu aconselho seguirmos em frente. Ainda que Mêmnon conseguisse dominar a Grécia, o que ganharia? Continuaria sem chance de entrar na Macedônia, pois Antipatro nunca permitiria tal coisa. E se nós continuarmos a ocupar todos os portos da costa asiática, o Grande Rei não poderá manter contato com ele. E no fim terá, portanto, de capitular.
– Ptolomeu?
– Sou da mesma opinião de Seleuco, devemos seguir adiante. Se, entretanto, fosse possível encontrar um jeito de matar Mêmnon, seria melhor ainda. Isto nos livraria de um montão de preocupações e deixaríamos o Grande Rei sem o seu braço direito.
Alexandre pareceu ficar surpreso e quase abalado por aquela proposta, mas continuou a sua consulta:
– Eumênio?
– Ptolomeu está certo. Vamos em frente, mas seria bom se conseguíssemos nos livrar de Mêmnon, de algum modo, é perigoso e inteligente demais. É imprevisível.
Alexandre ficou algum tempo em silêncio, mastigando sem convicção o seu peixe, e depois tomou um gole de vinho.
– Então seguimos em frente. Já pedi para Heféstion explorar com alguns batedores a passagem, considerada difícil, que liga o litoral da Lícia e o da Panfília. Dentro de alguns dias saberemos se é realmente tão arriscada. Parmênio subirá pelo vale do Hernio e chegará ao planalto central onde o encontraremos na primavera, percorrendo o caminho que, da costa, leva ao coração da Anatólia.
Ficou de pé e aproximou–se do mapa que mandara montar sobre um cavalete.
– O encontro será aqui, em Górdio.
– Em Górdio? Sabe o que há em Górdio? – perguntou Ptolomeu.
– Sabe, ele sabe – afirmou Eumênio. – Há o carro do rei Midas com a canga atada ao timão com um nó inextricável. Um antigo oráculo da Grande Mãe dos deuses diz que quem desatar aquele nó será o senhor da Ásia.
– É por isto que vamos a Górdio? – perguntou Seleuco com ar desconfiado.
– Não percamos mais tempo – interrompeu Alexandre, decidido. – Não

estamos aqui para conversar sobre oráculos, mas sim para estabelecer um plano de ação para os próximos meses. Fico contente em ver que todos nós queremos seguir em frente. Com efeito, não pararemos nem no outono nem no inverno. Os nossos homens estão acostumados com o frio: são montanheses. Quanto às forças auxiliares trácias e agrianas, então, nem falar! E Parmênio sabe que não deve parar até chegar ao seu destino.
– E Mêmnon? – perguntou Eumênio voltando ao assunto mais incômodo.
– Ninguém jamais poderá me induzir a mandar matá–lo traiçoeiramente – respondeu o rei de cara fechada. – É um homem valoroso e merece morrer de espada em punho, e não em uma cama, consumido pelo veneno ou apunhalado pelas costas.
– Escute bem, Alexandre – tentou argumentar Ptolomeu. – Já se perderam no tempo os heróis de Homero, e a armadura que guarda ao lado da cama nunca pertenceu a Aquiles. Deve ter uns duzentos ou trezentos anos no máximo, e sabe disto muito bem. Pensa nos seus soldados: Mêmnon ainda pode provocar a morte de milhares deles. É isto o que quer, só para manter–se fiel aos seus ideais de heroísmo?
O soberano meneou a cabeça.
– Sem contar – interveio Eumênio – que Mêmnon poderia perfeitamente planejar a mesma coisa em relação a você: pagar um assassino para que o mate, corromper o seu médico para que o envenene... Já pensou nisso? Mêmnon dispõe de enorme soma de dinheiro.
– Já passou pela sua cabeça – observou então Seleuco – que poderia dar o seu apoio ao seu primo Amintas, ao qual, além do mais, confiou o comando da cavalaria tessália?
O rei meneou mais uma vez a cabeça.
– Amintas é um bom rapaz e sempre demonstrou–me lealdade. Não há motivo para eu desconfiar dele.
– Eu continuo achando que os riscos envolvidos são grandes demais – rebateu Seleuco.
– Eu também – confirmou Eumênio.
Alexandre teve um momento de hesitação: viu novamente o adversário que o encarava, em pé, diante das muralhas de Halicarnasso, o rosto oculto pelo capacete polido na qual sobressaía a rosa de prata de Rodes, e mais uma vez ouviu a voz que dizia: "Sou o comandante Mêmnon."

Meneou a cabeça pela terceira vez, ainda mais decidido:
– Não, nunca darei uma ordem dessas. Mesmo na guerra, um homem continua sendo um homem, e o meu pai costumava dizer que um filhote de leão também é leão. – E aí acrescentou: – E não uma cobra venenosa.
– É inútil insistir – reconheceu Seleuco. – Se o rei decidiu assim, é assim que, será feito.
Ptolomeu e Eumênio anuíram, mas sem muito entusiasmo.
– Fico feliz que concordem comigo – disse Alexandre. – Vamos dar uma olhada no mapa, então, para planejarmos direito a nossa marcha ao longo da costa.
Conversaram longamente, até serem vencidos pelo cansaço. Eumênio foi o primeiro a retirar–se, e logo depois foi a vez de Ptolomeu e Seleuco. Quando estes saíram, no entanto, o secretário fez um sinal para que todos se reunissem na sua tenda. Convidou–os a sentar e em seguida mandou alguém buscar Calístenes, que naquela altura já devia estar dormindo do outro lado do acampamento.
– O que acharam? – começou Eumênio.
– Do quê? – perguntou Ptolomeu.
– Da recusa do rei a respeito da eliminação de Mêmnon, ora essa – respondeu Seleuco.
– Eu entendo Alexandre – continuou o secretário – e sem dúvida vocês também podem entendê–lo. Afinal de contas nós todos só podemos ter apreço pelo nosso adversário: é um homem excepcional, habilidoso tanto com a mente quanto com a espada, mas é justamente por isto que representa um perigo mortal. Vamos imaginar que consiga sublevar os gregos, que Atenas, Esparta e Corinto passem para o lado dele. Os exércitos aliados marchariam para o norte invadindo a Macedônia, a frota persa a fecharia com um bloqueio marítimo... Temos realmente certeza de que Antípatro conseguiria levar a melhor? E se, em vez disto, fosse vencido? E se Mêmnon conseguisse despertar novamente as ambições de algum sobrevivente do ramo dinástico dos Lincéstidos, como o nosso comandante da cavalaria tessália por exemplo, desencadeando ao mesmo tempo uma guerra civil ou um levante militar? O que iria acontecer com o nosso país e com o nosso exército? Se porventura vencesse, Mêmnon poderia fechar os Estreitos e impedir para sempre a nossa volta. Será que vale a pena correr um risco desses?
– Mas tampouco podemos agir contra a vontade de Alexandre – rebateu

Seleuco.
– Claro que podemos, desde que ele não saiba. Eu, no entanto, não quero assumir sozinho esta responsabilidade: se todos concordarmos, então seguiremos adiante com o plano; se não, aí é melhor esquecermos tudo isto e enfrentarmos os perigos que acabamos de mencionar.
– Digamos que eu concorde – replicou Ptolomeu. – Qual seria o seu plano?
– E por que mandou chamar Calístenes? – perguntou Seleuco.
Eumênio deu uma olhada através da cortina da tenda para ver se o historiador já estava chegando. Mas não viu ninguém.
– Escutem–me: pelo que sabemos, Mêmnon está agora em Quios, pronto para empreender viagem para o norte, provavelmente rumo a Lesbos. Ali vai esperar o vento favorável para atravessar o mar até a Grécia. Mas terá de aguardar algum tempo, pois precisará encher seus porões de mantimentos e de todo o necessário para a expedição. É justamente aí que devemos intervir para eliminá–lo de uma vez por todas.
– Mas como? – perguntou Ptolomeu. – Um assassino? Veneno?
– Nada disso. Um assassino nem chegaria perto dele: está sempre cercado por quatro homens que lhe são cegamente fiéis e que matariam num piscar de olhos qualquer um que se aproximasse além do permitido. Quanto ao veneno, imagino que mande provar a comida e a bebida: já está com os persas há muitos anos e certamente deve ter aprendido este tipo de coisa.
– Existem venenos que só agem depois de algum tempo – salientou Ptolomeu.
– É verdade, mas trata–se mesmo assim de venenos. Os efeitos e os sintomas são bem conhecidos, e, se no fim se descobrisse que Mêmnon foi morto por algum tipo de veneno, a mácula recairia fatalmente sobre Alexandre, e isto é algo que de forma alguma podemos permitir.
– E então? – perguntou Seleuco.
– Há uma terceira possibilidade. – E ao dizer isto o secretário baixou os olhos como se estivesse com vergonha daquilo que estava pensando. – E qual seria?
– Uma doença, uma doença incurável.
– Mas isto não é possível! – exclamou Seleuco. – As doenças aparecem e desaparecem quando chega a hora.

– Parece que não é bem assim – rebateu Eumênio. – Tudo indica que certas doenças são induzidas por criaturas muito pequenas, invisíveis ao olho humano, que passam de um corpo para outro. Sei que Aristóteles, antes de voltar para Atenas, fez algumas experiências bastante sigilosas a partir das suas pesquisas sobre a geração espontânea.
– E então?
– Parece que em alguns casos, segundo o que ele descobriu, a geração destes seres não seria nem um pouco espontânea: trataria–se, ao contrário, de alguma espécie de... difusão. Seja como for, Calístenes está perfeitamente a par do assunto. Conhece muito bem essas experiências e poderia escrever ao tio. No começo nada aconteceria, de forma que não haveria suspeitas em relação ao médico ou ao cozinheiro: Mêmnon continuaria a agir e a mover–se normalmente. Os primeiros efeitos só se tornariam evidentes após vários dias.
– Todos se entreolharam desconcertados, pasmos.
– Parece–me um plano de realização bastante difícil e complexa, que requer toda uma série de notáveis concomitâncias – observou Ptolomeu.
– É verdade, mas também é o único possível, no meu entender. E além do mais já temos uma coisa a nosso favor: o médico de Mêmnon segue a escola de Teofrasto e...
Seleuco olhou para ele com expressão bastante surpresa.
– Não sabia que também se encarregava da espionagem.
– Isto só quer dizer que levo muito a sério o meu trabalho, uma vez que se trata de notícias sigilosas. De qualquer maneira, no seu tempo o rei Filipe me pusera em contato com todos os seus informantes, tanto gregos quanto bárbaros.
Naquele momento Calístenes apareceu no limiar da tenda.
– Mandaram me chamar? – perguntou com ar sonolento.
Alexandre tampouco conseguia dormir: a idéia de Mêmnon estar a ponto de atacar a Grécia ou até a Macedônia deixava–o preocupado. Seria o velho Antípatro realmente capaz de enfrentar a ameaça? Não seria então melhor mandar Parmênio de volta à pátria?
Enquanto Leptine lavava a louça, saiu da tenda e ficou andando pela praia. Era uma noite morna e tranqüila e o barulho da ressaca nos seixos da margem acompanhava os seus passos com a mesma cadência. A lua quase cheia espalhava uma claridade diáfana sobre as ilhas que pontilhavam a superfície marinha, sobre as casas brancas que se

amontoavam em volta das pequenas enseadas e dos ancoradouros.
Em certa altura a praia cedia o lugar a um promontório rochoso, mas Alexandre, em vez de voltar, subiu pelo íngreme aclive para aproveitar, lá de cima, um panorama ainda mais bonito do que aquele que já se apresentava aos seus olhos.
Enquanto galgava por cima das pedras, o aumento do esforço físico acrescentou–se ao grande cansaço mental que havia algum tempo pesava sobre a sua alma e, de repente, sem motivo aparente, sentiu–se mortalmente prostrado e carente de ajuda. E, sempre sem motivos definidos, voltou à sua cabeça a
imagem do pai. Parecia–lhe quase que podia vê–lo, de pé no promontório. Teria gostado que fosse verdade, para correr até ele como quando estava em Mieza e gritar:
– Papai! – E teria gostado de sentar ao seu lado para pedir–lhe conselho.
Estava completamente entregue a estes pensamentos quando, ao chegar ao topo, o trecho seguinte do litoral descortinou–se à sua frente deixando–o pasmo. Do outro lado do promontório havia uma espécie de grande necrópole: dúzias de túmulos monumentais cavados na rocha e mais outros que se erguiam solitários, espectrais na difusa claridade do luar, ao longo da margem ou parcialmente submersos pelas ondas do mar.
E havia um homem de pé, parado e em silêncio, com uma lanterna pendurada num bordão fincado na areia. De costas para ele.
Tinha o mesmo corpo do pai e estava envolvido em um manto branco com orlas douradas, justamente como o pai no dia em que fora assassinado. Alexandre parou e ficou olhando–o mudo, quase não acreditando em seus olhos, quase esperando que a qualquer momento se virasse para ele com a voz e o olhar de Filipe. Mas o homem permanecia imóvel: somente o cândido manto esvoaçava no ar com um leve frufru, como as asas de um pássaro.
O rei aproximou–se com passo ligeiro e viu que havia água escorrendo de uma nascente na rocha, uma poça cristalina que refletia a luz da lanterna. Um pequeno regato, à guisa de emissário, serpeava na areia até juntar–se às ondas salgadas do mar. O homem, que já devia ter percebido a sua presença, mesmo assim permaneceu imóvel: parecia estar observando alguma coisa dentro da poça. Alexandre chegou mais perto, mas movendo–se na escuridão bateu em uma pedra com a bainha

da espada. Ao ouvir o ruído, o homem virou–se de chofre e os seus olhos brilharam de repente na luz da lanterna. Os olhos de Filipe!
Alexandre estremeceu, um arrepio correu pela sua espinha e já estava a ponto de gritar: "Pai!"
Mas só foi um momento: percebeu os traços diferentes do rosto e a cor mais escura da barba. Um desconhecido que nunca vira antes na vida.
– Quem é você? – perguntou. – O que faz aqui?
O homem fitou–o com uma expressão estranha e mais uma vez Alexandre vislumbrou algo familiar: sentiu que de alguma forma era o olhar do seu pai que brilhava naqueles olhos ardentes.
– Observo a nascente – respondeu o homem.
– Por quê?
– Porque sou um vidente.
– E o que vê? Está escuro, e muito fraca é a luz da sua lanterna.
– Pela primeira vez desde que se tenha lembrança, a superfície da água desceu quase um cúbito e revelou uma mensagem.
– Do que está falando?
O homem encostou a lanterna na parede de rocha da qual jorrava a água cristalina e a luz rente revelou uma escrita em uma língua desconhecida.
– Estou falando disto – explicou indicando os caracteres gravados.
– É sabe lê–los?
A voz do vidente tornou–se estranha, como se outra pessoa estivesse falando com sua laringe:
Eis o senhor da Ásia, aquele que tem nos olhos o dia e a noite.
Aí levantou a lanterna para iluminar o rosto de Alexandre:
– O seu olho direito é azul como o céu sem nuvens e o esquerdo é sombrio como a noite. Há quanto tempo estava me observando?
– Há pouco. Mas não respondeu à minha pergunta: quem é você?
– O meu nome é Aristandro. E quem é você, que tem nos olhos a luz e as trevas?
– Não me conhece?
– Não o bastante.
– Sou o rei dos macedônios.
O homem fitou–o de novo, intensamente, com a lanterna quase apoiada em seu rosto.
– Você reinará sobre a Ásia.
– E você irá comigo, se não recear o desconhecido. O homem baixou a

cabeça.
– Eu só receio uma coisa, uma visão que há muito me persegue sem que consiga entender o seu significado: um homem nu que arde, vivo, sobre a sua pira funerária.
Alexandre nada disse: parecia estar prestando atenção a um ruído parecido com o da ressaca. Virou–se para o topo do promontório e viu os seus guardas pessoais que vigiavam aquele seu inesperado encontro.
Despediu–se:
– Preciso voltar, um dia muito duro espera por mim. Espero encontrá–lo no acampamento, amanhã.
– Eu também espero – respondeu o homem. E afastou–se na direção oposta.



CAPÍTULO 33

Um bote aproximou–se devagar até encostar na capitânia que balouçava preguiçosamente no porto de Quios. O estandarte real com a imagem de Ahura Mazda quase não se mexia no sopro delicado da brisa noturna e do castelo de popa espalhava–se a luz mortiça de uma lamparina.

A toda volta, a frota de guerra do Grande Rei: mais de trezentos vasos rostrados, trirremes e qüinqüerremes de combate estavam alinhados ao longo das docas, presos com grandes cabos de cânhamo.

O bote parou e o marinheiro bateu com o remo no costado do grande navio.

– Mensagem para o comandante Mêmnon.

– Espere – respondeu o oficial da guarda. – Vou mandar baixar uma escada. Logo em seguida o homem subia a bordo pela escada de corda que lhe haviam jogado da amurada e pedia que o levassem até o comandante supremo.

O oficial da guarda revistou–o e aí deixou–o entrar no castelo de popa, onde Mêmnon velava escrevendo cartas e lendo os informes enviados pelos governadores e pelos comandantes das guarnições persas ainda fiéis ao Grande Rei e os relatórios dos muitos informantes que tinha espalhado por toda a Grécia.

– Tenho uma mensagem para você – anunciou o homem entregando um rolo de papiro.

Mêmnon pegou–o e viu, pelo selo, que era da sua mulher: A primeira carta que recebia dela desde que se haviam separado.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

– Não, comandante. Mas se quiser entregar–me uma resposta, esperarei.

– Então espere. Procure o contramestre e peça–lhe comida e bebida se estiver com fome. Avisarei logo que eu terminar. Depois de ficar sozinho Mêmnon abriu a carta com mãos trêmulas.

Barsine a Mêmnon, seu esposo adorado, salve!

Meu amado, após longa viagem chegamos sãos e salvos a Susa, onde o rei Dario recebeu a mim assim como aos seus filhos com grande honra.

Foi–nos designada uma ala do palácio com serviçais e criadas e um jardim de incrível beleza, um pairidaeza com flores de todas as cores, rosas e ciclamens de intenso perfume, fontes e pequenos lagos com peixes azuis e dourados, e pássaros de todos os cantos do mundo, pavões e faisões da índia e do Cáucaso, e chitas domesticadas da longínqua Etiópia.
A nossa condição seria muito invejável se você não estivesse longe. O meu tálamo é desesperadamente vazio, grande demais e frio.
Ontem à noite peguei o livro das tragédias de Eurípides que você me deu e li Alceste com os olhos cheios de lágrimas. Chorei, meu esposo, pensando naquele amor heróico tão intensamente descrito pelo poeta, e fiquei impressionada com aquele trecho em que ela vai morrer e o marido promete que nenhuma outra mulher tomará o seu lugar: que mandará recriar a sua imagem por um grande escultor e a colocará ao seu lado, na cama.
Oh, pudera eu fazer o mesmo! Pudera, eu também, ter chamado um grande artista, um dos grandes mestres yauna como Lisipo ou Apeles, para esculpir a sua imagem ou retratá–la num quadro de admirável beleza que iria colocar nos meus aposentos, na mais recôndita intimidade do meu tálamo.
Só agora, meu esposo adorado, só agora que está longe entendo o sentido da sua arte, a força perturbadora com que vocês yauna representam a nudez dos heróis e dos deuses.
Gostaria de poder contemplar o seu corpo nu, mesmo sendo apenas uma estátua ou uma pintura, e aí fechar os olhos, imaginar que por vontade de algum deus aquela imagem pudesse ter vida e sair do quadro, ou descer do pedestal, e encostar–se em mim como no dia em que pela última vez nos deleitamos juntos, e beijar–me com teus lábios, acariciar–me com suas mãos.
A guerra, no entanto, mantém–te distante, a guerra que só traz luto, morte e destruição. Volte para mim, Mêmnon, deixe que outro guie os exércitos de Dario. Já fez o bastante, ninguém poderia censurá–lo e todos narram as suas façanhas na defesa de Halicarnasso. Volte para mim, esposo suavíssimo, rutilante herói. Volte para mim, pois todas as riquezas do mundo não valem um só instante entre os seus braços.
Mêmnon voltou a enrolar o papiro e levantou–se apoiando–se no parapeito. As luzes da cidade tremeluziam tênues na noite tranqüila, e

das ruas escuras e das praças chegavam até ele os gritos das crianças que brincavam de esconde–
esconde aproveitando os últimos ares do outono. Mais ao longe ouvia–se o canto de um jovem, uma seresta para a sua amada que talvez o ouvisse corando na sombra.
Sentiu–se oprimido por uma infinita melancolia, por um cansaço mortal, mas ao mesmo tempo a consciência de que em seus ombros pesavam o destino de um imenso império, as esperanças de um grande soberano e o apreço dos seus soldados forçavam–no a não ceder àquele sentimento.
Soubera que os seus últimos irredutíveis guerreiros, barricados na acrópole de Halicarnasso, continuavam resistindo apesar de atormentados pela fome e pela sede, e não conseguia se conformar com a idéia de não ter podido libertá–los. Oh, se de fato existisse o grande Dédalo, o pai de ícaro, o artífice capaz de construir asas para o homem! Poderia voar até a esposa à noite, para torná–la feliz, e aí voltar aos seus deveres antes do alvorecer.
Mas eram outras as ordens do Grande Rei: devia zarpar para a ilha de Lesbos, onde planejaria o desembarque na Eubéia. O primeiro desembarque persa nos últimos cento e cinqüenta anos.
Recebera havia pouco tempo uma carta dos espartanos que se declaravam dispostos a aliar–se ao rei Dario e a chefiar um levante geral dos gregos contra a Macedônia.
Voltou a sentar à mesa e começou a escrever.
Mêmnon a Barsine, mui suave esposa, salve!
A sua carta suscitou em mim as mais belas e lânguidas lembranças, os momentos que passamos juntos na nossa casa de Zela antes da última separação. Nem podes imaginar quão dolorosamente eu sinto a sua falta e quantas vezes a imagem da sua beleza aparece à noite em meus sonhos. Nenhuma mulher poderá jamais parecer desejável até que eu possa de novo abraçar–te.
Um último esforço me aguarda, o embate final, e aí poderei descansar ao lado dos meus filhos e entre os seus braços, enquanto os deuses me concederem fôlego e vida.
Beije–os por mim e cuide–se.
Fechou a carta pensando que aquela matéria inerte iria ser tocada pelos dedos de Barsine, leves como pétalas de flor e igualmente perfumados.

Suspirou e aí chamou o mensageiro.
– Quando irá recebê–la? – perguntou.
– Muito em breve, em menos de vinte dias.
– Muito bem. Desejo–lhe uma boa viagem e a proteção dos deuses.
– Que eles também o protejam, comandante Mêmnon.
Ficou olhando enquanto o homem se afastava no seu bote. Voltou então ao castelo de popa e chamou o capitão do navio.
– Vamos zarpar, capitão. Mande o sinal luminoso aos outros navios.
– Agora? Não seria melhor esperar a alvorada? Enxergaríamos melhor e...
– Não. Prefiro que os nossos movimentos permaneçam secretos. Estamos a ponto de fazer algo da maior importância. Avise também que quero todos os comandantes dos vasos de guerra aqui reunidos, na capitânia.
O capitão, um grego de Pátara, fez uma mesura e saiu para cumprir as ordens recebidas. Em breve vários botes aproximaram–se do navio de Mêmnon e seus ocupantes subiram a bordo.
Um por um cumprimentaram o comandante e foram sentando em dois longos bancos encostados nas amuradas do castelo de popa. Mêmnon sentou no fundo, no assento do navarco. Estava envolvido em seu manto azul e vestia a armadura. Num banquinho ao lado estava o seu elmo coríntio um capacete polido com a prateada rosa de Rodes encastoada na frente.
– Navarcos, o destino concede–nos agora a última possibilidade para resgatarmos a nossa honra de soldados e merecermos aquilo que o Grande Rei nos paga. Já não há mais portos onde buscar abrigo atrás de nós, a não ser os longínquos ancoradouros da Cilícia e da Fenícia, que ficam a muitos dias de navegação. Assim sendo, não temos escolha, precisamos seguir em frente com firmeza, e cortar pela raiz a força de onde o nosso adversário tira o seu sustento.
– Recebi uma mensagem secreta dos espartanos: um informe enrolado em torno de uma skytale. Se desembarcarmos no continente, estão prontos a se juntar a nós com o seu exército. Decidi portanto navegar para Lesbos e, dali, para Skiros e a Eubéia, onde encontrarei os patriotas atenienses dispostos a nos dar o seu apoio. Mandei uma mensagem para Demóstenes e acredito que a resposta será sem dúvida positiva. Por enquanto é tudo. Voltem então aos seus navios e preparem–se para

manobrar.
A capitânia deslizou lentamente fora do porto com as luzes de popa acesas, e todos os demais vasos a acompanharam. A noite estava límpida e estrelada e o timoneiro de Mêmnon segurava a barra do leme com mão firme. No segundo dia, porém, o tempo mudou e o mar encrespou–se, empurrado por um vigoroso vento de Noto. Alguns dos navios sofreram avarias e a frota teve de avançar por mais de dois dias só contando com os remos.
Chegaram ao seu destino após cinco dias e entraram na grande enseada ocidental, à espera que o tempo voltasse a ser clemente. Mêmnon mandou consertar as embarcações avariadas e enviou os seus oficiais as redondezas para contratarem mercenários a serem embarcados. Enquanto isto, ele visitou a ilha, que era encantadora, e pediu que lhe mostrassem as casas da poetisa Safo e do poeta Alceu, ambos nascidos em Delfos.
Bem diante da casa que diziam ter sido de Safo havia uns escribas ambulantes que copiavam sob encomenda as líricas da poetisa sobre tábulas de madeira ou rolos de papiro muito mais caros.
– Saberia escrever em persa? – perguntou a um homem que, pela aparência, parecia oriental.
– Sim, claro, poderoso senhor.
– Então escreve a poesia que começa assim:
Semelhante a um deus parece–me aquele que senta ao seu lado e te escuta enquanto suavemente falas e, desejável, sorris.
– Sei qual é, meu senhor – disse o escriba molhando a pena no tinteiro.
– É
um canto de ciúme.
– Sim, isso mesmo – concordou Mêmnon aparentemente impassível. E ficou sentado em uma mureta à espera que o escriba completasse a sua tradução.
Soubera que Barsine havia ficado nas mãos de Alexandre e isto lhe provocava repentinas crises de angústia.

CAPÍTULO 34

Deixando Halicarnasso para trás, Alexandre seguiu em frente com o seu exército pela costa, rumo ao oriente, embora todos tivessem tentado dissuadi–lo. De fato, havia uma passagem na Lícia que, no inverno, era considerada impraticável. Era pouco mais do que uma senda suspensa entre o rochedo a pique e o mar pontilhado de recifes, exposta ao vento ocidental que trazia tempestade.

Ao se arrebentarem nas pedras, as ondas explodiam em globos de espuma, avançavam raivosas contra os rochedos para em seguida recuar, tomar impulso e renovar seu ataque contra o ermo promontório fustigado pelas tempestades.

Heféstion, que já chegara até ali com seus batedores, havia ficado profundamente impressionado.

– Dá medo – contara a Alexandre. – Imagine uma montanha mais alta do que o monte Atos e mais vasta do que o Pangeu, que desce a pique no mar, lisa e compacta como ferro polido. O cume, sempre escondido entre as nuvens, ecoa no ribombo dos trovões; os raios faíscam entre o céu e o pico e às vezes se precipitam no mar com ofuscantes clarões. A senda é uma antiga passagem recortada pelos lícios na rocha viva, mas é escorregadio por causa das ondas e das algas que, no inverno, ali crescem com fartura. Se alguém cai no mar, é um homem morto: os vagalhões esmagam–no imediatamente contra os recifes e as pedras pontudas que cercam o íngreme rochedo.

– Conseguiu passar?

– Consegui.

– Como?

– Usei os agrianos. Fincaram paus nas fendas da rocha e prenderam neles cordas nas quais podíamos nos segurar quando as ondas chegavam.

– Parece–me uma ótima idéia – disse o rei. – Nós também passaremos assim.

– Mas éramos só cinqüenta – objetou Heféstion – enquanto você quer passar

com vinte e cinco mil homens e cinco mil cavalos. O que pretende fazer com os cavalos?
Alexandre ficou calado por alguns instantes, procurando ordenar seus pensamentos, e então disse:
– Não temos escolha. Temos de superar aquela passagem e assumir o controle de todos os portos da Lícia: a frota do Grande Rei ficará cortada de vez do nosso mar. Se for preciso, avançarei somente com a infantaria, mas irei.
– Como quiser. Não temos medo de coisa alguma, mas, de qualquer maneira, queria que soubesses dos perigos que teremos de enfrentar.
Partiram no dia seguinte. Chegaram à cidade de Xanto, imponente no seu rochedo a pique sobre o rio do mesmo nome. Nos arredores havia dezenas de túmulos cavados na rocha, com fachadas monumentais em forma de palácios ou de templos. Contavam que um deles guardava o corpo do herói lício Sarpedão, que fora morto por Pátroclo durante a guerra de Tróia.
Alexandre quis saber qual era e ficou em silêncio diante daquele venerando sepulcro, consumido pelo tempo e pela intempérie, no qual mal se distinguiam os vestígios de uma antiqüíssima inscrição totalmente ilegível. Calístenes, que estava ao seu lado, ouviu–o murmurar os versos de Homero, a exortação que o herói lício endereçara aos seus guerreiros antes do último combate no qual iria ser morto.
Amigos, se desertando da guerra que nos espera vós e eu fôssemos destinados a viver para sempre sem conhecermos decadência alguma, faríamos isto, eu não seria entre os primeiros a lutar, nem vos mandaria para a batalha que traz consigo a glória.
Mas agora, já tendo à nossa volta, aos milhares, os ministros da morte que nenhum homem nascido para morrer pode evitar nem ignorar, então vamos...
Depois virou–se para Calístenes e perguntou:
– Acha que repetiria estas palavras se lhe fosse concedido falar de novo?
– E tinha na voz uma profunda melancolia.
– Quem pode dizer? Jamais foi concedido a um mortal voltar do reino de Hades.
Alexandre aproximou–se da sepultura e apoiou nela as mãos e a testa, quase tentando ouvir uma voz enfraquecida pelos séculos. Finalmente

levantou–se e retomou o caminho à frente do seu exército.
Desceram o rio até chegarem à foz, onde se encontrava Pátara, o mais importante porto da Lícia. A cidade tinha belos prédios em estilo grego e os habitantes também se vestiam segundo a moda grega, mas falavam a sua língua antiqüíssima e totalmente incompreensível sem a ajuda de intérpretes. O rei aquartelou o exército e decidiu deter–se alguns dias, pois esperava receber notícias de Parmênio que, nesta altura, já devia estar no planalto interior, mas nada conseguiu saber do seu general. Chegou, por sua vez, um navio da Macedônia, o último antes do mau tempo começar.
O comandante tinha seguido uma rota bastante lenta e difícil a fim de evitar a frota de Mêmnon. Trazia um relatório de Antípatro sobre a situação na terrinha e sobre os violentos contrastes que o opunham à rainha mãe, Olympias.
Alexandre fitou um tanto aborrecido e profundamente magoado com a notícia, mas serenou ao ver em um rolo o selo real dos molossos e a grafia da irmã Cleópatra. Abriu o papiro com uma ponta de ansiedade e começou a ler:
Cleópatra, rainha dos molossos, a Alexandre, rei dos macedônios, salve!
Meu adorado irmão, já se passou mais de um ano desde que o abracei pela última vez e não há dia sem que eu pense em você e sinta saudade.
A fama das suas façanhas repercutiu até aqui, no meu palácio de Butroto, e encheu–me de orgulho, mas o orgulho não basta para compensar a sua ausência.
Meu marido e seu cunhado Alexandre, rei dos molossos, está a ponto de partir para a Itália. Juntou um grande exército de quase vinte mil homens, guerreiros valorosos e treinados segundo a técnica macedônia e a escola do nosso pai Filipe.
Sonha conquistar um grande império no ocidente e libertar todos os gregos da ameaça dos bárbaros daquelas terras: cartagineses, brucianos e tucanos. Mas eu ficarei sozinha.
A nossa mãe fica cada dia mais estranha, irritadiça e lunática, e eu mesma evito ao máximo visitá–la. Pelo que me contam, pensa em você noite e dia e oferece sacrifícios aos deuses para que a Fortuna lhe seja favorável. Eu só posso amaldiçoar a guerra que mantém longe de mim as pessoas que mais amo no mundo.
Cuide–se.

Quer dizer que a empresa ocidental também estava a ponto de começar. Outro Alexandre, quase sua imagem espelhada, tão ligado a ele por profundos vínculos de amizade e de sangue, estava prestes a marchar rumo às colunas de Hércules para conquistar todas as terras que existiam até o rio Oceano. E um dia iriam se encontrar de novo, talvez na Grécia, ou no Egito, ou na Itália... E naquele dia começaria uma nova era.

Aproveitou os dias de pausa pedindo que Eumênio lesse para ele o "Diário", o relatório que o secretário geral redigia todos os dias para registrar os fatos acontecidos, as distâncias percorridas marchando, as visitas feitas e recebidas, as atas das sessões do alto comando e, obviamente, a situação financeira.

– Nada mau – admitiu após ouvir a leitura de algumas páginas. – Os trechos descritivos não deixam de ter um toque de literária elegância; poderiam até ser revisados para se tornarem uma verdadeira história da expedição.

– Talvez eu realmente faça isto – replicou Eumênio – mas por enquanto acho melhor limitar–me ao mero registro dos fatos, o que é compatível com o pouco tempo de que disponho. Para história, Calístenes está aqui.

– Sim, de fato.

– E há mais: sabia que Ptolomeu também mantém um diário sobre a expedição? Já teve a oportunidade de lê–lo?

– Ainda não, mas agora fiquei curioso.

– E também existe o relato de Nearcos, o seu almirante.

– Ao que parece, todos querem escrever alguma coisa sobre esta campanha: fico imaginando em quem irão acreditar mais. E de qualquer maneira continuo a invejar Aquiles que teve um Homero para cantar suas façanhas.

– Outra época, meu amigo. Mas por outro lado Nearcos está fazendo um ótimo trabalho de relacionamento com as comunidades que moram nestas terras. Conhece todo mundo por aqui, e também é muito estimado. Há pouco tempo explicou–me o seu ponto de vista como marinheiro.

– E qual é?

– Acredita que não pode continuar sem uma frota e que deveria formar outra. Acha perigoso demais deixar o domínio total do mar a Mêmnon.

– E qual é a sua opinião a respeito? Afinal, me parece que é uma mera questão de dinheiro.
– Talvez agora possamos realmente formar uma nova frota, com o dinheiro que pegamos em Sardes e Halicarnasso.
– Providencie isto, então. Consulte Nearcos, negocie com os atenienses, reative os estaleiros das cidades costeiras que conquistamos. Acho que já podemos nos dar ao luxo de arriscar.
– Irei encontrar Nearcos no seu barco e faremos umas contas juntos. Não tenho a menor idéia sobre o custo de um navio de guerra, e de quantos precisaremos para tornar a vida daquele maldito Mêmnon um pouco mais difícil. Também preciso saber, no entanto, das suas intenções para o próximo inverno.
Alexandre debruçou–se à janela da casa em que se havia instalado e observou os cumes das montanhas já cobertos de neve.
– Seguiremos adiante até encontrarmos o caminho que leva ao interior: preciso encontrar Parmênio quanto antes para juntarmos de novo as nossas forças. Estou preocupado, Eumênio. Se porventura um dos nossos contingentes viesse a ser aniquilado, não sobraria esperança alguma para o outro.
O secretário assentiu, juntou seus papéis e foi embora. Alexandre sentou à mesa de trabalho, pegou uma folha, molhou a pena no tinteiro e começou a escrever:
Alexandre a Cleópatra, suavíssima irmã, salve!
Minha adorada, não fique triste com a partida do seu marido. Há homens que nascem com o destino traçado e o seu esposo é um deles. Há um pacto entre nós, e Alexandre deixa a sua terra, a sua casa e a sua esposa para cumpri–lo. Não creio que preferiria ser a mulher de um homem de nada, de um homem sem sonhos nem aspirações. Neste caso, a vida seria muito mais detestável para você. você é como eu, é filha de Olympias e de Filipe, e sei que irá entender. A alegria será maior ainda após a separação, e acredito que muito em breve o seu marido mandará chamá–la para que possa ver o sol se pôr nas águas divinas e misteriosas do extremo Oceano que nenhum navio jamais navegou.
Aristóteles diz que os gregos, com suas cidades, ficam à beira deste mar como rãs nas margens de um charco: e está certo. Mas nós nascemos para conhecer outras terras e outros mares, para superar fronteiras que ninguém jamais ousou superar. E não pararemos até chegarmos ao

extremo limite que os deuses concederam à espécie humana.
Seja como for, isto não me basta para aliviar o sofrimento devido à sua ausência, e eu faria qualquer coisa, neste momento, para poder sentar aos teus pés e apoiar minha cabeça no seu regaço ouvindo o seu canto suave.
Lembre–se de mim, como havíamos combinado, toda vez que vir o sol se deitar atrás dos montes, toda vez que o vento te trouxer vozes longínquas.



CAPÍTULO 35

Uns dez dias depois do aquartelamento de Alexandre na cidade, uma visita foi anunciada ao rei: um tal de Eumolpo de Sôli.

– Sabe quem é? – Alexandre perguntou a Eumênio.

– Claro que sim. É o seu melhor informante a leste da cadeia do Tauro.

– Se ele é tão bom, como é que não o conheço?

– Porque sempre tratou com seu pai e... comigo.

– Espero que não fique ofendido se desta vez eu mesmo tratar com ele – Alexandre observou com ironia.

– Nem um pouco – Eumênio respondeu, solícito. – Eu só tentava livrá–lo de tarefas incômodas. Aliás, se achar melhor que me retire...

– Não digas bobagens, e mande–o entrar.

Eumolpo não mudara muito desde a última vez que o secretário o vira em Péla, e continuava a tremer de frio, ainda mais porque tivera de atravessar na garupa de uma mula as montanhas do interior cobertas de neve devido às condições impraticáveis do mar. Péritas rosnou logo que o viu com um chapéu de raposa na cabeça.

– Belo cãozinho – observou Eumolpo com ar preocupado. – Ele morde?

– Não, se tirar essa raposa que tem na cabeça – replicou Eumênio.

O informante deixou o chapéu em cima de um banquinho e Péritas mordeu– o e rasgou–o imediatamente, cuspindo pêlos durante todo o resto da conversa.

– Que notícias me traz? – perguntou Alexandre.

Depois de toda uma série de formalidades e elogios pelas brilhantes proezas do jovem rei, Eumolpo chegou ao que interessava.

– As suas façanhas, senhor, deixaram em polvorosa a corte de Susa. Os magos dizem que você é a encarnação de Arimã.

– É o deus do mal deles – explicou Eumênio, um tanto sem jeito. – Parecido com o nosso Hades, o deus do Ínfero.

– Acontece que este deus deles é sempre representado como um leão, e uma vez que você também usas um elmo com forma de cabeça de leão, aí a semelhança fica de fato impressionante.

– E o que mais?
– O Grande Rei confia muito em Mêmnon: parece que lhe enviou dois mil talentos.
– Uma quantia enorme.
– Pois é.
– Sabe a que se destina?
– A tudo, acredito. Alistamento de novas tropas, subornos, financiamento de possíveis aliados. Mas também ouvi falar de outra vultosa quantia, mais dois mil talentos, pelo que contam por aí, que estariam viajando por terra para o interior da Anatólia.
– E para que serviriam? Eumolpo sacudiu a cabeça.
– Não faço idéia. O seu general não anda por lá? Talvez ele tenha informações mais precisas...
Um pensamento incômodo passou de repente pela cabeça de Alexandre: e se o Grande Rei tentasse subornar Parmênio? Rechaçou logo esta suspeita que lhe pareceu indigna dele.
– Acha que Mêmnon goza do apoio incondicional do Grande Rei?
– Da forma mais absoluta. Por outro lado, no entanto, não são poucos os nobres palacianos que têm inveja desse estrangeiro, desse grego ao qual o soberano confiou o comando supremo das suas tropas e ao qual outorgou poderes superiores aos de qualquer governador persa. Depois do rei Dario, Mêmnon é o homem mais poderoso de todo o império. De qualquer maneira, se por acaso quiser saber se existem, ou possam no futuro existir, conspirações contra ele...
– Não estou querendo saber nada disto – interrompeu rispidamente Alexandre.
– Perdoe–me – replicou o informante. – Não era minha intenção ofendê–lo. Ah, outra coisa...
– Fale.
– Chegou ao palácio a mulher de Mêmnon, Barsine, uma criatura de impressionante beleza.
Alexandre teve um estremecimento quase imperceptível que, contudo, não passou despercebido aos olhos treinados de Eumolpo.
– Você e conhece?
O rei não respondeu; o secretário fez um sinal para Eumolpo não insistir e este recomeçou de onde tinha parado.
– Pois é, uma mulher de impressionante beleza, pernas de gazela, peito

de deusa, olhos de treva. Não me atrevo a imaginar a rosa de Piéria que deve ter entre as coxas... – Eumênio fez outro sinal para que mudasse de assunto. – E trouxe consigo os filhos, dois bonitos rapazes: um com nome grego que se parece com a mãe e outro com nome persa que se parece com o pai. Incrível, não é? Não faltam, na corte, os que pensam que o Grande Rei os mantém lá como reféns, pois não confia em Mêmnon.
– E é verdade, no seu entender?
– Quer saber realmente o que penso?
– Pergunta supérflua – comentou Eumênio.
– De fato. Pois bem, eu não creio. No meu entender o rei Dario confia cegamente em Mêmnon, e justamente por ser ele um chefe mercenário. Mêmnon nunca assinou um contrato, mas tampouco faltou jamais com sua palavra. É um homem íntegro.
– Eu sei – disse Alexandre.
– Há outra coisa que precisa levar em conta.
– O quê?
– Mêmnon domina o mar.
– Por enquanto.
– Pois bem, como está cansado de saber, Atenas recebe todo o seu trigo do Ponto, através dos Estreitos. Se Mêmnon bloquear o tráfego comercial, a cidade ficará faminta e ele poderá forçá–la a passar para o seu lado com a frota inteira: isto resultaria na maior esquadra de todos os tempos.
Alexandre baixou a cabeça:
– Eu sei.
– E isso não o amedronta?
– Nunca receio algo que ainda não aconteceu.
Eumolpo ficou por um momento sem palavras, depois prosseguiu:
– Não há dúvida, você é realmente o filho do seu pai. De qualquer maneira, parece que por enquanto o Grande Rei decidiu não se mexer e deixar a mais ampla liberdade de ação ao comandante Mêmnon. O duelo é entre vocês, você e ele. Mas se Mêmnon vier a sucumbir, então o Grande Rei entrará na luta, e a Ásia inteira com ele.
Proferiu estas últimas palavras num tom solene que surpreendeu os seus interlocutores.
– Agradeço–te – disse Alexandre. – O meu secretário geral providenciará

o pagamento pelos teus serviços.
Eumolpo torceu a boca em um meio sorriso.
– Por falar nisto, rei, eu estava pensando justamente em um pequeno aumento em relação ao que recebia do seu pai, que a sua glória possa viver pela eternidade. Diante das circunstâncias, o meu trabalho torna–se cada vez mais difícil e arriscado, e a idéia de acabar empalado atormenta o meu sono, que já foi bem mais tranqüilo.
Alexandre assentiu e trocou um olhar de cumplicidade com Eumênio.
– Cuidarei disto – disse o secretário geral, e levou Eumolpo até a porta.
O homem deu uma olhada aflita no que sobrava do seu confortável chapéu de raposa, cumprimentou o rei com uma mesura e saiu.
Alexandre ficou olhando para os dois que se afastavam pelo corredor e ainda pôde ouvir o informante que dizia:
– Pois afinal, se é mesmo para ser empalado, prefiro a pica de algum vigoroso rapaz às aguçadas estacas que aqueles bárbaros costumam usar.
E Eumênio que replicava:
– Aqui só precisa escolher: temos vinte e cinco mil... O rei meneou a cabeça e fechou a porta.
No dia seguinte, uma vez que continuava sem notícias de Parmênio, decidiu retomar a marcha e enfrentar a perigosa passagem pela costa que lhe havia sido descrita com tão pavorosa eficácia por Heféstion.
Mandou na frente os agrianos para que pudessem aprontar estacas e cordas nas quais os soldados iriam se segurar, mas a complexa parafernália revelou–se desnecessária pois o tempo mudou de repente: o vento úmido e tempestuoso de ocidente amainou e o mar ficou uma verdadeira bonança.
Heféstion, que tinha ido com os agrianos e os trácios, voltou para avisar que o sol estava secando a passagem e que não havia mais perigo.
– Parece que os deuses estão contigo.
– É o que tudo indica – replicou Alexandre. – Vamos considerar isto como um bom presságio.
Ptolomeu, que cavalgava logo atrás, chefiando a guarda pessoal, comentou com Perdicas:
– Já posso imaginar o que Calístenes vai escrever.
– Só agora percebo os problemas inerentes ao trabalho dos cronistas desta campanha.
– Vai escrever que o mar recuou diante de Alexandre em sinal de

respeito pela sua realeza e pelo seu poder quase divino.
– E você, o que vai escrever? Ptolomeu sacudiu a cabeça.
– Deixe para lá e cuide de seguir adiante: ainda temos muita estrada pela frente.
Depois de superar a passagem, Alexandre levou o exército para o interior,
percorrendo íngremes caminhos que subiam cada vez mais, até chegarem ao topo daqueles despenhadeiros cobertos de neve. Os vilarejos eram normalmente deixados em paz, a não ser que os moradores os atacassem ou se recusassem a fornecer–lhes aquilo de que precisavam. Aí passaram para o outro lado daquela primeira cadeia e desceram para o vale do rio Eurimedonte, por onde era possível chegar com uma certa facilidade ao planalto interior.
Era um vale bastante estreito, ladeado por íngremes paredões de rocha vermelha que criavam um violento contraste com as águas azuis do rio. Restolhos amarelados ocupavam as duas margens e as raras clareiras existentes no desfiladeiro.
Avançaram sem maiores problemas até o entardecer quando, em uma espécie de funil, encontraram–se diante de duas fortalezas gêmeas que controlavam os dois lados da passagem do topo de dois penhascos: atrás, de uma colina, vislumbrava–se uma cidade fortificada.
– Telmesso – afirmou Ptolomeu chegando com o seu cavalo ao lado de Alexandre e apontando para a cidadela avermelhada pelos últimos raios de sol.
Perdicas aproximou–se do rei pelo outro lado.
– Não será fácil expugnar aquele ninho de águia – observou preocupado.
– Do fundo do vale até o topo das muralhas deve haver pelo menos quatrocentos pés. Nem mesmo amontoando todas as nossas torres de assalto uma em cima da outra conseguiríamos chegar àquela altura.
Chegou Seleuco com dois oficiais da cavalaria dos éteros.
– Eu acharia melhor acamparmos aqui. Se avançarmos mais, poderemos ficar ao alcance deles e nada temos para revidar aos seus arremessos.
– Está bem, Seleuco – concordou o rei. – Amanhã, à luz do dia, veremos o que podemos fazer. Acredito que haja uma passagem em algum lugar. Só temos de encontrá–la.
Naquele momento ressoou atrás dele uma voz:
– É a minha cidade. Uma cidade de magos e adivinhos. Deixe que eu vá.

O rei virou–se: era Aristandro, o homem que encontrara lendo uma escrita ilegível na água da nascente perto do mar.
– Salve, vidente – cumprimentou–o. – Aproxime–se e diga o que pretende
fazer.
– É a minha cidade – repetiu Aristandro. – É uma cidade mágica que surge
em um lugar mágico. É uma cidade onde até as crianças sabem interpretar os sinais do céu e as entranhas das vítimas. Deixe que eu vá, antes de movimentar o exército.
– Está bem, pode ir. Nada será feito até você voltar.
Aristandro retirou–se com um aceno da cabeça e dirigiu–se a pé para a subida que passava sob as duas fortalezas gêmeas. Algum tempo depois, quando
já estava escuro, o seu manto branco movia–se como solitário fantasma na íngreme encosta do penhasco de Telmesso.



CAPÍTULO 36

Aristandro estava em pé diante dele como uma assombração e a única lâmpada que ardia na tenda conferia ao seu rosto uma aparência ainda mais desconcertante. Alexandre pulou na cama como se tivesse sido picado por um escorpião.

– Quando chegou? – perguntou. – E quem te deixou entrar?

– Já disse: conheço muitas magias e posso movimentar–me na noite a meu bel–prazer.

Alexandre ficou de pé e deu uma olhada no cão: dormia tranqüilo, como se ninguém estivesse na tenda além dele.

– Como conseguiu? – perguntou novamente o rei.

– Isto não interessa.

– E o que interessa, então?

– O que estou para dizer: os meus concidadãos só deixaram as sentinelas nos penhascos que dominam a passagem: todos os outros estão em Telmesso. Mande passar o exército pegando–as de surpresa. Verá que logo a seguir, do lado esquerdo da montanha, há um caminho que leva às portas da cidade. Amanhã poderá acordá–la com seus clarins.

Alexandre saiu e viu que o acampamento estava mergulhado no silêncio: todos dormiam e as sentinelas de plantão esquentavam–se ao lado dos bivaques. Virou–se para Aristandro e este apontou para o céu.

– Olhe, uma águia que voa dando voltas por cima das muralhas: significa que a cidade ficará à sua mercê depois deste ataque noturno. As águias não voam à noite, isto é sem dúvida um sinal dos deuses.

Alexandre mandou acordar todos sem toques de clarim, depois convocou Lisímaco e o comandante dos agrianos.

– Tenho um trabalho para vocês. Sei que naqueles penhascos só há umas poucas sentinelas: tem de surpreendê–las e tirá–las do nosso caminho sem fazer barulho, pois em seguida mandarei o exército passar pela garganta. Se a missão for bem sucedida, mande um sinal jogando pedras lá de cima.

Os agrianos receberam instruções em sua própria língua e Alexandre prometeu–lhes um prêmio se conseguissem levar a cabo a missão com

sucesso. Aceitaram com entusiasmo, jogaram a tiracolo suas cordas de cânhamo, as bolsas com cunhas e pregos e prenderam os punhais no cinto. Quando a lua apareceu por alguns segundos entre as nuvens, Alexandre pôde ver que já escalavam o rochedo com a sua incrível agilidade de montanheses. Os mais ousados subiam sem a ajuda dos ferros até onde podiam, aí prendiam a corda em uma saliência ou em uma cunha enfiada numa fenda e a soltavam para que os companheiros pudessem segui–los.

Nessa altura a lua escondeu–se atrás das nuvens e os agrianos colados na rocha desapareceram por completo. Alexandre avançou com Ptolomeu e a sua guarda pessoal até a garganta. Aí ficaram esperando escondidos.

Depois de alguns minutos ouviu–se um baque surdo, e em seguida outro e mais outro ainda: eram os cadáveres das sentinelas que estavam sendo jogados lá de cima pelos agrianos.

– Pronto – comentou Ptolomeu dando uma olhada nos corpos desfigurados.

– Já terminaram o serviço e pode mandar avançar o exército.

Mas Alexandre incitou–o a ter paciência. Logo a seguir ouviram–se mais baques iguaizinhos aos primeiros e depois o ruído seco de pedras que caíam quicando na parede rochosa.

– Eu não disse? – repetiu Ptolomeu. – Já acabaram. E um pessoal bem rápido e que entende do riscado. Nestas ocasiões, ninguém consegue superá–los.

Alexandre pediu que passasse adiante a ordem para que as unidades avançassem em silêncio pelo desfiladeiro, e a longa coluna começou a movimentar–se enquanto os agrianos, concluído satisfatoriamente o seu trabalho, desciam pela parede recuperando ao mesmo tempo as cordas que lhes haviam servido na escalada.

Os guias e os batedores em exploração não demoraram a descobrir o caminho que levava ao planalto e antes da alvorada o exército já estava em posição diante das muralhas, mas em um terreno tão acidentado que nem mesmo havia lugar para acampar.

Logo que montaram a sua tenda em uma das raras clareiras entre as rochas, o rei mandou convocar o conselho dos seus companheiros. Enquanto o arauto saía procurando por eles, no entanto, Heféstion anunciou–lhe outra visita:

um homem chamado Sisínio, um egípcio, queria falar com ele quanto antes.
– Um egípcio? – perguntou Alexandre, surpreso. – Quem é? Você o conheces?
Heféstion sacudiu a cabeça.
– Para dizer a verdade, não o conheço, mas ele afirma que nos conhece, que já trabalhou em outra época para o rei Filipe, seu pai, que nos viu correndo, meninos, no pátio do palácio de Péla. A julgar por sua aparência, parece que vem de bem longe.
– O que quer?
– Diz que só pode falar com você, a sós. Naquela mesma hora o arauto voltou.
– Rei, os comandantes chegaram e estão esperando fora da tenda.
– Mande–os entrar – ordenou Alexandre. E então, virando–se para Heféstion:
– Arrume comida e bebida para ele, e encontre–lhe um abrigo até que fique pronta uma tenda. Aí volte para cá: quero que também esteja presente no conselho.
Heféstion saiu e logo a seguir entraram os amigos do rei: Eumênio, Seleuco, Ptolomeu, Perdicas, Lisímaco e Leonato. Filotas estava com o pai no interior da Frigia, assim como Cratero e o Negro. Todos beijaram–no nas faces e se sentaram.
– Já viram a cidade – começou Alexandre. – E viram o terreno rochoso, irregular: mesmo que decidíssemos construir torres de assalto com a madeira dos bosques, jamais conseguiríamos posicioná–las, e se tentássemos cavar uma mina, teríamos de furar a rocha viva com martelos e cinzéis. Impossível! A única saída é apertar Telmesso em um bloqueio, mas sem saber quando ela se renderá: poderia levar dias ou meses...
– Não nos preocupamos com isto em Halicarnasso – observou Perdicas.
– Levamos todo o tempo que foi necessário. – Que tal amontoarmos uma grande quantidade de lenha junto às muralhas? Ateamos fogo e elas vão estourar com o calor – propôs Leonato.
Alexandre meneou a cabeça.
– Os bosques ficam muito longe. E quantos homens perderíamos ao enviá– los carregados de madeira até as muralhas sem a proteção de telheiros e sem tiros de barragem? Não gosto de sacrificar os meus

homens quando eu mesmo não corro os mesmos riscos, e sei que vocês também pensam assim. E, além do mais, não dispomos de muito tempo. Precisamos quanto antes juntar novamente nossas forças com as de Parmênio.
– Eu tenho uma idéia – interveio Eumênio. – Estes bárbaros são iguaizinhos aos gregos: não param um só instante de se matarem uns aos outros. Os habitantes de Telmesso devem sem dúvida alguma ter inimigos; bastará então entrarmos em acordo com alguns deles para, em seguida, retomarmos o nosso caminho para o norte.
– Faz sentido – disse Seleuco.
– Também acho – aprovou Ptolomeu. – Desde que consigamos encontrá–los, os tais inimigos.
– Pode cuidar disto? – Alexandre perguntou ao secretário. Eumênio deu de ombros.
– Claro, este tipo de coisa sempre acaba ficando comigo.
– Então está decidido. Até lá, no entanto, enquanto estivermos aqui, bloqueamos o acesso à cidade e não deixamos entrar ou sair ninguém. Agora é melhor que cada um volte a cuidar dos seus homens.
Um depois do outro, os companheiros foram se afastando e logo em seguida chegou Heféstion.
– Vejo que já acabou: qual foi a decisão que tomou?
– Que não temos tempo para expugnar a cidade e que vamos procurar alguém que faça isto por nós. Onde está o hóspede?
– Aqui fora, esperando.
– Então mande–o entrar.
Heféstion saiu e logo depois entrou um homem um tanto idoso, mais próximo dos sessenta anos do que dos cinqüenta, de barba e cabelo grisalhos, vestido como os nativos do planalto.
– Entre – convidou Alexandre. – Sei que queria falar comigo. Quem é você?
– O meu nome é Sisínio e venho da parte do general Parmênio. Alexandre fitou–o nos olhos muito escuros e extremamente atentos.
– Nunca o vi antes – replicou. – Se Parmênio enviou–o, terá certamente uma mensagem com o seu selo.
– Não tenho mensagens nem selos: seria perigoso demais se me capturassem. Tenho ordens para relatar oralmente o que me disseram.
– Fale, então.

– Há um parente seu, com Parmênio, no comando da cavalaria.
– É o meu primo Amintas de Lincéstide. É um excelente guerreiro: por isto confiei–lhe a cavalaria tessália.
– Confia plenamente nele?
– Quando o meu pai foi morto, ficou imediatamente ao meu lado e desde então sempre foi fiel.
– Tem certeza absoluta disto? – insistiu o homem. Alexandre começava a perder a paciência.
– Se tem algo a dizer, fale logo, em lugar de continuar a fazer perguntas.
– Parmênio interceptou um mensageiro persa com uma carta do Grande Rei para o seu primo.
– Posso vê–la? – perguntou Alexandre esticando a mão. Sisínio meneou a cabeça com um leve sorriso.
– Trata–se de um documento bastante delicado, que na certa não podíamos correr o risco de perder no caso de eu ser capturado. O general Parmênio, no entanto, autorizou–me a relatar o seu conteúdo.
Alexandre acenou para que continuasse.
– A carta do Grande Rei oferece ao seu primo Amintas de Lincéstide o trono da Macedônia e dois mil talentos de ouro, se ele o matar.
O rei permaneceu em silêncio. Pensou naquilo que lhe havia dito Eumolpo de Sôli a respeito de uma grande quantia de dinheiro que havia deixado o palácio de Susa rumo à Anatólia, e também pensou em todas as provas de valor e fidelidade que até então lhe haviam sido dadas pelo primo. Sentiu–se preso na maranha de uma maquinação contra a qual de nada adiantavam a coragem, a força e o valor, uma situação que a mãe saberia enfrentar mil vezes melhor do que ele e que, de qualquer maneira, precisava ser resolvida sem demora.
– Se não for verdade, mandarei cortá–lo em pedaços e jogarei a sua ossada aos cães – ameaçou.
Péritas, que dormitava num canto, levantou a cabeça e passou a língua vermelha nos beiços como se estivesse interessado no rumo que a conversa tomara. Sisínio, porém, não ficou nem um pouco perturbado.
– Se eu estiver mentindo, não terá a menor dificuldade em descobrir a verdade quando se juntares novamente a Parmênio.
– E tem alguma prova de que Amintas tem a intenção de aceitar o dinheiro e a proposta do Grande Rei?
– Em teoria, nenhuma. Mas pense bem, senhor: será que o rei Dario iria

de fato propor uma coisa dessas e arriscar tamanha quantia de dinheiro se não tivesse alguma probabilidade de sucesso? E conhece algum homem capaz de resistir à lisonja da riqueza e do poder? Eu, no seu lugar, não me arriscaria. Com aquele dinheiro todo, o seu primo poderia contratar mil assassinos, poderia alistar um exército inteiro.
– Está sugerindo como eu deveria comportar–me?
– Os deuses me livrem disso. Sou apenas um fiel serviçal que cumpriu o seu dever atravessando montanhas cobertas de neve, sofrendo fome e frio, arriscando muitas vezes a vida em territórios ainda nas mãos dos soldados e dos espiões do Grande Rei.
Alexandre permaneceu calado, mas percebeu que naquele momento não tinha alternativa, que era mister tomar uma decisão. Sisínio interpretou aquele silêncio da forma mais lógica.
– O general Parmênio mandou que eu voltasse quanto antes com as suas ordens. E elas tampouco poderão ser escritas: terei de relatá–las de viva voz. Afinal de contas, o general me honra com a sua plena e irrestrita confiança.
Alexandre deu–lhe as costas, pois não queria que o outro lesse em seus olhos os pensamentos que lhe passavam pela cabeça. Então, depois de refletir e ponderar cada aspecto do problema, virou–se e disse:
– Levará a Parmênio esta mensagem:
Recebi o seu relatório e te agradeço por ter frustrado uma conspiração que poderia prejudicar seriamente a nossa campanha ou provocar a minha morte.
Por aquilo que me foi contado, entretanto, nada temos que possa provar a intenção de meu primo aceitar aquele dinheiro e aquela proposta. Peço–lhe, portanto, que o mantenha preso até a minha chegada, quando poderei interrogá–lo pessoalmente. Quero contudo que seja tratado como convém à sua posição e à sua patente. Espero que esteja bem. Cuide–se.
– Agora repete – ordenou Alexandre.
Sisínio fitou–o fixamente nos olhos e repetiu a mensagem palavra por palavra, sem parar e sem a menor incerteza.
– Muito bem – comentou o rei disfarçando a surpresa. – Agora pode descansar. Terá comida e abrigo para esta noite. Quando estiver pronto, poderá partir.
– Pedirei um alforje com comida e um odre com água e partirei

imediatamente.
– Espere.
Sisínio, que estava se curvando na despedida, ficou logo empertigado.
– Às ordens!
– Quantos dias levou para chegar até aqui desde que deixou o general?
– Onze dias cavalgando uma mula.
– Avise Parmênio de que sairei daqui dentro de cinco dias no máximo e que me encontrarei com ele em Górdio no mesmo prazo que lhe foi necessário para chegar a mim.
– Quer que repita esta mensagem também? Alexandre meneou a cabeça.
– Não. Agradeço as informações que me trouxe e pedirei a Eumênio que te dê uma recompensa.
Sisínio esquivou–se:
– A minha recompensa é ter contribuído à segurança da sua pessoa. Nada mais quero. – E lançou–lhe um olhar que podia significar qualquer coisa, depois curvou–se respeitosamente e saiu. Alexandre deixou–se cair num assento e cobriu o rosto com as mãos.
Permaneceu sentado e imóvel por um bom tempo: os seus pensamentos voltavam a Péla, aos dias em que, menino, brincava com a bola ou de esconde– esconde com os companheiros e os primos, e sentia vontade de gritar ou chorar.
Leptine aproximou–se com os seus passos imperceptíveis e apoiou as mãos nos seus ombros.
– Más notícias, meu senhor? – perguntou baixinho.
– Sim, bastante más – respondeu Alexandre sem se virar. Leptine apoiou o rosto no seu ombro.
– Consegui encontrar lenha seca e esquentei a água. Gostaria de tomar um banho?
O soberano concordou, acompanhou a jovem até o setor reservado da tenda onde uma banheira cheia de água quente fumegava e deixou–se despir. A lamparina estava acesa pois já fazia algum tempo que escurecera.

CAPÍTULO 37

Com a ajuda de Aristandro, Eumênio conseguiu estipular rapidamente um tratado com um povo vizinho, os selgueus, que eram inimigos ferrenhos dos habitantes de Telmesso apesar de falarem a mesma língua e de adorarem as mesmas divindades. Deixou–lhes dinheiro, fez com que Alexandre outorgasse ao seu chefe o altissonante título de "dinasta supremo e autocrata da Pisídia", e eles tomaram imediatamente posição em volta da cidade organizando o cerco.

– Eu não disse que Telmesso iria ficar à sua mercê? – lembrou Aristandro, interpretando a situação de um jeito um tanto pessoal.

O rei confirmou a submissão de algumas cidades costeiras das redondezas, como Side e Aspendos, muito bonitas e parcialmente construídas ao estilo grego, com praças, pórticos e templos enfeitados com estátuas, e cobrou os impostos que até então elas pagavam aos persas. Finalmente, deixou um grupo de oficiais dos éteros e uma unidade de assalto dos "escudeiros" com os bárbaros que sitiavam Telmesso e retomou o caminho para o norte.

As montanhas do Tauro já estavam completamente cobertas de neve, mas o tempo se mantinha razoavelmente bom, com um céu sem nuvens e de um azul profundo; por toda parte, pequenos bosques isolados de carvalhos e faias ainda mostravam a folhagem cor de ocre e vermelha e sobressaíam na brancura ofuscante como jóias numa bandeja de prata. Enquanto o exército seguia o seu caminho, os trácios e os agrianos ficavam constantemente na dianteira, explorando e ocupando as Passagens e os desfiladeiros a fim de prevenir qualquer ataque de surpresa, de forma que a marcha prosseguiu sem grandes riscos.

Eumênio procurava comprar as provisões nos vilarejos para não irritar em demasia os povos locais e para assegurar a maior tranqüilidade possível à travessia dos íngremes passos da grande cadeia. Alexandre cavalgava em silêncio, sozinho, na frente de todos em seu fogoso Bucéfalo, e era fácil perceber que a sua cabeça estava remoendo pensamentos aflitivos. Usava o chapéu macedônio de abas largas e vestia

a pesada clâmide militar de lã crua. Péritas troteava quase entre as pernas do garanhão. Entre os dois animais já se estabelecera havia bastante tempo um relacionamento amigável, e, quando o cão não dormia aos pés da cama de Alexandre, deitava–se na palha perto do corcel.

Depois de três dias de marcha nas montanhas, chegaram finalmente ao planalto interno: uma extensão achatada e queimada, fustigada por ventos gelados. Ao longe via–se brilhar uma superfície de água límpida e escura, cercada por uma ofuscante faixa branca.

– Mais neve – resmungou Eumênio, que não gostava nem um pouco do frio e desistira definitivamente do curto quitão militar passando a usar umas bem mais confortáveis calças frigias.

– Não, é sal – corrigiu–o Aristandro, que cavalgava ao seu lado. – Aquele é o lago Ascânia, mais salgado do que o mar. No verão ele fica muito menor, e então a extensão de sal fica enorme. Os habitantes vendem–no por todo o vale.

Quando o exército superou aquela cândida superfície, o sol já se punha atrás dos montes e a luz rasante, refletida por milhões de cristais de sal, criava um espetáculo fantasmagórico, uma atmosfera mágica e irreal. Os soldados admiravam mudos tamanha maravilha, sem conseguir tirar os olhos daquela contínua mudança de cores, dos raios de luz que aquelas inúmeras facetas cristalinas decompunham em leques iridescentes, em triunfos de faíscas de fogo.

– Deuses do Olimpo... – murmurou Seleuco. – Que esplendor! Agora podemos realmente dizer que estamos longe de casa.

– Isto mesmo – admitiu Ptolomeu. – Nunca vi coisa parecida em toda a minha vida.

– E não é a única que poderá admirar – continuou Aristandro. – Mais adiante há o monte Argeu; que vomita fogo e chamas do cume e encobre com suas cinzas regiões inteiras. Dizem que nas suas entranhas está acorrentado o gigante Tífon.

Ptolomeu fez um sinal para que Seleuco o acompanhasse e esporeou o cavalo como se estivesse a fim de passar em revista a coluna. Parou depois de meio estádio e prosseguiu com o animal novamente a passo.

– O que há com Alexandre? – perguntou.

Seleuco ficou ao seu lado:

– Não sei. Está assim desde que falou com aquele egípcio.

– Não gosto dos egípcios – sentenciou Ptolomeu. – Sabe–se lá o que botou na cabeça dele. Como se já não bastasse este vidente, este tal de Aristandro.
– Acho que Heféstion sabe de alguma coisa, mas não se consegue arrancar uma palavra sequer dele.
– Pode acreditar. Ele sempre faz tudo aquilo que Alexandre quer.
– Pois é. O que será? Alguma notícia ruim, na certa. E além do mais, toda esta pressa para seguirmos em frente... Será que houve alguma coisa com Parmênio?
Ptolomeu deu uma olhada em Alexandre, que cavalgava adiante, não muito longe deles.
– Teria falado conosco. E, afinal de contas, com Parmênio também estão o Negro, Filotas e Cratero, assim como o seu primo Amintas, que comanda a cavalaria tessália. Será possível que ninguém tenha sobrevivido?
– Quem sabe? Digamos que tenham caído numa cilada... Ou talvez esteja pensando em Mêmnon. Aquele homem é capaz de qualquer coisa: enquanto estamos conversando, ele poderia até já ter desembarcado na Macedônia ou no Pireu.
– O que vamos fazer? Que tal perguntarmos, se esta noite ele nos convidar para jantar?
– Vai depender do humor dele. Talvez fosse melhor perguntar primeiro a Heféstion.
– Isso mesmo, é a melhor coisa que podemos fazer.
Enquanto isto o sol já desaparecera no horizonte e os dois amigos deixaram–se levar pelos devaneios: pensavam nas jovens que tinham deixado em lágrimas nas suas casas de Piéria ou de Eordéia, e que tal vez naquela hora de melancólica saudade os relembravam.
– Já pensou em casar? – Ptolomeu perguntou de repente.
– Não, nunca. E você?
– Tampouco. Mas até que teria gostado de Cleópatra.
– Perdicas também, ora essa!
– Pois é. Perdicas também.
Um grito ressoou na frente da coluna, uma patrulha de batedores que voltava da última exploração antes do escurecer:
– Kelainai! Kelainai!
– Onde? – perguntou Eumênio, adiantando–se.

– A cinco estádios de distância, naquela direção – respondeu um batedor apontando para uma colina ao longe sobre a qual tremeluziam milhares de luzes. Era um espetáculo maravilhoso: parecia um gigantesco formigueiro iluminado por uma miriade de pirilampos.
Alexandre pareceu recobrar–se de repente e levantou o braço para deter a coluna.
– Vamos acampar aqui – ordenou. – Amanhã nos aproximaremos da cidade. Trata–se da capital da Frigia e é lá que o sátrapa persa da província mora. Se Parmênio ainda não a conquistou, nós mesmos faremos isto: deve haver muito dinheiro naquela fortaleza.
– Parece que o seu humor mudou – observou Ptolomeu.
– Com efeito – admitiu Seleuco. – Talvez tenha lembrado o que sempre dizia Aristóteles: "Ou há uma solução para o problema, e então não há com o que se preocupar, ou não há solução, e então tampouco há com o que se preocupar." Quem sabe ele chegue até a nos convidar para jantar?



CAPÍTULO 38

Aristóteles desembarcou em Metona com um dos últimos navios que ainda saíam do Pireu e enfrentavam o mar no mau tempo invernal. O comandante decidira aproveitar o vento que soprava com intensidade constante do sul para entregar uma remessa de azeite, vinho e cera de abelhas que, de outra forma, teria de permanecer no armazém à espera da primavera e de preços mais baixos.

O filósofo subiu então em um carro puxado por uma parelha de mulas e pediu que o levassem a Mésia. Tinha as chaves de todo o conjunto de edifícios e a liberdade para usá–las a qualquer momento que lhe parecesse conveniente.

Além do mais sabia que, naquela época, iria encontrar lá uma pessoa com a qual muito queria conversar, uma pessoa que poderia lhe falar de Alexandre: Lisipo.

Encontrou–o de fato trabalhando na fundição, onde ia executando o esboço de barro para o grandioso conjunto da turma de Alexandre no Granico, que mais tarde iria fundir em tamanho real para o monumento. Já estava anoitecendo e havia lâmpadas acesas tanto no ateliê quanto no refeitório e em alguns dos quartos de hóspedes.

– Bem–vindo, Aristóteles! – saudou–o Lisipo. – Sinto muito, mas nem posso apertar a sua mão: estou um lixo. Dê–me apenas uns momentos e logo estarei à sua disposição.

Aristóteles aproximou–se do esboço: uma escultura com vinte e seis personagens apoiada em uma plataforma de uns oito a dez pés de comprimento. Impressionante: dava para sentir o turbilhão dos ataques e perceber o ritmo furioso dos cavaleiros lançados ao galope. E sobre todos destacava–se Alexandre, fechado em sua couraça, cabelos ao vento, na garupa de um furioso Bucéfalo.

Lisipo lavou as mãos em um balde de água e perguntou:

– O que acha?

– Maravilhoso. O que mais impressiona nas suas obras é o fervilhar da energia dentro das formas, como corpos mergulhados numa espécie de orgasmo.

– Aparecerão diante dos visitantes de estalo – explicou Lisipo com expressão inspirada, levantando as grandes mãos para descrever a cena – logo após eles chegarem ao topo de um pequeno monte. Será como tê–los de chofre em cima da gente, como ser atropelado por eles. Alexandre pediu que os tornasse imortais e eu estou gastando toda a minha energia para satisfazer o seu desejo e compensar, pelo menos em parte, os pais deles pela perda que sofreram.
– E ao mesmo tempo está transformando Alexandre, ainda vivo, em uma lenda – disse Aristóteles.
– Iria acontecer de qualquer maneira, não acha?
Lisipo tirou o avental de couro e pendurou–o num prego.
– O jantar deve estar quase pronto: gostaria de comer conosco?
– Com prazer – respondeu o filósofo. – Quem mais está aqui?
– Carete, o meu ajudante – respondeu o escultor indicando o rapaz franzino que trabalhava em um canto com uma goiva sobre um molde de madeira e que o cumprimentou com uma respeitosa mesura. – E um emissário da cidade de Tarento, Evêmero de Kalípolis, uma boa pessoa que talvez tenha notícias do rei Alexandre do Epiro.
Saíram da fundição e percorreram o pórtico interno rumo ao refeitório. Aristóteles lembrou com tristeza a última vez que tinha jantado com o rei Filipe.
– Pretende ficar algum tempo? – perguntou Lisipo.
– Não muito. Na minha última carta pedi a Calístenes que me respondesse aqui em Mésia e estou ansioso para saber o que ele poderá me contar. Depois seguirei viagem para Aigai.
– Vai ao antigo palácio?
– Deixarei uma oferta sobre o túmulo do rei e me encontrarei com algumas pessoas.
Lisipo teve um instante de hesitação.
– Ouvi dizer que está investigando o assassinato do rei Filipe, mas talvez seja apenas um boato...
– Não, é verdade – confirmou por sua vez Aristóteles, aparentemente impassível.
– Alexandre sabe?
– Acredito que sim, embora em um primeiro momento tivesse encarregado disto o meu sobrinho Calístenes.
– E quanto à rainha mãe?

– Nada fiz para que ela ficasse a par do assunto, mas Olympias tem ouvidos por toda parte. Não seria uma surpresa, para mim, se ela já soubesse.
– E não está com medo?
– Acho que o regente Antípatro está cuidando para que nenhum mal me aconteça. Está vendo aquele cocheiro? – disse apontando para o homem que o trouxera a Mésia e que, naquele momento, estava tratando das mulas na cavalariça. – Carrega no alforje uma espada macedônia do mesmo tipo usado pela guarda pessoal do palácio.
Lisipo deu uma olhada na figura: uma montanha de músculos que se movia como um gato. Dava para ver de longe que pertencia à unidade de elite da guarda real.
– Pelos deuses, poderia posar para uma estátua de Hércules. Sentaram–se à mesa.
– Nada de leitos – comentou o artista. – Tudo continua como antes, comemos sentados.
– Melhor assim – replicou o filósofo. – Já perdi o hábito de comer deitado. Então, que notícias você tem de Alexandre?
– Imagino que Calístenes o mantenha informado.
– Claro, mas gostaria de conhecer as suas impressões pessoais. O que acha dele?
– Está inteiramente entregue ao seu sonho. Nada poderá detê–lo até ele conseguir alcançar a sua meta.
– E, no seu entender, qual é a sua meta?
Lisipo ficou algum tempo em silêncio: parecia estar olhando o serviçal que reavivava o fogo na lareira. Aí disse, sem se virar.
– Mudar o mundo.
Aristóteles suspirou:
– Creio que acertou na mosca, meu bom amigo. O problema é saber se irá mudá–lo para melhor ou para pior.
Naquele momento entrou o hóspede estrangeiro, Evêmero de Kalípolis, que se apresentou aos comensais enquanto o jantar estava sendo servido: caldo de galinha com verduras, pão, queijos e ovos cozidos com sal e azeite. E vinho de Tasos.
– Que notícias nos traz do rei Alexandre do Epiro? – perguntou Lisipo.
– Grandes notícias – respondeu o hóspede. – No comando do seu e do nosso exército o soberano tem conseguido uma vitória após a outra.

Derrotou messapios e iapígios e já tem toda a Apúlia sob o seu controle, um território quase tão grande quanto o seu reino.
– E agora onde está? – perguntou Aristóteles.
– Creio que esteja em seus aquartelamentos invernais, esperando a próxima primavera para retomar a ação contra os sanitas, um povo bárbaro que fica mais ao norte, nas montanhas. Ele selou uma aliança com outros bárbaros chamados romanos que atacarão pelo norte, enquanto ele marchará do sul.
– E o que pensam dele em Tarento?
– Não sou um político, mas, pelo que posso entender, consideram–no com uma certa simpatia.
– Como assim?
– Os meus concidadãos são pessoas bem estranhas: seus principais interesses são o comércio e a boa vida. Por isto mesmo não gostam muito de guerras, e quando ficam em apuros chamam alguém que venha ajudá–los. E foi o que fizeram com o rei Alexandre do Epiro. Mas já posso imaginar alguns comodistas pensando que ele está ajudando muito mesmo, até demais.
Aristóteles sorriu sarcástico.
– Acham que deixou a sua terra e a jovem esposa, que enfrentou perigos e privações, vigílias noturnas, marchas exaustivas e sangrentos combates só para deixar que eles se dediquem ao comércio e à boa vida?
Evêmero de Kalípolis deu de ombros.
– Muitas pessoas acreditam que tudo lhes seja devido, mas aí sempre chega a hora em que devem enfrentar a realidade. Seja como for, deixe–me explicar o motivo da minha visita: era minha intenção encontrar Lisipo e abençôo a deusa Fortuna que me ofereceu a ocasião de conhecer até o sumo Aristóteles, a mente mais aguçada de todo o mundo grego, o que eqüivale sem dúvida a dizer do mundo inteiro.
Aristóteles não teve reação alguma diante da magniloqüência do elogio e limitou–se a esperar que o hóspede continuasse.
Evêmero prosseguiu:
– Um grupo de abastados cidadãos teve a idéia de juntar dinheiro para um grandioso projeto que possa tornar a cidade famosa no mundo.
Lisipo, que terminara de jantar, enxaguou a boca com uma taça de vinho tinto e encostou–se preguiçosamente no espaldar da cadeira.
– Continue – disse.

– Estão pensando em erguer uma gigantesca estátua de Zeus, mas não em um templo ou em um santuário, e sim ao ar livre, bem no meio da agora.
O jovem Carete, ao ouvir isto, esbugalhou os olhos. O rapaz já tinha contado várias vezes ao mestre os sonhos e as fantasias que o animavam.
Lisipo sorriu, imaginando os pensamentos do seu ajudante, e então observou:
– O que importa é saber quão gigantesca.
Evêmero pareceu hesitar um momento, depois apressou–se a dizer de um só fôlego:
– Digamos uns quarenta cúbitos.
Carete estremeceu e Lisipo apertou os braços da cadeira endireitando a postura.
– Quarenta cúbitos? Deuses do Olimpo, percebe que está falando de uma estátua tão alta quanto o Partenon de Atenas?
– Claro. Com efeito, nós gregos das colônias gostamos de pensar grande.
O escultor dirigiu–se ao seu jovem ajudante:
– O que acha, Carete? Quarenta cúbitos é um bom tamanho, não é verdade? Infelizmente não há no mundo quem possa, hoje em dia, erguer um gigante desses.
– A remuneração seria bastante generosa – insistiu Evêmero.
– Não é uma questão de dinheiro – rebateu Lisipo. – Com as técnicas de que dispomos atualmente, não há como manter o bronze líquido durante um percurso tão longo e não podemos aumentar além do limite a temperatura externa ao bloco em fusão sem correrm os o risco de estourar o material refratário do molde. Não
estou dizendo, contudo, que a coisa seja absolutamente impossível: poderia consultar outros artistas... E por que não Carete? – propôs, desgrenhando os ralos cabelos do seu tímido ajudante. – Ele afirma que um dia ainda vai erguer a maior estátua do mundo.
Evêmero sacudiu a cabeça.
– Se o grande Lisipo não aceita o desafio, quem mais poderia? Lisipo sorriu e apoiou uma mão no ombro do seu assistente.
– Talvez Carete. Quem sabe...
Aristóteles ficou impressionado com o olhar fervoroso de fantasia do jovem.
– De onde você vem, meu rapaz?

– De Lindos, na ilha de Rodes.
– Você é de Rodes... – repetiu o filósofo como se aquele nome tivesse despertado nele a lembrança de alguma coisa que nos últimos tempos se tornara familiar. Aí voltou ao assunto:
– Pelas suas bandas costumam chamar de "colossos" as estátuas, não é verdade?
Um serviçal começou a tirar a mesa e serviu mais um pouco de vinho.
Lisipo tomou um trago e aí continuou:
– A sua idéia me fascina, Evêmero, embora por enquanto a considere irrealizável. De qualquer maneira agora estou ocupado, e certamente por mais alguns anos não terei tempo para dedicar–me à concepção de uma obra desse porte. Mas poderá dizer aos seus concidadãos que a partir de agora há uma imagem de Zeus na mente de Lisipo, e que mais cedo ou mais tarde ela poderá se tornar realidade: dentro de um ano, de dez, de vinte... ninguém pode dizer.
Evêmero levantou–se.
– Adeus, então. Se porventura mudar de idéia, nós sempre estaremos dispostos a recebê–lo.
– Adeus, Evêmero. Preciso voltar ao meu estúdio, onde há uma turma de cavaleiros petrificados à espera do sopro vital do bronze fundido: a turma de Alexandre.



CAPÍTULO 39

Aristóteles voltou aos seus antigos aposentos, acendeu as lanternas e abriu a sua caixa pessoal tirando dela a correspondência que esperava de Calístenes: um rolo de papiro preso por uma pequena tira de couro lacrada. Tudo estava escrito num código confidencial e exclusivo que só ele, o sobrinho e Teofrasto sabiam decifrar. O filósofo encobriu a escrita com uma máscara que ocultava as palavras inúteis do texto aparentemente casual e leu a mensagem.

Quando acabou, encostou a folha na chama de uma lamparina e ficou olhando enquanto ela se torcia, envolvida por línguas de fogo azuladas, até desagregar–se em enegrecidos fragmentos juntamente com o segredo que guardava. Desceu então para a cavalariça e acordou o cocheiro que viera com ele. Entregou–lhe um pequeno embrulho com uma carta selada e, depois de muitas recomendações, ordenou:

– Pegue o melhor cavalo e volte imediatamente a Metona. O comandante que me trouxe do Pireu ainda deve estar lá. Diga–lhe para entregar esta mensagem à pessoa indicada no endereço da carta.

– Não creio que ele queira partir: o mau tempo já está chegando.

Aristóteles tirou da capa uma bolsa com dinheiro:

– Isto deverá convencê–lo. E agora vai, rápido.

O homem buscou o melhor corcel, tirou do alforje a espada colocando em seu lugar o embrulho do filósofo, pendurou tudo no cinto e partiu a galope.

Apesar da hora tardia, Lisipo ainda estava ocupado com o seu trabalho e chegou à janela quando ouviu o barulho, mas só conseguiu ver Aristóteles que passava apressadamente pelo pórtico interno. Na manhã seguinte, enquanto se barbeava diante do espelho, viu de novo o filósofo que, completamente vestido e com o alforje a tiracolo, pedia na cavalariça que lhe atrelassem as mulas. Enxugou o rosto para descer e cumprimentá–lo, mas naquela mesma hora um serviçal bateu à porta e entregou–lhe um bilhete que dizia:

Aristóteles a Lisipo, salve!

Preciso partir de pronto devido a um compromisso urgente. Espero

voltar a vê–lo muito em breve. Desejo–lhe o maior êxito no seu trabalho. Cuide–se.
Sentado na boléia da pequena carruagem, Aristóteles afastou–se pela estrada que ia para o norte. O céu estava cinzento e a temperatura bastante baixa: era provável que fosse nevar. O escultor voltou a fechar a janela e acabou de barbear–se antes de descer para o desjejum.
O filósofo viajou o dia inteiro, só parando para fazer uma boquinha em uma estalagem de Kition, no meio do caminho. Chegou a Aigai quando já estava escuro e dirigiu–se ao túmulo do rei Filipe, diante do qual ardiam duas trípodes aos lados de um altar. Derramou uma ampola de precioso perfume oriental nas trípodes e recolheu–se em meditação diante do portal de pedra encimado pela linda cena de caça que enfeitava a arquitrave. Pareceu–lhe quase poder ver o soberano que desmontava do cavalo no pátio de Mieza, praguejando devido à perna coxa e gritando:
– Cadê Alexandre?
E repetiu baixinho, quase num murmúrio:
– Cadê Alexandre?
Aí deu as costas ao grande sepulcro silencioso e afastou–se.
Instalou–se em uma pequena casa que ainda possuía nos arredores da cidade e lá permaneceu durante todo o dia seguinte, lendo e arrumando algumas das suas anotações. O tempo continuava a piorar e grandes nuvens negras amontoavam–se por cima do monte Vérmio salpicado de neve. Esperou até o final da tarde, vestiu a sua capa, cobriu o rosto com o capuz e encaminhou–se para as ruas quase desertas.
Passou diante do cenário que havia visto o rei tombar, no ápice da glória, na poeira e no sangue e seguiu adiante pelo caminho que levava as campinas. Procurava um túmulo solitário.
À sua frente, no meio de uma clareira, erguia–se um grupo de carvalhos seculares e Aristóteles escondeu–se entre os troncos enrugados, confundindo–se com as sombras do entardecer. Não muito longe dali podia–se ver um modesto túmulo assinalado apenas por uma tosca pedra. O filósofo ficou esperando, imóvel e atento.
Vez por outra levantava os olhos para o céu de chumbo e apertava a capa em volta dos ombros para proteger–se da aragem fria que começara a soprar das montanhas com a chegada da noite.
Finalmente, um leve ruído de passos ao longo do caminho fez com que

se virasse à esquerda: viu passar ao seu lado a figura miúda de uma mulher que seguiu em frente apressada até chegar diante do túmulo onde parou.
Observou–a enquanto se ajoelhava e colocava alguma coisa sobre a sepultura, para em seguida apoiar as mãos e o corpo sobre a tosca pedra cobrindo–a com o seu manto, como se a quisesse aquecer. A escuridão começava a ser riscada por brancos cristais de neve.
Aristóteles procurou abrigar–se da melhor forma possível envolvendo–se mais ainda na capa, mas naquele momento um sopro mais gelado de vento forçou–o a tossir: a mulher levantou–se e virou–se de chofre para o pequeno bosque de carvalhos.
– Quem está aí? – perguntou com voz trêmula.
– Alguém que procura a verdade.
– Deixe–se ver, então – replicou a mulher.
Aristóteles saiu do seu esconderijo e aproximou–se dela.
– Sou Aristóteles de Estagira.
– O grande sábio – comentou a mulher. – O que o traz a este triste lugar?
– Já disse: procuro a verdade.
– Qual verdade?
– A verdade sobre a morte do rei Filipe.
A mulher, uma jovem de grandes olhos escuros, desviou o olhar e encurvou os ombros como que oprimida por um peso grande demais para ela.
– Não creio que poderei ajudá–lo.
– Por que vem homenagear este túmulo, no escuro? Aqui está enterrado Pausânias, o assassino do rei.
– Porque era o meu homem e eu o amava. Ele já me dera os presentes de bodas e estávamos para nos casar.
– Já ouvi falar a respeito. Foi por isto mesmo que vim aqui. É verdade que ele era o amante de Filipe?
A mulher sacudiu a cabeça.
– Eu... eu não sei.
– Dizem que quando Filipe se casou com a sua última mulher, a jovem Eurídice, ele fez uma cena de ciúme, e que a coisa deixou furioso o pai da esposa, o nobre Atalo. – Aristóteles observava atentamente qualquer reação no rosto da mulher e enquanto relembrava aquela história

injuriosa pareceu–lhe ver o brilho das lágrimas nas suas faces mortiças. – Sempre segundo o que andam dizendo por aí, Átalo convidou–o para a sua residência de caça para em seguida entregá–lo à violência e ao estupro dos seus monteiros durante a noite inteira.
A jovem, então já sem controle, chorava agora desconsoladamente, mas isto não conseguiu demover o filósofo que continuou:
– Pausânias pediu então que Filipe vingasse a sua humilhação, e uma vez que o rei não concordou, decidiu matá–lo. Foi realmente assim que tudo aconteceu?
A jovem procurava enxugar as lágrimas com a orla da capa.
– É verdade?
– Sim, é verdade – admitiu soluçando.
– Toda a verdade?
A jovem não respondeu.
– Sei que o episódio da casa de caça é verdadeiro: tenho os meus próprios informantes. Mas qual foi a causa? Tratava–se realmente de uma turva história de amores masculinos?
A jovem virou–se para ir embora, como se quisesse cortar a penosa conversa de vez. O xale que lhe cobria a cabeça já estava branco de neve e o terreno em volta também estava coberto por uma leve camada cândida. Aristóteles segurou–a pelo braço.
– Então? – insistiu, cravando–lhe no rosto os seus pequenos olhos cinzentos de ave de rapina.
A jovem sacudiu a cabeça.
– Vamos – disse o filósofo com repentino tom protetor. – Tenho uma casa aqui por perto e acho que o fogo ainda está aceso.
A jovem acabou acompanhando–o docilmente e Aristóteles conduziu–a a sua morada, mandou–a sentar perto da lareira e atiçou as chamas.
– Só posso oferecer–lhe uma infusão quente de ervas. Estou apenas de passagem.
Puxou um bule que estava encostado na brasa e derramou o seu conteúdo fumegante em duas canecas de barro.
– Então, o que sabe que eu não sei?
– Pausânias nunca foi amante do rei e nunca teve casos com homens. Era um bom rapaz, simplório, de origem humilde, e gostava das mulheres. Quanto ao rei Filipe, se fizeram muitas fofocas a respeito dos seus amores masculinos, mas ninguém jamais viu coisa alguma.

– Parece que está a par de muita coisa. Como pode?
– Sou a padeira do palácio.
– O que me conta não impede que algo assim possa realmente ter acontecido, mesmo que se tratasse de um episódio isolado.
– Não creio.
– Por quê?
– Porque Pausânias contou–me ter surpreendido casualmente Átalo bem no meio de uma conversa muito particular e comprometedora.
– Não acha que ele pode ter escutado de propósito, às escondidas?
– Pode ser.
– E qual era o assunto?
– Isto ele não contou, mas o que lhe fizeram depois devia servir para silênciá–lo, para deixá–lo apavorado sem matá–lo: o assassinato de um guarda pessoal do rei teria levantado muitas suspeitas.
– Vamos fazer uma hipótese, então: Pausânias surpreende Átalo em uma conversa perigosa, digamos uma conspiração, e ameaça contar tudo. Átalo convida–o para um local isolado fingindo querer negociar com ele e aí, para dar–lhe uma lição, entrega–o à violência dos seus monteiros. Mas por quê, depois disso, Pausânias iria querer matar o rei Filipe? Não faz sentido.
– E acha que faz sentido o que andaram contando por aí, isto é, que Pausânias matou o rei porque este se recusara a vingar a humilhação por ele sofrida? Pausânias era um guarda real, robusto, hábil no uso das armas: podia muito bem vingar–se sozinho.
– É verdade – admitiu Aristóteles, lembrando o formidável vigor do seu cocheiro. – E então como é que você explicaria a coisa? Se era o jovem leal que me descreveu, por que iria matar o seu rei?
– Não entendo, mas se realmente decidisse fazê–lo, não acha que na sua função de guarda pessoal poderia ter escolhido uma ocasião melhor? Poderia tê– lo morto na cama, enquanto dormia.
– Sempre achei isso. Mas parece que então nem você nem eu conseguimos encontrar uma resposta para as nossas indagações. Conhece mais alguém que poderia saber de alguma coisa? Dizem que tinha cúmplices, ou de qualquer maneira alguém que o acobertava: havia homens esperando por ele perto do pequeno bosque de carvalhos onde nos encontramos há pouco.
– Ouvi dizer que um deles foi identificado – observou a jovem fitando de

repente os olhos do interlocutor.
– E onde estaria agora este fugitivo?
– Em uma hospedaria da Beroéia, na margem do Aliákmon: chama–se Nicandro, mas na certa o seu nome verdadeiro deve ser outro.
– E sabe qual é este nome?
– Não, não sei. Se soubesse, talvez pudesse mais facilmente conhecer o motivo pelo qual Pausânias fez o que fez e sofreu o que sofreu.
Aristóteles tirou novamente o bule do fogo e ia servir mais um pouco de infusão na caneca da jovem quando ela se levantou e o deteve.
– Agora preciso ir, pois do contrário alguém virá procurar por mim.
– Como posso agradecer por aquilo que... – começou Aristóteles, mas a jovem interrompeu–o:
– Encontre o verdadeiro culpado e faça com que eu seja informada. Abriu a porta e saiu andando apressadamente pela rua deserta. Aristóteles chamou–a:
– Espere, nem me disse o seu nome! – Mas a jovem já desaparecera no turbilhão de flocos brancos, nos becos silenciosos da cidade adormecida.

CAPÍTULO 40

O regente Antípatro recebeu–o na antiga sala do trono, embuçado num manto de lã crua e vestindo calças trácias de feltro. Uma grande fogueira ardia no meio da sala mas, com a fumaça, uma boa parte do calor também saía pelo buraco aberto no centro do teto.

– Como vai, general? – perguntou Aristóteles.

– Muito bem, desde que fique longe de Péla. Só de ver a rainha, fico com dor de cabeça. E você, mestre, como está?

– Eu também estou bem, mas já começo a sentir o peso dos anos. E, além do mais, não suporto o frio.

– O que o traz a estas bandas?

– Queria deixar uma oferta no túmulo do rei antes de voltar para Atenas.

– É uma coisa muito louvável, mas também muito perigosa. Se continuar a livrar–se dos guardas que deveriam ficar na sua cola, como poderei protegê–lo? Cuidado, Aristóteles, a rainha é uma verdadeira fera.

– Sempre mantive um bom relacionamento com Olympias.

– Não basta – comentou Antípatro levantando–se e ficando diante do fogo de palmas estendidas. – Garanto que isto não basta. – Pegou um jarro de prata apoiado em uma grade perto do fogo e duas taças de boa louça ática. – Um pouco de vinho quente?

Aristóteles aceitou.

– Que notícias você tem de Alexandre?

– A mais recente mensagem de Parmênio diz que está marchando através da Lícia.

– Quer dizer que está tudo bem.

– Nem tanto, infelizmente.

– O que há de errado?

– Alexandre está esperando reforços, e os jovens que mandou para casa de licença, juntamente com os recém alistados, já estão nos Estreitos, mas não conseguem passar, pois a frota de Mêmnon os bloqueia. Se eu não estiver errado, agora ele deveria estar na Frigia Maior, perto de

Sagalassos ou de Kelainai, e deve certamente estar preocupado ao ver que ninguém chega.
– E não podemos fazer coisa alguma?
– A superioridade de Mêmnon no mar é arrasadora: se eu só tentasse mandar sair a minha frota, ele a afundaria antes mesmo de ela alcançar o mar aberto. Estamos encrencados, Aristóteles. A minha única esperança é que Mêmnon tente um desembarque na costa macedônia: neste caso eu poderia segurá–lo. Mas o homem não tem nada de bobo, é muito improvável que tome uma decisão errada.
– O que pretende fazer, então?
– Por enquanto, nada. Esperarei os movimentos dele: afinal, não pode ficar para sempre balouçando no ancoradouro. E quanto a você, mestre? O único escopo da sua viagem foi realmente deixar uma oferenda sobre o túmulo do rei Filipe? Se não me contar o que faz, vai ser difícil para mim protegê–lo.
– Preciso ver uma pessoa.
– Alguma coisa a ver com a morte do rei?
– Isso mesmo.
Antípatro anuiu como se já esperasse aquela resposta.
– E vai demorar–se?
– Não, partirei amanhã. Volto para Atenas, se encontrar um navio em Metona. Do contrário, irei por terra.
– E como vão as coisas, em Atenas?
– Muito bem, enquanto Alexandre continuar vencendo.
– Pois é – suspirou Antípatro.
– Pois é – repetiu Aristóteles.
Alexandre aquartelou–se em Kelainai, não muito longe da nascente do Meandro, sede do sátrapa da Frigia. Não teve maiores dificuldades uma vez que todos os soldados persas haviam se barricado em uma fortaleza no local mais elevado da cidade: um esporão de rocha que descia a pique sobre um pequeno lago de águas cristalinas formado pelo rio Márcias, UM afluente do Meandro. Não deviam ser muitos, pois do contrário teriam pelo menos tentado defender a cidade das muralhas, embora esta fortificação externa se mostrasse em alguns pontos um tanto precária.
Lisímaco foi reconhecer o terreno em volta da fortaleza e voltou mal–humorado.
– É inexpugnável – relatou. – O único acesso é através de um postigo no

meio da encosta, do lado oriental, mas o aclive que leva à entrada só deixa passar um homem de cada vez, dominado por dois bastiões gêmeos. Teremos de sitiá– los, esperando que não tenham amontoado mantimentos para uma longa resistência. Quanto à água, aqui há de sobra, e devem ter certamente algum poço ligado ao lago.
– E se perguntarmos quais são as suas intenções? – propôs Leonato.
– Deixe de brincadeiras – rebateu Lisímaco. – Não sabemos onde está Parmênio nem conhecemos em que condições está o seu contingente: se perdermos tempo aqui com um bloqueio, estaremos arriscados a nunca mais nos encontrarmos com ele.
Alexandre deu uma olhada nos espaldões da fortaleza: os soldados persas não pareciam muito belicosos e demonstravam mais curiosidade do que alarme. Apinhavam–se ao longo do parapeito e, apoiando–se nos cotovelos, debruçavam– se para ver os invasores sem o menor constrangimento.
– Talvez a idéia de Leonato não seja tão boba assim – observou. Aí virou–se para Eumênio: – Prepare uma embaixada com um intérprete e aproxime–se o máximo que puder do postigo. Eles não conhecem as nossas intenções, mas sem dúvida sabem que até agora nada conseguiu nos deter; talvez não estejam tão ansiosos para nos desafiar.
– Isso mesmo – insistiu Leonato, envaidecido pelo fato do rei ter levado a sério a sua proposta. – Se quisessem nos deter, poderiam perfeitamente ter–nos atacado enquanto subíamos de Telmesso para cá.
– É melhor esquecer todas estas hipóteses – cortou Alexandre. – Vamos aguardar a volta de Eumênio e aí saberemos o que nos espera.
– Enquanto isto, se alguém estiver disposto a me acompanhar, eu gostaria de dar uma olhada na cidade – afirmou Calístenes. – Parece que do outro lado do lago há a caverna na qual o sátiro Márcias teria sido esfolado vivo por Apolo por tê–lo desafiado em uma competição musical e ter, obviamente, perdido.
Lisímaco escolheu uns dez "escudeiros" para escoltarem Calístenes na visita a Kelainai: era preciso que o historiador da campanha tivesse visão dos lugares que mais tarde iria descrever.
Enquanto isto Eumênio formou a embaixada. Decidiu levar consigo um arauto e um intérprete, e então aproximou–se do postigo pedindo para falar com o comandante da guarnição.
A resposta não demorou a chegar: o postigo abriu–se com um rangido e

o comandante saiu acompanhado por um pequeno grupo de soldados. Eumênio logo percebeu que não se tratava de um persa, mas sim de um frígio, provavelmente do lugar: o sátrapa persa já devia ter fugido havia algum tempo.
O secretário cumprimentou–o e pediu ao intérprete para traduzir:
– O rei Alexandre manda dizer que, se houver rendição, nenhum mal acontecerá a você e aos seus homens, e que principalmente a cidade não sofrerá prejuízo algum. Se, ao contrário, tentarem resistir, sitiaremos a fortaleza e não deixaremos que nenhum daqueles que estão contigo saia vivo. Qual será a resposta que levarei ao rei?
O comandante já devia ter tomado a sua decisão, pois respondeu sem a menor hesitação:
– Pode dizer ao seu rei que, por enquanto, não tencionamos nos render. Esperaremos dois dias e, se não chegarem reforços do nosso governador, então nos renderemos.
Eumênio ficou pasmo com a ingênua sinceridade do comandante, cumprimentou–o, com a maior cordialidade e voltou.
– Absurdo! – exclamou Lisímaco. – Se alguém me contasse, não acreditaria.
– E por que não? – rebateu Eumênio. – Acho que foi a decisão mais sensata. O homem fez as suas contas: pensou que se o governador persa contra–atacar e nos vencer, ele terá de explicar a sua rendição sem combater e provavelmente acabará empalado. Mas, se o governador não aparecer dentro de dois dias, significa que nunca mais irá aparecer, e que então é melhor se render e evitar maiores encrencas conosco.
– Melhor assim – comentou Alexandre. – Os comandantes poderão se instalar na cidade requisitando os alojamentos necessários; os oficiais de patente mais baixa ficarão com suas tropas no acampamento. Mandem posicionar todo um batalhão de pezéteros em volta da cidadela e sentinelas no sopé do penhasco: ninguém deve entrar ou sair. E quero um esquadrão de cavalaria ligeira, trácia e tessália, vigiando todas as vias de acesso para a cidade a fim de evitarmos qualquer tipo de surpresa. Vamos ver se esta história dos dois dias é coisa séria ou apenas uma piada. Espero todos para o jantar, instalei–me no palácio do governador, uma mansão muito rica e bonita. Acredito que passaremos umas horas bastante agradáveis.
Na hora combinada também apareceu Calístenes, que já concluíra a sua

volta pela cidade. Um serviçal trouxe–lhe o necessário para as abluções e aí convidou–o a deitar–se em um dos pequenos triclínios dispostos em semicírculo ao redor de Alexandre. Naquela noite o rei também havia convidado o ator Tessalo, que era o seu predileto, o vidente Aristandro e o seu médico pessoal, Filipe.
– O que viu, então – o rei perguntou enquanto os cozinheiros começavam a servir o jantar.
– E exatamente como contam por aí – respondeu Calístenes. – Dentro da caverna onde nasce o rio Mársias há uma pele que dizem ser do sátiro esfolado
por Apolo. A história é conhecida: o sátiro Mársias desafiou o deus Apolo em uma competição musical. Ele iria tocar a flauta enquanto o deus tocaria a cítara. Apolo aceitou o desafio, mas com uma condição: se Mársias perdesse, teria de se deixar esfolar vivo. E foi o que aconteceu, também porque os juízes eram as nove Musas, que obviamente nunca iriam prejudicar o seu deus.
Ptolomeu sorriu.
– Não consigo acreditar que na caverna haja de fato a pele do sátiro.
– Tudo leva a pensar isto – replicou Calístenes. – A parte superior é igualzinha à pele humana, embora mumificada, enquanto a inferior parece a de um bode.
– Isto é fácil de se fazer – observou o médico Filipe. – Um bom cirurgião pode cortar e costurar o que ele bem quiser. Há taxidermistas que conseguem montar as mais fantásticas criaturas: certa vez Aristóteles contou–me ter visto um centauro empalhado em um santuário do monte Pélion, na Tessália, mas garantiu– me que se tratava do torso de um homem unido ao corpo de um potro.
O rei dirigiu–se então a Aristandro:
– O que acha disto? Calístenes viu a pele de um sátiro ou o truque de habilidosos sacerdotes que querem atrair romeiros e coletar generosas ofertas para o seu santuário?
Muitos deram uma gargalhada, mas o vidente dardejou em volta um olhar de fogo e as risadas logo esmaeceram até mesmo na boca dos homens mais duros e confiantes.
– É muito fácil rir desses modestos expedientes – disse –, mas eu pergunto se também seriam capazes de rir do sentido mais profundo que está por trás dessas manifestações. Haverá alguém aqui, entre vocês,

valorosos guerreiros, que já explorou a região que está além do limite da nossa percepção? Alguém que aceitaria seguir–me em uma viagem rumo às sombras da noite? Vocês sabem enfrentar a morte no campo de batalha, mas saberiam enfrentar o desconhecido? Saberiam lutar contra os monstros impalpáveis, invulneráveis e inefáveis que a nossa natureza mais profunda esconde até da nossa consciência?

– Já desejaram matar o seu pai? Já desejarams dormir com a sua mãe ou a sua irmã? O que podem ver dentro de si quando estão bêbados ou quando perpetram o estupro de uma criatura inocente tirando duplo prazer do seu sofrimento? Eis a natureza do sátiro ou do centauro, o bicho ancestral de casco partido e de rabo animal que vive em nós e que de repente nos torna parecidos com as feras! Riam dela, se forem capazes!"

– Ninguém tencionava faltar com o respeito à religião e aos deuses, Aristandro – procurou acalmá–lo o rei –, mas sim apenas desmascarar a mesquinhez de alguns impostores que se aproveitam da credulidade do povo. Vamos tomar um trago, agora, e nada de tristezas. Ainda temos de enfrentar muitas provas antes de sabermos qual será o nosso destino.

Todos voltaram a beber e comer, e logo a conversa voltara à costumeira animação, mas desde então ninguém esqueceu o olhar e as palavras de Aristandro.

O soberano relembrou a primeira vez que o encontrara e de como o vidente lhe falara do pesadelo que atormentava as suas noites: um homem nu que ardia, vivo, sobre a sua pira funerária. E na confusão de vozes e ruídos do banquete

procurou por um momento os olhos de Aristandro para ler neles o verdadeiro motivo pelo qual o acompanhava rumo ao coração da Ásia, mas só viu uma luz turva e uma expressão ausente.

CAPÍTULO 41

O comandante da guarnição de Kelainai deixou passar os dois dias combinados e então rendeu–se, e uma boa parte do tesouro do governador passou para os cofres do exército macedônio. Alexandre manteve–o no cargo e deixou alguns dos seus oficiais e um modesto contingente de soldados guardando a fortaleza. Aí retomou o caminho para o norte.

Quando chegou a Górdio, após cinco dias de marcha através do planalto coberto por uma fina camada de neve, encontrou Parmênio esperando por ele. O general postara sentinelas nas colinas em volta da antiga cidade frigia e havia sido avisado imediatamente logo que o estandarte vermelho com a dourada estrela argeade aparecera na ofuscante brancura.

O velho general foi ao encontro de Alexandre com uma escolta de honra sob o comando do seu filho Filotas; quando já estava próximo, mandou os guerreiros ficarem em formação e avançou sozinho, a pé, segurando o cavalo pelo cabresto. O rei também desmontou e foi recebê–lo a pé, enquanto o exército soltava berros de saudação e alegria pela bem–aventurada reunião dos dois contingentes.

Parmênio abraçou e beijou o rei em ambas as faces:

– Senhor, não pode imaginar quão feliz estou em vê–lo. Estava muito preocupado, pois não conseguimos entender as intenções dos persas.

– Eu também estou muito contente em vê–lo, general. O seu filho Filotas está bem? E os seus homens?

– Estão todos bem, senhor. E prepararam uma festa para a sua chegada. Haverá bebida e diversão. – Enquanto falava, seguiu andando ao lado de Alexandre, e vez por outra Bucéfalo empurrava com o focinho o dono para chamar a sua atenção. O exército inteiro marchava atrás deles e toda a cavalaria, devido à vastidão da planície, avançava a passo em uma ampla frente formada por apenas três fileiras, de modo que era um espetáculo bastante impressionante ver dois homens que passeavam tranqüilamente a pé no meio do imenso planalto, acompanhados por aquele imponente exército e pelo rumorejar cadenciado de dezenas de

milhares de cascos.
– Os reforços chegaram?
– Não, infelizmente.
– Sabe pelo menos se estão a caminho?
– Ainda não.
Alexandre continuou andando em silêncio pois a pergunta que precisava fazer pesava–lhe na alma. Parmênio também se calava para não deixá–lo constrangido.
– Onde é que ele está? – perguntou o soberano de repente, como se o assunto fosse quase irrelevante.
– Sisínio voltou com a sua mensagem verbal e eu limitei–me a cumprir as suas ordens. Amintas está sob custódia em seus alojamentos e botei temporariamente Filotas no comando da cavalaria tessália.
– Como é que ele reagiu?
– Mal, mas era previsível.
– Parece–me impossível. Sempre foi–me fiel: já o vi arriscar muitas vezes a sua vida por mim.
Parmênio sacudiu a cabeça.
– O poder corrompe muitos homens – observou. Mas dentro de si pensava "todos". – Mesmo assim, não temos prova alguma de ele ter aceitado a proposta.
– E o enviado persa com a carta?
– É meu prisioneiro. E posso mostrar–lhe a carta que tinha consigo.
– Está em grego ou em persa?
– Em grego, mas isto me parece normal. O Grande Rei tem muitos gregos, entre os quais numerosos atenienses, no seu palácio: não teria a menor dificuldade para mandar redigir um documento como aquele.
– E o dinheiro prometido?
– Nem sombra. Pelo menos por enquanto.
Já se podia ver o acampamento macedônio de Parmênio. Era formado principalmente por tendas, mas também havia algumas pequenas construções de madeira, sinal de que o exército já se instalara ali havia algum tempo.
Ouviu–se naquele momento uma série de toques de clarim e logo mais o inteiro contingente saiu em campo aberto e em formação de combate para prestar homenagem ao rei que voltava.
Alexandre e Parmênio montaram novamente os seus cavalos e passaram

em revista as tropas que batiam fragorosamente nos escudos com as espadas, gritando ritmicamente:
Aléxandre! Aléxandre! Aléxandre!
olhar.
O soberano saudou seus homens comovido, com um gesto da mão e com o
– Estamos controlando quase a metade da Anatólia – disse Parmênio. – Nenhum grego jamais conquistou um território tão vasto, nem mesmo Agamenon. O que mais me deixa desconfiado é a inércia dos persas. No Granico foram os governadores da Frigia e da Bitínia que lutaram contra nós, por escolha deles. Nem tiveram o tempo material para consultar o Grande Rei. Nesta altura, porém, Dario já teve tempo suficiente para tomar as suas decisões e não consigo entender esta calma: nada de ataques, nada de ciladas... e também nada de pedidos de negociação.
– Melhor assim – replicou Alexandre. – Não tenho a menor intenção de negociar.
Parmênio ficou calado: já conhecia muito bem o temperamento do rei. Só havia um inimigo que ele respeitava: Mêmnon, mas fazia algum tempo que não se ouvia falar nele, embora o atraso dos reforços que deviam chegar da Macedônia deixasse supor que o temido inimigo nem de longe estava fora da jogada.
A conversa continuou nos aposentos do velho general, e a eles se juntaram os demais companheiros, o Negro, Filotas e Cratero, mas estava bem claro que todos tinham vontade de se distrair e ficar alegres, e não demorou para que o papo deixasse de lado os assuntos estratégicos e militares para seguir por caminhos mais aprazíveis, como o vinho e as belas jovens. E já havia um bom número de belas mulheres, algumas ao serviço de empresários, outras que se haviam juntado à tropa aliciadas por presentes e promessas, e mais outras adquiridas como escravas de um dos muitos mercadores que acompanhavam o exército como as pulgas acompanham os cães.
Alexandre participou do jantar, mas logo que a festa começou com um grupo de rapazes e moças dançando nus entre as mesas, levantou–se do leito e foi embora. Havia uma bonita lua lá fora e a noite estava fresca e serena. Aproximou–se de um oficial de Parmênio que controlava os postos de guarda e perguntou:
– Onde está sendo mantido prisioneiro o príncipe Amintas?

O oficial empertigou–se ao ver o rei que perambulava sozinho àquela hora noturna e acompanhou–o pessoalmente até uma das habitações de madeira que haviam sido construídas no acampamento. Os guardas abriram os ferrolhos e deixaram–no entrar.
Amintas velava na parca luz de uma lamparina, naquele ambiente despojado feito de toscas toras, e estava lendo um rolo de papiro mantido aberto sobre a igualmente tosca mesa por dois seixos que devia ter apanhado no chão.
Levantou os olhos ao perceber a presença de alguém no vão da porta e esfregou as pálpebras para enxergar melhor. Quando se deu conta de quem estava diante dele, ficou de pé e recuou até quase encostar–se na parede: podia–se ver no seu rosto uma expressão de dolorida aflição.
– Foi você que ordenou a minha prisão? – perguntou.
– Sim, fui eu – afirmou Alexandre.
– Por quê?
– Parmênio não lhe disse?
– Não. Só mandou me prender bem na frente dos meus homens, em plena luz, do dia, e trancar–me neste ninho de ratos.
– Interpretou de forma errada as minha ordens e certamente equivocou–se por excesso de prudência.
– E quais eram as suas ordens?
– De mantê–lo detido até a minha chegada, mas sem desonrá–lo na frente dos seus homens.
– Mas por quê? – insistiu Amintas. Tinha um aspecto horrível: havia um bom tempo que não se penteava, não se barbeava, nem trocava de roupa.
– Interceptaram um enviado do Grande Rei com uma carta para você na qual lhe ofereciam dois mil talentos de ouro e o trono da Macedônia se me matasse.
– Nunca vi a mensagem, e se quisesse matá–lo poderia ter feito isso mil vezes desde o dia em que o seu pai foi morto.
– Não podia me arriscar. Amintas sacudiu a cabeça.
– Quem o aconselhou a este tipo de ação?
– Ninguém. Foi uma decisão minha.
Amintas baixou a cabeça e encostou–se na parede de madeira. A luz da lamparina só conseguia iluminar a parte inferior do seu rosto, de forma que seus olhos ficavam ocultos na sombra. Naquele momento estava

pensando no dia em que Filipe havia sido assassinado e ele escolhera apoiar Alexandre para evitar uma guerra dinástica. Fora um daqueles que o acompanharam, armados, até o palácio, e que em seguida sempre lutara ao seu lado.

– Mandou me prender sem nem mesmo ver as provas contra mim... – murmurou com voz que tremia. – Logo eu que arrisquei inúmeras vezes a minha vida por você em combate.

– Um rei não tem escolha – replicou Alexandre. – Principalmente em uma hora dessas. – E revia o pai caindo de joelhos em uma poça de sangue enquanto se tornava mortalmente pálido. – Talvez esteja certo: é provável que esta história não faça sentido, mas não posso fazer de conta que não aconteceu. Só posso abreviar ao máximo esta sua humilhação. Mas antes preciso saber. Mandarei um criado para preparar–lhe um banho e um barbeiro para cortar os seus cabelos e barbeá–lo. Está com uma aparência horrível.

Deu ordens aos guardas para que providenciassem alguém que tomasse conta da pessoa do príncipe Amintas, e aí dirigiu–se à tenda de Parmênio onde estava havendo o banquete. No clamor da algazarra, ouviam–se ruídos de pratos, gemidos e grunhidos e o som bastante desafinado de flautas e de outros instrumentos bárbaros que ele não soube reconhecer.

Entrou e atravessou a tenda pulando várias vezes por cima de maranhas de corpos nus e ofegantes que se juntavam de todas as formas possíveis sobre os estrados que cobriam o chão. Foi deitar–se ao lado de Heféstion e começou a beber. E continuou bebendo noite adentro, até o embrutecimento e a inconsciência.

CAPÍTULO 42

Calístenes chegou pouco antes do meio–dia e entrou acompanhado por um dos guardas reais. Alexandre estava sentado à mesa de trabalho e mostrava no rosto os sinais da orgia da noite anterior, mas estava sóbrio e atento. Tinha uma folha de papiro aberta diante de si e uma taça fumegante na mão, provavelmente alguma infusão que o médico Filipe preparara para aliviar–lhe a terrível ressaca.

– Aproxime–se – exortou–o. – Gostaria que desse uma olhada neste documento.

– Do que se trata? – perguntou Calístenes chegando perto da mesa.

– De uma carta encontrada com um enviado do Grande Rei e endereçada ao meu primo Amintas. Quero que a examine e me diga o que pensa dela.

Calístenes examinou rapidamente o texto sem dar sinais de surpresa, e depois perguntou:

– O que gostaria de saber?

– Não sei... Talvez quem a escreveu, por exemplo. Calístenes leu–a de novo, mais atentamente:

papiro também é de boa qualidade, assim como a tinta. Por falar nisto, aliás...

Alexandre ficou olhando um tanto surpreso enquanto o historiador umedecia a ponta do dedo com saliva, apoiava–a na escrita e em seguida encostava–a na língua.

– Também posso dizer que este tipo de tinta é feito na Grécia com suco de sabugueiro e negro de fumo...

– Na Grécia? – interrompeu–o o rei.

– Sim, mas isto não quer dizer muita coisa. As pessoas levam consigo a tinta para qualquer lugar. Eu mesmo carrego comigo, talvez até alguns dos seus companheiros...

– Pode tirar mais alguma informação do documento? Calístenes meneou a cabeça.

– Não creio.

– Se por acaso alguma idéia surgir na sua cabeça, venha logo falar

comigo – disse Alexandre. Então agradeceu e despediu–o.
Logo que Calístenes saiu, o rei mandou chamar Eumênio. Enquanto esperava por ele, pegou a sua própria ampola de tinta, molhou nela a ponta do dedo e experimentou–a. Repetiu então a operação já feita pelo historiador e notou que o sabor das duas tintas era idêntico.
O secretário chegou quase de imediato.
– Precisa de mim?
– Viu por acaso o egípcio passeando pelo acampamento? – perguntou Alexandre.
– Parmênio disse que, após relatar a sua mensagem, foi embora.
– Isto é um tanto estranho: procure saber mais, se for possível.
– Verei o que posso fazer – respondeu Eumênio. – Alguma notícia acerca dos nossos reforços? – perguntou antes de sair.
Alexandre sacudiu a cabeça.
– Ainda nada, infelizmente.
Quando o secretário abriu a cortina na entrada do pavilhão real para ir embora, uma rajada de vento frio fez esvoaçar os papéis na mesa do rei. Leptine colocou então mais carvão no braseiro que de qualquer maneira mal conseguia aquecer o ambiente, enquanto Alexandre pegava uma folha e começava a escrever:
Alexandre, rei dos macedônios, a Antípatro, regente do trono e defensor da casa real, salve!
Congratulo–te pela sabedoria com que está cuidando do governo da pátria enquanto nós lutamos contra os bárbaros em regiões longínquas.
Recentemente Parmênio capturou um enviado do Grande Rei que levava uma carta para o meu primo Amintas na qual lhe prometia o trono da Macedônia e uma quantia de dois mil talentos de ouro no caso de ele me matar.
A coisa foi descoberta graças a um egípcio chamado Sisínio que afirma ter sido amigo do meu pai Filipe. Este homem, no entanto, desapareceu. Deve ter uns sessenta anos, com cabelos ralos, nariz aquilino, olhos escuros e extremamente
sujeito e que me informe se ele aparecer na cidade ou no palácio.
Cuide–se.
Alexandre selou a carta e enviou–a imediatamente através de um mensageiro pessoal, e então dirigiu–se à tenda de Parmênio. O general estava deitado em seu catre e um criado massageava–lhe com azeite de

oliva e suco de urtiga o ombro esquerdo que com o mau tempo sempre ficava dolorido por causa de um antigo ferimento sofrido quando, ainda jovem, lutava na Trácia. Levantou–se de pronto e vestiu um roupão.
– Não esperava a sua visita, senhor. Posso oferecer–lhe alguma coisa? Um pouco de vinho quente?
– Gostaria de ver o prisioneiro persa para interrogá–lo, general. Pode providenciar um intérprete?
– Claro. Agora mesmo?
– Sim, logo que for possível.
Parmênio vestiu a roupa rapidamente, mandou o serviçal procurar o intérprete e foi levar Alexandre ao local onde o mensageiro capturado era cuidadosamente mantido.
– Imagino que já o interrogou – observou o rei enquanto caminhavam.
– Sim, claro – respondeu Parmênio.
– E o que foi que ele disse?
– Apenas o que já sabemos. Que o Grande Rei confiou–lhe uma mensagem pessoal para um yauna chamado Amintas.
– Nada mais?
– Nada mais. Pensei até em recorrer à tortura, mas acabei achando a coisa inútil: ninguém revelaria a um mero mensageiro detalhes importantes de tipo sigiloso.
– E como conseguiu interceptá–lo?
– Graças a Sisínio.
– O egípcio?
– Ele mesmo. Certo dia veio me dizer que vira uma figura suspeita no acampamento dos mercadores e das mulheres.
– E você já o conhecia?
– Claro. Já trabalhava para nós como informante desde a primeira vez que desembarquei na Ásia a mando do seu pai, só que nunca mais voltara a vê–lo até agora.
– E a coisa não o deixou desconfiado?
– Não, não havia motivo para isto: sempre revelou–se um informante confiável e, como sempre, desta vez também recebeu a devida recompensa.
– Deverias tê–lo mantido por perto – replicou Alexandre, visivelmente contrariado. – Pelo menos até a minha volta.
– Sinto muito – disse Parmênio baixando a cabeça. – Achei que não era

necessário, ainda mais porque deixou–me entender que estava no encalço de outro espião persa e aí... Mas se errei, peço o seu perdão, senhor, eu...
– Não faz mal. Agiu da forma que lhe pareceu mais correta. E agora vamos ver o tal prisioneiro.
era mantido sob estreita vigilância e Parmênio mandou o guarda destrancar o ferrolho.
O soldado obedeceu e foi o primeiro a entrar para certificar–se de que estava tudo bem. Recuou desconcertado.
– O que houve? – perguntou o general.
– Está... morto – gaguejou o soldado apontando para o interior do casebre. Alexandre entrou e agachou–se ao lado do cadáver.
– Mande chamar logo o meu médico – ordenou. Aí, virando–se para Parmênio: – É óbvio que este homem sabia muito mais do que lhe contou, pois do contrário não o teriam assassinado.
– Sinto muito, senhor... – replicou o general, constrangido. – Eu... eu sou um soldado. Põe–me à prova no plano bélico, confie–me uma tarefa no campo de batalha, até mesmo a mais árdua, e eu saberei dar conta do recado, mas nestas intrigas fico completamente perdido. Sinto muito...
– Esqueça – disse o rei. – Vejamos agora o que poderá nos dizer Filipe.
O médico chegou e começou a examinar o corpo do mensageiro.
– Encontrou algum indício? – perguntou Alexandre depois de algum tempo.
– Quase certamente foi envenenado, e quase certamente com a refeição de ontem à noite.
– Pode descobrir com que tipo de veneno?
Filipe ficou de pé e pediu uma bacia para lavar as mãos.
– Acho que sim, mas terei de cortá–lo...
– Faça o que for necessário – ordenou o rei – e quando terminar, mande celebrar o funeral segundo o ritual dos persas.
Filipe olhou em volta.
– Mas não há torres do silêncio por aqui.
– Então mandem erguer uma – instruiu o rei dirigindo–se a Parmênio. – As pedras não faltam, e os homens tampouco.
– Está bem, senhor – anuiu o general. – Mais alguma ordem? Alexandre ficou alguns momentos pensativo, e depois respondeu:
– Sim, mande soltar Amintas e reintegre–o ao cargo. Só te peço para...

ficar atento.
– Sem dúvida, senhor.
– Muito bem. Agora já pode voltar às suas massagens, Parmênio, e cuide direito do seu ombro. O tempo está querendo mudar – acrescentou olhando para o céu – e não vai ser para melhor.



CAPÍTULO 43

Certa noite, lá pelo meio do inverno, o comandante Mêmnon passou mal: foi acometido por uma profunda sensação de náusea, uma dor forte nas juntas e nos rins e ficou logo com febre muito alta. Fechou–se no seu alojamento no castelo de popa, tremendo e batendo o queixo, e começou a recusar a comida que lhe era servida.
Só conseguia engolir um pouco de caldo quente de vez em quando, e nem sempre conseguia retê–lo. O seu médico administrou–lhe remédios para aliviar a dor e mandou que bebesse o mais que conseguisse para compensar a contínua perda de líquido devida à farta transpiração, mas não conseguiu encontrar uma cura capaz de devolver–lhe a saúde.
A doença de Mêmnon deixou todos na mais profunda consternação e isto fez com que ficasse ainda mais patente a frieza demonstrada pelo novo vice comandante, um persa chamado Tigranes que havia até então chefiado a frota do mar Vermelho. Era um homem ambicioso que nunca escondera, na corte, o seu desgosto pela decisão de Dario confiar o comando geral a um mercenário yauna.
Quando ficou claro que Mêmnon já não tinha condições para enfrentar as suas responsabilidades, ele foi o escolhido para tomar o lugar do grego. A sua primeira ordem foi levantar âncora e rumar para o sul, tirando o bloqueio dos Estreitos.
Depois disto Mêmnon pediu que o desembarcassem imediatamente em terra firme e Tigranes não se opôs. Também pediu que o deixassem levar consigo quatro dos seus mercenários, os seus soldados mais fiéis, para que o ajudassem na viagem que tencionava empreender. O novo comandante olhou para ele quase com comiseração pois achou que o doente, naquelas condições, não ia certamente chegar muito longe, de qualquer maneira, desejou–lhe em persa todo o bem do mundo e dispensou–o.
Assim sendo, um bote foi baixado do flanco da capitânia bem no meio da noite com cinco homens a bordo e deslizou vigorosamente empurrado pelos remos até uma pequena enseada na costa oriental do Helesponto. Os cinco iniciaram a viagem naquela mesma noite, pois

Mêmnon queria ser levado até a mulher e os filhos.
– Quero vê–los antes de morrer – disse logo que desembarcaram.
– Não vai morrer, comandante – replicou um dos seus homens. – Já passou por coisa pior. Mas ordena e o levaremos aonde quiser, até mesmo para os confins do mundo, até mesmo para o inferno. Nós o carregaremos nos ombros, se for necessário.
Mêmnon assentiu com um sorriso cansado, mas a idéia de rever a família parecia devolver–lhe uma energia misteriosa, uma força inesperada. Um dos mercenários saiu à procura de um meio de transporte, pois afinal de contas o doente jamais conseguiria cavalgar, e voltou no dia seguinte com uma charrete puxada por duas mulas e quatro cavalos que comprara em uma fazenda.
Já a caminho, os mercenários analisaram o que devia ser feito e decidiram que um deles seguiria na frente até encontrar a estrada do rei para dali enviar uma mensagem a Barsine, de forma que ela pudesse vir ao encontro deles. Do contrário, não havia a menor possibilidade do comandante chegar vivo ao palácio de Susa enfrentando uma viagem que levaria pelo menos um mês.
Por algum tempo a doença pareceu amainar e Mêmnon voltou a comer alguma coisa, mas ao anoitecer a febre subia de novo até queimar–lhe as têmporas e a própria mente. Começava então a delirar e dos seus lábios saíam os gritos de uma vida inteira de combates, de pavorosos sofrimentos padecidos e infligidos, os gemidos e o pranto de esperanças perdidas e de sonhos desfeitos.
O chefe da sua pequena comitiva, um homem de Tegéia que sempre lutara ao seu lado, olhava então para ele com angústia e aflição, passava–lhe um pano molhado na testa e resmungava:
– Não há de ser nada, comandante, não há de ser nada. Uma febre boba não pode acabar com Mêmnon de Rodes, não pode... – E quase parecia querer convencer a si mesmo.
O homem que havia sido enviado na frente alcançou a estrada do rei na altura da ponte sobre o rio Hális, que diziam ter sido construída pelo rei Creso da Lídia, e lá soube que não precisavam ir até Susa. O rei Dario tinha finalmente decidido dar uma lição naquele pequeno yauna insolente que ousara invadir suas províncias ocidentais, e avançava agora para as Portas Sírias no comando de meio milhão de homens, centenas de carros de guerra e dezenas de milhares de cavaleiros. A corte inteira

vinha com ele, e na certa Barsine também. De forma que o desejo de Mêmnon viajou tão rápido quanto a luz dos fogos e o reflexo dos escudos de bronze, de uma montanha para outra, tão rápido quanto o galope desenfreado dos cavalos niseus até chegar ao pavilhão de ouro e púrpura do Grande Rei. E o Grande Rei mandou chamar Barsine.

– O seu esposo está muito doente – anunciou–lhe – e pergunta por você. Está vindo pela Estrada Real na esperança de vê–la mais uma vez. Não sabemos se terá tempo suficiente para chegar até ele antes que morra, mas se quiser ir ao seu encontro daremos dez Imortais da nossa guarda como escolta.

Barsine sentiu um terrível aperto no coração, mas não pestanejou nem chorou.

– Grande Rei, agradeço por ter me avisado e por me deixar partir. Irei imediatamente ao encontro do meu esposo e não descansarei, não dormirei nem encontrarei sossego enquanto não chegar até ele para poder abraçá–lo.

Voltou à sua tenda, vestiu–se como uma amazona escolhendo um colete de feltro e calças de couro, pegou o melhor cavalo que conseguiu arrumar e lançou– se a galope, com os guardas que o Grande Rei lhe confiara como escolta mal conseguindo ficar no seu encalço.

Viajou noite e dia quase sem parar, só descansando umas poucas horas na ocasião da troca dos cavalos ou quando o seu corpo perdia a sensibilidade devido à exaustão, até que certo dia, ao entardecer, avistou ao longe uma pequena comitiva que avançava vagarosamente pela estrada quase deserta: uma charrete puxada por uma parelha de mulas e quatro cavaleiros armados que a escoltavam.

Esporeou a sua cavalgadura até chegar ao lado da charrete. Pulou ao chão e olhou para dentro: o comandante Mêmnon jazia moribundo sobre uma manta de peles de ovelha. Tinha uma longa barba e os lábios rachados, os cabelos molhados e desgrenhados. Aquele que já havia sido o homem mais importante e poderoso do mundo depois do Grande Rei reduzira–se agora a uma larva.

Mas ainda estava vivo.

Barsine acariciou–o e beijou–o ternamente na boca e nos olhos sem saber se ele a reconhecia, aí olhou em volta angustiada para ver se havia algum tipo de abrigo. Avistou ao longe, no topo de uma colina, uma casa de pedra, talvez a morada de algum fidalgo local, e pediu aos

homens da guarda para solicitarem hospedagem por alguns dias, ou por algumas horas, ela não podia saber.
– Quero uma cama para o meu marido, quero limpá–lo e trocar a sua roupa, quero que morra como um homem e não como um animal – disse.
O chefe da guarda obedeceu e logo a seguir Mêmnon foi levado para dentro da casa e recebido com todas as honras pelo dono persa. Esquentaram a água para o banho, Barsine despiu–o, lavou–o e vestiu–o com roupas limpas. Os criados cortaram–lhe os cabelos, ela perfumou–os, passou uma loção refrescante na sua testa e então deitou–o na cama sentando ao seu lado e segurando–lhe a mão.
Já era noite e o dono da casa veio perguntar se a bela dama queria descer para jantar com os homens que a tinham escoltado, mas Barsine recusou amavelmente.
– Cavalguei noite e dia para poder estar com ele e não tenciono deixá–lo um só instante enquanto continuar vivo.
O homem saiu fechando a porta atrás de si e Barsine voltou a sentar ao lado da cama de Mêmnon, acariciando–o e molhando–lhe de vez em quando os lábios. Pouco depois da meia–noite, vencida pelo cansaço e pelo esgotamento, acabou cochilando na cadeira e ficou assim, em estado de semiconsciência, durante algum tempo.
De repente pareceu–lhe ouvir a voz do marido e acreditou estar sonhando, mas a voz continuava a repetir o seu nome, com insistência:
– Bar... si... ne...
Teve um estremecimento e abriu os olhos: Mêmnon acordara do seu torpor e olhava para ela com seus grandes olhos azuis, febris.
– Meu amor – ela murmurou esticando a mão para acariciar–lhe o rosto.
Mêmnon fitava–a com uma intensidade alucinada e parecia querer dizer alguma coisa.
– O que quer? Diga para mim, eu te peço.
Mêmnon voltou a entreabrir os lábios: parecia que alguma vitalidade tivesse voltado a animar os seus membros e o seu rosto quase parecia ter readquirido a viril beleza de antigamente. Barsine encostou o ouvido na sua boca para não perder uma palavra sequer que ele dissesse.
– Quero...
– O que quer, meu amor? Qualquer coisa... qualquer coisa, meu adorado.

– Quero... vê–la.
E Barsine relembrou a última noite que passara com ele, e compreendeu. Levantou–se com gesto decidido da cadeira, recuou para que a sua pessoa pudesse ser iluminada ao máximo pelas duas lâmpadas penduradas no teto do quarto e começou a tirar a roupa. Livrou–se do corpete, desatou os cadarços que seguravam as calças citas de couro despindo–se ao mesmo tempo de qualquer inato pudor, e ficou nua e soberba diante dele.
Viu que os olhos do marido se umedeciam, que duas grandes lágrimas escorriam–lhe sobre as faces cavadas e percebeu que conseguira interpretar o seu desejo. Sentiu que aquele olhar acariciava–lhe suavemente, lentamente, o rosto e o corpo, e soube que aquela era a sua maneira de fazer amor com ela pela última vez.
Com um fio de voz Mêmnon ainda disse:
– Os meus meninos...– Procurou mais uma vez os olhos da mulher para transmitir–lhe, com um último olhar ardente e desesperado, o que lhe sobrava da vida e da paixão que sentia por ela, aí deitou a cabeça no travesseiro e morreu.
Barsine envolveu–se em um manto e deixou–se cair sobre o corpo inerte soluçando, cobrindo–o de beijos e caricias. Não se ouvia outro som na casa a não ser o seu pranto desconsolado e os mercenários gregos que velavam lá fora, em volta do fogo, entenderam. Ficaram de pé e apresentaram silenciosamente as armas em honra do comandante ao qual um destino infame não permitira morrer como soldado, de espada em punho.
Esperaram o alvorecer para subir e ficar com o corpo para os ritos fúnebres.
– Nós o colocaremos sobre a pira conforme os nossos costumes – disse o mais velho entre eles, o que nascera em Tegéia. – Abandonar o corpo como comida para cães e pássaros é para nós uma vergonha insuportável: isto faz–te entender quão diferentes somos. – E Barsine entendeu. Entendeu que naquela hora suprema devia ficar de lado e deixar que Mêmnon voltasse às origens e recebesse as honras funerárias segundo as tradições do seu povo.
Ergueram uma pira no meio de uma planície embranquecida pela geada e colocaram nela o corpo do seu comandante vestido com sua armadura e o elmo enfeitado com a rosa prateada de Rodes.

E atearam o fogo.
O vento que varria o planalto atiçou as chamas que se levantaram vorazes destruindo rapidamente os restos mortais do grande guerreiro. Os seus soldados, perfilados e empunhando as lanças, gritaram dez vezes o seu nome ao céu frio e cinzento que pesava sobre aquela imensidão deserta como uma mortalha, e quando o último eco daquele brado se calou, perceberam que haviam ficado completamente sós no mundo, que já não tinham mãe nem pai, nem irmãos nem família, que não tinham casa nem um lugar para onde voltar.
– Jurei que iria com ele para qualquer lugar – disse então o mais velho entre eles –, até para o reino de Hades. – Ajoelhou–se, desembainhou a espada apontando–a contra o próprio coração e jogou–se em cima dela.
– Eu também – repetiu o companheiro sacando por sua vez a arma.
– E nós também – disseram os outros dois. Tombaram um depois do outro esvaindo–se em seu próprio sangue, enquanto o primeiro canto do galo rompia o silêncio espectral da alvorada como um toque de clarim.



CAPÍTULO 44

O médico Filipe relatou a Alexandre os resultados dos exames feitos no corpo do persa que havia sido encontrado com a carta do Grande Rei para o príncipe Amintas.

– Foi certamente envenenado, mas trata–se de algum tipo de veneno que não conheço. Acho inútil, portanto, interrogar o cozinheiro: é um bom rapaz que não seria capaz de prepará–lo. Eu mesmo não saberia, imagina ele!

– É possível que tenha decidido tomar o veneno por vontade própria? – perguntou Alexandre.

servi–lo até o sacrifício da vida. Acho que, por enquanto, não conseguiremos saber muito mais do que isto sobre esta história toda.

Passaram–se muitos outros dias sem que houvesse notícias acerca dos reforços que deviam chegar da Macedônia e o moral dos soldados começou a fraquejar no ócio e no tédio. Certa manhã Alexandre decidiu subir até o santuário da Grande Mãe dos deuses, em Górdio, que diziam ter sido fundado pelo rei Midas.

Acompanhavam–no os amigos e os sacerdotes que, quando souberam da visita, logo se apresentaram todos vestidos com seus mais luxuosos trajes cerimoniais.

O templo era um santuário indígena extremamente antigo que abrigava um simulacro da deusa esculpido em madeira e carcomido pelos carunchos, enfeitado com uma incrível quantidade de jóias e talismãs oferecidos pela multissecular fé dos crentes. Nas paredes viam–se penduradas relíquias e oferendas de toda espécie e muitas representações de membros humanos em terracota e madeira que testemunhavam curas ou súplicas para obtê–las.

Havia mãos e pés com os sinais da sarna pintados com cores vivas, olhos, narizes e orelhas, úteros certamente estéreis que invocavam a fertilidade e membros masculinos que, da mesma forma, não eram capazes de desempenhar as suas funções.

Cada um desses objetos era o sinal das numerosas aflições, dores e misérias que desde o começo dos tempos atormentavam o gênero

humano, desde que o insensato Epimeteu abrira a caixa de Pandora e deixara sair todos os males que invadem o mundo.
– Só deixando no fundo a esperança – lembrou Eumênio, olhando em volta.
– E o que mais são todos estes objetos senão a manifestação de uma esperança quase sempre frustrada e mesmo assim companheira preciosa, para não dizer indispensável, dos homens?
Seleuco, que estava ao seu lado, fitou–o um tanto perplexo diante daquela repentina manifestação de pedantismo filosófico, mas nesta altura os sacerdotes já os estavam levando para uma sala lateral onde guardavam o cimélio mais precioso: o carro do rei Midas.
Tratava–se de um estranho veículo com quatro rodas, de tipo bastante primitivo, com um parapeito semicircular na parte superior. O sistema de guia era formado por um timão que terminava com uma barra ligada ao eixo do conjunto anterior de rodas, enquanto a canga estava presa ao timão por uma corda atada com um nó extremamente complexo, na verdade inextricável.
Segundo o antigo oráculo, quem conseguisse desatar aquele nó iria ter o domínio da Ásia, e Alexandre decidira arriscar–se na façanha. Eumênio e Ptolomeu, assim como Seleuco, haviam insistido para que tentasse.
– Não pode se esquivar – avisara–o Eumênio. – Todos sabem deste oráculo: se evitar o desafio, todos pensarão que não tem confiança em si mesmo, que não acredita poder vencer o Grande Rei.
– Eumênio está certo – acrescentara Seleuco. – Aquele nó é um símbolo: indica o cruzamento de muitos caminhos e caravanas na cidade de Górdio, caminhos que levam até os extremos confins do mundo. Na verdade você já
precisa desatar o símbolo, pois do contrário a coisa poderia não bastar.
Alexandre virara–se então para Aristandro:
– O que me diz, vidente? Aristandro fora bastante lacônico:
– Aquele nó é o sinal da perfeição absoluta, da completa harmonia, do confluir das energias primitivas que criaram a vida na terra. Você desatará aquele nó e dominarás a Ásia e o mundo inteiro.
Esta resposta aliviara o coração de todos, mas Eumênio não queria se arriscar e mandara chamar um oficial do almirante Nearcos que conhecia qualquer tipo de nó usado pela marinha mercante e de guerra para que ensinasse ao rei os seus segredos, de forma que Alexandre se

sentia bastante confiante.
Além do mais, era provável que os sacerdotes do santuário tudo fizessem para simplificar as coisas para o novo patrão evitando expô–lo à humilhação de um fracasso.
– Eis o carro do rei Midas – anunciou um deles indicando ao soberano o arcaico veículo carcomido pelos carunchos – e eis o nó. – Falou sorrindo, de forma que os presentes, e principalmente Eumênio, Seleuco e Ptolomeu ficaram certos de que tudo iria correr às mil maravilhas. Mandaram, portanto, entrar também os oficiais de patente mais baixa para que pudessem assistir à façanha do rei.
Quando, porém, Alexandre se agachou e começou a trabalhar em volta do nó, percebeu que havia sido otimista demais. A corda estava incrivelmente apertada e além do mais não dava para distinguir ponta alguma, nem por cima nem por baixo nem dos lados, o que tornava impossível começar a desatar a maranha. O pessoal em volta dele transformara–se em uma multidão e já não sobrava mais espaço dentro da sala: os próprios sacerdotes, empertigados em seus trajes de cerimônia, apinhavam–se uns em cima dos outros enquanto gotas de suor escorriam por suas faces.
O rei sentia–se sufocar e a raiva foi crescendo dentro dele: percebia que em poucos segundos o seu prestígio pessoal, conquistado com a lança e com a espada no campo de batalha, podia ser posto em xeque por aquela situação aparentemente sem saída.
Olhou para Eumênio, que deu de ombros deixando entender que desta vez não tinha solução alguma a sugerir, e aí para a máscara de pedra de Aristandro de Telmesso, o vidente que já falara uma vez e certamente não iria falar de novo.
Olhou para Seleuco e Ptolomeu, Cratero e Perdicas, e só viu aflição e constrangimento em seus olhos. Mas, enquanto se agachava novamente sobre o nó inextricável, sentiu a empunhadura da espada premer contra o seu lado e achou que se tratava de um sinal dos deuses. Naquela mesma hora, com efeito, da clarabóia no teto entrou um raio de sol que fez rebrilhar seus cabelos como uma nuvem dourada e cintilar como rocio as gotículas de suor que lhe emperlavam a testa.
No profundo silêncio que descera sobre a sala, ouviu–se o leve rangido da espada sendo tirada da bainha, aí a lâmina faiscou como relâmpago no feixe de luz para afundar com desmedida força no nó de Górdio.

Cortada por completo, a corda soltou a sua presa e a canga caiu livremente ao chão com um baque surdo.
pé, ia guardando a espada na bainha. Quando levantou a cabeça, perceberam que o seu olho esquerdo se tornara mais escuro, brilhava entre a luz e a sombra do raio que descia da clarabóia, negro como a noite.
Ptolomeu gritou:
– O rei desatou o nó de Górdio! O rei é o senhor da Ásia.
Todos os companheiros aclamaram–no a plenos pulmões e, do lado de fora, a ovação também pôde ser ouvida pelos soldados da expedição que se haviam apinhado em volta do templo. Eles também festejaram, liberando o entusiasmo que até então o medo e a superstição haviam reprimido, e juntaram aos gritos o fragor das armas batendo contra os escudos até estremecer os muros do antigo santuário.
Quando, ofuscante em sua armadura de prata, o soberano apareceu, carregaram–no nos ombros e levaram–no pelo acampamento como a estátua de um deus. Ninguém reparou em Aristandro que, completamente só, afastava–se com uma expressão sofrida no rosto.

CAPÍTULO 45

Alguns dias depois chegaram os tão esperados reforços, tanto os recém alistados quanto os jovens maridos que haviam partido de Halicarnasso para passarem o inverno com as mulheres. Estes últimos foram recebidos com assovios, mugidos e apupos pelos companheiros de armas que, ao contrário, tinham enfrentado os rigores da guerra e da estação fria e gritavam agora todo tipo de obscenidade. Alguns, agitando enormes falos de madeira, berravam a plenos pulmões:
– Aproveitaram a perereca? Pois bem, agora terão de pagar o penhor!
O oficial que os chefiava era um dos homens de Antípatro, um comandante de batalhão originário da Oréstide que se chamava Trasilo. Apresentou–se ao rei para fazer logo o seu relatório.
– Por que levou este tempo todo? – perguntou Alexandre.
– Porque a frota persa mantinha o bloqueio dos Estreitos e o regente Antípatro não queria arriscar a nossa esquadra em um choque direto com Mêmnon. Aí, certo dia, os navios inimigos levantaram âncora e rumaram para o sul aproveitando o vento de Bóreas, e então nós atravessamos.
– Isto é estranho – observou Alexandre. – E de qualquer maneira não deixa prever boa coisa. Mêmnon nunca soltaria a presa a não ser para atacar algum outro lugar ainda mais vulnerável. Só espero que Antípatro...
– Andam dizendo que Mêmnon morreu, senhor – interrompeu–o, o oficial.
– O quê?
– É o que nos contaram os nossos informantes na Bitínia.
– E do que morreu?
– Ninguém sabe. Falam de uma estranha doença...
– Uma doença? Não dá para acreditar.
– Não é uma notícia segura, senhor. Como já disse, não passa de um boato que precisa ser confirmado.
– Sim, claro. Mas agora procure logo arrumar uma acomodação para você e seus homens, pois não vamos demorar a partir. Terão um dia de

descanso no máximo: já ficamos parados demais.
O oficial despediu–se e Alexandre ficou sozinho na tenda meditando sobre aquela inesperada notícia que não lhe dava nem alívio nem satisfação. Na mente e na alma já considerava Mêmnon o único adversário digno dele, o único Heitor digno de lutar com o novo Aquiles, e havia algum tempo vinha se preparando para enfrentá–lo em duelo, como um campeão homérico. Nem mesmo a idéia de lutar pessoalmente com o Grande Rei tinha para ele o mesmo significado.
Lembrava–se perfeitamente da figura imponente do comandante, do elmo que encobria o seu rosto, do timbre da sua voz e da sensação de profunda opressão que sentia ao sabê–lo sempre atento e vigilante, sempre pronto a ferir, incansável, inalcançável. Uma doença... Não era isto que ele queria, não era este o epílogo que esperava para o combate implacável que empreendera.
Convocou Parmênio e Cleito, o Negro, para preparar a partida dentro de dois dias e também comunicou–lhes a notícia que tinha recebido:
– O oficial no comando das forças auxiliares disse–me que, segundo alguns boatos, o comandante Mêmnon teria morrido.
– Seria muito proveitoso para nós – rebateu o velho general sem tentar esconder a sua satisfação. – Com a frota que tinha controlando o mar entre nós e a Macedônia era uma ameaça muito séria. Os deuses estão do nosso lado, senhor.
– Os deuses privaram–me do embate leal com o único adversário digno de mim – replicou Alexandre com expressão sombria. Mas naquela mesma hora, de repente, lembrou–se de Barsine, da sua beleza morena e perturbadora, e percebeu que, se o destino escolhera uma doença para apagar a vida de Mêmnon, talvez também permitiria que Barsine não o odiasse. Se soubesse onde ela se encontrava, já se sentia preparado para destroçar qualquer obstáculo que porventura existisse entre os dois.
– Parece que se encontra em algum lugar entre Damasco e as Portas Sírias – sobressaltou–o a voz de Cleito, o Negro.
Alexandre virou–se de chofre para ele como se o oficial tivesse lido seus pensamentos. O Negro também fitou–o, surpreso com aquela reação.
– Do que está falando, Negro? – perguntou o soberano.
– Estou falando do informe enviado por Eumolpo de Sôli.
– Isso mesmo – interveio Parmênio. – Mandou um mensageiro com um informe verbal.

– Quando?
– Esta manhã. Pediu para falar com você, mas você estava passando em revista os recrutas com Heféstion e os demais companheiros, e então eu mesmo recebi a mensagem.
– Fez muito bem, general, mas temos certeza de que é realmente de Eumolpo?
– O rapaz estava a par da senha que você bem conhece. Alexandre meneou a cabeça.
– "Miolos de ovelha!" Já se viu senha mais estrambótica?
– E o seu prato preferido – comentou o Negro abrindo os braços.
– Como estava dizendo – continuou Parmênio –, parece que o Grande Rei está marchando com todo o seu exército para o vau de Tapsaco.
– O vau de Tapsaco... – repetiu o soberano. – Exatamente como imaginava. Dario tenta deter o nosso avanço nas Portas Sírias.
– Acho que está certo – assentiu o Negro.
– E quantos são? – perguntou Alexandre.
– Muitos – respondeu Parmênio.
– Quantos? – insistiu o rei, impaciente.
– Cerca de meio milhão, se a informação for correta.
– Dez para cada um de nós. Realmente muitos, com efeito.
– O que pretende fazer?
– Seguir em frente: não temos escolha. Preparem a partida.
Os dois oficiais despediram–se e iam saindo quando Alexandre chamou de volta Parmênio.
– O que foi, senhor? – perguntou o general.
– Não acha que nós também deveríamos escolher uma senha para as nossas mensagens verbais?
Parmênio baixou a cabeça.
– Não tinha escolha quando enviei Sisínio: não havíamos imaginado esta eventualidade na hora de nos separarmos.
– É verdade, mas agora precisamos de uma senha para as mensagens de viva voz. Uma situação parecida pode perfeitamente acontecer de novo.
Parmênio sorriu.
– Por que está rindo?
– Porque voltou à minha mente a ladainha que sempre cantarolava quando menino. Ela lhe foi ensinada pela velha Artemísia, a ama–de–leite da sua mãe, lembra–se?

O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
– E depois o jogava ao chão.
– E por que não? – comentou Alexandre. – É certamente inimaginável, como senha.
– E não precisamos decorá–la. Então vou indo.
– General – chamou de novo Alexandre.
– Senhor?
– O que está fazendo Amintas?
– O seu dever.
– Muito bem. Mas continue a vigiá–lo sem ele perceber. E procure saber se Mêmnon realmente morreu, e de quê.
– Farei o possível, senhor. O mensageiro de Eumolpo de Sôli ainda está por aqui: mandarei investigar.
No dia seguinte o mensageiro partiu e o exército organizou–se para levantar acampamento ao alvorecer. Tudo foi preparado de antemão: os animais foram carregados, os carros enchidos de provisões, enquanto os oficiais de rota
predispunham as etapas que, em sete dias de marcha, levariam o exército até as Portas Sírias, um desfiladeiro entre as montanhas do Tauro que, de tão estreito, só permitia a passagem de um animal de carga de cada vez.
Naquela noite um dos soldados que haviam chegado com o contingente dos reforços apresentou–se na tenda de Calístenes e entregou–lhe um conjunto de papéis. O historiador levantou–se da mesa onde estava escrevendo para buscar uma recompensa e aí, logo que o homem saiu, abriu a papelada e viu que se tratava de um texto qualquer: um pequeno ensaio sobre apicultura que ele não pedira e que, portanto, devia certamente ser lido em código. A mensagem cifrada dizia:
Enviei a Teofrasto o fármaco para que ele o entregue ao médico de Lesbos, mas o mar está bravo e é difícil que um barco zarpe nos próximos dias. Tudo é incerto, até o resultado.
Seguia uma carta explícita:
Aristóteles ao seu sobrinho Calístenes, salve!
Encontrei uma pessoa que conhecia Pausânias, o homem que matou o rei Filipe, e parece–me difícil acreditar na história que nos foi contada acerca dele e do seu caso com o soberano, pois quase nada demonstra alguma verossimilhança. Identifiquei um dos cúmplices foragidos e

encontrei–me com ele em uma hospedaria de Beroéia. Ficou muito desconfiado e continuou a negar enquanto eu tentava tranqüilizá–lo de qualquer maneira. Mas não houve jeito. A única coisa que consegui descobrir é a sua verdadeira identidade, subornando com dinheiro uma escrava que também é a sua concubina. Já sei, agora, que tem uma filha ainda jovem, que ele adora e mantém escondida entre as virgens do templo de Ártemis na fronteira com a Trácia.
Preciso voltar a Atenas, mas continuarei a minha busca e o manterei informado. Cuide da sua saúde.
Guardou os documentos em um pequeno cofre e deitou–se para estar pronto para partir ao alvorecer do dia seguinte.
Quando Eumênio e Ptolomeu o acordaram ainda estava escuro.
– Já soube da notícia? – perguntou–lhe Eumênio.
– Que notícia? – indagou Calístenes esfregando os olhos. – Parece que Mêmnon morreu. De uma doença repentina.
– E incurável – acrescentou Ptolomeu.
Calístenes saiu da cama e botou um pouco de azeite na lamparina que languescia.
– Morreu? E quando aconteceu?
– A notícia chegou com um dos oficiais que chefiavam os reforços. Levando em conta a demora com que eles nos alcançaram, diria que deve ter sido de quinze a trinta dias atrás. Tudo aconteceu como havíamos programado.
Calístenes lembrou–se da data que aparecia na carta do seu tio Aristóteles e também fez um rápido cálculo mental, chegando à conclusão de que não
podiam assegurar com certeza que o fato havia sido provocado, mas de que tampouco se podia excluir esta possibilidade. Limitou–se a responder:
– Melhor assim. – Aí, enquanto acabava de se vestir, chamou uma escrava e ordenou: – Sirva alguma coisa quente ao secretário geral e ao comandante Ptolomeu.

CAPÍTULO 46

Miolos de ovelha – anunciou o cozinheiro persa colocando um prato de bolinhos bem tostados na mesa diante de Eumolpo de Sôli. E enquanto pronunciava estas palavras mostrava, um sorriso nem um pouco tranqüilizador, todos os seus trinta e dois dentes encimados pelos fartos bigodes negros que pareciam asas de corvo.
Deitado em um leito em frente, o governador da Síria, o sátrapa Ariobarzane, sorriu de forma ainda mais perturbadora:
– Não é o seu prato preferido?
– Oh, sim, claro, luz dos arianos e invicto capitão. Possa o futuro reservar–te a honra de usar a tiara rígida se um dia, que Ahura Mazda nos livre disto, o Grande Rei tiver de subir na torre do silêncio para juntar–se aos seus nobres antepassados.
– O Grande Rei goza de ótima saúde – replicou Ariobarzane. – Mas, por favor, coma. Como estão esses miolos de ovelha?
– Hum... – mugiu Eumolpo esbugalhando os olhos para simular o mais intenso regozijo.
– Também são a sua senha quando troca mensagens sigilosas com os nossos inimigos, não é? – perguntou Ariobarzane sem atenuar em nada o seu sorriso.
Eumolpo tossiu convulsivamente com a comida atravessada na garganta..
– Um pouco de água? – perguntou solícito o cozinheiro enchendo uma taça de prata, mas Eumolpo, roxo e ofegante, gesticulou com a mão para dizer que não era preciso.
Quando se recobrou, voltou a assumir a mais imperturbável das atitudes com o seu mais cativante sorriso.
– Não entendi a simpática brincadeira.
– Mas não é brincadeira – rebateu graciosamente o sátrapa arrancando a asa de um tordo no espeto e tirando a pele com a ponta dos incisivos. – É a pura verdade.
Eumolpo dominou o pânico que lhe gelava as entranhas, pegou um bolinho e mostrou saboreá–lo com o maior prazer, aí observou com ar

condescendente:
– Ora, meu ilustre anfitrião, não pode realmente levar a sério lorotas que podem até ser engraçadas desde que não cheguem a macular a reputação de um homem de bem que...
Ariobarzane deteve–o com um gesto elegante, enxugou as mãos no avental do cozinheiro, pôs os pés no chão e dirigiu–se para a janela, acenando para que Eumolpo se juntasse a ele.
– Faça–me o favor, meu bom amigo.
Eumolpo não teve escolha e aproximou–se para olhar da janela. Os poucos bocados que havia engolido tornaram–se logo veneno e o seu rosto ficou mortalmente pálido. O seu mensageiro estava pendurado em uma estaca pelos braços e longas tiras de pele se desprendiam de várias partes do corpo deixando à mostra os feixes sangrentos dos músculos. Em alguns pontos a carne havia sido arrancada até o osso, enquanto os seus testículos pendiam–lhe em volta do pescoço como um grotesco colar. Não dava o menor sinal de vida.
– Ele falou – explicou Ariobarzane impassível.
Não longe dali um escravo ircano estava aguçando a ponta de um pau de acácia com uma faca afiada para em seguida esfregá–la com pedra–pomes até tornar a superfície lisa e quase lustrosa.
Ariobarzane olhou o pau e depois fitou Eumolpo nos olhos, fazendo ao mesmo tempo um gesto bastante eloqüente com as mãos. O pobre coitado engoliu em seco, sacudindo convulsivamente a cabeça. O sátrapa sorriu.
– Eu sabia que iríamos nos entender, meu bom amigo.
– Há algo... Há alguma coisa em que eu possa ajudar? – gaguejou o informante sem conseguir tirar os olhos da aguçada ponta do pau enquanto o seu ânus ficava instintivamente contraído na inconsciente e espasmódica tentativa de fechar o caminho a tão temível intruso.
Ariobarzane voltou à mesa e deitou–se no leito convidando Eumolpo a fazer o mesmo. O infeliz recuperou o fôlego esperando que o pior já tivesse passado.
– Qual é a resposta que o pequeno yauna esperava? – perguntou o sátrapa referindo–se com aquele desdenhoso epíteto ao invasor que já conquistara toda a Anatólia.
– O rei Alexandre... isto é, o pequeno yauna – corrigiu prontamente Eumolpo – queria saber onde o Grande Rei iria esperar por ele para

travar combate com o seu exército.
– Ótimo! Mandará então um outro mensageiro, pois acho que este já não serve, avisando o pequeno yauna que o Grande Rei estará esperando por ele no sopé das Portas Sírias com metade do seu exército, uma vez que a outra metade ficou guarnecendo o vau de Tapsaco. Isto vai induzi–lo a atacar.
– Oh, sim, sem dúvida – concordou apressadamente o informante. – Aquele insensato e vaidoso rapaz, que aliás, pode acreditar, sempre achei antipático, se lançará ao ataque de cabeça baixa na certeza de vencer, e acabará entalado no estreito desfiladeiro entre o monte Amano e o mar, enquanto o senhor, ao contrário...
– Nós coisa nenhuma – cortou rispidamente Ariobarzane. – Faça o que mandei, hoje mesmo. Falará com o seu homem na sala ao lado, onde poderemos ver e ouvir, e pedirá que vá imediatamente falar com o pequeno yauna. Depois da nossa vitória decidiremos o que fazer contigo. E claro que, se a sua contribuição for decisiva, aquele pau que viu lá embaixo, no pátio, poderá ser usado para outras finalidades. Mas se algo sair errado... pimba! – E enfiou o indicador da mão direita dentro do anel formado pelo polegar e o indicador da esquerda.
Eumolpo dispôs–se a fazer o que lhe estava sendo pedido, enquanto olhos e ouvidos o observavam e ouviam através de vários orifícios habilmente disfarçados na decoração das paredes em volta.
Explicou tudo com o maior cuidado ao novo mensageiro:
– Informará que o seu colega passou mal e que por isto decidi mandá–lo. E quando te perguntarem a senha dirás... – pigarreou – "miolos de ovelha".
– "Miolos de ovelha", meu senhor? – perguntou o mensageiro, pasmo.
– Isto mesmo, "miolos de ovelha". Por quê? Alguma coisa errada?
– Não, não, está tudo bem. Então já estou indo.
– Isso, muito bom, vai andando.
Eumolpo de Sôli saiu por uma portinhola do outro lado da sala, onde Ariobarzane esperava por ele.
– Posso ir? – perguntou um tanto ansioso.
– Pode ir – respondeu o sátrapa. – Por enquanto.
De Górdio, Alexandre atravessou a Frigia Maior até a cidade de Ancira, uma vila aninhada sobre baixas colinas no fundo de um recôncavo enevoado, e confirmou no cargo o sátrapa persa que ali residia, deixando

com ele oficiais macedônios no comando da guarnição.
Aí retomou a marcha para o oriente e chegou as margens do rio Hális, o grande rio que deságua no mar Negro e que durante séculos havia sido a fronteira entre o mundo Egeu e anatólio e a Ásia interior, a extrema fronteira que supostamente os gregos jamais iriam alcançar. O exército seguiu o seu curso até a grande curva meridional e então prosseguiu pela margem de dois grandes lagos salgados cercados por largas faixas esbranquiçadas.
Alexandre também confirmou no cargo o sátrapa persa da Capadócia, que lhe jurou fidelidade, e em seguida virou decididamente para o sul sem encontrar resistência alguma e penetrou no vasto planalto dominado pela massa do monte Argeu, um vulcão adormecido sempre coberto de neve que surgia de manhã como um fantasma velado pelas neblinas da alvorada. Durante as primeiras horas do dia os campos estavam amiúde cobertos de vítrea geada, mas, enquanto o sol subia sobre o horizonte, assumiam uma cor marrom avermelhada.
Havia muitos campos lavrados e semeados, mas nos locais por onde o arado ainda não tinha passado viam–se as manchas amarelas do restolho, pastagem para pequenos rebanhos de ovelhas e cabras. Depois de dois dias de marcha apareceu a imponente cordilheira do Tauro com seus cumes cândidos que brilhavam ao sol e tornavam–se avermelhados ao entardecer.
Parecia quase impossível que aquele imenso território se abrisse diante deles espontaneamente e que tantas tribos, aldeias e cidades se sujeitassem sem opor resistência.
A fama do jovem guerreiro já se espalhara por todo canto e também chegara a notícia da morte do comandante Mêmnon, o único, sem contar com o Grande Rei, capaz de deter o seu avanço.
Depois de cinco dias no planalto, o caminho começou a ficar cada vez mais íngreme ao aproximar–se da passagem que dava acesso à planície costeira da Cilicia. A cada parada no fim do dia, Alexandre sentava na sua tenda sozinho ou com Heféstion e os demais amigos lendo a Anábase de Xenofonte, o diário da expedição dos dez mil que sessenta anos antes haviam passado exatamente por ali. O historiador ateniense descrevia o passo como um desfiladeiro bastante estreito por onde era difícil passar se alguém o vigiasse.
Alexandre quis guiar pessoalmente a coluna em marcha. Os guardas do

passo logo o reconheceram nos primeiros raios matinais pelo estandarte vermelho com a estrela argeade de ouro, pelo poderoso cavalo negro que montava e pela armadura de prata que faiscava de reflexos a qualquer movimento.
Também viram a interminável fileira de homens e cavalos que subiam a passo lento mas inexorável, acharam que eram muito poucos para enfrentá–los e saíram em disparada, de forma que a travessia pôde ser completada sem maiores dificuldades.
Na parede esquerda do passo Seleuco reparou em uns grafitos riscados na rocha viva que poderiam ter sido deixados por alguns dos dez mil homens de Xenofonte e mostrou–os a Alexandre que os observou com curiosidade. Em seguida retomaram o caminho até desembocarem no vale do Cidno e na grande planície verdejante da Cilícia.
– Estamos na Síria – disse Eumênio. – A Anatólia já ficou para trás.
– Um outro mundo! – exclamou Heféstion alcançando com o olhar a fina linha azulada que ao longe limitava a planície. – E ali está o mar!
– E Nearcos, onde estará ele, agora, com os nossos navios? – perguntou Perdicas.
– Em algum lugar lá embaixo – respondeu Leonato. – Pode ser até que esteja olhando para estas montanhas e resmungando: "Onde será que aqueles rapazes se meteram? Por que será que nunca mais deram o ar da sua graça?"
– Pois é – comentou Alexandre. – E justamente por isto que precisamos ocupar quanto antes os portos da costa. Aí, se ele decidir chegar, poderá lançar âncora tranqüilamente, sem medo de ciladas.
Esporeou Bucéfalo e começou a descer.
Lisímaco disse a Leonato, que agora cavalgava ao seu lado:
– Se tivessem deixado uma boa guarnição naqueles penhascos acima do desfiladeiro ninguém teria conseguido passar.
– Estão com medo – replicou o amigo. – Fogem como galinhas assustadas.
Agora ninguém poderá nos deter.
Lisímaco sacudiu a cabeça.
– É o que você pensa. Não gosto nem um pouco de toda esta calma. No meu entender, ao contrário, estamos enfiando a cabeça na boca do leão que está escondido em algum lugar por aí.
Leonato resmungou:

– Se houver um leão, arrancarei a sua língua. – E então voltou para controlar a retaguarda da coluna.
O clima só precisou de algumas dezenas de estádios para mudar completamente, de fresco e seco como era no planalto passou para úmido e quente, e todos já estavam suando copiosamente dentro das armaduras.
Em apenas duas etapas chegaram à cidade de Tarso, não muito longe do mar, que lhes abriu as portas depois da fuga do sátrapa da Cilícia que preferira juntar–se ao exército do Grande Rei que continuava a avançar inexoravelmente. Alexandre mandou as suas tropas acamparem na planície, enquanto ele, as unidades de elite e os oficiais superiores instalaram–se nas melhores moradas da cidade. Foi ali que lhe foi anunciada uma visita.
– Há um mensageiro que insiste em falar contigo pessoalmente, senhor – disse um dos guardas que vigiavam a entrada.
– Quem o enviou?
– Afirma vir a mando de Eumolpo de Sôli.
– Então deve conhecer a senha.
O guarda saiu e logo depois ouviram–se uns risinhos. Devia ser realmente o mensageiro de Eumolpo.
– A senha é... – começou o guarda, mal conseguindo conter o riso.
– Chega de palhaçadas – ordenou o rei, impaciente.
– A senha é "miolos de ovelha".
– Isso mesmo. Deixe–o entrar.
O guarda afastou–se rindo novamente baixinho e mandou o mensageiro entrar.
– Senhor, venho da parte de Eumolpo de Sôli.
– Eu sei. Só ele tem uma senha tão boba. Por que motivo não veio o outro
mensageiro? Nunca o vi antes.
– O outro feriu–se caindo do cavalo.
– O que tem a dizer?
– Coisas importantes, meu senhor. O Grande Rei já está muito perto e Eumolpo conseguiu corromper um dos ajudantes–de–ordens de Dario e descobrir onde deverá acontecer a batalha com a qual o monarca tenciona aniquilá–lo.
– Onde?

O mensageiro olhou em volta e viu, preso em um cavalete, o mapa que Alexandre sempre levava consigo. Indicou com o dedo um local da planície entre o monte Carmelo e o monte Amano.
– Aqui – disse. – Nas Portas Sírias.



CAPÍTULO 47

A notícia correu pelo acampamento com a velocidade do raio, passando de boca em boca e espalhando o pânico:
– O rei está morto! O rei está morto!
– Como foi?
– Morreu afogado!
– Não, foi envenenado.
– Um espião persa.
– Foi preso?
– Não sei. Parece que conseguiu fugir.
– Então vamos atrás dele. Para que lado foi?
– Calma, calma, lá vêm Heféstion e Ptolomeu!
– E Filipe também, o médico do rei.
– Então não morreu.
– Como é que eu vou saber? Disseram–me que tinha morrido.
Os soldados apinharam–se imediatamente em volta dos três que tentavam abrir caminho entre aquela multidão para alcançar a saída do acampamento.
Um grupo de "escudeiros" perfilou–se para permitir–lhes percorrer depressa o espaço entre a tenda de Filipe e a porta.
– O que houve? – perguntou o médico.
– Acabávamos de almoçar – começou Heféstion.
– E fazia um calor insuportável – continuou Ptolomeu.
– E a bebida corria solta? – indagou Filipe.
– O rei estava de bom humor e mamou sozinho uma boa "taça de Hércules".
– Meia ânfora de vinho – resmungou o médico.
– Isso mesmo – admitiu Ptolomeu. – Aí disse que já não agüentava aquele calor e vendo pela janela as águas do Cidno gritou: "Eu vou nadar!"
– De barriga cheia e acalorado? – gritou Filipe fora de si.
Enquanto isto tinham alcançado os cavalos. Montaram–nos e esporearam– nos partindo a galope para o rio que ficava a uns dois

estúdios dali.
O soberano jazia no chão à sombra de uma figueira. Haviam–no deitado sobre uma esteira e coberto com um manto. Estava lívido, com olheiras negras e unhas azuladas.
– Maldição! – gritou Filipe pulando ao chão. – Por que o deixaram fazer uma coisa destas? Este homem está mais para lá do que para cá. Abram espaço, abram espaço!
– Mas nós... – gaguejou Heféstion, sem conseguir terminar a frase. Virou–se para a árvore a fim de esconder as lágrimas.
O médico despiu Alexandre e encostou o ouvido no seu peito. Dava para escutar o coração, mas as batidas eram muito fracas e incertas. Voltou a agasalhá–lo imediatamente.
– Rápido! – ordenou dirigindo–se a um dos "escudeiros". – Corram aos aposentos do rei, mandem Leptine preparar um banho escaldante e derreter em uma decocção estas ervas que estou dando, nestas proporções exatas. – Tirou da bolsa uma pequena tábula e um estilo e riscou apressadamente uma receita. – E agora anda! Vá logo e corra como o vento!
Heféstion aproximou–se.
– Podemos fazer alguma coisa?
– Preparem logo um estrado de galhos e caniços e atem–no aos arreios de dois cavalos de carga emparelhados. Precisamos levá–lo para casa.
Os soldados desembainharam as espadas e cortaram galhos e o feixe de caniços que cresciam à beira do rio executando o que havia si pedido. Aí levantaram delicadamente o rei e colocaram–no no estrado protegendo–o com um manto.
O pequeno cortejo pôs–se a caminho guiado por Heféstion, que segurava os dois cavalos pelo cabresto para acertar o passo.
Leptine recebeu–os com grandes olhos arregalados e cheios de comoção, sem ousar perguntar coisa alguma a ninguém; viu o soberano e só olhar foi suficiente para ela entender a situação. Encaminhou–se rapidamente para o quarto de banho acompanhada pelos carregadores, mordendo os lábios para não chorar.
O rei quase não dava sinal de vida: os seus lábios também estavam lívidos, agora, e as unhas quase negras.
Heféstion agachou–se e levantou–o: a cabeça e os braços caíram para trás como os de um cadáver.

Filipe aproximou–se.
– Coloque–o na banheira. Devagar. Mergulhe–o aos poucos.
Heféstion resmungou alguma coisa entre os dentes, talvez esconjuros, ou maldições. Enquanto isto, todos os companheiros haviam chegado, ficando em volta e mantendo–se um pouco distantes para não atrapalhar o trabalho de Filipe.
– Eu lhe disse para não cair na água, acalorado e cheio de comida daquele jeito, mas ele não prestou a menor atenção – ciciou Leonato a Perdicas. – Disse que já tinha feito isto mil vezes e que nunca lhe acontecera coisa alguma.
– Há sempre uma primeira vez – replicou Filipe virando–se para trás. – Vocês são todos uns desgraçados, uns pilantras. Quando irão entender que já são adultos? Que são responsáveis por uma nação inteira? Por que não impediram? Por quê?
– Mas nós tentamos... – procurou justificar–se Lisímaco.
– Tentaram uma ova, seus cabeças de vento irresponsáveis! – praguejou Filipe entre os dentes começando a massagear o corpo do rei. – E sabem por que aconteceu? Hem? Não sabem, não é? – Os jovens estavam cabisbaixos, como alunos diante do mestre. – Este rio se enche com as neves do Tauro que se derretem no calor do verão, mas o seu curso é tão curto e o desnível tão rápido que não dá para a água se aquecer, e ela chega ao mar tão fria como se recém saída da geleira. É como se tivesse entrado nu no meio da neve!
Enquanto isto Leptine ajoelhara–se ao lado da banheira e esperava as ordens do médico.
– Isso mesmo, muito bem, procure ajudar–me. Continue a massageá–lo assim, do estômago para cima, devagar. Vamos tentar reativar a digestão.
Heféstion aproximou–se apontando o dedo bem embaixo do seu nariz.
– Escute bem, ele é o rei, faz o que bem entender e nenhum de nós pode impedir. Está claro? O seu trabalho é curá–lo, só isto!
Filipe fitou–o fixamente nos olhos.
– Não fale comigo desse jeito, pois não sou seu escravo. Faço o que tenho de fazer e o faço como bem quiser, claro? E agora sumam daqui, todos para fora!
– Aí, enquanto se afastavam, acrescentou: – Exceto um. Preciso de um de vocês para me ajudar.
Heféstion virou–se.

– Posso ser eu?
– Sim – resmungou Filipe –, mas fique sentado naquela cadeira e não me amole.
Nesta altura o rei readquirira alguma cor, mas continuava inconsciente e de olhos fechados.
– Precisamos esvaziá–lo – afirmou Filipe. – Imediatamente. Do contrário não vai conseguir viver. Leptine, preparou o que pedi?
– Preparei.
– Então traga para mim. Eu mesmo me encarrego da massagem.
Leptine voltou com uma ampola cheia de um líquido de um verde intenso.
– Isso, agora ajude–me – ordenou Filipe. – Você, Heféstion, mantenha a sua boca aberta: precisa tomar toda a decocção.
Heféstion fez o que pôde e o médico gotejou devagar o líquido entre os lábios de Alexandre. Por algum tempo o soberano não manifestou reação alguma, mas de repente teve um sobressalto e começou a vomitar.
– O que lhe deu? – perguntou Leptine, assustada.
– Um emético, que já está agindo, e também um fármaco que provocou uma reação no seu organismo já conformado com a morte.
Alexandre vomitou por um bom tempo, enquanto Leptine segurava a sua testa e os serviçais, que logo acudiram, limpavam o chão em volta da banheira. Depois foi tomado por violentas convulsões que lhe sacudiram o peito com agoniados estertores.
O fármaco de Filipe era um poderoso remédio: induziu uma violenta reação no corpo do rei, mas deixou–o muito fraco. Safou–se, mas teve de enfrentar uma longa convalescença com numerosas recaídas nas quais reaparecia uma febre obstinada e insidiosa que o consumia lentamente por vários dias.
Passaram–se meses antes que a melhora ficasse evidente e, enquanto isto, os homens haviam perdido o entusiasmo e diziam que o soberano tinha morrido mas que ninguém tinha a coragem de dar–lhes a notícia. Finalmente, no começo do outono, Alexandre pôde levantar–se e mostrar–se à tropa para reanimá–la, mas aí teve de acamar–se mais uma vez.
Afinal começou a passear pelo quarto, com Leptine que corria atrás dele com um prato de sopa, suplicando:

– Tome, meu senhor, tome que lhe fará bem.
Filipe costumava fazer a sua visita diária no fim da tarde. Passava o resto do seu tempo no acampamento pois muitos soldados haviam adoecido devido à mudança de clima e de comida. Vários estavam com diarréia, outros com febre, vômito e enjôos.
Certa tarde Alexandre estava sentado à mesa onde voltara a tratar da correspondência que chegava da Macedônia e das províncias subjugadas quando entrou um mensageiro trazendo um papiro com o selo do general Parmênio. O rei abriu–o, mas naquela mesma hora chegou Filipe.
– Como estamos, hoje, senhor? – perguntou começando logo a preparar a poção que tencionava lhe administrar.
Alexandre deu uma lida na mensagem do velho general que dizia:
Parmênio ao rei Alexandre, salve!
Fui sigilosamente informado que o seu médico Filipe vendeu–se aos persas e está lhe envenenando. Tome cuidado.
– Razoavelmente bem – respondeu. E estendeu a mão para pegar a taça com o remédio.
Com a outra entregou o bilhete a Filipe que o leu enquanto Alexandre bebia a poção.
O médico não perdeu a compostura e, quando o rei acabou de engolir, guardou o resto do remédio em um jarro e disse:
– Tomará outra dose esta noite antes de dormir. Amanhã começará a comer alguma coisa sólida: deixarei com Leptine as prescrições para a sua dieta. Tem de segui–las à risca.
sabia?
– Farei isto – assegurou–lhe o rei.
– Então eu volto logo para o acampamento. Há muita gente passando mal,
– Eu sei – respondeu Alexandre. – E isto não é bom. Dario está se aproximando, eu sinto. Preciso recuperar as minhas forças de qualquer maneira. – Aí, quando Filipe já se despedia, perguntou: – Quem acha que foi?
Filipe deu de ombros.
– Não tenho nenhuma idéia. Mas há alguns jovens cirurgiões muito bons e muito ambiciosos que poderiam aspirar ao meu cargo de arquiatra. Se me acontecer alguma coisa, alguém poderá ficar no meu

lugar.
– Dê–me apenas alguns nomes e eu...
– Não, meu senhor. Em breve precisaremos de todos os nossos cirurgiões e nem sei se serão suficientes. Obrigado, de qualquer modo, pela confiança – acrescentou, e saiu fechando a porta atrás de si.



CAPÍTULO 48

A esquadra de Nearcos lançou âncora diante de Tarso em meados do outono e o almirante desembarcou para cumprimentar e abraçar Alexandre que já estava completamente restabelecido.

– Já sabe que Dario tenciona barrar o nosso avanço nas Portas Sírias? – perguntou o rei.

– Perdicas me contou. Infelizmente a sua doença deve ter–lhe dado todo o tempo de que precisava para fortalecer as suas posições.

– É verdade, mas escute o meu plano: desceremos ao longo da costa, aí viraremos para o passo e mandaremos alguns exploradores a fim de saber onde está Dario. Precisaremos desbaratar a sua guarnição com um assalto de surpresa e então avançar com todo o exército e atacar as suas tropas na planície. Seja como for, eles têm uma esmagadora superioridade numérica: dez para um.

– Dez para um?

– São estas as notícias. Deixarei os doentes e os convalescentes em Isso e aí começarei a marcha para o desfiladeiro. Partiremos amanhã de manhã. Você nos acompanhará com a frota de agora em diante ficaremos a distância de sinalização direta.

Nearcos voltou ao seu navio e no dia seguinte zarpou rumando para o sul enquanto a tropa seguia na mesma direção ao longo da costa.

Chegaram a Isso, uma pequena cidade aninhada no sopé das montanhas que se erguiam em volta como as arquibancadas de um teatro, e o rei deu instruções para nela aquartelar os homens que não estavam em condições de lutar. Logo a seguir retomou o caminho para o passo das Portas Sírias.

Na tarde seguinte mandou em exploração os batedores, enquanto a capitânia de Nearcos enviava sinais avisando que o mar se encapelava e que uma tempestade estava chegando.

– Só nos faltava isto! – praguejou Perdicas. Os seus homens tentavam montar as tendas que o vento cada vez mais forte fazia estalar e voar como as velas de um navio no meio da borrasca.

Quando, ao escurecer, o acampamento ficou finalmente pronto, o

temporal chegou, com pancadas de chuva, raios ofuscantes e trovões que ribombavam nas encostas das montanhas.
Nearcos mal tivera tempo para abrigar–se perto da costa e os seus homens fincavam agora a marretadas as amarras na areia da praia para nelas segurar os cabos que os companheiros lançavam da popa.
Finalmente a situação pareceu estar sob controle e todo o estado maior reuniu–se na tenda de Alexandre para consumar um modesto jantar e avaliar os planos para o dia seguinte. Já estava quase na hora de dormir quando chegou um mensageiro de Isso, encharcado de chuva e de lama, que se apresentou ofegante diante do rei. Todos ficaram de pé.
– O que está acontecendo? – perguntou Alexandre.
– Senhor – começou o homem logo após retomar o fôlego –, o exército de Dario pegou–nos pelas costas, em Isso.
– O quê? Andou bebendo?
– Não, infelizmente. Caíram em cima de nós de repente, ao anoitecer: pegaram as sentinelas de surpresa e aprisionaram todos os soldados doentes ou convalescentes que deixaram para trás.
Alexandre deu um soco na mesa.
– Maldição! Agora terei de negociar com Dario para que nos sejam devolvidos.
– Não temos outra escolha – disse Parmênio.
– Mas como é que eles puderam nos pegar pelas costas? – perguntou Perdicas.
– Por aqui não passaram: quem está aqui somos nós – observou Seleuco, com um tom muito frio, como se quisesse convidar todos à calma. – Pelo mar tampouco: Nearcos os teria visto.
Ptolomeu aproximou–se do mensageiro.
– E se fosse uma armadilha para nos manter longe do passo e dar ao Grande Rei tempo suficiente para subir e investir contra nós lá de cima? Eu não conheço este homem. Alguém o conhece?
Todos aproximaram–se para dar uma olhada no mensageiro que recuou atemorizado.
– Eu nunca o vi antes – disse Parmênio.
– Eu tampouco – confirmou Cratero fitando–o com desconfiança.
– Mas senhor... – implorou o mensageiro.
– Tem alguma senha? – perguntou Alexandre.
– Eu não... Não houve tempo, rei. O meu comandante só disse para eu

correr, e pulei no cavalo na mesma hora.
– Quem é o seu comandante?
– Amintas de Lincéstide, senhor.
Alexandre ficou sem palavras e trocou um rápido olhar significativo com Parmênio. Na mesma hora um relâmpago brilhou tão intenso que o seu clarão penetrou dentro da tenda iluminando o rosto dos presentes numa reverberação espectral. E logo depois ouviu–se um estrondo ensurdecedor.
– Só há um jeito de sabermos o que está realmente acontecendo – disse Nearcos quando o fragor se apagou ao longe, na direção do mar.
– Qual seria? – perguntou o rei.
– Vou voltar para averiguar. De navio.
– Está louco! – exclamou Ptolomeu. – Irá a pique.
– Não necessariamente. O vento está virando do sul: com um pouco de sorte posso conseguir. Não se mexam daqui até eu voltar ou mandar uma mensagem. A senha será "Posêidon".
Puxou o capuz da capa por cima da cabeça e saiu na chuva insistente.
Alexandre e os companheiros foram atrás dele com umas lanternas. Nearcos subiu a bordo da sua capitânia e ordenou que seus homens soltassem as amarras e baixassem os remos ao mar. Logo a seguir o navio virou rumando para o norte e, enquanto se afastava da praia, desfraldou na proa o branco fantasma de uma vela.
– Está louco – resmungou Ptolomeu tentando proteger os olhos das rajadas de chuva. – E ainda içou a vela.
– Não, não está louco – rebateu Eumênio. – É o melhor marujo que já navegou daqui até as colunas de Hércules, e sabe disto.
A mancha esbranquiçada da vela de proa foi logo engolida pelas trevas e todos voltaram para a tenda do rei para aquecerem–se um pouco em torno do braseiro antes do repouso noturno. Alexandre estava transtornado demais para dormir e ficou longamente sob o telheiro da entrada contemplando a fúria da tempestade e dando de vez em quando uma olhada em Péritas que gania lamentosamente a cada estrondo. De repente viu um raio cair num carvalho no topo da colina e estourá–lo.
O grande tronco virou uma tocha e no reflexo das chamas pôde–se por um momento avistar o manto branco de Aristandro e a figura do vidente, imóvel no vento e na chuva, de braços levantados para o céu. Alexandre sentiu um longo calafrio gelar–lhe a coluna e teve a impressão

de ouvir os gritos de muitos homens que morriam, o lamento aflito de muitas almas que partiam antes da hora para o ínferno, e então a sua mente pareceu precipitar–se em uma espécie de obscura inconsciência.
A tempestade enfureceu–se pelo resto da noite e só ao amanhecer as nuvens começaram a rarear deixando transparecer alguns rasgos de azul. Quando o sol finalmente surgiu por trás dos montes do Tauro, o céu já estava claro e as ondas quebravam na praia com longas orlas de cândida espuma.
Os batedores que haviam sido enviados para o sul para explorarem as Portas Sírias voltaram antes do meio–dia e apresentaram ao rei o seu relatório:
– Senhor, não encontramos viva alma lá em cima, e tampouco na planície.
– Não entendo – disse o rei. – Francamente, não entendo. Os "dez mil" também passaram por aqui. Não há outra passagem...
A resposta chegou ao anoitecer com o navio de Nearcos: os homens haviam–se arrebentado remando contra o vento e perto da costa para trazer a notícia da qual Alexandre precisava. Logo que o barco foi avistado, o rei precipitou–se correndo para receber na praia o almirante que ia chegando num bote.
– Então? – perguntou antes mesmo de o outro desembarcar.
– Infelizmente o mensageiro falou a verdade. Estão atrás da gente e são centenas de milhares, com cavalos, carros de combate, fundibulários, arqueiros, lanceiros...
– Mas como...
– Existe outra passagem: as Portas Amânicas, a uns cinqüenta estádios para o norte.
– Eumolpo nos enganou! – praguejou Alexandre. – Encurralou–nos neste buraco entre o mar e as montanhas enquanto Dario vinha por trás ficando entre nós e a Macedônia.
– Isto não quer dizer que ele agiu de propósito – observou Parmênio. – Talvez tenha sido descoberto e forçado a mentir. Ou talvez Dario esperasse pegá– lo de surpresa enquanto ainda estava doente em Tarso.
– Não faz diferença – observou Ptolomeu. – A situação continua a mesma.
– Pois é – completou Seleuco. – Estamos em apuros.
– O que faremos? – perguntou Leonato, levantando o rosto sardento

que até então mantivera apoiado no peito.
Alexandre ficou alguns instantes em silêncio, remoendo os fatos, depois disse:
– Nesta altura Dario sabe perfeitamente onde estamos. Se ficarmos aqui, seremos esmagados.



CAPÍTULO 49

Alexandre convocou o conselho na sua tenda antes do sol raiar. Quase não dormira, mas mostrava–se lúcido e em perfeitas condições físicas.

Expôs o seu plano em poucas palavras:

– Amigos, o exército persa tem sobre nós uma superioridade numérica esmagadora, e portanto precisamos sair daqui quanto antes, pois estamos muito desprotegidos. Temos uma planície bastante ampla atrás de nós, e na frente as montanhas: seremos simplesmente aniquilados se Dario conseguir nos cercar. Precisamos, portanto, voltar atrás e enfrentá–lo em um lugar estreito onde ele não possa aproveitar a sua superioridade.

– Ele não espera este nosso recuo, e assim será apanhado de surpresa. Estão lembrados do local onde o rio Píramo desemboca no mar? Pois bem, esse poderia ser um bom lugar. Os oficiais de rota confirmam que ali o espaço entre as colinas e o mar é no máximo de uns dez ou doze estádios, mas o terreno livre de obstáculos não tem mais de três estádios de largura, o que é muito bom para nós. Escolheremos a formação mais segura: no centro os batalhões da falange dos pezéteros e os aliados gregos; à direita, do lado dos morros, eu mesmo ficarei com a Ponta, liderando os esquadrões de cavalaria dos éteros; na ala esquerda o general Parmênio nos dará cobertura do lado do mar com o resto da infantaria pes4da e a cavalaria tessália. Os trácios e os agrianos ficarão comigo, na segunda linha como forças auxiliares.

– A falange atacará de frente e a cavalaria pelos lados, como em Queronéia, como no Granico. Nada mais tenho a lhes dizer. Que os deuses nos sejam
propícios! Agora juntem–se às suas unidades e perfilem–nas para que eu possa passá–las em revista.

Ainda estava escuro quando o rei, vestindo a sua armadura de combate, o peito coberto por uma couraça de ferro com enfeites de prata e uma górgone em relevo no coração, discursou para as tropas montado em Bucéfalo. À esquerda e à direita estavam perfilados os guardas reais e os

companheiros: Heféstion, Lisímaco, Seleuco, Leonato, Perdicas, Ptolomeu e Cratero, todos cobertos de ferro e bronze da cabeça aos pés, com seus elmos enfeitados por altos penachos que serpeavam no vento frio da manhã outonal.

– Homens! – gritou. – Pela primeira vez, desde que pusemos os pés na Ásia, temos diante de nós o exército persa guiado pelo Grande Rei em pessoa. Pegou– nos de surpresa, por trás, e cortou as nossas linhas de comunicação com a pátria. Tenciona sem dúvida avançar pela costa e nos esmagar contra estas montanhas confiando na sua superioridade numérica. Mas não ficaremos aqui esperando por ele, iremos ao seu encontro e o surpreenderemos em um lugar estreito onde o venceremos. Não temos escolha, homens! Só podemos vencer, pois do contrário seremos aniquilados. Lembrem–se disto: o Grande Rei sempre fica no meio da sua formação. Se conseguirmos matá–lo ou capturá–lo, teremos vencido a guerra e capturado todo o seu império de uma só vez. E agora deixem–me ouvir a sua voz, homens! Deixem–me ouvir o fragor das suas armas!

O clamor da resposta ressoou no ar, depois os oficiais e os soldados tiraram as espadas da bainha e começaram a bater ritmicamente com elas nos escudos, enchendo a planície com um atordoante clangor. Alexandre levantou a lança e incitou Bucéfalo, que logo avançou com passo majestoso, ladeado pelos outros cavaleiros fechados em suas reluzentes armaduras. Logo depois ouviram– se atrás deles os pesados passos cadenciados da falange e o rumorejar de milhares de cascos.

Seguiram durante algumas horas para o norte sem que nada de particular acontecesse, mas pelo meio da manhã um grupo de batedores que haviam saído em exploração voltou apressadamente a galope.

– Rei – gritou o comandante com uma expressão horrorizada no rosto –, os bárbaros mandaram–nos de volta os nossos homens que havíamos deixado em Isso. – Alexandre fitou–o sem entender.

– Mutilaram–nos todos, senhor, cortaram–lhes as mãos. Muitos morreram sangrando, outros arrastam–se penosamente na estrada gritando e gemendo de dor. É terrível.

O soberano cavalgou até ficar diante dos seus soldados torturados. Ao vê– lo, eles levantaram os braços sangrentos, míseros cotos enfaixados de qualquer maneira com sujos farrapos.

O rosto do rei desfigurou–se em uma careta de horror; aí pulou do

cavalo e, gritando e chorando quase fora de si, começou a abraçá–los um depois do outro. Um veterano arrastou–se até os seus pés para dizer alguma coisa, mas faltaram– lhe as forças e agachou–se moribundo na lama. Alexandre começou a gritar:
– Chamem Filipe, chamem os médicos, rápido! Rápido! Que alguém venha cuidar destes homens. – Aí, virando–se para a tropa: – Olhem o que fizeram com os nossos companheiros! Já sabem o que espera por nós se formos derrotados. Nenhum de nós terá paz até vingarmos esta chacina.
Filipe tomou todas as providências possíveis para socorrer os feridos, mandou descarregar alguns carros com os quais levá–los de volta ao acampamento e aí juntou–se novamente às tropas em marcha, sabendo muito bem que ainda naquele dia iriam precisar do seu trabalho.
O exército de Dario foi avistado pelo meio–dia, perfilado sobre uma ampla frente ao longo da margem setentrional do rio Píramo. Era um espetáculo impressionante: pelo menos duzentos mil guerreiros em formação de combate, dispostos em várias fileiras e antecedidos por carros de guerra armados com foices que sobressaíam ameaçadoras dos eixos das rodas. Nos flancos havia os cavaleiros medas, cisseus, saca, ircanos; no centro, atrás dos carros, via–se a infantaria dos Imortais, a guarda de Dario, com as aljavas de prata, as lanças de pontas douradas e os grandes arcos de dupla envergadura a tiracolo.
– Deuses do Olimpo, que multidão! – exclamou Lisímaco.
Alexandre nada disse, estava observando o centro da formação inimiga à cata do carro do Grande Rei. Ptolomeu trouxe–o de volta à imediata realidade.
– Olhe! Os persas estão nos cercando pela direita!
O rei virou–se para as colinas e viu um esquadrão de cavalaria que se lançava numa manobra envolvente.
– Não podemos enfrentá–los de tão longe. Mandem os trácios e os agrianos detê–los. Não podem passar de forma alguma. Que seja dado o sinal, estamos a ponto de atacar!
Ptolomeu lançou–se a galope rumo ao contingente dos trácios e dos agrianos e enviou–os para as colinas, Heféstion acenou para os corneteiros e eles encheram o ar com os seus toques. Mais toques responderam da ala esquerda e o exército avançou, tanto a infantaria quanto a cavalaria, a passo.

– E olhe aquilo! – observou Heféstion. – Infantaria pesada grega! Posicionaram–na bem no meio.
– E lá embaixo – interveio Perdicas – estão fincando estacas pontudas no chão.
– E o rio está cheio – acrescentou Lisímaco. – Com a chuva desta noite...
Alexandre continuava calado e olhava para os agrianos e os trácios que já
se haviam engajado no combate e estavam rechaçando os persas. Agora faltava pouco para chegarem ao Píramo. O rio não era profundo, mas as suas águas turvas corriam caudalosas entre as margens lamacentas. O rei voltou a levantar o braço e os clarins tocaram o sinal de ataque.
A falange baixou as sarissas e foi a carga, a cavalaria tessália lançou–se a galope pelo lado esquerdo e Alexandre esporeou Bucéfalo levando consigo os éteros. Abriu o mais possível para a direita e, antes que os persas pudessem detê– lo, entrou com o cavalo no rio onde ele era mais estreito acompanhado pelo esquadrão inteiro, então deu uma guinada e arremeteu contra o flanco da formação adversária empunhando a lança.
Na mesma hora a falange entrou no Píramo e começou a galgar a margem direita, mas viu–se diante da infantaria pesada dos mercenários gregos que formavam um conjunto extremamente compacto. O terreno acidentado e escorregadio, a presença de pedras no leito e na margem desagregaram a formação macedônia e os gregos invadiram estas brechas travando furibundos corpo a corpo com os pezéteros.
Cratero, que combatia a pé à direita da falange, percebeu o perigo mortal e mandou tocar os clarins para chamar os "escudeiros" da reserva e preencher as lacunas. Muitos dos éteros, com efeito, haviam sido forçados a abandonar as sarissas e a desembainhar as curtas espadas para enfrentar o ataque furioso dos mercenários gregos, e estavam agora numa situação crítica.
Enquanto isto, do lado esquerdo, Parmênio havia lançado os seus cavaleiros tessálios contra a ala direita dos persas em ondas sucessivas, um esquadrão depois do outro. Cada onda arremessava uma nuvem de dardos e aí voltava, enquanto uma segunda e uma terceira iam à carga quase sem intervalo. Os ircanos e os saca por sua vez reagiram com ataques furiosos protegidos pelos densos enxames de setas dos arqueiros cisseus e um esquadrão de carros também entrou na rinha, mas o terreno acidentado não lhes era favorável: muitos deles viraram e os

cavalos fugiram apavorados e arrastaram atrás de si os aurigas presos pelos pulsos às rédeas, estraçalhando–os nas pedras.
A batalha enfureceu por horas a fio, com os persas que continuavam a mandar avançar tropas sempre frescas tirando–as das suas aparentemente inesgotáveis reservas. Em certa altura uma unidade de "escudeiros" chefiada por Cratero conseguiu infiltrar–se por trás da infantaria mercenária grega desagregando a sua solidez e isolando–a do resto do exército persa.
Exaustos da longa luta, oprimidos pelo peso das maciças armaduras, espremidos entre duas linhas de inimigos, os infantes mercenários começaram a ceder e a dispersar–se e foram aniquilados pela cavalaria tessália. Os "escudeiros"
escorreram então pelos lados, a falange dos pezéteros voltou a cerrar fileiras, baixou as sarissas e avançou contra a frente dos dez mil Imortais de Dario que se moviam pesadamente, escudo contra escudo, também empunhando as lanças. Ouviu–se o toque agudo de um clarim na retaguarda e logo a seguir um trovão dominou aquele inferno de gritos, relinchos e rangidos de armas que se chocavam: o trovão de Queronéia!
O gigantesco tambor transportado em pedaços havia sido remontado e chegava agora, puxado por oito cavalos, à linha de combate para juntar a sua voz poderosa aos berros dos guerreiros. Os pezéteros gritaram:
Alalalài!
E lançaram–se adiante quase correndo, esquecidos do cansaço e da dor das feridas. Sujos de lama e de sangue até o peito, pareciam desenfreadas fúrias do ínfero, mas os imortais do Grande Rei não se apavoraram e por sua vez atacaram com ainda intacta energia. As duas frentes ondearam no titânico choque e mais de uma vez avançaram e recuaram no alternado impulso dos furiosos ataques.
Na ala direita Alexandre, sempre na primeira linha e precedido pelo porta– bandeira que empunhava o estandarte vermelho com a estrela argeade de dezesseis pontas, lançava contínuos assaltos, mas os esquadrões dos cavaleiros árabes e assírios sempre contra–atacavam com obstinado valor, protegidos pelos densos enxames de setas dos arqueiros medas e armênios. Quando o sol já começava a baixar sobre o mar, os trácios e os agrianos conseguiram finalmente levar a melhor sobre a cavalaria persa que haviam enfrentado, recompuseram as
suas fileiras e foram auxiliar as unidades de infantaria empenhadas no

violento corpo a corpo. A sua chegada insuflou novo vigor aos pezéteros esgotados pela interminável batalha e Alexandre renovou a carga da Ponta soltando um berro selvagem e incitando Bucéfalo. O generoso animal percebeu o ímpeto do seu cavaleiro, ergueu–se sobre as patas traseiras com um relincho, e aí lançou–se em frente abrindo caminho entre a multidão de inimigos com irrefreável potência.
O carro de guerra de Dario já estava à vista a menos de cem pés de distância e isto aumentou desmedidamente as energias de Alexandre, que seguiu adiante matando um depois do outro, a golpes de espada, todos aqueles que procuravam detê–lo.
De repente, quase alucinado pelo esforço, o soberano macedônio viu–se face a face com o seu adversário e por um instante os dois reis fitaram–se nos olhos. Na mesma hora, porém, Alexandre sentiu uma terrível fisgada na coxa e viu que uma seta se fincara no lado dela, um pouco acima do joelho. Cerrou os dentes e arrancou–a reprimindo a dor excruciante, mas quando levantou os olhos Dario já não estava lá: o seu auriga dera meia volta e estava agora fustigando violentamente os cavalos dirigindo–os para as colinas, rumo ao caminho que levava às Portas Amânicas.
Perdicas, Ptolomeu e Leonato cercaram o rei ferido criando o vazio a volta dele, enquanto Alexandre gritava:
– Dario está fugindo! Atrás dele! Atrás dele!
Oprimidos pelos ataques concêntricos dos esquadrões adversários, os persas começaram a vacilar e a dispersar–se. Somente os Imortais mantiveram com firmeza as suas posições: fecharam–se formando um quadrado e continuaram a rechaçar os ataques inimigos sem arredar pé.
Alexandre rasgou uma tira do manto, enfaixou a coxa com ela e lançou–se novamente em perseguição. Um cavaleiro da guarda real surgiu diante dele de sabre em punho, mas o rei tirou do estribo o machado de dois gumes e vibrou um grande golpe que destroçou a lâmina do adversário que, por um momento, ficou atônito e desarmado. O rei levantou a arma mais uma vez para acabar com ele, mas naquele instante, por um estranho jogo de luz do sol moribundo, reconheceu– o. Reconheceu o rosto moreno e a barba corvina do arqueiro que, de uma distância de cem passos, tinha abatido com uma única flechada a leoa que arremetera contra ele muitos anos antes, em um dia longínquo, durante uma caçada festiva na planície florida da Eordéia.

O persa também o reconheceu e ficou olhando para ele, mudo, como se tivesse sido atingido por um raio.
– Que ninguém toque neste homem! – gritou Alexandre, e lançou–se novamente a galope atrás dos companheiros.
A perseguição a Dario continuou durante horas. As vezes a quadriga real aparecia ao longe para em seguida desaparecer de novo pelos caminhos ocultos e perdidos entre os bosques que cobriam o cume dos morros. De repente, logo após uma curva da estrada, Alexandre e os seus amigos viram–se diante do carro, abandonado, do Grande Rei: e lá estava o manto real pendurado em um canto, a aljava de ouro, a lança e o arco.
– É inútil continuar – observou Ptolomeu. – Já está escuro e o Grande Rei deve estar fugindo com um cavalo descansado: nunca o alcançaremos. E você
está ferido – acrescentou olhando a coxa ensangüentada de Alexandre. – Vamos voltar: os deuses já nos concederam muito por hoje.



CAPÍTULO 50

Alexandre voltou ao acampamento quando já era noite, sujo de sangue e enlameado até a ponta dos cabelos, após atravessar a planície salpicada de fogueiras, cadáveres e carcaças de animais. Bucéfalo também estava coberto por uma camada de lama sangrenta meio ressecada que lhe dava a cor espectral de uma assombração, de um pesadelo.

Os seus companheiros cavalgavam ao lado e atrás dele, e puxavam o carro de guerra do Grande Rei atrelado aos arreios dos seus corcéis.

O acampamento persa já havia sido totalmente despojado e saqueado pelos soldados macedônios, mas os pavilhões reais estavam intactos porque pertenciam de direito a Alexandre.

A tenda de Dario era gigantesca, toda em couro trabalhado e decorado, com cortinas de púrpura e ouro. As estacas de sustentação eram de cedro esculpido e laminadas com ouro fino. O chão estava coberto pelos mais preciosos tapetes que se pudessem imaginar. Pesadas cortinas de bisso branco, vermelho e azul dividiam o interior em vários ambientes, como se aquele fosse de fato um alojamento estável, com a sala do trono para as reuniões, a sala de jantar, o quarto de dormir com o monumental dossel coroando o leito e o quarto de banho.

Alexandre olhava em volta quase sem conseguir entender que toda aquela riqueza e todo aquele incrível luxo estavam à sua completa disposição. A banheira, as ânforas e as conchas para verter a água eram de ouro maciço e as criadas e os jovens eunucos de Dario, todos de notável beleza, haviam preparado o banho para o seu novo amo e mostravam-se dispostos, trêmulos de medo, a satisfazer-lhe qualquer capricho.

Deu mais uma olhada cheia de pasmo em volta e murmurou, quase falando consigo mesmo:

– Quer dizer, então, que ser rei significa isto tudo, afinal. – Acostumado com a austera simplicidade do seu palácio de Péla, esta tenda parecia-lhe a morada de um deus.

Aproximou-se, coxeando devido à dor na perna ferida, e logo as

mulheres cercaram–no com mil atenções, despiram–no e ajudaram–no a deitar–se. Enquanto isto, porém, Filipe chegara correndo para visitá–lo e tomar conta dele: o médico instruiu as jovens criadas acerca da maneira como podiam dar–lhe o banho sem provocar uma nova hemorragia. Aí mandou o rei deitar–se sobre uma mesa e com a ajuda dos seus assistentes operou–o. Limpou e drenou o ferimento, depois suturou–o cuidadosamente e protegeu–o com ataduras. Alexandre não soltou um gemido sequer, mas aquele enorme esforço, somando–se às lidas sobre–humanas do dia, prostrou–o por completo e, logo após Filipe terminar o seu trabalho, o rei caiu no sono mais profundo.

Leptine pediu que a ajudassem a colocá–lo na cama, e então mandou todos embora e deitou–se nua ao seu lado para aquecê–lo na fria noite de outono.

Foi acordado no dia seguinte pelo pranto desesperado que vinha da tenda ao lado. Instintivamente apoiou a perna no chão e o seu rosto logo se contraiu em uma careta de dor. A perna estava dolorida, mas a drenagem aplicada por Filipe com um pequeno canudo de prata impedira que inchasse. O rei estava fraco, mas mesmo assim capaz de movimentar–se e de transgredir as ordens do médico que o mandara ficar de cama durante uma semana.

Pediu que o vestissem depressa e sem nem mesmo comer alguma coisa saiu coxeando para descobrir a origem daqueles lamentos. Heféstion, que tinha dormido na ante–sala com Péritas, aproximou–se oferecendo–lhe o braço, mas Alexandre recusou a ajuda.

– O que está acontecendo? – perguntou. – O que significam estes gemidos?

– Naquela tenda estão a rainha mãe, a mulher de Dario e algumas das suas trezentas e sessenta e cinco concubinas. As outras ficaram em Damasco. Viram o carro de guerra de Dario, o seu manto e a sua aljava e estão achando que ele morreu.

– Então é melhor tranqüilizá–las.

Fizeram–se anunciar por um eunuco para evitar qualquer constrangimento das mulheres e entraram juntos. A rainha mãe, com o rosto riscado de lágrimas e manchado de bistre, teve um momento de atônita hesitação e em seguida jogou– se aos pés de Heféstion pensando que ele fosse o rei, sendo o mais alto e imponente dos dois. O eunuco, que entendera perfeitamente a situação, empalideceu e murmurou em

persa que o soberano era o outro.
A rainha meneou a cabeça, confusa, e prostrou–se diante de Alexandre com gemidos ainda mais desesperados e implorando o seu perdão, mas o rei inclinou– se, ajudou–a a levantar–se e, enquanto o eunuco traduzia para a língua dela, disse:
– Não faz mal, minha senhora: ele também é Alexandre. – E vendo que a mulher se reanimava aos poucos acrescentou: – Não chore e não se desespere, eu lhe peço. Dario está vivo. Abandonou a quadriga e o manto real e fugiu a cavalo para ser mais rápido e ligeiro. Agora já deve estar em segurança.
A rainha mãe curvou–se de novo para segurar–lhe a mão e continuar a beijá–la sem parar. A mulher do Grande Rei também aproximou–se para prestar– lhe a mesma homenagem e o soberano ficou pasmo diante da sua incrível beleza. Mas aí, olhando em volta, percebeu que as concubinas também eram maravilhosas, tanto assim que ciciou no ouvido de Heféstion:
– Por Zeus, estas mulheres são uma verdadeira tortura para os olhos! – Mas percebia–se que procurava com o olhar um rosto em particular.
– Não há outras mulheres no acampamento? – perguntou.
– Não – respondeu Heféstion.
– Tem certeza?
– Absoluta. – E aí, acreditando perceber alguma decepção no amigo, acrescentou: – Mas em Damasco ficou o séquito inteiro do rei. Talvez lá possa encontrar quem está procurando.
– Não estou procurando ninguém – replicou Alexandre, ríspido. Virou–se então para o eunuco: – Diga à rainha mãe, à esposa de Dario e a todas as demais mulheres que serão tratadas com respeito e que nada têm a recear. Que peçam livremente aquilo que precisam, pois, nos limites do possível, seus desejos serão satisfeitos.
– A rainha e a rainha mãe agradecem, senhor – traduziu o eunuco – e pela sua piedade e bondade de alma invocam para você a bênção de Ahura Mazda.
Alexandre fez um sinal com a cabeça, aí saiu acompanhado por Heféstion e mandou recolher os mortos para honrá–los com solenes rituais fúnebres.
Naquela noite Calístenes escreveu no seu relato que só haviam morrido trezentos e nove macedônios, mas o balanço foi muito mais amargo e o

rei arrastou–se longamente, coxeando, entre os corpos exânimes horrivelmente mutilados e deu–se conta de que eram milhares. O maior número de perdas acontecera no meio, no local onde estavam posicionados os mercenários gregos.
Foram cortadas dúzias de árvores nas colinas e ergueram–se piras gigantescas nas quais foram queimados os cadáveres, diante de todo o exército perfilado. Quando as pompas fúnebres terminaram, Alexandre passou em revista os seus soldados, precedido pelo estandarte vermelho e com a coxa vistosamente enfaixada e manchada da mesma cor. Teve uma palavra de elogio e de estímulo para todas as unidades, assim como para todos os homens que ele vira pessoalmente lutar com valor. A muitos deu um presente pessoal, alguma coisa que pudessem guardar como lembrança.
No fim, gritou:
– Sinto orgulho de vocês, homens! Derrotaram o mais poderoso exército do mundo. Nenhum grego ou macedônio jamais conquistou, até agora, um território tão vasto! São os melhores, são invencíveis: não existe em lugar algum força capaz de detê–los!
Os soldados responderam com um coral de gritos frenéticos, enquanto o vento dispersava as cinzas dos seus companheiros mortos e levava para cima uma miriade de faíscas, para o cinzento céu do outono.
No fim da tarde Alexandre fez–se levar para o local onde era mantido prisioneiro o guerreiro persa que ele mandara poupar no campo de batalha. O homem estava sentado no chão de mãos e pés amarrados e o rei, logo que o viu, ajoelhou–se ao seu lado para desatar pessoalmente os nós. Aí, ajudando–se com gestos, perguntou:
– Lembra–te de mim?
O homem entendeu e assentiu.
– Salvou a minha vida.
O guerreiro sorriu e acenou que houvera mais um garoto, naquele dia, caçando o leão.
– Heféstion – explicou Alexandre. – Está em algum lugar por aí. Continua o mesmo.
O homem sorriu mais uma vez.
– Está livre – disse Alexandre, e acompanhou as palavras com um gesto eloqüente. – Pode voltar ao seu povo e ao seu rei.
O guerreiro parecia não entender e então o rei mandou buscar um

cavalo e entregou as rédeas nas suas mãos.
– Pode ir. Deve ter alguém esperando por você em casa. Alguns meninos? – perguntou indicando com a mão de palma para baixo mais ou menos a altura da cabeça de urna criança.
O homem levantou a palma na altura de um adulto e Alexandre sorriu.
– Pois é, o tempo passa.
O persa fitou–o com uma expressão grave e intensa e os seus olhos extremamente negros brilharam comovidos enquanto levantava a mão até o coração e depois a encostava no peito de Alexandre.
– Vá – incitou–o o soberano – antes que fique escuro demais.
O guerreiro murmurou alguma coisa na sua língua, pulou no cavalo e desapareceu ao longe.
Naquela mesma noite foi encontrado no acampamento persa o egípcio Sisínio, que um ano antes provocara a prisão do príncipe Amintas de Lincéstide com o seu testemunho, insinuando que ele poderia ter–se deixado corromper para matar Alexandre e substituí–lo no trono. Ptolomeu instruiu um rápido processo e o homem foi reconhecido sem sombra de dúvida como um espião persa, mas antes de mandá–lo executar pediu a presença de Calístenes, que certamente gostaria de receber dele algumas respostas.
Logo que o viu, o egípcio jogou–se aos seus pés.
– Suplico a sua misericórdia! Os persas prenderam–me para forçar–me a dar informações sobre o seu exército, mas eu não disse uma só palavra, eu não...
Calístenes calou–o com um gesto da mão.
– Sem dúvida os persas tratam muito bem os prisioneiros, uma vez que tinha uma tenda luxuosa, dois escravos e três criadas. E onde estão os sinais das torturas às quais te sujeitaram? Você tem um aspecto bastante saudável.
– Mas eu...
– A única possibilidade que tem de salvar–se é falando – insistiu o historiador. – Quero saber tudo, principalmente a respeito da história do príncipe Amintas, da carta de Dario, do dinheiro que ele teria prometido para que matasse Alexandre e assim por diante.
O rosto de Sisínio readquiriu alguma cor.
– Meu ilustre amigo – começou –, era minha intenção não revelar aspectos muito delicados e sigilosos do meu trabalho, mas estando em

jogo a minha vida, mesmo que a contragosto vejo–me forçado... – Calístenes deixou entender com um gesto que não tinha tempo a perder.
– Pois bem, eu posso demonstrar que, como sempre afirmei, nada mais fiz a não ser servir fielmente a serviço do trono macedônio: foi seguindo as ordens da rainha mãe Olympias que eu inventei toda essa história.
Calístenes lembrou o gosto da tinta que encontrara naquela carta, um gosto bastante familiar.
– Continue – ordenou.
– Pois bem, a rainha mãe Olympias estava muito preocupada com o fato de, mais cedo ou mais tarde, Amintas tornar–se uma ameaça para o seu filho Alexandre. Sabe que ele está longe, em terras distantes, correndo mil perigos. O que iria acontecer se Alexandre fosse derrotado? As tropas poderiam proclamar Amintas rei e obter em troca a volta para casa e uma vida menos sacrificada. Mandou então escrever uma mensagem por um escravo persa que lhe havia sido doado por Filipe, fez imitar perfeitamente os selos dos bárbaros copiando–os de antigas cartas guardadas nos arquivos da chancelaria do palácio e honrou–me com a sua confiança entregando–me...
– Entendi – interrompeu Calístenes. – Mas... o que me diz do mensageiro persa?
Sisínio pigarreou:
– A delicadeza do meu trabalho forçou–me a freqüentar ambientes persas onde tenho amigos influentes. Não foi difícil convencer o governador de Nisibis a confiar–me um mensageiro persa que entregasse um documento.
– E depois matá–lo com veneno quando já temia que ele falasse.
– E sempre melhor manter–se precavido – replicou o egípcio, impassível.
– Embora aquele pobre coitado não tivesse lá grande coisa para contar.
"Desta forma" – pensou Calístenes – "você fica sendo o único depositário da verdade: mas qual verdade?"
Logo a seguir disse:
– Isto explica muitas coisas, mas não a sua presença aqui, cercado de luxo e atenções. Na verdade, aliás, nada indica que a carta não fosse verdadeira.
– Concordo contigo que tal eventualidade poderia não ser descartada.
O historiador calou–se mais uma vez absorto em seus pensamentos: persistia de qualquer maneira a possibilidade do Grande Rei ter tentado

subornar Amintas, mas não havia indício algum apontando o príncipe como conivente, à parte a insinuação de Sisínio. Decidiu assumir pessoalmente a responsabilidade da decisão. Levantou os olhos para o interlocutor.
– É melhor que me diga a verdade. É um informante do reino macedônio encontrado em situação bastante comprometedora em um acampamento persa.
Ptolomeu não tem a menor dúvida de que seja um espião.
– Meu nobre senhor – respondeu o egípcio –, eu agradeço aos deuses que me enviaram um homem inteligente e ajuizado com o qual é possível manter um diálogo. Disponho de uma considerável quantia de dinheiro depositada em Sídon e, se porventura chegarmos a um acordo, lhe darei uma versão dos fatos aceitável que você poderá corroborar junto ao comandante Ptolomeu.
– É melhor que me diga a verdade – repetiu Calístenes fazendo–se de desentendido.
– Digamos que decidi trabalhar por conta própria e que, considerando os meus contatos, o Grande Rei achava que eu pudesse voltar à Anatólia para convencer os governos de algumas cidades a reabrirem os seus portos para a sua frota e...
– E cortar as nossas linhas de comunicação com a Macedônia.
– Quinze talentos bastariam para convencê–lo da minha inocência? O historiador fitou–o com um olhar ambíguo.
– E mais vinte para o comandante Ptolomeu? Calístenes hesitou um pouco antes de responder:
– Sim, creio que serão suficientes.
Aí saiu da tenda e foi até Ptolomeu.
– Quanto mais cedo, melhor – disse–lhe. – Além de ser um espião, o sujeito também é depositário de alguns segredos um tanto embaraçosos que têm a ver com a rainha e...
– Nem mais uma palavra. Afinal, nunca simpatizei com os egípcios.
– Não diga uma coisa dessas – replicou Calístenes. – Não vai demorar para que você conheça um montão deles. Andam dizendo que Alexandre quer conquistar o Egito.

CAPÍTULO 51

De Damasco, aonde havia sido enviado a marchas forçadas, Parmênio mandou avisar que ocupara os alojamentos reais e se apoderara das reservas em dinheiro e do séquito do Grande Rei:

Ao todo, dois mil e seiscentos talentos em moedas de prata e quinhentas minas (Antiga medida de peso equivalente a 1OO dracmas, isto é, cerca de 36O gramas) em lingotes, além de trezentas e cinqüenta concubinas, trezentas e vinte e nove tocadoras de flauta e de harpa, trezentos cozinheiros, setenta provadores de vinho, treze doceiros e quarenta perfumistas.

– Por Zeus! – exclamou Alexandre quando terminou a leitura. – Isto é que se chama saber viver!

– Também tenho uma mensagem pessoal de viva voz – acrescentou o mensageiro depois do rei enrolar a carta.

– Fale. Do que se trata?

– O general Parmênio informa que há uma dama em Damasco que voltará com ele junto com os dois filhos. O nome dela é Barsine.

Alexandre meneou a cabeça quase não acreditando no que acabava de ouvir.

– Não é possível – murmurou.

– É isto mesmo – replicou o mensageiro. – O general disse que um velho soldado poderá falar a senha, se ficar desconfiado.

– Entendi – interrompeu Alexandre. – Está bem, pode ir.

Voltou a vê–la oito dias mais tarde, uma espera que lhe pareceu uma eternidade. Misturando–se entre os soldados, viu–a passar a cavalo no cortejo real, entre duas fileiras de éteros da guarda de Parmênio. Vestia calças citas de couro e um casaco cinzento de feltro, seus cabelos estavam presos na nuca por dois alfinetes e, se possível, era ainda mais bonita do que da primeira vez.

O rosto tornara–se levemente mais pálido, os traços mais finos, de forma que os grandes olhos negros sobressaíam ainda mais e brilhavam com uma luz tão intensa e vibrante quanto a das estrelas.

Só foi visitá–la muito mais tarde, quando o acampamento estava

mergulhado no silêncio e o primeiro turno de guarda já estava a postos. Chegou vestindo apenas um curto quitão militar e uma capa de lã cinzenta em cima dos ombros e fez–se anunciar por uma criada.
Ela tomara banho e trocara de roupa: vestia um leve traje persa que chegava até os pés e só de leve lhe moldava o corpo. A tenda tinha um delicado perfume de nardo.
– Meu senhor – murmurou baixando a cabeça.
– Barsine...
Alexandre aproximou–se.
– Muito esperei por este momento desde a última vez que a vi.
– O meu coração está carregado de dor.
– Eu sei: perdeu o marido.
– O melhor homem, o pai mais carinhoso, o mais doce dos esposos.
– Era o único adversário que cheguei a respeitar, e talvez a recear.
Barsine mantinha os olhos baixos pois sabia muito bem que era uma presa, sabia que a mulher do inimigo é o prêmio mais cobiçado pelo vencedor que lutou agüentando o sofrimento e as feridas, a exaustão e o horror do sangue, dos gritos, da chacina, mas também sabia que aquele jovem tivera compaixão e respeito pela velha rainha mãe, pela esposa e pelos filhos de Dario.
Alexandre esticou a mão para acariciar–lhe o queixo e ela levantou a cabeça enfrentando o seu olhar e a cor mutável dos seus olhos. Viu o azul intenso do céu sem nuvens, o mesmo azul que já estivera no olhar de Mêmnon, viu a cor sombria da noite e da morte que queria tragá–la como um remoinho, e sentiu–se tomada por uma profunda sensação de vertigem, como se estivesse diante de um deus ou de uma criatura fantástica.
– Barsine... – repetiu Alexandre, e o som da sua voz vibrava com paixão profunda, com desejo ardente.
– Pode fazer o que quiser comigo, é o vencedor, mas sempre terei diante dos meus olhos a imagem de Mêmnon.
– Os mortos ficam com os mortos – replicou o rei. – Quem está diante dos seus olhos sou eu, e nunca mais a deixarei partir pois vi que em você a vida quer esquecer a morte. E neste momento eu sou a vida. Olhe para mim, Barsine, e diga–me que não é verdade.
Barsine não respondeu, mas fitou–o fixamente nos olhos com uma expressão ao mesmo tempo desesperada e confusa. Duas grandes

lágrimas brilharam como água pura de nascente entre as suas pálpebras, desceram lentamente pelas faces e pararam umedecendo–lhe os lábios. Alexandre encostou–
se nela até sentir no rosto a carícia de sua respiração, até sentir as pontas dos seus mamilos a roçando–lhe o peito.
– Será minha – murmurou. Depois virou–se de repente e foi embora. Logo a seguir ouviu–se o relinchar de Bucéfalo, um tropear agitado e então o barulho martelante de um galope desenfreado que quebrava o silêncio profundo da noite.
No dia seguinte Calístenes recebeu do tio mais uma carta em código pelo correio que trazia da Macedônia a correspondência de Antípatro.
Descobri o paradeiro da filha de Nicandro, o homem que foi cúmplice de Pausânias no assassinato de Filipe. A menina está sob a proteção do sacerdote do templo de Ártemis na fronteira com a Trácia. O sacerdote é de origem persa e parente do sátrapa da Bitínia, que no passado já enviou dinheiro e presentes bastante ricos para o santuário. Isto levou–me a pensar que o rei Dario teve alguma coisa a ver com a morte de Filipe, e uma carta guardada no templo, que consegui ler às escondidas, parece confirmar esta explicação como sendo a mais provável.
Calístenes foi logo falar com Alexandre.
– As investigações sobre a morte do seu pai continuam e temos agora notícias importantes: parece que os persas estão diretamente envolvidos nela e ainda protegem alguns daqueles que tomaram parte na conspiração.
– Isto explicaria muitas coisas – comentou o rei. – E pensar que Darto ainda se atreve a mandar–me uma carta como esta!
Mostrou–lhe uma mensagem que uma embaixada do Grande Rei acabava de trazer.
Dario, Rei dos Reis, senhor dos quatro cantos da terra, luz dos arianos, a Alexandre, rei dos macedônios, salve!
Teu pai Filipe foi o primeiro a ofender os persas na época do rei Arxes, embora não tivesse sofrido prejuízo algum da parte deles. Quando me tornei rei, você não enviou embaixada alguma para confirmar a antiga amizade e aliança, e invadiu a Ásia causando–nos graves danos. Tive, portanto, e enfrentá–lo em batalha para defender o meu país e reconquistar os meus antigos domínios. O resultado do embate foi aquele que os deuses escolheram, mas dirijo–me a você de soberano a

soberano para que liberte os meus filhos, a minha mãe e a minha esposa. Estou pronto a estipular um tratado de amizade e aliança: peço–lhe, portanto, que envie de volta um mensageiro junto com a minha embaixada para que possamos determinar os termos das negociações.
Calístenes fechou a carta.
– Na prática, diz que é culpado de tudo, reivindica o seu direito de defender– se, mas reconhece a derrota e está disposto a tornar–se seu amigo e aliado desde que lhe devolva a família. O que pretende fazer?
Nesse mesmo momento Eumênio voltou com a cópia da resposta que havia preparado para o rei e Alexandre pediu que a lesse. O secretário pigarreou e começou:
Alexandre, rei dos macedônios, a Dario, rei dos persas, salve!
Os seus antepassados invadiram a Macedônia e o resto da Grécia causando–nos graves prejuízos sem motivo algum. Eu fui nomeado comandante supremo dos gregos e invadi a Ásia para vingar a sua agressão. Foram vocês, os persas, que ajudaram Perinto contra o meu pai e invadiram a Trácia, que é um nosso território.
Alexandre deteve–o.
– Acrescente o que vou ditar agora:
O rei Filipe foi vítima de uma conspiração que você apoiou e cartas escritas por você provam isto.
Eumênio olhou para Alexandre e Calístenes com surpresa e este disse:
– Depois eu explico.
O secretário então continuou:
Além do mais conquistou o trono com a fraude, corrompeu os gregos para que se levantassem contra mim e tudo fez para destruir a paz por mim tão penosamente conseguida. Venci os seus generais e, com a ajuda dos deuses, triunfei sobre você em campo aberto e sou, portanto, responsável por aqueles
entre os seus soldados que passaram para o meu lado, assim como pelas pessoas que estão perto de mim. É você, então, que deve me tratar como senhor da Ásia. Peça o que considerar oportuno, vindo em pessoa ou mandando os seus enviados. Peça pela sua mulher, por sua mãe e seus filhos, e eu outorgarei desde que consiga me convencer. No futuro, se quiser se endereçar a mim, dirija–se ao Rei da Ásia e não a um seu igual, e terá de fazer o seu pedido a quem está agora de posse de tudo aquilo que antes era seu. Se assim não fizer, tomarei contra você as

providências cabíveis contra quem violou as leis e as normas das nações. Se, no entanto, reivindicar a sua condição de soberano, então desce em campo, lute para defendê–la e não fuja, pois eu irei ao seu encalço em qualquer lugar aonde for.
– Não lhe deixa muitas escolhas – comentou Calístenes.
– Não, de fato – replicou Alexandre –, e se for homem e rei deverá reagir.



CAPÍTULO 52

O exército pôs–se a caminho no começo do inverno, dirigindo–se para o sul, rumo às costas da Fenícia. Alexandre tinha de fato decidido levar a cabo a completa conquista de todos os portos que ainda estavam ao alcance dos persas de forma a evitar qualquer ação do inimigo no Egeu e na própria Grécia.

A cidade de Arad recebeu–o com grandes honras e a de Sídon até prometeu retirar da frota imperial os seus cinqüenta navios para deixá–los à sua disposição. Os macedônios estavam extremamente animados: parecia que os próprios deuses estavam facilitando o caminho do jovem conquistador e a campanha quase se transformava numa aventurosa viagem em busca de novos mundos, de povos diferentes, de lugares encantados.

Também chegou a Sídon o resto do séquito do Grande Rei que Parmênio capturara em Damasco: um incrível cortejo de escravos, músicos, cozinheiros, provadores de vinho e comida, eunucos, mestres de cerimônias, dançarinas, tocadoras de flauta, mágicos, adivinhos e prestidigitadores que despertou a hilaridade dos soldados e dos oficiais de Alexandre. O rei, por sua vez, recebeu–os com grande humanidade, mostrou–se interessado em suas vicissitudes pessoais e quis que fossem tratados com respeito.

Quando já parecia que todo o cortejo tinha desfilado diante do soberano e dos seus companheiros, chegou mais um pequeno grupo escoltado por uma patrulha de agrianos.

– Encontramos estes aqui no quartel–general do sátrapa da Síria – explicou o oficial que comandava a unidade.

– Ora, ora: aquele eu conheço – observou Seleuco indicando um homem corpulento com uma coroa de cabelos grisalhos em volta da calva.

– Eumolpo de Sôli! – exclamou Ptolomeu. – Mas que surpresa!

– Meus senhores, senhor! – saudou o informante prostrando–se no chão.

– Vejamos só! Estarei eu errado ao sentir em mim uma leve

desconfiança? – ironizou Perdicas.
– Engraçado... – interveio Seleuco. – Eu também sinto pairar no ar uma certa suspeita. Como será que Dario conseguiu nos pegar pelas costas em Isso? Diga, Eumolpo, quanto te pagou, para nos traír?
O homem estava branco como um trapo e procurava ensaiar um risinho amarelo.
– Mas senhor, meus senhores, não irão deveras acreditar que eu pude...
– Oh, sim, claro que ele pôde – afirmou o oficial que o tinha em consignação, virando–se para Alexandre. – Quem me contou foi o próprio sátrapa da Síria, que está para chegar a fim de jurar–te fidelidade.
– Levem–no para dentro! – ordenou o rei entrando na tenda. – Vamos julgá–lo imediatamente.
Sentou–se, cercado pelos seus companheiros, e perguntou ao informante:
– Quer dizer alguma coisa antes de morrer?
Eumolpo baixou os olhos e não disse uma única palavra. Aquele silêncio conferiu–lhe uma inesperada dignidade, tornou–o repentinamente diferente do homem sempre alegre e brincalhão que todos conheciam.
– Nada tem a dizer? – repetiu Eumênio. – Como pode fazer tal coisa? Ele poderia ter–nos cortado em pedaços do primeiro ao último. A mensagem do seu correio atraiu–nos para uma armadilha sem saída.
– Filho de uma cadela! – praguejou Leonato. – Se fosse por mim, certamente não se safaria com uma morte rápida. Antes de mais nada lhe arrancaria todas as unhas, depois...
Eumolpo levantou os olhos aguados encarando os seus juízes. – Então? –
apertou–o Alexandre.
– Senhor... – começou o informante –, eu sempre fui um espião. Desde criança o meu ganha–pão foi espionar mulheres infiéis por conta de maridos chifrudos. Não sei fazer outra coisa. E sempre corri atrás do dinheiro, atrás de quem pagava mais. Contudo...
– Contudo? – insistiu Eumênio, que assumira o papel de inquiridor.
– Contudo, desde o dia em que comecei a trabalhar para o seu pai, o rei Filipe, só fiz o meu trabalho para ele, eu juro. E sabe por quê, meu senhor? Porque seu pai era um homem extraordinário. Ora, é claro que me pagava muito bem, mas não era só isto. Quando me encontrava com

ele para expor os meus relatórios, mandava–me sentar como um velho amigo, ele mesmo servia–me uma bebida, perguntava como eu estava passando e coisas deste tipo, entende?
– Quer dizer, então, que eu me portei mal? – perguntou Alexandre. – Não o tratei, também, mais como um velho amigo do que como um espião mercenário?
– É verdade – admitiu Eumolpo – e por isto mesmo mantive–me fiel. Mas teria sido fiel de qualquer maneira, mesmo que fosse apenas por ser filho do seu pai.
– E por que me traiu, então? Devia ter algum motivo para trair um amigo!
– Por medo, meu senhor. O sátrapa que agora virá lhe jurar fidelidade faltando com a palavra dada ao seu rei deixou–me totalmente apavorado ao olhar nos meus olhos enquanto descarnava um tordo quase dizendo: "É o que espera por você: será descarnado, um pedacinho de cada vez, como este tordo." E então mandou–me aproximar da janela que dava para o pátio.
– O meu mensageiro estava lá, aquele bom rapaz que eu sempre enviava: tinham–no esfolado vivo, tinham–no castrado e os seus colhões estavam pendurados no pescoço. – A sua voz tremia, agora, e os aguados olhos de peixe velho estavam cheios de lágrimas verdadeiras. – Haviam arrancado a sua carne até o osso... E não é só. Perto dali também havia um bárbaro aguçando uma estaca de acácia para em seguida alisá–la com pedra–pomes. Aprontavam–na para mim, caso eu não fizesse o que me pediam. Já viu impalar um homem, meu senhor? Eu já. Enfiam–lhe um pau no corpo, mas sem matá–lo, e o pobre sujeito fica sofrendo tudo aquilo que um homem pode sofrer, durante horas, às vezes durante dias. A minha traição deveu–se ao medo, porque ninguém em toda a minha vida exigiu de mim tamanha coragem. E agora, se quiser, mande matar–me, eu mereço, mas que seja uma morte rápida, por favor. Sei que perdeu muitos homens e que teve de enfrentar uma batalha muito dura, mas eu sabia que iria vencer, eu sentia. E, de qualquer maneira, que lucro teria torturando um pobre velho que, se dependesse dele, jamais teria feito coisa alguma que lhe fosse prejudicial e que, meu bom rapaz, ao traí–lo, sofreu muito mais do que possa imaginar?
Fungou ruidosamente e calou–se.
Alexandre e os companheiros olharam uns para os outros e deram–se

conta de que nenhum deles teria coragem de condenar Eumolpo de Sôli.
– Deveria mandar que te matassem – disse o rei –, mas está certo: o que ganharia com isto? E além do mais... – Eumolpo levantou a cabeça que mantinha baixa sobre o peito. – Além do mais, sei que a coragem é uma virtude que os deuses só concedem a poucos. A você, eles não deram, mas brindaram–no com outras qualidades: a sutileza, a inteligência, e talvez até a fidelidade.
– Está dizendo que não morrerei? – perguntou Eumolpo.
– Não morrerás.
– Não? – repetiu o informante, incrédulo.
– Não – confirmou Alexandre sem conseguir refrear um meio sorriso.
– E poderei voltar a trabalhar para você?
– O que acham disto? – o rei perguntou aos companheiros.
– Por mim, eu lhe daria uma chance – propôs Ptolomeu.
– Por que não? – aprovou Seleuco. – Afinal de contas sempre foi um ótimo espião. E, além do mais, agora estamos ganhando.
– Então estamos combinados – decidiu o rei. – Mas terá de mudar finalmente aquela maldita senha, uma vez que a revelou ao inimigo.
– Oh, sim, claro – disse Eumolpo, visivelmente aliviado.
– Qual era a senha? – perguntou Seleuco, curioso.
– Miolos de ovelha – respondeu Alexandre, impassível.
– Por mim, eu a mudaria de qualquer maneira – observou Seleuco.
– Nunca ouvi uma senha mais estrambótica na minha vida.
– Sem dúvida – admitiu Alexandre. Acenou para que Eumolpo se aproximasse. – E agora diga–me a nova.
O informante murmurou–lhe no ouvido:
– Tordo no espeto.
Então fez uma mesura e despediu–se de todos respeitosamente.
– Agradeço a todos, meus senhores, meu rei, pelo seu bom coração. – E afastou–se sobre as pernas ainda trôpegas devido ao susto.
– Como é a sua nova senha? – perguntou Seleuco logo que o velho saiu.
Alexandre meneou a cabeça.
– Estrambótica.

CAPÍTULO 53

Os habitantes de Sídon, que só alguns anos antes tinham sofrido uma cruel repressão por parte da guarnição persa, aceitaram com entusiasmo a chegada de Alexandre e a sua promessa de restaurar as antigas instituições. A dinastia reinante, contudo, já se extinguira havia muito tempo e era preciso escolher um novo rei.

– Que tal cuidar do assunto? – Alexandre propôs a Heféstion.

– Eu? Mas eu não conheço ninguém, nem saberia por onde começar, e além do mais...

– Está falado – decidiu sem mais delongas o rei. – Irá cuidar do assunto. Eu preciso tratar com as demais cidades costeiras.

Heféstion procurou então um intérprete e começou a circular por Sídon incógnito, olhando em volta nos mercados, comendo nas hospedarias e deixando– se convidar para os almoços oficiais nas moradas mais prestigiosas. Mas não conseguiu encontrar ninguém que fosse digno do cargo.

– Ainda nada? – perguntava Alexandre quando se encontravam nos conselhos de guerra. E Heféstion sacudia a cabeça.

Certo dia, sempre acompanhado pelo intérprete, passou perto de uma mureta de pedra que serpeava por um longo trecho em direção das colinas e atrás da qual se viam as copas de todo tipo de árvore: cedros do Líbano, seculares figueiras que espichavam seus ramos cinzentos e rugosos, cascatas de pistaches e romãs. Deu uma olhada através da porteira e ficou pasmo com as maravilhas que apareceram diante dos seus olhos: árvores frutíferas de todo tipo, moitas e arbustos maravilhosamente combinados e podados, pequenas fontes e regatos, rochas entre as quais cresciam plantas polpudas e espinhentas que nunca vira antes.

– Vieram de uma cidade da Líbia que se chama Lissos – explicou o intérprete.

Apareceu então um homem com um burrico que puxava uma charrete cheia de estrume. Começou a adubar as plantas uma a uma, e fazia isto com tanto amor e cuidado que qualquer um ficaria boquiaberto.

– Quando houve o levante contra o governador persa – continuou o intérprete –, os revoltosos decidiram queimar este jardim, mas aquele homem fincou o pé diante da porteira e disse que se quisessem cometer tal crime deveriam antes manchar as suas mãos com o sangue dele.
– Eis o rei! – afirmou Heféstion.
– Um jardineiro? – perguntou o intérprete, incrédulo.
– Isto mesmo. Um homem disposto a morrer para salvar as plantas de um jardim que nem mesmo era dele, o que poderá então fazer para salvar o seu povo e promover o bem–estar da sua cidade?
E foi o que aconteceu. Um belo dia o humilde jardineiro viu chegar um cortejo de dignitários escoltados pela guarda de Alexandre e foi levado com a
maior pompa até o palácio real para ser nele empossado. Tinha grandes mãos calejadas que lembravam ao soberano as de Lisipo, e um olhar tranqüilo e sereno. Chamava–se Abdalônimo e foi o melhor rei do qual se tem lembrança.
De Sídon o exército seguiu adiante em direção a Tiro, onde existia um grandioso templo de Melqart, o Hércules dos fenícios. A cidade era formada por duas partes: um bairro antigo na terra firme e uma cidade nova localizada em uma ilha a dois estádios de distância da costa. Esta parte insular havia sido construída recentemente e era um verdadeiro espetáculo devido a sua imponência e grandiosidade. Tinha dois portos fortificados e uma cerca de muralhas com cento e cinqüenta pés de altura, as mais altas que mãos humanas já tinham erguido.
– Só espero que nos recebam como em Biblos, Arad e Sídon – comentou Seleuco. – Aquela fortaleza é inexpugnável.
– O que pretende fazer? – Heféstion perguntou ao rei observando aquela formidável cerca de pedra que se espelhava nas águas azuis do golfo.
– Aristandro aconselhou–me a oferecer um sacrifício no templo do meu antepassado Hércules, que os habitantes de Tiro chamam Melqart – respondeu Alexandre. – Ali está a nossa embaixada saindo – acrescentou indicando um barco que superava lentamente a pequena distância entre a ilha e a terra firme.
A resposta chegou naquela tarde e deixou o soberano furioso.
– Dizem que se quer sacrificar a Hércules, há um templo no bairro antigo da cidade.
– Eu sabia – observou Heféstion. – Estes sujeitos ficam em seu ninho de

pedra e podem ficar rindo de qualquer um.
– Não de mim – disse Alexandre. – Preparem outra embaixada. Desta vez serei mais claro.
Os novos enviados saíram no dia seguinte com uma mensagem que dizia:
"Se quiserem, podem ter um tratado de paz e de aliança com Alexandre. Se recusarem, o rei lhes declarará guerra pois são aliados dos persas."
A resposta foi igualmente explícita: os membros da embaixada foram jogados de cima das muralhas e espatifaram–se nos rochedos subjacentes. Entre eles havia amigos e companheiros de infância do rei, e a sua morte deixou–o num estado de sombria consternação para em seguida despertar nele o mais cego furor. Trancou–se durante dois dias nos seus alojamentos sem querer ver ninguém: só Heféstion ousou entrar no fim do segundo dia e encontrou–o estranhamente calmo.
Alexandre velava à luz de uma lamparina, mergulhado na leitura.
– O costumeiro Xenofonte? – perguntou Heféstion.
– Xenofonte nada mais tem a nos ensinar desde que deixamos para trás as Portas Sírias. Estou lendo Filisto.
– Um escritor siciliano, não é?
– É o historiador de Dionísio de Siracusa que setenta anos atrás conquistou uma cidade fenícia construída sobre uma ilha, justamente como Tiro: Motia.
– E como conseguiu?
– Sente e fique olhando. – Alexandre pegou uma pena e começou a traçar um esquema sobre uma folha. – Esta aqui é a ilha e esta é a terra firme: ele construiu um dique até a ilha e fez passar as máquinas de guerra por cima. E quando a frota cartaginesa chegou para tirá–lo dali, perfilou uma série de
catapultas com arpões de nova concepção, furou os navios mandando–os a pique e queimou–os lançando bolas de fogo.
– Quer construir um dique até Tiro? Mas fica a uma distância de dois estádios.
– Exatamente como Motia. Se Dionísio conseguiu, eu também posso. A partir de amanhã começarrão a desmantelar a cidade velha e usar o material para construir o dique. Precisam entender logo que não estou brincando.
Heféstion engoliu em seco.

– Desmantelar a cidade velha?
– Isto mesmo: demoli–la e jogá–la ao mar.
– Como quiser, Alexandre.
Heféstion saiu para transmitir a ordem aos companheiros e Alexandre mergulhou novamente na leitura.
No dia seguinte convocou todos os engenheiros e os maquinistas que acompanhavam a expedição. Chegaram com seus instrumentos e o necessário para desenhar e tomar anotações. Eram chefiados por Diades de Larissa, um discípulo de Failo, que havia sido o engenheiro chefe de Filipe e tinha construído as torres de ataque que haviam derrubado as muralhas de Perinto.
– Senhores técnicos – iniciou o rei –, esta é uma guerra que não poderá ser vencida sem o seu auxilio. Derrotaremos os inimigos em suas mesas de desenho antes que no campo de batalha. Ainda mais por não haver um campo de batalha.
Da janela podia–se ver o mar reluzindo em volta dos bastiões a pique de Tiro e os engenheiros logo entenderam as intenções do soberano.
– Então, este é o meu plano – continuou Alexandre. – Construiremos um dique até a ilha, e ao mesmo tempo vocês planejarão máquinas mais altas do que as muralhas.
– Senhor – fez notar Diades –, está falando de máquinas com cento e cinqüenta pés de altura.
– É o que parece – replicou o rei sem pestanejar. – Esta máquinas deverão ser invulneráveis e equipadas com aríetes e catapultas de concepção completamente nova. Preciso de máquinas capazes de lançar pedras de duzentas libras a uma distância de oitocentos pés.
Os engenheiros entreolharam–se com expressão desconcertada. Diades ficou em silêncio traçando sinais aparentemente sem sentido numa folha que tinha diante de si, enquanto Alexandre o fitava e todos percebiam aquele olhar mais pesado do que as pedras que teriam de arremessar com as catapultas. Finalmente o técnico levantou a cabeça e disse:
– Pode ser feito.
– Muito bem. Então, mãos à obra.
Enquanto isto, lá fora a cidade velha ecoava nas lamentações das pessoas despejadas das suas casas e no estrondo de telhados e muros que ruíam. Heféstion mandara montar pequenos aríetes basculantes que agora usava na obra de demolição. Nos dias seguintes, equipes de lenhadores

escoltadas por batedores agrianos subiram nas montanhas para cortar os cedros do Líbano e tranformá–los em material de construção.
O trabalho no dique prosseguia dia e noite, em turnos, usando carros puxados por bois ou burros para transportar os escombros a serem jogados no
escarnecendo do monstruoso trabalho enfrentado pelos inimigos, mas ao findar do quarto mês pararam de rir.
Certa manhã, ao alvorecer, as sentinelas que faziam a ronda nos passadiços ficaram sem fôlego ao ver dois colossos semoventes com mais de cento e cinqüenta pés de altura que avançavam chiando sobre o novo aterro. Eram as maiores máquinas de sítio que jamais haviam sido construídas e entraram em ação logo que alcançaram a extremidade do dique. Enormes pedras e globos de fogo voaram no ar, espatifaram–se nos passadiços e dentro da cidade semeando terror e destruição.
Os habitantes de Tiro revidaram quase de imediato instalando mais catapultas em cima das muralhas e atirando nos operários que trabalhavam no dique assim como nas máquinas de guerra.
Alexandre mandou então montar abrigos e telheiros de madeira cobertos de peles não curtidas que não se incendiavam. Desta forma, o trabalho no dique prosseguiu sem maiores problemas e as máquinas puderam avançar mais tornando os seus arremessos cada vez mais precisos e mortíferos. Se os progressos pudessem manter o mesmo ritmo, dentre em breve as muralhas já iriam ser ameaçadas de perto.
Enquanto isto, as frotas de Sídon e de Biblos haviam chegado, juntamente com uns navios de Chipre e de Rodes que haviam ficado às ordens de Nearcos, mas a esquadra de Tiro, fechada nos seus portos inacessíveis, evitava o combate.
Preparava, porém, um contra–ataque inesperado e devastador.
Em uma noite sem lua, após um dia de ataques incessantes, duas trirremes saíram do porto rebocando um brulote: uma grande balsa completamente oca e cheia de material incendiário. Da sua proa sobressaíam duas longas vigas de madeira nas quais estavam presos tonéis com piche e betume. Quando já não estavam longe do dique, as trirremes aumentaram ao máximo a sua velocidade, desengataram o brulote após incendiá–lo e depois de também atear fogo nas vigas.
A embarcação, envolvida num remoinho de chamas, seguiu em frente por força de inércia, enquanto as duas trirremes viravam de bordo

afastando–se para os lados, e acabou encalhando no dique bem perto das torres de ataque. As vigas na proa, consumidas pelo fogo, racharam–se e os recipientes incendiários espatifaram–se no chão estourando como dois globos ardentes que agrediram a base das torres.
Pelotões macedônios de contra–ataque logo acudiram dos postos de guarda para apagar a fogueira, mas das trirremes inimigas desembarcaram grupos de armadores que logo se engalfinharam com os recém–chegados, de forma que a briga ficou pavorosa no clarão avermelhado do incêndio, na fumaça e no turbilhão de faíscas, no ar que se tornara irrespirável devido aos vapores de piche e betume que o empesteavam. O brulote despedaçou–se numa última e pavorosa explosão e as duas torres foram completamente envolvidas pelo fogo.
A sua própria altura alimentava desmedidamente a tiragem interna, de forma que as chamas e as fagulhas dardejavam até pelo menos cem pés acima das enormes armações, iluminando a baía inteira e pintando com um reflexo de sangue os bastiões da cidade.
e para os macedônios nem chegou a servir de consolo o extermínio do contingente inimigo, aniquilado em um furibundo contra–ataque sobre as pedras do dique, e a destruição das duas trirremes. O trabalho de muitos meses, o fruto do gênio construtivo dos melhores engenheiros do mundo fora perdido em poucas horas.
Alexandre chegou até o dique a galope, montado em Bucéfalo, passou entre as fogueiras como uma fúria infernal e parou perto das torres justamente na hora em que ruíam em um último desmoronamento ensurdecedor, em uma explosão de chamas, fumaça e fagulhas.
Logo atrás dele os companheiros também acudiram e, depois de algum tempo, também chegaram os engenheiros e os maquinistas que haviam construído aquelas maravilhas. O engenheiro chefe, Diades de Larissa, observava petrificado e com olhos cheios de raiva aquele desastre, mas sem que o seu rosto denunciasse emoção alguma.
Alexandre desmontou do cavalo, fixou os olhos primeiro nas muralhas da cidade, depois nas suas máquinas destruídas e finalmente nos engenheiros que pareciam paralisados diante daquele espetáculo e disse:
– Ordeno que sejam reconstruídas.

CAPÍTULO 54

Depois de alguns dias, enquanto os engenheiros de Alexandre tentavam reconstruir o mais rápido possível as máquinas destruídas, uma violenta borrasca danificou irreparavelmente o dique aterrado a tão duras penas: parecia que de repente os deuses haviam decidido virar as costas ao seu predileto e o ânimo dos homens também ficou abalado com esta série de reveses.

O rei tornou–se intratável e ninguém podia chegar perto dele: cavalgava sozinho ao longo da costa olhando a ilha murada que escarnecia dos seus esforços ou então ficava sentado em uma pedra contemplando por horas a fio a arrebentação das ondas na praia.

Barsine também costumava cavalgar na praia ao amanhecer, antes de voltar a fechar–se na sua tenda com as criadas e a governanta, e certo dia encontrou–o: caminhava a pé, com Bucéfalo atrás dele, e a sua coxa ainda mostrava os sinais do ferimento sofrido em Isso; os longos cabelos agitados pelo vento quase encobriam–lhe o rosto. Novamente, como da última vez que estiveram juntos, Barsine sentiu um estremecimento, como se estivesse diante de um ser irreal.

Ele fitou–a, mas permaneceu calado, e ela desmontou para não dominá–lo. Baixou a cabeça e disse:

– Senhor.

Alexandre aproximou–se, roçou na sua face com a palma da mão e continuou a fitá–la fixamente, inclinando de leve a cabeça sobre o ombro como costumava fazer toda vez que era tomado por sentimentos intensos e profundos. Ela fechou os olhos não conseguindo agüentar a força daquele olhar que dardejava entre os cabelos agitados pelo vento. O rei surpreendeu–a com um beijo

repentino e abrasador, aí pulou no cavalo e esporeou–o ao longo da arrebentação. Quando Barsine virou–se para olhar, ele já estava longe, envolvido na nuvem iridescente de borrifos levantada pelos cascos de Bucéfalo.

Voltou à sua tenda e deixou–se cair na cama, chorando.

Depois da sua raiva amainar, Alexandre reassumiu o controle da

situação e convocou um conselho de guerra mais amplo: chamou os seus generais, os arquitetos, os técnicos, os engenheiros e Nearcos com os capitães da frota.
– O que aconteceu não se deve à ira dos deuses, mas sim à nossa própria inépcia. Encontraremos um remédio para isto e Tiro não terá escapatória. Antes de mais nada, o dique: os nossos capitães deverão estudar os ventos e as correntezas neste braço de mar e instruir os arquitetos para que possam planejar uma estrutura que esteja a favor da sua força e direção e não se oponha a elas.
– Agora passemos às máquinas – disse virando–se para Diades e os seus engenheiros. – Se decidíssemos esperar pelo novo dique, perderíamos tempo demais. Devemos fazer com que os habitantes de Tiro não tenham um só momento de paz e de tranqüilidade. Precisam saber que não terão um instante de repouso nem de dia nem de noite. Teremos então duas equipes que trabalharão simultaneamente: uma planejará e construirá as máquinas que avançarão sobre o dique logo que ele estiver pronto, e a outra projetará máquinas de assalto flutuantes.
– Flutuantes, senhor? – perguntou Diades arregalando os olhos.
– Isto mesmo. Não sei como irão conseguir, mas estou certo do seu sucesso, e muito em breve. Aos meus companheiros caberá a tarefa de apaziguar as tribos que vivem nas montanhas do Líbano para que os nossos lenhadores possam trabalhar em paz. Quando chegar a primavera entraremos em Tiro, quanto a isto não tenho dúvidas, e lhes direi a razão. Esta noite tive um sonho: Hércules aparecia sobre as muralhas da cidade e com um gesto dos braços convidava–me a entrar. Contei o sonho a Aristandro que o interpretou sem a menor hesitação: entrarei em Tiro e oferecerei um sacrifício ao herói no seu templo dentro da cidade. Quero que esta notícia seja repassada aos nossos soldados para que eles também estejam certos da vitória.
– Será feito, Alexandre – disse Eumênio, e pensou que aquele sonho chegara realmente em boa hora.
Os trabalhos recomeçaram imediatamente: a reconstrução do dique foi iniciada segundo as indicações dos marujos de Chipre e Rodes que conheciam muito bem aquelas águas, enquanto Diades, ao qual cabia a tarefa mais árdua, projetou torres de assalto montadas, cada uma delas, numa plataforma presa ao convés de dois navios emparelhados. Dentro de um mês já estavam prontas duas estruturas completas e, logo que as

condições do mar o permitiram, começaram a se aproximar, pela força dos remos, das muralhas da cidade. Quando já estavam bem perto, os navios lançaram âncora e os aríetes entraram em ação martelando incessantemente as paredes de pedra.
Os habitantes de Tiro não demoraram a reagir e durante a noite enviaram mergulhadores que cortaram os cabos das âncoras deixando as embarcações à deriva entre os recifes. Nearcos, que vigiava no comando da qüinqüerreme real, deu imediatamente o sinal de alarme e lançou–se com uma dúzia de barcos atrás
das plataformas flutuantes que já não conseguiam manobrar devido ao vento. Encostou nelas e imobilizou–as lançando sobre os parapeitos cordas com ganchos e colocou–as de novo em posição de ataque à força de remos. Os cabos das âncoras foram substituídos por correntes de ferro e o martelamento recomeçou. Enquanto isto, porém, os moradores da cidade tinham revestido as muralhas com sacos cheios de algas para amortecer os golpes dos aríetes: a teimosa resistência de Tiro parecia não conhecer limites.
Certo dia, enquanto Alexandre estava nas montanhas enfrentando as tribos do Líbano sempre bastante agressivas, atracou ao novo dique um navio que vinha da Macedônia com suprimentos e notícias, e foi anunciada a Parmênio uma visita muito especial: Leônidas, o antigo mestre do soberano, já com oitenta anos, tendo ouvido falar das proezas do seu pupilo, decidira embarcar para encontrá–lo e felicitá–lo antes de morrer. Quando a notícia se espalhou, todos os demais antigos alunos quiseram vê–lo. Seleuco, Leonato, Cratero, Perdicas, Filotas, Ptolomeu, Heféstion e Lisímaco chegaram cacarejando como crianças e gritando em coro a velha ladainha que o deixava furioso:
Ek korl korì korône! Ek korì korì koròne!
"Lá vem a gralha, lá vem a gralha!"
Aí começaram a bater palmas dizendo: Didáskale! Didáskale! Didáskale!
Ouvindo–se chamar de "Mestre! Mestre! Mestre!" como quando o cumprimentavam de manhã, sentados na sala de aulas com as pequenas tábuas em cima dos joelhos, o velho Leônidas ficou comovido, mas não deu o braço a torcer e logo impôs a ordem.
– Calados! – resmungou com a boca desdentada. – Continuam sendo um bando de garotos levados! Aposto que não leram um livro sequer desde que sairam de casa.

– Ora, mestre! – exclamou Leonato. – está querendo nos interrogar logo agora que temos tantas coisas a fazer?
– Não devia ter enfrentado uma viagem como esta – disse Ptolomeu –, no inverno e com este mar. O que o trouxe aqui?
– Acontece que ouvi falar nas façanhas do meu aluno e quis vê–lo antes de bater as botas.
– E nós? – perguntou Heféstion. – Não acha que também fizemos a nossa
parte?
– Quanto a bater as botas, mestre, para isto sempre há tempo – comentou
Perdicas. – Poderia ter esperado a primavera.
– Ah! – rebateu Leônidas. – Sei muito bem o que estou fazendo, não preciso da opinião de uns bobocas como vocês. Cadê Alexandre?
– O rei está nas montanhas – explicou Heféstion – lutando contra as tribos do Líbano que se mantêm fiéis a Dario.
– Então levem–me para lá.
– Ora, não me parece... – começou Ptolomeu.
– Está nevando, nas montanhas – brincou Leonato. – Ficará resfriado, mestre.
Mas Leônidas foi irredutível:
– Este navio vai voltar daqui a cinco dias, e eu não quero ter feito esta viagem em troca de nada. Quero ver Alexandre. E isto é uma ordem.
Leonato sacudiu a grande cabeça desgrenhada e deu de ombros.
– Continua o mesmo – resmungou –, não mudou nada.
– Cale a boca, animal! Ainda me lembro que botava rãs na minha sopa – grasnou o velho.
– Então, quem vai levá–lo? – perguntou Leonato. Lisímaco prontificou–se.
– Eu levo, assim também poderei entregar estas mensagens.
Partiram no dia seguinte com uma escolta de éteros e alcançaram Alexandre no fim da tarde. O rei ficou surpreso e comovido com aquela visita pela qual nunca poderia esperar; encarregou–se do velho e dispensou Lisímaco que voltou ao acampamento na costa.
– Foi muito imprudente, didáskale, vindo até aqui. Além do mais é perigoso:
precisamos subir mais ainda para nos juntarmos às nossas tropas

auxiliares, os agrianos que guardam o passo.
– Eu não tenho medo de coisa alguma. E esta noite vamos ter uma boa conversa: deve ter muita coisa para contar.
Puseram–se a caminho, mas a mula de Leônidas não conseguiu acompanhar os cavalos dos soldados, de forma que Alexandre deixou–os seguir adiante enquanto ele ficava atrás com o velho mestre. Em certa altura, quando já estava escuro, viram–se diante de um bívio: em ambas as direções o terreno mostrava os sinais da passagem de cavalos, de forma que Alexandre teve de escolher confiando no palpite, mas acabou se metendo em lugares solitários e desertos que nunca tinha visto.
Enquanto isto a escuridão se tornava mais intensa, e com as trevas também chegava um vento frio que soprava do norte. Leônidas estava tiritando e procurava apertar o melhor que podia a pequena capa de lã crua em volta dos ombros. Alexandre olhou para ele e o viu lívido, com os olhos lacrimosos cheios de cansaço, e sentiu uma profunda compaixão. O pobre velho, que atravessara o mar para encontrá–lo, não iria superar aquela noite de gélida ventania. Era óbvio que haviam pego o caminho errado, mas já era tarde demais para voltar e alcançar os outros, é além do mais nesta altura já era quase impossível enxergar. Tinha necessariamente de acender uma fogueira, mas como? Não tinha brasas nem via sinal de lenha seca ali em volta: o solo estava encharcado e coberto de neve, e o tempo piorava.
De repente viu uma chama brilhar no escuro, não muito longe dali, e depois outra, e mais outra ainda.
– Mestre – disse –, não saias daqui, volto logo. Fique com Bucéfalo.
O cavalo queixou–se com um sopro, mas deixou–se convencer a ficar com Leônidas e o rei arrastou–se na escuridão até as fogueiras. Eram guerreiros
inimigos que se aprontavam para a noite e tinham acendido o fogo para se aquecerem e cozinhar.
Alexandre aproximou–se de um cozinheiro que tinha enfiado um pedaço de carne em um espeto; logo que ele se afastou procurando alguma coisa, chegou rápido perto do fogo, pegou um tição, escondeu–o embaixo da capa e recuou, mas o ruído de galhos quebrados denunciou a sua presença. Um dos guerreiros gritou:
– Quem está ai? – e veio andando de espada na mão até o local onde o intruso se escondera atrás de uma árvore com os olhos lacrimosos

devido à fumaça e segurando o fôlego para não tossir ou espirrar. Por sorte, outro soldado que se afastara para aliviar–se voltou ao bivaque naquela mesma hora.
– Ah, é você – disse o homem quando já estava a poucos passos de Alexandre. – Vamos, está quase pronto.
O rei esgueirou–se com o maior cuidado para não fazer barulho e voltou sorrateiramente à senda, sempre mantendo escondido o tição fumegante. Estava começando a nevar e soprava um vento gelado, cortante como uma navalha: o velho já devia estar nas últimas.
Alcançou–o logo a seguir.
– Aqui estou, didáskale. Trouxe um presente – disse mostrando o tição.
Procurou então um abrigo em uma cavidade rochosa que os ocultava e começou a soprar até reavivar a chama. Juntou mais gravetos e folhas até conseguir mais brasas e calor do que fumaça.
O rosto de Leônidas readquiriu alguma cor e vitalidade. Alexandre foi até o alforje pendurado na sela de Bucéfalo, tirou um pedaço de pão que esmigalhou para o seu mestre desdentado e sentou ao seu lado, perto do fogo.
Leônidas começou a mordiscar as migalhas.
– Então, meu rapaz, é verdade que pegou as armas de Aquiles? E o escudo é como o descreveu Homero? E Halicarnasso? Dizem que o Mausoléu é tão alto quanto o Partenon e o templo de Hera em Argos juntos, é possível? E o rio Hális? você o viu, meu filho. Não consigo acreditar que seja três vezes mais largo do que o nosso Aliákmon, mas como eu já disse, você o viu e deve saber a verdade. E as Amazonas? É verdade que perto do Hális há o túmulo da amazona Pentesiléia? E também fico me perguntando se as Portas da Cilícia são realmente tão estreitas quanto...
– Didáskale – deteve–o Alexandre –, quer saber muitas coisas. Talvez seja melhor eu responder a uma pergunta de cada vez. No que diz respeito às armas de Aquiles, o que houve foi mais ou menos o seguinte...
Conversou com o velho mestre a noite toda e compartilhou com ele a sua manta, depois de arriscar a vida para defendê–lo do gelo da montanha. No dia seguinte juntaram–se sãos e salvos aos demais e Alexandre pediu a Leônidas para ficar: não queria expô–lo aos riscos de uma travessia invernal. Iria partir com a chegada da primavera.



CAPÍTULO 55

Lá pelo fim do inverno o novo dique ficou pronto e a sua parte superior foi nivelada com terra batida para permitir a passagem das duas novas torres de assalto que Diades tinha conseguido construir em um prazo incrivelmente curto. Nos patamares que correspondiam à altura das muralhas tinha colocado baterias de catapultas com molas de torção que arremessavam horizontalmente pesados dardos de ferro, e no topo, em posição dominadora, montara balistas que lançavam pedras em parábola e bolas incendiárias encharcadas de piche, azeite e betume.

Mais duas plataformas montadas sobre trirremes acopladas e encimadas por torres com aríetes encostaram nas muralhas para abrir uma brecha, e uns navios aproximaram–se da costa desembarcando tropas de assalto que deveriam estabelecer uma cabeça de ponte diante de uma das portas da cidade.

A reação dos defensores foi imediata e raivosa, e os passadiços fervilharam de soldados como um formigueiro que alguma criança cutucou com uma vara: também haviam colocado dezenas de catapultas perto dos parapeitos e revidavam um por um os arremessos dos agressores. Quando viram as tropas de assalto que tentavam queimar a porta, lançaram lá de cima areia em brasa que haviam tornado incandescente dentro de escudos de bronze colocados sobre o fogo.

A areia ardente furava as roupas e penetrava dentro das couraças deixando loucos de dor os sitiantes e forçando–os a se jogarem no mar aos berros devido ao tormento insuportável. Outros tiravam as couraças e eram imediatamente trespassados pelos arqueiros, mais outros eram atingidos por arpões e ganchos que máquinas até então nunca vistas lançavam das muralhas, e deixados ali, pendurados, gritando até a morte.

Seus lamentos agoniados atormentavam o rei que ficava noite e dia sem poder descansar e se movia como um leão faminto em volta de um ovil. E os soldados também ficavam cada vez mais furiosos diante daquele horror.

Mas Alexandre relutava em levar a cabo o ataque final que iria concluir–se com um massacre e pensava em outras soluções menos drásticas para salvar a sua própria honra e deixar uma saída aos habitantes de Tiro, dos quais admirava o grande valor e a extraordinária obstinação.
Consultou Nearcos, o homem mais apropriado para entender a situação e a mentalidade de uma cidade de marinheiros.
– Escute – disse o almirante. – Já perdemos sete meses aqui e sofremos perdas consideráveis. Acho que deveria partir com o exército e deixar comigo a manutenção do bloqueio. Já posso dispor de cem navios de guerra, e mais outros vão chegar da Macedônia. Não deixarei que alguém entre ou saia até se renderem, e então oferecerei condições de paz honrosas.
– Tiro é uma cidade maravilhosa sob todos os aspectos; os seus marujos navegaram até as Colunas de Hércules e além delas. Conta–se que visitaram terras que nenhum outro ser humano já viu e que até conhecem a rota que leva às Ilhas dos Bem aventurados que ficam do outro lado do Oceano. Pense, Alexandre:
uma vez que esta cidade fará parte do seu império, não acha melhor conservá–la do que destruí–la?
tinha recebido naqueles últimos dias, antes de responder:
– Eumolpo de Sôli mandou avisar que os cartagineses ofereceram a sua ajuda a Tiro e que a chegada de uma esquadra deles poderia acontecer a qualquer momento. E também não podemos esquecer que a frota persa continua cruzando pelo Egeu e de repente poderia atacá–lo se eu partisse. Não, é preciso que se rendam, mas deixarei uma última possibilidade de salvação.
Decidiu então mandar uma embaixada e escolheu os mais idosos e experimentados dos seus conselheiros. Ao ouvir falar desta delegação, o velho Leonidas apresentou–se diante do rei.
– Meu rapaz, deixe que eu também vá. Talvez não saiba disto, mas o seu pai Filipe confiou–me várias vezes missões secretas e extremamente delicadas que eu sempre cumpri, permita–me dizer isto, com grande perícia.
Alexandre sacudiu a cabeça.
– Não quero nem ouvir falar nisto, didáskale. A coisa é bastante perigosa e não quero expô–lo inutilmente a...
Leônidas apoiou os punhos nos quadris.

– Inutilmente? – rebateu. – Não sabe o que diz, meu filho: esta missão não tem a menor possibilidade de sucesso sem o seu velho Leônidas. Sou o homem mais experiente e capaz de que pode dispor, e deixe–me dizer que ainda molhava a cama quando eu presidi uma embaixada por ordem do seu pai, que seu nome possa viver para sempre, junto aos ferozes bárbaros tribalos e consegui dobrar a obstinação daqueles cabeçudos sem precisar recorrer às armas. Ainda continua lendo a Ilíada?
– Claro que sim, didáskale – respondeu o rei. – Todas as noites.
– E então? Quem foi que Aquiles mandou como embaixador aos chefes dos aqueus? Não foi o seu velho mestre Fênix? E uma vez que você é o novo Aquiles, nem é preciso dizer que eu sou o novo Fênix. Deixe–me ir, eu repito, e garanto que conseguirei botar juízo na cabeça destes marujos teimosos.
Leônidas estava tão decidido que Alexandre achou melhor não privá–lo daquele momento de glória e confiou–lhe a tarefa. Enviou, portanto, o grupo de embaixadores em um barco com as insígnias da trégua para negociarem a rendição da cidade e trancou–se em sua tenda, na ponta do dique, aguardando ansiosamente o resultado da missão. Mas as horas passavam sem novidades.
Lá pelo meio–dia chegou Ptolomeu, com uma expressão sombria.
– Então? – perguntou Alexandre. – O que disseram?
Ptolomeu acenou para saírem da tenda e indicou as torres mais altas que dominavam as muralhas de Tiro: nas torres, cinco cruzes com cinco corpos pregados e cobertos de sangue. Distinguia–se claramente o de Leônidas pela calva e os membros ossudos.
– Torturaram–nos e depois os crucificaram – disse.
Alexandre ficou pálido e como que paralisado ao ver aquilo. Enquanto nuvens negras se amontoavam no céu, o seu olhar tornou–se cada vez mais sombrio e o seu olho esquerdo transformou–se num abismo de trevas.
Aí, de repente, soltou um grito, um berro desumano que parecia sair das suas entranhas. A ira furibunda de Filipe e a bárbara ferocidade de Olympias explodiram ao mesmo tempo na sua alma libertando uma cega fúria sedenta de
uma calma perturbadora, como a do céu antes da tempestade.
Chamou a seu lado Heféstion e Ptolomeu.

– Minhas armas! – ordenou, e Ptolomeu fez um sinal aos ordenanças que responderam: – Às ordens, rei! – e se apressaram a vesti–lo com a sua mais reluzente armadura, enquanto outro trazia o estandarte real com a estrela argeade.
– Clarins! – ordenou de novo Alexandre. – Toque de ataque para todas as
torres!
Os clarins tocaram e logo a seguir o fragor dos aríetes que martelavam as muralhas e o assobio dos projéteis arremessados pelas balistas e pelas catapultas ressoaram na baía. Virou–se então para o almirante:
– Nearcos!
– As ordens, rei!
Alexandre indicou uma das torres de assalto, a mais próxima das muralhas.
– Leve–me para aquela plataforma, mas, enquanto isto, mande sair a frota, entre nos portos e afunde todos os navios que encontrar.
Nearcos observou o céu cada vez mais negro, mas obedeceu e se fez levar com o rei e os seus companheiros a bordo da qüinqüerreme capitânia. Transmitiu imediatamente a ordem de arriar todas as velas e desarvorar todos os navios, depois desfraldou o estandarte de combate e levantou âncora. De todos os cem navios da frota ouviu–se o som grave dos tambores que marcavam o ritmo da voga em uníssono e o mar fervilhou de espuma na força do vento e na batida de milhares de remos.
A capitânia chegou à plataforma sob uma chuva de projéteis arremessados do topo das muralhas. Alexandre pulou do parapeito acompanhado pelos seus companheiros e todos enfiaram–se na torre, subindo aos pulos as escadas entre os vários pisos, em um inferno de poeira e de gritos, no estrondo ensurdecedor dos aríetes que golpeavam a pedra, na chamada sonora, estrídula, contínua e cadenciada dos homens que marcavam o tempo para o empurrão.
Alexandre apareceu de repente no topo da torre, enquanto o céu negro como piche era rasgado por um raio ofuscante que iluminou por um momento a palidez espectral dos crucificados, a armadura dourada do rei e a mancha vermelha do seu estandarte.
Uma ponte foi baixada sobre o passadiço e o soberano, seguido pelos companheiros, arremeteu ladeado por Leonato, armado de machado, por Heféstion, de espada em punho, por Perdicas, que manuseava uma

enorme lança, e por Ptolomeu e Cratero, ambos cobertos de aço reluzente. Imediatamente reconhecível pelo fulgor da armadura, pelos cândidos penachos do elmo, pelo estandarte vermelho e dourado.
Alexandre tornou–se logo o alvo das setas dos arqueiros e do assalto dos defensores. Um dos atacantes, um lincéstide chamado Admeto, investiu ansioso para mostrar ao rei o seu valor e foi ceifado, mas Alexandre tomou o seu lugar volteando a espada e derrubando os inimigos com o escudo, enquanto Leonato criava o vazio do seu lado direito com os golpes devastadores do seu machado.
Já no passadiço, o soberano jogava além do parapeito um inimigo, cortava outro em dois do queixo à virilha, derrubava dos bastiões mais outro que se
esfacelava nos telhados subjacentes, enquanto Perdicas espetava mais um com a ponta da sua lança, levantava–o como um peixe arpoado e arremessava–o contra os adversários. Alexandre gritava cada vez mais alto, trazendo atrás de si o rio transbordante dos seus soldados, e a sua fúria chegava ao ápice, como se fosse alimentada pela força dos raios e pelo estrondo dos trovões que estremeciam o céu e a terra até os abismos. Avançava no passadiço, irrefreável, e agora corria sem ligar para a chuva de setas e de dardos arremessados pelas catapultas, corria para a cruz de Leônidas que já estava perto. Os defensores formaram uma parede para rechaçá–lo, mas ele os derrubou como bonecos, um depois do outro, enquanto Leonato, com desmedida energia, golpeava alucinado a multidão amorfa com o machado, provocando borrifos de fagulhas no choque com os escudos e os elmos, despedaçando lanças e espadas.
Finalmente o rei chegou à cruz sob a qual se encontrava uma catapulta com seus maquinistas. Gritou:
– Assumam o controle da catapulta e virem–na contra as outras! Tirem este homem daí! Puxem–no para baixo!
E enquanto os companheiros conquistavam a pequena praça de guerra, ele mesmo viu ao lado da máquina uma caixa de ferramentas, pegou um alicate e deixou cair o escudo no chão.
A uns viste passos dali, um dos inimigos apontou a seta contra ele e esticou a corda do arco, mas uma voz ecoou naquele mesmo instante no ouvido do rei: a voz de sua mãe aflita, angustiada, que o chamava:
Aléxandre!

Como por milagre, o soberano deu–se conta do perigo que o ameaçava: com a velocidade do raio puxou o punhal do cinto e lançou–o contra o arqueiro fincando–o na junção das suas clavículas.
Os companheiros formaram uma parede com seus escudos e, um por um, ele arrancou os pregos dos membros torturados do seu mestre. Segurou em seus braços o corpo nu e ossudo e deitou–o no chão. Naquele momento pôde rever os membros nus e descarnados de outro velho em uma tarde dourada em Corinto, Diógenes, o sábio de olhos serenos, e o coração pareceu derreter em seu peito. Murmurou:
– Didáskale...
E ao som daquela palavra a frágil vida de Leônidas, já apagada, teve um derradeiro estremecimento e o mestre abriu os olhos.
– Meu rapaz, não consegui... – Em seguida afrouxou–se em seus braços, exânime.
O céu rasgou–se por cima da cidade e derramou–se sobre o mar invadindo a terra e a pequena ilha cheia de gritos e de sangue com uma chuva repentina e raivosa, com uma tempestade de vento e de granizo. Mas a força da natureza nem de longe apagou o furor guerreiro: fora do porto, entre as ondas revoltas, a frota de Tiro enfrentava em duelo desesperado as poderosas qüinqüerremes de Nearcos, dentro da cidade os defensores barricavam–se em cada casa, em cada rua, lutando diante das portas de suas próprias moradas até o último sopro de vida.
Ao entardecer, quando o sol conseguiu abrir uma brecha entre as nuvens iluminando as águas lívidas, as muralhas derrocadas, os destroços dos navios à deriva e os corpos dos afogados, os últimos focos de resistência também foram aniquilados.
Muitos dos sobreviventes refugiaram–se nos santuários agarrando–se aos simulacros das suas divindades e o rei mandou poupá–los. Mas foi impossível refrear a sede de vingança do exército sobre aqueles que foram apanhados nas ruas.
Dois mil prisioneiros foram crucificados sobre o dique. O corpo de Leônidas foi colocado em uma pira e as suas cinzas foram enviadas à pátria para serem sepultadas sob o plátano à sombra do qual, no verão, costumava reunir os alunos para dar suas aulas.



CAPÍTULO 56

Alexandre mandou a frota seguir para o sul levando as máquinas de guerra desmontadas para Gaza, a última praça forte antes do deserto que separava a Palestina do Egito.

Outros dez navios, por sua vez, foram enviados à Macedônia para alistar novos guerreiros em substituição aos caídos. Justamente nesta época o soberano recebeu uma segunda carta do rei Darto.

Darto, rei dos persas, rei dos reis, luz dos arianos e senhor dos quatro cantos da terra, a Alexandre, rei dos macedônios, salve!

Desejo que saiba que reconheço o seu valor, assim como a boa sorte que os deuses concederam–te com fartura. Proponho, mais uma vez, que se torne meu aliado, e aliás que estreite comigo vínculos de parentesco.

Ofereço–lhe como esposa a minha filha Estatira e outorgo–lhe o domínio dos territórios entre Éfeso e Mileto, cidades dos yaunas, e o rio Hális, além de um presente de dois mil talentos de prata.

Exorto–lhe a não desafiar a sorte que poderia virar–lhe as costas a qualquer momento: não esqueça que, se quiser levar adiante a sua expedição, ficará velho antes de percorrer todo o meu império, mesmo que não tivesse de enfrentar novas batalhas. O meu território, além do mais, é defendido por rios enormes, como o Tigre, o Eufrates, o Araxe e o Hidaspes, impossíveis de serem transpostos.

Pense bem, portanto, e tome a decisão mais sábia.

Alexandre mandou ler a carta na frente de todo o seu conselho de guerra e no fim perguntou:

– O que acham? O que me aconselham responder?

Ninguém ousava sugerir ao rei o que deveria fazer e, portanto, ninguém falou, exceto Parmênio que, por sua idade e seu prestígio, achava ter o direito de expressar o seu ponto de vista. Disse apenas:

– Se eu fosse Alexandre, aceitaria.

O rei baixou a cabeça como se quisesse refletir sobre aquela afirmação, e aí replicou com frieza:

– Eu também, se fosse Parmênio.

O velho general fitou–o dolorosamente surpreso; percebia que ficara

ferido em sua dignidade. Levantou–se e afastou–se em silêncio. Os companheiros também se entreolharam um tanto estorvados, mas o soberano continuou calmamente:
– O ponto de vista do general é bastante compreensível, mas espero que todos percebam que, além da própria filha, Dario não oferece coisa alguma que eu já não tenha. Ao contrário, pede implicitamente que eu desista de todas as províncias e cidades a leste do Hális que tão penosamente conquistamos. Só tenta nos amedrontar pois na verdade ele mesmo está apavorado. Nós seguiremos em frente. Ocuparemos Gaza e depois o Egito, o país mais antigo e mais rico do mundo.
Respondeu, portanto, ao Grande Rei com uma recusa desdenhosa e prosseguiu com o exército ao longo do litoral enquanto a esquadra, sob o comando de Nearcos e Heféstion, navegava por perto sem nunca se afastar demais da costa.
Gaza era uma fortaleza bem aparelhada, mas as suas muralhas eram de tijolos e surgia sobre uma colina barrenta a uma distância de uns quinze estádios do mar. O comandante da praça forte era um eunuco muito corajoso e fiel a Dario, um preto chamado Bátis que não aceitou se render.
Alexandre decidiu então atacar e deu uma volta de reconhecimento para escolher onde poderia cavar minas sob as muralhas e onde poderia encostar as máquinas aos bastiões, um problema de difícil solução devido ao terreno arenoso que cercava quase toda a colina.
Enquanto ponderava a situação, um corvo passou em cima dele voando, deixou cair um feixe de grama que segurava nas garras e foi pousar nas muralhas da cidade, onde ficou enviscado no betume que as cobria e que se derretera devido ao calor do sol.
O rei ficou surpreso com aquilo e logo perguntou a Aristandro, que já o acompanhava como uma sombra:
– O que significa tudo isto? Qual é o presságio que os deuses enviam?
O vidente levantou os olhos para o disco ofuscante do sol e aí olhou com as pupilas nesta altura puntiformes o corvo que se debatia com as asas enviscadas no betume. O pássaro deu mais alguns violentos puxões e conseguiu finalmente soltar–se, perdendo, entretanto, as plumas prisioneiras.
– Tomará Gaza, mas se fizer isto hoje, sofrerá um ferimento.
Alexandre decidiu combater de qualquer maneira pois não queria que o

exército o considerasse receoso de um presságio de dor, e enquanto as equipes de mineiros começavam a cavar galerias sob as muralhas para fazê–las ruir, ele atacou frontalmente pela rampa que subia para a cidade.
Bátis, confiando na posição favorável, saiu com o exército e contra atacou com violência jogando na luta os seus guerreiros persas e mais dez mil mercenários árabes e etíopes, homens de pele negra que os soldados de Alexandre nunca tinham visto antes.
O rei, embora a velha ferida de Isso ainda estivesse doendo, tomou posição na primeira linha, entre os seus infantes, e procurou o confronto direto com Bátis,
um gigante negro e brilhoso de suor que parecia um possesso no comando dos seus etíopes.
– Pelos deuses! – gritou Perdicas. – Aquele homem é certamente colhudo, apesar de castrado!
Alexandre abateu a golpes de espada os inimigos que se haviam lançado contra ele, mas naquele momento, do topo de uma torre, um armígero reconheceu o seu estandarte vermelho, os penachos do elmo, a couraça reluzente, e ajustou a mira com uma catapulta.
Longe dali, em outra torre, no palácio de Péla, Olympias percebeu o perigo mortal e tentou desesperadamente chamar:
Aléxandre!
Mas a sua voz, detida por um presságio adverso, não pôde transpor o éter, e o dardo partiu. Cortou assobiando o ar parado e acertou no alvo: trespassou o escudo e a couraça e penetrou no ombro de Alexandre, que caiu no solo. Um enxame de adversários arremeteu para acabar com ele e despojá–lo das armas, mas Perdicas, Cratero e Leonato fecharam o caminho com os escudos e rechaçaram os inimigos matando muitos com suas lanças.
O soberano, que se torcia de dor, gritou:
– Chamem Filipe!
E o médico logo acudiu.
– Rápido! Vamos sair daqui! Vamos sair daqui! – E dois serventes colocaram o rei numa maca e afastaram–no da luta.
Muitos, no entanto, já tinham visto o seu rosto mortalmente pálido e o pesado dardo fincado em seu ombro, e logo espalhou–se o boato de que tinha morrido, e as fileiras começaram a vacilar sob o impacto das

investidas dos adversários.
Alexandre deu–se conta do que estava acontecendo pelos berros que chegavam até os seus ouvidos, segurou a mão de Filipe que corria ao seu lado e disse:
– Preciso voltar logo à frente de combate: tire a seta e cauterize a ferida.
– Não vai ser suficiente, senhor! – exclamou o médico. – Se voltar à luta, certamente morrerá.
– Nada disso. Já fui ferido... a primeira parte do presságio tornou–se realidade. Falta a segunda: entrarei em Gaza.
Já estavam na tenda real e Alexandre repetiu:
– Tire imediatamente a seta. É uma ordem.
Filipe obedeceu, e, enquanto o rei mordia o couro do seu cinto para não gritar, o médico incidiu o ombro com um ferro cirúrgico e extraiu o dardo. Um grande jato de sangue jorrou da ferida, mas Filipe logo pegou uma lâmina incandescente de um braseiro e afundou–a no corte. A tenda encheu–se do cheiro enjoativo de carne queimada e o rei deixou escapar um longo gemido de dor.
– Costure – ganiu entre os dentes.
O médico costurou, fez o curativo e prendeu–o com uma atadura bem apertada, cruzada na frente e atrás.
– E agora a minha armadura!
– Senhor, eu lhe peço... – implorou Filipe.
– A armadura!
Os homens obedeceram e Alexandre voltou ao campo de batalha onde o seu exército, desanimado, estava recuando diante da fúria dos inimigos, embora Parmênio tivesse mandado entrar em campo mais dois batalhões da reserva da falange.
– O rei está vivo! – gritou Leonato com voz de trovão. – O rei está vivo! Alalalài!
– Alalalài! – responderam os guerreiros, e voltaram à luta com renovado vigor.
Apesar da dor pungente da ferida, Alexandre estava de novo na primeira linha e arrastava atrás de si o resto dos homens pasmos com aquela volta repentina, como se os guiasse não um ser humano mas um deus invencível e invulnerável.
Os adversários foram atropelados e rechaçados até a porta da cidade. Muitos tombaram ali mesmo, não conseguindo se abrigar dentro da

cerca das muralhas.
Mas enquanto o portal se fechava com grande esforço e os macedônios levavam ao céu seus gritos de vitória, um guerreiro que parecia morto jogou repentinamente de lado o escudo que o encobria e feriu Alexandre na coxa esquerda.
O rei pregou–o no chão com a sua lança, mas caiu logo a seguir vencido pela dor e pelas feridas que o torturavam.
Delirou durante três dias e três noites, consumido por uma febre extremamente alta, enquanto os seus homens continuavam a cavar sem parar nas entranhas do grande túmulo sobre o qual se erguia a cidade de Gaza.
No quarto dia Barsine foi visitá–lo e ficou olhando longamente para ele, comovida com a louca coragem que levara aquele rapaz a enfrentar tanta dor. Viu Leptine que chorava baixinho em um canto, então aproximou–se e beijou–o de leve na testa antes de sair, silenciosa como quando tinha entrado.
Ao entardecer Alexandre recobrou os sentidos, mas a dor era insuportável. Viu Filipe, sentado em um canto e de olhos vermelhos devido às longas horas de vigília, e disse:
– Dê–me alguma coisa para acalmar a dor... Não agüento mais: está me deixando louco.
O médico hesitou, mas vendo os traços do rei contraídos e quase distorcidos pelas pungentes fisgadas percebeu a enormidade do seu sofrimento:
– O remédio que agora vou administrar – disse – é uma droga poderosa da qual no entanto ainda não conheço completamente os efeitos, mas não poderá resistir muito tempo com essa dor sem perder o juízo: precisamos arriscar.
Naquele momento ouvia–se ao longe o estrondo das muralhas de Gaza que ruíam devido às minas subterrâneas e a gritaria dos guerreiros que se enfrentavam em um combate furioso. Como fora de si, o rei começou a murmurar:
– Preciso ir... Preciso ir... Dê–me alguma coisa que alivie a dor.
Filipe desapareceu para voltar em seguida com um pequeno vaso de onde tirou uma substância escura com cheiro intenso. Separou uma pequena parte e entregou–a ao rei.
– Engole isto – ordenou com um olhar que denunciava alguma

apreensão. Alexandre ingeriu a substância que o médico lhe dava e aguardou, com a esperança de que a dor amainasse. O fragor do combate que chegava das muralhas provocava nele uma estranha e crescente excitação e, pouco a pouco, a sua mente foi tomada pelos fantasmas guerreiros do poema homérico que, desde a adolescência, lia todas as noites. De repente levantou–se: a dor ainda estava lá, mas era outra, mudara, era alguma coisa diferente e indefinível, uma força cruel que lhe enchia o peito de uma ira impiedosa e sombria. A ira de Aquiles.
Como que em sonho, ficou de pé e saiu da tenda. Em seus ouvidos ressoavam as palavras do médico que suplicava:
– Não vá, senhor... está doente. Espere, eu lhe peço.
Mas eram palavras sem sentido. Ele era Aquiles e tinha de ir à luta onde os seus companheiros precisavam desesperadamente da sua ajuda.
– Aprontem o meu carro – determinou, e os ordenanças, pasmos, obedeceram. O seu olhar estava vítreo e ausente, a sua voz metálica e quase átona. Subiu no carro e o auriga fustigou os cavalos rumo às muralhas de Gaza.
Viveu tudo aquilo que se seguiu como num pesadelo: sabia apenas que era Aquiles e que naquele momento corria com o carro uma, duas, três vezes em volta das muralhas de Tróia arrastando na poeira o cadáver de Heitor.
Quando retomou consciência de si, viu o auriga que puxava as rédeas parando o carro diante das fileiras do exército em formação. Atrás, preso por duas correias à plataforma, percebeu um cadáver reduzido a irreconhecível massa sangrenta. Alguém explicou que se tratava do corpo de Bátis, o heróico defensor de Gaza que haviam trazido diante dele, prisioneiro.
Baixou os olhos horrorizado e fugiu para longe, para o mar, onde a dor recrudesceu mais violenta do que nunca dilacerando–lhe os membros torturados. Voltou à sua tenda na calada da noite, abalado e perturbado pela vergonha, pelo remorso, e atormentado por palpitantes fisgadas no ombro, no tórax, nas pernas.
Barsine ouviu–o gemer de uma dor tão profunda e desesperada que não pôde deixar de ir vê–lo. Quando chegou, Filipe saiu e fez um sinal para Leptine também se retirar.
Ela sentou ao seu lado, na cama, acariciou–lhe a testa molhada de suor e umedeceu seus lábios com água fresca. Quando ele a abraçou e a

apertou contra si tomado pelo delírio, não ousou rechaçá–lo.



CAPÍTULO 57

Filipe lavou as mãos e começou a trocar os curativos e as ataduras dos ferimentos de Alexandre. Haviam–se passado cinco dias desde o massacre de Bátis e o rei ainda estava abalado com aquilo que fizera.

– Acredito que tenha agido sob o efeito do remédio que lhe dei. Pode ser que tenha aliviado a sua dor, mas certamente libertou em você forças que não conseguiu controlar. Eu não podia prever... ninguém poderia...

– Agi cruelmente com um homem que não podia se defender, um homem que merecia respeito por seu valor e sua fidelidade. Mereço ser julgado por isto...

Eumênio, sentado com Ptolomeu em um banco do outro lado da cama, levantou–se e chegou perto.

– Você não pode ser julgado como outro homem qualquer – disse. – Superou todo limite, sofreu ferimentos pavorosos, suportu sofrimentos que ninguém mais suportaria, venceu combates que ninguém mais sequer ousaria travar.

– Você não é como os demais homens – continuou Ptolomeu. – É como Hércules e Aquiles. Já deixou para trás as condições e as normas que governam a vida dos mortais comuns. Não se aflija, Alexandre, se Bátis tivesse tido a você, em seu poder, teria provavelmente imaginado sofrimentos ainda mais atrozes.

Enquanto isto Filipe terminara de limpar as feridas e de trocar as ataduras e estava agora administrando–lhe uma infusão para acalmá–lo e aliviar–lhe a dor. Logo que Alexandre adormeceu, Ptolomeu sentou–se ao seu lado e Eumênio saiu da tenda com o médico. Este logo entendeu que o secretário tinha alguma coisa para contar em particular.

– O que houve? – perguntou.

– Chegou uma notícia ruim – respondeu o secretário. – O rei Alexandre do Epiro caiu em uma armadilha na Itália e foi morto. A rainha Cleópatra está se debulhando em pranto e não sei se devo entregar a sua carta ao rei.

– Leu a mensagem?

– Nunca abriria uma carta selada destinada a Alexandre. Mas o mensageiro estava a par e contou–me.
Filipe meditou durante algum tempo.
– É melhor não contar. As suas condições de corpo e alma ainda são bastante precárias. A notícia o mergulharia no mais sombrio desespero: é melhor esperar.
– Até quando?
– Eu avisarei, se confiar em mim.
– Confio. Como está ele?
– Sofre muito, mas ficará bom. Talvez esteja certo, talvez não seja um homem como todos nós.
Barsine também sofria, naqueles dias, tomada pelo remorso por ter traído a memória do marido. Não conseguia se perdoar por ter cedido a Alexandre, mas ao mesmo tempo sabia quanto ele sofria e gostaria de poder ficar ao seu lado. Havia uma governanta, uma boa mulher idosa chamada Artêmia, que havia muitos anos estava com ela e que nos últimos tempos notara quanto ela mudara e se tornara irrequieta.
Certa tarde aproximou–se dela e perguntou:
– Por que se atormenta, minha filha?
Barsine baixou a cabeça chorando em silêncio.
– Se não quiser contar, não posso forçá–la – observou a velha, mas Barsine sentia o desejo de abrir–se com uma pessoa amiga e começou:
– Cedi a Alexandre, Artêmia. Quando voltou do campo de batalha, ouvi–o gritar a gemer atormentado por terrível sofrimento e não pude resistir. Ele foi bom para comigo e com os meus filhos e senti que devia ajudá–lo naquele momento... Aproximei–me dele limpando o suor da sua testa, acariciei–o... Para mim não passava de um garoto ardendo de febre, dilacerado por pavorosos pesadelos, por imagens de sangue e de horror.
– A mulher escutava, atenta, pensativa. – Mas de
repente puxou–me contra si, abraçou–me com uma força irresistível e eu não soube rechaçá–lo. Não entendo como pôde acontecer... – murmurou com voz trêmula. – Não entendo. O seu corpo torturado exalava uma espécie de perfume misterioso e o seu olhar febril tinha uma intensidade insuportável.
Caiu em prantos.
– Não chore, minha menina – consolou–a a governanta. – Não fez nada de mal. É jovem e a vida que existe em você exige seus direitos. E, além

disto, é uma mãe que, com seus filhos, ficou em poder do inimigo estrangeiro. O seu instinto leva–a a juntar–se ao homem que sobre todos os demais tem poder, e que melhor pode proteger os teus filhos contra qualquer um.
– É o destino de toda mulher bela e desejável: ela sabe que é uma presa, e sabe que só oferecendo o amor ou sujeitando–se ao ímpeto do macho pode esperar salvação e amparo para si e para as suas criaturas. – Barsine continuava a chorar cobrindo o rosto com as mãos. – Mas o homem que te pegou é um jovem muito bonito, que sempre te tratou com amabilidade e respeito, que mostrou merecer o seu amor. E por isto que está sofrendo, porque ao mesmo tempo existem em você dois sentimentos profundos e terríveis: o amor por um homem que já não vive, e que portanto não deveria ter razão de ser, mas que se recusa a morrer, e o amor inconsciente por um homem que não quer aceitar por ser um inimigo e, de alguma forma, a causa da morte do marido que amava. Nada de mal fez. Se perceber o nascer de um sentimento, não o reprima, pois nada acontece no coração dos homens que não seja pela vontade de Ahura Mazda. O fogo eterno é a origem de qualquer fogo na terra e no céu. Mas lembre–se, Alexandre não é como os outros homens. É como o vento que passa e foge. E ninguém pode aprisionar o vento. Não ceda ao amor, se achar que não poderá agüentar a separação.
Barsine enxugou as lágrimas e saiu ao ar livre. Era uma bonita noite de lua, e o raio do astro desenhava uma longa esteira de prata nas águas tranqüilas. O pavilhão do rei não ficava muito longe dali, e as chamas das lamparinas projetavam na lona da tenda a sua sombra inquieta e solitária. Entrou no mar até ficar com a água na altura dos joelhos e de repente pareceu–lhe perceber o seu perfume e ouvir a sua voz que murmurava:
– Barsine.
Parecia impossível, mas ele estava realmente ali, tão perto que chegava a roçar nas suas costas com a respiração.
– Sonhei, não saberia dizer quando – disse baixinho – que me concedia o seu amor, que eu a acariaciava o corpo todo, que te penetrava com ternura. Mas quando acordei só encontrei isto na minha cama. – Deixou cair um lenço de bisso azul que se confundiu com as ondas. – É seu?
– Não foi um sonho – respondeu Barsine sem se virar. – Eu tinha entrado porque te ouvira gritar de dor, e sentara ao seu lado. Você me

abraçou com uma força invencível e não pude te repelir.
Alexandre segurou–a pelos quadris e fez com que se virasse para ele. O luar conferia ao seu rosto uma palidez de marfim e se espelhava na sombra do seu olhar.
– Agora pode, Barsine. Agora pods repelir–me enquanto lhe peço para receber–me em seus braços. Em apenas alguns meses recebi e infligi todo tipo de
qualquer abismo, esqueci que algum dia já fui criança, que tive um pai, uma mãe. O fogo da guerra queimou o meu coração e agora vivo vendo a cada instante a morte que cavalga ao meu lado sem nunca conseguir me ceifar. Nesses momentos percebo o que significa tornar–se imortal e isto enche a minha alma de angústia e terror. Não me rechace, Barsine, agora que as minhas mãos acariciam o seu rosto, não me negue o seu calor, o seu abraço.
O seu corpo estava marcado como um campo de batalha: não havia lugar algum, na sua pele, que estivesse livre de arranhões, cicatrizes, escoriações. Só o rosto permanecia maravilhosamente intato, os longos cabelos descaíam–lhe sobre os ombros emoldurando–o com uma graça intensa e melancólica.
– Me ame, Barsine – disse–lhe, puxando–a, apertando–a contra si.
A lua escondeu–se atrás das nuvens que vinham do ocidente e ele beijou–a com paixão. Barsine respondeu àquele beijo como se de repente tivesse sido envolvida pelas chamas de um incêndio, mas naquele mesmo instante sentiu no fundo do coração o aperto de um obscuro desespero.
O exército retomou a sua marcha rumo ao deserto logo que o rei se recuperou o bastante para viajar. Depois de sete dias chegaram à cidade de Pelúsio, a entrada do Egito na margem oriental do delta do Nilo. O governador persa, sabendo que estava completamente isolado, fez ato de submissão e entregou o país e o tesouro real nas mãos de Alexandre.
– O Egito! – exclamou Perdicas contemplando das torres da fortaleza a imensidão das campinas que se espalhavam a perder de vista, as preguiçosas águas dos rios, os penachos dourados dos papiros ao longo das margens dos canais, as palmeiras carregadas de tâmaras já do tamanho de nozes.
– Para dizer a verdade, eu nem acreditava que realmente existisse – observou Leonato. – Cheguei a pensar que fosse apenas mais uma das

lorotas que o velho Leonidas nos contava.
Uma jovem com uma peruca negra na cabeça e de olhos bistrados, envolvida em um pano de linho tão justo que a fazia parecer nua, serviu vinho de palmeira e doces aos jovens conquistadores.
– Continua tão certo de não gostar absolutamente dos egípcios? – Alexandre perguntou a Ptolomeu que acompanhava a linda moça com olhar cheio de admiração.
– Acho que não – sorriu Ptolomeu.
– Olhe, olhe ali, no meio do rio! O que são aqueles monstros? – gritou de repente Leonato apontando para o borbulhar da água e para umas costas escamosas que por alguns instantes reluziram na água antes de desaparecer.
– Crocodilos – explicou o intérprete, um grego de Náucratis chamado Aristóxeno. – Estão em toda parte, não se esqueçam disto: tomar banho nestas águas pode ser extremamente perigoso. Cuidado, portanto, pois...
– E aqueles ali? Olhem aqueles! – gritou mais uma vez Leonato. – Parecem imensos porcos!
– Hippopotamoi: em grego, o nome é este – continuou explicando o intérprete.
ficar ofendido se soubesse que também chamam de cavalos aqueles animais.
– É só uma maneira de dizer – replicou o intérprete. – Não são perigosos pois se alimentam com ervas e algas, mas podem perfeitamente virar um barco com sua massa enorme, e então quem cai na água pode se tornar presa dos crocodilos.
– Um país perigoso – comentou Seleuco, que até então só ficara admirando o espetáculo em silêncio. – E o que acha que vai acontecer agora? – perguntou virando–se para Alexandre.
– Não sei, mas acredito que aqui poderemos ser recebidos amigavelmente, se soubermos entender esta gente. Dão a impressão de ser um povo sábio e gentil, mas bastante orgulhoso.
– Isso mesmo – confirmou Eumênio. – O Egito jamais tolerou conquistadores, e os persas nunca entenderam isto: sempre deixaram em Pelúsio um governador com suas tropas mercenárias e isto só conseguiu causar revoltas e mais revoltas, todas seguidas de repressões sangrentas.
– E por que acha que poderá ser diferente conosco? – perguntou

Seleuco.
– Poderia ter sido diferente com os persas também, se tivessem respeitado a religião local e se o Grande Rei tivesse apresentado a si mesmo como faraó do Egito. De certa forma, é toda uma questão de cerimonial.
– Uma questão... de cerimonial? – repetiu Ptolomeu.
– Isso mesmo – confirmou Eumênio. – De cerimonial. Um povo que vive para os deuses e para o além, um povo que gasta uma imensa fortuna só para importar o incenso a ser queimado nos templos deve certamente atribuir muita importância ao cerimonial.
– Acho que está certo – aprovou Alexandre. – De qualquer maneira, não vamos demorar para descobrir. Amanhã deverá chegar a nossa frota, e aí subiremos pelo Nilo até Mênfis, a capital.
Os navios de Nearcos e de Heféstion lançaram âncora na embocadura da ramificação oriental do delta dois dias depois, e o soberano viajou pelo Nilo com os companheiros até Heliópolis e Mênfis, enquanto o exército prosseguia por terra.
Desfilaram no grande rio diante das pirâmides que brilhavam como diamantes sob o sol a pique e diante da gigantesca esfinge, ali deitada havia milênios para cuidar do sono dos grandes reis.
– Segundo Heródoto, trinta mil homens levaram trinta anos para erguê–la –
explicou Aristóxeno.
– Acha que é verdade? – perguntou Alexandre.
– Creio que sim, embora neste país se contem mais histórias do que em qualquer outra parte do mundo, simplesmente porque aconteceram muitas coisas, com o passar dos séculos.
– É verdade que no deserto oriental há serpentes aladas? – perguntou de novo Alexandre.
– Não sei – respondeu o intérprete. – Nunca estive lá, mas é sem dúvida um dos lugares mais inóspitos do mundo. Mas olhe, já estamos chegando ao molhe de desembarque. Aqueles que vêem na frente de todos, de cabeça raspada, são os sacerdotes do templo de Zeus Amon. Trate–os com respeito: poderão poupar– lhe muito trabalho e derramamento de sangue.
Alexandre anuiu e preparou–se para descer. Logo que desembarcou aproximou–se dos sacerdotes com atitude deferente e pediu para ser

levado ao templo quanto antes para prestar homenagem ao deus.
Os sacerdotes olharam uns para os outros trocando umas poucas palavras baixinho, depois responderam com uma garbosa mesura e encaminharam–se em procissão para o grandioso santuário, entoando um hino religioso com acompanhamento de harpas e flautas. Ao chegarem diante das colunas do adro, abriram–se em leque como convidando Alexandre a entrar. E Alexandre entrou, sozinho.
Os raios do sol que penetravam através de uma estreita abertura no teto atravessavam a densa nuvem que subia de um grande incensório de ouro colocado no centro, mas mal dava para distinguir o resto do santuário na escuridão. Num pedestal de granito erguia–se a estátua do deus com cabeça de carneiro, os olhos de rubi e os chifres laminados de ouro. Alexandre olhou em volta: o templo parecia completamente deserto e no silêncio meridiano o murmúrio que chegava de fora logo se perdia, abafado por aquela floresta de colunas que sustentavam o teto de cedro.
De repente a estátua pareceu mover–se: os olhos de rubi faiscaram como animados por uma luz interior e uma voz profunda e vibrante ressoou na grande sala hipostila.
– O último soberano legítimo deste país teve de refugiar–se no deserto vinte anos atrás para nunca mais voltar. Será você o seu filho, que dizem ter nascido bem longe do Nilo e pelo qual há tanto tempo esperamos?
Naquele momento Alexandre compreendeu tudo aquilo que já ouvira contar sobre o Egito e sobre a alma do seu povo, e respondeu com voz firme:
– Sim, eu sou.
– Se realmente é – prosseguiu então a voz –, dê–me a prova.
– Como? – perguntou o soberano.
– Somente o deus Amon pode te reconhecer como filho, mas ele só fala pelo oráculo de Sivas que surge no coração do deserto. É para lá que deverá ir.
"Sivas", pensou Alexandre. E lembrou a história que sua mãe lhe contava quando criança, a história de duas pombas soltas por Zeus no começo dos tempos: uma tinha ido pousar num carvalho em Dodona e a outra numa palmeira em Sivas, e dali tinham começado a pronunciar profecias. Também lhe contara que o sentira mexer–se em seu ventre pela primeira vez quando fora visitar o oráculo de Dodona, e que o seu

nascimento, um nascimento divino, iria se tornar realidade quando visitasse o outro oráculo, o de Sivas.
A voz calou–se e Alexandre saiu da grande sala escura, reaparecendo no sol entre cantigas de louvor e hinos sacros.
Trouxeram à sua presença o touro Ápis que ele homenageou coroando–lhe a testa com grinaldas, depois ofereceu um antílope como sacrifício ao deus Amon.
Os sacerdotes, admirados com aquela demonstração de piedade, aproximaram–se e ofereceram–lhe as chaves da cidade e Alexandre ordenou que fossem logo iniciadas as obras para restaurar o templo que em vários lugares já mostrava sinais de decadência.



CAPÍTULO 58

A viagem para o longínquo oásis de Sivas começou alguns dias depois, quando os ferimentos de Alexandre já estavam completamente curados. O grosso do exército marchou para o norte, enquanto uma parte seguia com a frota. O encontro estava marcado numa enseada que não ficava longe do braço mais ocidental do delta do Nilo.

Quando chegou ao local, Alexandre ficou encantado com o tamanho da baía, com a ilha cheia de palmeiras que a protegia dos ventos setentrionais, com a larga praia de areia macia.

Decidiu acampar ali e deu uma festa para celebrar com os companheiros e o exército o sucesso da campanha e a pacífica acolhida com que haviam sido recebidos no Egito. Antes de o jantar transformar-se em orgia, como costumava acontecer nestes casos, Alexandre quis que os amigos ouvissem algumas músicas de artistas gregos e egípcios e assistissem a uma exibição de Tessalo, o seu ator preferido, que interpretou de forma magistral o monólogo de Édipo no Édipo em Colona.

O aplauso dos presentes ainda ecoava no ar quando uma visita foi anunciada ao rei.

– Quem é? – perguntou Alexandre.

– Um sujeito bastante estranho – respondeu Eumênio, perplexo –, mas ele afirma que o conhece muito bem.

– É mesmo? – disse o rei, que estava de bom humor. – Mande entrar, então.

O que tem ele de tão estranho?

– Você mesmo verá – replicou Eumênio afastando-se para chamar o visitante.

Quando este apareceu, a sala foi percorrida por um murmúrio e até por algumas risadas, e todos os olhares concentraram-se no recém chegado. Era um homem de uns quarenta anos, completamente nu a não ser por duas peles de leão, como Hércules, e uma clava na mão direita.

Alexandre mal conseguiu refrear o riso diante daquela singular

homenagem à figura do seu antepassado e, fazendo o possível para manter–se sério, perguntou:
– Quem é você, hóspede forasteiro que tanto se parece com o herói Hércules, meu antepassado?
– Sou Dinócrates, um arquiteto grego.
– Estranhos trajes, para um arquiteto – comentou Eumênio.
– O que importa – sentenciou o homem – não é a maneira de vestir–se, mas sim os planos que alguém pode apresentar e, eventualmente, realizar.
– E que planos teria a propor–me? – perguntou o soberano.
Dinócrates bateu palmas e dois rapazinhos entraram e desenrolaram um grande papiro aos pés de Alexandre.
– Por Zeus! – exclamou o rei. – Mas o que é isto?
Dinócrates mostrou–se visivelmente satisfeito por ter despertado a atenção de Alexandre e começou a explicar:
– Trata–se de um projeto ambicioso, eu reconheço, mas certamente digno da sua grandeza e da sua glória. O que tenciono fazer é esculpir o monte Atos na
forma de um colosso com as suas feições, como está aqui representado neste desenho. E na sua mão aberta o gigante terá uma cidade que você fundará pessoalmente. Não é extraordinário?
– Ora, quanto a isto não há a menor dúvida – comentou Eumênio. – Só me pergunto se é viável.
Alexandre ficou olhando para o desvairado projeto que o retratava com a altura de uma montanha e segurando uma cidade inteira na mão e disse:
– Receio que seja um tanto demais para as minhas possibilidades... E além do mais, se quisesse mandar realizar uma estátua tão enorme, iria chamar um rapaz muito bom que conheci quando estudava em Mésia com Aristóteles. Um aluno de Lisipo chamado Carete que sonha, algum dia, construir um gigante de bronze com a altura de oitenta cúbitos. Conhece?
– Não.
– De qualquer forma, se quiser, eu teria um projeto para você.
– Não gosta deste, então, senhor?
– Não é que eu não goste. Só que me parece um tanto... O meu projeto, por sua vez, pode ser realizado a partir de amanhã, desde que aceite o encargo.

– Mas é claro, senhor. Só precisa dizer.
– Então venha comigo – convidou–o o rei, e saiu ao ar livre encaminhando–se para a beira da praia. Era uma bonita noite de verão e a foice da lua espelhava–se nas águas tranqüilas da baía.
Alexandre tirou o manto e desdobrou–o no chão.
– E isto, quero que projete uma cidade com o formato de um manto macedônio, assim, em volta da baía em que estamos agora.
– Só isto? – perguntou Dinócrates.
– Só isto – respondeu o rei. – Quero que comece amanhã mesmo, ao alvorecer. Preciso sair de viagem e quando eu voltar quero ver erguerem as casas, pavimentarem as ruas, construírem os diques do porto.
– Farei o possível, senhor. Mas com quem pegarei o dinheiro?
– Peça a Eumênio, o meu secretário geral. – Deu meia volta para regressar à tenda deixando o excêntrico arquiteto no meio da esplanada deserta, com a sua clava e as peles de leão. – E que seja um bom trabalho! – intimou.
– Só mais uma coisa, senhor! – gritou Dinócrates antes que o rei voltasse ao seu banquete e aos amigos. – Como deverá se chamar a cidade?
– Alexandria. Deverá chamar–se Alexandria e será a cidade mais bonita do mundo.
Os trabalhos começaram sem demora e Dinócrates, despida a pele de leão e usando trajes decentes, demonstrou–se plenamente capaz de enfrentar o desafio, embora os outros arquitetos que acompanhavam a expedição desde o começo demonstrassem algum ciúme pelo fato do rei ter confiado uma tarefa como aquela a um desconhecido. Mas muitas vezes Alexandre agia por impulso, e raramente errava.
Só houve um fato que jogou algumas sombras sobre o projeto. Dinócrates traçara a planta da cidade, aí colocara em posição os instrumentos a fim de transladar para o terreno as projeções do desenho e começara a marcar com gesso o perímetro, as ruas principais, as secundárias, as áreas destinadas à praça principal, ao mercado e aos santuários. Em certa altura, porém, tinha acabado o
gesso e, não podendo completar o seu trabalho, pedira ao almoxarifado do exército uns sacos de farinha com os quais levara a cabo a obra. Depois disso chamara o rei para que ele pudesse pelo menos ter uma idéia geral de como Alexandria iria ficar, mas enquanto o soberano

chegava em companhia do seu adivinho Aristandro, um bando de pássaros pousara e bicara a farinha até cancelar quase por completo parte do traçado.
O vidente logo percebeu alguma perturbação nos olhos de Alexandre, como se o rei visse naquilo um sinal de mau agouro, mas tranqüilizou–o:
– Não se preocupe, senhor, pois na verdade este é um ótimo presságio: significa que a cidade será tão rica e próspera que do mundo inteiro virão para cá pessoas em busca de trabalho, de uma vida melhor.
Dinócrates também sentiu–se aliviado com aquela interpretação e recomeçou a trabalhar com afinco, ainda mais porque havia chegado mais gesso.
Naquela noite o rei teve um sonho belíssimo. Sonhou que a cidade havia crescido, que casas e palácios surgiam por toda parte, com maravilhosos jardins. Sonhou que a baía, protegida pela longa ilha, fervilhava de embarcações ancoradas que descarregavam as mais variadas mercadorias oriundas de todas as partes do mundo conhecido. E viu um dique que chegava até a ilha, e uma torre que surgia nela, gigantesca, espalhando luz na noite para os navios que se aproximavam. Parecia–lhe ouvir, contudo, a sua própria voz que perguntava: "Chegarei a ver tudo isto? Quando voltarei para a minha cidade?"
No dia seguinte contou o sonho a Aristandro e repetiu a mesma pergunta:
– Quando voltarei para a minha cidade?
Naquele momento Aristandro dava–lhe as costas pois o seu coração lutava contra um triste presságio, mas virou–se e disse com serenidade no olhar:
– Voltará, senhor, eu juro. Não sei dizer quando, mas voltará...

CAPÍTULO 59

Retomaram a marcha para ocidente tendo o mar à direita e o imenso deserto à esquerda até chegarem, após cinco etapas, a Paretônio, um posto avançado que servia de ponto de encontro entre os habitantes, em parte egípcios e em parte gregos originários de Cirene, e as tribos nômades do interior: os nasamones e os garamantes.
Estes haviam dividido a costa em setores e, quando um navio naufragava, o saque cabia à tribo em cujo setor os despojos encalharam. Os náufragos acabavam sendo vendidos como escravos no mercado de Paretônio. Contavam que dois séculos antes os nasamones haviam atravessado o grande mar de areia cuja extensão ninguém conhecia, chegando a um grande lago, do outro lado, povoado por crocodilos e hipopótamos, com árvores de toda espécie que davam frutos o ano inteiro. Também diziam que naquele lugar existia a caverna de Proteu, o deus multiforme que vivia em companhia das focas e que sabia predizer o futuro.
Alexandre deixou a maior parte do exército em Paretônio sob o comando de Parmênio, ao qual também confiou a custódia de Barsine. Foi despedir–se dela na
havia pertencido a uma rainha do Nilo.
– Não há jóia digna de enfeitar a sua beleza – disse ao colocar em volta do seu pescoço a maravilhosa peça. – Não há esplendor capaz de ofuscar a luz dos seus olhos, nem esmalte que possa rivalizar com o brilho do seu sorriso. Daria qualquer riqueza para poder sentar diante de você e vê–la sorrir. Me daria mais felicidade do que beijar os teus lábios, do que acariciar o seu ventre e o seu seio.
– O sorriso é um dom que Mura Mazda tirou de mim há algum tempo, Alexandre – replicou Barsine –, mas agora que parte, enfrentando uma longa viagem cheia de perigos, percebo que ficarei ansiosa durante todo o tempo que ficará ausente, e sinto que sorrirei ao vê–lo voltar. – Roçou em seus lábios com um beijo e acrescentou: – Volte para mim, Aléxandre.
A marcha prosseguiu com um contingente reduzido, e Alexandre,

ladeado pelos companheiros, penetrou no deserto rumo ao santuário de Zeus Amon levando consigo uns cem camelos com água e provisões suficientes.
Todos haviam aconselhado o rei a não enfrentar tal viagem bem no meio do verão pois o calor seria insuportável, mas ele já estava convencido de que podia desafiar e superar qualquer obstáculo, sarar de qualquer ferida, vencer qualquer perigo, e queria que seus homens ficassem igualmente cientes disto. Depois das duas primeiras etapas, no entanto, o ardor do sol tornou–se intolerável e o consumo de água por parte dos homens e dos animais ficou cada vez maior, tanto assim que surgiram sérias dúvidas quanto à possibilidade de superar sem risco a distância que ainda faltava.
E, além disto, no terceiro dia estourou uma tempestade de areia que pôs duramente à prova a resistência dos homens e dos animais e tornou o caminho completamente irreconhecível. Quando, depois de horas e mais horas de aflitiva agonia, os incansáveis remoinhos amainaram, só se podia ver em volta a ondulada e infinita imensidão daquele deserto sem limites: já não dava para distinguir a senda nem os marcos que a assinalavam. E, caminhando, os homens afundavam na areia cada vez mais ardente a ponto de queimar as pernas e os pés não suficientemente protegidos pelos calçados. Tiveram de enfaixar–se até os joelhos com o pano dos mantos para prosseguir naquela marcha estafante.
No quarto dia muitos começaram a desanimar e só o exemplo do rei, que avançava na frente de todos, a pé como o mais humilde dos seus soldados, que era sempre o último a beber, que à noite se contentava com um punhado de tâmaras preocupando–se ao mesmo tempo para que todos os demais recebessem o mínimo indispensável, incutia nos homens energia e determinação suficientes para seguirem em frente.
No quinto dia a água já acabara e o horizonte continuava vazio como de costume: nenhum sinal de vida, nem mesmo um fio de grama, nem o sonho de um ser vivo.
– E mesmo assim alguém está por aí – afirmou o guia, um grego de Cirene escuro como um tição, certamente filho de mãe Líbia ou etíope.
– Se por acaso tivéssemos de sucumbir, como em um passe de mágica o horizonte ficaria logo animado, homens apareceriam de todos os cantos como formigas e num piscar de olhos os nossos corpos seriam abandonados, despidos de tudo, secando no sol do deserto.

macedônio de abas largas, arrastava–se ali por perto.
Naquele momento Heféstion reparou em alguma coisa e chamou a atenção dos companheiros:
– Olhem!
– Parecem pássaros – confirmou Perdicas.
– Corvos – explicou o guia.
– Ai, ai! – lastimou Seleuco, lacônico.
– Nada disto – replicou o guia. – É um bom sinal.
– Quer dizer que as nossas carcaças não serão desperdiçadas – comentou mais uma vez Seleuco.
– Que nada! Significa que estamos perto de algum local habitado. – Perto para bichos com asas, mas para nós, a pé, sem comida nem água...
Aristandro, que caminhava sozinho não muito longe dali, deteve–se de repente:
– Parados! – ordenou.
– O que foi? – perguntou Perdicas. Alexandre também parou e virou–se para o vidente que sentara no chão puxando a manta por cima da cabeça. Uma aragem insinuou–se entre as dunas tão quente quanto bronze fundido.
– O tempo está mudando – disse Aristandro.
– Por Zeus, que não seja outra tempestade de areia! – suplicou Seleuco, desconsolado. Mas o sopro ficou mais forte, dispersando o calor sufocante e trazendo um vago cheiro de maresia.
– Nuvens – disse Aristandro. – Nuvens estão chegando.
Seleuco trocou um rápido olhar com Perdicas, como se dissesse: "Devaneia." Mas o vidente realmente sentia o aproximar–se das nuvens e depois de mais ou menos uma hora uma frente nebulosa e escura apareceu do norte escurecendo o horizonte.
– Não se iludam – recomendou o guia. – Aqui nunca chove, que eu saiba. É
melhor retomarmos o nosso caminho.
A coluna voltou a avançar rumo ao sul na claridade ofuscante, mas os homens se viravam o tempo todo para olhar a frente escura que se aproximava, cada vez mais negra, estriada pelo convulso palpitar dos raios.
– Talvez não chova – observou Seleuco. – Mas troveja.
– Tem bons ouvidos – replicou Perdicas. – Eu não ouvi nada.

– É verdade – assentiu o guia. – Troveja. De qualquer maneira, mesmo que não chova, as nuvens poderão pelo menos nos proteger do sol e aí marcharemos à sombra e com uma temperatura suportável.
Uma hora depois as primeiras gotas de chuva apagaram–se com pequenos baques na areia e o ar encheu–se do cheiro intenso e agradável da terra molhada. Os homens, já esgotados, de pele queimada e lábios rachados, pareciam loucos, gritavam, jogavam os chapéus para o ar, abriam as bocas ressecadas para capturar uns poucos pingos, para não deixar que se perdessem na areia ardente.
O guia sacudiu a cabeça:
– E melhor dizer–lhes para pouparem o fôlego. A chuva é dissolvida pelo calor antes mesmo de chegar ao chão e volta ao céu na forma de ligeira névoa. E é só. – Mal tinha acabado de falar, no entanto, e as ralas gotículas se
transformaram em garoa e depois em uma pancada de chuva entremeada de raios e estrondosos trovões.
Os homens fincaram as lanças no solo e prenderam nelas as capas para coletar o máximo de água, colocaram no chão elmos e escudos com a cavidade para cima e logo a seguir puderam beber. Quando a chuvarada parou, as nuvens continuaram a navegar pelo céu, menos espessas e compactas, mas ainda assim bastante densas para velar o sol e proteger os homens em marcha.
Alexandre ficara calado até aquele momento, continuava andando absorto, como se estivesse seguindo uma voz misteriosa. Todos olharam para ele, já cientes de que estavam sendo conduzidos por um ser sobre humano que podia sobreviver a ferimentos que teriam matado qualquer outro, que podia fazer chover no deserto e talvez até fazer crescer flores nele, se assim quisesse.
O oásis de Sivas apareceu no horizonte dois dias depois, ao alvorecer: uma faixa verde extremamente viçosa que atravessava o reflexo ofuscante das areias. Aquela vista, os homens gritaram de entusiasmo, muitos choravam de emoção ao verem a vida que mais uma vez triunfava no meio daquela extensão infinita e árida, outros levavam suas preces ao céu para agradecer aos deuses que os salvaram de uma morte atroz, mas Alexandre continuava a sua marcha silenciosa como se nunca tivesse duvidado de que iria alcançar a meta.
O oásis era imenso, coberto de palmeiras carregadas de tâmaras e

alimentado por uma maravilhosa nascente que jorrava no centro. Clara como cristal, refletia o verde–escuro das palmeiras e os monumentos milenares da misteriosa comunidade cujas origens se perdiam no tempo. Os homens avançaram correndo, mas o médico Filipe logo gritou:
– Calma! Calma! A água está muito fria. Bebam devagar, dando pequenos goles. – Alexandre foi o primeiro a obedecer dando o exemplo. O que deixou todos maravilhados foi o fato de verem que estavam sendo esperados. Havia sacerdotes perfilados sobre as escadarias do santuário, precedidos por seus oficiantes que espalhavam olorosas nuvens de incenso com seus turíbulos, mas nesta altura a viagem já lhes tinha ensinado que naquela terra tudo podia acontecer.
O guia, que também tinha a função de intérprete, traduziu as palavras do sacerdote que recebeu o soberano com uma taça de água fresca e uma cesta de tâmaras maduras.
– O que quer, hóspede que vem do deserto? Se quiser água e comida, aqui as terá pois a lei da hospitalidade é sagrada neste lugar.
– Quero conhecer a verdade – respondeu Alexandre.
– E de quem quer ouvir as palavras da verdade? – ainda perguntou o sacerdote.
– Do maior dos deuses, do supremo Zeus Amon que mora neste templo solene.
– Então volte esta noite e saberá o que deseja conhecer.
Alexandre fez uma mesura e juntou–se aos companheiros que estavam acampando perto da nascente. Viu Calístenes que mergulhava as mãos na água e depois molhava a testa.
– É verdade o que contam dela? Que ao entardecer se aquece e que no meio da noite fica até morna?
– Eu imaginei uma outra explicação. No meu entender, a temperatura da nascente é sempre a mesma: é a temperatura externa que muda de forma incrível, tanto assim que durante o dia, quando faz um calor insuportável, a água parece gelada, enquanto à noitinha, quando começa a refrescar, a água parece menos fria e à meia–noite quase parece morna. Tudo é relativo, diria meu tio Aristóteles.
– Pois é – assentiu Alexandre. – Teve notícias das suas investigações?
– Não, desde as últimas novas que te contei. Mas certamente teremos novidades quando chegarem os navios com os recrutas recém alistados. Por enquanto parece que encontrou o rastro de uma responsabilidade

persa, mas já sei o que diria se estivesse aqui.
– Eu também. Diria que os persas estavam sem dúvida interessados no assassinato do meu pai, mas que espalhariam de qualquer maneira a notícia de terem sido os responsáveis, mesmo que não fosse verdade, para que os futuros reis da Macedônia receassem qualquer ação hostil contra eles.
– É muito provável – admitiu Calístenes, mergulhando mais uma vez as mãos na água.
Naquele momento chegou o médico Filipe.
– Olhe o que os homens encontraram – disse agitando uma pesada serpente de cabeça enrugada e triangular. – Uma mordida dela pode matar em poucos instantes.
Alexandre olhou.
– Avise os soldados para que tenham cuidado e então mande embalsamá–la para que seja enviada a Aristóteles. E faça o mesmo se encontrar ervas e plantas que pareçam interessantes e com propriedades desconhecidas. Depois lhe darei uma carta que deverá seguir com tudo isto.
Filipe assentiu e afastou–se com a sua cobra, enquanto Alexandre ficava sentado nas margens da nascente à espera do anoitecer. De repente viu a imagem de Aristandro que se espelhava na água, atrás dele.
– Continua tendo o mesmo pesadelo? – perguntou o rei. – Continua sonhando com aquele homem que queima vivo?
– E quanto a você? – perguntou por sua vez Aristandro. – Quais pesadelos agitam a sua mente?
– Muitos... talvez demais – respondeu o rei. – A morte do meu pai, o massacre de Bátis que arrastei ainda vivo atrás do meu carro em volta das muralhas de Gaza, o fantasma de Mêmnon que me aparece toda vez que abraço Barsine, o nó de Górdio que cortei com a espada em vez de desatá–lo e...
Parou, como se relutasse em continuar.
– E mais o quê? – insistiu Aristandro fitando–o nos olhos.
– Uma ladainha – respondeu Alexandre, baixando a cabeça.
– Uma ladainha? Qual?
O rei cantarolou baixinho:
O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
Aí virou–se de costas.

– Tem algum significado especial para você?
– Não, é apenas uma ladainha que eu cantava quando criança. Foi me ensinada pela governanta da minha mãe, a velha Artemísia.
– Então esqueça. Quanto aos seus pesadelos, só há uma saída – afirmou Aristandro.
– Qual seria?
– Tornar–se um deus – replicou o vidente. E logo após dizer isto a sua imagem desapareceu, destruída por um inseto que caiu na água e encrespou–a com suas desesperadas tentativas de evitar a morte.
Já estava escuro quando Alexandre passou pelo limiar do grande templo interiormente iluminado por uma dupla fileira de lamparinas penduradas no teto e por uma grande lâmpada colocada no chão que com seu palpitar dava um toque luminescente à colossal figura do deus Amon.
Alexandre levantou os olhos para o rosto ferino do gigante, para os enormes chifres retorcidos de carneiro, para o amplo peito e os poderosos braços encostados no corpo, de punhos fechados. Voltou mais uma vez a lembrar as palavras que um dia sua mãe lhe dissera antes que partisse:
– O oráculo de Dodona marcou o seu nascimento, mas outro oráculo no meio de um deserto ardente marcará para você um novo nascimento para uma vida que não perecerá.
– O que pede ao deus? – trovejou de repente uma voz na floresta petrificada de colunas que sustentavam o teto. Alexandre olhou em volta, mas não viu vivalma. Fitou fixamente a enorme cabeça de carneiro de grandes olhos amarelos riscados por uma fenda negra: era então isto ser um deus?
– Ainda existe alguém... – começou. E o eco respondeu:
– Alguém...
– Ainda existe alguém, entre aqueles que mataram meu pai, que eu ainda não tenha punido?
As suas palavras perderam–se na reverberação deformada por mil superfícies curvas e houve um momento de silêncio. Aí a voz profunda e vibrante ressoou novamente no peito do colosso:
– Cuidado ao falar assim, pois o seu pai não é um mortal. Seu pai é Zeus Amon!
O rei saiu do templo na calada da noite, depois de ouvir a resposta às

suas
indagações, mas não quis voltar à tenda, no meio dos soldados. Atravessou os jardins e os palmares até ficar sozinho na margem do deserto, sob o infinito céu estrelado. Percebeu um passo que se aproximava, virou–se e de repente viu–se diante de Eumênio.
– Gostaria de não falar, neste momento. – Eumênio não se mexeu. – Mas se tem algo importante a dizer, eu ouvirei.
– Infelizmente, trata–se de uma notícia ruim que guardo há algum tempo em segredo, à espera do momento oportuno...
– E considera este momento oportuno?
– Talvez. E de qualquer maneira teria de contar, mais cedo ou mais tarde. O rei Alexandre do Epiro morreu lutando como um valoroso, subjugado por uma multidão de bárbaros.
Alexandre assentiu gravemente, e enquanto Eumênio se afastava virou–se mais uma vez para olhar a infinitude do céu e do deserto, chorando em silêncio.

NOTA DO AUTOR

Na hora em que o romance do capitão macedônio penetra na parte mais propriamente histórica, tive de fazer escolhas narrativas que na verdade se traduzem em escolhas históricas, às vezes até alheias às interpretações tradicionais. Como no caso da descrição da batalha do Granito, para a qual preferi uma reconstituição a meu ver mais realista, evitando o tom laudatório de Calístenes.
Juntei em um só personagem as duas figuras distintas de Alexandre de Lincéstide e de Amintas para evitar confundir o leitor que já conhece dois "Alexandres", mas mantive as situações problemáticas (dinásticas, políticas, psicológicas) que realmente se criaram à volta deles. A reconstrução topográfica, tática e estratégica dos sítios de Mileto, Halicarnasso e Tiro foi feita com meticulosa atenção, assim como a da batalha de Isso que resulta de uma exploração direta do local. As fontes literárias são, no conjunto, as mesmas citadas no primeiro volume, com o acréscimo de algumas referências que remontam a Heródoto (as serpentes voadoras) e citações de Homero e Hesíodo, além de mais algumas referências às páginas técnicas de Enéias tático e aos Stratagemata de Frontino. Também são numerosos os testemunhos materiais, e muitas cenas poderão ser reconhecidas pelo leitor acostumado com obras de arte, moedas, mosaicos. Também foram levadas devidamente em conta as imagens com que foram retratadas as pessoas e os locais, assim como as mais recentes escavações arqueológicas nos lugares mencionados. Neles todos foram realizadas, em diferentes ocasiões, rigorosas pesquisas topográficas.



LIVRO 3

ALEXANDRE

Confins do Mundo



NOTA DO AUTOR

Esta última parte das vicissitudes de Alexandre talvez seja a mais complexa e difícil de se interpretar porque há nela vários trechos que, mesmo nas fontes originais, são pouco claros. Como, por exemplo, o incêndio de Persépolis, a morte de Cleito, o Negro, e as duas conspirações, aquela em que houve o envolvimento de Filotas e a dita "dos pajens". Não cabe a um romance resolver problemas já amplamente debatidos pela crítica historiográfica, mas a narrativa pode mesmo assim dar margem a interpretações de alguma forma relevantes, justamente porque ela leva em conta o quadro geral que fica fora de foco na visão setorial e, de qualquer modo, muito especializada da pesquisa. É o caso da cena em que Parmênio pede explicações para a destruição de Persépolis por parte de Alexandre.

O conquistador macedônio, no entanto, é sempre representado de forma fiel, mesmo nos momentos mais escabrosos e menos honrosos da sua história.

Somente alguns episódios, claramente apresentados de forma prejudicial por fontes sectárias, foram na medida do possível restituídos àquela que poderia ser a situação original e mais autêntica.

Os leitores, e principalmente as leitoras, poderão pensar que alguns personagens femininos deveriam ter tido um peso maior na alma do protagonista, mas, aqui também e mais uma vez, preferi apresentar uma situação condizente com a sociedade da época assim como com o caráter de Alexandre. Nas fontes antigas, estes personagens mal chegam a ser mencionados, até mesmo os mais importantes, tentei dar a essas mulheres uma certa consistência e reconstruir, na base de considerações lógicas, a presença delas e a influência que tiveram sobre os acontecimentos da história.

As reconstituições topográficas, infelizmente, só podem ser consideradas aproximativas, a perda das Efemérides, provavelmente redigidas por Eumênio de Cárdia, e dos registros dos Bematistas ("oficiais de marcha", no romance), que davam uma descrição extremamente precisa do itinerário, só nos permite uma avaliação um tanto aproximada da

paisagem e das suas características.



CAPÍTULO 1

O rei prosseguiu a sua viagem no meio do deserto lá pelo fim da primavera, não pelo caminho do oásis de Amon, mas por outro que levava diretamente às margens do Nilo nos arredores de Mênfis.

Cavalgava durante horas a fio montado em seu baio sarmático, enquanto Bucéfalo troteava ao seu lado solto e sem arreios. Desde o momento em que Alexandre percebera quão longo ainda seria o caminho que tinha pela frente, procurava poupar ao seu cavalo todo e qualquer cansaço inútil, como se quisesse prolongar ao máximo o vigor e a juventude do corcel.

Passaram–se mais três semanas de marcha sob o sol abrasador e foi necessário enfrentar novas e duras privações, antes de eles avistarem a estreita faixa verde anunciando as férteis terras que margeavam o Nilo, mas o rei, perdido em seus pensamentos e recordações, parecia imune à sede, à fome e ao cansaço.

Os companheiros não perturbavam aquele seu retiro espiritual, pois percebiam que, naquela imensa vastidão deserta, ele queria ficar sozinho com o seu sentimento de infinito, com o seu anseio de imortalidade, com as paixões da sua alma. Só era possível falar com ele à noite, e às vezes alguns dos amigos entravam na sua tenda e lhe faziam companhia enquanto Leptine o lavava e enxugava.

Certo dia Ptolomeu surpreendeu–o com uma pergunta que guardara para si mesmo por muito tempo:

– O que foi que o deus Amon te disse?

– Chamou–me de "filho" – respondeu Alexandre.

Ptolomeu apanhou no chão a esponja que Leptine deixara escorregar das mãos e devolveu–a.

– E você, o que lhe havia perguntado?

– Perguntara–lhe se todos os assassinos do meu pai estavam mortos ou se algum deles ainda sobrevivia.

Ptolomeu ficou em silêncio. Esperou que o rei saísse da banheira, cobriu os seus ombros com um fino pano de linho e aí começou a massageá–lo.

Quando Alexandre virou–se para ele, perscrutou–o até o fundo da alma e perguntou:
– Então, ainda quer bem ao seu pai Filipe agora que se tornou um deus?
Alexandre suspirou:
– Se não fosse você a fazer esta pergunta, pensaria que são palavras de Calístenes ou de
Cleito, o Negro... Dê–me sua espada.
Ptolomeu fitou–o surpreso, mas não ousou replicar. Desembainhou a espada e entregou– a. Ele a pegou e cortou a pele do braço com a ponta da lâmina, deixando escorrer um filete vermelho.
– E o que é isto? Acha que não é sangue?
– Sim, é, de fato.
– Então é sangue, não é? E não o "icor, que dizem correr nas veias dos beatos" – continuou citando um verso de Homero. – E sendo assim, meu amigo, procure compreender–me sem me ferir à toa, se me quiser bem.
Ptolomeu entendeu e pediu desculpas por ter falado com ele daquele jeito, enquanto Leptine lavava o braço do rei com vinho e o enfaixava. Alexandre percebeu os sentimentos do amigo e convidou–o a ficar para o jantar, embora a comida não fosse lá grande coisa: pão dormido, tâmaras e vinho de palmeira de sabor um tanto azedo.
– O que faremos agora?
– Vamos voltar a Tiro.
– E depois?
– Não sei. Acho que Antípatro mandará dizer o que está acontecendo na Grécia e ao mesmo tempo os nossos informantes nos darão noticias suficientes sobre os planos de Dário. A partir dessas informações, tomaremos uma decisão.
– Sei que Eumênio já te contou da morte do seu cunhado Alexandre do Epiro.
– Sim, infelizmente. A minha irmã Cleópatra deve estar prostrada de dor, e a minha mãe também, pois gostava muito dele.
– Mesmo assim, creio que seja você quem sofre mais com isto, estou certo?
– Não, está certo.
– O que os tomava tão ligados, além dos laços do duplo parentesco?
– Um grande sonho. Agora todo o peso deste sonho ficou nas minhas

costas.
Algum dia, Ptolomeu, chegaremos à Itália e aniquilaremos os bárbaros que o mataram. Serviu ao amigo um pouco de vinho de palmeira e aí disse:
– Gostaria de ouvir uns versos? Convidei Tessalo para me fazer companhia.
– Com prazer. Que versos escolheu?
– Versos que falam do mar, de vários poetas. Esta paisagem de areia sem fim lembra a imensidão do mar, e ao mesmo tempo o ardume deste lugar me faz desejá–lo.
O ator entrou logo depois que Leptine retirou as duas pequenas mesas. Vestia roupas de
cena e o rosto estava maquiado: o bistro marcava seus olhos, e o traço de mínio conferia à sua boca o amargo trejeito de uma máscara trágica. Pegou a cítara, tirou dela uns comedidos acordes, e aí começou:
Brisa marinha, brisa que empurra velozes os navios sobre as ondas, aonde levar–me–ás?*
Alexandre o escutava encantado no silêncio profundo da noite, ouvia aquela voz capaz de qualquer entoação, capaz de vibrar com todos os sentimentos e com todas as paixões humanas, de imitar o suspiro do vento e o fragor do trovão.
Ficaram até tarde escutando a voz do grande ator que se modulava em mil matizes, que gemia no choro das mulheres ou se erguia altiva no grito dos heróis.
Quando Tessalo terminou a sua apresentação, Alexandre abraçou–o.
– Obrigado – disse–lhe com os olhos úmidos. – Evocou os sonhos que virão visitar a minha noite. Vá dormir agora, uma longa marcha espera por nós amanhã.
Ptolomeu ficou mais um pouco bebericando vinho com ele.
– Ainda pensa em Pela? – perguntou de repente. – Ainda pensa em seu pai e sua mãe, no tempo em que éramos crianças e corríamos a cavalo pelas colinas da Macedônia? Nas águas dos nossos rios e dos nossos lagos?
Alexandre pareceu ficar pensativo por alguns instantes, e depois respondeu:
– Sim, muitas vezes, mas são como imagens distantes, como coisas que aconteceram há muito tempo. A nossa vida é tão intensa que cada, hora

vale por um ano.
– Quer dizer que ficaremos velhos mais cedo, não acha?
– Talvez... Ou talvez não. A lamparina que mais intensamente brilha na sala é fadada a ser a primeira a apagar–se, mas todos os convidados irão lembrar quão bonita e agradável foi a sua luz durante a festa.
Puxou para o lado a cortina da entrada e acompanhou Ptolomeu. Para fora.
O céu brilhava sobre o deserto com um número infinito de estrelas e os dois jovens levantaram os olhos para contemplar aquele esplendor.
– E talvez este também seja o destino das estrelas que mais fúlgidas brilham no céu. Que a sua noite seja serena, meu amigo.
– E a sua também, Alexandre – respondeu Ptolomeu, e dirigiu–se para a sua tenda em um canto do acampamento.
Cinco dias depois chegaram às margens do Nilo nos arredores de Mênfis, onde Parmênio e Nearcos esperavam por eles, e naquela mesma noite Alexandre reviu Barsine. Estava
alojada em um luxuoso palácio que pertencera a um faraó e seus aposentos haviam sido preparados na parte alta do palácio, exposta aos ventos etésios que à noite traziam consigo um agradável frescor e faziam esvoaçar as cortinas de bisso azul, tão leves quanto as asas de uma borboleta.
Vestindo uma leve veste de estilo jônico, ela esperava por ele sentada em uma Poltrona de braços marchetada com enfeites de ouro e de esmalte. Usava os longos cabelos negros de reflexos violáceos soltos nos ombros e no peito, e escolhera uma delicada maquiagem à moda egípcia.
A luz da lua e a das lâmpadas escondidas atrás de quebra luzes de alabastro misturavam–se num ambiente que cheirava a nardo e aloés, palpitante nos ambáricos reflexos que faiscavam das grandes bacias de ônix cheias de água, nas quais boiavam flores de loto e pétalas de rosa.
De trás de um bastidor que representava folhas de hera e revoada de pássaros chegava em surdina uma música delicada de flautas e de harpas. As paredes estavam completamente ocupadas por antigos afrescos egípcios com cenas de dança em que jovens nuas volteavam ao som de alaúdes e tamborins diante do casal real sentado no trono, e num canto havia um grande leito com um dossel azul apoiado em quatro colunas de madeira dourada com capitéis em forma de flores de loto.

Alexandre entrou e dirigiu a Barsine um longo olhar ardente. Ainda tinha nos olhos a luz ofuscante do deserto, nos ouvidos os sons secretos dos oráculos de Amon, e de todo o seu corpo espalhava–se em volta um halo de mágico encantamento: dos cabelos dourados que lhe acariciavam os ombros, do peito musculoso marcado pelas cicatrizes, da cor mutável dos olhos, das mãos finas e nervosas estriadas por túrgidas veias azuladas. Só vestia sobre o corpo nu uma leve clâmide presa no ombro esquerdo com uma antiga fivela de prata, secular herança da sua dinastia, e uma fita dourada adornava– lhe a fronte.
Barsine levantou–se e logo sentiu–se perdida na luz daquele olhar. Murmurou:
– Alexandre... – enquanto ele a apertava entre os braços, beijava os seus lábios úmidos e carnudos como tâmaras maduras e a dobrava sobre a cama acariciando–lhe os quadris e o seio morno e perfumado.
Mas de repente o rei sentiu que a pele dela gelava e os seus membros se enrijeciam sob as suas mãos, percebeu uma vibração perigosa no ar que despertava os seus sentidos até então adormecidos de guerreiro.
Virou–se de chofre com uma guinada dos rins para enfrentar o perigo iminente e viu–se
atropelado por um corpo que se lançava em cheio contra ele, distinguiu uma mão levantada segurando um punhal, ouviu um grito estrídulo e selvagem ecoando entre as paredes do quarto junto com de Barsine, alquebrado pelo pranto e pela dor.
Alexandre dominou sem maiores dificuldades o agressor e pregou ao solo torcendo–lhe o pulso e forçando–o a deixar cair a arma. E o teria facilmente matado com o pesado candelabro que agarrara em um piscar de olhos se não tivesse reconhecido o garoto de quinze anos: Etéocles, o filho mais velho de Mêmnon e Barsine! O rapaz debatia–se como um jovem leão apanhado em uma armadilha, gritava todo tipo de insultos, mordia e arranhava já que não podia mais usar o punhal.
Atraídos pela algazarra, os guardas logo entraram e imobilizaram o intruso. Ao perceber o que tinha acontecido, o oficial no comando exclamou:
– Atentado contra a vida do rei! Levem–no embora para que seja torturado e justiçado. Mas Barsine jogou–se aos pés de Alexandre chorando:
– Salva–o, meu senhor, salve a vida do meu filho, eu lhe imploro!

Etéocles olhou para ela com desdém e depois, virando–se para Alexandre, disse:
– É melhor que me mate, pois tentarei de novo mil vezes aquilo em que falhei agora mesmo, enquanto não conseguir vingar a vida e a honra do meu pai. – Ainda estava tremendo devido à excitação do embate e pelo ódio que ardia no seu coração. O rei acenou para que os guardas se retirassem.
– Mas, senhor... – protestou o oficial.
– Fora! – intimou Alexandre. – Não está vendo que não passa de um menino? – E o homem obedeceu. Aí virou–se de novo para Etéocles: – A honra do seu pai está salva e a vida foi– lhe tirada por uma doença fatal.
– Nada disso! – gritou o rapaz. – Mandou envenená–lo, e agora... agora quer ficar com a mulher dele. É um homem sem honra!
Alexandre aproximou–se e repetiu com firmeza:
– Eu admirava o seu pai, considerava–o o único adversário digno de mim e sonhava com o dia em que poderia finalmente lutar com ele em um duelo. Nunca iria permitir que o envenenassem: enfrento os meus inimigos fitando–os nos olhos, empunhando a lança e a espada. Quanto a sua mãe, eu é que sou a vítima, eu que penso nela sem parar, eu que perdi o sono e a serenidade. O amor é a força de um deus, força contra a qual não se pode lutar. O homem não pode fugir dele nem evitá–lo, assim como não pode evitar o sol e a chuva, o nascer e o morrer.
Barsine soluçava num canto, com o rosto escondido entre as mãos.
– Nada tem a dizer a sua mãe? – perguntou o rei.
– Desde o primeiro momento em que as suas mãos a tocaram, ela deixou de ser minha mãe, já não é coisa alguma para mim. Mate–me logo, é melhor para os dois. Pois do contrário, eu o matarei: dedicarei o seu sangue à sombra do meu pai, para que encontre paz nos domínios de Hades.
Alexandre virou–se para Barsine:
– O que devo fazer?
Barsine enxugou as lágrimas e retomou o controle de si.
– Deixe–o livre, eu lhe peço. Dê–lhe um cavalo e provisões e deixe–o ir. Fará isto por mim?
– Estou avisando – repetiu o rapaz. – Se me deixar livre, irei até o Grande Rei e pedirei uma armadura e uma espada para lutar no seu exército contra você.

– Se tiver de ser assim, que assim seja – replicou Alexandre. Então chamou os guardas e mandou que soltassem o rapaz após entregar–lhe um cavalo e provisões.
Etéocles procurava esconder as violentas emoções que agitavam a sua alma enquanto se dirigia em silêncio para a porta, mas a mãe chamou–o:
– Espere.
O rapaz virou–se e deteve–se por um momento, depois deu–lhe novamente as costas e superou o limiar entrando no corredor. Barsine voltou a chamar:
– Espere, eu lhe peço. – Aí abriu um baú e tirando dele uma arma reluzente fechada em sua bainha. – Esta é a espada do seu pai.
O rapaz pegou–a e apertou–a contra o peito enquanto cálidas lágrimas surgiam em seus olhos e escorriam pelas suas faces.
– Adeus, meu filho – disse Barsine com voz vacilante de pranto. – Que Ahura Mazda o proteja e que também te protejam os deuses do teu pai.
Etéocles saiu correndo pelo corredor e precipitou–se pelas escadas até chegar ao pátio interno do palácio, onde os guardas puseram em suas mãos as rédeas de um cavalo. Mas quando já estava para pular na garupa, viu aparecer um vulto no vão de uma portinhola lateral: o seu irmão Frates.
– Leve–me com você, por favor. Não quero mais ser prisioneiro destes yaunas. – Etéocles hesitava enquanto o irmãozinho insistia: – Leve–me com você, por favor, eu lhe peço. Não sou pesado e o cavalo poderá carregar nós dois enquanto não arrumarmos outro.
– Não posso – respondeu Etéocles. – Ainda é uma criança e além disto... alguém tem de ficar com a nossa mãe. Adeus, Frates. Voltaremos a nos ver logo que esta guerra chegar ao fim. E eu mesmo virei libertá–lo. – Apertou–o contra o peito em um longo abraço, enquanto o irmão chorava convulsamente, depois montou no cavalo e desapareceu.
Barsine assistira à cena da janela do seu quarto e sentiu um aperto no coração ao ver o seu garoto de quinze anos que enfrentava a noite a galope, correndo para o desconhecido na escuridão. Chorava desconsolada pensando na amargura que sempre acompanha o destino dos seres humanos. poucos momentos antes sentira–se como uma daquelas divindades do Olimpo que costumava ver representadas nas pinturas e nas esculturas dos grandes artistas yaunas, mas agora bem que gostaria de trocar de lugar com a mais humilde das escravas.



CAPÍTULO 2

Alexandre mandou construir duas pontes de barcaças para que o seu contingente pudesse passar para a margem oriental do Nilo. Lá voltou a juntar–se aos oficiais e aos soldados que deixara guardando o país e, constatando que se haviam portado bem, confirmou–os em seus cargos de forma a não deixar que o controle sobre aquela terra extremamente rica se concentrasse nas mãos de uma só pessoa.

Mas estava escrito que aqueles dias em que o Egito o recebia de volta após a visita ao santuário de Amon, honrando–o como um deus e coroando–o faraó, ficassem marcados por acontecimentos funestos.

Tinha diariamente diante de si o desespero de Barsine, mas uma desgraça ainda maior estava para acontecer. Além de Filotas, Parmênio tinha mais dois filhos: Nicanor, oficial de um esquadrão de éteros, e Heitor, um rapaz de dezenove anos que o general amava com ternura. Excitado ao ver as tropas que atravessavam o rio, Heitor decidira subir em um barco egípcio de papiro para melhor aproveitar o espetáculo, bem no meio da correnteza. Ele mesmo, com uma ponta de vaidade juvenil, vestira uma pesada armadura e um vistoso manto de parada, e estava agora de pé na proa onde todos pudessem vê–lo. De repente, no entanto, o barco chocou–se com alguma coisa, talvez o dorso de um hipopótamo que estava vindo à tona naquele momento, e adernou violentamente. O rapaz caiu na água e desapareceu de imediato, tragado pela correnteza devido ao peso da armadura, dos trajes e do manto encharcado.

Os remadores egípcios do barco mergulharam na mesma hora, e o mesmo fizeram vários jovens macedônios e o seu irmão Nicanor que haviam presenciado o acidente, desafiando o perigo dos remoinhos e dos dentes dos crocodilos, bastante numerosos naquele trecho, mas tudo foi inútil. Parmênio assistiu impotente à tragédia da margem oriental do rio, de onde controlava a passagem ordenada do exército.

Alexandre foi informado logo a seguir e ordenou sem demora aos marujos cipriotas e fenícios que pelo menos tentassem recuperar o corpo do jovem, mas eles esforçaram–se

em vão. Naquela mesma tarde, após longas horas de penosas buscas das quais participara pessoalmente, o rei foi visitar o velho general petrificado pela dor.
– Como está ele? – perguntou a Filotas que estava de pé fora da tenda, como defensor da solidão do pai. O amigo meneou a cabeça desconsoladamente.
Parmênio estava sentado no chão, em silêncio na escuridão, e só a sua cabeça branca sobressaía nas trevas. Alexandre sentiu uma mão de gelo apertar–lhe o coração, experimentou uma profunda compaixão por aquele homem valoroso e fiel que tantas vezes já o irritara com as suas exortações à prudência, com as contínuas referências à grandeza do pai. Naquele momento pareceu–lhe um carvalho secular que, depois de desafiar durante anos tempestades e furacões, fica repentinamente estraçalhado por um raio.
– É uma visita muito triste a que agora te faço, general – começou com voz incerta e, enquanto o observava, não podia deixar de ouvir ecoar em sua mente a ladainha que, ainda criança, costumava cantarolar ao vê–lo chegar, já de cabelos brancos, aos conselhos de guerra do pai:
O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
Parmênio levantou–se quase mecanicamente ao ouvir a voz do seu rei e, com voz alterada, ainda conseguiu dizer:
– Agradeço–lhe a visita, senhor.
– Tudo fizemos, general, tudo tentamos para pelo menos encontrar o corpo do menino. Teria lhe prestado as maiores honras, eu teria... teria feito qualquer coisa para...
– Eu sei – respondeu Parmênio. – O antigo adágio diz que em tempo de paz os filhos sepultam os pais, enquanto na guerra os pais sepultam os filhos, mas sempre esperei que este terrível sofrimento me fosse poupado. Sempre esperei que a primeira seta ou o primeiro golpe de espada fossem para mim. E em vez disto...
– Foi uma terrível fatalidade, general – disse Alexandre.
Neste ínterim os seus olhos haviam–se acostumado com a escuridão no interior da tenda e pôde distinguir o rosto de Parmênio desfigurado pela dor.
Parecia ter envelhecido dez anos em um só momento: os olhos vermelhos, a pele ressecada e murcha, os cabelos desgrenhados; nunca o tinha visto daquele jeito, nem mesmo depois das mais duras batalhas.

– Se tivesse tombado... – disse – se tivesse tombado lutando, de espada em punho, ainda daria para eu entender, somos soldados. Mas assim, desse jeito...
Afogado num rio lamacento, despedaçado e devorado por aqueles monstros! Ó deuses, deuses do céu, por quê? Por quê?
Cobriu o rosto com as mãos e entregou–se a um pranto longo e lúgubre que partia o coração. Diante daquele sofrimento Alexandre já não tinha mais palavras.
Só conseguiu murmurar:
– Sinto muito... sinto. muito. – E saiu, despedindo–se de Filotas com um olhar cheio de aflição. O outro irmão, Nicanor, chegou naquela hora, também ele desfigurado pela dor e pelo cansaço, ainda encharcado e sujo de lama.
No dia seguinte o rei mandou erguer um cenotáfio à memória do jovem e celebrou pessoalmente solenes ritos funerários. Os soldados, em formação cerrada, gritaram dez vezes o seu nome para que a lembrança não fosse esquecida, mas não foi como quando haviam gritado os nomes dos companheiros caídos nas montanhas da Trácia e da Ilíria, entre picos cobertos de neve, sob um céu de safira. Agora, naquela atmosfera turva e pesada, nas margens daquela água lamacenta, o nome de Heitor foi logo engolido pelo silêncio.
Naquela mesma noite o rei voltou para Barsine. Encontrou–a deitada na cama, chorando. A governanta contou–lhe que havia algum tempo não comia quase nada.
– Não pode se deixar levar desse jeito pelo desespero – disse–lhe Alexandre.
– Nada de mal irá acontecer com o seu filho: mandei dois dos meus homens seguilo para que não lhe aconteça alguma desgraça.
Barsine ficou sentada na beira da cama.
– Fico agradecida. Tirou um peso do meu coração... ainda que permaneça a vergonha. Os meus filhos julgaram–me e consideraram–me culpada.
– Está errada – replicou Alexandre. – Sabe o que seu filho disse ao irmão menor? Os guardas me contaram. Disse–lhe: "Precisa ficar com a nossa mãe".
Quer dizer que te quer bem, e que faz o que faz porque acha que é a coisa certa. Deverias sentir orgulho dele.

Barsine enxugou os olhos.
– Sinto muito que tudo isto tenha acontecido. Era minha intenção ser para você motivo de alegria, teria gostado de ficar ao seu lado na hora do triunfo, mas em vez disto só sinto vontade de chorar.
– Pranto que se junta a mais pranto – explicou Alexandre. – Parmênio perdeu o seu filho caçula. O exército inteiro está de luto, e eu não pude evitar que isto acontecesse. De nada adiantou eu ter me tomado um deus... Mas agora sente, eu te peço, e come alguma coisa comigo: temos de reconquistar para nós a felicidade da qual a inveja do destino tenta nos afastar.
O almirante Nearcos recebeu a ordem de navegar para a Fenícia enquanto o exército
voltava por terra, pelo caminho que passava entre o mar e o deserto.
Quando já estavam perto de Gaza, chegou um mensageiro de Sidon com notícias ruins.
– Rei – disse pulando do cavalo sem nem mesmo retomar fôlego os samantanos queimaram vivo o seu governador da Síria, o comandante Andrómaco, depois de demoradas torturas.
Já abalado pelos recentes acontecimentos, Alexandre ficou bastante irritado.
– E quem são esses samaritanos? – perguntou.
– São um povo bárbaro que mora nas montanhas entre a Judéia e o monte Carmelo, e têm uma cidade chamada Samaria – respondeu o mensageiro.
– E não sabem quem é Alexandre?
– Talvez saibam – interveio Lisímaco –, mas não se importam. Acreditam poder desafiar impunemente a sua ira.
– Então é melhor que me conheçam – replicou o rei. E ordenou que retomassem imediatamente a marcha. Seguiram adiante sem parar até Acre, e ali viraram para o oriente, rumo ao interior, com a cavalaria ligeira dos tribalos e dos agrianos, assim como a Ponta, em estado de alerta e prontas para o combate. O rei chefiava os esquadrões pessoalmente ao lado dos seus amigos, enquanto a infantaria pesada, as tropas auxiliares e a cavalaria dos éteros ficaram na costa às ordens de Parmênio.
Chegaram quando já entardecia, completamente inesperados, os samaritanos, com efeito, eram um povo de pastores e os homens

estavam espalhados pelos pastos nos montes e nas colinas com seus rebanhos. Dentro de três dias todas as aldeias foram queimadas. A capital, que não passava de mais um vilarejo, só que um pouco maior e cercado de muralhas, foi arrasada e o seu templo, um santuário bastante pobre que não guardava nem imagens nem estátuas, foi reduzido a cinzas.

Quando a incursão terminou, já era o entardecer do terceiro dia e o rei decidiu acampar com seus homens nas montanhas à espera da manhã seguinte antes de retomar seu caminho de volta para o mar. Postaram–se pares de sentinelas em todas as passagens de acesso para evitar ataques de surpresa, foram acesas fogueiras para iluminar os postos de guarda e a noite passou tranqüila. Pouco antes do alvorecer, o rei foi acordado pelo oficial que comandava o último turno, um tessálio de Larissa chamado Eurílalo:

– Senhor, venha ver.

– O que foi? – perguntou Alexandre, ficando de pé.

– Alguém está vindo do sul. Parece ser uma embaixada.

– Uma embaixada? E quem poderia ser?

– Não sei.

– Só há uma cidade, para o sul – observou Eumênio que estava acordado havia algum tempo e já dera uma primeira volta de inspeção. – Jerusalém.

– Que cidade é essa?

– É a capital de um pequeno reino sem rei: o reino dos judeus. Está empoleirada no topo de uma colina e cercada por muralhas a pique.

Enquanto Eumênio falava, o pequeno grupo já chegara perto do primeiro posto de guarda e pedia passagem.

– Deixe–os entrar – ordenou Alexandre. – Irei recebê–los diante da minha tenda. – Cobriu os ombros com o manto e sentou–se em seu pequeno trono de campanha.

Enquanto isto, um dos homens da embaixada, que certamente falava grego, trocava umas palavras com Eurílalo perguntando se o jovem sentado diante da tenda com o manto vermelho nos ombros era o rei Alexandre. Ao receber uma resposta afirmativa, aproximou–se trazendo consigo o resto do séqüito. Dava para reconhecer de imediato, entre eles, o homem mais importante: um ancião de estatura mediana, de barba longa e bem cuidada, com a cabeça coberta por uma mitra rígida e

um peitoral enfeitado com uma dúzia de pedras coloridas. Foi o primeiro a falar e a sua língua, ao mesmo tempo gutural e harmoniosa, sincopada e cheia de aspirações, pareceu aos ouvidos de Alexandre muito similar à dos fenícios.
– Que o Senhor te proteja, grande rei – traduziu o intérprete.
– De que senhor está falando? – perguntou Alexandre, cuja curiosidade fora despertada por aquelas palavras.
– Do Senhor nosso Deus, o Deus de Israel.
– E por que deveria o seu deus proteger–me?
– Ele já o fez – respondeu o velho – permitindo que saísse incólume de tantas batalhas para chegar até aqui e destruir a blasfêmia dos samaritanos.
Alexandre sacudiu a cabeça como se as palavras do intérprete não tivessem sentido algum para ele.
– O que é uma blasfêmia? – perguntou. Mas naquela mesma hora percebeu uma mão que se apoiava em seu ombro. Virou–se e viu Aristandro envolvido em seu manto branco e com uma estranha expressão no olhar.
– Respeite esse homem – sussurrou–lhe no ouvido. – O seu deus é sem dúvida um deus poderoso.
– A blasfêmia – continuou o intérprete – é um ultraje a Deus. E os samaritanos tinham construído um templo no monte Gariâni. Aquele que, com a ajuda do Senhor, acabou de destruir.
– E era essa a... blasfêmia?
– Era.
– Por quê?
– Porque só pode haver um único templo.
– Um único templo? – perguntou o rei, pasmo. – No meu país temos centenas deles. Aristandro pediu permissão para falar com o velho de barba branca:
– Como é esse templo? – perguntou.
O velho começou a falar com voz inspirada e o intérprete traduziu:
– O templo é a casa do nosso Deus, o único que existe, o criador do céu e da terra, do visível e do invisível. Ele libertou os nossos antepassados escravos no Egito e entregou– lhes a Terra Prometida. Durante muitos anos Ele morou numa tenda na cidade de Silo até que o rei Salomão ergueu para Ele um templo reluzente de ouro e de bronze na fortaleza de

Síon, a nossa cidade.
– E qual é a sua aparência? – perguntou Aristandro. – Tem contigo alguma imagem para mostrar?
Logo que ficou a par do pedido, o velho fez uma careta desgostosa e respondeu secamente:
– O nosso senhor não tem aparência, e o uso de imagens é uma proibição absoluta. A imagem do nosso Senhor está em toda parte: nuvens do céu e nas flores do campo, no canto dos pássaros e no murmúrio do vento entre a ramagem das árvores.
– Mas, sendo assim, o que há no seu templo?
– Nada que olho humano possa ver.
– E quem é você, então?
– Sou o sumo sacerdote. Eu apresento ao Senhor as preces do seu povo e só a mim cabe, uma vez por ano, pronunciar o Seu nome nos mais íntimos penetrais do santuário. E quem é você, se posso perguntar?
O rei olhou alternadamente para os dois interlocutores e então disse:
– Quero ver o templo do seu deus.
Logo que entendeu o sentido das palavras do rei, o velho sacerdote caiu de joelhos, prostrado com a testa no chão, suplicando–lhe que não fizesse tal coisa:
– Peço que não profane o nosso santuário. Ninguém a não ser os circuncisos, ninguém que não pertença ao Povo dos Escolhidos por Deus pode entrar no templo e eu tenho o dever de impedi–lo, mesmo que o preço seja a minha vida.
Como acontecia toda vez que não lhe satisfaziam a vontade, o rei estava a ponto de mostrar a sua cólera, mas Aristandro acenou para que controlasse a sua zanga ciciando
mais uma vez no seu ouvido:
– Respeite este homem que está pronto a dar a sua vida por um deus sem rosto, que não está disposto a mentir nem a bajular–te.
Alexandre ficou pensando em silêncio por alguns instantes, depois falou de novo com o velho de barba branca:
– Respeitarei o seu desejo, mas quero de você uma resposta em troca.
– Qual? – perguntou o velho.
– Disse que o aspecto do único deus está nas nuvens do céu, nas flores do campo, no canto dos pássaros, no murmúrio do vento, mas o que há do seu deus no ser humano?

O velho respondeu:
– Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, mas em alguns homens a imagem de Deus é como que obscurecida e distorcida pelos seus atos. Em outros, resplandece como o sol ao meio–dia. você é um destes homens, grande rei.
Dito isto, deu as costas e voltou para o lugar de onde tinha vindo.



CAPÍTULO 3

O exército seguiu a sua marcha atravessando o extremo norte da Palestina e entrou na Fenícia. Em Tiro o rei decidiu oferecer um sacrifício a Hércules Melqart para dispersar com uma solene cerimônia religiosa o pesado sentimento de angústia que se apoderara dos soldados depois da morte do jovem Heitor, que todos haviam identificado como um triste sinal de mau agouro.

A cidade ainda mostrava as marcas da ruína que sofrera um ano antes, mas a vida recomeçava a florescer. Os sobreviventes iam reerguendo as suas casas, transportando em barcaças o material de construção da terra firme. Outros dedicavam–se à pesca, mais outros iam restaurando as casas comerciais onde se produzia a púrpura mais preciosa do mundo, macerando os mexilhões que viviam nos recifes. Novos colonos haviam chegado de Chipre e Sídon e, aos poucos, a sombria sensação de abandono que pesava sobre a cidade ia desaparecendo com o prosseguir dos trabalhos, com a reconstituição das famílias, com o restabelecimento das cotidianas relações humanas e comerciais entre os cidadãos.

Em Tiro Alexandre recebeu numerosas delegações de várias cidades da Grécia e das ilhas, e algumas mensagens do general Antípatro a respeito do alistamento de novos contingentes de guerreiros nas regiões do norte. Também recebeu uma carta da mãe que o deixou bastante impressionado.

Olympias a Alexandre, filho mui amado, salve!

Soube da sua visita ao templo de Zeus que se ergue entre as areias do deserto e da resposta que o deus pronunciou para você, e o meu coração foi tomado por profunda emoção. Lembrei–me de quando te senti mexer pela primeira vez no meu ventre no dia em que consultei o oráculo de Zeus em Dodona, na minha terra natal do Epiro.

Naquele dia um vento impetuoso trouxe até nós a areia do deserto e os sacerdotes disseram–me que o seu destino de grandeza se realizaria quando você chegasse ao outro grande santuário do deus que surge nas areias da Líbia.

Lembrei–me de um sonho no qual me parece, sendo possuída por um

deus que assumira a forma de uma serpente Não creio meu filho, que tenha sido gerado por Filipe, mas sim que seja realmente de estirpe divina. Como explicar, de outra forma, as suas vitórias arrebatadoras, o recuar das ondas do mar ante seus passos, as chuvas milagrosas nas calcinadas pedras do deserto?
Eleve seus pensamentos ao seu pai do céu, eu filho, e esqueça Filipe. Não é o sangue dele que corre em suas veias.
Alexandre percebeu que a mãe estava perfeitamente a par de tudo o que acontecia durante a expedição e que ia seguindo um plano bem definido e só dela.
Um plano no qual era preciso esquecer o passado para criar espaço para um futuro completamente diferente daquele que Filipe e o mestre Aristóteles lhe haviam preparado, um passado no qual não haveria lugar nem mesmo para a memória de Filipe. Deixou a mensagem na mesa enquanto Eumênio entrava com mais cartas a serem lidas ou assinadas.
– Más notícias? – perguntou o secretário, percebendo no rosto do rei uma expressão inquieta.
– Não, aliás deveria estar muito feliz, pois até minha mãe diz que sou filho de um deus.
– Mas não me parece ter a cara de um homem feliz.
– Você o seria?
– Está cansado de saber: o único jeito de governar o Egito e de ser aceito pelo clero de Mênfis é tomando–se o filho de Amon, e portanto o faraó. E não esqueça que Amon é venerado como Zeus por todos os gregos que moram na Líbia, em Cirene e, muito em breve, também pelos de Alexandria, logo que a sua cidade tiver habitantes. Sendo assim, era inevitável: uma vez que é o filho de Amon, também reconheceste ser o filho de Zeus. Enquanto ainda falava, Alexandre entregou–lhe a carta da mãe e Eumênio leu–a rapidamente.
– A rainha – mãe só está tentando ajudá–lo a assumir o seu novo papel – disse logo que acabou de ler.
– Engano seu: a mente da minha mãe sempre deriva entre sonho e a realidade, trocando indiferentemente as duas coisas entre si sem nem reparar, e direi mais. – Interrompeu–se por alguns instantes, como se tivesse suas dúvidas na hora de tomar Eumênio partícipe de tão grande segredo. – A minha mãe tem o poder de tomar reais os seus sonhos e de envolver neles os outros também.

– Não entendo – disse Eumênio.
– Lembra o dia em que fugi de Pela, o dia em que o meu pai queria matar–me.
– Claro, eu estava lá.
– Fugi com minha mãe rumo ao Epiro e paramos para dormir em um bosque de carvalhos a uns trinta estádios a oeste de Boroéia. De repente, lá pelo meio da noite, eu a vi levantar–se e afastar–se no escuro: caminhava como se estivesse pairando acima do chão e chegou a um local onde havia uma antiga imagem de Dioniso coberta de hera. Pude vê– Ia, organizar tão bem quanto estou te vendo, suscitar da terra uma enorme serpente, vi à chamar ao som de uma flauta uma orgia de sátiros e de mênades, possessa...
Eumênio olhava para ele desconcertado, não acreditando no que ouvia.
– O mais provável é que estivesses sonhando.
– Nada disso. De repente senti o toque de uma mão no meu ombro, e era ela, está entendendo? Mas um momento antes estava tocando aquela flauta, envolvida por uma serpente gigantesca. Eu estava lá, não perto do bivaque.
Voltamos juntos percorrendo um bom pedaço como... explicar isto?
– Não sei. Há pessoas que andam dormindo, e dizem também que há quem pode sair do próprio corpo durante o sono, e ir para longe, aparecer para outras pessoas. E o que chamam de ekstasis. Olympias não é uma mulher como as outras.
– Quanto a isto não tenho dúvidas. Antípatro acha cada dia mais difícil mantê–la sob controle. Ela quer governar, quer exercer o poder e inconscientemente não será fácil detê– la. Gostaria de saber o que Aristóteles acha disto tudo.
– Sem problemas: basta perguntar a Calístenes.
– Calístenes, às vezes, só consegue me irritar.
– Dá para ver. E ele fica sentido.
– Mas nada faz para evitar.
– Não é bem assim. Calístenes tem seus princípios e foi educado pelo tio para não transigir a este respeito, deveria tentar compreendê–lo. – Aí Eumênio mudou de assunto: – Quais são os teus planos a curto prazo?
– Pretendo organizar competições teatrais e jogos atléticos.
– Competições teatrais?
– Isso mesmo.

– Mas por quê?
– Os homens precisam de distração.
– O que eles precisam é de voltar a empunhar uma espada. Já não lutam há mais de um ano, e se porventura os persas caírem em cima da gente...
– Não há a menor chance dos persas chegarem, por enquanto. Dário está juntando o maior exército que já se viu para aniquilar–nos.
– E acha oportuno dar–lhe tempo para isto? Acha melhor organizar competições e jogos? – O secretário meneou a cabeça como se estivesse falando de mera loucura, mas Alexandre levantou–se e colocou uma mão no seu ombro.
– Preste atenção: não podemos enfrentar uma campanha estafante para expugnar uma depois da outra todas as cidades e as fortalezas do império persa.
Viu o preço que tivemos de pagar para tomar Mileto, Halicarnasso, Tiro...
– Eu sei, mas...
– Eu quero então dar a Dário tempo suficiente para alistar até o último soldado, para então enfrentá–lo e resolver tudo em um único e definitivo combate.
– Mas... poderíamos perder.
Alexandre fitou–o fixamente como se o amigo acabasse de dizer um absurdo.
– Perder? Impossível.
Eumênio baixou os olhos. Percebia naquele momento que a carta de Olympias só conseguira convencer Alexandre daquilo que ele já sabia: que era invencível e imortal. Que isto também acarretasse alguma forma de divindade por parte dele era secundário. Mas será que o exército e os companheiros teriam a mesma certeza e determinação? O que iria acontecer quando, em alguma desmedida planície da Ásia, ficassem diante do maior exército de todos os tempos?
– No que está pensando? – perguntou Alexandre.
– Em nada, só me lembrei de um trecho da "marcha dos dez mil", aquele em que...
– Já sei – interrompeu o rei. – Sei ao que está se referindo. – E começou a recitar de memória:
Já era meio–dia e o inimigo ainda não se via, mas de tardinha apareceu uma nuvem de poeira, como branca fumaça na pradaria. Logo a seguir

viu–se o lampejo metálico das lanças e foi possível avistar as formações...
– A batalha de Cunaxa, o imenso exército do Grande Rei que aparece como um fantasma na poeira do deserto... E, mesmo assim, naquela ocasião os gregos também venceram, e se tivessem logo investido no meio, em lugar de atacar frontalmente a ala esquerda do
inimigo, teriam matado o soberano persa e conquistado o seu império. Organize então os jogos e as competições, meu bom amigo.
Eumênio sacudiu de novo a cabeça e preparou–se para sair.
– Mais uma coisa – disse o rei, segurando–o. – Escolha peças que favoreçam a voz e o porte de Tessalo. O Édipo rei, por exemplo, e...
– Não fique preocupado – acalmou–o o secretário. – Sabe muito bem que sou bom nessas coisas.
– Eumênio?
– Sim?
– Como está o general?
– Parmênio? Provavelmente muito mal, mas não deixa transparecer.
– Acha que dará conta do recado, quando chegar a hora?
– Acho que sim – respondeu Eumênio. – Não são muitos os homens como ele. – E saiu. Alexandre celebrou com grande solenidade a abertura dos jogos e o início das representações, e convidou os amigos e os oficiais superior para um banquete. Todos compareceram, exceto Parmênio que mandou um serviçal com uma nota de desculpas: Parmênio ao rei Alexandre, salve!
Não estou passando muito bem e não seria capaz de honrar a sua mesa. Desculpe–me se não participar do seu banquete.
Ficou logo bem claro que iria ser um convívio de conversa porque não havia dançarinas nem "companheiras" especializadas em brincadeiras amorosas e o próprio Alexandre, como "chefe do simpósio", misturava o vinho na cratera com quatro partes de água. Percebia–se também que desejava falar de assuntos filosóficos e literários mais do que de coisas de guerra pois reservara os assentos ao seu lado para Barsine e Tessalo. Viam–se logo a seguir Calístenes e dois filósofos sofistas que estavam de visita com uma delegação ateniense. Depois apareciam Heféstion, Eumênio, Seleuco e Ptolomeu com suas companheiras mais ou menos ocasionais, enquanto os demais amigos foram instalados do outro lado da sala.
Embora já fosse pleno verão, o tempo lá fora estava piorando e nuvens

negras carregadas de chuva amontoavam–se em cima da cidade velha. De repente, enquanto os cozinheiros começavam a servir as primeiras porções de carneiro assado com favas frescas, ouviu–se o estouro de um trovão que fez tremer as paredes da casa e encrespou o vinho nas taças.
Os convidados entreolharam–se por um momento em silêncio enquanto o estrondo rolava ao longe até ecoar nas encostas do monte Líbano. Os cozinheiros voltaram ao seu
serviço, mas Calístenes, virando–se para Alexandre com um sorriso entre irônico e jocoso, perguntou:
– Uma vez que é filho de Zeus, seria capaz de fazer o mesmo?
O rei ficou um momento cabisbaixo e muitos, na sala, pensaram que iria ter um dos seus ataques de ira. O próprio Calístenes parecia ter logo se arrependido daquela brincadeira infeliz. Seleuco notou que havia empalidecido e ciciou no ouvido de Ptolomeu:
– Está se borrando todo.
Mas Alexandre levantou a cabeça, mostrou um rosto risonho, nada perturbado, e disse:
– Não, nunca faria isso, não quero que os meus convidados morram de medo. Todos riram aliviados. Desta vez ninguém precisara ficar magoado.

CAPÍTULO 4

Etéocles cavalgou durante vários dias só dormindo umas poucas horas ao lado do seu cavalo, assustando–se à noite com os ruídos dos animais noturnos e com o uivo dos chacais, preocupado com a possibilidade de perder o rumo, de ficar sem cavalo nem provisões, de ser assaltado e roubado, ou capturado para ser vendido como escravo em lugares distantes onde ninguém poderia jamais o encontrar e resgatar. Em toda a sua curta vida nunca tivera de enfrentar sozinho tanta aflição e tantos perigos, mas ficava reanimado com a presença da espada do pai, com o fato de poder segurar a arma que havia sido do grande Mêmnon de Rodes, assim como com a própria notável altura que o fazia parecer mais velho do que a sua verdadeira idade.

Nem desconfiava, entretanto, que a sua segurança dependia dos homens que haviam sido postos no seu encalço pelo odiado inimigo, pelo homem que desonrara seu pai e conquistara a alma e o corpo da sua mãe. Talvez fosse a personificação de Aximã, o gênio das trevas e do mal, como certa vez lhe dissera o avô Artabazo.

Tudo se passou sem maiores problemas enquanto Etéocles foi atravessando as regiões habitadas da Palestina e da Síria, onde era bastante fácil para a sua escolta mimetizar–se ou confundir–se com o pessoas das caravanas que viajavam com suas mercadorias de uma aldeia para outra, mas quando ele chegou à imensa solidão do deserto, os dois éteros que o seguiam tiveram de parar e tomar uma decisão. Eram dois jovens macedônios da guarda real, entre os mais valorosos e inteligentes, e conheciam muito bem a personalidade do seu rei.

Ele nunca iria perdoá–los se falhassem e se alguma desgraça acontecesse com o rapaz.

– Se o vigiarmos de perto – disse um deles –, irá perceber logo, pois por aqui não há onde nos escondermos. Mas se o perdermos de vista, corremos o risco de perdê–lo.

– Não temos escolha – replicou o companheiro. – Um de nós precisa aproximar–se e conquistar a sua confiança. É o único jeito de protegê–lo.

Definiram um plano de ação e na manhã seguinte, ao alvorecer, quando o rapaz retomou o seu caminho, cansado e abatido depois de urna noite mal dormida, viu ao longe um cavaleiro solitário que avançava na mesma trilha. Parou avaliando se era melhor adiar a partida e deixar que o estranho se afastasse, ou então aproximar–se do viajante e seguir por um bom pedaço com ele.
Achou que não seria sábio esperar, pois teria de arrastar–se pelo deserto nas horas mais quentes do dia, e concluiu que um homem sozinho e aparentemente desarmado não podia representar um grande perigo, e que de qualquer maneira, no futuro, teria de se acostumar a enfrentar situações bem mais difíceis. Então respirou fundo, incitou de leve o cavalo com os calcanhares e seguiu adiante pela trilha deserta, não demorando muito a alcançar o cavaleiro que o precedia. O homem virou–se ao ouvir o ruído dos cascos do seu cavalo e Etéocles, dominando a própria inibição, dirigiu–se a ele em persa:
– Que Ahura Mazda o proteja, forasteiro. Qual é o teu destino? Sabendo que iria ser compreendido, o homem respondeu em grego:
– Não falo a sua língua, rapaz. Sou um ourives de Creta e estou indo para a Babilônia trabalhar no palácio do Grande Rei.
Etéocles suspirou aliviado e disse:
– Eu também estou indo para a Babilônia. Espero que não se incomode com o fato de viajarmos juntos.
– Ao contrário, será um prazer: percorrer sozinho estas terras desoladas até me dá arrepios.
– Como foi que decidiu viajar sozinho? Não teria sido melhor juntar–se a uma caravana?
– Pensei nisso, mas acontece que me contaram coisas pavorosas sobre os mercadores das caravanas: que costumam aumentar os seus lucros vendendo como escravos os viajantes que encontram ao longo do caminho logo que se apresenta a ocasião favorável, e então disse para mim mesmo: "Antes só do que mal acompanhado". Assim, pelo menos, posso dominar o horizonte com o olhar, a trilha está bem traçada e não é muito difícil orientar–se: basta continuar andando em direção ao sol nascente para chegar às margens do Eufrates. Aí, o pior já terá passado: um bom barquinho e lá vamos nós. Dá para chegarmos à Babilônia calmos e descansados sem maiores problemas. Mas você, no entanto, parece muito moço para enfrentar esta viagem sozinho. Não tem pais ou

irmãos?
Etéocles não respondeu e durante algum tempo só se ouviu o tropel dos cavalos na
extensão deserta, sob o céu vazio. O estrangeiro retomou a palavra:
– Desculpe, não queria me imiscuir em seus negócios pessoais.
Etéocles fitava agora o horizonte plano e igual como o do mar sem vento.
– Acha que ainda falta muito para chegarmos ao Eufrates?
– Não – respondeu o forasteiro. – Se continuarmos assim, amanhã à noite deveremos chegar.
Seguiram adiante até o anoitecer e então acamparam em uma pequena depressão do terreno. Etéocles tentou ficar acordado o mais que pôde para controlar os movimentos do desconhecido companheiro de viagem, mas acabou sendo vencido pelo cansaço e caiu em sono profundo. Aí o homem levantou–se e percorreu de volta a pé, um pedaço do caminho, até vislumbrar no escuro um vulto deitado perto de um cavalo. Tudo seguia conforme os planos e, portanto, ele também podia voltar e dormir perto do garoto, sem nunca deixar de aguçar o ouvido, no entanto, para os barulhos da noite.
Ao alvorecer, quando o rapaz acordou, ele tinha colocado em cima da sua manta um punhado de tâmaras com um pedaço de pão seco e um copo de madeira cheio de água do odre. A água ficara fresca durante a noite e descia agora agradavelmente pela garganta. Comeram em silêncio e depois seguiram adiante sem parar, sob o sol escaldante, no ar imóvel e pesado. Lá pelo meio–dia perceberam que os cavalos também estavam esgotados e então desmontaram e prosseguiram a pé segurando–os pelo cabresto.
Chegaram ao Eufrates quando já era noite, e o grande rio manifestou–se com o murmúrio das suas águas antes mesmo que com o reluzir da sua majestosa correnteza ao luar. Havia um lugar onde a água borbulhava contra os seixos do fundo criando uma faixa de espuma entre as duas margens: um vau. O guerreiro aproximou–se, avançou devagar para certificar–se da solidez do fundo e aí voltou atrás.
– Aqui dá para passar – disse virando–se para Etéocles. – Se quiser, pode atravessar.
– Por que fala assim? – perguntou o rapaz. – Não vem comigo? O guerreiro sacudiu a cabeça.

– Não. A minha missão chegou ao fim e preciso voltar.
– Missão? – perguntou o rapaz, cada vez mais pasmo.
– Isso mesmo. Alexandre mandou–nos escoltá–lo até a fronteira para que nada lhe acontecesse. Mais um companheiro meu está nos seguindo às escondidas.
Etéocles baixou a cabeça, humilhado por aquela odiosa dedicação, e replicou:
– Volte então para o seu amo e diga–lhe que isto não me impedirá de matálo se nos encontrarmos no campo de batalha. – E empurrou o corcel na correnteza.
O guerreiro, em pé sobre a sua cavalgadura, ficou a observá–lo até vê–lo galgar a margem oposta e avançar na planície do território persa.
Depois virou–se e seguiu troteando de volta para encontrar o companheiro que devia estar esperando não muito longe dali. A luminosidade do luar era intensa e permitia enxergar bastante bem, refletida pela cor esbranquiçada do deserto, mas o companheiro não aparecia. E tampouco foi possível encontrá–lo no dia seguinte, à luz do sol, nem na claridade do dia que se seguiu. Havia sido engolido pelo deserto.

CAPÍTULO 5

O teu filho Etéocles chegou em território persa são e salvo – disse Alexandre entrando no quarto de Barsine –, mas um dos homens que eu mandara para escoltá–lo não voltou.

– Sinto muito – respondeu Barsine. – Sei muito bem o valor que dá aos seus homens.

– São como filhos, para mim. Mas, de qualquer forma, aceitei correr este risco em nome da sua tranqüilidade. E o caçula, como está ele?

– Fica perto de mim, me quer bem, talvez me entenda. E além do mais as crianças são protegidas pela natureza: esquecem rápido e mais facilmente.

– E você? Como está?

– Estou agradecida por aquilo que fez, mas a minha vida já não é a mesma.

Uma mulher com filhos talvez não possa ser uma verdadeira amante: o seu coração nunca deixa de pensar em outros afetos.

– Está dizendo que já não quer me ver? Barsine baixou a cabeça, confusa.

– Não me faça sofrer, sabe que desejo te ver todos os dias, a cada instante, que a sua ausência e a sua frieza me fazem mal. Por favor, dê–me apenas algum tempo para recuperar–me, para que possa criar no meu coração um pequeno abrigo onde guardar as minhas recordações e aí... aí poderei amá–lo como deseja.

Levantou–se e aproximou–se dele, envolvendo–o na sua beleza e no seu perfume: Alexandre segurou o seu rosto entre as mãos e beijou–a.

– Não perca a esperanças. Voltará a ver seu filho e talvez um dia possamos todos viver em paz.

Afagou–a de leve e saiu. Descendo as escadas encontrou Seleuco que procurava por ele,

– Chegou um navio com uma mensagem urgente do general Antípatro. Aqui está. Alexandre leu:

Antípatro, regente do reino, a Alexandre, salve!

Os espartanos juntaram um exército e estão marchando contra as nossas

guarnições e
os nossos aliados no Peloponeso, mas por enquanto estão sós. É muito importante que continuem sozinhos. Faça o que achar melhor para que a situação não mude, pois assim eu tampouco precisarei de ajuda. Sua mãe e sua irmã estão bem: talvez fosse uma boa idéia pensar em um novo marido para Cleópatra.
Cuide–se.
– Espero que o velho amigo tenha enviado boas novas – disse Seleuco.
– Não exatamente. Os espartanos mexeram–se e estão nos atacando:
precisamos lembrar aos atenienses que têm obrigações para conosco. Para quando está marcada a reunião com a delegação deles?
– Para esta tarde. Já entregaram a Eumênio uma nota na qual pedem a devolução dos prisioneiros atenienses capturados na batalha do Granico.
– Não perderam tempo. Receio, porém, que irão ficar decepcionados. Mais alguma coisa?
– O seu médico Filipe está acompanhando a gravidez da mulher de Dario, mas está bastante preocupado e quer que fique ciente disto.
– Está bem. Diga aos atenienses que os receberei após as representações teatrais e peça a Barsine para se juntar à rainha em seus aposentos. Talvez possa ajudar.
Continuou descendo apressadamente as escadas e alcançou Filipe que saía do seu quarto acompanhado por dois assistentes e segurando uma bandeja cheia de remédios.
– Como está a rainha? – perguntou–lhe.
– Na mesma. Isto é, mal.
– Mas o que há de errado com ela?
– Pelo que pude entender, a criança está virada e ela não consegue pari–la.
Enquanto isto seguira andando e dirigia–se agora para o palácio onde estavam hospedadas as mulheres de Dario com seus séqüitos.
– E não pode ajudá–la?
– Talvez pudesse fazer alguma coisa, mas receio que nunca se deixará examinar por um homem. Estou tentando instruir a sua parteira, mas tenho lá minhas dúvidas. É uma mulher da mesma tribo, mais conhecedora de artes mágicas, ao que parece, do que propriamente de medicina.
– Espere. Já mandei chamar Barsine e talvez ela consiga convencê–la.

– Isto seria ótimo – respondeu Filipe, mas pelo seu olhar percebia–se que não acreditava muito na coisa.
Quando chegaram à residência que havia sido transformada em gineceu real, viram que Barsine já chegara e esperava por eles, bastante preocupada, diante da porta. Foram recebidos por um eunuco e introduzidos no saguão. Do andar de cima chegavam
gemidos abafados.
– Não grita nem mesmo quando tem as contrações – comentou Filipe. – O seu recato não deixa.
O eunuco acenou respeitosamente para que o acompanhassem e levou–os ao andar superior, onde encontraram a parteira que estava saindo do quarto.
– Será a minha intérprete – disse o médico virando–se para Barsine.
– Preciso conseguir convencê–la, está entendendo?
Barsine anuiu e entrou no apartamento da rainha. Enquanto isto o eunuco levou Alexandre até o limiar de outra porta e bateu. Foram atendidos por uma dama persa ricamente trajada que os acompanhou primeiro até uma ante–sala e depois ao aposento onde se encontrava a rainha–mãe Sisygambes. Estava sentada perto de uma janela, tinha em cima dos joelhos um rolo de papiro cheio de caracteres e murmurava baixinho umas fórmulas incompreensíveis. O eunuco explicou que estava rezando e Alexandre ficou respeitosamente em silêncio perto da entrada, mas a soberana logo se deu conta da sua presença e aproximou–se cumprimentando–o calorosamente em persa. O seu rosto estava marcado por preocupação, solícita ansiedade e muito sofrimento, mas não pela aflição.
– A majestade da rainha–mãe oferece–lhe a sua saudação – traduziu o intérprete – e pede que aceite a sua hospitalidade.
– Agradeça por mim, mas diga–lhe que não quero incomodá–la: só vim para auxiliar a esposa de Dario que está com problemas de parto. O meu médico – continuou fitando–a nos olhos – diz que talvez pudesse ajudá–la se ela... se ela, vencendo o seu pudor, lhe permitisse examiná–la.
Sisygambes ficou pensando enquanto também o fitava com expressão comovida, e ambos sentiram quão forte era a linguagem dos seus olhares e quão distantes dos seus sentimentos eram por sua vez as palavras formais do intérprete. Naquele momento de silêncio ouviu–se o abafado lamento da parturiente que lutava contra a dor em sua altiva

solidão. A rainha–mãe pareceu sentir a dor daquele gemido amortecido e os seus olhos ficaram mareados pelas lágrimas.
– Não creio – disse – que o seu médico possa ajudá–la, mesmo que ela deixasse.
– Por que, Grande Mãe? O meu médico é muito habilidoso e... – parou ao perceber, pelo seu olhar, que os pensamentos da mulher estavam longe dali, em outro lugar.
– Eu acho – continuou Sisygambes – que a minha nora não quer parir.
– Não estou entendendo, Grande Mãe: o meu médico Filipe acredita que talvez a criança não esteja na sua posição natural para...
Duas lágrimas escorreram lentamente sobre o rosto da rainha marcado pela idade e pela dor e as palavras saíram da sua boca devagar, como uma sentença:
– A minha nora não quer gerar um rei prisioneiro e nenhum médico tem o poder de mudar a sua decisão. Ela mesma está segurando a criança dentro de si para morrer com ela. Alexandre calou–se confuso e baixou a cabeça.
– A culpa não é sua, meu rapaz – prosseguiu Sisygambes com a voz alquebrada pela emoção. – Foi o destino que o criou para destruir o império fundado por Ciro. Você é como o vento que sopra impetuoso sobre a terra, e depois do vento passar nada continua como antes. Mas os homens permanecem apegados às suas lembranças como formigas agarradas aos fios de grama enquanto a tempestade enfurece.
Ouviu–se naquele instante um grito mais alto e em seguida um coral de lúgubres lamentações que vinham dos quartos internos do palácio.
– Aconteceu – disse então Sisygambes. – O último Rei dos Reis morreu, antes de nascer. – Duas criadas entraram e cobriram o seu rosto e ombros com um véu negro para que pudesse desabafar a sua dor sem ser vista.
Alexandre queria dizer alguma coisa, mas enquanto a observava teve a impressão de estar diante de uma estátua, de um simulacro da deusa da noite, e não ousou proferir uma palavra sequer. Inclinou a cabeça por um instante e aí saiu da sala e percorreu o corredor entre os choros e as lamúrias das mulheres de Dario. Filipe estava saindo da ante–sala da falecida rainha, pálido e mudo.
No dia seguinte Alexandre mandou celebrar solenes ritos funerários, sepultar a rainha com grande pompa e todas as honras da sua condição,

e erguer sobre o seu túmulo um monumento gigantesco conforme o costume da sua tribo.
Não conseguiu conter as lágrimas enquanto o seu corpo descia na cova, lembrando quão bela e delicada ela fora, e pensando naquela criança que nunca iria ver a luz do sol.
O eunuco fugiu naquela mesma noite e cavalgou sem parar noite e dia até alcançar os primeiros postos persas avançados perto do rio Tigre, onde pediu para ser levado ao acampamento do rei Dario, que ainda estava longe, do outro lado.
Um grupo de cavaleiros medas escoltou–o por dez parasangas através do deserto e, ao anoitecer do dia seguinte, o homem viu–se diante do Grande Rei.
Dario estava cercado pelos seus generais, vestido como um soldado qualquer, com calças de linho cru e um casaco de pele; únicos sinais da sua realeza, a tiara rígida e a adaga de ouro maciço, a reluzente akinake pendurada no cinto.
O eunuco prostrou–se com a fronte no chão e contou entre soluços o que havia acontecido em Tiro, o longo e doloroso trabalho de parto da rainha, a sua morte, o
enterro. Mencionou até as lágrimas de Alexandre. Dario ficou profundamente abalado ao ouvir aquilo e mandou o eunuco acompanhá–lo na parte mais íntima da tenda real.
– Perdoe–me, Grande Rei, se trouxe notícias tão tristes, perdoe–me... – continuava a suplicar o eunuco entre as lágrimas.
– Não chore – consolou–o Dario. – Fez o que tinha de fazer e estou agradecido. A minha esposa – perguntou – sofreu muito?
– Sofreu bastante, majestade, mas com a força e a dignidade de uma rainha persa.
Dario olhou para ele sem nada dizer. Podiam–se perceber os sentimentos conflitantes que lhe ocupavam o coração e a mente pelas rugas profundas que franziam a sua testa, pela luz incerta e vagamente angustiada que tremeluzia no seu olhar.
– Tem certeza – perguntou após alguns momentos de silêncio – de que Alexandre chorou?
– Tenho, meu rei. Estava bastante perto para poder ver as lágrimas escorrendo em seu rosto.
Dario suspirou e deixou–se cair em um assento.

– Mas então... então quer dizer que havia alguma coisa entre eles: costumase chorar só quando morre alguém que se ama.
– Majestade, não creio que...
– Talvez a criança fosse dele...
– Não, não! – protestou o eunuco.
– Calado! – gritou Dario. – Ousa contradizer–me?
O eunuco ajoelhou–se tremendo e chorando de novo.
– Majestade, eu lhe peço, deixe–me falar! – implorava.
– Já falou até demais. O que mais poderia acrescentar?
– Que Alexandre jamais encostou um dedo na sua esposa. Cercou–a, aliás, de todas as mais solícitas atenções, nunca a visitou sem antes pedir a sua permissão, e na presença das suas damas de companhia. E o mesmo, ou mais, ele fez com a rainha sua mãe.
– Não está mentindo?
– Nada no mundo poderia forçar–me a fazer isto, Grande Rei. O que lhe contei é a pura verdade. Eu juro em nome de Ahura Mazda.
– Ahura Mazda... – murmurou Dario. Ficou de pé e puxou para o lado o pano que fechava a entrada da sua tenda, dirigindo o olhar para cima. O céu do deserto fervilhava de estrelas e a via–láctea se espalhava de um horizonte ao outro com o seu diáfano fulgor. O acampamento reluzia nos seus milhares e mais milhares de bivaques. – Ahura Mazda, senhor do fogo divino, nosso deus – rezou – dê–me a vitória, concede–me salvar o império dos meus antepassados. Prometo que, se vencer, tratarei o meu adversário com
clemência e respeito porque, se as vicissitudes da guerra não nos tivessem colocado um contra o outro, teria pedido com toda a sinceridade do meu coração a sua amizade e o seu afeto.
O eunuco foi embora deixando o rei sozinho com seus pensamentos, mas, enquanto se afastava da tenda real, ouviu um excitado vozerio vindo de uma das portas do acampamento e parou. Um grupo de cavaleiros assírios se aproximava:
estavam escoltando um rapaz muito bonito que, ao passar na sua frente, olhou para ele como se o tivesse reconhecido. Foi andando atrás dele por alguns passos quase não acreditando em seus próprios olhos. Enquanto isto, o pequeno cortejo se havia aproximado da tenda real e, quando o rosto do rapaz foi iluminado em cheio pelas tochas que ardiam diante do pavilhão de Dario, não teve mais dúvidas.

Era Etéocles, o filho de Mênmon de Rodes e Barsine!



CAPÍTULO 6

A apresentação de Tessalo no Édipo rei foi impecável e, quando chegou a cena em que o herói fura os próprios olhos com o cravete da fivela, os espectadores viram dois filetes de sangue escorrerem por cima da máscara do ator e um longo "ooooh" de maravilha ouviu– se nas arquibancadas da cávea enquanto no palco ressoava o lamento ritmado de Édipo: Oitoitoitoitoitói papáiféuféu!

Alexandre, sentado na tribuna de honra, aplaudiu longamente, com entusiasmo. Logo a seguir, por sua vez, foi apresentado o Alceste e o público ficou ainda mais pasmo quando no final a Morte, vestindo os sombrios trajes de Tânatos, surgiu de baixo da terra e ficou esvoaçando no cenário com asas de morcego, enquanto Hércules procurava abatê–la com grandes golpes de clava.

Eumênio providenciara para que as máquinas para os efeitos cênicos fossem desenhadas por Diades, o mesmo arquiteto que construíra as torres de ataque que haviam arrasado as muralhas de Tiro.

– Eu te disse que ficaria satisfeito – murmurou o secretário no ouvido de Alexandre. – E

olha só os espectadores: parece que enlouqueceram.

Naquele mesmo instante a clava de Hércules acertou Tânatos com um golpe certeiro, o gancho que segurava no ar o ator soltou–se do braço móvel e giratório que o mantinha pendurado, deixando–o tombar no palco com grande estardalhaço e Hércules logo caiu em cima dele massacrando–o com uma saraivada de golpes enquanto o público delirava.

– Fez um excelente trabalho. Certifique–se de que todos recebam um prêmio:

principalmente o arquiteto que construiu as máquinas. Nunca tinha visto um espetáculo

como este.

– Graças também aos soberanos nossos aliados: o rei de Chipre financiou o maquinário sem medir despesas e... outra coisa – acrescentou. – Há novidades da frente dos persas. Contarei tudo após a

reunião desta noite. – Aí afastou–se para organizar a cerimônia da premiação.
Os juízes, entre os quais haviam sido nomeados por cortesia alguns dos hóspedes atenienses da delegação, retiraram–se para a sala do conselho e emitiram seu veredicto: o prêmio para a melhor encenação ia para Alceste e o de melhor ator protagonista para Atenodoro que interpretara, com uma máscara feminina e em falsete, o papel da rainha de Argos.
O rei ficou um tanto decepcionado, mas procurou esconder o seu desapontamento e aplaudiu gentilmente o vencedor.
– Não ligue para isso, premiaram aquela vozinha de veado – disse Eumênio.
– Isto não vai ajudar em nada os pedidos do governo ateniense na reunião desta noite, se conheço Alexandre – ciciou ali por perto Ptolomeu no ouvido de Seleuco.
– Não mesmo, mas ainda que o veredicto fosse outro, não teriam muitas chances: o rei Ágis de Esparta está atacando as nossas guarnições e os atenienses poderiam ter umas tentações que é melhor desencorajar desde já.
Seleuco estava certo: quando chegou a hora, o rei recebeu os embaixadores de Atenas e ouviu atentamente os seus pedidos.
– A cidade comportou–se até agora com lealdade – começou o chefe da delegação, um membro da assembléia carregado de anos e de experiência – apoiou–o durante toda a fase da conquista da Jônia e manteve o mar livre de piratas, garantindo assim as suas comunicações com a Macedônia. Viemos então pedir–lhe uma graça: solte os prisioneiros atenienses que ficaram em seu poder depois da batalha do Granico. As suas famílias estão ansiosas para abraçá–los, a cidade inteira gostaria de recebê–los. Eles erraram, é verdade, mas fizeram isto de boa fé e já pagaram duramente pelo seu engano.
O rei trocou um rápido olhar com Seleuco e Ptolomeu, e então respondeu:
– Já tinha em mente condescender ao seu pedido, mas os tempos ainda não estão maduros para esquecermos completamente o passado, soltarei quinhentos homens escolhidos por vocês ou por sorteio. Os demais ficarão comigo por mais algum tempo.
O chefe da delegação ateniense nem tentou replicar, conhecia o caráter

de Alexandre e retirou–se com a boca amarga. Sabia muito bem que o rei nunca voltava atrás das suas decisões, principalmente naquilo que tinha a ver com a política e a estratégia. Logo que os embaixadores saíram, os membros do conselho também se levantaram para voltar aos seus afazeres. Só ficou Eumênio.
– Então? – perguntou Alexandre. – Quais são as novidades?
– Vai saber logo. Há uma visita para você.
Foi abrir uma portinhola de serviço e deixou entrar uma figura de aspecto extravagante: barba negra visivelmente pintada e encrespada, cabelos enegrecidos e igualmente frisados com calamistro, trajes de estilo sírio. Alexandre custou a reconhecer o sujeito.
– Eumolpo de Sôli! Que raio de disfarce foi arranjar?
– Troquei de identidade: agora me chamo Baaladgar e, nos ambientes sírios, gozo de uma notável reputação como mágico e adivinho – respondeu. – Mas como terei de dirigir–me ao jovem deus que é senhor do Nílo e do Eufrates, diante do qual a Ásia inteira estremece? – E logo a seguir perguntou, um tanto ansioso: – O cão está por aí?
– É claro que não – respondeu Eumênio. – Não está vendo você mesmo?
– Então, quais são as novidades? – perguntou Alexandre.
Eumolpo usou a ponta do manto para espanar uma cadeira e, depois que lhe deram licença, sentou–se.
– Desta vez acho mesmo que o servi melhor do que nunca – começou. – Está acontecendo o seguinte: o Grande Rei está juntando um exército gigantesco, certamente maior do que aquele que enfrentaram em Isso. E também alinhará no campo carros de combate completamente novos, máquinas pavorosas cheias de foices afiadas como navalhas. Se colocarão nos arredores da Babilônia esperando para ver os seus movimentos. Então, e só então, escolherá o local da batalha. Na certa alguma planície sem obstáculos naturais, onde poderá impor a sua superioridade numérica e onde os seus carros terão liberdade de ação. Dario já não deseja negociar, agora quer confiar o seu destino a este embate final. E tem certeza de vencer.
– Qual foi o motivo dessa sua mudança tão drástica e repentina?
– A sua inércia. O fato de não se afastar da costa convenceu–o de que teria tempo suficiente para juntar todos os homens de que precisa para derrotá–lo.

Alexandre virou–se para Eumênio e disse:
– Está vendo? Eu estava certo. Só assim poderemos chegar a um choque definitivo. Sairei vencedor e aí a Ásia inteira será minha.
Eumênio dirigiu–se novamente a Eumolpo:
– No seu entender, qual será o Campo de batalha escolhido? Para o norte? Para o sul?
– Francamente, não sei. A única coisa que posso dizer é o seguinte: onde encontrar caminho livre, por ali o Grande Rei estará esperando.
Alexandre ficou alguns momentos pensativo enquanto Eumolpo olhava para ele de esguelha, e disse:
– Retomaremos a nossa marcha no começo do outono e atravessaremos o Eufrates em
Tapsaco. Apareça por lá, se tiver mais novidades.
O informante retirou–se cumprimentando cerimoniosamente e Eumênio ficou mais algum tempo conversando com o rei.
– Se passa por Tapsaco, quer dizer que tenciona descer pelo Eufrates. Como os "dez mil", não é?
– Talvez, mas nunca se sabe. Tomarei uma decisão quando chegarmos à margem esquerda. Por enquanto, segue adiante com as competições atléticas.
Quero que os homens se divirtam, pois poderá levar meses, talvez anos, antes que tenham de novo tempo para se distraírem. Quem disputa o pugilismo?
– Leonato.
– Claro. E a luta?
– Leonato.
– Já entendi. Mas agora procure Heféstion e mande–o falar comigo.
Eumênio cumprimentou e saiu à procura do amigo. Encontrou–o enquanto se exercitava na luta com Leonato e viu–o desmoronar no chão algumas vezes antes que prestasse atenção. Esperou que rolasse aos seus pés mais uma vez e aí disse:
– Alexandre quer falar com você. Mexa–se.
– Comigo também? – perguntou Leonato.
– Não, só com Heféstion. Fique aqui e continue treinando: se não derrotar o desafiante ateniense, não quero nem pensar no que farão contigo.
Leonato grunhiu alguma coisa acenando para que outro soldado

entrasse na dança; Heféstion limpou–se apressadamente e apresentou–se ao rei com os cabelos ainda cheios de areia.
– Mandou me chamar?
– Sim, tenho uma tarefa para você. Escolha duas unidades da cavalaria, até da Ponta, se assim quiser, e duas equipes de carpinteiros navais fenícios. Leve Nearcos com você e vá a Tapsaco, no Eufrates, para protegê–lo enquanto ele apronta duas pontes de barcaças. É por ali que vamos passar.
– De quanto tempo disponho?
– Um mês, no máximo, aí chegaremos com o resto do exército.
– Estamos nos mexendo então. Finalmente!
– Isso mesmo. Despeça–se com cuidado das ondas do mar, Heféstion: só verá de novo
água salgada quando chegarmos às margens do oceano.

CAPÍTULO 7

Foram necessários quatro dias para juntar as unidades de cavalaria, os carpinteiros e o material de construção. Sob a supervisão de Nearcos, as barcaças foram desmontadas, numeradas e carregadas nos carros puxados pelas mulas e o longo comboio preparou–se a deixar a costa. Na noite anterior à partida, Heféstion foi despedir–se de Alexandre e, ao voltar, vislumbrou dois vultos que se aproximavam furtivamente. Já estava a ponto de empunhar a espada quando uma voz conhecida murmurou:

– Somos nós.

– Está cansado de viver? – perguntou Heféstion reconhecendo Eumênio.

– Esqueça essa arma: precisamos conversar.

Heféstion olhou desconfiado para a outra figura, mas acabou reconhecendo Eumolpo de
Sôli.

– Olha só quem está aí! – escarneceu. – O homem que salvou a bunda do pau persa fodendo um exército inteiro.

– Cale a boca, palhaço – retrucou o informante – e preste atenção se quiser salvar o seu cu com todos os piolhos que moram nele.

Heféstion mandou–os entrar na sua tenda, bastante surpreso com aquele segredo todo, e serviu umas taças de vinho. Eumênio tomou um gole e aí começou:

– Eumolpo não contou a Alexandre toda a verdade.

– Não sei por que, mas já imaginara alguma coisa assim.

– E fez muito bem, por Zeus! Ele quer atacar correndo com a fúria de um touro, sem avaliar direito nem as próprias forças nem as do inimigo.

– E está certo: foi assim que ganhamos no Granico e em Isso.

– No Granico o número deles era mais ou menos igual ao nosso, e em Isso saímo–nos bem devido, pelo menos em parte, a uma jogada de sorte. Agora estamos falando de um milhão de homens. Entendeu direito? Um milhão, cem miríades. Sabe contar? Provavelmente não. De qualquer maneira, eu mesmo fiz uns cálculos: perfilados em seis fileiras,

podem exceder a nossa frente à esquerda e à direita por pelo menos três estádios. E o que dizer dos carros de guerra?
Como reagirão os nossos homens diante daquelas máquinas pavorosas?
– Não entendo o que isto tem a ver comigo.
– Eu explico – interveio Eumolpo. – O Grande Rei entregará a defesa do vau de Tapsaco a Mazeu, o sátrapa de Babilônia e seu braço direito, uma velha raposa que conhece como ninguém o território daqui até a foz do Indo e que tem consigo vários milhares de mercenários gregos dos mais calejados, daqueles que podem te fazer cuspir sangue. E há outra coisa: Mazeu se dá muito bem com aqueles rapazes porque fala grego melhor que você.
– Continuo sem entender.
– Há algum tempo Mazeu está profundamente deprimido: acha que o império de Ciro, o
Grande, e de Dario está chegando ao fim.
– Melhor para nós, e daí?
– Daí, uma vez que esta informação me foi dada por alguém muito perto de Mazeu, pode ser que seja possível chegar a algum tipo de entendimento com o velho. Estou sendo claro?
– Mais ou menos.
– Se tiver a oportunidade de encontrá–lo, fale com ele – disse Eumênio.
– Nearcos pode reconhecê–lo porque já o viu uma vez em Chipre.
– Posso fazer isto. Mas, e depois?
– Acontece que contra um milhão de homens poderíamos até perder. Uma ajudazinha viria a calhar.
– Querem que o induza à traição?
– Alguma coisa assim – confirmou Eumolpo.
– Vou falar com Alexandre.
– Está louco? – disse Eumênio.
– De outra forma, nada feito. Eumolpo sacudiu a cabeça.
– Garotos levados que não querem escutar quem sabe das coisas melhor do que eles... Faça o que achar melhor, quebre a cara.
Saiu acompanhado pelo secretário, e quase cruzaram com Alexandre que fora passear com Péritas na orla da praia. O cão começou logo a latir furiosamente na direção deles e Eumênio olhou primeiro para Péritas e depois para o informante, e perguntou–lhe:
– De que material é feita a sua peruca?

O exército de Heféstion levou sete dias para chegar às margens do Eufrates em Tapsaco, uma cidade cheia de mercadores, de viajantes, de animais e mercadorias de todo tipo,
fervilhante de pessoas que vinham de longe porque aquele era o único vau onde se podia atravessar o rio.
Apesar de estar no interior, a cidade tinha origens fenícias e o seu nome significava justamente "vau", "passagem". Não tinha coisa alguma digna de se olhar, não havia nela nem monumentos nem templos, e tampouco praças com pórticos e estátuas, mas não deixava de ser, mesmo assim, bastante pitoresca devido aos costumes das pessoas, aos hábitos dos mercadores, ao incrível número de prostitutas que exerciam a sua profissão com os tratadores de mulas e camelos que trabalhavam ao longo do rio. Falava–se ali uma singular língua comum, feita de sírio, cilício, fenício e aramaico com algumas pitadas de grego.
Heféstion fez uma primeira exploração e percebeu logo que já não havia possibilidade de usar o vau. Havia começado a chover nas montanhas e o rio estava cheio. Para atravessá–lo, só mesmo construindo uma ponte, de forma que os carpinteiros fenícios às ordens de Nearcos puseram imediatamente mãos à obra. Todo o madeirame havia sido marcado com letras do seu alfabeto para assinalar os encaixes onde as barras prenderiam as peças umas às outras.
Quando todas as barcaças ficassem prontas, começaria a montagem da ponte propriamente dita: os marujos manobrariam até a embarcação ficar em posição, a ancorariam no fundo, a enganchariam na anterior e aí colocariam por cima as tábuas para permitir a passagem das tropas.
Mas o trabalho mal começara quando apareceram os homens de Mazeu: cavalaria síria e árabe e infantaria pesada grega. As ações de distúrbio começaram imediatamente: incursões para o centro do rio, arremessos de setas incendiárias, brulotes encharcados de piche soltos rio acima, longe da cidade, que à noite desciam muito rápidos na correnteza até se chocarem como bolas de fogo com a obra de Nearcos incendiando–a.
Os dias passavam, portanto, sem que se concluísse coisa alguma e já se aproximava a hora em que o exército de Alexandre, com dez mil cavalos e dois mil carros de equipamentos e provisões, iria aparecer para atravessar. Heféstion detestava a idéia de ser apanhado sem o Eufrates preparado e conversava ansioso com Nearcos na tentativa de encontrarem juntos uma solução. Certa noite, enquanto estavam na

margem analisando o que poderiam fazer, Nearcos deu–lhe um tapinha no ombro.
– Olhe.
– O quê?
– Aquele homem.
Heféstion olhou na direção indicada e viu na outra margem um homem sozinho, a cavalo, com uma tocha acesa.
– Quem poderá ser?
– Alguém que quer falar conosco, ao que parece.
– Podemos confiar?
– Acho que sim, e creio que deveria ir. Pegue um bote, mande levá–lo até lá e escute o que o homem tem a dizer. Você terá cobertura, se for necessário.
Heféstion assentiu, atravessou o rio e viu–se diante do misterioso cavaleiro.
– Salve – disse o homem num grego sem sotaque.
– Salve – respondeu Heféstion. – Quem é você?
– O meu nome é Nabonide.
– O que quer de mim?
– Nada. Amanhã vamos destruir a sua ponte, mas antes da última batalha gostaria de dar– lhe este objeto para que o entregue a Baaladgar, se o encontrar.
"Eumolpo de Sôli", pensou Heféstion enquanto observava a estatueta de terracota que o homem segurava, decorada na base com caracteres cuneiformes.
– Por quê?
– Uma vez curou–me de uma doença que ninguém sabia curar e eu prometi retribuir com um objeto que ele muito apreciava. Este. "Quem diria?" continuou pensando Heféstion. "E eu que sempre o achei um mero charlatão."
– Está bem – respondeu. – Entregarei a estatueta. Há mais alguma coisa que queira me dizer?
– Não – replicou o estranho personagem. E afastou–se esporeando o cavalo, sempre empunhando a tocha. Heféstion voltou e encontrou Nearcos esperando por ele na última barcaça ainda em boas condições.
– Sabe quem era aquele homem? – perguntou o almirante logo que o outro atracou.

– Não. Deveria saber?
– Se eu não estiver errado, era Mazeu, o sátrapa de Babilônia.
– Por Hércules! Mas o que...
– O que te disse?
– Que amanhã vai acabar conosco, mas que tem uma dívida com Baaladgar, isto é, com
Eumolpo de Sôli, pediu–me para entregar–lhe isto. – E mostrou a estatueta.
– Isto significa que é um homem que respeita os seus compromissos.
Quanto a acabar conosco, tive uma idéia e acho que dentro de dois dias poderemos aprontar–lhe uma surpresa e tanto.
– Que idéia?
– Mandei levar rio acima todas as barcaças ainda desmontadas.
– Quer dizer quase todas.
– De fato. Mandarei montá–las em um bosque onde ninguém poderá nos ver e aí transportaremos com elas trezentos cavaleiros para o outro lado do rio e atacaremos o acampamento de Mazeu à noite transformando–o em um pandemônio. Logo após o desembarque da cavalaria na outra margem, as barcaças descerão o rio até aqui onde os meus carpinteiros poderão enganchá–las com toda a calma. Nesse momento você atravessará a ponte e dará o seu apoio com a Ponta. Nós ganhamos, eles perdem. O vau de Tapsaco é nosso. Assunto encerrado.
Heféstion olhou para ele: aquele cretense de cabelo crespo e pele escura bem que tinha seus truques.
– Quando começamos? – perguntou.
– Já começamos – respondeu Nearcos. – Uma vez que tive a idéia, pareceu–me inútil perder mais tempo. Alguns dos meus homens já saíram em exploração.

CAPÍTULO 8

A operação de Nearcos entrou em execução dois dias mais tarde, depois da meia–noite. Os cavaleiros foram transportados para a margem esquerda do rio e começaram logo a avançar para o sul. As barcaças, já vazias e manobradas por uns poucos marujos, esperaram mais um pouco, permitindo que a cavalaria tivesse tempo para atacar, e ai deixaram–se levar pela correnteza descendo rapidamente o Eufrates.

Quando chegaram perto do acampamento de Heféstion, já se ouviam os gritos dos persas, que sofriam o ataque dos invasores macedônios. Nearcos ordenou que levassem a cabo quanto antes a manobra de travação engatando as barcaças uma ao lado da outra com sólidas amarras. A batalha ainda enfurecia quando ele conseguiu fixar a sua estrutura à margem esquerda e ancorar com firmeza no fundo a última barcaça.

Os cavaleiros invasores já começavam a ter alguma dificuldade e Heféstion, no comando da Ponta, avançou a galope sobre a ponte para auxiliar os seus homens exaustos. O embate continuou ainda mais violento e os mercenários gregos, posicionados no meio, ofereciam uma resistência coriácea a cada assalto da cavalaria, formando um quadrado e protegendo–se uns aos outros com seus pesados escudos.

De repente, no entanto, aconteceu um fato inesperado: os persas, como que obedecendo a um sinal combinado, saíram em disparada retirando–se para o sul e os gregos, então sozinhos e cercados de todos os lados, tiveram de renderse.

Heféstion fincou o estandarte vermelho com a estrela argeade bem no meio do acampamento inimigo, na margem esquerda do Eufrates. Logo a seguir Nearcos juntou– se a ele.

– Tudo bem?

– Tudo bem, almirante. Mas fico me perguntando como se sente no comando destes barquinhos, quando estava acostumado a comandar esquadras de qüinqüerremes.

– A gente dança conforme a música, Heféstion. – respondeu Nearcos. –

O importante é ganhar.
Os oficiais de cada unidade ordenaram que seus homens montassem o acampamento e enviaram patrulhas em exploração nos arredores. Algumas delas, chegando ao topo de uma pequena elevação que permitia uma ampla visão para o sul, viram o horizonte avermelhado pela reverberação das chamas.
– É um incêndio! – exclamou o comandante da patrulha. – Rápido, vamos ver!
– Há outro lá embaixo! – gritou um dos cavaleiros.
– E mais outro ali, perto da margem do rio! – ecoou um companheiro. Havia labaredas ardendo por toda parte.
– O que pode ser? – perguntou outro patrulheiro.
O comandante dirigiu mais uma vez o olhar para a grande reverberação de fogo que já iluminava um bom trecho do horizonte.
– São os persas – respondeu. – Os persas que queimam tudo. Querem deixar terra queimada para que nada possamos encontrar no nosso caminho.
Querem deixar–nos morrer de fome e de privações.
– Vamos controlar – disse afinal, e esporeou o cavalo rumo aos incêndios.
Lançaram–se adiante margeando o rio e não demoraram a ter a confirmação daquilo que haviam imaginado: por toda a planície e ao longo do Eufrates viam–se aldeias em chamas. Algumas surgiam no topo de pequenas colinas de lama ressecada e podia–se vê–las ardendo distintamente com suas colunas de fumaça e fagulhas subindo ao céu. Homens a cavalo, com tochas e tições acesos nas mãos, corriam por toda parte: um espetáculo impressionante e terrível.
– Vamos voltar – ordenou o comandante. – Já vimos até demais.
Puxou as rédeas do seu cavalo e incitou–o na direção do acampamento. Só levou alguns minutos para se apresentar a Nearcos e a Heféstion e relatar o que estava acontecendo. Nesta altura, porém, a reverberação dos incêndios na planície era tão grande que já podia ser vista até do acampamento: uma ampla porção do horizonte brilhava avermelhada como num absurdo pôr–do–sol meridional.
– As colheitas acabavam de ser guardadas nos celeiros: não vai sobrar um só grão de trigo ou de cevada daqui até a Babilônia. Precisamos informar a Alexandre imediatamente! – exclamou Heféstion. Chamou

um mensageiro e enviou–o de pronto a caminho de Tiro.
Enquanto isto Alexandre completara a coleta de equipamentos e provisões carregando um grande número de carros de transporte e preparava–se para deixar a costa no dia seguinte em direção do vau de Tapsaco. E uma vez que a notícia da iminente partida se espalhara rapidamente, também se reunira o grande séqüito espontâneo que já costumava acompanhar as tropas e acampar perto delas durante as paradas.
Eram comerciantes com todo tipo de mercadorias, homens e mulheres que se prostituíam, mas também garotas de famílias pobres que haviam abandonado suas casas e mantinham um relacionamento firme com os soldados do exército.
Muitas estavam grávidas e algumas já tinham parido crianças de pele escura e olhos azuis ou cabelos loiros.
Ao entardecer daquele mesmo dia um navio macedônio atracou no novo cais descarregando hastes de freixo e de corniso para as lanças e caixas cheias de armaduras e de peças para as máquinas de guerra. Um dos homens da tripulação, no entanto, dirigiu–se imediatamente para a cidade velha e perguntou onde ficava a moradia de Calístenes. Trazia consigo um saco de viagem pendurado a tiracolo e, quando chegou à casa que lhe havia sido indicada, bateu à porta com uns toques discretos.
– Quem é? – perguntou Calístenes do interior.
O homem bateu de novo sem responder e o historiador foi abrir. Viu–se diante de um sujeito um tanto robusto e atarracado, de barba espessa e cabelos negros, que o cumprimentou com uma mesura.
– O meu nome é Hermócrates e sou um soldado da guarda de Antípatro. Venho da parte de Aristóteles.
– Pode entrar – convidou–o Calístenes com uma expressão inquieta no olhar.
O homem entrou olhando em volta. Mexia–se com a insegurança típica de quem passou um bom tempo no mar e pediu para sentar.
Calístenes indicou–lhe um assento e ele pegou logo o saco de viagem e deitou–o cuidadosamente em cima da mesa.
– Aristóteles encarregou–me de entregar–lhe isto – disse segurando uma caixa de ferro. – E
esta mensagem.

O historiador pegou a carta e continuou a olhar para o objeto com bastante apreensão.
– Por que tão tarde? Esta caixa deveria ter sido entregue muito antes. Não sei se agora...
Começou a ler a carta. Era sem dúvida de Aristóteles, mas estava em código e sem indicação do destinatário. Dizia:
Este fármaco mata depois de dez dias com todos os sintomas de uma grave doença. Deve ser destruído após ser usado. Se não for usado, também precisa ser destruído. Não deve de forma alguma ser tocado nem cheirado.
– Esperava esta encomenda há um ano – repetiu Calístenes segurando a caixa com a maior circunspeção.
– Infelizmente tive de enfrentar muitas peripécias. O meu navio, investido por um forte vento de Bóreas, ficou por muitos dias à deriva até afundar diante de uma costa inóspita e deserta da Líbia. Eu e os meus companheiros de naufrágio marchamos durante meses só comendo peixes e caranguejos até chegarmos à fronteira do Egito, onde fiquei sabendo da expedição do rei ao santuário de Amon.
De lá alcancei, sempre a pé, um porto do Delta onde encontrei outro navio que, por sua vez, também havia sido desviado da sua rota pelo vento do norte, e pude finalmente embarcar para vir a Tiro, onde me disseram que poderia encontrar o rei com o exército e os seus companheiros.
– Você é um homem fiel e corajoso. Deixe–me recompensar a sua bravura – disse
Calístenes pegando a bolsa.
– Não quero recompensas – replicou Hermócrates –, mas aceitarei algum dinheiro pois o meu acabou e não saberia como voltar à Macedônia.
– Está com fome, sede?
– Aceitaria com prazer uma boa refeição. No navio que me trouxe aqui a comida era péssima.
Calístenes guardou a caixa que lhe fora entregue no seu cofre pessoal e lavou as mãos em uma bacia, depois colocou na mesa pão, queijo e uma posta de peixe assado que temperou com sal e azeite.
– Como está o meu tio?
– Está bem – respondeu o homem mordendo o pão molhado no azeite e

no sal.
– O que estava fazendo a última vez que esteve com ele?
– Partia de Mésia rumando para Aigai. E o inverno estava chegando.
– Quer dizer que continua investigando – comentou Calístenes quase para si mesmo.
– O que disse? – perguntou Hermócrates.
– Nada, nada – disse Calístenes sacudindo a cabeça. Ficou alguns instantes observando o hóspede que comia com apetite voraz, e aí perguntou:
– Descobriu–se alguma coisa a respeito do assassinato do rei Filipe? Isto é, quais são os
boatos que circulam na Macedônia?
Hermócrates parou de comer, engoliu o que já tinha na boca e ficou em silêncio de cabeça baixa.
– Pode confiar em mim – tranqüilizou–o Calístenes. – As suas palavras ficarão entre estas quatro paredes.
– Dizem que foi Pausânias, por conta própria.
Calístenes compreendeu que o homem não queria falar, e também percebeu que a sua pergunta não o deixara à vontade.
– Darei uma carta para o meu tio Aristóteles. Quando pretende partir?
– Logo que encontrar um navio.
– Muito bem. Amanhã eu seguirei viagem com o rei. Poderá ficar nesta casa até encontrar um barco.
Pegou a pena e começou a escrever: Calístenes a Aristóteles, salve!
Somente hoje, vigésimo oitavo dia do mês de Boedromíon do primeiro ano da centésima décima segunda Olimpíada, recebi aquilo que te pedira. O motivo pelo qual te pedira isso já não existe e, portanto, destruirei a coisa para não criar inútil perigo. Mande–me dizer logo que for possível se descobriu alguma coisa quanto ao assassinato do rei, pois nem mesmo Zeus Amon quis responder a esta pergunta. Estamos a ponto de deixar o mar para marcharmos rumo ao interior, e nem sei se voltarei a vê–lo. Desejo–lhe boa saúde. Secou o papiro com cinzas, sacudiu–o, enrolou–o e entregou–o a Hermócrates.
– Amanhã partiremos muito cedo, e portanto despeço–me agora. Espero que faça uma boa viagem e diga ao meu tio que muito me faltam a sua sabedoria e os seus conselhos.
– Farei isto – respondeu o homem.

No dia seguinte o exército pôs–se a caminho juntamente com o séqüito real das mulheres do harém de Dario, a rainha–mãe e as concubinas com seus filhos.
Barsine viajava nesse comboio e assistia da melhor forma possível Sisygambes que já era bastante idosa.
Muito antes que chegassem às margens do Eufrates, ainda no vale do Orontes, foram encontrados pelo mensageiro de Heféstion, que pediu para ver imediatamente Alexandre.
– Rei – anunciou –, já temos pleno controle sobre a margem oriental do Eufrates e a ponte de barcaças está pronta, mas os persas estão queimando todas as aldeias no caminho até Babilônia.
– Tem certeza disso?
– Vi com os meus próprios olhos: era uma imensa fogueira a perder de vista. A planície
inteira parecia um mar de chamas.
– Vamos lá, então – disse o rei. – Estou ansioso para ver o que está acontecendo. – Pegou dois esquadrões de cavalaria e saiu a galope com os seus companheiros para a passagem de Tapsaco.



CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, antes do meio–dia, Alexandre atravessou a ponte de barcaças com os companheiros e os dois esquadrões de cavalaria. Heféstion e Nearcos foram recebê– lo.

– Já falou com o nosso mensageiro?

– Já. A situação é realmente tão grave?

– Julgue você mesmo – respondeu Nearcos , e apontou para as colunas de fumaça que enegreciam o céu.

– E para o leste? Ali nada aconteceu.

– Por lá? Nada. Pelo que pudemos averiguar, nada ali aconteceu: nenhum prejuízo, nenhuma destruição.

– Então Dario espera por nós no Tigre. Estes incêndios são mais do que uma mensagem escrita: o itinerário para o sul é o mesmo que, então com notáveis dificuldades de abastecimento, foi percorrido setenta anos atrás pelos "dez mil" de Xenofonte. Agora, com as aldeias e as colheitas destruídas, seria totalmente impraticável. Só nos resta o outro caminho: o que leva ao vau do Tigre e à estrada do rei. É portanto lá que ele espera por nós: é lá que acontecerá a batalha definitiva. E para facilitar a nossa escolha, Dario entrega–nos de mão beijada os vilarejos no sopé das montanhas do Tauro para que neles possamos nos reabastecer.

– E nós vamos aceitar o convite, não é, Alexandre? – perguntou Perdicas adiantando–se.

– Isso mesmo, meu bom amigo. É bom que os homens se preparem, pois a partir de amanhã começaremos a nossa marcha de aproximação: dentro de seis dias chegaremos ao encontro com o maior exército de todos os tempos.

Parmênio, que observava as colunas de fumaça que obscureciam o céu meridional, não fez comentários e logo a seguir afastou–se em silêncio. Ptolomeu acompanhou–o com o olhar.

– Parece que o nosso general não está lá muito entusiasmado com a idéia, não é ?

– Começa a ficar velho demais – observou Cratero. – Acho que está na hora de repatriá–lo. Filotas estava bastante perto para ouvir e reagiu:

– Pode ser que o meu pai esteja envelhecendo, mas vale mais a unha de um seu dedo do
que vocês todos juntos!
– Ora, acalme–se – disse Seleuco. – Cratero estava brincando.
– Que vá brincar com outros, então, pois da próxima vez...
– Alguém viu Eumolpo de Sôli? – perguntou Heféstion para mudar de assunto.
– Creio que esteja no comboio das mulheres – respondeu Seleuco. – Quer alguma coisa dele?
– Não, só tenho de entregar–lhe um presente. Eu volto já.
Pulou no cavalo e dirigiu–se ao local onde esperava achar o informante.
Encontrou Eumolpo sentado diante da sua tenda: um eunuco fazia–lhe vento com uma ventarola enquanto outro servia–lhe o jantar em uma pequena mesa muito bem posta.
– Não estou para ouvir alusões bobas a respeito das tristes peripécias da minha detenção
...– disse logo que viu Heféstion desmontar do cavalo.
– Não se aflija, só estou aqui para entregar–lhe um presente.
– Um presente?
– Isso mesmo, o presente de um inimigo. Pensei até em comentar a coisa com Alexandre. Creio que espremendo o seu saco numa prensa de azeitonas talvez consigamos forçá–lo a contar algumas histórias interessantes.
– Cale–se, bufão, e deixe–me logo ver do que se trata.
Heféstion entregou–lhe a estatueta. Eumolpo examinou–a com cuidado.
– Um inimigo, disse? E quem foi?
– O sátrapa de Babilônia: Mazeu. Um figurão, ao que parece.
Eumolpo não prestou atenção e continuou a examinar a estatueta e aí, com gesto repentino, estilhaçou–a contra a borda da mesinha. Sobrou um pequeno rolo de papiro cheio de miúdos caracteres cuneiformes.
– Ah, conluio com o inimigo! – comentou Heféstion. – A coisa está ficando feia...
Eumolpo de Sôli enrolou novamente a mensagem e levantou–se, dirigindose ao acampamento militar.
– Aonde pensa que está indo?
– Procurar alguém com um pouco de cérebro.
– Cuidado para não deixar que te mordam as nádegas: Peritas anda solto

por aí! – gritou
Heféstion.
O informante nem olhou para trás, mas levou instintivamente a mão ao traseiro para defender as mencionadas partes anatômicas.
Encontrou Eumênio na tenda do almoxarifado fazendo um levantamento dos equipamentos de reserva e das provisões acenou para dizer que precisava falar com ele
e o secretário geral deixou com um ajudante as suas contas e aproximou–se.
– Novidades?
– Uma mensagem de Mazeu.
– Por Zeus! O sátrapa de Babilônia.
– O braço direito do Grande Rei.
– O que diz?
– Está disposto a nos ajudar, no campo de batalha, se o confirmarmos no cargo de governador da Babilônia.
– Tem algum meio para responder–lhe?
– Tenho.
– Então diga–lhe que está bem.
– Vai querer algum tipo de garantia.
– Como assim?
– Sei lá. Talvez uma carta do rei.
– Quanto a isto, não há problemas. Já escrevi no passado cartas com a grafia de Alexandre e o selo real. Passe na minha tenda esta tarde e lhe darei tudo aquilo de que precisa. Mas jogue fora essa peruca, por Zeus, se quiser salvar a sua bunda. Peritas está à solta por aí com Alexandre.
– Já me disseram – rebateu Eumolpo tirando a contragosto o adorno do seu crânio quase careca e guardando–o no alforje. – Já me comeu um boné de pele que custava uma fortuna: se a coisa ficar preta, jogarei para ele a bolsa inteira.
Afastou–se e a sua calva lustrosa ficou por um bom tempo visível sob o sol a pique.
No dia seguinte o exército virou para o oriente, mantendo à esquerda as montanhas da Armênia e à direita o deserto. Os oficiais de marcha tinham alistado alguns guias locais pois não havia nem mapas nem relatórios militares acerca daquele território. De qualquer maneira também tinham preparado o material e as suas mesinhas de campanha

para traçarem o mais fielmente possível mapas daquela área enquanto seguiam adiante. Percorreram seis etapas de cinco parasangas cada, superando após dois dias o rio Araxe da Síria e penetrando então em um território inculto e semidesértico. Vez por outra podiam–se ver rebanhos de burros selvagens, de gazelas e de antílopes que pastavam entre as raras moitas espinhentas e, na terceira noite, ouviu–se algumas vezes o poderoso rugido do leão que ecoava como trovão na imensidão vazia.
Os cavalos relincharam e escoicearam. querendo livrar–se dos grandalhões, e Peritas acordou de repente latindo com fúria e tentando lançar–se contra o lugar de onde vinha o cheiro forte e penetrante da fera. Alexandre acalmou–o:
– Quieto, Peritas, quieto. Não temos tempo para sair caçando agora.
Vamos, durma, durma. – Afagou–o com a mão e coçou–lhe as orelhas até o molosso voltar a deitar–se.
No dia seguinte viram umas avestruzes e também encontraram ninhos com ovos, tanto de avestruz como de pernaltas. O cozinheiro observou–os contra a luz do sol, compreendeu que acabavam de ser postos e guardou–os para o jantar.
Alexandre pediu encarecidamente que mantivessem pelo menos um casco o mais intacto possível para acrescentá–lo à coleção de Aristóteles. Heféstion, por sua vez, não queria abrir mão de um pouco de carne fresca e organizou uma caçada à avestruz com Perdicas e Leonato, e mais uns vinte exploradores agrianos e tribalos armados de setas e dardos, mas perceberam logo que a coisa não era tão fácil quanto imaginaram: aquelas aves desengonçadas corriam com uma velocidade incrível, de asas abertas para cima e usando–as como velas para também aproveitar a força do vento. Os cavalos não tinham a menor possibilidade de alcançá–las.
Quando os caçadores voltaram cansados, de mãos vazias e com a cara no chão, Alexandre recebeu–os meneando a cabeça.
– Está rindo de quê? – perguntou Heféstion. um tanto aborrecido.
– Se tivesses lido "a marcha dos dez mil" como eu fiz, saberia como é que se caça uma avestruz. Xenofonte era um grande caçador, não se esqueça disto.
– E qual seria o segredo?
– O revezamento – Um grupo persegue as aves até empurrá–los para o local onde estão à espreita outros cavaleiros. Quando os cavalos do

primeiro grupo ficam esgotados, o segundo continua a perseguição em disparada, e assim por diante até as avestruzes diminuírem a velocidade devido ao cansaço. Aí é só cercá–las, e abatê–las.
– Amanhã vamos tentar – replicou Heféstion.
– E enquanto isto vamos nos consolar com os ovos – disse Alexandre. – Parece que são ótimos seja estrelados, seja cozidos com um pouco de sal e azeite.
– E não se esqueça das plumas – acrescentou Perdicas. – O meu elmo vai ficar lindo com elas. Olha só que maravilha! Há uma porção delas espalhadas pelo deserto: deve ser a época da troca.
Nos dois dias que se seguiram nenhuma avestruz apareceu, como se tivessem sido avisadas que os caçadores tinham descoberto uma nova técnica mais eficaz.
O exército retomou a sua marcha sem encontrar viva alma, a não ser duas caravanas que vinham da Arábia com um carregamento de incenso e que tiveram o cuidado de acampar a uma considerável distância das tropas ao anoitecer do quinto dia. Aristandro pediu ao
rei para comprar o produto sem medir despesas: às vésperas da batalha decisiva, os deuses precisavam ser devidamente honrados.
Na tarde do sexto dia Alexandre já pôde deixar Bucéfalo matar a sede nas águas caudalosas do grande Tigre.

CAPÍTULO 10

A luz do entardecer ainda era suficiente para ver que não havia ninguém do outro lado do rio. Não havia viva alma até onde o olhar podia alcançar, nem se viam fogueiras ou outros sinais que pudessem denunciar qualquer presença humana. O ar estava completamente parado e algumas garças pairavam preguiçosamente sobre as margens do rio à cata de rãs e alevinos.

Alexandre deixou Peritas beber e depois Bucéfalo, mas às vezes puxava as rédeas para que não enchesse demais o estômago. Juntou então as mãos em concha e jogou água no ventre e nas pernas do cavalo para refrescá–lo. Logo em seguida todos os homens dos batalhões de cavalaria haviam desmontado e cada um deixava o seu animal beber acima e abaixo do vau.

– Não posso entender – disse Seleuco aproximando–se e olhando para a outra margem.

– Imaginei que estariam esperando por nós do outro lado, em posição de combate... – acrescentou Lisímaco tirando o elmo e desafivelando as ombreiras da couraça.

Ptolomeu também tirara o elmo, enchera–o e derramara a água na cabeça saboreando o frescor:

– Aaah! Que maravilha!

– Muito bem, se de fato acha tão bom, aqui tem mais! – gritou Leonato enchendo o seu próprio elmo para jogar a água no amigo, mas parou de repente: – Parados, ninguém se mexa até eu dar o sinal. Está chegando o senhor secretáriogeral e já sabem o que fazer! Eumênio chegava de fato naquele momento no seu mais vistoso traje de combate, com um imponente elmo empenachado com plumas de avestruz.

– Escute–me, Alexandre, começou a dizer – acabo de saber que...

Não teve tempo de terminar a frase que Leonato berrou a plenos pulmões:

– Cilada! Cilada! – E todos jogaram uma avalanche de água em cima dele com seus elmos, deixando–o encharcado dos pés à cabeça.

– Sinto muito, senhor secretário–geral – disse Alexandre, mal

conseguindo conter as risadas, mas foi uma emboscada que ninguém esperava e que eu mesmo não consegui evitar.
Com aquelas grandes plumas murchas e gotejante na cabeça Eumênio parecia de fato
um pinto molhado.
– Mas que brincadeira bonita! – resmungou, olhando desanimado para o que sobrava da sua altiva plumagem. – Cambada de idiotas, bundas–moles sem pai nem mãe...
– Precisa perdoá–los, senhor secretário–geral – intercedeu Alexandre para acalmá–lo. – São uns garotos levados. Mas tinha alguma coisa a me contar?
– Deixe para lá – resmungou Eumênio ressentido. – Falarei com você em outra oportunidade.
– Vamos lá, não sejas ranzinza. Espero por você dentro em breve na minha tenda. E por vocês também! – gritou para todos os demais. – Heféstion! Pegue uma patrulha e vá explorar a outra margem: quero saber onde estão antes do jantar.
Afastou–se, encaminhando–se para o local onde os serventes estavam erguendo a sua tenda, fincando as estacas a golpes de macete. Eumênio chegou logo depois, com roupas secas, e Alexandre convidou–o para sentar enquanto Leptine e as demais mulheres apressavam–se a preparar as mesas e os leitos para o jantar.
– Então, quais são as novidades?
– Muito simples. Eumolpo de Sôli recebeu uma mensagem. Parece que o exército do Grande Rei está a umas cinco parasangas ao sudeste daqui, mais ou menos na estrada que leva à Babilônia, não muito longe de uma aldeia chamada Gaugamela.
– Que nome esquisito...
– Significa – a casa do camelo. É por causa de uma velha história. Parece que Dario, o Grande, fugindo de uma emboscada em um camelo, conseguiu safarse devido à extraordinária velocidade do animal. Por gratidão, mandou que lhe construíssem um estábulo com todo o conforto e dedicou–lhe como pensão vitalícia as rendas do vilarejo que, justamente, ficou com este estranho nome.
– Um dia de caminho... Estranho. Podia bloquear–nos na margem do rio e manter–nos aqui sabe lá por quanto tempo...
– Quase parece que faz de propósito. Reparou como é o terreno deste

lado assim como do outro do Tigre?
– Desnivelado, com buracos e algumas pedras.
– Pois é. Não muito apropriado para os carros de guerra. O Grande Rei espera por nós em um terreno perfeitamente plano – disse, e passou a palma da mão sobre a tampa polida da mesa diante dele. – Mandou encher os buracos e nivelar as corcovas para que os carros possam alcançar a velocidade máxima – Pode ser. De qualquer maneira ninguém perturbou a nossa marcha de aproximação, tivemos a oportunidade de nos abastecer tranqüilamente nas aldeias e podemos agora atravessar o Tigre sem maiores
problemas.
– À parte a correnteza do rio.
– À parte a correnteza do rio – admitiu Alexandre. – Deve ter chovido nas montanhas. Naquele momento chegaram os outros amigos. Nearcos também estava com eles.
– Vejo que o senhor secretário voltou a ter uma aparência decente observou Leonato ao entrar. – Que metamorfose! Agora há pouco parecia uma galinha depenada.
– Pare com isso – cortou Alexandre. – E sentem–se todos. Precisamos tratar de assuntos sérios.
Tomaram assento e até Peritas foi deitar aos pés do rei mordiscando–lhe as sandálias como costumava fazer desde que era filhote.
– Tudo indica que o Grande Rei está esperando por nós em uma planície lisa como uma mesa a um dia de marcha daqui.
– Ótimo! – exclamou Perdicas. – Vamos andando, então. Não gostaria que ele se cansasse de esperar.
– A notícia que nos chegou de Eumolpo de Sôli, no entanto, vem da parte dos persas: não podemos esquecer que poderia ser uma armadilha.
– Pois é, é bom lembrar o que houve em Isso – rosnou Leonato. – Aquele filho de uma cadela esteve a ponto de nos foder só para livrar o seu do pau persa!
– Cale a boca! – intimou Perdicas. – Queria ver o que você teria feito. Não tem motivo para nos trair. Eu confio em Eumolpo.
– Eu também – concordou Alexandre. – Mas isto não quer dizer nada. É a notícia em si que pode ter sido habilmente espalhada para nos atrair a um beco sem saída.
– O que pretende fazer, então? – perguntou Lisímaco vertendo um

pouco de vinho nas taças dos companheiros.
– Hoje à noite saberemos de Heféstion se eles estão de fato tão longe do rio. Amanhã atravessaremos o vau e seguiremos adiante, rumo ao exército inimigo. Depois de umas duas ou três parasangas mandaremos um grupo em exploração para ver como estão as coisas. Aí teremos um conselho de guerra e atacaremos.
– E os carros com as foices? – perguntou Ptolomeu.
– Vamos inutilizá–los e aí investiremos com tudo contra o centro da formação deles. Como em Isso.
– Nós vencemos, eles perdem. A Ásia é nossa – comentou Nearcos, lacônico.
– Falar é fácil – observou Seleuco –, mas tentem imaginar aquelas máquinas pavorosas correndo na planície: a nuvem de poeira que vão levantar, o fragor das rodas ferradas, as foices dardejando no reflexo do sol ao girarem como turbilhão.
A meu ver vão tentar desorganizar as nossas formações centrais enquanto a cavalaria vai nos cercar pelos flancos.
– Seleuco não deixa de ter alguma razão – disse Alexandre – mas ainda não é hora de pensarmos em planos de batalha. Quanto aos carros, agiremos como os "dez mil" em Cunaxa. Estão lembrados? A infantaria pesada abria caminho criando corredores por onde eles passavam sem provocar danos, enquanto os arqueiros se viravam e acertavam os aurigas e os guerreiros nas costas. O que mais me preocupa é a poeira: se não houver vento, logo após o início da batalha, o ar ficará tão turvo que não poderemos ver a um palmo do nosso nariz. Teremos de confiar nos clarins para mantermos o contato entre as unidades. Mas agora vamos comer e ficar alegres: sempre ganhamos e desta vez também vamos ganhar.
– Acha realmente que haverá um milhão de homens esperando por nós naquele trecho do deserto? – perguntou Leonato visivelmente perturbado. – Por Hércules, nem consigo imaginar! O que vem a ser, afinal, um milhão de homens?
– É muito fácil explicar – disse Eumênio. – Significa que cada um de nós tem de matar vinte se quisermos vencer, e ainda sobrariam alguns.
– Não acredito nisto – ponderou Alexandre. – Alimentar um milhão de homens em constante movimento é quase impossível, sem contar a água necessária para os cavalos e tudo mais. Eu acho... acho que podem ser

mais ou menos a metade do que dizem por aí, um pouco mais do que em Isso. Mas de qualquer maneira, já disse: esperemos até entrarmos em contato direto com o inimigo antes de continuarmos a especular.
Os serviçais começaram a servir o jantar e Alexandre também mandou entrar umas
"companheiras" recém–chegadas da Grécia para alegrarem a turma.
Entre elas sobressaía uma jovem ateniense de extraordinária beleza, uma morena de olhos ardentes e corpo firme, com o porte de uma deusa.
– Olhem que maravilha! – exclamou Alexandre logo que ela entrou. – Não é estupenda? Já foi modelo do grande Protógenes e posou nua para uma estátua de Afrodite. Chama–se Taís e este ano, em Atenas, foi declarada a "calipígia".
– A dona das mais belas nádegas da cidade, não é? – brincou Leonato. – Dá para ver?
– Cada coisa no devido tempo, meu fogoso cabrão – respondeu a jovem com um sorriso manhoso.
Leonato virou–se perplexo para Eumênio:
– Nenhuma mulher jamais me chamou de fogoso cabrão. Não entendi se é um elogio ou uma ofensa.
– Não se esforce demais pensando, pois poderia ser perigoso replicou Eumênio. – De
qualquer forma não creio que "fogoso cabrão" seja tão ruim. A meu ver, conseguiu impressioná–la.
Entraram mais "companheiras", todas muito graciosas, e foram deitar–se ao lado dos comensais enquanto o jantar era servido. Assumindo as funções de simposiarca, Ptolomeu decidiu que o vinho seria misturado com a água na proporção de um por um: uma decisão que foi unanimemente aprovada.
Quando todos já tinham comido e iam ficando bastante alegres, a jovem começou a dançar. Só vestia um curto quitão, sem nada por baixo: a cada volteio mostrava generosamente aquilo que lhe garantira O prêmio em Atenas e pelo qual havia sido representada como Afrodite por Protógenes.
De repente, pegando uma flauta em uma mesa, começou a acompanhar a sua dança com o som do instrumento e aquela música pareceu vestir o seu corpo que continuava a voltear cada vez mais rápido para depois deter–se de chofre em uma cascata de notas agudas, quase estrídulas.

Taís agachou–se no chão como uma fera prestes a dar o bote, ofegante e molhada de suor, depois recomeçou a tocar sua melodia e aproximou–se dos soldados que velavam imóveis nos postos de guarda. Uma música extremamente suave, acompanhada pelos movimentos mais lânguidos e sensuais e pelos mais ardentes gestos de lascívia.
Os homens pararam de rir e de brincar e o próprio rei pareceu fitar encantado aqueles volteios que recomeçaram a acompanhar o ritmo cada vez mais veloz da música, cada vez mais fogoso e premente, até o paroxismo. O espaço limitado da tenda parecia estar completamente tomado pela presença de Taís, imbuído do cheiro da sua pele e dos seus cabelos de reflexos azulados.
Percebia–se que aquela dança libertava uma energia irresistível, uma fascinação poderosa, e Alexandre relembrou de repente mais um momento da sua vida passada: as notas da flauta que sua mãe Olympias tocara nos recessos de um bosque da Eordéia, chamando na noite uma dança orgíaca, o komos da embriaguez dionisíaca.
Quando Taís deixou–se cair exausta e arquejante, os olhos de todos brilhavam de desejo ardente, de desenfreada lascívia, mas ninguém ousava mexer–se à espera do que o rei iria fazer. O relincho de um cavalo e o barulho do seu galope quebraram de repente a tensão espasmódica daquele momento e Heféstion entrou logo a seguir, suado e coberto de poeira.
– O exército de Dario está a meio dia de marcha daqui – disse ofegante.
– São centenas de milhares, suas fogueiras brilham no escuro como as estrelas no céu, seus cornos de guerra lançam chamados na noite por toda a imensidão da planície.
Alexandre ficou de pé e olhou em volta como se acabasse de acordar de um devaneio, e então disse:
– Vão dormir. Amanhã atravessaremos o vau ao anoitecer, quando o exército persa já estiver à vista, teremos um conselho de guerra.

CAPÍTULO 11

A correnteza do Tigre era bastante forte até mesmo na altura do vau e os primeiros infantes que tentaram a travessia tiveram logo de enfrentar sérias dificuldades pois no meio do rio a água chegava até o peito. O que mais atrapalhava eram os escudos: se fossem mantidos baixos, ofereciam resistência demais e os homens tinham de abandoná– los, se ficassem acima da cabeça, eles perdiam o equilíbrio e acabavam sendo levados pelas águas.

Parmênio mandou esticar umas cordas entre as duas margens para formar, com a ajuda delas, duas fileiras duplas de homens sem escudos presos uns aos outros, uma antes do vau para quebrar a força da correnteza e uma rio abaixo para recolher homens arrastados pelas ondas impetuosas do rio. Protegido por aquela barreira humana, o resto da infantaria pesada pôde então passar, sob o olhar atento do general. A cavalaria atravessou em seguida e, finalmente, os carros com os mantimentos, as peças, as mulheres e as crianças. Algumas das unidades chegaram a avistar as posições inimigas já no começo da tarde, mas a retaguarda ainda estava muito longe do Tigre e só no fim do dia juntou–se de novo ao resto da tropa.

Como prometera, o rei reuniu o conselho de guerra depois do pôr–do–sol, com os dois exércitos tão próximos que as sentinelas macedônios podiam ouvir perfeitamente os chamados dos guardas persas que ecoavam pela imensa esplanada de Gaugamela.

Ao anoitecer, quando já se dispunha o primeiro turno de vigia noturna, uma lanterna foi acesa na tenda de Alexandre e, um depois do outro, começaram a chegar os companheiros é os generais do alto comando: Kóinos, Címias, Meléagro, Polspércon, chefiados por Parmênio e Cleito, o Negro. Todos cumprimentaram o rei e beijaram–no nas faces, e aí ficaram de pé em volta da mesa na qual os oficiais de marcha haviam desenhado o esquema do plano de batalha. As várias unidades de infantaria e de cavalaria eram representadas por peças diferentes do tabuleiro do rei.

– É quase certo que Dario vai investir com uma carga dos carros de

guerra – começou Alexandre – para desestruturar a nossa formação e criar o caos entre as fileiras da falange. Mas nós avançaremos em ordem oblíqua em relação à frente inimiga, que
certamente sobrará de ambos os nossos lados devido à arrasadora superioridade numérica, e procuraremos passar em tomo da zona que o Grande Rei mandou nivelar para facilitar a investida dos carros. Logo que eles se movimentarem, vocês deverão ordenar que os homens façam o máximo de barulho possível batendo nos escudos com as espadas e berrando a plenos pulmões para espantarem os cavalos. Aí, quando chegarem ao nosso alcance, os arqueiros e os fundibulários atirarão nos aurigas procurando acertá–los. Isto deverá tirar do combate muitos deles, mas os carros, mesmo sem ninguém para governá–los, seguirão a sua corrida e ainda poderão causar bastante prejuízo.
Nesse momento os comandantes de companhia darão o sinal com os clarins para que se abram brechas na formação para deixá–los passar e acertá–los em seguida pelas costas.
– Uma vez esmorecida a carga dos carros de guerra, a falange avançará pelo meio antecedida pela cavalaria pesada dos éteros e pelos cavaleiros trácios e agrianos, enquanto eu mesmo levarei adiante a Ponta através da formação de Dario. Acho que deste jeito penetramos como uma navalha deixando fora de combate toda a ala esquerda deles e empurrando Dario e a guarda real dos Imortais contra a falange. Os batalhões de Cratero e Perdicas terão de agüentar o impacto e logo a seguir contra–atacar. O general Parmênio ficará na reserva na extremidade do nosso flanco esquerdo com três batalhões de pezéteros e a cavalaria tessália para dar o golpe de misericórdia. A ala direita da nossa formação será formada pelos nossos aliados gregos e pelos mercenários coordenados pelo Negro: a sua tarefa será resistir a eventuais tentativas de cerco por parte da ala esquerda persa para permitir que a Ponta estraçalhe o miolo inimigo. Alguma pergunta?
– Só uma – disse Seleuco. – Por que aceitamos lutar em um terreno escolhido pelo adversário?
Alexandre pareceu hesitar um pouco antes de dar a resposta, depois aproximou–se e fitou–o fixamente nos olhos.
– Sabe quantas fortalezas estão espalhadas pelo império de Dario entre esta região e as montanhas do Paropâmiso? E quantos desfiladeiros fortificados, e cidadelas e cidades muradas? Nós ficaríamos de cabelos

brancos em um esforço inútil e estafante, perderíamos os nossos soldados em um lento estilicídio, sangraríamos a nossa pátria tirando–lhe a sua juventude e condenando–a a uma rápida decadência. Houve um plano de Dario muito bem arquitetado para atrair–me até aqui e aniquilar–me. Eu fingi morder a isca. Ele não sabe que decidi por vontade própria e que, de qualquer maneira, no fim o derrotarei.
– E com o quê? – insistiu Seleuco sem baixar os olhos.
– Saberá amanhã ao alvorecer – replicou Alexandre. – Isto é tudo. Agora juntem–se às suas unidades e procurem descansar, pois amanhã terão de espremer até a última gota de suor e até o último lampejo de energia. Que a sorte e os deuses nos sejam propícios. Todos o cumprimentaram e se afastaram. Alexandre acompanhou os até o limiar e depois dirigiu–se ao recinto de Bucéfalo para cuidar pessoalmente da sua comida e bebida. Enquanto o cavalo afundava o focinho no balde cheio de cevada, ele o acariciava falando baixinho em seus ouvidos:
– Bucéfalo, lindão, meu bom amigo... Amanhã será a sua última batalha, eu prometo. Depois, só irá aparecer nos desfiles, me levará na garupa apenas quando entrarmos triunfalmente nas cidades ou quando nós dois sozinhos formos correr pelas colinas da Média ou ao longo das margens do Tigre e do Araxe.
Antes, porém, terá de levar–me à vitória, Bucéfalo, amanhã terá de correr mais rápido do que o vento, mais ligeiro do que as setas e os dardos dos persas: nada deverá deter o seu ímpeto.
O animal levantou a soberba cabeça bufando e sacudindo a crineira.
– Entendeu, Bucéfalo? Pisoteará com seus cascos os cavaleiros medas e cisseus, os ircanos e os korasmos, soprará fogos pelas ventas como uma quimera, levará contigo em sua carga furibunda todos os seus companheiros, será o trovão que abala a montanha e os quinhentos corcéis da Ponta farão tremer a terra atrás de você.
O garanhão raspou o chão com o casco e empinou–se de repente em um longo relincho de desafio, depois pareceu acalmar–se e encostou o focinho no peito do amo buscando um afago. Queria dizer–lhe que estava pronto e que nada no mundo iria deter o seu galope.
Alexandre beijou–o na testa e afastou–se, dirigindo seus passos para a tenda da rainha– mãe Sisygambes que surgia à sombra de uns sicômoros em uma extremidade do acampamento. Fez–se anunciar e um eunuco levou–o à parte interna do pavilhão onde a soberana o recebeu sentada

em seu trono.
Alexandre esperou que ela lhe desse licença para sentar, como era o costume da corte, e aí começou a falar:
– Grande Mãe, vim dizer–lhe que estamos nos preparando para enfrentar Dario em um embate decisivo, quase certamente o derradeiro. Ao pôr–do–sol, só um de nós ainda estará vivo e eu tudo farei para sair vencedor.
– Eu sei – respondeu Sisygambes.
– Isto pode significar a morte do teu filho.
A rainha anuiu gravemente com a cabeça.
– Ou a minha – Alexandre acrescentou logo a seguir. Sisygambes levantou os olhos úmidos de lágrimas e suspirou:
– De qualquer maneira, para mim será um dia funesto. Seja qual for o rumo que as coisas tomarem, seja qual for o resultado do combate. Se vencer, eu terei perdido o meu filho e a minha pátria. Se for derrotado ou morto, terei perdido uma pessoa que aprendi a amar. Tratou–me com a mesma afeição de um filho e respeitou todas as pessoas da minha família como nenhum vencedor jamais teria feito. Você também, meu rapaz, conquistou um lugar no meu coração. Por isto mesmo não poderei deixar de sofrer, nem me será concedido o consolo de pedir serenamente a Ahura Mazda a vitória dos meus soldados. Vá, Alexandre, e que você possa ver sem dano o pôr–do–sol de amanhã. Esta é a única bênção que posso lhe dar.
O rei fez uma mesura e saiu, dirigindo–se novamente para a sua tenda. O acampamento fervilhava com as costumeiras atividades da hora que antecede o descanso: os soldados, reunidos em círculo e sentados no chão em volta do fogo, comiam o seu jantar procurando animar–se uns aos outros na iminência do choque mortal. Contavam bravatas, bebiam, jogavam nos dados o dinheiro que nesta altura já recebiam dos cofres de Eumênio, divertiam–se vendo as danças das prostitutas que acompanhavam de qualquer jeito o exército em suas andanças.
Outros passavam a noite no acampamento dos mercadores, onde muitos já tinham uma companheira fixa e quem sabe filhos pequenos aos quais se ligavam cada vez mais amorosamente com o passar do tempo.
Naquela hora crucial, a existência de afeições profundas era para eles motivo de consolo e, ao mesmo tempo, de angústia devido à incerteza da batalha que se aproximava, uma batalha que lhes poderia dar glória e

riqueza assim como a morte ou, pior ainda, uma escravidão ultrajante pelo resto da vida.
Alexandre chegou às suas acomodações depois de atravessar quase todo o acampamento. Leptine veio recebê–lo no limiar e beijou–lhe as mãos.
– Meu senhor, houve uma estranha visita. Um homem apareceu trazendo–lhe comida para o jantar. Eu nunca o vira antes, e não confiaria: pode ser alguma coisa envenenada.
– Jogou–a fora?
– Não, mas...
– Deixe–me ver.
Leptine levou–o ao setor destinado aos banquetes e mostrou um prato em cima da mesa real. Alexandre sorriu e sacudiu a cabeça.
– Tordo no espeto – e encostou a mão. – Ainda está quente. Para onde ele foi?
– Foi embora, mas deixou isto. – Entregou um minúsculo rolo de papiro.
Alexandre deu uma lida rápida, e então saiu apressadamente e chamou o escudeiro:
– Mande aprontar o baio sarmático, rápido.
O escudeiro saiu correndo para os recintos e logo a seguir voltou com o cavalo arreado. O rei montou–o e partiu a galope sem que a sua guarda tivesse tempo de entender o que estava acontecendo. Quando os soldados ficaram prontos para acompanhá–lo, ele já havia desaparecido no deserto.

CAPÍTULO 12

Alexandre não demorou a chegar ao pequeno vilarejo formado por umas poucas casas de adobe e betume, situado no meio do caminho entre o seu acampamento e o rio que tinham atravessado naquele mesmo dia. Dirigiu–se até o poço que ficava sob um leque de palmeiras, desmontou e esperou.

Logo a seguir a lua surgiu por trás de uma série de modestas colinas que margeavam a planície do lado leste e espalhou a sua luminosidade espectral sobre o restolhal que cercava o vilarejo como um anel dourado e sobre o deserto que, por fora daquele pequeno espaço cultivado, espalhava–se em todas as direções. Deixou o cavalo pastar entre os raros fiapos de grama que cresciam embaixo das palmeiras e esperou até vislumbrar um vulto que se aproximava ondeando por uma trilha que vinha do sul: Eumolpo de Sôli que chegava na garupa de um camelo.

– Pode desmontar sem problemas – disse Alexandre ao reparar no ar circunspeto do outro. – Peritas ficou no acampamento.

– Salve, grande rei e senhor da Ásia – começou o informante, mas Alexandre não tinha tempo a perder e cortou a conversa.

– Conseguiu descobrir mais alguma coisa a respeito daquilo que me relatou por meio do seu mensageiro?

– Para dizer a verdade, eu já sabia havia algum tempo que Mazeu estava muito desanimado e convencido de que o império que fora de Ciro, O Grande, chegara ao fim: tanto assim que pedi a Heféstion para convencê–lo a passar para o nosso lado quando os dois se encontrassem no vau do Eufrates em Tapsaco.

Heféstion, no entanto, recusou: provavelmente achou que induzir um adversário à deserção era coisa desonrosa – Compartilho da sua opinião.

– Digamos que ele compartilha da sua.

– Como quiser.

– Pois bem. Acontece, entretanto, que agora a deusa Fortuna virou–se para o nosso lado: ao que tudo indica, ela tem uma queda por você, meu rei. Talvez não acredite, mas foi justamente Heféstion o meio que Mazeu encontrou para fazer contato conosco. Foi–lhe entregue uma

estatueta como presente para mim, e eu a recebi quando estava entre Tiro e Damasco devido a uns negócios que tinha de resolver. Os caracteres bárbaros na base diziam "quebre esta pequena estátua", coisa que eu logo fiz. Encontrei dentro dela a tal mensagem, e logo o informei a respeito do seu teor pelo mensageiro que enviei quando ainda se aproximava do vau do Tigre com o seu exército. Mas aí decidi vir pessoalmente para saber se a mensagem havia sido fielmente relatada.
– Pois é. Reconheci o seu tordo no espeto.
– Notável, não é mesmo? Os meus criados capturaram um bocado deles com as redes esta manhã e achei uma boa idéia transmitir–lhe a minha senha dessa forma original.
– Conseguiu.
– Então, o que foi que o mensageiro falou exatamente?
– Mazeu oferece a sua ajuda no campo de batalha em troca de ser reconhecido como sátrapa da Babilônia. Diz que ficará do lado direito da formação de Dario e que, portanto, eu poderei aliviar sem perigo o meu lado esquerdo para concentrar todas as minhas forças na ala direita, onde corro o risco de ficar cercado. Entendi direito?
– Perfeitamente. E não lhe parece uma proposta honesta?
– Confiaria em um traidor?
– Sim, desde que a proposta fosse conveniente para ambas as partes, e me parece que este é justamente o caso. Mazeu não acredita que Dario possa vencer; acha, ao contrário, que você será o vencedor, e lhe oferece, portanto, uma coisa em troca de outra. Será vantajoso para você assim como para ele.
– Vamos imaginar que esteja mentindo: desguarneço o flanco esquerdo para fortalecer o direito em vista de um possível cerco por parte da cavalaria persa daquele lado. Mazeu, porém, faz uma investida contra a minha ala esquerda e me pega por trás na hora em que estou para lançar o ataque com a Ponta. Um desastre. Aliás, o fim.
– É verdade, mas, se não se arriscar aceitando a proposta de Mazeu, pode perder de qualquer maneira porque eles são muito mais numerosos do que vocês.
E, para complicar, ainda aceitou o combate no campo que eles escolheram. Um dilema e tanto.
– E mesmo assim daqui a pouco voltarei à minha tenda e terei um sono tranqüilo.

Eumolpo tentou perscrutar a expressão do seu interlocutor à luz incerta do luar, mas nada conseguiu vislumbrar que revelasse as suas intenções.
– O que devo dizer a Mazeu esta noite? – perguntou. – Como pode ver, disfarcei–me de mercador sírio, e dentro em breve estarei diante dele para relatar a sua resposta. Alexandre segurou as rédeas do seu baio e, com um volteio, pulou na garupa.
– Diga–lhe que aceito – replicou, e virou o cavalo para partir.
– Espere! – deteve–o Eumolpo. – Há mais uma coisa que talvez queira saber, o garoto de Barsine está no acampamento de Dario e diz que quer participar da batalha de amanhã. Alexandre ficou alguns instantes imóvel, montado no corcel, como que paralisado pela notícia; aí recuperou–se de repente e esporeou o baio desaparecendo logo numa nuvem de poeira. Eumolpo sacudiu a cabeça e, depois de matutar consigo mesmo sobre aquela breve conversa, fez ajoelhar o seu relutante camelo e subiu nele com bastante dificuldade. Depois incitou–o e o bicho levantou primeiro as patas traseiras quase fazendo com que ele caísse para a frente, e em seguida as patas dianteiras, quase fazendo com que caísse para trás.
Afinal estabilizou–se e começou a trotear rumo ao acampamento persa, empurrado pelos desajeitados pontapés do seu condutor.
Alexandre viu aparecer de repente uma patrulha de éteros da guarda real chefiados por
Heféstion e parou.
– Para onde estão indo? – perguntou.
– Para onde estamos indo? – disse Heféstion fora de si. – E ainda pergunta?
Estamos galopando na noite à sua procura! Deixa o acampamento sem falar com ninguém, fica passeando por aí no escuro, em um território batido pelas patrulhas inimigas, e isto logo na véspera de uma batalha que vai decidir o nosso destino.
Ainda bem que uma sentinela o viu e foi informar o seu comandante. Levamos um susto e tanto...
Alexandre deteve–o com um gesto da mão.
– Tratava–se de algo que tinha de resolver sozinho, mas é bom que estejam aqui. Quem é o comandante desta pequena unidade?
Um jovem montanhês da Lincéstide adiantou–se.
– Sou eu, rei, e o meu nome é Eufranore.

– Muito bem, Eufranore: enquanto voltamos ao acampamento, você irá com seus homens ao vilarejo que fica a uns dez estádios daqui nesta mesma trilha e deixará ali metade do seu grupo como guarnição às ordens de alguém em que confie. Com a outra metade alcançará o Tigre e ficará esperando até alguém te chamar da outra margem, perguntando: "Onde fica a estrada para Babilônia?"
Então responderá: "A estrada para Babilônia passa por aqui!" e então escoltará o pessoal
até o nosso acampamento e o deixará às ordens de Cratero.
– Só isto, rei?
– Só isto, Eufranore, mas cumpra direito estas disposições, pois delas depende a salvação de todos nós.
– Pode dormir tranqüilo: nenhum de nós vai pregar os olhos e ninguém que não seja dos nossos passará entre o vau e o vilarejo sem pedir a nossa permissão. É assim que deve ser, não é?
– Exatamente assim. E agora vá.
– Por quem estamos esperando? – perguntou Heféstion virando o cavalo em direção ao acampamento.
– Saberá no devido tempo. Mas voltemos, agora já não nos sobra muito tempo para dormir antes da alvorada.
Voltaram e cada um seguiu o seu caminho: Heféstion juntou–se à sua unidade da Ponta e
Alexandre foi para a tenda de Barsine. Ela veio recebê–lo e beijou–o.
– Ouvi dizer que havia saído sozinho: estava preocupada. Alexandre apertou–a contra si sem nada dizer.
– Chefiará o ataque da sua cavalaria, amanhã, não é?
– Isso mesmo.
– Por que expor–se a um perigo mortal? Se algo acontecer contigo, seus homens ficarão sem guia.
– Um rei tem seus privilégios, mas deve estar pronto a ser o primeiro a morrer quando a sua gente enfrenta o perigo. Ouça–me, Barsine a uns oito ou nove estádios nessa direção há o acampamento persa e lá estão seu pai Artabazo e... o seu filho. – Os olhos de Barsine encheram–se de repente de lágrimas. – Se quiser estar com eles – continuou – mandarei escoltá–la até o primeiro posto de guarda persa, com Frates.
– É o que quer? – perguntou Barsine.
– Não. Eu a quero para mim, mas compreendo que o seu coração está

dividido e que por isto mesmo jamais poderá ser feliz.
Barsine acariciou–lhe o rosto e os cabelos, e aí disse:
– Sou sua mulher, ficarei.
– Se é a minha mulher, então faça–me esquecer tudo nesta noite que antecede a batalha, acaricia–me como jamais acariciou outro homem, dê–me todo o prazer de que é capaz. Amanhã talvez sobre de mim apenas um punhado de cinzas.
E sem esperar uma resposta, começou a beijar o seu pescoço e o seio, a acariciar seu ventre e as coxas apertando–a com força irresistível. Barsine sentiu o calor que emanava
da sua pele crescer até transformar–se em febre, sentiu o perfume dos seus cabelos e o intenso cheiro almiscarado que subia da sua virilha e entregou–se à vaga do desejo que corria sob a sua pele com o fluxo do sangue e da respiração.
Despiu–se enquanto ele continuava a acariciá–la e beijá–la pelo corpo todo e despiu a ele também, esquecendo o recato. Beijou avidamente os seus lábios e o seu peito e arrastou– o nu, junto a ela, no tapete.
Acariciou–lhe o ventre e as coxas, beijou–o cada vez mais ardorosamente até desencadear o seu mais ardente desejo. Ele deitou–a diante de si e possuiu–a com toda a força, como se fosse a última vez que gozava aquele corpo e aquele amor, e viu os olhos dela que se iluminavam, o rosto que se desfigurava num prazer cada vez mais intenso e pungente, sentiu as mãos e as unhas dela afundando nos seus ombros e nas costas e ouviu–a finalmente gritar no delírio de um prazer sem limites ou entraves, um prazer que somente os deuses podem dar aos mortais.
Deixou–se ficar de costas no tapete macio enquanto ela continuava a beijá–lo e acariciá–lo com devoção total e apaixonada, esquecida de tudo. Alexandre correspondeu aos seus beijos e aí, com uma última carícia, separou–se dela e levantou–se.
– Dorme comigo, eu lhe peço – disse Barsine.
– Não posso. Amanhã os meus homens precisam encontrar–me na solidão que antecede a prova suprema. As sentinelas que deixarem o último turno de guarda precisam saber que passaram a noite velando a solidão do seu rei. Adeus, Barsine. Se eu tiver de morrer na batalha, não chore por mim: é um privilégio tombar no campo, evitar a longa velhice e a decadência do corpo e da mente, o lento e inexorável apagar–se do olhar. Junte–se novamente ao seu povo e aos seus filhos e procure viver

serenamente a sua vida, lembrando–se de que foi amada como nenhuma outra mulher no mundo jamais foi.
Barsine beijou–o uma última vez antes que ele desaparecesse pelo limiar da tenda e não teve coragem de dizer–lhe que esperava um filho dele.



CAPÍTULO 13

Foi o próprio general Parmênio que veio acordá–lo, entrando pessoalmente na sua tenda:
– Já está na hora, senhor.

Vestia a armadura de combate e Alexandre olhou para ele com imutável admiração:
apesar da idade, o velho guerreiro estava rijo e firme como uma rocha.
O rei levantou–se e, ainda nu, engoliu de uma só vez a "caneca de Nestor" que Leptine preparara. Enquanto dois ordenanças o vestiam e afivelavam a sua armadura, um outro trazia o escudo e o elmo reluzente em forma de cabeça de leão de boca escancarada.
– General – começou Alexandre –, este dia será marcado pela incerteza, principalmente no que diz respeito ao que acontecerá na ala esquerda. Por isto decidi confiar–lhe o comando daquele lado extremo da nossa formação. O Negro chefiará a ala direita. Avançaremos com as alas quase fechadas sobre si mesmas, corno um falcão que se joga em cima da presa. Seguiremos adiante até o momento em que eles decidirão nos deter lançando ao assalto a sua ala direita.
Aí, guiarei a carga e partirei em dois a sua frente de ataque, mas, enquanto eu enfrentar o inimigo com a ponta da lança, você ficará à esquerda, de lado. Tenho certeza de que saberá resistir, de que não cederá por motivo algum.
– Não cederei, senhor. Alexandre sacudiu a cabeça.
– É sempre tão formal, e dizer que em criança segurava–me no colo. Parmênio anuiu.
– Não cederei, meu rapaz, enquanto tiver fôlego. Que os deuses nos ajudem.
Quando o rei saiu, viu que Aristandro imolara uma vítima bem no meio do acampamento e estava agora queimando–a em holocausto. A fumaça arrastava–se perto do solo como uma longa serpente e custava a encontrar O caminho do céu.
– O que dizem os seus auspícios, adivinho?
Aristandro virou–se para ele com aquele movimento característico que

tão terrivelmente lhe lembrava o pai Filipe e disse:
– Será o dia mais difícil da sua vida, Alexandre, mas vencerá.
– Queira o céu que tenha dito a verdade – replicou o rei segurando as rédeas de Bucéfalo que um cavalariço estava lhe oferecendo. O acampamento fervilhava de atividade: ordens secas ressoavam por toda parte, os esquadrões de cavalarias ficavam em posição, as unidades de infantaria preparavam–se para avançar em ordem unida. Alexandre pulou no cavalo, esporeou–o e alcançou o seu lugar à frente da Ponta já em formação de combate enquanto Heféstion se postava ao seu lado.
Atrás dele ficou Leonato, coberto de ferro e com o enorme machado bem firme no punho, e do outro lado Ptolomeu. Mais atrás, Lisímaco, Seleuco e Filotas, que precediam o resto do esquadrão, e as demais unidades da cavalaria dos éteros. Na frente de todos e no flanco esquerdo corriam a pé os trácios e os agrianos, e seguiam à esquerda os batalhões da falange e mais outro de invasores, todos chefiados pelos respectivos comandantes: Kóinos, à frente do primeiro batalhão, e aí Perdicas, Meléagro, Címias e Polispércon. Cratero, fechando o grupo, estava no comando dos tessálios. À direita, os oito batalhões dos aliados gregos já estavam prontos para marchar, seguidos por uma
longa fileira de infantes trácios e tribalos que chegava a dar a volta em tomo da zona das tendas reais e dos mantimentos.
O rei levantou o braço e os clarins deram o sinal da partida. A Ponta ficou a passo atrás de Alexandre, que a guiou para a borda externa do acampamento.
Precedido pelo som dos cornos de guerra, apareceu então o exército do Grande Rei, desmedido, ocupando uma frente de batalha enorme e entremeada por centenas de insígnias e estandartes. O sol que nascia naquele momento fazia reluzir na nuvem de poeira levantada pela marcha das tropas os reflexos metálicos das armas, como relâmpagos numa nuvem de tempestade.
Leonato percorreu com o olhar a imensa formação que ocupava toda a extensão da planície e murmurou entre os dentes:
– Grande Zeus!
Mas o rei não aparentava qualquer sinal de estar maravilhado diante daquele espetáculo grandioso e continuava a avançar a passo, segurando no peito as rédeas de Bucéfalo que arqueava o pescoço poderoso e reluzente, bufava e mordia o freio.

Atrás dele, o exército inteiro começava a se desdobrar, um esquadrão depois do outro, um batalhão depois do outro, ao som ritmado dos tambores, no fragor do passo cadenciado dos guerreiros, no agitado tropel dos cavalos. À sua esquerda descortinava– se agora o vasto espaço nivelado que os separava da frente persa que continuava o seu inexorável avanço e Alexandre começou a dobrar para a direita para alcançar uma faixa de terra mais ondulada e irregular.
Mas os inimigos logo perceberam. Ouviu–se mais uma vez o som longo e grave dos cornos e a ala esquerda inteira dos persas, toda a cavalaria cita e bactriana, lançou–se em uma manobra envolvente. Alexandre fez um sinal e os arqueiros agrianos a cavalo correram ao encontro dos cavaleiros adversários soltando densos enxames de setas, aí lançou um esquadrão de éteros para refrear o impulso do inimigo enquanto ele, no comando da Ponta, continuava avançando a passo, incrivelmente calmo. Só quem estava perto dele podia notar alguma repentina batida irregular das pálpebras, o suor escorrendo pelas suas têmporas.
Os éteros esporearam suas cavalgaduras e lançaram–se ao ataque cobrindo rapidamente o breve espaço que os separava da impetuosa vaga dos cavaleiros asiáticos. O choque foi pavoroso: centenas de cavalos rolaram ao chão, centenas de cavaleiros de ambas as partes foram derrubados no terrível impacto e logo se levantaram, embora feridos ou contundidos, para engalfinharem–se em duelos mortais entre as patas dos outros corcéis, no inferno de poeira, de relinchos e de gritos que os cercava por todos os lados.
Levantou–se uma densa nuvem de pó que cobriu quase completamente o teatro da batalha de forma que ficou impossível distinguir o que estava acontecendo e qual seria o resultado daquele primeiro combate. Muitos dos agrianos, enquanto isto, depois de acabarem suas setas, empunharam os facões e entraram na luta levados pelo seu furor barbaresco, engajando–se em terríveis corpo–a–corpo com os cavaleiros inimigos que passavam como fantasmas naquela espessa caligem.
Repetidos toques de cometa ecoaram naquele instante à esquerda e Leonato alcançou com a mão o ombro de Alexandre.
– Deuses do céu, olhe! Os carros, os carros com as foices! Mas o rei nem respondeu.
As pavorosas máquinas moviam–se do centro da formação persa, lançandose contra o flanco esquerdo dos macedônios. Perdicas, que

logo as percebera, começou a gritar:
– Atenção homens, atenção! Fiquem prontos!
Mas justamente naquele momento um grupo de cavaleiros inimigos lançouse transversalmente em disparada, arrastando atrás de si feixes de rainos que levantaram bem perto do flanco macedônio uma impenetrável cortina de poeira que ocultou os carros por completo. Só de vez em quando o sol fazia brilhar com sinistros clarões as foices que turbilhonavam nos eixos das rodas ou fendiam o ar sobressaindo dos lados das quadrigas e das extremidades dos jugos.
Perdicas e os demais comandantes mandaram os corneteiros darem o toque de alarme para que os infantes se mantivessem prontos para abrir caminho logo que os carros aparecessem no meio da poeira, mas, quando isto aconteceu, eles já estavam a menos de meio estádio de distância e nem todos conseguiram reagir com a necessária rapidez aos sinais hasteados pelos chefes de unidade.
Em alguns pontos a formação abriu caminho e os carros passaram sem maiores prejuízos, mas em outros atropelaram a toda velocidade as tropas em marcha ceifando os soldados como espigas, fazendo rolar ao chão as cabeças decepadas de um só golpe, com os olhos ainda arregalados e pasmos. Muitos foram atingidos nas pernas pelas foices rotativas, presas aos eixos das rodas, ficando horrivelmente mutilados, outros foram derrubados pelas parelhas em disparada, esmigalhados pelos cascos e despedaçados pelas ponteiras de ferro presas embaixo das plataformas dos aurigas.
Mas o exército continuou a avançar atrás de Alexandre, mantendo a formação enviesada. Já tinham superado mais ou menos um terço da esplanada que Dario mandara nivelar para permitir a corrida desenfreada dos carros e continuavam marchando com passo cadenciado, na martelante batida dos tambores.
Uma segunda unidade de arqueiros agrianos desfrechou na direção dos aurigas dizimando–os, outros perseguiram a cavalo aqueles que haviam passado através da tropa para abatê–los por trás a golpes de dardos. Enquanto isto, porém, no ponto mais avançado, a cavalaria pesada cita e bactriana chefiada por Besso empurrava para trás os esquadrões dos éteros, numericamente muito inferiores, e começava a abrir–se em leque em uma ampla manobra envolvente para o lado direito onde ficavam os alados gregos os quais, logo que viram os cavaleiros bárbaros avançarem

contra eles à rédea solta, gritaram:
Alalaláí!
E cerraram fileiras fechando os espaços entre os homens e formando uma muralha de escudos e lanças. Naquela confusão de gritos e relinchos, Alexandre acelerou o passo de Bucéfalo deixando–o quase trotear pela planície. O porta bandeira ao seu lado segurava o estandarte argeade, vermelho cor de sangue com a estrela dourada que já brilhava no sol matinal.
Mais toques de clarim chegaram da esquerda e mais uma avalanche de cavaleiros partos, ircanos e medas arremeteu a toda velocidade para abrir uma brecha entre os batalhões em marcha de Perdicas; e Meléagro e os da retaguarda de Címias e Parmênio. Quem os liderava era Mazeu! Irromperam. através das fileiras da infantaria e dirigiram–se como um rio que transborda para o acampamento. Parmênio berrou para Cratero:
– Precisa detê–los! Lance os tessálios!
E Cratero obedeceu. Fez um sinal e o corneteiro tocou a carga para os dois esquadrões de cavalaria tessália que avançavam um tanto separados, na extremidade esquerda, como última reserva. Os tessálios barraram o caminho aos homens de Mazeu e engajaram–se em um combate furibundo, e Parmênio mandou um destacamento de escudeiros e de invasores ajudá–los.
– Estão tentando libertar a família real! – gritou. – Precisam ser detidos, custe o que custar!
– Nesta altura, a parte extrema da ala esquerda era uma única imensa maranha de infantes e cavalos empenhados em um combate pavoroso e cruel no qual cada um buscava infligir ao inimigo as feridas mais devastadoras, fincando o pé e lutando por cada palmo do terreno com furor selvagem.
Alexandre ouviu o som desesperado dos clarins, mas não se virou. Olhou o porta– bandeira e ordenou que levantasse o estandarte para que todos pudessem vê–lo. Lançou então o seu grito de guerra, tão poderoso e cortante que conseguiu sobrepujar o fragor da batalha que enfurecia por toda parte à sua volta. Bucéfalo estropeou, relinchou e, incitado pelos berros cada vez mais altos do rei, lançou–se em uma carga furibunda martelando o
chão com os cascos de bronze, bufando como uma fera. E a Ponta voou atrás dele em um galope arrebatador. Cinco esquadrões de éteros

abriram–se em forma de cunha atrás da Ponta, devorando a distância que os separava do miolo da formação persa, nesta altura separado da sua ala direita que se empenhara na ampla manobra envolvente.
– Em frente! – gritava Alexandre. – Em frente!
E empunhando a espada investiu contra o flanco da guarda dos Imortais que defendia a quadriga imperial. A cavalaria Macedônia em peso foi atrás dele, derrubando e atropelando qualquer um que tentasse impedir o seu avanço.
Tamanha era a velocidade de Bucéfalo e tamanho o seu peso que qualquer um que apenas roçasse nele até lateralmente era jogado longe pelo impacto com o gigantesco garanhão coberto de couro e de bronze. Chefiada pelo rei, a Ponta executou uma ampla virada, arrumando–se em seguida em uma frente mais ampla, com quatro fileiras flanqueadas à esquerda e à direita pelos esquadrões dos éteros, e arremeteu como avalanche de ferro contra o lado e as costas do centro persa.
Ao mesmo tempo, no entanto, o acampamento macedônio já parecia praticamente perdido, com os cavaleiros medas e cisseus de Mazeu correndo soltos, depredando e ateando fogo em tudo enquanto um outro grupo se dirigia aos alojamentos das mulheres. Os tessálios combatiam como leões, mas, em desvantagem numérica, começavam a ceder terreno empurrados pelas unidades ircanas. Parmênio não conseguia entender qual dos dois lados estava levando a melhor e lutava ele mesmo com o escudo e a espada como um jovem na plenitude do vigor e do entusiasmo. De repente, ao ver um mensageiro que passava por perto, gritou:
– Rápido! Corre logo até Alexandre e diga–lhe que não podemos agüentar mais, que estamos precisando de ajuda! Rápido, anda logo!
E o homem saiu em disparada com o seu cavalo. Pulou por cima de carros emborcados, de estacas arrancadas e queimadas, passou entre guerreiros engalfinhados em lutas furiosas e chegou à esplanada central, ainda livre, dirigindo o cavalo para o local onde podia ver o estandarte argeade esvoaçar ao longe, no meio de uma luta feroz.
Atropelada em cheio por trás e pelo flanco, mas contando com o apoio de um numeroso contingente de mercenários gregos, a guarda de Dario reagiu com valor, mas foi mesmo assim desarticulada pelo assalto avassalador da turma de Alexandre. Ao lado do rei, Heféstion empunhava a sólida lança de freixo e trespassava todos aqueles que

tentavam se aproximar a cavalo, Leonato rodava o pesado machado encharcado de sangue, e Ptolomeu e Lisímaco fendiam furiosamente o ar com a espada e o sabre trácio protegendo–lhe os lados e rechaçando os repetidos e furiosos contra–ataques dos
mercenários gregos e dos Imortais persas. A luta continuou encarniçada pois ninguém queria ceder, achando que aquela era a última ocasião para repelir o inimigo e para salvar a vida e a pátria.
Na ala direita, a cavalaria de Besso fragmentara–se contra a massa da infantaria pesada grega, mas continuava a lançar contínuos ataques, como vagalhões que se arrebentassem contra um rochedo. As unidades mais distantes, depois de flanquear a formação grega, enfrentavam os trácios que defendiam o lado direito do acampamento, nesta altura quase totalmente dominado pelo inimigo.
Na ala esquerda, com efeito, a situação era desesperadora. Parmênio e os seus estavam quase cercados, mas Perdicas, Meléagro e os demais não podiam socorrê–los porque tinham recebido o sinal para atacar frontalmente e de lanças baixas o centro de Dario, enquanto a cavalaria do rei continuava a pressionar por trás e de lado.
Mazeu alcançou a tenda da rainha–mãe e ajoelhou–se ofegante:
– Grande Mãe, disse – rápido, venha comigo agora ou nunca mais poderá reconquistar a liberdade e a sua autoridade de soberana, reunindo–se a seu augusto filho!
Mas a rainha não se mexeu. Continuou sentada no trono, imóvel.
– Não posso acompanhá–lo. Estou velha demais para cavalgar. Deixe–me aqui à espera do resultado deste longo dia, segundo a vontade de Ahura Mazda.
Vá, não perca mais tempo! Leve contigo as concubinas reais e seus filhos, se puder. Mazeu insistiu:
– Eu suplico, Grande Mãe, eu lhe peço! – Mas foi inútil. A rainha não se mexeu.
Perto dali, um guerreiro muito jovem irrompeu naquele instante em outra tenda, aquela onde Barsine esperava que o pavoroso embate terminasse. Tirou o elmo soltando a cabeleira lustrosa e gritou:
– Mãe! Rápido! Estou aqui para libertá–la. Rápido, vamos embora! Pegue um cavalo e vem comigo! Onde está o meu irmão?
– Etéocles! – gritou Barsine ao reconhecer o filho. – Meu menino!
E correu para abraçá–lo, mas na mesma hora dois agrianos entraram

correndo e brandindo os seus longos punhais: haviam sido instruídos para que ninguém chegasse perto da mulher de Alexandre. Etéocles enfrentou–os desembainhando a espada do pai e tentou rechaçá–los, mas não passava de um garoto e os seus golpes não tinham força. Um dos agrianos acertou–o no braço forçando–o a soltar a arma, enquanto o outro dispôs– se a desferir o golpe mortal.
Barsine jogou–se à frente gritando:
– Não! Ele é meu filho! – e recebeu em pleno peito a lâmina fatal, caindo em uma poça de
sangue. Embora ferido, Etéocles lançou–se contra os inimigos e levantou corajosamente o punhal, mas o adversário esquivou–se e respondeu com mortífera precisão. O rapaz abateu–se sobre o corpo exânime da mãe para morrer junto dela.
Nesta altura os valorosos tessálios haviam sido empurrados para fora do acampamento e as tropas de Mazeu preparavam–se para convergir para o centro do campo de batalha no intuito de atacar pelas costas a infantaria dos pezéteros e os trácios que ainda resistiam às investidas dos cavaleiros de Besso. Para eles, a vitória já estava garantida, mas de repente ouviu–se o toque de um clarim e então o grito de milhares de guerreiros:
Alaláí!
Pela estrada que vinha do rio chegavam naquele momento três esquadrões de cavalaria tessália e Macedônia recém–alistados, que haviam atravessado o vau durante a noite. Cratero, já ferido em um braço e esgotado pelo combate, logo que os viu empunhou um estandarte para que o notassem e gritou:
– Homens, aqui!
Em seguida segurou as rédeas de um cavalo sem cavaleiro, pulou na garupa e foi ao encontro deles. Estavam avançando a passo de carga em ampla frente. Cratero assumiu a liderança e guiou–os contra os medas e os ircanos, contra os cisseus e os assírios de Mazeu empenhando–se em mais um extenuante duelo.
A sorte da batalha começava a mudar: Alexandre avançava cada vez mais ameaçador contra o núcleo central do inimigo e Dario já estava à vista no seu carro de guerra. O rei macedônio puxou um dardo do estribo e calculou o arremesso. Protegido pelos companheiros, lançou a arma com grande força mas errou, acertando porém em cheio no auriga que

ruiu ao chão. Já sem condutor, os cavalos começaram a correr rumo à orla setentrional do acampamento e Dario, segurando as rédeas, fustigou–os para sair a galope do campo de batalha. Sem se importarem com a fuga do rei, os Imortais continuaram a lutar com incrível tenacidade embora sabendo que, de qualquer maneira, para eles já não havia saída, e só no fim da tarde começaram a ceder, esgotados.
Muitas outras unidades, ao ouvirem o boato segundo o qual o Grande Rei havia sido morto, tinham debandado. Besso, por sua vez, foi alcançado por um mensageiro e, ao saber que Dario havia abandonado a luta, parou imediatamente o ataque contra os gregos da ala esquerda. Receando que a tiara imperial acabasse nas mãos dos macedônios, lançou–se com os seus cavaleiros atrás do rei em fuga, talvez para protegê– lo ou, quem sabe, para tornar–se naquele momento particularmente difícil o único árbitro do seu destino. Nesta altura Mazeu, que tão perto tinha chegado da vitória, espremido entre os tessálios e os macedônios que acabavam de chegar e os batalhões de Perdicas
e Parmênio, que recomeçara a contra–atacar, cercado por todos os lados, rendeu–se.

CAPÍTULO 14

Alexandre passava a cavalo entre as ruínas do seu acampamento, entre as chamas e os destroços, na acre fumaça que pairava no ar pesado e imóvel.

Procurava a tenda de Barsine e ouviu o choro de um menino: Frates velava os corpos da mãe e do irmão, ainda unidos no último abraço.

O rei desmontou e aproximou–se incrédulo:

– Pelos deuses! – gritou com os olhos cheios de lágrimas. – Por que, por que um destino tão amargo para criaturas sem culpa?

Ajoelhou–se ao lado dos corpos ensangüentados, deitou Etéocles de costas, tentando recompor do melhor jeito possível os seus membros e cobrindo–o com o seu manto, e depois aproximou–se de Barsine, afastou os seus cabelos do rosto e acariciou–lhe suavemente a testa. Os olhos dela ainda guardavam o brilho das derradeiras lágrimas e pareciam estar fixos em algum ponto distante, algum lugar longínquo no céu aonde não podiam chegar os gritos de furor, os berros de ódio e de horror: pareciam perseguir com melancolia um sonho por tanto tempo acalentado que de repente desaparecera.

No silêncio irreal que tomara conta do acampamento assolado e irreconhecível, o choro desconsolado do menino parecia ainda mais pungente.

Alexandre virou–se para ele, que soluçava juntando as mãos para cobrir o rosto.

– Não chore – disse. – O filho de Mêmnon de Rodes não chora. Coragem, garoto, precisa ter coragem.

Mas Frates continuava a repetir entre as lágrimas:

– Por que a minha mãe morreu? Por que morreu o meu irmão?

E nem o rei mais poderoso do mundo podia dar uma resposta àquelas perguntas. Só perguntou–lhe:

– Diga–me quem matou a sua mãe, Frates, e eu a vingarei. Fale para mim, eu te peço.

O menino tentou responder entre as lágrimas e ficou apontando para um grupo de agrianos que despiam o cadáver de um cavaleiro persa.

Alexandre compreendeu. Percebeu com amargura que a sua própria ordem para proteger
Barsine a todo custo provocara a sua morte assim como a do rapaz.
Um grupo de carregadores escoltados por um pelotão de pezéteros passava naquele momento para recolher os mortos, e os homens aproximaram–se para pegar o corpo de Etéocles, mas, quando chegaram perto de Barsine, o rei os afastou. Ele mesmo segurou– a nos braços e levou–a à sua tenda que havia sido poupada pelo fogo. Deitou–a na cama, ajeitou seus cabelos, acariciou–lhe as pálidas faces, deixou um beijo em seus lábios exangues. Aí fechou os seus olhos, continuava linda e parecia estar dormindo. Murmurou:
– Durma, meu amor.
Segurou então a mão de Frates e saiu.
Enquanto isto os soldados haviam voltado do campo de batalha e seus gritos de vitória podiam ser ouvidos em todos os cantos do acampamento. Os prisioneiros estavam sendo amontoados em um recinto, os gregos de um lado, os bárbaros do outro. Chegou Heféstion e abraçou–o:
– Sinto muito por ela e por seu filho: uma desgraça que poderia ter sido evitada. É claro que Mazeu tinha a tarefa de acabar com a nossa ala esquerda e de libertar a família de Dario. E quase conseguiu: Parmênio está ferido, Perdicas e Cratero também, e sofremos um grande número de baixas.
Naquele momento as mulheres do harém do Grande Rei com seus filhos e a rainha–mãe estavam sendo escoltadas para um local mais tranqüilo, onde havia sido erguido um novo pavilhão. No mesmo grupo, Heféstion também viu Calístenes que, ajudado por dois serviçais, transportava duas cestas cheias de papiros e a caixa com a sua bagagem pessoal. Alexandre acenou–lhes uma saudação com a cabeça e aí, virando–se novamente para o amigo, disse:
– Quantas?
– Muitas. Pelo menos duas mil, ao que parece, e talvez mais. Em sua debandada, no entanto, os persas também sofreram enormes perdas. Há milhares e mais milhares de corpos espalhados pela planície, e muitos outros serão mortos pela nossa cavalaria que saiu em perseguição.
– E Dario?
– Fugiu juntamente com Besso, provavelmente para Susa ou Persépolis.

Mas capturamos Mazeu.
Por alguns momentos Alexandre ficou pensativo, e depois perguntou:
– Tem notícias de Artabazo?
– Acho que também o vi no grupo dos prisioneiros persas importantes. Acredito que esteja com Mazeu, se eu não estiver errado.
– Leve–me até ele.
– Mas Alexandre, os homens estão esperando para aclamá–lo, para receberem um elogio seu... Lutaram como feras.
– Leve–me até ele, Heféstion, e providencie para que alguém cuide deles – disse indicando o corpo de Barsine e o de Etéocles, que os carregadores colocavam naquele momento ao lado da mãe. Virou–se então para Frates: – Venha comigo, garoto.
Os chefes persas de sátrapas, generais e parentes do Grande Rei, haviam sido reunidos por Eumênio em um local afastado do campo de batalha e alojados na grande tenda do conselho de guerra. O secretário dera ordens para que os necessitados recebessem os primeiros cuidados médicos dos cirurgiões do exército, embora eles já estivessem muito atarefados com as centenas de feridos ainda espalhados pelo campo de batalha. Alexandre entrou e todos baixaram a cabeça, mas alguns aproximaram–se, dobraram–se em uma mesura até ter a testa quase virada para o chão e aí encostaram a mão direita na boca para mandar–lhe um beijo.
– O que é isto? – Alexandre perguntou a Eumênio.
– É o beijo cerimonial persa, reservado somente à pessoa do imperador. E o que nós, gregos, chamamos de proskynesis. Significa que estes homens o reconhecem como legítimo soberano, o Grande Rei, o Rei dos Reis.
Enquanto isto Alexandre continuara o tempo todo segurando a mão do menino e procurava alguém em particular entre os presentes. Então disse:
– Este garoto se chama Frates e é filho de Mêmnon de Rodes e de Barsine. Devido às vicissitudes da guerra perdeu ambos os pais e o irmão Etéocles.
Enquanto proferia estas palavras, viu os olhos de um idoso dignitário um tanto afastado para o fundo da tenda encher–se de lágrimas e soube que aquele era o homem que estava procurando.
– Eu espero – continuou – que entre os presentes esteja o avô do

menino, o sátrapa
Artabazo, o último parente que sobrou da sua família, para que possa tomar conta dele. O velho aproximou–se e disse em persa:
– Sou o avô do menino, pode deixá–lo comigo, se assim quiser.
Logo que o intérprete traduziu, Alexandre ficou de cócoras diante de Frates que enxugava as lágrimas com a manga da túnica.
– Olhe o seu avô aqui. Vá, fique com ele.
O garoto fitou–o com os olhos ainda úmidos e o rosto sujo de poeira e murmurou:
– Obrigado.
Correu então para o velho que ficou de joelhos e o abraçou. Todos os presentes emudeceram, recuaram alguns passos afastando–se para o fundo da tenda e por alguns
instantes só se ouviram os soluços do menino e o choro baixinho do idoso sátrapa. Alexandre também estava tomado pela comoção e virou–se para Eumênio dizendo:
– Por enquanto vamos deixar que desabafem os seus sentimentos, mas depois providencie o que for necessário para os funerais de Barsine conforme os desejos do pai dela, e diga–lhe que será reintegrado no cargo de governador da Panfilia, que manterá todos os seus privilégios e posses e que poderá educar o garoto como ele achar melhor. Um outro personagem chamou então a sua atenção: um guerreiro já não tão jovem que ainda vestia a armadura de combate e mostrava no corpo e no rosto as marcas da batalha.
– É Mazeu – Eumênio ciciou em seu ouvido.
Alexandre por sua vez murmurou alguma coisa e saiu.
Voltou ao acampamento e foi recebido com a ovação de todo o exército perfilado em seis fileiras e dos oficiais a pé e a cavalo. Embora ferido, Parmênio presidiu a cerimônia da apresentação das armas, com os éteros que levantaram as lanças em uníssono enquanto os pezéteros erguiam as enormes sarissas que se chocaram com rijo clangor. Empertigados na saudação, também estavam lá seus companheiros; Cratero e Perdicas ostentavam os ferimentos sofridos no campo de batalha.
O rei conduziu Bucéfalo para o topo de um pequeno monte e daquele pódio natural dirigiu–se a todos para agradecer e cumprimentá–los.
– Homens! – gritou, e logo fez–se um profundo silêncio, só quebrado

pelo crepitar dos últimos incêndios. – Homens, estamos perto do entardecer e, como eu prometera, vencemos!
Um estrondo rumorejou por todo o acampamento e um grito ritmado e poderoso subiu ao céu cada vez mais alto e distinto entre o fragor das armas percutidas:
Alexandre! Alexandre! Alexandre!
– Quero agradecer aos nossos amigos tessálios e aos outros cavaleiros macedônios que chegaram do outro lado do mar bem na hora para participar da batalha de hoje e mudar o seu destino. Esperava por vocês ansiosamente, homens – Os tessálios e os macedônios dos novos esquadrões responderam com uma aclamação. – E quero agradecer aos nossos aliados gregos que se mantiveram firmes do lado direito: sei que não foi fácil! – Os gregos começaram a bater fragorosamente nos escudos com as espadas. – Agora – prosseguiu – a Ásia inteira é nossa, com todos os seus tesouros e maravilhas: não há façanha que não possamos levar a cabo, não há milagre que não possamos realizar, não há terras que não possamos alcançar. Eu os levarei até os confins do mundo. Estão preparados a seguir–me, homens?
– Estamos, rei! – gritaram os infantes e os cavaleiros levantando e baixando freneticamente as lanças.
– Então escutem! Agora iremos para a Babilônia para que possam ver a maior e mais linda cidade do mundo e aproveitem um merecido descanso depois de tantas privações. E em seguida retomaremos a nossa marcha e não pararemos até chegarmos às margens do extremo Oceano.
Soprou uma ligeira brisa que logo ficou mais forte, levantando a poeira e agitando os penachos nos elmos, um vento que parecia chegar de muito longe, trazendo consigo vozes abafadas e quase esquecidas. O rei percebeu a saudade que tomava conta dos homens ao entardecer, percebeu a aflição que apertava seus corações ao ouvirem aquelas palavras e prosseguiu dizendo:
– Eu sei, posso entender, deixaram em casa esposas e filhos e tem vontade de revê–los, mas o Grande Rei ainda não está totalmente vencido: refugiou–se nas regiões mais longínquas do seu império, talvez pensando que nós não conseguiremos persegui–lo lá. Mas está errado! Se alguém quiser voltar, não o censuro, mas se quiser seguir adiante, ficarei orgulhoso por chefiar homens como vocês. A partir de amanhã Eumênio distribuirá três mil dracmas de prata a cada um de vocês, e

muito mais dinheiro quando conquistarmos as demais capitais que guardam imensos tesouros. Ficaremos trinta dias na Babilônia, e assim terão tempo para pensar. Então Eumênio fará a chamada para saber quem voltará para casa e quem ficará comigo nessa nova empresa. E agora podem descansar, homens, mas fiquem preparados, pois amanhã retomaremos a nossa marcha. O exército explodiu em uma longa, frenética aclamação enquanto Alexandre incitava Bucéfalo com os calcanhares e passava mais uma vez a galope entre as fileiras em formação. Acenou para os companheiros e estes foram com ele para o acampamento persa que estava sendo mantido sob custódia pelos homens da Ponta e por uma unidade de batedores agrianos.

O pavilhão real era, se possível, ainda mais rico e luxuoso do que aquele que já vira em Isso, mas o pessoal de serviço era muito menos numeroso. Foram de qualquer maneira encontrados mais de duzentos talentos de ouro e prata em moedas, que deviam servir para pagar as tropas mercenárias e as recémalistadas, e Eumênio dedicou–se imediatamente ao inventário.

O rei foi sentar em uma cadeira, convidou os amigos a fazerem o mesmo e aí mandou os serviçais servirem alguma coisa e ele mesmo decidiu jantar.

Leonato espichou–se todo e soltou uma espécie de grunhido:

– Rapazes, hoje passei por maus bocados. Houve uma hora em que eles conseguiram

abrir uma brecha do lado de Parmênio enquanto Besso envolvia os gregos pela direita, e nós ali no meio como idiotas.

. – Era então essa a surpresa que guardava para nós – interveio Seleuco. – Os reforços que vinham da Macedônia e da Tessália. Mas como podia saber que chegariam bem na hora? Um pequeno atraso e...

– Estaríamos todos espetados em um belo pau, com os corvos cagando na nossa cabeça à espera da hora certa para comer os nossos olhos e colhões. É o que eles comem primeiro, ao que parece – continuou Leonato.

– Deixe disto – cortou Alexandre. – Não estou para palhaçadas. – Aí, virandose para Seleuco: – O general Antípatro tinha preparado tudo com o maior cuidado, e já desde Tiro eu sabia dos deslocamentos diários do contingente. Tinha certeza de que conseguiriam. E, de qualquer maneira, dentro em breve saberemos mais:

estamos esperando visitas.
– Não há certeza, meu jovem e fúlgido deus – disse uma voz da tenda de entrada. – Só um pouquinho de chuva a mais nas montanhas, na noite de ontem, e os seus tessálios e macedônios teriam ficado coçando a barriga do outro lado do Tigre à espera da correnteza se acalmar ou de Dario fazer picadinho de vocês.
– Pode entrar, Eumolpo – gritou Alexandre, reconhecendo a voz do informante. – Ainda acha que devia confiar na promessa de Mazeu? A incursão mais perigosa foi a dele, e faltou pouco para que conseguisse fechar o cerco à nossa volta.
– Por que não pergunta a ele? – indagou Eumolpo entrando em companhia do personagem que Alexandre vira na tenda dos prisioneiros. – Aqui está ele, conforme o seu desejo.
O sátrapa entrou, aproximou–se do soberano, dobrou completamente o corpo para a frente até ficar com a testa virada para o chão, levou as mãos aos lábios e mandou–lhe um beijo.
– Vejo que me presta homenagem como ao seu rei – observou Alexandre –, mas se tivesse confiado nas suas palavras, agora eu seria comida de pássaros e cães.
O sátrapa voltou à posição ereta e perguntou num grego perfeito:
– Posso responder, majestade?
– Claro. Sentem–se ambos, aliás, pois terão de explicar algumas coisas.

CAPÍTULO 15

A discussão prolongou–se até tarde e chegaram à conclusão de que Mazeu tinha afinal decidido cumprir a promessa feita a Dario de trazer–lhe de volta a família, e que por isto

conduzira um ataque tão poderoso contra a ala esquerda da formação macedônia, mas que poderia ter levado adiante o seu assalto de forma muito mais eficaz a partir do depósito dos equipamentos e provisões, levando o caos à formação da falange que, ao marchar contra o núcleo central inimigo, dava–lhe as costas.

– E por que não fez isto? – perguntou Alexandre.

– Porque não podia – interrompeu Parmênio. – Nós ainda estávamos lutando e ele não podia sair dali sem antes nos aniquilar.

– Talvez, mas isto nos levaria a uma conversa sem fim. Responda, portanto, à minha pergunta, Mazeu.

– Eu sou babilônio, Grande Rei, e os babilônios são famosos no mundo inteiro pela sua arte de ler as mensagens escritas no céu e nos movimentos das constelações. Os nossos mágicos viram a sua estrela brilhar mais fulgente do que todas as demais no céu, e obscurecer por completo a de Dario. Eu não podia certamente opor–me aos sinais que o céu nos mandou e que o nosso deus supremo, Marduk, confirmou com o seu oráculo do templo de Esagila em Babilônia.

– Não sei se entendi direito o seu raciocínio, Mazeu. – replicou Alexandre –, mas posso afirmar que, pelo que me foi contado, lutou com grande valor e com notável ímpeto em favor do seu rei e da sua família. E é por isto que tenciono lhe premiar, não pelos obscuros presságios que teriam detido em cima da hora o ataque dos seus cavaleiros. Será portanto confirmado sátrapa da Babilônia e contará com o apoio da guarnição Macedônia que ali deixarei para garantir que a sua autoridade seja respeitada.

Era uma maneira bastante engenhosa para manter no cargo um bom administrador local sob a tutela de uma autoridade militar Macedônia e mostrar–se ao mesmo tempo magnânimo. Eumênio confirmou a sua aprovação com um sinal da cabeça. Mazeu dobrou–se em uma

reverência ainda mais profunda.
– Isto significa que estou livre para voltar à Babilônia?
– E ao teu palácio de sátrapa. Agora mesmo, se quiser, e com a sua escolta pessoal. Mazeu endireitou–se e, mantendo os olhos baixos, disse:
– Nada haverá, de agora em diante, que possa me induzir a faltar com a fidelidade que te juro, diante dos deuses e pela minha honra.
– Agradeço–lhe, Mazeu, mas já é tempo de todos nós irmos descansar: o dia foi muito árduo e amanhã teremos de celebrar as exéquias dos nossos companheiros caídos.
Todos se levantaram e se afastaram a cavalo rumo ao acampamento.
Alexandre, por sua vez, segurou Bucéfalo pelas rédeas e encaminhou–se a pé. Eumolpo de Sôli foi atrás dele.
– Permite que caminhe por um pedaço contigo?
– Será um prazer. Depois de um dia tão estafante, a paz da noite é um verdadeiro convite para andar.
– Soube de Barsine e do seu filho, fiquei infinitamente sentido. Eu o avisara que estava no acampamento de Dario porque receava alguma loucura sua.
– Os garotos são assim – respondeu Alexandre, e no luar o seu rosto pálido emoldurado pelos longos cabelos parecia mais do que nunca o de um garoto. – Fez o que considerava certo: morreu como um herói em plena juventude e não devemos ter pena dele. Nenhum ser humano tem o direito de alegrar–se por estar vivo, pois não sabe o que será dele no dia seguinte. Aquilo que espera por nós pode ser muito pior do que a morte: doenças infamantes, mutilações deturpadoras, escravidão, torturas...
Eumolpo acompanhava–o ritmando o passo com o lento avanço de Bucéfalo que seguia atrás do dono. Alexandre afagou o animal passando a mão na sua crineira.
– Nem tive tempo para mandar limpá–lo e escová–lo, coitado do Bucéfalo.
– Ou será que ainda não quer se separar de um amigo que neste dia ajudou–o a conquistar o mundo?
– É verdade – disse Alexandre, e calou–se.
Naquele momento ouviram–se ao longe longos gemidos acompanhados pelo som lastimoso das flautas e viram–se tremeluzir tochas que, se moviam na planície como uma espécie de procissão. O rei entendeu e

pegou um atalho através daquela extensão deserta para alcançar o fim do cortejo que por sua vez dava uma grande volta em direção de uma pequena elevação encimada por um túmulo de pedra. Eumolpo parou murmurando:
– Vá, meu rapaz, acompanhe–a à última morada.
E afastou–se com seu passo ondeante rumo ao acampamento macedônio.
Do outro lado, além da tenda de Dario, começavam–se a ouvir os gritos roucos dos abutres e de outras aves de rapina que desciam para refestelar–se naquele imenso campo de morte.
O cortejo chegou ao topo da colina e os necróforos colocaram a, liteira sobre o túmulo de pedra que havia sido preparado: uma "torre silêncio". Apoiaram nos cantos da pequena construção quatro turíbulo, que exalavam uma tênue nuvem de incenso e depois foram embora, Alexandre, que até então se mantivera afastado, aproximou–se do corpo de Barsine. Embalsamado e perfumado, mantinha intactas as suas feições, e os olhos frouxamente fechados davam a impressão do sono.
Vestiram–na com uma roupa branca e uma estola azul, o adornaram a sua cabeça com
uma coroa de pequenas flores amarelas de deserto. Sozinho diante dela, Alexandre foi tomado pelas lembranças. Revia o seu sorriso e as suas lágrimas, ainda sentia quentes no corpo as suas carícias e os seus beijos, e parecia–lhe impossível que tudo houvesse acabado e que aquele corpo tão lindo, desprovido do sopro vital, já estivesse fadado à destruição. Tirou o diadema de ouro dos cabelos e entrelaçou–o nas suas mãos, depois beijou–a pela última vez e despediu–se:
– Adeus, meu amor. Não a esquecerei.
Naquela extrema solidão, com o fragor da gigantesca batalha já silenciado, a lembrança da sua voz delicada, das feições tão amadas e perdidas para sempre davam–lhe um sentimento de terrível aflição, de infantil medo do escuro.
Foi repentinamente vencido pela dor e por uma infinita melancolia e caiu de joelhos, chorando, com a cabeça apoiada nas pedras do túmulo, invocando várias vezes o seu nome. Por fim levantou–se para admirá–la uma última vez, e, ao vê–Ia ainda tão linda, rebelou–se contra a idéia de aquele corpo ser dilacerado pelos cães e pelas aves de rapina. Voltou ao acampamento e ordenou que Eumênio mandasse erguer um santuário

de pedras quadradas que guardasse os seus despojos. E só quando o viu pronto consentiu em retomar a marcha.



CAPÍTULO 16

Só seguiram adiante depois de sepultarem os soldados gregos e macedônios mortos na batalha, pois por ali não havia madeira suficiente para levantarem as piras funerárias. O calor sufocante e o grande número de cadáveres persas em decomposição espalhados pela planície empestavam o ar e alguns guerreiros haviam adoecido de uma febre misteriosa contra a qual de nada adiantavam os remédios.

Voltaram ao vau do Tigre e passaram para a margem ocidental pegando o caminho que descia para Babilônia. Durante a quarta etapa, um dos oficiais da escolta de Mazeu foi ver Alexandre para anunciar–lhe que naquele lugar o rei poderia assistir a um fenômeno extraordinário: uma nascente de nafta!

– Nafta? – repetiu o soberano. E lembrou o dia em que Aristóteles, em Mísia, queimara a tal nafta que lhe havia sido enviada da Ásia: jamais esquecera a fumaça negra e o cheiro repugnante. Também lembrou–se do brulote que os habitantes de Tiro haviam lançado para queimar as suas máquinas de guerra e de como o ar, mesmo no dia seguinte, continuava saturado daquele fedor nojento.

Decidiu então acompanhar o oficial que o levou ao fundo de uma depressão do terreno onde o fogo ardia sem parar, soltando no ar uma espessa coluna de fumaça. Em volta
havia uma grande mancha negra e oleosa, como um pântano de estranhos reflexos irisados do qual emanava aquele cheiro insuportável.

Calístenes já estava no local e recolhia amostras do líquido em ampolas de vidro.

– Quero mandar uma boa quantidade disto ao meu tio Aristóteles para as suas experiências.

– Mas do que se trata, afinal? – perguntou Alexandre.

– Francamente, não sei: o sabor é o que pode haver de mais revoltante, para não falar do aspecto e do cheiro! Talvez seja uma espécie de humor, algum tipo de secreção desta terra sob os raios escaldantes do sol. De qualquer maneira, como bem sabe, tem a capacidade de queimar, gerando muito calor. Olhe!

Alguns soldados tinham enchido alguns jarros de nafta e naquele momento, por ordem do oficial, a estavam derramando nas bordas da trilha que, em linha reta, levava ao acampamento. Aí o oficial pegou uma lamparina acesa de um dos seus homens e ateou fogo na ponta das marcas paralelas: duas paredes de chamas levantaram–se imediatamente e avançaram ao longo do caminho até as portas do acampamento com a velocidade do pensamento, deixando todos de queixo caído pela surpresa. A estranha substância continuou queimando por um bom tempo, soltando cortinas de fumaça densa e fedorenta, e espalhando um calor insuportável.

Alexandre quis tomar imediatamente um banho para se livrar daquele cheiro que lhe impregnara até os cabelos, e enquanto Leptine o lavava começou a conversar com Heféstion, Ptolomeu, Calístenes, Atenófanes, o seu novo massagista que vinha de Atenas, e o assistente deste, um rapaz chamado Estêvão.

– Pelo que pude ver – dizia o rei – esta nafta poderia ser usada como arma:

já pensou no efeito se fosse jogada em cima dos inimigos?

– Ouvi dizer que a nafta não serve para essa finalidade – interveio o massagista que, quando jovem, assistira a algumas aulas de filosofia. – Gera, de fato, um tipo de fogo totalmente anormal. O fogo, como todos sabem, é um elemento etéreo, celestial, que se transmite através do ar difundindo luz e calor. A nafta, por sua vez, emana da terra e só arde quando está em contato com um elemento completamente árido como a areia ou com um terreno excessivamente úmido e gorduroso como o que fica no sul da Babilônia. Sobre uma substância de humor intermediário, como justamente a pele de um homem, ela nunca pegaria fogo, quanto a isto não tenho dúvidas.

– Parece–me uma hipótese um tanto arriscada – objetou Calístenes.

– Não é fácil aplicar as categorias do intelecto a manifestações físicas individuais que sofrem a influência de muitos componentes casuais não sujeitos a quantificação, e além

disto...

– Eu sei do que estou falando – replicou Atenófanes enquanto Alexandre saía da banheira e Leptine, começava a enxugá–lo com um pano de linho – e o meu assistente Estêvão ouviu tão bem quanto eu meu mestre, o sofista Ermipo, defender esta tese.

– Tão bem que estou disposto a dar uma demonstração disto com uma experiência aqui, diante de todos – exclamou o jovem, talvez para chamar a atenção e merecer a gratidão de Alexandre.
– Não creio que valha a pena tentar – disse o rei. – Deixe para lá.
Mas o rapaz insistia, apoiado por Atenófanes que continuava a palavrear com as suas teorias filosóficas. Em um piscar de olhos, mandou um servente buscar a nafta e o jovem Estêvão começou a untar o próprio corpo com o maior cuidado, como se aquilo fosse azeite.
– Agora – anunciou Atenófanes pegando uma lamparina – irei demonstrar que em um corpo humano de humores médios a nafta não pode arder. – E encostou a chama na pele do rapaz.
Na mesma hora o seu corpo foi envolvido por uma bolha de fogo de incrível força e calor e o assistente começou a gritar em desespero, todos acudiram com baldes e recipientes e jogaram em cima do coitado a água da banheira que por sorte estava por perto, mas mesmo assim não foi fácil apagar as chamas.
Alexandre mandou chamar imediatamente Filipe, que procurou aliviar a dor do rapaz passando pelo seu corpo ungüentos que ele tinha contra as queimaduras. A duras penas conseguiu salvar–lhe a vida, mas o rapaz ficou desfigurado pelo resto dos seus dias e a sua saúde nunca voltou a ser o que havia sido antes.
Calístenes aconselhou que esquecessem aquela substância malcheirosa pelo menos até que o tio Aristóteles a estudasse a fundo e descobrisse quais eram na verdade as suas propriedades. No dia seguinte retomaram a sua marcha.
Enquanto iam avançando, as estepes cediam pouco a pouco o lugar a uma terra mais densa e fértil, irrigada por inúmeros canais que ligavam o Tigre ao Eufrates. Os campos estavam salpicados por um grande número de vilarejos e os lavradores já iam preparando a terra para a próxima semeadura.
Quando paravam em algum lugar, os chefes locais ofereciam–lhes as especialidades regionais, particularmente os palmitos que tinham sabor agradável e efeito refrescante. O vinho de palmeira, por sua vez, deixa o estômago pesado e, pior, com uma terrível dor de cabeça, mas não havia muita escolha: o vinho normal, até mesmo o melhor, não durava muito tempo naquele clima, e em muitos casos até a água não era própria para ser

bebida. Muito boas eram, no entanto, as tâmaras e as romãs, excepcionalmente saborosas e abundantes por aquelas bandas.
Também notaram que amplas extensões eram alagadas pelos camponeses por meio da abertura das comportas dos canais, e esta prática deixou Alexandre bastante intrigado. Calístenes pediu explicações e foi–lhe dito que aquilo servia para livrar o terreno do excesso de sal que se formava devido à excessiva evaporação, mantendo assim a fertilidade dos campos.
– Reproduzem artificialmente aquilo que no Egito acontece de forma natural com as cheias do Nilo – observou Ptolomeu. – Deve tratar–se de algum fenômeno ligado aos climas muito quentes. O que me surpreende, no entanto, é a ausência de crocodilos tanto no Tigre quanto no Eufrates: talvez sejam animais que só podem viver nas águas do Nilo. Nearcos discordou:
– Nada disto. Ouvi falar em um sujeito de Marselha que navegou fora das colunas de Hércules, ao longo da costa da África, até chegar a um rio que os indígenas chamavam Chretes, e que ali havia um montão de crocodilos.
– Fora das colunas de Hércules... – suspirou Alexandre. – A vida de um homem é curta demais para ver o mundo! – E pensava em Alexandre do Epiro e na sua morte não vingada nas terras de Hespéria.
Nos últimos dias de viagem a sua marcha acabou se transformando cada vez mais em uma parada, pois os habitantes amontoavam–se ao longo da estrada para ver e aclamar o seu rei. Mas o espetáculo superou qualquer possível expectativa quando se perfilaram no horizonte, cintilantes ao sol, as muralhas, as torres, as pirâmides e os jardins da cidade mais aclamada do mundo: Babilônia!



CAPÍTULO 17

A cidade apresentou–se ao jovem conquistador como aparição mágica. Por mais de dez estádios ao longo da estrada de acesso estavam amontoados milhares de rapazes e moças que jogavam flores diante do cavalo de Alexandre, enquanto o majestoso portal de Isitar com seus cem pés de altura, revestido de lajotas esmaltadas com figuras de dragões e touros alados, parecia tomar–se cada vez mais imponente medida que ele avançava com os seus companheiros, seguido pelo exceto em formação, com os soldados e os oficiais vestindo as suas mais reluzentes armaduras.

Do topo das torres que flanqueavam o portal e sobre as gigantescas muralhas tão largas que permitiam a passagem de duas quadrigas mesmo tempo, apinhava–se o povo ansioso para ver o novo rei que derrotara três vezes os persas em menos de dois anos e
forçara à rendição dúzias de cidades poderosamente fortificadas.

Os sacerdotes e os dignitários receberam–no e levaram–no para apresentar sacrifício ao deus Marduk que residia no Esagila, o grandioso templo que dominava com a sua massa o centro da ampla zona sagrada da cidade. Diante de uma imensa multidão reunida no grande pátio e acompanhado pelos seus companheiros e generais, Alexandre subiu a escadaria que, de um terraço para o outro, levava até o pequeno templo no topo onde ficava o leito dourado do deus, sua morada terrena.

De cima daquela construção, o rei pôde contemplar a vista impressionante daquela majestosa metrópole. Babilônia espalhava–se aos seus pés com todas as suas maravilhas, com sua desmedida cerca de muralhas, com o tríplice baluarte que protegia o palácio real e o "palácio de verão", localizado na parte setentrional da cidade. Pôde ver a fumaça do incenso que subia dos mais de mil santuários que salpicavam o amplo espaço urbano, as ruas largas que se cruzavam em ângulo reto e todas as artérias come principais pavimentadas com terracota e asfalto começava e acabava numa das vinte e cinco portas que se abriam nas muralhas da cidade, com as colossais aldravas revestidas de bronze, prata e ouro.

A cidade era cortada em duas pelo rio Eufrates que brilhava como uma fita dourada esticada entre uma extremidade e a outra dos poderosos os margeada por jardins e árvores exóticas de todo tipo entre as quais voavam bandos de pássaros multicoloridos. Do outro lado do rio, ligados à parte ocidental da cidade por maciças pontes em alvenaria, os palácios reais distinguiam–se pelo magnífico revestimento de lajotas de cerâmica esmaltada que reluziam ao sol com imagens de criaturas maravilhosas, paisagens encantadas, cenas da antiga mitologia da Terra entre os Dois Rios.

Não muito longe do palácio real surgia o conjunto mais fabuloso de toda a metrópole, considerado uma das mais impressionantes maravilhas do mundo conhecido: os jardins suspensos.

O conceito tipicamente persa do pairidaeza concretizara–se ali em um local completamente plano e com clima inadequado para um grande parque cheio de árvores. Tudo ali era artificial, tudo criado a duras penas pela engenhosa mão do homem. A lenda dizia, contaram–lhe os sacerdotes, que uma jovem rainha elamita, que viera se casar com Nabucodonosor, definhava lembrando com saudade as densas florestas das suas Montanhas. O rei mandara então erguer uma montanha artificial coberta por umbrosas árvores entre as quais cresciam as mais lindas flores. E foi assim que os arquitetos construíram plataformas sobrepostas e de tamanho cada vez menor à medida que chegavam mais alto. Cada uma das plataformas era sustentada por centenas de pilares de alvenaria cuidadosamente revestidos de asfalto e ligados entre si por voltas arqueadas e igualmente asfaltadas eram as imensas plataformas onde se colocou terra suficiente para permitir o plantio e a radicação de moitas, arbustos e grandes árvores que serviram de abrigo a pássaros diurnos e noturnos os quais passaram a nidificar por lá. Outras aves exóticas, como Pavões e faisões, foram ali introduzidas vindas do Cáucaso e da longínqua índia. Nascentes e chafarizes foram criados com a ajuda de engenhosas máquinas que usavam a correnteza do Eufrates para puxar até lá em cima a água do rio que gorgolejava no sopé daquela maravilha.

O aspecto externo era o de uma colina coberta por um bosque viçoso, mas aqui e ali ainda se percebia o toque do homem: terraços e parapeitos disfarçados por trepadeiras ou plantas rastejantes, ricas de frutos e flores.

Alexandre ficou comovido ao pensar que um milagre daqueles havia sido realizado por um grande rei para aliviar a melancolia da sua rainha nascida nas terras altas e verdejantes do Elam e pensou em Barsine que dormia para sempre na sua "torre do silêncio" no árido deserto de Gaugamela.
– Deuses do céu! – murmurou olhando em volta. – Que maravilha!
E os outros amigos, Ptolomeu e Perdicas, Leonato e Filotas, Lisímaco e Eumênio, Seleuco e Cratero também contemplavam pasmos a cidade que havia milhares de anos era considerada o coração do mundo e a "porta de deus", como o seu próprio nome Bab– EI significava na língua indígena. Entre um bairro e outro, entre casas e palácios, havia amplos espaços verdejantes, hortas e jardins com todo tipo de frutos da terra, e dúzias de barcos navegavam ligeiros no rio. Alguns, de vimes enfeixados e movidos por uma grande vela quadrada, vinham das regiões da foz onde surgiam as mais antigas cidades do mito mesopotâmico: Ur, Kish, Lagash. Outros, redondos como grandes cestas e revestidos de peles curtidas, vinham do norte e traziam os frutos daquelas terras longínquas, da viçosa Armênia, rica em animais, madeira e pedras preciosas.
O céu, a água e a terra contribuíam para criar um universo de harmoniosa perfeição dentro da cerca de muralhas, da imponente coroa de torres. E mesmo assim o olhar de Alexandre movia–se irrequieto à procura de outra maravilha da qual, ainda criança, ouvira o mestre Leônidas falar: a "torre de Babel", uma montanha de pedra e de asfalto com a altura de trezentos pés e da mesma largura na base, em cuja construção haviam trabalhado todos os povos da terra.
O sacerdote indicou uma esplanada invadida totalmente abandonada.
– Aquele é o lugar onde havia a sagrada Etemenanke, a torre que alcançava o céu, destruída pela fúria dos persas quando a cidade enlouqueceu na época do rei Xerxes.
– O mesmo rei que destruiu os nossos templos quando invadiu a Grécia – disse Alexandre.
– Mas, voltarei a reconstruí–la.
Naquela mesma noite o rei celebrou uma festa suntuosa com centenas e mais centenas de convidados: foram servidos os pratos mais requintados, os vinhos e as bebidas mais inebriantes, e as danças ficaram por conta das mais lindas jovens de todo o Oriente: medas, caucásias,

babilônias, árabes, ircanas, sírias, hebréias.
Durante trinta dias não houve freio para os banquetes, as orgias, a devassidão: nada foi recusado aos soldados que haviam vencido no Granico, em Isso e em Gaugamela, que haviam expugnado Mileto, e Halicarnasso, Tiro e Gaza, e para os quais surgia agora a perspectiva de uma nova aventura, de um itinerário árduo, cheio de dificuldades, privações e angústias.
Certa noite em que Alexandre estava hospedado no "palácio de verão" para desfrutar um pouco de frescor, Perdicas pediu para ser recebido. Ainda tinha no peito as ataduras que encobriam o ferimento sofrido na batalha campal de Gaugamela, e em seus olhos brilhava uma estranha expressão que poderia ser indiferentemente de embriaguez ou de melancolia. Por isto mesmo o rei perguntou:
– Como está, Perdicas?
– Vou bem, Alexandre.
– Pediu para falar comigo?
– Isso mesmo.
– E o que precisa me dizer?
– A sua irmã, a rainha Cleópatra, já está viúva há mais de um ano.
– Infelizmente.
– Eu gosto dela. Sempre a amei.
– Eu sei.
– Como é que sabe? – perguntou Perdicas um tanto sem jeito.
– Não importa. Eu sei e não se fala mais no assunto.
– Estou aqui para pedi–la em casamento. Alexandre permaneceu calado.
– Me atrevi demais, não é? – perguntou Perdicas com um olhar incerto, quase perdido. – Mas nunca teria tido a coragem de tocar no assunto sem primeiro me embriagar.
– A "taça de Hércules"?
– A "taça de Hércules" – anuiu Perdicas.
– O negócio é que...
– O quê? – perguntou Perdicas, pateticamente ansioso, esperando pela resposta de boca
aberta.
– É que Ptolomeu também fez o pedido.
– Ali.
– E Seletico.

– Até ele... Mais alguém?
– Mais ninguém, à parte Lisímaco, Heféstion e... você mesmo, obviamente.
– E Parmênio não?
– Não, ele não.
– Ainda bem. De qualquer forma, acho que não tenho a menor chance.
– Para dizer a verdade, Perdicas, creio que é o único que pediu Cleópatra em casamento para ficar com a mulher que ama antes que com a irmã de Alexandre, mas isto não basta. Passou–se muito pouco tempo desde a morte de Alexandre do Epiro e, de qualquer maneira, o homem que se casar com ela terá de mostrar–se digno, disposto a enfrentar qualquer perigo, a suportar privações e sofrimentos que nem pode imaginar.
Perdicas recobrara lucidez suficiente para ficar com vontade de chorar e respondeu:
– Mas já não fiz isto tudo para você?
– Não mais do que os seus companheiros. Mas o pior ainda está por vir, meu amigo. Daqui a vinte dias retomaremos a nossa marcha para conquistar este império, para perseguir Dario até as mais longínquas províncias, e aí voltaremos para esta cidade. E só então saberei quem é o mais digno. Agora vá, pegue uma linda moça, há muitas por aqui, e aproveite, pois a vida é curta.
Perdicas afastou–se e Alexandre virou–se para a grande sacada cheia de flores que dava para a cidade, para o rio palpitante de mil luzes e para as estrelas que tremeluziam no céu.



CAPÍTULO 18

Durante a sua permanência na Babilônia, Alexandre dedicou–se à organização das novas províncias e da nova administração, assim como ao planejamento do que iria fazer no ano seguinte. Certa noite convocou os companheiros e todo o conselho de guerra ao "palácio de verão", onde o insuportável calor daquelas terras baixas era parcialmente aliviado por alguma aragem que, principalmente ao entardecer, soprava por lá.

– Desejo comunicar–lhes os meus planos – começou. – No primeiro ano da nossa campanha decidi conquistar todos os portos para excluir a frota persa do nosso mar e impedir uma contra–invasão da Macedônia. Agora ocuparemos todas as capitais do Império para deixar bem claro que o reinado de Dario acabou e que todos os seus
domínios estão nas nossas mãos. A Babilônia já é nossa: agora tomaremos Susa, Ecbátana, Pasárgada e Persépolis. Dario não terá outra escolha a não ser abrigar–se nas extremas regiões orientais, mas nós o perseguiremos até lá e o capturaremos. E há mais uma razão para tomarmos as capitais: o dinheiro.

Os tesouros de Dario estão todos guardados nas capitais. Com aquelas imensas riquezas poderemos ajudar o general Antípatro que tem de lutar contra os espartanos na Grécia, além de enfrentar quotidianamente a minha mãe, o que deve ser ainda mais difícil.

Os companheiros deram uma gargalhada, até Péritas, que estava presente, latiu rumorosamente.

– Poderemos também alistar mais mercenários e equipar as novas levas que estão para chegar. O general Parmênio irá para o norte com os aliados gregos, três batalhões da falange, um esquadrão de éteros, as máquinas de guerra e os demais equipamentos. Alcançará a estrada do rei e dali seguirá para Persépolis. Nós, com o resto da tropa, subiremos pelas montanhas para ocupar os passos e limpar o território das últimas guarnições persas. Não vai ser fácil: nas terras altas está começando a nevar. Aproveitem a diversão, portanto, enquanto for possível, mas também procurem guardar as forças, pois vai ser uma façanha e tanto.

Depois que todos saíram, entrou Eumolpo de Sôli e Alexandre logo segurou Péritas que começara a rosnar.
– Apressei–me a agir conforme os seus desejos, meu rei – começou Eumolpo. – Já enviei um dos meus homens a Susa para ficar de olho no tesouro real que poderia sumir. Pelo que sei, trata–se de trinta mil talentos de prata em lingotes e moedas, além de todas as alfaias preciosas que adornam o palácio. O jovem enviado chama–se Aristóxeno e sabe das coisas. Se tiver de entrar em contato contigo, usará a senha de costume.
– Tordo no espeto – repetiu Alexandre sacudindo a cabeça. – Escute, acho que chegou a hora de mudá–la. Já não existem perigos tão ameaçadores e não precisamos mais de uma senha tão estapafúrdia.
– Tarde demais, meu rei. Aristóxeno já partiu há alguns dias. Vamos deixar para a próxima vez.
Alexandre suspirou e segurou Péritas enquanto Eumolpo desaparecia com o seu passo aveludado entre os meandros do palácio. Pouco antes da partida, Eumênio tirou algum dinheiro dos cofres reais, mas confiou a custódia do tesouro a Arpalo, um dos seus colaboradores que vinha da Macedônia mas que nunca pudera combater, pois era coxo. Ao longo da campanha ganhara o seu apreço e a fama de ser muito capaz na administração da economia. Além disto, Alexandre conhecia–o muito bem porque, quando
criança, freqüentara o palácio de Pela, embora nunca pudesse participar dos exercícios devido à sua deficiência.
– Acho que vai se sair bem – comentou. – Parece ser um garoto que sabe o que faz.
– Eu também acho – respondeu Eumênio. – Sempre foi um bom rapaz.
Partiram novamente no final da estação e subiram ao longo do Pasitigres, um afluente do Tigre que descia das montanhas do Elam, depois de confirmar Mazeu no cargo de sátrapa da Babilônia e de deixar uma guarnição Macedônia para garantir a defesa e a segurança da província. A paisagem era de incrível beleza, cheia de pastos verdejantes onde se viam rebanhos de ovelhas e manadas de cavalos e vacas. Por lá também cresciam árvores de todos os tipos que davam as mais variadas espécies de frutos, entre os quais os deliciosos pérsicus de pele aveludada e polpa incrivelmente saborosa e suculenta.
Infelizmente não foi possível provar nenhum deles, pois já estavam fora

de época, mas havia grande fartura de frutas secas, como figos e ameixas.
Depois de seis dias de marcha o exército avistou Susa, e Alexandre lembrou–se da descrição entusiástica que dela fizera muitos anos antes o hóspede persa que chegara em missão oficial a Pela, quando ele ainda era um menino. A cidade surgia em um local bastante plano, mas tinha como pano de fundo as montanhas do Elam, com seus altos picos já cobertos de neve e as encostas verdejantes de bosques de abetos e cedros. Era imensa, cercada de muralhas e de torres revestidas de lajotas reluzentes e com as ameias decoradas com grandes tachas de bronze dourado e de prata.
Logo que o exército começou a se aproximar, as portas se abriram e apareceu um grupo de cavaleiros luxuosamente vestidos que escoltavam um dignitário com a mitra frouxa na cabeça e a akinake na cintura.
– É certamente Abulites – disse Eumênio a Alexandre. – É o sátrapa da Susa e pretende se render. Fui avisado ontem à noite por Aristóxeno, o homem de Eumolpo. E parece que todo o tesouro ainda está lá... ou quase todo.
O sátrapa aproximou–se, desmontou do cavalo e dobrou–se diante de Alexandre na tradicional saudação irânica.
– A cidade de Susa recebe–te em paz e abre suas portas ao homem que Azura Mazda escolheu como sucessor de Ciro, o Grande.
Alexandre acenou graciosamente com a cabeça e convidou–o com a mão a montar de novo para seguir adiante ao seu lado.
– Não gosto destes bárbaros – Leonato disse a Seleuco. – Já viu como eles agem? Rendem–se sem lutar traindo o seu soberano, e Alexandre deixa que continuem no cargo
que tinham antes. Foram derrotados, mas nada mudou para eles. E, enquanto isto, nós continuamos a arrebentar as nossas costas e a bunda cavalgando noite e dia. Será que este maldito país nunca acaba?
– Alexandre está certo – replicou Seleuco. – Deixa no cargo os velhos governadores de forma que o povo não percebe que está sendo governado por estrangeiros, mas os cobradores de impostos e os chefes militares são macedônios. E, afinal, não é melhor assim? As cidades abrem–nos as portas e nunca mais precisamos montar as máquinas de sítio desde que deixamos a costa.
Você preferiria se fosse como em Halicarnasso e Tiro?

– Claro que não, mas...
– Então fique alegre e não se queixe.
– Está bem, mas... não gosto que estes bárbaros fiquem perto de Alexandre, que jantem com ele e tudo mais. Não me agrada, só isto.
– Pode ficar tranqüilo, nada vai acontecer. Alexandre sabe muito bem o que faz.
Susa era imensa, com quase três mil anos de história, e tinha uma colina em cada um dos quatro cantos da cidade, e em uma delas erguia–se o Palácio Real, naquele exato momento iluminado em cheio pelos raios do pôr–do–sol. A entrada era um adro majestoso, com grandes colunas de pedra cujos capitéis tinham a forma de touros alados que sustentavam o teto. A seguir havia um vestíbulo pavimentado com mármore de várias cores e parcialmente coberto com tapetes. Aí também o teto se apoiava em colunas, desta vez de madeira de cedro e pintadas de amarelo e vermelho. Através de um corredor e de outro vestíbulo, Alexandre foi introduzido na apadana, a grande sala das reuniões, enquanto os dignitários, os eunucos e os camaristas se afastavam para os lados do imenso salão baixando a cabeça quase até o chão.
O rei, acompanhado pelos seus companheiros e generais, chegou diante do trono dos imperadores aquemênidas e sentou–se nele, mas logo ficou um tanto embaraçado: devido à sua estatura não muito alta, os pés não alcançavam o chão, e ficavam mesmo pendurados de forma nem um pouco real. Leonato, que tinha uma castrense sensibilidade para estas coisas, viu ali por perto um móvel de cedro e empurrou–o para que Alexandre nele apoiasse os pés como num escabelo antes de começar a falar aos presentes.
– Amigos, aquilo que apenas há algum tempo parecia um sonho impossível tornou–se agora realidade. Duas das maiores capitais do mundo, Babilônia e Susa, estão agora nas nossas mãos e muito em breve também tomaremos posse das demais.
Mal tinha começado o seu discurso, no entanto, quando ouviu um pranto comedido não muito longe dali e calou–se. Olhou em volta e, à medida que o mais absoluto silêncio
tomava conta do salão, o pranto tomou–se ainda mais audível:
era um dos eunucos do Palácio que soluçava baixinho com a cabeça virada para a parede. Todos se afastaram pois perceberam que o rei queria vê–lo, e o pobre coitado ficou isolado e choroso diante do olhar

do soberano que sentava no trono.
– Por que você está chorando? – perguntou Alexandre. O homem eximiu–se enxugando as lágrimas. – Vamos, pode falar livremente.
– Estes castrados – Leonato murmurou no ouvido de Seleuco – choramingam por qualquer motivo como meninas, mas dizem que na cama são melhores do que muitas mulheres.
– Há castrados e castrados – replicou Seleuco, impassível. – Este aqui, por exemplo, não me parece grande coisa.
– Vamos, fale – insistiu Alexandre.
O eunuco deu então um passo adiante e percebia–se claramente a intensidade com que olhava para o escabelo sob os pés do rei.
– Sou um eunuco – começou – e por natureza sou fiel ao meu amo, seja ele quem for. Já fui fiel ao meu senhor, o rei Dario, e agora sou fiel a você que é meu novo rei. Mas, apesar disto, não posso deixar de chorar pensando em como a sorte pode mudar de repente. O móvel que agora usa como escabelo – e Alexandre começou a dar–se conta do motivo daquele pranto – era a mesa de Dario, era onde ele costumava fazer as suas refeições, e, portanto, era para nós um objeto sagrado e digno de veneração. E agora você o está pisando...
Alexandre corou e dispôs–se a levantar–se percebendo que havia cometido um ato extremamente grosseiro, mas Aristandro, que estava presente, deteve–o:
– Não tire os pés desse apoio. Acha que não há uma mensagem oculta neste fato aparentemente casual? Os deuses quiseram que isto acontecesse para que todos soubessem que colocaram sob os teus pés todo o poder do império persa.
A mesa de Dario ficou portanto onde estava, escabelo para os pés do novo rei. Quando a sessão na sala do trono chegou ao fim, todos espalharam–se para visitar o imenso palácio. Um camarista, ele também eunuco, introduziu Alexandre, sozinho, no harém imperial onde havia dúzias de jovens encantadoras pela beleza e pelo porte, cada uma vestindo os trajes típicos da sua terra natal, que o receberam com risadinhas complacentes. Algumas tinham pele escura, outras bem clara e olhos azuis, havia até uma etíope que, em sua altiva formosura, lembrou ao rei uma estátua de bronze de Lisipo.
– Se quiser brincar com elas – disse o eunuco terão o maior prazer em recebê–lo até mesmo esta noite.

– Agradeça–lhes por mim e diga–lhes que dentro em breve virei aproveitar a sua companhia.
Passou em seguida por outros cômodos do grande edifício até notar que o grupo dos seus amigos se juntara em volta de um monumento, e então ele também parou para ver: era uma escultura de bronze que representava dois homens de armas na mão, no ato de apunhalar alguém.
– Harmódio e Aristogíton – explicou Ptolomeu. – É o monumento aos matadores do tirano Hiparco, o irmão de Hípias amigo dos persas e traidor da causa grega. Xerxes pegou–o em Atenas como despojo de guerra antes de incendiar a cidade. Está aqui há cento e cinqüenta anos como testemunho daquela humilhação.
– Ouvi dizer que estes dois não mataram Hiparco para salvar a cidade, e que tudo não passou de uma história de ciúme, pois tanto Harmódio quanto Hiparco estavam apaixonados pelo mesmo rapaz – interveio Leonato.
– Isto não muda os fatos – observou Calístenes que contemplava o famoso monumento com grande admiração. – Não importa o motivo: estes dois homens trouxeram de volta a Atenas a democracia.
Deu para sentir que aquelas palavras provocaram algum constrangimento nos presentes: todos lembraram as veementes orações de Demóstenes em favor da liberdade de Atenas e contra o "tirano" Filipe, e todos tinham a impressão de que Alexandre, a cada dia que se passava, ia esquecendo a educação para a democracia que recebera de Aristóteles e talvez até mesmo as recomendações que de vez em quando lhe chegavam nas cartas do antigo mestre, e que a sua mente ficava cada dia mais voltada para o luxo imperial que o fascinava.
– Providenciem para que o monumento seja imediatamente enviado de volta a Atenas como meu presente pessoal à cidade – disse Alexandre, que percebera no ar aquilo que todos pensavam mas que ninguém ousava dizer. – Espero que isto lhes ensine que as espadas Macedônias conseguiram um resultado que mil discursos dos seus oradores nem poderiam descrever.
A rainha–mãe Sisygambes e as concubinas do rei com seus filhos foram novamente alojadas nos apartamentos de onde haviam ficado ausentes por muito tempo, e todas ficaram comovidas ao rever os locais que desde sempre consideravam familiares nos leitos em que haviam sido

amadas e nos quais haviam parido, nas soleiras das portas que ficavam à entrada dos seus quartos de dormir consagrados pela presença do Grande Rei, mas nada era como antes, os mesmos objetos haviam ficado nos corredores e nas salas do palácio, mas era hostil e incompreensível a linguagem que nele agora ecoava, e
o futuro aparecialhes obscuro e perturbador.
Somente a rainha–mãe se mostrava tranqüila, mergulhada na misteriosa serenidade da sua sabedoria: tinha pedido e conseguido o encargo de cuidar da educação de Frates, o filho caçula de Barsine e o único sobrevivente da família se alguma coisa acontecesse ao seu avô, o sátrapa Artabazo.
Alexandre visitou também o harém imperial, algumas vezes sozinho e outras em companhia de Heféstion, e as mocinhas que ali moravam aprenderam a amar tanto o rei quanto o seu amigo do jeito que eles gostavam, satisfazendo todos os seus desejos e deitando–se com eles na mesma cama, nas perfumadas noites daquele quente verão, ouvindo o canto e a música das companheiras e as vozes da imensa metrópole, que já haviam sido festivas mas que agora chegavam abafadas devido ao medo de um futuro incerto. E durante a sua permanência na cidade visitou todos os dias o apartamento da rainha–mãe mantendo com ela longas conversas com a ajuda de um intérprete. Na véspera da partida foi falar com ela como fizera no dia anterior à batalha de Gaugamela.
– Mãe – disse –, amanhã partirei para perseguir seu filho até os recantos mais remotos do seu império. Acredito no meu destino e acredito que a minha conquista aconteceu com a bênção dos deuses, por isto mesmo não tenciono deixar a minha obra inacabada, mas prometo que, se depender de mim e do que estiver ao meu alcance, nada de mal farei a Dario e procurarei salvar–lhe a vida.
Também tomei providências para que a minha língua lhe seja ensinada pelos melhores mestres, pois um dia gostaria de ouvi–la ressoar nos seus lábios e escutá–la sem a presença de alguém interpretando os nossos pensamentos.
A rainha–mãe fitou–o nos olhos murmurando alguma coisa que o intérprete não conseguiu traduzir, pois expressara–se em uma linguagem misteriosa e secreta, aquela que somente o seu deus podia compreender.



CAPÍTULO 19

Os clarins deram o toque da partida em uma manhã do começo do outono, enquanto a cidade ainda estava na sombra e os picos das montanhas do Elam recebiam os primeiros raios do sol nascente. O exército foi dividido em dois:
Parmênio iria conduzir a maior parte dele, os carros com as máquinas de guerra desmontadas e os demais equipamentos, enquanto Alexandre iria enfrentar, com as forças ligeiras, os agrianos e os batedores, a trilha montanhosa que através da cordilheira do Elam levava diretamente a Persépolis, a capital fundada por Dario, o Grande.
Precedido por guias susianos, subiu ao longo do rio até este se tornar cada vez mais
estreito e chegou à passagem que levava ao planalto onde morava um povo de indômitos; pastores selvagens e primitivos: os úxios. Teoricamente dominados pelo Grande Rei, eram na verdade independentes e quando Alexandre, por meio do intérprete, pediu que o deixassem passar, responderam:
– Passará se pagar, como sempre fez o Grande Rei quando vinha de Susa e queria chegar a Persépolis pelo caminho mais curto.
Alexandre rebateu:
– O Grande Rei não manda no seu império e aquilo que ele fazia nada tem a ver comigo. Passarei, portanto, tendo ou não a sua permissão.
Os úxios tinham um aspecto pavoroso: híspidos e hirsutos, vestindo pele de cabra e de carneiro, eram tão fedorentos quanto os seus bichos, mas se via muito bem que não se apavoravam facilmente e que não pretendiam dar coisa alguma em troca de nada. Confiavam em suas terras de difícil acesso, nos desfiladeiros, nas trilhas estreitas que só davam passagem a poucas pessoas de cada vez. Não podiam imaginar que aquele rei estrangeiro trazia consigo guerreiros ainda mais selvagens e primitivos, acostumados como eles a se movimentar com extraordinária agilidade pelos terrenos mais difíceis e impraticáveis, a suportar o frio e a fome, a dor e as privações. Temerários e ferozes, ávidos e sanguinários, cegamente devotados à mão que os alimentava: os

agrianos! Alexandre reuniu os chefes e os guias susianos para que explicassem tudo o que havia a saber quanto aos dois principais caminhos que levavam ao planalto dos úxios. Foi decidido que Cratero e os batedores subiriam pela trilha menos íngreme que levava diretamente às passagens que davam para a Pérside enquanto Alexandre, com os agrianos e dois batalhões de "escudeiros", enfrentaria o terreno mais difícil que passava entre as alturas ocupadas pelos guerreiros inimigos.
Cratero esperou que o rei começasse a subir pela pirambeira com as suas tropas, atraindo o grosso das forças uxianas, e só então movimentou–se, escondido pela densa vegetação, a caminho dos passos.
Os úxios que enfrentavam Alexandre começaram a lançar flechas, a arremessar pedras com suas atiradeiras e a provocar desmoronamentos que ruíam rumorejando pelas encostas, mas os agrianos, com a agilidade de cabritos monteses, achatavam–se ao abrigo de qualquer saliência para em seguida avançar com incrível rapidez no terreno descoberto e encontrar novo refúgio atrás das árvores ou das pedras. Quando finalmente chegaram a fazer contato com os primeiros defensores, atacaram–nos com tamanha ferocidade que estes quase não tiveram possibilidade alguma de revidar. Muitos tombaram com as gargantas cortadas pelos seus facões, outros caíam de joelhos
segurando as entranhas que extravasavam de grandes ferimentos abdominais. Os agrianos não desperdiçavam suas forças: só golpeavam para matar, para invalidar completamente o adversário ou para apavorá–lo com as mais atrozes feridas.
Logo depois dos agrianos, os "escudeiros" chegaram ao planalto, ficaram em formação e avançaram correndo contra os vilarejos de pedras e tijolos crus onde os homens compartilhavam o seu espaço com os seus animais numa forma de primitiva simbiose. Alexandre ordenou o uso de flechas incendiárias e logo depois os telhados de palha e feno daquelas míseras cabanas transformaram–se em fogueiras e os bichos, apavorados, dispersaram–se.
Surpreendidos por aquela invasão que nunca poderiam esperar, os úxios fugiram para os passos onde julgavam poder realizar uma defesa mais eficaz, mas os passos já haviam sido ocupados pelo batedores de Cratero que os receberam com saraivadas de flechas e dardos, matando um grande número deles.
Imprensados entre as tropas de Alexandre e as de Cratero, os úxios se

renderam, mas o rei infligiu–lhes um castigo extremamente duro; iriam ser completamente extirpados das suas terras e deportados para a planície. Desta forma, a passagem da Susiana à Pérsia nunca mais poderia ser impedida por eles.
Logo que foram informados pelos intérpretes acerca do destino que os aguardava, jogaram–se aos pés do rei chorando e implorando, soltando altos gritos de desespero aos quais se juntavam os das mulheres e das crianças, mas Alexandre foi irredutível: disse que deveriam ter aceitado antes as suas propostas, e que assim, agora, iriam aprender que ele nunca fazia ameaças vazias e que nenhuma força no mundo podia detê–lo.
Um dos guias susianos, entretanto, sugeriu que invocassem a intercessão da rainha–mãe Sisygambes, a única pessoa capaz de influenciar o coração do implacável conquistador, e os úxios seguiram o conselho fazendo passar às escondidas dois dos seus chefes através das linhas macedônias. Quatro dias depois, quando a cavalaria também tinha chegado pela trilha mais praticável, voltaram ao planalto com uma carta em grego da rainha que suplicava a Alexandre que concedesse àqueles coitados a permissão de ficarem nas suas terras:
Sisygambes a Alexandre, salve!
Chegaram a mim alguns representantes do povo dos úxios pedindo que intercedesse por eles junto a você. Sei que o insultaram e escarneceram, mas o castigo que quer lhes infligir é mais terrível, maior do que a própria morte. Nada existe, de fato, mais doloroso do que sermos arrancados da terra onde vivemos desde crianças, das nascentes que tiraram a nossa sede, dos campos que nos alimentaram, da vista do sol que nasce e se
põe atrás do horizonte das nossas montanhas.
Chamou–me mais de uma vez com o nome de mãe, o mais doce, aquele que se destina somente a Olympias que o gerou no palácio de Pela. Agora eu lhe peço, em virtude deste título que me honra, para escutar–me como escutaria sua mãe. Poupe a este povo a desgraça de ser arrancado da sua pátria.
Lembre–se da sua e dos afetos que lá deixou! Estes infelizes nada mais fizeram do que defender a sua terra e as suas casas. Tenha pena deles!
A carta comoveu Alexandre e apagou a sua ira: os úxios tiveram permissão para ficar em seu planalto pagando cada ano um tributo de

quinhentos cavalos, duas mil bestas de carga e gado miúdo. Eles aceitaram de bom grado, considerando que aquele rapaz colérico e os seus selvagens guerreiros nunca mais voltariam para tirar–lhes as cabras e os bois, e que afinal era melhor não recusar a oferta.

Com o planalto apaziguado, Alexandre partiu para a passagem mais acima:

um desfiladeiro chamado "Portas Pérsicas" ao longo do qual o sátrapa Ariobarzane mandara construir uma muralha de defesa em uma posição muito alta e por si só inexpugnável. O exército retomou a sua marcha em uma manhã gelada, antes do alvorecer, através do planalto fustigado pelo vento, enquanto do céu cinzento a neve começava a cair.



CAPÍTULO 20

O vale que levava às Portas Pérsicas ficou cada vez mais estreito até transformar–se em um desfiladeiro rochoso de íngremes paredes. O avanço era particularmente difícil devido à neve alta e aos blocos de gelo sobre os quais os cavalos e as mulas escorregavam ferindo–se ou quebrando as pernas. A vanguarda levou quase o dia todo para chegar aos primeiros contrafortes das rampas que levavam à muralha que defendia a passagem.

Mas enquanto Alexandre reunia os chefes dos trácios e dos agrianos para estudar a melhor maneira para escalar no escuro o abrupto despenhadeiro e depois o baluarte, um inesperado fragor abalou–os: do topo dos paredões os soldados persas empurravam enormes pedras que ao rolarem para baixo provocavam grandes desmoronamentos.

Todos gritaram:

– Para trás! Para trás!

Mas as pedras foram mais rápidas do que os movimentos dos homens e causaram um verdadeiro massacre. O próprio Alexandre, atropelado por uma chuvarada de seixos, ficou ferido em várias partes do corpo embora escapasse, felizmente, sem ossos quebrados. Deu logo a ordem para recuar, mas enquanto isto os inimigos haviam

começado a usar os arcos e, apesar da nevascas cada vez mais violenta e da visibilidade bastante precária, atiravam no agrupamento e acertavam quase sempre no alvo.

– Os escudos! – gritou Lisímaco, que comandava os batedores. – Fiquem com os escudos sobre a cabeça!

Os homens obedeceram, mas os persas corriam ao longo da borda do desfiladeiro acertando os que estavam chegando e que ainda não se haviam dado conta do que estava acontecendo. Somente a escuridão da noite deteve a chacina e Alexandre conseguiu a duras penas levar o exército de volta para um lugar mais aberto onde foi possível fixar o acampamento. Todos estavam profundamente deprimidos devido ao grande número de companheiros mortos assim como aos feridos que gritavam de dor por causa dos membros rasgados, trespassados e dos

ossos quebrados.
Filipe e os seus cirurgiões começaram a trabalhar à luz das lamparinas suturando as feridas, extraindo pontas de flechas e dardos da carne viva dos guerreiros, recompondo as fraturas, imobilizando braços e pernas com ripas de madeira e até usando as hastes de flechas e de lanças quando não tinham coisa melhor.
Um por um, os companheiros chegaram à tenda do rei para se reunirem em conselho. Não havia fogueira nem braseiros com que se aquecer, mas a lanterna pendurada na estaca central espalhava um pouco de luz e, com ela, a sensação de algum calor. Ninguém podia deixar de notar a incrível e dramática mudança que em apenas alguns dias havia acontecido na vida deles: do luxo e do ócio dos palácios da Babilônia e de Susa ao gelo e às aflições daquela empresa desesperada.
– Quantos devem ser? – perguntou Seleuco.
– Não sei – respondeu Ptolomeu –, mas acredito que sejam muitos milhares.
Se Ariobarzane decidiu guardar a passagem, certamente não ia fazê–lo com poucos homens mal equipados. Dispõe na certa de um número suficiente de unidades escolhidas.
Naquele momento entrou Eumênio, roxo de frio e batendo o queixo. Trazia a tiracolo o estojo com os rolos, a pena e o tinteiro com os quais toda noite escrevia o seu "jornal".
– Já fez a conta das baixas? – perguntou Alexandre.
– Muito pesadas – respondeu o secretário, dando uma olhada numa folha redigida às pressas. – Pelo menos trezentos mortos e uma centena de feridos.
– O que vamos fazer? – indagou Leonato.
– Não podemos deixá–los aos lobos – replicou Alexandre. – Precisamos trazê–los de volta.
– Mas sofreremos baixas ainda maiores – objetou Lisímaco. – Se formos agora, vamos quebrar o pescoço naquelas pedras, no escuro; se formos amanhã, à luz do dia, eles vão
acabar conosco do topo daquele desfiladeiro.
– Eu vou – disse o rei. – Não tenciono deixar aqueles rapazes sem uma sepultura. Quem estiver com medo tem toda a liberdade para não me acompanhar.
– Eu também vou – disse Heféstion, levantando–se como se tivessem de

ir de imediato.
– Sabe muito bem que não se trata de medo – rebateu Lisímaco, ferido em seus brios.
– E então é o quê?
– Não adianta brigar – interveio Ptolomeu. – Não chegamos a nenhuma conclusão, deste jeito. Vamos tentar encontrar uma saída, em vez disto.
– Talvez... eu tenha uma solução – disse Eumênio.
Todos viraram–se para o secretário–geral e Leonato meneou a cabeça pensando que aquele tampinha de grego sempre tinha alguma artimanha enquanto todos os demais ficavam perdidos.
– Uma solução? – perguntou Alexandre. – Qual?
– Espere um momento – disse Eumênio. – Já vai saber.
Saiu para voltar logo a seguir com um dos guias locais que os haviam levado até lá.
– Fale sem receio – disse o secretário – O rei e os seus amigos estão escutando.
O homem fez uma mesura diante de Alexandre e começou a falar num grego bastante compreensível com um sotaque que lembrava vagamente o compatriota.
– Onde você nasceu? – perguntou Alexandre.
– Sou lício e nasci nos arredores de Patara. Fui vendido como escravo, ainda menino, para saldar uma dívida que o meu pai tinha com o seu amo persa, um tal de Ársaces que, ao voltar para a sua terra, levou–me com ele e confiou–me os seus rebanhos que pastavam nesta zona. Conheço, portanto, estas bandas como ninguém.
Todos os presentes ficaram atentos, dando–se conta de que aquele pobre coitado podia ter em suas mãos o destino do exército inteiro.
– Se voltarem àquele desfiladeiro – continuou – os persas vão esmagá–los antes que cheguem perto da muralha, somente pequenas unidades podem se movimentar por ali. Eu conheço no entanto uma trilha que sobe pela floresta, a mais ou menos uma hora de marcha daqui, é uma trilha de cabras, onde só passa um homem de cada vez e onde os cavalos precisam ser vendados para não se assustarem com os precipícios. Mas em quatro ou cinco horas dá para chegar ao desfiladeiro e pegar os persas pelas costas.
– Acho que não temos escolha – disse Seleuco – se quisermos seguir em frente.

– Eu também acho – admitiu Alexandre – mas há um problema, se a trilha é tão estreita, o número dos nossos que chegarão ao topo do desfiladeiro em tempo razoavelmente breve será pequeno demais para resistir a um eventual contraataque dos persas. Alguém terá
de mantê–los ocupados atacando–os frontalmente deste lado do muro.
– Farei isto – ofereceu–se Lisímaco.
– Não, você vem comigo. Cratero se encarregará do ataque com os agrianos, os trácios e um batalhão de batedores, procurando limitar da melhor forma possível as baixas. Investiremos ao mesmo tempo, nós por cima e eles por baixo: um ataque simultâneo deverá criar o pânico entre os persas.
– Precisaremos de um sinal – observou Cratero. – Mas qual? O desfiladeiro é profundo demais para que se vejam os sinais luminosos e a distância entre as nossas unidades poderá ser muito grande para que se ouça qualquer som ou grito.
– Existe uma maneira – disse o pastor lício. – Há um local perto do baluarte onde o eco ricocheteia várias vezes nas paredes do desfiladeiro, um toque de cometa pode ser ouvido claramente de muito longe. É uma coisa que costumava fazer com o meu corno, só para passar o tempo enquanto as ovelhas pastavam.
Alexandre olhou para ele:
– Como se chama lício?
– O meu amo me chamava Ochus, que em persa quer dizer "bastardo", mas o meu verdadeiro nome é Rhedas.
– Escute–me, Rhedas, se falou a verdade e nos levar às costas dos persas, eu o cobrirei de ouro, terá o bastante para viver na fartura pelo resto dos seus dias, poderá voltar ao seu pais, comprar a mais bela das casas, serviçais, mulheres, gado, tudo aquilo que desejar.
O homem respondeu sem baixar os olhos:
– Faria isto até em troca de nada, rei. Os persas mantiveram–me escravo, bateram em mim e castigaram–me mil vezes sem motivo. Estou pronto a partir agora mesmo.
Leonato deu uma espiada fora da tenda.
– Parou de nevar.
– Ótimo – disse Alexandre. – Mande então servir o jantar com uma dose de vinho a mais para todos aqueles que irão com Cratero. Prometa um prêmio em dinheiro para quem se oferecer como voluntário pois terão

de partir imediatamente após o jantar, os persas jamais vão pensar que somos bastante loucos para repetir a tentativa tão cedo. Nós acompanharemos Rhedas depois do primeiro turno de guarda.
Na tenda, o rei comeu com os amigos a mesma ração militar que foi distribuída a todos os soldados e aí cada um foi se preparar para a expedição noturna. Cratero partiu primeiro com os seus homens; Alexandre, como já anunciara, seguiu com o resto do exército após o primeiro turno de guarda.
Rhedas guiou–os até a embocadura da trilha e de lá para cima, rumo ao passo, através de uma densa floresta. O percurso era estreito e acidentado, cortado no flanco da encosta não pela mão do homem mas sim pela passagem, ao longo dos séculos, dos pastores e dos viajantes que buscavam um atalho em sua caminhada para a Pérsia. Às vezes passava por um despenhadeiro e era preciso vendar os cavalos para que não fossem tomados pelo terror, outras vezes estava interrompido por um desmoronamento ou por blocos de gelo que o tomavam escorregadio, e os homens precisavam então prender–se uns aos outros com cordas para não se esfacelarem nas pedras do fundo.
Apesar da escuridão, o guia seguia em frente com passo seguro e percebia–se que poderia ter percorrido aquele caminho de olhos vendados. Alguns guerreiros, no entanto, caíram nos precipícios e nem mesmo foi possível tentar resgatar seus corpos. Alexandre avançava a pé atrás de Rhedas, mas parava para ajudar quem estivesse tendo alguma dificuldade: ele mesmo chegou a arriscar a vida para salvar a de algum soldado em perigo.
Antes do alvorecer a temperatura tornou–se ainda mais fria e os homens seguiram adiante cada vez mais penosamente, com os membros enrijecidos e cansados após a marcha noturna, mas a leve claridade do sol que transparecia no horizonte por trás de uma espessa cortina de nuvens devolveu um pouco de ânimo a todos: pelo menos agora dava para ver a paisagem, e a vegetação mais rala deixava supor que já não faltava muito para o cume.
Quando finalmente chegaram ao topo, o ventou amainou e Alexandre ordenou que os primeiros se detivessem para esperar pelo menos uma parte dos companheiros que ainda se arrastavam pela encosta.
Aí retomaram a marcha em silêncio, procurando manter–se abrigados pela escassa vegetação que cobria o planalto para não serem vistos pelos

persas antes da hora. Em certo momento o guia apontou para uma saliência do terreno, uma espécie de esporão rochoso que sobressaía por cima do desfiladeiro, e disse:
– Eis o local do eco. Mais adiante, além daquele lugar, já se pode ver o baluarte que controla a passagem das Portas Pérsicas. Chegamos.
Ptolomeu aproximou–se.
– Acha que Cratero já está em posição?
– Sem dúvida, se não houve imprevistos – respondeu Alexandre. – E mesmo que ele tenha fracassado, não temos escolha. Mande os homens cerrarem fileiras em formação de combate e toque o sinal: vamos atacar o presídio persa.
Ptolomeu dispôs os soldados em três grupos: primeiro um esquadrão de cavalaria e os
batedores, depois a infantaria ligeira com os arqueiros e os lançadores de dardos, e por último os "escudeiros" sob o comando de Lisímaco.
Aí fez um sinal para um corneteiro e este posicionou–se bem na ponta do esporão de pedra que avançava sobre o precipício do desfiladeiro. O som da corneta ressoou agudo como o canto de um galo, perfurando o ar parado e entorpecido da alvorada, e o eco logo respondeu do paredão em frente resvalando repetidamente nas montanhas em volta até perder–se na ampla paisagem imaculada.
Seguiu–se um silêncio grave como o céu de chumbo que pesava sobre o exército em formação e todos aguçaram o ouvido na espasmódica espera de uma resposta. E aí ouviram de repente o som de um clarim, e logo a seguir mais outro, multiplicados pelo eco, e então os gritos selvagens dos guerreiros que se lançavam ao ataque.
– Cratero está investindo com os agrianos! – berrou Alexandre.
– Em frente, homens, vamos mostrar–lhes que não morremos de frio!
Pulou no cavalo e ficou no meio do esquadrão avançando até a altura que dominava o presídio persa, enquanto a infantaria o acompanhava correndo para não perder contato. Aí, logo que as defesas dos persas ficaram à vista, esporeou o cavalo e lançou o seu grito de guerra.
Todos os clarins tocaram ao mesmo tempo, todos os infantes investiram empunhando as armas enquanto os cavaleiros avançavam a galope para chocarem–se com o inimigo que já devia se dividir em duas frentes. A cavalaria de Alexandre superou num pulo o aterrado que protegia o presídio por trás, e a infantaria chegou logo a seguir empenhando–se

num violento corpo–a–corpo com os defensores.
Percebendo a situação, os persas deram o alarme, mas foram ao mesmo tempo forçados a desguarnecer parcialmente o passadiço do bastião, e os agrianos escalaram–no enfiando os punhais nas fendas do muro e achatando–se contra a parede toda vez que os defensores jogavam pedras ou atiravam com os arcos. Não demorou muito para os primeiros chegarem ao topo e, enquanto alguns se engalfinhavam. com os defensores, outros ajudavam os companheiros a subir jogando–lhes cordas. Embora menos numerosos, os macedônios levaram a melhor sobre os adversários, muitos dos quais haviam sido surpreendidos no sono e ainda desarmados.
Ariobarzane mal conseguiu sair do seu alojamento de espada em punho, e já estava cercado por um grupo de cavaleiros macedônios que o ameaçavam com a ponta das suas lanças. Não teve outra escolha a não ser ordenar a rendição e assistir, impotente, ao desfile das tropas inimigas através do passo expugnado que deveria Persépolis. A cidade estava à mercê do inimigo.

CAPÍTULO 21

Alexandre esperou a chegada do resto do exército e então deu início à descida para o planalto da Pérsia. Antes de começar a viagem, no entanto, chamou o pastor lício que o tinha guiado e ajudado a vencer o passo fortificado.

– A sua intervenção foi fundamental – disse–lhe. – Ajudou Alexandre a conquistar um império, talvez a modificar o curso da história. Ninguém pode saber se isto é uma coisa boa ou má, mas, de qualquer maneira, eu lhe sou profundamente grato. – Estava a ponto de acrescentar: "Peça–me o que quiser e eu serei feliz em atendê–lo, mas lembrou–se do dia já distante em que proferira a mesma frase infeliz a Diógenes, o velho filósofo nu deitado à luz do pôr–do–sol, e achou melhor concluir dizendo apenas: – Obrigado, meu amigo.

O pastor ficou olhando para ele, comovido, enquanto o rei montava em seu cavalo e começava a descer pela encosta, até que foi surpreendido pela voz de alguém que se aproximara por trás, a de Eumênio:

– Alexandre disse–me que pode pedir o que quiser, como lhe prometera. Só tem que falar. Rhedas respondeu:

– Se eu fosse mais jovem, iria sem dúvida com ele para ver o que vai acontecer. Mas preciso pensar na minha velhice: gostaria de comprar de volta a lavoura do meu pai e a casa onde nasci, perto do mar. Já faz tanto tempo que não vejo o mar.

– Poderá vê–lo de novo, pastor, e terá a sua lavoura com a velha casa. Poderá até criar família, se quiser. E, se tiver filhos e netos, lhes contará que certa noite guiou o rei Alexandre ao encontro do seu destino. E se não acreditarem, mostrará isto a eles.

– O que é?

Eumênio entregou–lhe um pequeno colar.

– É a estrela de ouro dos Argeades. Só os amigos íntimos do rei a possuem. Também lhe deu um pequeno estojo de couro.

– Aqui está uma carta do rei para o governador da Lícia: ordena que satisfaça qualquer pedido seu. Vale mais do que ouro ou prata. Não a perca.

Adeus, pastor, boa sorte.
Chegaram ao sopé das montanhas ao entardecer do dia seguinte e viramse diante do grande planalto da Pérsia, atravessado por rios flanqueados por longas fileiras de choupos e salpicado de aldeias de tijolos crus.
Cruzaram a estrada do rei às margens do rio Araxe e Alexandre acampou à espera de
Parmênio e do resto do exército. Acabavam de servir–lhe o jantar quando um étero da guarda entrou e anunciou uma visita:
– Rei, chegou um sujeito que deseja vê–lo. Atravessou o rio num bote e parece estar com muita pressa.
– Então mande–o entrar.
O soldado deixou passar um homem vestido ao estilo persa, com as calças presas acima do tornozelo e um pano de linho envolvendo–lhe a cabeça e atado no pescoço.
– Quem é você? – perguntou Alexandre.
– Venho da parte de Abulites, o sátrapa no comando da praça–forte de Persépolis. Está disposto a entregar–lhe a cidade e pede que siga imediatamente para lá se quiser encontrar ainda intacto o tesouro do Grande Rei. Se demorar, talvez acabem levando a melhor aqueles que exigem a defesa da cidade a qualquer custo. Também há os que querem levar o tesouro para sustentar a desforra de Dario. O que devo dizer ao meu amo?
Alexandre meditou em silêncio por alguns momentos, depois respondeu:
– Diga–lhe que chegarei a Persépolis dentro de dois dias, ao entardecer, com a cavalaria.
O homem saiu para voltar ao seu bote e o rei convocou imediatamente Diades de Larissa, o engenheiro–chefe.
– Preciso de uma ponte para atravessar o Araxe até amanhã à noite – disselhe antes mesmo que o outro sentasse.
Já acostumado a satisfazer pedidos impossíveis dentro de prazos impossíveis, Diades nem pestanejou.
– De que largura? – perguntou.
– A maior possível. Preciso passar quanto antes com toda a cavalaria.
– Cinco cúbitos?
– Dez.

– Está bem.
– Você consegue?
– Alguma vez falhei?
– Nunca.
– Preciso, no entanto, pôr mãos à obra imediatamente.
– Como quiser. Pode dar ordens a qualquer um, até. aos generais; diga que eu mandei. Diades saiu, juntou dez grupos de trabalho com mulas e cavalos, equipados com machados, serras, cordas e escadas e mandou–os cortar abetos em um bosque próximo. Uma parte das toras foi limpa, aguçada e fortalecida com o fogo enquanto outra parte foi transformada em tábuas.
Trezentas pessoas trabalharam a noite inteira: ao alvorecer, o material já estava amontoado à beira do rio, pronto para o uso.
Diades pegou as toras pontudas e começou a cravá–las no fundo com a ajuda de um bate–estaca, aos pares, a dez cúbitos de distância uma da outra.
Depois ligou–as lateralmente e ao comprido pregando tábuas nelas e criando o arcabouço de sustentação e passagem. Um segmento depois do outro, a ponte foi avançando até o meio da correnteza onde as estacas foram protegidas com grandes pedras que amorteciam a força das águas.
Ao entardecer, Alexandre perfilou a cavalaria em trajes de guerra, esperou que pregassem a última tábua nas toras e, à frente de quatro esquadrões de éteros, lançou Bucéfalo a galope, seguido de perto pelos companheiros. Atrás dele, a infantaria às ordens de Cratero também movimentou–se para retomar a sua marcha.
Cavalgaram a noite inteira e só pararam para descansar mais ou menos na hora do terceiro turno de guarda, antes do sol raiar. Esgotado pelos acontecimentos dos últimos dias e pelas recentes e cansativas vigílias noturnas, Alexandre adormeceu profundamente. O ar sutil do planalto, a leve brisa que soprava do oriente e o bosque de bordos e plátanos que os protegia com sua sombra criavam uma sensação de paz e de profunda tranqüilidade. Os cavalos pastavam soltos perto de um regato de águas claras, cercado de moitas de salgueiros e cornisos, e Bucéfalo também troteava solto ao lado de Péritas que lhe mordiscava impunemente os poderosos jarretes. Nada deixava transparecer os acontecimentos violentos que estavam para acontecer.

Uma das patrulhas de vigia afastou–se um pouco para ocidente, na direção da estrada do rei, para certificar–se de que nenhuma surpresa esperaria por eles daquele lado e os batedores ficaram pasmos ao ver uma longa coluna avançando, precedida pelos estandartes vermelhos com a estrela argeade: o exército de Parmênio!
Alcançaram–nos a galope e gritaram logo para serem reconhecidos:
– Sou Eutidemo, comandante da oitava companhia do terceiro esquadrão dos éteros – disse o chefe da patrulha ao oficial que liderava a coluna em marcha.
– Leve–me até o general Parmênio.
– O general Parmênio está lá embaixo, com a retaguarda, pois sofremos alguns ataques por parte da cavalaria meda no planalto. Vou mandar chamar o general Cleito.
O Negro chegou correndo depois de alguns instantes: o sol do planalto bronzeara–lhe ainda mais o rosto, tanto que quase parecia um etíope.
– O que houve, patrulheiro? – perguntou. – Onde estão acampados?
– A menos de vinte estádios daqui, general. Conseguimos forçar a passagem das Portas Pérsicas. O rei e seus homens estão descansando, pois nas últimas duas noites não pregaram os olhos, mas logo que o sol aparecer no horizonte estaremos prontos para partir rumo a Persépolis. Vocês podem manter o passo, nós precisamos estar lá quanto antes: acho que o rei explicará tudo quando chegar a hora.
– Está bem – replicou o Negro. – Mande as minhas saudações ao rei e digalhe que não tivemos nenhuma dificuldade mais séria. Eu mesmo informarei o general Parmênio. O seu filho Filotas, está bem?
– Está muito bem. Participou da batalha no desfiladeiro sem sofrer um único arranhão. Virou o cavalo e voltou atrás com os seus homens. Encontrou o contingente pronto para seguir Alexandre, que montava Bucéfalo e já estava a ponto de dar o sinal da partida. O sol que aparecia naquele momento pintava de rosa os cumes das montanhas do Elam que sobressaíam em contraste com o verde–escuro dos bosques subjacentes e com o amarelo dos campos cultivados que se espalhavam a perder de vista pelo planalto.
Ao longo dos caminhos passavam filas de camelos com sua carga, lavradores montados em seus burros que iam ao mercado rebocando charretes apinhadas com todo tipo de modestas mercadorias, mulheres trajando roupas coloridas que iam buscar água no regato enquanto

outras vinham voltando com os jarros cheios e gotejantes apoiados na cabeça. Parecia um dia como qualquer outro, mas na verdade o maior e mais poderoso império do mundo estava para ser mortalmente ferido.
O clarim tocou e os esquadrões passaram a trotear ao longo da trilha, levantando uma densa nuvem de poeira. À medida que avançavam, o aspecto dos lugares mudava profundamente: não só nas características do terreno, cada vez mais bonito e verdejante, com parques umbrosos, hortas e jardins, mas sim no comportamento das pessoas. Diante das tropas que seguiam em frente a cavalo, as portas se fechavam, as ruas se esvaziavam, as praças dos mercados ficavam repentinamente desertas: já devia ser do conhecimento geral que o conquistador Yauna sobre o qual se contavam lendas aterradoras estava chegando.
De repente, lá pelo meio–dia, um espetáculo estranho e perturbador apareceu diante dos olhos do rei que cavalgava à frente do exército ladeado por Heféstion e Ptolomeu: um grupo de pessoas vinha ao encontro deles na estrada, uma esquisita turma de miseráveis de passo claudicante e roupas esfarrapadas que agitavam as mãos ou os cotos – os que não tinham mãos – como se quisessem chamar–lhes a atenção.
– Quem são eles? – perguntou o rei a Eumênio, que vinha logo atrás. O secretário chegou perto e olhou com atenção.
– Não faço idéia, mas logo vamos saber.
Desmontou do cavalo e aproximou–se a pé do grupo de infelizes que, mais de perto, mostrou ser muito mais numeroso do que parecera à primeira vista.
Alexandre também desmontou e chegou–se a eles a pé, mas, à medida que se aproximava, sentia–se cada vez mais tomado por uma estranha inquietação, por uma angústia sombria. Ao chegar mais perto pôde ouvir que já estavam falando com Eumênio: em grego!
Abriu caminho e percebeu que todos aqueles coitados haviam sofrido horrendas mutilações, a alguns haviam sido cortadas ambas as mãos, a outros uma ou ambas as pernas, e, além das mutilações, alguns outros tinham espalhadas pelo corpo grandes cicatrizes, típicas de quem é atingido por algum líquido escaldante.
– Azeite – explicou um pobre coitado ao perceber o olhar de Alexandre sobre a sua triste figura torta e desfigurada.
– Quem é você? – perguntou o rei.
– Eratóstenes de Metona, hegemón, terceira sissitia, oitavo batalhão,

espartano.
– Espartano? Qual é sua idade?
– Estou com cinqüenta e oito anos, hegemón; fui feito prisioneiro pelos persas durante a segunda campanha do rei Agesilau, quando tinha apenas vinte e sete anos. Cortaram–me um pé, pois sabiam que um guerreiro espartano jamais aceita o cativeiro: prefere a morte, antes disto.
Eumênio sacudiu a cabeça.
– Os tempos mudaram, meu bom amigo.
– Mesmo assim tentei me matar e o meu amo jogou em cima de mim azeite escaldante. Resolvi então aceitar a minha amarga condição, mas quando ouvi que Alexandre ia chegar...
– Combinamos às escondidas que viríamos ao seu encontro – interveio outro mostrando os dois braços cortados logo abaixo do cotovelo.
– Por que o mutilaram assim? – perguntou o rei com a voz trêmula de ira e comoção.
– Servia na marinha ateniense durante a guerra dos sátrapas, estava a bordo da Krysea como remador, uma trirreme linda, novinha em folha. Caímos em uma emboscada e me aprisionaram, disseram que deste jeito nunca mais ia remar um navio ateniense.
Alexandre viu outro que tinha as órbitas vazias e ressecadas como as de uma caveira.
– O que fizeram com você? – perguntou.
– Cortaram–me as pálpebras, lambuzaram os meus olhos com mel e depois acorrentaram– me no chão, de bruços, perto de um formigueiro. Eu também servia na marinha
ateniense. Queriam saber onde estava escondido o resto da frota, mas eu não quis dizer e...
Outros e mais outros se adiantavam, mostrando as suas mutilações, as suas misérias, os crânios nus e as mãos carcomidas pela sarna.
– Hegemón – repetiu o espartano – , diga–nos onde está Alexandre para que possamos lhe prestar a merecida homenagem e lhe agradecer por ter nos libertado. Aqui, todos nós somos o testemunho do preço pago pelos gregos ao longo dos anos na luta contra os bárbaros.
– Eu sou Alexandre – respondeu o rei, pálido de cólera – e estou aqui para vingá–los.



CAPÍTULO 22

Virou–se para trás e chamou os companheiros gritando: – Ptolomeu! Heféstion! Perdicas!
– Às ordens, rei!
– Cerquem o palácio real, o tesouro e o harém, e que ninguém ouse chegar perto deles.
– Será feito, rei – responderam, e saíram a galope à frente das suas unidades.
– Leonato, Lisímaco, Filotas, Seleuco!
– Às ordens, rei!
Alexandre indicou a majestosa cidade que aparecia diante deles em uma colina, cintilante de ouro, bronze e esmaltes sob os raios do sol.
– Levem o exército para lá. Persépolis é deles, os soldados podem fazer o que bem quiserem com ela!
Virou a cabeça para os éteros que aguardavam imóveis nos seus cavalos:
– Ouviram o que acabo de dizer? Persépolis pertence a vocês! O que estão esperando para tomá–la?
Ouviu–se um grito e os esquadrões de cavalaria lançaram–se a galope para a capital que naquele momento se dispunha a abrir–lhes as portas. Atropelaram o grupo de delegados que Abulites enviara para recebê–los e irromperam. na maior e mais rica cidade do mundo com a fúria de uma manada de touros selvagens.
Eumênio não se mexeu e olhou, pasmo, para Alexandre, – Mas não pode dar uma ordem dessas, deuses do céu, não é possível.
Chame–os, chame–os de volta enquanto houver tempo. Calístenes também aproximou–se.
– Claro que ele pode, e infelizmente já o fez.
Os coitados dos gregos que tinham vindo ao seu encontro afastaram–se aturdidos, como se percebessem incrédulos que haviam involuntariamente provocado aquele imenso
desastre. O rei deu–se conta do confuso desânimo deles e acenou para Eumênio.
– Diga–lhes que cada um receberá três mil dracmas de prata, e mais um

salvo–conduto para quem quiser voltar à pátria e reabraçar a família. Se, preferirem ficar, receberão uma casa, criados, terras e gado com fartura. Cuide disto.
O secretário transmitiu a mensagem, mas era difícil concentrar–se no assunto, pois enquanto falava já chegavam até ele os ruídos do assalto e os gritos desesperados do povo à mercê da soldadesca. Enquanto isto chegaram as unidades da infantaria, e os homens também correram para as portas da cidade com receio de chegar tarde demais para o saque. Alguns mensageiros também alcançaram o exército de Parmênio, nesta altura a poucos estádios de distância, e avisaram que o rei deixara a capital à mercê dos soldados. A disciplina desapareceu na mesma hora. Todos os homens abandonaram as fileiras e saíram em massa rumo a Persépolis, onde se podiam ver em alguns lugares as primeiras labaredas e colunas de fumaça.
Parmênio esporeou o cavalo a toda velocidade, acompanhado pelo Negro e por Nearcos, e aproximou–se de Alexandre que, na garupa de Bucéfalo, contemplava aquela carnificina do topo de uma colina, imóvel como um monumento. O velho general pulou ao chão e chegou–se a ele com uma expressão aflita no rosto.
– Por que, senhor? Por que arrasa o que já é seu?
Alexandre nem olhou para ele, mas Parmênio viu trevas de morte e de destruição obscurecendo o seu olho esquerdo. Calístenes também observou–o e, com a certeza de não ser ouvido, murmurou:
– Não pergunte mais nada, general, eu poderia jurar que neste mesmo instante a sua mãe Olympias está cumprindo algum ritual sanguinário em um local secreto qualquer, e que está possuindo completamente a sua alma. Oh, se pelo menos Aristóteles estivesse aqui para dissolver este pesadelo!
Parmênio sacudiu a cabeça, olhou para Cleito e Nearcos com uma expressão angustiada, montou novamente o cavalo e foi embora.
O rei só voltou a se mexer perto do entardecer, como se despertasse de um longo sono, e conduziu Bucéfalo através das portas da cidade. Um dos lugares mais bonitos e aprazíveis do mundo, a mais sublime manifestação de harmonia universal segundo a ideologia Aquemênida, estava inteiramente entregue à fúria de um bando de selvagens bêbados.
Os agrianos violentavam meninos e meninas arrancando–os dos próprios braços dos pais, os trácios circulavam cheios de vinho e sujos

de sangue, mostrando como troféus as cabeças cortadas dos soldados persas que haviam tentado resistir. E os macedônios, os
tessálios e até mesmo os próprios aliados gregos não ficavam atrás. Corriam como loucos, carregados de despojos, de taças cravejadas com pedras preciosas, de maravilhosos candelabros, dos mais finos tecidos, de armaduras de ouro e de prata. Às vezes encontravam companheiros que ainda não haviam conseguido encontrar coisa alguma, e se engalfinhavam até degolarem uns aos outros na rua, sem o menor constrangimento, sem qualquer sinal de humanidade.
Outras vezes, ao verem que algum deles se havia apossado de mulheres particularmente bonitas, procuravam obtê–las com as armas e, quando conseguiam, violentavam–nas um depois do outro naquele mesmo chão ainda encharcado do sangue dos seus parentes.
O rei avançava no meio de todos aqueles berros e daquele sangue, de todos aqueles horrores, mas do seu rosto não transparecia emoção alguma, como se estivesse esculpido no frio mármore de Lisipo. Os seus ouvidos pareciam não ouvir os gritos aflitos das crianças de colo arrancadas das mães, das mulheres que invocavam o nome dos filhos e das filhas, que choravam sobre o corpo dos maridos chacinados sem misericórdia diante das portas das suas casas. Só parecia ouvir o lento patear de Bucéfalo sobre as pedras da rua.
Mantinha os olhos fixos diante de si, olhava para o imenso palácio real, a divina apadana cercada por maravilhosos jardins, por altivos ciprestes, prateados choupos, plátanos avermelhados pelos últimos raios do sol poente. Olhava para os imensos pátios dos quais se aproximava, com suas galerias de colunas gigantescas, com os touros alados, os grifos, as imagens dos Grandes Reis que haviam construído e decorado aquela maravilha. E agora ele, o pequeno yauna, senhor de um pequeno reino de camponeses e pastores que já fora vassalo, chegara a trespassar o coração do gigante e o mantinha, agonizante, aos seus pés.
Subiu a cavalo a ampla escadaria e viu representados, de ambos os lados, os cortejos dos reis e dos chefes vassalos que traziam os seus presentes na festa do ano–novo. Medas e cisseus, jônios, indianos e etíopes, assírios e babilônios, egípcios, líbios, fenícios e bactrianos, gedros e carmanos: dúzias e mais dúzias de nações que avançavam com passo solene, comedido, para o dossel de ouro que encimava o trono de Dario, o Rei, o Grande Rei, o Rei dos Reis, Luz dos Arianos e Senhor dos

Quatro Cantos da Terra.
E ali estava o trono. Bem diante dele. De cedro perfumado e marfim, cravejado de pedras preciosas, apoiado em dois grifos de olhos de rubi. Atrás, na parede, o rei Dario era representado, gigantesco, no esplendor do seu traje cerimonial, enquanto lutava contra um monstro alado, a personificação de Arimã, o gênio do mal e das trevas.
A imensa sala estava vazia e silenciosa, mas do lado de fora um oceano de dor chegava
a fustigar com suas vagas cruentas até aquele paraíso. Os valentes e fiéis soldados de Filipe haviam se transformado em uma matilha de lobos famintos que disputavam nas ruas as migalhas dos despojos, gritando qualquer obscenidade com suas bocas fedorentas, ateando fogo aos jardins e aos palácios, arrasando os santuários de Ahura Mazda, deus da altaneira Persépolis.
Alexandre desmontou do cavalo, avançou até o trono, subiu os degraus e sentou nele, apoiando as mãos nos braços de mármore polido. Mas, quando já ia se encostando no espaldar com uma espécie de surdo estertor, percebeu a presença de vultos indistintos no vão da porta, ouviu o barulho de pés se arrastando.
– Quem está aí? – perguntou sem se mexer.
– Somos nós, rei! – disse uma voz. Era um dos escravos gregos que haviam ido ao seu encontro no caminho para Persépolis.
– O que querem?
O homem não respondeu, mas abriu caminho para deixar passarem dois companheiros que seguravam um pobre velho macilento.
– O nome dele é Leócares – explicou o homem que abrira caminho – É um dos "dez mil" de Xenofonte, o último sobrevivente, acredito e passou setenta e dois na escravidão e está com quase noventa anos.
Alexandre mal conseguiu conter a comoção.
– O que quer, velho? – perguntou. – O que posso fazer para um herói dos "dez mil"? O homem ciciou alguma coisa que Alexandre não pôde ouvir.
– Não quer coisa alguma. Diz que todos os gregos que morreram antes deste dia perderam a maior felicidade, a de vê–lo sentado nesse trono. Diz que agora pode morrer satisfeito.
O velho não conseguia falar devido à emoção e às lágrimas que escorriam pelas suas faces descarnadas, mas a expressão do seu rosto

valia mais de mil palavras.
Alexandre fez um sinal com a cabeça e ficou olhando para ele, quase incrédulo, enquanto se afastava arrastando os pés, apoiado em seus companheiros. Aí o rei desceu do trono e voltou para Bucéfalo que esperava por ele no pátio. Ao segurá–lo pelas rédeas, entretanto, viu como em uma imagem de sonho um guerreiro persa ricamente vestido em seu uniforme de gala dos Imortais, na garupa de um alazão arreado com peças douradas, que parecia fitálo.
Alexandre levou a mão à empunhadura da espada, mas não se mexeu, naquele mesmo instante o céu sombrio cegou a terra com um clarão ofuscante e fez estremecer o palácio inteiro com o fragor do trovão.
Reconheceu–o com um sobressalto de consciência: era o guerreiro que em um longínquo dia do passado o salvara das garras do leão e que ele salvara de morte certa no campo de Isso.
O Imortal fez com que o cavalo desse alguns passos, cuspiu no chão bem na frente dele e aí virou–se, esporeou e saiu a galope pelo grande pátio deserto.

CAPÍTULO 23

Foi fundada por Dario I, o Grande, no coração da Pérsida, para ser a mais fulgente capital de todos os tempos, durante quinze anos, trabalharam nela cinqüenta mil pessoas de trinta e cinco nacionalidades diferentes. Bosques inteiros foram cortados no monte Líbano para o madeirame dos tetos e das portas, pedras e mármores brancos e coloridos chegaram das mais variadas regiões do império, o mais precioso lápis lazúli foi arrancado das entranhas da terra bactriaria, mandaram vir ouro na garupa dos camelos da Núbia e da Índia, pedras preciosas do Paropâmiso e dos desertos da Gedrósia, prata da Ibéria e cobre de Chipre.

Milhares de escultores sírios, gregos, egípcios esculpiram as imagens que adornam agora as paredes e as portas do palácio e os ourives acrescentaram o revestimento, as placas de prata, os adornos de ouro e de pedras semipreciosas.

Os mais habilidosos tecelões cuidaram dos tapetes, das cortinas e das tapeçarias que viu no pavimento e nas paredes. Pintores persas e indianos deram o sopro vital aos afrescos que enfeitam os rebocos. Conforme as intenções do Grande Rei, este lugar devia acolher na mais perfeita harmonia todas as expressões de civilização e cultura que compõem este imenso império.

Calístenes parou e ficou olhando para a grandiosa capital em agonia, para os pairidaeza onde ardiam como tochas plantas extremamente raras que haviam sido buscadas em remotas províncias, para os palácios e os pórticos, para as colunas das galerias enegrecidas pela fumaça dos incêndios. Podia ver as ruas percorridas por soldados ébrios de chacina, de estupro, de imoderado excesso, os chafarizes cheios de cadáveres que continuavam a difundir seu triste murmúrio, manchadas de sangue. Olhava para as estátuas quebradas, as colunas derrubadas, os santuários profanados. Virou–se para Eumênio e viu nos seus olhos a mesma expressão horrorizada e confusa.

– Este palácio sublime – continuou no mesmo tom de voz – foi chamado de "paço do ano bom" porque o Grande Rei vinha para de festejar o

primeiro dia do ano, a manhã do
solstício de verão, para receber na testa o primeiro raio de límpida luz que jorrava do oriente para iluminar os seus olhos que o refletiam um novo sol.
– As orações dos sacerdotes subiam ao céu durante a noite toda, até a manhã seguinte, melodiosas e insistentes, a invocar a luz sobre o Grande Rei, sobre aquele que era o símbolo vivo de Ahura Mazda na terra. Aqui, tudo é símbolo, a cidade inteira, assim como são símbolos todas as imagens e os baixosrelevos que se vêem neste palácio."
– Estamos queimando um... símbolo – gaguejou Eumênio.
– Muito mais do que isso. A cidade foi planejada no dia seguinte a um eclipse total de sol que aconteceu há setenta anos e seis meses: devia ser o monumento à fé deste povo, a fé segundo a qual o mundo nunca deverá ser dominado pelas trevas. Pois, com efeito, olhe; por toda parte vê o leão que afunda seus dentes no touro, isto é, a luz que derrota as trevas, a luz do seu deus supremo, Ahura Mazda, que aqueles viam personificado no seu rei. Naquela hora, quando o palácio ainda estava mergulhado na sombra, centenas de delegações esperavam em religioso silêncio até a luz se espalhar pelas salas de púrpura e ouro, pelos grandes pátios. Começava então o fastuoso cortejo do qual falam Ctésias e outros autores gregos e bárbaros que tiveram a felicidade de estar presentes, do qual falam os baixos–relevos que enfeitam os corredores e as escadarias.
– E olhe só agora: este povo assiste à mais execrável das abominações, ao último e mais atroz dos sacrilégios: o fogo, que para eles é sagrado, queima a capital que foi criada para homenagear o fogo eterno e queima até os seus cadáveres.
– Mas não pode esquecer que eles mesmos, no passado, mancharam–se de todo tipo de atrocidade – respondeu Eumênio. – Viu aqueles pobres coitados, soube dos tormentos aos quais foram submetidos... Aqueles que construíram esta maravilha, os grandes reis Dario e Xerxes, foram os mesmos que invadiram a nossa terra cometendo os mais cruéis desvarios, que decapitaram e crucificaram o corpo torturado do rei Leônidas nas Termótpilas que queimaram os templos dos nossos deuses depois de tê–los conspurcado de toda forma possível...
– É verdade, mas sabe por quê? Olhe – disse–lhe indicando uma inscrição ao longo de uma parede. – Sabe o que esta inscrição significa?

Ela diz: "Queimei os templos dos daiwa", Os templos dos demônios. Aí está a explicação: para eles os nossos deuses eram manifestações dos demônios que o seu deus mau, Arimã, soltou no universo para levá–lo ao desastre. No seu entender, aquele foi um ato de piedade. Todos os povos da terra identificam o mal com os outros, com os povos estrangeiros e os seus deuses e, infelizmente, creio que para isto não haja remédio. Foi por este motivo que destruíram as obras mais belas da nossa civilização. E é por isto que nós destruímos agora as obras
mais belas da deles.
Calaram–se porque já não tinham coisa alguma a dizer, e o seu silêncio encheu–se do pranto e das lamentações da cidade moribunda.
A rainha–mãe soube da devastação de Persépolis três dias depois, por um cavaleiro dos Imortais que atravessará os passos cobertos de neve sem nunca parar. Foi dominada pelo pranto logo que ouviu os detalhes da carnificina, o massacre da cidade, inerme, a destruição de obras de sublime beleza.
O guerreiro prostrou–se diante da soberana, soluçando:
– Grande Mãe – disse –, ordene que me matem pois mereço morrer. Eu conheço o pequeno demônio yauna e sou o culpado de tudo. Quem o salvou muitos anos atrás durante uma caçada ao leão fui eu, e, quando no campo de Isso ele por sua vez me salvou deixando–me livre, não compreendi que esta é a maneira com a qual os demônios disfarçam a sua natureza feroz. Em vez de cravar–lhe o punhal na garganta, eu lhe agradeci, mostrei–lhe a minha gratidão. E agora pode ver as conseqüências. Ordene que me matem, Grande Mãe, e talvez a minha morte acalme a ira dos deuses induzindo–os a ficar do nosso lado e a nos livrar das trevas da humilhação e da derrota.
A rainha estava sentada imóvel em seu, trono com as faces molhadas de lágrimas. Fitou– o com um olhar cheio de compaixão e disse:
– Levante–se, meu fiel amigo. Levante–se e não lastime a sua generosidade e a sua coragem. Era fatal que aquilo que aconteceu fosse acontecer. Quando Ciro tomou a cidade de Sardes e a incendiou, o que acha que os lídios pensaram em sua aflita miséria? E o que acha que pensaram os babilônios quando desviou o Eufrates e apossou–se da capital acorrentando o seu rei. Nós também incendiamos, chacinamos, já reprimimos com o sangue muitas revoltas, queimamos templos e santuários. No Egito, o rei Cambises matou o touro Apis, cometendo

aos olhos daquela nação o mais atroz dos sacrilégios. O rei Xerxes transformou em fogueira os templos na acrópole de Atenas e arrasou a cidade: um povo inteiro abandonou chorando as suas casas para refugiar–se em uma pequena ilha e, de lá, viu as labaredas do incêndio iluminando o céu noturno. Foi o que aprendi escutando aqueles que guardavam os livros da nossa história.

– Agora é a nossa vez de termos o mesmo destino, é a vez das nossas maravilhosas cidades, dos nossos santuários, e nem se trata de maldade por parte de Alexandre. Conheço–o, conheço os seus sentimentos e sei até que ponto pode ser terno e gentil, e, se eu estivesse lá, confio plenamente que iria conseguir a sua clemência e fazer triunfar nele a luz de Ahura Mazda sobre as trevas de Arimã. Já olhou em seus olhos,?"

– Já, minha senhora, e fiquei com medo.

A rainha–mãe calou–se por alguns instantes chorando em silêncio, depois levantou de novo a cabeça e perguntou:

– Para onde irá, agora?

– Para o norte, para Ecbátana, para lutar e eventualmente morrer, se for necessário, com Dario. Mas dê–me a sua bênção, Grande Mãe: me aquecerá no frio e na neve, me ajudará a suportar a fome, a sede, as privações e a dor.

Ficou de joelhos, os olhos fixos no chão. A rainha–mãe levantou a mão trêmula e apoiou–a na sua cabeça:

– Eu te abençôo, meu bom rapaz. Diga ao meu desafortunado filho que rezarei por ele.

– Direi – respondeu o Imortal. Pediu licença para despedir–se e foi embora.



CAPÍTULO 24

Alexandre só visitou o palácio de Dário no dia seguinte. Levantara–se tarde e olhava em volta com uma certa estranheza no olhar, como se acabasse de acordar de um pesadelo. Os companheiros já estavam perfilados ao lado do trono, em trajes de guerra, como se estivessem esperando as suas ordens.

– Cadê Parmênio? – perguntou.

– Fora da cidade, no seu acampamento, junto daqueles que, entre os seus homens, não participaram do saque – respondeu Seleuco.

– E o Negro?

– Ele também. Avisou que não está passando bem e pede desculpas por não estar aqui.

– Abandonam–me – murmurou o rei, sem falar com ninguém em particular.

– Mas nós estamos contigo, Alexandre! – exclamou Heféstion. Seja o que for que decida fazer, para o que der e vier. Não é isto? – perguntou virando–se para os companheiros.

– É isto mesmo – responderam todos.

– Agora chega – disse Alexandre. – Organizem patrulhas de batedores e esquadrinhem com elas a cidade. Todos os soldados, gregos, macedônios, tessálios, trácios e agrianos, sem exceção, terão de sair de Persépolis e voltar aos acampamentos fora das muralhas. Aqui só poderá ficar a Ponta e a minha guarda pessoal.

Os companheiros saíram para mandar cumprir as ordens que acabavam de receber. Alexandre, Eumênio e Calístenes, acompanhados por um intérprete e por um grupo de eunucos ainda apavorados, começaram a visitar o palácio. Passaram da apadana à sala do trono propriamente dita. Era um salão imenso, com mais de duzentos pés de largura e o mesmo comprimento, apoiado sobre cem colunas de madeira de cedro, com as paredes pintadas de ouro e púrpura e com os capitéis e o teto decorados com entalhes e pinturas.

O trono era de madeira com marchetes de marfim e atrás, encostados na parede, havia a sombrinha e os flabelos de plumas de avestruz que,

durante as cerimônias, eram manuseados por serventes em trajes de gala.
Dali passaram diretamente para a sala do tesouro, que foi aberta pelos quatro eunucos que guardavam as chaves. As pesadas portas de bronze rodaram lentamente em cima das dobradiças e a ampla sala descortinou–se diante do novo dono. Não havia janelas nas paredes, em lugar nenhum, e Alexandre só conseguiu ver a porção do interior parcialmente iluminada pela luz que entrava através do vão da porta, mas o que viu deixou–o pasmo. Havia milhares de lingotes de ouro e de prata com a marca do régio selo dos aquemênidas, a figura de Dario I no ato de soltar uma flecha com o seu arco. E a mesma figura aparecia nas moedas que, por isto mesmo, eram chamadas de "dáricos". Havia dúzias e mais dúzias de baldes cheios até não poder mais e muitos outros estavam enfileirados em sólidas prateleiras presas às paredes.
Os eunucos trouxeram lanternas e o brilho de todos aqueles milhares de superfícies lisas ou trabalhadas tremeluziu na penumbra do ambiente, conforme a posição das lamparinas. O rei, Eumênio e Calístenes avançaram pelo corredor que atravessava o meio da sala e o seu encantamento foi aumentando a cada passo.
Não se tratava apenas de metal cunhado e em lingotes, também havia um setor no qual se guardavam os objetos preciosos acumulados ao longo de duzentos anos de conquistas e de dominação sobre um território que ia do Indo ao Istros. Havia uma quantidade inacreditável de jóias, cestas cheias de pedras preciosas de todas as cores e formatos, de pérolas brancas e negras; havia braçadeiras e colares, candelabros, estátuas e imagens votivas provenientes de antigos santuários, e também havia armas, maravilhosas e dos mais variados feitios, tanto de combate quanto de parada. Couraças, lanças e espadas, elmos enfeitados com os mais impressionantes penachos, punhais damasquinados de lâminas retas, curvas ou em forma de serpente, escudos de bronze prateado ou dourado ou de madeira pintada e marchetada com ornatos de prata e marfim, caneleiras e cinturões, cintos para a espada de malha de ouro com a fivela cravejada de lápis–lazúli e coral, lajotas esmaltadas de ouro e de prata, máscaras de ébano e marfim, colares e peitorais indianos, assírios, egípcios, todos de ouro e esmalte. E mais coroas e diademas que haviam cingido a fronte de faraós egípcios, de tiranos gregos, de chefes citas, de marajás indianos, cetros e bastões de comando de ébano,

marfim, ouro, bronze, prata e âmbar, todos soberbamente trabalhados.
E tecidos: linho egípcio, bisso siríaco, lã jônica, púrpura fenícia, e mais fazendas de incrível esplendor, refletindo o brilho sedoso das mais variadas cores.
Vinham de um país extremamente longínquo, explicaram, para além dos desertos centrais e do Paropâmiso. E também havia peças de um outro tipo de fazenda originária da índia, tão fresca quanto o linho e igualmente fácil de se tingir, mas muito mais leve.
– Com ela no corpo – disse o eunuco – é como não vestir coisa alguma.
– À medida que avançavam, o eunuco que segurava a lista do inventário recitava com voz monótona: – Doze sacos de um talento de dáricos de ouro cunhados pela majestade de Dario I, vinte talentos de lingotes de prata com o selo da majestade do rei Xerxes, couraça de tartaruga marchetada com marfim e coral que pertenceu ao marajá de Táxila, sabre cerimonial do rei dos citas Kurban H...
Alexandre percebeu que iria levar um mês inteiro para ouvir a descrição de todas aquelas maravilhas, mas não conseguia tirar os olhos daquele contínuo tremeluzir, daquele faiscar ofuscante, daquelas formas e daqueles objetos deslumbrantes.
– Quanto temos aqui, ao todo, entre moedas e lingotes? – Eumênio perguntou de repente. O eunuco olhou primeiro para Alexandre, como se esperasse a sua permissão para dar a resposta e, logo que recebeu um sinal de assentimento, disse com voz inexpressiva:
– Cento e vinte mil talentos. Eumênio ficou branco.
– Disse... Cento e vinte mil?
– Exatamente – disse o eunuco, impassível.
Saíram aturdidos pela visão do maior conglomerado de objetos preciosos existente no mundo inteiro e Eumênio continuava a repetir:
– Deuses do Olimpo, nem dá para acreditar. E pensar que há pouco mais de três anos não tínhamos dinheiro nem para comprar o feno para os cavalos e o trigo para os rapazes...
– Mande distribuir dez minas a cada um deles – ordenou Alexandre.
– Dez minas? A cada um dos soldados?
– Foi o que eu disse. Eles mereceram. Dará também um talento aos oficiais, cinco aos comandantes das grandes unidades de cavalaria e de infantaria, e dez aos generais. Me informe em seguida o custo total.
– Vai ser o exército mais rico do mundo – resmungou o secretário – mas

não sei se continuará sendo também o mais valoroso. Acha realmente que é uma boa idéia?
– Acho. Além do mais porque terão muito pouco tempo para gastar esse dinheiro todo.
– Por quê? Vamos partir de novo?
– Quanto antes.
Mas, longe disso, ficaram por ali vários meses. Os arquivos e a chancelaria imperial
ficavam em Persépolis, e Eumênio fez Alexandre entender que, antes de seguir em frente, era preciso consolidar as recentes conquistas, organizar o sistema de estradas e comunicações vitais para o abastecimento, dar aos sátrapas e aos governadores de todas as províncias até então subjugadas as instruções de governo, de relacionamento com a Macedônia e com o regente Antípatro.
Também procurou documentos que pudessem provar a responsabilidade do trono persa no assassinato do rei Filipe ou evidências de eventuais contatos com o príncipe Amintas de Lincéstide que, envolvido numa acusação de conluio com Dario quando o exército ainda estava na Anatólia, continuava a ser mantido sob vigilância por ordem do rei. O arquivo inteiro, no entanto, era redigido em caracteres cuneiformes e o trabalho dos poucos tradutores disponíveis iria levar anos antes de chegar a um exame completo e exaustivo.
Enquanto isto, como Eumênio previra, o ócio e a grande disponibilidade de dinheiro iam mudando radicalmente o comportamento dos soldados e até mesmo dos seus companheiros que agora moravam, como ele mesmo, aliás, nos mais luxuosos palácios da cidade, limpos e restaurados, e viviam agora como reis.
Alexandre continuava a convidá–los para passeios a cavalo e até organizava jogos de bola para mantê–los em forma. Os amigos compareciam a contragosto, só para contentá– lo, mas ainda assim, depois que o jogo começava, reencontravam a diversão simples de quando eram meninos.
Nesses dias os pórticos do palácio ressoavam com os gritos e as risadas que no passado haviam animado os jardins do paço, em Pela.
– Jogue a bola, jogue–a para mim, por Hércules! – gritava Alexandre.
– Joguei–a para você agora mesmo, ora essa, e você a deixou escapar! – respondia

Ptolomeu gritando ainda mais alto.
– Jogue logo, em lugar dessa conversa fiada... Parece que está dormindo! – berrava
Leonato.
O primeiro a pedir arrego era sempre Eumênio, que não tivera nem formação nem treinamento de guerreiro.
– Agora chega, rapazes, já estou com o coração na boca!
– Coração uma ova! você tem o livro das contas no lugar do coração! – retrucava Cratero, que era o mais habilidoso e veloz.
De qualquer forma, tratava–se de momentos cada vez mais raros. Quando a brincadeira acabava, a sombra do poder e da riqueza descia novamente sobre eles.
Certo dia Eumênio achou por bem falar com Alexandre em particular e foi procurá–lo em
seus aposentos no palácio imperial.
– A coisa está ficando cada vez pior – começou.
– Como assim?
– Quero dizer que não dá mais para reconhecê–los. Ptolomeu manda buscar garotas em Chipre e até na Arábia, Leonato só quer exercitar–se na luta se houver a mais fina areia da Líbia e faz com que ela chegue transportada por caravanas que vêm do Egito, Lisímaco mandou fundir um urinol de ouro maciço cravejado de pedras preciosas. Um urinol, um penico, está entendendo? Seleuco tem uma escrava para atar suas sandálias, outra para penteá–lo, outra que o perfuma, mais outra que... mas deixe para lá. Quanto a Perdicas;...
– Até Perdicas? – perguntou Alexandre, incrédulo.
– Sim, até ele. Mandou colocar lençóis de púrpura na sua cama. E também há Filotas:
sempre foi um tanto arrogante e presumido, mas agora ficou muito pior. Andam dizendo por aí que ele...
Mas o rei interrompeu–o.
– Chega! – gritou. – Nem mais uma palavra! Mande buscar um arauto, rápido!
– O que pretende fazer?
– Não me ouviu? Eu mandei buscar um arauto!
Eumênio saiu e logo em seguida voltou com um estafeta.
– Irá imediatamente – intimou o rei – até as casas de Ptolomeu, Perdicas,

Cratero, Leonato, Lisímaco, Heféstion, Seleuco e Filotas e dirá a cada um deles que se apresente imediatamente a mim.
O mensageiro saiu apressado, pulou em um cavalo e transmitiu a mensagem aos destinatários. Quando não os encontrava em casa, dava: o recado aos criados sem deixar de comunicar também o estado de humor do rei, razão pela qual eles saíam logo correndo à cata dos amos.
– Deve ser mais um joguinho – tentou adivinhar Leonato enquanto subia as escadas com
Perdicas.
– Duvido muito. Já viu usar um estafeta da cavalaria de ataque para convidar alguém para jogar bola?
– Talvez estejamos novamente de partida para a guerra – interveio Lisímaco que acabava de chegar.
– A guerra? Que guerra? – perguntou Seleuco juntando–se a eles, ofegante.
Eumênio recebeu–os no vestíbulo com uma expressão de esfinge e limitouse a dizer:
– Está naquela sala.
– E você não vem? – perguntou Ptolomeu.
– Eu? Eu nada tenho a ver com isto. – Aí abriu a porta, mandou–os entrar, fechou–a atrás deles e encostou logo o ouvido para escutar.
Alexandre começou a gritar tão alto que ele teve de se afastar um pouco da fechadura.
– Lençóis de púrpura! – berrava. – Urinóis de ouro maciço! Areia do Egito só para treinar! Porque aqui não há areia, não é? Ou será que ela não é bastante fina para a sua bundinha delicada? – escarneceu aproximando–se de Leonato. – Desmiolados! É isto que se tornaram, um bando de desmiolados! Estão pensando que lhes trouxe até aqui para vê–los reduzidos a isto?
Ptolomeu procurou acalmá–lo:
– Ora, Alexandre, escute...
– Calado! Logo você que traz putas de Chipre e da Arábia! Eu os trouxe até aqui para mudarmos o mundo, não para se tornarem uns bundas–moles cercados de luxo. Será que enfrentamos esta guerra para assimilar os hábitos daqueles que derrotamos? Foi por isto que marchamos, padecemos no calor e no frio, quase morremos de fome e de sofrimento? Para nos tornarmos iguais aos que acabamos de subjugar?

Será que não entendem que foi por isto mesmo que os persas perderam? Porque viviam como vocês estão vivendo agora?
– Mas então por que... – começou Perdicas, a ponto de dizer: "por que deixa em seus cargos todos os governadores persas?", mas o rei cortou a sua frase no meio:
– Silêncio! A partir de amanhã, todos no acampamento voltarão às tendas como antigamente. Cada um escovará pessoalmente o próprio cavalo e polirá a própria armadura. E depois de amanhã partirão todos comigo para uma caçada ao leão nas montanhas, e, se acabarem nas suas garras é porque as suas bundas estavam pesadas demais, não mexerei um dedo. Estou sendo claro?
– Muito claro, rei! – todos gritaram.
– Então todos para fora!
E todos se apressaram porta afora, desaparecendo nas escadarias. Ao mesmo tempo chegou o estafeta dizendo que não houvera jeito de encontrar Filotas e que na certa iria aparecer logo mais. Eumênio assentiu e dispôs–se a ir embora com os demais quando Alexandre o chamou.
– Aqui estou – respondeu entrando.
– Não vi Filotas – observou sem delongas o rei.
– Não foi encontrado. Quer que mande procurá–lo de novo?
– Não, não será necessário. Acho que a minha gritaria chegará de qualquer forma aos
seus ouvidos. E você? – Perguntou então. – O que está fazendo com todo o ouro que recebeu?
– Vivo muito bem, mas sem exageros. O resto eu guardo para a velhice.
– Muito certo – aprovou Alexandre. – Nunca se sabe. Se algum dia eu precisar de um empréstimo, já sei a quem recorrer.
– Posso ir?
– Sim, claro. , Eumênio já ia saindo. – Mais uma coisa.
– O que foi?
– A ordem, obviamente, vale para você também.
– Que ordem?
– A de dormir no acampamento, na tenda.
– Obviamente – replicou Eumênio. E saiu.
Alguns dias depois Alexandre convocou–o para dizer que, quando retomassem o caminho para o norte tencionava transferir todo o tesouro

de Persépolis para Ecbátana. Eumênio ficou bastante surpreso pois esta decisão parecia–lhe completamente inútil e insensata, além de extremamente dispendiosa.
Tentou expressar a sua opinião, mas já dava para ver que a decisão do rei era irrevogável.
Somente para essa operação que – durou mais de dois meses – foi necessário aprontar um comboio com cinco mil parelhas de mulas e dez mil camelos, pois o uso dos carros iria ser praticamente impossível nas trilhas das montanhas da Média.
Eumênio não conseguia entender os motivos daquela decisão que lhe parecia estranha e, além do mais, arriscada, mas toda vez que pedia alguma explicação só recebia de Alexandre respostas vagas, evasivas e nem um pouco satisfatórias. Acabou desistindo de perguntar, mas ficou–lhe no fundo da alma uma espécie de sombrio presságio, como a expectativa de algum acontecimento dramático.



CAPÍTULO 25

Durante algum tempo os companheiros obedeceram às ordens de Alexandre, mas depois Heféstion pediu para voltar ao palácio pois queria estar perto dele e o rei não soube recusar. Depois disto, é claro que tampouco pôde recusar a volta dos outros que, com uma desculpa qualquer, tiveram permissão para retomar a posse de suas residências na cidade, após jurarem solenemente que iriam viver de forma mais simples e frugal. E assim se passou toda a primavera.

A cidade devastada começava a curar seus ferimentos mais graves, mas percebia–se que
nunca mais voltaria a ser o que fora. Enquanto isto, das províncias setentrionais do império ainda independentes, chegava a notícia de que Dario estava juntando mais um exército e se preparava para resistir nas montanhas do Cáucaso, perto do mar Cáspio, e Alexandre decidiu que estava na hora de partir. Para comemorar dignamente aquele período de repouso, mandou preparar uma festa e um banquete que ficariam na memória de todos.

Todas as salas do imenso palácio ficaram claras como à luz do dia graças a centenas de lanternas, os cozinheiros reais puseram mãos à obra no preparo das mais delicadas e requintadas comidas, os eunucos do palácio escolheram os mais bonitos rapazes e as mais lindas moças para servirem o jantar seminus, segundo o costume grego, e no meio da sala do convívio foram colocados grandes jarros de ouro maciço tirados do tesouro imperial que serviriam de crateras para o vinho e as bebidas aromatizadas, conforme as receitas orientais.

Da mesma forma, taças de ouro e de prata das alfaias imperiais foram postas na mesa, e por toda parte foram colocados vasos cheios de rosas e lírios colhidos nos jardins do palácio, os únicos remanescentes na cidade.

A festa começou logo após o entardecer e Eumênio reparou que Heféstion havia sido nomeado "mestre do simpósio" e que, no papel que lhe cabia, decretara que o vinho iria ser servido à maneira trácia: puro.

– Não vai participar da festa? – perguntou–lhe Calístenes, que aparecera

de repente atrás dele.
– Não estou com fome – respondeu Eumênio. – E além do mais preciso cuidar para que tudo saia direito.
– Ou prefere ficar sóbrio para apreciar o espetáculo?
– Que espetáculo?
– Sei lá, mas acredito que haja alguma coisa no ar. Esta festa não faz sentido. É grotesca. Cheguei aqui passando pelo lado ocidental, e pude ver que o palácio cheio de luzes contrasta de forma absurda com a cidade assolada e escura. Estamos aqui há meses e Alexandre não mandou reconstruir uma casa sequer.
– Tampouco impediu que fossem reconstruídas.
– É verdade, mas nada fez para evitar que os nobres e os grandes proprietários fossem embora. Só ficaram os miseráveis, e isto significa que a cidade está fadada a morrer. E com ela – Eumênio levantou a mão como se quisesse afastar de si uma imagem de pesadelo.
– Não diga mais nada.
– Cadê Parmênio? – perguntou Calístenes, mudando aparentemente de assunto.
– Não veio.
– E isto nada significa para você imagino. E o Negro?
– Não o vi.
– Pois é. E aliás não me parece que o seu nome estivesse na lista dos convidados. Mas, por outro lado, olhe só quem está chegando.
Eumênio virou–se e viu avançar pelo corredor Taís, a linda atenienses descalça e usando um traje muito ousado, parecido com aquele com o qual dançara pela primeira vez diante do rei.
– Acho que dormiu com Alexandre – acrescentou Calístenes – e isto não me deixa prever boa coisa.
– A mim tampouco, para dizer a verdade – comentou Eumênio – mas nem sempre um mal leva a coisa pior.
Calístenes não replicou e encaminhou–se rumo à porta dita de Xerxes, chegando aos pórticos posteriores. Dali podia ver na encosta da montanha que dominava o palácio os túmulos, cavados na rocha e iluminados por lamparinas votivas, dos soberanos aquemênidas, entre os quais o ainda inacabado de Dario III. No salão, a gritaria dos convidados tornava–se cada vez mais alta e descontrolada. Em certa altura ouviu–se uma música dominando a confusa zoada, uma música

marcada pelo som dos tambores e dos tímpanos, um ritmo premente que parecia acompanhar uma dança orgíaca. Calístenes levantou os olhos para o céu e murmurou:
– Onde está agora, Aristóteles?
Enquanto isto, Eumênio dera uma olhada para dentro do salão da apadana e percebera que o banquete estava degenerando depressa. Taís, quase nua, dançava vigorosamente acompanhando os seus movimentos com pequenos tímpanos metálicos que usava nos dedos. A cada pirueta, o curto quitão esvoaçava descobrindo suas formas esculturais, mostrando o púbis e as nádegas marmóreas, enquanto os presentes gritavam todo tipo de indecência.
De repente a jovem parou, ficando na ponta dos pés, para logo a seguir agachar–se molemente com os movimentos sensuais de um felino, sempre acompanhada pela música que parecia se moldar às mudanças da sua interpretação. Quando se levantou de novo, empunhou um tirso, como os das mênades, enfeitado com hera e terminado em forma de pinha, e levantando–o acima da cabeça gritou, possessa:
– Komos!
Movia–se entre as colunas como uma mênade entre os troncos de uma floresta e
conclamava os comensais para a dança orgíaca. Alexandre foi o primeiro a responder:
– Komos.
E todos Juntaram–se a ele. Taís segurou com a outra mão uma tocha presa à parede e começou a conduzir a dança paroxísmica através da sala do conselho, dos corredores, dos quartos de dormir dos maravilhosos apartamentos reais, acompanhada pelos convidados, os homens de falos eretos devido à excitação, e as mulheres seminuas ou completamente nuas, induzindo–se reciprocamente à libertinagem com todo tipo de gestos e movimentos sensuais.
– O deus Dioniso está entre nós! – gritou Taís, com os olhos ardentes no reflexo da tocha que tinha na mão.
Todos responderam:
– Euoé!
– O deus Dioniso quer vingança sobre estes bárbaros!
– Euoé! – berraram de novo os homens e as mulheres no delírio do vinho e do desejo.

– Vinguemos os nossos soldados mortos em batalha, os nossos templos destruídos, as nossas cidades queimadas! – continuou gritando a jovem, e diante dos olhos de Alexandre arremessou a tocha contra a pesada cortina de púrpura pendurada ao lado de um portal.
– Isso mesmo, vinguemo–los! – repetiu Alexandre, fora de si, e lançou outra tocha sob um grande móvel de cedro. Eumênio, que deslizava atrás deles rente aos muros, assistia impotente àquela desgraça e procurava à sua volta para ver se haveria alguém capaz de deter aquela loucura, mas, naquele bando de homens e mulheres no cio, ninguém parecia ainda ter nos olhos a luz da razão.
As chamas levantaram–se crepitando e o salão iluminou–se na claridade avermelhada do incêndio. Como possuídos pelos demônios, os convidados espalharam–se gritando pelas imensas salas, pelos pátios e pórticos, ateando fogo em tudo.
Logo o maravilhoso palácio ficou envolvido em um remoinho de labaredas.
As centenas de colunas de cedro–do–líbano arderam como tochas, o fogo chegou ao teto espalhando–se entre as vigas e os lacunários que chiaram e se racharam devido à violência das chamas.
O calor ficou insuportável e todos correram para fora, para o grande pátio da entrada, continuando ali a sua dança, os seus cantos e os seus coitos.
Eumênio saiu por uma porta lateral, perturbado e angustiado, e, enquanto se afastava rumo às escadarias externas, viu Taís completamente nua, deitada em um tapete do saguão, dando prazer simultaneamente a Alexandre e a Heféstion, gemendo e torcendo–
se no êxtase.
Os habitantes que haviam ficado entre as ruínas de Persépolis saíram dos seus casebres para ver aquele horror: o sublime palácio do Grande Rei explodia devorado pelo fogo, desmoronava em um inferno de fagulhas, um turbilhão de fumaça negra que ocultava as estrelas e a lua. Olhavam imóveis, petrificados, chorando.
No dia seguinte, aquele que havia sido o palácio mais bonito do mundo era apenas um amontoado de cinzas fumegantes que, em alguns lugares, chegavam à altura de quatro ou cinco cúbitos, das quais sobressaíam somente as colunas de pedra com seus capitéis em forma de touros alados.

Sobravam apenas os portais, o pódio, os alicerces e as escadarias com as imagens do grande cortejo de ano–bom e com os Imortais da guarda imperial petrificados pelos séculos afora, mudas testemunhas do desastre.
Alexandre chegara ao seu pavilhão no acampamento pouco antes de o sol raiar e deixara–se cair na cama, esgotado, entregando–se a um sono inquieto e pesado.
Parmênio apresentou–se logo depois da alvorada e os pezéteros de vigia tentaram inutilmente detê–lo cruzando as lanças diante da entrada. O velho general rugiu como um leão:
– Sai da minha frente, por Zeus! Abram caminho, preciso ver o rei.
Leptine foi ao seu encontro de mãos levantadas, ela também tentando contê–lo, mas ele afastou–a com um gesto rude e, com olhar gélido, deu uma seca ordem a Péritas que começara a rosnar:
– Calado! Vá deitar!
Alexandre pulou da cama segurando a cabeça que latejava e gritou:
– Quem se atreve...
– Eu! – gritou Parmênio, também levantando a voz, Alexandre amansou a sua ira como se tivesse sido Filipe em pessoa a entrar na tenda e aproximou–se da bacia mergulhando a cabeça na água fria. Aí, nu como estava, chegou–se à inesperada visita.
– O que está havendo, general?
– Por quê? Por que destruiu aquela maravilha? Foi isto que Aristóteles lhe ensinou? É esta a moderação, é este o respeito pelo belo e pelo nobre? Mostrou ao mundo inteiro que não passa de um selvagem rude e primitivo, de um homem arrogante e presunçoso acha que pode se comportar como um deus! Eu consagrei a minha vida à sua família, sacrifiquei um filho a esta empresa, guiei os seus exércitos em todas as batalhas. Mereço portanto uma resposta!
– Qualquer outro que se atrevesse a dizer e fazer o que acaba de fazer e dizer já estaria
morto, general. Mas responderei, lhe direi por que fiz isto. Permiti o saque de Persépolis para os gregos entenderem de urna vez por todas que só eu sou o verdadeiro vingador, só eu sou aquele no qual podem se reconhecer, o único que conseguiu levar a cabo um duelo secular. E quis que fosse uma jovem ateniense a responsável pelo incêndio do palácio de Dario e de Xerxes. E afinal, que sentido teria manter o palácio

depois que a cidade já fora destruída? Só deixei que existisse o tempo suficiente para remover o tesouro e os documentos dos arquivos para Ecbátana e Susa.
– Mas...
– Estamos prestes a partir, Parmênio, vamos perseguir Dario nas províncias mais longínquas do seu império. Aquele palácio, ainda intacto com seu tesouro, seria uma tentação grande demais para qualquer um, até para o meu governador macedônio, a atmosfera que nele se respirava, a grandiosidade daqueles salões, aquelas cenas esculpidas por todos os cantos com as lembranças da grandeza Aquemênida e aquele trono... vazio! O ouro amontoado em quantidade incrível naquelas salas abauladas transformaria qualquer um no homem mais poderoso da terra. Dúzias de nobres persas iriam tentar se apoderar dele a qualquer custo, iriam procurar sentar naquele trono derramando rios de sangue, só para empunhar aquele cetro, e isto iria provocar novas guerras sangrentas, exaustivas, intermináveis. É isto que eu deveria ter permitido?
– Eu não tinha escolha, general, não tinha escolha. Está entendendo? Se não quiser que a cegonha volte, terá de destruir o seu ninho. É verdade, arrasei uma maravilha, mas quem me impede de reconstruir, quando chegar a hora, um edifício ainda maior e mais admirável? Mas, agindo como agi, também acabei com o símbolo da Pérsia e dos seus reis, e mostrei aos gregos e aos bárbaros do mundo inteiro quem é o novo amo, mostrei que o passado está morto, que é cinza, e que agora começa uma nova época. Era lindo, general, lindo demais, e por isto mesmo perigoso demais para deixá–lo como estava. Parmênio baixou a cabeça. A orgia, as danças, os gritos de louvor a Dioniso, o delírio sagrado dos quais lhe falaram pouco antes Calístenes e Eumênio... tudo previsto, tudo preparado, uma encenação muito realista, mas mesmo assim uma encenação! Alexandre era capaz até disto, era um ator melhor e mais sutil do que Tessalo, o seu preferido. E os motivos que mencionara para defender os seus atos eram irrepreensíveis do ponto de vista político, militar e ideológico. Aquele rapaz já pensava e agia como senhor do mundo! O rei pegou um rolo na biblioteca e entregou–o ao velho soldado.
– Leia, chegou esta noite: Antípatro diz que a guerra contra os espartanos foi vencida. O rei Ágis caiu lutando em Megalópolis e já não

há ninguém na Grécia que se oponha ao meu cargo de comandante supremo da liga pan–helênica.
Quanto a mim, fiz o que tinha de fazer, cumpri a minha promessa de derrubar o secular inimigo dos gregos. E esta é mais uma coisa que a destruição daquele palácio significa. Agora, o meu único pensamento é seguir o meu destino.
Parmênio deu uma lida na carta de Antípatro com alguma dificuldade, pois com o passar dos anos a sua vista enfraquecera, e compreendeu o que o seu rei queria dizer.
Alexandre segurou–o pelo ombro e fitou–o com uma expressão que era uma mescla de severidade militar e de tosca afeição:
– Prepare–se, general – ordenou. – Junte os homens e restabeleça a mais rígida disciplina. Estamos prestes a partir.



CAPÍTULO 26

O exército movimentou–se de novo no fim da primavera e dirigiu–se para o norte, subindo para o centro do planalto, com o deserto à direita e as montanhas cobertas de neve do Elam à esquerda.

Percorreram quatro etapas perfazendo um total de vinte parasangas, até chegarem, no fim do dia, a Pasárgada, a ancestral capital de Ciro, o Grande, o fundador da dinastia Aquemênida. Era pouco mais do que uma aldeia, habitada principalmente por pastores e lavradores, e guardava bem no centro o primeiro pairidaeza do qual se tinha notícia, um parque maravilhoso que cercava o antigo palácio de Ciro. Um complexo sistema de irrigação que trazia a água de uma nascente no sopé das colinas mantinha frescos e verdejantes os gramados, as roseiras, os ciprestes e as tamargueiras, as perfumadas giestas, os teixos e os zimbros. Ali perto, do lado ocidental, erguia–se solitário e majestoso o túmulo do Fundador.

Tinha a forma simples e despojada da tenda quadrangular de pele de carneiro usada pelos nômades das estepes, de onde quatro séculos antes haviam chegado os persas. Primeiro vassalos dos medas e do seu rei Astíages, e depois conquistadores de terras sem fim. Aquela simples construção, no entanto, erguiase sobre um imponente pedestal de pedra formado por sete maciços degraus, como uma torre mesopotâmica, e era cercada por um pórtico que abrigava um jardim com teixos bem tratados e podados.

A tumba continuava entregue aos cuidados de um grupo de magos e de um sacerdote que oficiava todos os dias as cerimônias em honra do grande soberano.

Ficaram apavorados quando viram Alexandre se aproximar, pois já tinham ouvido falar do que acontecera em Persépolis, mas o rei tranqüilizou–os.

– O que houve, já passou – disse – e nunca mais acontecerá. Deixem–me visitar este monumento, eu lhes peço. Só quero homenagear a memória de Ciro.

O sacerdote abriu a porta do pequeno templo e deixou entrar o jovem

rei que olhou em volta, em silêncio. Um raio de sol penetrava pela porta e iluminava o tosco sarcófago onde só havia uma breve inscrição:
SOU CIRO, REI DOS PERSAS NÃO CAUSEM DANO AO MEU TÚMULO No fundo, pendurada em um cabide, estava a armadura do grande conquistador: uma couraça de escamas de ferro, um elmo em forma de cone, um escudo redondo e uma espada, também de ferro, com a empunhadura de marfim, único enfeite de valor no conjunto.
Havia um profundo silêncio no planalto e só se ouvia o leve assobio do vento que acariciava o imponente túmulo solitário. Naquele momento Alexandre pôde avaliar com clareza a mutabilidade da condição humana, do enfermo atropelo dos eventos da vida. Impérios cresciam e desmoronavam para deixar o lugar a outros, que por sua vez se tomariam grandes e poderosos para afinal dissolver–se no esquecimento. A imortalidade não passaria então de um sonho?
Sentiu naquele instante a presença da mãe, tão clara que quase lhe parecia poder tocá–la ao esticar a mão para a escura parede do santuário. E parecia–lhe ouvir a sua voz, que dizia: "Você não morrerá, Alexandre ..."
Alexandre deu meia–volta e saiu para a esplanada externa no topo da escadaria, respirou o ar seco e perfumado do grande planalto e sentiu–se invadido por aquela luz extremamente límpida. Quando baixou os olhos para descer viu Aristandro que parecia esperar por ele.
– O que faz aqui, vidente? – perguntou–lhe.
– Ouvi uma voz.
– Eu também, a de minha mãe.
– Cuidado, Alexandre, não esqueça o que houve com Aquiles advertiu Aristandro. E
afastou–se com o vento que fazia estalar o seu manto como uma bandeira.
No dia seguinte atravessaram o território de uma tribo vassala do Grande Rei e subjugaram–na. Aí, logo a seguir, enquanto subiam cada vez mais rumo ao planalto da Média, o rei recebeu uma mensagem de Eumolpo de Sôli:
O rei Dario está em Ecbátana, onde tenta formar um exército de citas e cadusos usando o tesouro do palácio real. Já despachou o harém para o leste através das Portas Cáspicas. Precisa chegar a esta cidade o mais rápido que puder ou terá de enfrentar uma batalha muito dura e de

resultado incerto: citas e cadusos são cavaleiros incansáveis e bastante perigosos. Não atacam frontalmente mas sim com incursões e viradas repentinas que desnorteiam o inimigo e o esgotam com contínuos ataques e recuos. Não esqueça que Ciro e Dario, o Grande, já foram derrotados pelos citas.

Após ler a mensagem Alexandre decidiu partir imediatamente com a cavalaria e a infantaria em trajes de combate, confiando o comboio com os equipamentos e todo o tesouro a Parmênio que só ficou com três batalhões de pezéteros e mais um de infantaria ligeira de trácios e tribalos. Só faltava conquistar mais uma capital: a última.

Começaram então a subir pelas encostas das montanhas em marchas forçadas, procurando percorrer sempre que possível os vales fluviais que tomavam mais fácil o avanço. A paisagem ficava cada vez mais impressionante devido aos violentos contrastes entre os contrafortes montanhosos, negros como basalto, e os cumes cheios de neve que brilhavam como safiras à luz do sol.

Embaixo estendia–se o deserto com sua cor amarelo–tostado onde sobressaíam, como ilhas verdejantes, os oásis com as aldeias dos camponeses e dos pastores.

Havia mais vilarejos nas encostas dos vales, perto das nascentes ou de regatos de água cristalina e, quando o exército passava, todos saíam das casas e das choupanas para ver aqueles forasteiros que cavalgavam sem calças e usavam na cabeça estranhos chapéus de abas largas.

De vez em quando viam–se escadarias que levavam a torres de pedra erguidas em cima de elevações isoladas: as torres do silêncio onde os habitantes daquelas terras deixavam os seus mortos para que se dissolvessem na natureza sem contaminar a terra nem o fogo. E Alexandre pensava então em Barsine, colocada em um tosco túmulo no inóspito deserto de Gaugamela, e pensava no jovem Frates que voltara à Panfilia com o avô, único sobrevivente da sua família.

O que se passaria naquele momento na cabeça do adolescente? Sonhos? Desejos de vingança? Ou simplesmente a melancolia de um órfão?

Tiveram de marchar durante dez dias ao longo de vales cada vez mais estreitos para finalmente avistar o esplendor de Ecbátana, cercada por uma coroa de montanhas cobertas de neve e aninhada em um verdejante recôncavo. A orla superior das muralhas e das ameias, decorada com lajotinhas azuis e folheadas a ouro, brilhava como uma jóia em volta da

testa de uma rainha, enquanto os pináculos e as cúspides dos santuários cintilavam com seus revestimentos de ouro fino. Quase parecendo–lhe ontem, Alexandre lembrou–se de como o hóspede persa lhe descrevera aquela maravilha no palácio de Pela. A ele, que acabava de sair da infância, aquilo parecera um conto de fadas: fitava fixamente os olhos negros e profundos do interlocutor, a sua barba preta e frisada, a espada cerimonial em ouro maciço, e tinha a impressão de estar diante de um ser irreal, de um mensageiro de algum reino fabuloso. E agora estava ali aquela cidade lendária bem diante dos seus olhos.
Oxatres, filho do sátrapa de Babilônia Mazeu e primo do rei por parte de mãe, estava com ele, era um jovem ambicioso no qual ardia veemente o desejo de mostrar–se e de sobressair aos olhos do novo senhor. Esporeou o cavalo e aproximou–se das muralhas trocando umas poucas palavras rápidas com as sentinelas. Aí voltou para fazer o relato no seu grego precário mas já bastante compreensível:
– Alexandre, Grande Rei Dario partiu. Não luta, ele foge com tesouro e com exército.
– Para onde?
– Por lá – respondeu o jovem apontando para o norte. – Sátrapa se rende.
Alexandre acenou para mostrar que entendera e fez um sinal para que as tropas o seguissem rumo às portas da cidade que naquele momento se abriam.
Todos mexeram–se em perfeita ordem pois havia sido restabelecida. uma disciplina de ferro e qualquer infração era punida com o açoite ou coisa pior.
Parmênio, com o resto do exército e a caravana, chegou dois dias depois, ao entardecer, mas precisaram de mais cinco dias e cinco noites para mandar entrar, descarregar e fazer sair do outro lado da cidade os vinte mil muares que haviam trazido os cento e vinte mil talentos do tesouro real, em uma média de seis talentos para cada um, um peso limite que atrasara bastante a marcha dos animais.
Quando a operação foi finalmente concluída e as tropas se acomodaram no acampamento fora da cidade, Alexandre convidou o velho general para jantar.
Uma refeição bem leve, quase frugal, e nem mesmo havia vinho na mesa, só água. "Vai ver que está querendo se penitenciar pelos excessos

de Persépolis" pensou Parmênio, dando uma mordida em um pedaço de pão persa cozido nas cinzas.
– O que me conta do meu primo Amintas? – começou Alexandre. – Fico me perguntando se posso confiar nele ou se é melhor continuar a vigiá–lo.
– Não descobriu nada nos arquivos reais?
– Vai levar meses, ou até mesmo anos, para esmiuçar os arquivos reais. Por enquanto, que eu saiba, Eumênio nada encontrou a respeito do assassinato do meu pai ou de um possível conluio entre Amintas e Dario. Mas ainda assim acho melhor agirmos com prudência e mantermos a vigilância.
Alexandre tornou um gole de água e aí, depois de uma pausa, recomeçou, mudando de assunto:
– Lastimo que já tenha havido entre nós tantos motivos de dissensão...
– Estou acostumado a dizer–lhe o que penso, senhor, exatamente como fazia com seu pai.
– Eu sei. Mas agora escute. – Enquanto isto o cozinheiro chegava com pratos de legumes, verduras e umas tigelas de leite coalhado de sabor azedo. – Pretendo perseguir Dario até
encontrá–lo e forçá–lo ao derradeiro embate, e depois todo este império será completamente nosso. Para fazer isto, preciso de alguém, aqui em Ecbátana, que me cubra as costas e me garanta as comunicações com a Macedônia, o abastecimento, o alistamento e o envio de reforços e tudo mais, além da custódia do tesouro real. você é o homem certo, general, o único em que posso confiar. No que diz respeito à administração, Harpalo poderá encarregar–se dela. É um bom rapaz e tem o apreço de Eumênio. Então, o que me diz?
– Entendi, estou velho demais e já não me quer no campo de batalha, está me aposentando e...
– É claro que está velho, general – replicou Alexandre com um estranho sorriso. E depois, quase gritando: – Uma vez que hoje completa setenta anos!
Então, como se aquilo fosse uma senha, um rumoroso coro de vozes masculinas começou a entoar de fora da tenda:
O velho soldado que vai à guerra agora se ferra, agora se ferra!
E logo a seguir todos os companheiros de Alexandre irromperam com Filotas, Eumênio e o seu ajudante Harpalo, carregando nos ombros um

bezerro assado, uma enorme cratera cheia de vinho, um espeto de estarnas e dois de perdizes, patos e frangos, e uma grande abundância de outros alimentos de todo tipo. Para a ocasião, também havia sido convidado Nicanor, o segundo filho de Parmênio.
Leonato jogou para longe os legumes e o leite coalhado gritando:
– Fora daqui, porcaria! Agora vamos comer, vamos comer de verdade!
Parmênio ficou comovido ao ver que lhe tinham preparado uma festa tão farta, e enxugava os olhos às escondidas. Alexandre aproximou–se dele com um papiro selado:
– Este é o meu presente de aniversário, general. – E entregou o rolo com um sorriso. Parmênio abriu–o e leu sem dificuldade, pois tudo havia sido propositalmente escrito em letras maiúsculas: o rei presenteava–o com um maravilhoso palácio em Susa, outro na Babilônia e um terceiro em Ecbátana, com grandes propriedades na Macedônia, na Lincéstide e na Eordéia, além de outorgar–lhe uma pensão vitalícia de cento e cinqüenta talentos. Na segunda página do rolo havia a nomeação do filho Filotas a chefe de toda a cavalaria. Tudo acompanhado do selo real e visado por "Eumênio de Cárdia, secretário– geral".
– Senhor, eu... – começou Parmênio com voz trêmula, mas o rei o deteve:
– Nem mais uma palavra, general, isto é muito menos do que realmente merece, e todos nós desejamos que possa aproveitá–lo até os cem anos e mais ainda. Quanto ao seu
cargo, é o mais importante e crucial entre todos os que existem a leste dos Estreitos, e você é a única pessoa na qual eu posso confiar completamente.
Parmênio passou o papel com a promoção a comandante da cavalaria ao filho Filotas, dizendo:
– Já viu, meu filho? Já viste? Vamos, mostre também para o seu irmão.
O rei abraçou–o enquanto os companheiros aplaudiam e a festa continuou até de madrugada. Voltaram para as suas moradas quando já começava o segundo turno de vigia, todos bêbados, inclusive Parmênio.



CAPÍTULO 27

Alexandre pretendia permanecer ali o mínimo indispensável e retomar logo a perseguição de Dario, mas teve de ficar para resolver uma porção de obrigações e, principalmente, escrever: à mãe que não parava de se queixar da maneira como era tratada por Antípatro, a Antípatro que tinha ganhado a guerra contra Esparta mas que continuava a ser bastante crítico em relação a Olympias, e finalmente a todos os seus sátrapas e governadores.

– Como pretende resolver esta situação entre o regente e a sua mãe? perguntou Eumênio ao selar a carta. – Não pode continuar fazendo de conta que não é com você.

– Não, não posso. Mas o regente tem de entender que uma lágrima da minha mãe vale mais que mil cartas suas.

– Mas isto não é justo – rebateu o secretário. – Antípatro agüenta pesadas responsabilidades e precisa de um pouco de sossego.

– Mas tem todo o poder e a minha mãe, afinal de contas, é a rainha da Macedônia: é preciso entendê–la.

Eumênio sacudiu a cabeça percebendo que não havia jeito. Por outro lado, o rei não via a mãe havia quatro anos, e era compreensível que dela só lembrasse as facetas mais amáveis. E também sentia muita saudade da irmã Cleópatra, a quem continuava a escrever cartas cheias de ternura. Quando terminaram de cuidar da correspondência, Alexandre disse:

– Decidi dispensar os aliados gregos.

– Por quê? – perguntou Eumênio.

– A liga pan–helênica está de novo firmemente em nossas mãos e aqui temos dinheiro bastante para alistar qualquer exército de que venhamos a precisar. Além do mais, ao voltarem para casa os gregos contarão o que viram e fizeram, e isto terá uma influência
imensa nas pessoas, muito mais do que a História que Calístenes está escrevendo.

– Mas são guerreiros formidáveis e...

– Estão cansados, Eumênio, e ainda é muito longa a marcha que espera por nós. De repente poderiam se sentir longe demais de casa, e

poderiam ser levados a tomar decisões desajuizadas na hora errada. Prefiro prevenir tudo isto. Mande reuni–los fora do acampamento amanhã ao alvorecer.
Os gregos haviam percebido que algo importante esperava por eles devido a vários indícios: a hora antelucana, a ordem de aprontar a bagagem e os carros de carga assim como de polir perfeitamente as armaduras antes de vesti–las.
Alexandre apresentou–se montado em Bucéfalo, armado da cabeça aos pés e ladeado por sua guarda. Esperou que os primeiros raios do sol se refletissem nas armas dos hoplitas e começou a falar:
– Aliados! A sua contribuição para a nossa vitória foi muito importante, e em alguns casos determinante: nenhum de nós esquece que, no dia de Gaugamela, quem se manteve firme na ala direita contra os contínuos ataques de Besso e dos seus cavaleiros medas foi a infantaria grega. Foram valorosos, destemidos, fiéis ao seu juramento de servir à liga pan–helênica e ao seu comandante supremo.
Conseguiram aquilo que nenhum outro grego, nem mesmo aqueles que participaram da guerra de Tróia, jamais conseguiu levar a cabo: a conquista da Babilônia, de Persépolis e Ecbátana. Chegou para vocês a hora de aproveitar os frutos do seu empenho. Eu os desobrigo do juramento e os dispenso. Cada um dos seus oficiais receberá um talento, cada soldado trinta minas de prata, e mais o suficiente para pagar as despesas de viagem de volta à Grécia. Vocês têm a minha gratidão, voltem as suas famílias, aos seus filhos, às suas cidades!
Alexandre esperava uma explosão de alegria e de aplausos, mas, ao contrário, só ouviu um murmúrio abafado que se tomou logo uma animada conversa.
– O que está acontecendo, homens? – gritou então, atônito. – Não estou pagando o bastante? Não estão contentes em voltar?
Um oficial de uns quarenta anos, um tal de Heliodoro de Aighion, deu um passo à frente e disse:
– Rei, ficamos muito gratos por tudo e estamos felizes com o fato de nossa ajuda ter sido preciosa. Mas gostaríamos de ficar contigo. – Alexandre olhou para ele, incrédulo. – Lutando ao seu lado aprendemos coisas que com mais ninguém teríamos aprendido, levamos a cabo façanhas que nenhum soldado sonharia realizar. Muitos, entre nós, ficam imaginando o que ainda irá fazer, quais terras ainda conquistará,

que lugares longínquos
poderão ser conhecidos por aqueles que servirem sob a sua bandeira. É claro que muitos aceitarão o seu convite e voltarão às suas casas, talvez até com alegria, mas também com o coração pesado porque nestes anos em que ficamos juntos aprenderam a admirá– lo e a amá–lo. Outros não têm família, ou mesmo que a tenham, julgam mais importante ir contigo até onde quiser levá–los, e lutar honrosamente arriscando a vida, quando necessário. Se os aceitar, estes homens preferem ficar.
Depois disto, deu um passo para trás e continuou perfilado entre os seus companheiros.
– Não há muitos homens – respondeu Alexandre – iguais a vocês, ficarei honrado se alguém quiser ficar. Quem ficar, no entanto, não estará aqui como aliado enviado por sua cidade, mas sim por decisão própria, como soldado profissional. Pagarei a quantia de seiscentas dracinas pela campanha inteira, e, se porventura ele cair em combate, a mesma quantia será entregue à sua família.
Quem quiser ficar, que dê três passos adiante da primeira linha, os demais podem partir quando quiserem com a minha gratidão, a minha amizade e o meu afeto.
Os homens bateram longamente nos escudos com as lanças gritando bem alto o nome do rei, como os soldados macedônios. Aí, os que preferiam ficar deram três passos à frente e Alexandre pôde constatar que eram mais da metade.
Os gregos que voltavam para casa empreenderam viagem naquele mesmo dia marchando entre as formações de infantaria e de cavalaria perfiladas para a despedida, enquanto as cometas davam o toque de dispensa. E quando Parmênio ordenou pessoalmente:
– Apresentar... armas! – muitos daqueles homens calejados e acostumados com o perigo tinham os olhos cheios de lágrimas.
Logo que desapareceram atrás da primeira curva da estrada e esmoreceu o rufar dos tambores que marcavam o seu passo, Alexandre fez mais uma vez tocar os clarins e o exército, com uma ampla virada, dispôs–se a seguir as pegadas do Grande Rei.
A tropa avançava por um vasto planalto onde se podiam ver pequenos antílopes e cabras silvestres, e onde à noite ouvia–se por vezes o rugido de algum leão. O ritmo de marcha era quase insuportável, muitos infantes tiveram de parar devido às chagas nos pés, e não foram poucos

os animais de carga que ruíram ao chão devido ao cansaço, mas Alexandre não ouvia ninguém e continuava a exigir que seguissem em frente cada vez mais depressa, só dormindo umas poucas horas por noite sem montar as tendas para não dar descanso a Dario.
Lembrava a todos os veteranos como uma vez haviam conseguido chegar do rio Istros a
Tebas em apenas treze dias, quando ele mesmo dormia com a tropa no chão, só cobrindo
o corpo com a capa militar. Às vezes conseguiam encontrar um abrigo em um dos muitos abrigos espalhados ao longo da estrada que levava às províncias orientais, mas tratava– se de estruturas com capacidade limitada onde só eram alojados os doentes ou aqueles que mais padeciam o esgotamento.
O ar ia ficando cada vez mais fino e gelado principalmente à noite, e Eumênio voltara a usar as calças com as quais se sentia muito mais à vontade.
Nos seis dias seguintes de marchas forçadas ficaram margeando uma imponente cadeia de montanhas dominada por um pico coberto de neve que superava em altura todos os que eles já tinham visto, até chegarem à entrada de um desfiladeiro conhecido como Portas Cáspicas. Tratava–se de uma estreita garganta no fundo da qual corria um riacho, espremida entre dois paredões tão íngremes que até mesmo os agrianos teriam dificuldade em escalar.
– Se estiverem de tocaia aqui – disse o Negro – vão nos estraçalhar.
E de fato parecia impossível que o rei Dario não se aproveitasse daquela vantagem. Alexandre olhou para as muralhas sobre as quais uma águia dava lentas voltas.
– Acha que alguém está lá em cima?
– Só há um jeito de saber.
– Os agrianos.
– Vou mandá–los imediatamente em exploração.
Logo a seguir os soldados, parados no fundo da garganta, assistiam de nariz para cima às acrobacias dos batedores agrianos que escalavam as paredes rochosas, cavando às vezes com as picaretas estreitas passagens para avançar na borda de precipites barrancos e seguindo adiante com incansável vigor.
Um deles, quando já estava para chegar ao topo, perdeu o apoio

enquanto procurava segurar–se com a mão numa saliência e despencou esfacelando–se nas pedras. Os companheiros continuaram a escalada, mas um outro grupo subiu do fundo do desfiladeiro até chegar ao local onde o corpo esmigalhado ficara preso entre as rochas. Pegaram–no e levaram–no de volta arriscando a própria vida, depois aprontaram uma maca e colocaram–no nela cobrindo–o com uma capa à espera de retomar a marcha. Enquanto isto os outros, mais ou menos uns vinte, haviam alcançado o topo e já davam o sinal avisando que nada impedia a passagem. O exército seguiu então adiante sem que os soldados do Grande Rei fizessem qualquer tentativa de opor resistência e, na primeira parada, os agrianos celebraram o funeral do companheiro morto.

Colocaram–no em uma pira de galhos de pinho e queimaram–no cantando todos juntos uma lúgubre ladainha. Em seguida, após sepultarem as suas cinzas com as armas e a

fivela do manto, embebedaram–se e ficaram em alarido pelo resto da noite.

CAPÍTULO 28

Pouco antes do quarto turno de vigia acabar, Alexandre, que só estava cochilando, ouviu
Péritas rosnar.

– O que foi? Tem alguém por perto? Calma, calma... talvez seja um lobo, ou um lince. – Levou os olhos para o céu e viu as fogueiras que os agrianos mantinham acesas no alto do desfiladeiro para indicar que o caminho, pelo menos por enquanto, continuava livre. Aí ouviu o barulho de passos, um confuso cochicho.

– O que foi? – repetiu mais alto. Heféstion apareceu.

– É Oxatres que está de volta com os seus citas: quer falar com você.

– Oxatres? Pode deixá–lo passar.

Três cavaleiros armados, com os arcos a tiracolo e cobertos de poeira, chegaram da entrada do desfiladeiro. Oxatres, esgotado pelo cansaço, deixou–se cair do animal e quase não conseguiu se manter de pé. Provavelmente estava com as pernas dormentes depois da exaustiva cavalgada.

– Rei Dario destituído e prisioneiro de Besso – arquejou –, sátrapa de Bactriana.

– Aquele filho da mãe que em Gaugamela quase conseguiu nos cercar pelo lado direito – observou Leonato. Oxatres pediu um intérprete para ter certeza de que iriam entendê–lo e continuou:

– O rei tinha deixado Ecbátana com seis mil cavaleiros, vinte mil infantes e sete mil talentos do tesouro real com a intenção de deixar terra queimada atrás de si e esperá–lo no passo das Portas Cáspicas, mas os seus soldados, cansados de vê–lo fugir, estavam muito desanimados, ainda mais porque já era um fato sabido que nem os citas nem os cadusos iriam mandar suas tropas como reforço. Muitos haviam começado a desertar, nós mesmos encontramos vários que nos forneceram estas informações, abandonando o acampamento durante a noite para desaparecer nas montanhas ou no deserto, à medida que os estafetas avisavam que a sua vanguarda ficava cada vez mais perto. Então Besso, apoiado por outros sátrapas como Satibarzane, Barsaente e

Nabarzane, prendeu o rei, acorrentou–o, trancando–o em um carro, e seguiu viagem para as extremas regiões orientais.
– Onde estão agora? – perguntou Alexandre. Enquanto isto os seus companheiros se haviam vestido e armado, alguém reavivara o fogo e estavam todos de pé em volta do bivaque imaginando que dentro em breve algo iria acontecer.
– Entre este ponto e a cidade de Hecatompila, a capital dos medas. Mas a garganta está desimpedida e se for rápido com a cavalaria poderá alcançá–los.
Detesto o fato de aquele traidor ambicioso aproveitar os frutos da sua traição. Se decidir persegui–lo, irei com você e serei o seu guia.
– Não creio que esteja em condições de cavalgar – replicou Alexandre. – está esgotado.
– Dê–me só um tempinho para comer alguma coisa e deixar o sangue circular um pouco pelas minhas pernas e aí estarei pronto.
Alexandre fez um sinal a Leptine que chegava naquele momento com a "caneca de
Nestor' e mandou servir uma taça a Oxatres.
– Experimente isto – disse. – Ressuscita os mortos. – Aí, virando–se para os companheiros:
– Todas as unidades da cavalaria prontas para movimentar–se imediatamente.
Era o que todos queriam: em poucos momentos os clarins deram a chamada e logo a seguir Alexandre pulou no cavalo e lançou–se pelo desfiladeiro ao lado de Oxatres, seguido por Heféstion, Ptolomeu, Perdicas, Cratero e todos os demais. As unidades dos éteros movimentavam–se à medida que ficavam prontas para partir e logo que sobrava espaço para passar através da estreita garganta.
Cavalgaram horas a fio só parando o mínimo indispensável para dar algum descanso aos cavalos. O desfiladeiro já se alargava entrando no vale que descia rumo à cidade e o sol começava a aparecer por trás dos picos cheios de neve das montanhas da Ircânia. De repente Oxatres gritou:
– Cuidado! – e puxou as rédeas do seu cavalo, que parou bufando, lustroso de suor, e Alexandre e os companheiros também se detiveram formando um amplo círculo e empunhando as armas. O rei desembainhou a espada, Leonato tirou o seu machado do estribo e

todos ficaram olhando para o príncipe persa que indicava um objeto a uns dois estádios de distância.
– É um carro das cocheiras reais – disse. – Talvez o tenham abandonado para viajarem mais depressa.
– Vamos em frente, mas sem baixarmos a guarda – ordenou Alexandre. – Pode ser uma armadilha. Heféstion por ali, e Ptolomeu daquele lado. Você, Perdicas, continua avançando pela estrada e averigue o que há depois daquela curva. Fique atento.
Oxatres incitou o cavalo que seguiu em frente. Alexandre também se aproximou acompanhado por Leonato e Cratero. O carro real estava no meio da estrada, aparentemente intacto e de portas fechadas.
– Espere – disse Leonato. – Deixe que eu vá primeiro. – Desmontou do cavalo brandindo o machado, abriu a porta e enfiou a cabeça para olhar no interior. Murmurou:
– Oh, grande Zeus...
Alexandre também se aproximou: o rei Dario jazia no carro, em trajes de campanha, sem qualquer sinal de sua realeza a não ser o aspecto majestoso, a longa cabeleira, a barba crespa e os espessos bigodes negros que contrastavam com a mortal palidez da pele. Tinha no peito uma grande mancha de sangue que lhe encharcava a roupa até a cintura como última afronta haviam atado as suas mãos com uma corrente de ouro.
– Covardes! – praguejou Alexandre, indignado.
– Rápido, vamos tirá–lo daqui – exclamou Ptolomeu. – talvez ainda esteja vivo. Que alguém chame Filipe, rápido!
Dois soldados levantaram delicadamente o corpo do Grande Rei e colocaram–no no chão em cima de um cobertor. Filipe chegou correndo e ajoelhou–se ao lado de Dario apoiando o ouvido em seu leito.
– Está morto? – perguntou Leonato.
Filipe acenou com a mão para que se calasse e continuou a auscultá–lo:
– Incrível... – disse. – Ainda respira.
Todos entreolharam–se. Alexandre agachou–se ao lado de Filipe:
– Podes fazer alguma coisa por ele?
O médico sacudiu a cabeça, depois começou a desatar as correntes que prendiam os pulsos do soberano.
– Só isto: deixá–lo morrer como homem livre. Já não lhe restam senão uns poucos momentos.

– Olhem! – exclamou Cratero. – Está mexendo os lábios...
Oxatres também se ajoelhou ao lado do rei e encostou o ouvido na sua boca por um instante, aí levantou–se de novo, com os olhos úmidos.
– Morreu – disse com a voz trêmula de emoção. – O Grande Rei Dario III está morto. Alexandre chegou–se a ele:
– Disse alguma coisa? – perguntou. – Conseguiu ouvir as suas palavras?
– Disse... "vingança"! – respondeu.
Alexandre olhou para o inimigo, para os olhos vidrados que um dia o haviam fitado por um instante, cheios de aflição, no campo de batalha de Isso e sentiu um profundo sentimento de piedade por aquele homem que até poucos meses antes estava sentado no mais alto trono da terra, venerado como um deus por milhões de súditos e que agora, traído e morto por seus próprios amigos, jazia abandonado em uma estrada poeirenta. Lembrou– se então dos versos da Queda de Mo que descreviam o corpo inerte de Príamo morto por Neoptólemo: Jaz o rei da Ásia, aquele que foi poderoso senhor de exércitos, como árvore
abatida pelo raio, um tronco abandonado, um corpo sem nome. Murmurou:
– Eu mesmo o vingarei. Eu juro. – E fechou–lhe as pálpebras.

CAPÍTULO 29

Alexandre a Sisygambes, Grande Mãe Real, salve! Teu filho Dario morreu. Não pela minha mão nem pela dos meus homens, mas sim pela mão dos seus próprios amigos que o assassinaram e abandonaram ao longo da estrada para Hecatompila.

Quando o encontrei ainda respirava, mas nada pudemos fazer para ajudá–lo a não ser jurar que vingaríamos a sua morte ignominiosa. O seu último pensamento foi certamente para você, assim como o meu agora.

Esta morte ofende igualmente a ele e a mim pois privou a ambos de um embate leal, face a face, que deixasse um vencedor e um vencido e que, de qualquer maneira, honrasse o infausto valor do perdedor.

Agora envio–o, para que o possa apertar ao peito pela última vez e chorar por ele quando o levar à última morada. O seu corpo foi preparado para poder enfrentar, incólume, a longa viagem até os penhascos de Persépolis onde está pronto a recebê–lo o túmulo que mandara cavar ao lado dos outros reis.

Providencie você mesma os mais solenes funerais. Quanto a mim, não sossegarei enquanto não encontrar os assassinos e vingar a sua morte. Para uma mãe não há dor maior do que a de perder um filho, mas, lhe peço, não me odeie, a você, pelo menos, os deuses concederam chorar por ele e sepultá–lo segundo o costume dos antepassados. À minha mãe, que há anos espera por mim, talvez nem isto seja concedido.

Sisygambes fechou a carta e chorou longamente na intimidade do seu quarto; depois chamou os eunucos e ordenou que preparassem a liteira e os cavalos, os trajes de luto e as oferendas fúnebres. No dia seguinte empreendeu viagem através dos territórios dos úxios pelos quais intercedera junto a Alexandre para que não fossem extirpados das suas terras.

Quando se espalhou a notícia de que a rainha–mãe subiria a Persépolis para sepultar o filho, o povo inteiro juntou–se ao longo do caminho: homens, mulheres, velhos e crianças receberam em silêncio a velha soberana prostrada pela dor e escoltaram–na até os confins das suas

terras, até o limiar do planalto de onde já se viam as ruínas da capital queimada, as colunas do palácio do solstício, troncos petrificados de uma floresta consumida pelo fogo.
Parou no portal da cidade destruída, mandou erguer a sua tenda e lá ficou jejuando até o
dia em que viu aparecer, na estrada que vinha de Ecbátana, o carro puxado por quatro cavalos negros que transportava o corpo do filho.
Alexandre retomou logo a sua perseguição a Besso e seus cúmplices, chegando no dia seguinte à cidade de Hecatompila, onde o comandante persa se rendeu sem lutar, e dali seguiu para Zadracarta, no país dos ircarios. Diante deles aparecia agora a imensa extensão do mar Cáspio.
O rei desmontou do cavalo e começou a passear descalço sobre os seixos da arrebentação, e os companheiros o acompanhavam pasmos e perplexos diante daquela fronteira líquida que marcava o extremo limite setentrional da sua marcha.
– Em que parte do mundo estamos, a seu ver? – Leonato perguntou a Calístenes quando chegaram à beira do mar.
– Dê–me a tua lança – respondeu o historiador.
Leonato entregou–lhe a arma com expressão surpresa. Calístenes fincou–a no solo da forma mais reta possível e aí mediu cuidadosamente a sombra.
– Mais ou menos na altura de Tiro, mas não saberia dizer a distância que nos separa daquela cidade.
– E onde é que este mar acaba?
Calístenes ficou olhando para a imensidão líquida que já se tingia de sangue no reflexo dos raios do sol poente e aí virou–se para Nearcos que se aproximava naquele momento e talvez pudesse dar uma resposta àquela interrogação. O navarca dobrou–se, pegou um seixo e jogou–o de raspão na água, com toda a força e o mais longe possível. A pedra achatada quicou várias vezes na superfície antes de afundar, criando toda uma série de círculos concêntricos que pouco a pouco vieram morrer na areia. Respondeu:
– Ninguém sabe, mas se eu pudesse construir uma frota, gostaria de superar o horizonte que limita o nosso olhar, indo para o norte, para descobrir se é um golfo do Oceano setentrional, como muitos afirmam, ou um lago.
Enquanto falavam ouviu–se um rumorejar de vozes que vinham do

acampamento, e aí uma gritaria cada vez mais alta e festiva, cantos de júbilo.
Alexandre virou–se para trás:
– O que está acontecendo?
– Não sei – respondeu Leonato recuperando a sua lança.
– Vá ver, então.
Leonato pulou no cavalo, lançou–se a galope rumo às tendas e à medida que se aproximava podia ouvir os gritos cada vez mais altos e claros. E então pôde entender qual era o motivo de toda aquela alegria: os soldados, que haviam ficado cientes da morte
de Dario, pensavam que a guerra tivesse acabado, e espalhara–se o boato de que finalmente voltariam para casa. Festejavam, bebiam, dançavam fora de si de alegria, cantavam as antigas canções Macedônicas que eles pareciam quase ter esquecido e aprontavam a bagagem para a longa viagem de volta. Leonato pulou ao chão e deteve o primeiro que lhe passou por perto um infante dos pezéteros da falange.
– O que está havendo aqui, por Hércules?
– Voltamos para casa, não sabe? A guerra acabou!
– Acabou? E quem foi que disse?
– Todo mundo. Dario está morto e a guerra acabou. Voltamos para casa, voltamos para casa!
– Idiota! – Leonato berrou na sua cara. – Diga a todos estes idiotas que é melhor se acalmarem e pararem com esta bagunça. Só há um homem que pode dizer quando a guerra está terminada: Alexandre! Está claro? Alexandre! E ele nem tocou no assunto, isto eu garanto.
Deixou–o ali, meio abobalhado, no meio do acampamento, na confusão cada vez mais ensurdecedora daquela festança fora de lugar e voltou para o rei.
– E então? – perguntou Alexandre.
Leonato desmontou e procurou explicar o que tinha visto:
– Ora, não sei como dizer...
– Fale logo, por Hércules. O que está havendo no meu acampamento?
– Não sei como, mas espalhou–se o boato de que a guerra havia acabado e que os homens voltariam para casa... Uma vez que já havia dispensado os gregos, pensaram que com Dario morto agora fosse a vez deles. Estão festejando e...
Alexandre pulou de imediato em seu cavalo e precipitou–se ao

acampamento. Logo que chegou, fez um sinal para um corneteiro e mandou dar o toque de reunião, duas vezes. A balbúrdia esmoreceu transformando–se num modesto cochicho enquanto os homens, em grupo ou separadamente, juntavamse aos poucos em volta do pódio da assembléia. Cercado pelos companheiros, Alexandre estava de pé bem no meio, com expressão carrancuda. Levantou o braço para impor o silêncio e começou:
– O que estão fazendo, homens? Vamos, quero ouvir os seus comandantes para que me expliquem o que estão fazendo!
O murmúrio voltou a crescer e via–se que o desânimo tomara conta de todos diante daquela repentina ducha de água fria na sua exultação. Um por um os comandantes das várias unidades aproximaram–se, confabularam rapidamente diante do pódio e aí um deles falou em nome de todos:
– Rei, depois que dispensou os soldados gregos, espalhou–se a notícia de que também iria dispensar os tessálios, e eles começaram a preparar a bagagem.
Aí, uma vez que todos sabem da morte de Dario, pensamos que a guerra tivesse acabado e que iria levar de volta a nós também. Os homens decidiram festejar:
desejam voltar para as mulheres e os filhos que não vêem há quatro anos.
– É verdade – respondeu Alexandre. – Tenciono dispensar os tessálios assim como dispensei os gregos. São os nossos aliados da liga pan–helênica e já cumpriram a sua tarefa. Havíamos jurado libertar as cidades gregas da Ásia e derrotar o inimigo secular dos gregos, e foi o que fizemos. Conquistamos as quatro capitais, o Grande Rei está morto, mas a nossa tarefa não terminou. – O murmúrio de insatisfação cresceu depois destas palavras. – Não, homens, companheiros de tantas lutas, meus amigos! A leste, sátrapas rebeldes estão se preparando para um contra–ataque, juntam um novo exército com muitos milhares de guerreiros e só esperam que lhes demos as costas para nos golpear. Cairão em cima de nós de todos os lados com seus velozes cavalos, ficarão nos atormentando noite e dia, envenenarão os poços ao longo do nosso caminho, queimarão as safras, destruirão as aldeias onde poderíamos procurar abrigo contra os rigores do inverno. Depois de tantas gloriosas façanhas, a nossa viagem de volta se tornaria uma

catástrofe. É isto que estão querendo?
Um silêncio cheio de desânimo e decepção foi a resposta à pergunta do rei.
Aqueles homens que sempre haviam lutado com admirável coragem, que haviam enfrentado qualquer perigo sem se importarem com a vida, atraídos e quase fascinados pelo seu comandante, estavam agora inseguros e cheios de dúvidas.
Viam–se diante de terras e mares completamente desconhecidos, parecia–lhes quase poder ver mudar no céu a posição das constelações e não tinham a menor idéia acerca de onde estavam. De repente sentiam estar longe demais das suas casas, pela primeira vez percebiam com clareza que Alexandre não queria absolutamente voltar, que só queria ir em frente. Sentiam o medo de nunca mais regressar. O rei recomeçou a falar:
– Precisamos ir adiante! Precisamos desentocá–los, derrotá–los e confirmar a nossa autoridade sobre todo o império que foi dos persas. Se não fizermos isto, todos os esforços enfrentados até agora terão sido inúteis, tudo aquilo que construímos desmoronará, e nenhum de nós poderá tampouco ter a certeza de regressar. Homens! Já traí a sua confiança? Já os enganei? Nunca deixei de recompensar generosamente as suas privações, e não acham que farei ainda mais quando levarmos a cabo esta façanha? Eu sei, estão cansados, mas também sei que são os melhores soldados do mundo, ninguém se lhes compara em audácia e valor. Não quero forçá–los, ninguém sabe melhor
do que eu que merecem descanso e recompensas. E, portanto, não os deterei: quem assim quiser poderá partir com honra e com a minha gratidão, mas lembrem–se disto: mesmo que todos vocês me abandonassem para voltar à Macedônia, eu seguiria em frente com os meus companheiros até levar a cabo o que começamos, e se necessário... sozinho! – Calou–se cruzando os braços no peito, enquanto se seguia um interminável momento de silêncio.
Os companheiros de Alexandre, aqueles que no passado se haviam juntado a ele em seu exílio nas neves da Ilíria e que naquele momento estavam logo atrás do rei, deram um passo adiante como se estivessem acatando uma ordem, perfilando–se ao seu lado com as mãos nas espadas, e com eles também se adiantaram Filotas e o Negro.
Ao ver isto, um homem da Ponta que estava bem no meio do

acampamento com o seu saco de viagem já pronto nas costas, deixou–o cair no chão, desembainhou a espada e deu com ela um grande golpe no escudo que ressoou como um trovão no silêncio. Todos se viraram para ele, e logo a seguir outro soldado respondeu com um golpe igualmente vigoroso. Ao segundo seguiu–se um terceiro, e aí um quarto e não demorou para que todos os cavaleiros da Ponta, dos quatro cantos do acampamento, perto das portas, nos recintos dos cavalos ou nas tendas aonde já iam preparando a bagagem, desembainhassem um depois do outro as espadas e começassem a bater com elas os escudos, aproximando–se do pódio até ficarem diante do rei. E continuavam ritmicamente, sem parar, a encher o ar com o fragor retumbante do bronze e do ferro. E depois deles os outros soldados da cavalaria, da infantaria, da falange, os batedores e as tropas de ataque trácias e agrianas, todos também cerraram fileiras e se juntaram aos cavaleiros da Ponta batendo nos escudos com suas armas. Aí o porta–bandeira do primeiro batalhão levantou o estandarte vermelho com a estrela argeade e todos pararam de chofre, cada um rijo em sua posição de combate. O porta–bandeira deu um passo à frente, inclinou o estandarte e gritou:

– Às ordens, rei!

Abalado de comoção, Alexandre levantou os braços para o céu agradecendo aos seus soldados por não o abandonarem. Ptolomeu, que estava ao seu lado, viu que tinha os olhos cheios de lágrimas. Ficou algum tempo naquela posição, enquanto todo o exército gritava o seu nome com voz de trovão:

Alexandre! Alexandre! Alexandre!

Finalmente, ladeado pelos companheiros, o rei desceu do pódio, atravessou o acampamento entre duas cercas de lanças reluzentes e alcançou Bucéfalo que esperava por ele pateando e bufando.

CAPÍTULO 30

O exército avançou até Zadracarta, a capital dos ircanos, onde Alexandre encontrou a corte de Dario III que Besso não quisera levar consigo na sua retirada para as Províncias extremas do império. O rei dispensou então a cavalaria tessália dando a possibilidade a quem assim quisesse de ficar lutando ao seu lado como mercenário e mandou aprontar o exército para a longa marcha rumo ao oriente. A partida iria acontecer logo que chegassem os novos contingentes de reforços que esperava da Macedônia e que Parmênio despacharia o quanto antes.

A corte ficara hospedada em um bairro da cidade, sob a custódia dos eunucos. Alexandre ordenou que todo o pessoal ficasse imediatamente sob a proteção do exército e quis saber quais e quantos membros da família real ainda se encontravam ali. O chefe do cerimonial, um homem de uns sessenta anos chamado Frataférnes, totalmente glabro e de cabeça raspada apresentou–se para fazer o seu relato.

– Há as concubinas do rei com os seus filhos e a princesa real Estatira.

– Estatira?

– Isto mesmo, meu senhor.

Alexandre lembrou–se da carta na qual o rei Dario lhe oferecera o Domínio da Ásia a oeste do Eufrates e a mão da filha, e lembrou–se também de como recusara aquelas ofertas ignorando o parecer favorável de Parmênio.

– Desejo que marque quanto antes para mim um encontro com a princesa – disse. O eunuco despediu–se e logo mais, de tardinha, mandou um mensageiro avisando que a princesa o receberia depois do pôr–do–sol em seus aposentos no palácio que fora do sátrapa da Pártia.

Apresentou–se vestindo um quitão grego muito simples, branco e de comprimento talar, e um manto azul preso com uma fivela de ouro. O eunuco, esperava por ele na porta.

– A princesa está de luto, meu senhor, e pede desculpas por não ter podido se ornar da forma mais conveniente, mas o receberá com prazer pois já soube que é nobre de alma e de sentimentos.

– Ela fala grego? O eunuco anuiu.
– Quando o rei Dario pensou em oferecê–la a você como esposa mandou que a instruíssem na sua língua, mas aí...
– Pode anunciar–me?
– Claro – respondeu o eunuco –, mas não é preciso. A princesa já espera por você.
Alexandre entrou em um pequeno vestíbulo decorado com motivos florais e guirlandas de frutos e se viu diante de outra porta emoldurada por um umbral de pedra esculpida com a arquitrave assentada sobre dois grifos. A porta abriu–se e uma jovem criada deixou–o passar, saindo logo a seguir e fechando a porta atrás de si.
A princesa Estatira estava diante dele, em pé ao lado de uma mesinha de leitura na qual se viam alguns rolos e uma estatueta de bronze que representava um cavaleiro das estepes. Vestia uma túnica de lã crua da cor do marfim, apertada na cintura com um cinto de couro, e chinelos também de couro decorados com um simples bordado de lã azul. Não usava jóias, a não ser uma pequena corrente no pescoço com um pendente de prata que representava o deus Azura Mazda.
Estava de cara lavada, mas os seus traços graciosamente marcados ressaltavam igualmente o seu rosto altivo e ao mesmo tempo delicado. Tinha, do pai, os olhos escuros e profundos encimados pelas densas sobrancelhas, enquanto deviam ser da mãe os lábios úmidos e macios, bem desenhados, o fino pescoço, o peito firme e bem moldado, as pernas que se podiam imaginar longas e esbeltas.
Alexandre aproximou–se até ficar bem na frente dela, perto o bastante para poder sentir o delicado perfume de cássia e de nardo, para deixar–se envolver pelo fascínio que já aprendera a reconhecer nas mulheres orientais.
– Estatira – disse fazendo uma mesura. – Estou profundamente magoado com a morte do rei seu pai e vim dizer–lhe...
A jovem retribuiu a saudação com um sorriso melancólico e deu– lhe a mão que
Alexandre apertou por um momento entre as suas.
– Não quer sentar, meu senhor? – perguntou a jovem, e a língua grega que ressoava entre os seus lábios com um sotaque estranho mas intensamente musical lembrou–lhe de forma impressionante a voz de Barsine. Sentiu o coração bater mais depressa no peito. Sentou– se

diante dela e recomeçou:
– Desejo anunciar–lhe que providenciei para que as mais altas honras sejam prestadas ao rei Dario, que será sepultado no seu túmulo no penhasco de Persépolis.
– Fico agradecida – respondeu a jovem.
– Também jurei capturar o assassino, o sátrapa Besso que fugiu para a Bactriana, e infligir–lhe o castigo que a lei persa prescreve a quem trai e mata o seu rei.
Estatira baixou a cabeça com um movimento leve e gracioso em sinal de aprovação, mas permaneceu calada. Enquanto isto, uma das criadas entrou com uma bandeja na qual havia duas taças cheias de neve e suco de romã recémespremido, de uma viva cor rosada. A princesa ofereceu uma taça ao hóspede, mas ela não tomou a refrescante
bebida em cumprimento às rígidas normas do luto, e ficou olhando para ele em silêncio, parecia–lhe impossível que aquele rapaz de traços tão perfeitos, de modos tão simples e atenciosos, fosse o invencível conquistador, o implacável exterminador que desbaratara os mais poderosos exércitos da terra, o demônio que queimara o palácio de Persépolis entregando a cidade aos seus homens para que a saqueassem. Naquele momento só lhe parecia ser um jovem gentil que tratara com o maior respeito todas as mulheres persas que se haviam tornado suas prisioneiras, que nunca tinha desonrado os adversários e que conseguira ganhar a afeição da rainha–mãe.
– Como está a minha avó? – perguntou com expressão ingênua, mas logo se corrigiu: – Isto é, a Grande Mãe Real.
– Razoavelmente bem. É uma mulher nobre e forte que suporta com grande dignidade os reveses do destino. E você, princesa, como está?
– Bastante bem, meu senhor, dentro do possível.
Alexandre acariciou–lhe novamente a mão com delicadeza:
– Você é bonita, Estatira e seu pai devia ter muito orgulho de você. Os olhos dela ficaram úmidos.
– Tinha sim, pobre do meu pai. Hoje mesmo ia completar cinqüenta anos. Mas obrigada , de qualquer maneira, pelas suas boas palavras.
– São sinceras – replicou Alexandre. Estatira baixou a cabeça.
– É estranho ouvi–las do jovem que recusou a minha mão.
– Eu não a conhecia.
– Iria mudar alguma coisa?

– Talvez. Um olhar pode mudar o destino de um homem.
– Ou de uma mulher – respondeu fitando–o intensamente com os olhos lustrosos de lágrimas. – Por que veio? Por que deixou o seu país? Não é bonito, o seu país?
– Oh, sim, claro que é bonito – respondeu Alexandre. – Muito bonito, aliás.
Há montanhas cobertas de neve, avermelhadas aos raios do pôr–do–sol e prateadas à luz do luar, há lagos cristalinos tão transparentes quanto os olhos de uma jovem, encostas floridas e bosques de abetos azuis.
– E não tem uma mãe, uma irmã? Não pensa nelas?
– Todas as noites. E toda vez que o vento sopra para ocidente confio–lhe as palavras que nascem do meu coração para que as leve a Pela, até o palácio onde nasci, e a Butroto, onde mora a minha irmã, como uma andorinha num ninho de pedra a pique sobre o mar.
– E, então, por quê?
Alexandre hesitou, como se receasse despir completamente a sua alma diante daquela jovem desconhecida, e deixou os seus olhos vaguearem para longe, para além das muralhas da cidade, até as montanhas cobertas de florestas e de pastos verdejantes. Chegavam naquele exato momento da rua as vozes dos homens que negociavam as suas mercadorias, as das mulheres que conversavam enquanto fiavam a lã, e também ouvia–se o som esganiçado dos grandes camelos da Bactriaria que avançavam pacientes em longas caravanas.
– É difícil responder – disse em certa altura, depois de um leve estremecimento como se só então voltasse à realidade. – Sempre tive o sonho de ir além do horizonte que podia alcançar com o olhar, de chegar aos extremos confins do mundo, às ondas do Oceano...
– E aí? O que fará depois de conquistar o mundo inteiro? Acha que realmente será feliz? Que terá conseguido aquilo que de verdade deseja? Ou quem sabe poderá ser tomado por uma ansiedade ainda mais forte e profunda, desta vez invencível?
– Talvez, mas nunca poderei saber sem, antes, alcançar os limites que os deuses concedem ao ser humano.
Estatira olhou para ele em silêncio e, fitando–o fixamente nos olhos, por um momento teve a impressão de estar à beira de um mundo misterioso e desconhecido, à beira de um deserto habitado por demônios e fantasmas. Sentiuse tomada por uma sensação de vertigem, mas também

de invencível atração e fechou instintivamente os olhos. Alexandre beijou–a e ela sentiu a carícia dos seus cabelos no rosto e no pescoço. Quando voltou a olhar em volta, ele já não estava.
No dia seguinte ela recebeu a visita de Eumênio, o secretário–geral que vinha pedir a sua mão para o seu rei.



CAPÍTULO 31

O casamento foi oficiado segundo o rito macedônio: o esposo cortava o pão com a espada e dava um pedaço à esposa que o comia dividindo–o com ele. Um ritual simples e sugestivo que impressionou agradavelmente Estatira. A festa também foi regida pelas regras macedônias, com grande fartura de bebidas, um banquete interminável, cantos, espetáculos e danças. Estatira não participou dela pois ainda estava de luto pela morte do pai e esperou o marido no quarto de dormir, um pavilhão em madeira de cedro no topo do edifício, velado por grandes cortinas de linho, egípcio e iluminado com lamparinas.

Quando Alexandre entrou, ainda se puderam ouvir durante algum tempo as canções chulas dos soldados ressoando pelos pátios mas, logo que a vozearia se acalmou, surgiu um canto solitário na noite, uma suave elegia que pairou por cima das copas das árvores
em flor como o canto de um rouxinol.

– O que é? – perguntou o rei.

Estatira aproximou–se dele usando uma roupa indiana transparente e apoiou a cabeça no seu ombro.

– É uma canção de amor da nossa terra: conhece a história de Abrocome e Ancia? Alexandre passou um braço em torno da cintura dela e apertou–a junto a si.

– Claro que conheço, só que em grego. Um autor nosso descreveu–a em uma obra chamada A educação de Gro, mas o som parece–me lindo em persa, embora ainda não entenda a sua língua. É um conto muito bonito.

– É a história de um amor que vai além da morte – disse Estatira com um leve tremor na voz.

Alexandre desatou–lhe a veste e contemplou–a nua diante de si, aí segurou–a nos braços, levantou–a como se fosse uma menina e deitou–a na cama. Amou–a com intensa ternura, como se quisesse compensá–la por tudo o que tirara dela, a pátria, o pai, a juventude despreocupada. Ela correspondeu com apaixonado ardor, guiada pelo seu instinto de

jovem intacta e pela milenar e sábia experiência que as suas damas de companhia deviam ter–lhe transmitido para que não desapontasse o marido no leito nupcial.
E, enquanto ele a apertava entre os braços, beijava–lhe o seio, o ventre macio e as longas coxas esbeltas de efebo, ouvia os seus gemidos de prazer que se libertavam cada vez mais intensos. A antiga canção de Abrocome e Anciã, os amantes perdidos, continuava a ecoar no ar perfumado como um hino extremamente doce e pungente.
Possuiu–a várias vezes e nunca se retraiu sem antes levar a cumprimento o seu ato vital de esposo íntegro e potente. Aí deixou–se jazer a seu lado enquanto a jovem se aconchegava a ele acariciando–lhe o peito e os braços até ele adormecer. O canto também se perdeu ao longe, na noite, só ficou o som de um instrumento desconhecido, parecido com uma cítara, mas ainda mais suave e harmonioso, e finalmente mais nada.
A luz do primeiro sol despertou Alexandre ao alvorecer. O rei dispôs–se a levantar–se e a chamar Leptine, como de costume, quando viu diante de si uma longa fileira de pessoas perfeitamente alinhadas, homens e mulheres que já deviam estar pacientemente esperando que ele acordasse havia algum tempo.
Na parcial inconsciência da hora matinal, Alexandre já ia esticar o braço para pegar a espada mas se deteve. Ficou sentado na cama apoiando–se na cabeceira e, mais pasmo do que zangado, perguntou:
– Quem são vocês?
– Somos os encarregados da sua pessoa – respondeu um eunuco – e eu sou o
responsável pelo cerimonial matutino.
Alexandre deu uma sacudidela em Estatira que ainda estava dormindo e ela também se ergueu cobrindo–se com a roupa de dormir.
– O que esperam que eu faça? – perguntou–lhe baixinho.
– Absolutamente nada, meu senhor, eles se encarregam de tudo. É por isto que estão aqui.
Logo depois, com efeito, o eunuco convidou–o com um gesto a acompanhálo ao quarto de banho onde duas criadas e mais um jovem eunuco seminu o lavaram, massagearam e perfumaram enquanto Estatira recebia os cuidados das suas próprias criadas.
Em seguida, o jovem eunuco muito bonito aproximou–se e enxugou–o com movimentos muito delicados e sábios, demorando–se com uma

diligência um tanto insistente nas partes mais sensíveis do seu corpo. Aí chegou a hora de se vestir:
uma depois da outra, sempre sob a vigilância do eunuco supervisor, as criadas aproximaram–se segurando peças de vestuário que ajeitaram nele com movimentos experientes e delicados: primeiro as roupas de baixo que até então Alexandre jamais usara, depois as calças de bisso rendado, mas aí Alexandre fez um gesto de incontestável recusa.
O eunuco meneou a cabeça e trocou um olhar perplexo com o responsável do vestuário.
– Não uso calças – explicou o rei. – Mande trazer o meu quitão.
– Mas, meu senhor... – tentou dizer o chefe do vestuário, ao qual parecia absurdo que alguém usasse as roupas de baixo sem vestir, em seguida, os trajes de verdade.
– Não uso calças – repetiu Alexandre categórico, e embora o homem não entendesse o grego, soube perfeitamente interpretar o tom e o gesto. As criadas mal conseguiram reprimir uns risinhos. O eunuco e o responsável pelo guardaroupa real entreolharam–se e então mandaram um serviçal buscar o quitão grego e ajudaram–no a vesti–lo. Nesta altura, porém, já não sabiam como continuar com a cerimônia. O jovem eunuco bonito tomou então a iniciativa: pediu que uma criada lhe entregasse a kandys, a esplêndida sobreveste real de amplas mangas plissadas, e deu–a para ele vestir. O rei ficou olhando para ela, depois para o responsável pelo vestuário que o fitava cada vez mais constrangido, e então, com alguma relutância, usou–a. Trouxeram em seguida o véu para a cabeça com o qual cobriram a sua testa e o pescoço de forma extraordinariamente elegante, deixando–o descair em amplas dobras sobre os seus ombros.
Mais serviçais borrifaram–no com perfume e o jovem eunuco colocou na sua frente um espelho para que se admirasse e disse–lhe, em grego:
– Está lindo, meu senhor.
Alexandre ficou surpreso ao perceber que aquele rapaz falava tão bem o grego e perguntou:
– Qual é o seu nome?
– Bogoas, senhor. Era encarregado da pessoa do rei Dario e também o seu favorito. Ninguém sabia dar–lhe prazer como eu. Agora sou teu senhor se quiser.
E proferiu essas palavras em um tom tão turvo e sensual que o rei até

ficou impressionado. Não respondeu, observou a imagem refletida pela lâmina prateada e experimentou algum tipo de ingênua satisfação, achou que aquelas roupas combinavam com ele. Estava a ponto de ir ver Estatira para que pudesse admirálo quando no corredor se ouviram ressoar os passos de toscos calçados macedônios tacheados e logo em seguida o Negro chegou, armado da cabeça aos pés e visivelmente preocupado. Começou a falar antes mesmo de entrar:
– Rei, há notícias importantes de... – Mas, logo que o viu, parou, a sua expressão mudou de repente e deu uma gargalhada. – Por Zeus! Que multidão é essa? Quem são estas mulheres e estes bolas–murchas? E, além disto... que raio de roupas são essas? Alexandre não achou a menor graça e num tom irritado e ressentido respondeu:
– Pare com isto, pare imediatamente! Não esqueça que eu sou o rei.
– O rei? – continuou o Negro. – Que rei? Nem dá para reconhecê–lo, parece mais...
– Mais uma palavra e mandarei desarmá–lo e deixá–lo sob custódia. Vamos ver, então, se ainda continuará a achar graça.
O Negro baixou a cabeça.
– O que queria dizer–me?
– Chegou a notícia de que Besso está na Bactriana, onde se proclamou Grande Rei com o nome de Artaxerxes IV.
– Só isto?
– Os reforços da Macedônia foram avistados na estrada de Ecbátana, cerca de sete mil homens, e com eles também vieram os pajens. Devem chegar aqui ainda esta tarde.
– Muito bem. Irei vê–los hoje mesmo, ao pôr–do–sol. Cuide para que o exército fique em formação.
O Negro saiu mordendo os lábios para não dizer mais coisa alguma e logo a seguir, por todo o acampamento, já circulava a novidade de Alexandre vestir–se como persa e de ficar cercado de mulheres e eunucos.
– Não pode ser! – exclamou Filotas quando soube da coisa. – Meu pai cobriria os próprios olhos para não assistir a essa vergonha.
– Também acho – replicou Cratero. – Não foi ele mesmo a nos dar uma bronca, em
Persépolis, dizendo que não nos havia trazido até aqui para que nos portássemos como aqueles que havíamos derrotado?

– Não vejo nisto nada de mais – interveio Heféstion. – Já viram Alexandre vestido como faraó, no Egito. Por que não deveria então vestir–se como Grande Rei na Pérsia? Casou com a filha dele e herdou o império.
– Qualquer coisa que Alexandre faça ou diga – rebateu Filotas – para você está sempre ótimo, mas o rei Filipe ficaria horrorizado ao ver uma coisa dessas e...
– Pare com isto! – interrompeu Heféstion. – Ele é o rei e tem o direito de fazer o que bem quiser. E vocês deveriam estar envergonhados. Você também, Negro, que fica jogando lenha na fogueira. Quando vocês ficaram nas tendas de ouro persa bem que gostaram, não é? E você, Filotas, não ficou contente quando o tornou chefe supremo da cavalaria? E agora está fazendo todo este rebuliço por causa de uns trapos? Não me façam rir!
– Faço rir? Agora vai ver como é que vou fazê–lo rir! – gritou o Negro que já estava de péssimo humor, e levantou ameaçadoramente o braço.
Ptolomeu intrometeu–se imediatamente para separá–los e Seleuco veio ajudar:
– Calma, calma! Estão loucos? Chega! Parem com isto, por todos os deuses! Parem com isto!
Os dois afastaram–se sem esconder a hostilidade e Cratero ficou ao lado de Cleito, como que mostrando que concordava com ele.
– Escutem – disse Seleuco. – Seria uma verdadeira estupidez brigarmos por causa de bobagens como estas. Alexandre pode ter usado trajes persas para contentar Estatira ou por mera curiosidade. Sempre houve harmonia entre nós e é assim que deve continuar. Estamos bem no meio de um território que em grande parte ainda nos é hostil. Se começarmos a brigar entre nós, será o fim.
– Não são bobagens – afirmou uma voz bem conhecida, atrás dele. Seleuco virou–se.
– Calístenes...
– Repito, não são bobagens. Alexandre partiu da Grécia como comandante da liga pan– helênica com a tarefa de destruir o inimigo secular dos gregos. Esta é a sua única e verdadeira tarefa, aquela na qual se empenhou em Corinto com um solene juramento.
– Incendiou Persépolis – interveio Eumênio, que até então havia permanecido calado. – Não lhe parece suficiente? Sacrificou o mais

bonito palácio real do mundo no altar da idéia pan–helênica.
– Errado – rebateu Calístenes. – Fez aquilo porque não tinha escolha, e digo isto porque soube de fonte segura. Naquela altura não se importava minimamente com a Grécia e
com os gregos, como aliás receio que não se importe agora.
Naquela mesma hora tocaram os clarins e uma unidade de éteros em trajes de desfile saiu a galope da porta ocidental do acampamento formando duas fileiras às bordas da estrada de acesso. Logo depois ouviu–se o rufar ritmado dos tambores e o passo cadenciado de tropas que se aproximavam.
– Os reforços da Macedônia! – exclamou Ptolomeu. – Alexandre deve chegar a qualquer momento. Vamos nos preparar, em lugar de ficar aqui discutindo.
Calístenes sacudiu a cabeça com uma expressão de pena e afastou–se. Os outros, mais ou menos apressadamente, foram vestir a armadura para perfilar–se diante do resto do exército e receber os companheiros que vinham da pátria.
Os recém–chegados marcharam em perfeita ordem através do acampamento, recebidos por sonoros toques de corneta pela unidade de éteros que apresentava as armas, e foram dispor–se diante do pódio erguido ao lado da tenda real. Atrás deles, o exército inteiro ficou em posição de sentido. Os que mais sobressaíam, devido às capas brancas e aos curtos quitões vermelhos, eram os pajens, os jovens pimpolhos da melhor nobreza macedônia que tinham vindo servir ao rei Alexandre assim como já haviam feito Perdicas, Ptolomeu, Lisímaco e os demais companheiros sob o comando do rei Filipe no palácio de Pela.
Os clarins voltaram a tocar e desta vez todos se viraram para a porta oriental pois aquele som anunciava a chegada do soberano.
– Oh, deuses – murmurou baixinho Ptolomeu levando a mão à testa.
– Ainda está usando os trajes persas.
– Desta forma todos saberão de uma vez como é que vai ser – comentou Seleuco, impassível. – É melhor assim, acredite.
Alexandre chegou a galope, montando em Bucéfalo, e a sobreveste persa do mais fino bisso esvoaçava como um véu. A echarpe que lhe emoldurava o rosto e que se cruzava no seu peito dava–lhe um aspecto insólito e, mesmo assim, estranhamente atraente. Desmontou diante do pódio e subiu lentamente os degraus que levavam à plataforma, aí virou–

se e enfrentou, naquelas roupas e com aquela atitude, o exército macedônio com os veteranos e os recrutas, sob o olhar pasmo de todos, desde os companheiros até o último soldado, os rapazolas perfilados embaixo do palanque também fitavam–no quase não acreditando no que viam.

– Quis comparecer pessoalmente – começou – para recebe estes nossos companheiros recém–alistados que nos foram mandados pelo regente Antípatro, e para dar as boas– vindas aos garotos que os nobres da Macedônia nos enviaram para que cresçam ao
serviço do seu rei e aprendam a ser guerreiros valorosos e leais. Posso ler a atônita surpresa em seus olhos, como se estivessem vendo um fantasma, e entendo a razão, é por causa deste traje que visto, a kandys, e deste véu que me envolve a cabeça. São de fato vestimentas persas as que estou usando por cima do quitão de guerreiro grego e quero que saibam que fiz isto de propósito, pois já não sou apenas o rei dos macedônios. Também sou faraó do Egito, rei dos babilônios e Grande Rei dos persas. Dario está morto e casei–me com a princesa Estatira, e sou, portanto, o seu sucessor. Como tal, reivindico a autoridade sobre todo o império que foi dele e tenciono confirmá–la perseguindo o usurpador Besso seja onde for que ele se esconde. Ele será preso e sofrerá o merecido castigo.

– Agora mandarei distribuir presentes aos recém–chegados e esta noite todos vocês terão um jantar especial com vinho bom e farto. Quero que se divirtam e que passem uns bons momentos, pois dentro em breve partiremos de novo para nunca mais parar até conseguirmos o que queremos!

Houve um aplauso um tanto morno, e Alexandre nada fez para solicitar uma ovação mais calorosa e entusiasta. Percebia o que os seus homens e companheiros deviam estar sentindo, e dava–se conta da perplexidade dos garotos recém–chegados da Macedônia como pajens, para os quais ele devia ser uma lenda viva. Viam–se diante de um homem que usava os trajes dos bárbaros vencidos, que para eles tinham características tipicamente femininas. E não era só isto: o que estava a ponto de dizer seria muito pior. Esperou que o silêncio voltasse e aí recomeçou:

– A tarefa que espera por nós é tão difícil quanto aquelas que realizamos até agora, e as novas tropas que chegaram da pátria não são suficientes: teremos de lutar contra inimigos que nunca vimos e contra os quais

nunca lutamos, teremos de deixar guarnições em dúzias de cidades e praças–fortes, enfrentando exércitos ainda mais numerosos do que os que derrotamos em Isso e Gaugamela... – Um pesado silêncio havia agora tomado conta do acampamento e os olhos de todos os guerreiros estavam fixos em Alexandre, os ouvidos aguçados para não perder uma palavra sequer. – Tomei portanto uma decisão que talvez não agrade a todos, mas que é absolutamente necessária: não podemos sangrar a nossa pátria com repetidas conscrições nem desguarnecer as suas defesas. Decidi então alistar trinta mil persas e treiná–los segundo as técnicas militares macedônias. O treinamento começará imediatamente, até amanhã, os chefes militares de todas as satrapias do império receberão instruções detalhadas.

Ninguém aplaudiu, ninguém pediu a palavra nem abriu a boca. Naquele silêncio tumular o rei estava sozinho como nunca estivera até então. Somente Heféstion aproximou–se e

segurou as rédeas de Bucéfalo enquanto ele pulava na garupa afastando–se em seguida a galope.

CAPÍTULO 32

Eumênio fechou o rolo para devolvê–lo e fitou Calístenes nos olhos. – Então, para você
Alexandre seria isto?

– Talvez fosse melhor eu dizer "isto é o que Alexandre deveria ser" – respondeu Calístenes com uma expressão perplexa no olhar.

– A tarefa do historiador deveria ser contar os fatos como eles aconteceram, depois de ter sido testemunha ocular ou de ter consultado alguém digno de confiança que os presenciou – replicou o secretário como se recitasse uma fórmula aprendida de cor.

– Acha que não conheço os deveres de um historiador? Mas eu também preciso interpretar a alma e os sentimentos de Alexandre para tomá–los acessíveis aos que lerão a minha obra. Deixei você ler aquilo que escrevi até agora pois preciso do seu consolo e porque escreve todos os dias o diário desta expedição, mas sobretudo porque...

– Porque ele está saindo das margens da sua página, das fronteiras que traçou em volta dele com a sua obra?

– Talvez.

– Tem de aceitar os fatos: Alexandre já não é a pessoa que conhecíamos, talvez nunca tenha sido.

– Jurou diante de todos os gregos que guiaria uma expedição pan–helênica contra a
Pérsia, o secular inimigo.

– Fez isto. E venceu. Primeiro e único entre todos os gregos. Calístenes levantou–se de chofre num impulso de impaciência:

– É verdade, mas agora está se tomando um deles, usa as mesmas roupas, fica cercado de eunucos e concubinas, manda ensinar–lhes a valiosa técnica de combate, dizem que está tomando aulas de persa, dizem... que ontem, durante uma das suas festas bárbaras, beijou na boca, em público, aquele... aquele tal de Bagoas.

– Decidiu escandalizar todos aqueles que pensam como você, só isto – replicou Eumênio.

– Quer deixar bem claro que chegamos a um lugar de onde não há

retorno. Quanto às festas, francamente não creio que as suas fossem menos bárbaras. Precisamos aceitar as coisas como são e como sempre foram, acredite, e esquecer de vez a imagem que dele construímos para o nosso bem.
– Para o nosso bem?
– Isto mesmo. A imagem que criou na sua História é uma imagem tranqüilizadora, fácil de
ser compreendida e amada pôr qualquer grego com boa educação e idéias políticas suficientemente moderadas. Só que Alexandre é algo completamente diferente.
– Oh, quanto a isto não tenho dúvidas, e ele não perde uma ocasião sequer para nos lembrar dessas diferenças. Os homens estão desnorteados, os recrutas e os jovens pajens que vieram da Macedônia estão escandalizados. Esperavam encontrar um herói, um conquistador, o herdeiro de Aquiles e de Hércules, e em lugar disto estão vendo um homem vestido de mulher, que cada dia introduz algum novo costume bárbaro, desprezível e vergonhoso.
– Hábitos diferentes daqueles a que estamos acostumados, Calístenes.
Levou–nos a territórios que nenhum outro grego jamais havia pisado, sob um outro céu, através de desertos e planaltos. Levou–nos além do Nilo, do Tigre e do Eufrates e agora já sonha com o Indo. Nada podia continuar como era antes, não entende?
– Entendo, mas nunca aceitarei uma coisa dessas.
– Contou para ele?
– Contei.
– E o que foi que ele disse?
– Disse: "Escreva o que quiser, Calístenes". Não faz diferença para ele, nada mais lhe interessa.
Eumênio achou desnecessário continuar a conversa: sabia que o seu interlocutor estava tão amargurado que nada poderia dissuadi–lo das suas convicções e do conceito que havia tomado forma na sua mente. Já era tarde e levantou–se para ir embora, mas antes de sair virou–se, pois sentia que ainda tinha alguma coisa a dizer e talvez um conselho a lhe dar.
– Alexandre muda continuamente porque a sua curiosidade é insaciável assim como é inesgotável a sua força vital. É como a Alcione que, ao que dizem, nunca pousa em terra firme durante toda a sua vida e até dorme

enquanto voa, deixando–se levar pelo vento. Se não está a fim de acompanhá–lo, vá embora Calístenes, volte antes que seja tarde demais.
O historiador ficou sozinho meditando sobre estas palavras e repassando com os olhos as linhas da sua História da expedição de Alexandre à luz da lanterna. Só pareceu se recuperar desta espécie de torpor quando, depois de algum tempo, a voz de um serviçal anunciou:
– Meu senhor, há um homem que chegou com as tropas auxiliares, que o procura.
– Deixe–o entrar e traga um pouco de vinho.
O homem entrou e se apresentou: o seu nome era Evônimo, nascera em Bizâncio mas
morava em Neápolis, na Trácia. Um grande sábio de Estagira confiara–lhe uma mensagem a ser entregue a Calístenes, recompensando–o pelo favor e garantindo–lhe que o destinatário também ofereceria mais algum dinheiro.
– Eu sou Calístenes – disse o interessado procurando a bolsa. – E aqui estão duas moedas recém cunhadas como prêmio pelo incômodo que teve. agora posso ler a mensagem?
O homem entregou a carta, botou o dinheiro no bolso, tomou um gole de vinho e foi embora. A mensagem dizia:
Aristóteles ao sobrinho Calístenes, salve!
Espero que esteja saudável e forte. Eu, infelizmente, estou sendo atormentado pôr uma dor no ombro que não me deixa dormir direito. Fico me perguntando onde esta minha carta o alcançará e se te encontrará na melhor disposição. Já faz algum tempo que me chegam da parte de Alexandre plantas e animais raros para as minhas coleções, o que me deixa entender que estão indo para lugares cada vez mais longínquos e desconhecidos.
Quanto a mim, toda vez que fiquei livre das minhas obrigações na Academia, viajei à
Macedônia e à Trácia para continuar as nossas investigações.
O homem que dizia chamar–se Nicandro e que havia sido um dos cúmplices de Pausânias no assassinato de Filipe, na verdade chama–se Eupito e, como lhe disse na carta anterior, tem uma filha que mantém escondida num templo de Ártemis nos arredores de Salmidesso, na Trácia. Encontrei a filha com a ajuda de um oficial de Antípatro e fiz com que ficasse sob custódia num lugar seguro onde o pai também

pudesse vê–la e convencer–se de que só falando iria tê–la de volta.
Acredito que disse o que sabia, isto é, que Pausânias foi morto pôr um dos guardas epirotas que na verdade estava em conluio com os assassinos do rei e que ele, Eupito, foi encarregado de encontrar um esconderijo para o guarda e de fazê–lo sumir. Os indícios parecem apontar a rainha–mãe como mandante, mas pôr enquanto é melhor continuar a raciocinar sem preconceitos até tudo se esclarecer.
Este homem ainda está vivo e se esconde numa aldeia montanhosa da Fócida, perto de Aliarto. Logo que o tempo melhorar, pois agora está péssimo, tenciono ir para lá se a minha dor no ombro permitir.
Cuide–se.
Calístenes fechou a carta, apagou a lanterna e deitou–se, procurando pensar em alguma coisa que lhe conciliasse o sono.
A marcha recomeçou alguns dias depois e, na tarde anterior à partida, todos os
companheiros de Alexandre e os comandantes das grandes unidades da falange e da cavalaria dos éteros receberam de presente do rei delicados arreios de prata para os cavalos, à moda dos persas, e mantos de púrpura. Ninguém ousou recusá–los, nem mesmo Cleito, o Negro, mas nem ele nem Filotas dispuseram–se a usá–los. Estatira foi mandada de volta a Ecbátana com as suas damas de companhia, e dali seguiria viagem para visitar o túmulo do pai no rochedo de Persépolis. Alexandre despediu–se dela com pesar.
– Pensará em mim? – perguntou–lhe a jovem enquanto as criadas a preparavam para a partida.
– Sempre, até mesmo no meio de uma batalha, até quando estiver tão longe que verei as nossas constelações baixas no horizonte, E você também, pensa em mim, minha suavíssima esposa.
– Levará Bagoas contigo? – perguntou Estatira com um toque quase imperceptível de malícia.
– Sim – respondeu Alexandre. – Alegra–me e sabe acalmar–me até quando estou aflito e cheio de preocupações. Dança e canta de forma encantadora.
– E é muito bonito também – disse Estatira. – Tem quadris perfeitos, de dar inveja à mais graciosa das moças, e a sua pele é tão lisa e macia quanto uma pétala de rosa. Afinal pode considerá–lo um presente meu, uma vez que eu mesma o tinha doado ao meu pai. Alexandre apertou–a

num longo abraço e depois ajudou–a a subir no carro.
– Se pôr acaso perceber que está grávida, mande avisar–me imediatamente, não importa onde eu esteja, com o correio mais rápido da cidade. Escrevi ao meu tesoureiro Harpalo para que deixe à sua disposição tudo aquilo que precisar.
– Aquilo de que preciso é você – replicou a jovem – mas não é possível ter tudo. Tome cuidado, não se exponha sempre entre os primeiros. Não saberia aceitar te perder. – Beijou–o mais uma vez na boca, enquanto o sol aparecia atrás dos imponentes picos dos montes ircanos.
Ouviu–se então o rumor de milhares de cascos, gritos de recoveiros e o ranger de muitas rodas. Alexandre virou–se e viu um grande cortejo de carros parecidos com aquele que levaria Estatira embora: escoltado pôr cavaleiros persas armados, o interminável comboio estava se juntando às últimas unidades do exército.
– O que é isso? – perguntou o rei, surpreso, ao oficial persa que chefiava a escolta.
– São os carros das suas concubinas, meu adorado esposo – respondeu Estatira antes que o homem tivesse tempo de abrir a boca. – Trezentas e sessenta e cinco, como os dias do ano, cada uma com o seu séqüito, obviamente.
– As minhas concubinas? Mas eu estou enfrentando uma guerra e...
– Não pode se separar delas. São todas filhas de reis nossos aliados ou de poderosos chefes tribais das estepes. Não vá querer torná–los seus inimigos e empurrá–los para o lado de Besso, não é?
Não – respondeu Alexandre consternado. – Claro que não.

CAPÍTULO 33

O exército movimentou–se logo a seguir, dirigindo–se para o oriente e avançando pôr um ondulado planalto coberto de farta vegetação. A notícia de, que a não ser pela princesa Estatira, o resto da corte persa acompanhava em massa a expedição logo circulou entre todas as unidades deixando atrás de si um rastro de incredulidade, ironia e até mesmo escárnio. Heféstion esteve mais de uma vez a ponto de desembainhar a espada para defender a honra do rei, mas aí Ptolomeu e Seleuco ficaram ao seu lado para abafar logo de saída as contendas e os batebocas que ameaçassem se tomar tumultos mais graves. Depois de vinte dias de marcha, quando os guias já estavam a ponto de virar para o norte rumo à Bactriana, onde Besso se refugiara, soubesse que Satibarzane e Barsaente, sátrapas das províncias da Ária e da Aracósia, se haviam rebelado e preparavam um exército para atacar a coluna pelas costas.

Alexandre reuniu imediatamente o conselho de guerra e apresentou–se vestindo a armadura grega, mas todos repararam que, além do anel com a estrela argeade, também usava outro com o selo real da Pérsia.

– Amigos – começou –, já devem estar sabendo que precisamos modificar a nossa direção de marcha: temos de virar para o sul a fim de acabar com a rebelião de Satibarzane e Barsaente. Eis o que faremos: enquanto Cratero nos acompanhará com a infantaria, eu me adiantarei com toda a cavalaria. Filotas, Heféstion, Ptolomeu, Lisímaco e Leonato virão comigo. Perdicas e Seleuco ficarão com Cratero. Cairemos em cima dos rebeldes o mais rápido possível, antes que eles percebam que mudamos de direção, e acabaremos com eles. Se for necessário, Cratero nos apoiará quando chegar. Se alguém tiver uma idéia melhor, pode expressá–la livremente.

Ninguém falou, ninguém riu ou brincou ou disse bravatas como normalmente acontecia. Havia no ar uma pesada sensação de embaraço e de insatisfação. Todos estavam a par

de como o rei tratara Cleito em Zadracarta, quando este se atrevera a criticar a sua indumentária. Todos pensavam, sem fazer comentários, no

enorme desperdício de tempo e de energia representado pela presença de todo o séqüito de concubinas, eunucos e serviçais que estorvavam inutilmente a marcha. Todos sabiam muito bem dos contínuos atritos e da recíproca rejeição entre as tropas macedônias e persas.
Alexandre fitou–os nos olhos, um pôr um, buscando uma expressão de amizade ou de compreensão, mas todos baixavam a cabeça como se tivessem vergonha de demonstrar a afeição que durante tantos anos haviam sentido pôr ele.
– Não vejo muito entusiasmo – observou num tom propositalmente submisso. – Será que lhes tratei mal? Pôr algum motivo os decepcionei? Vamos, falem livremente!
Quem falou foi Heféstion:
– Não têm coragem de dizer, mas estão com medo. Olhe para eles! Agora que estão ricos e esperam poder aproveitar a vida, ficaram com medo, criticam a você porque usa roupas luxuosas demais, porque leva contigo soldados persas e todas aquelas mulheres, mas é o que eles mesmos gostariam de fazer, quem sabe bem instalados em algum rico palácio entre esta região e a costa fenícia. Já não lembram as promessas que fizeram de segui–lo para qualquer lugar, até para o fim do mundo. Não é isto, rapazes? Vamos, falem alguma coisa, ou será que o gato comeu as suas línguas?
– Pare com isto, Heféstion – interveio nesta altura Cratero. – Estou pronto para dar a minha vida pelo rei, agora, aqui mesmo, e todos os companheiros estão prontos a fazer a mesma coisa. Não se trata apenas de roupas e de concubinas, os homens precisam saber quando esta guerra vai acabar. Precisam conhecer qual é a nossa meta e quanto tempo vamos levar para alcançá–la. Não podem ficar sabendo em cima da hora, dia a dia, que vai haver mais uma etapa, e aí outra, e mais outra depois. Para o norte, não, agora para o sul, ou será que é para o oeste? Precisam reconhecê–lo, Alexandre, saber que continua sendo o seu rei.
Estão dispostos a segui–lo, mas não agüentam viver em contínua insegurança, consumindo os seus dias sem certeza de coisa alguma, sem esperança.
Alexandre acenou com a cabeça, sem falar, como constatando pela primeira vez uma situação que só um mês antes nem teria conseguido imaginar.
Heféstion retomou a palavra:

– Mas então vocês, o que vocês estão dizendo aos seus homens? Você, Filotas, que é agora o comandante geral de toda a cavalaria, o que diz aos seus éteros? Continua a dizer que Alexandre nada teria feito sem a sua contribuição e a do seu pai? Que se tomou um desmiolado? Que, à noite, a sua única preocupação é assistir ao desfile das
concubinas nuas para escolher aquela que deverá cuidar do seu pinto? Que já não se interessa pêlos estudos, que não se importa com os seus homens nem com o destino deles?
– Mentira! – gritou Filotas fora de si. – Nunca falei essas coisas.
– Pode ser – replicou Heféstion. – Mas é o que andam dizendo pôr aí, e já diziam na Cilícia depois da batalha de Isso, e no Egito depois da nossa volta do oásis de Amon.
– Calúnias! Mentiras! Traga–me quem disse essas palavras, encontre um soldado, mesmo apenas um, que venha sustentar de peito aberto essas falsidades, se tiver coragem. Chegou ontem a notícia de que o meu irmão Nicanor está doente em Zadracarta, ferido pôr uma flecha durante uma ronda nas montanhas da Ircânia, e até agora nenhuma cura surtiu efeito, alguém se importou em perguntar como ele está? Alguém pensou no meu pai, que já perdeu o seu filho caçula e que talvez agora vá perder outro? E será que eu pedi para ser dispensado, para poder voltar e cuidar dele?
– Você é o comandante geral da cavalaria – rebateu Heféstion, sarcástico – e preza este cargo o bastante para esquecer o coitadinho do Nicanor.
Filotas levantou–se e já ia investir em cima dele quando Ptolomeu o deteve ficando entre os dois e olhando fixamente para Heféstion.
– Pare com isto! – gritou–lhe. – É injusto falar assim com Filotas. Nicanor está morrendo, soube disto há pouco, pôr um mensageiro, logo antes do início deste conselho. Nesta altura já pode estar.
Um silêncio tumular desceu sobre a tenda do conselho e pôr intermináveis momentos só se ouviu o assovio do vento do planalto, voz perturbadora de infinita solidão, e o insistente estalar do estandarte real contra a sua haste. Filotas encobrira o rosto com as mãos, Heféstion baixara os olhos sem saber o que dizer.
Seleuco e Ptolomeu trocavam olhares aflitos na inútil tentativa de encontrar um nos olhos do outro uma solução para aliviar aquela tensão insuportável. Péritas, que estava cochilando nos pés de Alexandre, levantou o focinho para o dono ganindo inquieto. Parecia perceber a

angústia que pesava na sua alma.
Alexandre afagou–o com uma carícia, depois levantou–se e disse:
– Sinto muito pôr Nicanor, mas preciso saber se posso contar com vocês
Cratero olhou os companheiros, aí pôr sua vez levantou–se e aproximou–se dele.
– Como pode duvidar disto? Não estivemos sempre contigo? E não foi assim que sempre lutamos sem poupar esforços, que sofremos todo tipo de ferimentos? Só pedimos que nos diga exatamente o que pretende de nós e, principalmente, dos homens que o seguiram até aqui.
– Quero que me entendam – respondeu Alexandre – pois eu não mudei. Aquilo que faço precisa ser feito.
– Posso falar? – perguntou então Leonato.
– Claro.
– Os homens receiam que queira se tornar igualzinho ao Grande Rei, que queira forçá–los a se comportarem como persas e forçar os persas a se comportarem como eles.
– Se quisesse ficar igual ao Grande Rei, acha que teria incendiado o palácio de Persépolis e a sala do trono? Amanhã retomaremos a marcha: Eumolpo de Sôli mandou–me uma mensagem avisando que Satibarzane está em Artacoata.
Partiremos ao alvorecer. Quem, entre os presentes, não estiver a fim, pode voltar e levar consigo os seus homens.
– Alexandre, nós só... – tentou argumentar Leonato. Mas o rei levantou–se e saiu. Filotas levantou a cabeça e deu uma olhada em volta, para os companheiros.
– Não está certo, ele não tem o direito de nos tratar assim – disse. – Ele não tem o direito. Enquanto isto Alexandre chegou à sua tenda e entrou. Eumolpo de Sôli estava esperando pôr ele.
– Mais alguma notícia de Satibarzane? – perguntou, deixando–se cair numa cadeira.
– Está se aprontando para o embate, mas as suas tropas parecem bastante desanimadas:
não acredito que tencionem opor uma resistência muito ferrenha. Como foi no conselho?
Alexandre deu de ombros.
– Deixe para lá. Só precisam se acostumar com as novidades. São homens muito presos às suas tradições, e além do mais, a meu ver, estão

com ciúme.
– Receiam que se afaste deles de forma que já não possam te tratar com a costumeira familiaridade.
– Parece conhecê–los bem.
– O bastante.
– Como assim?
– Acontece que depois de Isso, quando recomecei a trabalhar para você também fiz alguns serviços para os seus amigos. Quem acha que lhes botava as garotas na cama?
– Você Mas eu não...
– Ora, bobagens! No meu serviço, ou se trabalha direito ou então, não se consegue coisa alguma. E além do mais as histórias de cama são a minha especialidade. Sabia que os homens têm o hábito de falar muito mais livremente depois de uma boa foda? Não é engraçado?
– Pare com isto.
– E as garotas me contavam tudo.
– Os meus amigos nunca me trairiam.
– Talvez não. Mas sempre há alguém mais exposto do que os demais a certos tipos de tentações. Pôr exemplo, Filotas, o seu comandante geral da cavalaria, um homem com um cargo bastante delicado.
Alexandre mostrou–se repentinamente atento.
– O que descobriu? O que pode dizer–me acerca de Filotas?
– Não muito. Mas naquele tempo ele costumava dizer que você não passava de um garotão mimado, que sem ele e seu pai jamais teria vencido, nem no Granico nem em Isso, e que os tratava injustamente.
– Pôr que não me contou logo?
– Porque não iria me ouvir.
– E porque deveria ouvi–lo agora?
– Porque agora há mais perigos no ar. Está a ponto de atravessar lugares completamente desconhecidos, de enfrentar povos selvagens. Precisa saber em quem pode confiar cegamente e em quem não pode. Toma cuidado também com o seu primo Amintas.
– Fiz com que o vigiassem discretamente depois que mandei prendê–lo pela primeira vez na Anatólia. Sempre portou–se com coragem e mostrou–me a sua fidelidade.
– Pois é, um príncipe valoroso e leal. Se você viesse a perder o favor dos seus homens, para quem acha que eles voltariam os seus olhares?

Alexandre fitou–o em silêncio e o próprio Eumolpo transformou em palavras a resposta que podia ler em seus olhos:
– Para o único outro representante da família dos Argeades. Espero que os deuses lhe concedam um sono tranqüilo. Boa noite.
Levantou–se, cumprimentou–o com um leve aceno da cabeça e, certificando–se de que
Péritas não estava pôr perto, afastou–se para voltar à sua tenda.



CAPÍTULO 34

A Ásia interior descortinava–se diante do exército de Alexandre com paisagens cada vez mais duras e desoladas, com pedregais ardentes sob o sol a pique, um verdadeiro lar para escorpiões e serpentes. Só umas poucas moitas espinhentas cresciam no leito de riachos, secos, e os rios que ainda tinham água morriam em charcos amargos cercados pôr vastas extensões de sal. Os soldados marchavam em silêncio durante dias inteiros sem ver uma sombra na qual buscar refrigério, sem que algum sopro de aragem aliviasse
o calor sufocante.

O céu também estava vazio e abrasador, ofuscante como um escudo de bronze, e se vez pôr outra avistava–se ao longe uma lenta revoada, tratava–se quase sempre de abutres que espreitavam animais de carga, perdidos ou que a morte prostrara em algum lugar daquele deserto pedregoso.

Nem mesmo a viagem para o oásis de Amon havia sido tão aflitiva, as dunas de areia possuíam uma majestosa beleza toda delas, com suas cristas afiadas, os violentos contrastes de luzes e sombras, a leveza das formas puras e mutáveis esculpidas pelo vento. Tinham o aspecto de um oceano dourado que se tomara repentinamente imóvel pelo gesto de algum deus, cenário grandioso e solene de uma iminente epifania.

Estes lugares, pôr sua vez, só inspiravam pensamentos de morte, de vazia solidão, de imutável desolação, e todos cultivavam no coração uma saudade profunda, um pungente desejo de voltar. Nessas horas, nenhum escopo, nenhum significado podia dar sentido àquele esforço exaustivo, e seguiam adiante com relutância cada vez maior, tomados pela angústia daquelas paisagens sem fronteiras e sem pontos de referência onde somente a incompreensível segurança dos guias parecia ver a em algum lugar além do horizonte evanescente os dias das façanhas gloriosas já eram mera lembrança do passado e muitos pareciam se arrepender pôr ter respondido com ardor aos apelos do rei. Ninguém conseguia entender o que ele buscava em lugares tão afastados do mar, em terras miseráveis que só ofereciam sustento a raros vilarejos

de cabanas de tijolos crus revestidas de esterco de camelo e de cabra. Aí, pouco a pouco, a paisagem começou a mudar, o ar tornou–se mais fresco e estimulante, apareceram lugares onde podiam acontecer repentinas chuvas que deixavam atrás de si um leve manto verdejante e alimentavam umas raras árvores solitárias e rebanhos de pequenos cavalos híspidos e de hirsutos dromedários.
Aproximavam–se do vale de um rio e das margens de um grande lago em cujas águas finalmente se espelhavam as muralhas e as torres de Artacoata a capital dos ários, a fortaleza de Satibarzane.
O exército mal começava a ficar em formação de combate quando as portas se abriram e um esquadrão de cavaleiros lançou–se ao ataque com altos brados, levantando colunas de poeira vermelha que se espalharam na planície como nuvens de tempestade. Filotas e Cratero mandaram tocar os clarins, os éteros esporearam seus cavalos cansados e sedentos e, em um primeiro momento, a sorte não pareceu favorecê–los no choque. Atacados pôr tropas frescas e descansadas, recuaram lutando mesmo assim com valor e buscando a ajuda dos companheiros que acudiam chamados pêlos toques insistentes das
cometas.
Alexandre lançou então ao ataque os soldados persas que até aquele momento haviam ficado na retaguarda protegendo as carruagens e o séqüito das mulheres e dos cortesões. Os seus cavalos da Pártia, mais resistentes à sede e ao calor, lançaram–se a galope com o mesmo vigor dos cavalos adversários, e os guerreiros medas e ircanos, assim como os últimos que sobravam da guarda dos Imortais, desejosos de mostrar o seu valor aos olhos do rei, infiltraram–se nas fileiras inimigas abrindo brechas e criando o caos.
Vestindo os mesmos trajes, não se distinguiam na confusão do combate, de forma que puderam acertar seus golpes com devastadora eficácia durante o primeiro choque. A pressão esmoreceu, a carga inimiga fragmentou–se em muitas lutas isoladas e furiosas e os cavaleiros da Ponta, que até aquele momento não haviam entrado em formação, montaram cavalos descansados e investiram contra o flanco inimigo chefiados pelo rei em pessoa. Atropelados com incrível violência e empurrados para trás, os homens de Satibarzane foram tomados pôr repentino desânimo e aí Perdicas lançou os agrianos a pé, armados com seus facões e foices afiadas. Protegidos pelas nuvens de poeira, moviam–

se como fantasmas escolhendo a dedo as suas vítimas e golpeando com precisão para que nenhum fendente fosse desperdiçado.
Diante do fracasso da sua tentativa, Satibarzane mandou tocar os cornos para ordenar a retirada e as suas tropas deram uma rápida virada, não isenta de perdas, voltando para as muralhas da cidade. Logo depois começou a ventar e o campo ficou livre da poeira, deixando à mostra centenas de cadáveres e muitos feridos que se queixavam e pediam ajuda.
Os agrianos passavam de um corpo para outro cortando a garganta de todos os inimigos e despindo–os das armas e dos enfeites sob os olhares das mulheres que do topo das muralhas arrancavam os cabelos e lançavam ao céu gritos de aflição.
Entrementes, Eumênio dera a ordem de montar o acampamento e de defendê–lo todo em volta com uma trincheira e um terrapleno. Enquanto cuidava da execução dos trabalhos, podia ouvir os resmungos descontentes dos soldados que não se conformavam com a decisão do rei de usar os persas no ataque contra o exército de Satibarzane.
– Precisava da intervenção daqueles bárbaros? – diziam. – A gente podia perfeitamente dar conta do recado. A nossa infantaria nem chegou a entrar na luta.
– É verdade – confirmava um outro. – Quase parece que o rei fez de propósito para nos humilhar, e isto não é justo depois de todos os sacrifícios que fizemos.
– Não tem jeito – comentava mais outro. – Já se tomou um deles, vive cercado de guardas
persas, toma banho com aquele castrado que o massageia e sabe lá o que mais, fica andando pôr aí com todas aquelas concubinas, e nós de plantão, passando a noite de vigia...
Eumênio ouvia em silêncio pois aquelas palavras faziam–lhe mal. E Eumolpo de Sôli também escutava: embora ficasse afastado e passasse a maior parte do seu tempo na tenda, tinha muitos olhos e muitos ouvidos que não deixavam escapar quase nada. De qualquer maneira e apesar de tudo, no entanto, nem podia imaginar que pela primeira vez na vida os eventos iriam pegálo de surpresa.
O acampamento estava montado e os homens já se preparavam para descansar. Enquanto o sol se punha atrás das muralhas cor de ocre de Artacoata, ouviu–se no ar o som longo e lamuriento de um corno.

Oxatres, que já havia servido de guia para Alexandre no caminho de Ecbátana e de Zadracarta, aproximou–se do rei:
– É um arauto – disse em grego que ia melhorando a cada dia. Um arauto de Satibarzane.
– Cuide disto, Oxatres, talvez queiram negociar. render–se.
Oxatres pulou no cavalo e chegou até as muralhas da cidade enquanto outro cavaleiro saía ao mesmo tempo ao seu encontro. Os dois trocaram entre si poucas palavras e então cada um voltou para o lugar de onde tinha vindo.
Neste ínterim os companheiros do rei se haviam juntado em volta de Alexandre para informar as baixas de cada unidade e para decidir o que iriam fazer no dia seguinte. Oxatres chegou para fazer o seu relatório.
– Satibarzane desafia o mais forte entre todos vocês para um duelo. Se ele ganhar, vocês irão embora, se perder, tomarão a cidade.
Alexandre ficou acalorado, excitado ao ouvir aquilo: de chofre pareceu–lhe reviver mentalmente as cenas dos heróis homéricos que durante anos haviam povoado os seus fogosos devaneios de criança.
– Eu mesmo irei – disse sem hesitar.
– Não – replicou logo Ptolomeu. – Um rei da Macedônia não aceita o desafio de um sátrapa. Escolha o seu representante.
Oxatres interveio:
– Satibarzane é grande, forte. – E levantou os braços a simular uma massa imponente.
– Eu irei – ofereceu–se Leonato. – Eu também sou grandalhão e bastante forte.
Alexandre esquadrinhou–o da cabeça aos pés, acenando com a cabeça como para tranqüilizar a si mesmo e aos companheiros. Aí deu–lhe um tapinha nas costas.
– Está bem. Acabe com ele, Leonato.
Os campeões enfrentaram–se ao alvorecer do dia seguinte num espaço aberto e nivelado,
e os dois exércitos, quase em peso, formaram um semicírculo de cada lado para assistir ao duelo. A notícia espalharam–se rapidamente entre os soldados macedônios e, junto com a notícia, uma extraordinária excitação. Todos conheciam o vigor de Leonato e a sua poderosa envergadura que tantas vezes tinham admirado no campo de batalha e, logo que o viram aparecer armado da cabeça aos pés, trazendo o grande

escudo com a estrela de prata no braço esquerdo, a espada de aço reluzente na mão direita, e o elmo encimado pôr um penacho vermelho na cabeça, explodiram num fragoroso coro de gritos de incitação.
Mas quando as fileiras persas se abriram para deixar passar o adversário, muitos deles emudeceram: Satibarzane era gigantesco e avançava com passo lento e pesado. Brandia na mão direita um longo sabre curvo e afiado, segurava com o antebraço esquerdo um escudo de madeira coberto de escamas de ferro polidas como espelhos, usava na cabeça um elmo cônico de tipo assírio com uma peça de couro tacheada que lhe protegia a nuca chegando aos seus ombros, e um gorjal de malha de ferro. Tinha grandes bigodes descaídos e espessas sobrancelhas negras que, juntando–se pôr cima do nariz aquilino, conferiam–lhe um aspecto duro e feroz.
Não demoraram para ficar um diante do outro e fitaram–se nos olhos sem dizer uma única palavra, à espera do sinal dos arautos, o persa e o macedônio. O intérprete traduziu:
– O nobre Satibarzane propõe uma luta de morte sem regra alguma, para que só prevaleçam a força e o valor.
– Diga–lhe que concordo – replicou Leonato, segurando a espada com firmeza e preparando–se para o primeiro assalto.
Os arautos deram então o sinal do início do combate que só iria terminar com a morte de um dos dois guerreiros.
Leonato começou a aproximar–se, procurando uma brecha na defesa do inimigo que se protegia quase completamente com o grande escudo e mantinha o sabre baixo, como se de forma alguma receasse os seus golpes, mas quando o macedônio procurou atacar com a ponta da espada, Satibarzane vibrou um repentino fendente que o acertou em cheio no elmo deixando–o trôpego e aturdido.
– Para trás! – gritou Alexandre angustiado. – Para trás, Leonato! Proteja–se, proteja–se! – Queria acudir para defender o amigo, mas tinha dado a sua palavra de rei garantindo que ninguém interferiria no combate.
Satibarzane golpeou de novo, de novo, enquanto Leonato levantava o escudo e recuava inseguro nas pernas. O exército inteiro assistia mudo àquela cena, observava impotente a saraivada dos poderosos golpes implacáveis. Ainda incapaz de reagir, Leonato ficou de
joelhos e mais um fendente do adversário resvalou primeiro no escudo desfigurando a estrela de prata, terrível presságio aos olhos dos soldados

macedônios, e aí penetrou na carne do ombro fazendo jorrar um jato de sangue.
Diante disto, um lúgubre murmúrio de aflição percorreu as fileiras dos pezéteros e muitos já tinham os olhos cheios de lágrimas à espera do golpe fatal.
Mas a dor, aguda e lancinante como uma chicotada, despertou Leonato que se levantou numa explosão inesperada de energia e conseguiu arrancar os cadarços do elmo amassado que lhe oprimia a cabeça, jogando–o para longe. Ao mesmo tempo avaliou com precisão a fartura de sangue que jorrava da ferida e percebeu que não lhe sobrava muito tempo antes de enfraquecer e ficar à mercê do adversário, investiu então com um grito selvagem chocando–se frontalmente com o inimigo e empurrando–o para trás com o escudo.
Pego de surpresa e abalado pôr aquele rugido, Satibarzane perdeu o equilíbrio e Leonato aproveitou para golpeá–lo violentamente com a espada, uma, duas, três vezes, enquanto o guerreiro persa procurava se proteger com o sabre.
Caiu para trás e Leonato aumentou ainda mais a fúria dos seus golpes, mas a espada não agüentou e partiu–se no choque com a lâmina melhor do sátrapa.
Satibarzane reagiu, recuperou o equilíbrio e avançou contra o inimigo inerme. Levantou o sabre que reluziu ameaçadoramente nos raios do sol nascente, mas quando já estava para vibrar o fendente, Lisímaco gritou:
– Pegue, Leonato! – E jogou para ele o machado de dois gumes.
Leonato segurou–o ainda no ar e, antes que o sátrapa desse o golpe fatal, com a velocidade de um raio decepou–lhe o braço quase na altura do ombro e aí, enquanto o adversário permanecia imóvel como que petrificado de dor, com mais um golpe cortou a sua cabeça fazendo–a rolar no chão com os grandes olhos ainda arregalados e atônitos. Um grito de júbilo partiu das fileiras macedônias enquanto os serventes chegavam correndo para socorrer o campeão, pálido pelo esforço sobre–humano e pela copiosa perda de sangue. Levaram–no à tenda de Filipe para que este lhe salvasse a vida.
Os persas juntaram–se em volta do corpo mutilado do seu comandante, formaram uma barreira para não deixar que os olhos dos inimigos vissem aquele espetáculo lastimável e só quando o corpo de Satibarzane foi recomposto e colocado numa liteira afastaram–se de volta à cidade

com lentas passadas fúnebres, deixando atrás de si um longo rastro de sangue.
Antes do pôr–do–sol Artacoata rendeu–se.



CAPÍTULO 35

Alexandre fundou de novo a cidade com o nome de Alexandria da Ária, justamente após receber do Egito a notícia de que a sua primeira Alexandria, aquela que o arquiteto Dinócrates construíra para ele à beira do mar, prosperava com o florescente comércio e ficava cada dia mais populosa com os novos habitantes que não paravam de chegar de todos os cantos, adquirindo as casas, as hortas e os jardins que já a tornavam uma cidade de grande e tumultuado crescimento.

Deixou em Alexandria da Ária um governador macedônio e uma pequena guarnição de mercenários aos quais outorgou renda, propriedades, escravos e mulheres para que pudessem criar família e raízes naquele lugar longínquo, esquecendo na medida do possível a sua pátria de origem.

Esperou até Leonato recuperar-se dos ferimentos sofridos no duelo com Satibarzane, e aí ordenou que retomassem a marcha para o norte, ao longo do verdejante vale de um rio que se dividia em muitas correntezas secundárias que se entrecortavam encerrando numa rede de prata milhares de ilhotas verdes e reluzentes como esmeraldas.

Agora iriam marchar rumo a uma cadeia de montanhas extremamente altas em comparação com as quais, assim lhe disseram, qualquer outro pico do mundo parecia apenas uma modesta elevação. Aquela formidável barreira chamava-se Paropâmiso e separava a Bactriana das terras dos citas, tão vastas quanto o oceano.

Com o ombro esquerdo ainda enfaixado, Leonato controlava os serviçais que preparavam a sua bagagem, diante dos olhos de Calístenes que naqueles dias se mostrava de humor cada vez mais sombrio.

Perguntou-lhe:

– Será possível que esses montes sejam mais altos do que o Olimpo?

– Estamos nos aproximando de lugares que nenhum de nós jamais viu – respondeu Calístenes –, de povos que ninguém conhece. Pode ser que as tais montanhas sejam a barreira que fixa os limites extremos do mundo, e que pôr isto mesmo superem qualquer outra em altura. Tudo é possível agora, e ao mesmo tempo tudo é absurdo.

– Como assim?
O historiador baixou a cabeça sem responder e Leonato também ficou calado. A alegria da vitória perdera rapidamente a sua graça ao diluir–se na insatisfação que ele sentia serpear entre as unidades do exército, na atmosfera de suspeita que às vezes podia ser percebida até entre os chefes e os oficiais. Os únicos que mostravam viver com entusiasmo aquela experiência eram os rapazinhos vindos da Macedônia para servirem como pajens à pessoa do rei.
Olhavam em volta encantados e fascinados, contemplavam maravilhados a paisagem imponente e majestosa, impressionante nas suas cores vivas do pôr–do–sol, no azul intenso do céu acima dos cumes imaculados, no incrível esplendor de miríades de estrelas nas noites serenas.
E a própria natureza deixava–os pasmos com a contínua mudança das suas manifestações: plantas até então nunca vistas, animais dos quais só tinham ouvido falar. Alguns já tinham avistado o tigre com seu manto estriado, à beira da água de manhã bem cedo, quando atravessava o rio para ficar à espreita de veados e gazelas ou dos grandes búfalos chifrudos que pastavam pôr perto.
As obrigações dos jovens pajens faziam com que muitas vezes estivessem presentes tanto na residência real ao lado de Alexandre, quanto nas dos companheiros ou dos altos oficiais do exército. Foi assim que um deles, um rapaz de quinze anos louro e magricela chamado Cibelinos, ficou sabendo de um segredo terrível. Uma conspiração para matar o rei!
Atemorizado, falando baixinho, abriu–se com Agírios, um amigo um pouco mais velho que ocupava o catre ao lado do seu na tenda comum e que às vezes o protegia dos colegas mais velhos. Acordou–o quando todos os demais já estavam dormindo e o outro esfregou os olhos, sentou na beira da cama e ouviu pasmo e angustiado a incrível história.
– Se não estiver completamente certo daquilo que afirma, fique calado, pois está arriscando a cabeça – aconselhou.
– Tenho certeza absoluta – replicou Cibelinos. – Ouvi dois altos oficiais da falange falar a respeito do modo, do dia e da hora.
Agírios meneou a cabeça incrédulo.
– Só estamos aqui há poucos dias e já estamos envolvidos em um negócio como este. É
uma coisa pavorosa.
– O que me aconselha fazer? Acha que devo falar com o rei?

– Não, seria uma loucura. Não com o rei. É muito difícil que um de nós consiga dar um jeito para falar diretamente com ele, principalmente agora que o cerimonial ficou tão complicado. Poderia falar com um dos seus companheiros: o general Filotas, pôr exemplo, é o comandante supremo da cavalaria dos éteros e a partir de amanhã estaremos trabalhando como seus ordenanças. Ele mesmo poderá avisar o rei.
– Também acho que seja a melhor solução – replicou Cibelinos. – Deu–me realmente um bom conselho.
– Mas durma agora – disse Agírios. – Amanhã o chefe da turma vai nos acordar antes da alvorada para o treinamento a cavalo.
O rapaz procurou adormecer, mas a enormidade do segredo do qual tomara conhecimento não o deixava relaxar e ficou pôr um bom tempo deitado de costas, de olhos arregalados no escuro, atormentado pelo pesadelo sangrento do regicídio. Mas também sentia bastante excitação ao pensar no grande mérito que lhe caberia devido à sua revelação, ao cogitar que Alexandre Rei da Macedônia em pessoa, o conquistador de Mênfis, Babilônia e Susa, iria dever a vida a ele, Cibelinos, o mais fracote entre todos os pajens, o que sempre era alvo de brincadeiras e chacotas. Antes do toque da alvorada, já estava de pé e vestido, e comeu o desjejum com os demais pajens, sentado em silêncio ao lado de Agírios.
– Olhe só, o cão comeu a língua de Cibelinos! – disse um companheiro.
– Pare com isto! – interveio Agírios – grande coisa brincar de valentão com os mais fracos!
– Por quê? Quer que faça o mesmo com você?
Agírios deixou passar a provocação em brancas nuvens e acabou de comer, e depois todos acompanharam o chefe da turma que os levou aos recintos dos cavalos para o treinamento cotidiano.
Cibelinos caiu várias vezes e ficou cheio de hematomas porque estava com a cabeça em outro lugar, mas todos pensaram que fosse pela sua costumeira inaptidão e ninguém pensou mais no assunto. À noitinha, antes do jantar, foi admitido junto com o amigo na residência de Filotas com o encargo de ajudar o general a tirar a armadura e cuidar das suas armas, limpar a couraça e as caneleiras, controlar os cadarços do escudo, amolar a espada e a lança.
Procuraram fazer o melhor trabalho possível e, enquanto isto, Cibelinos esperava pela hora certa para falar, mas faltava–lhe a coragem. De forma que não falou no assunto, nem naquele dia nem no seguinte.

Agírios incitava–o a tomar uma atitude:
– Está pensando o quê? O general só poderá te elogiar, não acha? Não precisa ter medo, o tempo passa e a cada instante pode chegar a hora que os conspiradores escolheram para matar o rei. Vamos, o que espera?
O garoto tomou a sua decisão e na tarde seguinte, quando Filotas estava a ponto de sair, conseguiu finalmente abrir a boca:
– Comandante... Filotas virou–se.
– O que foi, meu rapaz?
– Preciso falar com o senhor, comandante.
– Agora não, estou com pressa. Qual é o assunto?
– É um assunto muito importante. Trata–se da vida do rei.
Filotas parou no limiar e baixou a cabeça como se tivesse sido atingido pôr um raio, mas não se virou.
– O que quer dizer com isto?
– Que ele está correndo um grave risco. Alguém quer matá–lo e... Filotas fechou a porta de estalo atrás de si e voltou.
– Desprezíveis idiotas! – murmurou entre os dentes. – Não quiseram escutar–me...
– O rapaz recuou amedrontado, mas ele endereçou–lhe um olhar encorajador: – Como se chamas, meu rapaz?
– Cibelinos.
– Muito bem, Cibelinos. Sente aqui e conte–me o que sabe. Pode ter certeza de que vamos ajeitar tudo da melhor forma possível.

CAPÍTULO 36

Aproximava–se o dia marcado para a partida e Alexandre uns tempos mandara vir de Zadracarta a princesa Estatira para estar com ela antes de uma longa separação. Foi recebê–la na estrada, a jovem, quando o viu ao longe, desceu da carruagem e foi correndo ao seu encontro como uma mocinha que almeja abraçar o seu primeiro namorado. Ele também desmontou do cavalo e apertou–a com paixão quando ela se jogou em seus braços. Ficava fascinado com aquele frescor juvenil, com aquela dócil disponibilidade, Com o fato de ela poupar–lhe qualquer coisa que pudesse perturbá–lo, até mesmo nas cartas que lhe escrevia.

Seguiram a pé, conversando como velhos amigos, rumo à residência do rei em Alexandria da Ária, e Estatira reparava nos canteiros de obras que surgiam pôr toda parte para a construção dos novos edifícios que iriam transformar a velha Artacoata em uma cidade grega, os templos dos deuses no lugar mais elevado, o ginásio para os exercícios físicos dos jovens guerreiros ao lado da praça, o teatro para as representações cênicas.

– O que mais me deixa comovido – dizia o rei – é pensar que, dentro de algum tempo, neste lugar tão distante de Atenas, de Corinto e de Pela, ressoarão os versos de Eurípides e de Sófocles das nossas tragédias. Já as ouviu?

– Não – respondeu Estatira – mas já ouvi falar a respeito delas. Representam uma história, há atores que recitam, um coral que canta e dança, não é assim? O meu preceptor sempre me contava que vira uma tragédia em uma das cidades Yaunas da costa.

– É mais ou menos isso – replicou Alexandre – mas assistir em pessoa, estar ali e quase participar, é outra coisa. Parece que está revivendo as emoções e as paixões dos antigos

heróis e das suas mulheres como se ainda estivessem vivos e reais.

Estatira apertou o seu braço para mostrar como aquelas palavras a fascinavam.

– Preferiria ter esperado que o teatro ficasse pronto, mas não há tempo.

O usurpador Besso está a ponto de atravessar o Paropâmiso para juntar–se às tribos citas das grandes planícies. Preciso alcançá–lo e fazer justiça, e pôr isso antecipei a apresentação para amanhã, em um palco de madeira e com arquibancadas também de madeira. Partirei no dia seguinte.
– Posso dormir contigo esta noite? – perguntou Estatira. E aí ciciou no seu ouvido: – Ou por acaso está pensando que não foi principalmente por isto que enfrentei uma viagem de setenta parasangas em uma carruagem?
Alexandre sorriu:
– Espero estar à altura de um sacrifício tão grande, e para começar farei com que receba as acomodações que merece. – Enquanto isto haviam chegado à sua residência, ao palácio que fora do sátrapa Satibarzane, e as mulheres tomaram conta da princesa levando–a aos seus aposentos.
O rei só voltou para ela à noitinha, vindo do acampamento onde fora acompanhar os preparativos da próxima viagem. O sol já descera sob o horizonte, mas os seus últimos raios ainda douravam as raras nuvens que se moviam lentamente no céu. Do lado oriental, no entanto, já estava completamente escuro e foi justamente ali que Alexandre notou uma solitária fogueira.
– Quem será? – perguntou aos seus guardas.
– Talvez um pastor que prepara a sua comida antes de dormir – foi a resposta. Mas quando chegaram mais perto puderam avistar uma capa branca que esvoaçava na brisa noturna.
– Aristandro – murmurou o rei e incitou o cavalo para o bivaque. Os guardas dispuseram– se a segui–lo, mas ele acenou para que ficassem para trás e tiveram de obedecer.
O vidente estava de pé diante de um amontoado de pedras sobre as quais ardia a fogueira e mantinha os olhos fixos nas chamas que crepitavam ao queimar galhos secos de acácia. Pareceu não reparar no tropel do cavalo e não se mostrou surpreso ao ouvir a voz de Alexandre.
– Escutou o meu chamado? – Perguntou em um estranho tom alterado.
– Vi a fogueira.
– Você está em perigo.
– Sempre estive. O meu corpo está cheio de cicatrizes.
O vidente deu a impressão de só então perceber a presença física do outro e, enquanto o

fitava nos olhos, murmurou:
– É estranho, só o seu rosto foi poupado. Mas dizem, ao contrário, que o seu pai estava desfigurado quando morreu.
– Tem presságios de morte para mim, Aristandro? Eu gostaria de realizar o meu sonho... e de ter um filho, antes de...
O vidente interrompeu–o:
– Escapará, mas preste atenção na voz de um garoto. Na voz de um garoto – repetiu.
– E o seu pesadelo? Continua a ver aquele homem nu que arde vivo na pira?
– Continuo. – Indicou o fogo diante dele. – E fico abalado com o seu silêncio. O silêncio, entende?
Alexandre afastou–se a pé, segurando o cavalo pelo cabresto, e voltou à trilha onde os guardas esperavam por ele. Teve a impressão de ver o pai que caía trespassado pela espada de um deles e afastou–os com gesto da mão:
– Não posso dizer mais, não consigo... – Tinha os olhos úmidos.
– Vão embora. Não preciso de guardas. Os meus homens me amam, assim como os meus companheiros. Vão embora.
Filotas saiu da sua morada quando já era noite e encaminhou–se rapidamente para um lugar na cidade alta, uma maciça construção de tijolos crus que havia sido escolhida como quartel–general dos oficiais da cavalaria dos éteros.
Era uma noite sem lua, mas no céu brilhava uma miríade de estrelas incrivelmente grandes e reluzentes e o diáfano véu da galáxia espalhava–se pela abóbada celeste como um longo suspiro de luz.
Vestia um manto escuro e escondia a cabeça e o rosto sob o capuz, de forma que ninguém poderia reconhecê–lo. Só descobriu–se diante do guarda que vigiava a entrada, e o homem empertigou–se baixando a lança em sinal de respeito. Entrou e viu–se diante de Címias, um dos comandantes de batalhão dos pezéteros.
– Onde estão os outros?
– Não sei – respondeu o oficial.
– Claro que sabe. Assim como eu mesmo sei. Não vou sair daqui senão depois de vê–los todos, um por um, pois do contrário... avisarei o rei.
Címias empalideceu.
– Não se mexa – disse. – Alguns estão na torre do bastião oriental,

outros no corpo de guarda do pátio central. – Saiu por um postigo lateral e Filotas ficou andando nervosamente de um lado para o outro torcendo as mãos enquanto esperava.
Todos chegaram logo, separadamente, e Filotas examinou–os como se estivesse
passando em revista uma unidade, mas com uma expressão enfastiada:
Címias de Neápolis, comandante do terceiro batalhão de pezéteros, Agesandro de Leucopédion, vice–comandante do quinto esquadrão dos éteros, Heitor de Terma, comandante da primeira companhia da Ponta, Crésilas de Metona, comandante dos batedores, Menécrates de Megalópolis, vice–comandante dos mercenários gregos, e Aristarco de Poliákmon, vice–comandante dos "escudeiros".
Agrediu–os antes mesmo que pudessem abrir a boca.
– Ficaram loucos? Que história é essa de querer matar o rei?
– Não é bem assim... – tentou replicar Címias.
– Cale a boca! – intimou Filotas. – Acha que está falando com um idiota?
Agora exijo que me contem quem tomou esta decisão, quando tencionam agir e, principalmente, por quê.
– Sabe muito bem por quê – respondeu Crésilas. – Alexandre já não é o nosso rei. É um rei bárbaro, que se veste como bárbaro e fica cercado de bárbaros. E quanto a nós? Nós que lhe conquistamos um império somos forçados a humilhantes esperas na ante–sala quando porventura precisamos falar com ele.
– E como se isto já não bastasse – interveio Címias – há os seus planos loucos, a conquista do mundo. está entendendo? A conquista do mundo. Mas que mundo? Será que alguém sabe, aqui, onde acaba o mundo? E se ele nunca acabar? Deveríamos então nos arrastar para sempre entre desertos, montanhas e desoladas pradarias só para conquistar de vez enquanto uma miserável aldeia como esta Artacoata?
– E não é só isto – disse Heitor de Terma. – Agora ficou com a mania de fundar colônias, mas onde? Não na costa, em lugares condizentes e aprazíveis como no caso da primeira Alexandria, cria cidades em locais desertos, entre povos bárbaros, a uma enorme distância do mar. Obriga milhares de pobres coitados a criarem raízes em lugares detestáveis, a se casarem com mulheres bárbaras para dar origem a toda uma geração de bastardos infelizes.

– Todos os gregos das colônias sempre se juntaram com mulheres bárbaras – observou
Filotas. – Este não é um bom motivo para matá–lo.
– Não seja hipócrita – replicou Címias. – Você, único entre os seus amigos, sempre esteve de acordo conosco quanto ao fato de não ser mais possível continuar deste jeito. Foi o único a entender o sofrimento dos nossos homens, os seus receios, o desejo de voltarem para casa, e agora parece ficar surpreso com aquilo que já sabia.
– Não é verdade! – rebateu Filotas. – O nosso acordo era completamente diferente. Havíamos decidido fazer um pronunciamento em nome das nossas unidades quando
chegasse a hora, para forçá–lo a desistir dos seus propósitos.
– Até com a força, se fosse preciso – completou Aristarco.
– Mas não com o sangue – replicou ainda mais decidido Filotas. Se o seu plano de fato se realizasse, o exército ficaria sem chefe bem no meio de um país estrangeiro, e o trono ficaria sem rei.
– Não é verdade – interveio Agesandro. – Um rei existe.
– Amintas IV – disse Címias. – O legítimo filho do legítimo rei Amintas.
Filotas sacudiu a cabeça.
– Impossível. Amintas, é fiel a Alexandre.
– É o que pensa – rebateu Címias. – Espere só ele ter a coroa da Macedônia na cabeça. Filotas deixou–se cair em um assento e ficou algum tempo em silêncio.
Címias voltou a falar:
– Você é o comandante supremo da cavalaria dos éteros e o novo rei deverá saber se pode contar contigo. Precisamos saber de que lado está.
Filotas suspirou.
– Escutem, eu suponho, aliás acredito firmemente, que não será necessário manchar as nossas mãos com o sangue de Alexandre, ao qual todos devemos muito.
– É ele que deve muito a nós – interrompeu Aristarco. – E além do mais, quando estiver morto, nada impede que lhe sejam prestadas as maiores honrarias, que se ergam para ele estátuas e monumentos, que escritas comemorativas o celebrem pelo mundo afora, é o que sempre acontece. Quanto a Amintas, ficará nos devendo e ouvirá o que temos a dizer.
Filotas prosseguiu como se Aristarco não o tivesse interrompido.
– Não quero matá–lo. E vocês tampouco o matarão. Eu direi como agir e

quando. – Falou de forma tão decidida que ninguém ousou rebater. Aí cobriu de novo a cabeça com o capuz e saiu para a rua.
Címias, esperou que o barulho dos seus passos se perdesse ao longe e aí perguntou, gélido:
– Quem falou?
Todos sacudiram a cabeça.
– Filotas estava a par da nossa decisão, e portanto alguém contou para ele.
– Eu nada disse, juro – assegurou Crésilas.
– E nós tampouco – confirmaram os demais.
– Estamos arriscando a cabeça – rebateu Címias. – Havíamos combinado nada comentar com amantes, com amigos, nem mesmo com irmãos. E mesmo assim Filotas ficou
sabendo, e da mesma forma que ele soube, outros também já podem saber.
– É verdade – comentou Aristarco. – O que aconselha fazer?
– Precisamos agir imediatamente.
– Matar o rei? A gora?
– Quanto mais cedo, melhor! Se chegar aos seus ouvidos o que Filotas descobriu, estamos perdidos. Já viram um julgamento macedônio por alta traição?
Eu vi. E também vi a execução. O culpado é esquartejado pelo exército. Lentamente.
– Quando vamos agir? – perguntou Heitor de Terma.
– Amanhã – respondeu Címias – antes que Filotas possa ficar com ainda mais escrúpulos. Uma vez que Alexandre esteja morto, ele já não poderá eximir–se e terá de assumir as próprias responsabilidades. Quanto a Perdicas, Ptolomeu, Seleuco e os demais, se limitarão a tomar conhecimento dos fatos. São quase todos homens ajuizados. E agora escutem com atenção, pois o menor engano poderá nos denunciar levando–nos a uma morte pavorosa. – Desembainhou a espada e começou a traçar umas linhas no chão de terra batida. – Amanhã o rei vai inaugurar o novo teatro, deseja que Estatira assista à exibição de Tessalo em Suplicantes. Sairá do palácio de Satibarzane e passará por esta rua margeando o bairro dos comerciantes de especiarias. Ao chegar aqui, entrará na rua que leva ao teatro onde haverá duas fileiras de pezéteros da falange perfilados para lhe apresentarem as armas e

protegê–lo da multidão. Esse será o momento. – Cravou a espada na terra socada fitou lentamente nos olhos cada um dos conspiradores.



CAPÍTULO 37

Junto com o amigo Agírios, Cibelinos tinha conseguido abrir caminho até quase chegar à primeira fila e, de um lado, olhava ansiosamente para o rei que avançava cercado pêlos seus amigos, e do outro para os oficiais comandantes das unidades de combate e para o príncipe Amintas.

– Não estou vendo o comandante Filotas – disse depois de procurá–lo em vão entre os homens do séqüito de Alexandre.

– Acha que o avisou? – perguntou Agírios.

– Sem dúvida – respondeu Cibelinos. – Prestou muita atenção nas minhas palavras e disse–me que podia ficar tranqüilo pois tudo acabaria bem.

– Quando será, no teu entender?

– Não sei. Havia muito barulho na rua enquanto ouvia, e não consegui escutar direito, mas acho que vão agir antes de o exército começar a marcha para a Bactriana.

– Olhe – observou Agírios, acenando com a cabeça para o cortejo que avançava. – Eis o rei com a princesa Estatira, e lá estão os seus companheiros.

Tampouco estou vendo o comandante Filotas.

– Talvez esteja ocupado, ouvi dizer que o outro sátrapa, Barsaente, fica rondando no sopé das montanhas com bandos armados de guerrilheiros sacas e gedros. Pode ser que tenha saído em perseguição a eles.

– Pode ser...

O rei estava chegando perto e Cibelinos sentiu–se repentinamente tomado por um estranho frenesi, um tremor que sacudia o seu corpo sem motivo aparente.

– O que há com você? – perguntou Agírios. – Algo errado?

Naquela mesma hora o seu jovem amigo se lembrara de uma palavra que ouvira nos lábios de um dos generais, uma palavra que então lhe parecera sem sentido, mas que agora, de repente, ressoava na sua cabeça com a urgência de uma terrível significação: Xsayarsa gadir, a "Porta de Xerxes". E ali estava ela!

Quase ao seu lado, e no passadiço que encimava o portal três arqueiros surgidos do nada já estavam apontando as suas flechas para o alvo. Lançou–se em frente abrindo caminho através do cordão dos pezéteros e gritou:
– Querem matar o rei! Querem matar o rei! Salvem–no!
Os dardos foram desfechados naquela mesma hora, mas os escudos de Ptolomeu e Leonato já haviam se levantado como barreira de ferro para proteger o peito inerme do soberano. Perdicas gritou a plenos pulmões:
– Prendam aqueles homens! – e lançou um grupo de batedores em perseguição. Amplificadas pelas lembranças, aquelas palavras ecoaram na mente de Alexandre despertando um pesadelo que parecia adormecido: a imagem do pai Filipe que ruía numa poça de sangue com uma adaga celta fincada no flanco.
Ouviu a voz de Estatira proferir, ao seu lado, palavras incompreensíveis e aí um turbilhão de gritos, de ordens apressadas, um clangor de armas, um martelante tropel de cavalos, mas os seus olhos só conseguiam ver sangue e mais sangue, e a palidez cinzenta do rosto de Filipe que morria.
Recobrou–se ao ouvir a voz de Ptolomeu:
– Eis o garoto que te salvou a vida. É um jovem pajem corajoso e devotado, chama–se
Cibelinos.
Alexandre observou–o; traços delicados, um corpo magricela, olhos grandes e claros. Ainda estava trêmulo e mantinha o olhar baixo para esconder a emoção.
Perguntou–lhe:
– De onde vem, garoto?
– De Eunostos, senhor, um vilarejo da Lincéstide – conseguiu gaguejar o rapaz.
– Salvou a minha vida. Obrigado. Mandarei recompensá–lo pela sua fidelidade. Mas diga– me, como sabia que alguém queria me matar?
– Senhor, eu já falara a respeito disto com o general Filotas, que certamente deve ter dito... – Parou e olhou em volta meio perdido, reparando na expressão de estupor no rosto do rei e dos companheiros.
Também havia o secretário–geral, Eumênio de Cárdia, que se aproximou e colocou uma mão no seu ombro.
– Vamos, meu rapaz, vamos embora daqui. Precisa nos contar tudo desde o começo. Emocionado e excitado pelo seu papel de salvador do

rei, Cibelinos contou nos mínimos detalhes o que sabia da conspiração e de como chegara a comentar a coisa com Filotas, que prometera repassar imediatamente a informação ao soberano. Quando terminou, Eumênio deu–lhe um tapinha nas costas dizendo.
– Bom garoto! Prestou um grande serviço a todos nós. O rei Alexandre outorga–lhe desde já a patente de comandante dos pajens reais com as atribuições e as gratificações que o cargo comporta. Também lhe oferece, como prêmio, um talento de prata que poderá guardar ou enviar, todo ou em parte, à sua família. Agora pode ir, vá descansar pois este dia foi bastante cheio de emoções para todos nós.
O rapaz despediu–se comovido e saiu correndo para contar as novidades ao amigo Agírios, já saboreando antecipadamente o prazer que teria dando ordens e infligindo castigos a todos os companheiros que até então o haviam escarnecido ou maltratado. Alexandre expediu uma ordem de detenção imediata para os comandantes Címias de Neápolis, Heitor de Terma, Crésilas de Metona, Menécrates de Megalópolis, Aristarco de Poliákmon, Agesandro de Leucopédion, assim como para o general dos éteros Filotas e para o príncipe Amintas da Lincéstide. Aí trancou–se no palácio e não quis ver mais ninguém.
Seleuco, Ptolomeu e Eumênio decidiram falar com Heféstion, o único que o rei poderia receber em um momento para ele tão dramático, e foram visitá–lo na sua morada ao entardecer.
– Procure descobrir o que pretende fazer – disse Eumênio.
– Principalmente a respeito de Filotas – acrescentou Seleuco.
– Vou ver se consigo falar com ele. Nunca o vi deste jeito, nem mesmo quando estávamos no exílio e corríamos continuamente o risco de morrer de fome ou de frio. – Já se dispunha a sair quando um mensageiro a cavalo chegou e entregou–lhe uma ordem de convocação imediata da parte de Alexandre.
– Não precisamos mais pensar no assunto – disse Eumênio. – Ele adiantouse.
– Os quatro saíram a pé, todos juntos.
– O que acha que quer conosco? – perguntou Heféstion.
– Muito simples – respondeu Eumênio. – Vai querer saber o que pensamos da conspiração e, sobretudo, daquilo que deverá ser feito com Filotas.
– E o que vamos responder? – indagou Seleuco, sombrio, como se

estivesse perguntando a si mesmo.
Perdicas chegou a cavalo e, ao ver os amigos, desmontou de pronto e ficou ao lado deles segurando o animal pelas rédeas.
– Preferiria enfrentar um leão desarmado antes de dizer o que penso desta história toda. Já decidiram o que dizer?
Os amigos entreolharam–se e Perdicas leu neles a aflição, a angústia e a incerteza que também deviam estar patentes nos seus próprios olhos. Meneou a cabeça.
– Também não sabem o que dizer, não é?
Já estavam perto do palácio do governador, vigiado por um pelotão de pezéteros e por quatro Imortais da guarda imperial. Do lado oposto estavam chegando Leonato, com o seu ombro enfaixado, Cleito, o Negro, e Lisímaco.
– Só falta Cratero – observou Ptolomeu.
– E Filotas – acrescentou Eumênio, de olhos baixos.
– Pois é – replicou Ptolomeu, Entreolharam–se sem falar. Sabiam que dentro em breve seriam forçados a dizer ao rei se um deles, um rapaz da turma, um amigo com o qual haviam compartilhado a comida e as privações, o sono e a vigília, as alegrias e os perigos, as esperanças e as decepções, deveria viver ou morrer. O primeiro a falar foi Leonato:
– Nunca gostei de Filotas: é convencido e cheio de bazófia, mas a idéia de vê–lo esquartejado numa execução militar me deixa enjoado. E agora vamos, já não agüento mais esta incerteza.
Entraram e foram até a sala do conselho onde Alexandre esperava por eles sentado no trono, pálido, com as marcas da insônia no rosto. Péritas estava deitado aos seus pés e de vez em quando levantava o focinho à inútil espera de uma carícia. Nem deu–lhes tempo para sentarem.
– Vocês todos assistiram à morte violenta do meu pai – começou.
– É verdade – confirmou logo Eumênio que daquele fato ainda guardava uma profunda e dolorosa lembrança –, mas cometeria um grave erro se decidisse julgar sob a influência
daquelas imagens sangrentas. Não é a mesma coisa, a situação é outra e...
– É mesmo? – gritou Alexandre quase possesso. – Quem estava lá para tirarlhe a espada do flanco era eu, eu que encharquei as minhas roupas com o seu sangue eu que escutei o seu último estertor. Eu, entende? Eu!

Eumênio percebeu que não havia nada a fazer, era evidente que o soberano estava obcecado com a idéia do regicídio e que a sua noite havia sido profundamente perturbada pelo pesadelo do assassinato de Filipe. Naquele momento entrou Cratero, ele também bastante mal humorado.
– Se já tomou uma decisão – disse então Ptolomeu – para que nos chamou? Alexandre pareceu acalmar–se.
– Não tomei decisão alguma nem pretendo fazê–lo. O julgamento caberá ao exército reunido em assembléia, segundo o antigo costume – Sendo assim – interveio Seleuco – há muito pouco que nós possamos fazer.
Alexandre interrompeu–o:
– Se quiserem, podem ir embora, não quero mantê–los aqui a contragosto.
Chamei–os para receber o seu conselho e o seu consolo sete dos nossos mais valorosos oficiais, e entre eles um dos nossos amigos mais íntimos, quase um irmão, conspiraram para me matar. Vocês estavam lá, ouviram o testemunho do pajem.
O Negro, que permanecera até então em silêncio, tomou a palavra:
– Cuidado, Alexandre. Contra Filotas você não tem outra prova senão o testemunho daquele rapaz.
– Que salvou a minha vida e que, quanto a tudo mais, só falou a verdade.
Os arqueiros que deviam me matar falaram sob tortura e confirmaram plenamente a história de Cibelinos. Os interrogatórios aconteceram em separado, mas o resultado foi o mesmo.
– E o que se descobriu sobre Filotas? – voltou a perguntar o Negro.
– Ele sabia, estava a par de tudo e não contou, está entendendo Negro? Se fosse por ele, eu já estaria morto, crivado de flechas, trespassado de lado a lado.
O meu corpo estaria lá fora em uma poça de sangue.
Estava com os olhos cheios de lágrimas enquanto dizia isto, e todos entenderam que não era a idéia daqueles ferros que poderiam ter perfurado a sua carne o que o fazia chorar, mas sim o fato de que um amigo ao qual, junto com o mais alto cargo do exército depois do seu próprio, confiara quase a custódia da sua pessoa, tivesse sido o inspirador da trama, tivesse tido ânimo para imaginá–lo trespassado, torcendo–se nos espasmos de uma atroz agonia. Todos percebiam

naquele momento o seu olhar cheio de dor, o tremor
da sua voz, as suas mãos que apertavam febrilmente os braços do assento.
– O que foi que eu lhes fiz? – perguntou quase em prantos. – Que mal lhes fiz?
– Alexandre, nós não... – tentou responder Ptolomeu.
– Estão defendendo–o! – gritou.
– Não – rebateu Seleuco. – Simplesmente não conseguimos acreditar, embora tudo esteja contra ele.
Com as sombras da noite, também baixou na sala um pesado silêncio que ninguém conseguia romper, nem mesmo Péritas que olhava imóvel para o dono com seus grandes olhos líquidos. Todos eles sentiam–se sozinhos e distantes demais do tempo feliz da sua amizade e da adolescência. De repente os dias dos sonhos e das façanhas heróicas pareciam perdidos num longínquo passado e eles tinham de confrontar–se com a angústia e com a dúvida enquanto procuravam sair dos meandros da intriga, da falsidade e da suspeita.
– O que descobriu a respeito do príncipe Amintas? – ainda quis saber o Negro.
– Seria o novo rei, depois da minha morte – respondeu Alexandre, sombrio.
E aí, depois de um momento, perguntou: – Então, o que acham que eu deveria fazer? O Negro respondeu por todos:
– Não temos escolha. São oficiais do exército do rei, e o exército do rei deve julgá–los. Nada mais havia a dizer e, um depois do outro, todos saíram, deixando Alexandre sozinho com os seus fantasmas. Nem mesmo Heféstion teve a coragem de ficar.



CAPÍTULO 38

Eumênio e Calístenes foram se encontrar com Alexandre antes do sol raiar e viram–no sentado em um mero banquinho, vestindo apenas a tosca clâmide macedônia. Percebia– se que não tinha pregado olho a noite inteira.

– Reconheceu a sua traição? – perguntou sem nem mesmo levantar a cabeça.

– Agüentou a tortura com incrível coragem. É um grande soldado – respondeu Eumênio.

– Eu sei – replicou sombriamente Alexandre.

– E não quer saber o que disse? – perguntou Calístenes.

O rei assentiu com um vagaroso e repetido sinal com a cabeça.

– No ápice da agonia gritou: "Perguntem a Alexandre o que quer que eu diga e acabemos logo com isto!".

– Altivo – comentou o rei – como um verdadeiro fidalgo macedônio. Altivo como de costume.

– Mas como pode não ter dúvida alguma? – perguntou Calístenes.

– Não há margem para dúvidas – respondeu Alexandre. – Existe um testemunho incontestável, confirmado pêlos sicários.

– E Amintas? – perguntou Eumênio, aflito. – Poupe pelo menos ele. Ninguém o acusou de coisa alguma.

– Já existe um antecedente. E iria ser rei depois que me massacrassem. Não basta?

– Não! – exclamou Calístenes com uma coragem que nunca mostrara antes.

– Não, não basta! E quer saber por quê? Lembra a carta de Dario com a promessa dos dois mil talentos? Falsa! Tudo falso: a carta, o mensageiro, o complô... ou melhor, o complô realmente existiu, mas foi sua mãe a tramá–lo, em conluio com o egípcio Sisínio, para acabar com Amintas.

– Mentira! – gritou Alexandre. – Sisínio era um espião de Dario e foi por este motivo que foi justiçado depois de Isso.

– É verdade, mas eu fui o último a falar com ele, queria corromper a

mim e a Ptolomeu. Fingi aceitar: quinze talentos para mim e vinte para Ptolomeu se ficássemos calados e respaldássemos a sua inocência. Não comentei a coisa contigo e preferi assumir o ônus do segredo para não te angustiar, para não te criar motivos de atrito com sua mãe. Olympias sempre foi obcecada pela sucessão, foi ela que mandou estrangular o filhinho de Eurídice no berço, não se lembra?
Alexandre estremeceu, a imagem de Eurídice cheia de hematomas voltou à sua mente como se fosse coisa de ontem, com os cabelos sujos e o rosto arranhado, ainda apertando ao peito o cadáver da sua criança.
– Uma criatura do seu mesmo sangue – continuou Calístenes implacável – ou acredita realmente ser filho de um deus?
Alexandre levantou–se com um pulo como atingido por uma chicotada e investiu contra ele de espada na mão gritando:
– Isto já é demais! – Calístenes empalideceu ao perceber repentinamente que havia desencadeado uma fúria da qual não poderia agüentar as conseqüências. Eumênio ficou entre os dois e o rei se deteve em cima da hora.
– Disse o que pensa. Quer matá–lo por isto? Se deseja bajuladores e cortesãos que só te digam coisas agradáveis, então já não precisa de nós.
– Virouse para o companheiro que tremia como vime sacudido pelo vento, pálido como um cadáver: – Vamos embora, Calístenes, o rei hoje está de mau humor.
Saíram e Alexandre deixou–se cair no banquinho levando as mãos às têmporas para conter as lancinantes fisgadas.
– O negócio está feio – disse uma voz atrás dele –, eu reconheço. Mas infelizmente não tem escolha. Precisa golpear sem hesitação, mesmo que tenha dúvidas. Talvez Filotas não quisesse matá–lo, talvez só tencionasse te manter sob custódia ou forçá–lo a agir do jeito dele confiando na sua posição e na do pai, mas certamente participou da intriga, e isto é o que interessa. – Eumolpo de Sôli atravessou a sala ainda quase às escuras e veio sentar–se em outro banquinho diante do rei.
– Também ouviu as outras histórias que Calístenes contou?
– O negócio de Amintas? Sim, ouvi. Mais uma vez, porém, pode realmente confiar? Quem estava presente ao interrogatório que antecedeu a execução de Sisínio? Ninguém, que eu saiba, exceto o próprio Calístenes, e portanto a sua verdade não pode ser verificada.

Objetivamente, Amintas é de fato um perigo. Na corte persa teria sido eliminado imediatamente. E não se esqueça, você também é o rei dos persas, agora. É o Rei dos Reis. Mas de qualquer maneira não creio que terá de tomar parte ativa, o tribunal vai certamente emitir um veredicto de condenação. você só terá de recusar o perdão, se alguém o pedir.
Entrou um ordenança ladeado por dois pajens que traziam as armas do rei.
– Senhor – disse –, está na hora.
O processo militar diante da assembléia do exército era um ritual antigo e terrível, concebido pêlos antepassados para infligir aos traidores o máximo de sofrimento e de vergonha: era presidido pelo soberano e celebrado na presença de todos os guerreiros, dos generais da cavalaria, da infantaria e das tropas auxiliares. Os membros da corte, no número de dez, eram sorteados entre os oficiais de patente mais alta e os soldados mais antigos.
Antes da alvorada, o exército já estava em formação na planície deserta, chamado por um toque de cometa sonoro e prolongado, arrepiante na sua única nota aguda e afiada como uma lâmina. Os pezéteros estavam dispostos em sete fileiras, em trajes de combate e de sarissas na mão. Do outro lado ficava a cavalaria dos éteros. Nas pontas, quase fechando as duas longas formações paralelas para formar um retângulo, estavam perfiladas as unidades da infantaria ligeira, dos batedores e dos "escudeiros", que só deixavam aberta uma pequena brecha do lado oriental por onde iriam passar o rei, os juizes e os prisioneiros. Os gregos da infantaria mercenária, os trácios e os agrianos não podiam assistir, pois somente aos macedônios era dado julgar outros macedônios.
Bem no meio da formação dos éteros havia um palanque levemente sobrejacente ao solo com os assentos do rei e da corte.
O sol despontou atrás das montanhas e os seus raios incidiram primeiro nas pontas das
sarissas, fazendo–as tremeluzir com sinistros reflexos, e depois desceram a iluminar os homens imóveis em seus cascos de aço, esculpindo os seus rostos de pedra marcados pelo sol, pelo vento e pelo gelo.
Três toques de cometa anunciaram a chegada do rei e logo a seguir apareceram os juizes seguidos pêlos prisioneiros acorrentados. Entre eles sobressaíam Filotas, com o corpo martirizado pelas torturas, e

Amintas, que avançava aparentemente impassível.
Depois que o rei e os componentes da corte tomaram assento no palanque, o membro mais antigo leu as acusações. As testemunhas foram chamadas a depor e um arauto repetia cada afirmação delas gritando–a em voz alta para que toda a assembléia pudesse ouvir.
Finalmente os membros do tribunal votaram e o veredicto foi unânime para todos os acusados: culpado.
– Agora – gritou o arauto repetindo as palavras do juiz mais antigo – está na hora da assembléia votar. A votação será individual para cada um dos réus. Quem não concordar com o veredicto deitará no chão a própria espada e aí todos darão dez passos para trás para que as armas possam ser contadas.
O juiz mais antigo chamou, um de cada vez, os nomes dos acusados, e cada vez os guerreiros recuaram deixando as espadas no chão. Os réus viravam para lá os seus olhares, primeiro para as formações de infantaria, depois para as de cavalaria, ainda esperando que os companheiros de armas lhes dessem uma última possibilidade de salvação, mas as espadas que ficaram brilhando no chão foram sempre poucas demais. Quando chegou a vez de Filotas, as espadas foram mais numerosas, principalmente do lado dos éteros, mas ainda insuficientes. A sua ascendência e a sua falta de familiaridade haviam–no afastado principalmente dos soldados de infantaria, e de qualquer maneira pesava em seus ombros o testemunho do pajem Cibelinos que todos haviam ouvido. Filotas nem endereçou um olhar para o solo como haviam feito os outros, manteve–o fixo em Alexandre apertando o queixo para sufocar os gemidos e continuou a encará–lo até enquanto o prendiam à estaca da execução. Rechaçou os algozes que queriam atar seus pulsos e cotovelos e ergueu–se em toda a sua altivez mostrando o peito aos arqueiros que iriam executar a sentença. O oficial encarregado chegou perto do palanque para saber, como era costume, se bem em cima da hora o rei estava disposto a conceder o perdão.
Alexandre ordenou:
– No coração, no primeiro disparo. Não quero que sofra nem um instante a mais.
O oficial anuiu, voltou à sua unidade e trocou poucas palavras com os seus homens. Aí
gritou uma ordem e os arqueiros esticaram suas armas apontando.

Um pesado silêncio tomou conta da esplanada apinhada de guerreiros e os soldados da cavalaria fixaram os olhos no corpo de Filotas pois sabiam que, até no momento extremo, embora esgotado pelas torturas sofridas, ainda saberia ensinar–lhes como deve morrer o comandante dos éteros.
O oficial deu a ordem para desfechar mas Filotas, logo antes das flechas despedaçarem seu coração, teve tempo de gritar:
Alalaai!
E logo ruiu ao chão em uma poça de sangue.
O príncipe Amintas foi o último a ser executado e muitos dos presentes não conseguiram conter as lágrimas ao verem o lastimável desfecho da existência daquele jovem nobre e valoroso ao qual o destino tirara primeiro o trono e agora a vida, na flor da idade. Alexandre voltou ao palácio entregue ao mais sombrio desalento devido ao que acabava de ver, angustiado por ter perdido um amigo de infância e de juventude não no campo de batalha, mas sim na estaca dos condenados, transtornado só de pensar que um jovem da sua mesma idade que participara de todas as suas façanhas, ao qual confiara a maior das responsabilidades, tivesse de repente chegado a tal ponto de rejeição para virar–se por completo contra ele e conspirar contra a sua vida. Mas o tempo das intrigas e do sangue ainda não acabara: uma decisão muito mais terrível precisava ser tomada. Convocou o conselho dos seus companheiros depois do pôr–do–sol em uma tenda isolada no meio de uma grande clareira. Eumênio também estava lá, mas não Cleito, o Negro, encarregado dos funerais dos condenados. Não havia guardas na entrada, nem havia assentos ou mesas ou tapetes lá dentro, só a terra nua; deliberaram em pé, à luz de uma única lanterna. Ninguém jantara e no rosto de todos lia–se apenas aflição e amargura.
– Esta atitude não lhes fica bem – começou Alexandre. – Ninguém levantou um dedo para livrar Filotas da morte.
– Eu sou grego – replicou logo Eumênio. – Não tinha direito de expressar a minha opinião.
– Sei disto – rebateu Alexandre – pois do contrário o teria defendido em público da mesma forma com que o defendeu em particular, mas a sentença foi dada pêlos juizes, aprovada pela assembléia e executada. O que passou, passou.
– Por que nos convocou, então? – perguntou Leonato, com voz trêmula

de presságio, e era impressionante ver aquele gigante híspido com os olhos úmidos de comoção.
– Porque ainda não acabou, não é isto? – interveio Eumênio. – Quando se começa alguma coisa, é preciso seguir em frente até não deixar nenhum fio solto.
– Quantos outros conspiradores descobriram? – perguntou Ptolomeu, com uma certa
ansiedade.
O rei ficou alguns momentos olhando para ele, com expressão meio perdida, como se estivesse a ponto de enfrentar a mais pesarosa tarefa, o trabalho mais exaustivo, aí começou em voz baixa:
– Hoje, quando voltei aos meus aposentos depois da execução, sentei à minha mesa e comecei a escrever ao general Parmênio... – Só de ser mencionado, o nome bastou a evocar de imediato naquele pequeno recinto a enormidade da tragédia em andamento e todos perceberam dramaticamente a gravidade da decisão que teriam de tomar dali a pouco. –... para dar–lhe com minha carta pessoal a notícia da condenação à morte do seu filho Filotas, informando que a sentença havia sido executada por vontade da assembléia do exército. Queria dizer–lhe que, como rei, eu não tivera outra escolha a não ser aceitar aquele veredicto mas que, como homem, teria preferido morrer desde que pudesse poupar–lhe este atroz sofrimento. – Eumênio olhou para ele e viu que lágrimas escorriam pelas suas faces enquanto falava, que naquele momento ele participava da mesma dor que o general sentiria. – Mas a minha mão logo se deteve. Um pensamento aflitivo não permitia que continuasse e foi este mesmo pensamento que me induziu a convocá–los. Nenhum de nós vai sair daqui antes que tenhamos tomado uma decisão.
– Como irá reagir Parmênio, este é o pensamento que te atormenta, não é verdade? – antecipou–se mais uma vez Eumênio.
– É isso mesmo – admitiu Alexandre.
– Ele já te deu dois filhos – continuou Eumênio. – Heitor que se afogou no Nilo, e Nicanor que sucumbiu a uma ferida mortal. E agora você mandou torturar e matar o terceiro, o mais velho, aquele do qual ele mais se envaidecia.
Eu não! – gritou Alexandre. – Eu elevei–o à mais alta dignidade depois da minha. Foi julgado por aquilo que fez. – Baixou a cabeça por longos,

intermináveis momentos, aí recomeçou em voz baixa – Estamos sozinhos, isolados no coração de um país imenso e desconhecido, estamos a ponto de realizar a façanha que juramos levar a cabo e qualquer erro pode tomar tudo inútil, pode dar novo alento a um adversário ainda não totalmente dominado que se desforra, podendo levar à ruína toda a expedição. Estão para ver os nossos companheiros perseguidos ou aprisionados, torturados e mortos ou vendidos corno escravos em terras longínquas, desprovidos de qualquer esperança de volta? Ou então querem que a nossa pátria seja invadida e assolada, que as vossas famílias sejam aniquiladas, as suas casas queimadas por inimigos implacáveis? Se Alexandre cair, o mundo inteiro ficará entregue a terríveis convulsões, será que não percebem isto? É isto que você quer, Eumênio de Cárdia? É isto que todos vocês
querem? Tive de desfechar meus golpes sem hesitação, passando por cima de qualquer reserva, de qualquer afeição, de qualquer compaixão.
Falava com olhos que ardiam de pranto, com voz alquebrada pelas paixões que lhe dilaceravam a alma e os companheiros deram–se conta disto reconheceram–no na força avassaladora que quase tinham esquecido. Era como se a respiração dele tivesse penetrado em seus peitos, como se aquelas lágrimas estivessem escorrendo pelas suas próprias faces, como se as dúvidas e as angustia dele também torturassem as suas almas.
Um por um, o rei fitou a todos nos olhos, e então disse:
– Ainda nos falta cumprir a coisa mais horrenda.
– O assassinato de Parmênio? – perguntou Eumênio com um tremor na voz.
Alexandre anuiu. – Não sabemos como ele poderá reagir quando souber da morte de Filotas. Mas, se decidir se vingar, poderá acabar conosco como e quando quiser, ele tem o dinheiro para comprar os nossos mantimentos, o controle das estradas e das comunicações com a Macedônia para o envio dos reforços dos quais constantemente precisamos; tem o poder de fechar a porta atrás de nós abandonando–nos ao nosso destino, ou então de aliar–se a Besso ou a qualquer outro para nos exterminar até o último homem. Podemos correr este risco?
– Só mais uma coisa – disse Cratero – Acha que Parmênio estava a par da conspiração, que participava dela? Filotas era seu filho, pode ser que tenha comentado a coisa com ele.

– Acho que não, mas não posso ignorar esta possibilidade. Sou o rei e nada nem ninguém pode me ajudar: estou completamente só quando tenho de tomar decisões tão terríveis. O único consolo para a angústia é a amizade, sem vocês, não sei se encontraria a força, a vontade, a finalidade disto tudo. E agora escutem não quero impor o ônus do meu remorso, que só eu terei de carregar na consciência, mas se acham que isto tudo é loucura, se acreditam que passei além de qualquer limite permitido ao ser humano, se consideram aquilo que estou para fazer a ação de um tirano execrável, então matem–me. Agora mesmo. Pelas suas mãos, a morte não será tão terrível. E em seguida escolham o melhor entre vocês, pois eu não tenho filhos; entrem em acordo com Parmênio e voltem atrás. – Desatou os cadarços da couraça e deixou–a cair ao chão mostrando o peito indefeso.
– Eu jurei seguir adiante contigo até o extremo limite – disse Heféstion.
– Em todos os sentidos, até mesmo além do limite que separa o bem do mal. – Aí, virando–se para os companheiros: – Se alguém quiser matar Alexandre, que me mate também.
Desatou a couraça deixando–a por sua vez cair no chão e ficou ao lado do rei.
Todos tinham os olhos cheios de lágrimas ou choravam escondendo o rosto entre as mãos. Cratero lembrou–se naquele momento de um dia longínquo no qual foi ao encontro do seu príncipe juntamente com os companheiros, durante uma violenta nevasca em um desfiladeiro gelado da llíria, para que soubesse que os seus amigos nunca o abandonariam pôr motivo nenhum no mundo, e então chamou com voz rouca:
– A turma de Alexandre! E todos responderam:
– Presente.

CAPÍTULO 39

Eumolpo de Sôli entrou na antiga sala de armas do palácio do sátrapa e o homem virou–se imediatamente ao ouvir os seus passos.
– Qual é o seu nome? – perguntou o informante. – E qual é a sua unidade?
– O meu nome é Demétrio – o homem respondeu. – Quinto pelotão do terceiro batalhão dos batedores.
– Tenho um trabalho para você, da parte do rei. – Mostrou–lhe uma tabuleta com a gravação da estrela argeade. – Reconhece?
– É o selo real.
– Com efeito. E por isto mesmo, a ordem que está a, ponto de receber de mim partiu diretamente de Alexandre. Trata–se de uma tarefa nem um pouco fácil e de grande responsabilidade, mas sabemos que está acostumado com este tipo de trabalho e que sempre demonstrou rapidez e precisão.
– Quem devo matar? – perguntou Demétrio. Eumolpo fitou–o fixamente nos olhos:
– O general Parmênio. – O homem teve uma reação quase imperceptível no repentino pestanejar. Eumolpo prosseguiu, sempre de olhos fixos nele: – A ordem é de viva voz e só você está a par dela. Além disto, ninguém sabe, nem mesmo o rei, quem será o encarregado desta incumbência. Levará com você dois guias indígenas de absoluta confiança e dromedários das estrebarias de Satibarzane; os animais mais rápidos e resistentes de todo este território. Terá de chegar antes que a notícia da morte de Filotas alcance Ecbátana. – Entregou–lhe um rolo. – Este documento o credencia como correio real, mas para chegar até Parmênio com uma mensagem de viva voz, precisa conhecer a
senha combinada pelo rei e o general.
– Qual é a senha?
– É uma velha ladainha macedônia que as crianças costumam cantar. Talvez a conheças, é a que diz:
O velho soldado que vai à guerra...
O sicário deixou transparecer um vislumbre de sarcasmo nos olhos

enquanto, acenando com a cabeça, completava com o verso seguinte:
agora se ferra, agora se ferra!
– Exatamente – confirmou Eumolpo sem demonstrar emoção alguma. E prosseguiu: – Não há recompensa para esta missão, mas te darei do meu bolso um talento de prata.
– Não é necessário – respondeu o homem.
– Poderá ser–lhe útil. Usará a adaga e desferirá o seu golpe no peito. O maior soldado da
Macedônia não pode morrer com uma facada nas costas. Demétrio anuiu.
– Mais alguma coisa?
– Precisa pegá–lo de surpresa. Se desconfiar de alguma coisa, estará perdido. Não leve em conta o fato de ele estar com setenta anos. Um leão é sempre um leão.
– Tomarei cuidado.
– Então vá. Não tem tempo a perder. Os guias estão esperando por você nas estrebarias, aqui embaixo, e os dromedários já estão prontos para partir.
Encontrará o dinheiro em Ecbátana, no templo de Eslirmim dos caldeus, do lado de fora da porta meridional. Logo em seguida seguirá viagem para nunca mais voltar.
O homem saiu por uma portinhola lateral que lhe foi indicada, desceu as escadas até as estrebarias e partiu na direção do sol que se punha. Do topo de uma torre, Alexandre ficou olhando pálido e imóvel a pequena comitiva que se afastava até que ela desapareceu ao longe entre as ondulações do deserto.
Demétrio levou seis dias e cinco noites para voltar a Zadracarta, só dormindo umas poucas horas por noite, comendo e bebendo na garupa do seu animal. Ele e os guias paravam todos os dias para trocar as cavalgaduras de forma a manter uma velocidade constante, nem dava para acreditar nas enormes distâncias que podiam ser percorridas em um curto espaço de tempo com esse sistema. Chegaram a Ecbátana ao entardecer do décimo terceiro dia e Demétrio apresentou–se logo na entrada do palácio do governador.
– Quem é e o que quer? – perguntou a sentinela. Demétrio mostrou o salvo–conduto com o selo real:
– Correio do rei com prerrogativa de máxima urgência. Mensagem de

viva voz, pessoal, para o general Parmênio.
– Tem alguma senha?
– Tenho.
– Espere aqui – respondeu a sentinela. Entrou no posto de guarda e confabulou com o comandante que saiu quase imediatamente e se dirigiu ao mensageiro dizendo:
– Venha comigo.
Entraram no amplo pátio cercado de colunas no centro do qual havia um poço de onde os serviçais tiravam a água para os hóspedes e os animais.
Atravessaram–no por inteiro chegando ao lado ocidental onde, na sombra, havia uma escadaria que levava ao andar superior. Viraram num corredor vigiado por uma dupla de pezéteros e seguiram até o fim. Não havia guardas diante da porta.
O oficial bateu e esperou. Logo em seguida ouviram o barulho de passos e uma voz perguntou:
– Quem é
– Corpo de guarda – respondeu o oficial. – Há um correio urgente do rei, com mensagem de viva voz e senha.
A porta abriu–se e apareceu um homem de uns cinqüenta anos, quase careca, com uma tabuleta sob o braço esquerdo e um estilo na mão direita.
– Sou o secretário encarregado do despacho da correspondência – apresentou–se. – Pode entrar, o general não vai demorar a recebê–lo. Acaba de responder a umas cartas que chegaram da Macedônia e estava se preparando para o banho antes do jantar. Espero que lhe tragas boas notícias. Ainda está prostrado devido à morte de Nicanor e se preocupa o tempo todo com o rei e com o último filho que lhe sobrou, coitado do homem.
– E enquanto falava procurava examinar de soslaio o rosto de pedra do sicário tentando adivinhar o teor das notícias que comunicaria ao seu general, e pelo que via não conseguia imaginar nada de bom.
Pararam diante de outra porta. O homem disse:
– Espere um momento, há uma pequena formalidade antes de ser admitido à presença do general.
Demétrio receou ser revistado e apoiou a mão na empunhadura da adaga sob a capa. Passou–se algum tempo sem que se ouvissem sons ou

vozes mas finalmente o secretário voltou com uma bandeja na qual se viam uma fatia de pão, uma tigela de sal e uma taça de vinho.
– O general Parmênio quer que todos aqueles que entram na sua casa desfrutem a sua
hospitalidade. Diz que dá sorte – acrescentou com um meio sorriso. – Por favor, fique à vontade.
O sicário tirou a mão do punhal e esticou–a para a bandeja. Pegou o pão, temperou–o com o sal e goles de vinho.
– Agradeça ao general de minha parte – disse limpando a boca com o dorso da mão.
O secretário anuiu, deixou a bandeja sobre uma mesa e então conduziu o mensageiro até a porta que dava para a sala de Parmênio pedindo que esperasse mais alguns instantes. Demétrio podia ouvir o som das vozes dos dois homens através da porta encostada. Afinal o secretário saiu e acenou para dizer que estava sendo esperado. Demétrio entrou e fechou a porta.
Parmênio estava sentado à sua mesa de trabalho e tinha atrás de si uma prateleira cheia de rolos, cada um marcado com uma etiqueta de identificação, e ao lado, em um cavalete, um mapa que representava as províncias do império persa a leste do Hálís. Logo que viu entrar o correio, levantou–se para recebê–lo.
Estava usando somente o quitão militar que cobria as suas pernas até os joelhos e calçava as botas militares de couro até metade da panturrilha. Tinha uma constituição extremamente robusta e a sua armadura de ferro e couro, pendurada em um cabide perto da parede esquerda, devia pesar com o escudo quase um talento. Estava desarmado. A sua espada, uma lâmina já bastante antiga, descansava em sua bainha ao lado da armadura.
Foi solícito apontando para uma cadeira:
– Sente–se, soldado.
– Não estou cansado.
– Pelo seu aspecto, parece que está chegando do reino de Hades – rebateu Parmênio. – Tem uma aparência horrível. Vamos, sente–se.
Demétrio obedeceu para não despertar suspeitas, mas enquanto sentava o general que o acompanhava os movimentos percebeu a empunhadura da adaga que sobressaiu o bastante para ser notada embaixo do manto. Parmênio recuou para a armadura.

– Quem é você? – perguntou esticando o braço para a sua própria espada. – Disse que tinhas uma senha.
O homem levantou–se:
– O velho soldado que vai à guerra. – disse segurando a adaga. Ao ouvir aquelas palavras Parmênio deixou cair a espada que já estava em suas mãos e aproximou–se com uma expressão dolorosamente atônita no Olhar – O rei... – murmurou incrédulo. – como é possível?
O sicário afundou a lâmina no seu peito e ficou olhando para ele enquanto caia sem um único lamento, espalhando uma grande mancha de sangue no piso.
Ficou olhando para ele enquanto morria e não viu ódio nem revolta nos seu olhos que se apagavam. Somente lágrimas. E pareceu–lhe que os seus lábios ciciavam alguma coisa junto com o último suspiro, talvez... talvez a sua senha.
Saiu por outra porta que se abria na parede à direita e desapareceu nos meandros do grande palácio. Logo depois a paz do crepúsculo vespertino foi quebrada por um longo grito de horror. Treze dias depois Alexandre soube que Parmênio fora assassinado e, apesar de ter sido por ordem dele, a notícia feriu–o cruelmente, como se tivesse esperado até o fim que algum deus desse uma guinada no destino. Ficou fechado em sua tenda durante dias oprimido pela angústia, sem ver ninguém, sem querer água nem comida. Leptine procurou várias vezes assisti–lo, mas depois de cada tentativa foi vista sair chorando para em seguida encolher–se no chão, fora da tenda, na chuva ou no sol, esperando em prantos que o rei a deixasse entrar.
E os amigos, que às vezes se aproximavam do pavilhão para saber se dava algum sinal de vida, só ouviam a sua voz rouca e monótona que repetia ao infinito uma antiga ladainha macedônia que costumavam cantarolar quando crianças, e saíam dali meneando a cabeça.
Eumênio concluiu o quarto volume do seu Diário escrevendo:
No sétimo dia do mês de Pianopsion o general Parmênio foi morto por ordem do rei, sem culpa nenhuma. Era um homem valoroso e sempre lutou com honra, batendo–se como um jovem apesar da idade. Nenhuma mácula jamais poderá conspurcar a sua memória: ele viverá para sempre na nossa lembrança.

CAPÍTULO 40

Ai um belo dia, Alexandre voltou a pé para o palácio, com os cabelos sujos e desgrenhados, emagrecido, e com uma luz incerta e fugidia no olhar. Estatira acolheu–o entre os seus braços e procurou aliviar a sua dor sentando, à noite, aos seus pés, cantando e acompanhando o seu canto com a harpa babilônia.

O verão já estava chegando ao fim quando o rei convocou o exército e marcou a data da partida. Os oficiais de marcha consultaram os guias, os supervisores de mantimentos aprontaram os carros e os animais de carga, os comandantes dos batalhões perfilaram suas tropas e levaram–nas durante alguns dias a longas marchas de treinamento para reacostumá–los à rudeza do itinerário que esperava por elas nos desfiladeiros do Paropâmiso. Uma grande excitação espalhara–se pelo acampamento com a retomada

das atividades militares. Os soldados não viam a hora de deixar aquele lugar maldito onde haviam assistido a eventos fúnebres e todos queriam apenas esquecer os dias de ócio e de sangue que haviam passado ao lado das muralhas gretadas de Artacoata que agora se chamava Alexandria da Ária.

A princesa Estatira percebeu que estava grávida e a notícia pareceu dar algum alívio ao rei inspirando–lhe um pouco de felicidade. Os amigos também alegraram–se pensando que dentro em breve poderiam olhar para um novo, pequeno Alexandre. A marcha para o norte era árdua demais para uma mulher naquelas condições e Alexandre pediu que ela voltasse e se instalasse Ecbátana ou Susa. Estatira com o intuito de juntar–se à mãe em algum dos seus palácios.

Obedeceu e tomou o caminho de Zadracarta,

Numa límpida manhã do começo do outono os clarins deram o sinal da partida e o rei ficou à frente do exército vestindo a sua mais fligida armadura, montado em bucéfalo como na época das suas mais gloriosas façanhas. Cobertos de feiro e com os penachos ondeando no sol matinal, Heféstion, Perdicas, Ptolomeu, Seleuco, Leonato, Lisímaco e Cratero cavalgavam ao seu lado.

Durante vários dias foram remontando o vale percorrido pelo rio de mil ramificações, passando por muitas aldeias sem que nada acontecesse. Os nobres persas que acompanhavam a expedição com suas próprias tropas falavam com as pessoas e explicavam que o jovem reluzente montado no gigantesco cavalo negro era o novo Rei dos Reis, e às vezes havia quem saísse de casa agitando galhos de salgueiro para saudá–lo. À noite o céu tomava–se cada vez mais límpido e o número de estrelas aumentava além de qualquer medida, como se os astros estivessem nascendo espontaneamente na imensa abóbada celeste tal qual flores desabrochando na primavera. Calístenes explicou que, naquelas alturas, o ar era muito mais límpido devido à ausência de vapores ou fumaça, e que por isto as estrelas eram simplesmente mais visíveis, mas a maioria dos soldados acreditava que o céu mudava com a mudança da terra e que naqueles territórios tão remotos qualquer coisa podia acontecer.
Todas as tardes montavam o acampamento à margem do rio, ao escurecer, e quando as fogueiras dos bivaques eram acesas, a grande multidão de soldados à qual se acrescentava o numeroso séqüito de mulheres, mercadores, serviçais, carregadores, pastores e vaqueiros com seus animais parecia uma verdadeira cidade itinerante.
Certo dia o vale do rio com mil braços secundários alargou–se em uma vasta planície quase completamente cercada por uma imponente cordilheira de montanhas cobertas de neve que brilhavam ao sol e formavam um maravilhoso contraste com o céu.
– O Paropâmiso! – gritou Eumênio, comovido diante daquela estonteante beleza, mas
Calístenes objetou:
– Nestes últimos tempos troquei umas mensagens com o meu tio Aristóteles e, segundo ele, os montes que encontramos nesta região devem ser as extremas ramificações da cadeia do Cáucaso, que é a mais alta do mundo.
– E a gente vai ter de subir até lá em cima? – perguntou Leonato indicando os passos dependurados entre a terra e o céu.
– Isto mesmo – respondeu Ptolomeu. – Já podemos ter certeza de que Besso está do outro lado, com um exército de bactrianos, sogdianos e citas, e Alexandre quer capturá–lo de qualquer maneira.
Leonato fez sombra nos olhos apoiando a mão na testa, olhou mais uma vez para a imponente cordilheira que ofuscava com a sua veste de neve e

gelo, sacudiu a cabeça e foi embora.
A hipótese geográfica de Calístenes também foi aceita pelo rei que, nos dias seguintes, chegou à conclusão de que aquele grande vale fértil era o local ideal para a fundação de uma nova cidade onde deixar uma parte do numeroso séqüito que acompanhava o exército em marcha.
Deu–lhe o nome de Alexandria do Cáucaso e instalou nela umas mil pessoas com cerca de duzentos mercenários que se ofereceram para ficar em lugar de enfrentar a vertiginosa travessia das montanhas.
Naquele ar cristalino, sob aquele céu de cores rutilantes, entre aquelas pradarias de esmeralda entrecortadas pêlos braços prateados do rio, os fantasmas de Artacoata pareceram quase dissolver–se, mas a sombra sangrenta de Parmênio continuava a perseguir as noites agitadas de Alexandre. Certo dia, ao entardecer, oprimido pela angústia das trevas iminentes, apresentou–se à tenda de Aristandro e disse:
– Pegue um cavalo e venha comigo.
O homem obedeceu e logo a seguir, iludindo a vigilância dos guardas, esquivaram–se na sombra que já descia das montanhas e começaram a subir pelas encostas da poderosa cordilheira.
– O que você quer? – perguntou o vidente.
– Evocar o fantasma de Parmênio – respondeu o rei fitando–o com olhar febril. – Pode fazer isto para mim, Aristandro?
O vidente anuiu.
– Se ainda estiver circulando por estas terras, poderei fazer com que venha, mas se já desceu para o reino de Hades, não sei se poderei chegar a ele sem eu mesmo morrer.
– Ontem à noite sonhei vê–lo subir, sozinho e a pé, para aquela passagem.
Avançava de ombros vergados, como se carregasse um fardo pesado, e a sua cabeleira branca confundia–se com a alvura da neve. Vez por outra acenava com a mão para que o seguisse... aquela sua grande mão calejada de velho guerreiro.
De repente virou–se para mim e pude ver a ferida no seu peito, mas no seu olhar não havia ódio nem ressentimento. Somente uma infinita melancolia. Chame–o de volta, Aristandro eu lhe peço!
– Lembra em que local da montanha te pareceu vê–lo?
– Ali em cima – respondeu Alexandre apontando para um local onde a trilha pedregosa se confundia com a neve.

– Então leve–me até lá antes que a noite oculte o caminho.
Seguiram adiante, primeiro a cavalo e depois a pé quando a senda se tomou mais estreita e difícil. Alcançaram o limite das neves antes da meia–noite e pararam diante da imaculada extensão branca que chegava até os altos cumes.
– Está pronto? – perguntou Aristandro.
– Estou – respondeu o rei.
– Para tudo?
– Para tudo.
– Até para morrer?
– Sim.
– Então dispa–se. Alexandre obedeceu.
– Deite na neve.
Alexandre deitou–se de costas no tapete de neve estremecendo naquele contato gelado e viu que Aristandro se ajoelhava ao seu lado balançando–se devagar para a frente e para trás, e começava a cantar uma estranha ladainha cadenciada, marcada por curtos gritos numa língua bárbara incompreensível. À medida que aquela cantiga subia ao céu gélido e distante, o seu corpo mergulhava emerso.
Sentia milhares de agulhas geladas trespassando–lhe a pele e chegando até o cérebro e o coração, e a dor aumentava continuamente tomando–se insuportável. Em certa altura percebeu que ele mesmo soltava do peito os curtos gritos sincopados na língua bárbara junto com Aristandro e viu que o mago, ajoelhado diante dele, tinha os olhos brancos e inexpressivos como aqueles de uma estátua de mármore na qual a chuva apagou as cores.
Tentou falar, mas não conseguiu, tentou levantar–se, mas reparou que já estava sem
força. Tentou mais uma vez gritar, mas já não tinha voz. Afundava cada vez mais no gelo, ou talvez estivesse pairando no ar gélido e transparente acima dos cumes pontudos das montanhas... Viu a si mesmo menino, como em sonho, correndo pelas salas do palácio enquanto a velha Artemísia, ofegante, tentava em vão alcançá–lo. E aí, de repente, lá estava ele na grande sala do conselho, na sala de armas onde os generais do reino sentavam ao lado do seu pai, e parava atônito diante dos majestosos guerreiros fechados em suas armaduras reluzentes. E então via despontar de um corredor lateral um homem imponente com sua

vistosa cabeleira branca; o primeiro soldado do reino, Parmênio!
O general fitava–o e dizia:
– Como é mesmo, pequeno príncipe, aquela ladainha de que tanto gosta? Não quer cantá–la mais uma vez para este velho soldado que vai à guerra?
E Alexandre tentava cantar a ladainha que fazia sorrir todos, mas não conseguia, um nó apertava a sua garganta. Virou–se para voltar ao seu quarto mas só viu diante de si uma paisagem cheia de neve, viu novamente Aristandro de joelhos, enrijecido como um cadáver e de olhos brancos. Com um extremo esforço procurou recorrer às suas últimas energias para alcançar com a mão a capa que deixara cair na neve, mas enquanto virava lentamente a cabeça para aquele lado, deteve–se de repente, paralisado pela surpresa. Parmênio estava ali, diante dele, pálido no luar, fechado na sua armadura e com a magnífica espada pendurada na cintura.
Os olhos do rei encheram–se de lágrimas enquanto murmurava:
– Velho... corajoso... soldado... perdoe–me.
Parmênio limitou–se a franzir de leve os lábios em um melancólico sorriso e respondeu:
– Agora estou com os meus garotos. Estamos bem, todos juntos. Adeus, Alexandre, terá o meu perdão quando nos encontrarmos de novo. E não vai demorar muito. – Afastou–se com lentas passadas na neve imaculada e desapareceu na escuridão.
Naquele momento Alexandre teve um sobressalto de consciência e viu–se de repente diante de Aristandro que segurava a sua capa e dizia:
– Agasalhe–se, rápido, vista isto! Chegou muito perto da morte.
Alexandre conseguiu levantar–se e envolver–se no manto, e o tepor da lã devolveu–lhe lentamente o vigor.
– O que aconteceu? – perguntou Aristandro. – Gastei toda a minha força espiritual, mas não me lembro de coisa alguma.
– Vi Parmênio. Vestia a sua armadura mas não estava ferido, e sorriu para mim. – Baixou a cabeça com um gesto desanimado. – Mas provavelmente foi apenas uma ilusão.
– Ilusão? – disse o vidente. – Talvez não. Olhe.
Alexandre virou–se e viu uma série de pegadas na neve que terminavam não muito longe dali, como se quem as deixara tivesse simplesmente desaparecido no ar. Ajoelhou–se para apalpá–las com a ponta dos dedos

e virouse para Aristandro com os olhos maravilhados.
– Botas macedônias... tacheadas. Oh,. grande Zeus, será possível? O vidente ficou de olhos fixos no horizonte.
– Vamos voltar – disse. – Já é tarde. As estrelas que nos protegeram até agora estão para se pôr.



CAPÍTULO 41

Alexandre celebrou o nascimento da sua nova cidade com solenes sacrifícios propiciatórios, depois dos quais anunciou jogos atléticos e certames poéticos com representações cênicas. Os melhores atores trágicos, interpretando os mais árduos papéis, tentaram disputar a primazia do já lendário Tessalo, cuja voz parecia assumir ainda mais timbre e potência no clima do planalto.

O ápice do ciclo trágico foi alcançado com a encenação dos Sete contra Tebas, na qual um jovem ator originário de Milasa interpretou com impressionante realismo o papel de Tideu que fincava os dentes no crânio de Melanipo. Mas o prêmio máximo coube mais uma vez a Tessalo pela sua magistral atuação como protagonista do Agamenon.

Os festejos duraram sete dias. No oitavo, o exército começou a sua marcha atrás de um pelotão de guias indígenas que o levaria entre as montanhas. Depois das duas primeiras etapas, as tropas se viram forçadas a avançar na neve alta, num território que se mostrava completamente deserto e, uma vez que os caminhos de acesso eram extremamente íngremes e escorregadios, os animais de carga haviam sido carregados com a metade do peso que normalmente podiam transportar, de forma que a autonomia da expedição sofria consideráveis limitações.

Os guias explicaram que os vilarejos existiam e que lá também havia reservas de provisões, mas estavam completamente cobertos de neve e, portanto, invisíveis. A única maneira para encontrá–los era esperar até a noite quando eram acesas as fogueiras para esquentar a comida e a fumaça indicava então a sua posição precisa. Desta forma o exército pôde ser alimentado, mas os habitantes daquelas aldeias miseráveis foram privados do mínimo indispensável para sobreviver e forçados a deixar suas humildes

moradas e descer para terras mais baixas para disputar a comida com outros infelizes.

A marcha prosseguiu a um preço extremamente caro, muitos homens começaram a sofrer de graves distúrbios de visão devido ao reflexo

ofuscante do sol na neve.
Alexandre convocou em sua tenda o médico Filipe quando já ia entardecer e mostrou–lhe um trecho da "Expedição dos dez mil".
– Xenofonte conta que enfrentou o mesmo problema com os seus soldados nas neves da
Armênia: diz até que não foram poucos os que ficaram cegos.
– Mandei os homens enfaixarem a cabeça só deixando pequenas fendas diante dos olhos para enxergarem o mínimo indispensável – respondeu Filipe. – Isto deveria bastar para salvar–lhes a visão. Não há mais nada que eu possa fazer:
não temos remédios suficientes para tantas pessoas, mas lembrei que o meu velho mestre Nicômaco, que te trouxe à luz, usava a neve para aliviar a irritação dos tecidos assim como para evitar ou conter hemorragias. Fiz algumas experiências com os nossos guerreiros e os resultados foram bastante animadores. Neste caso, podemos dizer que aquilo. que machuca também cura. E você, senhor, como está passando? – perguntou ao vê–lo tão desgastado.
– As minhas dores são do tipo que você não pode aliviar, meu bom Filipe, somente o vinho consegue às vezes abrandá–las... Nunca pude entender tão bem quanto agora o que meu pai queria dizer quando afirmava que o rei está só.
– Consegue dormir?
– Consigo, mas nem sempre.
– Vá descansar, então. Possam os deuses conceder–lhe um noite serena.
– A você também, iatré.
Filipe sorriu. O rei chamava–o pelo seu título de médico quando o seu desempenho era particularmente apreciado. Cumprimentou com um rápido aceno da cabeça e saiu na noite estrelada.
No dia seguinte puderam avistar um enorme rochedo, íngreme e precipitoso. Calístenes examinou–o longamente e pediu que um pelotão de agrianos o levasse até o sopé. De um lado havia notado uma saliência semicircular que lembrava a forma de um gigantesco ninho e do outro, bem no meio do paredão, umas sombras Ou manchas que pareciam anéis, da cor da ferrugem e um cavidade que deixava supor um corpo humano de tamanho descomunal. Mandou chamar imediatamente Aristandro.
– Olhe – disse–lhe –, é fantástico! Encontramos a rocha na qual foi

acorrentado Prometeu. Aquele – acrescentou indicando a saliência – poderia ser o ninho da águia que devorava sem parar o seu fígado e aquelas – continuou mostrando as sombras ferrugentas no
paredão – devem ser as argolas da corrente que mantinha preso o titã. E ali está a marca deixada pelo seu corpo... Se, como acredito, o meu tio Aristóteles estiver certo e este for o Cáucaso, então aquele poderia ser de fato o rochedo de Prometeu.
A notícia espalhou–se rapidamente entre as fileiras do exército: não foram poucos os soldados que saíram da formação para ver aquela maravilha, e quanto mais olhavam, mais ficavam convencidos daquilo que Calístenes dissera. Até Tessalo foi ver e, inspirado pela grandiosidade da paisagem, começou a declamar comovido os versos do Prometeu de Esquilo: o lamento do titã acorrentado no rochedo cita. A sua voz estentórea, ecoando nas paredes a pique, deu asas às palavras do grande poeta naquelas bandas bárbaras e remota grilhões de gelo:
Abóbada celeste que sobre mim resplandeces, ventos de rápidas asas, nascentes de rios e tu, mar que sorris de infinitas ondas, e terra que de tudo és mãe, e sol, olhar onividente, eu vos suplico: olhai os sofrimentos que padeço...
O rei também parou e prestou atenção naqueles versos sublimes, e naquela mesma hora
Calístenes respondeu a Tessalo interpretando Hefaístos, forçado a acorrentar o titã:
... ficarás de vigia neste rochedo da tua dor, de pé, encostado nele, sem poder dormir, sem poder dobrar teus membros, pois desconhece a piedade o coração de Zeus: sempre é cruel aquele para o qual ainda é novo no gosto do poder * O trecho feriu Alexandre como se tivesse sido proferido para ele.
Naquele momento uma águia lançou–se de um pico sublime e fez com que no espaço imenso ressoassem os seus ásperos guinchos enquanto planava com o seu vôo lento e solene sobre o deserto de gelo, como se Zeus respondesse, ofendido, às palavras insolentes dos mortais.
Calístenes virou–se e encontrou o olhar absorto do rei. Disse:
– Não acha estes versos estupendos?
– Acho – respondeu Alexandre. E seguiu em frente.
Depois de dezesseis dias de marcha o exército chegou finalmente do outro lado da enorme cordilheira e desceu rumo à planície cita depois de

sofrer a fome, a sede, as privações e os mais terríveis padecimentos. Tiveram até de sacrificar uma parte dos animais de carga para superar o último trecho daquela formidável barreira, mas afinal Alexandre pôde contemplar mais uma província do seu imenso império.
Do último desfiladeiro o seu olhar pôde vaguear sobre uma desmedida estepe e mais uma vez os homens foram tomados pela angústia ao se verem diante daquela extensão infinita e uniforme, mas sobretudo os deixava pasmos o fato de a neve e o gelo eterno
quase confinarem com terras semidesérticas, queimadas pelo sol.
Mesmo assim, estar novamente sob a liderança de Alexandre fazia com que se sentissem tragados por um vorticoso remoinho, atraídos por uma força invencível. à qual não podiam resistir. Percebiam que estavam retomando o curso de uma aventura incomparável que ninguém mais no mundo poderia viver, ninguém mais a não ser os que haviam tido a sorte de encontrar um homem como ele, admitindo que fosse apenas um homem. Muitos daqueles que acompanhavam o exército, de fato, ao vê–lo sempre resplandecer de longe em sua couraça de prata ao lado do estandarte vermelho com a estrela de ouro, já se haviam acostumado a considerá–lo um ser sobre–humano.
Logo que chegaram à planície dirigiram–se para a capital daquela região, uma cidade chamada Bactra que surgia no meio de um vicejante oásis onde puderam finalmente recuperar suas forças. A cidade entregou–se sem luta e Alexandre confirmou no cargo o velho sátrapa Artaozos, que o recebeu no palácio avisando que Besso tencionava deixar atrás de si terra queimada.
– Não se esperava que chegasse tão rápido, que ultrapassasse as montanhas em poucos dias, vencendo a neve e a fome. No entanto, não tendo conseguido reunir um exército numeroso o suficiente para enfrentá–lo em campo aberto, ele atravessou o rio Óxus, um dos maiores que descem das nossas montanhas, e do outro lado chegou às cidades suas aliadas, destruindo as pontes atrás de si.
Ao ouvir isto, o rei decidiu seguir adiante sem demora e retomou a sua marcha com a intenção de atravessar por sua vez o rio. Quando chegaram à margem do Óxus, chamou Diades, o chefe dos engenheiros, e mostrou a outra margem.
– Quanto tempo vai levar para construir uma ponte? – perguntou.
Diades pegou o dardo de um dos soldados da guarda e fincou–o no

fundo, mas a correnteza logo dobrou–o até torná–lo quase horizontal.
– Areia – exclamou. – Somente areia!
– E qual é o problema? – perguntou o rei.
– As estacas, exatamente como aconteceu com aquela lança, vão ficar bambas e não vão agüentar. – Olhou em volta. – E, além do mais, não vejo árvores suficientes aqui nas redondezas.
– Mandarei alguns homens de volta às montanhas para cortarem os abetos que forem necessários.
Diades meneou a cabeça.
– Senhor, sabe muito bem que nada me deteve, que nunca houve um trabalho que eu julgasse impossível, mas este rio tem cinco estádios de largura, a correnteza é muito forte
e o seu leito só tem areia. Não há estaca que agüente, e, sem estacas não pode haver uma ponte. A meu ver, seria melhor procurar um vau.
Oxatres aproximou–se e no seu grego ainda claudicante declarou:
– Vau não.
Alexandre ficou andando lentamente de um lado para o outro ao longo da margem, em silêncio, sob os olhares do seu exército inteiro e dos seus companheiros perplexos. Aí a atividade de alguns lavradores que trabalhavam nos campos à beira do rio chamou a sua atenção. Aproveitavam o dia ventoso para separar a palha do cascabulho, jogavam tudo para o ar com pás e forcados e a palha, mais pesada, caía logo ali, por perto, enquanto o mais leve cascabulho, era levado pelo vento até as margens da eira. Era um espetáculo muito lindo de se ver, uma espécie de turbilhão dourado feito de mil corpúsculos cintilantes.
Ao verem aquele jovem bonito que se aproximava, os lavradores pararam e olharam para ele maravilhados quando o rei se agachou para encher a mão com um punhado de cascabulho.
Voltou para Diades que tentara fincar mais estacas em vários lugares e olhava agora desconsoladamente para elas, que se inclinavam dobradas pela correnteza.
– Achei a maneira – disse Alexandre.
– A maneira de atravessar? Como? – perguntou o engenheiro abrindo as mãos. O rei deixou cair nelas o cascabulho que segurava:
– Com isto – respondeu.
– Com cascabulho?
– Isto mesmo. Os getas usam o mesmo truque lá no Istros. Enchem de

cascabulho peles de boi que, depois de costuradas, eles colocam na água. O ar que fica preso entre as palhinhas e as praganas permite que essas espécies de odres bóiem o suficiente para permitir a travessia.
– Mas não temos peles suficientes para todos os nossos homens objetou o técnico.
– É verdade, mas temos o bastante para construir uma passarela. O que acha de usarmos as peles das tendas?
Diades concordou.
– É uma idéia genial. Podemos até untá–las com sebo para torná–las mais impermeáveis. Convocou–se o conselho dos companheiros e cada um recebeu a sua tarefa. Heféstion foi encarregado de recolher o cascabulho, Leonato de juntar todas as peles disponíveis das tendas e de requisitar também as dos indígenas.
As tábuas das plataformas das máquinas de guerra iriam ser usadas para formar a base
sobre a qual passar, e como âncoras utilizaram–se grandes pedras presas com cordas.
Ao entardecer todo o material já estava pronto e Alexandre passou em revista o exército, mas, quando se viu diante dos veteranos, marcados pela cansativa travessia das montanhas, olhou para eles como se os estivesse vendo pela primeira vez e sentiu pena. Muitos estavam com quase sessenta anos, alguns até com mais, e todos estavam marcados pêlos sinais dos enormes esforços enfrentados, das batalhas, das feridas, das privações. Sentia que iriam acompanhá–lo para qualquer lugar, mas lia em seus rostos a angústia diante daquele rio enorme que teriam de atravessar sobre sacos de palha para em seguida avançarem na extensão infindável, vazia, daquela planície desértica.
Chamou então Cratero e ordenou que os convocasse, todos, diante da sua tenda logo depois do pôr–do–sol pois decidira dispensá–los. Cratero obedeceu e quando os já idosos soldados ficaram em formação no centro do acampamento, Alexandre subiu no pódio e começou a falar:
– Veteranos! Serviram ao rei e ao exército com honra, superando qualquer adversidade e dificuldade sem nunca poupar esforços. Conquistaram o maior império que já existiu e chegaram à idade em que é justo que um homem desfrute o repouso e os privilégios aos quais fez jus lutando bravamente no campo de batalha. Eu os desobrigo do juramento e mando–os de volta às vossas casas.

Cada um terá duzentos estáteres de prata como meu presente pessoal e receberá o salário até a sua chegada à Macedônia. Levem as minhas lembranças à pátria por mim e passem na alegria o resto dos dias que a vida lhes concede, pois é isto que merecem. Calou–se esperando uma ovação, mas, ao contrário, só ouviu entre as fileiras um surdo cochicho, um inquieto murmúrio, e aí um idoso chefe de pelotão aproximou–se e disse:
– Por que já não nos quer, rei?
– Qual é o seu nome, chefe de pelotão? – perguntou Alexandre.
– Anterior, meu rei.
– Não está com vontade de rever a família?
– Sim, senhor, estou.
– E não está com vontade de rever a sua casa e ficar finalmente tranqüilo comendo, bebendo e contando as tuas histórias?
– Claro.
– Então partam contentes, e deixem o lugar para os jovens que estão para chegar. Já cumpriram o seu dever.
O homem não se mexeu.
– Mais alguma coisa, chefe de pelotão?
– Acho que o primeiro dia vai ser lindo, verei de novo a minha mulher e os garotos, alguns dos amigos, a casa. Comprarei roupas novas e comida farta, mas o que me amedronta é o dia seguinte, rei. Está entendendo?
– Entendo, chefe de pelotão. O dia seguinte amedronta a todos. Até a mim. Por isto não posso parar... nunca. Preciso correr para alcançá–lo, e superá–lo. O veterano anuiu, embora sem entender direito, e disse:
– Está certo, meu rei. Você é jovem e nós já envelhecemos. Chegou a hora de voltarmos para casa. Mas, pelo menos...
– Pelo menos o quê, meu bom soldado?
– Posso dar–lhe um abraço em nome de todos os companheiros?
Alexandre apertou–o contra o seu peito como um velho amigo e então ouviu–se a ovação, pois os veteranos, do primeiro ao último, sabiam que naquele momento o rei os estava abraçando a todos, comovido, e sentiam seus olhos se encherem de lágrimas.
Naquela noite Calístenes escreveu uma longa carta para o tio Aristóteles e entregou–a a um veterano que morava não muito longe de Estagira. Deu–lhe como bonificação um estáter de ouro, o primeiro cunhado por Filipe com a imagem de Alexandre, um Alexandre que para ele já não

existia havia muito tempo. Os veteranos partiram ao alvorecer do dia seguinte, saudados com as honras das armas e toque de clarim, e se afastaram rumo ao ocidente, seguindo a linha das montanhas na direção de Zadracarta.
O eco dos tambores que marcavam a marcha ainda pairava no ar quando Diades dispôs– se a montar o artefato o mais rápido possível, e logo em seguida começou a travessia, primeiro os éteros a pé com os cavalos pelo cabresto e depois a infantaria.
No começo da tarde o contingente inteiro estava do outro lado e os engenheiros ficaram trabalhando até a noite na margem setentrional do rio para recuperar o material empregado. Enquanto os homens se dispunham a montar o acampamento, Oxatres e os seus cavaleiros saíram dando uma grande volta em exploração. Ao voltarem, relataram ter encontrado um grande número de pegadas de cavalos, provavelmente do exército que acompanhava o usurpador Besso.
O rei convocou imediatamente o conselho dos companheiros, com Cleito, o Negro e alguns comandantes de batalhão que haviam particularmente se destacado nas últimas operações. Também admitiu Oxatres e uns oficiais da cavalaria persa, coisa que provocou uma gélida reação por parte de Cleito e dos seus comandantes.
– Os nossos amigos persas foram muito úteis – começou – na identificação dos rastros dos nossos inimigos. agora sabemos para onde Besso está indo e sabemos como agir. Precisamos pegá–lo agora ou nunca mais o pegaremos.
Ptolomeu ficará no comando da Ponta, de um esquadrão de éteros e de dois de batedores ligeiros e sairá em perseguição o mais rápido que puder. Oxatres irá junto com o seu pelotão. – Ptolomeu teve uma perceptível reação de impaciência que não passou desapercebida a Alexandre. – Alguma coisa errada, Ptolomeu?
– Não, absolutamente – foi a resposta imediata.
– Então está decidido. Podem partir agora mesmo. Seus guias também sabem se movimentar no escuro.
Ptolomeu pôs o elmo e saiu acompanhado por todos os demais membros do conselho. Só ficou o Negro.
– Era preciso mandar aqueles bárbaros com Ptolomeu? – perguntou. – Afinal, sempre conseguimos nos sair muito bem sozinhos.
Alexandre fitou–o com firmeza.

– Sim, era preciso, e isto por dois motivos, Negro. Primeiro porque conhecem este território melhor que qualquer outro, e segundo porque dentro em breve passarão a ser parte do nosso exército como tropas regulares, no mesmo nível das nossas unidades de cavalaria e de infantaria.
Cleito baixou a cabeça como se tivesse de engolir um bocado muito amargo.
– Está cometendo um grave erro, Alexandre.
– Por quê?
– Porque mais cedo ou mais tarde terá de escolher entre nós e eles.
Saiu sem mais uma palavra. Logo a seguir os clarins de Ptolomeu davam o toque de reunir.



CAPÍTULO 42

Oxatres demonstrou–se logo indispensável. Vestira calças citas de couro curtido e um corpete também de couro mas reforçado com placas de ferro, trazia a tiracolo o arco e o longo sabre ircano na cintura. Montava um cavalo da estepe, pequeno e hirsuto, mas incrivelmente resistente.

Pediu que cada um levasse consigo algumas tochas, aí acendeu a própria e fitou com firmeza Ptolomeu, com uma expressão eloqüente, como a dizer: "vamos ver, agora, se é de fato tão duro quanto quer mostrar". Lançou–se então a galope levantando o braço para iluminar a trilha e para que o resto das tropas que seguiam pudessem vê–lo. À medida que avançavam, os rastros tomavam–se cada vez mais frescos e evidentes, sinal de que estavam ganhando terreno.

Ptolomeu reparou que os cavaleiros asiáticos nunca paravam e que até urinavam sem

desmontar. Quando achou que afinal era hora de deixar descansar um pouco os homens e os animais, Oxatres meneou a cabeça em sinal de dissensão, depois inclinou–se para a frente dependurando–se por cima do pescoço do animal e cochilou algum tempo, imitado pêlos seus cavaleiros ircanos e bactrianos. Os outros mal se tinham acomodado nos seus mantos no chão quando ele enrijeceu novamente as costas e segurou as rédeas dizendo:

– Já é tarde, Besso não fica esperando por nós.

Acendeu uma nova tocha no toco fumegante da primeira e partiu novamente a galope seguido pêlos seus. Só parou quando a alvorada já se aproximava, desmontou, apanhou um pouco de esterco de cavalo e mostrou–o a Ptolomeu:

– Está fresco. Amanhã vamos pegá–los.

– Se não morrermos antes disso – replicou um dos oficiais da Ponta. Ptolomeu, que não queria dar o braço a torcer, gritou:

– A cavalo, homens! Vamos mostrar com quem eles terão de se haver!

O orgulho e o amor–próprio conseguiram infundir algum resquício de energia nos membros cansados dos cavaleiros, mas Ptolomeu reparou

que alguns deles tinham escoriações sangrentas na parte de dentro das coxas.
– Entenderam, a gora, por que eles usam calças de couro? E agora, rápido, vamos embora!
O sol despontou logo a seguir e a sua límpida luz alongou desmedidamente as suas sombras na estepe plana e completamente vazia, aí suscitou da escuridão as cores daquela terra aparentemente desolada e, naquela hora de paz e silêncio, fez com que parecesse até amável. Havia pequenas flores amarelas de margaridas silvestres, feixes de cardos purpurinos e, vez por outra, arbustos de cor prateada que reluziam como jóias no ocre do solo arenoso. Em certa altura encontraram uma longa caravana de gigantescos camelos, peludos e com duas corcovas, chamados "camelos de Bactriana", que enchiam o ar com seus lamurientos mugidos.
– Estão indo para Esmirna – Oxatres explicou rindo. – Querem ir com eles?
Ptolomeu sacudiu a cabeça e acenou para que seguisse em frente, seus olhos ardiam de cansaço, as suas coxas e pernas estavam cheias de bolhas, mas preferiria morrer antes de pedir arrego para descansar. Vários dos seus homens, no entanto, já haviam parado ou simplesmente ruído ao chão vencidos pela exaustão. Deixou–os ali com a intenção de pegá–los no caminho de volta.
Enquanto isso o sol subira no céu e o calor tomara–se quase insuportável.
Enxames de moscas vindas sabe lá de onde penetravam nos olhos para sugar avidamente os seus humores, centenas de moscardos atormentavam os cavalos que
escoiceavam e relinchavam de dor.
Ptolomeu notou que os cavalos dos persas, sofriam muito menos com isto devido aos pêlos espessos e híspidos e aos longos rabos que se arrastavam no chão e conseguiam alcançar em qualquer parte do corpo os molestos parasitas.
Considerou que até certo ponto Alexandre estava provavelmente certo quanto à capacidade dos bárbaros e ao seu conhecimento do território e dos povos que ali moravam. E justamente quando estava perdido em seus pensamentos foi chamado de volta à realidade pela voz de Oxatres:
– Eis a cidade.

E apontava para uma muralha de tijolos crus que cercava um cinzento conjunto de casas baixas onde sobressaía uma única construção relativamente alta e imponente, na certa a residência do chefe. Ptolomeu, deu o sinal e a cavalaria tomou posição até formar um amplo círculo em volta da cidade para que ninguém pudesse entrar ou sair. Oxatres parlamentou com o chefe inimigo e depois de alguns momentos voltou para Ptolomeu.
– Ficaram muito surpresos com a nossa chegada e perderam o ânimo. Dois sátrapas tencionam entregá–lo se os deixarmos livres.
– Quem são eles?
– Espitâmenes e Datafernes.
– Onde estão agora?
– Na cidade. Besso está nas mãos deles.
Ptolomeu ponderou atentamente a oferta enquanto os rebanhos que voltavam dos pastos, não podendo entrar na cidade, amontoavam–se atrás do cerco formado pêlos cavaleiros cobertos de poeira lançando ensurdecedores balidos. Finalmente tomou uma decisão.
– Vamos aceitar. Pergunte onde acontecerá a entrega. Para evitar surpresas, deixaremos aqui o grosso das tropas antes de irmos ao encontro.
Oxatres deu meia–volta e parlamentou mais alguns momentos com os seus interlocutores, e então acenou para Ptolomeu dizendo que acabara as negociações e o outro deixou passar os rebanhos que se precipitaram com os seus pastores através da porta aberta da cidade. Logo a seguir os passadiços em cima dos bastiões estavam apinhados de gente, homens e mulheres, crianças e velhos queriam ver aqueles daiwas cobertos de metal e de elmos cristados, montados em seus enormes cavalos de pêlo reluzente. Ficavam indicando–os uns para os outros e aí apontavam para as montanhas que ao longe refletiam os raios do sol poente, como se dissessem que haviam descido de lá como aves de rapina.
Oxatres relatou os termos do acordo, a entrega aconteceria num local a três estádios de
distância, ao escurecer. Nas primeiras horas da noite, um grupo dos cavaleiros sogdianos deles entregaria o prisioneiro enquanto Espitâmenes e Datafernes fugiriam pela porta oriental que deveria permitir a passagem livre.
– Diga–lhes que para mim está bem – respondeu Ptolomeu

considerando que recebera a ordem de capturar Besso, mas não os outros dois sátrapas, e deixou então que os homens comessem e bebessem sentados no chão, avisando que a passagem pela porta Oriental deveria ser deixada livre logo que ficasse escuro.
– Como é que vou saber que vão cumprir O que prometeram? Ptolomeu perguntou, preocupado, enquanto se dirigiam ao local do encontro.
– Postei alguns homens meus que conhecem Besso perto da porta oriental, se ele tentar passar, eles percebem.
Parou quando viu uma velha árvore seca de acácia ao lado da trilha e virouse para
Ptolomeu:
– É aqui que eles marcaram o encontro. Agora, é só esperar.
Com a chegada da noite, a imensa planície parecia ter sido engolida pelo silêncio mas, pouco a pouco, começou–se a ouvir o canto dos grilos que se tomou cada vez mais alto, e a ele juntou–se o longo chamado do chacal que pareceu surgir do nada e no nada se perder. Passou assim mais ou menos uma hora, até que se ouviu primeiro um cão que latia e depois o tropel de cavalos. Oxatres ficou atento.
– Lá vêm eles – disse.
E de repente ficou rijo como um predador de tocaia. Uns vultos apareceram na escuridão da estepe, uma dúzia de cavaleiros sogdianos chefiados por um oficial persa e um prisioneiro acorrentado. Oxatres soprou no toco de tocha que tinha consigo e reavivou a chama.
Aproximou–a então do rosto do prisioneiro acorrentado, reconheceu–o e iluminou–se com um sorriso sinistro, rangendo os dentes como um lobo. Os cavaleiros que tinham escoltado Besso afastaram–se e logo desapareceram nas trevas.
Oxatres acenou para um dos seus homens para que cuidasse da tocha e a outros dois para que segurassem o prisioneiro.
– O que está fazendo? – gritou Ptolomeu. – Ele é prisioneiro de Alexandre!
– Primeiro é meu – respondeu o persa, e dardejou–o com um lampejo de tamanha ferocidade nos olhos que Ptolomeu não teve a coragem de reagir. Aí tirou o punhal do cinto, uma lâmina afiada como uma navalha, e aproximou–se do prisioneiro que apertava o queixo preparando–se para sofrer toda a dor que pode sofrer um homem que caiu nas mãos do seu pior inimigo.

Oxatres cortou–lhe todos os cadarços das vestes deixando–o completamente nu, o máximo da humilhação para um persa. Aí agarrou–o pêlos cabelos e cortou–lhe primeiro o nariz e depois as orelhas. Besso agüentou com heróica coragem aquelas atrozes mutilações, sem gemer nem gritar, e o seu rosto todo desfigurado e sangrento sobre um corpo ainda imponente e escultural mantinha algum tipo de pavorosa dignidade e dramaticidade.
– Agora chega! – gritou Ptolomeu horrorizado. – Pare com isso!
Pulou ao chão, empurrou Oxatres para trás e chamou um cirurgião mandando–o enfaixar as feridas do prisioneiro para que não perdesse sangue demais.
Os médicos só conseguiram estancar a hemorragia envolvendo o rosto inteiro de Besso com ataduras, e logo depois o prisioneiro teve de seguir caminho, nu e descalço daquele jeito, ao longo da trilha cheia de seixos e pedras cortantes.
Ptolomeu observou–o enquanto os seus inimigos o puxavam com uma corda presa ao seu pescoço e aquela cena lastimável pareceu–lhe uma grotesca paródia de um trecho do Édipo rei ao qual assistira ainda menino num teatro ambulante, na terrinha onde nascera. Era daquele jeito mesmo que Édipo aparecia, com ataduras ensangüentadas cobrindo–lhe toda a parte superior da cabeça, depois que se furara as pupilas com o cravete da fivela. Seguiram andando durante toda a noite e todo o dia seguinte, até se encontrarem no terceiro dia com Alexandre e o resto do exército. O rei aproximouse cercado pêlos amigos e por um grupo de oficiais persas e fitou o adversário, o pretenso Artaxerxes IV, Os persas que haviam sido fiéis ao finado Dario cobriramno de cusparadas, pontapés, socos e bofetões nas feridas ainda abertas, transformando o seu rosto em uma irreconhecível máscara sangrenta.
Alexandre nada disse, pois naquele momento era o vingador de Dario, do qual sentia ser o seu único e legítimo sucessor. Esperou que se dessem por satisfeitos e aí chamou Oxatres.
– Agora chega – disse. – Faça com que seja levado de volta a Bactra e avise que quero encontrar um tribunal já convocado quando eu voltar. Até lá, deverá ser tratado de forma que nenhum outro mal lhe aconteça.
– Virou–se então para Ptolomeu: – Cumpriu uma façanha extraordinária.
Soube que percorreu em três dias um percurso que normalmente levaria

dez. Quer jantar comigo esta noite?
– Com prazer – respondeu Ptolomeu.
Estava anoitecendo e Alexandre voltou para a tenda onde Leptine já preparava o seu banho. Na mesma hora em que ia entrar na banheira foi anunciada a visita do médico
Filipe.
– Entre – convidou–o. – Estava a ponto de tomar o meu banho. Alguém está porventura passando mal?
– Não, senhor. Todos estão passando razoavelmente bem, mas tenho uma triste notícia para você, a princesa Estatira abortou.
Alexandre baixou a cabeça.
– Era... um menino? – perguntou com voz alquebrada pela emoção.
– Sim, meu rei, pelo que soube – respondeu Filipe.
O soberano nada mais perguntou e ele tampouco conseguia dizer mais alguma coisa pois um nó apertava–lhe a garganta. Acrescentou somente.
– Sinto muito... sinto muito. E saiu.

CAPÍTULO 43

O séqüito que acompanhava o exército do rei, às vezes a uma distância de até três ou mais dias de marcha, tornava–se cada vez mais numeroso, uma verdadeira cidade itinerante na qual haviam sido organizados tribunais que administravam a justiça, teatros ambulantes que representavam tanto dramas populares locais quanto tragédias e comédias do repertório grego, bazares que compravam e vendiam todo tipo de mercadoria.

E cada vez mais multiplicavam–se as uniões de soldados macedônios com jovens indígenas, com o natural aparecimento de toda uma geração de crianças mestiças. Para esta multidão de pessoas o jovem rei já se tomara um deus de fato e de direito, fosse pelo seu aspecto reluzente, fosse por sua invencibilidade, e capacidade de superar qualquer obstáculo natural, tal como imensas montanhas ou os maiores rios da terra.

Alexandre, no entanto, sabia muito bem que aquele séqüito provocaria pouco a pouco a paralisação do exército ao torná–lo cada vez mais pesado e lerdo em seus movimentos e estorvando, por conseguinte, a sua capacidade de reagir com a devida rapidez a um ataque. Decidiu portanto mandar de volta uma parte das tropas com Cratero, para fundar uma nova Alexandria às margens do Óxus.

Foram ali instaladas algumas centenas de pessoas e quatrocentos soldados, aqueles que haviam formado uma família com as mulheres do séqüito, e toda a comunidade recebeu as instituições das cidades da Grécia, com assembléia eletiva e magistrados.

O rei prosseguiu então a sua marcha para o norte através de um território quase completamente árido, até chegar à margem de um afluente do Óxus que os indígenas

chamavam de "O Mui Honorável", e que os gregos também acabaram chamando com o mesmo nome, Politímeto. Uma linda cidade surgia à beira da correnteza, Maracanda, freqüentada tanto pêlos sogdianos quanto pêlos citas asiáticos que vinham das desmedidas extensões além do rio trazendo ao mercado os seus produtos: peles, couro curtido,

gado, pedras ornamentais, ouro em pó e às vezes escravos oriundos de terras longínquas. Também chegavam até ali as caravanas que vinham da índia passando pêlos desfiladeiros nas montanhas.
Alexandre deixou a cidade para trás e dirigiu–se para o leste até chegar à localidade mais distante que os persas jamais tinham alcançado naquela direção.
Era uma cidade fundada às margens do rio Iaxartes pelo próprio Ciro, o Grande, e se chamava Kurushkhat, que quer dizer Cirópolis. Naquele momento era a cidadela de um grupo de revoltosos amigos dos dois sátrapas rebeldes, Espitâmenes e Datafernes. Haviam entregado Besso a Ptolomeu para ficarem eles mesmos no comando dos povos que se recusavam a sujeitar–se ao novo soberano.
A cidade era protegida por um antigo bastião de tijolos crus, marcado pelas chuvas, riscado pelo vento e encimado por algumas torres de vigia de madeira, e era cercada por mais sete cidades menores. Levou menos de um mês para que todas elas, uma depois da outra, fossem expugnadas e forçadas a aceitar a guarnição macedônia.
Quando a conquista foi completada, Alexandre quis celebrar a vitória com um banquete e mandou um convite pessoal a todos os companheiros e aos oficiais superiores.
O rei recebeu–os no limiar, beijou–os um por um nas faces e então convidou–os a sentarem lá dentro onde já haviam sido providenciadas as acomodações para o simpósio com a cratera, as taças e as conchas para se servirem. Quando todos já estavam confortáveis, chegaram mais convidados e os presentes se viraram para saber de quem se tratava, eram Oxatres e os seus nobres, vestindo seus luxuosos trajes nacionais, e foram sentar nos lugares para eles reservados. Haviam–se distinguido na tomada das cidades rebeldes e o rei decidira também honrá–los com o seu convite.
Os demais convidados fitaram–nos pasmos e aí entreolharam–se sem fazer comentários. Aquele embaraçoso silêncio foi quebrado por Alexandre, que disse:
– Aprisionamos Besso, meus amigos, e tomamos as cidades rebeldes graças à extraordinária rapidez da unidade de Ptolomeu e à ajuda dos nossos amigos persas. Agora preciso fazer um anúncio importante, amanhã pretendo dispensar a cavalaria aliada dos veteranos tessálios. Só manterei ao meu lado os mais jovens que chegaram com os últimos

reforços.
– Está querendo dispensar os tessálios? – perguntou Cleito, incrédulo. – Mas foram eles
que nos livraram da derrota em Gaugamela, será que já se esqueceu?
O comandante dos tessálios, que evidentemente já devia ter sido informado daquela decisão pelo próprio rei, manteve–se calado.
– Não é minha intenção mandá–los embora, mas muitos deles estão cansados, alguns querem rever as suas famílias depois destes anos todos de guerra, outros simplesmente não estão para arriscar a vida numa expedição contra os citas...
– Contra os citas? – perguntou Cratero. – Vamos marchar contra os citas?
Mas... ninguém jamais conseguiu levar a melhor com eles: Ciro, o Grande, perdeu a vida, o exército de Darío foi aniquilado, nem mesmo se sabe quantos eles são, onde ficam, e tampouco se sabe onde começa e acaba o seu território. É como penetrar... no nada.
– Pode ser – replicou calmamente Alexandre. – De qualquer maneira é justamente isto que decidi descobrir.
– E eu contigo – disse Heféstion. Cratero nada mais acrescentou e começou a comer a contragosto o carneiro assado que já estavam servindo.
Seguiram–se alguns momentos de silêncio só quebrado pelo murmúrio dos persas, que falavam baixinho entre si.
– E como pretende substituir três magníficos batalhões de cavalaria tessália? – perguntou finalmente Cleito.
– Estão para chegar dois mil cavaleiros persas treinados do nosso jeito – respondeu firme o rei, fitando–o fixamente nos olhos. – Decidi chamá–los de Sucessores.
O Negro ficou paralisado ao ouvir aquilo; o brilho em seus olhos denunciava a sua ira. Levantou–se e disse:
– Então já não precisas de nós, ao que parece. – Envolveu–se no manto e dirigiu–se à saída.
– Parado, Negro! Parado! Não me desafie, Negro! – gritou o rei.
Mas Cleito nem se virou e saiu dando–lhe as costas. Outros também levantaram–se, abandonando o convívio e as mesas já postas: primeiro o comandante dos tessálios, depois os chefes de batalhão Meléagro e Polispércon, e pouco a pouco quase todos os oficiais comandantes da

cavalaria dos éteros.
– Também estão para ir embora? – Alexandre perguntou virando–se para os amigos.
Quem falou foi Seleuco, normalmente o mais calmo e frio e, às vezes, aparentemente o mais cínico:
– Não ligue para isso. Nada aconteceu com que valha a pena se preocupar.
Quem jurou chegar contigo até os confins do mundo fomos nós, nós aqui presentes. Os outros podem fazer o que bem entendem, não precisamos deles.
– Isso mesmo! – aprovou Leonato que havia poucos instantes não parecia lá muito convencido. – E além do mais estes citas devem ser feitos de carne e ossos como a gente... Eu lhes garanto, pois já os vi algumas vezes. Em Atenas são pagos para manterem a ordem pública e ficam circulando com clavas de madeira e o arco a tiracolo. Para dizer a verdade, não me pareceram nada de excepcional.
Ptolomeu aproximou–se e desgrenhou–lhe a juba.
– Isto mesmo, Leonato, está com toda a razão... Mas não se esqueça que estes aqui são um tanto mais rijos. O que Cratero disse também é verdade: deram uma surra em Ciro e deixaram Dario I de joelhos. Exércitos inteiros adentraram.
seu imenso território e deles não ficou nem a lembrança.

CAPÍTULO 44

Os tessálios receberam ricos presentes na hora da partida e, assim como os demais veteranos, fizeram jus a um bom salário para cobrir as despesas da viagem de volta à pátria, coisa que aliviou bastante o rancor que sentiam em relação a Alexandre. Muitos, aliás, despediram–se dele comovidos. Um veterano que havia lutado em todas as batalhas, do Granico a Artacoata, disse–lhe simplesmente:

– Soube que deixará os bárbaros combaterem junto com as suas tropas e que os admitirá entre os oficiais do teu alto comando. Não creio que se trate de uma boa escolha, mas devo admitir que toda vez que murmuramos contra você, que cochichamos e resmungamos devido às suas decisões que a nós pareciam loucuras, no fim sempre demonstrou estar certo. Todos nós desejamos reabraçar as nossas famílias, rever as nossas cidades e aldeias e, francamente, a idéia de correr atrás dos citas em uma pradaria sem fim na qual não cresce nem um pé de oliveira nem de videira e onde contam que pode levar até cem dias de viagem antes de se encontrar uma única casa, na verdade não nos parecia muito atraente. Mesmo assim, e também falo pela maioria dos meus companheiros, ficamos tristes em deixá–lo, rei. Ficaremos sem dormir à noite, só de pensar que estará lá fora naquelas extensões desertas, cercado de bárbaros por todos os lados, mas acredito que nada possa mudar o seu destino. Lutar sob o seu comando foi uma experiência magnífica. Cuide–se, Alexandre, adeus.

Alexandre passou–os em revista montado em Bucéfalo e para todos teve um sorriso, um aceno amigável, e apertou a mão daqueles que reconheceu ou dos quais se lembrava devido ao valor com que os vira combater. E eram sinceras as lágrimas que lhe molhavam o rosto quando os viu marchar em fileiras de oito atrás do sol que descia flamejante para o horizonte ocidental.

No dia seguinte chegaram as primeiras unidades de cavaleiros persas treinados na retaguarda conforme as técnicas macedônias de combate. A única diferença, além do aspecto físico, dos vistosos bigodes e dos elaborados penteados, era o uso das calças. Também surpreendia a

maneira de se aproximarem do rei com o mesmo cerimonial que desde sempre estavam acostumados a usar com Dario, dobrando–se em uma profunda mesura e mandando um beijo de longe. Os macedônios e os gregos chamavam aquele gesto de proskynesis, "prosternação", e desprezavam–no como costume bárbaro, mais digno de escravos do que de homens, mas Alexandre aceitou–o, mostrando assim que já se considerava de fato e de direito o legítimo sucessor dos imperadores aquemênidas. Além de Cirópolis corria o grande rio laxartes, a extrema fronteira alcançada pêlos persas rumo ao, norte, e Alexandre chegou até lá com um dia de marcha, montando o acampamento às suas margens. Do outro lado logo apareceram em grande número os cavaleiros citas, magnificamente vestidos e armados, que gritavam desafiando–os com gestos ou até lançando setas para a outra margem.

Sobressaía entre eles o guerreiro que devia ser o chefe; um homem imponente com uma espessa barba negra e longos cabelos presos com uma fita vermelha. Vestia uma túnica de mangas longas, também vermelha e calças de tecido da mesma cor, com uma larga faixa bordada de ouro no flanco. O seu peito era protegido por uma couraça de escamas e a parte inferior das pernas por caneleiras metálicas de estilo grego.

Trazia uma espada presa ao cinturão, o arco a tiracolo e a aljava atada aos arreios do cavalo. Todos os cavalos tinham protetores de metal em relevo para a cabeça e magníficos ornatos em lâmina de ouro enobreciam a larga faixa de couro que lhes protegia a base do pescoço.

– O que estão dizendo? – Alexandre perguntou ao intérprete.

– Estão dizendo – interveio Oxatres, que entendia a língua deles – que você é um covarde e um calhorda, e que deverá sair daqui logo após deixar o seu tributo para eles. Cem talentos de prata, é isto que eles querem.

Furibundo, Alexandre empurrou Bucéfalo à frente, até a margem do rio, sem se importar com a enxurrada de setas que chegavam do outro lado, enquanto Leonato e Ptolomeu procuravam protegê–lo com os escudos. Gritou:

– Não estou com medo! Atravessarei o rio e os perseguirei até o fim do mundo, até as costas do Oceano setentrional!

– Acha que entenderam alguma coisa? – perguntou Seleuco com sua costumeira ironia.

– Talvez não – respondeu Alexandre – mas dentro em breve vão entender direitinho. Diga a
Lisímaco que quero todas as catapultas aqui, à beira da água, o mais rápido possível
para que comecem a martelá–lo imediatamente. Amanhã passaremos para o outro lado e fundaremos uma cidade: a última Alexandria.
Lisímaco posicionou vinte catapultas em duas fileiras paralelas na margem do rio e começou a atirar. Enquanto uma fileira solta em sua carga de arpões, a outra recarregava, de forma que o arremesso era contínuo e mortífero. Tombaram citas às dúzias, acertados em cheio e os outros fugiram apavorados por aquelas armas que nunca tinham visto, antes. Depois disto Alexandre enviou os agrianos a nado e depois os batedores que estabeleceram uma cabeça de ponte na outra margem.
Antes do meio–dia a cabeça de ponte já se consolidara e Diades dê Lessa começou a lançar as suas barcaças sustentadas pêlos sacos de pele cheios de palha e cascabulho, como já fizera no rio Óxus.
Quando o sol estava a ponto de se pôr, toda a Ponta já tinha atravessado o rio e Alexandre decidiu montar a sua tenda na margem setentrional embora Aristandro tivesse tido vários sinais de mau agouro enquanto oferecia sacrifícios aos deuses.
O vidente chegou quando já era noite, de péssimo humor, e nem quis participar do jantar na tenda real. Enquanto isto, à luz das tochas, o resto do exército continuava a chegar: os éteros estavam agora atravessando logo o rio junto com um esquadrão de cavalaria persa formado principalmente por medas, ircanos e bactrianos. Os poucos indígenas que estavam perto da margem assistiam a um espetáculo impressionante, uma fileira interminável de cavalos e cavaleiros que se desdobrava na ponte iluminando com a sua passagem primeiro os trigais e depois a superfície reluzente do rio.
A luz dia seguinte, enquanto os engenheiros traçavam os confins de Alexandria Escate, milhares e mais milhares de cavaleiros formando uma frente incrivelmente extensa apareceram avançando a passo no horizonte.
– Os citas! – gritou Leonato. – Alarme! Alarme!
Os clarins tocaram, e enquanto a infantaria pesada formava um quadrado todo em volta do traçado da nova cidade, a cavalaria cerrou fileiras para opor–se a uma eventual carga inimiga.

– O que vamos fazer? – perguntou Cratero.
Um chefe trácio que já tinha lutado ao lado de Filipe apresentou–se:
– Posso falar? – perguntou dirigindo–se a Alexandre.
– Claro – respondeu o rei sem tirar os olhos da ameaçadora frente que avançava na planície deserta.
– Escute, eu já lutei contra os citas no Istros ao lado do seu pai e ainda me lembro. Ai de quem entra no território deles afastando–se demais das suas bases.
Olhe para essa pradaria: estende–se ininterrupta, a não ser pelo curso dos grandes rios, até o Istros, até as fronteiras da Macedônia e aqueles – prosseguiu indicando os lustrosos guerreiros em suas couraças de escamas metálicas – movem–se nesta planície sem fim como peixes no mar, conseguem orientar–se sem ver uma árvore ou uma cabana por milhares de estádios. Agora os está vendo em formação frontal – continuou –, mas não é assim que eles atacam. Logo que nos mexermos começarão a correr em círculo à nossa volta, mas nunca chegando mais perto do que um arremesso de flecha, e desta distância vão jogar em cima da gente enxames de setas. O resultado desta tática é que centenas de homens ficam feridos, quase sempre sem gravidade, mas o bastante para se tomarem inválidos e ficarem fora de combate.
– O ataque provoca uma reação, mas eles não aceitam o choque, recuam, fingem fugir para levá–lo ainda mais longe e aí reaparecem de repente, como fantasmas, e começam mais uma vez a correr em volta soltando nuvens de flechas até deixá–lo esgotado. Então desfecham o ataque frontal chacinando os sobreviventes, e quando todos já morreram começam a despojar os cadáveres, a cortar as cabeças que serão exibidas como troféus ou a esfolar os mortos para enfeitar com os cabelos dos inimigos as ponteiras das suas lanças ou as empunhaduras dos seus machados de combate."
– Um costume bem interessante – comentou Seleuco passando a mão entre os cabelos. Alexandre olhou em volta e viu o Negro que não muito longe dali vigiava os seus homens que montavam as tendas. Desde que abandonara a mesa do rei em Cirópolis procurava manter–se afastado e falava com ele o mínimo indispensável, mas não pôde ignorar um gesto do soberano que o chamava.
– Às ordens, rei! – respondeu com a fórmula impessoal do protocolo militar logo que chegou perto.

– Nada tenho a ordenar – replicou Alexandre. – Só gostaria que ouvisse as palavras deste nosso amigo que já lutou contra os citas no Istros.
– Eu também estava lá – disse Cleito.
– O que propõe, então?
– Voltar para trás.
Alexandre observou a ampla frente dos inimigos que agora haviam ficado imóveis no meio da estepe.
– Pode fazê–lo, se assim quiser, apesar da sua experiência e o seu valor serem neste momento mais necessários do que nunca, mas eu não recuo diante de um inimigo perfilado em campo aberto.
– Acho que eu poderia dar uma sugestão – interveio o trácio.
– Qual? – perguntou o Negro, entrando a contragosto no âmago da conversa.
– Que tal mandarmos em frente um grupo bastante forte, digamos de uns mil homens mais ou menos? Faríamos com que desfilassem do lado direito deles, como se tencionassem seguir para o interior, e ao mesmo tempo ficaríamos de olho nos movimentos deles com alguns estafetas, um homem a cavalo a cada cinco estádios. Se eles não se mexerem, mandamos outro contingente com mais estafetas...
– Entendi – disse Alexandre. – Logo que decidirem atacar, os estafetas nos avisam e nós podemos pegá–los pelas costas com todos os homens que ainda sobraram.
– Com a maior velocidade possível – acrescentou o trácio. – E diante das condições em que estamos, eles poderão ser muito úteis – disse indicando os cavaleiros do contingente persa.
O Negro fez uma careta, mas ficou calado.
– Então, Negro, está com a gente? – perguntou Perdicas.
– E com quem acha que deveria ficar? – respondeu o velho guerreiro.
– Quem vai sair primeiro? – perguntou Alexandre.
– Para servir de isca? Melhor que eu vá, pois sou mais duro de roer – replicou Cleito. Mandou dar o toque de reunir para o seu esquadrão e aí ordenou que avançassem. Formados em fileiras de quatro no meio da planície verde, os éteros apareciam como uma massa ordenada e cintilante que se movia compacta ao som cadenciado dos tambores. À medida que o tempo passava, ficavam cada vez menores ao longe, mas sempre ficava à vista um estafeta enquanto a cavalaria cita, surpreendida por aquela manobra, parecia não saber o que fazer.

– Não se mexem, não morderam a isca... – disse Ptolomeu meneando a cabeça.
– Então vamos mandar mais um esquadrão – ordenou Alexandre. Vá você, Perdicas, o mais rápido que puder. Quanto antes alcançar o Negro, melhor. E também leve contigo os persas – acrescentou indicando o novo contingente que aguardava nos limites do acampamento. Oxatres acenou que tinha entendido e, logo que os clarins tocaram e a unidade de Perdicas se lançou adiante, ele também seguiu em frente com os seus cavaleiros das estepes.
Tampouco desta vez os citas demonstraram qualquer tipo de reação, mas depois, como que obedecendo a algum sinal, deram meia–volta e desapareceram rapidamente entre as ondulações do terreno.
Alexandre mandou todos os esquadrões que sobravam entrarem em formação de combate e ficou esperando um sinal qualquer que indicasse que algo estava acontecendo.
Enquanto isto o céu embranquecera–se em uma estranha névoa que espalhava os raios do sol numa claridade diáfana e leitosa, tomando ainda mais irreal o sentido da distância e da profundidade.
– Olhe! – exclamou Leonato, de repente. – O estafeta! Eles estão atacando.

CAPÍTULO 45

Alexandre juntou toda a cavalaria que lhe sobrava, confiou os esquadrões e as unidades auxiliares a Ptolomeu e aos outros e partiu a galope levando consigo também o segundo pelotão de Oxatres, formado por uma centena de citas que havia muito tempo militavam no exército imperial como mercenários.

Não queria ser visto enquanto se aproximava e continuou a manter contato com os estafetas até que lhe disseram que o exército inimigo se engajara na luta com os esquadrões de Cleito e Perdicas.

– Qual é a formação deles? – perguntou o rei.

– Não é uma verdadeira formação, correm em volta das nossas unidades lançando uma saraivada de flechas. Até agora os nossos defendem–se com os escudos, mas a situação não pode continuar deste jeito.

– De fato está na hora de dar um basta – respondeu Alexandre. Chamou os companheiros para as últimas instruções. – Seguiremos em frente em velocidade moderada até fazermos contato. Logo que ficarmos à vista, os corneteiros darão o sinal. Cleito e Perdicas quebrarão o cerco com um ataque frontal, abrindo–se em leque logo a seguir e convergindo para nós que pegaremos os citas pelas costas com uma manobra envolvente. Não terão escapatória nem mesmo pêlos lados.

Não haverá prisioneiros, a não ser que peçam rendição. E agora, a cavalo!

Alexandre esporeou o seu baio sarmático logo flanqueado pelo portaestandarte com a bandeira vermelha e todos os demais o seguiram desdobrandose numa ampla frente naquela planície sem obstáculos, numa formação de apenas quatro fileiras.

Logo que avistaram os citas em seus coloridos trajes e armaduras de escamas, o rei fez um sinal e os corneteiros deram o toque combinado.

Cleito e Perdicas dispuseram imediatamente os seus homens em formação de cunha e investiram de frente quebrando o cerco e continuando a correr até que o último dos seus homens ficou fora do alcance dos inimigos. Separaram–se então em dois, com cada parte fazendo uma ampla conversão em leque e aí, reunidos em uma frente

única, voltaram atrás atacando de lanças baixas.
Ao mesmo tempo, do lado oposto apareceu Alexandre com os seus esquadrões já lançados a passo de carga. Pegos de surpresa e imprensados entre os dois contingentes, os citas tiveram de empenhar–se no corpo–a–corpo amontoados em um espaço pequeno demais e sem possibilidade de fuga pêlos lados. Estavam furiosos por terem se deixado pegar em uma armadilha naquela sua planície oceânica, justamente como peixes na rede, e tudo fizeram para romper o cerco, mas o terreno tão plano e regular permitia que a cavalaria macedônia mantivesse uma frente totalmente compacta e desfrutasse ao máximo a superioridade do armamento pesado.
Os citas lutaram com feroz obstinação sofrendo grandes baixas e quando, já de tardinha, perceberam estar fadados a uma enorme chacina, jogaram–se à frente todos juntos aproveitando uma brecha momentânea que se abrira na formação adversária e, guiados pelo seu chefe, conseguiram alcançar o campo aberto e desapareceram. Os soldados macedônios gritaram em júbilo levantando ao céu a ponta das lanças, mas o rei deteve– os.
– Não acabou – disse. – agora vamos persegui–los até as suas aldeias e faremos com que se lembrem para sempre de Alexandre e dos seus éteros. – Quando, porém, estava a ponto de dar o sinal de partida, chegaram dois correios do acampamento com uma mensagem dos comandantes da infantaria.
– Rei, o sátrapa Espitâmenes levantou os bactrianos e os sogdianos e está agora atacando Maracanda. Os comandantes querem saber o que ordena que façam.
– Deixem uma guarnição na nova cidade e então voltem para Maracanda. Me juntarei a vocês logo que concluir a minha incursão.
Os correios foram embora e Alexandre retomou a sua marcha pela planície guiado por Oxatres. Agora seguiam adiante acompanhando os rastros dos cavaleiros citas que haviam quebrado o cerco e aquela imensidão sem limites enchia–os de assombro e admiração: diante deles não havia uma única árvore, nem uma pedra, nem uma elevação sequer, enquanto às suas costas as montanhas do Paropâmiso tingiam–se de uma cor rosada nos raios do pôr–do–sol que reluziam nos cumes nervosos.
Num tom distante, como se estivesse falando sozinho, Ptolomeu disse:

– Na ilha Eubéia, as cidades de Cálcis e de Erétria lutaram ferozmente por mais de cinqüenta anos pela posse de uma planície com trinta e cinco estádios de comprimento.
– Pois é – prosseguiu Perdicas – e aqui o olhar alcança o horizonte sem ver obstáculos nem sinais da presença humana.
– Mesmo assim não podem ter desaparecido no ar – observou Heféstion.
– Não são fantasmas.
– São nômades – explicou Oxatres que cavalgava atrás deles. – Moram em carros puxados
por bois com as suas famílias; mulheres, velhos, crianças.
Alimentam–se com carne e leite e podem cavalgar noite e dia sem parar porque seus cavalos são incrivelmente resistentes.
– Até onde chega o seu território? – perguntou Alexandre, que se lembrava das histórias do pai e das suas batalhas contra os citas do outro lado do Istros.
– Ninguém sabe – respondeu o persa.
– Segundo alguns – interveio Seleuco, – ao norte eles confinam com os hiperbóreos e ao leste com os issedônios cujo único alimento é o leite de égua.
– Será que podemos nos perder? – perguntou Leonato abarcando com o olhar preocupado a vastidão à sua frente.
– Impossível – tranqüilizou–o Seleuco. – Temos as montanhas atrás de, nós e o rio Iaxartes à esquerda. De qualquer forma eu voltaria, levando em conta o que está acontecendo em Maracanda.
Alexandre continuou a cavalgar em silêncio, aquela era a sua maneira de avaliá–los, de ver até que ponto ainda se mantinham firmes na sua fidelidade, na amizade e na determinação de desafiar o desconhecido. Em certa altura os rastros dos citas desapareceram por completo como se os seus cavalos tivessem começado a voar.
– Por Zeus! – exclamou Perdicas.
Oxatres desmontou e examinou o terreno.
– Enfaixaram as patas dos cavalos e nesta grama seca os seus rastros ficam quase invisíveis. Os meus citas, no entanto, devem conseguir vê–los.
– Vamos em frente, então – ordenou o rei.
A marcha prosseguiu até ficar escuro, mas aí nem mesmo os batedores citas de Oxatres conseguiam ver alguma coisa. Alexandre mandou então

o corneteiro dar o sinal de parada e todos puseram os mantos no chão, tiraram pão e carne–seca dos alforjes, pegaram seus cantis e sentaram para o jantar mais frugal que já tinham tido naqueles últimos tempos, e mesmo assim agradável devido à grande paz que reinava em volta: a lua quase cheia surgia por trás das montanhas iluminando a vasta planície e fazendo rebrilhar as águas do rio, e as mais luminosas constelações começavam a aparecer uma depois da outra no céu sem nuvens. Somente para o leste, ao longe, via–se nos cumes dos montes o palpitar de clarões; quanto ao resto, o mundo estava mergulhado na quietude do entardecer. Os guerreiros asiáticos haviam formado um círculo e alguém conseguira acender uma fogueira.

– Como é que eles conseguem? – perguntou Heféstion que tiritava de frio. – Não vi uma única moita no raio de cem estádios.

– Esterco – respondeu Oxatres no seu grego capenga e com uma expressão de profundo desdém.

– Esterco? – perguntou Seleuco, com ar interrogativo.

– De ovelha, de cavalo, de cabra. Guardam tudo em um saco e, quando está seco, queimam.

– Ah!

– Para nós é sacrilégio: profanação do fogo. Na Pérsia, o castigo é a morte, mas eles são... – e pronunciou uma palavra que na sua língua significava "bárbaros".

– Não lhes parece que, apesar de tudo, esta comida está saborosa? perguntou Alexandre mudando de assunto.

– Quando a gente está com fome... – concordou Heféstion.

– E este lugar... Nunca vi algo parecido antes. Nem uma casa sequer por todo o espaço onde alcança a vista. – Virou–se para Oxatres: – Acha que Alexandria Escate sobreviverá?

– Sobreviverá – respondeu o guerreiro persa. – Quando os soldados vão embora, chegam os mercadores e rebanhos, de vida. Sobreviverá.

Dormiram a noite toda protegidos por um duplo anel de sentinelas a cavalo que podiam facilmente vigiar a planície iluminada pela lua e acordaram ao alvorecer para retomar a perseguição. Depois de três dias encontraram as marcas de rodas de carro e logo a seguir avistaram a aldeia itinerante do chefe cita que havia conseguido escapar durante a batalha; três círculos concêntricos de carros cobertos com peles curtidas.

Oxatres reconheceu–o pela insígnia levantada no carro central, uma haste de madeira com dois cabritos–monteses de bronze no ato de se enfrentarem.
– É um rei – disse. – Talvez aquele com a faixa vermelha em volta da cabeça... E agora não tem saída. Neste momento deve pensar: "Como conseguiu alcançar–me no coração da minha planície, como encontrou o caminho numa terra toda igual?" .
Alexandre acenou para os companheiros e cada um deles engalfinhou a própria unidade até cercarem a pequena cidade sobre rodas. Erguidos sobre suas cavalgaduras, com as longas lanças na mão, os cavaleiros pareciam seres sobrehumanos naquele lugar solitário, expressavam uma sensação de invencível poder na reluzente musculatura dos seus corcéis, nas ponteiras aguçadas dos ferros, no esplendor coruscante das armaduras; polidas e dos elmos, nos penachos agitados pela brisa da aurora.
No silêncio irreal da hora matutina ouviu–se de repente o som de um corno que logo esmoreceu na imensidade da planície. Aí o rei cita saiu montado em um vigoroso garanhão malhado, bem diferente dos pequenos cavalos hirsutos dos seus homens, talvez o presente de algum rei vizinho ou o fruto de um saque.
Ainda vestia os trajes de combate, o diadema escarlate, o peitoral, a couraça de escamas. Acompanhava–o a esposa, a pé, usando um grande chapéu comprido em lâmina de ouro decorado com faixas paralelas, um longo véu vermelho e uma, túnica carmesim enfeitados com pequenas lâminas de ouro nas bordas, e uma saia talar que quase lhe cobria os sapatos de lã rendados. Segurava pela mão uma menina de uns doze anos, certamente a filha a julgar pela semelhança.
O chefe olhou em volta como se passasse em revista a imponente formação de guerreiros couraçados que haviam surgido do nada, depois aproximou–se de Alexandre com passo firme e começou a falar. Oxatres chamara um dos seus mercenários citas e, à medida que este traduzia, ele por sua vez traduzia para Alexandre:
– Ninguém jamais ousou penetrar tão profundamente na terra dos citas. Ninguém jamais conseguiu vencê–los e surpreendê–los no seu território. E também ouvi dizer que derrotou o rei dos persas e que dele tirou o reino. É um deus, portanto, ou tem um deus ao seu lado. Perdi, lutando contigo, os meus melhores guerreiros e mal consegui salvar a minha

própria vida. Vim para oferecer–lhe paz e, como penhor deste pacto, ofereço–lhe a minha filha como esposa.
Ao ouvir aquilo, com relutância a rainha empurrou para a frente a menina e Alexandre viu que tinha os olhos brilhantes de pranto sob as longas pestanas negras.
Desmontou, olhou para a menina e por sua vez ficou comovido, lembrou–se da irmã Cleópatra quando tinha a mesma idade, assim como de alguma coisa da sua aparência infantil quando ele partira para Mésia a fim de estudar com Aristóteles... Já fazia quanto tempo?
– A sua filha ainda precisa do carinho e do amor da mãe e eu não quero levá–la embora – respondeu. – Para selar um acordo entre dois reis basta um juramento em nome do céu que domina todos os homens e em nome da terra que um dia a todos nós terá de acolher. E um aperto de mão.
Esperou que o intérprete traduzisse, aí estendeu a mão ao rei cita que a apertou, levantando a outra mão para o céu e virando–a depois para o solo.
– O meu nome é Dravas – disse o chefe fitando nos olhos o jovem estrangeiro de cabelos dourados – e o seu?
– Aléxandros – foi a resposta –, e posso voltar a qualquer hora e de qualquer lugar. – E falou com um tom e um olhar tão decididos que o rei cita não teve a menor dúvida quanto à veracidade daquelas palavras.



CAPÍTULO 46

Na manhã seguinte tomaram mais uma vez o caminho rumo ao ocidente para chegar ao curso do laxartes, mas adentraram uma região completamente desértica e queimada pelo sol de forma que os homens logo acabaram as provisões de água. Os soldados da cavalaria ligeira, que haviam agüentado as tarefas mais cansativas nas explorações de longa distância e nos turnos de vigia foram os primeiros a esgotá–las e Alexandre mandou distribuir entre eles a sua reserva pessoal. Conseguiram assim avançar durante mais um dia, mas a sede tornou–se insuportável. O rei bebeu a água parada de uma poça no fundo de uma vala e naquela mesma noite começou a sofrer terríveis dores no abdômen, seguidas por febre alta e uma violenta disenteria.

Heféstion mandou construir uma maca e, deste jeito, transportou por mais dois dias o amigo que delirava e sofria mais do que nunca a sede devido à contínua perda de líquidos, sujo dos seus próprios excrementos que a falta de água não deixava limpar atormentado por enxames de moscas.

– Se não encontrarmos o vau, pode morrer – disse Oxatres. – Irei na frente procurá–lo. Vocês procurem seguir os meus rastros. Se capturarem algum animal, comam a carne crua. E que ninguém beba a água que os mercenários citas não tomam: eles sabem. Desapareceu em direção ao ocidente junto com um grupo de cavaleiros sogdianos, os mais resistentes ao calor e à sede, enquanto a coluna continuou a avançar sob o sol implacável. Só voltou a noite e perguntou logo pelo rei:

– Como está ele?

Heféstion sacudiu a cabeça sem responder. Alexandre jazia no chão no fedor dos seus próprios excrementos, de lábios rachados e febris, com a respiração que mais parecia um estertor.

– Encontrei o vau – disse o persa. – E trouxe água de beber, mas não para limpar. Alexandre bebeu assim como beberam aqueles que mais próximos estavam morrendo de sede, e aí todos retomaram a marcha noturna para alcançar o laxartes, que apareceu na primeira claridade

matinal. O rei foi mergulhado na água fria e ali foi deixado até a temperatura do seu corpo baixar. Retomou então lentamente consciência e perguntou:
– Onde estou?
– No vau – explicou Oxatres. – Aqui há peixe fresco e lenha para cozinhar.
– O seu grego está melhorando – teve a força de responder Alexandre.
Reuniram–se com o resto do exército nos arredores de Maracanda onde uma amarga surpresa esperava por eles. Os comandantes dos pezéteros haviam desfechado um temerário ataque contra as tropas de Espitâmenes perto do rio Politimeto e haviam sofrido uma pesada derrota. Quase mil corpos tinham ficado no campo e várias centenas de homens estavam feridos, as piras funerárias haviam ardido durante dias contra o céu turvo e caliginoso.
Leptine caiu no choro quando viu o rei naquelas condições lastimáveis. Lavou–o, vestiu–o com roupas limpas e mandou chamar serviçais com flabelos para fazer– lhe vento noite e dia.
Filipe, que logo acudiu à sua cabeceira, percebeu de pronto que a febre continuava extremamente alta e que toda tarde, ao pôr–do–sol, o rei começava a delirar. Lembrando os ensinamentos do mestre Nicômaco, mandou então uns cavaleiros ircanos buscar neve nas montanhas para cobrir com ela o corpo de Alexandre toda vez que a febre voltava a subir e Leptine continuava a trocar–lhe o pano úmido na testa durante a noite inteira. Em seguida começou a alimentá–lo com pão seco e maçãs verdes para controlar a diarréia.
– Talvez consiga safar–se mais uma vez – disse–lhe quando viu alguma cor voltar às suas faces, com a febre já dominada. – Mas se continuar a comportar–se de forma tão desajuizada, nem mesmo Asclépio em pessoa, do qual contam que ressuscitava os mortos, conseguirá salvá–lo.
– Acho que você é mais sábio do que Asclépio, iatré – teve forças para dizer o real paciente antes de voltar a dormir.
Logo que recuperou a capacidade de dar ordens, Alexandre proibiu que os sobreviventes da batalha do Politímeto comentassem a derrota pois não queria que as tropas fossem tomadas pelo desânimo, aí mandou Perdicas, Cratero e Heféstion contra–atacar as forças de Espitâmenes repelindo os revoltosos para as montanhas, mas nesta altura já tinha começado o outono e seria uma loucura retomar o caminho das terras

altas para persegui–los. Decidiu voltar a Bactra, onde Besso era mantido prisioneiro, marchando para o ocidente ao longo da fronteira setentrional do império para afirmar também naqueles territórios a sua autoridade e ver se as terras dos citas também se estendiam de forma tão desmedida naquela direção.
Atravessou mais uma vez o Óxus sobre a ponte de odres e penetrou em uma região em sua maior parte desértica, vasta e completamente plana, que se estendia para o norte até onde a vista podia alcançar e se perdia num horizonte nebuloso. Às vezes encontravam longas caravanas de camelos de Bactriana que iam para o oeste, em alguns casos eram acompanhados de longe por grupos mais ou menos numerosos de cavaleiros citas, reconhecíveis pelas roupas coloridas, pelas calças bordadas, pelas características armaduras de escamas. Certo dia, quando ao entardecer se aprontavam para montar as tendas, uma das patrulhas da vanguarda voltou com uma notícia surpreendente:
– Amazonas!
Seleuco brincou:
– Mesmo com toda esta falta de água, não sabia que serviam vinho puro às tropas.
– Não estou bêbado, comandante – replicou sério o soldado. – Há mulheres postadas bem atrás daquela ondulação do terreno à nossa frente.
– Eu não luto com mulheres – afirmou solenemente Leonato. – A não ser que...
– Elas não têm intenções agressivas explicou o soldado. – Sorriam para nós e aquela que parecia estar no comando era muito bonita e... Virou–se para mostrar ao rei o local exato onde acontecera o encontro e viu–a chegando, a menos de um estádio de distância, escoltada por quatro das suas companheiras.
– Deixe–as passar – ordenou Alexandre, e instintivamente passou a mão nos cabelos para ajeitá–los. – Talvez estejamos de fato na terra das amazonas.
Enquanto isto a linda guerreira havia se aproximado ainda mais e desmontara do cavalo imitada pelas companheiras. A alguma distância viam–se as outras ocupadas em montar uma tenda, uma só no meio daquele imenso território.
O rei foi ao seu encontro acompanhado por Heféstion e Cratero,

enquanto atrás deles podia–se ouvir o cochicho de admiração que serpeava entre os soldados e o pessoal do séqüito. Ao saber da novidade, Calístenes tinha chegado aos trancos e barrancos para ver de perto as recém–chegadas, e o evento.
A rainha guerreira estava agora bem na frente de Alexandre e tirou o elmo, uma espécie de abóbada de couro, pontuda e com protetores para as orelhas, deixando à mostra maravilhosos cabelos negros e reluzentes, presos numa longa trança que quase lhe chegava à cintura.
Aparentava mais ou menos vinte anos e era totalmente diferente das imagens das amazonas que todos conheciam e tinham visto representadas em sua gloriosa nudez nos relevos esculpidos por Briaxis e Escopas no Mausoléu de Halicarnasso ou pintadas pela mão de Zêuxis e Parrásio no "Pórtico enfeitado" de Atenas. A não ser pelo rosto de uma bonita cor de oliva, nenhuma parte do seu corpo era visível. Vestia calças de lã azul bordadas de vermelho e, por cima, uma estranha túnica de pelica apertada na cintura e larga abaixo dos joelhos. Trazia uma espada e um odre de água pendurados no cinto, e arco e flechas a tiracolo, armas tradicionalmente consideradas típicas das amazonas, mas não tinha o escudo em forma de meia–lua.
Fitou–o fixamente nos olhos e disse alguma coisa que ninguém entendeu. Alexandre virou–se para Oxatres:
– Sabe o que está dizendo? O persa sacudiu a cabeça.
– E os teus citas?
Oxatres trocou algumas palavras com eles, que logo mostraram não conhecer aquela língua.
– Não entendo – disse Alexandre com um sorriso, mas também com um profundo sentimento de frustração por estar finalmente diante de uma das criaturas mitológicas que haviam povoado os seus sonhos infantis sem poder dizer uma frase sequer que ela entendesse.
A jovem voltou a falar devolvendo o sorriso e tentando inutilmente ajudar–se com os gestos. Leptine também se aproximara atraída pelo estranho – Eu entendo – disse então uma voz atrás de Alexandre.
O rei virou–se com movimento repentino pois reconhecera a voz feminina que havia falado: Leptine!
A jovem aproximou–se e, para surpresa de todos, começou a falar com a rainha guerreira.
– Como é que pode? – perguntou Calístenes, pasmo diante do fato que

quase parecia milagroso. Alexandre, no entanto, lembrou num vívido lampejo da memória uma longínqua noite de inverno que passara com ela em Aigai, no antigo palácio dos antepassados, lembrou–se da língua estranha e incompreensível que ela falara sonhando, e da tatuagem no seu ombro, idêntica à imagem gravada na plaqueta de ouro pendurada no pescoço da amazona: um veado de longos chifres, agachado.
– Às vezes acontece – comentou o médico Filipe. – Xenofonte relata um episódio parecido que ele presenciou na Armênia, quando um escravo reconheceu de repente a língua dos cálibes, um povo para ele totalmente estranho.
Enquanto isto Leptine continuava a falar, primeiro com alguma hesitação e pouco a pouco com mais segurança, embora as palavras parecessem se formar na sua mente uma depois da outra, penosamente, como se estivessem saindo dos abismos da memória. Alexandre chegou então perto dela e descobriu a tatuagem que tinha no ombro indicando–a à jovem guerreira.
– Reconhece? – perguntou. E a expressão assombrada dela mostrou claramente que a reconhecia, que aquela imagem tinha um valor extraordinário.
As duas mulheres continuaram falando na sua língua misteriosa, depois a amazona apertou as mãos de Leptine, fixou os olhos no jovem soberano estrangeiro e virou–se para dirigir–se à sua tenda.
– O que te disse? – perguntou Alexandre logo que se afastou. – Você é uma delas, não é verdade?
– Sim – respondeu Leptine –, sou uma delas. Fui raptada por um bando de guerreiros
cimérios quando tinha nove anos, e aí provavelmente vendida a algum mercador de escravos do Ponto. A minha mãe era a rainha de uma tribo dessas mulheres guerreiras e o meu pai era um nobre cita que vivia ao longo do Tanais.
– Uma princesa – murmurou Alexandre apertando–lhe as mãos. – É isto que você é, uma princesa.
– Que eu fui – corrigiu Leptine. – Agora aquele tempo passou para sempre.
– Não é verdade. Agora pode voltar ao seu povo, ocupar de novo o lugar que te cabe. É
livre, e eu te darei um rico dote: ouro, gado, cavalos.

– O lugar que me cabe é ao teu lado, meu senhor. Não tenho mais ninguém no mundo, e aquelas mulheres são para mim estranhas. Só irei com elas se me repudiar, se me forçar a ir.
– Não te forçarei a fazer coisa alguma que você não queira, e a manterei ao meu lado enquanto eu viver, se é isto que deseja. Mas diga–me, por que aquela jovem veio até aqui? Por que montou ali a sua tenda?
Leptine baixou os olhos como se estivesse com vergonha ou pudor de responder àquelas perguntas, mas acabou respondendo:
– Disse ser a rainha das mulheres guerreiras que vivem entre o Óxus e as margens do mar Cáspio. Ouviu dizer que você é o homem mais forte e poderoso do mundo e te acha o único digno dela. Está naquela tenda e te convida a passar a noite com ela. Espera... que vá para gerar um filho ou uma filha que um dia receba das suas mãos o cetro.
Cobriu o rosto com as mãos e saiu dali chorando.

CAPÍTULO 47

Alexandre olhava para a tenda solitária que mal se distinguia na escuridão da planície e, enquanto chegava aos seus ouvidos o choro baixinho de Leptine, sentia–se tomado por uma profunda emoção pensando no duplo prodígio que aquela terra misteriosa operara, a aparição de um grupo de amazonas num lugar tão longínquo do rio Termodonte que, conforme a lenda, corre na fronteira do seu território, e o reconhecimento de Leptine, o repentino despertar na sua mente da língua nativa. Pensava em quantas coisas ainda havia para descobrir, mistérios para desvendar, terras para explorar e na brevidade da vida humana.

Gostaria de ajudar Leptine que lutava contra o tumulto e os sentimentos de duas vidas tão diferentes e distantes que de repente se chocavam dentro da sua alma, mas sentia–se dominado pela curiosidade e conhecer aquela mulher misteriosa que esperava por ele no meio da estepe mergulhada nas trevas da noite. Montou a cavalo e dirigiu–se para a tenda

solitária armado somente com a sua espada. Heféstion viu–o sair e chamou logo alguns homens da Ponta.

– Postem–se em volta daquela tenda sem dar na vista – ordenou – e acudam imediatamente no caso de acontecer qualquer coisa suspeita. Levem Péritas com vocês em caso de perigo é muito mais rápido do que qualquer um de nós.

Os homens obedeceram e afastaram–se no escuro, abrindo–se em leque em volta da tenda. Um deles, o que segurava Péritas, chegou mais perto e deitou na grama ao lado do molosso, mas a noite passou tranqüila e Péritas cochilou o tempo todo só levantando as orelhas e o focinho quando percebia o cheiro de algum animal selvagem que circulava pela estepe silenciosa.

Ninguém soube, jamais o que aconteceu naquela noite e se um filho foi semeado no ventre daquela rainha de incomensuráveis solidões para crescer como um cavalo selvagem, para correr, pobre e livre, em um território sem fronteiras, sob os olhares do sol e sobre as asas do vento.

O rei voltou antes da alvorada com uma luz intensa e febril nos olhos, como se chegasse do Olimpo.
Retomaram a marcha para o ocidente até encontrarem um rio, e Alexandre quis acompanhá–lo para ver até onde chegava e se alcançava o Oceano setentrional, mas depois de três dias de viagem a estepe transformou–se em deserto e o rio secou entre areias ardentes. Viraram então mais uma vez para o oeste e, após quatro etapas de cinco parasangas cada uma, encontraram outro rio que também acompanharam até vê–lo igualmente engolido pelas fendas da terra sedenta.
Ptolomeu aproximou–se do rei que perscrutava ansioso o horizonte ofuscado pelo reflexo do calor e apoiou uma mão no seu ombro.
– Vamos voltar, Alexandre, nada existe por aqui a não ser pesadelos meridianos. Se a terra engole os rios antes que cheguem ao mar, deve certamente haver alguma razão terrível que não conseguimos entender. Será possível que uma mãe devore o filho que ela mesma pariu?
Calístenes também observava aquele fenômeno desconcertante. A sua física e a sua filosofia sugeriam respostas que eram de pronto rechaçadas pêlos temores que lhe subiam do fundo da alma.
– É justamente a estas perguntas que eu gostaria de dar uma resposta, Ptolomeu – replicou o rei sem se virar. – Gostaria de perseguir, se as forças não nos falhassem, as formas enganosas dos pesadelos meridianos, os fantasmas que povoam o horizonte. Imensa foi a sorte de Ulisses que pôde ouvir o canto das sereias, atado ao mastro do seu navio, mas ele jamais revelou o que aquele canto dizia. O segredo morreu com ele em um lugar longínquo e oculto, aonde levou–o o vaticínio de Tirésia, a meta tão longamente procurada da última viagem...
Retomaram o caminho para o sul e com o passar dos dias, à medida que se aproximavam das alturas da Margiana, reencontraram água e vegetação, plantas e animais. Alexandre fundou mais uma cidade à beira de um rio e chamou–a de Alexandria da Margiana instalando nela os povos seminômades que moravam nas redondezas e uma parte dos homens e das mulheres do séqüito. Assentou no local quinhentos homens entre macedônios, gregos e tessálios: aqueles que haviam criado família com as mulheres asiáticas que seguiam com incrível constância e resistência na esteira do exército. Deixou os homens que davam a

impressão de ter esquecido a família que ficara na pátria muitos anos antes, um tempo que nesta altura já parecia infinitamente mais longo do que aquele que se passara na realidade.
Chegou a Bactra lá pelo fim do outono para ali passar o inverno e ordenou que o processo contra o usurpador Besso fosse instaurado segundo o costume persa. Oxatres reuniu o conselho dos juízes anciãos e mandou trazer o prisioneiro diante deles. As mutilações que lhe haviam sido infligidas na escuridão daquela noite, nos arredores de Kurushkhat, haviam cicatrizado, mas isto conferia ao seu rosto desfigurado uma aparência ainda mais assustadora, de caveira viva.
O processo foi extremamente rápido e, quando lhe perguntaram se queria desculpar–se, Besso permaneceu calado. Ergueu–se mudo diante dos seus inimigos mostrando a dignidade de quem tentara resgatar a honra do império dos persas, humilhado pela covardia de Dario que havia fugido duas vezes do campo de batalha. A dignidade de quem tentara a desforra contra o inimigo invasor.
A condenação foi emitida: a mais terrível, aquela reservada a quem assassinava a sagrada pessoa do rei e a quem usurpava o trono dos Aquemênidas. O esquartejamento. Besso foi despido e levado a um local ao ar livre que já havia sido preparado havia algum tempo para a execução da sentença. Dois jovens salgueiros, altos e esguios e muito próximos entre si, haviam sido dobrados até encostarem no chão depois de se cruzarem, e a ponta de cada um havia sido atada com uma corda a uma pequena estaca fincada no chão. Entre as duas árvores cruzadas desta forma criara–se uma espécie de arco ogival para onde o prisioneiro foi conduzido, ataram um pulso e um tornozelo a cada uma das árvores, perto do local onde se cruzavam, e ele ficou pendurado a uma altura de mais ou menos cinco cúbitos do solo. Assistiam àquele bárbaro ritual não só os persas e os moradores do lugar, mas também numerosos macedônios e gregos. E também viera
especialmente de Zadracarta a princesa Estatira, ansiosa para ver vingado o pai que sepultara e pelo qual chorara longamente na necrópole real da agora abandonada Persépolis. Sentava–se pálida e imóvel ao lado de Alexandre.
A um sinal do supremo juiz, os carrascos aproximaram–se das estacas às quais estavam presas as árvores, segurando o machado. A outro sinal cortaram de um só golpe e com perfeito sincronismo as cordas e os dois

troncos ergueramse de imediato; por um instante a poderosa musculatura de Besso retesou–se no impossível esforço de contraste, mas aí o seu corpo foi desmembrado. A parte esquerda, do ombro à virilha, ficou presa a um dos troncos enquanto a outra, com a cabeça e as entranhas, ficou balançando na outra árvore, e ainda havia um resquício de vida nos seus olhos quando as aves de rapina, sempre à espreita nesses lugares de suplícios, desceram para se deleitarem com suas carnes estraçalhadas.

Alexandre permaneceu em Bactra com Estatira e a corte por todo o inverno, passando muito tempo com Eumênio, escrevendo aos sátrapas das suas províncias: a Antígono, dito o Caolho, que governava a Anatólia, a Mazeu na Babilônia e também a Artabazos na Patifilia. Perguntou–lhe como estava Frates, quis saber se havia–se recuperado após a perda dos seus entes queridos e se levava uma vida serena no seu palácio à beira–mar. Providenciara para que seus ferreiros aprontassem uma pequena biga que iria enviar ao garoto junto com dois potrinhos citas.

Também recebeu cartas da mãe Olympias e de Cleópatra, que lhe falava da sua vida no palácio de Butroto e da saudade que sentia:

As notícias das tuas proezas chegam até mim quase amortecidas e deformadas pela distância e me parece impossível que eu, sua irmã, não possa te ver, não possa saber quando voltará, quando porá um termo a esta sua interminável façanha.

Sofro porque sinto a sua falta e sofro devido à minha solidão. Eu suplico, deixa que me junte a você e possa ver pessoalmente as maravilhas que fez, os esplendores das cidades que conquistou. Agradeço–lhe os presentes que continuamente me envia e que me deixam muito envaidecida, mas o presente maior seria poder abraçá–lo de novo, não importa onde, tanto faria nas geladas planícies dos citas ou nas areias ardentes da Liloia. Peço–lhe, mande me chamar, Alexandre, e eu virei voando sem demora, desafiando até as ondas do mar tempestuoso e os ventos adversos. Cuide–se.

Alexandre ditou a resposta, carinhosa porém inflexível, e concluiu dizendo:

O meu império ainda não foi totalmente pacificado, minha suavíssima irmã, e sou forçado a pedir–lhe que tenha paciência por mais algum tempo. Quando tudo estiver funcionando a contento, eu a chamarei

para que participe da alegria de todos e possa assistir ao
nascimento de um mundo novo. Aí virou–se para Eumênio:
– A prosa de Cleópatra está cada vez melhor: na certa deve ter aulas com algum ótimo e caro mestre de retórica.
– É verdade – concordou Eumênio. – Mesmo assim, no entanto, por trás das imagens floreadas, por trás dos enfeites retóricos, há uma afeição sincera.
Cleópatra sempre lhe quis bem, sempre quis ser o seu escudo contra a cólera do teu pai. Não sente falta dela?
– Sinto demais – respondeu Alexandre – assim como sinto falta daquele tempo. Mas não me é concedido entregar–me às lembranças, a tarefa que escolhi para mim volta implacavelmente à tona, como um imperativo ao qual tudo devo sacrificar e do qual não posso fugir.
– Do qual não quer fugir – replicou Eumênio.
– Acha que poderia, mesmo que quisesse? Às vezes os deuses colocam no coração dos homens sonhos, aspirações e desejos maiores do que eles. A grandeza de um homem corresponde à dolorosa defasagem entre a meta que ele, quer alcançar e as forças que a natureza lhe deu quando o botou no mundo.
– Como aconteceu com Besso.
– E com Filipe.
– E com Filipe – admitiu Eumênio baixando os olhos.
Ambos ficaram calados, como se a sombra do grande rei assassinado pairasse no ar, repentinamente chamada de volta do silêncio e do esquecimento.
Outras vezes Alexandre dedicava–se a manter os contatos com as cidades que havia fundado nas mais remotas províncias do império e que levavam o seu nome. Escrevia pessoalmente aos chefes militares e aos magistrados daquelas modestas comunidades instaladas em terras difíceis e desconhecidas. E escrevia a Aristóteles descrevendo–lhe as leis e as constituições que iriam enriquecer a sua coleção.
Às vezes também recebia cartas daqueles postos avançados, redigidas em um grego bastante primário ou em dialeto macedônio, quase sempre pedidos de ajuda e de socorro contra ataques externos, contra o cerco de povos contrários, ferozmente apegados à sua identidade. A rebelião de Espitâmenes espalhava–se por toda parte. A entrega de Besso só servira para abrir caminho para o novo capitão entrincheirado nas encostas

cobertas de neve do Paropâmiso.
Alexandre respondia a todos.
– Agüentem firmes. Estamos alistando mais homens e esperando por novos reforços para
ajudá–los e apaziguar de vez as terras nas quais poderão criar os seus filhos.
Passou–se desta forma todo o inverno e no começo da primavera, com a chegada de novas tropas da Macedônia e da Anatólia, o exército retomou a sua marcha. Logo que penetrou na Bactriana, Alexandre percebeu que os rebeldes espalhavam–se por um grande número de fortalezas e castelos e decidiu dividir as suas forças para levar adiante toda uma série de ataques contra os vários focos da resistência, mas quando comunicou as suas intenções aos generais e aos companheiros, quase ninguém concordou.
– Nunca dividir as forças! – exclamou o Negro. – Pelo que se soube, o rei Alexandre do Epiro, teu tio e cunhado, foi dominado pelos bárbaros na Itália justamente porque teve de dividir as suas forças... E fazer isto de propósito, então, parece–me uma verdadeira loucura.
– A meu ver seria melhor ficarmos todos juntos – confirmou Perdicas. – Vamos pegá–los um por um e esmagá–los como piolhos.
Leonato concordou com um aceno da cabeça, como se dissesse que aprovava aquelas palavras, que nem valia a pena discutir mais.
– Para dizer a verdade... – começou Eumênio, mas Alexandre cortou logo a conversa:
– Está decidido. Cratero ficará no sul, na região de Bactra, nós iremos desentocar os rebeldes nas montanhas do norte e do leste, na Sogdiana, e em certa altura desdobraremos as nossas tropas em leque, cinco destacamentos para cada um de vocês, um para cada fortaleza a ser expugnada. Diades planejou novas catapultas de longo alcance, arremessam arpões menores mas igualmente eficazes.
Leonato parou de anuir percebendo que a situação havia mudado e Alexandre, que estava olhando para ele, perguntou:
– Mas afinal, você não estava de acordo?
– Bem, na verdade eu concordava com... – tentou replicar, mas todos já se haviam levantado pois nada mais havia a dizer e Alexandre acompanhou–os à saída.
Em poucos dias o plano foi posto em execução: o rei e os companheiros

dirigiram–se com mais da metade do exército para a entrada dos vales onde os rebeldes esperavam por eles. Lutaram durante todo o verão expugnando algumas fortalezas, mas depois as operações tornaram–se ineficazes devido às aspereza do terreno e à tática fugidia do inimigo que agora atacava de repente para logo em seguida retirar–se. Quando o tempo começou a piorar e os mantimentos já faltavam, Alexandre reconduziu o exército a Maracanda.

Com Cratero a história foi diferente. Tendo ficado para trás, antes mesmo de chegar à capital da província recebeu um mensageiro enviado pelo comandante da guarnição.

– Espitâmenes invadiu os arredores de Bactra saqueando os campos e as aldeias. A nossa guarnição fez uma primeira surtida, mas foi demonstrada aí tentou de novo nestes últimos dias e saiu em perseguição, mas precisamos urgentemente de reforços.

Um presságio sombrio passou pela cabeça de Cratero. Conhecia as manhas de Espitâmenes e tinha quase certeza de que a incursão nas cercanias de Bactra não passava de uma provocação para atrair a guarnição da capital para uma armadilha e aniquilá–la.

– Para que lado eles foram? – perguntou ao mensageiro.

– Por ali – respondeu, mostrando a trilha que levava ao deserto.

– E é para lá que nós também iremos logo depois de um mínimo de descanso – decidiu o comandante macedônio. – É inútil que passemos pela capital.

Retomaram a marcha antes do alvorecer, atravessaram o vau de um riacho e então foram se aproximando de um desfiladeiro flanqueado por moitas de acácias e de tamargueiras: o local ideal para uma emboscada. De repente Coinos, o comandante do segundo esquadrão dos éteros, aproximou–se.

– Olhe aquilo – disse apontando com o dedo para o céu.

– O que é? – perguntou Cratero levando a mão à testa.

– Abutres – respondeu o oficial.

CAPÍTULO 48

O espetáculo com que se defrontaram era pavoroso: centenas de soldados macedônios jaziam no chão, trucidados. Os cadáveres estavam horrivelmente mutilados, muitos haviam sido degolados ou esfolados. Mais outros foram encontrados empalados ou atados a árvores mostrando os sinais de atrozes torturas. Os comandantes, dois oficiais da velha guarda de Cleito, o Negro, haviam sido crucificados.

– O que vamos fazer? – perguntou Coinos, lúgubre.

– Reúna toda a cavalaria: vamos cair em cima deles agora mesmo. A infantaria nos alcançará depois a marcha forçada.

Coinos mandou dar o toque de reunir e fez avançar a cavalaria através do local da chacina, no mais absoluto silêncio. Quis que os soldados vissem tudo aquilo que o inimigo fizera com os seus companheiros, quis que neles aumentasse além de qualquer medida o furor e a sede de vingança antes de saírem em perseguição.

Logo que o desfiladeiro abriu–se numa esplanada ampla e ondulada, Cratero formou–os em cinco fileiras de seiscentos de frente e gritou:

– Não pararemos até alcançá–los e despedaçá–los. Vamos avançar, homens, e lembrem–

se daquilo que fizeram com os nossos companheiros!

Os rastros dos inimigos eram recentes e bem visíveis e os esquadrões nem precisaram sair da formação. Lançaram–se a galope numa nuvem de poeira, superaram impetuosamente uma depressão herbosa e subiram pelo longo aclive até o topo da corcova que os separava da depressão seguinte. Coinos chegou lá em cima entre os primeiros ao lado de Cratero e viu a cavalaria inimiga que avançava a menos de três estádios de distância, sem se dar conta do perigo.

– São eles! – gritou Cratero. – Clarins, toque de carga! Ao ataque, homens! Vamos exterminá–los, massacrá–los a todos! Em frente! Em frente!

O toque de carga ecoou várias vezes no ar e a cavalaria precipitou–se pelo declive como uma avalanche. A terra tremeu, o ar foi rasgado pelo

estridor brônzeo das cornetas, pelos gritos furiosos do ataque. Espitâmenes, que chefiava um exército formado por bactrianos e citas massagetas, apanhado de surpresa, ordenou que se formassem para enfrentar o inimigo, mas a manobra só foi parcialmente bem–sucedida, pois os macedônios já estavam em cima deles de lanças estendidas. Tombaram às centenas no primeiro choque, trespassados de lado a lado, arremessados ao chão, esmigalhados sob as patas dos corcéis. O núcleo central foi atropelado e esfacelado, as alas opuseram alguma resistência e tentaram levar a cabo toda uma série de manobras evasivas, mas Cratero não se deixou iludir. Reuniu mais uma vez os seus homens, mandou–os novamente cerrar fileiras e levou–os a um novo ataque frontal e maciço. Em menos de uma hora as tropas sobreviventes de Espitâmenes foram desbaratadas e aniquiladas. O sátrapa, conseguiu safar–se a duras penas com algumas centenas de citas massagetas, fugindo para o deserto.
Cratero voltou para prestar as honras funerárias aos soldados caídos, mas primeiro chamou Coinos.
– Sabe quem acabamos de enfrentar?
– Citas.
– Massagetas. A tribo que há trezentos anos derrotou e matou Ciro, o Grande. Espalha o terror entre eles, faça com que nunca mais se atrevam a nos atacar nunca mais. Está claro?
– Muito claro – respondeu Coinos, e aí acrescentou: – Envie–me as balistas, todas as que tiver, e uma unidade de agrianos.
Cratero anuiu e levou de volta os seus éteros ao cenário da chacina, onde já se encontrava a infantaria. Os soldados, depois de deixarem suas armas no chão, recolhiam os mortos, recompunham seus corpos mutilados, estraçalhados, e com os olhos úmidos
de lágrimas levavam–nos para fora do desfiladeiro, onde outras turmas cortavam as árvores e erguiam as piras funerárias.
Coinos esperou a chegada das balistas, mandou os agrianos decapitarem todos os cadáveres dos citas massagetas, depois chegou até a fronteira do seu território, marcada pelo riacho Artacenes e vigiada por patrulhas da cavalaria inimiga que se mantinham não muito longe dali.
Armou as balistas e arremessou cachos de cabeças cortadas para o outro lado, mandando–as rolar entre as pernas dos cavalos. Depois disto, virou–se e voltou a reunir– se com o resto do exército. Marcharam para Bactra e receberam no caminho a submissão de todos os vilarejos que

haviam apoiado a revolta de Espitâmenes.
Enquanto isto, o destacamento que havia feito a campanha com Alexandre já se aquartelara havia algum tempo em Maracanda e dali os oficiais persas alistavam o maior número possível de jovens da Bactriana e da Sogdiana no exército real, que nesta altura já se parecia muito pouco com aquele que partira de Pela sete anos antes. Desta forma, sobravam cada vez menos recursos humanos para o inimigo alimentar a resistência. Mesmo assim, no entanto, o sucesso da expedição havia sido um tanto duvidoso e isto arranhava o prestígio do rei, ainda mais porque vários dos seus companheiros haviam tentado dissuadi–lo daquela estratégia. Alexandre procurou então minimizar a situação com festas e banquetes para os quais também convidou os oficiais persas e isto aumentou mais uma vez a tensão entre os macedônios e até entre os seus próprios amigos. Muitos já não escondiam uma certa antipatia por Heféstion, que parecia apreciar tanto quanto o rei os costumes persas e usava também os trajes orientais.
Vieram muitas embaixadas para negociar, entre elas até a de um chefe cita do outro lado do Óxus, e para todas o rei manteve o protocolo da corte persa, com a "prosternação", recebendo inclusive algumas delas vestindo a kandys e até usando a tiara. Isto aumentou ainda mais os maus humores.
Da Grécia e da Anatólia também chegaram filósofos e oradores, atraídos pela fama das façanhas do rei e mais ainda pelos boatos que circulavam acerca das inacreditáveis fortunas das quais o exército se apossara, e com eles poetas, adivinhos e atores, todos com o intuito de botar as mãos em uma parte daquelas riquezas ou, pelo menos, de serem apresentados ao jovem conquistador.
Alexandre recebia–os e admitia–os nos banquetes, por parecer–lhe assim que um pedaço da Grécia ressurgisse naquelas terras longínquas, e também devido ao seu natural pendor para ouvir conversas filosóficas ou disputas retóricas. Todo esse pessoal, no entanto, só tinha a intenção de cair nas graças do rei e, portanto, bajulava–o de todas as
formas, às vezes com sabida finura para que a coisa não ficasse descaradamente evidente. E isto também irritava os macedônios acostumados a um relacionamento castrense e quase rude com o seu rei, a não ser pela ritual tradição do beijo na face que só era permitido aos mais íntimos.

Certo dia chegou um fulano com um carregamento de fruta seca vinda diretamente da
Grécia como oferenda para o soberano: figos, amêndoas, nozes.
Alexandre experimentou–as e achou–as tão gostosas que decidiu dar uma parte a Cleito, o Negro, como sinal de afeição após os numerosos atritos, até tempestuosos, devidos às escolhas do seu cerimonial e à sua firme vontade de inserir os persas e os asiáticos não só na corte como também no exército.
O Negro, que apesar do caráter irascível e um tanto jactancioso era um homem devoto, estava oferecendo algumas ovelhas como sacrifício aos deuses quando recebeu a convocação da parte do rei. Abandonou então a função e acompanhou o mensageiro sem perceber que duas ovelhas vinham calmamente atrás dele.
Quando chegou ao pátio do palácio com aquele cortejo o rei começou a rir.
– Negro! – exclamou. – Decidiu mudar de ofício e ser pastor?
Mas, ao saber que os animais que o haviam seguido eram aqueles destinados ao sacrifício, ficou bastante perturbado. Presenteou o general com a fruta seca e, logo que este partiu, chamou Aristandro e contou–lhe o acontecido. O vidente amuou–se.
– É um péssimo sinal – respondeu. – De mau agouro.
Naquela mesma noite, talvez influenciado pelas palavras que ouvira do adivinho, sonhou ver Cleito, vestido de preto dos pés à cabeça, sentado ao lado dos três filhos de Parmênio, todos mortos. Acordou aflito e não se atreveu a contar o seu sonho a Aristandro. Para afugentar a pesada sensação de angústia que o oprimia, decidiu dar uma festa naquela mesma noite. Apesar dos freqüentes atritos, sentia uma profunda afeição por Cleito, cuja irmã o criara quando menino.
Na tradição macedônia, isto constituía um vínculo muito forte, quase um parentesco.
Como mestre do simpósio daquela noite foi escolhido Perdicas, que logo decretou a necessidade de duas crateras, uma com vinho puro para os macedônios e outra com uma parte de vinho e quatro de água para os gregos.
Esta decisão criou uma certa insatisfação, e até mau humor em Alexandre, uma vez que não haviam sido mencionados os convidados persas.

Entre os gregos, além de Calístenes, havia um filósofo sofista recémchegado, um tal de Anaxarco, presumido e arrogante mas muito habilidoso, que trouxera consigo dois poetas que começaram logo a encher a barriga de bebida e comida. A festa se desenrolava entre
brincadeiras, motejos, piadas desbocadas, também com a ajuda de algumas “companheiras" não menos ousadas do que os homens. Todos haviam começado a beber muito e principalmente os macedônios, inclusive o rei, pelo meio da noite já estavam para lá de alegres.
Nesta altura um dos poetas que acompanhavam o filósofo, um tal de Pranikos, exclamou:
– Acabei de compor um pequeno poema épico! Alguém gostaria de ouvir? Alexandre sorriu magnânimo.
– Por que não?
Animado com a aprovação do soberano, o poeta começou a declamar a sua obra–prima suscitando logo as risadas dos seus amigos. Os macedônios, porém, apesar de bêbados, logo que se deram conta do assunto, calaram–se de repente quase não acreditando no que estavam ouvindo, aquela bosta de poetastro estava declamando uma espécie de sátira idiota sobre os comandantes da guarnição de Bactra que haviam caído na cilada de Espitâmenes durante a campanha da primavera, escarnecendo–os principalmente devido à idade.
Gralhavam cantos de guerra os dois velhotes mesmo que já incapazes de levantar a haste, pretendiam dar a carga, lança em riste,
embora só lhes sobrassem cabelos no cangote.
O Negro ficou de pé e jogou–lhe na cara a sua taça de vinho, berrando:
– Cale a boca, grego nojento que só tem merda na cabeça!
Alexandre, quase embriagado e meio nu entre duas companheiras que o entretinham, sem entender nada mas tendo visto o que o Negro fizera ao seu convidado grego, gritou:
– Como ousa? Peça imediatamente desculpas e deixa–o continuar! Eu gosto de poesia. Cleito, já alterado pelos efeitos do vinho, ao ouvir aquilo perdeu completamente o controle:
– Pequeno boneco arrogante e convencido! Como pode deixar que esta merda de grego mije em cima de dois valorosos oficiais que sacrificaram as suas vidas no campo de batalha?
– O que disse? – berrou Alexandre ao dar–se conta da ofensa infamante.
– Ouviu muito bem o que eu disse! Quem acha que é? Realmente

acredita ser filho de Zeus Amon? Acredita nas lorotas sobre o seu nascimento divino e em todas as outras bobagens que aquela adoidada da sua mãe anda espalhando por aí? Olhe só para você! Olhe–se no espelho, vestido de mulher, com todos esses bordados e rendas! – E apontava para os trajes persas que o rei usara até o momento em que as jovens haviam começado
a despi–lo.
Alexandre levantou–se lívido de ira e ordenou furibundo ao seu ordenança:
– Toque a chamada dos "escudeiros"! Toque, anda logo!
Era uma resolução extrema à qual os reis macedônios recorriam quando a sua pessoa era diretamente ameaçada e a irrupção dos "escudeiros" significaria a morte imediata do culpado, motivo pelo qual o homem ficou um tanto indeciso.
Alexandre golpeou–o com um grande murro no rosto derrubando–o e gritou a plenos pulmões:
– "Escudeiros"! "Escudeiros"!
– Isto mesmo – berrou Cleito fora de si. – Chame os "escudeiros. Vamos, chame logo! Quer saber de uma coisa? Não é nada sem nós, absolutamente nada! Nós vencemos, nós lutamos, nós conquistamos. Não chega nem aos pés do seu pai Filipe!
Ptolomeu, preocupado e assustado com aquela situação que parecia ficar sem saída, agarrou–o pelos ombros, por trás, e tentou levá–lo embora.
– Pare com isto, Negro, está bêbado, não ofenda o rei! Vamos embora, agora. Vamos embora.
Perdicas também foi ajudar e já estavam a ponto de puxá–lo para fora quando Cleito desvencilhou uma das mãos e, agitando–a no ar, gritou:
– Olhe aqui, filho de Zeus! Está vendo esta mão? Está vendo? É aquela que te salvou no Granico, ou já esqueceu? – Deu um safanão mais violento e livrou–se para voltar atrás berrando e injuriando.
Alexandre pegou uma maçã na mesa e jogou–a na sua cara para fazê–lo recuar, mas o velho oficial esquivou–se e seguiu em frente escarnecendo–o. Cego de ira, ultrajado pela desobediência do ordenança, ridicularizado diante dos seus convidados, o rei perdeu completamente a cabeça? Pegou a sarissa de um dos pezéteros plantados atrás dele e arremessou–a contra Cleito, mas na mesma hora pensou que

o outro conseguiria evitá–la, que tudo não passaria de um grande susto, de uma lição... Um instante interminável, tão longo quanto uma vida, no qual a mão que lançara a arma, ainda esticada para frente, teria gostado de pegála de novo para que não chegasse ao seu alvo, mas afinal de contas o Negro iria evitá–la, iria livrar–se dela com um movimento repentino. Mas nada disto aconteceu: o Negro havia sido agarrado mais uma vez por Ptolomeu que queria salvá–lo da ira do rei e puxá–lo para fora. A lança acertou–o em cheio e o trespassou de lado a lado. Alexandre gritou:

– Não! Não, Negro, não! – e correu para ele que vomitava sangue no chão.

Com movimento repentino puxou a lança do seu corpo, apoiou a haste na parede e jogou–

se em cima da ponteira para trespassar–se do mesmo jeito. Seleuco e Ptolomeu conseguiram agarrá–lo bem em cima da hora, enquanto ele se debatia como um possesso gritando entre as lágrimas:

– Deixem–me morrer! Deixem–me morrer! Não mereço viver!

Leonato acudiu para ajudar os amigos, mas Alexandre conseguira soltar uma mão e, agarrando uma espada, estava agora tentando matar–se com ela.

Desarmaram–no e carregaram–no à força.

Eumênio nada pudera fazer pois estava sentado bem longe, do outro lado da sala, com Calístenes, e agora fitava a cena petrificado, enquanto a sala que pouco antes ecoava a orgia de vinho e de sangue mergulhara agora num silêncio absurdo, irreal. Os pajens, de pé ao longo das paredes em seus uniformes de gala, olhavam uns para os outros, pálidos e aflitos. Calístenes virou–se para eles e citou uma frase de Aristóteles:

– Quem comete um crime embriagado é duplamente culpado, porque se embriagou e porque cometeu um crime.

Eumênio olhou para ele meneando a cabeça incrédulo.

– Mas que raio de homem é você? – perguntou.

Um dos pajens, no entanto, um garoto chamado Hermolau, lançou–lhe um olhar cheio de admiração.

Durante três dias e quatro noites Alexandre chorou desesperadamente invocando o nome do amigo morto, recusou água e comida e ficou reduzido a uma sombra de si mesmo.

Por fim seus companheiros, preocupados com a sua sanidade mental

assim como com a sua vida, pediram a intervenção de Aristandro. O vidente chegou e falou longamente com ele lembrando–lhe o sonho que tivera e o infausto presságio das ovelhas que se haviam afastado do altar do sacrifício, um acontecimento que já estava escrito nas páginas do destino. Inevitável.

Conseguiu afinal despertá–lo novamente para a vida, mas desde então o fantasma de Cleito, o Negro, tornou funesta, com dor e remorso, a sua existência pelo resto dos seus dias e das suas noites.

Alexandre começou a beber ainda mais descontroladamente e os pajens, aos quais por antiga tradição cabia a honra de velar o sono do rei, desenvolveram desprezo por ele ao vê–lo voltar muitas vezes bêbado, arrastado até o quarto de dormir sem conseguir andar sozinho, para então cair em um sono pesado, roncando e arrotando como um animal. Somente Leptine continuava a cuidar do soberano com o carinho de sempre, sem nada pedir em troca, rezando em silêncio aos seus deuses para que lhe devolvessem a serenidade.

No começo do outono os dois destacamentos do exército voltaram a se juntar em Maracanda, mas Cratero ficou tão abalado com a notícia daquela pavorosa tragédia que, para evitar o embaraço de encontrar o rei, retomou a sua marcha pelo deserto para dar mais uma terrível lição às tribos dos massagetas que apoiavam a revolta de Espitâmenes. Estas tribos, no entanto, percebendo que o sátrapa já não tinha a menor possibilidade de levantar a Bactriana e a Sogdiana contra Alexandre, já assustadas com o que acontecera perto do rio Artacenes, também foram informadas pelo chefe Dravas que o rei vindo do ocidente era um semideus invencível que podia aparecer a qualquer momento em qualquer lugar desferindo os seus golpes com violência devastadora. Convocaram então um conselho de chefes e chegaram formalmente à conclusão de estabelecer um bom relacionamento com o novo homem no comando para não despertar a sua ira.

Capturaram Espitâmenes à traição surpreendendo–o enquanto dormia, degolaram–no e entregaram a sua cabeça a Cratero para demonstrar–lhe a sua boa vontade e submissão. No começo da estação os dois contingentes do exército macedônio, mais uma vez reunidos em Maracanda, seguiram viagem para Bactra para ali passar o inverno.

CAPÍTULO 49

Na primavera seguinte Alexandre retomou o caminho da Sogdiana para acabar com os últimos focos da resistência, particularmente uma fortaleza chamada Penedo Sogdiano, um ninho de águia totalmente inacessível, mantido por um tal de Oxiarte, um senhor local valoroso e temerário, irredutível. Só havia um acesso para a cidadela, uma trilha íngreme e estreita, recortada na rocha viva, que subia até a única porta que se abria nas muralhas a pique sobre o precipício.

Pelo lado dos fundos, a cerca fortificada apoiava–se em um paredão rochoso que ficava coberto de gelo quase o ano todo e dominava a fortaleza de uma altura de pelo menos mil pés.

Alexandre enviou lá para cima um arauto com um intérprete para pedir a rendição de

Oxiarte mas este gritou do alto do bastião:

– Nunca nos renderemos! Temos fartura de água e mantimentos e podemos resistir por anos a fio, enquanto vocês morrerão de fome e de frio. Digam ao seu rei que só poderia esperar conquistar a minha cidadela se dispusesse de soldados alados.

– Soldados alados! – repetiu Alexandre logo que lhe comunicaram a resposta. – Soldados alados...

Diades de Larissa olhou para cima protegendo os olhos do brilho da neve com a mão.

– Se está pensando em Dédalo e Icaro, preciso lembrar–lhe que infelizmente se trata

apenas de uma lenda. O homem jamais conseguiria voar, nem mesmo que alguém construísse asas para ele. Acredite, é simplesmente impossível.

– Não conheço essa palavra – replicou o rei. – E houve uma época em que você mesmo não a conhecia, meu amigo. Receio que esteja ficando velho.

Diades ficou em silêncio, confuso, e afastou–se dali. Por mais que se esforçasse, nada lhe surgia à cabeça para conquistar um lugar como

aquele.
Mas Alexandre já tinha uma idéia. Chamou o arauto que enviara para negociar e mandou– o circular por todo o acampamento prometendo vinte talentos a qualquer um que aceitasse escalar, de noite, o pico que dominava a fortaleza, uma subida de pelo menos dois mil pés do local onde se encontravam.
– Vinte talentos? – perguntou Eumênio. – Mas é uma quantia que, não tem cabimento...
– A compensação deve ser adequada a esta façanha quase impossível – replicou
Alexandre. – Uma quantia para tomar rica uma família por cinco gerações. E eu tenho certeza de que o dinheiro incentiva aos homens.
Dentro de uma hora já se haviam apresentado trezentos voluntários, mais da metade agrianos, os outros macedônios das terras mais altas.
– Estivemos pensando numa coisa – disse aquele que parecia o chefe. – Aqui de nada adiantam os facões dos agrianos. Usaremos as pequenas estacas metálicas das tendas, que são de ferro temperado, vamos cravá–las no gelo com o martelo, prendemos as cordas nelas e subimos um de cada vez. Acho que vamos conseguir.
– Eu também acho – respondeu o rei. – Peça uma bandeira a Eumênio e agite–a logo que chegarem ao topo. Nós mandaremos tocar os clarins e nesta altura só terão de se deixar ver pelos soldados na fortaleza.
A incrível escalada começou ao anoitecer. Os homens avançaram a pé até onde puderam, carregando nos ombros os sacos com as cordas e as estacas, a seguir começaram a cravá–las no gelo um depois do outro.
Naquela noite, nem Alexandre nem os companheiros foram dormir, ficaram acordados, de nariz para cima e com a respiração suspensa, olhando os homens que subiam lentamente, com enorme esforço, ao longo da parede gelada. Lá pela meia–noite começou a ventar, um vento gélido que entorpecia os membros e parecia penetrar dentro dos ossos, mas os guerreiros continuavam a sua escalada, uma linha escura sobre a candura imaculada da neve.
Trinta homens caíram no vazio esfacelando–se nas pedras, mas quando começou a clarear duzentos e setenta já tinham conseguido chegar ao topo do penhasco.
– A bandeira! – gritou Perdicas, apontando para uma pequena mancha vermelha que se

agitava lá em cima. – Eles conseguiram!
– Deuses do céu! – exclamou Eumênio. – Só mesmo vendo, pois do contrário não acreditaria. Rápido, mandem os corneteiros tocarem!
O silêncio do vale foi rasgado pelo toque insistente, refletido e multiplicado pelo eco, e os guerreiros debruçaram–se gritando em alto e bom som para que os ocupantes da cidadela os ouvissem. Num primeiro momento as sentinelas de vigia nas muralhas não entenderam de onde vinham aquelas vozes, mas aí viraram os olhos para cima, viram os homens de Alexandre postados lá no alto e foram apressadamente acordar o seu senhor que logo apareceu, incrédulo, no passadiço. O arauto subiu então mais uma vez até o portal da fortaleza e gritou:
– Como pode ver, temos soldados alados, e são muitos. O que decide?
Oxiarte olhou para cima, para, baixo e depois novamente para cima.
– Rendo–me – respondeu. – Diga ao seu rei que estou pronto para recebê–lo.
Alexandre, com os companheiros e os éteros da Ponta, subiu para o Penedo ao entardecer do dia seguinte e dirigiu–se ao castelo de Oxiarte que esperava por ele na entrada. Os dois trocaram os cumprimentos de praxe e aí o hóspede foi levado junto com seus amigos para a sala dos banquetes preparada segundo o costume sogdiano: duas fileiras de almofadões macios apoiados no chão com as mesas no meio. O rei ficou na frente de Oxiarte, mas o seu olhar foi Iogo atraído pela pessoa que sentava à direita do dono da casa: a sua filha Roxana!
Uma jovem de incrível beleza, de divia a formosura, um verdadeiro mito entre o seu povo que a chamava com nome poético nome de "Pequena estrela".
Sorriu para ele e seus dentes brilharam como pérolas: o seu rosto, um delicado oval, era de uma suave mas absoluta perfeição, as pestanas longas e reluzentes, a pele, lisa como mármore, parecia possuir a pálida transparência do âmbar. Os cabelos, tão negros que às vezes tinham reflexos azulados, emolduravam uma testa puríssima e, quando mexia a cabeça, sombreavam a luz intensa e niacia dos grandes olhos cor de ametista. Entreolharam–se e um turbilhão envolveu–os, uma aura mágica e fremente, líquida e rarefeita como um sonho matutino. Nada mais existia para eles, desapareciam ao longe as vozes dos comensais e era como se a sala estivesse vazia, somente a melodia de uma harpa indiana pairava no espaço dilatado e vibrante, entrava em suas almas e

em seus corpos e até mesmo em suas vozes, vozes de línguas diferentes e mesmo assim iguais na música de um sentimento inefável, de um sublime arrebatamento.
Naquele momento Alexandre percebeu que nunca amara realmente até então, que tinha vivido histórias de intensa e profunda paixão, de ardente desejo, de afeto, de admiração,
mas nunca de amor. O amor era aquilo, aquilo que sentia naquele instante, aquela palpitante ansiedade, aquela infinita sede dela, aquela paz profunda na alma que era ao mesmo tempo incontrolável inquietude, aquela felicidade e aquele medo. Era este o amor de que falavam os poetas, deus impiedoso e invencível, força inelutável, delírio da mente e dos sentidos, única possível felicidade. Esqueceu os fantasmas sangrentos do passado, as angústias e os terrores, e o seu anseio de infinito aplacou–se e apagou–se na luz daqueles olhos violáceos, naquele sorriso divino.
Quando se recuperou, percebeu que todos olhavam para eles e que todos haviam entendido. Então levantou–se e de pé diante do nobre Oxiarte, disse com voz firme e olhos brilhantes de emoção:
– Sei que fomos inimigos até poucas horas atrás, mas agora eu te ofereço uma longa e sólida amizade e, como penhor desta amizade e pelo amor profundo e sincero que neste momento sinto, peço–lhe a mão da sua filha. – E logo que o intérprete traduziu, virou–se para ela e acrescentou:
– Se ela me quiser.
Roxana levantou–se e respondeu na língua dela, tão estranha e ao mesmo tempo sonora. Somente ao pronunciar o seu nome ela procurou imitar o som com que os amigos chamavam o soberano. Disse:
– Eu o quero, Alexandre, para sempre.
Três dias depois as bodas foram celebradas com grande pompa e Alexandre quis o ritual persa do pão, mas ao estilo macedônio, cortando–o com a espada. Então os dois cônjuges comeram aquele pão mirando–se nos olhos e sentiram que iriam amar–se até o fim. Ou mesmo além dele. Roxana estava usando o traje cerimonial, uma sobreveste azul por cima de uma túnica vermelha, presa na cintura com um cinto lide argolas de ouro, e tinha na cabeça um véu do qual se desprendia um diadema de gotas de ouro, enfeitado com lápis–lazuli.
Durante a ceia que acompanhou a cerimônia, o rei quase não tomou vinho e não parou de segurar a mão da jovem enquanto falava baixinho,

murmurando em seu ouvido. Eram palavras que ela não podia entender, versos de grandes poetas, imagens de sonho, invocações, juras de amor.
A alma atormentada de Alexandre procurava alívio no olhar daquela virgem intacta, no sentimento de amor que emanava das suas mãos enquanto o acariciava, dos seus olhos quando o fitavam com um desejo ingenuamente descarado, ardente e suave ao mesmo tempo. Cada aspiração levantava o seu seio viçoso, espalhava em suas faces um leve rubor, e naquele sopro o rei por sua vez procurava o sentido de um sentimento repentino e ainda quase completamente desconhecido que, conforme a sua mais ardorosa
esperança, iria ser imutável e eterno.
Quando finalmente ficaram sozinhos e Roxana, de olhos baixos, começou a despir–se revelando lentamente o seu corpo divino, enchendo aquele tosco tálamo com o perfume da sua pele e dos seus cabelos, Alexandre foi tomado por intensa e profunda comoção, como se estivesse mergulhando em uma banheira morna após uma longa marcha na neve, no meio de uma borrasca entre geleiras, como se estivesse tomando água fresca de uma nascente após demorado vaguear pelo deserto, como se voltasse finalmente a ser homem depois de explorar a ferocidade, a brutalidade e a mais aviltante depravação. Tinha os olhos brilhantes de comoção quando a abraçou e sentiu o contato da sua pele nua, quando procurou os seus lábios inexperientes, quando beijou–lhe o seio, o ventre, as coxas. Amou–a com uma intensidade quase dolorosa, numa entrega total que nunca experimentara antes e quando os seus corpos se enrijeceram no espasmo supremo, sentiu que vertia nela a vida, o segredo daquela energia selvagem que desbaratara cidades e exércitos, que suportara os mais pavorosos ferimentos, que pisoteara os mais sagrados sentimentos e que matara a piedade e a compaixão. E quando deixou–se cair ao seu lado para entregar–se ao sono, sonhou caminhar ao longo de uma íngreme estrada, sob um céu negro, até às margens de um oceano imóvel, plano e frio como uma chapa de ferro polido. Mas não ficou com medo pois o calor de Roxana envolvia–o como uma roupa macia, como a felicidade misteriosa de uma lembrança infantil.
Quando acordou e a viu ao seu lado, ainda mais bonita e com a luz dos sonhos no olhar, afagou–a com infinita doçura e disse.
– Agora partiremos, meu amor, e não pararemos até eu chegar ao fim do

mundo e poderá ver as cidades do Ganges, as garças dos lagos dourados e os pavões iridescentes de Pataliputhra.
Naqueles dias Alexandre dedicou–se aos planos de viagem e reorganizou o exército alistando mais alguns milhares de asiáticos do interior da Bactriana e da Sogdiana, cuja fidelidade era agora duplamente garantida e consolidada pelo casamento com a princesa filha de Oxiarte.
Também chegaram dez mil persas treinados e armados segundo a maneira macedônia, recrutados pelos seus governadores nas províncias centrais do Império. Pensou então que já era tempo de estender a todos o cerimonial persa e a "prosternação" uma vez que os súditos deviam ser todos tratados da mesma forma. Os macedônios, porém, rebelaram–se e Calístenes enfrentou–o diretamente lembrando–lhe que tal coisa era absurda.
– O que fará – disse–lhe – quando voltar à sua pátria? Exigirá que até os gregos, os mais
livres dos homens, lhe prestem homenagens como só se devem prestar aos deuses? Eles são diferentes, nem mesmo a Hércules quiseram prestar honras divinas enquanto ele viveu, e até quando morreu só aceitaram fazê–lo depois que o oráculo de Delfos expressamente o exigiu. Quer identificar–se com estes soberanos bárbaros? Mas olhe só, então, o que lhes aconteceu: Cambises foi derrotado pêlos etíopes, Dario pelo citas, Xerxes pelos gregos, e Artaxerxes pelos "dez mil" de Xenofonte que conhece tão bem. Foram todos derrotados por homens livres. Eu sei, estamos em terras estrangeiras e de alguma forma também precisamos pensar como estrangeiros, mas, te peço, lembre–se da Grécia! Lembre os ensinamentos do seu mestre. Poderão os macedônios, tratar o seu rei como um deus? E saberão os gregos tratar como deus o comandante da sua liga? A um homem damos um aperto de mão, um abraço. Aos deuses erguem–se templos, oferecem– se sacrifícios e cantam–se hinos. Há uma diferença muito grande entre honrar um homem e venerar um deus. Você é digno das maiores honrarias entre os homens porque foi o mais corajoso, o mais valoroso, o maior de todos. Mas fique satisfeito com isto, eu suplico, contente–se com a homenagem de homens livres e não exija que se prostrem diante de você como escravos!
Alexandre, naquele momento sentado na sala do conselho e prestes a receber as delegações visitantes, baixou a cabeça e os que estavam mais

perto ouviram–no murmurar:
– Vocês não me entendem... não me entendem...
Um dos pajens também escutou–o, Hermolau, o jovem que admirava muito Calístenes e desprezava o rei. Era ele, agora, o chefe dos pajens, pois Cibelinos, que uma vez tinha salvado a vida de Alexandre, nunca se acostumara com a rudeza da vida militar e daquele clima tão áspero: ficara doente durante a campanha contra os citas e acabara morrendo em poucos dias, consumido por uma febre indomável. Hermolau passava quanto mais tempo possível ouvindo os conselhos e os ensinamentos de Calístenes e às vezes até descuidava os seus afazeres.
De qualquer modo, o rei dispensou da "prosternação" aqueles que de alguma forma não ficavam à vontade com aquele tipo de homenagem e não voltou a insistir, mas isto não bastou para trazer de volta a paz entre a sua gente. Muitos tampouco toleravam que ele recebesse a "prosternação" dos asiáticos, para os quais era um gesto natural e devido, e às escondidas continuavam a tachá–lo de tirano presumido, ofuscado pelo poder e pela excessiva boa sorte.
Infelizmente a insatisfação não se limitou aos muxoxos e aos resmungos. Tornou–se mais uma vez conspiração para matá–lo. E desta vez foram justamente os
rapazes mais jovens, aqueles destinados aos cuidados mais íntimos da sua pessoa: os pajens que deviam velar o sono do rei.
Este drama tão terrível e doloroso tomou forma depois que o exército voltou a Bactra, numa ocasião que devia ser só diversão e alegria, durante uma caçada ao javali. Hermolau, como chefe dos seus companheiros, cavalgava perto do rei quando de repente, perseguido por Péritas e pelos outros cães, um javali surgiu da mata e veio à carga.
Alexandre desviou o cavalo com um pinote e empunhou o dardo para acertá–lo, mas Hermolau, levado pelo entusiasmo e no afã de conseguir a vitória, acertou–o primeiro e matou o animal desrespeitando a prioridade do rei.
Era uma falta extremamente grave, um sinal de arrogância e de total desprezo pela tradição e pelo protocolo da corte. Em casos como este, somente o rei podia infligir castigos corporais a um pajem ou ordenar que outro o fizesse, e Alexandre valeu–se desta prerrogativa: mandou prender e chicotear o rapaz.
Era uma punição bastante dura, mas considerada normal pêlos

costumes macedônios. Quando crianças, todos haviam sido punidos daquele jeito: Leonato ainda tinha as marcas nas costas, mas Heféstion e Lisímaco também haviam sofrido o mesmo castigo pelas mãos de Leônidas ou do mestre de armas, a mando de Filipe que não suportava a sua indisciplina. No entender de quem escrevera aquelas regras, a punição também era um exercício para suportar a dor, uma maneira de acostumar a alma e o corpo à obediência e a toda espécie de adversidades. Em Esparta, a fustigação dos garotos era praticada sem a menor finalidade punitiva, apenas como educação ao valor e ao sacrifício, como exercício de resistência.

Hermolau, no entanto, considerou–se vítima de uma feroz humilhação e de uma injustiça totalmente sem motivo, e a partir daquele dia guardou em si um profundo rancor pelo rei, até chegar a conceber a idéia de matá–lo. Seria fácil acertá–lo enquanto dormia, mas não podia fazer tudo sozinho. Precisava de alguém que facilitasse sua fuga, Inflamado pelos ideais de liberdade que Calístenes inculcara nele, não percebia que não era um cidadão ateniense com a obrigação de defender a liberdade da própria cidade contra um tirano, mas sim um pajem macedônio a serviço do seu rei em uma terra remota, cercado por toda espécie de perigos. E tampouco percebia que Calístenes também comia na mão de Alexandre, que dependia da generosidade do rei para obter a sua comida, as roupas e os cobertores que o aqueciam nas noites frias do planalto.

Com a inconsciência típica dos garotos, Hermolau confessou suas intenções a um amigo chamado Epimênio e este falou com um companheiro no qual confiava cegamente, um tal
de Caricles, que por sua vez comentou a coisa com o irmão de Epimênio, Eurílоco que, apavorado, tentou dissuadi–los de qualquer maneira.

– Ficaram loucos? – disse certo dia em que estavam todos juntos na tenda. – Não podem fazer uma coisa dessas.

– Claro que podemos – replicou Hermolau. – E ao fazê–la, livraremos o mundo de uma fera selvagem, de um tirano asqueroso.

Eurílоco sacudiu a cabeça.

– Foi tudo culpa sua. Sabe muito bem que o primeiro golpe deve ser do rei.

– Estava praticamente caído, como poderia atirar?

– Bobão, Alexandre nunca cai. E, de qualquer maneira, o que tenciona fazer? Acha que é fácil matar um rei.
– Acho. Não se lembra de como morreu Filipe, que era muito melhor do que este aqui? E
o assassino nunca foi descoberto.
– Mas aqui só estamos nós, cercados pelos bárbaros e pelo deserto. Virão logo nos procurar. E, para sua informação já circulam boatos a respeito de você e de Calístenes que se tornam suspeitos. Alguém ouviu–lhe perguntar o que era preciso fazer para tornar– se o homem mais famoso do mundo e ele teria respondido: "Matar o homem mais poderoso do mundo". Está com sorte pois estas palavras ainda não chegaram aos ouvidos do rei, mas não pode desafiar impunemente o destino por muito tempo. – Virou–se para Epimênio: – Quanto a você, assunto encerrado; sou o seu irmão mais velho e ordeno que esqueça estes infelizes. E a vocês também, se tem alguma coisa na cabeça, aconselho esquecer tudo e deixar para lá. Portem–se de forma respeitosa e talvez, pouco a pouco e dentro de algum tempo, toda esta boataria poderá cair no esquecimento. Hermolau deu de ombros.
– Sou dono do meu nariz e faço o que bem quiser. Se não quer me ajudar, tanto faz, tenho muitos outros amigos. Vai ser tão fácil quanto cuspir no chão.
E cuspiu. Aí deu as costas e foi embora.
Os jovens conspiradores esperaram até Alexandre e os seus saírem em campo aberto numa operação contra um grupo de revoltosos para que a sua morte parecesse a ação de algum inimigo que se infiltrara no acampamento e então escolheram o dia e a hora. Quando o rei ia saindo do palácio de Bactra, Roxana deu–lhe um abraço apertado.
– Não vá!
– O seu grego está melhorando depressa – replicou Alexandre. – Quando o dominar, também lhe ensinarei o dialeto macedônio.
– Não vá! – repetiu Roxana aflita.
Alexandre deu–lhe um beijo.
– E por que não deveria ir?
A jovem fitou–o fixamente, com os olhos cheios de lágrimas, e disse:
– Dois dias. Vejo... escuro.
O rei meneou a cabeça como para afugentar algum pensamento importuno, aí os ordenanças afivelaram a sua armadura e

acompanharam–no até o pátio onde os seus cavaleiros esperavam por ele.
Passaram–se dois dias e Alexandre, preocupado com aquela espécie de presságio, mandou chamar Aristandro.
– O que acha que pode significar?
– Neste país as mulheres praticam a adivinhação e a magia, têm a capacidade de pressentir uma ameaça no ar. E além do mais Roxana o ama.
– O que me aconselha fazer?
– Fique acordado esta noite. Leia, tome um trago, mas não o bastante para perder a lucidez. Precisa ficar alerta.
– Farei isto – respondeu Alexandre, e esperou a chegada das trevas.



CAPÍTULO 50

Ptolomeu viu a luz acesa na tenda de Alexandre e entrou, cumprimentado pelos dois pajens que naquela noite estavam de plantão.

– Ainda acordado? – perguntou. – O que houve? Já começou o segundo turno da guarda.

– Estava sem sono e decidi ler alguma coisa. Ptolomeu deu uma olhadela:

– A Índia de Ctésias. Já não está vendo a hora, não é verdade?

– Isso mesmo. E depois de conquistarmos a Índia teremos praticamente toda a Ásia em nossas mãos. Voltaremos para casa e começaremos a mudar o mundo, Ptolomeu.

– Acha mesmo que o mundo pode ser mudado? Que um plano desses pode ser realizado?

Alexandre levantou os olhos do papiro desenrolado diante dele.

– Sim, eu acho. Já não se lembra daquela tarde no santuário de Dioniso em Mésia?

– Lembro, sim. Éramos uns garotos cheios de entusiasmo, de sonhos, esperanças...

– Aqueles garotos conquistaram o maior império da terra, dois terços do mundo, fundaram dezenas de cidades com cultura e instituições gregas no meio da Ásia. Acha que não tem um sentido, um escopo?

– Gostaria de poder acreditar que sim. Seja como for, sempre poderá contar com a minha

amizade, a minha fidelidade. Nunca o abandonarei, pode ter certeza disto. Quanto ao resto, há horas em que eu mesmo não sei o que pensar.

Naquele momento entrou Hermolau. Péritas rosnou e Ptolomeu virou–se para ele:

– Está de plantão, meu rapaz?

– Sim, hegemon – respondeu o pajem.

– E por que estava aí fora, então?

– O rei estava acordado e não queria incomodá–lo.

– Não está incomodando – disse Alexandre. – Pode ficar, se quiser.
O rapaz sentou–se em um canto da tenda. Ptolomeu olhou para ele, depois para
Alexandre, percebia uma situação estranha, uma atmosfera de impalpável. tensão e de energia reprimida.
– É o rapaz que mandei punir no outro dia, depois da caçada.
– Ficou magoado? – perguntou Ptolomeu ao pajem reparando em sua expressão amuada.
– Não faça isto. Nem sabe quantas surras eu levei na sua idade. O rei Filipe deu–me pessoalmente uns bons pontapés na bunda, e também mandou chicotear–me uma vez que aleijei um cavalo dele. Mas eu não guardava mágoa, pois era um grande homem e fazia. aquilo para o meu próprio bem.
– Os tempos mudaram – comentou Alexandre. – Estes rapazes não são como a gente. São... diferentes. Ou talvez sejamos nós, que estamos envelhecendo. Já estou com trinta anos, dá para acreditar?
– Quanto a isto, faz um bom tempo que eu passei dos trinta. Muito bem, vou continuar com a minha ronda. Posso levar o cão para me fazer companhia? – Péritas abanou o rabo.
– À vontade. É bom que se mexa um pouco, está engordando.
– Então estou indo. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.
Alexandre acenou com a cabeça e voltou a mergulhar na leitura, tomando de vez em quando um gole de uma taça em cima da mesa.
Hermolau estava sentado diante dele, em silêncio, contraindo o queixo, de olhos voltados para o chão. Vez por outra o rei levantava a cabeça e o observava com um olhar estranho, perplexo. Em certa altura perguntou–lhe:
– Você me odeia não é verdade? Odeia–me porque ordenei que lhe chicoteassem.
– Não é verdade, senhor. Eu...
Mas percebia–se que estava mentindo e isto convenceu o rei da maldade daquele rapaz, pois não tinha coragem de manifestar o seu ódio e tampouco de renunciar a ele.
– Deixe para lá. Não importa.
E foi assim que a noite passou: uma noite fria, inútil, vazia. O turno de vigia já estava chegando ao fim. Dentro em breve começaria a clarear. Hermolau atormentava–se na dúvida e continuava de olhos fixos no rei

que de vez em quando inclinava a cabeça como se estivesse a ponto de adormecer.
Euríloco também ficara de pé a noite inteira pois percebera que todos os três pajens de plantão eram conspiradores e desconfiava que haviam decidido agir, ainda mais porque o comandante Ptolomeu costumava levar Péritas consigo quando era a sua vez de fazer a ronda dos postos de guarda. Aí, vendo que a luz permanecera o tempo todo acesa no pavilhão real e que o rei ficara acordado sem deitar–se apesar de não haver perigo iminente de incursões inimigas, teve a certeza absoluta de que algo terrível estava a ponto de acontecer, talvez Alexandre estivesse a par de tudo, talvez soubesse que Hermolau e os outros iriam tentar alguma coisa antes do sol raiar. Decidiu que só falando poderia salvar aqueles infelizes. Viu Ptolomeu que voltava da sua ronda e aproximou–se dele:
– Hegemon...
– O que foi, meu rapaz?
– Preciso... falar com o senhor.
– Estou ouvindo.
– Aqui não.
– Na minha tenda, então. – Levou–o consigo e mandou que entrasse.
– Então? Qual é o motivo desse segredo todo?
– Escuta, hegemon – começou Euríloco. – O meu irmão Epimênio, Hermolau e alguns outros rapazes têm... como posso explicar. umas idéias um tanto estranhas... Como sabe, Hermolau, o meu irmão e mais alguns companheiros freqüentam Calístenes e o sujeito encheu a cabeça deles com um monte de bobagens sobre democracia e ditadura e então...
– Então? – perguntou Ptolomeu franzindo as sobrancelhas.
– São apenas uns meninos, hegemon – prosseguiu Euríloco já não conseguindo conter as lágrimas. – Desta vez talvez tenham desistido, talvez o rei tenha desconfiado de alguma coisa... Sei lá... Mas decidi falar com o senhor, assim poderá dar um susto neles para que nunca mais tentem alguma coisa. A culpa é toda de Calístenes, entende? Eles nunca pensariam numa coisa dessas.
Ainda que o rei tenha mandado chicotear Hermolau devido àquele javali, não creio que chegariam ao ponto de... Mas, afinal, nunca se sabe...
– Oh, grande Zeus! – exclamou Ptolomeu. E logo gritou: – Péritas,

corra, corra de volta
para Alexandre!
O cão disparou e precipitou–se na tenda do rei bem quando ele estava a ponto de cair no sono em cima da mesa e Hermolau levava lentamente a mão ao cinto embaixo da túnica. Péritas; derrubou–o afundando os dentes na mão que segurava o punhal.
Ptolomeu irrompeu logo a seguir e quase não conseguiu agarrar o cão pela coleira antes que decepasse a mão do garoto. Alexandre, despertado tão abruptamente pela confusão, levantou–se de um pulo e empunhou a espada.
– Queriam matá–lo – disse Ptolomeu, ofegante, enquanto desarmava Hermolau. O rapaz debatia–se e gritava:
– Maldito, tirano, monstro sanguinário! Tem as mãos sujas de sangue! Matou Parmênio e Filotas, é um assassino!
Os outros dois de plantão tentaram afastar–se, mas Ptolomeu chamou a plenos pulmões o corneteiro, mandou tocar o sinal de atentado para os "escudeiros" e os pajens foram logo detidos e imobilizados enquanto procuravam fugir. Eurílocо acudiu chorando e suplicando:
– Não lhes faça mal, hegemon! Não lhes faça mal. Nunca mais vão tentar coisa alguma, eu juro. Entregue–os a mim, eu mesmo cuidarei do castigo, vou enchê–los de pancadas, mas não lhes faça mal, eu lhe imploro!
Lívido de cólera, Alexandre saiu enquanto Hermolau continuava a vomitar toda espécie de ultrajes e ofensas contra ele, em voz alta, no meio do acampamento apinhado de soldados que vinham correndo de todos os lados.
– O que merecem estes homens, rei? – perguntou Ptolomeu com a fórmula de praxe.
– Que sejam julgados pelo exército – respondeu Alexandre. E retirou–se para a sua tenda. Os juízes militares reuniram–se imediatamente e os pajens foram submetidos ao processo durante todo o dia e toda a noite seguinte, acareados, induzidos a cair em contradição, surrados e chicoteados até confessarem.
Nenhum deles, nem mesmo torturado, citou o nome de Calístenes, mas Eurílocо, que havia sido poupado por ter salvado a vida do rei, continuava a afirmar que aqueles rapazes nunca teriam concebido um plano desses se não tivessem sido estragados pelas idéias de Calístenes.

E continuou a implorar até o fim que fossem poupados. Em vão. Eumênio, que assistira ao processo assim como à execução, foi à tenda de Calístenes e encontrou–o trêmulo, pálido como um cadáver, torcendo as mãos angustiado.
– Alguém mencionou o seu nome – disse–lhe.
Calístenes deixou–se cair num assento com um longo estertor.
– Então é o fim, não é verdade? Eumênio não respondeu.
– É o fim para mim, não é isto? – gritou mais alto.
– Os seus fantasmas assumiram uma forma, Calístenes, na forma daqueles rapazes que agora jazem sob um montão de pedras. Um homem como você...
Não sabia que as palavras podem matar mais do que a espada?
– Serei torturado? Não vou resistir, não vou resistir. Me forçarão a dizer o que bem quiserem! – berrou entre soluços.
Eumênio baixou a cabeça, confuso.
– Sinto muito. Só queria avisá–lo que dentro em breve estarão aqui. Não dispõe de muito tempo. – E saiu sob a chuva incessante.
Calístenes olhou em volta desesperado, à cata de uma arma, de uma lâmina, mas só havia rolos de papiro, por toda parte, as suas obras, a sua História da expedição de Alexandre. Aí lembrou–se de repente de uma coisa que deveria ter destruído havia muito tempo e que, não sabia por quê, guardara consigo. Foi até um baú, remexeu nele, ofegante de medo e de angústia, e finalmente segurou com as mãos uma caixa de ferro. Abriu–a, continha um rolo e, envolvida num pano, uma ampola de vidro com um pó branco. O papel dizia:
Ninguém sabe controlar o contágio das doenças. Mas este fármaco provoca os mesmos sintomas.
Um décimo de lepton dá febre alta, vômito e diarréia por dois ou três dias.
Depois há uma melhora e parece que o paciente está em convalescença.
No quarto dia a febre volta a subir e logo em seguida sobrevêm a morte.
Calístenes queimou a nota e depois tomou de uma só vez o conteúdo.
Quando os guardas chegaram encontraram–no esparramado entre os rolos da sua
História com os olhos arregalados e fixos, cheios de terror.

CAPÍTULO 51

A costa da Fócida era claramente visível, destacando–se na névoa do entardecer, e as nuvens do céu e as ondas do mar incendiavam–se nas cores do sol poente. O barco navegava empurrado pelo vento que soprava um tanto enviesado do golfo de Egina. Aristóteles aproximou–se da Proa para observar as manobras para atracar no porto e logo mais desceu para o pequeno cais de Itéia onde havia um vaivém.
de marujos, estivadores e vendedores de objetos sacros.
– Quer uma ovelha para oferecê–la ao deus? – perguntou um mercador.
– Aqui custam muito menos do que em Delfos. Olhe só este carneirinho, apenas quatro óbolos. Que tal uns pombos, então?
– Preciso de um burro – respondeu o filósofo.
– Um burro? – rebateu pasmo o vendedor. – está brincando, quem iria oferecer um burro ao...
– Não tenciono imolá–lo. O que eu quero é montá–lo.
– Ali, sim, entendo. Então venha comigo, tenho um amigo aqui por perto, que tem uns animais mansos e tranqüilos. – O mercador, com efeito, percebia estar diante de um homem letrado, um estudioso que na certa nada sabia de equitação.
Combinaram o valor para alugar um burrico durante três dias e, após pagar um adiantamento a ser descontado do preço final, Aristóteles partiu sozinho para o santuário de Apolo. Já era tarde e a maioria das pessoas preferia passar pelo prateado bosque de oliveiras na luz da manhã, e não na escuridão que transformava os troncos seculares em formas retorcidas e ameaçadoras. O passo tranqüilo da cavalgadura conciliava–lhe a meditação e o último calor do sol que se punha no mar aquecia os seus membros um tanto frios devido à travessia vespertina e ao vento que já devia ter acariciado a primeira neve no monte Citéron.
Pensava nos longos anos durante os quais nunca parara de investigar a morte do rei
Filipe, de perseguir uma verdade enganosa e fugidia.
Já fazia bastante tempo que as notícias recebidas da Ásia não o entusiasmavam, Alexandre parecia ter esquecido os seus ensinamentos,

pelo menos naquilo que dizia respeito à política. Tinha colocado os bárbaros no mesmo plano dos gregos, vestia–se como um déspota persa, exigia a “prosternação" e respaldava as lorotas sobre a sua origem divina que a mãe Olympias tão sabiamente soubera espalhar.
Coitado do rei Filipe! Mas tinha de ser assim mesmo, de todos os grandes homens sempre se dissera que eram bastardos de um deus ou de uma deusa:
Hércules, Castor e Pólux, Aquiles, Teseu... Com Alexandre não podia ser diferente. Compreensível, até previsível, aliás. Apesar de tudo, no entanto, sentia a sua falta, teria feito qualquer coisa para poder revê–lo, para falar com ele. Será que havia mudado? Continuaria a inclinar a cabeça sobre o ombro direito, daquele jeito só dele, quando dizia ou ouvia alguma coisa que tocava fundo na alma?
E Calístenes? Muito bom com a pena, sem dúvida, ainda que um tanto acrítico, mas carente de bom senso: sabe lá como estava se saindo naquelas situações extremas, naqueles lugares inacessíveis, entre aqueles povos hirsutos e nas intrigas daquela corte itinerante, instável e por isto mesmo ainda mais perigosa. Já não recebia notícias dele havia muitos meses, mas certamente era difícil para os correios atravessaremos regiões tão extensas, desertos e planaltos, rios caudalosos, cordilheiras de montanhas...
O filósofo cutucou o burrico com os calcanhares pois queria chegar ao topo antes que ficasse escuro. Pois é, o assassino... Uma mente diabólica, sem dúvida, se até então conseguira caçoar dele e de qualquer um. A primeira pista levava à rainha Olympias, mas resultava improvável: não havia motivo para a mulher de Filipe recorrer a um gesto tão teatral quanto coroar o cadáver do matador. Havia muitos amigos do rei que poderiam vingar–se dela, ainda mais porque era estrangeira, sendo, portanto, a sua situação duplamente fraca e suscetível de retaliações.
Tinha então trabalhado com a hipótese de um crime passional, uma história de sexo entre homens na qual Pausânias, o matador, se vingava em Filipe de uma afronta que lhe fora imposta pelo último e mais recente sogro deste, Átalo, o pai da jovem Eurídice. Mas Átalo estava morto, os mortos não falam.
O barulho regular dos cascos do burro no cascalho da estrada acompanhava as reflexões do filósofo, quase marcava o ritmo tranqüilo

dos seus pensamentos. Voltou à sua memória a conversa com a noiva de Pausânias, sobre um túmulo, numa noite gelada de inverno. E lá estava a terceira hipótese: logo que a última jovem esposa de Filipe parira um menino, o pai dela, Átalo, avô da criança e sogro do rei, concebera um plano audacioso, o de matar Filipe e proclamar–se regente em nome do neto que iria reinar quando chegasse à maioridade. O plano teria bastante probabilidade de sucesso, pois a mãe do menino era de puro sangue macedônio, ao contrário de Olympias que era estrangeira. E teria uma conclusão perfeita com a morte de Pausânias, única testemunha do complô. Mesmo assim, contudo, tratava–se de uma hipótese não demonstrável, uma vez que, após o assassinato de Filipe, Átalo não fizera tentativa alguma para assumir o poder, não marchara sobre Pela com o exército que comandava na Ásia. Talvez por medo de Parmênio? Ou de Alexandre?

E de qualquer forma, como explicar as palavras da noiva de Pausânias?

Ela, que certamente devia estar bem informada, parecia acreditar que o amado havia sido estuprado numa orgia pelos monteiros de Átalo, coisa absolutamente sem sentido se o homem era o seu sicário. Procurara novamente a jovem, mas disseram–lhe que estava desaparecida havia algum tempo e que ninguém tinha mais notícias dela.

Sobrava uma última pista, a que levava ao santuário de Delfos, o santuário que proferira um vaticínio ambíguo mas verdadeiro sobre a morte iminente de Filipe. E não longe dali vivia, sob disfarce, o homem que havia matado Pausânias, a única testemunha que poderia levar de volta ao mandante.

O filósofo virou–se para trás: a derradeira luz do ocaso tingia de violeta o espelho de água do golfo, fechado entre dois promontórios, e lá em cima, à esquerda, o grande templo

dórico de Apolo já se iluminava na reverberação dos trípodes e das lamparinas. Um canto extremamente suave podia ser ouvido no límpido silêncio do anoitecer.

Deus do arco de prata, Febo resplandecente, que a luz levas agora às terras de Elísio,

e às Ilhas Beatas perdidas no Oceano de abismais remoinhos. volta, volta o divino! Trazes–nos de novo o teu alvor amanhã, o teu luminoso sorriso, depois da noite escura, mãe de pesadelos, filha do Caos...

Chegara. Prendeu o burrico a uma argola perto da fonte e encaminhou–

se a pé ao longo da via sacra, passando entre os pequenos templos votivos dos atenienses, dos tebanos, dos espartanos. Todos eles estavam cheios de troféus de vitórias sobre o sangue fraterno, de gregos que haviam matado outros gregos, e olhando para eles parecia–lhe quase ouvir o que Alexandre diria se ali estivesse naquele momento. Os últimos peregrinos já iam embora e o guardião estava para fechar as portas do santuário deserto. Rogou que esperasse.
– Vim de muito longe e amanhã, antes da alvorada, terei de partir. Eu te peço, conceda– me um momento, deixa que dirija ao deus uma oração, um pedido urgente, pois sou vítima de um terrível sortilégio, de uma maldição que me persegue impiedosa. – E entregou–lhe uma moeda.
O homem guardou–a na bolsa dizendo:
– Está bem, mas não demore. – E começou a limpar os degraus do pódio com a vassoura. Aristóteles entrou e esgueirou–se logo na penumbra da nave lateral da esquerda, avançando com pequenos passos e observando os inúmeros objetos de devoção pendurados na parede. Era guiado por uma intuição, a sombra de uma lembrança de muitos anos antes quando, ainda menino, visitara o templo segurando a mão do pai Nicômaco. Um objeto votivo chamara a sua atenção.
Aquela lembrança, junto com a suspeita, levavam–no agora de volta àqueles muros sagrados.
Chegou até o fim da nave e passou para o outro lado, sob o olhar de madrepérola do deus sentado no trono. Prosseguiu a sua inspeção descendo ao longo da outra nave e observando atentamente. Mas nada conseguia distinguir que confirmasse aquela imagem quase apagada, aquela lembrança remota.
Estava escuro demais. Pegou então uma lamparina que pendia de uma coluna, encostou– a na parede e o seu rosto iluminou–se numa expressão de vitória: não estava enganado! Diante dele, já quase invisível e esmaecida pelo tempo, ainda se podia vislumbrar a marca de um objeto que ali ficara pendurado durante muitos anos...
Olhou em volta para certificar–se de que não havia vivalma, aí levantou a lamparina com uma mão e com a outra tirou do alforje a adaga celta que naquele dia de sangue matara o rei Filipe em Aigai. Encostou–a lentamente, quase com medo, na marca na parede: coincidia perfeitamente!
Ainda havia os dois pregos aos quais se ajustavam as curvas em forma de

antenas de borboleta da empunhadura da arma e Aristóteles pendurou–a em seu devido lugar.
– Então, já acabou as suas orações? – chamou–o a voz do guardião lá de fora. – Eu preciso fechar.
– Já estou indo – respondeu o filósofo, e saiu rapidamente, agradecendo.
Passou a noite embaixo do pórtico, envolvido no seu manto como todos os outros peregrinos, mas não dormiu quase nada. Seria então possível que o santuário mais venerado do mundo grego fosse o responsável pela morte do rei Filipe? Talvez aquela sombra na parede não passasse de mera coincidência, talvez quisesse a qualquer custo encontrar uma solução para o enigma que desafiara por longos anos a sua inteligência. Mesmo assim, no entanto, esta hipótese era a única para a qual existia uma prova objetiva: a espada que matara o rei vinha do templo! E, afinal de contas, até que se tratava de uma hipótese plausível: podia a mais alta autoridade de todo o helenismo ecumênico sujeitar–se para sempre à vontade de um só homem? E não era a manifestação de uma inteligência divina matar um grande rei na hora em que quase todos podiam parecer culpados do seu assassinato?
Os atenienses que viam nele o opressor e o usurpador da sua primazia, os sobreviventes tebanos que o odiavam ferozmente pelo massacre de Queronéia, os persas, que receavam a sua invasão da Ásia, a rainha Olympias que o odiava por tê–la humilhado ao preferir a jovem Eurídice, o príncipe Amintas que Filipe privara da legítima sucessão. Até Alexandre era suspeito, pensando bem. Todos.
E portanto ninguém.
Sublime. E o motivo era um daqueles que justificam qualquer crime: o poder sobre a mente dos homens, muito mais forte e importante do que qualquer outro poder no mundo, semelhante, como nenhum outro, ao poder dos deuses.
E podia haver uma confirmação decisiva; o homem que matara Pausânias e que, pelo que conseguira averiguar, vivia agora do cultivo de terras que pertenciam ao santuário. Levantou–se quando ainda estava escuro, colocou a albarda no burro e seguiu adiante. Percorreu mais ou menos dez estádios ao longo da trilha que ia para o mar, e então desviou por um caminho que se afastava para a direita atravessando um pequeno planalto cheio de videiras.
Pois é, a casa devia ser aquela ali, logo em frente, além do vinhedo uma

casinha baixa protegida por telhas de terracota, com um alpendre, apoiado em, estacas de oliveira na frente e na sombra de um carvalho secular.
Entrou na eira onde alguns porcos fuçavam a terra à cata das bolotas espalhadas aos pés do carvalho e gritou:
– Ô de casa! Tem alguém aí?
Não teve resposta. Desmontou do burrico e bateu à porta que se abriu deixando entrar um raio de luz no cômodo escuro. Era ele. E estava pendurado em uma corda presa às vigas do teto.
Aristóteles recuou espantado, voltou a montar e forçou o animal para trotear para afastar– se o mais depressa possível.
Voltou a Atenas sem mais demora e durante alguns dias não quis receber ninguém. Destruiu as suas anotações e as cópias das cartas enviadas ao sobrinho sobre o assunto, só deixando no calhamaço das investigações notas vagas e genéricas que de nada adiantariam.
Começou então a escrever as suas conclusões: "A causa do crime deve ser provavelmente procurada numa sórdida história de relações sexuais entre homens...
Lá pelo fim do mês um mensageiro bateu à sua porta e entregou–lhe um volumoso embrulho. Aristóteles abriu–o e viu que continha alguns objetos pessoais de Calístenes e todas as cartas que ele lhe enviara. À parte, também havia um rolo com o selo de Ptolomeu, filho de Lago, guarda pessoal de Alexandre, comandante de destacamento do exército macedônio. Abriu–o com mãos trêmulas e leu:
Ptolomeu a Aristóteles, salve!
No quarto dia do mês de Elafebólion do terceiro ano da centésima décima terceira olimpíada, o teu sobrinho Calístenes, historiador oficial da expedição de Alexandre, foi encontrado morto na sua tenda e Filipe, o médico do rei, constatou que o passamento acontecera devido à ingestão de um poderoso veneno. Um grupo de jovens pajens conspirara para matar o rei e, apesar de nenhum dos acusados ter mencionado o nome de Calístenes durante o processo, mesmo assim havia quem lhe atribuísse uma espécie de responsabilidade moral por esse projeto criminoso. Parecia estranho, de fato, que rapazes tão jovens chegassem a tentar matar o seu rei sem a inspiração de alguém mais velho. Há bons motivos para acreditarmos que seu sobrinho procurou prevenir com o suicídio uma pena talvez mais dolorosa.

O rei não teve ânimo para escrever–te uma vez que se sente tomado por sentimentos variados e contrastantes, e decidi fazê–lo no lugar dele.
Sei que esta notícia lhe chegará com imenso atraso pois na hora em que comecei a escrever–lhe o exército já se movimentava através de um território extremamente acidentado para empreender a invasão da Índia. Também quis enviar–lhe a cópia da História da expedição de Alexandre que o próprio Calístenes mandara preparar pelo seu escrivão para que possas lê–la. Infelizmente, o lastimável fato da sua morte deixa a obra inacabada.
De qualquer forma, decidi relatar as notícias daquilo que aconteceu até agora e comunicar–lhe os episódios marcantes da expedição indiana no caso de achar por bem dar continuidade à obra do seu sobrinho conforme lhe parecer mais oportuno.
Gostaria também de contar–te uma história que, talvez, venha despertar o seu interesse. Vive há muito tempo aqui no acampamento um homem de Élis chamado Pirro. Começou a sua carreira como pintor pobre e desconhecido e decidiu acompanhar a expedição na tentativa de juntar algum dinheiro. Durante estes anos, no entanto, encontrou os magos da Pérsia e atualmente os sábios da Índia, depois de ter freqüentado por um bom tempo o próprio Calístenes. O homem está agora elaborando todas estas experiências dentro de um novo pensamento que, pelo que posso entender, poderá espalhar–se e ser merecedor de grande fama.
Espero que a minha carta o encontre vigoroso e saudável. Cuide–se.



CAPÍTULO 52

Só lá pelo fim do mês, quando começou a esfriar Aristóteles entregou–se à leitura do relato de Ptolomeu, uma exposição, resumida mas eficaz que poderia perfeitamente servir de base para continuação da obra de Calístenes.

O exército deu início à travessia do Paropâmiso, ou Cáucaso indiano como alguns preferem chamá–lo, enfrentando grandes dificuldades. No desfiladeiro mais alto o frio era tão intenso que certa noite algumas sentinelas foram encontradas mortas, ainda apoiadas nas árvores em seus postos de guarda, de olhos fixos e com a barba e os bigodes incrustados de gelo.

Alexandre distinguiu–se mais uma vez pela sua profunda humanidade. Ao ver um veterano que tiritava de frio e já estava perto da exaustão, mandou buscar o seu trono feito de madeira, e queimou–o para que o homem pudesse se aquecer.

Depois de nove dias de marcha chegamos à cidade de Nisa, que os moradores afirmavam ter sido visitada por Dioniso em suas peregrinações à Índia.

Segundo eles, a prova disto era a presença de um monte Meros, que em grego significa
"coxa", devido ao fato de Dioniso ter nascido de uma coxa de Zeus.

Também diziam que aquele era o único lugar na índia onde cresce a hera, planta sagrada para o deus. Todos coroaram–se com hera e celebraram grandes festas e orgias, bebendo, dançando e gritando: "Euoé!".

O exército foi então dividido em dois destacamentos. Um deles, confiado a Heféstion e Perdicas, desceu do planalto pelo vale de um riacho até chegar à confluência com o Indo onde construiu uma ponte. O outro, do qual eu mesmo participava com o rei e os demais companheiros, subiu o Indo para conquistar as cidades que se encontravam naqueles vales, Massaga, Bazira e Ora, que só foram vencidas após repetidos assaltos. A maior delas era Aornos, com mais de vinte milhas de circunferência, a uma altitude de oito mil pés, defendida

a toda volta por uma profunda garganta de íngremes paredões.
O rei mandou construir um terrapleno e uma rampa, e certa noite eu tomei posição num posto avançado de onde podia ameaçar um dos poucos pontos fracos da cidade. Os indianos defenderam–se com grande valor, mas finalmente os aríetes conseguiram abrir uma brecha e o exército irrompeu lá dentro.
Juntamos as nossas duas unidades e tomamos a cidade com um ataque simultâneo. Alexandre ofereceu–se para alistar os indianos no seu exército como mercenários, mas eles preferiram fugir antes de lutar contra os seus irmãos.
Nessa cidade capturamos um bom número de elefantes que Alexandre aprecia muitíssimo. São animais extraordinários, gigantescos, com grandes presas que lhes saem da boca. Podem carregar nas costas torres com guerreiros armados e são guiados por homens que sentam no seu pescoço e os cutucam com os calcanhares. Se na batalha estes homens morrerem, os elefantes ficam perdidos e já não sabem para onde ir.
Os indianos são altos, são os mais escuros de pele entre todos os homens menos os etíopes e são muito valorosos em combate. Depois da conquista, o rei deixou uma guarnição em Aornos e um governador indiano que antes estava com Besso mas que passara para o nosso lado. Na sua língua, o nome dele é Sashagupta, mas os gregos chamam–no de Sisicotos. Em Aornos conseguimos como despojos duzentos e cinqüenta mil entre bois e touros, dos quais escolhemos os mais fortes e bonitos para serem enviados à Macedônia para trabalhar nos campos e melhorar as nossas raças.
Alexandre mandou então construir barcaças e dois navios de vinte e cinco remos e começamos a descer o Indo, que é um rio imenso e, pelo que me disseram, quase todo navegável. Chegamos assim ao local onde Perdicas e Heféstion haviam construído a ponte, nos arredores de uma cidade chamada Táxila que nos recebeu amigavelmente. Táxiles, o seu rei indiano, ofereceu a Alexandre vinte e cinco elefantes e trezentos talentos de prata. Quanto a ouro, vi muito pouco até agora. E a respeito das lendas segundo as quais haveria por aqui formigas gigantes que cavam das montanhas o ouro que depois é guardado por grifos alados, não encontrei prova alguma digna de confiança e creio que tudo não passe de histórias sem fundamento.
Dali avançamos até as margens do rio Hidaspes, o primeiro dos

afluentes do Indo, largo e caudaloso devido às fortes chuvas que haviam caído nas montanhas. Do outro lado havia um rei indiano chamado Poros com um exército numeroso: trinta mil infantes, quatro mil cavaleiros, trezentos carros de guerra e duzentos elefantes.
Para nós era impossível passar pois Poros acompanhava os nossos movimentos e impedia a travessia. Alexandre decidiu então movimentar continuamente as tropas, até de noite, fazendo balbúrdia para que o inimigo não entendesse mais nada. Poros, de fato, montou o acampamento e decidiu esperar por nós ali. Deixamos Cratero com um bom número de soldados diante dele e seguimos Alexandre que subia o rio com a cavalaria dos éteros os arqueiros a cavalo, os agrianos e a infantaria pesada. Enquanto isto estourara uma tempestade com relâmpagos e trovões, o que fez com que os indianos evitassem movimentar–se ao longo do Hidaspes.
A travessia foi extremamente difícil, e só foi possível devido à presença de uma ilha no meio do rio. Os homens atravessavam com a água que lhes chegava aos ombros e os cavalos só ficavam mesmo com o pescoço para fora. Embora tivesse prometido a si mesmo que nunca mais levaria Bucéfalo à batalha depois de Gaugamela, Alexandre decidiu montá–lo mais uma vez porque somente a sua massa poderosa lhe permitiria atropelar os cavaleiros inimigos que tinham cavalos velozes mas bem menores.
Ao alvorecer Poros soube que tropas macedônias haviam atravessado o rio e mandou contra nós o filho com uns mil cavaleiros. Acabamos com eles no primeiro choque e o jovem príncipe foi morto. Poros percebeu então que o próprio Alexandre havia atravessado o Hidaspes naquela noite tempestuosa e veio enfrentá–lo com a sua força total.
Alinhou na frente os carros de combate, depois os elefantes e logo atrás a infantaria de linha, a cavalaria ficou nos flancos. Ele mesmo, que tinha uma altura descomunal, montava um elefante imenso e, logo que a batalha começou, chefiou o ataque aos berros incitando o animal.
Os primeiros a se envolverem na luta foram os carros, mas o terreno encharcado atrapalhava o seu avanço e foi fácil para os nossos arqueiros a cavalo alcançá–los e abater os aurigas. Depois de ultrapassar a linha dos carros, Alexandre lançou ao ataque a cavalaria pelos flancos, empenhando–se num feroz corpo–a–corpo com os cavaleiros
indianos que lutavam com grande valor.

Enquanto isto Poros mandou avançar os elefantes contra o nosso centro e aqueles animais enormes fizeram uma chacina ao atropelarem as fileiras compactas da falange. Perdicas e Heféstion ordenaram então que a formação se abrisse para deixar passar os elefantes enquanto, ao mesmo tempo, Lisímaco começou a alvejá–los com as catapultas que, já conseguira montar após a travessia do rio.
Também mandamos ao ataque contra aqueles monstros os arqueiros a cavalo e os arremessadores de dardos que procuraram feri–los de qualquer maneira.
Os arqueiros a pé atiravam então em seus tratadores que foram caindo um depois do outro. Loucos de dor e de medo, os elefantes começaram a debandar e a correr para todos os lados, até mesmo contra as suas próprias tropas, sem distinguir entre amigos e inimigos.
Nesta altura, com os elefantes já fora de combate, Perdicas, cerrou novamente as fileiras da falange e mandou–a ao ataque, lançando altos brados de combate para incitar os seus homens e lutando ele mesmo na primeira linha.
Do outro lado, Poros continuava a avançar lutando com incrível energia. O seu elefante seguia em frente, esmagando todos aqueles que estavam no seu caminho, e tinha as patas sujas de sangue e de entranhas até os joelhos, enquanto Poros, fechado numa impenetrável armadura, desfechava dúzias de dardos com a força de uma catapulta.
A batalha continuou furiosa por oito horas seguidas, sem descanso, até que Alexandre, que comandava a Ponta na ala esquerda, e Coinos, que comandava a ala direita, conseguiram debandar a cavalaria inimiga e convergir para o centro. Os indianos, completamente cercados, renderam–se e o próprio Poros, ferido no ombro direito, a única parte do seu corpo desprotegida, começou a fraquejar.
Foi comovente ver como o elefante percebeu que o dono estava em apuros: refreou a velocidade até parar, ajoelhou–se para permitir que Poros se deixasse escorregar lentamente ao chão e aí, quando o viu deitado, tentou tirar o dardo da sua ferida. Os tratadores levaram–no embora e então o rei indiano pôde ser entregue aos cuidados dos nossos cirurgiões.
Logo que ficou em condições de manter–se de pé, Alexandre quis vê–lo e ficou impressionado com a sua gigantesca altura: Poros media mais de sete pés e a sua reluzente armadura de aço aderia ao seu corpo como

uma segunda pele.
Enviara primeiro como intérprete o rei Táxiles, seu aliado, mas Poros tentara matá–lo considerando–o um traidor. Então foi pessoalmente com outro intérprete e cumprimentou– o com respeito elogiando o seu valor e lastimando a perda dos seus dois filhos, ambos
caídos em combate. Afinal perguntou–lhe: "Como deseja ser tratado?". E ele respondeu: "Como um rei."
E como tal foi tratado: Alexandre entregou–lhe o governo de todos os territórios até então conquistados e instalou–o de volta no seu palácio.
Mas a alegria daquela vitória tão difícil e sofrida, enfrentada, digamos assim, contra um inimigo quase sobre–humano e contra monstros de assustadora força física com os quais até então os macedônios nunca haviam entrado em contato, foi fúnestada por um fato que nos deixou na mais profunda consternação.
Bucéfalo, ferido durante a luta e aleijado no choque com um elefante, depois de quatro dias de agonia morreu.
O rei chorou como se tivesse morrido um amigo íntimo e ficou com ele até o fim. Eu estava presente e pude vê–lo enquanto o acariciava–o suavemente falando–lhe baixinho, lembrando–lhe todas as aventuras que haviam vivido juntos, e Bucéfalo relinchava fracamente como se quisesse responder. Vi as lágrimas escorrendo no rosto do rei e soluços sacudindo–lhe o peito quando o cavalo faleceu.
Mandou construir para ele um túmulo de pedra e fundou uma cidade em sua homenagem, chamando–a de Alexandria Bucéfala, uma honra que nenhum cavalo jamais tivera, nem mesmo os mais famosos vencedores das corridas de Olímpia. Naquele túmulo, no entanto, Alexandre também sepultou um pedaço do seu coração e o período, mais feliz da sua perdida juventude.
Para comemorar a vitória, perto do campo de batalha onde derrotara Poros fundou mais uma cidade com o nome de Alexandria Nicéia, celebrou jogos e ofereceu sacrifícios aos deuses. Dali seguimos adiante para o leste, encorajados por Poros que nos ofereceu cinco mil dos seus soldados e alcançamos o Acesine, o segundo afluente do Indo, um rio de correntezas rápidas e traiçoeiras, cheio de pedras entre as quais as águas fervilham espumosas.
Muitos dos nossos barcos arrebentaram–se naquelas rochas e afundaram com os homens que tinham a bordo, mas em seguida

encontramos um local mais largo e mais tranqüilo onde conseguimos passar.
Conquistamos setenta cidades das quais cerca da metade tinha mais de cinco mil habitantes e finalmente paramos sob as muralhas de Sângala, às margens do rio Hidraotes.
Não sei o que vai acontecer agora, se conseguiremos tomar esta cidade, se também atravessaremos este rio. E depois do rio um deserto, e mais uma floresta impenetrável, e então mais reinos que contam com centenas de milhares de guerreiros. A nossa lida está
ficando insustentável. Nas florestas rastejam serpentes de tamanho assombroso, verdadeiros monstros, uma delas, morta por Leonato com um golpe de machado, media dezesseis cúbitos.
Aristóteles suspirou. Dezesseis cúbitos! Levantou–se para medir este tamanho com passadas e teve de sair pela porta pois a sala em que estava não era comprida o bastante. Sentou–se de novo e retomou à leitura.
As terras cultivadas são muito férteis, mas a floresta parece cercá–las Por todos os lados e, de certa forma, quase ameaçá–las. Há um grande número de macacos por toda parte, de todos os tamanhos, e são engraçados pois costumam imitar tudo aquilo que vêem fazer. Alguns deles são impressionantes devido à expressão quase humana do olhar, como você mesmo pode constatar.
Ao lado daquelas palavras Ptolomeu mandara desenhar um daqueles macacos, provavelmente por um artista, levando–se em conta a grande habilidade da execução, e o olhar do animal impressionou profundamente o filósofo deixando nele uma sensação perturbadora.
Há também árvores descomunais que os indianos chamam banyan.
Chegam a ter setenta cúbitos de altura e são tão grandes que cinqüenta homens não conseguem abraçá–las. Uma vez vi mais de quinhentos homens se abrigando do sol à sombra de um destes gigantes.
Há cobras de todos os tipos. Algumas têm a aparência de uma barra de bronze, outras têm uma cor escura, dilatam o pescoço numa espécie de crista com duas manchas circulares. Se alguém for picado, morre quase imediatamente entre dores terríveis, coberto de suor sangrento.
No começo, quando topávamos com elas, ficávamos acordados a noite inteira com medo de sermos picados, mas depois aprendemos a acender fogueiras em volta do acampamento e a usar certas ervas que os indígenas usam como antídoto ao veneno.

De qualquer maneira, são mais perigosas do que o tigre que freqüenta estas florestas impenetráveis porque, como dizem, contra ele é possível defenderse com uma boa espada ou com uma lança. O tigre é maior do que o leão, com uma pele de cores magníficas, estriada de ocre e negro, e o seu rugido faz estremecer o ar noturno até bem longe. Eu nunca vi um vivo, mas já vi uma pele e é por isto que posso descrevê–lo.
Agora tenho de parar, as chuvas torrenciais tornam impossível escrever: a umidade apodrece qualquer coisa, Os homens. adoecem, ou acabam sendo abocanhados pelos crocodilos que aqui pululam pois os rios transbordam e suas águas invadem os campos por milhares e mais milhares de estádios. Eu mesmo não sei quando poderei voltar a
viver como um homem e não como um animal.
Só ele parece desconhecer o cansaço, o desânimo ou qualquer tipo de medo. Sempre avança à frente de todos, abre caminho cortando com a espada as plantas que impedem a passagem, ajuda quem cai, exorta quem fraqueja. E tem nos olhos uma luz ardente, como quando o vi sair, há muito tempo, do santuário de Amon no deserto da Líbia.
O relato de Ptolomeu parava ali e Aristóteles recolheu o rolo e guardou–o numa prateleira. Pensou em Calístenes e os seus olhos ficaram úmidos. A sua aventura chegara miseramente, a termo numa região nos confins do mundo e talvez o medo o tivesse matado antes mesmo que o veneno. Sentiu pena dele, sabendo quanto as suas idéias eram muito maiores do que o seu ânimo e a sua coragem.
Teria gostado de assisti–lo no momento supremo, de ler para ele as últimas palavras de Sócrates: "Chegou a hora de partir, eu para a morte, vós para a vida....” mas talvez ele nem as ouvisse, tomado de angústia e terror.
Aristóteles apagou a lamparina e, enquanto se deitava suspirando no quarto vazio, no raio diáfano da lua de outono, ficou imaginando se Alexandre sentira alguma compaixão.



CAPÍTULO 53

Heféstion chegou à tenda do rei correndo sob a chuva incessante e levantando respingos de lama. Os guardas deixaram–no passar e ele aproximou–se do braseiro aceso que espalhava mais fumaça do que calor. Alexandre foi recebê–lo e Leptine ofereceu–lhe um manto seco.

– Sângala rendeu–se – anunciou. – Eumênio está preparando a lista dos mortos e feridos.

– Muitos?

– Muitos, infelizmente. Mais de mil... entre mil e mil e quinhentos. Vários oficiais. Lisímaco também foi ferido, mas parece não ser coisa grave.

– E eles?

– Dezessete mil mortos. Uma chacina. Opuseram uma resistência ferrenha.

E temos uma enorme quantidade de prisioneiros. Também nos apossamos de trezentos carros de guerra e de setenta elefantes.

Entrou Eumênio, ele também encharcado de chuva.

– Eis a conta final: temos quinhentos mortos, dos quais cento e cinqüenta macedônios e gregos, e mil e duzentos feridos. Lisímaco tem um ferimento feio no ombro, mas nada de perigoso, por enquanto. Tem mais alguma ordem para mim?

– Sim – respondeu Alexandre. – Amanhã partirá e visitará as outras duas cidades que existem entre este lugar e o Hifásis. Levará com você alguns prisioneiros que poderão

contar o que aconteceu em Sângala. Se reconhecerem a minha autoridade, não haverá mais mortes nem chacinas. Nós chegaremos depois com o exército.

Eumênio anuiu e saiu na chuva com o capuz do manto na cabeça enquanto um clarão ofuscante iluminava todo o acampamento e o trovão explodia quase em cima da tenda do rei.

– Vou cuidar da transferência dos prisioneiros – disse Heféstion. – Se puder, voltarei à noitinha para fazer o meu relatório.

Aproximou–se da paliçada que cercava o acampamento mantendo o escudo em cima da cabeça e viu que os prisioneiros estavam passando entre duas fileiras de pezéteros imóveis sob a chuva torrencial, guiados por dois oficiais a cavalo que os levavam para um amplo recinto junto da porta ocidental, onde haviam sido preparadas tendas suficientes para abrigar pouco mais da metade deles.
Providenciou para que as mulheres e as crianças tivessem uma acomodação e aí juntou de qualquer forma os homens que se apinharam acotovelando–se e com os pés na lama. Dirigiu o olhar para o céu obscurecido por grandes nuvens negras carregadas de chuva e depois para o horizonte onde pulsavam sem parar ofuscantes clarões. Que raio de país era aquele? E o que iriam encontrar do outro lado do rio que Alexandre queria atravessar?
Naquele momento faiscou um relâmpago entre os nimbos que cavalgavam no céu, tão ofuscante que iluminou toda a cidade e a região, e apareceu uma figura espectral: um homem sozinho, seminu, esquelético, que avançava através das portas abertas do acampamento.
Heféstion aproximou–se dele desnorteado e gritou para sobrepujar o estrondo dos trovões:
– Quem é você? O que quer?
O homem respondeu alguma coisa incompreensível e não parou, continuou andando entre as tendas até ficar ao abrigo de um enorme banyan. Ficou então sentado sobre os calcanhares, cruzou as mãos entre as pernas com as palmas viradas para cima e unindo o indicador e o polegar da direita ficou imóvel como uma estátua sob aquele dilúvio.
Não muito longe dali Aristandro estava em pé sob o telheiro do pequeno templo de madeira que mandara construir como proteção para o acampamento e ia imolar uma ovelha aos deuses pedindo–lhes que fizessem parar a chuva. De repente sentiu uma dolorosa fisgada na nuca e ouviu uma voz que o chamava com clareza.
Virou–se de chofre e viu o homem que avançava com passo lento mas firme através do acampamento. Só ele podia tê–lo chamado, e ficou profundamente abalado. Saiu
mantendo o manto em cima da cabeça e dirigiu–se por sua vez ao banyan. Heféstion viu que tentava se comunicar com o indiano imóvel e seminu, para em seguida também sentar no chão ao abrigo de uma cavidade da árvore.

Meneou a cabeça e, sempre sob a proteção do escudo, alcançou a sua tenda onde enxugou–se o melhor que pôde e vestiu roupas secas.
Choveu sem parar a noite inteira, com trovões assustadores e relâmpagos que faiscavam por perto incendiando árvores e choupanas. Na manhã seguinte o sol despontou, e quando o rei saiu da sua tenda encontrou Aristandro que esperava por ele.
– O que há de novo, vidente?
– Olhe. É ele. – E apontou para o homem esquelético e seminu sentado em baixo do banyan.
– Ele quem?
– O homem dos meus pesadelos.
– Tem certeza?
– Reconheci–o imediatamente. Está sentado ali, imóvel, desde a tarde de ontem. Ficou naquela posição a noite inteira, como uma estátua, enfrentando a fúria da tempestade sem tremer, sem pestanejar.
– Quem é?
– Perguntei aos outros indianos. Ninguém sabe. Ninguém o conhece.
– Tem algum nome
– Não sei, mas creio que seja um samana, um dos filósofos e homens sábios daqui.
– Leve–me até ele.
Encaminharam–se afundando na lama espessa que cobria todo o acampamento até ficarem diante do misterioso visitante. Alexandre lembrou–se imediatamente de Diógenes, o filósofo nu que havia encontrado deitado ao lado do seu jarrão numa morna tarde de outono, e sentiu um nó de emoção apertar–lhe a garganta.
– Quem é você? – perguntou.
O homem abriu Os olhos e fitou–o com chamejante intensidade, mas continuou calado.
– Está com fome? Gostaria de ficar na minha tenda? – Virou–se para Aristandro: – Rápido, mande chamar um intérprete.
O homem indicou uma minúscula tigela diante dele e o intérprete explicou que aqueles homens santos, ascetas que buscavam a imperturbabilidade eterna, viviam de esmolas e que um punhado do trigo Palustre seria suficiente, nada mais.
– Mas não prefere vir à minha tenda, enxugar–se, aquecer–se e comer de verdade?

– Não é possível – disse o intérprete. – Interromperia o seu caminho rumo à perfeição, à
dissolução no todo, à única paz possível, à única libertação da dor.
'Panta rei", pensou Alexandre. "As idéias de Demócrito... tudo se dissolve e tudo se reconstitui de outra forma. Até a mente... o naufrágio," como única esperança" – Dê–lhe a sua comida – ordenou – e diga–lhe que falarei com ele com prazer quando quiser.
O intérprete respondeu:
– Diz que falará contigo logo que aprender a sua língua.
Alexandre fez uma mesura e voltou à sua tenda enquanto os corneteiros davam o toque de reunir. Estava na hora de partir para o Hifásis, o último dos afluentes, o último obstáculo antes da índia profunda e misteriosa, antes do Ganges e da fabulosa Pataliputra, e das margens extremas do Oceano.
O exército retomou a sua marcha através de um cerrado que foi se tornando um bosque à medida que se aproximavam do rio. No segundo dia começou a chover a cântaros, e continuou a chover no terceiro e no quarto, entre clarões, relâmpagos e trovões ensurdecedores. Os guias explicaram que aquela era a estação das chuvas e que durava mais ou menos setenta dias. Quando chegaram às margens do Hifásis, caudaloso e turvo, o rei convocou o conselho de guerra na sua tenda. Também estavam presentes o almirante Nearcos, o vicealmirante Onesicrito, que havia se distinguido com honra nas mais recentes operações de travessia fluvial e na descida pelo Indo de Aornos até Táxila, Heféstion, Perdicas, Cratero, Leonato, Seleuco, Ptolomeu e Lisímaco. Agora que desaparecera a velha guarda de Filipe, os rapazes de Mésia eram os comandantes supremos de todas as grandes unidades de combate do exército.
Também estava presente um rei indiano aliado, chamado Fagaias que conhecia muito bem o território do outro lado do Hifásis.
Alexandre começou.
– Meus amigos, já chegamos onde nenhum outro grego jamais esteve até agora, mais longe do que os lugares que o próprio Dioniso visitou na sua peregrinação. E isto graças ao seu soberbo valor, à sua determinação excepcional, ao seu heroísmo e ao dos nossos soldados. Só nos falta dar o último grande passo. Depois de superar o derradeiro afluente do Indo, não haverá mais obstáculos entre nós e o Ganges, e as margens extremas

do Oceano. Então, nós teremos levado a cabo a mais grandiosa aventura realizada em toda a história dos homens e dos deuses. Teremos transformado em realidade o maior sonho que já foi concebido. Agora o nosso almirante Nearcos irá falar do seu plano para atravessarmos o Indo, e em seguida cada comandante das unidades de combate poderá expor o seu ponto de vista quanto à tabela de marcha que deveremos manter.

Um trovão estourou naquele momento acima da tenda, tão perto que os objetos na mesa

tremeram. Seguiram–se intermináveis momentos de silêncio que o barulho da chuva pareceu tornar ainda mais oprimentes. Ptolomeu trocou um rápido olhar com Seleuco e foi o primeiro a falar:

– Escute, Alexandre, nós viemos até aqui contigo e estamos dispostos a continuar ao seu lado, a marchar na lama, nos pântanos, entre cobras e crocodilos, estamos prontos a superar mais desertos e mais montanhas, mas os seus soldados não. – Alexandre olhou para ele cheio de pasmo, como se não acreditasse no que ouvira. – Os seus homens esgotaram as suas energias e já não agüentam mais.

– Não é verdade! – exclamou Alexandre. – Derrotaram Poros e conquistaram dúzias de cidades.

– E por isto mesmo estão exaustos, extenuados. Não está vendo? Olhe só, Alexandre, repare neles quando avançam sob a chuva incessante, com a lama até os joelhos, as barbas híspidas, os olhos avermelhados pela falta de sono. Já contou quantos deles morreram para realizar o seu sonho? Já contou, Alexandre?

Mortos por causa de ferimentos, chagas não curadas, gangrena, veneno de cobras, mordidas de crocodilos, febres pestilentas, disenteria. Enfraquecidos e macilentos, arrastaram–se até aqui, mas estão com medo; não dos inimigos, dos seus carros de guerra, dos elefantes, não! Estão com medo desta natureza assustadora e estranha, deste céu perenemente sacudido por trovões e rasgado por relâmpagos, dos monstros que rastejam nas florestas e nos pântanos, têm medo até do firmamento noturno quando vêem descer e quase mergulhar sob o horizonte as constelações que desde crianças lhes foram familiares. Olhe para eles, Alexandre, não são mais os mesmos. As suas roupas estão rasgadas e são forçados a vestir farrapos ou então os trajes dos bárbaros que subjugaram, os seus cavalos gastaram os cascos nas marchas sem

fim e deixam um rasto sangrento no chão.
– Eu enfrentei o que eles enfrentaram, sofri o frio com eles, a sede e a fome, a chuva e as feridas! – gritou o rei abrindo a veste no peito e mostrando as cicatrizes.
– É verdade, mas eles não são Alexandre, não têm a sua energia, a sua força vital. São apenas homens. E estão esgotados, exaustos, extenuados. Já não sabem nada das suas famílias, há anos lembram com saudade as mulheres e os filhos que já deixaram há muito tempo. Pense naqueles que forçou a ficar nas guarnições, punindo às vezes por deserção aqueles que já não queriam continuar.
É mais uma coisa da qual têm medo: receiam a chegada de um arauto que os mande ficar para sempre em um presídio em algum posto avançado no fim do mundo, que os mande esquecer para sempre a família e a pátria. Leve–os de volta, Alexandre, em nome
dos deuses, leve–os para casa.
Ptolomeu calou–se baixando a cabeça e todos os demais companheiros também ficaram mudos. Um relâmpago atingiu o solo com pavoroso estrondo e o trovão rumorejou longamente como o rufar de um longínquo tambor.
Alexandre esperou que se esvaecesse.
– Seja claro, Ptolomeu! – exclamou. – É uma insubordinação? O meu exército revolta–se contra mim? E os meus oficiais, os meus amigos mais íntimos, compactuam com isto?
– Como pode dizer uma coisa dessas? Como pode acusar–nos e aos seus soldados de um crime desses? – desabafou Heféstion. E ouvindo a voz do seu mais querido amigo Alexandre estremeceu. – Ninguém quer te desobedecer, ninguém quer te forçar contra a sua própria vontade. Ptolomeu está certo. Se quiser ir em frente, nós iremos. Iremos contigo, nós, amigos seus, que juramos nunca te deixar, por motivo algum, mas os seus soldados têm o direito de voltar para casa, de voltar à vida. Já pagaram o bastante, deram tudo aquilo que tinham para dar. Estão vazios, acabados. Imploraram–nos que o convencêssemos e é o que estamos fazendo. Só isto. Pense no assunto. Mande o teu arauto dizer o que deseja que façamos, e nós faremos.
Saíram um depois do outro sob a fúria dos elementos.
O rei trancou–se na sua tenda durante dois dias sem ver ninguém, sem comer, amaldiçoando o destino que lhe impedia chegar à meta quando

ela já estava ao seu alcance. Nem mesmo Roxana, a esposa adorada que a qualquer custo quisera acompanhá–lo e partilhar com ele os riscos e as privações, conseguia consolá–lo.
– Por que não quer ouvir os seus amigos? – dizia–lhe no seu grego ainda inseguro. – Por que não quer ouvir aqueles que te querem bem e que nunca te deixaram sozinho durante estes anos todos? Por que não tem dó dos seus soldados?
Alexandre não respondia: fitava–a com olhos febris, cheios de desespero.
– Será então tão importante para você conquistar mais terras além daquelas que já possui? Acredita realmente que irá encontrar a felicidade apossando–te de mais territórios, de mais cidades, de mais riquezas? Oh, Alexandre, diga–me o que deseja do outro lado daquele rio, eu te peço. Diga à tua Roxana que te ama.
O rei soltou um longo suspiro:
– Estava com cinco anos quando fugi pela primeira vez da casa dos meus pais, queria alcançar as montanhas dos deuses. Desde então sempre tive o desejo de saber o que existe além da alvorada e do pôr–do–sol, além das cordilheiras e além das planícies, além da luz e das trevas, do bem e do mal, além de tudo.
Roxana sacudiu a cabeça: não conseguia entender. Aquelas palavras eram difíceis
demais para ela, mas entendia o seu olhar e percebia a angústia.
– Então vamos – disse. – você e eu. Vamos ver o mundo que existe além daquele rio.
– Não – respondeu Alexandre. – Esse não é o meu destino, não é isto que os oráculos disseram. Não posso me separar do meu exército, desistir da glória, Roxana... Eu quero chegar o mais perto possível dos deuses, quero ir além dos limites do tempo, superar todos aqueles que me antecederam. Não quero mergulhar no esquecimento quando for chamado a andar pelo reino de Hades.
A esposa fitou–o meio perdida: aquela conversa era difícil demais para ela entender, mas sentiu que havia dentro dele unia força que nada poderia dobrar, um desejo que nada poderia satisfazer. Era como um menino que corre atrás do arco–íris, como uma águia que voa para o sol. Afagou–o e beijou–o ternamente na testa, nos olhos, na boca e disse na sua língua:
– Fique comigo, Alexandre, nunca me deixe. Não saberia viver sem você.

Não o deixou mais, nem por um momento. Ficava sentada em um canto, em silêncio, à espera de um olhar ou de uma palavra, espiando cada movimento, cada suspiro que lhe saía da boca. Mas o rei parecia petrificado, fechado no seu mundo impenetrável sonhos e dos seus pesadelos.

Aí, ao entardecer do terceiro dia, enquanto estava sentado no escuro da sua tenda, deu– se repentinamente conta de uma presença e levantou o olhar: o sábio indiano estava diante dele, fitando–o com os seus olhos escuros e profundos. Percebeu que ninguém o tinha visto, que os guardas não o tinham detido e que nem mesmo Péritas sentia a sua presença, estava enroscado num canto, dormitando.

O homem nada disse, somente indicou com a mão o acampamento, mas do seu gesto emanava uma força formidável à qual não era possível resistir. Então o rei saiu e ficou atônito. Os seus soldados estavam de pé, aos milhares, no espaço em volta da tenda, e olhavam para ele, os olhos vermelhos, os cabelos desgrenhados que chegavam aos ombros, as roupas esfarrapadas, os olhares tristes e aflitos mas firmes, à espera de uma resposta, e Alexandre, finalmente, viu e entendeu. Sentiu–se oprimido por todo aquele sofrimento e falou. Gritou em voz alta:

– Disseram–me que já não querem seguir em frente. É verdade? Ninguém respondeu. Só um surdo resmungo percorreu as fileiras.

– Sei que não é verdade. Sei que são os melhores soldados do mundo e que nunca se levantariam contra o seu rei! A minha decisão era prosseguir, levá-los adiante, mas antes quis conhecer a vontade dos deuses e mandei imolar umas vítimas. Infelizmente os auspícios foram repetidamente contrários. E ninguém pode desafiar a determinação dos deuses. Preparem–se, portanto, homens!

Preparem–se porque chegou a hora de aproveitarem aquilo que mereceram e conquistaram. Vamos voltar. Vamos voltar para casa!

Não houve ovações nem aclamações, somente uma profunda e intensa comoção. Muitos choravam em silêncio e as lágrimas escorriam devagar sobre aquelas barbas híspidas sobre aqueles rostos marcados por oito anos de batalhas, de vigílias, de assaltos, de gelo e calor, de neve e de chuva. Choravam porque o seu rei não estava zangado com eles, ainda os amava, como filhos, e levava–os de volta para casa. Um veterano adiantou–se aos demais até ficar na frente de Alexandre. E disse:

– Obrigado, rei, por só se deixar vencer pelos seus soldados. Obrigado...

Queremos que saiba que qualquer coisa que aconteça, qualquer coisa que o destino reserve para nós, jamais o esqueceremos.
Alexandre abraçou–o e aí mandou que todos voltassem às próprias tendas para se aprontarem para partir. Enquanto isto, as nuvens rareavam e a luz do sol poente se espalhava incendiando o grande rio, tingindo de vermelho o perfil longínquo do Paropâmiso, os seus cumes soberbos, pilastras do céu. O rei dirigiu o olhar para a outra margem, para a desmedida planície que se alastrava do outro lado, até o horizonte, e chorou como nunca havia chorado na sua vida. Nunca iria ver a correnteza majestosa do Ganges nem passearia às margens dos lagos dourados, entre os iridescentes pavões de Palimbothra. Chorou pelo olho azul como o céu, chorou pelo olho negro como a noite.



CAPÍTULO 54

O mau tempo concedeu um descanso de alguns dias, como se o céu quisesse mostrar a sua aprovação pela decisão de Alexandre, e o rei dividiu o exército em doze grupos para que cada um erguesse ao longo do Hifásis doze altares de pedra, gigantescos, da altura de torres, em honra aos doze deuses do Olimpo. Ofereceu então um sacrifício diante de todo o exercido perfilado e rogou aos deuses que não concedessem a mais ninguém a ventura de ir além daquele marco. Aí, no dia seguinte, retomou o caminho para o Indo. Alcançou Sângala e as cidades que tinha recentemente fundado: Alexandria Bucéfala e Alexandria Nicéia.

Nesta última, o comandante Coinos, que tinha lutado heroicamente em Gaugamela e depois com Cratero na campanha contra Espitâmenes na Bactriana, adoeceu e morreu. Alexandre dedicou–lhe uma fastuosa cerimônia fúnebre e ergueu para ele um imponente túmulo como eterna lembrança do seu heroísmo e valor.

Deixou com Poros a autoridade sobre toda a índia conquistada; sete nações e duas mil

cidades, com a obrigação de fornecer um tributo e contingentes de tropas ao sátrapa macedônio instalado em Alexandria Nicéia.

Dali continuou a sua marcha rumo ao Hidaspes até chegar a sua confluência com o Acesine. Os príncipes indianos vinham espontaneamente prestar–lhe homenagem sujeitando–se à sua autoridade, mas disseram–lhe que mais para o sul, ao longo do Indo, ainda havia vários povos muito valentes e orgulhosos da sua independência. Foi alcançado por um contingente de vinte mil soldados alistados na Macedônia e na Grécia: traziam uma carga de armaduras, roupas novas de estilo grego e oitenta talentos de remédio além de ataduras, instrumentos cirúrgicos, talas para imobilizar membros fraturados e outras coisas que, na verdade, teriam sido muito mais úteis se tivessem chegado antes.

Junto com os reforços e os suprimentos também recebeu uma carta de Estatira e, na mesma hora, a lembrança dela voltou de repente à sua

memória e arrependeu–se de ter descuidado dela a ponto de quase esquecê–la.
Estatira a Alexandre, esposo suavíssimo, salve!
Passei dias muito tristes após a perda do nosso filho e, não muito tempo depois, soube que encontrou um novo amor, a filha de um chefe montanhês da Sogdiana, que me contam ser de grande beleza e que a proclamou sua rainha e mãe do futuro rei. Estaria mentindo se dissesse que não senti desgosto e decepção, além de umas fisgadas de ciúme. Não pelo poder ou pelas honras, mas sim somente porque ela desfruta o teu amor, porque dorme ao seu lado e pode ouvir a sua respiração e cheirar o perfume da sua pele à noite. Oh, se pelo menos tivesse conseguido gerar um filho! Agora o apertaria e poderia reconhecer no seu rosto o seu semblante. Mas cada ser humano tem o seu destino marcado na hora em que vem ao mundo: para mim, os deuses decretaram que perderia em pouco tempo o pai e o filho, assim como o amor do esposo. Não quero te entristecer com as minhas melancolias: só espero que seja feliz e que quando voltar sinta a vontade de rever–me e de ficar algum tempo comigo, mesmo que seja apenas um dia ou uma noite. Desde que o conheci, aprendi que um só momento pode valer quanto uma vida inteira.
Não se exponha inutilmente ao perigo e cuide–se.
Alexandre respondeu–lhe naquele mesmo dia, sob os olhares curiosos de Roxana que ainda estava aprendendo a escrever.
– A quem escreve? – ela perguntou.
– À princesa Estatira com quem me casei antes de te conhecer.
Roxana amuou–se, e então disse num tom que Alexandre nunca ouvira antes:
– Não quero saber o que escreve, mas não a deixe chegar perto de mim, se quiser que ela continue viva.
Já era outono e as chuvas tinham parado, o rei concebera o plano de descer pela correnteza do Indo para ver até onde ele ia chegar. Entre os seus geógrafos, com efeito, havia quem pensasse que aquele rio nada mais fosse do que a parte inicial do Nilo: como o Nilo, tinha crocodilos e nas suas margens viviam homens de pele escura como os etíopes. Sendo assim, a imensa frota poderia navegá–lo até chegar triunfalmente a Alexandria do Egito.
Fascinado com a idéia, o rei convocou Nearcos à beira do curso de água,

num ponto elevado de onde se podia ver desfilar o exército inteiro, mais uma vez esplêndido como quando partira da Macedônia e quatro vezes maior.
– Muitos deles andaram mais de cem mil estádios – disse. – Agora quero que viajem confortáveis finalmente. Quero que me construa uma frota para os homens e os cavalos. Desceremos pelo riacho até o Indo e além dele, e pararemos em qualquer lugar onde haja uma cidade para reafirmar a autoridade que foi de Dario e que agora é nossa.
– E o que fará em seguida? – perguntou Nearcos.
– Mandarei de volta Cratero com metade do exército, através da Aracósia e da Carmânia, enquanto eu irei contigo até onde o rio nos levar. Até Alexandria, se for verdade que é o alto curso do Nilo, ou até o Oceano.
– Faz idéia de quantos barcos serão necessários para levar todos os nossos homens? Alexandre sacudiu a cabeça.
– Pelo menos mil.
– Mil navios?
– É o que calculo.
– Mãos à obra, então – exortou–o Alexandre. – Quanto mais cedo, melhor!
– Finalmente! – exclamou Nearcos– – Acho que sou o único almirante no mundo com calos nos pés.
Enquanto falavam, a atenção do rei foi atraída pela figura esbelta de Roxana que, de cabelos soltos, corria na garupa de um magnífico cavalo branco, na pradaria que ladeava o grande rio.
– Ela é maravilhosa, não é?
– E mesmo – concordou o almirante. – A mais linda mulher que um homem possa imaginar. A única no mundo realmente digna de você.
A jovem viu–o e puxou as rédeas para a esquerda lançando o cavalo a galope morro acima até ficar diante dele. Aproximou–se e, inclinando–se por cima do animal, beijou
Alexandre na boca. Os soldados que marchavam e que haviam reparado naquela manobra gritaram:
– Alajalúi!
E o rei, sem desgrudar–se dos lábios da esposa, levantou o braço para responder alegremente à saudação.
Nearcos mandou um arauto junto às unidades para reunir todos os soldados que vinham de regiões costeiras: gregos do litoral e das ilhas,

fenícios, cipriotas, pônticos. E deu então início à construção dos barcos. Centenas de árvores foram abatidas e reduzidas a tábuas, e então os mestres carpinteiros começaram a encurvar abordagem e a montar os cascos.
O cálculo de Nearcos foi preciso, no fim estavam prontos para o lançamento oitenta navios com trinta remadores cada e mil barcaças de carga, e a frota desceu à água com grande algazarra, entre aplausos e gritos de estímulo.
Era um dia ensolarado e muitos habitantes da região se haviam reunido ao longo do rio para assistir àquele espetáculo imponente. Os homens já não conseguiam esconder o contentamento por deixarem para trás o período mais duro e dramático das suas vidas. Na verdade muito pouco se sabia acerca do que esperava por eles e as únicas notícias sobre os territórios que se dispunham a atravessar vinham dos guias locais, mas nenhum deles tinha um conhecimento que fosse além de três ou quatro dias de marcha ou de navegação.
Nearcos assumiu o comando do navio maior, que funcionava como capitânia e no qual estavam embarcados o rei e a rainha, e deu o sinal de partida.
Os remos desceram na água e o barco deixou–se levar pela correnteza acompanhado logo a seguir pelos demais. Quando toda a frota começou a desfilar pelo rio o espetáculo tomou–se ainda mais impressionante devido ao fervilhar das ondas no impacto com as proas e com os remos, aos milhares de bandeiras e estandartes que esvoaçavam ao vento, ao reluzir dos escudos e das armaduras.
No barco do rei também haviam sido admitidos, entre outros filósofos e sábios, Pirro de Élis, nesta altura já merecedor de grande consideração, Aristandro e o velho homem santo indiano que aparecera misteriosamente no acampamento de Sângala. Estava sentado na proa, de pernas cruzadas e braços apoiados nos joelhos e olhava fixamente diante de si, imóvel como uma carranca.
– O que descobriu sobre ele? – o rei perguntou a Aristandro.
– O seu nome é Kalan, que soa Kalanos em grego: é um grande sábio entre o seu povo e é provido de poderes excepcionais que lhe advêm do longo exercício da meditação.
– Estas pessoas – interveio Pirro – acreditam que as almas daqueles que não agiram com justiça passam, depois da morte, de um corpo para

outro até serem completamente purificadas pela dor e pelo sofrimento como metal numa fornalha. Só então, podem dissolver–se numa espécie de paz eterna que chamam de nirvana.
– Isto me lembra o pensamento de Pitágoras e um poema de Píndaro.
– É verdade, e pode ser que essas idéias tenham chegado a Pitágoras justamente da
Índia.
– Como soube disto tudo?
– Ele mesmo contou. Aprendeu o grego em menos de um mês.
– Em menos de um mês? Mas é impossível...
– É possível. Foi o que aconteceu . Eu, contudo não consigo explicar. Mas antes mesmo que ele fosse capaz de falar – continuou Aristandro – já podia de alguma forma comunicar– se comigo. Eu senti o seu pensamento ecoar na minha mente.
Alexandre fixou o olhar na onda que acariciava o flanco do navio para em seguida deixá– lo pairar sobre a ampla extensão do rio, sobre os inúmeros barcos que faziam espumar as águas. Pirro havia–se afastado, estava agora sentado sobre um rolo de corda na popa e escrevia alguma coisa numa tabuleta que mantinha apoiada nos joelhos o para o vidente e perguntou:
– Falou com ele sobre o teu pesadelo?
– Não.
– Continua a tê–lo?
– Nunca mais tive desde que apareceu no acampamento.
– E sabe por que ele veio?
– Para conhecê–lo. E para ajudá–lo. Já fazia algum tempo que ele sabia da chegada de um grande homem do Ocidente, e decidira encontrá–lo.
Alexandre anuiu, aí afastou–se do parapeito na amurada e chegou perto de Kalanos.
– O que está olhando, Kalano? – perguntou.
– Os seus olhos – respondeu o sábio com voz estranha, vibrante como o som de um instrumento de bronze. – Eles são a imagem da linha escura que atravessa a sua alma, um marco entre a luz e as trevas sobre o qual caminha como sobre o fio da navalha. Mas é um exercício difícil, muito doloroso...
O rei replicou surpreso:
– Como pode observar os meus olhos se continua olhando as ondas

diante de você, e como pode falar a minha língua de forma tão perfeita sem que alguém tenha ensinado a você?
– Já via os seus olhos antes mesmo de encontrá–lo. E quanto à língua, só existe uma, rei. Quando o homem consegue remontar às origens da sua alma e da sua natureza, pode entender e fazer–se entender pela humanidade inteira.
– Por que veio a mim?
– Para continuar a minha busca.
– E aonde leva a sua busca?
– À paz.
– Mas eu sempre trago a guerra. É para isto que fui preparado, desde criança.
– Mas também foi preparado para o conhecimento. Vejo a sombra de uma grande sabedoria no fundo dos teus olhos. A paz do mundo é um bem supremo, e nenhum bem supremo pode ser alcançado sem primeiro passarmos pela espada e pelo fogo. Mas isto já aconteceu. Eu quero ajudá–lo a desenvolver em você a sabedoria do grande soberano, daquele que um dia será o pai de todos os povos.
Por isto estou aqui.
– É bem–vindo, Kalane, mas o meu caminho está traçado desde o momento em que pela primeira vez atravessei o mar. Não sei se conseguirá mudar o seu curso.
– Dentro em breve este rio nos levará para a correnteza do grande pai Indo – replicou Kalanos virando os olhos para as ondas velozes. – Se remontar às suas origens, verá um pequeno riacho de água límpida, mas aí, descendo para o vale, encontrará centenas de outros riachos mesclando as suas águas com a dele, mudando o seu curso e a sua cor, verá árvores baixando seus galhos até acariciarem a sua superfície, e peixes de todo tipo, e cobras e crocodilos que aparecem de repente sulcando a sua correnteza, aves construindo seus ninhos nas bordas. O rio que agora vê é tudo isto e será muito mais à medida que se aproximar do Oceano. E então mergulhará na água eterna, no ventre universal que contém todas as terras. Neste momento o grande Indo já não existirá, pois será parte do líquido vital de onde nascem novamente as nuvens e os pássaros, os rios e os lagos, as árvores e as flores...
Nada mais disse e voltou ao seu silêncio impenetrável.
Nearcos aproximou–se naquele momento do rei com uma expressão

preocupada.
– O que foi? – perguntou Alexandre.
– Corredeiras – respondeu.



CAPÍTULO 55

Nearcos indicou o fervilhar ameaçador da água à frente deles, a uns dez estádios dali.
– Precisamos encostar imediatamente – disse – para então explorar aquele trecho antes de
arriscarmos a frota.
Fez hastear sem demora o sinal de alarme e mandou o timoneiro virar para a margem. O
chefe dos remadores gritou:
– Remos de estibordo, para fora!
E os homens do lado direito tiraram os remos da água enquanto os do esquerdo continuavam a remar forçando o navio a uma guinada para a margem.
Ao verem os sinais e a manobra da capitânia, todos os demais barcos imitaram–na e encostaram lançando as âncoras. Mas, enquanto as tripulações estavam ocupadas com as amarras, ouviu–se um grito agudo e milhares de guerreiros lançaram–se ao ataque descendo das colinas que dominavam o rio do lado oriental.
Alexandre mandou tocar as cometas e os "escudeiros" pularam para a água armados com os batedores, correndo rápidos para enfrentar os inimigos já muito próximos.
– Quem são eles? – perguntou o rei.
– Malos – respondeu Nearcos. – Já estamos perto da confluência com o Indo. São guerreiros ferozes, irredutíveis.
– As minhas armas! – ordenou Alexandre. E os ordenanças acudiram trazendo a couraça, as caneleiras, o elmo cristado.
– Não vá, Alexandre! – implorou Roxana agarrando–se a ele.
– Sou o rei. Tenho de ser o primeiro. – Deu–lhe um beijo apressado e berrou para os seus homens: – Atrás de mim! – Logo a seguir segurou o escudo e entrou na água movendo–se rapidamente para a margem.
Enquanto isto, milhares de guerreiros desembarcavam dos outros navios, entre toques de clarim e ordens gritadas em todas as línguas do grande exército.

Logo que Alexandre chegou à margem, acudiram os batalhões da infantaria pesada enquanto, mais para trás, já desembarcavam os cavalos para formar os primeiros esquadrões de cavalaria.
Depois do sucesso do impacto inicial, os inimigos começaram a recuar sob a pressão das unidades macedônias que se fortaleciam e atacavam em formação cerrada. Os malos, ao constatarem que era impossível rechaçá–los, começaram a retirar–se ordenadamente sem no entanto desistir de uma ferrenha resistência. Ao recuarem para as encostas das colinas, entretanto, voltaram a ter uma posição vantajosa e contra atacaram com renovada energia.
A frente ficou por um bom tempo indecisa, conforme a alternância. de predomínio dos malos ou dos macedônios. Lá pelo fim da manhã, no entanto, já haviam desembarcado dos navios bastantes cavalos para formar dois esquadrões completos de cavalaria que
investiram contra os inimigos pelos flancos. Nesta altura Alexandre também montou a cavalo e comandou a carga, mas no mesmo instante apareceu nas colina em frente uma longa fileira de cavaleiros inimigos que se precipitaram contra os esquadrões do rei.
A luta voltou a ficar feroz e assim se manteve até o meio–dia, quando os macedônios levaram vantagem e rechaçaram. os malos além das colinas. Dali Alexandre pôde dominar com o olhar cinco cidades, entre as quais uma sobressaía pelos maciços bastiões de tijolos crus.
Dividiu então as suas tropas em cinco colunas, cada uma das quais foi lançada contra uma cidade. Ficou pessoalmente no comando da quinta, a mais numerosa, levando consigo Perdicas, Ptolomeu e Leonato para atacar a capital.
Mas quando estava a ponto de ordenar o ataque, Leonato gritou:
– Alexandre, olhe! Péritas fugiu do navio. – O molosso estava de fato correndo a toda velocidade morro acima para juntar–se ao dono.
– Por Zeus! – praguejou o rei. – Mandarei chicotear o servente que o deixou fugir caso alguma coisa lhe aconteça. Fora, Péritas, fora! Volte para Roxana, fora!
Por um momento o cão pareceu obedecer, mas logo que Alexandre se afastou a galope com os seus homens, voltou a correr atrás dele. No meio da tarde a coluna do rei já estava no sopé das muralhas e os malos, perseguidos de perto, procuravam abrigo atrás da cerca entrando pelas três portas que ainda estavam abertas para recebê–los.

Levado pela excitação da investida e vendo uma parte das muralhas desmoronada por causa da chuva e da falta de manutenção, Alexandre pulou ao chão e já corria por aquela espécie de rampa para conquistar a cidade logo no primeiro assalto. Chegou ao topo sem perceber que estava sozinho. Quem se deu conta disto, porém, foi Leonato, que saiu correndo atrás dele gritando:
– Pare, Alexandre! Fique aí! Espere! – Mas o rei, no fragor da luta e na balbúrdia de gritos, não ouviu e jogou–se para o outro lado.
Leonato subiu a rampa com os seus homens para socorrê–lo, mas alguns dos inimigos, percebendo o que havia acontecido, precipitaram–se para lá e formaram uma parede humana para permitir que os seus companheiros dentro da cidade tivessem tempo para matar o rei.
Enquanto isto, ao perceber que estava sozinho e cercado, Alexandre recuara de costas até uma grande figueira e se defendia do ataque de um enxame de adversários com a força do desespero. Leonato fazia o vazio à sua frente a golpes de machado, derrubando os inimigos para fora da rampa e gritando:
– Agüente, Alexandre! Agüente, já estamos chegando!
Mas só de pensar que o rei poderia ser dominado a qualquer momento a angústia apertava o seu coração. Ouviu naquele instante um latido atrás dele e lembrou–se do cão. Sem nem se virar gritou então a plenos pulmões:
– Corre, Péritas! Corre! Vai ajudar Alexandre!
O molosso pareceu voar pela rampa acima e chegou no topo quando o amo, acertado em cheio por um dardo, já se encolhia atrás do escudo procurando defender–se com as últimas forças que ainda lhe sobravam. Foi coisa de um instante, Péritas pulou do topo das muralhas e precipitou–se como um raio sobre os inimigos derrubando–os, afundou logo os dentes na mão de um deles esmigalhando–a com o barulho seco de ossos quebrados, degolou um segundo arrancando o seu esôfago, rasgou o ventre de um outro deixando à mostra as suas entranhas.
O magnífico animal se batia como se fosse um leão, rosnando, afundando suas presas sangrentas na carne, faiscando com seus olhos flamejantes de fúria selvagem.
Alexandre aproveitou para recuar de costas enquanto Leonato, que finalmente chegara ao topo da muralha com os seus, investia agora como um possesso, gritando e agitando o machado à sua frente até

chegar ao seu rei.
Virou–se então e ficou de frente para os inimigos que continuavam a atacar: cortou em dois o primeiro que ficou ao alcance, da cabeça até a virilha, e os outros, apavorados com aquela espantosa violência, recuaram.
Em mais alguns instantes, centenas de "escudeiros" e de batedores já enxameavam pela brecha e invadiam a cidade que se encheu de gritos desesperados, de berros selvagens, de clangor de armas que se chocavam na luta furibunda.
Leonato ajoelhou–se ao lado do rei e desafivelou a sua couraça, mas naquele instante
Alexandre virou–se e os seus olhos encheram–se de lágrimas e de desespero:
– Péritas, não! O que fizeram contigo, Péritas!
O MoIosso coberto de sangue e suor arrastava–se penosamente até ele ganindo, com um dardo fincado nas costas.
– Mande buscar Filipe – berrava Leonato. – O rei está ferido, o rei esta ferido!
Péritas conseguiu alcançar a mão do dono e lambeu–a pela última vez, depois prostrou–se sem vida.
– Péritas, não! – gemia Alexandre soluçando, apertando o amigo que caíra para salvar–lhe a vida.
Chegou Perdicas todo manchado de sangue, esgotado.
– Filipe não está. Na confusão, ninguém pensou em chamá–lo.
– O que vamos fazer? – arquejou Leonato com voz alquebrada.
– Não podemos levá–lo assim. Precisamos tirar o ferro. Segure–o, a dor vai ser atroz. Leonato segurou os braços de Alexandre atrás das costas e Perdicas rasgou–lhe o quitão deixando à mostra a ferida; apoiando–se então com uma mão no peito do rei, tentou extrair o ferro com a outra, mas a ponteira do dardo estava cravada entre a clavícula e a espátula e não queria sair.
– Preciso usar a ponta da espada como alavanca – disse. – Grite, Alexandre, grite mais alto, não tenho coisa alguma para aliviar a tua dor.
Desembainhou a espada e fincou–a na ferida. Alexandre berrava agoniado por fisgadas lancinantes. Perdicas procurou a escápula com a ponta, empurrou–a para trás com força enquanto, com a outra mão, puxava a haste do dardo que pulou para fora de repente, soltando uma

grande golfada de sangue. Com um último grito o rei prostrou–se e perdeu os sentidos.
– Rápido, Leonato, busque um tição! Precisamos cauterizá–lo antes que morra sangrando. Leonato saiu correndo e logo depois voltou com um pedaço de viga que pegara numa casa em chamas e fincou–o na ferida. O ar encheu–se do cheiro enjoativo da carne queimada e a hemorragia parou. Enquanto isto, os homens de Perdicas haviam construído uma maca na qual levaram o rei para fora das portas da cidade.
– Levem para casa ele também – disse Leonato indicando, com os olhos vermelhos de pranto e de cansaço, o corpo inerte de Péritas. – O herói desta batalha foi ele.



CAPÍTULO 56

Já era noite quando Alexandre, ardendo de febre e desmaiado, foi reconduzido à margem do rio onde Nearcos montara o acampamento e colocado na cama. Roxana correu ao seu encontro gritando desesperada, depois ajoelhou–se ao seu lado beijando–lhe as mãos entre soluços. Leptine olhava para ele de Soslaio, pálida e apavorada, enquanto aprontava ataduras limpas e botava a água para ferver à espera de Filipe.

O médico chegou quase imediatamente e inclinou–se sobre o ferido. Cortou a rude atadura com que Perdicas e Leonato haviam tentado proteger o ferimento e começou a limpá–lo com a água que Leptine trouxera numa bacia.

Encostou o ouvido no peito de Alexandre e auscultou–o cuidadosamente, enquanto os amigos, que haviam chegado em silêncio um depois do outro, esperavam ansiosos o veredicto.

– Infelizmente não se trata de uma ferida comum – afirmou o médico levantando–se. – A

ponta do dardo Penetrou no pulmão e ouço o gorgolejar a cada aspiração.

– O que significa isto – Perguntou Heféstion.

Filipe sacudiu a cabeça sem conseguir falar.

– O que significa? – gritou de novo Heféstion.

Naquele momento Alexandre emitiu um estertor e a saliva saiu–lhe da boca misturada com sangue, deixando uma grande mancha vermelha no travesseiro.

Ptolomeu aproximou–se do amigo e apoiou uma mão no seu ombro – Significa que Alexandre pode morrer, Heféstion – disse–lhe com um nó na garganta. – Vamos embora, é melhor que o deixemos repousar, agora.

Seleuco, que comandara o ataque contra as outras cidades, entrou apressado junto com

Cratero e Lisímaco e percebeu logo o que havia acontecido. Aproximou–se de Filipe e perguntou–lhe baixinho:

– Podemos ter alguma esperança?
O médico levantou os olhos e naquele olhar Seleuco viu tamanha consternação, uma tão desesperada expressão de impotência que nada mais perguntou e saiu.
A tenda ficou vazia e silenciosa. Ouvia–se apenas o abafado lamento de Roxana que chorava desesperadamente, cobrindo de beijos e de lágrimas a mão inerte do marido. Leptine, que no fundo do coração sempre detestara qualquer pessoa que chegasse a gozar da intimidade de Alexandre, aproximou–se lentamente e apoiou uma mão no seu ombro,
– Não chore, minha rainha – sussurrou. – Por favor, não chore. Ele sabe, entende? Ele percebe. Precisa pensar.. precisa pensar que todos o amam... que todos o amamos, pois o amor é mais forte do que a morte.
Filipe tirou o avental manchado de sangue e afastou–se pedindo–lhe encarecidamente:
– Não o perca de vista um só momento. Vou preparar o necessário para a drenagem da ferida. Se acontecer alguma coisa, me chame imediatamente.
Leptine anuiu e o médico saiu levando consigo uma lamparina. Enquanto atravessava o acampamento viu Perdicas e Ptolomeu que colocavam o corpo de Péritas sobre uma pilha de madeira juntamente com a coleira enfeitada com tachas de prata, era uma pira de um herói. Chegou–se a eles.
– Que dia horrível – Ptolomeu murmurou baixinho. – Logo agora que pensávamos ter deixado para trás a dor e a aflição... – Acariciou o cão deitado sobre um cobertor vermelho. – Vou sentir a sua falta – disse com os olhos cheios de lágrimas. – Ficava sempre comigo quando era a vez da minha ronda.
Cratero chegou naquele momento com um pelotão de pezéteros que se postaram dos dois lados da pira.
– Decidimos que merecia as honras das armas – explicou Leonato. – Era a primeira guarda pessoal do rei.
Aí pegou uma tocha e ateou fogo na pira. Esperou que as chamas se levantassem crepitando e gritou na escuridão:
– Pezéteros, apresentar armas!
Os infantes levantaram as sarissas na saudação enquanto a alma de Péritas voava para longe, no vento, separando–se pela primeira vez, desde que nascera, do amo.

Filipe, com Roxana e Leptine, velou o rei a noite inteira. Só quando já amanhecia, a rainha, esgotada com a longa vigília, cochilou um pouco, mas continuava a gemer na sonolência, atormentada por pensamentos aflitos.
Com os primeiros raios do sol também apareceram Heféstion e Perdicas, e via–se que eles tampouco haviam pregado o olho.
– Como está ele? – perguntaram.
– Conseguiu superar a noite. Só posso dizer isto – respondeu Filipe.
– Se vier a morrer, queimaremos aquelas cidades com todos os seus habitantes, será o sacrifício fúnebre em sua honra – disse Heféstion com expressão sombria.
– Calma – replicou Filipe com voz rouca devido ao cansaço. – Ainda está vivo.
Passaram–se mais dois dias, mas em lugar de melhorar as condições do rei pareciam se precipitar para um funesto epílogo. Apesar da drenagem que Filipe aplicara, o seu peito ficara inchado, a febre continuava muito alta, a respiração incerta e estertorante, a palidez espectral, as olheiras negras e encovadas.
Os companheiros ficavam constantemente fora da tenda para não perturbar a sua agonia, e se revezavam na vigília, só dormindo um pouco quando eram vencidos pela exaustão. O acampamento, que normalmente ressoava com os mais variados barulhos, mergulhara em um silêncio irreal, como se o tempo tivesse parado.
Naquela tarde, enquanto a febre subia ainda mais e a respiração do rei se tomava cada vez mais penosa e sofrida, Filipe levantou–se de repente e saiu.
– Aonde é que ele está indo? – perguntou Leonato.
– Não sei – respondeu Heféstion. – Não sei, já não sei mais nada...
Filipe atravessou o acampamento lançando um rápido olhar para Aristandro que não parava de imolar vítimas e mais vítimas no seu altar que fumegava na noite, e chegou ao local onde surgia o gigantesco banyan. Parou diante da figura esquelética de Kalanos – Acorde – disse–lhe ríspido.
Kalanos abriu os olhos.
– Os nossos deuses e a nossa ciência nada mais podem fazer. Salve Alexandre, se puder. Do contrário, vá embora e nunca mais volte.
Kalanos levantou–se lépido, como se fosse desprovido de peso.

– Onde está? – perguntou.
– Na sua tenda. Venha comigo – respondeu Filipe encaminhando–se.
Kalanos foi atrás e entrou com ele no pavilhão real iluminado por lamparinas.
– Apague–as todas – ordenou com voz firme. – E deixem–nos a sós.
Fizeram o que mandara. Ele sentou–se sobre os calcanhares, atrás da cama de Alexandre, e no escuro fixou os olhos na cabeça do rei, enrijecendo como uma estátua de pedra.
Encontraram–no deste jeito no dia seguinte, e no seguinte também. Ao alvorecer do quarto dia, Felipe entrou para trocar o dreno e abriu em parte a cortina na entrada para deixar entrar um pouco de luz. Enquanto lavava as mãos antes de trocar as ataduras, ouviu uma voz fraquíssima atrás de si que o chamava:
– Filipe...
Virou–se de chofre:
– Meu rei!
A febre baixara, a respiração era regular, o batimento cardíaco fraco, mas contínuo. Auscultou–o, o surdo gorgolejo parara. Chamou Leptine.
– Avise a rainha. Diga–lhe que o rei acordou. E prepare logo uma tigela de caldo, precisamos alimentá–lo, as suas forças estão no fim.
Leptine afastou–se e Filipe logo apareceu à entrada da tenda onde Lisímaco e Heféstion aguardavam.
– Avisem os outros – disse. – O rei acordou.
– Como está? – quis saber Heféstion, ansioso.
– O que é que você acha? – respondeu ríspido o médico. – Como qualquer um que levou um palmo de lâmina entre as costelas.
Voltou para cuidar de Alexandre e só então viu Kalanos, jazia no chão, inerte e frio como um cadáver.
– Oh, grande Zeus! – exclamou. – Grande Zeus!
Mandou os seus assistentes levarem–no à sua tenda e ordenou que o aquecessem de qualquer jeito e que tentassem alimentá–lo, mesmo à força se necessário, e então voltou à cabeceira de Alexandre. Roxana estava ao seu lado e olhava para ele incrédula e Leptine ajudava–o a engolir o caldo da única maneira possível: molhava um pano na tigela e depois o punha entre os seus lábios para ele chupar.
– O que aconteceu? – perguntou Alexandre logo que teve força para falar.

– Tudo, meu rei – respondeu Filipe. – Mas ainda está vivo e espero que assim continue. Não pode imaginar como estou feliz – acrescentou com voz trêmula. – Não pode imaginar..
Mas agora cale–se, não gaste suas forças, está muito fraco. A sua recuperação é um verdadeiro milagre, e acredito que Kalanos seja o responsável.
– Péritas... – conseguiu murmurar Alexandre.
– Péritas não está mais conosco, meu rei. Leonato me disse que morreu para salvar a sua vida. Procure então não tomar inútil o seu sacrifício, procure alimentar–se e depois descanse, por favor, descanse.
Alexandre continuou mais algum tempo a sorver das mãos de Leptine, depois fechou os olhos e adormeceu. Mesmo das pálpebras fechadas, no entanto, lágrimas escorriam sobre as suas faces até molhar o travesseiro.



CAPÍTULO 57

O rei continuou por muitos dias deitado na cama, entre a vida e a morte, e às vezes os esforços para trazê–lo definitivamente de volta à vida pareciam vãos.

Embora o seu corpo tivesse superado o momento de maior perigo, as suas condições permaneciam mesmo assim tão graves e a melhora era tão insignificante que Filipe não conseguia entender se ele realmente se safara ou se Tânatos, momentaneamente rechaçado pelo heroísmo de Kalanos, voltaria ao ataque para apossar–se de um corpo que considerara sua presa. Somente o sábio indiano não tinha dúvidas. Continuava a dizer:

– Fiz um trato, ele vai sarar. – E se alguém perguntasse que trato era aquele, ficava calado e não explicava.

Levou um mês inteiro para Alexandre conseguir apoiar as costas na cabeceira da cama e mais vinte dias para comer uma sopa com algo sólido, com a ajuda de Leptine que levava a colher à sua boca sob os olhares atentos de Roxana. Falava pouco e com muito esforço, mas vez por outra ouvia versos de Homero que lhe eram lidos por Eumênio que, enquanto isto e com a aprovação e a assistência dos amigos, assumira a suplência política do soberano.

Em outras ocasiões, Roxana cantava para ele algumas canções das suas montanhas, num tom suave, com a ajuda de um instrumento de cordas de timbres simples e sugestivos.

Depois de dois meses Filipe permitiu que se levantasse e desse alguns passos no interior da tenda apoiando–se em Cratero e Leonato, mas dava para ver que até aquela movimentação mínima era para ele um esforço imenso, pois logo a seguir deixava–se cair
novamente na cama e, molhado de suor, voltava a dormir.

Uma vez Leonato entrou com Cratero e Heféstion enquanto Leptine tentava fazer com que tomasse um decocto, coçou a cabeça eternamente desgrenhada e, parecendo–lhe uma boa idéia, propôs:

– Que tal se a gente lhe desse a "caneca de Nestor"? Filipe olhou para ele com desdém.

– Não sabe do que está falando. Mel, farinha, vinho e queijo, quer matá–lo?
– Pode ser que esteja certo – rebateu Leonato, ferido em seus brios – mas sabe o que o pessoal diz lá fora? Dizem que o rei está morto e que nós fazemos segredo para não espalhar o pânico.
– Como podem pensar uma coisa dessas? – exclamou Filipe. – Todos sabem que o rei está vivo.
– Não é bem assim – interveio Heféstion. – Somente nós sabemos, e mais ninguém. Providenciei para que nem os guardas o vissem nestas condições. O efeito sobre o moral dos soldados seria o mesmo que se o vissem morto.
– É verdade – assentiu Eumênio. – Acontece que as pessoas não o vêem há meses, enquanto reparam em nós que entramos e saímos da sua tenda o tempo todo ou nos reunimos em conselho sem ele. Já há quem me viu usar o selo real nos documentos enviados às satrapias.
– Eu posso dizer o mesmo – confirmou Cratero. – E algumas unidades estão cogitando a possibilidade de convocar a assembléia geral do exército macedônio.
Sabe o que significa? Eumênio anuiu.
– Significa que podem nos forçar a receber uma delegação deles na tenda real e a mostrar–lhes Alexandre nestas condições.
Filipe virou–se.
– Enquanto depender de mim, sem a minha permissão ninguém entra aqui. Sou o arquiatra real e tenho a responsabilidade de...
Cratero apoiou uma mão sobre o seu ombro.
– A assembléia reunida em sessão plenária é soberana na ausência do rei, podem fazer isto, e quase certamente o farão.
Entraram Seleuco e Lisímaco para informar–se acerca da saúde de Alexandre e viram que algum assunto estava sendo debatido.
– O que está acontecendo? – perguntou Seleuco.
– O problema é que... – começou Cratero.
Ninguém prestara atenção em Alexandre que parecia estar profundamente adormecido, mas a sua voz surpreendeu de súbito os presentes:
– Escutem–me.
Os companheiros viraram–se para ele um tanto sem jeito. Eumênio, dandose conta de que devia ter ouvido tudo, tentou explicar:

– Alexandre, trata–se de um assunto que nós mesmos podemos facilmente resolver..
O rei levantou a cabeça e a mão direita num gesto que não dava margem a dúvidas e todos se calaram.
– Seleuco...
– Às ordens, rei – respondeu instintivamente o amigo, no fundo da alma comovido com o fato de receber uma ordem de Alexandre depois de tanto tempo.
– Quero o exército em peso em formação. Depois do pôr–do–sol.
– Será feito.
– Leonato...
– Às ordens, rei – respondeu Leonato, ainda mais boquiaberto.
– Mande aprontar o meu cavalo, o baio...
– O baio sarmático, sim, sim, será feito.
– Será feito uma ova! – insurgiu Filipe. – Mas o que está havendo? Ficaram todos loucos? O rei não está em condições de nem mesmo...
Alexandre levantou novamente a mão e Filipe nada mais disse, continuando no entanto a resmungar baixinho.
– Heféstion...
– Estou ouvindo, Alexandre.
– Prepare a minha armadura. Deve brilhar até sob a luz das estrelas.
– Brilhará, Alexandre – replicou Heféstion com um nó na garganta. – Fúlgida como a estrela argeade.
Nesta altura todos pensavam que o rei já não queria ficar mofando na cama e que preferiria morrer na garupa, como o cavaleiro que era, e o próprio Filipe acreditava nisto. Sentou–se num canto resmungando:
– Por mim, eu não digo mais nada. Se querem matá–lo, fiquem à vontade.
Não quero ter nada a ver com isso, eu... – e não conseguiu continuar, vencido pela emoção.
– Leonato – voltou a ordenar o rei. – Quero o cavalo aqui, dentro da tenda.
– E aqui o terá – disse o amigo percebendo que o rei não queria ser visto pelos soldados enquanto alguém o ajudava a montar o cavalo.
– E agora podem ir.
Obedeceram e Alexandre, logo que se foram,. abandonou–se no travesseiro e voltou a dormir. Foi acordado pelas vozes de Heféstion e

Leonato. Quando abriu os olhos reparou que a tenda estava envolvida pela luz incerta do entardecer.
– Estamos prontos – anunciou Heféstion.
Alexandre anuiu, sentou na cama com esforço e pediu que os amigos o levassem ao banheiro. Leptine lavou e perfumou o seu corpo e os cabelos, enxugou–o e começou a vesti–lo.
– Bote um toque de cor no meu rosto – pediu.
A jovem obedeceu. Enquanto avivava as suas faces com um pouco de arrebique e clareava as suas olheiras, ele acariciou–lhe o rosto dizendo:
– Eu a darei como esposa a um grande nobre do meu império e terá um dote digno de uma rainha. – Falava com franqueza e com um tom, decidido de voz.
Quando Leptine acabou, perguntou aos amigos:
– Que tal? Como estou?
– Nada mal – respondeu Leonato com um sorriso meio amarelo. – Parece um ator.
– E agora a armadura.
Heféstion afivelou a couraça e as caneleiras, prendeu a espada à sua cintura e cingiu–lhe os cabelos com o diadema.
– Podem trazer o cavalo. Os soldados já estão em formação?
– Estão – confirmou Heféstion.
Leonato saiu e, pela entrada dos fundos, voltou puxando pelas rédeas o baio sarmático completamente arreado, enquanto Heféstion se ajoelhava e juntava as mãos na coxa para servir de degrau a Alexandre. O rei apoiou o pé e os amigos empurraram–no sobre a garupa.
Leonato aproximou–se com umas tiras de couro.
– Achamos que talvez fosse melhor amarrar–lhe aos arreios do cavalo. Não dará para ver, ficará coberto pelo manto.
Alexandre não respondeu e o seu silêncio foi interpretado como um assentimento. Prenderam em volta da sua cintura uma armação da qual pendiam quatro correias, duas na frente e duas atrás, que foram atadas com firmeza à sela do baio e depois ocultadas cuidadosamente sob as pregas do manto purpúreo.
– E agora vamos – ordenou.
Heféstion afastou a cortina na entrada da tenda, Leonato fez um sinal como se dissesse
"Agora!" e Heféstion acenou com a mão. O silêncio plúmbeo do

entardecer foi quebrado
por um baque surdo que lembrava o rumorejar de longínquos trovões. Uma batida, e mais outra, e mais outra ainda! Alexandre aguçou o ouvido como se não acreditasse naquilo que ouvia e instintivamente empertigou–se no cavalo e cutucou a sua barriga com os calcanhares. O baio saiu, deu a volta na tenda e dirigiu–se docilmente para a longa linha do exército em formação.
O estrondo lento e solene cadenciava o avanço a passo de parada do poderoso corcel e Alexandre mal conseguiu conter as lágrimas ao ouvir a voz profunda e trovejante do tambor de Queronéia que vibrava no ar!
Os soldados, imóveis em suas fileiras, as mãos cerradas em volta das empunhaduras das sarissas, olharam pasmos o seu rei que se aproximava com porte altivo, com olhar firme e decidido, para passá–los em revista. Ao chegar diante das unidades, o oficial no comando de cada uma delas dava um passo à frente, desembainhava a espada e gritava:
– Salve, rei! – E Alexandre respondia com um leve aceno da cabeça.
Quando chegou ao fim, o 'Trovão de Queronéia" calou–se. O oficial superior da primeira linha dos éteros aproximou–se com o seu cavalo e exclamou:
– Às ordens, rei!
– Estou satisfeito. Pode mandar as tropas de volta às suas tendas – disse Alexandre, e enquanto os clarins davam o toque de recolher, puxou as rédeas do baio e troteou de volta ao seu pavilhão.
– Está louco – murmurava entre os dentes Filipe que observava de longe.
– Cada um desses solavancos pode derrubá–lo.
– Não, pode crer que não vai cair – replicou Seleuco dando–lhe uma palmada nas costas. Ptolomeu não conseguia tirar os olhos dele.
– Era isto que ele queria, agora todos o viram, sabem que não morreu e que está novamente firme em seu cavalo.
Alexandre entrou com o baio e os amigos desataram–no e ajudaram–no a descer, e então começaram a tirar o seu manto, a couraça, as caneleiras e desprenderam a espada da sua cintura.
– Coloquem–no imediatamente na cama – ordenou Filipe.
Alexandre sacudiu a cabeça, chegou com passo ainda incerto até uma cadeira de campanha e apoiou as mãos na mesa.
– Estou com fome – disse. – Alguém quer comer alguma coisa comigo?
Todos olharam para ele pasmos e Leonato também parou na saída dos

fundos, segurando o cavalo pelo cabresto.
– Leptine – chamou o rei. – Tire esta porcaria da minha cara e traga–me a "caneca de
Nestor"!
– A "caneca de Nestor"? – replicou Filipe. – está querendo morrer? Esse negócio vai pesar no seu estômago, vai passar mal, vomitar, e os ferimentos vão se reabrir.
– A "caneca de Nestor" – repetiu Alexandre.
Todos olhavam para ele boquiabertos: parecia ter renascido, era outra pessoa.
– Foi o som do tambor e a vista dos seus soldados – Cratero sussurrou ao médico. – Deixe–o comer. Tenho certeza de que só lhe fará bem.
Leptine trouxe a "caneca" e Alexandre começou a comer. O único sinal de cansaço era um leve véu de suor que lhe encobria a testa. Filipe observava–o atônito e também movia instintivamente as mandíbulas, como se quisesse ajudá–lo a mastigar. E todos os demais, de pé em volta da mesa, também assistiram incrédulos ao acontecimento.
Afinal Alexandre limpou a boca, levantou os olhos para os atordoados espectadores e disse:
– O que foi? Nunca me viram comer?

CAPÍTULO 58

O soberano recuperou–se completamente em um mês e no fim recomeçou a correr a pé e a cavalo e a exercitar–se na luta com Leonato. O verão já chegava ao fim quando mandou levantar o acampamento para seguir viagem a bordo dos navios.

Desceram pela correnteza por dois dias até chegar à fronteira com uma região chamada Sind, onde pediu a Nearcos para ancorar. Os guias diziam que ali começava a trilha que, levando a uma passagem nas montanhas, permitia chegar a Alexandria de Aracósia. Convocou os companheiros para jantarem na sua tenda e mostrou–lhes os mapas que os oficiais de marcha haviam desenhado com a ajuda dos guias locais, tanto persas quanto indianos. Aí virou–se para Cratero:

– Partirá amanhã com metade do exército, atravessará a Aracósia e a Drangiana e restabelecerá a ordem onde porventura tenha havido rebelião ou indisciplina. Os marinheiros indianos disseram que o Indo é um rio independente e desemboca no Oceano em Pátala. Eis então o meu plano; em Pátala Nearcos e Onesicrito partirão com a frota navegando ao longo da costa meridional do Império, enquanto eu seguirei por terra com o resto do exército assegurando o abastecimento dos navios nos pontos de desembarque após cada etapa de navegação. Nos juntaremos de novo na planície de Harmósia, uma cidade que domina o estreito entre o Oceano e o golfo da Pérsia.

– Por que quer passar pela Gedrósia? – perguntou Cratero. – Dizem que é um lugar pavoroso, um deserto calcinado pelo sol em qualquer época do ano, sem um fio de
grama, sem uma árvore sequer.

– A fronteira meridional do Império é a única que ainda não conhecemos. Precisamos passar por lá.

Comeram e beberam comedidamente pois o rei ainda sofria, às vezes, as conseqüências da ferida, e foram dormir cedo. Ao alvorecer da manhã seguinte, o exército perfilado saudou o destacamento de Cratero que partia. Alexandre deulhe um abraço apertado.

– Você é um dos meus amigos mais queridos – disse–lhe. – Sentirei a

sua falta.
– Eu também, Alexandre. Cuide–se, eu te peço. Já desafiou demais a sorte, até agora. Que os deuses lhe sejam favoráveis.
– E que também te favoreçam, meu amigo.
Cratero pulou no cavalo, levantou o braço em sinal de partida e a longa coluna movimentou–se entre os toques de cometa e os gritos de despedida dos companheiros que ficavam com Alexandre. Logo que a última unidade da retaguarda desapareceu no amplo cerrado que se perdia no deserto, Alexandre mandou embarcar os seus homens e também partiu. Continuaram navegando para o sul recebendo, toda vez que paravam, a submissão e a homenagem dos príncipes locais até alcançarem Pátala, a grande cidade que dominava o último trecho do Indo. Era populosa e rica, com próspero comércio e navios que chegavam de todos os cantos, muitos deles de uma gigantesca ilha chamada Taprobana que ficava para o leste e diziam ser, sozinha, tão grande quanto a índia.
Dali a frota percorreu o último trecho rumo à foz. Naquele lugar o rio era imenso, tão largo que de uma margem quase não se conseguia ver a outra e Onesicrito calculou que devia medir uns cinqüenta estádios.
A tarde do último dia de navegação surpreendeu–os na foz e Nearcos achou melhor ancorar os barcos no rio, num local onde a correnteza era tão vagarosa que quase passava despercebida, pois receava que entrando definitivamente no Oceano não teria onde abrigar–se no caso de tempestades repentinas. Aconteceu no entanto um desastre não menos terrível do que uma tempestade, durante a noite o nível da água baixou tanto que os navios ficaram encalhados no fundo e muitos emborcaram. Nearcos ordenou que ninguém se mexesse e que esperassem pela volta das águas no local.
– É um fenômeno que não podia prever, embora tenha ouvido dizer que um navegador marselhês, um tal de Píteas, descreveu um local do Oceano setentrional onde existe uma voragem que a cada seis horas engole as águas e depois as regurgita, deixando a descoberto e voltando a cobrir longos trechos da costa, mas não são muitos os que acreditam em Píteas, e nós não estamos no Oceano setentrional. Como é que eu podia imaginar uma coisa dessas? Que desastre... Que desastre!
– Você já fez coisas extraordinárias – replicou Alexandre. – Não precisa se atormentar. Sei que iremos triunfar nesta batalha também, contra o

rio e contra o mar, o meu antepassado Aquiles lutou contra o Escamandro e venceu–o. Eu também vencerei. Vamos esperar que a noite acabe. Com a luz do dia muitas coisas podem mudar.
Foi uma longa noite de lua nova e a escuridão aumentou ainda mais o medo e a confusão. Nearcos mandou dar o toque de alerta e ordenou que os arautos gritassem de um navio para o outro que ninguém se mexesse por motivo algum, mas muitos marujos, pasmos diante de um fenômeno que nunca tinham visto e apavorados pelos boatos que circulavam nos portos e nas tavernas das suas próprias cidades, procuraram fugir protegidos pelas trevas para encontrar abrigo em terra firme.
Morreram todos, engolidos pela lama e pela areia movediça, assim como morreram os primeiros que tentaram ajudá–los, os seus gritos e desesperados apelos ressoaram durante a noite inteira enchendo de terror e de angústia os companheiros que haviam ficado a bordo e que nada podiam fazer para salvá–los.
Então até os pedidos de ajuda emudeceram, um depois do outro, e só foram audíveis os gritos das aves noturnas e o rugido distante do tigre que se movia na floresta em busca de presas.
Na capitânia Roxana ficou agarrada a Alexandre, tremendo de medo, aterrorizada por aquela natureza hostil e desumana, tão diferente daquela das suas montanhas nativas com o seu céu límpido e claro.
Nearcos e os seus marujos também ficaram calados e imóveis, só murmurando de vez em quando para trocarem as suas experiências de veteranos do mar. Pouco antes do amanhecer ouviu–se um ruído ao longe e o rei aguçou os ouvidos.
– Escutaram? – perguntou.
Nearcos estava correndo para a proa do navio e debruçou–se na tentativa de ver o que provocava aquele barulho que aumentava cada vez mais. De repente reparou numa espécie de faixa esbranquiçada que avançava rapidamente até tomar–se distinta na pálida luz da alvorada. Um ameaçador fervilhar de espuma, o fragor das ondas que investiam contra a frota inerme e atolada na lama.
– Cornetas! – gritou o almirante. – Toque de alarme! Toque de alarme! Está chegando o macaréu! Homens, aos remos! Aos remos, rápido! Timoneiros, ao leme! – E enquanto o som das cornetas rasgava o céu cinzento da manhã, jogou uma corda ao rei para que se amarasse ao

mastro com Roxana e ele mesmo juntou–se aos homens na barra do leme para ajudar, preparando–se para o impacto.
Depois de um primeiro momento de incerteza ao ouvirem o aviso da capitânia as demais
tripulações também tocaram o alarme e a grande extensão lamacenta ecoou dos gritos e ordens apressadas.
O impacto da imensa onda de refluxo foi aterrador: os navios foram levantados e empurrados para trás como gravetos; alguns muito atolados na lama, foram simplesmente destroçados, e outros que foram pegos de lado foram virados e arrastados pela força da enorme massa de água.
Onesicrito, piloto da qüinqüerreme real, enroscado na barra do leme, gritava para os homens remarem com toda a força que tinham a fim de manter o barco de proa para a onda e ele mesmo manobrava com obstinado vigor o leme para enfrentar a força dos remoinhos que o refluxo criava na superfície borbulhante da água.
A onda da maré finalmente aplacou–se, equilibrando–se com a correnteza do Indo e
Nearcos pôde olhar em volta para avaliar o tamanho do desastre.
Centenas de barcos haviam sido destruídos, muitos outros estavam avariados e a superfície da água pululava de homens que bracejavam convulsamente entre os despojos e tentavam salvar–se agarrando–se aos pedaços de mastros e ao madeirame levados pela correnteza.
O dia inteiro foi dedicado à busca e à salvação dos náufragos e Alexandre entregou–se pessoalmente à tarefa, às vezes até jogando–se na água para socorrer aqueles que, de tão cansados, já estavam a ponto de sucumbir.
No fim da tarde todos os navios que haviam sobrado fundearam fora do rio, perto da costa arenosa do Oceano, e os comandantes das unidades fizeram a chamada: mais de mil e quinhentos homens haviam morrido afogados. Todos os corpos que puderam ser recuperados foram colocados sobre piras diante do exército formado e os soldados gritaram os seus nomes ao vento e às ondas do mar para a lembrança não se perder no esquecimento.
Para aqueles que não foram encontrados, o rei oficiou urna cerimônia fúnebre e ergueu um cenotáfio na margem para que as suas almas encontrassem a paz no reino de Hades, e agradeceu aos deuses do fundo do coração porque nenhum dos seus amigos havia morrido naquela

desgraça e ele pudera reabraçálos a todos. Também proferiu um elogio para Nearcos e Onesicrito: devia–se à coragem e à habilidade dos dois o fato de o desastre não se ter transformado numa catástrofe.
O exército ficou acampado na costa durante vinte dias para que os desaparecidos que haviam sobrevivido pudessem novamente juntar–se aos seus companheiros e para levar a cabo os reparos dos barcos danificados.
Não muito longe dali encontraram um lugar bastante protegido, cercado por terras férteis
e à beira da fronteira com o território desértico habitado pelas tribos selvagens dos oritos. Alexandre fundou então uma cidade instalando nela todos aqueles que devido às precárias condições de saúde jamais conseguiriam enfrentar uma viagem através do deserto da Gedrósia. Construiu um molhe e um porto bem protegido e consagrou um recinto destinado a abrigar os templos dos deuses. Aí, resolvidas estas tarefas, escolheu a data da partida, tanto para o exército quanto para a frota.
Nearcos esperava por ele no molhe recém–concluído e Alexandre abraçouo com muita afeição, da mesma forma como havia abraçado Cratero na hora de se separarem.
– Teria sido ótimo se este rio, como alguns diziam, fosse o curso superior do Nilo. Poderíamos ter feito a viagem juntos, até o Egito.
– Infelizmente não é bem assim – respondeu Nearcos. – Não bastam homens de pele escura e crocodilos para fazer o Nilo.
– Com efeito – admitiu o rei –, mas procure manter–se sempre perto da costa e ao alcance do exército. E toda vez que puder, lance as âncoras onde avistar as nossas fogueiras: isto certamente facilitará o seu reabastecimento de água e comida.
– Farei isto quando for possível, Alexandre, mas preciso aproveitar este vento constante para o ocidente para poupar as forças dos meus marujos, e não sei se vocês conseguirão viajar com a mesma velocidade. Seja como for, estaremos novamente juntos em Harmósia. O meu vice–almirante Onesicrito também gostaria de ter a honra de saudá–lo. É um excelente marinheiro e merece o seu apreço.
Onesicrito deu um passo à frente e o rei apertou a sua mão.
– Que os deuses os acompanhem e Possêidon lhes seja propício.
Sacrifiquei ao Oceano com Aristandro, esta manhã, e invocamos a sua clemência e o favor dos ventos. Já pagamos um tributo pesado até

demais.
Nearcos e Onesicrito embarcaram em seus navios e deram a ordem de levantar âncora. A frota afastou–se do molhe à força de remos, mas as velas foram levantadas logo a seguir e o vento encheu–as com o seu sopro vigoroso. Demorou muito pouco para os navios se tornarem pequeninos como brinquedos de criança e Alexandre entrou no Oceano e fincou no fundo uma lança para indicar que também tomara posse daquela extrema região. Aí virou–se para os companheiros e gritou:
– Chegou a hora de partirmos também, mandem tocar o sinal!
Todos montaram a cavalo: Heféstion, Leonato, Ptolomeu, Seleuco, Lisímaco, Perdicas, e ficaram à frente das suas unidades. Precedido pela sua insígnia, o rei também montou a cavalo e a longa coluna movimentou–se entre toques de clarim, rufar de tambores e agitação de bandeiras.



CAPÍTULO 59

A faixa de mato cerrado que ladeava as margens do Indo transformou–se pouco a pouco numa pradaria semi pantanosa na qual pastavam grandes búfalos de chifres curvos, veados, antílopes e ao longe também apareceram pequenos grupos de leões, bastante parecidos com aqueles que se caçavam na Macedônia.

As árvores eram altas e estavam cheias de pássaros de toda espécie, entre os quais papagaios de plumas multicoloridas. Em seguida a pradaria úmida tomou–se estepe, com raras moitas espalhadas e pequenas manadas de bois e rebanhos de ovelhas guiados por pastores de aspecto primitivo e quase selvagem.

– Oritos – explicou o guia indiano. – Estes pertencem à tribo da costa, mas mais adiante encontraremos os que vivem na estepe e no deserto, ferozes e intratáveis. Podem ser muito perigosos, ficam escondidos na areia como escorpiões e atacam quando menos se espera.

– Passem adiante a informação – ordenou Alexandre e continuou a avançar, dirigindo o olhar para o sul. Haviam–se afastado da costa para seguir a única trilha transitável e já não dava para ver o Oceano.

No quarto dia de marcha o exército chegou às margens do deserto e os homens olharam aflitos para a extensão de areia escaldante que esperava por eles, um inferno sem um fio de grama e sem abrigo, abrasado em qualquer época do ano pelos implacáveis raios do sol.

Os guias indianos voltaram para trás e a partir daí Alexandre só pôde contar com a experiência de alguns oficiais persas que haviam participado de expedições na Drangiana e na Aracósia na época do rei Dario.

A marcha naquelas condições pavorosas tomou–se uma tarefa extremamente dura, quase desesperada. Os oficiais logo requisitaram a água e mantiveram–na sob constante custódia para controlar com rigor o seu consumo, mas a medida não se revelou muito eficaz: de qualquer forma as reservas não demoraram a acabar e foi preciso procurar os raros poços espalhados ao longo da trilha poeirenta e ensolarada. Os mantimentos duraram mais tempo porque o plano de montar postos de

reabastecimento para a frota de Nearcos resultou desnecessário, os navios nunca mais foram vistos, o vento oriental bastante forte e constante, certamente empurrara–os bem mais adiante.
Em certa altura os guias citas viram rastros perto da trilha e avisaram os seus oficiais e o rei. Corriam o risco de serem assaltados, numa terra tão miserável, o próprio exército invasor tomava–se uma presa muito cobiçada pelos víveres que transportava e pelo
grande número de cavalos e de animais de carga.
– Dobrem as sentinelas – ordenou Alexandre – e procurem manter acesas as fogueiras sempre que possível. – Mas era muito difícil encontrar madeira, somente alguns troncos enegrecidos jogados na praia pelas ondas.
Atacaram de repente, em uma noite sem lua, e investiram contra a unidade de Leonato que avançava a uma distância de alguns estádios com a tarefa de proteger a retaguarda. Desfecharam o seu golpe com a ajuda da escuridão e da surpresa, com mortífera precisão. Surgiram como fantasmas, aparecendo das irregularidades do terreno e pulando como fúrias endemoninhadas sobre os guerreiros já esgotados pela sede e pela longa marcha e fizeram uma chacina.
Leonato bateu–se com desesperado valor e, depois que o seu corneteiro foi degolado por um inimigo repentinamente surgido da areia, ele mesmo pegou a cometa e lançou longos toques de alarme para invocar a ajuda de Alexandre.
O rei precipitou–se a galope com dois esquadrões e conseguiu quebrar o cerco e resgatar o amigo, extenuado e ferido e, nesta altura, sob o ataque de um enxame de adversários. Ao nascer do sol, mais de quinhentos soldados jaziam no chão sem vida, embora unidos aos agressores no último espasmo da agonia.
Sepultaram–nos na areia junto com as suas armas, pois não havia madeira suficiente para as piras funerárias, e foram embora sentindo um aperto no coração, pois sabiam que aqueles túmulos apressados não demorariam a ser violados pelos famélicos selvagens. Certo dia um grupo de exploradores voltou dizendo ter encontrado várias aldeias perto da costa, junto à foz de um miserável regato que só levava um fiapo de água até o mar. Decidiram atacar e escolheram aquela mesma noite. Uma noite de lua cheia que iluminava com luz espectral a gípsea brancura do deserto.

Leonato enfiou o machado no estribo, pegou um escudo de bronze que pesava dezesseis minas e pulou na garupa do seu garanhão, mas Alexandre deteve–o com um braço.
– O seu ferimento é recente demais. Fique aqui. Deixe tudo por nossa conta.
– Nem mesmo que tentem me amarrar – rosnou o amigo. – Vão ter de pagar por todos os meus soldados que eles mataram, degolando–os à traição no escuro sem nem dar–lhes tempo para se defenderem.
O rei e os companheiros, com um grupo de duzentos homens ao todo, haviam escolhido cavalos negros e mantos também negros para se confundirem com as sombras da noite. Alexandre deu o sinal e os corcéis lançaram–se a galope desenfreado, ombro contra ombro, cabeça contra cabeça na planície deserta: pareciam fúrias infernais paridas pelo reino de Hades.
Quando os oritos os viram já era tarde demais, mas acudiram mesmo assim para defender as suas aldeias, os filhos e as mulheres. Foram desbaratados no primeiro choque, trespassados como peixes e, enquanto todos entregavam–se ao saque, Leonato continuou a vingar–se dos inimigos com fúria selvagem, ceifandoos como espigas com o seu machado, chacinando–os às dúzias até sentir o coração estourando em seu peito, até ouvir a voz de Alexandre gritando:
– Chega, Leonato!
Então parou, molhado de suor e completamente manchado de sangue.
Uma segunda leva de cavalaria ligeira chegou logo a seguir trazendo os animais de carga com os odres e os carros para recolher os suprimentos, mas só encontrou rebanhos de ovelhas e cabras guardadas em recintos de pedras. A espessa camada de excrementos secos mostrava que só raramente eram levadas para pastar.
– Gostaria de saber com o que as, alimentam – disse Eumênio, que acabava de chegar com o comboio dos mantimentos.
– Com aquilo, ao que parece – respondeu Seleuco indicando uns sacos feitos com fibras de algas secas, cheios de uma espécie de farelo esbranquiçado.
– Fede a peixe – comentou Lisímaco.
– É peixe – confirmou Eumênio, pegando um punhado e cheirando–o. – Peixe seco reduzido a farinha.
Voltaram ao acampamento com toda a água que encontraram e com os

animais saqueados, mas quando os abateram descobriram que a carne tinha um sabor repulsivo, como peixe podre. Mas não tinham escolha e tiveram de alimentar–se com aquilo que haviam encontrado.
Por muitos dias continuaram em frente sob um sol impiedoso, atormentados pelo calor e pela sede. Às vezes o deserto mudava repentinamente de cor, tomando–se de uma brancura ofuscante, e o exército tinha de marchar sobre uma crosta de sal que assinalava antigas lagoas marinhas e gastava os cascos dos cavalos e os calçados dos infantes, provocando primeiro profundas rachaduras e depois dolorosas chagas. Muitos animais de carga e cavalos começaram a morrer de sede e de fome, e depois os homens também começaram a morrer.
Não tinham tempo nem forças para sepultá–los ou prestar–lhes as honras fúnebres. Os soldados nem reparavam se um companheiro tombava esgotado ou, quando reparavam, não conseguiam ajudá–lo e o seu corpo ficava por ali mesmo, abandonado, presa de abutres e chacais que nunca se afastavam da coluna em marcha. A todas estas desgraças, o rei ainda tinha de juntar o desgosto de ver a sua jovem esposa que sofria as
mesmas privações e a angústia pelo destino da frota da qual nunca mais tivera notícia desde que partira de Pátala.
Kalanos era o único que parecia não sentir dor nem sofrimento no meio de tantas peripécias, avançava descalço na areia escaldante só protegendo os ombros com um pequeno pano e à noitinha, quando as trevas traziam algum refrigério, sentava ao lado do rei e conversava para ensinar–lhe a sua filosofia e a arte de controlar as paixões e as exigências do corpo. Apesar da jovem idade, a própria Roxana portou–se de forma exemplar, com uma coragem e uma firmeza incríveis, cavalgando ao lado do esposo com seu casaco da cavalaria sogdiana e até procurando, às vezes, caçar com arco e flecha algumas aves de passagem.
Certo dia, quando os homens já estavam à beira da exaustão, um soldado da guarda real encontrou quase por milagre uma depressão na qual parecia haver alguma umidade. Cavou com a ponta da lança até ver aflorar, pouco a pouco, uma poça de água. Conseguiu juntar o bastante para encher o fundo do seu elmo e, depois de molhar os lábios, entregou–o a Alexandre que parecia muito castigado por tantas privações, também devido às seqüelas do ferimento que ainda o atormentavam.

O rei agradeceu e levantou o elmo para levá–lo à boca, mas na mesma hora percebeu que todos os homens olhavam para ele. Tinham os olhos avermelhados pelo sal, a pele ressecada, os lábios rachados e ele não teve coragem de beber.
Derramou a água no chão dizendo:
– Alexandre não bebe quando os seus soldados morrem de sede. – Aí, ao ver que muitos se deixavam cair ao chão sem forças, gritou: – Ânimo, homens!
Acham que os deuses nos concederam levar a cabo façanhas tão notáveis para em seguida deixar–nos morrer neste deserto? Não, acreditem em mim! Eu garanto que amanhã à noite estaremos fora desta fornalha e teremos comida e água com fartura! Querem desistir logo agora? Querem morrer de sede quando a salvação já está ao seu alcance?
Reanimados por estas palavras os soldados retomaram a marcha até a chegada das trevas. Já fazia algum tempo que haviam deixado o mar para trás e iam agora rumo a umas colinas pedregosas onde à noite o clima ficava mais fresco. No dia seguinte, ao pôr– do–sol, chegaram a um desfiladeiro além do qual avistaram uma cidade ao longe.
– É Pura – disse um dos oficiais persas. – Estamos salvos. Alexandre gritou:
– Ouviram, homens? Ouviram? Estamos salvos! Como podem ver, o seu rei sempre mantém a sua palavra!
À medida que chegavam à passagem e avistavam a cidade, os soldados gritavam de felicidade, jogavam as armas para o ar, abraçavam–se chorando de emoção.
Ptolomeu aproximou–se com uma expressão atônita no olhar.
– Como sabia? – perguntou incrédulo.
– Lembra quando ontem à noite chegamos a um bívio na trilha? Com uma bifurcação que seguia pelo mar e outra que subia para as colinas?
– Lembro.
– Kalanos disse–me: "O caminho mais difícil é o melhor" .
– Só isto?
– Só isto.
– Correu um grande risco.
– Não foi a primeira vez, como bem sabe.
– Sei, de fato. E mais uma vez acertou.

Chegaram quando já ia ficando escuro, gastando as suas últimas energias, e o comandante da praça saiu desconfiado ao encontro deles.
– Quem são vocês? – perguntou. Alexandre virou–se para Ptolomeu:
– Oxatres ainda está vivo?
– Acho que sim – foi a resposta. – Creio tê–lo visto uns dois dias atrás.
– Mande buscá–lo.
Ptolomeu afastou–se para voltar em seguida com Oxatres que explicou ao governador persa tudo aquilo que precisava saber sobre o hóspede recémchegado.
– Alexandre? – perguntou o homem, pasmo. – Mas não tinha morrido,?
– Como podes ver está vivo e em boa forma. Mas peço–lhe, deixe–nos entrar, estamos exaustos.
O governador deu imediatamente algumas ordens aos homens do seu séqüito e as portas de Pura se abriram para deixar passar o exército que todos julgavam perdido e o rei que todos julgavam morto.
Detiveram–se em Pura quatro dias, para descansar e recuperar as forças depois de tantas privações. Alexandre quis saber se o governador tinha notícias da chegada da frota de Nearcos em Harmósia; o persa disse que nada sabia, mas que procuraria se informar quanto antes a respeito.
– Acho melhor não nos iludirmos – disse Seleuco. – Soube que esta rota pode ser muito perigosa, em alguns trechos, devido aos baixios e aos piratas que atacam os navios encalhados. Se tivessem chegado, já saberíamos.
– Talvez esteja certo – replicou Alexandre –, mas nós também já havíamos sido considerados mortos, e aqui estamos. Não devemos desesperar.
Retomaram o caminho rumo à Pérsia, marchando mais uma vez por um território árido e pedregoso, mas o comandante de Pura dera–lhes guias que conheciam bem o terreno e os levaram sem maiores dificuldades aos poços de água boa e às aldeias de pastores onde podiam encontrar leite e carne, além de cereais secos guardados em grandes jarras de terracota.
O inverno já ia pelo meio quando o exército chegou a Salmous, na fronteira com a Pérsia. Alexandre enviou um grupo de exploradores para o sul para obter alguma notícia da sua frota. Dois oficiais macedônios, uma dúzia de soldados auxiliares e um guia persa, com mais uns seis camelos carregados de odres de água.
Avançaram durante duas etapas de cinco parasangas cada por um

terreno completamente deserto até avistarem alguma coisa ao longe, pelo meio–dia quando os raios do sol eram mais impiedosos.
– Consegue enxergar o que é? – perguntou um dos soldados, um mercenário palestino de
Azoto.
– Parecem homens – respondeu um companheiro.
– Homens? – perguntou um dos oficiais. – Onde?
– Lá embaixo – indicou o outro oficial que agora os via distintamente. – Olhe, fazem uns sinais, gritam... Sim, parece que nos viram. Rápido, vamos!
Lançaram–se a galope e em poucos instantes estavam diante de dois infelizes que quase já não tinham aparência humana: a roupa esfarrapada, os olhos cavados, a pele chagada e queimada pelo sol, os lábios rachados pela sede.
– Quem são vocês? – os coitados perguntaram em grego.
– Eu é que pergunto – rebateu o oficial. – O que estão fazendo no meio do nada?
– Somos marinheiros da frota real...
– Quer dizer que a frota real de Nearcos está... – O oficial não ousava concluir a frase porque aqueles dois tinham certamente o aspecto de náufragos.
– Salva – disse o homem mal conseguindo respirar. – Mas em nome dos deuses, dê–me um gole de água se quiser que te conte o resto da história.



CAPÍTULO 60

A cavalo! – gritou o rei fora de si pela excitação logo que ficou a par da notícia. – Nearcos está na costa com todos os navios. Não falta nenhum! Eumênio, mande aprontar os carros. Água, mantimentos, carne, doces, mel, fruta e vinho, pelos deuses! Todo o vinho que tiver. E venha atrás de mim logo que puder!

– Mas vai levar tempo – tentou explicar o secretário.

– Desde que consiga antes do anoitecer, tudo bem. Quero que aqueles homens se divirtam, por Zeus! Teremos um fabuloso banquete na praia! Precisamos festejar, precisamos festejar!

Os seus olhos brilhavam de emoção e impaciência. Parecia uma criança.

– E cuide direito destes dois marujos, trate–os como príncipes, como hóspedes muito importantes. E a rainha, também quero a rainha comigo.

Partiu a galope com todos os companheiros e dois esquadrões de cavalaria dos éteros e pôde avistar o acampamento naval de Nearcos ao entardecer do terceiro dia de viagem, coberto de suor e poeira, mas com a alegria no olhar. As águas reluziam num ofuscante reflexo dourado e os navios de Nearcos sobressaíam negros sobre a superfície tremeluzente do Oceano, enfeitados com seus estandartes e bandeiras.

Nearcos veio recebê–lo na entrada do acampamento e Alexandre, logo que o viu, desmontou do cavalo e os dois homens percorreram a pé a distância que os separava, entre duas alas de marinheiros e de cavaleiros jubilosos. No fim começaram a correr, já não vendo a hora de reabraçar–se, e o encontro entre eles acabou sendo mais um impacto do que um abraço, aí separaram–se para olharemse no rosto, incrédulos.

Estavam totalmente dominados pela emoção e não conseguiam articular as palavras. Finalmente Alexandre venceu a comoção com uma risada de desabafo e gritou:

– Está cheirando a peixe podre, Nearcos!

– E você a suor de cavalo, Alexandre! – rebateu o almirante.

– Ainda não consigo acreditar que estão todos vivos – disse o rei olhando o rosto emaciado do seu navarca.

– Não foi fácil – reconheceu Nearcos. – Houve momentos em que achei que não iríamos conseguir. Enfrentamos duas tempestades, mas o que mais sofremos foram a fome e a sede.
Encaminharam–se para o acampamento e tão grandes eram a curiosidade e a vontade de contar as vicissitudes pelas quais haviam passado que os dois nem perceberam a cavalaria perfilada por Ptolomeu para homenageá–los com a honra das armas. Quase sobressaltaram–se, portanto, ao ouvirem o grito do comandante:
– Pelo rei e pelo almirante Nearcos, aIalai.
– Alalalai – berraram os cavaleiros levantando as lanças e escandindo o seu grito para o céu enquanto o último lampejo do sol se apagava nas ondas avermelhadas do Oceano.
– Deixe–me lembrar também Onesicrito – acrescentou o almirante acenando para que o
seu piloto se aproximasse. – Portou–se como um grande marinheiro.
– Salve, Onesicrito – cumprimentou–o Alexandre. – Fico feliz em vê–lo.
– Salve, rei – replicou o timoneiro. – Eu também fico muito feliz por estar aqui.
– Sinto muito – continuou Nearcos. – Não tenho muita coisa a oferecer. Ficamos pescando o dia inteiro, mas o resultado foi bastante insatisfatório, de qualquer maneira conseguimos pelo menos uns dois atuns de bom tamanho, e estamos assando– os.
– Não se preocupe com isto – respondeu o rei. – Tenho uma surpresa para vocês todos, embora receie que só chegue amanhã.
– Se for o que estou pensando, não vejo a hora – exclamou Nearcos. – Basta dizer que uma vez, já desesperados pela falta de comida, tentamos uma incursão contra uns vilarejos da costa. E sabe o que conseguimos?
– Não sei, mas posso imaginar.
– Farinha de peixe. Sacos e mais sacos de farinha de peixe. Aqueles infelizes não tinham outra coisa.
– Nem me fale! Nós mesmos tivemos uma experiência parecida.
Entraram na tenda de Nearcos e logo a seguir também chegaram Ptolomeu, Heféstion, Seleuco e os demais.
– Olhem – disse Nearcos mostrando um rolo de papiro esticado sobre uma mesa de campanha. – Eis o mapa desenhado por Onesicrito do trecho entre este ponto e Pátala.
– Muito bom – aprovou Alexandre deixando correr o dedo ao longo da

interminável costa deserta que o vice–almirante havia marcado com a palavra "ictiófagos".
– Comedores de peixe – repetiu Heféstion. – Nome muito acertado. Por aquelas bandas até as cabras fedem a peixe. Só de lembrar, fico todo embrulhado.
– Não pode imaginar como ficamos preocupados desde que perdemos qualquer contato com a frota – disse Alexandre.
– Eu posso dizer o mesmo – replicou Nearcos. – O problema é que não era fácil diminuir a velocidade para esperar. E, quando o fizemos, não os encontramos. Talvez estivésseis mais adiante, ou mais atrás. Não dava para saber.
– O peixe está pronto – anunciou um dos marinheiros.
– E o cheiro não é dos piores – comentou Seleuco.
– Acho melhor sentarmos na praia – disse o almirante. – Os leitos e as mesas de convívio não são lá muito abundantes nos meus navios.
– A gente vai dar um jeito – brincou Perdicas. – Afinal de contas estamos com fome. Naquele instante, quando todos já se dispunham a sentar na areia entre chistes e
facécias, ouviram–se os clarins que tocavam o alarme.
– Por Zeus! – exclamou Alexandre. – Quem mais pode ser que ousa atacarnos?
– Sacou da espada e gritou: – Avante, éteros! Aos cavalos! Aos cavalos!
O acampamento encheu–se logo de toques de clarim, ordens gritadas, relinchos de cavalos; a paliçada em volta foi aberta e os esquadrões se dispuseram a sair para enfrentar em campo livre a incursão inimiga. Via–se com efeito uma nuvem de poeira que avançava ameaçadora como uma tempestade e já se podiam distinguir as armas e os escudos de metal.
– Ora, são macedônios! – gritou uma sentinela.
– Macedônios? – perguntou Alexandre incrédulo, refreando de imediato a carga iminente com um sinal da mão.
Seguiram–se alguns momentos nos quais só se ouviu o rumorejar do tropel que se aproximava. Aí a voz da sentinela ecoou de novo no silêncio carregado de tensão:
– É o vinho! – gritou exultante. – Eumênio enviou o vinho com um esquadrão de batedores! A tensão descarregou–se numa oceânica gargalhada e logo a seguir os batedores desfilavam no acampamento

entre os aplausos dos companheiros, cada um levando nas costas da sua cavalgadura dois odres de vinho.
– Então, vamos comer? – perguntou Leonato desmontando do cavalo e desafivelando a couraça.
– Isto mesmo, vamos comer – respondeu Nearcos.
– E beber também, por Zeus! – riu Alexandre. – Graças ao nosso secretário geral. Sentaram na areia morna enquanto os marujos começavam a servir o peixe.
– Postas de atum ao estilo cipriota – anunciou pomposamente um marinheiro de Pafôs. – É
a nossa especialidade.
Todos caíram em cima da comida e a conversa ficou logo animada, pois cada um tinha a sua história para contar: histórias de privações e perigos, de tempestades e calmarias, de ciladas noturnas e de monstros marinhos, histórias de amigos que por muito tempo haviam receado nunca mais ver.
– Por onde andará Cratero? – perguntou de repente Alexandre. E por alguns instantes os companheiros ficaram olhando uns para os outros, em silêncio.



CAPÍTULO 61

Quinze dias depois Cratero chegou a Salmous com o seu destacamento e a exultação de Alexandre e dos companheiros levou–os ao sétimo céu. Os festejos duraram muito tempo e, mesmo quando o exército retomou a sua marcha, Alexandre não quis interromper os
banquetes. Mandou construir carros com leitos e mesas de convívio, de forma que todos os companheiros podiam ficar confortavelmente deitados comendo, bebendo e rindo. E os soldados também podiam recorrer à vontade aos odres de vinho que acompanhavam a caravana.
Num dos carros ficava Kalanos e, às vezes, tanto o rei quanto os companheiros subiam e ali se demoravam para ouvir os seus ensinamentos.
Toda a área em volta ressoava de cantigas e corais de júbilo. O que agora avançava para o coração da Pérsida já não era um exército, mas sim um komos de Dioniso, uma procissão em honra do deus que liberta o coração humano de todas as aflições com a alegria do vinho e do sorriso.
Enquanto isto Nearcos partira por sua vez com a frota após providenciar reparos indispensáveis e encher os porões com todo o necessário para a longa viagem. Superaram o estreito de Harmósia e entraram no golfo Pérsico rumando para a foz do Tigre. O encontro seria em Susa, que podia ser alcançada através de um canal navegável. Finalmente o pior havia ficado para trás e os marujos remavam vigorosamente e manobravam cordas e velas com vontade, impacientes para concluir a sua aventura e para poder contá–la.
Só houve um momento de tensão a bordo da frota quando, bem perto da capitânia, surgiram das ondas violentos jatos de vapor e logo a seguir apareceram os dorsos lustrosos de criaturas gigantescas que voltavam a mergulhar agitando fora da água as suas enormes caudas.
– O que é... aquilo? – perguntou apavorado o marujo cipriota que havia preparado o jantar para o rei e os seus companheiros na praia.
– Baleias – respondeu o contramestre fenício que já navegara fora das colunas de Hércules. – Não vão nos incomodar, só precisamos tomar

cuidado para não abalroá–las, pois, neste caso, basta um golpe de rabo e... lá se vai a nossa capitânia. Vão engoli–la de uma só vez!
– Prefiro os atuns – gaguejou o marujo e perguntou de novo, preocupado: – Tens certeza de que não vão nos atacar?
– Nunca se pode ter certeza de coisa alguma, no mar – replicou Nearcos.
– Já deveria saber. Volte ao seu lugar, marujo.
O exército de Alexandre seguiu a sua marcha pela estrada que levava a Pasárgada e ali o rei descobriu que o túmulo de Ciro havia sido violado, o sarcófago fora aberto e o corpo do Grande Rei tirado de lá. Mandou então interrogar os magos encarregados da sua custódia para saber quem cometera tal profanação, mas nem mesmo sob tortura eles
revelaram o que houvera. Deixouos portanto livres e, depois de mandar restaurar o túmulo, retomou o caminho para Persépolis. Enquanto isto já se espalhara a notícia da sua volta e isto deixou muitos sátrapas, assim como muitos governadores macedônios, profundamente consternados uma vez que todos pensavam que Alexandre tinha morrido e se haviam entregado a saques e roubalheiras de todo tipo.
O palácio imperial apareceu diante de Alexandre do jeito que havia ficado após o pavoroso incêndio que o destruíra, somente as colunas de pedra e os gigantescos portais emergiam da imensa esplanada enegrecida e coberta de cinzas e lama seca escorrida das colinas em volta. As pedras decorativas haviam sido retiradas dos baixos–relevos, os pingos de metal precioso derretido pelo fogo haviam sido arrancados. O único sinal que lembrava a grandeza dos Aquemênidas era a chama que ardia diante do túmulo de Dario III.
O rei lembrou–se de Estatira que já não via fazia tanto tempo e ficou pensando se ela teria recebido a carta que lhe enviara das margens do Indo.
Escreveu–lhe de novo dizendo que lhe queria bem e que a encontraria em Susa.
Algum tempo depois, enquanto repousava de tarde com Roxana na varanda do palácio do sátrapa, anunciaram–lhe uma visita e logo a seguir entrou um homem corpulento e careca que o cumprimentou com um largo sorriso.
– Meu rei, meu bom rapaz, não pode imaginar o prazer que tenho em revêlo. Mas... não estou vendo o cão – acrescentou olhando em volta desconfiado.

– Eumolpo de Sôli... Fique tranqüilo, Péritas já não está conosco. Morreu na índia para salvar a minha vida.
– Sinto muito – replicou o informante. – Embora não tivesse simpatia por mim. Sei que gostava muito dele.
Alexandre acenou com a cabeça.
– Bucéfalo também morreu, e muitos, muitos outros amigos. Foi uma campanha muito dura. Mas você, de onde vem? Pensei que tivesse morrido, desapareceu sem dar explicação alguma e nunca mais o vi.
– Quanto a isto, eu também achava que tinha morrido. E eu não era o único.
O meu desaparecimento, por outro lado, podemos considerá–lo uma coisa normal da minha profissão. Logo que percebi o que queria de mim, parti sem dar muito na vista, um bom informante nunca deixa transparecer as suas intenções, nem mesmo a quem terá de prestar contas.
– Se bem lhe conheço – disse Alexandre – não está aqui só pelo prazer de uma visita. Eumolpo entregou–lhe um rolo.
– Com efeito. Na sua ausência, meu rei, e conforme o seu pedido, se interpretei direito os seus desejos, fui seus olhos e seus ouvidos. Eu não esqueço quem me trata bem e você continua a confiar em mim e salvou a minha vida quando todos queriam a minha morte. Aqui escrevi coisas que não serão do seu agrado, há uma relação completa de todas as roubalheiras, as trapaças, as violências e os abusos cometidos pelos sátrapas e pelos governadores, até mesmo os macedônios, enquanto você não estava. Também há uma lista de todas as testemunhas que poderá interrogar se quiser instruir processos. O responsável pelo tesouro real, por exemplo, aquele coxo amigo de Eumênio...
– Harpalo?
– Ele mesmo. Tirou cinco mil talentos dos cofres, alistou seis mil mercenários e, se as minhas informações estiverem corretas, está agora marchando para a Cilícia. Acho que está negociando com alguns amigos atenienses que não gostam muito de você.
– Demóstenes? Eumolpo anuiu.
– Para onde acha que ele está indo?
– Provavelmente para Atenas.
Naquele momento entrou Eumênio com uma expressão de profundo constrangimento no rosto.

– Alexandre, infelizmente preciso dar–lhe uma notícia terrível! Nem sei de onde começar pois... afinal a culpa é minha, de certa forma.
– Harpalo? Já estou a par. – E indicou Eumolpo que estava sentado em um canto sem dar na vista. – E já soube de muitas outras coisas. Todas desagradáveis. Eis o que vamos fazer, averiguará a veracidade das acusações contidas neste documento contra as pessoas em questão, sejam elas de etnia macedônia, persa ou meda. Em seguida mandará instaurar todos os processos.
Os macedônios, quando culpados, serão julgados pela assembléia do exército e as sentenças serão levadas a cabo conforme a tradição.
– E quanto a Harpalo?
– Encontre aquele coxo maldito, Eumênio – ordenou Alexandre pálido de ira.
– Encontre–o seja lá onde ele estiver, e mate–o como o rato que é. Eumolpo de Sôli levantou–se.
– Creio que já dissemos o que havia a dizer.
– Sem dúvida. Eumênio lhe pagará generosamente. Eumênio concordou, cada vez mais constrangido.
– Não foi culpa sua – disse–lhe Alexandre levantando–se. – você nunca me traiu e nunca
me trairá.
– Agradeço–lhe, mas isto não alivia o meu desgosto.
Dirigiu–se à saída e ao se afastar pelos corredores do palácio encontrou Aristandro. O vidente tinha um luz estranha nos olhos, um olhar alucinado, e não o cumprimentou. Talvez nem mesmo o visse.
Chegou diante de Alexandre e a sua expressão cheia de angústia e aflição deixou o rei profundamente perturbado.
– O que houve? – perguntou Alexandre com o tom de quem receia ouvir a resposta.
– O meu pesadelo voltou.
– Quando?
– Na noite passada. E há mais outra coisa.
– Diga.
– Kalanos está doente.
– Não é possível! – exclamou Alexandre. – Suportou as mais duras privações, as provas mais extenuantes, a chuva e o sol, a fome e a sede...
– Mas agora está muito mal.

– Desde quando?
– Desde que chegamos a Persépolis.
– Onde está agora?
– Na casa na qual o instalou.
– Leve–me até ele imediatamente.
– Como quiser. Venha comigo.
– Aonde vai, Alexandre? – perguntou Roxana, inquieta.
– Vou ver um amigo que sofre, meu amor.
Atravessaram a cidade sobre a qual desciam as sombras do entardecer e chegaram diante de uma bonita casa com um pórtico a toda volta, a morada de um nobre persa que tombara em Gaugamela. Alexandre entregara–a a Kalanos para que ali pudesse levar uma vida confortável depois das aflições da campanha.
O rei entrou com Aristandro, os dois percorreram um longo corredor e chegaram a um quarto já na penumbra dos últimos raios de sol. Kalanos jazia sobre uma esteira no chão. Estava de olhos fechados e a sua magreza era impressionante.
– Kalane... – murmurou o rei.
O homem abriu os olhos, dois olhos negros
– Estou muito mal, Alexandre.
– Não posso acreditar no que estou ouvindo, mestre, pois já o vi enfrentar todo tipo de
provação sem sentir dor.
– Agora estou sofrendo. E o sofrimento é insuportável. Alexandre virou–se e encontrou o olhar sombrio do seu vidente.
– Que sofrimento? Conte, para que possamos ajudá–lo.
– É o sofrimento da alma, o mais pungente, aquele para o qual não há remédio.
– Mas o que provoca essa dor? Afinal, já não percorreu o caminho que leva à imperturbabilidade?
Kalanos fitou Aristandro nos olhos e no olhar dos dois passou uma sombria compreensão. Retomou penosamente a palavra:
– Sim. Até que o encontrei, até ver em você o poder do Oceano tempestuoso, a força selvagem do tigre, a sublime imponência das montanhas cobertas de neve que sustentam o céu. Quis conhecer a você e ao seu mundo e quis salvar–me quando o seu cego furor o levara à destruir. Mas eu sabia o que iria fazer se falhasse. Fiz um trato comigo

mesmo. Eu te quis bem, Alexandre, como todos aqueles que te conheceram, e quis estar contigo para protegê–lo do seu instinto inconsciente, para ensiná–lo uma sabedoria diferente daquela dos sábios que te educaram, daquela dos guerreiros que fizeram de você um invencível instrumento de destruição. Mas o seu tantra não pode ser moldado de forma alguma, agora eu sei, já posso ver agora, o que é iminente, o que está prestes a acontecer. – Levantou mais uma vez os olhos para encontrar o olhar fremente de Aristandro. – E isto aumenta sobremodo o meu sofrer. Se eu tivesse de viver até a hora de assistir ao que irá acontecer, a dor nunca mais me deixaria alcançar a extrema imperturbabilidade e a dissolução da minha alma no infinito. Não quer isto, Alexandre, você não quer, não é?
Alexandre segurou a sua mão.
– Não – respondeu com voz trêmula de emoção. – Não quero isto, Kalane.
Mas diga–me, eu te peço, diga–me qual é a coisa tão terrível que vai acontecer.
– Não sei. É apenas uma sensação. E não consigo agüentar. Deixe que eu morra como jurei morrer.
O rei beijou a mão descamada do grande sábio, aí olhou para Aristandro e disse:
– Ouça as suas últimas vontades e informa Ptolomeu para que elas sejam cumpridas. Eu, eu... não posso...
E saiu chorando.
No dia marcado, Ptolomeu fez tudo aquilo que lhe havia sido pedido e a última viagem de
Kalanos rumo à imperturbabilidade infinita começou.
Mandou erguer uma pira com dez cúbitos de altura e treze de largura.
Perfilou cinco mil pezéteros ao longo do caminho, em suas armaduras de parada, e mandou um grupo de meninos espalhar pétalas de rosa na frente do cortejo. Aí apareceu Kalanos, tão fraco e debilitado que não podia andar, carregado numa maca por quatro homens, com coroas de flores em volta do pescoço conforme o costume indiano. Foi colocado sobre a pira, nu como viera ao mundo, enquanto um coro de meninos e meninas cantava os hinos suaves da sua terra. Aí entregaram em suas mãos uma tocha acesa. Num primeiro momento Alexandre decidira não estar presente e por isto pedira que Ptolomeu realizasse as vontades do

sábio indiano, mas no fim, lembrando–se de como Kalanos o velara durante a sua agonia, decidiu dar–lhe o último adeus e avançou pela via cerimonial até a pira.
Olhou para ele, tão frágil e nu, e pensou em Diógenes deitado diante do seu jarrão, de olhos entreabertos ao sol de uma tarde longínqua, e naquele momento também lembrou o que o filósofo lhe dissera quando haviam ficado a sós. A mesma coisa que Kalanos lhe havia dito sem abrir a boca, no escuro da sua tenda, quando ele lutava com a morte.
"Não há conquista que faça sentido, não há guerra que valha a pena de ser combatida. No fim, a única terra que nos sobra é aquela em que seremos sepultados."
Levantou a cabeça e viu o corpo de Kalanos envolvido num remoinho de chamas. Incrivelmente, ele sorria naquele plasma abrasador e pareceu mover os lábios, pareceu murmurar alguma coisa. O fragor das chamas era alto demais para que pudesse ouvi–lo, mas a voz do sábio ressoou mesmo assim dentro dele:
Vamos estar juntos de novo na Babilônia.



CAPÍTULO 62

Alexandre não demorou a deixar para trás Persépolis com suas tristes lembranças e marchou para Susa, aonde chegou em meados do inverno. Logo que chegou foi visitar a rainha–mãe, que ficou comovida ao vê–lo e foi ao seu encontro saudando–o à maneira grega com a expressão mais familiar:

– Chaire, pai!

– O seu grego está ótimo, mãe – felicitou–a Alexandre. – Fico feliz em ver que goza de boa saúde.

– E a minha felicidade é imensa ao saber que está vivo e de volta – replicou a rainha. – Quando espalharam a notícia da sua morte, chorei. Posso imaginar como deve ter sofrido a tua mãe, sozinha na Macedônia.

– Mandei–lhe uma carta logo que cheguei a Salmous e acredito que já a tenha recebido, nesta altura, e estará aliviada de sua angústia.

– Posso esperar que fique para o almoço?

– Claro. E para mim será um grande prazer.

– Na minha idade a única satisfação que me sobra é receber visitas, e a sua é a mais desejada. Sente–se, meu rapaz, não fique aí, tão formal, de pé.

Alexandre sentou–se.

– Mãe, não vim apenas para cumprimentá–la.

– Quais são os seus outros motivos, então? Fale livremente.

– Ouvi dizer que o rei Dario tinha uma outra filha.

– É verdade – admitiu Sisygambes.

– Pois bem, eu quero casar com ela.

– Por quê?

– Tenciono ser o verdadeiro herdeiro de Dario: a sua família precisa tornarse a minha.

– Entendo.

– Posso esperar que me conceda a sua neta?

– Se o pai dela ainda estivesse vivo, ela acabaria de qualquer maneira sendo a esposa de algum sátrapa para consolidar uma aliança ou por assegurar a fidelidade de alguma família nobre. Ela certamente não se

oporá, mas o seu nome irá lembrá–lo um grande amor que perdeu... Sabe como se chama? Barsine.
Alexandre baixou os olhos vencido pelas lembranças. Imagens que pareciam desfocadas no tempo voltaram de repente nítidas à sua memória.
– Aquele dia terrível em Gaugamela – continuou a rainha–mãe. – Nunca irei esquecer... Estatira vai ficar contente ao saber que irá morar com a irmã mais velha. Mas, e Roxana?
– Roxana me ama. Sabe que é a rainha, mas também sabe quais são as obrigações de um rei. Já falei com ela.
– E o que respondeu?
– Chorou. Assim como minha mãe chorava quando o meu pai Filipe trazia uma nova esposa ao palácio. Mas eu adoro–a acima de qualquer coisa e ela sabe disto.
– Concedo–lhe Barsine com prazer. Agora está reunindo a casa Argeade com a dos Aquemênidas: não há mais vencedores nem vencidos. Mas o que irão dizer os seus homens?
– Eu os convencerei.
– Acha mesmo?
– Tenho certeza. E tenho mais um pedido: peço–lhe também a irmã caçula de Estatira e
Barsine.
– Também quer Drypêtis? Bem, parece–me justo.
– Não para mim. Para o meu amigo Heféstion. Quando éramos garotos pensávamos que seria bonito casarmos com duas irmãs pois os nossos filhos iriam ser primos. Agora é possível, se você permitir.
– Permito de todo o coração. Só espero que esse seu casamento seja aceito pelos seus nobres e pelos seus soldados.
– Sem dúvida – replicou Alexandre. – Muitos dos meus soldados já vivem com garotas persas ou medas, e também têm filhos. É justo que se casem com elas, e para alguns outros eu mesmo estou escolhendo noivas persas. Calculei que no fim das contas os casamentos serão mais ou menos dez mil.
A idosa rainha arregalou os olhos entre a maranha de rugas.
– Dez mil, pai? Oh, grande Ahura Mazda, isto é algo que nunca se viu no mundo! – Sorriu com uma expressão de inocente malícia. – Mas, afinal, acho que esteja certo, a cama é o lugar certo para lançar as bases

de uma paz duradoura.
Enquanto tomava as providências para as novas núpcias, Alexandre começou a planejar novas expedições para explorar terras ainda desconhecidas e esperava, portanto, com alguma impaciência a chegada da frota de Nearcos que, no começo da primavera, foi avistada na foz do Tigre.
A capitânia com a estrela dourada do estandarte argeade lançou finalmente âncora no molhe do canal que margeava as muralhas da cidade, com todo o resto da frota atrás dela, entre gritos e aplausos, toques de cometa e rufar de tambores.
Reluzindo em sua armadura, Nearcos foi recebido com a honra das armas por dois batalhões de pezéteros para então apresentar–se a Alexandre que sentava no trono ao lado de Roxana, estupenda em seus trajes imperiais entremeados de ouro e de pedras preciosas.
Logo que o viu, o rei levantou–se e foi ao seu encontro, beijou–o em ambas as faces e aí cumprimentou o vice–almirante Onesicrito e os comandantes de cada navio, felicitando–os a todos e oferecendo–lhes presentes.
Naquela mesma noite convidou para jantar todos os amigos, inclusive Nearcos e Eumênio, para comunicar–lhes as suas decisões. O banquete foi servido na própria sala do trono e os leitos de convívio foram dispostos em três lados para que todos os comensais pudessem ver e ouvir o rei. Não havia mulheres nem músicos, e, se não fosse pela presença dos leitos, tudo aquilo parecia mais um conselho de guerra do que um banquete.
Alexandre começou:
– Decidi que já é hora de vocês se casarem. – Todos entreolharam–se com expressão
atônita. – Já não são mais crianças – prosseguiu – e devem formar uma família. Escolhi para vocês esposas lindas e de alta linhagem... todas persas.
Houve um momento de silêncio.
– E não é só – continuou o rei. – Também decidi celebrar todos os casamentos que já existem de fato entre macedônios e jovens asiáticas. Muitos, como já sabem, também têm filhos. O dote das noivas ficará por minha conta, mesmo para aqueles que só agora decidirem casar. Desde que, obviamente, a esposa seja persa. Esta é a única maneira de

consolidaríamos no tempo a nossa conquista, para apagar de vez ódios, rancores e desejos de vingança, uma só pátria, um só rei, um só povo. Este é o meu plano e é a minha vontade. Se alguém entre vocês não concordar, pode falar livremente.
Ninguém piou. Só Eumênio levantou a mão.
– Eu não sou macedônio e tampouco sou herói como vocês todos, e não pretendo participar da fundação de um império, ficaria muito agradecido se pudesse ser dispensado dessa orgia reprodutora primaveril. Só de pensar em uma esposa atrapalhando a minha vida, fico todo embrulhado e...
– A sua esposa – interrompeu Alexandre com um sorriso – chama–se Artônis, é filha do sátrapa Artaozo e é muito graciosa e dedicada. O fará feliz, não tenho a menor dúvida.
A cerimônia aconteceu na primavera dentro de uma enorme tenda, conforme o ritual persa. Dispuseram–se assentos segundo uma ordem definida e aí chegaram os noivos para a libação em conjunto e os recíprocos desejos de felicidade. Logo a seguir chegaram as noivas em seus trajes nupciais e cada uma foi sentar ao lado do futuro marido. Então, seguindo o exemplo do rei que presidia a cerimônia, os homens seguraram as mãos das esposas e as beijaram. Cada um dos convidados recebeu uma taça de ouro e aí foi servido o banquete, um suntuoso jantar para vinte mil comensais. O vinho jorrava de uma fonte onde cada qual podia servir–se à vontade, e corais de meninos e meninas cantavam os hinos nupciais ao som de harpas babilônias e persas, de flautas e tímpanos.
Estatira havia chegado de Ecbátana dois dias antes e participou da cerimônia como dama de companhia da irmã Barsine, que Dario tivera com a primeira mulher. Quando chegou a hora de retirar–se, acompanhou–a até o limiar do quarto de dormir. Alexandre chegou antes que ela se fosse e cumprimentou–a com um beijo.
– Fico contente com a sua vinda, Estatira. Já se passou muito tempo desde a última vez que nos vimos.
– É verdade, meu senhor, já faz bastante tempo.
– Espero que esteja bem.
– Estou – respondeu Estatira com um sorriso ambíguo – e espero que você esteja
igualmente bem.

– Talvez tenha bebido um pouco demais – respondeu Alexandre – mas o vinho só pode ajudar em uma noite como esta.
– Pois é, terá de tomar feliz uma virgem de quase trinta anos e uma esposa que não o vê há mais de quatro.
Alexandre pareceu meditar alguns instantes, murmurando:
– Como o tempo passa...
Depois aproximou–se, fitou–a fixamente nos olhos e perguntou:
– Quer me oferecer o seu amor ou desafiar–me?
– Desafiá–lo? E por que deveria? Esperarei no quarto ao lado até você fazer a felicidade da minha querida irmã, ela é a recém–casada e merece o melhor da sua energia – respondeu Estatira com o mais amável dos sorrisos. Deu–lhe um beijo e retirou–se fechando a porta atrás de si.
Naquela noite o rei deitou–se com ambas as suas esposas persas, primeiro com Barsine e depois com Estatira, mas, quando a viu finalmente adormecida, jogou uma clâmide em cima dos ombros e saiu para o corredor. Olhou em volta e, uma vez que tudo estava em paz, desceu as escadas, atravessou o pátio e voltou para Roxana no apartamento real. Procurou não fazer barulho mas, quando se deitou ao seu lado, ela virou–se de repente e agrediu–o como uma fúria, golpeando–o com os punhos e arranhando–o com as unhas.
– Ainda está cheirando ao perfume daquela mulher e ousa chegar perto de mim – gritava. Alexandre segurou–a pelos pulsos e imobilizou–a na cama. Sentia–a lutar e arquejar enquanto se debatia sob o seu corpo, mas nada disse. Deixou–a gritar e depois chorar desconsoladamente por um bom tempo. Finalmente soltou–a e deitou–se novamente ao seu lado, esperando que desabafasse a sua ira e a sua dor.
– Se quiser, vou embora – disse–lhe. Roxana não respondeu.
– Eu avisei que casaria com Barsine e que Estatira voltaria. Um rei tem obrigações...
– Isto não faz diferença – gritou Roxana. – Acha que me faz sentir melhor?
– Não, não acho – respondeu Alexandre. – Por isto perguntei se quer que vá embora.
– Iria realmente? – perguntou a jovem.
– Só se me pedir – respondeu o rei –, mas espero que não me peça pois é a única mulher que amarei enquanto viver.
Roxana ficou um bom tempo sem falar, aí disse:

– Alexandre...
– Sim?
– Se fizer isto de novo, eu me matarei, e comigo morrerá o seu filho. Estou grávida. Alexandre apertou a sua mão em silêncio, no escuro.
No dia seguinte, por concessão pessoal do rei, todas as dívidas que porventura os soldados macedônios tinham contraído foram perdoadas. No começo, muitos não ousaram denunciá–las pois pensaram tratar–se de um estratagema do soberano para descobrir aqueles que não souberam administrar com juízo os seus haveres ou que não conseguiram viver com o generoso salário que recebiam.
Mas Alexandre, ao reparar que os pedidos de remissão eram tão poucos, mandou dizer que não queria conhecer a identidade do devedor, mas sim apenas a quantia devida e então todos saíram da sua toca e apresentaram a Eumênio o requerimento e os documentos referentes ao empréstimo, recebendo dele o dinheiro para extinguir a dívida. Conforme os cálculos do secretário geral, a despesa total foi de dez mil talentos.
Lá pelo fim da primavera o rei organizou umas manobras em Opis, na margem do Tigre, e delas participou mais um contingente de trinta mil rapazes persas que haviam recebido o treinamento macedônio. Houve um grande desfile no qual os jovens guerreiros asiáticos, chamados de Sucessores, demonstraram grande valor e habilidade. Isto deixou mais uma vez irritados os soldados macedônios que receavam ser colocados no mesmo nível daqueles que haviam subjugado e vencido no campo de batalha. A situação piorou quando souberam que Alexandre pretendia dispensar todos os feridos, os inválidos e os mutilados, mandando–os de volta com Cratero que iria substituir o velho Antípatro na regência da Macedônia.
– Estão furiosos – informou Cratero. – Pedem que receba uma delegação deles.
As manobras tinham acabado e os jovens Sucessores haviam voltado para as suas tendas. Alexandre mandou levar para fora o seu trono e disse ao amigo:
– Diga–lhes que podem vir. – Mas percebia–se que estava bastante aborrecido e de péssimo humor.
Cratero dirigiu–se ao acampamento macedônio que ficava rigorosamente separado do persa e não demorou a voltar com uma

delegação de soldados que representavam os vários setores do exército: cavalaria, infantaria pesada, batedores, "escudeiros", arqueiros a cavalo.
– O que querem? – perguntou friamente Alexandre.
– É verdade que mandará de volta os veteranos, os feridos, os inválidos, os mutilados? – perguntou um chefe de companhia dos pezéteros, o mais idoso do grupo.
– É verdade – respondeu o rei.
– E lhe parece certo?
– Parece–me necessário. Haverá novas expedições e eles não têm condição de lutar.
– Mas que raio de homem é você, afinal? – gritou outro. – Agora que tem estes pequenos bárbaros vestidos como janotas que dão seus pulinhos e piruetas já não precisa dos seus soldados, daqueles que para você conquistaram meio mundo com o seu suor e o seu sangue.
– Isto mesmo! – disse mais outro. – Agora manda–os de volta, mas como? Do mesmo jeito que os recebeu das suas famílias dez anos atrás? Não! Então eram jovens, fortes, perfeitos! Agora vai dispensá–los esgotados, vazios, feridos, mutilados, inválidos. Como será a vida deles? E já pensou naqueles que nunca mais vão voltar? Os que tombaram nas emboscadas, os que morreram congelados, esfacelados nas pedras entre as montanhas, afogados nas águas lamacentas do Indo, devorados pelos crocodilos, picados pelas cobras, vencidos pela sede e pela fome no deserto. Não está pensando neles? Não, rei, não pensa neles, pois do contrário jamais irias conceber uma idéia dessas. Sempre o ouvimos, sempre o obedecemos, mas agora precisas ouvir a nós! Nós, os seus soldados, nos reunimos em assembléia e decidimos. Todos ou ninguém!
– O que quer dizer com isto? – perguntou Alexandre, cada vez mais amuado.
– Quero dizer que se mandar de volta os inválidos – respondeu o chefe de companhia – terá de mandar de volta a nós todos. Isto mesmo, voltamos para casa. Fique com os seus bonitos bárbaros em suas couraças douradas e vamos ver se eles saberão dar conta do recado, se estarão dispostos a cuspir sangue por você como nós fizemos. Adeus, rei.
A pequena comitiva só acenou uma pequena mesura com a cabeça, depois deu as costas e marchou com passo cadenciado de volta ao acampamento.

Alexandre ficou de pé lívido de raiva e de humilhação e virou–se para os cavaleiros da sua guarda pessoal:
– Vocês também pensam dessa forma? O comandante ficou em silêncio.
– Vocês também pensam dessa forma? – gritou de novo.
– Concordamos com os nossos companheiros, rei – foi a resposta.
– Então podem ir, estão dispensados do serviço, já não preciso de vocês.
O comandante acenou com a cabeça para dizer que tinha entendido, aí juntou os seus homens e levou–os de volta a galope para o acampamento.
Logo a seguir o seu lugar foi ocupado por um grupo de Sucessores persas que a partir daí puderam ser vistos diante da tenda real, reluzentes em suas novas armaduras, nas roupas lavradas, nos estandartes de púrpura e ouro.
Por dois dias Alexandre recusou–se a ver os seus soldados e evitou comunicar as suas
intenções, mas no acampamento o seu gesto deixara todos consternados. Sentiam–se como um rebanho sem pastor, como filhos sem pai, sozinhos no coração de um imenso país que haviam conquistado e que agora olhava para eles com irônica compaixão. E entre todos estes sentimentos havia um que dominava os demais, a dor por se sentirem excluídos da presença do rei, o fato de ele imaginar novas façanhas, sonhar novos sonhos, conceber novas e fantásticas aventuras sem eles. A dor de nunca mais vê–lo, de nunca mais ter familiaridade nem qualquer tipo de relacionamento com ele.
Passaram–se dois dias sem que o rei se mostrasse. No terceiro, alguns soldados disseram:
– Agimos muito mal. Afinal de contas ele sempre nos quis bem, sofreu conosco e tanto quanto nós, comeu a nossa comida, ficou ferido como mais ninguém, cobriu–nos de presentes e de favores. Vamos até a sua tenda para pedir perdão.
Mas houve outros que os escarneceram.
– Isso, isso mesmo, vão até lá, para ele dar umas boas risadas na sua cara!
– Talvez – respondeu o homem que havia sido o primeiro a falar. – Mas eu irei mesmo assim. Quanto a você, faça o que bem quiser.
Despiu as armas e, vestindo apenas o quitão, encaminhou–se descalço para fora do acampamento. Vários outros seguiram o seu exemplo, cada

vez mais numerosos, até que mais da metade do exército juntou–se em volta do pavilhão real sob o olhar atônito dos guardas persas.
Cratero ia passando e parou para ver. Ptolomeu, que voltava de uma missão ao longo do
Tigre, também parou e perguntou:
– O que está acontecendo? Entraram na tenda e Cratero disse:
– Os homens estão aqui fora, Alexandre. Naquele momento ouviu–se um deles gritar:
– Perdoe–nos, rei!
– Dá para ouvi–los – respondeu Alexandre, aparentemente impassível.
– Escute–nos, Alexandre! – gritou outra voz. Ptolomeu não conseguiu esconder a sua comoção.
– Por que não fala com eles? São os seus soldados.
– Não são mais. E não fui eu que os rejeitei, foram eles que rejeitaram a mim. Não quiseram compreender–me.
Ptolomeu calou–se, conhecia o amigo bem demais para insistir naquele momento. Passaram–se um dia e uma noite, e mais outro dia, e as lamentações dos soldados
ficavam cada vez mais altas, as suas vozes mais insistentes.
– Agora chega! – gritou Ptolomeu. – Chega! Estes coitados não comem e não dormem há dois dias e duas noites. Se é homem, vá até eles! Será que realmente não pode entendê– los? Você é um rei, conhece as razões do governo e da política, mas eles só sabem de uma coisa, vieram contigo até o fim do mundo, derramaram o seu sangue por você e agora os manda embora para cercar–se daqueles contra os quais até ontem pediu–lhes que lutassem. Será realmente possível que não entenda como se sentem? Acredita que o dinheiro que lhes deste basta para recompensá–los?
Alexandre pareceu cair em si e olhou Ptolomeu nos olhos, como se ouvisse aquelas palavras pela primeira vez. Aí levantou–se e saiu enquanto lentamente a luz do dia esmorecia.
O exército inteiro estava ali, milhares de soldados desarmados, sentados no chão, alguns chorando.
– Ouvi o seu chamado, homens! – exclamou. – Acham que sou surdo? Sabem que passei duas noites sem dormir por sua causa?
– Nós tampouco dormimos, rei! – respondeu uma voz anônima no grupo.

– Porque são ingratos, porque não querem entender–me, porque... – começou a gritar
Alexandre.
Aproximou–se um veterano de barba grisalha e longos cabelos desgrenhados, maneta, e fitou–o fixamente nos olhos.
– Porque te queremos bem, garoto – disse.
Alexandre mordeu os lábios percebendo que dali a pouco iria chorar como um menino, ele, rei da Macedônia, o Rei dos Reis, o Faraó do Egito, o soberano de Babilônia ia chorar como uma criança diante daquela porcaria de soldadesca. E chorou. Grandes lágrimas quentes, sem recato, sem nem mesmo cobrir o rosto. E quando finalmente se acalmou, respondeu:
– Eu também os quero bem, malditos!



CAPÍTULO 63

Sentado em sua cadeira no pódio Alexandre observou os soldados que o toque do clarim convocara à sua presença. Fez, então, um sinal a Eumênio, que começou a ler:

Alexandre, rei dos macedônios e hegemon pan–helênico, decreta:

Os veteranos que, depois do exame médico, forem considerados sem condições para o combate voltarão à pátria com o general Cratero.

Receberão do rei um presente pessoal para que dele se lembrem por todo o tempo que

os deuses lhes permitirem viver. Receberão também uma coroa de ouro que cada um poderá usar com todo o direito em qualquer cerimônia pública, ao assistirem a competições atléticas e a representações teatrais. Nestas ocasiões poderão sentar–se nas primeiras fileiras e na tribuna de honra.

Decreta também que continuem recebendo o salário pelo resto da vida e que os órfãos recebam o salário dos pais caídos em batalha até completarem vinte e um anos de idade. A guarda macedônia do rei está reintegrada em suas funções. Todos os feridos de forma leve e os doentes serão tratados e voltarão à ativa. O rei fará com que o seu médico pessoal Filipe cuide deles. Reafirma a todos o seu mais profundo afeto e a sua gratidão. Para sempre!

Ao ouvirem isto os presentes manifestaram–se com uma explosão de gritos, cantos e com o fragor das espadas que batiam nos escudos.

Quatro dias depois a coluna guiada por Cratero começou a marchar rumo ao Eufrates e ao mar. Alexandre ficou olhando até o último homem desaparecer ao longe.

– Uma parte de mim mesmo foi embora com eles – disse.

– Posso imaginar – concordou Eumênio –, mas tem o consolo de ter feito um ótimo decreto. Pode ter certeza de que todos eles irão ao teatro, até mesmo aqueles que nunca foram antes, só para poderem sentar nos lugares reservados e usar em público a coroa de ouro que lhes deu.

– Como acha que vai reagir Antípatro?

– Ao ser substituído por Cratero? Não sei. Sempre foi leal, o serviu

sempre com fidelidade. Talvez fique amargurado, é claro, mas só isto. Afinal, é o último da velha guarda do teu pai. O que pretende fazer agora?
– Lembra–se dos Úxios?
– E como poderia esquecer aqueles selvagens?
– Mais para o norte há uma tribo ainda mais selvagem que vem apoiando as tentativas de restauração: os cosseus. Vamos dar um jeito neles e depois seguiremos para Ecbátana, a última capital, para reafirmarmos a nossa autoridade, controlarmos o tesouro real e processarmos os governadores corruptos. Em seguida marcharemos para a Babilônia, a futura capital do império.
– De quanto tempo acha que vamos precisar antes de chegarmos lá?
– Uns dois ou três meses, no máximo.
Alexandre estava errado. Levaram a primavera inteira para subjugar os cosseus e passaram quase todo o verão em Ecbátana. Entre os altos oficiais macedônios, Heracles, Meléagro e Aristonico foram condenados por corrupção, roubo e sacrilégio em relação
aos santuários persas e foram imediatamente executados. Desta forma o rei demonstrou que não fazia diferença entre persas e macedônios. Com efeito, numerosos persas que se haviam revelado administradores corruptos foram condenados ao mesmo suplício. Nestes casos todos, as informações de Eumolpo de Sôli estavam corretas.
No fim desta operação de limpeza, o rei decidiu organizar uma celebração com jogos e espetáculos, ainda mais porque havia chegado da Grécia um grupo de uns três mil entre atores, atletas e comerciantes. Instalou–se então no palácio real com Roxana. Estatira, enquanto isto, fora morar com a irmã Barsine no palácio de Susa. Procurava desta forma evitar o ciúme de Roxana que se tornava cada vez mais intolerante, pois a rainha dava–se conta do poder que exercia sobre o coração do marido, que nada lhe recusava. Certa noite, enquanto jazia ao seu lado como era o seu costume depois de fazer amor, com a cabeça apoiada no peito dele, disse–lhe:
– Agora eu estou completamente feliz, Alexandre. O rei apertou–a com força.
– Para mim também este momento é particularmente feliz – disse. – A minha frota voltou sem maiores problemas, levei a cabo todas as operações militares, selei a paz com os meus soldados, juntei duas

linhagens com o matrimônio e muito em breve terei um filho.
– Espere aí – sorriu Roxana. – Pode ser uma menina.
– Oh, não – rebateu Alexandre. – Tenho certeza de que será um menino. Alexandre IV! Será a mãe do meu herdeiro, Roxana. E para celebrar esse momento proclamarei grandes festejos: competições, espetáculos teatrais ao estilo grego. São todas coisas que não conhece, mas acredito que aprenderá logo a gostar delas. Imagine centenas de carros puxados por quatro cavalos que correm a toda velocidade numa pista, imagine histórias representadas em cenários artificiais com homens de verdade que fingem ser os personagens dessas histórias, imagina atletas competindo na corrida, na luta, no salto, no lançamento do dardo. E aí danças, músicas, cantos...
A jovem olhava para ele embevecida. Desde que deixara as suas montanhas onde só havia pastores, tivera a oportunidade de ver todo tipo de maravilhas e a sua vida com Alexandre, que aos seus olhos parecia realmente onipotente, se passava como um sonho sem fim.
Começaram então os festejos e os banquetes, mas durante estas celebrações Heféstion adoeceu. O rei acudiu de imediato à sua cabeceira logo que Eumênio mandou avisá–lo.
– O que é que ele tem? – foi logo perguntando.
– Muita febre e enjôo – respondeu Eumênio.
– Mande chamar Filipe.
– Está esquecendo que o deixou em Susa? Mandei chamar Glauco, é um ótimo médico. Embora febril, Heféstion brincava.
– Não quero médico nenhum. Tragam–me uma ânfora de vinho de Chipre e eu mesmo saberei como cuidar de mim.
– Não seja bobo – rebateu Alexandre. – Fará exatamente o que o médico mandar. Glauco chegou com a maior rapidez descobriu o peito do doente e auscultou–o.
– Sabe–se lá por que as orelhas dos médicos estão sempre geladas! – exclamou
Heféstion.
– Se quiser um médico de orelhas quentes, é só pedir – brincou Eumênio. – O seu amigo é dono do mundo e pode arranjar o que bem quiser.
Glauco começou a apalpar o abdômen do paciente e encontrou–o inchado e retesado.

– Ao que parece, comeu alguma coisa que lhe fez mal. Vou prescrever um purgante e aí terá de jejuar só tomando água por pelo menos três dias.
– Tem certeza de que é um bom tratamento? – perguntou Alexandre.
– Acho que Filipe faria a mesma coisa. Se não estivéssemos tão longe, mandaria um correio para uma consulta, mas não creio que valha a pena. Uma doença como esta deve sarar antes mesmo do mensageiro tenha tempo de chegar a Susa.
– Melhor assim, mas não o perca de vista. Heféstion é meu amigo mais querido. Estamos juntos desde crianças.
E enquanto falava, o seu olhar caiu sobre o pequeno pendente que Heféstion usava no pescoço, um dente de leite encastoado em ouro, o seu. E ele usava no pescoço o de Heféstion, o primeiro penhor de amizade eterna que haviam trocado entre si.
– Não receie, senhor – replicou o médico– – Faremos sarar o general Heféstion o mais breve possível.
Alexandre saiu e o médico administrou logo o purgante e prescreveu a dieta.
– Daqui a três dias, se tudo correr conforme espero, poderá tomar um pouco de caldo de galinha.
Três dias depois, com efeito, Heféstion estava bem melhor. A febre baixara, embora continuasse alta, e o inchaço no abdômen se atenuara. Naquele dia o programa das competições previa a corrida das quadrigas. Glauco, apaixonado pelos cavalos, foi visitar o seu paciente e, achando as suas condições satisfatórias, perguntou–lhe se poderia ausentar–se por umas horas.
– Há uma corrida à qual gostaria muito de assistir, general. Gostaria de estar lá, se isto não o incomoda.
– Claro que não – respondeu Heféstion. – Pode ir, aproveita.
– E ficará de resguardo? Posso ficar tranqüilo?
– Muito tranqüilo, iatré. Depois de tudo aquilo que já enfrentei em dez anos de campanha, não vou certamente ter medo de uma febrezinha à toa.
– De qualquer forma estarei de volta antes do anoitecer.
Glauco saiu e Heféstion, não agüentando mais o jejum e os purgantes, chamou um serviçal e ordenou que lhe preparasse uns dois frangos assados e que os servisse com vinho gelado.

– Mas meu senhor... – tentou protestar o homem.
– Vai obedecer ou prefere ser chicoteado? – repreendeu–o Heféstion.
Diante daquela alternativa, o serviçal fez o que lhe mandaram, assou os frangos e foi buscar o vinho guardado na neve comprimida no porão. Heféstion devorou as aves e tomou uma meia ânfora de vinho gelado.
Glauco voltou ao entardecer e entrou de ótimo humor no quarto de dormir do paciente.
– Como está o nosso valoroso guerreiro? – perguntou, mas o seu olhar caiu sobre os ossos descamados e sobre a ânfora vazia que rolara para um canto e empalideceu. Virou lentamente a cabeça para a cama. Heféstion nem conseguira alcançá–la. Jazia de bruços no chão. Morto.



CAPÍTULO 64

Comunicaram imediatamente a notícia a Alexandre e o rei correu para a casa do amigo ainda esperando que tudo não passasse de um mal–entendido.

Quando chegou, Eumênio, Ptolomeu, Seleuco e Perdicas já estavam lá, e pela expressão deles percebeu que não havia esperança.

O amigo já havia sido arrumado na cama, penteado, barbeado e vestido com uma roupa limpa. Alexandre jogou–se em cima do seu corpo gritando e chorando desesperadamente. Aí, após desabafar a dor mais pungente, sentou–se em um canto com a cabeça entre as mãos, derramando lágrimas silenciosas, e ficou naquela posição toda a noite e todo o dia seguinte. Os companheiros que velavam do outro lado da porta ouviam–no gemer de vez em quando, soluçar numa espécie de surdo estertor, ou então abandonar–se de novo ao choro convulso, inconsolável.

Ao entardecer do dia seguinte decidiram entrar.

– Vamos – disse Ptolomeu. – Vamos embora, agora. Nada mais podemos fazer por ele a não ser prepará–lo para a cerimônia fúnebre.

– Não, deixem–me, não posso abandoná–lo, pobre amigo! – gritava o rei totalmente entregue ao desespero.

Mas os companheiros insistiram, quase o forçaram a levantar–se e arrastaram–no dali para que os necróforos egípcios chamados às pressas cuidassem do corpo.

– O pior é que eu sou o culpado disto – gemia Alexandre. – Foi tudo por minha culpa: se não tivesse deixado Filipe em Susa ele ainda estaria vivo.

– Infelizmente houve uma negligência – disse Seleuco. – O médico deixou–o sozinho para ir às corridas e...

– O quê? – perguntou Alexandre com expressão transtornada.

– Infelizmente foi isto mesmo. Talvez tenha pensado que já não havia perigo... Mas Heféstion, logo que ficou sozinho, comeu e bebeu à vontade, carne demais e vinho gelado e...

– Encontrem–no! – berrou Alexandre. – Encontrem aquele miserável e tragam–no aqui imediatamente!

O coitado do médico foi encontrado escondido num porão e levado diante do rei, pálido como um trapo e sacudido por um incontrolável tremor. Tentou gaguejar alguma desculpa, mas Alexandre gritou:
– Cale–se, maldito! – E esmurrou–o no rosto com um soco tão violento que o fez rolar no chão com um lábio rasgado.
– Que seja executado imediatamente – ordenou, e os guardas carregaramno embora enquanto chorava e implorava piedade. Levaram–no para baixo, ao pátio, e encostaram– no na parede. O oficial gritou:
– Atirar!
Os arqueiros desfrecharam simultaneamente enquanto o homem ainda chorava e suplicava. Alvejado no peito, Glauco prostrou–se sem mais um gemido numa poça de sangue e de urina.
Alexandre ficou vários dias entregue ao desespero. Aí, quase de repente, foi tomado por um estranho frenesi, pela vontade de honrar o mais querido dos amigos com a mais imponente cerimônia fúnebre que jamais se havia celebrado no mundo. Enviou uma delegação ao oráculo de Amon em Sivas para perguntar ao deus se era permitido oferecer sacrifícios a Heféstion como a um herói, depois ordenou que o exército se dirigisse a Babilônia levando o corpo embalsamado do amigo para que lá se celebrassem as pompas fúnebres.
Nem todos os companheiros entenderam direito aquela manifestação de dor tão hiperbólica, embora todos quisessem bem a Heféstion. Leonato não compreendia o motivo do pedido de Alexandre ao oráculo de Sivas.
– Alexandre está criando a religião do seu novo mundo – explicou–lhe Ptolomeu – com os
seus deuses e os seus heróis. Heféstion morreu, e ele quer que seja o primeiro destes heróis, que viva no mito. Ele já começou a nos transformar em seres lendários está entendendo?
Leonato meneou a cabeça.
– Morreu de indigestão, não vejo nada de heróico nisto.
– É por isto que está aprontando para ele uma cerimônia fúnebre tão fastuosa, afinal é justamente ela que ficará na lembrança de todos. A dor de Alexandre pela morte de Heféstion é a mesma de Aquiles pela morte de Pátroclos.
Não importa como Heféstion morreu, o que importa é como ele viveu; um grande guerreiro, um grande amigo, um jovem ceifado cedo demais pelo fado.

Leonato anuiu embora não tivesse certeza de ter entendido direito o que Ptolomeu queria dizer, mas instintivamente sentiu que Tânatos conseguira abrir uma brecha na turma de Alexandre levando consigo o primeiro dos sete, e ficou imaginando quem seria o próximo. Durante a marcha de aproximação, alguns adivinhos caldeus vieram visitar o rei advertindo–o da necessidade de não entrar na Babilônia. Se entrasse, de lá nunca mais sairia. O soberano consultou então Aristandro e perguntou:
– O que acha disto?
– Existe alguma coisa que poderia convencê–lo a não fazer algo que já determinou?
– Não – respondeu o rei.
– Então vá, de qualquer maneira o nosso destino está nas mãos dos deuses.
Entraram na cidade no começo da primavera. Alexandre instalou–se no palácio real e começou a providenciar os preparativos da pira, uma torre com cento e quarenta cúbitos de altura, apoiada numa plataforma artificial com meio estádio de lado.
O trabalho foi levado a cabo pelo seu engenheiro chefe, Diades de Larissa, e por um exército de carpinteiros, decoradores e escultores. A admirável construção erguia–se em cinco andares e era enfeitada com estátuas de elefantes, leões e de toda espécie de animais mitológicos, e com grandes painéis esculpidos que representavam cenas de gigantomaquia e de centauromaquia. Enormes tochas folheadas a ouro puro sobressaíam dos cantos e, no topo, o catafalco apoiava–se sobre estátuas de sereias em tamanho natural.
Quando a imensa pira ficou pronta, o corpo embalsamado de Heféstion foi carregado nos ombros por um grupo de éteros do seu batalhão, acompanhado por Alexandre e os companheiros até a base da torre. Dali foi içado por máquinas especiais desenhadas para este fim até ser colocado sobre o catafalco. Em seguida, logo que o sol se pôs atrás do horizonte, os sacerdotes atearam o fogo. A estrutura ficou imediatamente envolvida pelas
chamas que subiram rugindo e devorando as estátuas, os painéis, os enfeites e as ricas oferendas votivas.
Alexandre contemplou sem derramar uma lágrima aquele espetáculo terrível e bárbaro, consciente do estupor que provocava em todos os

presentes, no povo que assistia atônito àquela despropositada manifestação de poder, àquele acontecimento hiperbólico. Mas de repente, enquanto levantava os olhos para o topo da torre que, devorada pelo fogo, começava a desmoronar com sinistros estalos, viu de novo a si mesmo menino, no pátio do palácio de Pela, trocando um penhor de amizade eterna com um pequeno amigo que acabava de conhecer.
"Até a morte?" perguntara Heféstion. "Até a morte" ele respondera.
A sua mão correu instintivamente ao pescoço, à cata daquele penhor encastoado no ouro, um dente de leite. Arrancou a correntinha e jogou–o entre as chamas para que se dissolvesse no vendaval de fogo e na mesma hora foi tomado por uma infinita melancolia, por uma profunda aflição. O primeiro deles, o primeiro e mais querido dos sete amigos ligados pela mesma promessa e unidos pelo mesmo sonho, havia partido de vez. A morte levara–o consigo e as suas cinzas perdiam–se no vento.
A primavera estava no fim e Alexandre voltava a perseguir os seus planos e os seus sonhos de domínio universal enquanto o ventre de Roxana se avolumava à espera do filho. Mandou cavar na margem do Eufrates uma gigantesca doca capaz de abrigar mais de quinhentas embarcações e planejou com Nearcos a construção de uma nova frota que iria explorar a Arábia e as costas do golfo persa. Os fenícios transportaram quarenta navios desmontados até o vau de Tapsaco, no norte da Síria, e aí montaram–nos de novo lançando–os ao rio.
Navegaram descendo pela correnteza até a capital com suas tripulações de Sídon, Arados e Biblos prontas para se lançarem nesta nova aventura rumo, às mais longínquas regiões da misteriosa Arábia. Uma frota inteira com duas qüinqüerremes, duas quadrirremes, vinte trirremes e trinta pentecónteros foi transferida em dois meses do Mediterrâneo para o Oceano meridional, nada parecia impossível ao jovem e invicto soberano.
Chegaram delegações de todas as partes do mundo, da Líbia e da Itália, da Ibéria e do Ponto, da Armênia e da índia para prestar–lhe homenagem, para trazer–lhe presentes, para pedir a sua proteção, e ele recebeu–as a todas no seu grandioso palácio, entre as maravilhas da Babilônia que se preparava para tomarse capital do ecúmeno.
Certo dia, no começo do verão, durante a cheia do Eufrates, Alexandre decidiu descer pelo rio para em seguida entrar no Palacopas, um canal que drenava parte das águas

para que não alagassem os campos.
Ele mesmo segurava a barra do leme, ao lado de Nearcos, e olhava maravilhado os extensos alagadiços que se abriam ao longo do canal e de onde emergiam, parcialmente submersos, os túmulos dos antigos reis caldeus. De repente uma rajada de vento fez voar para longe o seu chapéu de abas largas que o protegia do sol e em volta do qual estava presa a fita de ouro, símbolo da sua realeza. O chapéu afundou, mas a fita ficou presa em um tufo de vime.
Um marujo jogou–se imediatamente na água e conseguiu pegá–la, mas, receando estragá–la ao segurá–la na mão, botou–a em volta da cabeça. Quando foi puxado para bordo todos ficaram abalados por aquele fato de mau agouro, por aquele presságio de desgraça e os magos caldeus que acompanhavam o rei sugeriram premiar o marinheiro por salvar o diadema real e matá–lo logo a seguir para esconjurar a má sorte.
O rei respondeu que para aquele gesto sacrílego o chicoteamento seria suficiente e voltou a cingir o diadema.
Nearcos tentou distraí–lo falando da grande expedição para a Arábia, mas reparou que havia uma sombra no olhar de Alexandre, como quando assistira à morte de Kalanos na pira.
Alguns dias depois o rei ficou vendo, sentado no trono, as evoluções da sua cavalaria fora das muralhas da cidade. Em certa altura levantou–se e foi falar com os comandantes e de repente, quando todos estavam prestando atenção nas manobras dos esquadrões, um desconhecido passou entre os guardas e os camaristas e foi sentar no seu lugar rindo descompostamente. Os guardas persas mataram–no de imediato, mas os sacerdotes caldeus bateram nos próprios peitos e arranharam–se no rosto em sinal de desespero, pois aquele era o pior dos presságios.
Mesmo assim, apesar de todos estes sinais infaustos, o amor de Roxana e o desejo de ver o seu filho permitiam–lhe afugentar os pensamentos mais tristes.
– Fico imaginando se será mais parecido comigo ou contigo – dizia. – O meu mestre Aristóteles acha que a mulher não passa de um receptáculo para a semente masculina, mas, a meu ver, nem ele mesmo acredita nisto, é evidente que alguns indivíduos se parecem mais com a mãe do que com o pai. Eu mesmo, por exemplo.
– Por quê, como é sua mãe?
– Irá conhecê–la: mandarei buscá–la quando o meu filho nascer. Era

linda, mas já se passaram dez anos... dez anos muito duros para ela.
O boato daqueles preocupantes presságios também se espalhara entre os amigos e eles não se cansavam de convidá–lo para almoços e jantares para alegrá–lo. E ele aceitava
todos os convites, nunca se eximia e passava noites e dias comendo e bebendo sem a menor cerimônia. Certa noite, voltando de um destes banquetes, sentiu–se um tanto estranho. A cabeça meio pesada, os ouvidos zumbindo, mas não levou a coisa a sério. Tomou um bom banho e deitou–se ao lado de Roxana que já adormecera de lamparina acesa.
No dia seguinte estava com febre, mas mesmo assim levantou–se apesar dos protestos da rainha, que queria mantê–lo de resguardo. Foi almoçar na casa de um amigo grego, um tal de Médio, que havia algum tempo se mudara para a Babilônia. Ao entardecer, enquanto ainda estava à mesa, sentiu uma repentina fisgada, uma dor aguda do lado direito, tão pungente que o fez gritar. Os serviçais levantaram–no, deitaram–no na cama e depois de algum tempo a dor pareceu esmorecer.
Um médico acudiu de pronto e examinou–o, sem contudo ousar apalpar o local onde o rei sentira a fisgada lancinante. Estava com febre alta e sentia–se mortalmente cansado.
– Vou pedir que o levem ao palácio.
– Não – respondeu Alexandre. – Passarei a noite aqui. Tenho certeza de que amanhã estarei bem melhor.
Dormiu na casa de Médio, mas no dia seguinte a febre havia subido em lugar de baixar.
No terceiro dia as suas condições continuaram a piorar, mas ele parecia não dar importância à coisa. Convocou o estado–maior e, embora Nearcos e os companheiros tivessem percebido que estava mal, continuou a examinar com eles os detalhes da expedição e a data da partida.
– Que tal se a gente adiasse tudo? – propôs Ptolomeu. – Deveria descansar, cuidar da saúde, procurar recobrar–se. Talvez precise de uma mudança de ares, aqui o calor é insuportável e dorme–se pouco e mal. Reparou que o rei Dario passava o verão em Ecbátana, nas montanhas?
– Não tenho tempo para ficar nas montanhas – respondeu Alexandre – e não tenho tempo para esperar que a febre passe. Passará quando for a hora de ela passar, eu quero seguir em frente. Nearcos, o que descobriu

quanto à extensão da Arábia?
– Alguns afirmam que é do tamanho da Índia, mas eu acho difícil de acreditar.
– Vamos descobrir muito em breve – respondeu Alexandre. – Já pensaram nisto, amigos? A terra dos aromas: do incenso, da mirra, do aloé.
Os companheiros simularam algum entusiasmo, mas bem no fundo aquelas palavras pareciam–lhes mais um presságio sombrio, o rei mencionara perfumes que eram usados para embalsamar os corpos.
Roxana, muito aflita, mandou chamar Filipe que naquele momento estava ao norte da
cidade cuidando de um batalhão onde surgira uma epidemia de disenteria, mas, quando o enviado da rainha chegou ao acampamento, o médico já havia partido para outro destino sem dizer claramente onde poderia ser encontrado.
Alexandre continuou a cuidar dos seus afazeres e obrigações por mais três dias, oficiando sacrifícios aos deuses e reunindo os companheiros para organizar a expedição à Arábia, mas nesta altura as suas condições já pioravam a olhos vistos.
Quando finalmente localizaram Filipe, pareceu haver alguma melhora: a febre baixara e
Alexandre conversou um pouco com o médico:
– Sabia que viria, iatré – disse–lhe. – Agora sei que ficarei bom.
– Claro que ficará bom – respondeu Filipe. – Lembra aquela vez que ficou mais para lá do que para cá depois daquele banho gelado – Parece ontem.
– E o recado que te mandou o pobre Parmênio?
– Pois é. Dizia que estava me envenenando.
– E era a pura verdade – brincou o médico, rindo. – Eu te dava um veneno que teria matado um elefante e você ali, sem nada sentir! Ficava melhor do que nunca, e o que pode então lhe fazer uma febrezinha à toa?
Alexandre sorriu.
– Não acredito em você, mas fico contente com as suas palavras. No dia seguinte as suas condições pioraram.
– Salve–o, iatré – implorava Roxana. – Salve–o, eu suplico. – Mas Felipe meneava a cabeça impotente, enquanto Leptine em prantos molhava a

testa do rei para dar–lhe um pouco de refrigério.
Depois de mais um dia Alexandre já não conseguia levantar–se e a febre subiu mais ainda. Levaram–no em uma maca até o palácio de verão onde ao entardecer o clima ficava mais ameno, e Filipe mandava dar–lhe banhos frios para tentar baixar a temperatura do seu corpo, mas sem o menor resultado. Roxana, desesperada, não saía de perto dele e cobria–o de beijos e afagos. Os companheiros velavam–no noite e dia, sem comer, sem dormir.
Seleuco correu ao santuário do deus Marduk, protetor da cidade, deus sanativo, e pediu aos sacerdotes a permissão para levar Alexandre ao templo para que o deus pudesse curá–lo, mas os sacerdotes responderam:
– O deus não quer que seja trazido à sua casa.
Voltou ao palácio desconsolado e chamou Filipe e os companheiros para informar o resultado da missão.
– Deveria ter matado aqueles sacerdotes: se não sabem curar o rei, não há motivo para
eles estarem no mundo! – exclamou Lisímaco.
– Eu ainda acho que vai se safar – disse Perdicas. – Afinal de contas, ele já passou por coisas bem piores.
Filipe olhou para ele com um olhar melancólico e aí entrou no quarto do rei.
Alexandre estava pedindo água com uma voz já quase inaudível. No dia seguinte não conseguia mais falar.
Enquanto isto espalhara–se entre os soldados a notícia de que o rei estava muito mal. Alguns, aliás, andavam dizendo que já tinha morrido. Apresentaram–se então diante do portão do palácio e ameaçaram derrubá–lo se não os deixassem entrar.
– Vou falar com eles – disse Ptolomeu. E desceu para o posto de guarda.
– Queremos saber como o rei está passando! – gritou um veterano. Ptolomeu baixou a cabeça.
– O rei está morrendo – respondeu. – Se quiserem vê–lo, podem subir agora, um de cada vez, mas em silêncio. Não queremos perturbar a sua agonia.
E os soldados subiram. Formando uma longa fila, em silêncio, ao longo das escadas, dos corredores, até a cabeceira do rei: desfilaram diante da sua cama chorando, saudando–o com um gesto da mão. E para todos

Alexandre tinha um olhar, um aceno da cabeça, o movimento quase imperceptível dos lábios.
Viu os seus soldados, os companheiros de mil aventuras, os homens de ferro que haviam subjugado o Nilo, o Tigre, o Eufrates e o Indo, viu seus rostos marcados pelo gelo e queimados pelo deserto, viu suas faces hirsutas molhadas de lágrimas e aí, de repente, mais nada. Ouviu o choro desesperado de Roxana e os soluços de Leptine, então a voz de Ptolomeu que dizia:
– Acabou... Alexandre morreu.
Naquele momento pensou na mãe, pensou na sua espera amarga e inútil.
Teve a impressão de vê–la, numa torre do palácio, enquanto gritava chorando e chamava com desespero: "Alexandre, não vá, volte para mim, eu lhe peço!". E por um instante aquele grito pareceu realmente chamá–lo de volta, mas só foi um momento. Aquele grito, aquelas palavras e aquele rosto desapareciam agora ao longe, perdiam–se no vento... Diante de si podia ver agora uma planície sem fim, uma pradaria coberta de flores, e ouvia um cão que latia, mas não era o ladrar sombrio de Cérbero, era Péritas! Vinha correndo louco de felicidade como no dia em que voltara do desterro, e logo a seguir, no infinito daquelas terras, trovejava um galope, ressoava um relincho. Era ele, lá estava Bucéfalo que vinha ao seu encontro com a crina ao vento, e o deixava subir na garupa, como naquele dia em Mésia. E ele gritava: "Em frente, Bucéfalo!" E como um fogoso
Pégaso o corcel lançava–se à disparada rumo ao derradeiro horizonte, rumo à luz infinita.
EPÍLOGO
O seu corpo ainda estava quente e nós já disputávamos para ficarmos com a sua herança, e continuamos lutando entre nós durante anos. Você já não estava, e contigo também se fora o sonho que nos mantinha juntos. Leptine quis acompanhá–lo e a encontramos em agonia, de pulsos cortados, aos pés da sua cama. A rainha–mãe Sisygambes cobriu o rosto com um véu negro e deixou–se morrer de inanição. Roxana decidiu viver para que o seu filho também pudesse viver.
Perdicas realizou o seu sonho e casou–se com Cleópatra, mas foi o primeiro a tombar na tentativa de manter unido o seu império. Tombou lutando contra os meus exércitos. Coitado do Perdicas!

A coisa mais estranha é que, embora combatendo ferozmente uns contra os outros e criando e desfazendo alianças sem parar, não nos odiávamos e aliás, de uma certa forma, continuávamos amigos. Certa vez, depois que você já desaparecera havia alguns anos, reunimo–nos todos na Babilônia para encontrar um acordo, mas não demorou para que a reunião se transformasse em briga. De repente, no entanto, Eumênio apareceu e jogou o seu cetro e o seu manto sobre o trono vazio, e como por um passe de mágica a disputa parou, as vozes acalmaram–se, os rostos e os olhares ficaram pensativos. Ainda que só por um momento, você havia voltado e nós ficávamos ali, diante daquele manto e daquele trono vazio, como se um milagre o houvesse repentinamente trazido de volta.

Não fomos dignos de você e mesmo assim tentávamos imitá–lo em tudo: fazíamos nos retratar na mesma pose, com a cabeça levemente inclinada sobre o ombro direito, com os cabelos levantados sobre a testa por uma fita, até mesmo quando de cabelos só nos sobravam poucos, mas era apenas para aproveitarmos a sua imagem. Nem tivemos coragem de salvar a sua família, destruída, aniquilada sem piedade por causa de um item em um tratado de cartilha: Se porventura algo acontecer com o menino, à Macedônia caberá a... O mesmo que condená–lo à morte.

Que horror, a sua mulher, a sua mãe, o seu filho, todos mortos... A sede de poder secara a nossa alma, transformara–nos em monstros.

E quase todos repudiamos logo as esposas persas que você nos dera, a não ser Seleuco que amava a sua Apama, à qual dedicou lindas cidades.

Seleuco... Por algum tempo ele foi o novo Alexandre e quase conseguiu ressuscitar o seu império. Agora é um velho, como eu, cheio de achaques.

Lutamos um contra o outro várias vezes, ou melhor, os nossos exércitos enfrentaram–se

na fronteira da Celessíria, muito incerta e indefinida após mais um tratado, um dos tantos, vago demais, mas sempre mantivemos um bom relacionamento, como velhos amigos.

Não sei como está agora, mas acredito que ele também esteja perto do fim.

Quanto a mim, já deixei há dois anos cetro e reino para o meu filho, Ptolomeu II, para poder escrever esta história. O meu único orgulho, à parte o fato de ter sabido desistir espontaneamente do poder antes da

morte forçar–me a isto, é o de tê–lo trazido de volta para cá, à sua Alexandria, o único lugar digno de você. Oh, como gostaria que pudesse vê–la agora! Não pode imaginar como é linda! É uma cidade maravilhosa, próspera e em contínuo crescimento, exatamente como você a sonhara, lembras?

Éramos garotos, naquela época, e os nossos corações ardiam com os sonhos que nos apresentavas; éramos como deuses quando cavalgávamos ao seu lado, reluzentes em nossas armaduras.

Acabei de escrever o último capítulo desta minha história e, enquanto o escrevia, ela ecoava de uma forma um tanto estranha na minha mente, quase parecia que tudo pudesse reviver. Eu ouvia de novo as nossas palavras, as brincadeiras, as discussões, as besteiras de Leonato, lembra–se? É claro que a sua versão final será correta, um bom texto redigido segundo as regras que nos ensinaram em Pela e Mésia. Mas eu prefiro lembrá–la assim, como a revivi, dia a dia, saboreando cada instante enquanto a escrevia. Já fiz tudo aquilo que precisava fazer e hoje, quando senti o sopro gélido de Tânatos no meu pescoço, quis vir aqui embaixo para esquecer tudo aquilo que aconteceu depois que você se foi e para adormecer tranqüilamente ao seu lado, meu amigo.

Chegou a hora da turma de Alexandre reunir–se de novo, como naquele dia em que viemos ao seu encontro na Ilíria, naquele lago gelado, sob a neve que descia com grandes flocos. Chegou a hora de fecharmos os olhos, mesmo nós que vivemos tempo demais, e quando acordarmos estaremos mais uma vez todos juntos, todos jovens e bonitos como então, para seguirmos adiante contigo, e cavalgarmos ao seu lado para a última aventura. E desta vez, para sempre.

– FIM –

